

EM
BUSCA
DA

LIBERDADE

CRISTÃ

Raymond Franz
Ex-membro do
Corpo Governante
das Testemunhas de Jeová

EM BUSCA DA LIBERDADE CRISTÃ

Raymond Franz

**Ex-membro do
Corpo Governante das Testemunhas de Jeová**

Abreviações das traduções da Bíblia citadas neste livro:

ARA	<i>Almeida Revista e Atualizada</i>
BJ	<i>A Bíblia de Jerusalém</i>
BLH	<i>A Bíblia na Linguagem de Hoje</i>
CBC	<i>Centro Bíblico Católico</i>
NEB	<i>New English Bible</i>
NVI	<i>Nova Versão Internacional</i>
TEB	<i>A Bíblia — Tradução Ecumênica</i>

Quando nenhuma outra tradução for indicada, a versão é da *Tradução do Novo Mundo* publicada pela Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados.

Em diversos casos, a bem da autenticidade, são apresentadas citações de publicações por meio de fotocópias (*scans*). Uma vez que algumas destas publicações têm mais de um século, a qualidade do texto pode não ser sempre do mais alto padrão.

IN SEARCH OF CHRISTIAN FREEDOM

Raymond Franz

Commentary Press – Atlanta – Geórgia – EUA

PRIMEIRA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS – 2008

Tradução: William do Vale Gadelha

Revisão / Atualização: Carlos M. Silva e Miguel Servet Jr.

Conteúdo

Prefácio	1
1 A Busca Pela Liberdade Cristã	9
2 O Canal de Deus	18
3 Autoridade Centralizada	43
4 O Padrão Recorrente	78
5 O Escravo Fiel e Discreto	145
6 Salvação Pela Fé, Não Pelas Obras	209
7 De Casa em Casa	241
8 O Legalismo — Oponente da Liberdade Cristã	278
9 O Sangue e a Vida, a Lei e o Amor	338
10 Pastores do Rebanho	370
11 A Desassociação Mal Aplicada	414
12 Doutrinação e Subordinação	467
13 Argumentação e Manipulação	518
14 Um Povo Para o Seu Nome	587
15 A Grandeza das Boas Novas	630
16 Uma Promessa Atraente, Não Cumprida	667
17 O Desafio da Liberdade Cristã	740
18 Uma Congregação de Pessoas Livres	789
Posfácio	836
Apêndices	860

Prefácio

VÁRIOS ANOS se passaram desde minha renúncia ao Corpo Governante das Testemunhas de Jeová, órgão que, internacionalmente, dirige e controla a adoração e, de modo significativo, as idéias, a expressão e as próprias vidas de milhões de membros desse movimento religioso. Os eventos que levaram à minha renúncia e os acontecimentos subseqüentes que resultaram em minha excomunhão do movimento já foram detalhados numa obra anterior, *Crise de Consciência*. Sua primeira edição encerrava-se com estas palavras:

Sou grato por ter conseguido tornar disponível a informação que creio que outras pessoas têm o direito de conhecer. Há muito mais que poderia ser dito, talvez que precise ser dito, para que se tenha um quadro completo. Mas o tempo, a vida e as circunstâncias permitam ou não, estou contente em deixar que os resultados do que agora foi dito descansem nas mãos de Deus.

Eu tinha então 61 anos de idade. Nos anos que se passaram tenho recebido milhares de cartas e telefonemas de todas as partes da Terra. Muitos que me contataram eram ex-Testemunhas, quase tantos quanto os ainda associados com a organização, representando praticamente todos os níveis da sua estrutura. Os contatos vieram de pessoas que tinham ocupado ou, em alguns casos ainda ocupavam, posições como pioneiro, pioneiro especial, missionário, servo ministerial, ancião, superintendente de cidade, superintendente de circuito, superintendente de distrito e coordenador de filial. Centenas dos que escreveram ou telefonaram tinham sido, outrora, membros da equipe da sede mundial em Brooklyn, ou das equipes dos escritórios de filial em outros países, ou tinham servido como missionários no estrangeiro. A seguir, farei citações de algumas cartas recebidas. O objetivo não é a autopromoção, mas mostrar o interesse transmitido, o tipo de atitude dos que escreveram, as qualidades íntimas que as próprias pessoas revelaram.

No conjunto, suas declarações tornaram evidente que as informações providas em *Crise de Consciência* tinham atendido a uma

necessidade específica. Os debates do Corpo Governante, seus processos doutrinários e de tomada de decisões, e o método de elaboração das matérias escritas, das quais se abastecem todos os adeptos, são todos encobertos por um manto de sigilo. Muitas Testemunhas, incluindo anciãos e outros em posições de responsabilidade, sentem séria preocupação, mas têm dificuldade em “encaixar todas as peças”. *Crise de Consciência* forneceu fatos que anteriormente lhes eram inacessíveis. Estes, evidentemente, serviram de “catalisador”, juntando os elementos dos problemas que já haviam discernido dentro da organização e ajudando-os a entender a causa desses problemas. A informação resultou em libertá-los duma falsa sensação de culpa, criada pelo conceito de que seu serviço a Deus deve ser prestado através duma organização, isto é, da organização Torre de Vigia. A informação serviu para dissipar a sensação de estar apartado de Deus, unicamente pelo fato de se ter sido expulso ou se separado da organização.

Ilustra isso a carta de um homem da Austrália que, juntamente com a esposa, tinha passado 40 anos bem ativos na organização Torre de Vigia, e, em virtude de não poder aceitar certos dogmas e diretrizes da organização, foi declarado “dissociado” em 1984. Ele escreveu:

Membros de minha família pediram-me que escrevesse, para expressar sua profunda gratidão pela tremenda ajuda que *Crise de Consciência* nos deu, ao esclarecer e ampliar nosso entendimento de assuntos que, por muitos anos, nos haviam causado preocupação e angústia. Por terem pontos de vista que eram tolerantes com nossa posição [de não nos associarmos mais com a organização], meu filho e sua esposa foram desassociados do movimento em 1986...

Este livro deu grande contribuição em nos manter juntos como família durante a maior crise de nossas vidas, que começou com nosso afastamento do movimento, e ajudou-nos a ficar de pé em sentido espiritual e a fazer decisões morais baseadas na nossa própria integridade, em vez de nas normas do movimento.

Uma jovem que passara muitos anos como “pioneira” de tempo integral e depois membro do pessoal da sede mundial da Torre de Vigia, revela a dificuldade que pode trazer a transição da condição de zeloso “membro da organização” para a de viver na verdadeira relação pessoal que Deus pode prover. Escrevendo da Pensilvânia, ela diz:

Seu relato do acontecido em nível organizacional, bem como pessoal, serviu-me para abrir os olhos e o coração, mas também confirmou muito do que eu vinha sentindo ao longo dos anos...

Antes de ler seu livro eu não tinha consciência da enorme influência que a organização exercia em minha própria vida, mesmo durante o período que se seguiu à minha desassociação. Antes eu me sentia tão perdida, tão indigna de ainda vir a ter uma relação pessoal com Jeová e Cristo Jesus, pelo fato de eu não ter mais a organização. Agora, pela primeira vez, depois de muito, muito tempo, sinto-me livre para adorar a Jeová mediante Jesus, à parte da organização. Posso agora me aproximar de Jeová em oração e ser Sua serva. As lágrimas correram dos meus olhos e a dor do meu coração finalmente passou.

Seus parágrafos seguintes contêm observações complementares sobre o modo como o livro foi escrito. Como já declarei, incluo isso pelo único motivo de que ilustra algo que ocorre no caso de muitos que escrevem: Eles não são a favor de literatura vingativa contra as Testemunhas de Jeová e, em vez de animosidade, conservam afeição por aqueles ainda na organização. A carta dela prossegue:

Impressionou-me muito o modo como escreveu seu livro. O amor que você tinha e ainda tem pelos irmãos transparece. Suas declarações não foram amargas ou vingativas, mas simplesmente apresentaram os fatos tão bondosa e amorosamente quanto possível. Durante minha associação com a organização conheci algumas pessoas realmente maravilhosas, extraordinárias, e muitas de minhas experiências foram memoráveis e felizes. Muito do que aprendi por meio da organização tem base na Bíblia e ainda está gravado na mente e no coração. Por estas coisas sinto grande apreço. Todavia, tenho visto e sentido, em minha própria vida e nas de outros, os efeitos do que acontece quando as leis da organização ditam ordens à consciência das pessoas, desta forma se sobrepondo à Bíblia. Este conceito foi devastador nas vidas de homens, mulheres e crianças.

Uma carta de outra mulher, escrevendo da região meio-oeste dos Estados Unidos, ilustra um pouco da “devastação” experimentada:

Deixei a organização em 1980, todavia, a única coisa que fiz foi deixar de ir às reuniões. Não dá para entender, mas não podia ficar só nisso. Minha mãe escreveu-me uma carta em 81 dizendo que não podia mais se associar ou relacionar-se comigo já que eu não assistia as reuniões. Meus irmãos, naturalmente, fizeram o mesmo.

Nossa filha foi assassinada em janeiro de 1983. Mamãe não veio ao funeral nem enviou condolências. Estou criando os quatro filhos de minha filha, e descobri do modo mais difícil quem são os meus verdadeiros amigos. Pessoas a quem eu nem sequer conhecia mostraram solidariedade e me ajudaram com as crianças. Deram de seu dinheiro, de seu tempo, e de qualquer coisa que puderam para ajudar. Senti-me tão envergonhada de pensar que eu tinha, durante tantos anos, virado às costas aos vizinhos e parentes [não-Testemunhas] que estavam tão dispostos a nos ajudar. Eles nunca deixaram de me amar. Nem posso contar as vezes que chorei por causa dos muitos anos que perdi, evitando-os por serem “mundanos”.

Fui batizada em 1946, e por volta de 1971 comecei a perceber coisas que não pareciam muito cristãs. Eu pesquisava as Escrituras e não conseguia achar base alguma para as coisas que aconteciam na congregação... Por volta dessa época, li um livro de Milton Kovitz, “Liberdades Fundamentais de Um Povo Livre”. Comecei a imaginar como a Sociedade [Torre de Vigia] podia lutar tanto pelas liberdades garantidas na constituição e negar essas mesmas liberdades a outros, liberdades preservadas pela mesma constituição, como o direito à livre expressão, o direito à privacidade, etc. Não se permitia a consciência individual. Com exceção de um ou dois, os homens da congregação estavam mais interessados em obter posições de autoridade do que em orar por elas e obter verdadeiro discernimento. Os comentários nas reuniões só faziam “repetir como papagaio” a página impressa da *Sentinela*. Nenhum interesse por aqueles com fraquezas, apenas uma compulsão insuperável em “Manter a organização limpa...”.

Já esqueci tantas coisas, nomes e datas, que não posso escrever com a mesma autoridade que você. Não lamento isso. Estou feliz de que se esteja desvanecendo.

Mais uma coisa, tenho achado quase impossível orar. Eu queria poder, mas não sei como desenvolver uma relação pessoal com Deus e Cristo. Meus velhos sentimentos de mágoa com a organização vêm à tona quando tento orar. Após ler seu livro, mergulhei num sentimento de tanta pena dos que podem estar tentando criar a coragem de que precisam, que pedi a Deus que os ajudasse. A primeira oração de verdade depois de muito tempo. Obrigada.

Outros mais que escreveram não tinham tido associação de espécie alguma com as Testemunhas de Jeová, mas estavam passando por um

conflito de consciência similar em relação à própria religião. Típica de várias cartas é esta de um casal da Califórnia:

Minha esposa e eu obtivemos recentemente um exemplar do seu *Crise de Consciência*. Ficamos muito empolgados de “descobri-lo”. Obrigado por ter escrito com graça e dignidade numa área que é, muitas vezes, caracterizada pelo sensacionalismo e pela amargura. Sua experiência foi especialmente pungente para nós — deixamos recentemente a igreja de nossa herança familiar, a igreja Mórmon, a fim de “adorar o Pai em espírito e verdade”, desimpedidos dos “mandamentos e ensinamentos humanos”. Encontramos na sua história muito que nos era familiar...

Novamente, somos gratos por seu corajoso testemunho da benevolência de Deus em sua vida. Que Ele o conserve no abrigo de suas asas que curam.

Não acho que o que escrevi represente um ato especial de “coragem”. Escrevi por achar que as pessoas tinham direito de saber coisas às quais de outro modo não teriam acesso. O que dá maior satisfação em todas essas centenas de contatos são as declarações de pessoas que dizem ter se achegado mais ao Pai celestial e a seu Filho, renovando e fortalecendo sua fé e confiança. Considero, porém, particularmente gratificantes os comentários de muitos que perceberam a ausência de amargura e intenção maldosa no que escrevi. Não guardo tais sentimentos para com as Testemunhas de Jeová, e fico feliz de que minha obra não transmita esses sentimentos. As cartas recebidas de pessoas que fustigam o movimento, seus líderes ou adeptos, ou dão espaço à ridicularização e ao sarcasmo, de modo algum me agradam.

Creio que se enganam os que acham que é nas pessoas da organização, individualmente, ou nos seus líderes que está o verdadeiro perigo. Vivi entre essas pessoas por quase 60 anos, e não hesito em dizer que são tão sinceras em suas crenças quanto as pessoas de qualquer outra religião. Conheci pessoalmente os membros do Corpo Governante e, embora não possa dizer isto de todos, sei que muitos são pessoas basicamente bondosas e sinceras, que estão simplesmente fazendo o que crêem que se espera delas, que é o que tem sido tradicionalmente feito no passado. São herdeiros do legado do passado. Na mente deles “a organização” é indistinguível e inseparável de Deus e Cristo.

Contudo, *apresenta-se* o erro como verdade, *tomam-se* ações que dão idéia errada e distorcida dos ensinamentos e do proceder de vida do Filho de Deus. Embora os envolvidos não deixem de levar, cada um, sua parcela de responsabilidade, não são eles, porém, a fonte fundamental do problema. Mais que as próprias pessoas, são as crenças e os conceitos que constituem o real problema, o verdadeiro perigo. Deles procedem os ensinamentos errôneos, as atitudes erradas e as ações ríspidas.

Pessoas de todo tipo têm entrado na organização das Testemunhas de Jeová por todo tipo de razões. E pessoas de todo tipo (na verdade, centenas de milhares) têm saído por todo tipo de razões. Alguns saíram, como expressou uma ex-Testemunha, ‘por todas as razões erradas’. Embora o rumo que tomam depois, possa dar no mínimo algum indício do motivo que os levou a sair, este não é necessariamente um guia seguro. Muitos passam por um período de transição marcado pela incerteza, até duvidando de tudo, em razão da grave desilusão sofrida. Ficam temporariamente à deriva, e apenas depois de passarem por essa fase é que seu proceder pode dar uma indicação clara de qual foi sua motivação de coração.

Uma coisa, porém, parece evidente. É que o mero abandono dum sistema religioso, na convicção de que contém um alto grau de falsidade, não dá, em si, garantia da liberdade. Em muitos casos, simplesmente ver o erro não basta. A menos que se possa ver *por que* se acreditou naquele erro, e o que era falso no *método de argumentação* que levou a acreditar, não se consegue grande progresso, não se estabelece nenhuma base para a liberdade cristã duradoura. Alguém pode facilmente abandonar um sistema que se mostrou errado e, depois, rapidamente se deixar levar por outro que igualmente propaga o erro, erro que pode até ser doutrinariamente bem diferente, e ainda assim muitas vezes fundamentado no mesmo tipo de argumentação e raciocínio falsos empregados pelo sistema anterior.

Muitas Testemunhas de Jeová ficaram desiludidas por ensinamentos ou predições que se mostraram falsos, outras, pela rigidez de certas normas ou por causa das pressões para empenhar-se no constante turbilhão de atividades programadas pela organização, que traz pouco proveito espiritual. É preciso identificar a raiz causadora de tais falácias, da natureza autoritária das normas, ou da futilidade de tais

obras programadas. Creio que sem compreender os ensinamentos bíblicos envolvidos não se pode identificar claramente essa raiz causadora, e que existe algo melhor e mais genuíno ao seu alcance. Infelizmente, a Testemunha mediana jamais foi ajudada a desenvolver uma boa compreensão das Escrituras. Como membros da organização, eram pouco incentivados a usar a energia mental, a não ser para aceitar e, efetivamente fixar na memória, qualquer informação suprida pela organização, submetendo-se quase automaticamente às orientações dela. O questionamento, um dos instrumentos mais poderosos da mente, era retratado de modo negativo como evidência de falta de fé, sinal de desrespeito ao canal de comunicação aprovado por Deus.

Há mais um aspecto significativo nesta questão. Muitas pessoas buscam apenas uma liberdade negativa. Procuram ser livres *de algo*, ser livres da obrigação de professar crença em certos ensinamentos, de cumprir certas atividades ou sujeitar-se a certas normas, todas impostas por uma autoridade eclesiástica.

Essa espécie de liberdade pode ser, em si, um objetivo correto e desejável, trazendo o livramento de restrições opressivas e do domínio da mente e do coração por parte de homens, de um modo que claramente não é cristão. Assim mesmo, porém, esse livramento em si não traz a liberdade cristã, pois a liberdade cristã implica principalmente numa liberdade positiva, não a mera liberdade *de algo*, mas uma liberdade *para algo*. Não é simplesmente a liberdade de *não fazer*, mas a de *fazer*, e também de *ser* o que somos no coração e na mente, como indivíduos. Mais do que pelo mero passo de deixar um sistema religioso tido como falso, é pelo que fazemos com nossas vidas *após* nos desligarmos desse sistema que demonstramos se efetivamente conquistamos a verdadeira liberdade cristã.

Este livro analisará estas questões e como se aplicam. Embora, claro, seja dirigido primariamente a pessoas com antecedentes entre as Testemunhas de Jeová, seus princípios subjacentes se aplicam a qualquer cenário religioso. Esperamos que a informação seja de ajuda para aqueles que, a partir do amor à verdade e do interesse de agradar a Deus, estejam raciocinando se é ou não correto mostrar lealdade inquestionável a uma organização religiosa. Sua intenção é contribuir, de algum modo, para a confiança no poder de Deus em nos sustentar em qualquer crise que possamos atravessar por nos apegarmos à nossa

integridade pessoal, e ajudar a ampliar nossos horizontes espirituais em direção a uma vida mais gratificante e satisfatória, no serviço do nosso Criador, do nosso Amo, o Filho de Deus, e de nossas concriaturas humanas.

1

A Busca Pela Liberdade Cristã

Cristo nos libertou para que sejamos de fato livres... O que importa é a fé que opera pelo amor. Corréis bem. Quem vos impediu de obedecer à verdade? — Gálatas 5:1, 6, 7, Almeida Revista e Atualizada.

A LIBERDADE, como a fé, o amor e a verdade, é parte essencial do verdadeiro cristianismo. Onde a liberdade prevalece, a fé, o amor e a verdade prosperam. Quando se limita ou suprime a liberdade, esses são inevitavelmente prejudicados. — 2 Coríntios 3:17.

A liberdade que o Filho de Deus nos proporcionou tem como real objetivo que possamos expressar nossa fé e nosso amor na mais plena medida, livres das restrições impostas pelos homens, não por Deus. Quaisquer restrições que se tentem contra essa liberdade resultam no sacrifício da verdade, pois os que buscam impô-las fazem isso por meio do erro, não por meio da verdade.

Nas décadas passadas, centenas de milhares de pessoas se desligaram daquela que foi minha religião de berço: as Testemunhas de Jeová. Nessas mesmas décadas, centenas de milhares de outras pessoas ingressaram nessa mesma religião, e em número suficiente para que continuasse a crescer. Não acho que, *em si*, o abandono ou o ingresso dessas pessoas provem alguma coisa.

A verdadeira questão com respeito aos que saem é saber *por que* saíram, o que os fez desligar-se. Foi o amor à verdade, o desejo de mostrar fé e apego à liberdade cristã? Não podiam ter conseguido isto permanecendo onde estavam? Houve justificativa para terem saído?

Pela mesma razão, podem-se suscitar perguntas quanto aos que entram. Não há dúvida de que muitos deles tinham sido antes pessoas

irreligiosas, sem espiritualidade e basicamente materialistas. Depois que entraram fizeram mudanças visíveis nesses aspectos. Pelo menos uma parte deles foi ajudada a livrar-se de sérios problemas como promiscuidade sexual, alcoolismo, vício de drogas, violência ou desonestidade e até conduta criminosa. Isto certamente significou uma melhora em suas vidas.

Todavia, também é fato que este histórico de ajuda não é exclusivo. A maioria das igrejas e religiões organizadas podem citar inúmeros casos reais e testemunhos de pessoas cujas vidas foram definitivamente transformadas em resultado duma conversão. Do mesmo modo, os registros e números dos que a organização Torre de Vigia ajudou a vencer maus hábitos ou vícios podem, sem dúvida, ser igualados até mesmo por organizações sociais, como os Alcoólicos Anônimos, centros de tratamento do vício das drogas e entidades do gênero. E certamente, a maioria dos que se tornaram Testemunhas não era de pessoas antes afetadas por tais problemas.

Fica então, a pergunta: Sejam quais forem os aparentes benefícios, *a que preço* foram conseguidos? Resultou a integração deles à organização das Testemunhas eventualmente em restrições à liberdade de expressar a verdade, a fé e o amor, livres de coação e restrições de origem humana? E se for assim, quão genuína então foi a melhora alcançada? Quão realmente cristãos são os aparentes benefícios?

As mesmas perguntas podem e devem se aplicar a toda religião que se professe cristã. Esperamos que a matéria aqui apresentada seja de proveito para pessoas de muitos perfis religiosos, pois nosso tema vai além das pessoas específicas envolvidas. Ele visa o próprio âmago das boas novas sobre o Filho de Deus, Jesus Cristo.

Onde está a diferença

Séculos atrás, à época da Reforma, quando muita gente sentiu-se impelida pela consciência a rejeitar o domínio eclesiástico sobre suas vidas e sua fé, alguém expressou assim a situação do cristão:

Um cristão é um senhor livre sobre todas as coisas e não submisso a ninguém.

Daí, ele prosseguiu dizendo:

Um cristão é um servo obsequioso de todas as coisas.¹

Isto parece contraditório, mas não é. É basicamente uma paráfrase das palavras do apóstolo Paulo em 1 Coríntios 9:19:²

Sou homem livre e não sou escravo de ninguém! Mas eu me fiz escravo de todos para ganhar o maior número possível de pessoas.

A diferença está entre a submissão exigida por homens que alegam ter uma posição superior e que insistem na sujeição à autoridade deles, e a submissão e o desejo de servir que brotam livre e espontaneamente do próprio coração. São a submissão e o serviço que resultam, não de ceder às pretensões e exigências de outros, mas de visar às *necessidades* dos outros e aos benefícios disso. Paulo reconhecia apenas um Cabeça e Amo designado por Deus, Cristo, e não tinha outro, fosse um só homem ou um grupo de homens. A respeito de alguns que tentaram assumir tal autoridade, ele disse:

[eles] se infiltraram para espiar a liberdade que temos em Cristo Jesus, a fim de nos reduzir à escravidão [tentaram amarrar-nos com leis e regulamentos, *Phillips Modern English*], aos quais não cedemos sequer por um instante, por deferência, para que a verdade do evangelho fosse preservada para vós.³

O apóstolo não achou insignificante a perda da liberdade cristã por meio da dominação religiosa. Quando escreveu as palavras citadas no início deste capítulo, ele as dirigia a pessoas que se estavam deixando enganar por um falso evangelho, falsas boas novas. Na época dele tratava-se do esforço para reimpor o Pacto da Lei aos cristãos, o que flagrantemente ameaçava sua liberdade em Cristo. Onde estava o grande perigo? A lei que tanto queriam impor aos cristãos era, afinal de contas, a mesma lei que o próprio Jeová instituíra por meio de Moisés. Por que, então, Paulo disse que seu restabelecimento os levaria novamente a “se sujeitarem ao jugo da escravidão”?

Parte do perigo estava no fato de que tal submissão à Lei permitiria fatalmente que homens se pusessem em funções de destaque, atuando como intérpretes da lei e transformando tais interpretações em regras, com corpos judiciais e tribunais religiosos aplicando estas regras, e,

¹ Martinho Lutero, em seu tratado sobre “Da Liberdade do Cristão”, UNESP.

² *A Bíblia na Linguagem de Hoje*.

³ Gálatas 2:4, 5, *A Bíblia de Jerusalém*.

como guardiões da lei, impondo penalidades. Isso significaria a reinstituição de um sacerdócio humano sobre os crentes cristãos, que só tinham um sumo Sacerdote e Mediador, o Filho de Deus.⁴ Por que, então, alguns homens da congregação cristã do primeiro século esforçaram-se para reintroduzir a vigência da lei? A razão, evidentemente, era que, de modo consciente ou inconsciente, queriam ter controle e autoridade sobre outros. Buscavam o poder sobre seus concrestãos, e um dos meios de consegui-lo era por interpor-se entre os cristãos e seu legítimo cabeça, Cristo. Cumpria-se assim a profecia do apóstolo registrada em Atos 20:29, 30:

Sei que depois de eu ter ido embora entrarão no meio de vós lobos opressivos e eles não tratarão o rebanho com ternura, e dentre vós mesmos surgirão homens e falarão coisas deturpadas, para atrair a si os discípulos.⁵

Seus argumentos eram plausíveis, pareciam lógicos, e Paulo mostra que muitos dos que os ouviam se convenciam, aceitando isto como verdadeiro evangelho. Os que propunham a obediência à lei podiam argumentar que Deus requer justiça e santidade — o que é verdade — e que sem uma lei imposta, as pessoas simplesmente não se apegariam à justiça — o que pode se aplicar à maioria das pessoas, mas não aos cristãos. Começaram o debate com a questão da circuncisão, instituída pelo próprio Deus cerca de dois mil anos antes, na época de Abraão. Tão logo esta base foi aceita, contudo, eles procuraram acrescentar outros pontos da lei, anunciados como necessários para obter a aprovação de Deus e manter a congregação pura.⁶

O perigo maior, portanto, era o modo como esta ênfase à guarda da lei alteraria o relacionamento do cristão com Deus por meio de Cristo, de modo a desvirtuar a base da esperança do cristão, deslocando o foco

⁴ 1 Timóteo 2:5; Hebreus 4:14-16; 7:11-18.

⁵ A palavra grega (*barys*) aqui vertida “opressivos”, tem o significado básico de “pesado”, e é a mesma palavra usada em Mateus 23:4 com respeito aos fariseus porem “cargas pesadas” nos ombros das pessoas com seu tradicionalismo legalista. O peso do autoritarismo também faz parte do quadro, e Diótrefes, descrito em 3 João 9, 10, é um exemplo desse espírito dominador.

⁶ Conforme mostra Atos 15:5, 10, não se tratava apenas da circuncisão, mas da observância de toda a lei. No versículo 10, Pedro descreve a lei como um “jugo” pesado, que ninguém podia suportar com êxito.

apropriado do serviço cristão. Paulo identifica isto como uma séria rejeição das boas novas que Deus e Cristo o haviam comissionado a pregar.⁷ Explicando a gravidade do assunto, ele escreveu:

Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça tendes caído. Mas nós, pela fé, aguardamos mediante o Espírito a justiça pela qual esperamos. Pois em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão tem valor algum. O que importa é a fé que opera pelo amor.⁸

Nessas poucas palavras, “a fé que opera pelo amor”, o escritor inspirado resume a essência de toda a vida cristã. Nenhuma preocupação quanto a guardar regras, nem a conseqüente preocupação de que os outros o façam, e certamente, nenhum temor de ser levado perante um corpo judicativo por infrações de certas normas e regulamentos — uma força puramente negativa — mas em vez disso são a fé e o amor que motivam homens e mulheres cristãos. A fé e o amor são forças positivas que provêem não só a melhor defesa contra a prática do erro, mas também o mais forte incentivo às ações excelentes que são os frutos dos verdadeiros discípulos do Filho de Deus.

Um exemplo da vida doméstica pode ilustrar de modo mais claro a diferença entre estar debaixo da lei e estar debaixo da graça ou benignidade imerecida — e qual o resultado final disso.

Imagine um lar onde o marido é também pai e principal provedor. Se ele decidisse exercer a chefia por meio duma lista de leis, criando regras específicas para a esposa seguir, baixando leis quanto a como ela deve manter a casa, os métodos, os dias e os horários em que deve cuidar de todos os deveres da casa e da família: limpeza, fazer compras, preparar refeições, cuidar das roupas e disciplinar os filhos. Este marido poderia ter um lar bem ordeiro, onde tudo funciona segundo o programado. Mas também é provável que teria uma esposa infeliz. Poderia ter toda a satisfação de ver que tudo é feito pelo seu código de regras, imposto por sua autoridade. Jamais saberia, porém, se isso era motivado pelo amor.

Em contraste, um marido que crê no poder do amor e da bondade, que não se leva pelo falso sentimento de superioridade, mas que

⁷ Gálatas 1:8-12.

⁸ Gálatas 5:4, 5, ARA.

respeita a esposa e nela confia, reconhece sua inteligência e capacidade de cuidar das coisas por sua própria iniciativa, que crê que o interesse dela pelo lar e pela família é tão grande quanto o dele próprio, e que a trata segundo este conhecimento, pode também usufruir um lar ordeiro, bem cuidado, e num clima mais descontraído e feliz que o outro descrito. Ele pode conseguir isto por meio de boa comunicação e conversa sobre os assuntos, preferindo e buscando decisões conjuntas, e não fazendo mera exibição de autoridade arbitrária. Ao ver seu lar esmerado e limpo, refeições bem preparadas, roupas cuidadas, ou ao perceber que seus filhos lhe mostram o devido respeito, ele saberá que tudo isto foi fruto de algo diferente da mera sujeição a regras. Terá a satisfação e a alegria genuínas de saber que tudo isto é fruto do amor que a esposa tem a ele, ao casamento e à família.

Os resultados externos dos dois casos podem parecer os mesmos em certos aspectos, mas os resultados íntimos são imensamente diferentes. O ponto é a diferença de motivação e espírito com que a coisa é feita. E esta diferença tem que ver com o efeito sobre o modo cristão de viver, a diferença entre estar debaixo da lei e estar debaixo da graciosa benignidade de Deus por meio de Cristo Jesus.

Nisto se manifesta, com certeza, a sabedoria de Deus. O amor e a fé, as verdadeiras “regras” do cristão, podem atingir os pensamentos mais íntimos e profundos do coração. Podem tocar e afetar cada faceta da vida de um modo que as leis e as regras nunca farão. Por não estar sob a lei, o cristão se coloca na posição de mostrar o que realmente tem no coração. Para Deus é apenas isto que conta.

No tempo que passei no Corpo Governante das Testemunhas de Jeová, era isto que mais me preocupava. Notei que nossas reuniões do Corpo Governante gastavam tempo excessivo com decisões que envolviam criar regras para a vida particular das pessoas. Vi que cada regra gerava dúvidas que levavam a mais regras, por meio das quais se julgava a integridade das pessoas. Apenas se seguissem certas regras é que podiam ser consideradas aprovadas aos olhos de Deus e de Cristo. Por que tinha de ser assim? Tinha realmente um punhado de homens como nós, autoridade da parte de Deus para fazer isso? Seria isto de real benefício para aqueles a quem nós supostamente servíamos?

Foi só então que vim a perceber que a liberdade ensinada nas

Escrituras não era simplesmente a de estar livre da Lei Mosaica, mas também a de estar livre do próprio conceito de obediência a leis — qualquer que fosse o sistema de leis envolvido. Só então pude ver qual era o verdadeiro problema. Em vez da obediência a leis e regras, como meio de alcançar e manter a integridade dentro da congregação cristã, havia um modo superior. Isto é que tornava a liberdade cristã possível, eficaz e tão genuinamente desejável.

Não é que a lei seja má (é ela, afinal, a única coisa deste mundo que mantém muita gente na linha).⁹ Antes, é que a fé e o amor são muito superiores, capazes de conseguir muito mais que a lei, capazes de produzir um espírito de justiça que brota do coração. Em que pessoa depositaríamos maior confiança, por quem teríamos maior respeito e estima? Aquela que diz refrear-se de certa ação errada “por que é *contra a lei*” ou aquela que diz refrear-se “porque a ação é *desamorosa e demonstra falta de fé em Deus*”? O primeiro caso revela apenas a atitude ou preocupação da pessoa para com a lei, enquanto o segundo nos dá uma idéia do coração e dos sentimentos íntimos da pessoa.

Quando Deus escolheu o povo de Israel como sua nação pactuada, ele não o chamou a uma relação individual, como pessoas separadas, mas em massa, “o lote inteiro”, bons, maus e indiferentes. Seu nível espiritual como nação certamente não era notável, nem na época nem depois. A lei que receberam cumpriu um papel necessário. Serviu de disciplinador, conduzindo-os ao Messias, assim como os antigos “pedagogos” preparavam as crianças para o professor.¹⁰ Comprovou sua condição pecadora e sua incapacidade de, sem ajuda, livrar-se do pecado, sua necessidade de um redentor.¹¹ Ela provia um panorama de “sombras”, delineando simbolicamente as realidades a serem cumpridas por meio do Messias.¹² Sem ela, não há razão para crer que depois de 1500 anos de existência como nação, ainda existiria algo parecido com os arranjos que Deus instituíra para eles, arranjos que proveriam os antecedentes mediante os quais o Messias poderia ser positivamente identificado. Em contraste, os cristãos são chamados a ter uma relação com Deus como seus filhos, por meio de Cristo, não

⁹ Confira 1 Timóteo 1:8-10.

¹⁰ Gálatas 3:23-26, *BJ*.

¹¹ Gálatas 3:19, 21, 22.

¹² Colossenses 2:16, 17.

em massa, mas como indivíduos, não à base de descendência carnal, mas à base do coração e da motivação deles. Seu instrutor veio e eles, não mais precisam de um disciplinador que os conduza a ele. Não estão “debaixo de lei, mas debaixo da graça”, a graciosa benignidade de Deus. A ele entregaram seus corações e o Espírito dele os motiva.¹³ Esse espírito pode fazer infinitamente mais para resguardar-nos da transgressão e motivar-nos às boas ações que qualquer código de leis ou conjunto de regras. Desperceber isso é desperceber a essência das boas novas. Não ter apreço pela grande liberdade que isto nos traz é desdenhar o que Cristo realizou, quando nos possibilitou estar “não debaixo de lei, mas debaixo da benignidade imerecida” de Deus.

Como nos demais setores da vida, é verdade que em questão de religião “o preço da liberdade é a eterna vigilância”. Perde-se a liberdade cristã não tanto pelo ataque violento, mas pela erosão sutil, de modo que, aos poucos, a pessoa vai entregando a outros o seu direito, dado por Deus, de exercitar a própria consciência e de pensar por si, para chegar a conclusões e convicções que sejam realmente suas, de modo que sua fé se torne fruto do seu próprio coração, baseada no conhecimento pessoal da Palavra de Deus. Eventualmente ela chega a uma fé de segunda-mão, baseada em convicções e raciocínios de outros. Sacrificar esses direitos inerentes à liberdade cristã, em qualquer grau ou por qualquer motivo que seja, é limitar e inibir nossas expressões de fé e amor. Para poder expressar espontaneamente estas qualidades, motivadas no íntimo, é que temos de usufruir um clima de liberdade, pois “onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade.”¹⁴

Floresce dentro da organização das Testemunhas de Jeová esse clima de liberdade cristã, alimentando expressões de amor e fé que fluem livremente da motivação interior e não da pressão externa? Creio que a evidência mostra o contrário. Meus anos no Corpo Governante dessa organização me convenceram disso. Não é que todas as Testemunhas sejam individualmente afetadas na mesma proporção. Algumas são capazes de enfrentar a pressão organizacional. São capazes de resistir à usurpação de sua individualidade, lutam para evitar os conceitos estreitos e a conformidade de grupo que provêm do

¹³ Romanos 6:14-19.

¹⁴ 2 Coríntios 3:17, *TEB*.

modo de pensar canalizado. Tais pessoas muitas vezes manifestam uma espontaneidade de motivação notável. Ainda assim, a evidência é de que isto não *se deve* à organização, mas é algo que se mantém *apesar* da organização. Tampouco acho que essa situação seja exclusiva das Testemunhas de Jeová. Creio, porém, que todas elas são afetadas de algum modo, e que o efeito disso é inevitavelmente prejudicial. A atitude que se incute não é baseada na verdade, a verdade que liberta, mas numa distorção da verdade. Ela distorce o entendimento do que realmente está envolvido em ser seguidor do Filho de Deus. Ela dificulta que as pessoas expressem de forma mais plena suas qualidades. Ela as restringe de fazer muitas ações de amor e fé motivadas pelo coração e as obriga a praticar outras ações para as quais não vêm nenhuma razão bíblica convincente. De um modo ou de outro, em grau maior ou menor, a liberdade é sacrificada. Fica obscurecida ou esquecida a verdade de que “Cristo nos libertou para que sejamos de fato livres”.

As raízes do problema são várias. Creio, porém, que o que segue aponta para uma causa bem fundamental.

2

O Canal de Deus

Ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom.

— 1 Tessalonicenses 5:21, *Nova Versão Internacional*.

Meus queridos amigos, não acreditem em todos os que dizem que têm o Espírito de Deus. Ponham à prova essas pessoas para saber se o espírito que elas têm vem mesmo de Deus.

— 1 João 4:1, *A Bíblia na Linguagem de Hoje*.

UM DESTACADO erudito britânico do século 18, líder religioso conhecido como defensor das liberdades civis e religiosas, fez esta espantosa declaração:

A autoridade é o maior e mais irreconciliável inimigo da verdade e da argumentação que o mundo já forneceu. Toda a sofística — toda a aparência de plausibilidade — o artifício e a astúcia do debatedor mais sutil do mundo podem ser expostos e voltados a favor da própria verdade que pretendiam ocultar; mas contra a autoridade não há defesa.¹

Se, de fato, a autoridade tem sido antiga inimiga da verdade, tem sido também antiga inimiga da liberdade, pois a verdade é a primeira fonte da força libertadora, aquela que “vos libertará”.² Quando forçado a enfrentar a verdade, é na autoridade que o erro encontra sua arma favorita e também seu refúgio final. E com enorme frequência, a autoridade que invoca não é mais genuína que o próprio erro.

Não importa quanta evidência se apresente, não importa quanto testemunho bíblico se forneça, não importa quanta lógica se utilize em

¹ Bispo Benjamin Hoadley, citado na Enciclopédia McClintock e Strong de Literatura Bíblica, Teológica e Eclesiástica (em inglês), Vol. 1, páginas 553, 554.

² João 8:32.

apoio às questões expostas neste livro, todos podem ser rejeitados e descartados pelos que seguem uma determinada autoridade religiosa humana como guia, como intérprete da verdade. De fato, no caso da vasta maioria das Testemunhas de Jeová, toda esta evidência e testemunho bíblico será rejeitado antes mesmo de ser ouvido, pois a autoridade decretou que elas devem rejeitá-lo. Aqueles que estão sob esta autoridade são assim privados de decidir por si mesmos se a informação é verídica ou falsa, benéfica ou prejudicial.

O mesmo se aplica a todos que se submetem a uma autoridade religiosa humana como árbitro supremo do que é certo e errado. Se preferem deixar que essa autoridade decida por elas, fale por elas e pense por elas, nenhum outro argumento ou evidência que se apresente terá chance de ser ouvido, pois “contra a autoridade não há defesa”. A autoridade acha que não tem de responder, refutar ou sequer considerar as evidências apresentadas; ela apenas condena. Esta é, creio eu, a questão básica, e a menos que primeiro ela seja compreendida, pouca coisa poderá ser compreendida. No meu caso, pelo menos, foi assim.

Não existe autoridade maior que os homens possam alegar que a de falar em nome de Deus, afirmando até mesmo ser seu *exclusivo canal de comunicação* para toda a humanidade. Ocupar tal posição seria, sem dúvida, uma pesada responsabilidade, que exigiria o mais alto grau de humildade da parte de humanos imperfeitos, se é que estes, de fato, foram designados a exercê-la.

Pode-se comparar a um escravo que um rei envia para fazer uma proclamação. Impressionado com a própria importância, falta de humildade, o mensageiro pode sentir-se livre para fazer acréscimos ou ajustes à mensagem, enquanto insiste que todos os ouvintes devem aceitar de boa fé tudo o que ele apresentar como sendo uma ordem real. Se alguém o questiona em algum ponto, ele pode ofender-se e tentar impor-se dizendo ter apoio real, a fim de eliminar quaisquer dúvidas quanto à autenticidade de suas declarações.

Por outro lado, um mensageiro realmente humilde evitaria escrupulosamente qualquer alteração naquilo que veio da fonte real. Não se ofenderia se lhe pedissem provas da plena autenticidade do que disse, nem criticaria os que tomassem medidas para confirmar se a mensagem foi apresentada tal como foi entregue, livre de acréscimos

ou alterações. Em vez de reprovar tal investigação como uma abusiva falta de respeito por sua pessoa (um mero escravo), ele a aceitaria e até mesmo a apreciaria, como evidência de preocupação e profundo respeito do inquiridor pela vontade de seu amo, o Soberano.

A Sociedade Torre de Vigia diz repetidamente que sua mensagem tem importância de vida ou morte. A organização afirma que sua mensagem foi enviada por Deus, o Soberano Supremo, a toda a humanidade, tendo como resultado da desobediência a destruição final. Algumas outras religiões assumem posição similar.

Claro que uma afirmação deste porte jamais deve passar sem comprovação. De fato, a seriedade dela exige, não cautela menor, e sim maior, uma comprovação mais cuidadosa. O simples respeito a Deus deve motivar-nos, e de fato, obrigar-nos, a nos assegurar de que a mensagem é realmente Dele, livre de acréscimos ou alterações. Quanto maior nosso respeito a Deus, mais conscienciosos devemos ser na busca dessa comprovação.

Posso garantir que a organização Torre de Vigia encara com a maior seriedade a posição que afirma ter como único canal de comunicação de Deus na terra. Talvez algumas das afirmações mais claras feitas por representantes da organização quanto ao resultado para os que rejeitam sua mensagem tenham surgido num julgamento ocorrido na Escócia, em 1954. Ficou conhecido como “caso Walsh”, e tratava duma Testemunha de Jeová que era superintendente presidente numa congregação da Escócia e reivindicava a condição de ministro religioso. Recordo de, anos atrás, ter escutado pessoalmente meu tio (mais tarde presidente da Torre de Vigia) falar de sua participação nesse julgamento, mas foi só ao ver o registro final do tribunal, em data mais recente, que me dei conta de tudo que foi incluído nesse depoimento.

Com permissão do guardião de arquivos da Escócia, apresento aqui alguns trechos dos autos do depoimento. Como se pode observar, Fred Franz, então vice-presidente da organização, foi o primeiro no banco das testemunhas, e os autos do tribunal incluem esta informação, com alguns trechos que sublinhei (“P” representa a pergunta feita, “R”, a resposta dada. Os originais destes autos encontram-se no Apêndice):

P. Além destas publicações regulares, vocês produzem e publicam vários panfletos e livros teológicos periodicamente? R. Sim. P. Poderia dizer-me: São estas publicações teológicas e os periódicos quinzenais usados para consideração de declarações doutrinárias? R. Sim.

P. São estas declarações doutrinárias compulsórias dentro da Sociedade? R. Sim.

P. É a aceitação delas questão de opção ou é obrigatória para todos que são e desejam continuar a ser membros da Sociedade?

R. É obrigatória.

Segundo este depoimento, todo aquele que quiser continuar como Testemunha de Jeová não tem alternativa nem opção senão aceitar as declarações publicadas da Sociedade Torre de Vigia, pela qual Fred Franz falava como representante. A aceitação é “obrigatória”. As conseqüências são indicadas mais adiante no depoimento dele:

P. Quer dizer então que, efetivamente, existirá na terra uma nova sociedade humana em resultado disso? R. Sim. Haverá uma sociedade do novo mundo numa nova terra, sob novos céus, tendo os céus e terra anteriores já passado, após a batalha do Armagedom. P. Então a população desta nova terra consistirá apenas de Testemunhas de Jeová? R. Inicialmente consistirá apenas de Testemunhas de Jeová.

Os membros do restante esperam sobreviver a essa batalha do Armagedom, bem como uma grande multidão destas outras ovelhas. A permanência do restante sobre a terra após a batalha do Armagedom será temporária, pois eles devem primeiro terminar sua carreira terrestre, fiéis na morte, mas as outras ovelhas, por meio da contínua obediência a Deus, poderão continuar a viver na terra para sempre.

A aceitação, portanto, torna-se uma questão de vida ou morte, pois os que sobreviverem ao Armagedom consistirão “apenas de Testemunhas de Jeová”. Que dizer do caso em que o membro de uma

congregação rejeita certo ensino da organização por crer conscienciosamente que este não tem apoio bíblico, e, como resultado, é depois desassociado? Qual é a postura oficial para com as pessoas desassociadas que não obtêm readmissão? Esta postura é explicitada conforme segue no depoimento:

P. E são estes poderes disciplinares de fato exercidos quando surge a ocasião? R. Sim, são. P. Bem, não vou mais lhe fazer perguntas sobre este aspecto da questão, mas há transgressões tidas como graves o bastante para merecer a expulsão sem esperança de readmissão? R. Sim. O fato é que a excomunhão em si mesma pode levar à aniquilação do excomungado, se esse indivíduo jamais se arrepender e corrigir o seu pecado, e continuar fora da organização. Não haveria para ele esperança alguma de vida no novo mundo, mas existe um proceder que resultaria em excomunhão, da qual se pode ter certeza que o indivíduo jamais retornará, e este é chamado de pecado contra o Espírito Santo.

O advogado do governo britânico chamou depois a atenção para certos ensinamentos que a organização Torre de Vigia tinha com o tempo rejeitado, inclusive os que envolviam certas datas específicas. O que dizer de alguém que, na época em que o ensino foi estabelecido percebesse o erro e em consequência não o aceitasse? Que atitude teria a organização para com esta pessoa? Eis o que revela o depoimento:

P. Não é verdade que o Pastor Russell pôs essa data em 1874? R. Não. P. Não é verdade que ele fixou essa data anterior a 1914? R. Sim. P. Que data ele fixou? R. O fim dos tempos dos gentios ele fixou para 1914.

P. Ele não fixou 1874 como outra data crucial?

R. 1874 era entendida como a data da Segunda Vinda de Jesus em sentido espiritual. P. O

senhor disse 'era entendida'? R. Isso mesmo.

P. Isto foi publicado como um fato a ser aceito por todos os que eram Testemunhas de Jeová?

R. Sim. P. E isto não é mais aceito, é? R. Não.

P. O Pastor Russell tirou essa conclusão de uma interpretação do livro de Daniel, não foi? R. Em parte. P. E particularmente de Daniel, capítulo 7, versículo 7, e Daniel, capítulo 12, versículo 12? R. Daniel 7:7 e 12:12. O que o senhor disse, que ele baseou alguma coisa nestes textos? P. A data dele de 1874 como data crucial e data da Segunda Vinda de Cristo? R. Não. P. Como o senhor disse que ele a fixou; entendi que o senhor disse isso, será que entendi mal? R. Ele não baseou 1874 nestes textos. P. Ele se baseou nestes textos, acoplados ao conceito de que a monarquia austro-gótica ocorreu em 539?

R. Sim. 539 era uma data que ele utilizava no cálculo. Mas 1874 não se baseava nisto. P. Mas era um cálculo que já não é mais aceito pela diretoria da Sociedade? R. Correto. P. Já que estou correto, estou simplesmente curioso para apurar minuciosamente esta posição: tornou-se obrigação das Testemunhas de Jeová aceitar este cálculo errado?

R. Sim.

P. De modo que aquilo que hoje é publicado como verdade pela Sociedade, pode ter de ser considerado errado alguns anos depois? R. Temos de esperar para ver.

P. E enquanto isso a comunidade das Testemunhas de Jeová fica seguindo um erro? R. Elas ficam seguindo uma interpretação errada das Escrituras. P. Um erro? R. Sim, um erro.

De novo entrou em discussão o grau da autoridade atribuída às publicações da Sociedade Torre de Vigia. Embora, num certo ponto, o vice-presidente tenha dito que “a pessoa não tem de aceitar compulsoriamente”, o depoimento dele daí em diante reverte à posição anterior, conforme vemos:

R. A fim de tornar-se ministro ordenado da congregação ele deve obter entendimento das coisas contidas nesses livros. P. Mas, então, não é o batismo a ordenação da pessoa como ministro religioso? R. Sim. P. Sendo assim, para o batismo, ele tem de conhecer esses livros? R. Ele tem de entender os propósitos de Deus explicados nesses livros. P. Explicados nesses livros e explicados como interpretação da Bíblia? R. Estes livros oferecem uma interpretação de toda a Escritura. P. Mas, é esta exposição compulsória? R. A Bíblia e as declarações relacionadas com ela são analisadas, e o indivíduo examina as declarações e depois as Escrituras para ver que elas são apoiadas biblicamente. P. Ele o quê?

R. Ele examina as Escrituras para ver se as declarações têm apoio nas Escrituras. Como disse o apóstolo: "Examinai todas as coisas; apegai-vos ao que é bom." R. Entendi qual é a posição - corrija-me, por favor, se eu estiver errado - um membro das Testemunhas de Jeová deve aceitar como verdade os textos e interpretações que lhe são dados nos livros a que me referi? R. Mas ele não o faz compulsoriamente, ele tem seu direito cristão de examinar as Escrituras para confirmar que isto é biblicamente fundamentado. P. E se ele achar que as Escrituras não concordam com os livros ou vice-versa, o que faz? R. Os textos bíblicos estão lá, em apoio às declarações, é para isto que são colocados ali. P. O que faz um homem se achar desarmonia entre as Escrituras e esses livros? R. É preciso que o senhor nos apresente um homem que ache isso, para que eu possa responder, ou ele. P. O

senhor quis dizer que o membro individual tem o direito de ler os livros e a Bíblia e formar sua própria opinião quanto à interpretação adequada dos Escritos Sagrados? R. Ele passa a

- - -

P. Poderia dizer sim ou não, e depois explicar?
R. Não. Quer que explique agora? P. Sim, por gentileza.

R. O texto bíblico está lá em apoio às declarações, e portanto, quando o indivíduo olha para o texto e daí verifica a declaração, ele passa então a ter o ponto de vista bíblico do assunto, o entendimento bíblico, conforme escrito em Atos, capítulo 17, versículo 11, que os bereanos eram mais nobres que os de Tessalônica, no aspecto de que recebiam a Palavra com a maior prontidão, e pesquisavam as Escrituras para ver se aquelas coisas eram assim, e nós orientamos a seguir esse nobre proceder dos bereanos, de pesquisar as Escrituras para ver se estas coisas são assim. P. Uma Testemunha não tem alternativa senão aceitar como compulsórias e obedecer às instruções publicadas em "A Sentinela" ou no "Informante" ou na "Despertai", não é? R. Ele tem de aceitá-las.

P. Há alguma esperança de salvação para o homem que depende apenas de sua Bíblia, quando em sua situação no mundo não é possível obter os tratados e publicações da Sociedade? R. Ele estará dependente da Bíblia.

P. Será ele capaz de interpretá-la corretamente?

R. Não. P. Não pretendo ficar trocando textos bíblicos com o senhor, mas não disse Jesus, "Aquele que crê em mim, viverá, e aquele que crê em mim jamais morrerá"?

R. Sim.

O depoimento da testemunha, pois, é de que a mensagem que a Sociedade Torre de Vigia publica, como canal de Deus, é o único meio pelo qual as pessoas da terra, no século atual, podem obter entendimento das Escrituras. Deixar de aceitar o conteúdo destas publicações significa incorrer no desfavor divino, a própria morte.

Este, contudo, foi o depoimento de um só homem, Fred Franz, o vice-presidente. Houve dois outros representantes oficiais da sede da organização que foram à Escócia para depor. Confirmou o depoimento destes o do primeiro, com respeito a este assunto? O seguinte no banco das testemunhas foi o conselheiro jurídico da Sociedade, Hayden C. Covington. Seguem suas declarações no decorrer de seu depoimento:

P. Não é vital falar a verdade em assuntos religiosos? R. Certamente que é. P. Há, em sua opinião, margem para que uma religião mude as interpretações dos Escritos Sagrados de vez em quando? R. Há todas as razões para mudanças de interpretação da Bíblia, segundo nossa visão. Nossa visão se torna mais clara à medida que vemos o tempo cumprir as profecias. P. Os senhores já anunciaram - perdoe-me a expressão - falsas profecias? R. Anunciamos - não acho que anunciemos falsas profecias, houve declarações que foram errôneas, é assim que coloco, e equivocadas. P. É uma questão muito vital, na situação atual do mundo, saber, caso esta profecia esteja corretamente interpretada, quando se deu a Segunda Vinda de Cristo? R. Isto é verdade, e sempre nos esforçamos para saber que estamos com a verdade, antes de anunciá-la. Guiamo-nos pelas melhores informações que temos, mas não podemos esperar até ficarmos perfeitos, porque se esperássemos até ficarmos perfeitos jamais poderíamos falar.

P. Sigamos um pouco neste assunto. Foi anunciado como um fato, em que todas as Testemunhas de Jeová tinham de crer, que a Segunda Vinda do Senhor ocorreu em 1874? R. Não estou familiarizado com isso. O senhor está falando de algo que desconheço. P. O senhor ouviu o depoimento do Sr. Franz? R. Ouvi o

Sr. Franz depor, mas não estou familiarizado com o que ele disse a respeito, quero dizer, o assunto do qual ele estava falando, de modo que não posso dizer mais do que o senhor, tendo ouvido o que ele disse. P. Deixa-me fora disso?

R. Essa é a fonte de minha informação, o que ouvi no tribunal. P. O senhor estudou a literatura do seu movimento? R. Sim, mas não toda. Não estudei os sete volumes dos "Estudos das Escrituras", e não estudei este assunto que o senhor agora menciona sobre 1874. Não estou familiarizado com isso de modo algum.

P. Supõe ter partido de mim que a Sociedade anunciou, de modo compulsório, que a Segunda Vinda de Cristo tinha sido em 1874? R. Tomando esta suposição como um fato, é uma afirmação hipotética. P. Foi isso a publicação de uma falsa profecia? R. Isso foi a publicação de uma falsa profecia, foi uma afirmação falsa ou uma afirmação errônea do cumprimento de uma falsa profecia que foi falsa ou errônea. P. E isso teve de ser aceito como crença por todas as Testemunhas de Jeová? R. Sim, porque o senhor deve entender que nós precisamos de unidade, não podemos estar desunidos, com muitas pessoas indo para todos os lados, um exército precisa marchar alinhado. P. Vocês não acreditam nos exércitos do mundo, acreditam? R. Acreditamos no exército cristão de Deus.

P. Acreditam nos exércitos do mundo? R. Nada temos a dizer a esse respeito, não pregamos contra eles, dizemos simplesmente que os exércitos do mundo, como as nações do mundo atual, são parte da Organização de Satanás, e nós não tomamos parte dela, mas não dizemos que as nações não podem ter seus exércitos, não pregamos contra a guerra, apenas reivindicamos ficar isentos dela, apenas isso. P. Voltemos ao assunto agora. Foi anunciada uma falsa

profecia? R. Concordo com isso. P. Ela teve de ser aceita pelas Testemunhas de Jeová? R. Correto. P. Se um membro das Testemunhas de Jeová tomasse a posição pessoal de que essa profecia estava errada e dissesse isso, seria desassociado? R. Sim, se dissesse isso e persistisse em criar problemas, porque se a organização inteira acredita numa coisa, ainda que errônea, e alguém, por conta própria começa a espalhar suas idéias, então haverá desunião e problemas, não pode haver harmonia nem marcha alinhada. Quando vem uma mudança, deve partir da fonte apropriada, da dianteira da organização, o corpo governante, não de baixo para cima, pois cada um teria idéias próprias e a organização se desintegraria em mil direções diferentes. Nosso objetivo é ter unidade.

P. Unidade a qualquer preço? R. Unidade a qualquer preço, porque cremos e temos certeza que Jeová Deus está usando nossa organização, o corpo governante de nossa organização, para dirigi-la, mesmo que de vez em quando se cometam erros. P. Unidade baseada na aceitação obrigatória de falsas profecias?

R. Admite-se que isso é verdade. P. E a pessoa que expressa a opinião, como diz o senhor, de que isso estava errado, e é desassociada, estaria ela violando o pacto, sendo ela batizada? R. Correto. P. E como o senhor disse ontem expressamente, ela mereceria a morte? R. Acho que... P. Quer dizer sim ou não? R. Digo sim, sem hesitar. P. O senhor chama isso de religião?

R. Certamente que sim. P. O senhor chama isso de cristianismo? R. Certamente que sim.

P. Com relação aos erros, vocês foram extensamente escrutinados quanto às diferenças de conceito que aconteceram nas exposições obrigatórias das Escrituras feitas ao longo dos

anos, desde a fundação da Sociedade, e suponho que o senhor concordou que tem havido diferenças. R. Sim. P. O senhor também concordou com muita franqueza que as pessoas que, em qualquer momento, não estiverem dispostas a aceitar as interpretações obrigatórias, estão passíveis de expulsão pela Sociedade, com todas as conseqüências espirituais que possam acarretar? R. Sim, eu disse isso e o afirmo novamente.

A unidade, segundo o depoimento deste representante da Sociedade, pode exigir que um cristão aceite como verdade aquilo que ele acredita ser falso segundo a Palavra de Deus. Não importa o que leia na Bíblia, ele não pode expressá-lo se isso não coincide com os ensinamentos obrigatórios da organização. Embora isso esteja claro para ele na própria Palavra de Deus, não basta. Ele deve esperar que a mudança parta da “da fonte apropriada, da dianteira da organização, o corpo governante, não de baixo para cima”. Não importa o que leia na Bíblia, ele deve esperar que a “fonte apropriada”, o Corpo Governante, lhe diga o que é aceitável para se crer e se conversar.

A justificativa para essa exigência tão incrível? Deve haver “unidade a qualquer preço”, mesmo que baseada na “aceitação obrigatória de falsas profecias”. Falhar neste aspecto é ser passível de desassociação e “merecer a morte”. Com efeito, embora alguém possa ler as *próprias palavras* do Amó, por escrito, ele não pode aceitá-las ou agir segundo elas *se o professo “escravo” do Amó lhe diz algo diferente*. Este é, em linguagem clara, o conceito promulgado pela organização.

Uma terceira testemunha subiu ainda ao banco. Este terceiro representante da sede mundial a depor foi o secretário-tesoureiro, Grant Suiter, e seu depoimento incluiu estas declarações sobre a posição oficial:

P. Qual é a posição de um servo de companhia [congregação] neste respeito? R. Ele tem de preencher os requisitos a que anteriormente nos referimos, maturidade, discernimento, entendimento espiritual e a capacidade de compreender a congregação. Tem de passar por

esse treinamento já mencionado, na Escola do Ministério Teocrático, tomar a liderança no próprio ministério de campo, estar apto a ensinar e ter todos os outros requisitos que as Escrituras determinam. Como vê, o homem não pode estabelecer requisitos que as Escrituras não estabelecem. P. Isso em termos gerais. Mas, para chegar à prática efetiva ele deve assistir a Escola do Ministério Teocrático, não é? R. Sim. P. E ali ele encontra uma biblioteca? R. Sim. P. Não se espera que esteja familiarizado com as publicações da Sociedade? R. Com certeza. P. Pode ele de algum modo, na opinião das Testemunhas de Jeová, ter um entendimento das Escrituras fora das publicações das Testemunhas de Jeová? R. Não. P. Só por meio das publicações é que ele pode entender corretamente as Escrituras? R. Correto.

P. Isso não é arrogância? R. Não. P. O senhor ouviu as evidências de que 1874 mostrou ser uma data material e crucialmente errada, e de que 1925 era uma data errada. Nestes dois itens, foi a aceitação, a aceitação absoluta como Verdade, imposta a todas as Testemunhas de Jeová da época? R. Isso mesmo. P. O senhor concorda que aquilo foi uma aceitação do que era falso? R. Não, não inteiramente. Os pontos que estavam errados eram falsos porque estavam errados, mas o importante é o resultado geral. Ao longo de todos estes anos do ministério das Testemunhas de Jeová, desde a constituição da Sociedade, a corporação de Pensilvânia, tem havido uma obra constante de voltar os corações e mentes das pessoas para a Palavra de Deus e seus preceitos justos, e de prover-lhes força espiritual para tomar posição em favor do que sabem ser correto, para enaltecer o nome de Jeová e anunciar o seu Reino. Não há comparação entre os pontos incidentais que foram corrigidos e a importância da coisa principal, a adoração de

Jeová Deus. Isso tem sido inculcado nas mentes das Testemunhas de Jeová e de um número incontável de pessoas ao longo de todos estes anos.

O secretário-tesoureiro afirmou: “O homem não pode estabelecer requisitos que as Escrituras não estabelecem.” Todavia, seu próprio depoimento, e os dos dois primeiros representantes, é que ‘só por meio das publicações é que se pode ter o entendimento correto das Escrituras.’ Embora falsas profecias tenham sido publicadas, “a aceitação absoluta (de tais) como a Verdade foi imposta a todas as Testemunhas de Jeová da época”, e isto é firmemente declarado como correto.³ O secretário-tesoureiro assevera que “o importante é o resultado geral”, e assim a organização não deve ser julgada de modo negativo porque promulgou erros em “pontos incidentais”, desde que a “coisa principal, a adoração de Jeová Deus” tenha sido propagada. Seria injusto igualar a importância desses erros à mensagem principal. “Não há comparação”, disse o secretário-tesoureiro.

Nesta declaração em si, tudo bem. O próprio depoimento de Suiter, porém, como os dos outros dois, mostra que, enquanto a organização pede tolerância e tratamento equilibrado para si, como seu devido direito, nega isso a outros. Ao mesmo tempo em que pede tolerância para si, ela não a concede a nenhum membro que faça objeção a ensinamentos errôneos e que não possa aceitá-los. Para este o resultado é a desassociação, ser posto fora como alguém merecedor da morte. É assim que será, não importa o zelo da pessoa em aceitar o ponto “principal” da mensagem ou sua sinceridade e devoção em “adorar a Jeová Deus”. Não, a pessoa deve aceitar a *mensagem toda*, o pacote inteiro, do jeito que o mensageiro organizacional achar melhor apresentá-la, incluindo os erros, sendo a expulsão a única alternativa. A organização classifica como apenas “incidentais” os erros que publica, e todavia, se esses mesmos erros *não forem aceitos* ou *forem rejeitados*, assumem, paradoxalmente, uma importância enorme, suficiente para justificar a desassociação.

³ Veja *Crise de Consciência*, capítulos 7 e 8, com respeito aos anos de 1874 e 1925, mencionados no depoimento do tribunal.

Este estranho modo de pensar faz parecer que Deus não se agrada da pessoa que deixa de aceitar os erros que o professo mensageiro de Deus expresse em Seu nome, não se agrada de que a pessoa insista em ‘examinar tudo e apegar-se apenas ao que for bom e veraz’, genuinamente provindo de Deus. A tal pessoa, se posta para fora da organização, Deus não julgaria digna de viver. Embora pareça incrível, a pessoa que prestou este depoimento não via, evidentemente, nenhuma inconsistência em tudo isso.

Tudo isto faz lembrar o princípio proverbial de que “dois tipos de pesos são algo detestável para Jeová, e uma balança fraudulenta não é boa”.⁴ Não parece razoável crer que Deus se expresse com palavras tão fortes a respeito de transações comerciais comuns (quando o homem faz uso de diferentes pesos dependendo de estar comprando ou vendendo), e não se expresse de modo ainda mais firme com respeito a assuntos que envolvem os interesses espirituais das pessoas, quando os homens aplicam um padrão para si mesmos ao pedirem tolerância, e um padrão bem diferente quando se pede que a demonstrem a outros. O genuíno Mensageiro de Deus, Jesus Cristo, disse: “Pois, com o julgamento com que julgais, vós sereis julgados; e com a medida com que medis, medirão a vós.”⁵

Não apenas nesse julgamento, mas, em muitas outras ocasiões, a organização Torre de Vigia apelou às Testemunhas de Jeová para que desconsiderassem os erros dela, afirmando que estes são contrabalançados e até compensados por outros fatores, mais positivos. Mas ela não aplica essa regra ao lidar com os que estão sob sua autoridade. Se estes sustentarem alguma opinião, ainda que mínima, que não coincida com os ensinamentos da Torre de Vigia, isto não é considerado simplesmente um “erro” humano, que com o tempo pode ser corrigido. Pode, em vez disso, servir de base para desassociação. O fato de que o ‘quadro geral’ mostre que a pessoa discordante manifesta claramente genuínas qualidades cristãs não é visto como relevante. Ela tem de concordar com a organização. As palavras de Cristo deixam claro que ele não aprova esta aplicação desigual das normas.

⁴ Provérbios 20:23.

⁵ Mateus 7:2.

Em vista da seriedade das questões envolvidas no julgamento do tribunal escocês, não parece haver razão para pensar que estas três testemunhas oficiais estivessem expressando meras opiniões pessoais. Embora o objetivo que buscavam atingir neste julgamento específico (que incluía serem reconhecidos como ‘religião estabelecida’) tenha de algum modo influído na linguagem que usaram, eles, sem dúvida, apresentaram o que é a norma autoritária da organização, o legalismo dominante. O registro passado e presente mostram isso. Minha própria experiência com o Corpo Governante o confirma.

Alguns pontos estabelecidos pelos representantes da Torre de Vigia refletiram de modo notável as afirmações feitas cerca de 45 anos antes pelo Pastor Russell, nos últimos anos de sua presidência. Na edição de 15 de setembro de 1910 de *A Sentinela*, o primeiro presidente da Sociedade comparou o valor da leitura estritamente bíblica com o valor da leitura dos *Estudos das Escrituras*, uma série de seis volumes escritos por ele. Esta foi a avaliação que ele fez:

Se, o Senhor, pois, proveu-nos em nossos dias algo que em seus dias os Apóstolos desconheciam totalmente, não importa quão bons e sábios eles fossem — para nós agora ignorarmos a linha de ensino que deste modo se desenvolveu seria, em nosso entendimento, ignorar as providências do Senhor. Que cada um pense por si mesmo, porém, e guie sua conduta, concordemente, de todos os modos.

Se os seis volumes de ESTUDOS DAS ESCRITURAS constituem praticamente a Bíblia, organizada por temas, com referências de textos bíblicos, nós poderíamos chamar a esses, não de modo impróprio — a Bíblia numa forma organizada. Isto quer dizer que não são meramente comentários da Bíblia, mas são praticamente a própria Bíblia, já que não há desejo algum de edificar qualquer doutrina ou idéia com base em qualquer preferência individual ou sabedoria individual, e sim de apresentar todo o assunto em concordância com a Palavra de Deus. Achamos seguro, portanto, acompanhar este tipo de leitura, este tipo de instrução, este tipo de estudo bíblico.

Ademais, não só descobrimos que as pessoas, estudando apenas a Bíblia, não conseguem entender o plano divino, como também descobrimos que se alguém põe de lado os ESTUDOS DAS ESCRITURAS, depois de já os ter usado e de se tornar familiarizado com eles, após tê-los lido durante dez anos — se alguém, pois, deixá-los de lado e os ignora, recorrendo só à Bíblia, embora entenda a Bíblia

por dez anos, a nossa experiência mostra que dentro de dois anos ficará em trevas. Por outro lado, se tivesse simplesmente lido os ESTUDOS DAS ESCRITURAS, junto com suas referências, sem ler uma única página da Bíblia, essa pessoa estaria na luz ao fim dos dois anos, porque teria a luz das Escrituras.⁶

“TODOS ELES SERÃO ENSINADOS POR DEUS”

Concluiríamos, praticamente, que não podemos entender nada da Bíblia senão conforme foi revelado. Não iríamos, portanto, perder tanto tempo fazendo o que sabemos que alguns fazem, lendo um capítulo após outro, sem proveito algum. Não pensaríamos em fazer isso. Não pensaríamos de modo algum estar estudando as Escrituras. Acharíamos que estávamos seguindo um rumo que poderia ser qualquer coisa, menos algo proveitoso para nós próprios e muitos outros no passado — meramente lendo as Escrituras por cima. Diríamos que o mesmo Pai Celestial que nos guiou a esta verdade, a esta compreensão das Escrituras como filhos dele, se tivesse mais informações para nós ele as traria à nossa atenção de alguma maneira; e deste modo não vemos necessidade de ler o Novo Testamento todo dia ou todo ano; não consideramos isso necessário. Consideramos que o texto que diz “Todos eles serão ensinados por Deus”, implica que, do seu próprio modo designado, Deus trará à nossa atenção qualquer aspecto da verdade divina que seja “alimento no tempo devido para a família da fé.”

OS “ESTUDOS DAS ESCRITURAS” NÃO SÃO UM SUBSTITUTO DA BÍBLIA

Não se trata, portanto, de colocar os ESTUDOS DAS ESCRITURAS como um substituto da Bíblia, pois, longe de substituir a Bíblia, os ESTUDOS, pelo contrário, fazem continuamente referência à Bíblia, e se alguém tiver qualquer dúvida quanto a alguma referência ou se a lembrança de alguém falhar em algum ponto e sua memória precisar ser reativada, ele veria de fato que cada pensamento

⁶ Confira este último parágrafo na *Sentinela* de 15 de agosto de 1964, páginas 511, 512.

seu está em harmonia com a Bíblia — não meramente de acordo com os ESTUDOS DAS ESCRITURAS, mas de acordo com a Bíblia.

Podemos salientar que um bom número dos amigos na Verdade estão estabelecendo como norma ler doze páginas dos ESTUDOS DAS ESCRITURAS por dia, e que não conhecemos um só dos que estão seguindo este procedimento e fazendo uso dos vários meios da graça que o Senhor tem provido (reuniões da Aurora e de testemunho, reuniões dominicais, reuniões de Peregrinos, lições bereanas, texto do Maná, etc.), que tenha saído da verdade. Conhecemos muitos que, ao contrário, expressam a opinião de que sabiam destas coisas há muito tempo, enquanto, na verdade, não sabem a metade das coisas que sabiam — esqueceram mais da metade do que leram e estão entre aqueles que agora tropeçam, e indo para as trevas exteriores.

Não estamos com isto querendo dizer nada contra alguém estudar meticulosamente os capítulos que não entende e que outros não entendem, esperando lançar luz sobre alguma verdade. Não fazemos objeção a isto. Tem o pleno direito de assim fazer se desejar. Tem o direito de gastar semanas e anos desta maneira se assim preferir, mas mesmo então, as chances são de que, ao lançar luz sobre algo, ele venha a entendê-lo totalmente errado.

(O original desta matéria encontra-se no Apêndice)

Eu só tinha ouvido vagas referências a estas declarações até que em 1979, numa reunião do Corpo Governante, o presidente Franz referiu-se a elas em apoio a um assunto que ele explicava, dizendo que:

O Pastor Russell costumava dizer que se a pessoa tivesse de escolher entre ter apenas a própria Bíblia ou uma das publicações da Sociedade, ela estaria melhor com as publicações da Sociedade.

Na ocasião, achei difícil crer que uma afirmação como essa fosse repetida como tendo algum valor, e quando mais tarde a encontrei na *Sentinela* de 1910 achei que uma organização só poderia lembrar-se dessa afirmação com um sentimento de vergonha.

A implicação clara das afirmações da Torre de Vigia (escritas por Russell) era de que é improvável que alguém aprenda o propósito de Deus só com a Bíblia. Além disso, se alguém largasse os *Estudos das Escrituras*, escritos por Russell, e lesse apenas a Bíblia, de acordo com a experiência, cairia em trevas “dentro de dois anos”. Se alguém lesse os *Estudos das Escrituras*, porém, ainda estaria na luz embora não

tivesse tocado na Bíblia durante esses dois anos. Não se considerava “necessário” ler a Bíblia capítulo por capítulo, mas recomendava-se a leitura diária regular dos *Estudos das Escrituras* como fazer uso da “provisão do Senhor”. Aparentemente, antes do surgimento desses escritos do presidente da Torre de Vigia pessoa alguma da terra podia realmente compreender a Bíblia.

Incrivelmente, de todas as publicações escritas por Russell, nem uma única é hoje impressa ou estocada pela Sociedade Torre de Vigia. Assim mesmo, a opinião expressada pelo presidente da Sociedade em 1910 foi basicamente confirmada na Escócia em 1954 e também na reunião do Corpo Governante em 1979. Uma grande diferença foi que, com o passar dos anos, o foco foi deslocado para a “organização”, em lugar de um indivíduo e seus escritos. A afirmação de que a literatura da Sociedade Torre de Vigia era essencial, um requisito virtualmente indispensável para a compreensão da Bíblia, permaneceu. Não só permaneceu, mas foi ampliado com notável dogmatismo, pois a aceitação dos ensinamentos encontrados nessa literatura foi então declarada como requisito divino para ganhar a própria vida. Diferente da situação do tempo de Russell, a discordância agora levaria à excomunhão.

Ainda em 1979, exatamente em 17 de novembro, dia em que parti numa viagem “de zona” à África Ocidental, Fred Franz, então presidente da Sociedade, dirigia a consideração bíblica matinal para a família da sede mundial. Ele fez estes comentários, que um dos membros presentes anotou, passando-os depois para mim quando retornei, por ser um assunto de interesse.

Alguns estão agora falando em ler a Bíblia, que nós devemos ler “só a Bíblia”. Ora, é isso o que as igrejas da cristandade vêm dizendo ao povo há séculos, e olhem a confusão que resultou.

É bom recordar que nós fomos a Sociedade Torre de Vigia de Tratados durante muito tempo antes de nos tornarmos a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados.⁷ Apenas em época relativamente recente é que viemos de fato a publicar Bíblias. O único propósito de nossa existência como uma Sociedade é anunciar o Reino estabelecido em 1914 e fazer soar o aviso da queda de Babilônia, a Grande. Temos uma mensagem *especial* a divulgar.

⁷ O nome original da corporação era Sociedade Torre de Vigia de Tratados de Sião.

Ao dirigir reuniões matinais na sede, eu mesmo tinha, muitas vezes, incentivado mais leitura das próprias Escrituras, enfatizando-as como a verdadeira fonte de conhecimento e autoridade final para os cristãos. Não tinha a sensação de que defendia algo contra os interesses da organização. Nunca esqueci o que considerei argumentos fortes e inesquecíveis duma edição de *A Sentinela* publicada em 1946.⁸ Com o título “Seja Deus Verdadeiro”, o artigo analisava declarações de autoridades judaicas e católicas quanto a serem “em todas as épocas a depositária de toda a verdade”. Estas foram as afirmações feitas:

³⁷ A Palavra escrita de Deus, portanto, não precisa da adição de tradições que são interpretações particulares dos homens e das organizações religiosas. Não é pela nossa própria autoridade que dizemos que a Bíblia é suficiente sem elas. O inspirado apóstolo Paulo escreve neste sentido ao seu fiel coobreiro Timóteo, dizendo: «Desde a infância tiveste conhecimento das sagradas letras, que te podem instruir para a salvação, pela fé que está em Jesus Cristo. Toda a Escritura divinamente inspirada é útil para ensinar, para repreender, para corrigir, para formar na justiça; a fim de que o homem de Deus seja perfeito, apto para toda a obra boa.» (2 Tim. 3:15-17, Soares) Se as tradições orais dos homens religiosos tivessem sido necessárias para complementar o cânon da Bíblia, Paulo não teria dito que as inspiradas Escrituras Sagradas eram úteis ao ponto de fazer o homem de Deus *perfeito* na fé e de devoção a Deus. Teriam sido inadequadas e não teriam deixado o homem de Deus aperfeiçoado. Mas tendo em vista a plena madureza de Timóteo como cristão, Paulo instruiu-o a fazer questão de conhecer a Bíblia e manejá-la corretamente, dizendo: «Estude diligentemente por te apresentares a Deus digno de aprovação, obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja retamente a palavra da verdade.» (2 Tim. 2:15, Douay [em inglês]) Todos os que se esforçam a servir a Deus como Suas testemunhas fazem bem em seguir esta instrução fiel.

⁸ Edição de 1º de novembro de 1946 (em inglês), página 330. Corresponde à de janeiro de 1947 em português, páginas 9 e 10, cujos scans dos parágrafos 37 a 40 são mostrados aqui.

NÃO DESCONSIDERADA A AUTORIDADE DAS POTESTADES SUPERIORES

³⁸ Agora nos lançam um argumento final os que sustentam uma organização eclesiástica ou hierárquica. Dizem: 'Mesmo abolindo as tradições religiosas, não se pode deixar a Bíblia a cada leitor para interpretar por si mesmo; ainda precisamos da organização visível dos fiéis para fazer as vezes dum «magistério vivo» ou autoridade de ensino a fim de interpretar a Bíblia e esclarecer dela a vontade de Deus. Veja como a Bíblia, deixada à interpretação de cada um, resultou na condição religiosamente dividida do protestantismo.' A isto replicamos, A multidão de seitas e cultos do protestantismo não é prova que a Bíblia é uma força divisora aos que tomam esta, e esta só, como adequada. A Bíblia não é livro divisório, pois é harmoniosa de capa a capa e concorda com si mesma, em todos os livros canônicos. A força divisora entre os religionistas católicos e protestantes da cristandade são as tradições religiosas que seguem. A verdade da Bíblia é um poder unificador. Depois que Cristo Jesus orou: «Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade,» ele orou imediatamente que todos os que nele criam, os que o seguiam então e os que ainda chegariam a crer, fôssem unidos em um só. assim como ele e seu Pai celestial são um. (João 17:17-23) É agora que se deve alcançar esta unidade cristã; agora, neste fim do mundo. *Tem* sido conseguida pelas testemunhas de Jeová, que saíram de dentro e de fora da multidão de organizações religiosas e que estão agora unidas no serviço de Deus apesar do seu anterior desacôrdo religioso.

³⁹ Como se dá isto? Como se vence ou evita a desunião de interpretar cada um individualmente as Sagradas Escrituras? Dá-se isto porque estão unidos arredor duma organização humana visível ou arredor dum chefe humano visível? A resposta é Não. Mas porque reconhecem a Jeová Deus e Cristo Jesus como As Potestades Superiores a quem cada alma cristã tem de estar sujeita pela consciência. (Rom. 13:1) Dá-se porque reconhecem a Jeová Deus como o único Deus verdadeiro e vivo, o Altíssimo ou Supremo, e Cristo Jesus como Seu Rei ungido e Servo Eleito, a quem Jeová nomeou por Príncipe e Comandante aos povos. (Isa. 42: 1; 55: 3, 4; Mat. 12: 18; Act. 13: 34) Dá-se, também, porque reconhecem a Jeová Deus como o Mestre vivo e sempre-presente da Sua igreja na terra, e que êle ensina a «igreja de Deus» por meio da Cabeça dela, Cristo Jesus.—Isa. 54:13; João 6: 45.

⁴⁰ As testemunhas de Jeová, portanto, não pretendem que a igreja seja o que a Hierarquia religiosa atribue à sua organização religiosa, a saber, a organização que tem o magistério ou cargo de ensino e por isso «o Guarda e Intérprete da Bíblia divinamente designado» cujo «cargo de Guia infalível seria supérfluo se cada indivíduo interpretasse a Bíblia por si mesmo».* Em vez desta tradição religiosa da Hierarquia, os que reconhecem a autoridade superior de Jeová Deus e Cristo Jesus aceitarão a declaração inspirada e infalível do apóstolo a Timóteo concernente à igreja. Nesta se lê: «Para que saibas como deves portar-te na casa de Deus, que é a igreja de Deus vivo, coluna e firmamento da verdade.»—1 Tim. 3:15, Soares.

Fiquei profundamente impressionado pela resposta do artigo de A *Sentinela* às pretensões das “organizações hierárquicas” ao dizerem, primeiro, que:

“Não se pode deixar a Bíblia a cada leitor para interpretar por si mesmo.”

E segundo, ao dizerem que:

“Ainda precisamos da organização visível dos fiéis para fazer as vezes dum ‘magistério vivo’ ou autoridade de ensino.”

E terceiro, que:

“A Bíblia, deixada à interpretação de cada um, resultou na condição religiosamente dividida do protestantismo.”

A cada uma dessas afirmações a resposta da *Sentinela* era: “Não é verdade!” Em termos nada incertos ela dizia que não era por “estar unidos em torno de uma organização humana visível” que se evitava a desunião, mas pelo reconhecimento de Jeová Deus e Cristo Jesus. Sem ambigüidade, *A Sentinela* dizia adiante que as Testemunhas de Jeová:

“...não pretendem que a igreja seja o que a Hierarquia religiosa atribue à sua organização religiosa, a saber, a organização que tem o magistério ou cargo de ensino e por isso ‘o Guarda e Intérprete da Bíblia divinamente designado.’”

Quando li essas declarações no início de 1946, concordei com elas de todo o coração, e até hoje posso apoiar sinceramente qualquer coletividade que viva por esses princípios. Durante muito tempo achei que estava fazendo exatamente isso. Certas pessoas me convenceram que não era assim. Foram exatamente as mesmas que publicaram essas declarações a princípio.

O escritor do artigo “Seja Deus Verdadeiro” foi Fred Franz. O artigo trazia declarações firmes, claras e francas, cada uma das quais foi, em essência, negada apenas oito anos mais tarde pelo testemunho dos três representantes da Torre de Vigia na Escócia. Foram também rejeitadas, ponto por ponto, em artigos de *A Sentinela* que se seguiram. Não avaliei quão real era essa rejeição até os nove anos que passei no Corpo Governante. Embora não fosse essa sua intenção, os membros do Corpo, de um modo geral, ajudaram-me a ver que os próprios princípios daquelas firmes declarações feitas em 1946 eram pregados, mas nunca realmente praticados.

Fazendo um retrospecto, não encontro nada após 1946 que sequer se aproxime da firme posição em favor da liberdade pessoal expressa nos artigos publicados naquele ano. Por quê? O que pode ter causado tal mudança, tal ambivalência, na qual uma organização diz algo com tanta firmeza e aparente convicção e depois, em poucos anos, toma uma posição que é diametralmente oposta? Como puderam fazer as mesmas afirmações que tinham antes denunciado nos outros como produto do espírito “hierárquico”? Como podem homens obviamente tão dedicados a uma causa religiosa tomar conscientemente tal atitude,

e ao mesmo tempo não sentir necessidade de dar a seus co-membros qualquer explicação, fazer algum pedido de desculpas ou sequer uma refutação da posição anterior, tão energicamente proclamada?

Em parte isso se deve, sem dúvida, aos humores, temperamentos e opiniões instáveis dos próprios homens. Isso ocorreu especialmente no período de 1942 a 1975, quando a administração era um assunto muito pessoal, centralizado primariamente em torno de dois homens, Nathan Knorr e Fred Franz, sendo este último a principal fonte de doutrina.⁹

Mas, acima e além da natureza imprevisível e até instável das atitudes e declarações procedentes de tal fonte, creio que existe uma causa mais básica para a fortíssima atitude autoritária manifestada. Toda ela ilustra um *padrão* de comportamento humano, padrão que se repete ao longo dos séculos com regularidade quase deprimente. É o padrão de um grupo de pessoas que larga uma religião ou religiões estabelecidas, que começa com a declaração expressa de que a Bíblia é e será seu único guia definitivo, sua única fonte legítima e autorizada de informação; que depois aumenta em número e idade histórica como entidade, e que gradualmente produz uma série de ensinamentos que logo estabelece como normas, como a “Verdade”, o teste final para medir o cristianismo das pessoas. Isto se complementa pelo desenvolvimento paralelo de uma estrutura autoritária, para assegurar que todos os membros apoiem esse corpo de ensinamentos. Em casos extremos ela pode eventualmente vir a prescrever o que se deve ler, estudar, conversar, ensinar e praticar por todos os que aderem a essa estrutura, que assume como seu direito legítimo a autoridade de disciplinar todos os que não acatam suas normas estabelecidas por humanos. Tais grupos se tornam, assim, muito semelhantes às religiões estabelecidas que tinham anteriormente abandonado. Este tem sido o padrão de desenvolvimento de muitas das religiões que agora existem.

Esse padrão perene é precedido e reforçado por um fator ainda mais básico, que contribuiu para subverter a congregação cristã original, transformando-a, de fraternidade unida apenas pelo vínculo do amor e pela aceitação comum de crenças essenciais, num sistema hierárquico

⁹ Conforme se observa em *Crise de Consciência* (capítulo 4, nota de rodapé 15), Karl Klein, membro do Corpo Governante, referiu-se a Fred Franz, em algumas reuniões do Corpo, como o “oráculo” da organização.

religioso, radicalmente institucionalizado. Esse fator fundamental é simplesmente a tendência dos homens de impor sua própria vontade aos outros, tendência contra a qual Cristo Jesus achou necessário advertir repetidamente seus discípulos. Essa conclusão, creio eu, é apoiada tanto pelas Escrituras como pela história.

3

Autoridade Centralizada

Vieram os sumos sacerdotes e os escribas com os anciãos. Eles lhe disseram: “Dize-nos em virtude de que autoridade fazes isso, ou quem é aquele que te deu esta autoridade?”

— Lucas 20:1, 2, *Tradução Ecumênica*.

A AUTORIDADE era a questão que estava no centro do conflito entre Jesus Cristo e os líderes religiosos de seus dias. Eles achavam que a autoridade centralizava-se neles próprios, estendendo-se para aqueles a quem eles delegassem. Viam Jesus como ameaça à sua estrutura de autoridade. Viam-no como um intruso, um sedicioso religioso, que minava a posição deles perante o povo. Os ensinamentos dele eram heréticos e perigosos porque ele não se ajustava às normas estabelecidas pelos anciãos, às interpretações elaboradas pelos instrutores para a comunidade do povo pactuado de Deus.

Desde então, a mesma questão surgiu vez após vez ao longo dos séculos. Incrivelmente, pessoas que antes tinham corajosamente resistido à “tirania da autoridade” foram depois, muitas vezes, seduzidas pelo apelo ao que parece “prático” do ponto de vista humano, ou pela oportunidade que isso oferece de dominar os outros. Quando isto ocorre, a verdade é substituída por raciocínios ilusórios e plausibilidade. A consciência cede à conveniência. A integridade é substituída pelo pragmatismo e pela idéia de que o fim justifica os meios.

Durante os anos 1975 e 1976, a organização das Testemunhas de Jeová passou por um período turbulento, que levou à completa reestruturação da cúpula da administração central da organização. O controle monárquico da sociedade civil pelo presidente foi substituído pelo controle por um colegiado, o Corpo Governante das Testemunhas

de Jeová.¹ Durante aquele período pensei mais seriamente no assunto da autoridade que em qualquer época anterior. Que existisse autoridade na congregação cristã eu não questionava, pois as Escrituras usam claramente o termo. Mas que *tipo* de autoridade, para *realizar o quê*, e com que *limites*? Eu fora designado pelo Corpo Governante a fazer parte de uma comissão de cinco membros a quem caberia fazer recomendações quanto à questão da administração da organização. Essa comissão encarregou-se de redigir conclusões a serem submetidas ao Corpo inteiro. Textos que eu incluía nesse documento ficavam vindo à minha mente:

Mas vocês não devem ser chamados “rabis”; um só é o Mestre de vocês, e todos vocês são irmãos... Tampouco vocês devem ser chamados “chefes”, porquanto vocês têm um só Chefe, o Cristo.

Como sabeis, os chefes das nações as mantêm sob seu poder, e os grandes, sob seu domínio. Não deve ser assim entre vós. Pelo contrário, se alguém quer ser grande entre vós, seja vosso servo.²

Quanto mais pensava, mais convencido ficava de que nada que alterasse esse relacionamento de irmãos poderia ser genuinamente cristão. Qualquer título ou posição oficial que, por si, ponha alguns num nível espiritual diferente dos outros, ou de algum modo infrinja o direito exclusivo do Filho de Deus como único Mestre e Instrutor dos seus seguidores, deve ser, creio, um desvio do espírito do cristianismo.

Que dizer das designações encontradas nas Escrituras Cristãs, tais como “pastor”, “instrutor”, “profeta”, “ancião” e outras? Parece evidente que todas estas efetivamente descreviam, não cargos ou posições oficiais numa estrutura de autoridade, mas serviços a serem prestados à comunidade dos irmãos ou *qualidades e habilitações* pessoais a serem usadas em benefício dos outros. A autorização que tais pessoas tinham para prestar esses serviços não fazia deles cabeças espirituais sobre seus irmãos, pois “a cabeça de todo homem é o Cristo”, e ninguém mais.³

Esses serviços, qualidades e habilidades tinham como alvo ajudar as pessoas a “crescer” como cristãos maduros, não as fazer permanecer

¹ Veja *Crise de Consciência*, capítulo 4.

² Mateus 23:8, 10, *NVI*. Mateus 20:25, 26, *TEB*.

³ 1 Coríntios 11:3; confira 1 Coríntios 12:4-11, 27-31.

como crianças espirituais e mentais, constantemente dependentes de outros que pensem por eles, tomem decisões por eles, levando-os assim a serem facilmente conduzidos de um ensino mutável para outro.⁴ Tinham de ser como crianças em sua relação com Deus e Cristo, não com os homens. O objetivo de se associarem em congregações era promover seu crescimento como pessoas maduras, homens e mulheres “plenamente desenvolvidos”, que não precisam e nem reconhecem nenhuma liderança espiritual a não ser a de Cristo.⁵

O apóstolo, escrevendo a Timóteo, descreveu a comunidade cristã em termos de uma relação familiar. (1 Timóteo 5:1, 2) Os irmãos que eram anciãos na idade e na experiência cristã podiam corretamente servir de modo similar ao do irmão mais velho da família. Para ilustrar, na ausência do chefe da família, seus filhos mais velhos podiam encarregar-se de fazer a família cumprir as instruções deixadas por ele, incentivá-la a obedecer aos desejos e instruções dados. Mas esses filhos mais velhos jamais poderiam agir como *se fossem* o chefe da família, o dono da casa, como se eles próprios tivessem o direito de estabelecer regras de conduta para a família além das já estabelecidas pelo chefe. Tampouco poderiam legitimamente esperar ou exigir a deferência e a submissão que pertenciam a ele, o chefe. Assim seria na família ou casa cristã, que tem a Cristo como Cabeça e Amo, com as instruções que ele mesmo deu, quer pessoalmente, quer através dos apóstolos que escolheu.⁶

Eu achava que o arranjo “monárquico” em vigor na administração da organização das Testemunhas de Jeová até 1976 era a principal causa do clima autoritário dominante. Após a grande reestruturação de 1975-76 ficou evidente que eu estava enganado. Eu esperava sinceramente que o novo arranjo assinalasse uma mudança básica de atitude e de espírito, ou pelo menos abrisse caminho para ela, com ênfase em servir aos outros, e não na atitude de controlá-los ou tratá-los como subordinados. Com o tempo ficou bem claro que o resultado final fora essencialmente a divisão e a partilha do poder, com um grupo de homens passando a agir do mesmo modo que um único homem fazia antes. Na verdade, o interior da casa fora remodelado,

⁴ Confira Efésios 4:11-16; 1 Coríntios 3:1-3; Hebreus 5:12-14.

⁵ Mateus 18:3; 23:9; 1 Coríntios 14:20; 16:13; Efésios 4:14.

⁶ 1 Coríntios 11:3; Efésios 4:15, 16.

mas ainda era a mesma casa, suas características básicas pouco mudaram. A estrutura autoritária e as atitudes do passado ainda existiam e dominavam.

De início, a transferência do poder de um só homem, o presidente, para um corpo de homens, foi uma mudança estimulante. À medida, porém, que o tempo passava, passei a sentir uma sensação de quase repugnância pela expressão “membro do Corpo Governante”. Os poucos de nós que levavam esse “título” tornaram-se objeto de ainda maior deferência e atenção. Não pude deixar de notar que, às vezes, mesmo nas orações das reuniões, os irmãos expressavam gratidão “a Deus e ao Corpo Governante” pelas coisas recebidas. Parecia que o papel de Cristo Jesus, o Amo, em vez de tornar-se mais destacado (como era de esperar), tinha ficado em segundo plano, como se não tivesse significado suficiente para merecer mais que menções ocasionais. O Espírito Santo como meio de Deus guiar, ensinar e sustentar, em vez de receber maior reconhecimento, parecia ainda mais distante do cenário, praticamente nunca recebendo menção em tais orações. Embora a parte que tive nessa reestruturação administrativa tivesse sido fruto da designação que recebi do Corpo Governante, eu me sentia, no entanto, perturbado por qualquer responsabilidade minha por aquilo que eu estava vendo.

Numa reunião do Corpo Governante, esta questão surgiu de modo um tanto indireto, como fora a observação do presidente de que era ‘preferível ter uma das publicações da Sociedade ao invés de ter só a Bíblia.’ Nessa reunião específica, Karl Klein, meio precipitadamente, começou a criticar Ed Dunlap, membro do Departamento de Redação e ex-secretário da Escola de Gileade, por ter usado, numa matéria que escrevera, a expressão “corpo central de anciãos” em lugar do título “Corpo Governante”. (Ed, não sendo membro do Corpo Governante, não estava presente, é claro, para responder às críticas que lhe foram feitas.) Cerca de dois anos haviam transcorrido desde que Ed redigira a matéria, e Klein já trouxera o assunto à tona em duas reuniões anteriores. Passou então a falar com muito vigor (até desculpando-se por expressar-se em voz alta e veemente e lembrando aos co-membros que ‘seu pai fora um pregador em cujos sermões ninguém dormia’) e externou grande preocupação com o que definiu como um esforço sutil de eliminar o termo “Corpo Governante”. Vários membros deram

comentários, geralmente moderados. Entre estes, indiquei que não via razão para se criar caso em torno do assunto, e que nas publicações em francês da Sociedade a tradução padrão de “Corpo Governante” é *Collège Central*, que em francês significa simplesmente “Corpo Central”. Prossegui dizendo que, pessoalmente, eu apreciaria qualquer outro termo em lugar de “Corpo Governante”, já que este dava a idéia de um grupo de homens dominando sobre outros.

Klein reagiu dizendo achar que os pontos que eu e outros expressamos não tinham fundamento e que a questão era realmente séria. Falando com muita veemência, concluiu: “O que há de errado com a expressão ‘Corpo Governante’, afinal? É isso o que nós SOMOS. Nós GOVERNAMOS!”

Na ocasião, pensei: “Sim, é isso o que somos e o que fazemos, mas será que deve mesmo ser assim?” O modo como Karl Klein suscitou a questão, porém, fez com que Ed Dunlap se tornasse o centro da questão mais que a própria expressão, e o Corpo Governante deixou de lado o assunto como algo que não exigia decisão especial.⁷

A inquietação que eu sentia devido a diversas decisões do Corpo Governante motivou-me a pesquisar a história do cristianismo dos primeiros séculos. Eu sabia que na época do Concílio de Nicéia, em 325 A.D., as coisas tinham chegado ao ponto em que um conselho de bispos, convocado e presidido pelo imperador de Roma, Constantino, decretou um credo ao qual se esperava que todos os cristãos, em toda parte, acatassem. Mas que fatores transitórios tornaram possível essa alteração na natureza da primitiva comunidade cristã, transformando-a, em poucos séculos, de uma fraternidade simples em um sistema eclesiástico autoritário? O próprio Cristo fundara a congregação cristã sobre si mesmo e sobre seus apóstolos e profetas.⁸ Por que, então, ela se desviara, tanto e tão repetidamente, do ensino e do espírito transmitidos por ele e pelos apóstolos e profetas cristãos inspirados? Ao pesquisar sobre certos tópicos quando trabalhava no dicionário

⁷ Os comentários de Karl Klein recordavam uma declaração de Grant Suiter alguns anos antes, quando se debatia a questão do controle administrativo. Conforme relatado em *Crise de Consciência*, capítulo 4, ele disse de modo alterado, “se havemos de ser um Corpo Governante, então governemos! Não exerci governo algum até agora.”

⁸ Efésios 2:20-22.

bíblico da organização, *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, algumas coisas tinham vindo à luz, mas o quadro era apenas parcial.

Obras de referência da biblioteca do Departamento de Redação da sede mundial ajudaram a completar o quadro. Lendo as obras de autores cristãos do segundo e terceiro séculos, impressionei-me com o grande destaque que certos homens começaram a dar à *autoridade humana* dentro da primitiva congregação. A história do período revelava, nos ensinamentos publicados, *a gradual elevação de homens ao controle e poder cada vez maiores* sobre os assuntos congregacionais, e um movimento lento, mas constante, em direção à *centralização da autoridade*.

O Corpo Governante do qual fiz parte fundamentava sua autoridade no ensino de que o próprio Cristo tinha instituído esta estrutura centralizada de autoridade. Conforme declara *A Sentinela* de 15 de março de 1990 (páginas 11 e 12):

Embora a família de Deus seja composta coletivamente de todos os cristãos ungidos, há abundante evidência de que Cristo escolheu um pequeno número de homens dentre a classe-escravo para servir como corpo governante visível.

O artigo prossegue afirmando que de início os doze apóstolos formavam este “corpo governante” e que:

No mais tardar por volta do ano 49 EC, o corpo governante fora ampliado para incluir, não só os apóstolos remanescentes, mas também vários outros anciãos de Jerusalém. (Atos 15:2)... Cristo, o Cabeça ativo da congregação, usou este corpo governante ampliado para resolver o importante assunto doutrinal quanto a cristãos não judeus serem ou não circuncidados e se submeterem à Lei de Moisés.

No todo, a afirmação é que depois que a congregação cristã ultrapassou os limites de Jerusalém e da Judéia, esse corpo governante atuou organizado como centro de autoridade, exercendo sua direção a partir de Jerusalém sobre todas as congregações do primeiro século.

Não achei na história bíblica nem na religiosa algo que apoiasse tal afirmação. A “abundante evidência” a que se refere *A Sentinela* simplesmente não existe. Das declarações diretas e vigorosas de Paulo em sua carta aos Gálatas, ficou claro que ele não considerava Jerusalém como o centro administrativo divinamente designado sobre

toda a atividade congregacional da terra. Se este “corpo governante” designado por Cristo tivesse existido, Paulo teria, após sua conversão, certamente entrado em contato com ele de imediato, submissamente buscando sua orientação e direção, especialmente tendo em vista a pesada responsabilidade que Cristo lhe conferira de ser “apóstolo para os gentios”.⁹ Se este “corpo governante” tivesse existido, Paulo certamente se teria preocupado em coordenar sua obra com a de seus membros. Deixar de harmonizar sua obra com o “corpo governante” designado por Cristo e submeter-se à direção dele teria sido uma séria “falta de respeito pela ordem Teocrática”.

Cristo, porém, absolutamente nada disse a Paulo (Saulo) sobre ir a Jerusalém. Em vez de mandá-lo de volta a Jerusalém, de onde Paulo acabara de vir, Cristo o enviou a Damasco. Ele deu as instruções que tinha para Paulo por meio de um morador de Damasco chamado Ananias, que obviamente não era membro de um “corpo governante” sediado em Jerusalém.¹⁰ Logo no início de sua carta aos Gálatas, o próprio Paulo esforçou-se em deixar claro que seu apostolado e sua orientação espiritual não vinham de homens ou por meio deles, incluindo especificamente os apóstolos em Jerusalém.¹¹ Ressaltou o fato de que, após sua conversão, não recorreu a nenhuma sede mundial de autoridade humana, dizendo:

Não entrei imediatamente em conferência com carne e sangue. Tampouco subi a Jerusalém, aos que eram apóstolos antes de mim, mas parti para a Arábia e voltei novamente a Damasco [na Síria].¹²

Foi só *três anos depois* que Paulo fez uma viagem a Jerusalém. E ele afirma especificamente que nessa época viu apenas Pedro e o discípulo Tiago, mas não viu nenhum outro apóstolo durante os quinze dias que ali passou. Ele não estava, portanto, num “curso de anciãos na sede mundial”, recebendo instruções em algum tipo de sessões diárias dirigidas por um “corpo governante”. Temos uma idéia da seriedade

⁹ Atos 9:15; Romanos 11:13

¹⁰ Atos 9:1-17; 22:5-16.

¹¹ Gálatas 1:1, 10, 11.

¹² Gálatas 1:16, 17.

com que ele encarava este assunto quando disse: “eis que não estou mentindo à vista de Deus.”¹³

Depois, Paulo estabeleceu base em Antioquia, não em Jerusalém. Realizou jornadas missionárias e quem o enviou foi a congregação de Antioquia, não a de Jerusalém. Embora estivesse relativamente próximo de Jerusalém (Antioquia fica na região costeira da Síria), passou-se longo período de tempo antes que Paulo tivesse motivo ou ocasião para voltar àquela cidade. Como ele diz: “Daí, *quatorze anos depois*, subi novamente a Jerusalém, com Barnabé, tomando também comigo a Tito. Mas, subi em resultado de uma revelação.”¹⁴

Pela descrição dada, isto pode ter sido na época do concílio sobre a circuncisão e a observância da lei, registrado em Atos, capítulo 15. Paulo afirma ter ido então a Jerusalém apenas “em resultado de uma revelação.” Isto mostra que os cristãos não olhavam *costumeira e rotineiramente* para Jerusalém como a sede da autoridade centralizada para todas as congregações cristãs, o lugar onde se resolviam as questões de toda e qualquer espécie. Foi preciso uma revelação divina para que Paulo fizesse esta viagem especial até lá.

O relato de Atos, capítulo 15, mostra *por que* Jerusalém era o lugar lógico onde tratar deste assunto específico. Em ponto algum, o relato indica que Jerusalém era sede de algo como um corpo administrativo internacional. Ao invés, foi primariamente por ter *a própria Jerusalém sido a fonte do desconcertante problema* que Paulo e Barnabé tinham encontrado em Antioquia, onde serviam. Tudo estava relativamente calmo em Antioquia até que “homens de Jerusalém” desceram e causaram problemas, insistindo que os cristãos gentios deviam ser circuncidados e guardar a Lei.¹⁵ A congregação cristã tivera início em Jerusalém. A Judéia, com sua capital Jerusalém, era onde a firme adesão à guarda da lei prevalecia mais intensamente entre as pessoas que professavam o cristianismo. Essa atitude ainda perdurou por anos após a realização deste concílio especial.¹⁶ Os causadores do problema em Antioquia eram homens estabelecidos em Jerusalém. Estes fatores,

¹³ Gálatas 1:18-20.

¹⁴ Gálatas 2:1, 2.

¹⁵ Atos 15:1, 2, 5, 24.

¹⁶ Confira Gálatas 2:11-14; Atos 21:15, 18-21.

não só a presença dos apóstolos, fizeram de Jerusalém o local natural para o debate e a solução desse problema específico. A presença dos apóstolos divinamente escolhidos era obviamente um fator de peso. Todavia, essa circunstância desapareceria à medida que os apóstolos morressem sem deixar sucessores — ninguém com dons e autoridade apostólicos. De modo que a situação em meados do primeiro século envolvia fatores que não eram de natureza permanente ou contínua, e assim eles simplesmente não são aplicáveis à nossa época.

Além disso, resta o fato de que *mesmo quando os apóstolos estavam vivos, e em Jerusalém*, o apóstolo Paulo claramente não via esse corpo apostólico em Jerusalém como um “corpo governante” no sentido de um centro administrativo internacional, a “sede de uma organização”. Fred Franz, em seu discurso como vice-presidente na formatura de Gileade, em setembro de 1975, tinha explicado claramente este assunto com base nas Escrituras.¹⁷ Conforme a citação de seu discurso apresentada em *Crise de Consciência*, falando do retorno de Paulo e Barnabé a Antioquia após sua viagem missionária, ele exclamou:

Bem, será que o corpo dos apóstolos e outros anciãos da congregação de Jerusalém os convocou ali para dizer-lhes: “Olhem aqui! Soubemos que vocês dois partiram em viagem missionária e a terminaram sem aparecer aqui em Jerusalém para nos prestar relatório. SABEM QUEM SOMOS NÓS? NÓS SOMOS O CONSELHO DE JERUSALÉM. NÃO RECONHECEM A CHEFIA DO SENHOR JESUS CRISTO? Se não aparecerem aqui depressa, vamos tomar uma ação disciplinar contra vocês!” É isto o que diz o relato? Bem, se eles tivessem agido dessa maneira com relação a Paulo e Barnabé por terem prestado relatório à congregação por meio da qual haviam sido enviados pelo espírito santo, então este conselho dos apóstolos em Jerusalém e outros anciãos da congregação judaica ter-se-ia colocado acima da chefia do Senhor Jesus Cristo.

Ao longo de todo o discurso é notável que, embora falando dos “corpos governantes” de várias igrejas modernas, o vice-presidente não tenha feito nenhuma referência a um “corpo governante” existente no primeiro século. Em vez disso, usou consistentemente expressões como “conselho de Jerusalém” ou “corpo apostólico”. Esses termos são, na realidade, muito mais exatos que a expressão “corpo

¹⁷ Veja *Crise de Consciência*, capítulo 4.

governante” para descrever aquilo que efetivamente existiu e ocorreu em Jerusalém. O registro, de fato, indica que não foi um pequeno grupo de homens com autoridade administrativa especial que se reuniu em sessão secreta para tomar uma decisão. Antes, o registro indica uma assembléia de considerável tamanho dos anciãos de Jerusalém, com a congregação inteira eventualmente expressando sua aprovação com respeito, no mínimo, a certos pontos da decisão tomada. As circunstâncias ali nem de longe recordam o arranjo atualmente em vigor dentro da organização das Testemunhas de Jeová e de seu Corpo Governante com sede em Brooklyn.¹⁸

Na época o vice-presidente argumentava contra o conceito de um corpo governante com autoridade mundial. Duvido seriamente que ele

¹⁸ Atos 15:6, 12, 22. A *Sentinela* de 15 de março de 1990 citada, manipula de modo gritante a evidência para ajustá-la à tese que defende. Na página 10 ela exhibe uma gravura do suposto “corpo governante do primeiro século” com apenas dezenove ou vinte homens presentes. Fala também (na página 12) que Cristo acrescentou “vários outros anciãos de Jerusalém” ao corpo governante. Mas o relato de Atos capítulo 15 indica que os anciãos em sua totalidade estavam presentes ao concílio realizado, e não apenas “vários deles”, pois menciona consistentemente os “apóstolos e os anciãos” sem limitar seu número. Umas 3.000 pessoas tinham sido batizadas em Pentecostes, e não muito depois disso apresenta-se o número de crentes como “cerca de cinco mil”. (Atos 2:41; 4:4) Isso foi evidentemente no ano 33 A.D. Quão razoável é acreditar que 16 anos mais tarde, em 49 A.D., houvesse apenas um pequeno punhado de anciãos em Jerusalém? Certamente o seu número teria lotado a sala retratada na gravura de *A Sentinela*. Isso, porém, não se harmonizaria ao conceito de um “pequeno número de homens” formando um corpo governante, tal como os 14 que agora formam o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová, sediado em Brooklyn. A revista também apresenta um quadro totalmente falso da suposta formação de um “corpo governante” entre os adeptos da Torre de Vigia, nos últimos anos do século 19. Conforme mostra *Crise de Consciência*, capítulo 3, de início, Charles Taze Russell, e não um corpo governante, é que exercia pleno controle sobre a Sociedade Torre de Vigia. Até sua morte em 1916, ele era reconhecido como “pastor” único e exclusivo de todas as “eclessias”, e é por isso que se referiam normalmente a ele como “Pastor Russell”. O artigo, da mesma forma, distorce totalmente a verdadeira situação relacionada com o controle administrativo existente nos anos 70, conforme documentado no capítulo 3 de *Crise de Consciência*. Tem-se a impressão de que o autor dos artigos de *A Sentinela* de 1990 ignorava os fatos ou então foi culpado de invenção deliberada.

(depois presidente da sociedade) repetisse esse discurso ou esses argumentos em época posterior, não porque estivesse errado, mas porque as circunstâncias da organização não são mais as mesmas daquele ano de sublevação administrativa, 1975. O alvo óbvio de seu discurso na época, como mostram suas declarações específicas, era apoiar a autoridade da sociedade conhecida como Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (que sempre mencionava em termos favoráveis), e também a autoridade do presidente da mesma, defendendo-as contra o que ele aparentemente via como uma tentativa dos membros do Corpo Governante de assumir o controle. Neste sentido seu esforço não teve êxito. Mas permanece a validade dos argumentos bíblicos que ele suscitou quanto às circunstâncias do primeiro século.

Ele mostrou claramente que o evento único e isolado do concílio de Jerusalém (registrado em Atos, capítulo 15) não é prova da existência de um corpo governante com autoridade abrangente sobre os cristãos do mundo todo. Argumentou que do mesmo modo como Antioquia agiu sem consultar Jerusalém ou obter sua aprovação, também a Sociedade Torre de Vigia e seu presidente podiam agir sem consultar o Corpo Governante ou pedir-lhe aprovação. O problema era que nada disto se harmonizava com os ensinamentos publicados pela organização ou com as afirmações que ele próprio fizera, oralmente ou por escrito.¹⁹

As declarações e a posição desde então publicadas pela organização simplesmente ignoraram os argumentos e evidências usados em 1975 no discurso do vice-presidente (depois presidente) da Sociedade Torre de Vigia. Duvido muito que a maioria dos membros do Corpo Governante tenha sequer percebido o significado das evidências bíblicas apresentadas. Ouvindo-os depois, pareciam não compreender como os tópicos apresentados pelo vice-presidente tinham, de fato, minado todo o conceito de um corpo governante com total controle sobre todas as congregações e sobre os cristãos que as formavam. Como eles, Fred Franz, já presidente da Sociedade, arquivou ou descartou o ponto de vista defendido em seu discurso. Não porque a evidência bíblica tivesse sido refutada. É que ela simplesmente não era compatível com o rumo que a organização resolveu tomar. Ela tinha de se curvar e se acomodar ao que a autoridade decidira.

¹⁹ Veja *Crise de Consciência*, capítulo 4.

Analizando a posição daquela época, parecia-me claro que se tivesse existido um “corpo governante” como corpo administrativo central da congregação primitiva, devia então haver alguma evidência disso além daquela única reunião em Jerusalém. Em parte alguma das Escrituras vemos isto. Em nenhum dos escritos de Paulo, Pedro, João, Lucas, Judas ou Tiago vê-se algum indício de que homens em Jerusalém, ou qualquer corpo centralizado de homens, exercessem supervisão e controle sobre o que se passava nos muitos outros lugares onde havia cristãos. Nada que indique que as atividades de Paulo, Barnabé, Pedro ou quaisquer outros fossem exercidas sob controle e supervisão de um “corpo governante”. Quando os judeus se rebelaram contra o domínio imperial romano e Jerusalém foi destruída em 70 A.D., onde, daí em diante, passou a funcionar o suposto “corpo governante” cristão? Mais uma vez, seria razoável que houvesse pelo menos algum indício disto, se este era mesmo um arranjo de Deus, se este corpo administrativo centralizado era o instrumento divino de Cristo Jesus para dirigir sua congregação em toda a terra.

Os únicos escritos bíblicos subseqüentes à queda de Jerusalém são evidentemente os do apóstolo João. Ele aparentemente escreveu todos por volta do final do século, décadas, portanto, após a destruição de Jerusalém.²⁰ Nenhuma de suas cartas dá o menor indício de um corpo administrativo central funcionando entre os cristãos de seus dias. No livro de Revelação, suas visões mostram Cristo Jesus enviando mensagens a sete congregações da Ásia Menor.²¹ Em nenhuma destas mensagens há indício de que estas congregações estavam sob algum controle exterior senão o do próprio Cristo. Não há sinal de que Ele as dirigisse por meio de um “corpo governante” terrestre visível.

Os escritos dos primitivos autores cristãos do segundo e terceiro séculos estão disponíveis para consulta, mas estes também nada revelam que indique a existência de uma administração central que supervisionasse as numerosas congregações cristãs. A história desse período revela algo bem diferente. Mostra que a base desta autoridade centralizada foi fruto de um desenvolvimento *pós-apostólico* e *pós-*

²⁰ *Estudo Perspicaz das Escrituras* (Vol. 2, página 572), por exemplo, alista a data provável do evangelho de João e de suas três cartas como sendo por volta de 98 A.D.

²¹ Revelação capítulos 1 a 5.

bíblico. Por um processo gradual que levou séculos, isto veio a resultar num tipo de controle centralizado mediante uma liderança organizacional visível, que se ajusta ao conceito da Torre de Vigia sobre um “corpo governante”.

Desenvolvimento do controle centralizado

Embora as fontes históricas não sejam numerosas, a evidência indica que o primeiro passo da centralização veio com uma mudança de opinião, na verdade uma distorção, quanto ao papel dos corpos de anciãos ou “presbíteros” (o termo grego para “ancião” é *presbyteros*). Em vez de serem vistos simplesmente como irmãos mais velhos que servem entre irmãos, como numa família, passou-se a afirmar que estes anciãos tinham uma relação especial com Deus e Cristo, distinta e superior em relação à de seus concristãos. Ao descrever a situação original das coisas na congregação cristã, a *História da Igreja Cristã* (em inglês), de Schaff, página 124, admite:

O Novo Testamento não conhece nenhuma aristocracia ou nobreza espiritual, mas chama todos os crentes de ‘santos’, embora muitos não correspondam à sua vocação. Tampouco reconhece um sacerdócio especial distinto do povo, fazendo mediação entre Deus e a classe leiga. Ele conhece apenas um sumo sacerdote, Jesus Cristo, e ensina claramente não só o sacerdócio universal, como também a realeza universal, dos crentes.²²

Cada cristão tinha uma relação *pessoal* com Deus através de Cristo como Sumo Sacerdote, sem que qualquer outra intervenção humana fosse necessária para servir de mediador. Assim, cada cristão era, ele próprio, parte de um “sacerdócio real”.

É verdade que os anciãos cristãos tinham autoridade bíblica. Mas era autoridade para *servir*, não para subordinar outros; para apoiar, aconselhar, até para repreender, mas nunca para dominar ou ditar ordens. Quando surgia o erro, este era combatido por meio da refutação, da argumentação veraz, da persuasão, nunca mediante coação ou intimidação, a tirania da autoridade.²³ “Um só é o Mestre de vocês, e todos vocês são irmãos.”²⁴ Esse princípio declarado pelo

²² 1 Pedro 2:5, 9; 5:3; Revelação 1:6; 5:10; 20:6.

²³ Mateus 20:25-28; 23:10, 11; 2 Coríntios 1:24; Tito 1; 9-13; 1 Pedro 5; 1-5.

²⁴ Mateus 23:8, *NVI*.

próprio Mestre deve ser mantido sempre em mente quando lemos *qualquer* declaração encontrada nas Escrituras Cristãs.

Em Hebreus, capítulo 13, versículo 17, por exemplo, exorta-se:

Sede obedientes aos que tomam a dianteira entre vós e sede submissos, pois vigiam sobre as vossas almas como quem há de prestar contas; para que façam isso com alegria e não com suspiros, porque isso vos seria prejudicial.

Implica isto numa virtual submissão automática à direção das pessoas que tomam a dianteira? Não, pois a injunção de Cristo não era simplesmente contra alguns serem *chamados* de “líderes”, mas contra alguém pretender exercer a *posição* ou *cargo* de líder, pretender exercer esse tipo de *controle arbitrário*.²⁵ Sobre a palavra grega (*peithomai*) da qual vem a tradução “sede obedientes”, o *Dicionário Teológico do Novo Testamento* (em inglês, Edição Condensada) diz:

Esta palavra significa coisas tais como ‘confiar’, ‘ser convencidos’, ‘acreditar’, ‘seguir’, e até ‘obedecer’.²⁶

Note que a tradução “obedecer” é apenas uma de várias traduções possíveis e é a última alistada. O inspirado escritor de Hebreus já tinha, de fato, ressaltado claramente que os “que tomam a dianteira” deviam estar falando não suas próprias opiniões, interpretações ou injunções, mas “a Palavra de Deus”. (Hebreus 13:7) Como ressalta o conhecido erudito bíblico Albert Barnes, a expressão “os que tomam a dianteira” (ou, em outras versões, “líderes”) traz efetivamente o sentido de “orientadores” ou “instrutores”, que servem como orientadores e pastores.²⁷ Enquanto a orientação dada se harmonizasse com o ensino de Cristo e enquanto o pastoreio manifestasse seu espírito, a reação positiva seria a atitude boa e correta, pois significaria submissão ao ensino de Cristo. Mesmo em assuntos não tratados especificamente nas Escrituras, o cristão cooperaria livremente até o ponto em que sua sujeição não contrariasse sua consciência. Não há, porém, nada que indique submissão automática, subserviente e até indiscutível, a uma

²⁵ Mateus 23:10.

²⁶ Página 818.

²⁷ *Notas de Barnes*, em inglês (Hebreus a Judas), páginas 317, 322.

autoridade superior com direito de *exigir* obediência e que ameaça de expulsão todos os que não se sujeitam.

Como vimos, o sentido básico do termo grego usado (*peithomai*) implica, em si, que a sujeição do cristão viria em resultado de ele primeiro ter ‘confiado’, ter sido ‘convencido’ e ter ‘acreditado’ naquilo que procedia de tais irmãos cristãos, e, com base nisso, é que reagiria de modo positivo. Como irmãos cristãos, eles se haviam reunido numa associação voluntária de crentes, e o que se requer nesse caso é a reação livre e voluntária, com base na consideração bondosa, pois é esta que dará mais prazer ao esforço de pastorear tais homens, e porque agir de outro modo não traria nenhuma vantagem aos que eram servidos. Não é algo prestado como uma obrigação que uma “autoridade” da organização tenha o direito de exigir deles.

Ênfase crescente à autoridade humana

Como o apóstolo predissera, alguns anciãos perderam gradualmente de vista o princípio que governa todas as relações cristãs declarado pelo Amo.²⁸ Em vez de dar plena ênfase à autoridade de Deus e Cristo, há evidência de que começaram a enfatizar cada vez mais sua *própria* autoridade (lembrando constantemente às congregações, é claro, que esta autoridade derivava-se de Deus e de Cristo.)

Por que tiveram êxito em fazê-lo? Pela simples razão de que muitas pessoas, talvez a maioria, preferem deixar que outros assumam a responsabilidade que por direito é delas. Sentem até certo orgulho de ser submissos a homens de poder. Isto acontece hoje e acontecia na época. Assim, dirigindo-se a pessoas em Corinto que se jactavam de homens que se apresentavam como “super-apóstolos”, Paulo escreveu:

Se um homem vos tiraniza, explora-vos, despoja-vos, trata-vos com arrogância, bate-vos no rosto, vós suportais. E nós, vós dizeis, fomos fracos! Eu aceito a censura.²⁹

Com respeito a estas palavras, diz um comentarista bíblico:

A idéia, sem dúvida, é que os falsos instrutores lançaram um domínio sobre as consciências deles, destruíram sua liberdade de opinião e tornaram-nos subservientes à vontade deles. Realmente

²⁸ Atos 20:28-30.

²⁹ 2 Coríntios 11:20, 21, *NEB*.

tomaram-lhes a liberdade cristã a ponto de os tornarem como que escravos... os falsos instrutores realmente os tratavam com tão pouco respeito que era como se lhes batessem no rosto. De que modo isto era feito, não se sabe; mas era provavelmente por meio de seus modos dominadores e do pouco respeito que mostravam pelas opiniões e sentimentos dos cristãos coríntios.³⁰

O apóstolo João dá um exemplo de como esta atitude de auto-importância já transparecia durante sua existência. Ele escreve sobre certo Diótrefes, descrevendo-o como alguém “que gosta de ocupar o primeiro lugar” e que expulsava da congregação os que não se sujeitavam à posição dele.³¹ De modo geral, contudo, o processo parece ter começado com a elevação sutil da autoridade humana. Nos escritos de Inácio de Antioquia (que viveu por volta de 30 a 107 A.D. e morreu como mártir), encontramos exortações como estas:

E estejai sujeitos aos presbíteros [anciãos], como aos apóstolos de Jesus Cristo. Vossos presbíteros [presidem] no lugar da assembléia dos apóstolos. [Sede] sujeitos ao presbitério [corpo de anciãos] como à lei de Jesus Cristo.³²

Isto, na prática, revestia os anciãos duma autoridade equivalente à dos apóstolos e igualava a sujeição a eles com a sujeição à lei de Cristo. Mas o fato é que não eram apóstolos, não tinham sido escolhidos como tais pelo Filho de Deus, de modo que não tinham autoridade apostólica e seria errado vê-los nessa condição. Tais advertências eram, na verdade, extensões sutis de certas exortações vistas nas Escrituras, pareciam plausíveis, mas traziam sérias implicações. Vendo as coisas da perspectiva que estabeleceu, Inácio argumentou que aquele que faz algo sem aprovação do superintendente e do corpo de anciãos e diáconos “não é puro de consciência”.³³

Ensinos como estes assinalam o início da distinção entre clero e leigos. Assinalam ainda a intromissão também sutil da autoridade religiosa humana na área da consciência pessoal. Os homens que exigiam uma submissão cada vez maior não se empenharam, como

³⁰ *Notas de Barnes*, em inglês (1 Coríntios a Gálatas), páginas 232, 233.

³¹ 3 João 9, 10.

³² “Epístola aos Tralianos”, de Inácio, capítulo II; “Epístola aos Magnésios”, capítulo VI; a mesma epístola, capítulo II.

³³ “Epístola aos Tralianos”, de Inácio, capítulo VII.

outros haviam feito antes, em estabelecer um controle legalista mediante a imposição da circuncisão e da lei Mosaica. Mas embora seus métodos diferissem, o resultado final foi a não menos perigosa erosão da liberdade cristã das pessoas individualmente.³⁴

Um arranjo monárquico

Um passo adicional neste processo de desenvolvimento de uma autoridade centralizada visível foi a promoção de um dos membros do corpo de anciãos a uma posição superior, um nível de autoridade maior que a de seus co-anciãos.

A evidência (também apresentada na publicação *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, da Torre de Vigia) é de que originalmente os termos “superintendente” (*episkopos*) e “ancião” (*presbyteros*) eram intercambiáveis, um descrevendo a função, o outro a qualidade madura da pessoa. Pode ter sido, naturalmente, uma prática costumeira que um dos anciãos atuasse como presidente em suas reuniões e debates. Com o tempo, todavia, decidiu-se que apenas um dos anciãos manteria com destaque a posição de superintendente, de modo que o termo passou a

³⁴ Augustus Neander, respeitado historiador eclesiástico do século 19, em sua obra *História Geral da Religião e da Igreja Cristãs* (em inglês), páginas 194 a 201, aponta a maneira em que a igreja cristã, em vários aspectos, reverteu às posições do Antigo Testamento. Em vez do sacerdócio universal de *todos* os crentes, surgiu gradualmente um sacerdócio separado, distinto do corpo principal dos cristãos e atuando como que mediadores na relação deles com Deus. Tertuliano (cerca de 145-220 A.D.) chegou a referir-se ao superintendente congregacional ou “bispo” como o “principal sacerdote”, assim como também se referiu aos que não eram superintendentes, anciãos ou diáconos, como “leigos”. (“Sobre o Batismo”, Capítulo XVII.) Sobre os efeitos disto, Neander comenta: “Este título pressupõe que os homens já haviam começado a comparar os presbíteros [anciãos] com os sacerdotes; os diáconos, ou a classe espiritual de modo geral, com os levitas... Quando a idéia do sacerdócio cristão universal saiu de cena, a idéia da consagração sacerdotal que os cristãos deviam fazer para toda a vida foi-se junto com ela.... Cristo havia elevado a inteira vida terrena à dignidade duma vida espiritual... as novas noções com respeito à dignidade do clerus [que significa escolhidos ou designados], levaram os homens a crer que aquilo que até então se considerava como dádiva gratuita do Espírito a todos os cristãos individualmente, devia ser confinado a um cargo particular no serviço da igreja... Agora a livre operação do Espírito tinha de ser confinada a um processo formal, mecânico.”

aplicar-se unicamente a esse indivíduo, e não a todos os anciãos. Por que se fez isto?

A concentração de maior autoridade numa única pessoa foi vista, evidentemente, como uma medida “prática”, que pôde ser justificada pelas circunstâncias como um meio para se chegar a um fim correto. Jerônimo, que fez a primeira tradução da Bíblia para o latim por volta de 404 A.D., confirma isto. Reconhecendo primeiro que, no início, anciãos e superintendentes eram a mesma coisa, ele diz em seguida:

....gradualmente toda a responsabilidade foi entregue a uma só pessoa, para que as moitas de heresias fossem desarraigadas.³⁵

A introdução de ensinoss falsos, como talvez também as ondas de perseguições sofridas, fizeram os anciãos acharem que seria prático concentrar mais autoridade nas mãos duma só pessoa, que passou a ser **o superintendente**, o único superintendente entre os anciãos. Como o termo “bispo” provém da palavra grega para “superintendente” (*episkopos*), isto deu origem ao cargo de bispo. Sem dúvida, havia diferentes opiniões e ensinoss errados vindo à tona nas congregações cristãs. Se os que serviam no pastoreio cristão tivessem confiado na verdade das Escrituras, incluindo os ensinoss de Cristo e seus apóstolos, como arma espiritual para combatê-los, teriam demonstrado fé no poder da verdade para ‘demolir raciocínios e toda coisa altiva levantada contra o conhecimento de Deus’, conforme declara o apóstolo Paulo. Em vez disso, os homens voltaram-se então para uma arma carnal, recorrendo à *elevação da autoridade humana* como meio de manter a unidade cristã e, supostamente, a pureza doutrinal.³⁶

Neste respeito, Inácio exortara os superintendentes: “Preocupai-vos em preservar a unidade, pois não há nada melhor.”³⁷ Infelizmente, o apelo desviou a atenção do amor e da verdade como meio de manter a

³⁵ Jerônimo, conforme citado no comentário de Lightfoot sobre a Epístola aos Filipenses, páginas 229, 230.

³⁶ 2 Coríntios 10:4, 5

³⁷ “Epístola a Policarpo”, capítulo I; suas palavras ecoaram claramente por meio de Hayden Covington durante o julgamento na Escócia, considerado no capítulo 2 deste livro, pois ali este representante da Torre de Vigia declarou que era objetivo da organização ter “unidade a qualquer preço”, ainda que isto significasse a “aceitação obrigatória” dos ensinoss dela.

unidade, voltando-a, em vez disso, para a submissão aos líderes religiosos. Assim, vemos nos escritos de Inácio a opinião de que a unidade com Deus dependia da ‘cooperação harmoniosa com o Superintendente’.³⁸ Como disse certo erudito, o cargo de bispo (superintendente) passou a constituir-se em “um centro visível da unidade da congregação.”³⁹

Tudo isso recorda o raciocínio humano que levou Israel, diante de problemas internos e ataques externos, a buscar um rei como chefe visível em torno do qual se reunir e em quem procurar orientação. Deus, embora lhes concedendo Saul como rei, caracterizou a atitude deles como rejeição de seu próprio governo invisível, uma ação que não era fruto da fé, mas da falta de fé. Ele os avisou da carga que isto representaria para eles, das restrições que isto traria à liberdade deles. Eles, porém, persistiram no desejo de ter um governo visível sobre si.⁴⁰ A mesma falta de fé continua a motivar as pessoas, até hoje, a desejar e procurar um “centro visível de unidade”, ao invés de, pela fé, olhar para a chefia invisível de Cristo Jesus.

Os laços que inicialmente uniam os cristãos tinham sido a fé e a esperança comuns, o amor mútuo como membros da família cristã. Tinham se congregado em suas cidades e aldeias como pessoas livres, fora do domínio ou controle de uma estrutura de autoridade de amplo alcance. Meio século após a morte dos apóstolos, ocorria uma mudança radical. A direção tomada pela igreja do segundo século A.D. e as forças que a impulsionavam são definidas na história de Schaff:

....todo o espírito da igreja da época pendia para a centralização; por toda parte sentia-se a demanda por uma unidade compacta, sólida; e esta inclinação interna, em meio aos circundantes perigos da perseguição e da heresia, levou irresistivelmente a igreja em direção ao episcopado [governo congregacional de um só superintendente]. Numa época tão crítica e tempestuosa, prevalecia acima de tudo o princípio de que união é força e divisão é fraqueza... Tal unidade era provida

³⁸ “Epístola aos Efésios” de Inácio, capítulo VI; “Epístola aos Tralianos”, capítulo II. Em sua “Epístola aos Filadélfios”, capítulo III, ele escreve: “Pois todos os que são de Deus e de Cristo estão também com o bispo [superintendente].”

³⁹ Comentário de Lightfoot sobre a Epístola aos Filipenses, página 234, 235.

⁴⁰ 1 Samuel 8:4-20.

pelo bispo [superintendente], que mantinha uma relação monárquica, ou mais propriamente patriarcal, com a congregação. No bispo contemplava-se o representante visível de Cristo, o grande chefe de toda a igreja... No bispo é que toda a postura religiosa das pessoas para com Deus e Cristo encontrava seu apoio e orientação públicos.⁴¹

Apelos por *lealdade* e *submissão* a esta autoridade visível foram feitos por vários escritores cristãos. Nas Homilias Clementinas, diz-se o seguinte a um superintendente:

E teu trabalho é ordenar as coisas que forem apropriadas, e o dos irmãos é submeter-se, não desobedecer. Portanto, submetendo-se eles serão salvos, mas desobedecendo serão punidos pelo Senhor, porque ao presidente [o superintendente presidente] foi confiado o lugar de Cristo. Sendo assim, sem dúvida, a honra ou o desrespeito demonstrados para com o presidente são extensivos a Cristo, e de Cristo a Deus. E isto tenho dito, que estes irmãos não estejam ignorantes do perigo que correm por desobedecerem a ti, pois quem desobedecer a tuas ordens desobedece a Cristo, e quem desobedece a Cristo ofende a Deus.⁴²

Este raciocínio simplista, de que o superintendente presidente representava a Cristo, e desta forma *qualquer instrução dele* tinha de ser recebida como se viesse de Cristo, exercia coação sobre os membros da congregação, amarrando-os. É incrível que não faça a ressalva de que as instruções do superintendente tinham de se harmonizar com as de Cristo, ou que não podiam ser contrárias às de Cristo. Nesse último caso, mereciam ser desobedecidas. E mesmo sem ser *diretamente* contrárias, podiam ser questionadas como instruções que iam, de algum modo, *além* do que mandavam as Escrituras, ficando assim sujeitas ao que a consciência e o critério pessoais determinassem. Esta injunção autoritária foi uma aparente tentativa de revestir humanos imperfeitos de uma honra que cabe apenas ao Amo perfeito. Se aceita na forma absoluta como foi declarada, com a conseqüente supressão do critério pessoal, converteria as pessoas em discípulos e seguidores de homens, tal como advertira o apóstolo

⁴¹ Philip Schaff, *História da Igreja Cristã* (em inglês), páginas 56 e 57.

⁴² “As Homilias Clementinas”, Homilia II, capítulos 66, 70. Embora atribuídas a Clemente de Roma, as Homilias Clementinas são de autoria e data incertas, embora haja evidências de que não são posteriores ao terceiro século A.D.

Paulo.⁴³ Apesar de plausível ou atraente, o argumento era pernicioso, fruto do pensamento distorcido. Contudo, até hoje se recorre praticamente a idêntico argumento, do mesmo modo e com o mesmo efeito.

Vê-se apelo similar de obediência irrestrita e respeito reverente da congregação à autoridade humana nos escritos de Inácio, do início do segundo século, conforme utilizado neste argumento:

Pois devemos receber a cada um a quem o Amo da casa enviou para administrar sua família, como receberíamos Aquele que o enviou. É manifesto, portanto, que devemos mostrar ao bispo [o único superintendente] a mesma consideração que mostrariamos ao próprio Senhor.⁴⁴

Compare esta exortação de submissão ao bispo, do segundo século, com estas palavras:

Abandonar ou repudiar o instrumento escolhido do Senhor significa abandonar ou repudiar o próprio Senhor, com base no princípio de que aquele que rejeita o servo enviado pelo Amo rejeita, por este meio, o Amo.

A última citação é do século vinte, da edição de 1º de maio de 1922 de *A Sentinela* (em inglês), que procurava dessa forma incutir lealdade aos ensinos do primeiro presidente da Torre de Vigia, Charles T. Russell. A matéria prosseguia, dizendo:

Assim, repudiar a ele e à sua obra equivale a repudiar ao Senhor, com base no princípio anunciado anteriormente.

Dezoito séculos separam os escritos de Inácio do da Torre de Vigia. No entanto, o argumento é idêntico; o mesmo raciocínio plausível, o mesmo efeito pernicioso de transformar pessoas em seguidores de homens. O mesmo argumento continua a ser usado hoje. A única diferença é que a lealdade a Russell é agora transferida para “a organização”, apresentada como “o instrumento escolhido do Senhor”, ao qual só se pode desobedecer ao preço de tornar-se culpado de repudiar a Cristo. Pensa-se, de algum modo, que pelo fato de tanta autoridade e honra serem conferidas a um grupo em vez de a um só

⁴³ Atos 20:30.

⁴⁴ “Epístola aos Efésios” de Inácio, capítulo VI.

indivíduo, isso a torne apropriada. Este é um raciocínio ilusório que, tal como no segundo século, consegue influenciar a muitos que parecem incapazes de perceber sua falácia.

Inácio, comparando a obediência ao bispo [superintendente], presbíteros [anciãos] e diáconos com a obediência a Cristo, “que os designou”, dizia correspondentemente que desobedecer a eles significava também ‘desobedecer a Cristo Jesus’. Ele não concede nenhum motivo justo para não se sujeitar, dizendo:

Pois aquele que não presta obediência a seus superiores é autoconfiante, briguento e orgulhoso.⁴⁵

Este rótulo negativo aos que não acatam os ditames da autoridade religiosa também tem seus equivalentes no século vinte, empregando virtualmente a mesma linguagem. Falando dos que discordam das afirmações da Sociedade Torre de Vigia relacionadas à “presença” de Cristo desde 1914, *A Sentinela* de 1º de fevereiro de 1981 (página 19) os descreve como “adotando uma atitude desafiadora da lei para com o ‘escravo fiel e discreto’, o Corpo Governante da congregação cristã e os anciãos designados”, e então diz o seguinte a respeito de quem discorda dessa autoridade “teocraticamente designada”:

Acha que sabe mais do que seus concristãos, também mais do que o “escravo fiel e discreto”, por meio de quem aprendeu a melhor parte, senão tudo o que ele sabe sobre Jeová Deus e seus propósitos. Desenvolve o *espírito de independência* e torna-se “soberbo de coração... algo detestável para Jeová”. (Pro. 16:5)

Estas são, mais uma vez, palavras notavelmente similares às de Inácio, no esforço de exaltar a importância da autoridade episcopal.

No escrito de Inácio, o fardo da submissão foi posto de modo desigual sobre os membros da congregação. O raciocínio usado mais uma vez ignorou a responsabilidade maior que recaía sobre quem afirmava ser representante de Cristo de demonstrar, ele mesmo, plena submissão a Cristo por apresentar a própria mensagem do Amo, não adulterada por acréscimos e alterações humanos. Cabia a este a responsabilidade de fornecer provas de que a instrução que dava à congregação era realmente de Deus e Cristo e firmemente baseada nas

⁴⁵ “Epístola aos Efésios” de Inácio, capítulo V.

Escrituras inspiradas. Tais representantes não poderiam ser “exemplos para o rebanho” a menos que *eles próprios* mostrassem modéstia e humildade mental, em vez de simplesmente as exigir dos outros.

Repassando todo o processo de ênfase crescente à autoridade humana, o erudito bíblico Lightfoot observou:

Não é preciso ressaltar quão subversivo do verdadeiro espírito do cristianismo, na negação da liberdade individual e na conseqüente supressão da responsabilidade direta perante Deus e Cristo, é o despotismo esmagador com o qual esta linguagem, se tomada literalmente, investiria o cargo episcopal.⁴⁶

A evidência é de que tais palavras têm sido tomadas literalmente, tanto no passado como nos tempos modernos, resultando na negação da liberdade individual e na supressão do senso de responsabilidade direta e pessoal perante Deus e Cristo, por parte do indivíduo.

A tendência era considerar que os homens “designados” levavam muito dessa responsabilidade. Com crescente vigor, os cristãos do período pós-apostólico eram exortados a crer que, para manter o favor de Deus, teriam simplesmente de ser submissos ao superintendente ou bispo e aos líderes da congregação e concordar com eles. Estes homens, que professavam representar a Deus e a Cristo, deviam ser acreditados e seguidos do mesmo modo como se acreditaria e seguiria os apóstolos de Cristo, sim, como se acreditaria e seguiria o próprio Cristo. Quando falassem, seria como se o próprio Deus tivesse falado. A necessidade de *pôr à prova* todo ensino, de chegar à *convicção individual da verdade*, de exercer a *consciência cristã individual* e a necessidade de um agudo senso de *responsabilidade individual* diante de Deus pelas próprias crenças, atos e proceder — estes foram minimizados em favor da ênfase à submissão à autoridade humana constituída, o “centro visível da unidade”.

Quanta necessidade, então, tinham os cristãos daquele tempo de apegar-se firmemente à exortação do apóstolo:

Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais de novo a jugo de escravidão.⁴⁷

⁴⁶ Comentário de Lightfoot sobre a Epístola aos Filipenses, página 237.

⁴⁷ Gálatas 5:1, ARA.

Da autoridade centralizada congregacional para a autoridade centralizada internacional

O processo centralizador pós-apostólico começou como assunto interno da congregação, com a formação de um episcopado monárquico, mas não parou aí. Passou a ser intercongregacional. Este passo foi dado quando os superintendentes presidentes (bispos) de diferentes cidades começaram a reunir-se em conferência ou concílio. A história geralmente chama isso de “sínodo” (termo que um dicionário define como se referindo especialmente a um “corpo governante religioso”).⁴⁸ A idéia de tais concílios ou sínodos baseava-se no relato de Atos capítulo 15 e no concílio de Jerusalém ali descrito.

Esse relato, contudo, não dá fundamento para a realização de tais sínodos em base regular, nem para a instituição de um concílio permanente que tome decisões sobre assuntos doutrinários e congregacionais, como se fosse um tribunal religioso. Em seu comentário, o erudito Barnes, do século 19, destacava isto dizendo:

Este concílio geralmente tem sido invocado como justificativa para os concílios que a igreja instituiu como arranjo permanente, e especialmente como justificativa para a existência de tribunais de apelação e controle. Ele, porém, não estabeleceu nenhum dos dois, e tampouco devia ser usado como justificativa para nenhum deles. Porque: (1) Ele *não* foi um tribunal de apelação em qualquer sentido inteligível. Foi uma assembléia convocada com um propósito especial, destinado a sanar uma questão que foi suscitada num determinado setor da igreja, e que exigia a sabedoria conjunta dos apóstolos e anciãos. (2) Não teve nenhum dos elementos de um *tribunal*... tribunais judiciais pressupõem um grau de autoridade que o Novo Testamento não comprova ter sido concedido a qualquer corpo eclesiástico de homens. (3) Não há o menor indício de que este caráter permanente fosse atribuído a este concílio, ou que viesse a ser periódica ou regularmente repetido. Ele prova, sem dúvida, que quando ocorrem dificuldades — quando os cristãos estão perplexos e confusos, ou quando surgem contendas — é apropriado recorrer a homens cristãos para conselho e orientação... mas o exemplo do concílio convocado numa emergência especial em Jerusalém não deve ser citado como autorização divina para estas assembléias periódicas... (4) Deve-se acrescentar que, a

⁴⁸ Merriam-Webster Dictionary (1975, Edição de Bolso), sob “sínodo”.

decisão dos apóstolos e anciãos foi logicamente recebida, naquele tempo, com um grau de autoridade (cf. cap. XVI, 4) que nenhum corpo de ministros e leigos pode agora reivindicar. Ademais, jamais se deve esquecer — o que, aliás, parece ter sido deleite e interesse dos eclesiásticos — que nem os apóstolos nem os anciãos alegaram ter qualquer jurisdição sobre as igrejas de Antioquia, Síria e Cilícia; que não reivindicaram o direito de tratar destes casos; que não tentaram “tornar-se senhores” da fé ou da consciência deles. Tratava-se de uma questão singular, específica e definida trazida a eles, e como tal eles a decidiram... não determinaram que futuros casos desse tipo fossem trazidos a eles ou a seus sucessores, ou a algum tribunal eclesiástico. É evidente que consideravam uma bênção que as igrejas usufríssem a mais ampla liberdade, e não cogitaram nenhum arranjo de caráter permanente conferindo-lhes o direito de legislar sobre artigos de fé, ou de elaborar leis para a orientação dos homens livres do Senhor.⁴⁹

A evidência apóia os pontos declarados acima, todos os quais demonstram a fragilidade da posição da Torre de Vigia relativa a um “corpo governante” permanente e contínuo funcionando através dos anos. Se tivesse havido algum tipo de “corpo governante” centralizado atuando desde o início do cristianismo em diante, tais concílios não seriam algo novo, não seriam uma inovação. Se o concílio envolvendo Jerusalém e Antioquia descrito no capítulo 15 de Atos tinha de ser modelo e norma a serem seguidos, então, mesmo após a queda de Jerusalém em 70 A.D. tais concílios teriam continuado. Ao contrário, *História da Igreja Cristã* (em inglês), de Schaff afirma:

...não temos nenhum indício distinto de concílios até meados do segundo século... quando surgem pela primeira vez.⁵⁰

Portanto, é pelo menos *cem anos* após os eventos do capítulo 15 de Atos que temos evidência da realização de outros concílios desse tipo.

A história mostra, além disso, que estes concílios eram abertos originalmente a todos os membros das congregações, podendo as pessoas da comunidade onde o concílio se realizava, assisti-lo, e em

⁴⁹ *Notas de Barnes*, em inglês (Atos, Romanos), página 235. Sendo Barnes membro da Igreja Presbiteriana, é notável sua honestidade com respeito a esse aspecto. Apesar de essa denominação ter um sínodo permanente chamado “Assembléia Geral” ele não hesitou em demonstrar que tal arranjo é uma questão de pura opção da igreja, e não algo divinamente autorizado.

⁵⁰ Página 176.

alguns casos, até influenciá-los. Com o tempo, porém, assistir aos sínodos e participar neles tornou-se algo restrito. Schaff diz:

Mas com o avanço do espírito hierárquico, este espírito republicano [isto é, a permissão ao comparecimento, não só de bispos ou superintendentes, mas também de anciãos e membros comuns da congregação] gradualmente desapareceu. Depois do Concílio de Nicéia (325) só os bispos tinham assento e voz... Os bispos, além do mais, não atuavam como representantes de suas igrejas, nem em nome do corpo dos crentes, como antes, mas em nome de seus próprios direitos como sucessores dos apóstolos.⁵¹

Esporádicos no início, os concílios gradualmente se tornaram mais frequentes e sua autoridade, na forma das decisões tomadas, recebia enaltecida ênfase.

Na época de Cipriano (200-258 A.D.), estes sínodos ou concílios, e as conclusões, diretrizes e posições tomadas neles, foram destacadas como vitais. Cipriano sustentou que a unidade da Igreja consistia na unanimidade dos superintendentes ou bispos.⁵² O superintendente presidente ou bispo veio a tornar-se o único representante de sua congregação no concílio, e, daí por diante, transmitia as decisões do concílio aos membros da congregação. Como diz Lightfoot, o bispo ou superintendente se tornara o “canal indispensável da graça divina”.⁵³

Os que não aceitassem o que vinha por meio deste “canal” eram denunciados por Cipriano, que dizia serem eles culpados do “pecado de Corá, Datã e Abirão”, que se rebelaram contra Moisés e Arão.

Compare esta atitude com o que segue:

Temos de demonstrar nosso entendimento nestes assuntos, apreciando nossa relação à organização teocrática visível e lembrando-nos da sorte dos semelhantes a Corá e Acã, Saul e Uzias e os demais que se esqueceram da ordem teocrática.

Estas palavras da edição de novembro de 1952 da *Sentinela*, página 164, refletem a linguagem de Cipriano.⁵⁴ Lightfoot observa que

⁵¹ Philip Schaff, *História da Igreja Cristã* (em inglês), página 178.

⁵² “Os Tratados de Cipriano”, Tratado I, parágrafo 5.

⁵³ Comentário de Lightfoot sobre a Epístola aos Filipenses, página 243.

⁵⁴ Veja também *A Sentinela* de 1º de março de 1983, página 13.

Cipriano usou analogias do Antigo Testamento (como a de Corá) vez após vez em seus argumentos, e destaca que tais alegações “são exortadas ainda mais... como absolutas, imediatas e inquestionáveis.” Isto significa que Cipriano não precisava *provar* que sua analogia estava correta, que essas pessoas estavam de fato fazendo o mesmo que os rebeldes da época de Moisés — ele só precisava afirmar que era assim e esperar que todos concordassem.

Isto também tem um paralelo exato na moderna organização das Testemunhas de Jeová. Analogias idênticas são aplicadas aos que não acatam os pronunciamentos do “canal” organizacional e, em palavras iguais às de Inácio, os que não se sujeitam são descritos como “autoconfiantes, briguentos e orgulhosos”. Basta que a organização diga que certa analogia com pessoas do passado se aplica para esperar que todos acreditem nisso.

Salvação apenas na organização religiosa e através dela

A congregação ou igreja passava a ser vista, não como simples fraternidade, unida pela fé comum e pelo amor mútuo, mas como instituição religiosa com limites definidos, limites institucionais que ninguém podia ultrapassar sem conseqüências desastrosas. Assim, Cipriano escreveu:

Já não pode ter a Deus como Pai aquele que não tem a Igreja como mãe. Se alguém pudesse escapar estando fora da arca de Noé, então se poderia também escapar estando fora da igreja.⁵⁵

Deste modo, o ensino bíblico de que a salvação resulta da fé no sacrifício resgatador de Jesus Cristo recebia um acréscimo, era ampliado e estendido além do que dizem as Escrituras. Ninguém poderia ser salvo, dizia-se, se não estivesse dentro da igreja

⁵⁵ “Os Tratados de Cipriano”, Tratado I, parágrafo 6; Schaff (*História da Igreja Cristã*, página 174) comenta: “O princípio das Escrituras: ‘Fora de Cristo não há salvação’, foi contraído e restringido ao princípio cipriânico: ‘Fora da igreja (visível) não há salvação.’” As publicações da Torre de Vigia usam *virtualmente o mesmo argumento* de Cipriano com sua referência a estar na “arca”, ao considerar que a salvação da pessoa depende de estar dentro da “organização visível” e seu “paraíso espiritual”. Compare com *Poderá Viver Para Sempre no Paraíso na Terra*, páginas 192, 193; *A Sentinela*, 15 de junho de 1975, páginas 379, 380.

organizada, sujeito ao superintendente ou bispo. O papel exclusivo do Filho de Deus como meio de salvação já não era exclusivo. Os homens passavam a entrar neste papel; os superintendentes e a instituição ou organização eclesiástica partilhavam o papel vivificador de Cristo, como se fossem também essenciais para a salvação.

As palavras passaram a ter significado diferente. O termo grego *ekklesia*, geralmente traduzido como “igreja” ou “congregação”, significa simplesmente “assembléia ou ajuntamento”. No uso comum das Escrituras Cristãs referia-se simplesmente ao ajuntamento de pessoas que se reuniam como concrentes. Constituíam um “ajuntamento” porque *se ajuntavam* ou reuniam-se. Exceto no período inicial, quando ainda eram bem-vindos nas sinagogas, os ajuntamentos (reuniões) realizavam-se principalmente, e de fato, quase exclusivamente, em casas particulares.⁵⁶ Era o *ato* de reunir-se ou congregar-se que fazia deles uma congregação, e não o *alistamento* formal como *membro* de algum grupo constituído ou “organizado”. O termo *ekklesia* aplicava-se a eles como povo reunido, uma assembléia de pessoas, quer em sentido local quer por ser visto como uma coletividade, a assembléia dos primogênitos.⁵⁷ Eles eram uma “comunidade”, isto é, um povo reunido por interesses comuns.

Embora o termo não deixasse de ser usado nestes sentidos, um significado diferente veio à luz nos séculos seguintes. Como mostram as citações feitas do período, o termo “igreja” (*ekklesia*) passou a referir-se de fato à *autoridade religiosa* manifestada nos homens que exerciam controle cada vez maior sobre os que se congregavam. A lealdade à “igreja” significava agora, não simples lealdade à comunidade cristã, mas mais particularmente à liderança e à sua direção. De modo similar, quando a “igreja” falava, não era a *comunidade* que falava, mas sim a *autoridade religiosa*.

Tudo isto representou uma sutil mas substancial mudança de foco quanto ao dever da lealdade e adesão cristãs. Mudou o foco da *cabeça*, Cristo, para o *corpo* ou, na realidade, para os professos membros mais expressivos do corpo, que afirmavam falar com autoridade em nome

⁵⁶ Romanos 16:5; Colossenses 4:15; Filêmon 2.

⁵⁷ Atos 13:1; 1 Coríntios 1:2; 16:1, 19; Efésios 5:23; Colossenses 1:18; Hebreus 12:23.

do corpo. Não é que os cristãos não devam ter profundo interesse nos co-membros do corpo, pois todos devem ter o “mesmo cuidado uns para com os outros. E, se um membro sofre, todos os outros membros sofrem com ele; ou, se um membro é glorificado, todos os outros membros se alegram com ele.”⁵⁸ Mas o que mais garante este espírito unido são a lealdade e o apoio, não ao grupo dos professos membros que ganham posições de controle, mas ao genuíno Cabeça, Cristo. Onde forem firmes esta lealdade e este apoio, os cristãos jamais deixarão de mostrar que se importam com os co-membros do corpo.

O efeito da mudança forjada no início da era pós-apostólica é hoje claramente evidente. Embora todas tiradas diretamente do grego *ekklesia*, palavras como “eclesiástico” e os termos para “igreja” em francês, espanhol e italiano (*église, iglesia, chiesa*), por exemplo, raramente transmitem a idéia de uma assembléia de pessoas, e sim de uma *organização* eclesiástica (ou ainda de um *edifício* religioso). No capítulo seguinte, veremos como esta mesma alteração desempenhou um papel importante em moldar a perspectiva das Testemunhas de Jeová, no que diz respeito à sua lealdade e apoio.

Sede de uma organização internacional

Apesar dos concílios periódicos realizados, não existia ainda nenhuma direção central sobre as congregações cristãs, nenhum “corpo governante” internacional exercendo autoridade controladora sobre os cristãos de todos os lugares. Eventualmente, porém, isso aconteceu.

A mesma motivação que anteriormente levava ao arranjo monárquico na congregação, onde um só membro do corpo de anciãos tornou-se o único superintendente (ou bispo), alguém em torno de quem a congregação podia unir-se como “centro visível de unidade”, e que levou mais tarde à realização de sínodos ou concílios para uma determinada região, agora “pressionava para que se criasse um centro visível para toda a igreja”, em âmbito internacional.⁵⁹

De início, os concílios de superintendentes exerciam influência apenas sobre determinada área, província ou região. Todavia, com a realização do concílio de Nicéia (325 A.D.), o caráter universal e

⁵⁸ 1 Coríntios 12:25, 26.

⁵⁹ Philip Schaff, *História da Igreja Cristã* (em inglês), página 155.

abrangente começou a surgir. A ênfase à autoridade humana que se iniciara de modo intracongregacional e depois intercongregacional, tornou-se, por fim, internacional. O Concílio Niceno foi convocado pelo imperador romano Constantino (não-batizado), principalmente para estabelecer entre os bispos (superintendentes) cristãos uma posição unificada acerca da relação entre Cristo e Deus, assunto que causava profundas divisões. A questão não era quanto à *divindade* de Cristo, um fato aceito, mas quanto a se ele devia ser identificado com o Deus supremo, Soberano do céu e da terra. Sobre essa ocasião, Sócrates (380-450 A.D.), historiador leigo, escreveu:

A situação foi exatamente como uma batalha travada durante a noite, pois ambos os lados pareciam estar no escuro no que diz respeito às bases sobre as quais lançavam insultos uns contra os outros.⁶⁰

O historiador eclesiástico Eusébio de Cesaréia (cerca de 260-339), afirma que, por intervenção pessoal direta de Constantino nas deliberações do concílio, adotou-se uma fórmula declarando que Jesus foi “gerado e não criado, sendo um só [em grego, *homoousios*] com o Pai.” Mostrando o poder que a decisão deste corpo internacional teve na época, Jaroslav Pelikan, historiador da Universidade de Yale, em seu livro *Jesus Através dos Séculos* (em inglês), página 53, escreve:

Uma vez que o Concílio de Nicéia aceitou estas fórmulas, estas se tornaram lei não só para a igreja, mas para o império.

De acordo com *História Eclesiástica*, 1.9, de Sócrates, Constantino escreveu à igreja de Alexandria (Egito) que “a temível enormidade das blasfêmias que alguns estavam vergonhosamente proferindo em relação ao poderoso Salvador, nossa vida e esperança”, tinha sido agora suprimida, “pois aquilo que se recomendou pelo julgamento de trezentos bispos não pode ser outra coisa senão a doutrina de Deus.”

Diz muito da mentalidade que se desenvolvera entre os professores cristãos que eles tenham aceitado e acreditado que, simplesmente porque um grande número de líderes religiosos votou, qual corpo governante, a favor de certa posição, isto garantia que ela estivesse correta, tornando-a, de fato, “doutrina de Deus”. Todavia, a mesma

⁶⁰ *História Eclesiástica*, I. 23, de Sócrates, citada em *A Ascensão do Cristianismo* (em inglês), de W.H.C. Frend, página 498.

mentalidade prevalece hoje, embora com um número menor de pessoas.

O processo de centralização levou, com o tempo, à formação da Igreja Católica (que significa “universal”) e à formação de um governo central da igreja. O processo foi reforçado pelo poder político do Império Romano.⁶¹

Levou alguns séculos, mas a constante insistência na unidade das crenças e na harmonia das ações exigiu o aumento gradual e progressivo da autoridade humana, o que eventualmente gerou o resultado final: *a direção e o controle internacional das congregações por uma autoridade centralizada*. Resultou também em número cada vez maior de cargos de destaque, à medida que cada passo sucessivo do processo criava áreas e níveis de autoridade adicionais, e por fim, uma hierarquia.

O proclamado alvo da uniformidade de crença podia então estar realizado, mas o preço fora a perda da liberdade cristã individual. As questões quanto à base bíblica de certos ensinamentos, normas e arranjos, podiam agora ser resolvidas, não pelo poder convincente da verdade, mas pela aplicação esmagadora da autoridade.

O erudito do século 18 citado no início deste capítulo, depois de mostrar que a *autoridade* fora o meio de que se utilizaram os judeus e os gentios para combater as boas novas no primeiro século, passou então, ironicamente, a dizer:

....quando os cristãos cresceram em número e se tornaram maioria, e vieram a concluir que o mesmo método que fora empregado pelos inimigos e destruidores de sua causa era o único apropriado a se utilizar em favor desta causa, foi a autoridade dos cristãos que então, passo a passo, não só manchou a honra do cristianismo como quase a extinguiu dentre os homens.⁶²

⁶¹ Esta centralização foi mais tarde afetada por uma luta pelo domínio e supremacia da autoridade entre o segmento ocidental da igreja, representado por Roma, e sua parte oriental, representada por Constantinopla. Esta divisão é vista hoje entre a Igreja Católica Romana e a Ortodoxa.

⁶² *Enciclopédia de McClintock e Strong* (em inglês), Volume I, página 553, sob “Autoridade”.

A autoridade para servir e edificar foi pervertida, transformada em autoridade para subordinar, controlar e dominar, num processo destrutivo não só da liberdade cristã, mas do próprio espírito do cristianismo e da fraternidade cristã.

Ao considerar, diante do histórico já apresentado, a posição do homem que serve na congregação em qualquer capacidade, o erudito Lightfoot observa que, ao longo das Escrituras:

...seu cargo é representativo e não vicário. Ele não se interpõe entre Deus e o homem de modo tal que a comunhão direta com Deus seja anulada, por um lado, ou que sua própria mediação se torne indispensável, por outro.⁶³

Significa que os homens nunca podem, com razão, alegar que: ‘Já que somos subpastores de Cristo, vocês devem nos tratar como ao próprio Pastor; não devem questionar nossas instruções assim como não questionariam as dele. É através de *nós* que vocês se relacionam com Deus e Cristo, e devem, portanto, ser submissos à *nossa* direção em tudo, se querem a aprovação e a bênção de Deus. Sejam gratos a nós pelo que provemos e se calem.’ Dizer isto é ir diretamente contra o conselho do apóstolo Pedro aos co-anciãos, dizendo:

Não exerçais um poder autoritário sobre aqueles que vos couberam por partilha; mas tornai-vos modelos do rebanho. E quando aparecer o pastor supremo, recebereis a coroa imperecível de glória... E todos, no vosso trato mútuo, revesti-vos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, ao passo que aos humildes dá a sua graça.⁶⁴

Cada cristão individual tem obrigação de avaliar a autenticidade de qualquer mensagem que lhe apresentem. Tem de tomar uma decisão pessoal quanto à sua validade, fazendo-o não importa que alegações acompanhem a mensagem, não importa com que adereços de autoridade ela venha. Isto se evidencia nas próprias palavras de Jesus Cristo quando, ao falar de suas verdadeiras ovelhas, disse:

⁶³ Comentário de Lightfoot sobre a Epístola aos Filipenses, página 267.

⁶⁴ 1 Pedro 5:3-5, *TEB*.

...elas o seguem [o verdadeiro Pastor] porque lhe reconhecem a voz; mas de modo nenhum seguirão o estranho, antes fugirão dele porque não conhecem a voz dos estranhos.⁶⁵

De modo claro, as *próprias* “ovelhas” têm de julgar se é Cristo Jesus quem realmente lhes fala na mensagem que ouvem. A exaltação aos homens, com seu discurso autoritário, o dogmatismo e a abordagem legalista que suprimem a tolerância e a compaixão, naturalmente emitirão um som estranho para as “ovelhas”, quando apresentadas por pessoas que afirmam representar o Pastor delas. Em vez de seguir a opinião hoje tão escutada, “mesmo errado, vá em frente”, Jesus disse que suas ovelhas se manteriam o mais longe possível daqueles que, por sua abordagem dominadora, claramente se mostrassem estranhos ao espírito do cristianismo. Há sólidas razões para evitá-los, já que as lições da história não deixam dúvida quanto à tendência inata dos homens de tentar impor aos outros sua vontade e seus modos, suplantando assim, em grau maior ou menor, a vontade de Deus e de seu bom Pastor.

Resumindo o que a história revela, Lightfoot escreve:

O ideal apostólico foi estabelecido, e no espaço de poucas gerações foi esquecido. A visão durou só algum tempo e então desapareceu... Da condição de representantes e embaixadores de Deus [os homens], passaram a ser vistos como Seus vigários [isto é, Seus substitutos, ocupando seu lugar].⁶⁶

Creio pessoalmente que este processo, com sua exaltação à autoridade humana e a concentração desta autoridade, está relacionado com as declarações de Paulo acerca do “homem que é contra a lei”, conforme registrado em 2 Tessalonicenses, capítulo 2, versículos 3 a 12. A respeito desse homem, ele escreve (tradução da NVI):

Este se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração, chegando até a assentar-se no santuário de Deus, proclamando que ele mesmo é Deus.

Não vejo razão para crer que a vinda deste “homem” prediga o surgimento dum indivíduo específico, excepcionalmente contra a lei, assim como a “mulher” chamada “Babilônia” também não se refere a

⁶⁵ João 10:4, 5, ARA.

⁶⁶ Comentário de Lightfoot sobre a Epístola aos Filipenses, página 268.

uma mulher específica. Tampouco creio que o cumprimento do “homem que é contra a lei” se dê em algum sistema religioso. O termo “homem” parece referir-se aqui a um tipo ou arquétipo, descritivo de todos que manifestam as características desse tipo. A declaração de Paulo sobre a vinda de tal “homem” parece muito com a afirmação de João, “ouvistes que vem o anticristo”, e de que aquele que nega que Jesus é o Cristo “é o anticristo”.⁶⁷ O contexto mostra que João não limita o termo a uma só pessoa, mas o aplica a todos que se encaixam na descrição. Assim seria também com o “homem que é contra a lei”.

Não poderia haver maior atitude “contra a lei” que tentar violar, e até usurpar, a posição e a autoridade do Soberano Deus. E isto se mostra na evidência do que os homens religiosos têm feito, não só na história passada mas também no presente. Visto que o Pai investiu “toda a autoridade” em Jesus Cristo, e ordenou que “todos honrem o Filho assim como honram o Pai”, qualquer tentativa de ocupar a posição de Cristo e de exercer a chefia que corretamente pertence apenas a ele, será classificada como atitude “contra a lei” de natureza igualmente grave.⁶⁸

De que maneira, então, pode-se dizer que alguém que age assim ‘assenta-se no templo exibindo-se como Deus’?

O templo de Jerusalém era a residência simbólica de Deus, o lugar onde habitava entre o seu povo, presidindo sobre ele, dando-lhe suas leis e respostas. A congregação cristã tornou-se depois o templo de Deus, seu povo, no meio do qual Ele habita.⁶⁹ O fato de o “homem que é contra a lei” assentar-se no templo indicaria aparentemente sua pretensão ao direito de exercer na congregação cristã uma autoridade divina como a que Deus exercia no seu templo em Jerusalém, atuando como se fosse a fonte da qual procede a autoridade.

Quanto a ele ‘exaltar-se acima de tudo o que se chama Deus’, e até “proclamar ser Deus”, escreve o erudito bíblico Barnes:

Qualquer pretensão de domínio sobre a consciência, ou qualquer arranjo que ponha de lado as leis divinas e as declare derogadas [sem

⁶⁷ 1 João 2:18, 22, *NVI*.

⁶⁸ Mateus 28:18; João 5:23.

⁶⁹ Efésios 2:19-22; 1 Pedro 2:4, 5.

efeito ou inoperantes], corresponderia ao que está envolvido nesta descrição. Não se pode supor que alguém abertamente *alegue* ser superior a Deus, mas o significado deve ser que os decretos e ordenanças do “homem do pecado” pertenceriam ao domínio no qual só Deus pode legislar, e que as ordenanças proferidas por ele seriam de modo tal que derogariam as leis divinas, decretando outras em seu lugar... Isto não significa necessariamente que ele, efetivamente e com muitas palavras, alegue *ser Deus*, mas que usurpa o lugar de Deus e reivindica as prerrogativas de Deus.⁷⁰

A questão-chave é claramente a da *autoridade* e da usurpação da autoridade que, por direito, pertence só a Deus e a seu Filho. Sempre que os homens exortam outros, aberta ou implicitamente, a aceitar suas próprias palavras e regras religiosas, ensinamentos e regras não claramente declarados nas Escrituras, como se viessem de Deus, estão assim, com certeza, manifestando características do “homem que é contra a lei”. Em 1980, quando ainda membro do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová, tive uma conversa com um membro da Comissão de Filial encarregada de um importante país da Europa. Durante a conversa, ele mencionou que uma vez tinha começado a preparar um artigo para enviá-lo à Torre de Vigia e ser publicado. Disse que quando chegou à metade resolveu parar. Quando lhe perguntei a razão, respondeu: “A semelhança estava óbvia demais.”

Quão óbvia é esta semelhança? Será a organização hodierna das Testemunhas de Jeová, como afirma, um verdadeiro espelho da congregação cristã dos tempos apostólicos, ou será, em vez disso, um reflexo dos acontecimentos pós-apostólicos, conforme o registro histórico que acabamos de mostrar? Considere a seguir o padrão que a história revela sobre a organização que gira em torno da Sociedade Torre de Vigia.

⁷⁰ *Notas de Barnes*, em inglês (Efésios a Filêmon), páginas 82 a 84. Embora Barnes aplicasse esta identificação primariamente ao Papado Católico, há certamente razão para considerar o assunto como tendo uma aplicação bem mais ampla.

4

O Padrão Recorrente

Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se não o tivesses recebido?

— 1 Coríntios 4:7, *Almeida Revista e Atualizada*.

OFUNDADOR e primeiro editor da revista *A Sentinela*, Charles Taze Russell, não ignorava a história do desvio da primitiva congregação cristã, de uma fraternidade original simples para uma religião institucionalizada, com estrutura centralizada de autoridade.

Os adeptos de sua revista não eram então conhecidos como “Testemunhas de Jeová”, mas apenas como “Estudantes da Bíblia”. As congregações (então chamadas “eclésias”) eram autônomas, e a congregação que Russell presidia, primeiro em Pittsburgh e depois em Brooklyn, era vista como simples modelo que podia ser seguido ou não, conforme a opção.¹

Logo no início de sua publicação, de fato, só dois anos após o primeiro número, *A Sentinela* apresentou um conceito da congregação cristã conforme instituída por Jesus Cristo. Com o título “A Ekklesia” (“congregação” em grego) um artigo de 1881 mostrava que Russell não temia usar o termo “organização”. Em certo ponto ele diz que os primeiros cristãos “eram organizados e vinculados entre si como membros de uma sociedade, e como tal tinham leis e governo, e portanto, um chefe ou autoridade dirigente reconhecida.” Isto pode se assemelhar muito ao conceito de organização hoje defendido pela Torre de Vigia. O que ele realmente disse, porém, foi bem diferente.

¹ Veja *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês), páginas 23-25.

Em parte alguma ele indica que os cristãos devem estar sob direção e controle de uma *administração ou autoridade centralizada terrestre*, que exige sua submissão. Os *vínculos* que uniam seus membros não eram laços organizacionais. Sua *unidade* não se baseava numa forma de lealdade e submissão a uma organização. A *lei* que os governava não incluía regulamentos organizacionais. Era uma organização que não mantinha *nenhuma lista terrestre de nomes*. Nota-se o tempo todo a ausência do conceito de uma estrutura de autoridade terrestre. Isto é o que dizia o presidente da Torre de Vigia em 1881:

Eles eram organizados e vinculados entre si como membros de uma sociedade, e como tal tinham leis e governo, e portanto um chefe ou autoridade dirigente reconhecida. Os vínculos eram os vínculos do amor e do interesse comum. Visto estarem todos alistados sob a capitania de Jesus, as esperanças e temores, alegrias e sofrimentos, e os anseios de um eram os do outro; e assim tinham uma união de coração bem mais perfeita do que possivelmente teriam com base em algum credo elaborado pelo homem. Assim, sua organização era do Espírito; sua lei que governava cada um era o amor, e todos como um só se punham sob a obediência à “lei do Espírito”, conforme era expressa pela vida, pelos atos e pelas palavras de seu Senhor. Seu governo era a vontade daquele que disse: “Se me amais, guardai os meus mandamentos.”

Assim, vemos a primitiva igreja organizada, governada e em perfeita unidade e harmonia com a regência ou *chefia* de Jesus. Contraste esta igreja organizada com aquilo que agora pretende ser uma continuação da mesma, a saber: as diversas organizações denominacionais, cada uma delas prendendo seus membros numa união mental à base de um credo ou dogma de sua própria autoria (muitas delas sendo tudo, menos amorosas), cada uma tendo suas próprias leis.

Estas leis emanam de seus próprios chefes ou dirigentes e legisladores; de modo que se vê claramente que estas igrejas da época atual têm e reconhecem, como seus chefes ou autoridades dirigentes, os antigos fundadores de seus vários credos, enquanto seus clérigos, em conferências, concílios, sínodos e presbitérios, interpretam e impõem as “bênçãos dos anciãos”, que “anulam a Palavra de Deus”. Estes tomam o lugar do verdadeiro chefe da igreja, Jesus, e do verdadeiro instrutor e guia de toda a verdade, o Espírito Santo. Ouvi o profeta Isaias expressá-lo (cap. 9:15).

Isto nos leva à nossa segunda proposição, a saber, que todos os cristãos devem juntar-se a esta organização. À luz do que acabamos de dizer sobre a classe que constitui a igreja que Jesus organizou, é evidente que se doastes toda a vossa vontade, talento, tempo, etc., sois reconhecidos por Jesus como seus seguidores e membros da Ekklesia ou corpo, do qual ele é a cabeça, e cujos nomes estão escritos no céu. De modo que nos juntamos à igreja de Jesus e temos os nomes registrados como membros, por meio de uma consagração. Mas alguém diz: não preciso juntar-me a alguma organização na terra, aceitar algum credo e ter meu nome escrito na terra? Não, lembrai-vos de que Jesus é vosso modelo e instrutor, e nem nas palavras nem nos atos dele encontrareis autorização para prender-vos a credos e tradições de anciãos, os quais tendem todos a anular a palavra de Deus (Marcos, 7:13) e pôr-vos debaixo de uma escravidão que estorvará vosso crescimento na graça e no conhecimento, contra o que Paulo vos advertiu: “Perseverai, portanto, na liberdade para a qual Cristo vos libertou, e não estejais sujeitos ao jugo da escravidão.” (Gal. 5:1)

Mas dizem alguns: se não é apropriado unir-se a uma das igrejas nominais atuais, não seria bom formar nossa própria organização visível? Sim, isto é o que nós temos — uma organização modelada segundo a igreja primitiva. Cremos que voltamos à primitiva simplicidade: apenas o Senhor Jesus é nosso cabeça ou legislador, o Espírito Santo é nosso intérprete e guia para a verdade; nossos nomes estão todos escritos no céu; estamos vinculados entre si pelo amor e pelo interesse comum.

Indagais: como nos conheceremos uns aos outros? Respondemos: não podemos contribuir para o conhecimento mútuo se manifestarmos o Espírito de nosso Amo em palavras e ações, maneiras e aparência? Sim, a fé viva, o amor sem fingimento, a brandura longânime, a simplicidade como a das crianças junto com a constância e o zelo da maturidade, tornam manifestos os filhos de Deus, e não precisamos de nenhum registro terrestre, pois os nomes de todos estes estão escritos no livro da vida do Cordeiro.

[O original em inglês deste trecho da “Sentinela” acha-se no Apêndice.]

Segundo a *Sentinela*, a verdadeira congregação de Cristo diferia de todas as organizações religiosas existentes, cada uma com seu conjunto distinto de ensinamentos, que todos devem adotar para serem aceitos como membros; cada uma com seus líderes, que se reúnem em conferência

para instituir leis peculiares à sua organização específica, e que impõem estes regulamentos a todos os adeptos, de tal modo que “tomam o lugar do verdadeiro chefe da igreja, Jesus, e do verdadeiro instrutor e guia de toda a verdade, o Espírito Santo.” Os editores da *Sentinela* anunciaram seu retorno à “primitiva simplicidade” da congregação do primeiro século, cuja organização era a do Espírito, cuja lei era o amor, cujo governo era unicamente a vontade daquele que disse: “Se me amais, guardai os meus mandamentos.” Estavam unidos, dizia *A Sentinela*, não por laços organizacionais e padrões de origem humana, mas “pelo amor e pelo interesse comum”. No ano seguinte, em abril de 1882, voltaram a afirmar que não tinham uma “cerca” de credos, dentro da qual os membros fossem obrigados a ficar e que excluísse do convívio os que não aprovassem uma série de ensinamentos prescritos. Não tendo na época um nome distintivo, referiam-se a si próprios simplesmente como “estudantes da Bíblia”. Eis o que pregavam:

Perg. Permitti-me, por favor, saber por que nome vos chamais. Qual é a denominação?

Resp. Somos estritamente não-sectários, e conseqüentemente não reconhecemos nenhum nome sectário, crendo como Paulo, (lede 1 Cor.3:1-4) que alguém dizer eu sou de Paulo, e eu de Apolo, ou eu sou Batista, ou eu sou Metodista, etc., é evidência de *carnalidade*, e conseqüentemente está em oposição ao Espírito de Cristo. Será que Paulo e Apolo morreram por nós? Se foi assim, chamemo-nos como sendo deles. Fomos nós batizados na igreja Metodista, Presbiteriana, Batista ou alguma outra denominação? Se fomos, somos membros dela, e podemos ser corretamente reconhecidos por esses nomes. Mas se fomos batizados no único corpo ou igreja da qual Jesus é a única e exclusiva Cabeça, então somos *membros* especialmente do corpo dele, e o único nome apropriado seria o dele, biblicamente chamados de “Igreja de Cristo”, “Cristãos”, “Igreja dos primogênitos” e nomes genéricos como estes. Mais uma vez, ressaltamos que nossa *união* cristã é a única com base bíblica, a saber: não temos nenhum credo (cerca) para nos conservar juntos ou para manter outros longe de nossa companhia. A Bíblia é o nosso único padrão e seus ensinamentos o nosso único credo, e, reconhecendo o caráter progressivo da revelação das verdades bíblicas, estamos prontos e preparados para acréscimos ou modificações ao nosso credo (fé-crença) à medida que recebemos mais luz de nosso *Padrão*.

Estamos em associação com todos os cristãos em quem reconhecemos o Espírito de Cristo, e de modo especial com aqueles que reconhecem a Bíblia como o único padrão. Não exigimos, portanto, que todos a entendam exatamente como nós, a fim de ser chamados de Cristãos, tendo em vista que crescer tanto na graça como no conhecimento é um processo gradual. Tampouco vemos motivo para esperar que apenas os *vigias* de Sião “verão olho a olho” (Isa. 52:8) até que venha aquele que é perfeito [completo], quando “o que é parcial será eliminado”. (1 Cor. 13:10.) Se todos os cristãos se libertassem dos credos prescritos e estudassem a Palavra de Deus sem idéias preconcebidas denominacionais o resultado seria a verdade, o conhecimento e as *verdadeiras* associação e unidade cristãs. O Espírito da Cabeça permearia os desimpedidos membros do corpo e o orgulho sectário se desvaneceria.

[O original em inglês deste trecho da “Sentinela” acha-se no Apêndice.]

Não tardou muito, porém, para que a razão humana sugerisse algo mais “prático”. A questão suscitada foi: Não seria bom ter uma “organização enérgica, agressiva” (edificada, *é claro*, em “linhas bíblicas”!) para cumprir de modo mais eficaz a pregação das boas novas? A *Sentinela* de março de 1883, apresenta a pergunta e a resposta:

P. “Não seria uma organização (ou seita) enérgica, agressiva, edificada em linhas bíblicas, o melhor modo de espalhar e proclamar a *verdadeira* Boa-Nova? Precisamos de companheirismo e apoio. União é força. Não são as escaramuças que vencem a batalha, e sim os batalhões disciplinados e sólidos.”

R. Acreditamos que uma organização visível e a adoção de um nome específico tenderiam a aumentar nosso número e a dar-nos uma aparência mais respeitável na avaliação do mundo. O homem natural pode ver que um corpo visivelmente organizado, com propósito definido, é algo que tem certo poder; portanto, eles prezam as diversas organizações das quais nós saímos em obediência ao chamado do Amo. Mas o homem natural não consegue entender como um grupo de pessoas, sem nenhuma organização que possa ver, venha um dia a realizar alguma coisa. Quando olham para nós, consideram-nos como um punhado de lutadores dispersos, um “povo peculiar”, com idéias e esperanças bem peculiares, mas não dignos de atenção especial.

Mas, embora seja impossível que o homem natural veja nossa organização, porque não pode entender as coisas do Espírito de Deus,

confiamos em que possais ver que a verdadeira Igreja é a mais eficazmente organizada e que trabalha da melhor forma possível. (Vede o plano de nossa organização, conforme declarado na edição de outubro, sob a legenda “A Ekklesia.”) O Apóstolo Paulo exorta todos à unidade de fé e propósito (Fil. 3:15, 16–*Diaglott.*) Todos, conduzidos pelo *mesmo Espírito*, podem e conseguem chegar ao conhecimento da *mesma verdade*. Sob o comando de nosso Capitão, todos os verazmente santificados, embora poucos ou separados fisicamente, estão intimamente unidos pelo Espírito de Cristo em fé, esperança e amor; e, ao seguirem as ordens do Amo, avançam em sólidos batalhões para o cumprimento de seus propósitos. Mas, tende em mente, Deus não leva em conta os números (Vede Juízes 7, como ilustração).

Por reconhecermos esta organização, que é do Espírito, e por não desejarmos assimilação com os do mundo, que não podem vê-la nem entendê-la, estamos bem dispostos a suportar o vitupério lançado sobre um povo peculiar. Sempre nos recusamos a ser chamados por qualquer outro nome que não o de nosso Chefe — cristãos — afirmando continuamente que não pode haver divisões entre os que são continuamente guiados pelo Espírito e exemplo dele, conforme expressos por meio da Palavra dele.

[O original em inglês deste trecho da “Sentinela” acha-se no Apêndice.]

A idéia de que era desejável uma forte organização visível foi assim retratada como fruto do pensamento carnal, típico do “homem natural” que busca crescimento numérico, que admira o poder que uma organização visível com nome distintivo pode gerar. Também típico do homem não-espiritual, era que ele “não consegue entender como um grupo de pessoas, sem nenhuma organização que possa ver, venha um dia a realizar alguma coisa.” A única organização a que pertenciam, afirmavam de novo estes estudantes da Bíblia, era espiritual, “invisível para o mundo”. Não havia nada de “venha ver” para impressionar as pessoas, como o tamanho, a eficiência e a força de uma organização e suas propriedades de terrenos e edifícios. Em lugar da unidade organizacional o alvo proclamado era a unidade do espírito. Encorajavam as pessoas a libertar-se das denominações religiosas com suas organizações visíveis. Como então, perguntavam, poderiam convidar outros a fazer isto se eles mesmos não o fizessem?

Foi desconcertante, portanto, quando a revista *A Sentinela* de 1º de setembro de 1979, sob o título “A Hodierna Organização Teocrática”,

citou outra edição sua de fevereiro de 1884 como se esta apoiasse o *atual conceito* sobre organização que prevalece entre as Testemunhas de Jeová. Observe como a matéria (página 16) introduz a citação de forma a dar margem a esta idéia:

¹⁶ Esta já mencionada congregação procurou seriamente mostrar-se digna de ser a organização visível de Jeová e Seu instrumento. Por isso, manteve-se livre de quaisquer alianças com as organizações sectárias da cristandade, bem como das organizações políticas deste mundo. Expressando-se neste sentido, esta congregação cristã disse, no número de fevereiro de 1884, em inglês, de sua revista oficial *A Sentinela*:

“Novos leitores, em todas as partes do país, constantemente indagam: Que *nomes* dão a si mesmos? São ‘Primitivos Batistas’? São ‘Batistas Missionários’? São ‘Universalistas’? São ‘Adventistas’? São ‘Primitivos Metodistas’? etc., etc. Já tentamos diversas vezes esclarecer nossa posição, e agora nos empenhamos em fazer isso mais uma vez, em poucas palavras.

“Não pertencemos a *NENHUMA organização terrena*; portanto, se se mencionasse toda a lista de seitas, responderíamos: Não, a cada uma e a todas. Aderimos apenas àquela *organização celestial* — ‘cujos nomes estão escritos no céu’. (Heb. 12:23; Luc. 10:20.) Todos os *santos* que agora vivem ou que já viveram durante esta era pertencem à ORGANIZAÇÃO DE NÓSSA IGREJA: todos constituem *UMA* só Igreja, e não há *NENHUMA OUTRA* reconhecida pelo Senhor. Portanto, qualquer organização terrena, que interfira, por pouco que seja, nesta união de santos é contrária aos ensinamentos das Escrituras e oposta à vontade do Senhor — ‘para que sejam *UM*’. (João 17:11.)”

Tentando explicar de antemão a afirmação “Não pertencemos a *NENHUMA organização terrena*”, o redator da *Sentinela* de 1º de setembro de 1979 apresenta isto como se referindo apenas a manter-se separados das “organizações sectárias da cristandade, bem como das

organizações políticas”. Eles *estavam* separados destas, embora a idéia de “organizações políticas” nem sequer estivesse em discussão; a inserção feita por este último redator de *A Sentinela* visa simplesmente a “despistar”, desviando a atenção do real significado das afirmações. Na declaração taxativa, “Não pertencemos a NENHUMA *organização terrena*”, a palavra “NENHUMA” significa claramente *nenhuma de todas*, não apenas nenhuma das sectárias, mas nenhuma que *eles mesmos* tivessem instituído. Ensinavam claramente que se eles próprios instituísem uma organização com estrutura de autoridade e nome distintivo próprios, estariam criando mais um sistema sectário. A única organização a que pertenciam era a “*organização celestial*” cujos membros têm os nomes escritos no céu.

O contexto evidencia isto. Nos parágrafos que seguem, não citados pelo redator de 1979, o artigo de 1884 continha estes tópicos:

Por que nome pode-se chamar esta Igreja? Respondemos: pelo nome de seu *fundador e instituidor* — Cristo. De modo que ela é a “Igreja de Cristo” ou “Igreja de Deus”, pois Deus a fundou sobre a *Rocha* Cristo Jesus; ou “cristãos”, como eram conhecidos nos primeiros tempos. (Atos 11:26, 26:28; e 1 Pe. 4:16.) Mas, como Paulo e os outros discípulos não eram seguidores dos ensinamentos de Calvino, não foram, portanto, chamados de calvinistas; como não eram seguidores dos ensinamentos e do exemplo de Lutero, não foram, portanto, chamados de luteranos; mas como seguiam a CRISTO como ÚNICO exemplo e a seus ensinamentos apenas, aceitaram alegremente, portanto, quando foram chamados de “cristãos.”

O que achais? Não ocupamos a *única base para a união*? Ou supondes que se todos os credos de fabricação humana, formulários, livros de oração, liturgias e nomes fossem postos de lado, ou que se todos os cristãos se reunissem no exclusivo nome de Cristo e em frugal simplicidade estudassem Suas palavras sob a direção do Espírito de Deus, ainda existiriam na Igreja diferenças sérias, mesmo que de opinião?

De modo que não importam os nomes pelos quais os homens venham a *chamar-nos*; não reconhecemos nenhum outro nome senão o “único nome *dado* debaixo dos céus e entre os homens” — Jesus Cristo. Chamamo-nos simplesmente de CRISTÃOS e não levantamos nenhuma cerca que nos separe daqueles que acreditam na pedra de

alicerce de nosso edifício mencionada por Paulo: “Que Cristo morreu por *nossos pecados* segundo as Escrituras”; e aqueles para quem isto não é bastante não têm direito a serem chamados de Cristãos.

[O original em inglês deste trecho da “Sentinela” acha-se no Apêndice.]

Isto deixa bem claro que Russell e seus associados não tinham, na época, um conceito exclusivista, considerando-se os únicos cristãos. Rejeitavam o ponto de vista estreito que negava a condição cristã a outras pessoas religiosas pelo motivo de não estarem dentro de uma “cerca” organizacional. Não se negavam a chamar de “cristão” todo aquele que aceitasse a verdade fundamental de que “Cristo morreu por nossos pecados segundo as Escrituras”.

Que este é o significado das afirmações deles, é óbvio em edições mais antigas das revistas, várias das quais já citadas. Faz-se a admissão de que outros, além deles, sejam “concrístãos”, pois haviam dito: “Estamos em associação com todos os cristãos em quem reconhecemos o Espírito de Cristo, e de modo especial com aqueles que reconhecem a Bíblia como único padrão. Não exigimos, portanto, que todos a entendam exatamente como nós, a fim de ser chamados de cristãos, tendo em vista que crescer tanto na graça como no conhecimento é um processo gradual...”² O redator da *Sentinela* de 1979 que pesquisou as citações de 1884 deve, naturalmente, ter visto estas outras declarações. Se o fez, deve saber que o uso destas citações foi enganador, contrário aos fatos.

Esta atitude continuava uma década depois, quando a edição de 15 de setembro de 1895 da *Sentinela* afirmou em termos bem severos sua postura para com as organizações humanas. Em resposta às perguntas dos que buscavam conselho quanto ao meio mais eficaz de dirigir reuniões de grupo, ela apresentou este como um dos pontos iniciais:

(2) Cuidado com as “organizações”. São totalmente desnecessárias. As normas da Bíblia são as únicas de que precisareis. Não tenteis prender as consciências dos outros, e não permitais que outros prendam as vossas. Crede e obedecei até o ponto em que puderdes entender a

² A *Sentinela*, abril de 1882, já citada neste capítulo.

Palavra de Deus hoje, e assim, continuai a crescer na graça, no conhecimento e no amor dia após dia.³

[O original em inglês deste trecho da “Sentinela” acha-se no Apêndice.]

Estas foram afirmações primitivas, posições primitivas. Como, então, ocorreu tão notável metamorfose, causando a reversão quase completa da posição, que prevalece até o dia de hoje? Nos anos 80, Ron Frye, ex-superintendente de circuito e Testemunha por 33 anos, tendo passado “anos de angústia” por conta dos ensinamentos da Torre de Vigia com relação à autoridade, fez extensa pesquisa quanto à validade deles. Contrastando o passado com o presente, escreveu:

Hoje, mais de cem anos depois do início com Russell, as Testemunhas estão notavelmente voltadas para uma organização. A organização sempre vem primeiro. Na *Sentinela* de 1º de setembro de 1979, no artigo “Fé na Organização Vitoriosa de Jeová”, a expressão “organização teocrática” aparece *quinze vezes* apenas nos primeiros onze parágrafos.⁴ Este tipo de repetição hipnótica é constantemente usado pela Sociedade para condicionar as Testemunhas de Jeová a pensar que é errado questionar qualquer coisa que ela publique como verdade. Em contradição com esta atitude relacionada com uma organização, Russell e seus primeiros associados eram francamente contra uma organização terrena.

Quanto ao que pode ter motivado esta atitude “contra uma organização terrena” naquele estágio inicial, Frye prossegue:

Pode-se agora compreender o antagonismo que Russell sentia para com as igrejas que tinham história. Ele era, afinal de contas, um desgarrado religioso. Seu pequeno grupo de seguidores não tinha história como organização. Buscavam minimizar essa falta de história argumentando que Deus não tinha uma organização terrena permanente — uma congregação cristã, monolítica — que esse não era o modo de Deus fazer as coisas. Desta forma, os adeptos de Russell

³ Quando o livro *A Nova Criação* (em inglês) foi publicado em 1909, o ponto de vista sobre a organização permanecia o mesmo que fora apresentado. Dizia, por exemplo: “O teste para se tornar membro da Nova Criação não consistirá em ser membro de qualquer organização terrena, mas em estar em união com o Senhor como membro de seu corpo místico: conforme diz o Apóstolo: ‘Se algum homem está em Cristo, ele é uma Nova Criatura...’”

⁴ A expressão “organização teocrática” vem sendo usada, particularmente, a partir de *A Sentinela* (em inglês) de 1º de dezembro de 1939.

podiam depreciar aquelas religiões que *tinham* história terrena e explicar de algum modo sua própria *falta* de uma.

E, em relação ao assunto em pauta, fica abundantemente claro que Russell não acreditava que Deus tivesse, na terra e naquela época, uma ‘organização do escravo fiel e discreto com 1800 anos de existência’ — o canal terreno de comunicação com Deus. Ele não a encontrou e nem foi encontrado por ela. Ele e seus companheiros não tinham associação com qualquer organização existente, e mostravam, de fato, desdém por todas as outras associações. Repudiavam firmemente a idéia de que existisse na terra uma organização visível, terrena, de Pentecostes em diante, a qual as pessoas teriam de identificar a fim de servir a Deus.

Mas hoje, cem anos depois, os descendentes dos Estudantes da Bíblia do movimento de Russell argumentam no sentido contrário, que é necessário procurar uma organização visível terrena, a saber, [a associada com] a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Esta não era a postura do início. À medida que a situação mudava, também as Testemunhas de Jeová mudavam seus argumentos. Tão firmemente quanto argumentavam outrora *contra* uma organização, elas hoje argumentam *a favor* de uma organização.

Do mesmo modo que sua compreensão a respeito de uma organização era, há cem anos, muito diferente do que é hoje, também seu conceito sobre Russell é hoje bem diferente do que era no começo. A não ser por breves referências ocasionais, Russell é desconhecido da maior parte das Testemunhas da atualidade. Seus escritos não são recomendados para leitura, e seus muitos livros não são mais publicados pela própria editora que ele fundou e aparelhou com seu próprio dinheiro.

No entanto, argumentam ainda as Testemunhas de Jeová, ele foi um homem a quem Deus usou para restaurar os grandes ensinamentos de Jesus e seus apóstolos. Por que não se estudam hoje os livros dele nas congregações das Testemunhas de Jeová, pelo menos numa perspectiva histórica? Porque muitos deles, se não a maior parte, seriam hoje considerados como heresia.

Que há base para esta conclusão pode ser visto naquilo que de fato acontecia enquanto Russell ainda vivia. Se fizermos um retrospecto das várias citações já apresentadas neste capítulo, pode parecer difícil crer que o homem que era a fonte de todas elas foi o mesmo que em 1910 — quando se tornara conhecido internacionalmente por milhares

de pessoas como o “Pastor” delas, quando a revista *A Sentinela* que ele fundara já contava três décadas de história, e quando suas obras em circulação já atingiam milhares de exemplares em vários países — disse que a pessoa que lesse apenas a Bíblia sem usar os *Estudos das Escrituras* que ele escrevera, iria, de acordo com a experiência, ‘ficar em trevas dentro de dois anos’, enquanto que aquele que lesse os *Estudos das Escrituras*, sem ler nada da própria Bíblia, estaria, assim mesmo, ‘na luz’ ao final desse mesmo período. Ainda que passasse “semanas e anos” no estudo pessoal da Bíblia, sem usar os escritos de Russell, “mesmo então, as chances são de que, ao lançar luz sobre algo, ele venha a entendê-lo totalmente errado.”⁵

Houve comentários acauteladores em relação a essas afirmações. No entanto, permanece o fato de terem desaprovado a capacidade de o cristão individual compreender a Palavra de Deus por meio do estudo pessoal, e fez-se todo esforço no sentido de apresentar as publicações da Torre de Vigia como o exclusivo canal de luz e verdade de Deus. É difícil conceber atitude mais imodesta e sectária, é difícil conceber um desvio mais lamentável dos elevados princípios antes defendidos.

Tampouco foi essa atitude algo isolado, momentâneo. Que vinha se desenvolvendo fica evidente pela matéria publicada no ano anterior, 1909, na *Sentinela*. No número de 1º de outubro, Russell, fundador e editor da revista, único “Pastor” reconhecido pelos Estudantes da Bíblia, analisou Mateus capítulo 24, versículo 45, que se refere a “aquele servo” e seus “conservos”. Utilizando, como de costume, o literário “nós” em vez do “eu”, ele admitiu que quatorze anos antes o termo “aquele servo” (referindo-se ao servo fiel e prudente da parábola) fora aplicado a ele por outra pessoa associada à Torre de Vigia e que ele não participara do debate que se seguira a esta aplicação.⁶ Mas afirma que a primeira pessoa que lhe aplicou essa designação asseverava agora que “embora nós ocupássemos mesmo tal posição esta nos foi confiscada, perdida para um sucessor.” Daí ele apresenta uma análise do tema, mas fazendo-o de modo indireto, pelo método de primeiro apresentar o que seus “amigos” dizem e depois o

⁵ Veja a íntegra desta matéria no capítulo 2.

⁶ A outra “pessoa associada à Torre de Vigia” mencionada era, na verdade, Maria Russell, esposa de Russell, como se vê em *A Sentinela* de 15 de julho de 1906 (páginas 215, 216).

que dizem seus “opositores”, deixando seus próprios comentários para o final.

Ele apresenta seus “amigos” dizendo:

Nossos amigos insistem em que essa Escritura indica que, no fim desta era do Evangelho, o Senhor não usaria muitos instrumentos para a divulgação da Verdade, mas um único instrumento, e que seria privilégio de outros dos fiéis do Senhor serem “conservos” (co-trabalhadores). Eles insistem em que os fatos ligados a este tempo de colheita reforcem abundantemente esta interpretação. Afirmam que todos eles receberam seu conhecimento da Verdade Atual diretamente das publicações da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, ou indiretamente através daqueles que obtiveram seu esclarecimento por meio deste instrumento. Por conseguinte, têm prazer em cooperar como “conservos” na obra da Sociedade, crendo que assim seguem a liderança da Providência Divina, bem como as instruções da Palavra Divina. Crêem que, agindo de outro modo, estarão se opondo à Palavra Divina, e antagonizando a obra da colheita, trazendo dano para si mesmos.

Eles declaram que, no seu modo de ver, não existe nenhuma outra interpretação dos fatos diante de nós senão a apresentada na promessa de nosso Senhor; que no tempo apropriado do fim das eras, no tempo de sua presença, ele traria dos celeiros da Graça, Sabedoria e Verdade, coisas “novas e velhas”, e que selecionaria nesse tempo um único instrumento especial através do qual essas bênçãos seriam trazidas à atenção da família da fé — indicando também que se concederia a outros o privilégio de entrar para o serviço como “conservos”. Eles salientam que assim como estes se tornaram “conservos” e foram abençoados e usados na obra da colheita, outros que se opuseram foram para as “trevas exteriores” do nominalismo, no que diz respeito à verdade da “colheita” e seu serviço.

[O original em inglês deste trecho da “Sentinela” acha-se no Apêndice.]

Recordemos que *A Sentinela* era a revista do próprio Russell. Ele a fundou, ele a controlava, e como único editor determinava seu conteúdo.⁷ Ela era, em essência, o veículo dos escritos dele. Antes de morrer, num testamento, ele declarou que embora tendo doado a

⁷ *A Sentinela*, 1º de dezembro de 1916, página 356.

revista à Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (sociedade jurídica que também controlava como acionista majoritário), isto foi feito “com o entendimento explícito de que manteria o controle de todos os interesses destas publicações durante minha existência, e que, após a minha morte, estes seriam conduzidos de acordo com meus desejos.”⁸ Assim, quando fala das atitudes para com a revista ou para com a Sociedade, ou aplica o termo “instrumento” à Sociedade ou à revista, ele está, de fato, com tais termos, referindo-se a si mesmo no sentido mais pessoal. Todo o contexto do artigo confirma isto. Isto é reforçado pelo fato de que ele era o único reconhecido como “Pastor”. Antes já se referira a si próprio como “porta-voz de Deus” e “instrumento” para revelação da verdade.⁹ Portanto, quando menciona “um único instrumento” por meio do qual as pessoas (seus “amigos”) haviam recebido esclarecimento, ele se refere claramente aos escritos de Charles Taze Russell. Mostra isso também ao dizer que “seria privilégio de outros dos fiéis do Senhor serem ‘conservos’ (co-trabalhadores) com este “único instrumento especial” escolhido pelo Senhor.¹⁰

Isto é claramente comprovado por repetidas declarações publicadas na revista *A Sentinela* nos anos seguintes à morte de Russell. Mostrando um quadro totalmente diferente da versão moderna apresentada em *A Sentinela*, a edição de 1º de março de 1923 (em inglês) cita Russell dizendo que alguns falavam dele como o “servo fiel e prudente”, e outros falavam da Sociedade como tal. Daí, a revista acrescenta:

⁸ Este testamento aparece na íntegra no “Apêndice” ao Capítulo 3 de *Crise de Consciência*; seu total controle da Sociedade Torre de Vigia está documentado no capítulo 3 daquela publicação.

⁹ *A Sentinela*, 15 de julho de 1906, página 229; veja *Crise de Consciência*, capítulo 3 (subtítulo “Os Três Monarcas”), e também *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, página 143, parágrafo 2.

¹⁰ É digno de nota que quando *A Sentinela* de 15 de março de 1982 (página 25) citou este artigo, tenha omitido totalmente a referência a outros associados da Torre de Vigia serem “conservos” juntamente com “aquele servo” que é o “único instrumento”. Isto permitiu à revista passar a falsa impressão de que se entendia o “escravo fiel” como sendo a revista *A Sentinela*, ao invés de Charles Taze Russell. Tal modo de editar só pode ser classificado como desonestidade jornalística.

Ambas as declarações são verdadeiras; pois o irmão Russell era, de fato, a Sociedade no sentido mais absoluto, pelo seguinte, por ele determinar as diretrizes e o rumo da Sociedade sem prestar contas a ninguém mais na terra.

De fato, uma edição biográfica de *A Sentinela* publicada após a morte dele em 16 de outubro de 1916, afirmava:

Milhares de leitores dos escritos do Pastor Russell acreditam que ele preencheu o cargo “daquele servo fiel e prudente” e que sua grande obra foi prover à família da fé o alimento na época devida. Sua modéstia e humildade o impediam de reivindicar este título abertamente, mas ele admitia isso em conversa particular.¹¹

[O original em inglês deste trecho da “Sentinela” acha-se no Apêndice.]

Sobre aqueles que classificava como “opositores” de que ele fosse “aquele servo” usado como “instrumento” de Deus, na *Sentinela* de 1º de outubro de 1909 já citada, Russell os descreve, dizendo:

Nossos opositores tornam-se muitas vezes amargos e sarcásticos depois que assumem a posição antagonista. Retrucam que a expressão “aquele servo” deve ser entendida como que se aplicando a todos os membros da igreja de Cristo, e que a expressão “seus conservos” não faz sentido, pois se refere à mesma classe. Declaram que embora seja verdade que eles obtiveram seu primeiro esclarecimento a respeito do valor da morte de Cristo como um “resgate por todos”, seu primeiro conhecimento dos tempos da “restituição de todas as coisas”, sua primeira apreciação da “chamada para o alto”, seu primeiro conhecimento da parousia e do tempo da colheita nesta época, seu primeiro conhecimento do tempo das profecias em conexão com este tempo de colheita e seu primeiro entendimento da natureza do homem e da obra de redenção, expiação e regeneração das publicações da Sociedade, não obstante são de opinião de que todas estas coisas foram anteriormente publicadas por outros, e que estão tentando encontrar os livros. E vão mais além afirmando que aplicar esta Escritura a nós significaria que somos infalíveis.

¹¹ *A Sentinela*, 1º de dezembro de 1916, página 356. Veja também *Crise de Consciência*, capítulo 8, sobre a insistência da Sociedade, durante os anos 20, em que Russell era o “servo fiel e prudente”.

Mas, retrucam os opositores, embora não neguemos o serviço prestado, ainda que aceitemos como correta a afirmação de Mateus 24:45, seremos sempre forçados a aplicar à outra parte, o contexto que diz: “Em verdade vos digo, ele o constituirá sobre todos os seus bens.” Isso significaria que os “conservos” e a “família da fé” em geral não poderiam esperar receber o alimento espiritual de qualquer outra fonte que não “aquele servo”. Opomo-nos a esta idéia, e portanto opomo-nos à matéria inteira.

[O original em inglês deste trecho da “Sentinela” acha-se no Apêndice.]

Note que os que ele chama de “opositores” tomavam a mesma posição hoje mantida pela Sociedade Torre de Vigia, a saber, que o “servo fiel e prudente” se aplica a “todos os membros da igreja de Cristo”, não a um só homem. Considerar Russell como “aquele servo” e chamar todos os outros de seus “conservos”, portanto, “não faz sentido”, já que **todos** eles eram parte “daquele servo”. Eles viam um claro perigo em olhar para qualquer fonte humana como instrumento por meio do qual se recebe a verdade e o entendimento. Aos olhos de Russell, questionar desse modo a relação especial com o Senhor, que resultava de ele ocupar o posto “daquele servo” e ser o “instrumento” escolhido, significaria ser “antagonista” e fazer declarações “amargas e sarcásticas”. Tudo isto soa de modo bem familiar.

Vinte e três anos antes, em 1886, em seu livro *O Plano Divino das Eras* (página 23), Russell dissera que o desenvolvimento de uma organização hierárquica teve suas raízes no “respeito indevido pelos ensinamentos de homens falíveis”.

Então, paulatinamente, veio à existência uma classe especial chamada “o clero”, cujos membros tinham a si mesmos, e eram tidos pelos outros, como os guias apropriados da fé e da prática, à parte da Palavra de Deus. Assim, com o tempo, o grande sistema do Papado foi desenvolvido em função do respeito indevido pelos ensinamentos de homens falíveis e da negligência pela Palavra do Deus infalível.

Sérios, sem dúvida, têm sido os péssimos resultados da negligência para com a verdade. Como todos sabem, tanto a igreja como o mundo civilizado foram quase que totalmente escravizados por esse sistema, e levados a adorar as tradições e os credos de homens.

[O original em inglês deste trecho da “Sentinela” acha-se no Apêndice.]

Daí, porém, quando alguns deixaram de expressar pleno apoio a seus escritos como “único instrumento especial” escolhido pelo Senhor, ele empenhou-se em atribuir uma importância enorme, e até vital, a esses escritos. Deste modo foi que ele apresentou o que seus “amigos” diziam de suas publicações:

Eles destacam que eles próprios e seus antepassados tiveram, durante gerações, classes bíblicas e estudos bíblicos, todos sem nenhum proveito até que o Senhor, no tempo devido, enviou-lhes as “Chaves Bíblicas”, por meio da Sociedade. Destacam que ignorar esta condução do Senhor e excluir do seu estudo da Bíblia o instrutor enviado pelo Senhor seria desonrar o Senhor que o enviou, e rejeitar Sua mão ajudadora; e que o único resultado que se poderia esperar de tal proceder seria a perda gradual da luz — a perda proporcional do Espírito santo, o espírito da verdade, e eventualmente cair nas “trevas exteriores” do mundo e da igreja nominal, da qual tinham sido resgatados pela verdade. Declaram que isto corresponderia à porca que volta a revolver-se no lamaçal e o cão ao seu vômito, como afirma o Apóstolo. Declaram que tomar tal proceder seria falta de apreço da parte deles por terem sido chamados da escuridão para esta maravilhosa luz, uma falta de apreço pela “estrela da alva” que o Senhor prometeu como precursora da gloriosa aurora da nova dispensação. — 2 Pe. 1:19-21.

Eles destacam ainda que os Volumes de “Estudos das Escrituras-Aurora são praticamente a própria Bíblia numa forma sistematizada, organizada; e que foi exatamente esta sistematização da Bíblia que os trouxe a seu atual conhecimento e alegria no Espírito santo. Declaram que as disputas, as conjecturas e as especulações a respeito de coisas não reveladas no Livro de Deus são muitas vezes rotuladas de “estudo bíblico”, e que têm receio destas coisas, e desejam manter-se achegados ao Senhor e à mensagem que eles crêem que lhes enviou, e que, portanto, preferem estudar a Bíblia à luz e sob a orientação dos “Estudos Bereanos” e dos “Estudos das Escrituras”, e buscar mais luz nessa mesma direção sem esperar revelações especiais para seus

próprios cérebros ou provenientes de várias direções.¹²

[O original em inglês deste trecho da “Sentinela” acha-se no Apêndice.]

Note que os “amigos” são apresentados dizendo que todo o estudo bíblico feito por eles e seus antepassados tinha sido *totalmente inútil* até que chegaram as publicações da Torre de Vigia. Evidentemente, o Espírito santo de Deus era inativo ou simplesmente incapaz de prover a eles e aos antepassados a ajuda necessária. Todas as orações que fizeram a Deus pedindo entendimento, durante essas “gerações”, parecem ter ficado simplesmente sem resposta, pois ainda não havia chegado o tempo para Ele prover Seu “instrumento”.¹³ Note também que após afirmar o papel vital dessa Sociedade, Russell apresenta seus “amigos” dizendo que “ignorar esta condução e excluir de seu estudo da Bíblia o instrutor enviado pelo Senhor *seria desonrar o Senhor que o enviou e rejeitar Sua mão ajudadora*”, que tudo isto leva à “gradual perda da luz”, perda do Espírito santo e por fim à queda nas “trevas exteriores”. Tudo isto saiu da caneta do homem que anteriormente dissera que “o respeito indevido pelos ensinamentos de homens falíveis” tinha levado à hierarquia e à escravidão.

No final do artigo Russell abandona o recurso literário “amigos versus opositores” e se expressa diretamente. De modo elogiável, pede que se evitem rixas ou xingamentos. Apela para a importância da “brandura” e da “humildade”. Ao mesmo tempo, no artigo, descreve os que não achavam bíblico ver nele e na sua revista o exclusivo instrumento de Deus, como “‘conservos’ desleais”, “ardilosos”, “de espírito contencioso”, que parecem estar “inoculados de loucura, hidrofobia satânica”. Os que não continuam filiados à sua Sociedade Torre de Vigia são descritos como ‘rejeitados’. Mesmo dizendo que

¹² Três meses depois, no número de 15 de dezembro de 1909 de *A Sentinela*, página 371, ele avisava aos leitores da revista de que uma prova estava ocorrendo, e que o “astucioso adversário” estava tentando “predispô-los contra os próprios instrumentos que Deus proveu para firmar os ‘pés’ [os membros finais do corpo] de Cristo neste dia iníquo”. Isto estava sendo feito por certos líderes de classes que estavam tentando suplantar as publicações da Torre de Vigia pela Bíblia, e Russell declara que fazendo assim eles se empenhavam “em colocar-se entre o povo de Deus e a divinamente provida luz sobre a Palavra de Deus”.

¹³ Confira João 14:26; 1 João 2:27; 5:20.

não se devia ser descortês com os que ficaram ‘cegos’, ele passa a falar desses dissidentes como pessoas “que nesta hora de tentação estão sendo derrubadas pelas flechas do adversário pois, do ponto de vista do Senhor, não são consideradas dignas do necessário socorro.” Sua clara opinião é que, para classificar-se entre os que mostram ‘brandura, humildade e capacidade de aprender’ devia-se reconhecer humildemente que Cristo tinha escolhido apenas um “servo especial”, “um instrumento especial”, e mostrar mansa receptividade aos escritos desse “servo” como algo inquestionavelmente superior a todas as outras fontes de conhecimento da Palavra de Deus. Lendo o artigo não pude deixar de espantar-me com o raciocínio incrivelmente deturpado que pode se desenvolver na mente humana, não importa quão religiosamente orientada ela seja. Como pode uma pessoa escrever sobre si e seus escritos com tanta exaltação, argumentar que é um agente especial de Deus, num caso único jamais visto e que jamais se repetirá, e em seguida atribuir falta de mansidão, humildade e capacidade de aprender aos que duvidam disso? Vejo nisso uma forma de doença mental, uma infecção pelos germes do egocentrismo, capazes de se reproduzir onde quer que se desenvolva uma atmosfera de poder e importância pessoais. Nenhum de nós possui imunidade natural a isso. Nossa proteção provém do reconhecimento claro e constante da liderança que cabe exclusivamente a Cristo, lembrando que, se temos uma relação pessoal com Deus, também a têm todas as outras pessoas que partilham uma fé comum, e do profundo respeito pelo fato de que somos todos iguais diante de Deus.

Compare todo o histórico e as afirmações precedentes com as declarações de Inácio, Cipriano e outros líderes dos primeiros séculos. Eles insistiam em maior lealdade e apego ao bispo como instrutor religioso escolhido por Deus, consideravam qualquer falta de submissão ou receptividade como ‘desonrar o Senhor’, e advertiam das terríveis consequências que viriam sobre os que questionassem a privilegiada posição de alguém supostamente escolhido pelo Senhor. Nas palavras de Lightfoot, o bispo passou a ser o “canal indispensável da graça divina”. Neste caso, temos um homem que se apresenta como “instrumento especial” de Deus, por meio do qual se recebe a compreensão de Sua mensagem e Sua direção. O paralelo é claro.

O padrão existente há séculos, que realça a importância humana e, por extensão, a autoridade humana, estava emergindo mais uma vez. Logo receberia um renovado e poderoso impulso.

Intensifica-se o processo centralizador

Com a morte de Russell em 1916, seguiu-se um período de incerteza. Na época, o colapso total do seu complexo sistema de datas proféticas (que tinha seu ponto de partida em 1874 e sua data de encerramento em 1914) trouxe grande confusão e resultou numa explosão de questionamentos.¹⁴

O sucessor de Russell, Joseph F. Rutherford, teve de lidar com isto. Qualquer devoção que ele tivesse aos altos princípios enunciados em números anteriores da *Sentinela* seria então posta à prova.

O livro *Crise de Consciência* já documentou os meios que ele resolveu empregar para pôr ordem nas fileiras. Esses meios incluíam a defesa estridente e dogmática dos ensinamentos tradicionais da Sociedade Torre de Vigia, as insinuações intimidatórias aplicadas a quem questionasse a certeza absoluta das profecias de datas passadas e das novas em elaboração, o farto uso de expressões como “indisputáveis”, “certeza comprovada”, “correta além da possibilidade de erro”, “de origem divina e divinamente corroborada”, e “sublime demais para ser resultado do acaso ou de invenção humana”, afirmações aplicadas a cálculos cronológicos que hoje estão totalmente descartados.¹⁵ Como demonstra o grande número dos que deixaram a associação durante a primeira metade dos anos 20, o sucesso destes métodos foi limitado.

Rutherford aumentou a turbulência do período devido a sua clara preocupação e determinação de que, como presidente da Sociedade Torre de Vigia, tinha de exercer o mesmo grau de autoridade que Russell tivera. A diferença era que ele não era o fundador da Sociedade nem seu acionista majoritário, como Russell fora. Travou-se uma luta pelo poder dentro da diretoria. Por meio da demissão de quatro diretores que não concordavam com seus desejos de controle total e, depois, da dissolução da comissão editora que Russell estabelecera,

¹⁴ Veja *Crise de Consciência*, capítulo 8.

¹⁵ Veja *Crise de Consciência*, capítulo 8.

Rutherford eliminou toda a resistência e exerceu, daí em diante, uma autoridade monárquica na sede mundial da Sociedade.

Embora isto lhe desse o completo controle da Sociedade e do que ela publicava, sua autoridade não ia além disso. No tempo em que Russell presidia a sociedade civil, a Sociedade Torre de Vigia de Tratados de Sião era vista apenas como instrumento para proclamar a mensagem. Ela e seus dirigentes não exerciam autoridade administrativa sobre as congregações ou “eclésias” que surgiam. Todo o controle exercido era principal e basicamente por meio da persuasão. Agora, porém, a atitude persuasiva parecia demasiado fraca para lidar com as circunstâncias existentes. Métodos coercitivos paulatinamente a substituíram. Repetindo o que acontecera nos primeiros séculos, recorreu-se à *centralização da autoridade e do controle*, como recurso para manter e de fato *impor* a unidade.

Em 1919, conforme o livro *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês), apenas dois anos após o Juiz Rutherford ter assumido a presidência, pediu-se às congregações que “se registrassem como organizações de serviço junto à Sociedade”, entendendo-se que a partir daí a sede de Brooklyn designaria um irmão da congregação para servir como representante da Sociedade, chamado “diretor”. O livro mencionado acrescenta (na página 95):

Isto significava que, pela primeira vez, a autoridade era retirada das congregações controladas democraticamente por seus “anciãos eletivos”, e a direção passava a ficar então, especificamente, sob a supervisão internacional da Sociedade. É verdade que isto era limitado, mas com este arranjo deu-se início à organização teocrática visível.

O afiado gume da lâmina fora inserido.

Logo depois, portanto, Rutherford começou a afastar-se da posição da Sociedade nos anos anteriores. Passou a trabalhar exatamente para o alvo que Russell tinha censurado como fruto do “pensamento carnal”: o desenvolvimento duma “organização visível, agressiva, firmemente unida, centralizada”. Um ano após dar o primeiro passo (já descrito), seguiu-se outro. A própria história da Sociedade relata:

A acentuação da responsabilidade de pregar começou em 1920, quando se pediu a todos da congregação que participavam na obra de testemunho que entregassem um relatório semanal.¹⁶

Deste modo, uma obrigação implícita de submissão ao controle da sede mundial em Brooklyn foi implantada nas mentes de todos os associados. As pessoas normalmente prestam relatório a um superior, ou pelo menos, a alguém para com quem se tem certa obrigação.

No primeiro século, as boas novas foram pregadas por todo o mundo romano e aceitas por milhares de pessoas. O apóstolo Paulo, que levou as boas novas a muitas nações, jamais atribuiu a propagação da mensagem à organização humana. Ao contrário, admitiu que ‘nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus que o faz crescer.’¹⁷ Em tom similar, o primeiro presidente da Torre de Vigia, Russell, dissera que era pensamento carnal crer que uma organização humana visível fosse essencial “para realizar alguma coisa”.

Em contraste, o destaque dado à organização durante a presidência de Rutherford tornou-se quase obsessão. Em 1922, *A Sentinela* dizia:

A eficiência com que o testemunho deve ser dado depende necessariamente em grande parte dos esforços organizados feitos no campo.¹⁸

Isto ressoou seis décadas mais tarde na *Sentinela* de 1º de junho de 1986 (página 25), que fala da obra realizada pelas Testemunhas de Jeová em 1985:

Esta obra nunca poderia ser feita sem haver uma organização.... Puderam fazer isso apenas porque estavam bem organizadas em umas 50.000 congregações, todas sob a direção visível de seu único Corpo Governante.

O poder do Espírito santo de Deus parece muito esquecido, substituído pela ‘organização eficiente’ (e os homens que a dirigem), sem a qual o êxito seria impossível. Os cristãos do primeiro século evidentemente não acharam ‘impossível’ dar testemunho por todo o Império Romano sem tais arranjos organizacionais. Em nenhum relato

¹⁶ *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês), página 96.

¹⁷ 1 Coríntios 3:5-7.

¹⁸ *A Sentinela* (em inglês), 15 de dezembro de 1922, página 389.

das Escrituras atribui-se à eficiência organizacional qualquer papel na disseminação da mensagem e na sua aceitação por milhares de pessoas. Conforme vimos nos capítulos 6 e 7 deste livro, o fator notável em todos os relatos é o grau espantoso de espontaneidade evidente, a informalidade manifesta e a ausência de qualquer tipo de atividade altamente programada ou intensamente supervisionada.

A Teocracia — governo de Deus do alto para baixo

Durante a década seguinte, Rutherford continuou a fortalecer a posição da Sociedade (e obviamente a dele próprio, como presidente). Em 1931 ele escolheu pessoalmente o nome “Testemunhas de Jeová” para a organização. Em 1932 ele aboliu os corpos de anciãos (então eleitos pelas congregações), declarando que o arranjo “não estava de acordo com os princípios do Grande Teocrata, que governava em seu santuário do alto para baixo.” Agora as congregações recomendariam um diretor de serviço, a ser “confirmado pelo executivo ou gerente da Sociedade”.¹⁹

Daí, em 1938, as congregações de todo o mundo foram convidadas a entrar num arranjo autorizando a sede de Brooklyn a designar todos que viessem a servir em cargos de responsabilidade nas congregações. Com isto, tudo passou a ser aclamado como plenamente “Teocrático”, “governado por Deus”. A centralização da autoridade fora conseguida. Deus agora governava “do alto para baixo” — e, na parte de baixo, tudo passava através de Brooklyn. Aquilo que os primitivos religiosos do passado levaram dois séculos para conseguir, a organização Torre de Vigia conseguiu em apenas meio século.

Como nos primeiros séculos do cristianismo, certas condições inquietantes e a resultante ênfase na necessidade de “unidade” e “ordem” forneceram a justificativa para essa intensa centralização de autoridade e para a subordinação individual à mesma. Todos foram exortados, repetidamente, a submeter-se à “ordem Teocrática”, o que significava, de fato, aceitar o que viesse da sede mundial como se viesse de Deus. A decisão do presidente da Torre de Vigia de abolir os corpos de anciãos e instituir um “governo teocrático” foi descrita depois como o cumprimento da profecia de Daniel acerca da ‘limpeza

¹⁹ *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, páginas 214, 638, 639.

do santuário’ após os 2.300 dias. Quanto aos novos ensinamentos e interpretações criados pela organização, dizia-se que eram “lampejos dos relâmpagos” procedentes do templo de Deus, conforme descritos no livro de Revelação.²⁰ Chamados de “classe do santuário”, eles apresentavam-se claramente como que ‘sentados no templo de Deus’.

Em vista de todos estes fatores, parece evidente que as características do “homem que é contra a lei” estavam emergindo nesta organização religiosa relativamente nova, tal como em outras religiões, grandes e pequenas.

Essencial para a vida

Os primeiros números de *A Sentinela* reconheciam que os adeptos dessa revista não eram os únicos cristãos da terra, não estavam confinados numa organização humana de contornos definidos. A salvação humana não dependia de ser membro de uma organização, mas da fé. Em contraste, os últimos anos da presidência de Rutherford viram a ênfase cada vez maior à “organização visível” e sua importância. O mundo inteiro estava dividido em dois lados, sob o controle de duas organizações principais, abrangentes. O livro *Inimigos*, publicado em 1939 (o primeiro que estudei pessoalmente) afirma (página 63):

Existem duas grandes organizações, a saber: a organização do Deus Todo-Poderoso, que é inteiramente justa, pura e verdadeira, e a organização do Diabo, o deus mímico, que é impura, iníqua e inteiramente falsa. O povo da terra está sujeito a uma ou a outra dessas organizações.

Não era tanto o conceito em si, mas era a *aplicação* desse conceito que exercia um efeito tão coercivo sobre todos os membros da congregação. Incentivava-se a atitude de que o único meio de estar sob orientação *de Deus* era a submissão às instruções que vinham da *organização visível* (sediada em Brooklyn), pois tudo que estivesse fora dos limites dessa organização era da organização de Satanás. Era isso que as Testemunhas de Jeová sentiam, era o que eu sentia.

²⁰ Daniel 8:14; Revelação 4:5; 11:19; veja também *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês), página 127; “*Seja Feita a Tua Vontade na Terra*”, páginas 193 a 200; “*Luz I*”, em inglês (1930), páginas 104, 227-229.

Os de *fora* da organização, apesar da evidência de fé, esperança e vida cristãs que dessem, eram condenados como *resistentes à palavra do próprio Deus* se não aceitassem as idéias publicadas pela organização sobre a “presença invisível” de Cristo em 1914 e outros ensinamentos e afirmações ligados a essa data. Por não aceitarem tais opiniões, foram criticados como *insubordinados a Deus*.²¹ Numa série de sete congressos das Testemunhas, de 1922 a 1928, aprovaram-se resoluções que se dizia serem cumprimento das ‘sete trombetas’ de Revelação capítulos 8 e 9. Estas continham repetidas condenações à Liga das Nações, ao “Grande Comércio”, aos líderes religiosos e coisas parecidas. Mas o que podemos chamar de “linha de fundo” de todas elas era a questão da aceitação das afirmações ligadas à data de 1914.²² Declarações na parte final do folheto *Divisão do Povo*, de 1933, são típicas da visão que se tinha da população de não-Testemunhas da terra:

No esconderijo do Altíssimo foram reveladas, aos que amam a Jeová, certas grandes verdades; e Deus ordena que eles as proclamem a todas as nações. (Mateus 10:27). Entre estas verdades reveladas estão as seguintes: que Jeová é o verdadeiro Deus; que Cristo Jesús é o Rei ungido por Jeová e o justo governador da terra; que em 1914 o Rei assumiu seu posto, e o primeiro serviço que fez foi expulsar do céu a Satanaz; que em 1918 ele começou a reunir seus fiéis em uma companhia estreitamente unida e lhes fez conhecido que Satanaz construiu poderosa organização na terra, constituída de religião, política e comércio; que dentro de pouco tempo será ferida a guerra do Armagedom; que, conhecendo Satanaz que pouco tempo lhe resta, está sobrecarregando mais e mais ao povo; que, para vindicar o santo nome de Jeová e salvar o povo, a guerra do Armagedom terá como resultado a completa destruição da organização de Satanaz, com inclusão de todas as nações da terra; que o povo deve receber notícia disto, e que esta notificação ou testemunho tem de ser feito no meio

²¹ “*Luz I*” (em inglês), páginas 122, 123.

²² “*Luz I*” (em inglês), páginas 108, 111, 118, 122-125, 139, 140; 218, 219; veja também *Cumprir-se-á Então o Mistério de Deus* (1971), páginas 209-247.

de grande oposição, mas será feito do mesmo modo ;
e que esta notificação não é ameaça a ninguém,
porém aviso solene: os que o escutarem poderão
recebê-lo ou rejeitá-lo; poderão guardá-lo ou des-
prezá-lo.

Todos os
que se colocam do lado de Satanaz e se opõem à
verdade de Jeová, morrerão certamente; e todos os
que servem a Jeová viverão para sempre e lhe
obedecerão e honrarão o santo nome do Eterno.

Aceitar os *ensinos*, dos quais se destacavam os relacionados com 1914, equivaleria logicamente a aceitar a *organização* que fala em nome de Deus, a organização Torre de Vigia sediada em Brooklyn, e a submissão à sua “ordem Teocrática”. Para avaliar esta realidade, deve-se ter em mente a visão de mundo das Testemunhas de Jeová, a saber, que havia apenas dois lados e que todas as pessoas da terra estavam divididas em duas organizações: a de Satanás e a de Deus. Havia apenas um meio de escapar à destruição, e este consistia em separar-se da organização de Satanás (contendo 99,99 % da população da terra) e alinhar-se com a organização de Deus (então composta de cerca de 100.000 Testemunhas de Jeová ou cerca de 0,006 % das pessoas). Era essa a única opção, ‘guardar ou desprezar’, e a advertência era que desprezá-la significaria a morte.

Embora escrito no ano seguinte à morte de Rutherford, um artigo intitulado “Requisitos Justos”, publicado na *Sentinela* (em inglês) de 1º de julho de 1943, páginas 204-206, ilustra a atitude de submissão total à organização que fora inculcada nas Testemunhas de Jeová durante a presidência dele. Mostra, também, como uma organização pode clara e ousadamente pedir às pessoas para pôr no mesmo nível o que ela diz e que o próprio Deus diz. Examine estas citações do artigo:

Toda organização requer instruções específicas para todos os que nela servem. No passado o Senhor lançou suas “instruções de organização” para seus servos por meio de sua agência central ou canal. Cada um aceitou alegremente sua respectiva parte e fielmente a cumpriu.

Agora, diz o apóstolo, Jeová nos fala por meio de seu Filho. (Heb. 1:1, 2) O Filho retornou como Rei; veio ao seu templo. Ele designou

seu “servo fiel e prudente”, que é seu porta-voz visível, e diz aos que têm o privilégio de representá-lo na terra: “Este evangelho do reino será pregado em todo o mundo num testemunho a todas as nações” (Mateus 24:14);

Estas expressões da vontade de Deus por seu Rei e através de sua agência estabelecida constituem sua lei ou norma de ação para o “servo fiel e prudente” e para seus companheiros de boa vontade hoje, que residirão sobre a terra para sempre, no Novo Mundo. O Senhor leva adiante nossas instruções de organização e as torna mais práticas por dar-nos mais instruções mediante seu “servo fiel e prudente”. Ele diz: ‘Designemos o campo, o mundo, a pioneiros especiais, pioneiros regulares e companhias de testemunhas de Jeová, de modo ordeiro, suficiente para que todos, de modo cabal, dêem testemunho no mesmo, e coloquemos sobre cada um a responsabilidade de cuidar dos interesses do Novo Mundo em suas respectivas designações.’ Ele diz que o requisito para os pioneiros especiais será de 175 horas e 50 revisitas por mês, as quais devem evoluir para um número considerável de estudos; e para os pioneiros regulares, 150 horas e tantas revisitas e estudos quantos possam ser desenvolvidos durante esse tempo. E aos publicadores de companhia [congregação] ele diz: ‘Estabelecamos uma quota de 60 horas e 12 revisitas, e pelo menos um estudo por semana para cada publicador.’ Estas diretrizes nos chegam do Senhor por meio de sua agência estabelecida, orientando-nos quanto ao que se requer de nós; e para os que realmente amam o Senhor e são dirigidos por seu conselho, isto é um requisito de serviço razoável. Esta declaração da vontade do Senhor deve pôr fim a toda controvérsia. É para seu próprio bem que se estabelecem estes requisitos, pois deste modo vocês serão habilitados a provar sua integridade e a magnificar o nome do Senhor.

Estas diretrizes do Senhor chegam a nós como indivíduos e como unidades coletivas chamadas “companhias”. Quase todos os que são consagrados ao Senhor reconhecem que uma companhia precisa de organização a fim de funcionar corretamente, mas nem todos estes irmãos apreciam o fato de que, como indivíduos, precisam de organização tão completa quanto a duma companhia para desincumbir-se de suas responsabilidades individuais. Para ilustrar: todos entendem que cada companhia deve ter uma designação definida de território no qual dar testemunho, mas nem todos apreciam que cada indivíduo dessa companhia tenha sua própria designação pessoal de território no qual testemunhar. Seria tolice um publicador concluir que pode servir

ao Senhor de modo correto sem uma designação pessoal, tal como seria uma companhia decidir que pode funcionar de modo aceitável perante o Senhor sem uma designação de território. Uma companhia precisa ter uma designação, e nela trabalhar sistematicamente de casa em casa, fazer revisitas, dirigir estudos e ajudar as pessoas de boa vontade de modo geral. Devem levar a cabo todas as formas de trabalho com revistas nessa designação. Logicamente eles ficarão com sua própria cidade e todo o território adjacente de que possam cuidar. Seria o cúmulo da tolice que saíssem de sua própria cidade e fossem a uma cidade a 20 milhas [mais de 30 km] de distância, já designada a outros, e tentassem sistematicamente testemunhar ali. Qualquer pessoa inteligente admitirá que isso seria não só tolice, mas infidelidade em massa ao Senhor. O mesmo princípio aplica-se ao publicador que se recusa a aceitar a responsabilidade de uma designação pessoal de território e ficar com a designação mais próxima possível de sua casa. Quanto mais longe de casa for a designação, menos tempo terá para se dedicar a ela e mais difícil será dar atenção apropriada aos interesses do território. Conseqüentemente, há certo grau de infidelidade ao Senhor em desperdiçar, desse modo, o tempo e a energia que a ele pertencem.

Chegou o tempo para cada um levar plenamente seu próprio fardo diante do Senhor. Com as provisões que o Senhor agora fez de suprir-nos de novos livros, folhetos de perguntas que contêm instruções completas para dirigir estudos, etc., não há absolutamente desculpa para ninguém, homem ou mulher, alegar que não é capaz de aceitar uma designação individual de território e assumir plena responsabilidade por ela. Os que realmente amam o Senhor e lutam pelo Novo Mundo não tentarão escusar-se por este ou aquele motivo, mas escutarão a Palavra do Senhor quando ele diz: “Que nós façamos assim e assim”, e terão sempre em mente que nós inclui o Senhor, que estará com vocês em todo empreendimento. — Mateus 18:20.

O Senhor, mediante seu “servo fiel e prudente” agora nos diz: “Cubramos nosso território quatro vezes em seis meses.” Isso se torna instrução da nossa organização e tem para nós a mesma força compulsiva da declaração de Deus quando disse ao Logos: “Façamos o homem à nossa imagem.” É nosso dever aceitar esta instrução adicional e obedecê-la. Mas alguém pode dizer: “As condições são diferentes. No caso do Logos, ele podia realizar o que Jeová lhe ordenou, mas cobrir nosso território quatro vezes em seis meses não é de modo algum razoável. Nunca o cobrimos mais de uma vez, ou, no máximo, duas vezes em seis meses. Isso simplesmente não pode ser

feito.” Todos nós já ouvimos este argumento. E se fosse verdadeiro isto pareceria muito ruim, e implicaria que o Senhor está nos pedindo para fazer algo impossível. Os filhos de Israel caminharam ao redor de Jericó sete vezes no último dia.

O território que agora é coberto uma a duas vezes em seis meses pode ser facilmente coberto quatro a seis vezes no mesmo período, se todos levarem a sério suas responsabilidades do Reino. Isto *não* é teoria, mas fato concreto baseado em números obtidos de várias companhias durante os últimos seis meses.

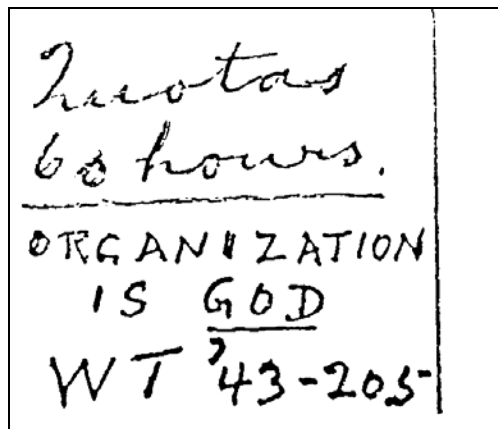
Fazer isto pode significar tirar tempo e esforço que agora são dedicados aos interesses do “velho mundo” e transferi-los para os interesses do Novo Mundo, que são os de Deus e permanecerão para sempre. As palavras do apóstolo Pedro são diretas neste respeito: “Vendo então que todas estas coisas serão dissolvidas, que sorte de pessoas deveis ser em toda santa conversação e piedade?” (2 Pedro 3:11) Antes de haver verdadeiro progresso no aumento de nossa atividade, devemos reconhecer, cada um, que essas chamadas à ação vêm do Senhor e aplicam-se pessoalmente a nós, e responder a elas de todo o coração.

O governo do Novo Mundo está com 29 anos. Conseqüentemente, deve-se trazer isto constantemente à atenção das pessoas, visitando-as em suas casas e falando-lhes sobre isso, fazendo revisitas e dirigindo estudos com elas, trabalhando em territórios comerciais e visitando-as em seus escritórios. Deve-se dar testemunho a elas nas ruas com nossas revistas, com os publicadores apresentando a mensagem do Novo Mundo. Não importa onde estejam, as pessoas devem ter sempre diante delas a evidência de que o Governo do Novo Mundo começou a funcionar.

(Veja o trecho original desta revista no Apêndice)

Eu tinha apenas 21 anos quando saiu essa matéria. Assim mesmo, revendo-a agora, pergunto-me como foi que eu e a vasta maioria das Testemunhas de Jeová pudemos ler afirmações tão ostensivamente arrogantes sem sentir repulsa ou ao menos motivação de pensar seriamente na atitude que nos incutiam. Pelo menos uma pessoa o fez. O volume encadernado dos números de 1943 de *A Sentinela* que hoje tenho, pertenceram outrora a um homem que começou a associar-se com a organização *em 1910* e continuou nela por *setenta anos* até

1981. Quando procurava o artigo citado acima, achei uma folhinha de papel que ele tinha inserido no artigo. Esta é a fotocópia:



TRADUÇÃO:

Quotas de
60 horas.

A ORGANIZAÇÃO
É DEUS
SENT. 43-205²³

Todo o espírito do artigo desta *Sentinela* de 1943 reflete ponto de vista idêntico ao expresso séculos atrás nas Homilias Clementinas, já citadas, na afirmação: “quem desobedece a tuas ordens desobedece a Cristo, e quem desobedece a Cristo ofende a Deus.”

É por isso que o artigo de *A Sentinela* já mencionado (no capítulo 2), escrito em 1946, quatro anos depois da morte do Juiz Rutherford,

²³ Quem escreveu isto foi Percy Harding, cuja experiência é relatada no capítulo 11 deste livro.

intitulado “Seja Deus Verdadeiro”, foi tão revigorante. Representava uma mudança radical do pensamento e da ação quase militares, regimentais, a que eu me acostumara durante os anos da presidência de Rutherford.

Visto que as afirmações desse artigo de *A Sentinela* de 1946 e as feitas pelos representantes da Torre de Vigia no caso da Escócia em 1954 estão em claro conflito umas com as outras, qual delas representa a verdadeira posição da organização hoje?

A evidência, lamentavelmente, mostra que a animadora posição moderada tomada pela *Sentinela* de 1946 com relação à Bíblia e ao direito e responsabilidade de cada pessoa lê-la, e mediante este estudo chegar à própria conclusão quanto aos ensinamentos dela, sem os ditames de uma organização que exerça “poder de ensino” ou “cargo de ensino” logo começou a ser restringida. E não só restringida, mas eventualmente rejeitada e combatida com argumentos completamente opostos. Por quê?

Creio que após a morte do Juiz Rutherford tanto Nathan Knorr como Fred Franz desejaram de início afastar-se do dogmatismo estridente dos escritos dele. Não havia, no início da nova presidência de Nathan Knorr, as situações específicas de crise interna, grande oposição ou ameaças de deserção que Rutherford enfrentou. A estas, como mostram as publicações da Sociedade, ele reagiu com mão de ferro e língua afiada. Lyman Swingle, membro do Corpo Governante, referindo-se, um dia, à mudança efetuada pela reorganização do Corpo em 1975-76, disse-me: “Se você acha que *isso* foi uma grande mudança, devia ter estado aqui depois que Rutherford morreu e Knorr assumiu.” A presidência de Knorr assinalou notável melhoria em relação à virtual tirania do controle de Rutherford.

Qualquer que fosse a intenção inicial de Knorr e Franz, porém, com o tempo o antigo padrão passou mais uma vez a impor-se. A tendência de grande ênfase à autoridade centralizada tornou-se cada vez mais pronunciada. A estrutura de autoridade existente era, de fato, a que se construíra durante a presidência de Rutherford. Era um legado dele. Para permanecer intacto e firme, esse legado tinha de ser defendido e a autoridade centralizada tinha de ser ressaltada, do contrário poderia

perder o controle dos membros individualmente, seu pensamento, sua capacidade de tomar decisões, o uso do seu tempo, suas consciências.

Note que o julgamento de 1954 na Escócia, o “caso Walsh”, foi sobre se Douglas Walsh, superintendente presidente duma congregação de Testemunhas de Jeová, preenchia os requisitos de ministro ordenado segundo a lei britânica de recrutamento. Para conseguir tal objetivo, os representantes da Torre de Vigia fizeram exatamente o oposto do que afirmavam as edições anteriores de *A Sentinela*. Essas revistas diziam que as Testemunhas de Jeová eram muito *diferentes* das religiões instituídas da cristandade, que tinham suas *estruturas de autoridade* e seus *credos* oficiais. Agora os representantes da Torre de Vigia tentavam mostrar que as Testemunhas de Jeová, como religião, eram basicamente muito *semelhantes*, que de fato tinham um credo que todos têm de acatar, e portanto, os superintendentes presidentes das Testemunhas de Jeová tinham direito à mesma classificação que os clérigos das igrejas estabelecidas.

Essa parece ser a principal razão de os porta-vozes da Torre de Vigia, Franz, Covington e Suiter, terem sido tão taxativos, e até inflexíveis, ao afirmarem que era obrigação de todos os membros da organização aceitar e sujeitar-se a TODOS os ensinamentos dela, sob pena de expulsão por desobediência. Tinham de fazê-lo mesmo que, com razão, acreditassem que alguns desses ensinamentos eram contrários às Escrituras. Para obter os benefícios legais almejados, parece que precisavam, ou achavam que precisavam — estabelecer esse tipo de credo obrigatório sobre os membros, a fim de Walsh poder ser classificado como ministro “ordenado” de uma *religião estabelecida, reconhecida, autêntica*.²⁴

Como se pode recordar, quando perguntaram a Fred Franz acerca da autoridade das declarações doutrinárias da Sociedade Torre de Vigia, “É a aceitação delas questão de opção ou é obrigatória para todos os que são e desejam continuar a ser membros da Sociedade?”, sua resposta foi: “É obrigatória.” Quando lhe perguntaram acerca do

²⁴ A decisão do tribunal de fato concedeu às Testemunhas de Jeová o reconhecimento como religião “estabelecida”, mas pronunciou-se contra reconhecer Walsh como “ministro ordenado”. Veja *Anuário das Testemunhas de Jeová de 1974*, páginas 133, 134.

ensino errôneo sobre 1874, se “tornou-se obrigação das Testemunhas de Jeová aceitar este cálculo errado?”, o vice-presidente respondeu: “Sim.” Quando lhe fizeram a colocação, “Uma Testemunha não tem alternativa senão aceitar como compulsórias e obedecer às instruções publicadas em *A Sentinela* ou no *Informante* ou na *Desperta!*?” sua resposta foi: “Ele tem de aceitá-las.” Quando lhe perguntaram se, à parte das informações contidas nas publicações da sociedade, um homem seria capaz de interpretar as Escrituras corretamente, ele respondeu: “Não.”

Quando perguntaram a Hayden Covington se a unidade era imposta mesmo que “baseada na aceitação obrigatória de falsas profecias” ele disse: “Admite-se que isso é verdade.” Quando lhe perguntaram se a recusa de alguém a aceitar tais coisas o levaria à desassociação, e portanto a uma situação em que “mereceria a morte”, ele reagiu, “Digo sim, sem hesitar.”

Grant Suiter, do mesmo modo, quando lhe perguntaram se alguém pode ter um entendimento correto das Escrituras sem as publicações das Testemunhas de Jeová, respondeu: “Não.” Com relação aos ensinamentos errôneos sobre 1874 e 1925, quando lhe perguntaram “foi a aceitação, a aceitação absoluta como Verdade, imposta a todas as Testemunhas de Jeová da época?”, ele disse: “Isso mesmo.”

Na realidade, isto deturpava muito os fatos. Nem no tempo de Russell nem no de Rutherford (durante cujas gestões foram ensinadas as predições falsas específicas) existira a prática de desassociar pessoas que conscienciosamente objetassem a certos ensinamentos. No tempo de Russell havia críticas sutis ou insinuações de falta de fé aos que expressavam dúvida ou discordância; no tempo de Rutherford estes podiam ser removidos do cargo e até repreendidos verbalmente, mas raramente se aplicava a *excomunhão* como instrumento para impor a unidade. Todavia, os três representantes da Sociedade evidentemente se sentiram justificados em dizer o que disseram a fim de atingir o objetivo que buscavam. Disfarçaram o passado de modo a adaptá-lo à posição da organização então em vigor, na qual a aceitação dos ensinamentos

da organização tinha se tornado compulsória para quem quisesse evitar a expulsão.²⁵

Alguém pode pensar que as declarações deles só foram proferidas nestes termos absolutos e inflexíveis por causa das circunstâncias, sob a pressão momentânea do interrogatório no tribunal, e que, portanto, não representavam o verdadeiro ponto de vista e prática da organização, especialmente a posição tão eloquentemente apresentada em 1946. Seria bom pensar assim se ao menos as evidências permitissem. Mas não é o caso. Considere o que disseram números subseqüentes da revista.

Um padrão secular prevalece até hoje

Nos anos 40 as Testemunhas de Jeová haviam se unido firmemente diante da perseguição: a violência das turbas em algumas regiões, a questão da saudação à bandeira, a proscrição totalitária e a perseguição na Alemanha nazista e outros países beligerantes e a tensão global da Segunda Guerra Mundial. Nos anos 50 tudo isto passara. As

²⁵ O uso semelhante de táticas de manipulação pôde ser visto numa questão jurídica bem mais recente, ocorrida em Bonham, Texas, em 1986. Os anciãos que eram curadores do Salão do Reino ali foram arbitrariamente substituídos pela Sociedade Torre de Vigia e levantou-se uma questão jurídica quanto a quem tinha o controle legal do salão. A lei reconhecia apenas dois tipos de controle eclesiástico, o hierárquico e o congregacional. As publicações da Sociedade Torre de Vigia tinham declarado firmemente que sua direção “não era hierárquica”. (Veja, por exemplo, o livro *Vida Eterna na Liberdade dos Filhos de Deus*, 1966, páginas 169, 170; *Qualificados Para Ser Ministros*, 1959, páginas 268, 269) Contudo, a fim de assegurar seu controle sobre este Salão do Reino de Bonham, os advogados da Sociedade foram autorizados a apresentar seu controle como “hierárquico” ao invés de “congregacional”. Don Adams, vice-presidente da corporação da Sociedade de Nova York, entregou uma declaração juramentada com este objetivo, afirmando no item 6: “Para implementar suas decisões, o Corpo Governante utiliza uma organização hierárquica juntamente com entidades jurídicas.” (Veja o Apêndice.) Daí, ele delineia as evidências da natureza hierárquica do arranjo em vigor, com a sede mundial de Brooklyn no alto da estrutura de autoridade, seguida das comissões de filial, superintendentes de zona, superintendentes de distrito, superintendentes de circuito, corpos de anciãos e servos ministeriais. Neste caso, a declaração da natureza hierárquica era contrária às afirmações publicadas pela organização. Não era, contudo, contrária aos fatos, pois é visível a natureza hierárquica da estrutura.

Testemunhas que, como adolescentes e crianças, tinham ouvido o Juiz Rutherford dizer no congresso de Saint Louis em 1941 que ‘em breve os príncipes dos tempos bíblicos estariam com eles’, e que adiassem o casamento até essa época, já tinham passado dos 20 anos.²⁶ A era do pós-guerra de crescente prosperidade e ampla tolerância avançava. As terríveis condições que tinham estimulado as empolgantes especulações sobre a iminência do Armagedom ficaram em segundo plano. Como muitas outras religiões que aplicam profecias a certas datas e períodos de tempo modernos, toda a história da Torre de Vigia mostrava que se apoiava nas condições *desfavoráveis* do mundo como confirmação de suas afirmações. As más notícias do mundo servem como meio de estimular as expectativas entre os adeptos, incutindo-lhes o senso de urgência. O período de paz que se seguiu à Segunda Guerra Mundial não contribuiu para isto tanto quanto as dramáticas circunstâncias dos anos de guerra.

Em meio ao clima de certo desvanecimento entre as Testemunhas de Jeová, *A Sentinela* passou então a lidar com a tendência que alguns tinham de questionar a certeza de seus ensinamentos e declarações. Ainda em 1946, *A Sentinela* havia rejeitado francamente a idéia de uma “Mãe Igreja” autorizada por Deus a ensinar seus “filhos”. A idéia de uma organização visível encarregada do “magisterium” ou autoridade de ensinar foi também rejeitada. E então, apenas seis anos depois, as seguintes afirmações apareceram na *Sentinela* de novembro de 1952, páginas 164 e 165:

²⁶ Veja *Crise de Consciência*, capítulo 8.

¹¹ Temos de demonstrar nosso entendimento nestes assuntos, apreciando nossa relação à organização teocrática visível e lembrando-nos da sorte dos semelhantes a Coré e Acan, Saul e Uzias e os demais que se esqueceram da ordem teocrática. Fomos nós designados individualmente a produzir o sustento para a mesa espiritual? Não? Por isso não tratemos de assumir os deveres do escravo. Devemos comer, digerir e assimilar o que se coloca diante de nós, sem rejeitar certas partes do alimento porque talvez não convenha ao capricho do nosso gosto mental. As verdades que havemos de publicar são aquelas que a organização do escravo discreto fornece, não algumas opiniões pessoais contrárias ao que o escravo providenciou como sendo sustento conveniente. Jeová e Cristo dirigem e corrigem o escravo conforme a necessidade, não nós como indivíduos. Se não entendemos um ponto no princípio, devemos tratar de apreendê-lo, em vez de nos opor a êle, rejeitando-o e assumindo a posição presunçosa de que provavelmente tenhamos mais razão do que o escravo discreto. Devemos prosseguir andando mansamente com a organização teocrática do Senhor e aguardando esclarecimento adicional, ao invés de levantar objeções quando primeiro se menciona um pensamento que não nos apetece e começar a sofismar e resmungar nossas críticas e opiniões como se fôsem de mais valor do que a provisão de alimento espiritual pelo escravo. As pessoas teocráticas apreciarão a organização visível do Senhor e não serão tão insensatas que oporão ao canal de Jeová seu próprio arrazoamento humano e sentimentos pessoais.

¹² Ora alguns poderão perguntar, Devemos acei-

tar como proveniente do Senhor e verdadeiro o alimento fornecido mediante o escravo discreto, ou devemos recusar aceitá-lo até que o tenhamos provado para nós mesmos? Se adquirimos nosso atual entendimento da Bíblia por alimentarmos-nos à mesa posta pelo escravo, se por êste meio fomos libertos das falsas doutrinas e edificados na adoração limpa e incontaminada de Deus e inspirados com uma esperança do novo mundo, devemos ter alguma confiança nas provisões do escravo. Tendo sido nutridos até a nossa atual fôrça e madureza espiritual, de súbito nos tornamos mais sabidos do que nosso provedor anterior e abandonamos a orientação iluminadora da organização que nos serviu de mãe? «Não abandones a lei de tua mãe.» (Pro. 6: 20-23, *So*) E se o Pai celestial não daria uma pedra nem cobra nem escorpião ao filho que lhe pedisse pão ou um peixe ou um ôvo, devemos nós tomar em nossas mãos o sustento espiritual que êle fornece por meio do escravo como se fôssemos ser feridos por uma pedra ou mordidos por uma cobra ou picados por um escorpião? (Mat. 7:7-11; Luc. 11: 9-13, *NM*) Duvidaremos e suspeitaremos cada nova provisão? «O que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento. Em verdade, não suponha êsse homem que receberá de Jeová alguma coisa.» (Tia. 1:6, 7, *NM*) Mesmo os de Beréia primeiro receberam a pregação de Paulo «com tôda avidez», e daí prosseguiram a 'examinar cuidadosamente as Escrituras todos os dias para ver se estas coisas eram assim'. (Atos 17:11, *NM*) Êste foi o primeiro real contacto que os de Beréia tiveram com a pregação de Paulo, contudo a aceitaram de boa vontade e então por si estudaram o apoio bíblico. De quanto mais boa vontade podemos nós receber as provisões do escravo, confiando nelas, visto que, dessemelhantes aos de Beréia, temos muita experiência passada com as provisões preciosas do escravo. Após recebermos êstes abastecimentos alimentícios nós mesmos provamos sua exatidão bíblica a fim de tornar a mensagem nossa própria, com espírito de mansidão e plena confiança e não com agressão.

Para os leitores da *Sentinela*, a organização é de fato descrita como algo acima e além de correção por parte de outra fonte que não seja Deus e Cristo. Se alguém tenta apontar-lhe os erros, isso mostra que se acha “mais sabido” que a “mãe” organização, sendo assim falto de humildade. Incrível como pareça, considerando o longo histórico de especulações, predições fracassadas, marcações erradas de datas e inúmeras mudanças de interpretação das Escrituras, o artigo diz aos leitores que *eles podem receber os ensinamentos da “mãe” organização ‘com muito mais boa vontade’ do que os bereanos podiam receber o que o apóstolo Paulo dizia*, porque “temos muita experiência passada com as provisões preciosas do escravo [a organização].”! Na realidade, quanto maior a experiência passada com as publicações da organização, maior razão para ter extrema cautela, como mostra claramente a história de erros cometidos pela organização.²⁷

O processo de enfatizar a autoridade humana e fortalecer o controle humano mediante a autoridade centralizada, que Rutherford tão habilmente desenvolveu por quase três décadas, foi prosseguido com habilidade ainda maior por seus sucessores. Seu linguajar progrediu além das expressões ásperas e até francamente ditatoriais, típicas da presidência de Rutherford. Adotaram argumentação mais sofisticada e uma fala mais suave, mais atraente. Todavia, atingia o mesmo grau de intimidação intelectual e buscava impor a mesma espécie de complexo de culpa a quem prontamente não acatasse todos os ensinamentos, diretrizes ou programas que procediam da sede central em Brooklyn.

O efeito final me recorda o que o historiador Paul Johnson escreve como resumo do conceito de igreja defendido por Cipriano no terceiro século. Ele afirma:

Seu raciocínio [de Cipriano] era o seguinte. A Igreja era uma instituição divina; a noiva de Cristo; Mãe Igreja, a mediadora de toda salvação. Era una, indivisa e católica [universal]. Somente em associação os católicos poderiam ter vida. Fora de sua camaradagem sagrada, não havia nada além de erro e trevas. Os sacramentos, a ordenação episcopal, até a própria Bíblia, perdiam seu significado se

²⁷ *God's Outlaw* (O Proscrito de Deus), livro de Brian Edwards sobre o tradutor bíblico William Tyndale, na página 7, alista como um dos três principais questionamentos de Martinho Lutero que “o papado era um corpo governante humano, capaz de errar e suscetível de ser posto à prova pelas Escrituras”.

empregados fora da verdadeira Igreja. A Igreja era também humana, comunidade visível, encontrada apenas sob uma forma organizada. O indivíduo não podia ser salvo mediante o contato direto com Deus. A hierarquia cuidadosamente graduada, sem a qual a Igreja organizada não poderia existir, foi estabelecida por Cristo e os apóstolos... a única instrução inequívoca nelas [as Escrituras] contidas era permanecer fiel à Igreja e obedecer às suas regras. Com Cipriano, pois, a liberdade pregada por Paulo e baseada no poder da verdade cristã foi retirada dos membros comuns da Igreja; somente os bispos, por meio de quem o Espírito Santo ainda operava e a quem se delegava coletivamente a representação da totalidade dos membros da Igreja, a mantiveram.²⁸

Releia este parágrafo substituindo a palavra “igreja” por “organização”. Então se pergunte se ele não descreve com exatidão o conceito inculcado entre as Testemunhas de Jeová por meio da repetição constante conforme demonstra a evidência a seguir.

Honrando a mãe organização

A *Sentinela* de 1º de maio de 1957 (em inglês), página 274, faz a afirmação de que a “verdadeira mãe dos cristãos” não é uma organização terrestre, mas celestial, a “organização invisível e universal de Deus”. Todavia, diz que a ‘mãe’ espiritual tem um “canal visível de comunicação” para todos os membros da congregação e que esse canal é a organização terrestre. Em termos claros, isso significa que quando a “mãe” fala é através da “organização Teocrática visível”, e assim, se alguém quer escutar a “mãe celestial” deve fazê-lo por escutar a organização visível da Sociedade Torre de Vigia. O resultado, então, é que o que se diz da ‘mãe invisível, espiritual, celestial’, torna-se aplicável ao suposto canal terrestre dela, sem cuja direção os membros não podem entender a Bíblia. Após citar Provérbios 6:20, 23, o artigo declara:

³ Considere isso por um momento. Mencionam-se duas coisas: o mandamento do pai e o ensino ou lei da mãe. Daí, o provérbio explica que o mandamento do pai é uma lâmpada ardente, mas que há luz também provindo do ensino ou lei da mãe. O mundo está cheio de Bíblias, que contêm os mandamentos de Deus. Por que, então, as pessoas não sabem que caminho seguir? É porque não têm o ensino ou lei da mãe, que é luz. Jeová Deus proveu sua santa Palavra escrita para

²⁸ *História do Cristianismo*, Paul Johnson, páginas 76, 77.

toda a humanidade e ela contém toda a informação necessária para que os homens tomem o rumo que conduz à vida. Mas Deus não determinou que essa Palavra falasse de modo independente ou fizesse brilhar as verdades vivificantes por si própria. Sua Palavra diz: “A luz brilhou para o justo.” (Sal. 97:11) É por meio de sua organização que Deus provê esta luz que o provérbio diz ser o ensino ou lei da mãe. Se havemos de andar na luz da verdade devemos reconhecer não apenas a Jeová Deus como nosso Pai, mas a sua organização como nossa mãe.

⁴ Alguns que se chamam cristãos e que afirmam ter a Deus como Pai se jactam de que andam com Deus apenas, que ele pessoalmente lhes dirige os passos. Tais pessoas não só abandonam o ensino ou lei da mãe, mas literalmente jogam nas ruas a mulher de Deus. A luz da verdade de Deus não é para eles. Na nação de Israel Jeová tornou obrigatória a obediência aos pais. “Honra teu pai e tua mãe”, foi o quinto dos Dez Mandamentos. (Ex. 20:2-17; De. 5:16, NM) A recompensa pela obediência era uma vida longa; pela desobediência, a morte. “Caso um homem tenha um filho obstinado e rebelde, que não escuta a voz de seu pai nem a voz de sua mãe, e eles o tenham corrigido, porém, ele não os queira escutar, então... todos os homens da sua cidade têm de atirar nele pedras e ele tem de morrer.” (De. 21:18-21, NM) Exigia-se tal honra e obediência como devida não só aos pais carnis, mas também aos homens mais idosos com influência em Israel. Deixar de render tal respeito apropriado por Eliseu, profeta de Jeová, trouxe sobre um bando de delinquentes juvenis uma justa sentença de execução veloz. (2 Rs. 2:24) Hoje, também, Jeová requer e exige de seus filhos, obediência, honra e respeito. Deve-se render estes não apenas ao próprio Deus vivente, mas também à sua organização-esposa.

Esta matéria está repleta de asserções. Apresenta um quadro totalmente alheio ao que as Escrituras Cristãs revelam sobre a verdadeira relação entre os crentes na congregação cristã. Essas Escrituras mostram que homens podem ajudar outros a crescer em conhecimento e entendimento, mas de modo algum apresentam homens, ou uma corporação de homens, como *essenciais* a tal conhecimento e entendimento. Isto seria a negação do ensino de Jesus Cristo de que *ele* e *apenas ele* ocupa a posição de Instrutor nesse sentido essencial.²⁹ A posição de *A Sentinela*, em vez de representar as

²⁹ Mateus 23:8, NM.

Escrituras, reflete mais a linguagem de Cipriano no terceiro século, que escreveu, deste modo, sobre a “mãe Igreja”:

...de seu ventre nós nascemos, com seu leite nos nutrimos, por seu espírito somos animados... Já não pode ter a Deus como Pai aquele que não tem a Igreja como mãe.³⁰

Substitua, de novo, a palavra “Igreja” pela palavra “organização” e a linguagem de toda a argumentação torna-se idêntica à encontrada na revista *A Sentinela* há pouco citada. Nas mentes dos membros, a distinção publicada entre a ‘mãe celestial’ e sua ‘filha terrestre’ passa a ser irrelevante, tornando-se uma distinção inútil, pois a voz da mãe só é ouvida por meio do canal terrestre. Embora se diga que não é assim, e que a voz da ‘mãe celestial’ também é ouvida através das Escrituras, os membros são claramente informados de que só podem entender essas Escrituras por meio da organização terrestre. Em virtude de tais pretensões, a organização visível assume uma espécie de copaternidade com Deus, como a agência terrestre mediante a qual o Pai transmite todas as suas instruções a seus filhos da humanidade.

Pode-se avaliar o efeito rebaixador que este conceito pode ter sobre o papel de Jesus Cristo e do Espírito santo na mente dos que aceitam estas afirmações, e este é o aspecto mais sério da questão. Quando a “mãe” fala com o apoio do Pai, onde fica o Filho e quão necessária é a sua orientação? As referências a Cristo Jesus e ao Espírito santo na explicação desta *Sentinela* já citada só se destacam pela completa ausência. Hoje, apesar das afirmações em contrário, na mente e na conversa da maioria das Testemunhas, a tendência comum é pensar e falar em termos de “Jeová e sua organização”, com Cristo Jesus recebendo apenas menção subalterna. Mesmo essa menção raramente é feita ao espírito santo. Quem achar que não é assim deveria tomar tempo para escutar a si próprio e aos outros em suas conversas.

A “verdade bíblica” e os “ensinos da organização” se confundem como essencialmente equivalentes, uma coisa só, na mente da maioria das Testemunhas, e o contínuo martelar da superioridade e autoridade da organização é que produz em seus pensamentos essa mistura mental. Geralmente se esforçam em revestir as declarações autoritárias com palavras que até certo ponto disfarçam esta realidade.

³⁰ “Os Tratados de Cipriano”, Tratado I, parágrafos 5, 6.

Ocasionalmente, porém, os redatores da Torre de Vigia, por meio de um termo simples, típico da época de Rutherford, expressam inconscientemente o real panorama criado. Em 1959, por exemplo, o livro “*Qualificados Para Ser Ministros*” (páginas 143, 144) afirmava:

5 O primeiro essencial para o estudo é a correta condição da mente e do coração, apreciando que Jeová dá entendimento somente aos mansos, e não aos teimosos. Se tivermos amor a Jeová, e à organização de seu povo, não teremos suspeitas, mas, como diz a Bíblia, ‘creremos em todas as coisas’, todas as coisas que *A Sentinela* esclarece, uma vez que tem sido fiel em nos dar conhecimento dos propósitos de Deus e em nos guiar no caminho da paz, da segurança e da verdade, desde seu início até o dia atual.

Nos primeiros séculos, as interpretações e decisões chegavam ao povo vindas “da Igreja”. Vinham, de fato, dos homens que dirigiam a Igreja naquela época específica, quer fossem os papas quer outros teólogos. Mas com a ênfase dada “à Igreja”, mais que aos homens envolvidos, a sujeição à autoridade do dogma tornava-se mais aceitável. O mesmo se dá com o uso do termo “organização”. Na época de Rutherford, o fato de seus escritos levarem ostensivamente seu nome, bloqueava até certo ponto o efeito hoje obtido por meio de literatura e artigos cuja autoria fica, por norma, *anônima*. O autor humano é agora encoberto pelo manto da organização, e os leitores consideram que aquilo que lêem veio “da organização”. Significa, na realidade, que veio “dos homens que no momento ocupam posições de autoridade na organização.” As Testemunhas são treinadas para não pensar assim e para sentirem-se culpadas se o fizerem. E foi exatamente deste modo que as pessoas do segundo e do terceiro séculos foram treinadas para pensar, de modo a conseguir a submissão quase total à “Igreja”, a autoridade organizacional controladora.

Assim como o termo “Igreja” ou *ekklesia* veio a ter duplo sentido, ora referindo-se à comunidade dos crentes, ora à autoridade religiosa que exercia controle sobre estes, também a palavra “organização” é usada de dois modos pela Torre de Vigia.³¹ Pode aplicar-se a todos que são Testemunhas no mundo inteiro, a comunidade das Testemunhas. Ou pode referir-se aos que formam a estrutura de autoridade que dirige e controla essa comunidade. Geralmente não é difícil dizer a qual delas

³¹ Veja o capítulo 3 deste livro.

o termo se aplica. Se há exortações a *confiar, depositar fé, ser leal, escutar e mostrar submissão em relação* “à organização”, ele se aplica sempre no segundo sentido. Esta idéia é que prevalece na mente das Testemunhas. Na afirmação “Jeová dirige seu povo mediante sua organização”, se “organização” fosse usada no primeiro sentido significaria “Jeová dirige seu povo mediante seu povo”, pois “organização” estaria referindo-se aí à inteira comunidade das Testemunhas. Tais afirmações ocorrem regularmente nas publicações da Torre de Vigia e não criam problema simplesmente porque, na mente das Testemunhas, o termo “organização” relaciona-se quase automaticamente à estrutura de autoridade sediada em Brooklyn. Tem assim, o mesmo significado que tinha a palavra “Igreja” no período pós-apostólico.

Assim como naquela época incutia-se nos indivíduos que eles dependiam “da Igreja” para compreender as Escrituras, incute-se nas Testemunhas que elas não podem individualmente compreender as Escrituras sem a organização. Aprendem que ela é “a única para a qual a Palavra Sagrada de Deus, a Bíblia, não é um livro lacrado.” É “a única organização na terra que compreende as ‘coisas profundas de Deus’!”³² A dependência e a incapacidade individual das Testemunhas foram claramente expostas na *Sentinela* de 1º de junho de 1968, que afirmava que a Bíblia era o livro da organização (páginas 327, 330):

° À medida que o cânon dos livros da Palavra de Deus se expandiu e as Escrituras Gregas Cristãs foram adicionadas para terminar a Bíblia, cada livro foi escrito diretamente à congregação cristã ou a certo membro da congregação cristã, em benefício desta. Assim, a Bíblia é um livro de organização e pertence à congregação cristã como organização, não a indivíduos, não importa quão sinceramente creiam poder interpretar a Bíblia. Por esta razão, a Bíblia não pode ser devidamente entendida sem se ter presente a organização visível de Jeová.

³² A *Sentinela*, 1º de janeiro de 1974, página 18.

Deus.* (1 Ped. 4:17) Depois de limpar aqueles que pertenciam a esta casa e que estavam vivos na terra, Jeová derramou seu espírito sobre eles e lhes designou a responsabilidade de servirem como seu único canal visível, mediante o qual apenas deveriam vir as instruções espirituais. Aquêles que reconhecem a organização teocrática visível de Jeová, por conseguinte, têm de reconhecer e aceitar esta designação do “escravo fiel e discreto” e submeter-se a ela. ³³

Compare estas afirmações com o já citado artigo de 1946 e sua negação categórica da pretensão das hierarquias quanto a terem a ‘propriedade’ espiritual da Bíblia. Não poderia haver mudança mais completa de posição que esta adoção em bloco das mesmas pretensões da hierarquia antes condenadas. As pretensões da “Mãe Igreja” do catolicismo foram então igualadas pelas da “mãe organização” da Torre de Vigia.

Como disse o historiador já citado, a única instrução inequívoca que o líder eclesiástico Cipriano apresentou foi “permanecer fiel à Igreja e obedecer às suas regras”.³⁴ Esta era a regra das regras para quem quisesse ficar seguro e ter a certeza de estar com a aprovação de Deus. Cipriano e outros dos primitivos “Pais da Igreja” advertiram que rejeitar as instruções do bispo (superintendente presidente) equivalia a *rejeitar a Cristo e a Deus*. Inácio, por exemplo, em sua “Epístola aos Tralianos”, capítulo VII, dissera:

Pois o que é o bispo senão aquele que, mais que todos os outros, possui todo poder e autoridade, até onde é possível a um homem possuí-los, aquele que segundo sua capacidade foi constituído em imitador do Cristo de Deus... Aquele, portanto, que não presta

³³ A *Sentinela* (em inglês) de 1º de setembro de 1954 (na página 529), tinha feito essencialmente a mesma alegação, dizendo: “Em vista deste vínculo inquebrantável com a organização Teocrática cristã, a Bíblia traz a idéia da organização e não pode ser plenamente compreendida sem termos em mente a organização teocrática.... Todas as ovelhas do rebanho de Deus devem ter presente a idéia da organização, como a Bíblia.”

³⁴ *História do Cristianismo*, página 77.

obediência a tal homem, deve ser alguém absolutamente sem Deus, homem ímpio, que despreza a Cristo e menospreza suas designações.

Embora suavizando o efeito por meio do uso de perguntas, A *Sentinela* de 15 de agosto de 1976 (páginas 507, 508) apresenta o mesmo ponto de vista distorcido com respeito aos que não acolhem as orientações provenientes da organização:

¹⁹ Mas, não queremos aceitar a benignidade imerecida de Deus e desacertar o propósito ou motivo de termos sido introduzidos na organização limpa de Deus. (2 Cor. 6:1) Não devemos ser indiferentes. Não é sábio presumir as coisas. Não podemos dar-nos ao luxo de ficar estacionários. Temos de tomar a sério o que a sua Palavra diz e o que a sua organização nos revela. Conforme se fornece nova informação, temos de tomá-la a peito e sinceramente esforçar-nos a aplicá-la na nossa vida. Estamos na organização limpa de Deus, a fim de dar honra e louvor a Ele. Se falharmos nisso, desacertaremos o propósito de nos tornarmos limpos e “santos”. Na realidade, poderíamos então esperar as bênçãos e o apoio de Deus?

²⁰ O modo de Deus governar é por meio do amor. (1 João 4:16) Ele quer que façamos as coisas porque são corretas. Em algum tempo futuro, talvez se nos imponha uma prova quanto a acatarmos certa informação que Deus traz à nossa atenção. Talvez atinja algo que prezamos muito. O que faremos? Hesitaremos em aplicar o conselho, talvez pensando no que nós gostaríamos de fazer a respeito? Se este for o caso, não estaremos realmente perguntando a nós mesmos: ‘Será que nós queremos mesmo o governo de Deus?’ Não indicaria o não acatarmos a orientação de Deus, por meio de sua organização, que na realidade rejeitamos o governo divino?

Não se submeter à orientação da organização terrestre é igual a “rejeitar o governo divino”. É realmente assustador que homens façam

tais comparações ou analogias. Mais assustador ainda é que o façam sem sentir que dizem algo impróprio, mas como se fosse até elogiável. Por afirmarem ser a fonte ou canal exclusivo de comunicação vindo do centro de comando, os que exercem autoridade na organização *tornam-se*, para todos os efeitos, o centro de comando. O perigo sério e implícito resultante de transferir-se tal submissão do tipo militar para líderes humanos religiosos falíveis, uma vez mais, parece nunca vir à mente do autor deste raciocínio dedutivo de *A Sentinela*.

A autoridade de um concílio religioso supremo

Nos primeiros séculos o controle de uma só congregação, ou talvez da área circunvizinha de uma cidade importante, foi implantado por meio da criação de um cargo, cuja autoridade cabia a um único bispo ou superintendente presidente. Foi por meio dos *concílios* religiosos que um corpo regente central terminou obtendo o poder *internacional*.

Até os anos 70, *A Sentinela* não se referia com frequência a um “corpo governante”. A partir de então, porém, deu-se forte ênfase à posição e autoridade desse grupo de homens. Nos primeiros séculos os líderes da Igreja começaram a fazer os cristãos encarar os corpos de anciãos como se fossem “o corpo dos apóstolos”. Esse mesmo conceito foi incutido com respeito aos concílios que mais tarde foram organizados. Embora afirme rejeitar o conceito da “sucessão apostólica” (como na Igreja Católica, onde os bispos são tidos como “sucessores dos apóstolos”), a Torre de Vigia encoraja uma crença similar, apresentando o Corpo Governante como equivalente hodierno do conselho dos apóstolos e anciãos de Jerusalém.

Com respeito aos que estão em posições de autoridade nos escalões subordinados, o Corpo Governante põe-se essencialmente na mesma situação do apóstolo Paulo em relação a Timóteo, Tito ou os anciãos e demais membros das congregações. Já vimos (no capítulo 2, trecho do depoimento de Frederick Franz) a incrível afirmação de que as Testemunhas podem hoje, com base na experiência, acatar o que vem do “escravo fiel e discreto” e seu Corpo Governante com prontidão e confiança maiores que as dos bereanos em acatar o que ouviam do apóstolo Paulo. Há, na verdade, uma apropriação, a usurpação de uma autoridade que não é simplesmente igual, mas em certos aspectos até superior à dos apóstolos. A “cadeia de comando” e comunicação de

Deus para baixo é ilustrada deste modo em *A Sentinela* de 1º de junho de 1972 (página 333):



Na realidade, a verdadeira estrutura de autoridade segue o arranjo de escalões superiores e subordinados delineado aqui:



Como eventualmente ocorreu nos primeiros séculos, um *concílio religioso* assumiu caráter permanente, de controle constante, internacional. *A Sentinela* de 15 de maio de 1986 trouxe um artigo com

a pergunta: “São os Concílios Religiosos Aprovados por Deus?” Na página 24, ele definia um “concílio religioso” como:

....assembléia eclesiástica representativa com autoridade deliberativa e muitas vezes legislativa em questões de fé, moral e disciplina eclesiástica.

O autor passa a argumentar que Deus **não** aprova tais concílios, e evidentemente não percebeu que a definição citada descreve com exatidão o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová. Suas reuniões têm exatamente o propósito de deliberar e, muitas vezes, de legislar em “questões de fé, moral e disciplina eclesiástica.” É isso o que nós fazíamos praticamente cada semana durante os nove anos em que fui membro desse Corpo.³⁵

Falando do papel do imperador Constantino nos primeiros concílios, este artigo de *A Sentinela*, na página 25, cita o historiador H. G. Wells dizendo:

A idéia de extinguir toda controvérsia e divisão, de extinguir todo pensamento, com a imposição de um credo dogmático a todos os crentes, é a idéia do homem de uma só mão que sente que, para poder trabalhar, precisa de estar livre de oposição e crítica... Dele foi que a igreja adquiriu a predisposição para se fazer autoritária e indiscutível, para desenvolver uma organização centralizada...

Acusações de heresia revelaram-se uma forma cruel de eliminar os oponentes que se atrevessem a desafiar os concílios eclesiásticos da cristandade. Qualquer pessoa que expressasse opiniões divergentes ou mesmo tentasse apresentar provas bíblicas que refutassem os dogmas e cânones (leis da igreja) dos concílios era estigmatizada de herege.

O autor, mais uma vez, evidentemente não percebe que a descrição das predisposições de Constantino era a descrição exata das predisposições do segundo presidente da Torre de Vigia, J. F. Rutherford, em cujo mandato também ocorreu a firme centralização da

³⁵ É interessante que o artigo de *A Sentinela* (na página 26) cite uma obra histórica que declara que, fora o único concílio de Jerusalém descrito em Atos, capítulo 15, “todos os concílios são obra da igreja pós-apostólica. Não pertencem ao período da fundação da igreja.” Mais uma vez, o autor deixou evidentemente de reconhecer que isto apresenta o concílio de Jerusalém como uma ocasião única, e não como parte de um arranjo contínuo e permanente de sessões regulares a cargo de alguma espécie de “corpo governante”.

autoridade. No livro patrocinado pela Sociedade, *Faith on the March* (A Fé em Marcha), de A. H. MacMillan, por muito tempo representante da sede mundial, o autor fala de Rutherford (página 72):

Jamais tolerava algo que fosse contrário ao que ele claramente entendia como ensinado pela Bíblia. Era tão rigoroso quanto a isso que não permitia nada que parecesse uma transigência quando se tratava da verdade.

A *autoridade* pela qual ele “tolerava” ou “não tolerava”, “permitia” ou “não permitia” discordância por parte de outros ao que **ele** pessoalmente entendia como verdade, foi algo em que sempre insistiu como sua prerrogativa presidencial. Ele tomou efetivamente o controle exercido pela diretoria, eliminou completamente a comissão editora e assumiu plena autoridade sobre tudo o que se publicava, forçando a demissão dos membros da equipe que não queriam apoiar estas ações e outras similares. Isto foi anunciado como “eliminação do joio, um tempo de julgamento, uma limpeza da organização inteira, separada para tornar-se a família dos servos de Deus.”³⁶ Como se vê em *Crise de Consciência*, a autoridade suprema da presidência pela qual ele lutou e que conseguiu, foi retirada desse cargo em 1976 e transferida a um grupo de homens, o Corpo Governante.³⁷ Mas tudo o que aconteceu resumiu-se a apenas isso: a *transferência* de poder e autoridade de um homem para um corpo, um conselho religioso. Embora no início tenham sido feitas declarações auspiciosas de que a mudança promoveria um espírito mais humano e fraternal, o fato é que permaneceu a “predisposição para se fazer autoritária e indiscutível, para desenvolver uma organização centralizada”, conforme o historiador H. G. Wells. Como dissemos, a linguagem áspera e às vezes grosseira usada por Rutherford foi substituída por explicações mais eruditas e intelectualmente atraentes. Todavia, essa mesma *predisposição* que se ofende, critica e busca silenciar qualquer diferença de opinião, controla claramente os atos, decisões e perspectivas do conselho religioso chamado de Corpo Governante. A evidência até aqui apresentada e a que segue são só uma parte do que existe comprovando esta afirmação.

³⁶ A *Fé em Marcha* (em inglês), página 81. Este livro é citado em *Testemunhas de Jeová—Proclamadores do Reino de Deus*, página 62, na nota de rodapé.

³⁷ Veja o capítulo 4 de *Crise de Consciência*, bem como o capítulo 3 deste livro.

Uma organização é equiparada a Deus e a Cristo

De todas as alegações e argumentos dos líderes da igreja do segundo e terceiro séculos, que defendiam maior autoridade humana e controle centralizado, não há praticamente nada que se iguale às publicações da organização Torre de Vigia de época recente. Quando o estudo e a pesquisa por fim me conscientizaram disto, achei cada vez mais difícil harmonizar a auto-aprovação, o auto-enaltecimento e a auto-identificação da organização como o canal de Deus, com seus constantes apelos à humildade e à brandura por parte de todos os outros. Acima de tudo, senti-me profundamente perturbado por ela interpor-se entre o indivíduo e Deus. Por um lado encoraja as pessoas a buscar uma “relação pessoal” com Deus, ao mesmo tempo em que se sobrepõe a isto, afirmando ser o meio indispensável para obter a orientação e a bênção divinas. Ela insiste que Deus simplesmente não concederia seu favor a alguém à parte dela. Não pude conciliar isso com as palavras de Jesus em João capítulo 14, versículo 6:

Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim.

Ou com as palavras de Pedro em Atos, capítulo 4, versículo 12:

Outrossim, não há salvação em nenhum outro, pois não há outro nome debaixo do céu, que tenha sido dado entre os homens, pelo qual tenhamos de ser salvos.

Ou com as de Paulo que, ao escrever sobre a edificação espiritual dos cristãos, conforme registrado em 1 Coríntios, capítulo 3, versículo 11 disse:

Pois nenhum homem pode lançar outro alicerce senão aquele que foi lançado, que é Jesus Cristo.

Parecia haver uma definitiva usurpação do papel divinamente designado a Jesus. Se ninguém vem ao Pai senão por ele, então, segundo as declarações publicadas já mostradas, afirmava-se que ninguém vem a Cristo senão por meio da organização Torre de Vigia, que deste modo se coloca entre o indivíduo e o Filho de Deus. Isto torna, logicamente, a organização humana essencial para a salvação. Não surpreende, portanto, concluir que as afirmações da “Mãe Igreja” de que *ninguém pode achar a salvação fora da Igreja* combinam

claramente com as da “mãe organização”, conforme podemos ver nas seguintes citações de *A Sentinela* de 1º de junho de 1968 (páginas 331 e 332) e de 15 de julho de 1982 (página 21):

³ Apreste-se em identificar a organização teocrática visível de Deus que representa seu rei, Jesus Cristo. É essencial para a vida. Ao fazê-lo, torne-se completo em aceitar todos os seus aspectos. Não podemos afirmar que amamos a Deus e, todavia, negar sua Palavra e seu canal de comunicações. Não podemos aceitar

14, 19, 20; Efé. 2:20-22) Portanto, ao submeter-nos à organização teocrática visível de Jeová, temos de estar em pleno e completo acôrdo com tôda fase de suas normas e seus requisitos apostólicos.

¹⁸ Podemos esperar agora uma expansão similar de nossa atividade de pregação, neste clímax das eras. Sem dúvida, antes de acabar a “grande tribulação”, veremos o maior testemunho dado ao nome e ao reino de Deus na história deste mundo. E embora o testemunho dado agora ainda inclua o convite de vir à organização de Jeová para a salvação, sem dúvida virá o tempo em que a mensagem assumirá um tom mais duro, igual a um “grande grito de guerra”. Revelação 16:21 mostra que

Num discurso para o pessoal da sede de Brooklyn em 23 de janeiro de 1981, Karl Klein, membro do Corpo Governante, expressou seu apoio pessoal à posição de que não há outro meio de ganhar a vida eterna senão por meio da organização Torre de Vigia, dizendo:

Não há dúvida, a Palavra de Deus serve como luz para nossos caminhos no que diz respeito à nossa conduta e nossas crenças. Mas Jeová Deus também proveu a organização do “escravo fiel e discreto” para nos ajudar a entender a Bíblia e a pô-la em prática. E a menos que estejamos em contato com esse “escravo fiel e discreto”, não

avancaremos na estrada da vida, não importa quanto leiamos a Bíblia!...

Portanto, nunca esqueçamos o que Pedro afirmou quando Jesus perguntou a seus apóstolos se também queriam partir. Não existe simplesmente nenhum outro lugar aonde ir em busca de alimento espiritual e genuína associação cristã senão àqueles que são leais à organização do “escravo fiel e discreto.”³⁸

Isto foi reafirmado num artigo subsequente na *Sentinela* de 15 de agosto de 1981 (página 19):

NOSSO CONCEITO SOBRE O “ESCRAVO”

Podemos tirar proveito desta consideração. Uma vez que verificamos qual o instrumento que Deus usa como seu “escravo” para distribuir o alimento espiritual ao seu povo, Jeová certamente não se agrada se recebermos este alimento como se pudesse conter algo prejudicial. Devemos ter confiança no instrumento que Deus usa. Na sede de Brooklyn, donde emanam as publicações bíblicas das Testemunhas de Jeová, há mais anciãos cristãos maduros, tanto do “restante” como das “outras ovelhas”, do que em qualquer outra parte da terra.

É verdade que os irmãos que preparam essas publicações não são infalíveis. Seus escritos não são inspirados assim como eram os de Paulo e dos outros escritores bíblicos. (2 Tim. 3:16) E assim, às vezes, tornou-se necessário corrigir conceitos, conforme o entendimento se tornou mais claro. (Pro. 4:18) No entanto, isto tem resultado no constante refinamento do conjunto de verdades baseadas na Bíblia, aceitas pelas Testemunhas de Jeová. No decorrer dos anos, ao passo que se fizeram ajustes

³⁸ Tirado de uma transcrição ao pé da letra do discurso, feito nessa data.

neste conjunto de verdades, ele se tornou cada vez mais maravilhoso e aplicável na nossa vida, nestes “últimos dias”. Os comentadores bíblicos da cristandade também são inspirados. Apesar de afirmarem ter grande conhecimento, deixaram de destacar até mesmo verdades bíblicas básicas — tais como a vindoura terra paradisíca, a importância do nome de Deus e a condição dos mortos.

Antes, os precedentes estabelecidos pela organização do “escravo fiel e discreto” nos mais de 100 anos passados obrigam-nos a chegar à conclusão que Pedro expressou quando Jesus perguntou se os seus apóstolos também queriam abandoná-lo, a saber: “Para quem havemos de ir?” (João 6:66-69) Não há dúvida sobre isso. Todos nós precisamos de ajuda para entender a Bíblia, e não podemos encontrar a orientação bíblica de que precisamos fora da organização do “escravo fiel e discreto”.

Entre as Testemunhas, disciplinadas para aceitar de modo submisso tudo que a organização provê, raramente se suscita séria preocupação de que essa última declaração citada na prática substitui Jesus Cristo pela “organização do ‘escravo fiel e discreto’”. Após citar a pergunta de Pedro, “Para quem havemos de ir?”, o autor do artigo diz: “Não há dúvida sobre isso. Todos nós precisamos de ajuda para entender a Bíblia, e não podemos encontrar a orientação bíblica de que precisamos fora da organização do ‘escravo fiel e discreto.’”³⁹

Quanto à pergunta de Jesus, o membro do Corpo Governante, Karl Klein, falou que não existe nenhum outro “lugar” aonde ir em busca de orientação espiritual senão à organização Torre de Vigia. Em contraste, o próprio apóstolo Pedro deu uma resposta bem diferente, falando não de um “lugar” mas de uma *pessoa*, dizendo:

Tu [Jesus Cristo] tens declarações de vida eterna.

³⁹ Este artigo talvez tenha sido também escrito por Karl Klein, já que o uso de expressões como “Não há dúvida sobre isso” e “não há dúvida alguma” é quase uma marca registrada de seu modo de escrever e de falar.

Apenas diante de uma assistência cabalmente doutrinada poderia o redator de *A Sentinela* pôr a organização no lugar de Cristo sem causar o menor murmúrio de discordância. Tanto o discurso de Karl Klein como este artigo, deram a impressão de que Cristo Jesus está tão firmemente comprometido numa relação contratual com a Sociedade terrestre que ele não pode agir independente dela, não pode falar a indivíduos senão por meio dela, não pode orientar ou esclarecer indivíduos sem passar pela intermediação da organização Torre de Vigia. A maioria das Testemunhas deve admitir honestamente (pelo menos para si próprias) que muitas vezes usam a pergunta de Pedro, “Para quem havemos de ir”, para mostrar que “devemos nos apegar à organização”, o que o próprio Pedro de modo algum falou.

Assim, a usurpação do papel do Filho de Deus como único “caminho” para a verdade e a vida tornou-se um fato, como suas próprias mentes comprovam. Sua afirmação de ser “o caminho, a verdade e a vida” não é exclusivamente sua. Tem de compartilhá-la com a “mãe” organização, a Torre de Vigia, sem a qual ninguém pode entender a Bíblia nem achar o caminho da vida. Apoderam-se do que Cristo falou sobre seu papel nos propósitos de Deus e do que Pedro falou sobre o Filho de Deus e o atribuem a uma organização terrestre, humana, designando-lhe o papel de subgerente de Cristo. Sua autoridade é apresentada como merecendo submissão aproximada, senão equivalente, à que se concede a Cristo. Sem a organização simplesmente não existe vida. Negar essa pretensão arrogante é um convite à expulsão sob a espantosa acusação de “apostasia”!⁴⁰

⁴⁰ Pode-se observar o artigo da revista *Time* de 22 de fevereiro de 1982, que me cita dizendo: “Não há vida fora da organização”. Fiz esta declaração a Ann Constable, repórter da *Time*, ao explicar-lhe o efeito que a desassociação tem sobre as Testemunhas, a atitude que muitas têm ao enfrentar a desassociação, de acharem “que não há vida fora da organização”. Daí, quando o artigo foi lançado, o contexto deu a impressão de que isto expressava meus próprios sentimentos. Imediatamente escrevi uma carta aos editores, declarando: “Quando disse isto, eu não estava descrevendo minha própria opinião, mas o ponto de vista predominante entre a maioria das Testemunhas, e que está implícito nos ensinamentos da organização. Meu entendimento das Escrituras é que o Filho de Deus, exclusivamente, é ‘o caminho, a verdade, e a vida’”. O conteúdo desta carta foi publicado na seção “Cartas ao Editor” de um número posterior da *Time*. Veja o Apêndice.

Tudo isto significa nem mais nem menos, que esta organização humana terrestre tornou-se, para todos os efeitos, mediadora. Assim como o homem imperfeito e pecaminoso não pode ir a Deus sem a mediação do Filho dele, cujo sacrifício resgatador provê o meio para a reconciliação com Deus, também se ensina que o homem não pode entrar numa relação aprovada com Cristo, e, por meio dele, com Deus, e que ele não pode sequer entender corretamente as verdades sobre Cristo, as quais são o fundamento da fé, sem passar pela organização terrestre humana, a organização Torre de Vigia e seu Corpo Governante. Ela atua, portanto, como *uma organização mediadora*. É por isso que todos os que deixam de associar-se com ela devem morrer na vindoura “grande tribulação”, segundo o ensino publicado.

Concluí que tudo isso está em total desacordo com a afirmação clara de 1 Timóteo 2:5, 6:

Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e homens, um homem, Cristo Jesus, o qual se entregou como resgate correspondente por todos.

Bem diferente da organização Torre de Vigia, que atribui a si própria a função de mediadora na salvação de outros, o apóstolo Paulo recusou energicamente ter tal pretensão, perguntando incisivamente àqueles a quem escreveu: “Foi Paulo crucificado em favor de vocês? Foram vocês batizados em nome de Paulo?” (1 Coríntios 1:13, *NVI*). Só Cristo morreu por nós em sacrifício de resgate, não os homens que compõem uma organização humana ou um corpo governante; só ele, portanto, recebeu o direito de atuar como mediador entre nós e Deus.

O batismo — quem o valida?

O historiador Johnson observou que no período pós-apostólico deu-se que, junto com a Bíblia, “os sacramentos... perdiam seu significado se empregados fora da Igreja.” Um dos principais “sacramentos” era o batismo.

No início, entre os Estudantes da Bíblia dos dias de Russell, não havia problema por alguém ter sido batizado quando filiado a uma das várias denominações cristãs. A única questão era quanto a se a pessoa

entendera o significado do batismo e se este fora por imersão.⁴¹ Continuou assim por mais sete décadas. Em época mais recente, A *Sentinela* (em inglês) de 1º de julho de 1955 (página 412) afirmou que só seria necessário novo batismo se “o batismo anterior não tivesse sido em símbolo de dedicação”, ou não tivesse sido por imersão.

Um ano depois, na *Sentinela* de 1º de janeiro de 1957, a posição foi revertida. Dizia (páginas 11 e 12):

BATIZADO PELA SEGUNDA VEZ

¹¹ Muitas vêzes se faz a pergunta se a pessoa, já batizada numa cerimônia realizada por algum outro grupo religioso, deve ser batizada novamente, ao chegar ao conhecimento acurado da verdade e fazer sua dedicação a Jeová. Por causa daquilo que já dissemos, existe agora razão impelente para também dizermos: Sim, a pessoa precisa ser batizada novamente. É óbvio que, por quaisquer de tais sistemas religiosos, a pessoa, em realidade, nunca foi batizada “em o nome do Pai, e do Filho, e do espírito santo”, porque se tivesse sido batizada assim, teria apreciado a autoridade e o cargo de tais verdadeiras Autoridades Superiores. E, se anteriormente se tivesse dedicada a Jeová, a pessoa se teria separado de tais sistemas babilônicos que desonram a Deus, antes de permitir que a batizassem. De modo que o ato de ser batizado não é a coisa importante, mas, antes, aquilo que o ato simboliza é o elemento de importância.

Uns seis meses mais tarde, porém, lançou-se uma “Pergunta dos Leitores” que especificava as condições para rejeitar como inválidos todos os batismos “fora da organização” — mesmo que por imersão. Agora se dizia que a data limite para a possível validade de tais batismos era o ano de 1918. Por quê? Porque “em 1918 A. D. ... Jeová Deus, acompanhado de seu Mensageiro do Pacto veio ao templo e rejeitou a cristandade.” Se a pessoa tivesse sido *imersa em símbolo de dedicação a Deus e a Cristo antes dessa data*, e tivesse também *deixado sua anterior denominação e se filiado à organização Torre de*

⁴¹ Recordo meu tio, Fred Franz, quando já vice-presidente da Torre de Vigia, comentar comigo que, se o batismo dele na Igreja Presbiteriana tivesse sido por imersão (em vez de aspersão) ele o teria considerado válido.

Vigia antes de 1918, ficava a cargo da consciência da pessoa decidir se um novo batismo era necessário ou não.

Para todos os outros a posição firme era:

Portanto, agora que o chamado para sair de Babilônia está sendo claramente ressoado, se alguém ouviu este chamado e assim mesmo permanece em algum setor religioso da antitípica Babilônia, sendo imerso nesse setor religioso, sua imersão não vale. Sua decisão não pode ter sido em dedicação para fazer a vontade de Deus, pois, citando o parágrafo 14 “a pessoa teria se separado de tais sistemas babilônicos que desonram a Deus mesmo antes de se ter deixado batizar por eles.”⁴²

Ela *tinha* de se rebatizar. O assunto foi resolvido em definitivo porque as palavras do “parágrafo 14” de *A Sentinela* o resolveram. A evidência bíblica aparentemente não foi necessária. No período pós-apostólico, o batismo “perdia seu significado se praticado fora da Igreja”, isto é, fora dos domínios da autoridade religiosa. A mesma posição era agora assumida pela organização Torre de Vigia com relação a qualquer batismo não realizado dentro de seus domínios.

Ainda em 1955 *A Sentinela* dissera:

Um cristão... não pode ser batizado no nome daquele que lhe está administrando a imersão, nem no nome de qualquer homem, nem no nome de qualquer organização, mas em nome do Pai, do Filho e do espírito santo. Isto mostra, entre outras coisas, que o cristianismo não é uma questão denominacional...⁴³

Nos discursos que precediam a cerimônia de batismo, era costume o orador lembrar aos batizando que “vocês não estão simbolizando a dedicação a uma obra, ou a dedicação a uma organização, mas sua dedicação a uma *pessoa* — Jeová Deus”.⁴⁴ Algo parecido dizia *A Sentinela* de 1º de junho de 1967 (página 340):

Não nos dedicamos a uma religião, nem a um homem, nem a uma organização. Não, dedicamo-nos ao Soberano Supremo do Universo, o

⁴² *A Sentinela* (em inglês), 15 de dezembro de 1956, página 763.

⁴³ *A Sentinela* (em inglês), 1º de julho de 1955, página 411.

⁴⁴ Conforme recordo, este ponto era até incluído nos esboços fornecidos pela Torre de Vigia aos que proferiam os discursos de batismo.

nosso Criador, o próprio Jeová Deus. Isto torna a dedicação uma relação muito pessoal entre nós e Jeová....

Em 1942, as duas perguntas feitas aos batizando eram estas:

(1) Crê em Jeová Deus, o Pai, que “a salvação pertence a Jeová”, e que Cristo Jesus é seu Filho, em cujo sangue os pecados são lavados, e por meio de quem lhe vem a salvação de Deus?

(2) Confessou, portanto, seus pecados a Deus, pedindo-lhe a purificação por Cristo Jesus, e afastou-se, portanto, do pecado e do mundo, consagrando-se sem reservas a Deus, para fazer sua vontade?⁴⁵

Estas perguntas estavam essencialmente próximas em conteúdo às declarações de Pedro e de outros do período apostólico, quando conclamavam as pessoas: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo.”⁴⁶ Em 1956 e (com pequenas variações) por muitos anos daí em diante as perguntas apresentadas por ocasião do batismo das Testemunhas de Jeová eram estas:

²⁰ (1) Reconheceu-se, perante Jeová, como pecador que necessita de salvação, e reconheceu perante Ele que esta salvação procede Dêle, o Pai, por intermédio do seu Filho, Cristo Jesus?

²¹ (2) A base desta fé em Deus e na sua provisão de salvação, dedicou-se a Deus, sem reserva, para fazer doravante a sua vontade conforme lhe é revelada por êle, mediante Cristo Jesus e por intermédio da Bíblia, sob a iluminação do espírito santo?

47

Sem qualquer explicação bíblica que justificasse uma mudança importante nestas perguntas básicas, que as pessoas devem responder de modo afirmativo para habilitar-se ao batismo, *A Sentinela* de 1º de junho de 1985 (página 31) alistou estas como as perguntas a serem respondidas por todos os batizando:

⁴⁵ *A Sentinela* (em inglês), 1º de outubro de 1942, página 302.

⁴⁶ Atos 2:38, ARA; 1 Pedro 3:21, 22.

⁴⁷ *A Sentinela* de 1º de janeiro de 1957, páginas 12 e 13.

À base do sacrifício de Jesus Cristo, arrependeu-se dos seus pecados e dedicou-se a Jeová para fazer a vontade dele?

A segunda é:

Compreende que a sua dedicação e o seu batismo o identificam como uma das Testemunhas de Jeová, em associação com a organização de Deus, dirigida pelo espírito dele?

Respondendo com um *sim* a estas perguntas, os batizando estão na condição correta de coração para se submeterem ao batismo cristão.

A *Sentinela* de 15 de abril de 1987 (página 12) dá esta estranha explicação do motivo desta mudança, dizendo: “Recentemente, as duas perguntas feitas aos batizando foram simplificadas, para que esses batizando possam responder com plena compreensão do que está envolvido em entrar numa relação íntima com Deus e sua organização terrestre.” Esta suposta “simplificação” só fez uma coisa: exigir de cada batizando uma declaração de submissão e obrigação a uma organização terrestre. Quando lemos as Escrituras Cristãs vemos que o fator crucial para validar o batismo era que, em todos os casos, os que davam esse passo “cressem no Senhor Jesus” como o Messias de Deus, seu Redentor capaz de salvá-los.⁴⁸ Eles eram “batizados em Cristo Jesus”.⁴⁹ Isto era bastante “simples” para que as pessoas pudessem compreendê-lo, e de fato o compreendiam num só dia, em poucas horas. Não há nada de apostólico no palavreado “carregado” do assunto, pois os apóstolos jamais expuseram a idéia de uma “organização terrestre”, a qual, como claramente demonstramos, refere-se a nada mais que uma estrutura de autoridade humana.

Cristo dissera aos seus discípulos que batizassem pessoas “em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo”.⁵⁰ A segunda pergunta do batismo da Torre de Vigia na verdade substitui o Espírito santo de Deus pela “organização dirigida pelo espírito”. Enquanto o Espírito

⁴⁸ Atos 16:31-33; confira também Atos 2:36; 8:5, 12, 27-38; 9:1-20; 10:34-48; 11:16, 17; 18:8; 19:3-5.

⁴⁹ Romanos 6:3; Gálatas 3:27.

⁵⁰ Mateus 28:19, ARA.

recebe menção simbólica, encontramos mais uma vez a situação em que a organização se apropria de uma função divinamente designada. Ela passa claramente a idéia de que o Espírito santo de Deus não opera na pessoa que se batiza *senão em conexão com a organização Torre de Vigia*. Não destaca o fato de que a *pessoa que é batizada* será daí em diante dirigida pelo Espírito de Deus, mas ressalta, em vez disso, a “*organização dirigida pelo espírito*”. Parece incrível que a *Sentinela* chame isso de “simplificação” das perguntas anteriores. Fala de “uma relação íntima com Deus”, mas torna isso sem sentido quando envolve a organização terrestre no assunto, criando não uma relação *com Deus*, mas uma relação íntima “com Deus *e* sua organização terrestre”. Enquanto Jesus falou apenas sobre o “Pai, o Filho e o Espírito Santo”, a organização ousa colocar-se neste quadro sagrado, como parte indispensável dele. Isto equivale a um servo dizer às pessoas que elas podem manter contato e relacionamento com o amo *desde que o servo sempre esteja presente também*, atuando como intermediário, porta-voz, gerente, intérprete das decisões. Tal atitude só pode ser chamada de arrogante.

Por 19 séculos as pessoas foram batizadas sem que o batismo delas fosse antecedido por tais palavras. Por mais de cem anos os associados com a Torre de Vigia foram batizados sem tais palavras. Será que não entenderam corretamente o que representava o batismo deles? Por que, após mais de 100 anos, tornava-se agora necessária esta “simplificação” para que as pessoas tenham “plena compreensão” do significado do batismo delas?

Creio que a alteração de 1985 demonstra a preocupação de que as pessoas reconheçam seus vínculos formais com a organização, seu compromisso com ela como uma autoridade religiosa acima delas, e portanto, a aceitação implícita de que ela os governa, bem como o direito dela de designar “tribunais eclesiais para “julgar” os que ela achar que violaram suas regras e normas.

Nos últimos anos, um bom número de pessoas simplesmente deixou de associar-se com a organização das Testemunhas sem fazer qualquer comunicado formal de dissociação. Embora continuem a viver em boa moral, se posteriormente disserem ou fizerem algo que manifeste não estarem de pleno acordo com algum ou todos os ensinamentos e normas da organização, serão facilmente abordadas pelos anciãos, interrogadas, e

muitas vezes intimadas a uma “audiência judicativa”. Alguns declararam que não viam razão para comparecer a tal audiência, que não se consideravam sujeitos à autoridade eclesiástica da organização. Alguns até providenciaram que um advogado enviasse uma carta ao corpo de anciãos declarando sua posição e solicitando que não fossem submetidos a mais investigações, interrogatórios ou intimações. Praticamente em todos estes casos, o departamento jurídico da Sociedade Torre de Vigia despachou para a pessoa (ou para o advogado, se houvesse) um volumoso pacote na forma de súmula legal, apresentando farta evidência do êxito obtido pela organização nos tribunais em casos relacionados, e citando numerosos processos em apoio ao seu direito de atuar como governo “religioso” e “tribunal eclesiástico” com respeito aos batizados pelas Testemunhas. Em essência, a matéria afirma que a pessoa ou pessoas envolvidas têm apenas duas alternativas: comparecer à “audiência judicativa” ou se dissociar formalmente.⁵¹ Como exemplo, a matéria cita uma decisão da Suprema Corte dos EUA, a qual, entre outras coisas, diz:

O direito de organizar associações religiosas voluntárias, em apoio à expressão e disseminação de qualquer doutrina religiosa, e de criar tribunais para atuar em decisões quanto a questões controvertidas de fé, dentro da associação, e para exercer o governo eclesiástico de todos os membros individualmente, congregações e funcionários dentro da associação geral, é indisputável. Todos os que aderem a tal corpo o fazem com a aceitação implícita deste governo, e são obrigados a submeter-se a ele.

O “direito” mencionado é o direito **legal** que tem um “governo eclesiástico” de atuar da maneira descrita. Dessa forma, a súmula enviada pelo advogado da Sociedade Torre de Vigia enfatiza o fator “legal” quando resume o assunto deste modo:

⁵¹ Os motivos pelos quais muitos preferem não pedir dissociação formal são considerados nos capítulos 10, 11 e 17 deste livro.

C. Relation between the Congregation and Its Members. It is axiomatic that the essence of the relationship of a religious society with its members is held by the courts to be the agreement of the parties and, generally, a profession of faith, adherence to the doctrine of the religious society and a submission to its government. (76 C.J.S. 755, section 11) A party having voluntarily assented to becoming a member of a congregation thereby subjects himself or herself to the existing rules and procedures of said congregation and cannot deny their existence. All who unite themselves to such a voluntary religious organization do so with the implied consent to this government and are bound to submit to it. State ex rel. Morrow v. Hill, 364 N.E.2d 1156 (Ohio 1977), Watson v. Jones, 80 U.S. 679, 729 (1872), 13 Wallace 679.

Since your clients have not disassociated themselves from the congregation, then under the law they have given implied consent to its government, subjecting themselves to the existing rules and procedures, and are bound legally to submit to it. The theocratic government of the congregation to which your clients have legally submitted includes specifically the Governing Body of Jehovah's Witnesses, its legal agency, known as the Watchtower Bible and Tract Society of New York, Inc., and all their duly appointed representatives including the elders of the congregation with which they are associated. The rules and procedures which your clients have subjected themselves to include those of the judicial committee arrangement set forth in detail above.

TRADUÇÃO:

C. Relação entre a congregação e seus membros. É axiomático que a essência do relacionamento de uma sociedade religiosa com seus membros é considerado, pelos tribunais, como sendo o acordo entre as partes e, de modo geral, uma profissão de fé, a adesão à doutrina da sociedade religiosa e a submissão a seu governo. (76 C.J.S. 755, seção 11) Tendo uma das partes voluntariamente consentido em tornar-se membro de uma congregação, sujeita-se ela, por este meio, às normas e procedimentos existentes na referida congregação e não pode negar-lhes a existência. Todos os que por si próprios se filiam a tal organização religiosa de modo voluntário, fazem-no com o reconhecimento implícito desse governo e estão obrigados a submeter-se a este. Ex rel. do Estado, Morrow v. Hill, 364 N.E. 2º 1156 (Ohio 1977), Watson v. Jones, 80 E.U. 679, 729 (1872), 13 Wallace 679.

Uma vez que seus clientes não se dissociaram da congregação, então, em virtude da lei, deram seu reconhecimento implícito à direção desta, sujeitando-se às normas e aos procedimentos existentes e estão legalmente obrigados a submeter-se a ela. O governo teocrático da congregação ao qual seus clientes se submeteram inclui

especificamente o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová, sua agência legal, conhecida como Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Nova York, Inc., e todos os seus representantes devidamente designados, inclusive os anciãos da congregação com a qual estão associados. As normas e os procedimentos aos quais seus clientes se submeteram incluem o arranjo das comissões judicativas conforme detalhado acima.

Objetando a serem investigados e “julgados” pelos anciãos, alguns dos que se afastaram argumentaram que no período pré-1985, quando foram batizados, eles ‘se dedicaram a Deus e não a uma organização’. As perguntas modificadas *agora* dizem claramente ao batizando que ele está se comprometendo numa “dedicação e batismo” que ‘o identificam como uma Testemunha de Jeová, em associação com a organização de Deus, dirigida pelo espírito dele.’ Isto garante, sem dúvida, que lhe foi cassado qualquer direito “legal” de dizer que não está sujeito ao governo da organização e a seus tribunais eclesiásticos. Para o departamento jurídico da organização isto, sem dúvida, no mínimo “simplifica” as coisas. Vejo isto como triste evidência da preocupação de uma organização com a autoridade, que se utiliza do passo sagrado e tão pessoal do batismo como ocasião para assegurar sua autoridade sobre a vida do batizado.

Assim como os líderes religiosos dos primeiros séculos recuaram aos tempos do conceito de uma classe sacerdotal especial do Antigo Testamento, rebaixando assim todos os cristãos que não eram dessa classe a uma posição inferior perante Deus, também a organização Torre de Vigia empenha-se regularmente em colocar seus membros num contexto similar ao do Antigo Testamento. Nas “assembléias de distrito” anuais, os programas com frequência apresentam dramas em que se retratam as atitudes para com homens como Moisés, mediador do pacto da lei, Arão, o sumo sacerdote, o rei Saul, o rei Davi, e outros que tiveram posições especiais e elevadas, e até únicas. Então, presunçosamente, a organização faz paralelos entre tais homens e ela própria com sua posição, e enfatiza firmemente que merece ser tratada com igual respeito e submissão. É como se a vinda de Cristo não tivesse ocorrido ou trazido a mudança radical que trouxe, removendo todas essas distinções e colocando a todos no mesmo nível diante de

seu Pai celestial e no mesmo relacionamento com seu Cabeça e Amo, Cristo.

Um artigo da revista *Christianity Today* de 24 de outubro de 1980, mostrava a preocupação dos líderes da reforma ao verem que a igreja institucional se tornara um fim em vez de um meio, acrescentando:

Aquilo que eles combatiam era uma igreja que atribuíra a si própria e a seus ensinamentos uma autoridade que os colocava além de correção por parte das Escrituras. A igreja deixara de ser um meio para inculcar o conhecimento de Deus e tornara-se um fim, a cujos ensinamentos todos estavam sujeitos.

Levou menos de cem anos para a organização erigida em torno da Torre de Vigia completar todo o padrão do passado. Nesse espaço de tempo relativamente curto ela passou, de uma situação razoavelmente modesta, despretensiosa e tolerante, para uma posição dogmática, de impor despoticamente às mentes dos adeptos o que ela descreve como “o grande conjunto de verdades” produzido por ela, seus ensinamentos tradicionais desenvolvidos como organização, seu credo oficial. Da condição de relativa liberdade como irmãos e membros iguais de um sacerdócio universal sob Cristo, ela passou a conceder a seus líderes não só a autoridade apostólica, mas o controle e o poder centralizado sobre os outros, poder que os apóstolos nunca pretenderam exercer sobre seus irmãos, já que viam a si mesmos ‘não como amos da fé dos outros, mas como colaboradores para a alegria deles.’⁵²

Foi principalmente durante os anos 20 e 30 que se moldou este conceito e atitude na organização das Testemunhas. Lamentavelmente, deixou-se isto intacto até hoje. A liderança existente jamais foi capaz de romper com a rigidez deste conceito. Implica isto que os homens em posições de autoridade dentro da organização são todos pessoas “ávidas de poder”, ditatoriais? Com certeza não é assim que os vejo, e com base na experiência pessoal estou convicto de que muitos não o são. Nos primeiros séculos existiam homens, como os “lobos” sobre os quais Paulo advertiu, que tentavam fazer as pessoas segui-los como líderes, e para conseguir isto exaltavam a autoridade humana. Existiam porém, sem dúvida, outros homens, cristãos professos, que confrontados com a situação frustrante de ver as pessoas serem levadas

⁵² 2 Coríntios 1:24.

pelo que consideravam como ensinamentos errôneos, concordaram com a instituição da autoridade humana, movidos pela idéia falsa de que o fim justifica os meios, e assim cederam à sedução da autoridade. Essas mesmas influências atuam em nossa época.

O clima autoritário que se criou na administração das Testemunhas não reflete necessariamente a atitude íntima de todos os membros do Corpo Governante. Não há, de fato, meio eficaz de um homem “fazer campanha” para entrar nesse grupo seleto. Os convites aos novos membros resultam de sessões secretas do Corpo e geralmente pegam o convidado de surpresa. Alguns destes são realmente de natureza muito branda, sem inclinação a dominar outros. Nos debates, eles raramente falam, parecem temer certos membros, e quase sempre acompanham os votos destes. Outros, tornando-se membros a convite do Corpo, parecem, daí em diante, terem sido seduzidos, isto é, após sentirem o gosto de fazer parte da estrutura de autoridade, acham difícil ceder. Talvez até fossem a favor de uma atitude mais tolerante, menos dominadora, mas assemelham-se aos descritos nas palavras de Jesus em João 12:42, 43. Eles se expressam, mas não ao ponto de “criar caso”. Restam aqueles que mostram definitivo interesse na autoridade não só organizacional, mas pessoal. Mesmo assim, não quero pessoalmente tomar a atitude de julgá-los como indivíduos. As causas de certas atitudes podem ser difíceis de compreender. Entre os humanos, a imposição da autoridade é muitas vezes sinal de fraqueza e insegurança ao invés de força. Trabalhar pacientemente com as pessoas, raciocinar com elas, confiar no poder da verdade e tentar mostrar que uma posição é correta em face de uma atitude contrária, e, pela palavra e pelo exemplo edificá-las na fé, no amor e na compreensão, é uma tarefa bem mais difícil, bem mais cansativa do que simplesmente ordenar que façam algo, do que legislar e impor normas e reprimir o questionamento mediante a força da autoridade.⁵³ Este último é um procedimento de fraqueza, e do mesmo modo que maridos, pais, empregadores e outros muitas vezes sucumbem a essa atitude, ora por uma sensação de exaspero, ora por um sentimento de desamparo, assim agem também os homens nos sistemas religiosos. E tudo isso ocorre na estrutura de autoridade da organização Torre de Vigia bem como em outras organizações religiosas.

⁵³ Confira Provérbios 16:32; 2 Timóteo 2:24, 25; Tiago 3:13-18; 1 Pedro 5:1-7.

Portanto, como declarei em *Crise de Consciência*, minha crença é que o erro fundamental reside no *conceito* de autoridade exclusiva divinamente conferida de que se investiu a organização Torre de Vigia, junto com a idéia de que, apenas por meio do uso dessa autoridade é que se pode conseguir unidade, ordem e realização. É certo que alguns homens do Corpo Governante, se não todos, foram vítimas desse conceito, presos ao atrativo de um pensamento carnal.

A sedução *enganosa* do apelo à autoridade, porém, não nos livra da responsabilidade. Embora muito do que hoje existe, como se provou, seja um legado do passado — mesmo do passado longínquo, antes de existirem a organização Torre de Vigia e seus diversos presidentes e líderes — este continua a ser um legado que não precisa ser aceito. O caráter não-bíblico das declarações exaltadas e das usurpações da autoridade divina por parte da organização Torre de Vigia é visível. E isto acarreta certa responsabilidade tanto para os que a promovem como para os que a apóiam. Não querer enxergar isso não exime dessa responsabilidade. Chegou-se ao ponto em que, para muitos, talvez a maioria, escutar a organização é escutar a Deus, rejeitar sua mensagem e seus ensinamentos é mostrar desrespeito para com Deus. Até hesitar em aceitar suas interpretações ou, pior ainda, duvidar delas, é mostrar falta de fé em Deus e duvidar Dele. Tampouco deve alguém sequer imaginar que tem capacidade mental para entender as Escrituras sem orientação da organização sediada em Brooklyn. Andar com ela para onde quer que vá, é andar com Deus. Concluir que ela está indo na direção errada e refrear-se de acompanhá-la é evidência de um espírito independente e rebelde. Chegar a um entendimento correto antes dela e, pior que tudo, expressá-lo, é sinal de presunção, de correr à frente de Deus. Só posso achar que o espírito do “homem que é contra a lei” tem agido para produzir tal situação, atuando de modo similar ao do passado.

A equivalência da organização a Deus é quase palpável entre as Testemunhas de Jeová, e está profundamente alojada na mente da maioria dos membros, muito mais do que possam imaginar. Não creio que todos concordem com essa equivalência, pois conheci pessoas, inclusive em posições de destaque, que disseram que não podiam dar total crédito às exaltadas afirmações feitas. Mas creio muito também que, para evitar essa equivalência, precisam constantemente “reeditar”

mentalmente as afirmações publicadas, de fato adaptando-as para que digam algo diferente do que realmente dizem, de modo que possam justificar-se por aceitá-las. Há uma contínua racionalização de suas razões para se sujeitarem passivamente aos apelos de submissão implícita e lealdade por parte da liderança. E, com tudo isto, precisam exercer constante cautela para assegurar-se de que suas verdadeiras opiniões não se tornem evidentes aos outros.

Isto certamente não pode ser chamado de liberdade cristã.

5

O Escravo Fiel e Discreto

Quem é realmente o escravo fiel e discreto a quem o seu amo designou sobre os seus domésticos, para dar-lhes o seu alimento no tempo apropriado? Feliz aquele escravo, se o seu amo, ao chegar, o achar fazendo assim! Deveras, eu vos digo: Ele o designará sobre todos os seus bens.

— Mateus 24:45-47.

EM SUAS exortações à lealdade e submissão, nenhuma passagem das Escrituras é tão citada pelo Corpo Governante das Testemunhas de Jeová como a que se encontra nos versículos acima.

Suas pretensões de autoridade organizacional se apóiam não só na interpretação desta declaração ilustrativa de Jesus Cristo, mas, especialmente, *no modo como utilizam essa interpretação*. Ela é primariamente usada em apoio ao conceito de uma *autoridade administrativa centralizada*, exercendo controle abrangente sobre todos os membros da organização cristã (que as Testemunhas de Jeová entendem aplicar-se apenas a elas próprias).

Conforme vimos no Capítulo 4, na fase final da gestão de Russell alguém aplicou à pessoa dele a figura do “servo fiel e prudente”. Ele aceitou claramente a designação, como se vê em suas declarações. Argumentou contra a idéia de aplicá-la aos membros do corpo de Cristo como um todo e a favor de que ela predizia o surgimento de um servo especial, individual, no ‘tempo designado de Deus’. Rutherford, durante a primeira década de sua gestão, achou difícil conseguir algo parecido à enorme influência que tivera seu antecessor. Ao contrário de Russell, Rutherford não fora escolhido como único “Pastor” dos adeptos da Torre de Vigia. Gastou boa parte da primeira década lutando para obter apoio e controle, e lidando com o temporal de

dúvidas trazido pelo fracasso das profecias de datas da Torre de Vigia. Durante esses anos, argumentou de modo veemente que Russell era mesmo “aquele servo” e que todas as coisas ensinadas por ele, inclusive as datas que marcou, estavam corretas e acima de dúvida. Logo que obteve o controle total isto cessou, e iniciou-se um processo inverso, com os conceitos de Russell sendo cada vez mais substituídos e até desacreditados. Fazia-se pouca referência à parábola do “escravo fiel e discreto”. Não era necessária. Rutherford introduzira o termo quase mágico “organização” e também enfatizava a “Teocracia” (domínio de Deus). Suas declarações de que Deus governava a organização “do alto para baixo, e não de baixo para cima” são típicas do caráter da sua gestão, pois na terra, sem dúvida, “o alto” era ele.¹ O “servo fiel e prudente” passou então a ser identificado como ‘o corpo do povo consagrado de Deus’. Já por muitos anos, diz-se que ele é o corpo coletivo de todos os cristãos “ungidos” vivendo na terra em qualquer época, de Pentecostes em diante e através dos séculos, até hoje. A *Sentinela* de 1º de setembro de 1981, página 24, diz assim:

As Testemunhas de Jeová entendem que o “escravo” é composto por todos os cristãos ungidos *como grupo* na terra em qualquer tempo determinado durante os 19 séculos desde Pentecostes. Por conseguinte, os “domésticos” são esses seguidores de Cristo *como indivíduos*.

Em si, nada há de objetável nesta explicação. Com efeito, ela só diz que a aplicação da parábola referente ao escravo estende-se a todos os cristãos que vivem em qualquer período, já que, nas Escrituras, mostra-se que todos os cristãos verdadeiros são ungidos de Deus.² A Sociedade Torre de Vigia, é claro, não considera todos os cristãos como ungidos e divide os cristãos que hoje vivem em duas classes, uma classe não ungida com esperança terrestre, e uma classe ungida com esperança celestial. Como *indivíduos*, diz-se que os “ungidos” são representados pelos “domésticos” que são alimentados pelo “escravo”, ao passo que o “escravo” representa todos eles como um *corpo coletivo*. Mais uma vez, isto não deixa de ter, em si, algum paralelo bíblico, como no exemplo muito citado de Isaías 43:10-12, em que Jeová fala da nação de Israel como “meu servo” (singular) e dos

¹ Veja o capítulo 4 deste livro; veja também a documentação referente a este assunto no apêndice ao capítulo 4 de *Crise de Consciência*.

² 2 Coríntios 1:21, 22; 1 João 2:20; confira Romanos 8:8, 9, 12-14.

indivíduos que compõem a nação como sendo todos “minhas testemunhas” (plural). É na *aplicação* que a Torre de Vigia faz desse princípio que surgem os problemas. Hoje, diz-se que esta “classe do escravo” é composta de um “restante” dos 144.000 ungidos ainda vivos na terra. Em 2001, o número deles gira em torno de 8.600.³

Considere como as publicações da Torre de Vigia constroem o alicerce desta interpretação e os extremos a que isso leva. Torna-se evidente que a maior preocupação é autenticar — e reforçar — o conceito de que Deus e Cristo só tratam com as pessoas através *duma organização*, e que esta hoje está relacionada à Sociedade Torre de Vigia.

Primeiro observamos que o ensino da Sociedade Torre de Vigia é que a “classe do escravo” vem tendo uma *existência contínua, ininterrupta*, desde seu início em 33 A.D. até hoje. A *Sentinela* de 15 de julho de 1975, páginas 430 e 431, enfatizava isto, dizendo:

Jesus dissera: “Eis que estou convosco todos os dias, até à terminação do sistema de coisas.” (Mat. 28:20) Jesus Cristo é Cabeça da congregação, seu escravo, e suas palavras mostram que ele os fortaleceria para alimentarem seus “domésticos” durante todos os séculos. Evidentemente, uma geração da classe do “escravo” alimentava a geração seguinte, além de continuar a alimentar a si mesma.

Vemos assim que o próprio Jesus Cristo trouxe à atenção este método de alimentar seu povo — não como pessoas isoladas e independentes, mas como grupo muito unido de cristãos, que têm verdadeiro amor e cuidado de uns para com os outros.

É inegável que existiram homens e mulheres que, como indivíduos, foram verdadeiros cristãos durante todos os séculos. As palavras de Jesus em Mateus 28:20 deixam isto claro. Não é nisto, porém, que vem insistindo A *Sentinela*. Em vez disso, ela proclama a existência contínua de uma “classe do escravo” apenas na forma de um “grupo muito unido”. Ao longo dos séculos, foi apenas através deste grupo muito unido que fluíu o alimento espiritual. Não dão margem a que

³ A *Sentinela*, 1º de janeiro de 2001, página 21 (número após “Participantes da Comemoração no Mundo Inteiro”).

Cristo tenha alimentado quaisquer pessoas não ligadas a este grupo muito unido, indivíduos que estavam isolados ou em grupos esparsos de cristãos não ligados entre si.⁴ Isto resulta, em termos práticos, no conceito de que todas estas pessoas estavam ajuntadas numa *organização*. Isto fica claro quando consideramos a aplicação hodierna da identificação da “classe do escravo”, a partir da edição de 15 de abril de 1944 de *A Sentinela*, que dizia (página 55):

²³ Os factos físicos desde 1878 E.C. até 1918 provam que o pequeno corpo de homens e mulheres consagrados e gerados do espírito que estavam e estão unidamente servindo a Jeová Deus e seu Reino juntamente com a Sociedade Tórre de Vigia de Bíblias e Tratados correspondem à descrição profética do «servo». Portanto êsses a-pesar-de espalhados corporalmente por tôda a terra, contudo colaborando unidos por meio da Sociedade Tórre de Vigia de Bíblias e Tratados, são o corpo do «servo» do Senhor na terra.

A realidade histórica desta premissa, de um corpo composto muito unido, inter-relacionado, ao longo dos séculos, constituindo o único receptáculo da alimentação vinda de Cristo e conseqüentemente se tornando o único canal das instruções de Deus para os cristãos em toda parte, não está comprovada nem documentada em lugar algum. É uma simples asserção. A interpretação divulgada e a postura tomada pela organização exigem isso. O que de fato revela a história com respeito a esta premissa?

O registro histórico

Alguém poderia pensar que no período pós-apostólico este canal seria logicamente encontrado no *corpo principal* de professos cristãos, em vez de nos “grupos divididos”, isolados, fragmentados, que foram se separando desde então. Mas esse corpo principal é o que eventualmente se transformou na cristandade, a qual *A Sentinela* chama de apóstata. A “classe do escravo”, portanto, tem de ser encontrada fora desse sistema. Os cristãos deviam então ser encontrados numa área bem espalhada da terra, em muitas nações e

⁴ *A Sentinela* de 15 de junho de 1984, páginas 19 e 20, afirma que, desde Pentecostes, por meio de uma “classe do ‘mordomo fiel’, um corpo coletivo”, Cristo cuida de que todos recebam “o mesmo alimento espiritual”.

países. Quem formava esta unida e única “classe do escravo”, este grupo coletivo especial servindo como canal exclusivo de comunicação para suprir “o mesmo alimento espiritual” aos cristãos genuínos do segundo, terceiro e quarto séculos em todos esses lugares?

As publicações da Torre de Vigia não tentam identificar este canal, apresentando o motivo de que o surgimento da apostasia fez “desaparecer da visão nítida” a clara identificação da classe do “escravo fiel e discreto”.⁵ Assim, a existência deste canal durante aquele período é simplesmente uma suposição. Que dizer do período desde então?

A história de modo algum é omissa sobre os acontecimentos religiosos no decorrer dos séculos. Ela nos dá um quadro razoavelmente completo não só do desenvolvimento gradual da organização da Igreja Católica, mas também das dissidências e separações ocorridas a partir dela e da criação dos diversos movimentos que levaram à Reforma e à formação das denominações protestantes. Porém, em todos estes registros, nada encontramos que se ajuste de modo aceitável à descrição que *A Sentinela* faz de uma classe singular, contínua, do “escravo fiel e discreto”, um grupo coletivo homogêneo, muito unido, atuando através dos séculos, como fonte única e exclusiva de alimento para as consecutivas gerações de todos os genuínos cristãos em todos os lugares.

A Sentinela faz ocasionalmente referência a grupos da Idade Média, como os valdenses, os lolardos, e similares, deixando implícito, no mínimo, que possam ter estado entre os cristãos genuínos do tempo deles — o que os teria tornado parte da “classe do escravo fiel e discreto”.⁶ O fato de que esses agrupamentos religiosos muitas vezes

⁵ *A Sentinela*, 1º de setembro de 1981, página 26.

⁶ Veja *A Sentinela*, 1º de fevereiro de 1981, páginas 24-28; 1º de fevereiro de 1982, páginas 12-16. Uma publicação mais antiga, *Auxílio Teocrático aos Publicadores do Reino* (em inglês), página 307, chegou ao ponto de dizer sobre os valdenses: “É bem evidente que os primitivos valdenses eram fiéis Testemunhas de Jeová” — servindo aparentemente de evidência o fato de que eles se opunham a ensinamentos da Igreja Católica tais como os dos santos, purgatório, missas, tradição, supremacia papal, perdões e indulgências papais e o celibato dos sacerdotes. No entanto, essa oposição existe em quase todas as religiões protestantes.

acreditavam em doutrinas como a trindade, a imortalidade da alma e outras similares, é geralmente encoberto. A Sociedade Torre de Vigia, no entanto, considera estas como as mais graves de todas as doutrinas falsas, erros capitais. Além do mais, estes agrupamentos eram basicamente regionais, geralmente restritos a um país, ou no máximo, a poucos países. Nenhum deles dá evidência de ter servido de canal especial de comunicação, provendo o “mesmo alimento espiritual” às pessoas em escala internacional, algo que seria indispensável a menos que presumamos que todo o “trigo” do campo mundial estivesse restrito naquele tempo a apenas um ou poucos países.

Ao invés de recuar vários séculos, ao tempo em que grupos como os anabatistas (apresentados há alguns anos de modo a fazer supor que foram um provável elo da corrente), por que não apresentam um elo do passado mais recente, dos séculos dezoito ou dezenove, quando as informações são bem mais abundantes?⁷ Por que não mostram pelo menos os elos do “escravo fiel e discreto” que levaram até Russell e à fundação de sua Sociedade Torre de Vigia em 1881? Este seria o ponto de partida mais óbvio e lógico, a partir do qual toda a cadeia retroativa poderia ser traçada.

Uma cadeia de elos invisíveis

As afirmações da Torre de Vigia requerem uma cadeia de gerações sucessivas da classe muito unida do escravo, tendo essa cadeia eventualmente de chegar a Charles Taze Russell e à Sociedade Torre de Vigia que ele fundou. Revendo sua história, descobrimos que, quando jovem, Russell separou-se de todos os grupos religiosos por ter perdido a fé neles. Mais tarde, assistiu a uma reunião do Segundo Advento, mas disse que os que lá estavam conseguiram apenas restabelecer sua “abalada fé” na inspiração divina da Bíblia. Aos 18 anos, com alguns associados, Russell formou uma “pequena classe de estudo bíblico.”⁸

⁷ A *Sentinela* de 15 de novembro de 1987, páginas 21-23, fala sobre os anabatistas, enfatizando as semelhanças e minimizando ou ignorando as principais diferenças entre eles e as Testemunhas.

⁸ Veja o livro *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, página 44, e *A Fé em Marcha* (em inglês), páginas 19 e 20.

Alguém poderia pensar que o movimento do Segundo Advento da época do jovem Russell era o “escravo fiel e discreto”, já que ele escreveu que foi ajudado pelos segundo-adventistas, tais como George Storrs e George Stetson, reconhecendo ter recebido suas principais profecias de datas (inclusive a relacionada com 1914) do segundo-adventista N. H. Barbour. Chegou a tornar-se editor associado da revista de Barbour, o *Arauto da Aurora*.⁹ No entanto, o livro *Aproximou-se o Reino de Deus de Mil Anos*, nas páginas 185 e 186, destaca sobre o grupo inicial de estudo de Russell:

Trinta anos mais tarde, houve um pequeno grupo de homens, não associados com os adventistas, nem afiliados com qualquer das seitas religiosas da cristandade, que estudavam as Escrituras Sagradas, em Pittsburgh (Allegheny), na Pensilvânia, E. U. A. Estudavam independentemente, a fim de evitar encarar a Bíblia através de óculos sectários.

O próprio Russell afirmava que o adventismo não o tinha “ajudado em nenhuma verdade específica”, e as publicações aprovadas da Sociedade dizem que ele tirou sua Bíblia da estante e passou a estudá-la por conta própria, de modo particular e independente.¹⁰ Hoje, tal procedimento seria desaprovado como presunçoso, ineficaz, uma rejeição do canal de Deus, contrário ao modo histórico de Deus prover entendimento da sua Palavra mediante uma organização. Recordemos a afirmação de *A Sentinela*:

...a Bíblia é um livro de organização e pertence à congregação cristã como organização, não a indivíduos, não importa quão sinceramente creiam poder interpretar a Bíblia. Por esta razão, a Bíblia não pode ser

⁹ O movimento do Segundo Advento não chegou a formar uma organização unificada, mas era essencialmente um movimento fragmentado com vínculos apenas tênues entre os diferentes grupos. Muitas fontes publicavam informações em revistas diferentes, não relacionadas.

¹⁰ *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, página 44; *A Fé em Marcha* (em inglês), páginas 19, 20. Embora possa ser verdade que os segundo-adventistas não tenham ajudado Russell em nenhuma verdade específica, eles certamente o proveram com vários dos conceitos deles, inclusive o de 1914. Além do mais, havia outras revistas publicadas pelos segundo-adventistas, tais como o *Bible Examiner* de Storrs, ou o *Arauto da Aurora* de Barbour, que eram muito semelhantes em conteúdo à *Torre de Vigia de Sião* de Russell.

devidamente entendida sem se ter presente a organização visível de Jeová.¹¹

A história oficial da Sociedade, *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus* (página 707) diz mais sobre Russell:

Ele não fundou uma nova religião, e nunca afirmou ter feito isso. Restabeleceu as grandes verdades ensinadas por Jesus e pelos Apóstolos, e voltou a luz do século vinte sobre elas. Não alegou ter revelação especial de Deus, mas sustentou que era o tempo devido de Deus para a Bíblia ser entendida e que, estando ele plenamente consagrado ao Senhor e ao Seu serviço, teve permissão de entendê-la.

Ron Frye, já mencionado, fez um estudo intensivo deste assunto. Sobre as afirmações publicadas que acabamos de citar, ele escreve:

É esta pois, a raiz do início da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados conforme explicado por suas próprias palavras. Ela *repudia* claramente a premissa cuidadosamente lançada com respeito à chamada classe do escravo fiel e discreto. Por volta do ano 1870, quando o jovem Russell iniciou seu estudo independente da Bíblia, a chamada classe do escravo fiel e discreto estaria então com mais de 1800 anos de existência.

Uma pergunta tem de ser respondida: Onde estava esta classe do escravo fiel e discreto? Como poderia Russell ter ‘restabelecido as grandes verdades ensinadas por Jesus e pelos apóstolos’ *independentemente do canal de comunicação*, a organização terrestre de Jeová? Além do mais, se como insiste a Sociedade Torre de Vigia, o escravo fiel tem alimentado seus membros “de modo progressivo” através dos séculos, com cada geração alimentando a geração seguinte, *por que precisariam os grandes ensinamentos de Jesus e dos apóstolos ser restabelecidos?* Isto não teria sido necessário caso fosse verdadeira a premissa do escravo fiel e discreto.

A evidência mais reveladora de tudo isso talvez seja a que se encontra nos escritos do próprio Russell. Em *A Sentinela* de 1º de outubro de 1909 (citada no capítulo 4), ele apresenta seus “amigos” dizendo que *durante gerações* os estudos bíblicos feitos por eles e seus antepassados tinham sido “todos sem nenhum proveito”. Apenas quando o Senhor lhes mandou as “Chaves Bíblicas” por meio da Sociedade, formada, chefiada e controlada por Russell, foi que eles

¹¹ *A Sentinela*, 1º de junho de 1968, página 327, parágrafo 9.

conseguiram chegar à luz. Se, conforme ensinado atualmente, uma “classe do escravo fiel e discreto” como “grupo muito unido” vinha atuando de Pentecostes em diante, com ‘uma geração alimentando a geração seguinte,’ onde estava ela na época dessas pessoas e de seus antepassados? Teriam suas gerações de algum modo sido “passadas por alto”? Russell obviamente não acreditava que a parábola se cumprisse numa “classe” contínua. Como poderia ele ter feito parte de uma classe contínua, existindo de Pentecostes em diante e através dos séculos, quando ele mesmo não acreditava em tal conceito? Ele acreditava claramente que o “escravo fiel e discreto” apareceu pela primeira vez na época dele, e deixa nítido que ele mesmo não fora a nenhuma “classe do escravo fiel e discreto” em busca de esclarecimento.¹²

Apontando o significado subjacente destes fatos, diz Ron Frye:

De modo claro, as raízes das Testemunhas de Jeová contradizem categoricamente a premissa da Sociedade Torre de Vigia com respeito ao dogma da chamada classe do escravo fiel e discreto. É evidente que a fim de justificar seu sistema autoritário, precisam argumentar que Jeová está usando uma organização como seu canal terrestre, ao qual todos devem submeter-se e aceitar. Mas para insistir nisso hoje, precisam consistentemente argumentar que a situação *sempre* foi esta desde o começo em 33 A.D. e que este *sempre* foi o modo de Deus. No entanto, permanece o fato de que Russell não se voltou para nenhuma organização terrestre. *Ele agiu de modo independente, por sua própria conta.*

Assim, no esforço de negar que Jesus esteja agora tratando, ou que alguma vez trataria com indivíduos à parte de uma organização, um “canal” exclusivo, A *Sentinela* cria uma posição insustentável. Alega que Cristo fez precisamente isto ao tratar com Russell à parte de uma organização. Se admitirmos que o período pós-apostólico não é particularmente fácil de pesquisar, devemos admitir que os meados do século 19 são muitíssimo mais fáceis de pesquisar. E no entanto, não se consegue encontrar nem um único elo da suposta cadeia contínua de gerações do “escravo” que se possa ligar a Russell e à sua revista A

¹² Na *Sentinela* de 15 de abril de 1904, Russell argumenta detalhadamente contra a idéia de um “mordomo composto” ou “classe” e a favor de que um indivíduo em particular fosse o “servo fiel e prudente”.

Sentinela. As publicações da Torre de Vigia, portanto, só podem apontar para o primeiro elo (os cristãos do primeiro século) e para o último elo (com base nas alegações que a organização Torre de Vigia faz de si mesma) da cadeia. Quaisquer elos têm de ser *presumidos* já que se mostram invisíveis. Além de tudo, eles retiram a base em que se apóia seu próprio argumento, pois mostram que seu elo final começou de modo totalmente contrário à posição da organização, que se iniciou com *indivíduos*, desligados de qualquer organização. Esta faceta de seu ensino meticulosamente elaborado quanto a uma “classe do escravo fiel e discreto” mostra ser um mero “castelo de cartas” que é demolido por suas próprias afirmações.

Gerações de uma “classe do escravo” que transmitem luz crescente?

Algo que agrava o problema em relação às afirmações da organização Torre de Vigia, como reconheceu Ron Frye, é a constante aplicação de Provérbios 4:18 (“Mas a vereda dos justos é como a luz clara que clareia mais e mais até o dia estar firmemente estabelecido”) como se referindo a algum tipo de avanço continuamente progressivo no conhecimento doutrinário e no entendimento das Escrituras.¹³

Na verdade, a organização apresenta duas posições contraditórias. Por um lado, diz que “a luz consistentemente torna-se cada vez mais brilhante”, e por outro diz que a apostasia criou uma escuridão tão grande e prolongada por tantos séculos que Russell e a Sociedade Torre de Vigia tiveram de “restabelecer as grandes verdades ensinadas por Jesus e pelos apóstolos”. Ela nunca tenta resolver esta contradição óbvia, mas persiste em falar sobre a “luz brilhante que se torna cada vez mais clara”. Como um exemplo apenas, encontramos esta declaração em *A Sentinela* de 15 de janeiro de 1961, página 51:

¹³ Um exame do contexto mostra que o texto não tem realmente tal aplicação, mas refere-se ao *proceder de vida* do justo, sua vereda de conduta piedosa, em contraste com o “caminho dos iníquos”. Veja os versículos 14-17, 19.

¹⁴ Através dos anos, esta congregação, parecida a um escravo, tem alimentado discreta e fielmente seus verdadeiros membros. Desde Pentecostes do ano 33 E. C., e até o momento presente, tal ação tem sido feita amorosa e cuidadosamente. Sim, e os “domésticos” foram alimentados com sustento espiritual progressivo que os manteve em dia com “a luz brilhante, que se torna cada vez mais clara, até o dia ser firmemente estabelecido”. (Pro. 4:18, NM) Tudo isso resultou em ser “sustento no tempo apropriado”, conforme Jesus declarou.

Sobre isto, comenta Ron Frye:

Segundo esta última citação, o escravo tem sido nutrido não só com alimento espiritual saudável, mas com *alimento espiritual progressivo*, que não regride, não permanece estático, mas que está sempre *indo avante espiritualmente com a luz crescente da verdade*. É esta, pois, a premissa cuidadosamente lançada pela Sociedade Torre de Vigia com respeito ao ensino da ilustração do escravo fiel e discreto do capítulo 24 de Mateus. Ele veio à existência no dia de Pentecostes de 33 [A.D.] e deveria ter uma história contínua, ininterrupta através dos séculos, até o fim do mundo e incluindo este; enquanto isso, ele estaria ‘alimentando progressivamente’ os seus membros com alimento espiritual, tornando-se cada vez mais esclarecido à medida que o tempo passava. A pergunta, então, a ser respondida, é: como é que a história da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados se encaixa ou se enquadra nesta premissa? Se sustentarmos as consequências da interpretação que a Sociedade faz de Mateus 24:45-47, o que descobrimos? Se sua história não se enquadra em sua própria premissa, esta premissa então é comprovadamente falsa.

Se a aplicação pretendida fosse válida, isto significaria que cada século sucessivo teria visto o crescimento do entendimento, da claridade do ensino doutrinário, com cada geração sucessiva da classe do “escravo fiel e discreto” transmitindo esta iluminação acrescida para a geração seguinte. Por volta da época dos valdenses e dos lolardos dos séculos treze e quatorze deveria haver um tremendo crescimento do entendimento. E por volta da década de 1870, quando surgiu Charles Russell, a luz já usufruída pela classe do “escravo”

deveria logicamente ter progredido a ponto de brilhar de modo ofuscante.

Recorde-se a afirmação de Karl Klein, membro do Corpo Governante, como depois expressou *A Sentinela* de 15 de agosto de 1981, página 19:

Não há dúvida sobre isso. Todos nós precisamos de ajuda para entender a Bíblia, e não podemos encontrar a orientação bíblica de que precisamos fora da organização do “escravo fiel e discreto.”

Se essa declaração expressa genuinamente um princípio imutável quanto ao modo de Deus dirigir Seus servos, tinha então de ser válido e veraz no tempo de Russell. Russell, pois, deveria certamente ter recorrido à “classe do escravo fiel e discreto” do tempo dele e recebido a luz clara que então brilhava, de acordo com a doutrina da ‘luz que clareia mais e mais’. As publicações da Sociedade Torre de Vigia dizem que ele não fez tal coisa. Fez exatamente o oposto e, inexplicavelmente, foi aparente e excepcionalmente eximido da necessidade de aderir a tal princípio, ficando apenas ele habilitado a estudar a Bíblia independentemente de qualquer “organização do escravo fiel e discreto” e ainda assim a compreender.

Obviamente, não havia nenhuma classe do “escravo fiel e discreto” já existente por dezoito séculos à qual Russell e seus companheiros achassem que deviam recorrer e com a qual se associassem para receber o grande acúmulo de luz espiritual que devia ter sido gerada com o passar dos séculos. A necessidade que tinham de um *estudo independente* é enfatizada nas publicações da Torre de Vigia. Isto faria parecer que, após dezoito séculos de cumprimento da promessa que Jesus fez de estar com seus seguidores e guiá-los, apoiá-los e abençoá-los, o verdadeiro cristianismo na terra estava reduzido apenas a este punhado de americanos que se reuniam em Pittsburgh, Pensilvânia! Para levar a sério o ensino da organização, é a este extremo que teríamos de chegar.

Prover fielmente o alimento na época certa

O ensino oficial é de que, por volta de 1919, Cristo Jesus designou as pessoas filiadas à organização Torre de Vigia como sua “classe do escravo fiel e discreto”, seu canal escolhido. Sobre os fatores envolvidos nesta escolha, o livro *Aproximou-se o Reino de Deus de*

Mil Anos (escrito por Fred Franz e publicado em 1975) diz (páginas 350, 351):

A questão era servir alimento, a espécie correta de alimento no tempo apropriado. Tinha de ser sobre isso que o retornado amo precisava fazer uma decisão. Pois bem, que dizer daquele grupo de cristãos odiados e perseguidos internacionalmente? (Mateus 24:9) Até o ano de 1919 E.C., eles se haviam esforçado a dar “alimento no tempo apropriado” aos da “família da fé” ou aos “domésticos” do Amo celestial. Fizeram isso apesar da interferência por parte de perseguidores e de nações em guerra. Não só constituiu a regularidade em servir o alimento espiritual um problema, mas também se devia considerar a qualidade do próprio alimento. Neste respeito, o grupo de cristãos odiados e perseguidos, que sempre procuravam ser escravos fiéis de Jesus Cristo, enfrentou a prova.

Em toda a terra, de todos os grupos religiosos, só a organização que produzia as publicações da Torre de Vigia “enfrentou a prova”. Não só tinham servido alimento espiritual, mas “a espécie correta de alimento no tempo apropriado”. Não só a regularidade, mas “também se devia considerar a *qualidade* do próprio alimento.” Que prova dá a organização de que demonstrou “excepcional fidelidade e discrição” para com a Palavra de Deus? Que prova dá de que a “qualidade” do seu alimento era claramente superior a qualquer outro fornecido, sendo este exatamente da “espécie correta” e no “tempo apropriado”?

Considere agora alguns exemplos do que realmente estava sendo servido pela organização Torre de Vigia como alimento espiritual durante o período que abrangeu o suposto ano da prova, 1919.

Discrição exemplar ou indiscrição lamentável?

Na abundância de palavras não falta transgressão, mas quem refreia seus lábios age com discrição. — Provérbios 10:19.

No livro *Crise de Consciência* apresentou-se documentação detalhada mostrando que após a morte de Russell em 1916 a organização Torre de Vigia continuou a defender de modo ferrenho a autenticidade das profecias de datas relativas a 1799 (como o início dos “últimos dias”), 1874 (como a época do começo da “presença invisível” de Cristo), e 1878 (quando Cristo assumiu seu poder real e começou seu tempo de

juízo), embora ela se debatesse quanto ao que dizer sobre o fracasso das predições centralizadas no ano de 1914.¹⁴

Considere agora o que ocorreu em 1917. Lembremo-nos de que, segundo o ensino “reajustado” atual da Torre de Vigia, Cristo Jesus *estava então oficialmente reinando como rei entronizado havia três anos*. Em 1917, a organização Torre de Vigia imprimiu um livro chamado *O Mistério Consumado*. Dizia-se que este livro era ‘a mensagem do momento’. Já que se argumenta insistentemente que a “luz torna-se cada vez mais brilhante”, esta nova publicação tão aclamada deveria logicamente trazer excelente evidência da “qualidade” do alimento servido, algo que o recém-empossado Rei pudesse usar como exemplo notável da prova pela qual teria de ser avaliado o canal que servia alimento de qualidade.

Observe algumas das predições feitas para os anos de 1918 e 1920 nestes trechos que tratam do capítulo 16 de Revelação e dos capítulos 24 e 35 de Ezequiel:

258

O Mistério Consumado

REV. 16

Para dar-lhe o cálice do vinho do furor da [Sua] ira. — O vinho da videira da terra. — Rev. 14:17-20; Jer. 8:14; Isa.51:17-20; Jer. 25:26-28; Rev. 18:6.

16:20. **E toda ilha fugiu.** — Até as repúblicas desaparecerão no outono de 1920.

E não se acharam os montes. — Todos os reinos da terra passarão, serão tragados pela anarquia.

16:21. **E caiu sobre os homens.** — Em grego, “Os Homens”, os adoradores da fera e da sua imagem, isto é, o clero.

Uma grande saraiva do céu. — A verdade, compacta, chegando com força esmagadora. Uma declaração concludente de como o sétimo volume dos *Estudos das Escrituras* parece aos adoradores da fera e da sua imagem. — Rev. 1:19; Isa. 28:17; 30:30; Eze. 13:11; Josué 10:11.

Cada pedra pesando cerca de um talento. — 113 libras. (Mal. 3:10) Outra visão do sétimo volume dos *Estudos das Escrituras*, conforme parece aos adoradores da fera e da sua imagem, encontra-se na última das pragas egípcias, a morte dos primogênitos. Êxodo, capítulos 11 e 12.

¹⁴ *Crise de Consciência*, capítulo 8.

Os três dias nos quais as hostes de Faraó perseguiram os israelitas no deserto, representam os três anos de 1917 a 1920, tempo no qual os mensageiros de Faraó serão tragados pelo mar da anarquia. As rodas se soltarão de seus carros – organizações.

24:24. Assim Ezequiel é para vós um sinal: segundo tudo o que ele fez, vós fareis: e quando isto chegar, sabereis que eu sou o Senhor Deus. — Assim, a silenciosa dor do coração do Pastor Russell devia ser um sinal para a Cristandade. As dolorosas experiências do Pastor Russell com respeito a isto se tornarão mais tarde as de toda a Cristandade; e “quando isto chegar” saberão que Jeová Deus é supremo, e está por trás de todos os julgamentos da época da tribulação.

O PASTOR RUSSELL MORTO, MAS FALANDO OUTRA VEZ

24:25, 26. Também tu, filho do homem, não será no dia em que tirarei deles a sua força, o júbilo de sua glória, o desejo de seus olhos, e aquilo em que fixam suas mentes, e seus filhos e suas filhas. Que aquele que escapar naquele dia virá a ti para fazer-te ouvir com teus ouvidos? — Também, no ano de 1918, quando Deus destruir as igrejas em escala total e os membros das igrejas aos milhões, ocorrerá que qualquer um que escapar se voltará para as obras do Pastor Russell para aprender o significado da derrocada do “Cristianismo”.

35:14. Assim diz o Senhor Deus: Quando toda a terra se regozijar eu te causarei desolação. — Quando vierem os Tempos da Restituição de todas as coisas, uma das coisas que não será restaurada é o movimento Socialista, trabalhista. Quando toda a sociedade se regozijar na nova ordem de coisas instituída por Deus, o estado Socialista terá sido então desolado completamente e para sempre.

35:15. Assim como te regozijaste diante da herança da casa de Israel, por ter sido desolada, assim farei a ti; serás desolado, ó monte Seir, e todo o Edom, sim, todo ele: e saberão que eu sou o Senhor. — Assim como os apóstatas de mentalidade carnal do cristianismo, aliando-se aos radicais e revolucionários, regozijar-se-ão diante da herança de desolação que virá a ser da Cristandade depois de 1918, assim fará Deus ao movimento revolucionário triunfante; será completamente desolado, “sim,

todo ele”. Não sobreviverá dele nenhum vestígio nas ruínas da anarquia mundialmente abrangente no outono de 1920. (Rev.11:7-13.)¹⁵

[O original em inglês dos trechos citados a partir de agora do livro “Mistério Consumado” encontra-se no Apêndice.]

O livro especializava-se na profecia de Ezequiel e no livro de Revelação. Tudo que se relacionava com o próprio Ezequiel foi aplicado ao Pastor Russell, o Ezequiel moderno. Além das fracassadas profecias de data relativas a 1918 e 1920, considere as explicações que o livro dá sobre Revelação 14:20, como amostras do tipo de “alimento” servido nesta publicação. O relato da própria Bíblia reza:

E o lugar foi pisado fora da cidade, e saiu sangue do lugar até aos freios dos cavalos, numa extensão de mil e seiscentos estádios.

Usando a tradução de Rotherham (em inglês) que diz “mil e duzentos estádios” (em vez de mil e seiscentos), esta é a explicação que o livro (página 230) dá como cumprimento do texto:

Pelo espaço de mil e [seiscentos] DUZENTOS estádios.— Isto não pode ser interpretado como uma referência às 2100 milhas da linha de batalha das guerras do mundo. Um estádio não é uma milha e esta está fora da cidade, enquanto a linha de batalha está dentro da cidade. Veja a tradução de Rotherham.

Um estádio é 606 $\frac{3}{4}$ de um pé inglês; 1200 estádios são, em milhas, 137,9

O trabalho deste volume foi realizado em Scranton, Pensilvânia. Tão logo foi concluído enviaram-no para Betel. Metade do trabalho foi feito a uma distância média de 5 quadras da estação Lackawanna, e a outra metade a uma distância de 25 quadras. As quadras em Scranton são de 10 por milha. Deste modo a distância média até a estação

é de 15 quadras, ou 1,5 milha

A distância em milhas de Scranton para o Terminal de Hoboken aparece nas tabelas como sendo 143,8, e esta é a distância que é cobrada dos passageiros, mas em 1911, ao custo de \$12.000.000, a Ferrovia Lackawanna concluiu o seu famoso atalho, economizando 11 milhas de distância. A partir do dia em que foi concluído o atalho os ferroviários foram aquinhoados com 11 milhas a menos do que a que aparece na tabela, ou

seja, uma distância reduzida para. 132,8 “

¹⁵ *O Mistério Consumado*, edição de 1918, páginas 258, 485, 542. Quando se publicou a edição de 1924 deste livro, as datas que se acham nestas citações foram eliminadas quase que sem exceção.

De Hoboken Ferry para Barclay Street	
Ferry, Nova York, são	2,0 “
De Barclay Street Ferry para Fulton	
Ferry, Nova York, são 4.800 pés ou.	0,9 “
De Fulton Ferry, Nova York, para Fulton	
Ferry, Brooklyn, são 2.000 pés ou.	0,4 “
De Fulton Ferry, Brooklyn, para Betel,	
são 1.485 pés ou.	<u>0,3</u> “

A distância mais curta do local em que o lagar foi pisado pelos Pés Membros do Senhor, cuja direção e ajuda apenas, tornaram possível este volume.

João 6:60, 61; Mat.20:11.). **.137,9 milhas**

[O original dessa matéria acha-se no apêndice.]

De “qualidade” similar é o que o livro chama de “tradução corrigida de Jó 40:15 a 41:34,” com os respectivos comentários, apresentados nas páginas 84 a 86. Lá o livro de Jó fala do “beemote” e do “leviatã” (hoje entendidos pela Sociedade Torre de Vigia e por outros como referências ao *hipopótamo* e ao *crocodilo*).¹⁶ Recomendaria que se lessem primeiro as palavras tal como se encontram em Jó. Depois, analise esta “tradução corrigida” feita por “um dos seguidores do Pastor Russell” no livro *O Mistério Consumado*. Primeiro, sobre o “beemote” ele diz:

O que segue é uma tradução corrigida de Jó 40:15 a 41:34, com os respectivos comentários de um dos seguidores do Pastor Russell: “Contempla agora algo que tem grande calor [a máquina a vapor imóvel], que eu criei para estar contigo; ele consumirá forragem [turfa, madeira, carvão] como o gado. Olha agora, sua força está nos seus lombos [as chapas da caldeira], e seu poder está dentro das partes curvas [concha da caldeira] de seu ventre. Sua cauda [chaminé — defronte à extremidade de abastecimento] se empina como o cedro; as junções de suas partes separadas [barras de conexão, bielas] são pregadas juntas. Seus ossos são tubos de cobre; seus ossos sólidos [barras da grelha] são como barras de ferro batidas com martelo. Ele é

¹⁶ Veja por exemplo como vertem estas passagens a *Bíblia de Jerusalém*, a *Bíblia na Linguagem de Hoje* (notas de rodapé), e a *Almeida Revista e Atualizada*.

o maior dos meios de força. Aquele que o criou [o Senhor] pode fazer Sua espada [a Palavra] achegar-se [revelar-se] a ele. [Isa. 27:1, 2] Repousará sob fino abrigo [colunas de vapor] dentro de uma cobertura de juncos fibrosos [juta] e argila [almofariz]. Os salgueiros do vale [as árvores acima] o cercam. Contempla [como um sistema de captação de água], ele bebe um rio transbordante sem muito esforço; fará o povo confiar [que seus celeiros manter-se-ão secos], ainda que o Jordão se levante até sua boca. Ele o ajuntará em suas fontes por meio de armadilhas e com a narina perfurada.

O redator da Torre de Vigia dá em seguida esta explicação definindo “leviatã”, não como uma máquina a vapor *imóvel*, tal como as que se utilizam nos moinhos e nas fábricas, mas como uma *locomotiva*:

“Puxarás para fora o leviatã [a locomotiva] com um anzol [engate automático] ou com um laço [pino de engate] prender-lhe-ás a língua [conexão de engate]? Acaso colocar-lhe-ás uma argola [pistão] nas narinas [cilindros] ou furar-lhe-ás as bochechas [pontas dos pistões] com uma vara [barra do pistão]? Far-te-á ele repetidas súplicas [para que te afastes dos trilhos]? Acaso proferir-te-á ele sons suaves [quando faz guinchar o apito]? Fará ele um pacto contigo, para que o tomes como servo para sempre [sem consertos]? Brincarás com ele como se fosse um pássaro [fazendo-o apitar à vontade]? Ou o deixarás amarrado [escravizado] para tuas moças [de modo a levá-las aos piqueniques e congressos]? Companheiros [acionistas] regalar-se-ão com ele [os lucros]? Partilhá-lo-ão entre os especuladores. [Sal.74:14] Acaso encher-lhe-ás a pele de arpões [parafusos], e por-lhe-ás a cabeça numa cabina de pescadores [como as cabinas dos barcos de pesca]? Põe tua mão sobre ele, lembra-te da peleja [o furor da caldeira] e não farás mais perguntas. Contempla sua confiança [a caldeira] sendo enganada [por não ter sido devidamente abastecida com água], não será sua poderosa imagem espalhada de uma só vez [por uma explosão]? Ninguém há tão audaz que venha a incitá-lo [a correr à maior velocidade possível], e ninguém que lhe possa fazer frente [para atropelá-lo]. Quem competirá com este e resistir-lhe-á [ultrapassando-o nos trilhos]? Debaixo de todos os céus, ninguém, senão [alguém como] ele próprio.

“Não silenciarei a respeito de seus membros, nem da causa de suas forças poderosas, nem da beleza de seu equipamento. Quem poderá abrir-lhe as vestes? Quem poderá penetrar entre as dobras duras de seu escudo [as seções sobrepostas das chapas da caldeira]? Quem pode

forçar as portas de seu escudo [extremidades da caldeira]? Os círculos de seus dentes [fileiras de rebites] são formidáveis. Sua força reside em fileiras de escudos [seções de chapas] bem encostados com um selo [vedados]. Estarão tão juntos uns aos outros que nem um sopro [vapor] passará entre eles. Colar-se-ão uns aos outros. Tão ligados uns aos outros ficarão que não se poderão separar. Seus espirros [as lufadas dos cilindros] relampejam faíscas, torrentes de luz varam a massa de fumaça: e seus olhos [faróis] serão como as pestanas da aurora [os raios de luz do sol nascente]. De sua boca [boca da fornalha] saltarão tochas acesas, e [da chaminé] prorromperão centelhas incandescentes. De suas narinas [cilindros] irromperá o vapor como que de uma fundição ou caldeirão. Sua inalação [refluxo da chaminé] reavivará carvões acesos, e uma chama saltará de sua boca. Em seu pescoço reside a força, e diante dele festejará a desolação [tornando-se uma comunidade próspera]. As partes separadas de seu corpo ajuntar-se-ão; comprimir-se-ão todas contra ele; nada se move. Seu coração estará rijo como pedra, estará sólido como a mó de baixo [rocha]. Quando em sua plena velocidade, os mais bravos temerão [acidentes], perder-se-ão. Quando a seca o exalta [ou o torna furioso], não se pode deter; faz-se romper a abóbada curva [o forno], e também a couraça. Prezará o ferro como se fosse palha, e o latão como madeira apodrecida. O arqueiro não consegue pô-lo em fuga; projéteis [de guerra] virar-se-ão contra ele como refugio. O [batidas de um] martelo será prezado como um refugio; regozijar-se-á com os empurrões do foguista. Vigas lavradas [ou entalhadas] de artesão estarão por baixo dele; estenderá uma barragem sobre o lodo. Fará [como uma máquina marítima] das profundezas [lugares] uma panela fervente [sob seus propulsores]; fará o mar assemelhar-se a unguento fervente. Fará a vereda brilhar após ele; pensar-se-á que a profundidade da terra se torna cinza. [Sal. 104:26; Isa. 27:1.] Sobre a terra nada há que se lhe assemelhe — ele que é [tão] construído de modo que nada pode temer. Ele pode superintender [controlar por sua obra] tudo que é grandioso; é sem dúvida rei sobre todas as concepções de poder.”

A profecia de Naum, capítulo 2, versículos 3 a 6, contém esta passagem (conforme reza a *Versão Rei Jaime*) dirigida contra a antiga cidade de Nínive:

O escudo dos seus poderosos torna-se vermelho, os homens valentes vestem escarlate; os carros estarão com tochas flamejantes no dia de seu aparelhamento, e vibrarão terrivelmente as lanças. Os carros troarão nas ruas, cruzarão uns com os outros pelas vias largas;

parecerão tochas, correrão como os relâmpagos. Recontará seus valorosos; tropeçarão em seu caminho; apressar-se-ão para chegar ao próprio muro, e a defesa estará preparada. As comportas dos rios serão abertas, e o palácio se dissolverá.

Neste tão aguardado “Sétimo Volume”, na página 93, o autor de *O Mistério Consumado* dá esta explicação acerca da passagem acima:

(18) *Naum* veio em seguida como um dos santos Profetas; e após profetizar no último versículo do capítulo anterior acerca da vinda do Rei com Sua boa nova de paz para a terra sobrecarregada de pecados, ele fala em seguida (*Naum* 2:3-6) sobre uma coisa interessante que será uma questão de experiência diária costumeira na época em que o Reino estiver estabelecido. Ele descreve uma composição ferroviária em movimento [não um automóvel, como alguns pensam], e se fizermos o esforço de colocarmo-nos no lugar do Profeta, poderemos ver exatamente o que ele viu em sua visão e o que de modo tão interessante descreveu. Primeiro, o Profeta fica olhando para a máquina que vem em sua direção, e então diz: “O escudo [o objeto à frente deste grande guerreiro — o farol] torna-se rubro [brilha com força], os homens valentes [o maquinista e o foguista] são tingidos de escarlata [quando as chamas da fornalha iluminam o interior da cabina à noite, enquanto o foguista abre a tampa da fornalha para jogar carvão]. Os carros [os vagões do trem] estarão com [serão precedidos pelas locomotivas que, à noite, têm a aparência de] tochas ardentes, no dia da Preparação.”

A seguir, o Profeta toma seu lugar no trem e olha pela janela, e aparentemente, “Os abetos serão terrivelmente agitados [os postes de telégrafo ao longo dos trilhos parecem estar dançando um pouco]. Os carros enfurecer-se-ão nas ruas [uma ferrovia não passa de uma rua elaborada, cientificamente construída, ou uma rodovia], colidirão uns contra os outros nas vias largas [o chacoalhar e o ranger] dos vagões juntos é um dos aspectos mais significativos das viagens ferroviárias]. Assemelhar-se-ão a tochas [um comboio ferroviário à noite, correndo ao longo de um campo distante, parece nada mais que uma vasta tocha, correndo como se voasse], correrão como os relâmpagos.” A seguir, o Profeta vê o condutor em busca de sua passagem e diz: “Ele recontará seus valorosos [o condutor passa quase todo o seu tempo contando e recontando os passageiros, conferindo-os, etc.]; tropeçarão em seu caminho [tentando andar num trem que se move rapidamente]; apressar-se-ão para chegar ao próprio muro [a próxima cidade ou vila] e a cobertura [o abrigo do trem, a estação] estará preparada [o

carregador de bagagens, o conferente, carro postal, o ônibus do hotel, passageiros que embarcam, e amigos que lá estão para receber os passageiros que desembarcam, todos estarão lá aguardando o trem que chega]. As comportas dos rios serão abertas [as portas dos vagões serão abertas e as pessoas fluirão para fora] e o palácio [vagão] se dissolverá [se esvaziará].”

Em Revelação capítulo 19, versículo 10, lemos que: “Dar-se testemunho de Jesus é o que inspira o profetizar.” Sendo assim, o ‘recém entronizado Rei’ razoavelmente teria considerado com grande interesse as explicações da profecia e as predições anunciadas nesta publicação, provenientes da organização que se proclama seu mensageiro escolhido, seu “canal” de informação. Em sua obra de julgamento ele naturalmente examinaria esta mensagem “oportuna”, supostamente vinda de Deus, uma publicação oferecida a toda a humanidade no período de grande crise e sofrimento da Primeira Guerra Mundial. Conforme declara *A Sentinela* de 15 de março de 1978 (página 15):

Sua fidelidade e sabedoria espiritual no serviço do Amo decidem seu merecimento de ser encarregada de todos os bens terrenos de seu Amo.

Os exemplos mostrados não são exceções. Basta ler o livro *O Mistério Consumado* para ver que eles são típicos da matéria encontrada no livro como um todo. Não são apresentados simplesmente para mostrar de que tolices incrivelmente imaginárias — e não acho que o termo seja aqui mal aplicado ou injusto — os homens são capazes quando têm o conceito religioso que tinham estes autores. São apresentados porque as Testemunhas — lendo as alegações da organização Torre de Vigia, de clara superioridade em “sabedoria espiritual” sobre todas as outras fontes religiosas de “alimento espiritual” daquele período — têm ouvido uma versão muito tendenciosa. A maioria delas não tem absolutamente nenhum meio para investigar a realidade, já que as publicações da Torre de Vigia daquela época não estão disponíveis para elas. Deve-se recordar que, segundo a Sociedade Torre de Vigia, este foi um período de grande significado histórico e divino, tanto para a organização como para o mundo, um período crucial no qual estava em jogo a escolha da organização por Deus como Seu canal para toda a humanidade,

estando isso na enorme dependência do que o Amo encontraria ao inspecionar a alimentação que se produzia. Este livro teve um papel de destaque nessa história.¹⁷ A publicação de 1988 *Revelação — Seu Grandioso Clímax Está Próximo!* (página 165) descreve *O Mistério Consumado* como “um poderoso comentário sobre Revelação e Ezequiel”! Uma revisão do seu conteúdo força a pessoa a imaginar se o autor destas palavras chegou sequer a ler o livro ou a considerá-lo seriamente. Duvido muito que hoje a organização cogitasse reimprimir um só capítulo, ou mesmo qualquer trecho dele que fosse. Isto seria penosamente embaraçoso. No entanto, o lançamento de *O Mistério Consumado* é com frequência mencionado em publicações posteriores como um evento notável.¹⁸ Relata-se que o lançamento do livro para a “família de Betel” resultou numa “granada” que precipitou uma controvérsia que durou cinco horas.¹⁹ Em publicações posteriores da Torre de Vigia, o livro é apresentado como uma espécie de “prova decisiva” de lealdade para aquele período.²⁰

Foi a publicação do livro *O Mistério Consumado* que levou a julgamento, num tribunal federal, o presidente da Torre de Vigia, Rutherford, e outros encarregados da Sociedade, e à sua subsequente prisão.²¹ Parece incrível que homens estivessem dispostos a suportar a perda da liberdade por causa de uma publicação tão repleta de matéria que só pode ser chamada de absurda. No entanto, a pena de prisão causada por esse livro foi mais tarde apresentada como acontecimento de grande importância profética, retratado por um lado, como a causa da morte injusta imposta às “duas testemunhas” descritas em Revelação 11:3-7, e por outro, como algo relacionado com ‘partir para

¹⁷ Os escritores do livro, C. J. Woodworth e G. H. Fisher, foram selecionados pelo presidente da Torre de Vigia e dois outros membros da diretoria, e desta forma, pela parte administrativa da classe do “escravo discreto”.

¹⁸ Veja, por exemplo, *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, páginas 67, 69, 719.

¹⁹ *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, páginas 67, 68. Quatro dos sete diretores não haviam sido consultados acerca do projeto, e foram efetivamente demitidos naquele dia, antes do lançamento.

²⁰ *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês), páginas 78, 91.

²¹ *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, páginas 650-653.

o cativo em Babilônia, a Grande'.²² Uma história oficial, *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês), na página 91, diz que em 1919 (quando veio sua alegada libertação de “Babilônia, a Grande”) os “irmãos reconheceram que tinha havido uma transigência [em 1918] por terem cortado as páginas 247-253 de *O Mistério Consumado* a fim de agradar àqueles que haviam assumido a posição de censor”. A organização hoje, com efeito, cortou não só essas páginas, mas o livro inteiro. Assim mesmo, a ação então tomada é apresentada nesta história oficial como uma “transigência” que desagradou ao Rei recém-entronizado.²³

Na época em que Cristo Jesus estava supostamente designando a organização Torre de Vigia por ela ter distribuído de modo discreto e fiel o alimento espiritual no tempo certo, a principal conferência pública então proferida tinha o tema “Milhões Que Agora Vivem Jamais Morrerão”. Este discurso foi dado pela primeira vez por J. F. Rutherford em 1918, continuou a ser apresentado no início dos anos 20 e foi também publicado em forma impressa. Lançou-se uma campanha mundial, toda centralizada neste tema.²⁴ As publicações da Torre de Vigia de tempos mais recentes ainda falam desse assunto em termos favoráveis, descrevendo o alcance e a intensidade da campanha, os milhões de cópias da conferência que foram distribuídos e referindo-se a ela como um “espantoso discurso”, uma “conferência bíblica que

²² *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês), páginas 79-84; *Revelação — Seu Grandioso Clímax Está Próximo!*, páginas 167-169. Este último livro fala sobre as “duas testemunhas” serem silenciadas por meio da morte: “A imprensa juntou-se aos clérigos em vilificar o povo de Deus, um jornal dizendo: ‘Consumou-se *O Mistério Consumado*.’ No entanto, nada podia estar mais longe da verdade!”

²³ Veja também *Anuário das Testemunhas de Jeová de 1976*, página 119 e *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, página 652. Estas páginas contêm um comentário sobre Revelação 16: 3, relacionado com os “três espíritos impuros que saem da boca do dragão, da fera e do falso profeta”. O “dragão” era Satanás, a “fera” era o “sistema papal”, o “falso profeta”, as “seitas protestantes” (a “imagem” da “fera papal”). A maioria das páginas eram dedicadas a citações com fortes condenações aos sistemas militares do mundo e às guerras em geral.

²⁴ *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês), páginas 98 e 100. Na página 110 esta publicação refere-se ao período dessa campanha (1919 a 1922) como “o período da restauração da adoração verdadeira”.

marcava época”.²⁵ A publicação de 1988 *Revelação—Seu Grandioso Clímax Está Próximo!* (página 173) a alista como estando relacionada com o toque da segunda das “sete trombetas” mencionadas em Revelação capítulo 8, versículo 6.

Estas publicações, todavia, não informam seus leitores de que a mensagem principal do discurso e a base para o seu tema tão sensacional era que *1925 assinalaria o início do milênio*. Na versão impressa a matéria afirmava que “o grande ciclo do júbilo deve principiar em 1925”, que “podemos seguramente esperar que 1925 marcará a volta às condições de perfeição humana, de Abraão, Isaque, Jacó e os antigos profetas fiéis”, e resumia a alegação com estas palavras:

Baseado nos argumentos até aqui apresentados, isto é, que a ordem velha das cousas, o velho mundo está se findando e desaparecendo, e que a nova ordem ou organização está se iniciando, e que 1925 será a data marcada para ressurreição dos anciões dignos e fieis, e o princípio da reconstrução, chega-se á conclusão razoavel de que milhões dos que vivem agora na terra, ainda estarão vivos no anno de 1925. Então, baseados nas promessas encontradas nas palavras Divinas, chegamos á positiva e indiscutivel conclusão de que, milhões que agora vivem jámais morrerão.

26

Lembre-mos de que, junto com o livro *O Mistério Consumado*, este folheto foi, até 1923, uma das principais publicações na proclamação mundial então em andamento. Analisada de modo honesto, estes volumes dificilmente poderiam ser “verdadeiro alimento espiritual no tempo certo” tal como devia ser provido pelo “escravo fiel e discreto”. No entanto, o livro *Revelação — Seu Grandioso Clímax Está Próximo!* (página 164) diz sobre as “duas testemunhas”

²⁵ *Anuário das Testemunhas de Jeová de 1976*, página 127; *A Sentinela*, 1º de maio de 1980, página 26; 1º de janeiro de 1984, página 18.

²⁶ *Milhões Que Agora Vivem Jamais Morrerão* (1923), página 110. Veja *Crise de Consciência*, capítulo 8 para uma documentação mais detalhada desta publicação.

de Revelação 11:3-7 (aplicadas como se referindo às Testemunhas “ungidas” do período de 1914-1918) que, “serem elas simbolizadas pelas duas testemunhas confirma para nós que sua mensagem era exata e bem fundada”. Acho razoável dizer que o escritor só se sente seguro em fazer tal declaração porque a organização já não publica *O Mistério Consumado, Milhões Que Agora Vivem Jamais Morrerão*, nem qualquer outra das publicações daquele período supostamente “histórico”.

Uma investigação direta nas publicações da organização Torre de Vigia dos anos 1914 a 1919 não mostrará nada da discrição prudente que faz um homem ‘refrear seus lábios’. Seria um insulto a Cristo Jesus dizer que ele escolheu esta organização com base no que ela estava ensinando, de modo *exclusivo* e *distinto*, por volta de 1919. Dela fluíu uma abundância de palavras que mais tarde se tornou uma recordação embaraçosa, junto com uma enxurrada de novas profecias de datas que mostraram ser tão errôneas quanto as passadas. Nem a dura escola da experiência pareceu lhes ter servido de lição.

Recompensados pela fidelidade

Muito bem, servo bom e fiel! Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei. — Mat. 25:21, Bíblia de Jerusalém.

O escravo da parábola de Jesus devia ter não só uma *discrição* exemplar, mas também uma *fidelidade* exemplar, o que levaria seu Amo a recompensá-lo. De acordo com a organização Torre de Vigia isto se cumpriu em 1919, quando Cristo designou essa organização para administrar todos os seus interesses terrenos.

Pondo à prova as alegações da organização Torre de Vigia, Ron Frye fez uma revisão do que a organização agora diz *sobre o seu próprio histórico* no período de 1914-1918, período em que, segundo eles, “estavam sendo avaliados para maiores privilégios de serviço pelo glorificado Jesus Cristo”. Em *A Sentinela* de 15 de junho de 1981 (página 26), ele descobriu que a organização descrevia sua situação desta maneira:

Assim como os israelitas dos dias de Isaías, os israelitas espirituais venderam-se por causa de práticas erradas e passaram a estar em servidão ao império mundial da religião falsa, a saber, Babilônia, a

Grande, e aos amantes mundanos dela. Um caso notável disso ocorreu durante a Primeira Guerra mundial de 1914-1918.

Em A *Sentinela* de 15 de janeiro de 1961, páginas 51 e 52, ele achou outra descrição:

¹⁸ Sob a direção desta corporação religiosa empreendeu-se a grande campanha mundial para anunciar que 1914 marcaria o fim dos tempos das nações', conforme já mencionado. As testemunhas de Jeová da Tôrre de Vigia provaram ser vigias espiritualmente atentos. Mas, as Escrituras os descreviam como tendo vestes impuras, por causa de sua longa associação com a apostasia cristã. (Zac. 3:3, 4) Ainda tinham muitos costumes, características e crenças similares às das seitas da cristandade, que eram como joio. Por isso lhes sobreveio de 1914 a 1918 um período de provas ardentes, não muito diferente do antigo período de cativo babilônico dos judeus, nos anos de 607-537 A. C.

O artigo prossegue, então, dizendo:

Tudo isso aconteceu em relação com a transgressão da parte deles por terem medo dos homens, não se comportando de modo estritamente neutral durante os anos de guerra e ficando manchados por muitas práticas religiosamente impuras. Jeová e Jesus Cristo permitiram que estas testemunhas fôssem vituperadas, perseguidas, proscritas, e que seus encarregados fôssem encarcerados pelas nações dêste velho mundo.

Frye observou que eles descreviam a si mesmos durante este período como tendo “vestes impuras”, estando contaminados com apostasia, práticas erradas, características que eram “como joio”, tendo medo dos homens, ‘vendendo-se’ por causa destas práticas erradas.

Ele achou tudo isto paradoxal. Aqui o recém-entronizado Rei, Cristo Jesus, está supostamente avaliando a *fidelidade* e a *discrição*

desta organização e, ao mesmo tempo, ela é encontrada seguindo um proceder como o que levou o Israel apóstata ao cativeiro babilônico!

Embora tenha sinceramente tentado, jamais consegui entender o raciocínio por trás deste ensino. Por um lado descreve-se Cristo Jesus assumindo seu grande poder real em 1914 e saindo “vencendo e para vencer” (Revelação 6:2), enquanto por outro se retrata o próprio início deste reinado como rapidamente seguido da captura em escala quase total de seus servos terrestres por inimigos que os levam para a escravidão em “Babilônia”. Um começo certamente não muito promissor para o Rei vitorioso.

Comparar os adeptos da Torre de Vigia aos israelitas espiritualmente impuros da antiguidade também traz algumas dificuldades. *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês), página 91, alista alguns dos fatores supostamente causadores desta “impureza” durante o período de 1914-1918, incluindo estes:

a crença de que os governos terrestres são as “altas potestades” ou “autoridades superiores” descritas em Romanos 13:1, com o resultante temor do homem;

ênfatar o “desenvolvimento do caráter”;

“considerável adoração de criaturas na organização”;

a comemoração de feriados pagãos tais como o Natal;

o uso do símbolo da cruz;²⁷

não usar o nome “Jeová” do modo tão freqüente como se fez em épocas posteriores;

praticar uma forma democrática de governo congregacional.²⁸

Se estas coisas os tornavam “impuros” — tão drasticamente que o Rei recém-entronizado foi obrigado a abandoná-los ao cativeiro, o que se deve concluir? Que eles certamente deveriam *ter se purificado destas coisas* antes de poderem recuperar seu favor e de estarem habilitados a voltar à liberdade. E com maior razão se, como dizem,

²⁷ A cruz também é vista como um símbolo pagão, acreditando-se que Jesus foi pregado numa estaca em pé sem barra alguma a cruzá-la.

²⁸ A essência destes mesmos pontos é apresentada no número de *A Sentinela* de 1º de maio de 1989, páginas 3 e 4.

eles foram prontamente premiados com altos “privilégios, responsabilidades, dignidades e honras,” com “categoria, autoridade e poder maiores,” como “escravo promovido” do Rei.²⁹

No entanto, inexplicavelmente, em 1919, quando se diz que “retornaram de Babilônia”, *eles ainda estavam crendo e pondo em prática as mesmas coisas que supostamente os tinham tornado impuros e que os tinham levado ao cativeiro!*

Continuaram a fazer isso por dois anos depois disso, e em alguns aspectos (como a “adoração de criaturas”) foram até mais longe, como no louvor ao Pastor Russell e na insistência absoluta de que os ensinamentos dele eram o único meio de compreender a Palavra de Deus.³⁰

Quanto à primeira evidência alistada de “impureza”, a saber, o conceito sobre os “poderes superiores” de Romanos capítulo 13 serem os governos políticos, este ensino continuou em vigor por *mais dez anos*, até 1929, quando Rutherford declarou que os “poderes superiores” referiam-se a Deus e a Cristo e não aos governos terrestres. Uns trinta anos depois, esta interpretação foi rejeitada e o conceito “impuro” da época anterior foi restabelecido como verdadeiro, não sendo assim tão “impuro” afinal de contas.³¹

Quanto à causa seguinte de “impureza”, é verdade que algum tempo depois Rutherford descartou durante muitos anos quaisquer artigos sobre amor, bondade, misericórdia, generosidade e outras qualidades cristãs, que ele considerava tratarem de “desenvolvimento do caráter” (a eliminação destes assuntos permitia, em vez disso, enfatizar o “serviço de campo” e programas da organização relacionados, e a interpretação profética). No entanto, após a morte dele tais artigos começaram a reaparecer, dizendo-se então que ajudavam os membros

²⁹ *Aproximou-se o Reino de Deus de Mil Anos*, páginas 354, 356.

³⁰ Isto persistiu até o final dos anos 20; veja *Crise de Consciência*, capítulo 8, para documentação das publicações da Torre de Vigia.

³¹ A explicação da Torre de Vigia é de que, não obstante isso, houve progresso, já que os membros não haviam entendido antes que sua sujeição aos “poderes superiores” devia ser apenas relativa. Isto simplesmente não é verdade. As publicações anteriores a 1919 mostram claramente que eles compreendiam isto. Veja o capítulo 13, subtítulo “As autoridades superiores”.

a “revestir-se da nova personalidade”, em vez de “desenvolver um caráter cristão”, certamente uma distinção sem diferença alguma.

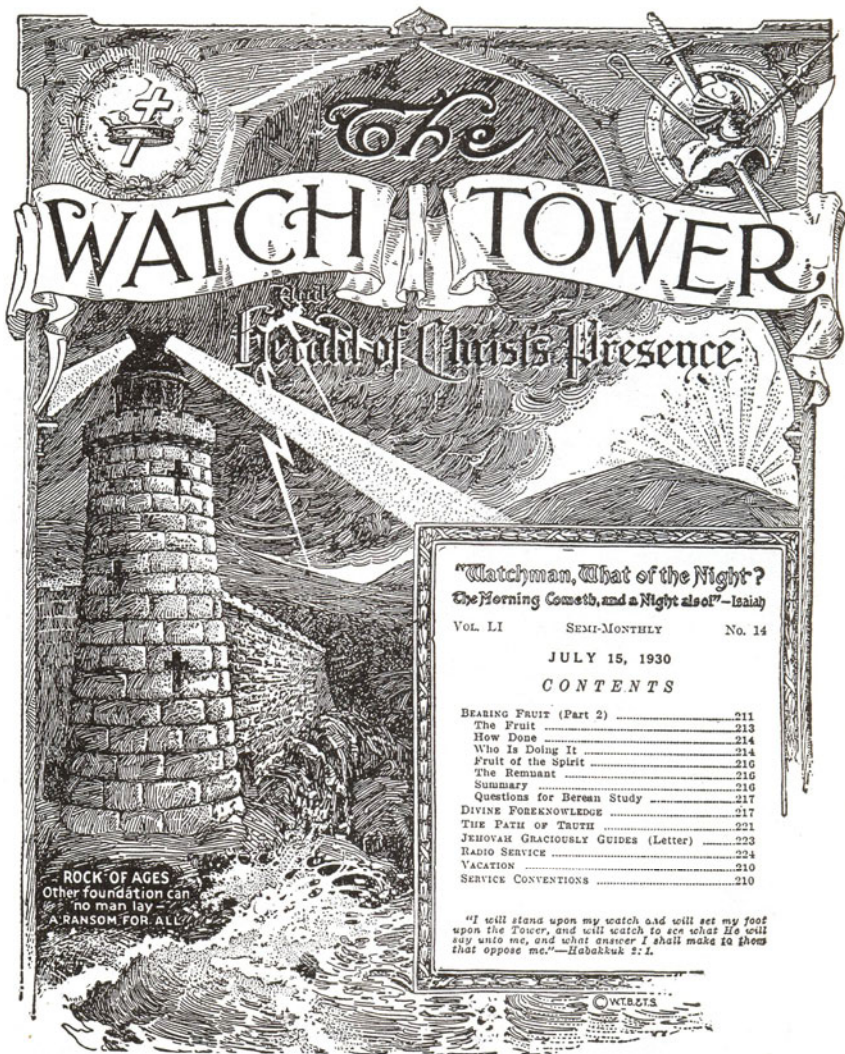
Quanto à comemoração do Natal, recordo que nossa família o festejou até 1930 ou por volta disso. Era comemorado até na sede de Brooklyn (com presentes de Natal, ouropel, guirlandas e todos os enfeites tradicionais) pelo menos até 1926. Do mesmo modo, a cruz (agora vista como símbolo de origem puramente pagã) apareceu na capa de cada número de *A Sentinela* até 15 de outubro de 1931! (Veja as páginas seguintes.)

É verdade que a chamada “forma democrática de governo congregacional” (com os anciãos sendo eleitos pela congregação) terminou quando Rutherford eliminou os anciãos eletivos em 1932, mas isto ocorreu *treze anos* após 1919. E resultou numa virtual ditadura em que toda a autoridade final era exercida por uma única pessoa, o presidente da Sociedade Torre de Vigia, o Juiz Rutherford. Conforme explicado em *Crise de Consciência*, também esta diretriz foi rejeitada mais de quarenta anos depois com o restabelecimento dos corpos de anciãos (embora não eletivos) em 1972 e com a presidência da sociedade perdendo seu atributo de autoridade suprema em 1975-76.³²



Pessoal da sede da Torre de Vigia comemorando o Natal no refeitório do Betel de Brooklyn, 1926. J. F. Rutherford está à cabeceira da mesa do centro.

³² Veja *Crise de Consciência*, capítulo 4.



Capa de *A Sentinela* de 15 de julho de 1930. O uso da cruz supostamente contribuiu para que os associados da Torre de Vigia fossem vistos por Cristo como “impuros” no período de 1914-1918. No entanto, a capa de *A Sentinela* ainda exibiu a cruz com destaque até 15 de outubro de 1931, quase doze anos após Cristo ter supostamente designado a organização Torre de Vigia como seu canal aprovado em 1919. A figura da “cruz e coroa” que aparece no canto superior esquerdo da capa foi também produzido em metal e era usado como broche pelos associados da Torre de Vigia.

Só se pode perguntar: Por que o suposto “cativeiro em Babilônia” de 1918-1919? Por que a “libertação de Babilônia” na primavera de 1919, se os encarregados e adeptos da Torre de Vigia saíram dele na mesma condição em que tinham entrado? Por que teria Cristo apontado esta fonte de informações confessadamente assolada por erros como exemplo de fidelidade e discrição, como a única a passar pela prova e a ser escolhida como exclusiva via de comunicação por meio da qual o Rei entronizado enviaria todas as suas orientações para a humanidade? E por que embarcaria imediatamente este “canal escolhido” numa nova falsa profecia de data, empreendendo uma grande campanha (a “campanha dos Milhões”) para falar ao mundo sobre 1925 e sobre o início do milênio que deveria ocorrer naquela época — com o homem que dirigia o “canal” escolhido sendo mais tarde obrigado a admitir (segundo suas próprias palavras) ter ‘feito papel de tolo’ em relação à profecia não cumprida baseada naquele ano?³³

Achei tudo isso não só desconcertante, mas também depreciativo da Palavra de Deus, e da sabedoria, do poder e da realeza de seu Filho. Parecia ser um esforço confuso de explicar as Escrituras à base das experiências da organização, ao invés de visualizar as experiências da organização de modo franco e honesto à luz brilhante, poderosa e esclarecedora das Escrituras.

Para Ron Frye e outros, pareceu incompreensível dizer — após quarenta anos de predições errôneas baseadas em especulações cronológicas (algumas envolvendo medições das pirâmides do Egito), e já que os membros da organização estavam ou tinham se tornado “impuros” e apóstatas ao ponto de Deus abandoná-los ao cativeiro em Babilônia — que estas mesmas pessoas foram, daí em diante, tão rapidamente glorificadas em novo e elevado privilégio de serviço que lhes foi confiado, o de tratar de todos os incrementados interesses do Amo, Jesus Cristo. Conforme Frye expressou:

É como se você fosse a um negociante que, devido à própria insensatez, meteu-se em dificuldades financeiras e perdeu uma grande soma de dinheiro seu, tendo de declarar falência. E você então lhe

³³ *Despertai!*, 22 de setembro de 1987, página 19, rodapé; *Crise de Consciência*, capítulo 7, nota 1. Em vista da campanha mundial promovida em torno de 1925, ele não só fez “papel de tolo”, mas atraiu o descrédito mundial sobre o corpo inteiro dos adeptos da Torre de Vigia.

disse: “Muito bem! Você perdeu uma pequena fortuna minha. Portanto, vou agora confiar aos seus cuidados toda a minha fortuna.”

Isto é, em essência, o que dizem que Cristo fez.

Que dizer da “classe do escravo” hodierna?

Indo além da situação da época de Russell e do período de 1919 e início dos anos 20, que dizer das *circunstâncias agora existentes* daquela que a Torre de Vigia descreve como a “classe do escravo”? É isto, afinal de contas, tudo o que a maioria das Testemunhas de Jeová atuais conhece, tudo o que elas sempre souberam.

Há muito tempo o entendimento das Testemunhas de Jeová tem sido de que todos os indivíduos (os 8.600 “ungidos”) que formam o composto “escravo” participam da distribuição simbólica de alimento. E também que, como coletividade, *todos* eles acham-se agora à frente dos ‘bens do amo’ para administrar seus interesses terrestres.³⁴

Quão veraz é este quadro em que *todos* estes membros “ungidos” participam na “obra de alimentação”, e participam hoje em supervisionar todos os “bens do amo”? Precisamos primeiro perguntar como é que a própria organização apresenta esta obra de “alimentação” e as próprias declarações dela quanto ao que é o “alimento” espiritual ministrado.

Não há a menor dúvida de que nas mentes das Testemunhas de Jeová em geral o “alimento no tempo apropriado” provido pelo “escravo” é a informação fornecida pela sede da organização Torre de Vigia em Brooklyn, contida em suas publicações e diretrizes. Esse entendimento vem sendo consistentemente desenvolvido por eles ao longo dum período de vários anos. Típica é esta afirmação na *Sentinela* de novembro de 1952, a qual, ao considerar como as Testemunhas

³⁴ O livro de 1983, *Unidos na Adoração do Único Deus Verdadeiro*, página 120, diz a respeito das pessoas que entram na organização: “Estes também precisariam de alimento espiritual, o qual lhes seria servido pelo “escravo” composto, os servos de Cristo, ungidos com o espírito. Para agradarmos a Jeová, temos de aceitar a instrução que ele provê por meio deste canal e agir em plena harmonia com ela.” De modo similar, o livro *Aproximou-se o Reino de Deus de Mil Anos*, página 344, ao falar da entrada dos crentes gentios na primitiva congregação cristã, diz: “Depois de estes se tornarem ‘domésticos’ espirituais, também tinham de participar na obra de alimentação.”

devem reagir ao que lêem nas publicações da Torre de Vigia, disse (página 164):

...não tratemos de assumir os deveres do escravo. Devemos comer, digerir e assimilar o que se coloca diante de nós, sem rejeitar certas partes do alimento porque talvez não convenha ao capricho do nosso gosto mental. As verdades que havemos de publicar são aquelas que a organização do escravo discreto fornece, não algumas opiniões pessoais contrárias ao que o escravo providenciou como sendo sustento conveniente.

Mais de 30 anos depois, o número de 1º de janeiro de 1986 de *A Sentinela* fez esta mesma aplicação e mostrou claramente a opinião oficial de que o “alimento” provido pela “classe do escravo” é o que se encontra nas publicações da Torre de Vigia. Após descrever planos e projetos para a construção de grandes prédios e instalações gráficas em vários países, incluindo a proposta de um edifício alto, de 35 andares, em Brooklyn, o artigo declara (página 25):

É toda essa construção e organização realmente necessária? É, se é que “o escravo fiel e discreto” há de continuar a prover o “alimento [espiritual] no tempo apropriado”. Tal alimento é vitalmente necessário para o desenvolvimento da “família de Deus” e para a pregação global em mais de 200 línguas.

O “alimento”, então, é evidentemente apresentado como a informação impressa publicada e distribuída pela Sociedade Torre de Vigia, com sede em Brooklyn. Isto suscita questões.

Já que se diz que o “escravo” é formado por *todos* os cristãos “ungidos”, muitas Testemunhas de Jeová não entendem como este “fornecimento de alimento” feito por eles (os ungidos) funciona na prática. Eu mesmo, desde muito tempo, não conseguia entender exatamente como era que estes “ungidos” (pelo menos os que viviam fora da sede de Brooklyn) de algum modo participavam na elaboração e no suprimento do “alimento” espiritual apresentado. Meu pai fora batizado em 1913 e professava ser “ungido”, assim como minha mãe e outros que conheci. Todavia, os novos ensinamentos e idéias que eram periodicamente publicados (substituindo os anteriores) surpreendiam

tanto a eles quanto a mim e outros que não professavam ser desse grupo.³⁵

Dizer, como dizem alguns, que os “ungidos” em geral participavam da distribuição do “alimento” simbólico simplesmente por ‘aceitar estes ensinamentos à medida que saíam e por falar deles para os outros’, parecia uma explicação artificial, já que os que não eram “ungidos” faziam exatamente a mesma coisa.

Entre as Testemunhas de Jeová que não têm idéia alguma do modo como funciona a sede internacional da organização, há, sem dúvida, uma vaga idéia de que o pensamento, as pesquisas bíblicas e as conclusões destes 8.600 ungidos de algum modo abrem caminho para chegar à sede de Brooklyn e receber a atenção do Corpo Governante, que diz ser o “porta-voz” da “classe do escravo fiel e discreto”, bem como seu braço administrativo. Já que o processo de elaboração de doutrinas da organização é muito reservado, isto dá margem a muita conjectura por parte dos que tentam entender o mistério do relacionamento entre os 8.600 e a sede mundial em Brooklyn. (Alguns chegaram a pensar que se fazem pesquisas periódicas para colher as opiniões dos ungidos de todo o mundo.)

O mistério desaparece à medida que nos aproximamos do centro da organização. A idéia de que uma coletividade de 8.600 “ungidos” fornece o “alimento” espiritual, e que, como corpo, partilha a direção dos interesses e assuntos da casa do Amo, mostra ser totalmente teórica, e em nenhum sentido uma realidade. Esta talvez seja a ficção mais evidente encontrada em todo o conjunto de explicações bíblicas publicadas pela organização. O fato é que nem 1 por cento desse número de “ungidos” tem a mínima participação em determinar aquilo que as Testemunhas de Jeová vão receber em termos de matéria bíblica ou em dirigir as atividades dessas pessoas.

Quem realmente fornece o “alimento”?

Comecei em parte a perceber isto após cursar a Escola de Gileade da Torre de Vigia em 1944 e depois quando servi em posições administrativas no Caribe. Meus contatos pessoais com o Escritório do

³⁵ Foi só em 1945, quando tinha 23 anos, que passei a crer que a esperança celestial apresentada nas Escrituras se aplicava a mim.

Presidente deixavam pouca dúvida quanto a quem decidia o que devia ser lido e estudado pelas congregações em toda a terra e como se devia empreender a proclamação das boas novas. Isso de modo algum era feito por pessoas de fora da sede mundial em Brooklyn.

Isto se confirmou com mais precisão quando, em 1965, atendendo ao pedido do presidente (Nathan Knorr) para ir a Brooklyn, fui designado a fazer parte do Departamento de Redação. Além de mim, e sem incluir o vice-presidente Fred Franz (nominalmente membro do Departamento de Redação, mas de fato separado dele e sendo superior a ele), havia naquela época apenas mais um membro do Departamento de Redação que professava ser “ungido”, Karl Klein.³⁶ Os outros, seis mais ou menos, eram todos das chamadas “outras ovelhas”, não ungidas para a vida celestial mas com esperança terrestre, não sendo, portanto, da “classe do escravo fiel e discreto”. A imensa maioria dos artigos publicados em *A Sentinela* eram escritos por pessoas que não eram da “classe ungida”.

Havia, naturalmente, artigos que de fato procediam de irmãos “ungidos” de diversos países.³⁷ Estes, contudo, estavam sujeitos a serem *reconsiderados, revistos, e até totalmente reescritos* de acordo com o julgamento do superintendente do Departamento de Redação, Karl Adams. Karl Adams, porém, não era “ungido”. Ele não hesitava em entregar um artigo escrito por um dos “ungidos” a alguém das “outras ovelhas” para ser revisado ou reescrito, e o fazia com frequência. Nenhum de seus superiores fazia objeção a que ele agisse assim.

A única exceção a esta regra eram os escritos elaborados pelo vice-presidente, Fred Franz. Conforme Karl me disse, Knorr deixara claro que os escritos do vice-presidente só podiam ser alterados com a permissão do próprio.

³⁶ Embora sendo, quanto ao número de anos de trabalho que tinha ali, um “membro antigo” do Departamento de Redação, Klein jamais foi designado para elaborar qualquer matéria tida como de especial importância. Isto não se devia a algum preconceito contra ele, mas porque sua escrita muitas vezes demonstrava certa instabilidade de argumentação, lógica e discernimento.

³⁷ Em quase todos os casos, o artigo vinha porque o presidente Knorr tinha enviado uma designação para a pessoa escrevê-lo.

Em uma reunião do Corpo Governante, quando se suscitou este assunto da preparação do “alimento espiritual”, o presidente Knorr admitiu espontaneamente que a maior parte da redação era feita pelos da classe das “outras ovelhas”. Para quaisquer dos que trabalhavam no Departamento de Redação isto era óbvio. Embora, desde então, o Departamento de Redação tenha sido bastante expandido, a situação permanece essencialmente a mesma.³⁸ A razão geralmente dada para explicar esta anomalia é que, embora os membros *não*-ungidos *pensem, desenvolvam e escrevam* a matéria, esta é sempre lida e aprovada por pessoas “ungidas” antes de ser impressa. Isto evidentemente acrescenta um toque ou qualidade “ungidos” à matéria.³⁹ O próprio fato de que seja necessário recorrer a tal raciocínio demonstra em si a dificultosa natureza da afirmação que se faz sobre a parte da parábola de Jesus que trata da provisão de alimento.

Ocasionalmente chegavam ao Departamento de Redação cartas de pessoas da classe “ungida”, trazendo considerações bíblicas ou levantando certas questões sobre pontos doutrinários.⁴⁰ Estas eram e ainda são cuidadas pelos encarregados do trabalho nas “mesas de correspondência”. Os que realizam esta tarefa têm sido, principalmente, homens que não afirmam ser da classe “ungida” (tais como Fred Rusk, Gene Smalley, Russell Dixon, Raymond Richardson). Estes homens rotineiramente lêem e respondem estas cartas, e elas não passam daí. Apenas se houver algo excepcional que o encarregado da mesa de correspondência ache que está fora de sua alçada é que a carta segue caminho até uma das comissões do Corpo Governante. Exatamente a mesma coisa se aplica, contudo, às cartas que chegam dos que não são da classe “ungida”. O fato de uma carta vir de um “ungido” raramente, se é que tanto, resulta em ela receber um tratamento diferente ou maior consideração de qualquer espécie do que receberia uma remetida por alguém que não professa ser dessa classe. Esta prática não parte dos encarregados das mesas de correspondência; é um procedimento padrão da organização.

³⁸ Nos anos recentes a equipe da redação chegou a ter 20 pessoas ou mais, a grande maioria professando ser das “outras ovelhas”.

³⁹ Confira Ageu 2:11, 12.

⁴⁰ Geralmente só se tinha conhecimento disso se a pessoa que escrevia mencionasse especificamente ser dos “ungidos”.

O que poderia atrair mais atenção para a carta seria a *posição organizacional* ocupada pelo seu remetente, e isto independente de ele professar ou não ser “ungido”. Assim, a carta de um superintendente de distrito ou de um membro duma Comissão de Filial receberia automaticamente atenção especial mesmo que seu autor não fosse um “ungido”. Tal carta chegaria muito mais facilmente a uma comissão do Corpo Governante do que a carta de alguém que professasse ser “ungido”, mas que não ocupe nenhum cargo além do de ancião. Sei disto, não só por ter ficado quinze anos no Departamento de Redação, mas também por ter servido por nove anos na Comissão de Redação do Corpo Governante e ter visto o fluxo de temas trazidos à nossa atenção, tanto do Departamento de Redação e do Departamento de Serviço da sede mundial, como dos mais de noventa escritórios de filial ao redor do globo. Posso afirmar sem hesitação que, na sede mundial ou no Corpo Governante, ninguém expressava qualquer interesse especial ou fazia qualquer indagação quanto a se a fonte da informação era de “ungidos” ou não. Raramente se sabia disso. Isto simplesmente não era tratado como fator relevante ou significativo.

Informação procedente do campo

Em 1976, após a reorganização da administração então existente na sede mundial, três séries distintas de reuniões foram realizadas em Brooklyn com grupos de homens convidados do “campo” para que se expressassem sobre grande número de assuntos relacionados com a alimentação espiritual e a atividade das Testemunhas. Os grupos, cada um com cerca de cem homens, eram compostos respectivamente de representantes dos escritórios de filial, em seguida, de superintendentes viajantes de todos os Estados Unidos, e, finalmente, um grupo de anciãos congregacionais selecionados, também dos Estados Unidos. Quando foram convidados para essas reuniões especiais, não se deu consideração, preferência ou atenção à questão de se selecionarem homens que professassem ser “ungidos”. Os membros do corpo Governante e outros que presidiam os debates não tinham geralmente conhecimento de quem era dos “ungidos” ou não (pouquíssimos eram). Isto simplesmente não era visto como um fator importante.

Cada ano, por meio de sua Comissão de Serviço, o Corpo Governante programa e faz arranjos para “visitas de zona”, nas quais os membros do Corpo Governante e alguns outros viajam

individualmente a vários países e fazem visitas oficiais aos escritórios de filial. Cada escritório de filial ao redor do mundo é atendido anualmente deste modo. O programa destas visitas é revelador.

Como membro do Corpo Governante, quando dirigia tais visitas de zona, esperava-se que eu falasse a certo número de pessoas e as ouvisse. Em alguns países o número de Testemunhas podia chegar às dezenas de milhares. Sendo assim, como “superintendente de zona”, quem eram aqueles em quem eu devia me concentrar e a quem devia escutar? Na maioria dos casos, cada dia eu tinha de me reunir com a família de Betel da filial (o pessoal que trabalha na filial) para a consideração matinal do texto. Eu recebia uma “tabela de escuta” de todos os membros da equipe da filial, e cada manhã alguns destes eram designados a dar comentários sobre o texto bíblico diário. Em tudo isto, porém, não se dava nenhuma atenção especial aos que fossem “ungidos” e portanto, membros da “classe do escravo fiel e discreto”. Se algum da equipe ou dos que eram designados a dar comentários eram “ungidos” isto só chegava ao meu conhecimento por acaso, geralmente se alguém mencionasse isso em conversa. Não se provia nenhuma informação que identificasse a tais pessoas e não se fazia nenhum arranjo para alguma palestra especial com alguém por motivo de ele ser um dos “ungidos”.

Durante a visita, fazia parte do programa uma reunião com os que eram missionários. Durante uma refeição e antes da refeição eu devia falar a estes. Mais uma vez, não se fazia arranjo algum para que os missionários que professassem ser “ungidos” conversassem comigo.

Em outra reunião eu tinha de conversar com um ou dois superintendentes viajantes (superintendentes de circuito e de distrito), selecionados pela Comissão da Filial. Raramente algum destes era “ungido”.

A principal reunião da visita era realizada com a própria Comissão de Filial (composta de cerca de três a sete homens) e, novamente, na maioria dos países essa comissão era inteiramente formada de não “ungidos”.

Excetuando um discurso que podia ou não ser programado com o comparecimento de uma assistência de Testemunhas em geral, não havia mais nenhum arranjo para reuniões ou contatos. Como ressaltava

regularmente Milton Henschel, membro do Corpo Governante, a visita de zona visava a primariamente inspecionar as atividades do escritório da filial. A natureza da visita era do tipo empresarial, basicamente organizacional, administrativa, e o trabalho da equipe e da Comissão de Filial detinham a maior parte do tempo e da atenção do representante visitante do Corpo Governante. Simplesmente não fazia parte da agenda qualquer demonstração de interesse nas idéias, opiniões bíblicas ou preocupações dos “ungidos”.

Se a grande ênfase que se dá, nas declarações públicas de *A Sentinela* e de outras fontes, à classe do “escravo fiel e discreto” (composta hoje de 8.600 pessoas) a quem o Rei reinante Cristo Jesus confiou a supervisão de todos os seus bens, fosse deveras *genuína e significativa*, certamente a “visita de zona” feita a cada país teria como um de seus pontos principais uma reunião do membro visitante do Corpo Governante com estes “ungidos” da classe do “escravo”. Diz-se que o Corpo Governante atua como porta-voz de todos estes ungidos. Como pode o Corpo falar por eles a menos que saiba com exatidão o que eles pensam? Seria de esperar que o Corpo Governante estivesse profundamente interessado no que eles pensam de quaisquer e de todos os assuntos espirituais, dos ensinamentos e do modo como se faz a atividade de pregação. Mas o que vemos? Fazem-se arranjos para que o membro visitante do Corpo Governante converse com os membros da Comissão de Filial, membros da equipe da filial, superintendentes viajantes e missionários (muitas vezes dando-lhes ajuda financeira para viajarem ao local do encontro), *mas não se faz nenhum arranjo para contatos com os membros “ungidos” da classe do “escravo fiel e discreto”*.

Se a proclamada importância desta classe tivesse alguma substância real, o Corpo Governante teria em cada país uma lista dos dessa classe do “escravo fiel e discreto” que ele diz representar. Em vez disso, as únicas listas de nomes que eles têm são as dos membros das sociedades jurídicas da organização (tais como a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Pensilvânia), ou dos membros do pessoal dos escritórios de filial, ou dos homens nos cargos de superintendente viajante. Não é o fato de alguém ser dos “ungidos”, mas a *posição organizacional* é que é o fator determinante dos nomes que são alistados, e apenas se servirem numa destas funções é que os “ungidos” terão seus nomes incluídos entre os de não-ungidos.

Quando, em algumas poucas ocasiões, o Corpo Governante decidiu selecionar membros adicionais para o Corpo, estas listas eram as únicas que nós tínhamos das quais retirar nomes de “ungidos” que pudessem ser candidatos ao Corpo Governante. Todavia, os nomes de provavelmente 95 por cento dos “ungidos” não estão nestas listas.⁴¹

Informação procedente dos “ungidos” da sede mundial

As Testemunhas são ocasionalmente lembradas de que ‘a maior concentração de ungidos em um só lugar da terra’ se acha na sede internacional em Brooklyn.⁴² Isto é um fato. Mas é um fato totalmente *insignificante* no que diz respeito à real direção da obra das Testemunhas de Jeová ao redor da terra ou com respeito ao “alimento” provido, às explicações bíblicas e às informações doutrinárias que as Testemunhas recebem da sede internacional.

Quaisquer membros do pessoal da sede que sejam dos “ungidos”, mas que não tenham o privilégio de ser membros do círculo íntimo do Corpo Governante, nunca são — com base no fato de serem “ungidos” — convocados às reuniões do Corpo Governante para expressarem suas opiniões. Nunca são entrevistados com base nisso e raramente se conversa com eles sobre assuntos importantes. Estão tão desinformados do que se passa nas reuniões do Corpo Governante quanto o rapaz de 19 anos da família do Betel da sede. No entanto, supostamente fazem parte da classe do “escravo fiel e discreto” a quem o Amo encarregou de todos os seus bens!⁴³

Quando o Corpo Governante busca saber opiniões, ele geralmente procura as de homens como os secretários dos “Escritórios Executivos”, alguns dos quais também servem como secretários das

⁴¹ As listas dos meus arquivos dos anos 70 contêm os nomes de apenas cerca de 200 dos mais ou menos 10.000 “ungidos” que viviam naquela época, sendo que todos os alistados eram membros da sociedade civil ou trabalhavam nos escritórios de filial ou como viajantes.

⁴² Veja, por exemplo, *A Sentinela* de 15 de agosto de 1981, página 19.

⁴³ Uma lista dos meus arquivos a partir dos anos 70 mostra 24 homens “ungidos” na sede mundial que não eram do Corpo Governante. Não me recordo de sequer um destes ter sido alguma vez convidado a expressar-se ao plenário do Corpo Governante acerca de qualquer tópico durante meus nove anos no Corpo.

comissões individuais do Corpo Governante (e nessa condição permite-se que se expressem nas reuniões das comissões, embora não assistam às reuniões plenárias do Corpo), ou podem ser solicitadas opiniões das Comissões de Filial, do Departamento de Serviço de Brooklyn ou de fontes similares. No entanto, estas fontes são quase que inteiramente compostas de homens que não professam ser “ungidos”.

De que modo é possível harmonizar isto com as declarações feitas? Se o Corpo Governante não tem a pretensão de ser, ele próprio, “o escravo fiel e discreto”, e se é veraz a afirmação de que ele simplesmente atua *em nome* do conjunto de todos os “ungidos” — como representante e porta-voz deles — como podem seus membros terem ao redor deles na sede de Brooklyn a ‘maior concentração de ungidos em um só lugar da terra’ e mesmo assim nenhum arranjo para que se consultem estes co-membros da classe do “escravo fiel e discreto”, para que se recebam informações deles? O fato é que eles simplesmente não fazem isso. Nunca fizeram.

O exaltado papel e privilégio dos aproximadamente 8.600 “ungidos” conforme descrito nos ensinamentos publicados é, como se declara, tanto teórico como fictício, não é real nem concreto. No final das contas, o grande respeito, a deferência, a lealdade e a submissão que os mais de seis milhões de membros não-ungidos são convocados a mostrar a esta classe do “escravo fiel e discreto”, são na realidade restringidos à fração de um pequeno grupo de homens, os cerca de quatorze que formam o Corpo Governante. Se um deles estiver em qualquer outra posição — ancião de congregação, superintendente de circuito ou de distrito, missionário, membro da equipe de escritório de filial, membro de Comissão de Filial, ou membro da equipe da sede internacional — o fato de ele ser “ungido”, membro da classe do “escravo fiel e discreto”, não fará com que mostrem maior consideração pelas suas opiniões, ou que lhe dêem voz mais ativa naquilo que se publica e se faz do que ocorreria no caso de qualquer um de seus colegas não-ungidos.

Se fosse possível reunir todos os 8.600 membros “ungidos”, ou mesmo a maioria deles, de modo que se pudesse fazer a pergunta, “Em que acredita e o que ensina o ‘escravo fiel e discreto’ acerca deste ou daquele ponto?”, não há a menor dúvida de que a reação de

praticamente todos seria citar as publicações da Torre de Vigia ou referir-se a estas como a fonte de respostas autênticas. Esta resposta não seria realmente a deles próprios, estariam simplesmente repetindo, fazendo eco ao que lhes foi dito, já que eles mesmos nada tiveram que ver com a elaboração ou a apresentação dessa resposta, em nenhuma das etapas do processo de publicação. Muito embora representassem a grande maioria da chamada “classe do escravo”, não poderiam falar por si próprios como tal classe, não poderiam fazer mais do que citar aquilo que lhes foi dado. Teriam receio de agir de outro modo.

Na realidade, há apenas *uma* coisa que distingue estes “ungidos”. É o fato de uma vez por ano participarem do pão e do vinho enquanto os outros em volta deles se abstêm. Durante o resto do ano, fazer parte da “classe do escravo” não tem para eles nenhum significado genuíno. Só quando acontece de um deles ser membro do Corpo Governante é que ser ungido torna-se um fator decisivo, visto que ser um deles é condição obrigatória para fazer parte do Corpo. Se a pessoa estiver fora deste pequeno e poderoso grupo administrativo, descobrirá que o fato de ela professar ser “ungida” simplesmente não conta quanto ao que ela fará, que voz terá nas decisões, que consideração se dará às suas opiniões, ou que designações receberá da organização. Os 8.600 “ungidos” que não são do Corpo Governante sabem que isto é verdade. Os atuais membros do Corpo Governante também sabem, mas isso evidentemente não os preocupa muito.

Sem admitir franca ou abertamente a verdadeira situação, o artigo na *Sentinela* de 1º de setembro de 1981, já mencionado, faz o aparente esforço de justificar a situação existente na organização Torre de Vigia, na qual uma fração ínfima da “classe do escravo” exerce total autoridade sobre o tipo de “alimento” espiritual que é preparado e servido, e sobre a direção das atividades e práticas de todas as Testemunhas de Jeová, ao mesmo tempo em que a vasta maioria dos “ungidos” que não fazem parte desse grupo de autoridade não tem voz alguma nas questões, esperando-se deles que aceitem de modo submisso qualquer coisa que venha do pequeno grupo de autoridade. Após citar o conhecido texto de Isaías 43:10-12, no qual Jeová refere-se a Israel tanto como “meu servo” como “minhas testemunhas”, o artigo faz o esforço um tanto sutil de justificar esta situação por dizer (página 25):

Embora nem cada pessoa participasse na administração dos assuntos da nação, todas as pessoas constituíam um só povo, o “servo” de Deus. Apenas uns poucos participavam em escrever e em copiar as Escrituras Sagradas, mas o apóstolo Paulo podia dizer do povo de Israel: “Foram incumbidos das proclamações sagradas de Deus.” (Rom. 3:1, 2)

Os exemplos dados aqui, porém, só servem realmente para confundir e obscurecer a questão. Jeová falou de Israel como seu “servo” e suas “testemunhas”, não como seus “administradores” ou “escritores inspirados”. *Todos* deviam servir, *cada indivíduo*. *Todos* deviam ser testemunhas por *pessoalmente* depositarem Nele sua fé e confiança, dando deste modo testemunho de que ele é Deus. A questão não tinha que ver com administração e escrita inspirada. A congregação cristã não foi modelada segundo a nação de Israel, com uma administração terrestre exercida por um rei e seus ministros. Ela tem apenas um Rei e Administrador celestial, Cristo Jesus, a Cabeça de cada homem e mulher cristãos.⁴⁴ E a escrita inspirada da Bíblia já foi completada, não havendo provisão alguma para que alguém a continuasse na época pós-apostólica. Estes fatores, portanto, não têm nenhum paralelo real para os cristãos do nosso tempo. E eles com certeza não dão justificativa para que se use a parábola de Jesus sobre o mordomo fiel para sustentar como válida a autoridade de um pequeno grupo de pessoas para controlar e determinar o que os outros membros devem acatar como o entendimento e a aplicação da Palavra de Deus.

Há uma clara inconsistência neste uso da parábola. Quando interpretam muitas das outras parábolas de Jesus, as publicações da Sociedade Torre de Vigia normalmente admitem o fato de que determinada atitude ou ação descrita se aplica a *todos* os cristãos ungidos, sendo cumprida por *cada um deles* de modo figurativo. Assim, se a parábola fala de pescadores que usam rede de arrasto, admite-se que *todos* os cristãos ungidos fazem uma ‘obra de pescaria’, e não só alguns deles. (Mateus 13:47-50) Se a parábola fala de convidados numa festa de casamento, diz-se que, embora se descubra que alguns são convidados indignos, *todos* os cristãos ungidos estão figurativamente presentes, e não só alguns deles. (Lucas 14:16-24) Se

⁴⁴ 1 Coríntios 11:3; Efésios 1:22, 23.

a parábola fala de servos que são incumbidos das coisas valiosas de seu amo, com as quais devem produzir aumento, mesmo que a “quantidade” possa variar (de acordo com a apresentação da parábola), entende-se, não obstante, que *todos* os cristãos ungidos recebem valores com os quais produzir aumentos, nenhum está isento. (Lucas 19:11-27; Mateus 25:14-30) Se a parábola fala de virgens prudentes que mantêm suas lâmpadas acesas na expectativa da chegada do amo, a explicação é que isto indica que *todos* os cristãos ungidos devem permanecer alertas, e manter seu suprimento do “óleo” do Espírito santo de modo a continuarem como portadores de luz. (Mateus 25:1-10) Cristo tinha claramente a intenção de que suas parábolas fossem tomadas a peito por cada pessoa e aplicadas de modo pessoal. Mas quando se trata do “escravo fiel e discreto”, a organização Torre de Vigia deixa implicitamente claro que apenas *alguns* da “classe do escravo” podem efetivamente preparar e suprir o alimento, que apenas *alguns* podem de fato administrar os interesses terrestres do amo.

Houve no artigo uma breve tentativa de provar que todos os membros “ungidos” participam realmente do cumprimento da figura do mordomo fiel e sua obra de alimentação. Assim é que, na página 26, o referido artigo de *A Sentinela* de 1º de setembro de 1981 diz:

Enquanto os apóstolos fiéis de Jesus ainda estavam vivos na terra, eles tinham a responsabilidade especial de prover ensino espiritual à “família de Deus” Os ‘pastores’ designados do “rebanho”, bem como outros, também tinham responsabilidade similar. Todavia, o apóstolo Pedro mostrou que ser assim mordomo das verdades divinas fora realmente confiado a *todos* os ‘escolhidos’. Portanto, cada membro respectivo da congregação contribuía algo para a edificação do corpo. (Efé. 4:11-16; 1 Ped. 1:1, 2; 4:10, 11; 5:1-3) Vemos assim que há uma clara base bíblica para se dizer que todos os seguidores ungidos de Cristo Jesus constituem o “servo” de Deus, tendo a Jesus por seu Amo. Por conseguinte, este servo ou “escravo”, como corpo coletivo, fornece alimento espiritual a todas as pessoas individuais dessa congregação, que constituem a família de “domésticos”. Eles são individualmente beneficiados com tal alimento. — 1 Cor. 12:12, 19-27; Heb. 3:5, 6; 5:11-14.

É uma verdade bíblica que todos os cristãos participam em ‘edificar o corpo’ dos crentes em Cristo, como demonstra este parágrafo. A questão é: Como é que todos esses dos 8.600 “ungidos” que *não fazem*

parte da estrutura de autoridade participam no cumprimento da figura do “escravo fiel” *da maneira que se apresenta em todas as outras publicações da Sociedade Torre de Vigia?* Dizer brevemente que “cada membro respectivo” contribui “algo para a edificação do corpo” não resolve a questão. Se todos os “ungidos” fazem parte da “classe do escravo” e os outros 6.000.000 de Testemunhas de Jeová não fazem, *onde está a diferença* entre a “contribuição” da vasta maioria dos “ungidos” e a da classe “não-ungida”? Não dão todas as Testemunhas algum tipo de “contribuição” para a “edificação” de toda a sua comunidade — incluindo a edificação dos “ungidos” que estão no seu meio? O que é, então, que *distingue* a “contribuição” dos “ungidos” que estão fora da estrutura de autoridade que faz com que a parábola se cumpra *neles*, mas *não* nas Testemunhas “não-ungidas”?

Como foi provado, quando se trata da parábola do mordomo fiel e de ele prover “alimento no tempo apropriado”, a alimentação está consistentemente relacionada com a informação *recebida através do “canal” da organização central*. Inegavelmente, na mente das Testemunhas de Jeová este alimento significa apenas uma coisa: o ensino suprido a partir da Sociedade Torre de Vigia e por meio de suas publicações, que emanam de sua sede internacional, um conceito que lhes foi cuidadosamente inculcado pela organização. Quando as Testemunhas falam que algo vem do “escravo fiel”, elas querem dizer *que isso se origina e vem da sede mundial em Brooklyn*. Qualquer coisa vinda de alguma outra fonte não tem validade. Conforme já se mostrou claramente, apenas uma fração ínfima dos 8.600 “ungidos” tem algo que ver com a informação assim provida. Apenas esta fração ínfima é que também exerce a supervisão supostamente confiada, no cumprimento da parábola, ao escravo que é designado ‘sobre todos os bens do amo’. O parágrafo já citado de *A Sentinela* simplesmente nunca se refere a essas realidades ou à disparidade existente.

Disfarçam a realidade — com que objetivo?

A que visa, então, o ensino fictício acerca de uma classe do escravo com poder administrativo em todo o mundo e que supre alimento espiritual? Ele provê a principal base de apoio à autoridade da organização, pela qual um pequeno grupo de homens, cujo número representa *apenas um sétimo de um por cento* (0,0014) dos 8.600 “ungidos”, assume o direito de determinar o que lerão, estudarão, em

que acreditarão e o que praticarão não só os “ungidos”, mas de fato todas as Testemunhas. Por meio do destaque dado a uma “classe”, o ensino serve também para encobrir a verdadeira estrutura de autoridade com o manto do anonimato, dando-lhe a aparência de grande diversidade de membros, de procedência global, o que simplesmente não é verdade. Este conceito fictício habilita a verdadeira estrutura de autoridade — os cerca de quatorze membros do Corpo Governante — a pedir a obediência quase total às suas diretrizes sem que pareçam arrogantes ou que buscam ser servidos. Se eles, por exemplo, dissessem, “Qualquer pessoa empregada num tipo de trabalho que nós, os quatorze homens aqui de Brooklyn, decidimos que é errado, deve largá-lo ou ser desassociado”, a atenção viria sobre eles e sobre o tremendo poder que exercem sobre as vidas dos membros individuais da comunidade mundial das Testemunhas. Por se falar da “classe do escravo fiel e discreto”, a atenção é desviada do pequeno grupo que é a verdadeira estrutura de autoridade. Como “classe do escravo”, essa fonte de autoridade torna-se um tanto vaga, assume um caráter amorfo e uma elasticidade que se aplicam a um agrupamento essencialmente sem rosto, que não é definível nem identificável em algum sentido real aos olhos do adepto mediano da organização. O uso eufemístico da expressão, e surpreendentemente, *a própria crença deles no conceito*, também habilitam os membros do Corpo Governante a publicar declarações que pedem a submissão quase que total às decisões deles sem se sentirem perturbados por alguma sensação de arrogância.

As alegações multiformes da Torre de Vigia com respeito a uma “classe do escravo” formada de um corpo coletivo de “ungidos” mostram ser, uma após outra, insustentáveis e até fictícias. Que mensagem, pois, é que nos traz genuinamente a parábola do Amô?

A mordomia cristã

Na proporção em que cada um recebeu um dom, usai-o em ministrar uns aos outros como mordomos excelentes da benignidade imerecida de Deus, expressa de vários modos. — 1 Pedro 4:10.

A maior objeção que se faz à constante e pesada ênfase da Sociedade Torre de Vigia a um “escravo” organizacional em cumprimento da parábola de Cristo, é que ela rouba muito da força da parábola. Perde-

se a verdadeira lição e a parábola só serve a um objetivo principal, ser escora de apoio ao exercício da autoridade religiosa por parte do pequeno grupo de homens que constitui o Corpo Governante.

Em si, nada há de errado em descrever como uma “classe” os cristãos que cumprem em suas vidas as coisas que Jesus ensinou na sua parábola do escravo fiel e discreto. Uma “classe” pode referir-se a um grande número de pessoas que têm características similares, que partilham de qualidades similares, ou guardam certos princípios em comum, ou que se empenham num proceder semelhante de vida. Isto, porém, não exige que façam parte de algum grupo ou sistema estruturado ou se prendam a ele. Eles são dessa “classe” por causa do que são como pessoas, não porque *pertencem* a certa organização ou estão em sua *lista de membros*. O termo é muitas vezes usado, por exemplo, para referir-se às pessoas que partilham a mesma condição econômica ou social (a “classe rica”, ou a “classe instruída”, ou a “classe dos desprivilegiados”, e assim por diante) independentemente de elas serem filiadas a qualquer organização ou não. Neste sentido todos os cristãos estão na mesma “classe”. Todos têm de partilhar certas características identificadoras, apoiar crenças e princípios em comum, seguir um proceder de vida similar, estar sujeitos à mesma liderança. As pessoas que manifestam uma mesma qualidade sempre se associam, buscam umas às outras motivadas por um ponto de vista ou aspiração comum, ou em virtude de padrões mútuos. De modo similar, os cristãos têm de buscar uns aos outros por essas razões e por causa do amor mútuo. Mas permanece o fato de que, por terem essas qualidades como *indivíduos*, é que existe entre eles semelhança e afinidade, *não* por serem membros de alguma organização visível ou associação institucionalizada. O “corpo de Cristo”, que é a “classe” à qual todos os cristãos ungidos pertencem, é um corpo *espiritual*, e seus membros não são identificados por meio da filiação a uma organização terrestre.

A organização Torre de Vigia usa o termo “classe” de modo muito diferente. Ela põe de lado o sentido normal do termo e lhe dá o seu próprio significado especial. Declara que a designação do “escravo fiel e discreto” aplica-se a pessoas apenas enquanto parte de uma classe *vinculada a uma organização*, e portanto a designação não tem e nem pode ter aplicação individual a qualquer um que não seja filiado a essa

organização visível específica. Não importa que características, crenças, qualidades e conduta de vida cristãs a pessoa manifeste, estas não são determinantes para identificá-la como da “classe do escravo”. Estar ligada à organização Torre de Vigia é um requisito indispensável. Sem esse, todos os outros fatores perdem a força que identifica alguém como sendo da classe do “escravo fiel e discreto”. Assim a organização estabelece, não só sua própria definição de “classe”, mas também seus próprios parâmetros para determinar quem pode qualificar-se para estar dentro da “classe” e quem fica de fora.

Um aspecto particularmente prejudicial da forte ênfase a uma “classe” é que ela influencia as pessoas a pensar em termos de cumprir o que se ensina na parábola através da *filiação a um grupo*, em vez de se preocupar em demonstrar *pessoalmente* as qualidades cristãs que nela se colocam, incluindo a fé, a discrição, o senso de responsabilidade individual, a vigilância ou qualquer outra das qualidades que as parábolas de Jesus freqüentemente destacam. Restringem a aplicação da parábola a 8.600 pessoas e negam sua aplicação a milhões de outros membros como não sendo da classe; este é o dano causado.

A organização apresenta, na teoria, um ponto de vista, enquanto *na prática* segue outra norma (em que o Corpo Governante torna-se, para todos os efeitos, o “mordomo” encarregado de todos os interesses terrestres de Cristo), e isto resulta na distorção do objetivo da parábola. Em vez de servir de exortação à modéstia, ao serviço fiel do Amo e dos conservos, ela é utilizada principalmente como meio de impor aos membros a submissão inquestionável à direção do Corpo Governante.

Para ilustrar, numa reunião do Corpo Governante, Grant Suiter citou um missionário da Torre de Vigia como lhe tendo dito: “Há um escravo fiel e discreto. Uma vez que descobrimos quem ele é, daí por diante é simples: *apenas faça o que ele disser*. Se estiver errado, ele é responsável diante de Deus.”⁴⁵ Suiter, membro do Corpo Governante, manifestou evidente aprovação desta atitude. No entanto, a idéia de que um grupo coletivo, por meio de sua liderança, pode levar a responsabilidade por aquilo que fazemos como indivíduos —

⁴⁵ Ele citava um graduado de Gileade de nome Blakenburg, que, pelo que me recordo, servia na América Latina.

simplesmente por que seguimos suas orientações sem questionar — é totalmente falsa e contrária ao ensino das Escrituras. É a mesma filosofia que possibilita aos homens cometerem ações contrárias ao que é verdadeiro e correto, e até contrário à sua consciência, e depois procurarem eximir-se da responsabilidade dizendo que seus líderes políticos, militares ou comerciais lhes disseram que fizessem assim. As Escrituras são claras quando dizem que quando ficarmos diante da cadeira de juiz de Deus e Cristo, estaremos de pé como *indivíduos*, e como *indivíduos* responderemos pelo que tivermos feito.⁴⁶

Quando este tema geral foi discutido numa reunião do Corpo Governante, perguntei se era válido insistir em restringir a aplicação das parábolas de Jesus a “classes” (do modo que a organização usa o termo). Se isto estivesse certo, tal aplicação deveria então ser coerente, não arbitrária. Dizemos, então, que há uma “*classe* das dez minas” e uma “*classe* das cinco minas” quando aplicamos a parábola que se acha em Lucas 19:12-27? Se dizemos isso, então quem eram ou quem são elas? Certamente que essa identificação tem de ser determinada, não numa base *grupal*, mas numa base *individual*, e na verdade apenas Cristo poderia proceder a tal identificação. O mesmo poderia se afirmar com respeito a Lucas 12:47, 48, onde Jesus diz:

Então, aquele escravo, que entendeu a vontade de seu amo, mas não se aprontou, nem fez em harmonia com a sua vontade, será espancado com muitos golpes. Mas aquele que não entendeu, e assim fez coisas que merecem golpes, será espancado com poucos.

Devemos então dizer que existe uma “*classe* dos muitos golpes” e uma “*classe* dos poucos golpes”? Se for assim, quem eram ou quem são estes? Mais uma vez, isto teria de ser determinado, não na base de um grupo, mas em base individual, sendo isto discernido e determinado apenas pelo Amo, que pode ler os corações humanos e que “recompensará a *cada um* segundo o seu comportamento”. (Mateus 16:27) Certamente ninguém pode afirmar que existe, ou existiu, alguma “classe” ou grupo específico, identificável, reunido por laços organizacionais, sendo a filiação a este grupo o meio de identificar quem faz parte da “classe dos muitos golpes” ou da “classe

⁴⁶ Mateus 12:36, 37; Lucas 12:48; Romanos 14:10-12; 1 Coríntios 4:5; Gálatas 6:4, 7, 8.

dos poucos golpes”. A Sociedade Torre de Vigia prefere não usar aqui sua prática costumeira de fazer a aplicação a uma “classe”, e todavia, esta parte de Lucas é *a mesma* em que este apresenta a parábola do “escravo fiel e discreto” que está no capítulo 24 de Mateus. A lógica certamente exigiria uma aplicação coerente do termo “classe”.⁴⁷

Eu trouxe estes pontos à atenção na reunião, mas não houve reação de nenhum dos membros do Corpo Governante. Como ocorreu tantas vezes, a conversa simplesmente foi desviada para outros assuntos.

Responsabilidade pessoal, individual

Inegavelmente, ao longo das Escrituras o foco é lançado firmemente sobre o indivíduo e no que ele faz, e não primariamente no que uma “classe” faz. Há um apelo constante para que apliquemos os ensinamentos de Cristo a nós mesmos, de *modo pessoal*. A carreira cristã, afinal de contas, começa com o ato pessoal, individual, de depositar fé no sacrifício resgatador de Cristo e com a entrega pessoal, individual, de si próprio ao serviço de Deus mediante Cristo. Alcançamos a fé numa base pessoal, não numa base grupal. Como é possível que, mais tarde, algo altere esta relação pessoal, convertendo-a em algo baseado numa organização, validado e governado por ela, em resultado de ser membro de uma “classe”, no sentido que a Torre de Vigia usa o termo?

Diz-se repetidamente que o julgamento de Deus e Cristo, e a conseqüente recompensa, não ocorrem com base na associação com alguma “classe” ou num julgamento em grupo, mas numa base estritamente individual. Na *Tradução do Novo Mundo*, da Sociedade, lemos:

⁴⁷ O mesmo princípio se aplica com relação ao “escravo mau” desta mesma parábola. A Torre de Vigia fala de uma “classe do escravo mau”, e no entanto, as pessoas a quem eles rotulam como estando entre estes não pertencem todos a uma única organização específica, não formam um grupo composto distinto. Qualquer pessoa dos “ungidos” que deixasse a organização e posteriormente publicasse informação desfavorável a esta, seria classificada como um “escravo mau” ainda que atuasse simplesmente como *indivíduo*. Como pode ser assim neste caso e não no caso daquele que se enquadra na figura do *escravo fiel* da mesma parábola?

E ele dará a cada um segundo as suas obras: vida eterna aos que estão buscando glória, e honra e incorruptibilidade, pela perseverança na obra que é boa.

Porque nós ficaremos postados diante da cadeira de juiz de Deus; pois está escrito: “Por minha vida”, diz Jeová, “todo joelho se dobrará diante de mim e toda língua reconhecerá abertamente a Deus”. Assim, pois, cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus.

Todas as congregações saberão que sou eu quem pesquisa os rins e os corações, e eu vos darei individualmente segundo as vossas ações.⁴⁸

A Bíblia enfatiza o indivíduo

É verdade que as parábolas de Jesus devem ser aplicadas à igreja ou congregação dele em sua inteireza, e os princípios que elas defendem devem ser verazes para todos aqueles que genuinamente fazem parte desse “corpo de Cristo”. Mas opor-se à aplicação dessa parábola a indivíduos e argumentar contra isso como algo que não merece consideração é argumentar contra o que dizem as próprias Escrituras. Elas mostram que, como cristãos, *cada um de nós deve esforçar-se para mostrar ser um mordomo fiel do Amo*. Isto é bem claro na própria parábola do “escravo fiel e discreto”.

O relato de Mateus, o mais citado pela Sociedade Torre de Vigia, é paralelo ao que se acha no capítulo 12 de Lucas. Este dá uma designação mais específica ao “escravo”. Um “escravo” (em grego, *doulos*) pode ser qualquer tipo de servo. O relato de Lucas identifica o escravo como “mordomo” (em grego, *oikonomos*). Este fator ajuda a lançar luz sobre o sentido e a aplicação da parábola de Jesus devido a outro ensino bíblico relativo à mordomia dos cristãos.

Na realidade, segundo o contexto, a pergunta inicial de Jesus, “Quem é realmente o escravo fiel e discreto”, é apresentada primariamente, não com o objetivo de *identificar* alguma pessoa ou grupo, mas de introduzir uma *lição moral* centrada na *conduta* e no *proceder* que demonstram que alguém é um mordomo fiel e prudente do Amo. Veja as palavras dele em Lucas 12:42:

⁴⁸ Romanos 2:6, 7; 14:11, 12; Revelação 2:23, NM.

Quem é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor confiará os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo? (Almeida Revista e Atualizada)

Portanto, Jesus estava essencialmente dizendo: ‘Quem dentre vós discípulos mostrará ser este mordomo fiel e discreto?’⁴⁹ A resposta dependeria daquilo que cada um *fizesse*, não daquilo a que ele pertencia ou de que fazia parte.

Adicionalmente, o relato de Lucas dá seqüência imediata a esta parábola com as palavras de Jesus sobre o escravo que entende mas não faz, e por isso recebe muitos golpes, e o que não entende, e portanto não faz, e por isso recebe poucos golpes. Jesus conclui com esta aplicação da lição:

Deveras, de todo aquele a quem muito foi dado, muito se reclamará dele; e a quem encarregaram de muito, deste reclamarão mais do que o usual.⁵⁰

Em vez de falar de um grupo ou “classe”, a aplicação *primária* feita pelo próprio Cristo é ao cristão *individual*, ao que ele faz qual *indivíduo* e ao que ele próprio demonstra ser.

Tampouco é esta a única indicação. De modo similar, os apóstolos inspirados de Jesus trataram da mordomia fiel em seus escritos. Seria de esperar que ao fazê-lo eles refletissem o próprio ensino de Jesus acerca do assunto. É notável que a consideração feita por eles ocorre consistentemente no nível pessoal e com uma aplicação pessoal. Em sua primeira carta à congregação de Corinto, o apóstolo Paulo escreve acerca do serviço prestado por ele e seus companheiros, dizendo:

Avalie-nos o homem como sendo subordinados de Cristo e mordomos dos segredos sagrados de Deus. Além disso, neste caso, o que se procura nos mordomos é que o homem seja achado fiel.⁵¹

O princípio idêntico visto na parábola de Jesus conforme registrado por Lucas, pelo qual alguém mostra ser um *mordomo fiel* do Senhor, está aqui declarado. Paulo prosseguiu mostrando que isto não era algo a respeito do qual os humanos pudessem decidir ou julgar; eles não

⁴⁹ Compare com o uso muito similar da palavra “quem” no Salmo 15:1-5.

⁵⁰ Lucas 12:48, NM.

⁵¹ 1 Coríntios 4:1, 2, NM.

tinham capacidade de fazer uma identificação definitiva, determinante e válida, de quem era ou não era um “mordomo fiel”. Paulo mostra então quem podia fazê-lo e o faria, quando e em que base, dizendo:

Ora, para mim é um assunto muito trivial o de eu ser examinado por vós ou por um tribunal humano. Até mesmo eu não me examino a mim mesmo. Pois não estou cômico de nada contra mim mesmo. Contudo, não é por isso que eu seja mostrado justo, mas quem me examina é Jeová. Por isso, não julgueis nada antes do tempo devido, até que venha o Senhor, que tanto trará da escuridão para a luz as coisas secretas, como tornará manifestos os conselhos dos corações, e então cada um terá o seu louvor da parte de Deus.⁵²

Mais uma vez, a referência é ao indivíduo, a “cada um”. Quando rejeita a aplicação do cumprimento da parábola a indivíduos (não vinculados a uma organização), o argumento principal da Torre de Vigia é de que pessoa alguma poderia viver por 1900 anos e assim estar viva até a volta do Amo.⁵³ Não dá margem ao fato de que um *princípio* pode estar em vigor por 1900 anos e *pode aplicar-se uniformemente a todos os indivíduos* cujo período de vida transcorra dentro desse período. Parece também esquecer que as pessoas podem ser ressuscitadas e *depois* julgadas e recompensadas (juntamente com os que já viviam) com base no que fizeram durante seu período de vida até a morte.⁵⁴

Paulo não viveu 1900 anos e tampouco algum de seus associados e colaboradores. No entanto, se eles individualmente se mostrassem mordomos fiéis de Cristo até a morte, este os recompensaria por ocasião de sua vinda. Onde é que isso diverge do que Jesus apresenta em sua parábola? Além disso, Paulo não fala de “classe” alguma, limitando-se, em vez disso, ao seu próprio caso e proceder pessoal como “mordomo” e ao que “cada um” faria e receberia. A explicação da *Sentinela* faz parecer que o Amo, por ocasião de sua vinda, inspeciona o registro apenas de um “restante” da “classe do mordomo” *então vivendo na terra*, aprovando e promovendo a *estes para* “cuidar de todos os seus interesses terrestres”. As palavras de Paulo mostram que não é assim, e que o Amo, ao vir, profere seu julgamento e dá sua

⁵² 1 Coríntios 4:3-5, NM.

⁵³ Veja, por exemplo, A *Sentinela* de 15 de junho de 1982, páginas 21, 22.

⁵⁴ Confira 1 Tessalonicenses 4:15-18.

recompensa a *todos os seus servos*, todos os que serviram como “mordomos”, sejam os que viverem nessa ocasião ou os que morreram no passado.⁵⁵

As palavras do apóstolo são também contra empenhar-se em auto-autenticação, auto-aprovação e autopromoção, realizadas de modo a criar e manter uma base de poder, e contra alguém se elevar — por elevar o grupo religioso específico do qual faz parte — sobre os outros que buscam demonstrar sua fé como cristãos. Tudo o que qualquer um de nós pode corretamente afirmar é que, como Paulo, estamos nos *esforçando* para ser mordomos fiéis, e que o nosso verdadeiro julgamento nesta questão está nas mãos de Deus e de Cristo, e este só será revelado no dia em que eles tornarem conhecido esse julgamento.

O mesmo apóstolo, escrevendo a Tito em Creta, deu conselho relativo aos anciãos, dizendo entre outras coisas:

Porque o superintendente tem de estar livre de acusação como mordomo de Deus, não obstinado, não irascível, não brigão bêbedo, não espancador, não ávido de ganho desonesto.⁵⁶

Cada ancião devia *individualmente* estar à altura dessas qualificações para ser “mordomo” de Deus. A avaliação destes homens seria logicamente feita nessa base, não por serem membros de alguma “classe do escravo” ou de algum grupo distintamente organizado. Qualquer varão cristão individual que agisse como o mordomo

⁵⁵ Conforme indicado também pela parábola do vinhedo (Mateus 20:1-16), Cristo não recompensa as pessoas de modo diferente com base no período de tempo em que se empenharam no serviço dele. Na ilustração os trabalhadores que foram para a obra por último receberam o mesmo salário daqueles que começaram antes, de modo que todos foram “igualados”. Ele não deu menos aos derradeiros, mas tampouco deu a eles mais que aos outros. A Sentinela passa a impressão de que as pessoas que servem na época atual (o “restante”) receberam um prêmio especial que nenhum de seus antecessores poderia ter recebido. O livro *Aproximou-se o Reino de Deus de Mil Anos*, página 354, afirma que, já que Cristo em 1919 estava numa qualidade régia, “que não possuía quando estava aqui na terra, no primeiro século”, a “classe do escravo”, conseqüentemente, entrava de 1919 em diante num “serviço muito mais importante”, “uma honra maior”. Isso significaria que o serviço deles era de categoria mais elevada que a dos cristãos do primeiro século, que incluíam os próprios apóstolos!

⁵⁶ Tito 1:7, *NM*.

violento, arrogante, bêbedo, do final da parábola de Jesus seria inadequado, rejeitado. Caberia a cada um *pessoalmente* mostrar o que era. Ele tinha também de apegar-se “firmemente à palavra fiel com respeito à sua arte de ensino”, o que implica a sua própria fidelidade como mordomo em aderir à Palavra de Deus, bem como a descrição do seu ensino.⁵⁷ Encontramos, mais uma vez, um paralelo preciso com os elementos do mordomo fiel e discreto e do mordomo iníquo, bêbedo. No entanto, a aplicação faz-se claramente em base *individual*.

Ao passo que Paulo faz a aplicação individual a si próprio e a seus trabalhadores associados e aos anciãos individuais, que dizer dos demais cristãos, todos os outros que formam o que Paulo chama de “família de Deus”?⁵⁸ Podem todos eles ser “mordomos”? E podem sê-lo em base individual ou têm de ser membros de uma “classe” do mordomo orientada como organização? O que dizer de todas as *mulheres* que fazem igualmente parte dessa família — têm elas uma mordomia? E se todos são mordomos, como podem existir quaisquer “domésticos” a quem ministrar como mordomos? O que dizem as próprias Escrituras?

O apóstolo Pedro faz esta relevante afirmação em sua primeira carta, conforme registrado no capítulo 4, versículos 10 e 11:

Na proporção em que cada um recebeu um dom, usai-o em ministrar uns aos outros como mordomos excelentes da benignidade imerecida de Deus expressa de vários modos. Se alguém falar, fale como que as proclamações sagradas de Deus; se alguém ministrar, ministre ele como dependente da força que Deus fornece; para quê, em todas as coisas, Deus seja glorificado por intermédio de Jesus Cristo.

Pedro não está falando aqui, com certeza, em termos de algum conglomerado, um mordomo “composto”, e sim pondo ênfase nos indivíduos e na mordomia pessoal deles. Deixa claro que *cada cristão* recebe de Deus algum dom particular, o qual pode usar em prestar serviço aos conservos da família de Deus. Isto ocorre porque a graça ou benignidade imerecida de Deus é expressa “de vários modos”, tal como destacam outros textos.⁵⁹ Tampouco têm todos o mesmo dom.

⁵⁷ Tito 1:9.

⁵⁸ 1 Timóteo 3:15.

⁵⁹ Compare com 1 Coríntios 12:4-31; Romanos 12:6-8.

Desta forma, qualquer que seja este, podem usá-lo para o benefício de outros, os quais, por sua vez, usarão aquele que *eles* têm para o bem de outros, inclusive os que os beneficiam. Fazendo assim, não se tornam auto-importantes, arrogantes, como que dominando sobre os outros. Fiel e discretamente usam sua concessão divina de benignidade imerecida para a honra de Deus, na dependência Dele, falando não de suas próprias teorias ou de dogmas organizacionais, mas das “proclamações sagradas de Deus”, Sua Palavra não adulterada.

A declaração de Pedro está certamente em perfeito paralelo com a parábola de Jesus sobre o escravo ou mordomo que ministra fielmente aos conservos da família de seu amo. Ressalta também, claramente, a responsabilidade pessoal de cada cristão e sua obrigação pessoal para com Deus e Cristo de demonstrar fidelidade e discrição ao usar em favor dos conservos quaisquer dons úteis que tenha recebido. Ao longo dos últimos dezenove séculos existiram com certeza muitos homens e mulheres que foram individualmente mordomos fiéis e discretos de seus dons cristãos e que serão achados aprovados pelo Amo quando de sua chegada, ainda que necessitando de uma ressurreição pessoal (não de “ressurreição em classe”) dos mortos para receber seu prêmio. Não há nada, a mínima evidência sequer, que prove que tais pessoas dos séculos passados fizeram isso como que num amálgama, sendo todos ajuntados pelos laços de uma organização ou “classe”. Embora semelhantes ao trigo encontrado entre o joio, sempre vigorou o princípio afirmado em 2 Timóteo 2:19, a saber, “Jeová conhece os que lhe pertencem”.

Muito do equívoco é fruto dos significados arbitrários atrelados à alimentação “simbólica” realizada pelo mordomo e à sua “designação sobre todos os bens do amo”. Nas publicações da Torre de Vigia apresenta-se a “alimentação” como a produção de literatura feita por meio de uma agência editora. É altamente improvável que Jesus usasse qualquer ação figurativa para representar esta atividade. Por prover aos conservos porções regulares de alimento, o mordomo estaria *cuidando das necessidades deles*. Em nossa vida espiritual podemos ser “alimentados” de muitíssimos modos. Nossa fé não é alimentada apenas por palavras, mas pelo exemplo, pela bondade e pelo interesse pessoal demonstrados, pelo encorajamento dado, pelas ações de amor. Todas estas coisas nos alimentam, edificam-nos para mais servir ao

nosso Amo. As palavras de Pedro, já citadas, comprovam isto, mostrando que todos nós temos de ser mordomos da benignidade imerecida de Deus, “expressa de vários modos”. A “graça de Deus em suas variadas formas” (*New English Bible*) que cada um tem o privilégio de distribuir, com certeza não se limita apenas a fornecer certo tipo de informação publicada. Ela abrange toda a variedade da benignidade e dos dons de Deus.

O mesmo se dá com o *prêmio* concedido ao mordomo fiel. Que base há para se afirmar que os cristãos na terra têm de ser promovidos para formar uma espécie de corpo administrativo ou subgerente composto (um administrador substituto) com autoridade sobre todos os interesses de Cristo no planeta? Em seu todo, as Escrituras dão testemunho do fato de que é só no julgamento final que se dá a recompensa final, e não antes. Esse julgamento final ainda virá. Se não fosse assim, deveríamos crer então que certos dos servos do Amo estariam neste exato momento exercendo um poder comparável ao da autoridade “sobre dez cidades” ou “sobre cinco cidades” em cumprimento à parábola das minas.⁶⁰ Esta parábola segue o *mesmíssimo padrão ou fórmula* da parábola do escravo fiel e discreto — um amo parte em viagem, deixando um servo ou servos com designações específicas, e daí, ao retornar, avalia a fidelidade deles no desempenho de suas atribuições e os recompensa concordemente. É razoável que ambas as parábolas se correspondam na parte do que ocorre *quando o homem retorna*. No entanto, a organização Torre de Vigia explica a parábola das minas de modo completamente diferente do da parábola do escravo fiel e discreto. Na explicação da parábola do mordomo fiel, o Amo, Cristo, volta em 1914 e em 1919 *aprova o mordomo e o recompensa promovendo-o* a uma autoridade sobre todos os bens. Em contraste, quando explica a parábola das minas, A *Sentinela* de 1º de julho de 1974 (página 399), declara que — ao contrário do que o próprio Jesus apresenta na parábola — em sua volta (em 1914) o Amo não recompensa seus servos fiéis dando-lhes ‘domínio’ sobre 5 e 10 cidades, mas em vez disso, cinco anos depois, passa a dar-lhes uma prorrogação de tempo para que façam negócios com os talentos dele! A *Sentinela* nos informa que “o que aconteceu era como que uma nova consignação das simbólicas minas de prata, no

⁶⁰ Lucas 19:15-19.

ano 1919 aos do restante ungido das testemunhas cristãs de Jeová” e que eles puseram-se “novamente a fazer negócios ou a negociar com as simbólicas minas de prata, recém-recebidas do Senhor Jesus Cristo, então revestido de poder régio.” O livro *Aproximou-se o Reino de Deus de Mil Anos* (páginas 230 a 232) reescreve de modo similar a parábola relacionada dos talentos, declarando que o Amo, ao retornar, descobriu que, em 1919, tinha de dar aos seus servos “uma nova oportunidade adicional de ‘fazer negócios’ com os preciosos ‘talentos’ dele.” Não há nas Escrituras uma única palavra ou indicação de uma *segunda* designação de talentos para negociar *após a volta do amo*. Isto simplesmente ilustra que o entendimento da Torre de Vigia se fundamenta unicamente numa acomodação com suas próprias circunstâncias e alegações organizacionais, e se o registro bíblico tiver de sofrer “ajustes” ou acréscimos para atingir esse objetivo eles se sentem justificados em fazê-lo. O mesmo se aplica à parábola do escravo fiel e discreto.⁶¹

Quando trata da parábola das minas, *A Sentinela* não faz esforço algum de apontar a data em que o Amo confere a recompensa como sendo em 1919 ou qualquer outra época desde então; o mesmo se dá em *Aproximou-se o Reino de Deus de Mil Anos* e sua explicação da parábola relacionada dos talentos. Em ambos os casos eles reconhecem que o prêmio é conferido no julgamento final, quando os cristãos fiéis reinarão “com Cristo acima”, com aqueles que tiverem morrido sendo ressuscitados e os que então viverem passando por uma “transformação instantânea de corrupção para incorrupção”.⁶² Que

⁶¹ De que outra forma pode alguém explicar que Cristo volta em 1914, mas adia a inspeção de seus servos por cinco anos até 1919? O que esteve ele supostamente fazendo durante esses cinco anos? E onde é que as Escrituras dizem algo que indique que ele suspenderia a prestação de contas com seus servos dessa maneira? É evidente que não há absolutamente nada que comprove isto. Mas tem de ser assim. Por quê? Porque é esta a explicação que se ajusta a certas facetas da história da organização e as aproveita. Se a prisão dos encarregados da Torre de Vigia e a libertação deles tivesse ocorrido em 1916 ou qualquer outra data, então a interpretação teria de coincidir com essa data, e essa data seria a da inspeção de Cristo. Aquilo que a organização faz ou que acontece a ela é que determina qual é o cumprimento dos textos bíblicos, e por extensão, qual é a programação do Amo.

⁶² *A Sentinela*, 1º de julho de 1974, página 399; *Aproximou-se o Reino de Deus de Mil Anos*, páginas 241-247.

justificativa pode haver para a aplicação arbitrária e desigual com respeito à recompensa que se dá na parábola do mordomo discreto em comparação com a parábola das minas e a dos talentos?

Nas parábolas do mordomo fiel e na das minas, o prêmio sem dúvida se refere à mesma coisa. Na primeira, o homem é proprietário de uma casa e seus pertences; na outra o homem controla certo número de cidades (evidentemente 15) Em cada caso, o homem recompensa a fidelidade em seu serviço com a concessão de autoridade sobre seus domínios. Há toda razão para crer que isto simplesmente traduz em forma alegórica a promessa de Jesus de que, “Ao vencedor darei o direito de sentar-se comigo em meu trono, assim como eu também venci e sentei-me com meu Pai em seu trono.”⁶³ Por sua fidelidade é que estes juntam-se ao Amo em seu trono celestial como co-herdeiros com ele no reino de seu Pai.⁶⁴

O escravo infiel

E quanto ao simbolismo do outro escravo encontrado na mesma parábola, o qual, em vez de provar-se fiel e discreto, mostra-se infiel? O relato reza:

Mas, se é que aquele escravo mau disser no seu coração, “Meu amo demora,” e principiar a espancar os seus co-escravos, e a comer e a beber com os bebedores inveterados, o amo daquele escravo virá num dia em que não espera e numa hora que não sabe, e o punirá com a maior severidade e lhe determinará a sua parte como os hipócritas.⁶⁵

A organização Torre de Vigia tem aplicado isto a qualquer de seus adeptos que não aceite totalmente os ensinamentos dela, inclusive as profecias de data sobre 1914.⁶⁶ Estes, dizem eles, acham que a vinda do Amo está “demorando”. Se estas pessoas questionam a validade bíblica de qualquer interpretação publicada, expressam qualquer opinião diferente do que a organização estiver ensinando no momento,

⁶³ Revelação 3:21, *NVI*.

⁶⁴ Romanos 8:17; Tiago 2:5.

⁶⁵ Mateus 24:48-51, *NM*.

⁶⁶ Tecnicamente, a expressão “escravo mau” aplica-se supostamente apenas a pessoas “ungidas” que deixam de submeter-se à autoridade da organização Torre de Vigia, mas é usada livremente para criticar qualquer pessoa que o faça, “ungida” ou “não ungida”.

ou questionam a criação duma estrutura de autoridade que atribui a si própria o direito de formular à vontade um leque de normas e regulamentos que não se encontram nas Escrituras, isto é classificado pela Torre de Vigia como “espancar” os seus conservos.

Embora talvez pareça plausível a alguns, este é mais um caso em que se fazem as Escrituras concordarem com a organização em vez de deixar que elas falem por si próprias. Cristo Jesus, o Amo da família cristã, enfatizou repetidamente que sua volta seria imprevisível, inesperada, sem aviso, não dando meios, portanto, para predizer um retorno iminente, nada que de antemão alerte seus servos a preparar-se para a chegada dele. Por isso é que eles precisariam estar em constante vigília, quer vivessem no primeiro século, no sétimo, no treze ou no vinte. Essa vigilância, contudo, *não* depende de se crer em alguma data ou da urgência criada a partir de um esquema estabelecido de datas, dentro de cujos limites o fim possa ser aguardado com certeza. Os cristãos do passado ficaram alertas, vigilantes, na expectativa, sem quaisquer cronogramas fixados e interpretados por homens, e os cristãos de hoje podem fazer o mesmo.⁶⁷

Devemos nos perguntar: Dos dois escravos descritos na parábola, *qual deles* indica que tinha alguma idéia pré-concebida duma certa época em que o amo deveria chegar? *Não* era o escravo fiel, mas o *escravo mau*. Este último não podia ter achado que o amo estava ‘demorando’ *a menos que o aguardasse dentro de certo período de tempo*. O escravo fiel não é representado como tendo alguma idéia em particular de quanto tempo o amo ficaria ausente. Ele parece simplesmente estar servindo de modo fiel sem tentar fazer estimativas ou estabelecer limites quanto à duração do período de ausência. Isto é bastante diferente duma organização que declara como um fato absoluto que a chegada ocorrerá e *tem* de ocorrer dentro do período de vida de pessoas que nasceram antes ou dentro de certa data.

É verdade que, como muitas outras religiões, a organização Torre de Vigia fala continuamente de sua confiança na iminência da volta do Amo. Mas vale a pena notar que não é com a *boca* que o escravo infiel acha que a vinda do seu Senhor demora; é “no seu coração”. Sua

⁶⁷ Para uma consideração cabal deste assunto veja *O Sinal dos Últimos Dias — Quando?* (em inglês, Commentary Press, 1987), páginas 229-236.

opinião de que a vinda ‘demora’ certamente não se expressa por ele discordar abertamente daquilo que algum outro servo afirma ser o cronograma correto para a ocorrência da vinda (como faz a organização Torre de Vigia). Não são as *palavras* do escravo, necessariamente, que demonstram que ele está intimamente achando que a volta ‘demora’. É o que ele *faz* e o *modo* como faz que revelam isso.

Segundo a parábola, este escravo começa a agir como se fosse *ele* que mandasse na casa, como se ele próprio fosse o amo. Sua designação era simplesmente de prover alimento, fazendo-o pontualmente nas horas indicadas; mas ele passa então a tomar para si próprio o direito de castigar os conservos. Isto é muito diferente do caso dum servo que pede alívio dos abusos de autoridade por parte de quem se afirma superior, como é a situação de muitos que fazem objeção a que uma organização lhes imponha suas próprias normas, como se fossem inferiores, uma organização que lhes pede e até exige que acatem sua palavra como se fosse do Senhor.

Com certeza há pessoas que, ao deixarem a organização Torre de Vigia, empenham-se em falar dela de modo rude e abusivo, e que, com ataques verbais igualmente rudes falam dos homens que a dirigem. Como exemplificam as cartas citadas no “Prefácio” deste livro e em outras partes, há muitas outras que rejeitam tal prática — e espero que estas sejam a maioria. Por outro lado, deve ficar claro que simplesmente expressar para outras pessoas uma objeção honesta e conscienciosa aos decretos e ações duma organização não constitui de modo algum um “espancamento” de tais encarregados. Se fosse assim, os apóstolos teriam “espancado” o Sinédrio quando expuseram publicamente os fatos. E na atualidade a Sociedade Torre de Vigia seria culpada de “espancar” os governantes e as autoridades quando tornaram públicos o tratamento injusto por parte deles e protestaram pelas ações ditatoriais contra as Testemunhas de Jeová em seus domínios, ou quando prestaram depoimento destes fatos perante os tribunais, como têm feito em numerosas ocasiões.

No caso da parábola, está claro que alguém “denunciou” o escravo arrogante, pois o amo soube o que havia ocorrido durante sua ausência. Não é, portanto, “espancar” um conservo se outro dos servos do amo traz à atenção a conduta infiel daquele servo em particular, dando

testemunho de suas ações erradas ao lidar com os demais servos da casa. Ao invés, se feito com a motivação correta, isso reflete preocupação com o bem-estar dos outros, representa um esforço justo e apropriado visando à reparação do erro, a correção duma situação injusta.

O “espancamento” da parábola é muito diferente disto. É o caso de alguém que tem, ou *considera* a si próprio como tendo, uma posição superior e que a usa para dominar os outros quais inferiores. Age como se pudesse fazê-lo impunemente, como se para ele não houvesse um “dia de ajuste de contas”, pela atitude dominadora, de superioridade, demonstrada para com outros, aos quais ele devia supostamente servir, humilde e fielmente. Age como se qualquer coisa que fizer, ainda que errada (até servir alimento adulterado), será desculpada ou ignorada pelo amo. Esta pessoa, com tal mentalidade e espírito, parece achar que ninguém jamais lhe deve queixar-se, e que qualquer um que o faça deve ser tratado como alguém que mostra desrespeito por sua autoridade constituída, tornando-se, desta forma, passível de punição, merecedor de ser espancado. Creio que a reflexão e a meditação neste respeito nos convencerá de que existem hoje muitos exemplos disso, e em muitas religiões.

Fala-se que o escravo infiel come e bebe com os bebedores. Na Bíblia, a bebedice é muitas vezes usada de modo figurativo, além da embriaguez literal. Alguns homens são literalmente “brigões bêbedos”. (1 Timóteo 3:3) Mas alguém pode estar figurativamente “bêbado” de vários modos. O profeta Isaías retrata como figurativos ‘bêbedos’ os líderes religiosos do antigo Israel, homens a quem descreveu como “fanfarrões”, autoconfiantes, que tiranizavam os outros, mas que se sentiam seguros, imunes a qualquer julgamento adverso da parte de Deus.⁶⁸

Portanto, alguém pode ficar “embriagado” pelo poder, pela auto-importância. Além da embriaguez literal, o escravo infiel mostrava-se inebriado com sua própria autoridade de tratar de modo dominador aqueles a quem supostamente servia. Esta é uma falha comum nos que alcançam posições de autoridade e poder. É um laço que só pode ser

⁶⁸ Isaías 28:1, 7, 14-19.

evitado pelo esforço constante, consciente. Isto acontece com os indivíduos. Também acontece com as organizações.

Como demonstramos, o problema, no seu todo, não está tanto na insistência da organização Torre de Vigia em restringir toda a aplicação da parábola a uma “classe”. Está principalmente na maneira como a parábola é usada — para assegurar o controle duma estrutura de autoridade, como meio de intimidação, suprimindo qualquer objeção de consciência aos ditames e declarações vindos de um grupo de elite, bem como para revestir esses ditames e declarações de uma força divina, quer estejam em harmonia com as reais afirmações bíblicas quer não. Usar a parábola desta forma é violar seu tema básico, que é servir, com consideração, humildade, responsabilidade e fidelidade, às necessidades dos outros como conservos do Amó.

A parábola deveria induzir a um sério e escrutinador auto-exame. Qualquer postura de autoconfiança, qualquer atitude autoritária ou que exiba a posição superior de alguém, qualquer inclinação para tomar ação punitiva contra os que não se submetem à vontade ou opinião de alguém, é, com certeza, uma evidência de achar, no próprio coração, que o dia de ajuste de contas está “demorando”. Há muito, no primeiro século, Diótrefes mostrou tal atitude pelas suas ações, dominando sobre outros na congregação, expulsando aqueles que ele via como ameaça à sua autoridade.⁶⁹

Através dos séculos, muitos indivíduos, líderes e organizações religiosas deram exemplo deste padrão, insistindo para que as pessoas se alinhassem com seus conceitos e dogmas ou então enfrentassem acusações de insubordinação espiritual, independência voluntariosa e egoísta, deslealdade a Deus e a Cristo, destarte precisando serem ‘jogadas fora da família’ de Deus. Seguir o proceder deles atualmente é, com efeito, associar-se com tais homens, ‘comendo e bebendo com os bebedores’, aqueles que, como os “bêbedos” religiosos do antigo Israel, estão inebriados com sua própria importância.

Em contraste, outros, embora injustamente acusados e lançados fora, embora espalhados e limitados nas suas associações a alguns poucos companheiros, podem ter, não obstante, ‘mantido seu lugar’, por nunca perder de vista sua relação pessoal com seu Amó e a

⁶⁹ 3 João 9-11.

responsabilidade para com ele.⁷⁰ Dentro de qualquer esfera de influência que Deus lhes conceda, ainda que pequena, eles entendem corretamente sua “mordomia”, não como uma base de poder ou meio de intimidar outros, mas como oportunidade e dever de servir aos outros no espírito de seu compassivo Amo. Este, no seu devido tempo, e na base de pessoa por pessoa, promete tornar evidente quem entendeu e aplicou corretamente a lição de sua parábola e quem não o fez.

⁷⁰ Confira Eclesiastes 8:2-4.

6

Salvação pela Fé, Não pelas Obras

Por esta benignidade imerecida é que fostes salvos por intermédio da fé; e isto não se deve a vós, é dádiva de Deus. Não, não se deve a obras, a fim de que nenhum homem tenha base para jactância. — Efésios 2:8, 9.

EMBORA o cristão não esteja debaixo da lei, isto não faz nem deveria fazer dele alguém sem lei. Pelo fato de estar sob a graça de Deus, sua liberdade da sujeição à lei deveria resultar, não na falta da justiça, mas numa justiça *superior*, uma justiça da parte de Deus, baseada na fé, no amor e na verdade, em vez de na obediência a um código religioso. Do mesmo modo, ser ele salvo à base da fé em vez das obras deveria resultar, não em inatividade, passividade ou apatia, mas numa atividade *superior*, fluindo daqueles mesmos fatores.

Em ambos os casos, a diferença está na *força motivadora*. O *espírito* com que se faz as coisas é que é a chave da superioridade encontrada na liberdade cristã. É a diferença entre fazer algo com sentimento de compulsão e fazê-lo espontaneamente, numa ação livremente praticada e de coração. A fé e o amor genuínos têm de brotar do indivíduo, e as *ações* de fé e amor têm de ser motivadas pelo íntimo, e não por pressões externas. O encorajamento, e mesmo a exortação, podem ser fatores positivos, benéficos; mas a pressão para amoldar-se a uma programação de atividades específicas atua contra esta motivação sincera.

Quanto mais estruturada e sistematizada é a programação e maior é a pressão externa aplicada, menos oportunidade haverá para que a fé e o amor se expressem espontaneamente. Estas oportunidades ficam, em muitos casos, essencialmente restritas. A qualidade e a natureza da

motivação para quaisquer obras e ações que daí *resultam* precisam ser examinadas.

Qual é situação existente na organização religiosa das Testemunhas de Jeová neste respeito? A organização Torre de Vigia afirma crer no ensino bíblico de que somos salvos pela fé, não pelas obras. Mas será isto o que ocorre na *prática*? Já vimos a grande ênfase que se dá à submissão à autoridade centralizada, com a lealdade a ela e a suas diretrizes sendo igualada à lealdade a Deus e a Cristo. Que efeito tem isto no modo como as Testemunhas de Jeová em geral encaram seu serviço a Deus, a Cristo e ao seu semelhante? Será este um efeito saudável, ou será, em última análise, algo que vai contra o princípio bíblico que agora consideramos?

Na maioria dos países as Testemunhas de Jeová são conhecidas pelo empenho em levar sua mensagem de porta em porta. As publicações da Torre de Vigia chamam regularmente a atenção para as centenas de milhões de horas gastas mundialmente pelos seus adeptos nesta atividade, que resultam na distribuição de centenas de milhões de exemplares de literatura. Alegam, assim, esmerar-se em seguir o exemplo de atividade dos cristãos do primeiro século, não só no zelo como no *método* utilizado — as visitas de porta em porta — e que isto é evidência de que eles, de todos os que professam o cristianismo, são os verdadeiros proclamadores atuais das boas novas.

Não há dúvida quanto ao *fato* desta atividade. A questão mais importante é: *Por que* as Testemunhas de Jeová, qual comunidade religiosa, empenham-se nesta atividade de testemunho público? É algo que decidiram fazer individual e livremente em resultado de uma convicção verdadeiramente pessoal, tendo o amor e a fé como a força motivadora que determina *como, quando e até que ponto* se empenharão nesta atividade? Está o encorajamento que recebem da organização livre da pressão coercitiva, seja explícita ou sutil? Ou, em vez disso, são os adeptos levados a sentir que o zelo na obra programada pela organização terá um efeito decisivo quanto a Deus conceder-lhes a salvação, de modo que se alguém deixa de dar forte apoio a esta programação é induzido a um incômodo sentimento de culpa?

Seja qual for o grau *individual* de genuína motivação das *pessoas* dentro dessa comunidade — e sem dúvida nela existem algumas pessoas amorosas e motivadas de coração — qual é a situação no que diz respeito à *comunidade como um todo*? Qual o *espírito que predomina* e qual o *sentimento característico* e a *atitude* gerada pela mensagem e pelas diretrizes da organização?

As evidências que respondem a estas perguntas partem de dentro da própria organização.

Normas e pressão de origem humana

Vê-se uma ilustração do espírito dominante dentro da organização na atitude demonstrada pelo Corpo Governante das Testemunhas de Jeová com respeito a certa matéria que fora originalmente elaborada para um livro, um comentário bíblico sobre a carta de Tiago.

O comentário fora redigido principalmente por Edward Dunlap, ex-secretário da escola missionária da Torre de Vigia, chamada Gileade, e um dos principais colaboradores do dicionário bíblico *Ajuda ao Entendimento da Bíblia* (agora intitulado *Estudo Perspicaz das Escrituras*). O próprio Ed Dunlap era uma Testemunha muito ativa. Durante os últimos cinco ou seis anos em que residi no complexo da sede de Brooklyn da Torre de Vigia, ocupei quartos próximos ao dele, e cada manhã de domingo, praticamente sem exceção, podia-se ver Ed e sua esposa dirigindo-se à estação do metrô, para ir à congregação Canarsie e participar com outros membros dela no “serviço de campo” em grupo. Neste aspecto ele era consideravelmente mais exemplar do que muitos membros do Corpo Governante.

Demonstrando que não acreditava num cristianismo passivo e apático, Ed Dunlap apontava, na introdução do seu comentário bíblico, que a carta do discípulo Tiago refutava o conceito de que a fé e as obras fossem, de fato, mutuamente excludentes, ou “que bastava ao cristão ter uma fé puramente intelectual”. E prosseguia dizendo daqueles que fechavam os olhos para o valor das obras:

Isto desconsideraria qualquer necessidade de a fé afetar o coração, e negaria que a fé tivesse poder para induzir alguém a mudar de personalidade e vida, e fazer algo a favor de outros, numa expressão positiva desta fé. Persistindo nessa idéia, eles ficariam iguais àqueles

de quem Paulo disse que tinham “uma forma de devoção piedosa, mostrando-se, porém, falsos para com o seu poder”. — 2 Tim. 3:5.

...Tiago de modo algum estava dizendo que as obras em si podiam trazer a salvação. Não podemos inventar devidamente uma fórmula ou desenvolver uma estrutura pela qual possamos elaborar a nossa salvação. Primeiro precisa haver fé. Conforme Tiago salienta de maneira clara, as boas obras provêm espontaneamente do coração, com a motivação correta de ajudar as pessoas por amor e compaixão. A vida de Jesus é uma ilustração disso. A lei seguida pelo cristão é a “lei dum povo livre”, não um código de lei semelhante à lei mosaica. (Tia. 2:12; Rom. 2:29; 7:6; 2 Cor. 3:6) É a lei divina que está escrita no coração do cristão. — Jer. 31:33; Heb. 8:10.¹

Tinha sido bem difícil conseguir que o Corpo Governante todo concordasse com a recomendação do Departamento de Redação para a elaboração de um comentário bíblico, não só da carta de Tiago, mas *qualquer* comentário. Por alguma razão, certos membros pareciam achar isso uma iniciativa arriscada, expressando fortes reservas ou sentimentos negativos em relação ao projeto.² Embora tendo sido eventualmente aprovado, publicado e incluído por algum tempo no programa de estudo da organização, este comentário (o único comentário bíblico produzido pela Sociedade) deixou depois de ser impresso. Algo que ajuda a explicar o motivo foi uma decisão tomada com relação ao livro numa das reuniões do Corpo Governante.

No parágrafo seguinte ao dos pontos já citados, o livro, *conforme escrito originalmente*, prosseguia dizendo:

Conforme Tiago mostra, nenhum cristão devia julgar seu irmão, nem estabelecer normas humanas que ele deve seguir, embora possa incentivar o irmão e estimulá-lo a obras excelentes; e pode até mesmo repreender seu irmão, havendo um motivo bíblico definido e prova bíblica para aquilo que diz. (Tia. 4:11, 12; Gál; Heb. 10:24) Ao se realizarem obras corretas, devem ser executadas sob a orientação da consciência. O verdadeiro cristão não fará nada mecanicamente, nem precisa dum código pormenorizado de regras. Tampouco realiza suas obras devido à pressão de outros. O apóstolo Paulo destaca estes fatos em Romanos, capítulo 14. Portanto, quando alguém tem genuína fé viva, as obras excelentes seguir-se-ão razoavelmente. Serão obras

¹ *Comentário à Carta de Tiago*, páginas 6 e 7.

² Entre estes estavam Milton Henschel, Ted Jaracz, Karl Klein e Fred Franz.

boas, que Deus recompensará, porque são realizadas por devoção de coração. Mas, quem tentar obter a justiça por meio duma estrutura minuciosamente definida do que se deve fazer e do que não se deve fazer vai fracassar. Tal “justiça” é dos homens, não de Deus.

Assim era este parágrafo (da página 7) conforme originalmente aprovado pela Comissão de Redação do Corpo Governante, depois enviado para a gráfica de Brooklyn da Torre de Vigia e finalmente impresso em centenas de milhares de cópias. Todavia, além dos membros do Corpo Governante e de outras poucas pessoas, nenhuma Testemunha chegou a ver este texto, nem o encontrou em seu exemplar pessoal do livro. O motivo é que, devido à oposição de certos membros do Corpo, o parágrafo foi reescrito e as centenas de milhares de cópias já impressas foram destruídas, não apenas centenas de milhares de páginas, mas seções de 32 páginas cada.³ Por quê? Os pontos aos quais eles se opunham, e que foram finalmente alterados, são significativos pelo que revelam do modo de pensar dos próprios homens.

Considere este mesmo parágrafo conforme aparece no livro que finalmente foi publicado e distribuído (página 7).

Conforme Tiago mostra, nenhum cristão devia julgar seu irmão, nem estabelecer normas humanas para obter a salvação, embora possa incentivar o irmão e estimulá-lo a obras excelentes; e pode até mesmo repreender seu irmão, havendo um motivo bíblico definido e prova bíblica para aquilo que diz. (Tia. 4:11, 12; Gál. 6:1; Heb. 10:24) Ao se realizarem obras corretas, devem ser executadas em acatamento da orientação da Palavra de Deus. O verdadeiro cristão não fará nada mecanicamente, nem precisa dum código pormenorizado de regras. Tampouco realiza suas boas obras só para agradar a homens. Portanto, quando alguém tem genuína fé viva, as obras excelentes seguir-se-ão razoavelmente, inclusive pregar e ensinar as boas novas do Reino. (Mat. 24:14; 28:19, 20) Serão obras boas, que Deus recompensará, porque são realizadas por devoção de coração. Mas, quem tentar obter a justiça por meio duma estrutura minuciosamente definida do que se deve fazer e do que não se deve fazer vai fracassar. Tal “justiça” é dos homens, não de Deus.

³ Os livros eram impressos em seções de 32 páginas chamadas “cadernos”, que eram depois ajuntados para formar o livro. Veja também o Apêndice com respeito aos trechos de outra seção, os quais levaram à discussão que resultou na destruição destas duas seções.

Certamente que, em si, esta versão final do parágrafo publicada nada tem de errado. A maior parte dela está igual à versão inicial. De fato, alguém poderia imaginar porque os membros do Corpo Governante se opuseram tanto à versão original a ponto de ordenar a destruição de centenas de milhares de cópias da seção de 32 páginas. No entanto, fizeram-se mudanças sutis, e estas são significativas. Elas permitem compreender o raciocínio e o espírito que dominam muitos membros do Corpo Governante. Considere as mudanças feitas entre a redação original e a que finalmente foi publicada:

Original

Conforme Tiago mostra, nenhum cristão devia julgar seu irmão, nem estabelecer normas humanas que ele deve seguir. . .

Ao se realizarem obras corretas, devem ser executadas sob a orientação da consciência.

Tampouco realiza suas boas obras devido à pressão de outros. O apóstolo Paulo destaca estes fatos no capítulo 14 de Romanos. Portanto, quando alguém tem genuína fé, viva, as obras excelentes seguir-se-ão razoavelmente.

Revisada

Conforme Tiago mostra, nenhum cristão devia julgar seu irmão, nem estabelecer normas humanas para obter a salvação. . . .

Ao se realizarem obras corretas, devem ser executadas em acatamento da orientação da Palavra de Deus.

Tampouco realiza suas boas obras só para agradar a homens. Portanto, quando alguém tem genuína fé viva, as obras excelentes seguir-se-ão razoavelmente, inclusive pregar e ensinar as boas novas do Reino. (Mat. 24:14; 28:19, 20)

O erro de o cristão tentar “estabelecer normas humanas [que um irmão] deve seguir” foi assim alterado para dizer “normas humanas para obter a salvação”; a referência ao papel da “consciência” ao realizar obras corretas foi eliminado, sendo posta em seu lugar a “orientação da Palavra de Deus”; a afirmação de que o cristão não realiza suas boas obras “devido à pressão de outros” foi mudada para

“só para agradar a homens”; e todas as referências ao capítulo 14 de Romanos foram cortadas, inserindo-se em seu lugar a referência a “pregar e ensinar as boas novas do Reino”, apesar do fato de que *na inteira carta de Tiago* o próprio discípulo *em parte alguma* trata desta atividade de pregação, enquanto fala, *de fato*, é do cuidado com os órfãos e as viúvas, do respeito pelos pobres, de cuidar dos membros necessitados da congregação e de tratar corretamente os que trabalham, tudo isso em relação a mostrar o que é a genuína adoração cristã e ilustrar as obras da verdadeira fé, da misericórdia e do amor.

O que isto revela? É verdade que nenhum cristão tem o direito de estabelecer normas humanas “para obter a salvação”. Mas por que quiseram os membros do Corpo Governante limitar a questão a isto, e por que se opuseram à versão inicial que ampliava o assunto para *quaisquer* normas humanas que um irmão “deve seguir”? O motivo evidente é que durante décadas tem sido exatamente prática da organização criar tais normas humanas e insistir que todos se apeguem a elas, sendo que, muitas vezes, deixar de acatá-las resulta em desassociação.⁴ (E pode-se dizer que, quando se pune alguém com a desassociação por não acatá-las, a norma estabelecida torna-se, de fato, algo necessário “para obter a salvação”).

O cristão, de fato, realiza obras corretas “em acatamento da orientação da Palavra de Deus”, como reza o texto modificado do livro. Mas por que eliminar do assunto a “consciência”, conforme a versão original? Em última análise, não exerce a consciência da pessoa um papel vital quanto a decidir *de que modo* ela realizará certas obras, e até em ter *convicção pessoal* quanto a que obras específicas são as “obras corretas” e em harmonia com a Palavra de Deus? Então, por que a mudança? É porque durante décadas a organização destacou, não um cristianismo que reflete a firme convicção pessoal, mas um cristianismo que se distingue pela *conformidade organizacional*, em que a autoridade centralizada determina aos seus membros qual é exatamente a “orientação da Palavra de Deus” e que “acatamento” devem mostrar. O próprio exercício da consciência pessoal é visto como algo que deve ser controlado pela organização.

⁴ Veja a documentação a este respeito nos capítulos 8, 9 e 11.

É verdade também que o cristão não realiza boas obras “só para agradar a homens”. Mas o que é que geralmente *faz* alguém se sentir inclinado, e até sob compulsão, a agradar a homens? Não é a *pressão*, aplicada de vários modos, pressão do grupo, pressão baseada num sistema de recompensas, pressão do medo de ser visto como alguém que não corresponde às expectativas? Já que esta pressão está na raiz do problema de ‘agradar a homens’, por que se omitiu da versão original a referência à “pressão”? Quando se considerou este trecho, Jaracz, membro do Corpo Governante, recomendou esta mudança, dizendo achar que a “pressão pode ser algo bom”. E durante décadas a organização impôs pressão a seus membros, pressão para empenhar-se em atividades específicas da organização e para corresponder às normas humanas estabelecidas por ela, dando pouca ou nenhuma consideração à questão de a *consciência* individual da pessoa motivá-la a fazer isso ou não. Um dos meios principais de exercer esta pressão tem sido o uso da folhinha de “relatório de serviço de campo”, que toda Testemunha deve preencher mensalmente (incluindo o trabalho de porta em porta e atividades relacionadas) e entregar à congregação para anotação no “Cartão de Registro de Publicador”, mantido num arquivo que é examinado pelos anciãos e pelos “superintendentes de circuito” visitantes.

Será este o ponto de vista de alguém que deseja fugir à prática das “obras corretas”, que é deficiente em zelo ou orgulhoso demais para empenhar-se em certas atividades enfatizadas pela organização? É deste modo que o assunto é apresentado nas publicações da Torre de Vigia. Portanto, o livro de 1988, *Revelação — Seu Grandioso Clímax Está Próximo!*, página 45, fala de:

....alguém [que] critica a maneira de Jeová mandar realizar sua obra, e apela para o espírito de a pessoa não gastar a si mesma, por afirmar que nem é bíblico, nem necessário ir de casa em casa com a mensagem do Reino. A participação em tal serviço, segundo o exemplo de Jesus e dos seus apóstolos, os manteria humildes; mas, eles preferem separar-se e folgar, talvez apenas ocasionalmente lendo a Bíblia como grupo particular. (Mateus 10:7, 11-13; Atos 5:42; 20:20, 21)

Um artigo na revista *Despertai!* de 22 de maio de 1990, sobre “Cinco Falácias Comuns” utilizadas na argumentação, alista a primeira como “Atacar a Pessoa”. Nas páginas 12 e 13 diz que:

Este tipo de falácia tenta refutar ou desacreditar um argumento, ou uma declaração, perfeitamente válido, por meio dum ataque irrelevante contra a pessoa que o apresenta.

...Quão fácil é rotular alguém de “burro”, de “louco”, ou de “desinformado”, quando ele ou ela diz algo que não desejamos ouvir. Uma tática similar empregada é atacar a pessoa com uma dose sutil de insinuação...

Mas, ao passo que os ataques pessoais, sutis ou não tão sutis, podem intimidar e persuadir, eles jamais refutam o que foi dito. Assim, esteja alerta contra esta falácia!

Foi exatamente esta tática falaciosa que o redator da Torre de Vigia usou no trecho já citado do livro sobre *Revelação*. Quão fácil é, sem dúvida, rotular uma pessoa como crítica “da maneira que Jeová manda realizar sua obra”, que apela “para o espírito de não gastar a si mesma”, que não é “humilde”, preferindo “separar-se e folgar” quando esta pessoa apresenta evidência bíblica contrária às afirmações da Sociedade. É bem mais fácil fazer uso de rótulos e insinuações do que responder a argumentos bíblicos, que constituem a verdadeira questão.

Que este conceito desdenhoso é falso pode-se ver num outro exemplo, anterior, que foi discutido pelo Corpo Governante. Tinha que ver com os principais meios usados pela Sociedade para assegurar que as Testemunhas gastem regularmente uma parte de seu tempo na distribuição das publicações da organização de porta em porta.

Em 1971 estava sendo elaborado um manual da organização intitulado *Organização Para Pregar o Reino e Fazer Discípulos*. O projeto estava sob a direção de Karl Adams, então superintendente do Departamento de Redação da sede internacional. Era inegável que, nesse período, ele tinha posição próxima a de Fred Franz na sede mundial, sendo encarregado pelo presidente Knorr do conteúdo das publicações da organização. É verdade que, na prática, Fred Franz era a única fonte de “novas luzes” e, exceto nos raros casos de veto do presidente Knorr, ele era o árbitro final em assuntos bíblicos. Não obstante, no dia a dia e com relação ao grosso das coisas publicadas, Nathan Knorr *efetivamente apoiava-se mais em Karl Adams que em*

*Fred Franz.*⁵ Ele confiava muito no critério de Karl, e este era inegavelmente uma pessoa mais prática que o vice-presidente. As designações de Karl não vinham do Corpo Governante, mas diretamente do presidente Knorr. O próprio Knorr designava os que deviam redigir os artigos principais (chamados “artigos de estudo”) de *A Sentinela*. *Todas as outras designações de redação* para os homens do Departamento de Redação da sede mundial *vinham por meio de Karl, e geralmente partiam dele*, embora não fosse membro do Corpo Governante nem professasse ser “ungido”. No referido projeto, ele selecionou e designou Ed Dunlap e a mim (então membro do Corpo Governante) para trabalhar com ele na elaboração do manual da organização, cada um de nós devendo escrever cerca de um terço da matéria. Vale a pena observar que nós três éramos constantes em participar do “serviço de campo” e assistir às reuniões.

Quando o projeto estava quase concluído, Karl Adams fez uma carta ao presidente Knorr, pedindo orientação em pontos específicos. Embora tratasse do que nós três estávamos elaborando, a carta, de 18 de novembro de 1971, não foi obra conjunta de nós três. O texto era do próprio Karl Adams. Ele era o superintendente do Departamento de Redação, designado pelo presidente, e Ed Dunlap e eu éramos seus subordinados nesse departamento. Não estava, portanto, sob pressão alguma para tratar do que tratou ou para apresentar a informação do

⁵ A transcrição do julgamento da Escócia, citado no capítulo 2, mostra que Fred Franz testemunhou como segue, falando de como eram tomadas as decisões aprovando “avanços” no entendimento. À pergunta, “São estes avanços no entendimento, como o senhor os chama, submetidos ao voto dos diretores [membros da diretoria]?” ele respondeu: “Não”. Quando perguntaram, “Como se tornam eles pronunciamentos oficiais?”, ele replicou: “Passam pela comissão editora e eu dou o meu O.K., depois de uma análise bíblica. Passo-os então para o presidente Knorr e o presidente Knorr dá o O.K. final.” Perguntaram-lhe, “Não vai de maneira alguma perante a Diretoria?” e ele replicou “Não”. Isto, incidentalmente, mostra que era totalmente falsa a idéia de que a Diretoria funcionava na época como um “Corpo Governante” em qualquer sentido genuíno do termo. Na verdade, não havia nenhuma “comissão editora” estabelecida. Mas havia três pessoas, cujas assinaturas eram necessárias em toda matéria que fosse publicada: Nathan Knorr, Fred Franz e Karl Adams. Certos membros do Departamento de Redação poderiam assinar *se designados a ler a matéria por Karl Adams*, mas não faziam isso em base contínua.

modo que apresentou. Creio que Karl admitiria honestamente este fato. Observe, então, o que ele escreveu ao presidente Knorr sobre os efeitos que o uso da folhinha de relatório tem individualmente sobre as Testemunhas, conforme apresentada num trecho de sua carta com o tópico “Relatar Serviço de Campo”:

Atualmente relatamos livros, folhetos e revistas colocados, junto com as assinaturas obtidas. O resultado é que, com demasiada frequência, os publicadores [as Testemunhas individualmente] medem o seu “êxito” em termos de colocações. A literatura é um auxílio maravilhoso para ajudar as pessoas a aprender a verdade, mas os publicadores tendem muitas vezes a encarar a colocação como o “alvo” deles. Quando encontram alguém que já tem literatura, em vez de concentrar a atenção na obra vital de fazer discípulos, tendem a pensar em termos de que nova publicação eles tenham para poder colocar com a pessoa. [Por quê?] Eles sabem que a congregação vai fazer um registro do que colocam individualmente. Isto influencia o uso que fazem da literatura. Também, o fato de relatarmos o que colocam influencia a base sobre a qual os servos [anciãos] tendem a elogiar o trabalho feito pelos publicadores. Não há relatório do amor demonstrado aos outros irmãos, ou de como alguém desempenha as responsabilidades cristãs em seu lar, ou de como manifesta os frutos do espírito, de modo que a tendência é de enfatizar o valor destes números no cartão de registro de publicador além do que se devia.

Poucas Testemunhas discordariam das observações de Karl Adams, pois sabem que é verdade. Karl pedira observações a Ed Dunlap e a mim e nós comentamos especialmente os problemas bíblicos da norma dos relatórios. Alguns destes comentários se refletem no que Karl continuou escrevendo. Seria um erro, porém, presumir que o que ele escreveu não *refletia seu próprio pensamento* acerca do assunto. Os que o conhecem sabem que ele não é alguém que aceita facilmente opiniões de outros e as apresenta como dele mesmo, especialmente as de seus subordinados. Não apenas são de Karl Adams as palavras que seguem, como também são dele os *pensamentos* que expressam, pois em sua essência, foi o que ele discutiu conosco. Fiquei, de fato, surpreso pelo grau de franqueza manifesto na carta. Karl escreveu:

Reconhecidamente, todo o nosso arranjo de relatórios de serviço de campo vai além do que a Bíblia exige dos cristãos. Sendo assim, tudo que se fizer quanto a relatórios deve ser feito evitando o choque com as palavras do conselho de Jesus, a saber: “Tomai muito cuidado em não

praticardes a vossa justiça diante dos homens, a fim de serdes observados por eles.” (Mat. 6:1) Também, em 2 Coríntios 10:12 Paulo advertiu contra a pessoa exaltar-se por meio de comparações. (Veja também Gálatas 5:26.) No entanto, manter um registro de colocações tende a fazer os publicadores pensarem nesses termos. Com bem se sabe, os servos [superintendentes] de circuito têm desanimado servos [anciãos] congregacionais esforçados, por pressioná-los em questões ligadas a seus relatórios de serviço de campo, quando estes estão, na verdade, fazendo tudo para pastorear o rebanho — mas, essas horas, naturalmente, não aparecem no relatório. E, quando discursa para toda a congregação, o servo [superintendente] de circuito enfatiza mais a colocação de 12 revistas por publicador do que a existência de genuíno amor cristão na congregação.

Qual o efeito disto sobre a Testemunha individual? O memorando de Karl Adams afirma:

Este ponto de vista obscurece o apreço da pessoa pelo que a Bíblia realmente diz: Romanos 15:1 refere-se ao fato de que os que são fortes devem auxiliar os que não são fortes. O contexto trata da fé da pessoa. Mas os servos [anciãos] foram treinados para aplicar isto no sentido de ajudar os publicadores cujos relatórios de serviço de campo estejam fracos. E quando usam os textos que falam de “obras excelentes”, como o de Tito 2:14, estão mais propensos a pensar principalmente no que aparece no relatório de serviço de campo, mas a pregação pública da palavra é apenas uma pequena parte do quadro, como mostra o contexto. (Veja Tito 1:16; 2:5; 3:15.)

Com certeza, estes comentários ilustram graficamente que, contrário à revisão feita pelo Corpo Governante no comentário de Tiago, “normas humanas” *foram* estabelecidas, e são agora um fator de controle do que a Testemunha individual entende como “orientação da Palavra de Deus”. Estas exercem grande *pressão* sobre os membros da organização para que se sujeitem a tais normas humanas e busquem cumpri-las, mesmo à custa de obras claramente estabelecidas nas Escrituras. Embora esta carta do chefe do Departamento de Redação tenha sido escrita em 1971, as Testemunhas sabem que pouca coisa mudou; a situação nos anos 90 permanecia a mesma. A única coisa que talvez tenha mudado é que poucas pessoas hoje, provavelmente nem mesmo Karl Adams, ficariam à vontade para escrever de modo tão franco quanto ele.

A carta de Karl Adams foi trazida pelo presidente Knorr a uma reunião do Corpo Governante. Embora Karl tivesse especificamente sugerido que os membros reservassem tempo para ler e avaliar em particular seu conteúdo, os demais membros do Corpo Governante, com exceção de mim, não tinham visto a carta de antemão, e perderam assim a valiosa oportunidade de pensar em seu conteúdo ou examinar os textos citados e meditar neles. Estes pontos bíblicos, de fato, bem como o conhecido efeito prejudicial da norma dos relatórios entre as Testemunhas, recebeu pouca consideração na reunião e a decisão do Corpo foi de continuar com a prática tradicional da organização. Karl Adams não ficou surpreso. Ed Dunlap e eu, também não.

Os tópicos tratados na carta deste superintendente designado da organização, ocupando o posto sensível de chefe do Departamento de Redação, são declarações que não aparecem nas publicações da Torre de Vigia. As preocupações expressas de modo tão veemente em seu memorando não são sequer admitidas. Todavia, sua validade é inegável. Embora reconheça a veracidade das observações feitas, a maioria das Testemunhas teria receio de falar delas abertamente hoje. Fazê-lo seria expor-se a acusações de deslealdade, de falta de humildade e, portanto, de serem orgulhosas demais para empenhar-se nas atividades especificadas pela autoridade central. Como foi dito, duvido seriamente que o próprio Karl Adams (ainda um membro destacado do Departamento de Redação) se sentisse à vontade atualmente para expressar suas opiniões como fez antes, não por ter mudado de idéia quanto à validade de suas observações, mas por causa das desagradáveis consequências que provavelmente viriam.

É inquestionável que, de todas as “obras” a que se exortam as Testemunhas de Jeová, a principal é a atividade de casa em casa com a literatura da Sociedade. Nenhum outro serviço é tido como tão indicativo e tão determinante da lealdade e devoção de alguém a Deus. Quais são seus antecedentes?

Nos primeiros tempos

A evidência é de que fatores combinados de *produção em massa e distribuição em massa* de literatura tiveram grande papel em fazer desta atividade um aspecto destacado do programa de obras da organização. Durante a presidência do fundador do movimento,

Charles Taze Russell, a impressão de toda a literatura da Torre de Vigia era feita por gráficas de fora. Nas quatro primeiras décadas da história da organização, a distribuição de literatura era feita em grande parte por algumas pessoas que davam tratados gratuitos (geralmente em frente às igrejas, nos domingos) e por um número limitado de “colportores” que recebiam a literatura com desconto e a vendiam de porta em porta ou do modo que preferissem.

No início da presidência de J. F. (Juiz) Rutherford, a organização implantou suas próprias instalações gráficas. Daí em diante, a Sociedade Torre de Vigia deu ênfase crescente ao “serviço de campo”, isto é, ir de porta em porta oferecendo literatura ao público (não se faz distribuição por meio de livrarias, onde as pessoas procuram livros por iniciativa própria).

Em seu livro patrocinado pela Sociedade, *Faith on the March* (A Fé em Marcha), A. H. MacMillan, membro do pessoal da sede e ativamente associado com o movimento desde a virada do século, descreve a mudança de abordagem que se deu, dizendo:

Russell deixara muito a critério do indivíduo a questão de como devíamos cumprir nossas responsabilidades... Rutherford queria unificar a obra de pregação e, em vez de deixar cada indivíduo dar sua própria opinião e dizer o que ele mesmo tinha em mente, o próprio Rutherford gradualmente passou a ser o principal porta-voz da organização. Era deste modo que ele achava que a mensagem podia ser mais bem apresentada e sem contradições. Ao mesmo tempo começamos a perceber que cada um de nós tinha a responsabilidade de ir de casa em casa e pregar.

Mostraram-nos que era um arranjo mantido por um pacto. Tínhamos um dever para com Deus, bem como um privilégio e um dever de fazer com que nossos semelhantes fossem informados dos propósitos de Deus. O favor e a aprovação de Deus não seriam ganhos por meio do desenvolvimento do “caráter”. Em 1927 nos mostraram que o modo de cada pessoa servir era por ir de casa em casa. O domingo era especialmente destacado como o dia mais oportuno para se encontrar as pessoas em casa.⁶

O pensamento e a expressão individuais quanto a ‘cumprir nossas responsabilidades para com Deus’ passaram assim a ser depreciados e

⁶ *A Fé em Marcha* (em inglês), página 152.

ter conotação negativa, e a *sujeição à organização* foi enfatizada como meritória. O dever do indivíduo ‘para com Deus’ e ‘o modo de servir’ foi claramente delineado: “ir de porta em porta” com a literatura da Torre de Vigia. Os associados da Torre de Vigia (ainda não conhecidos como Testemunhas de Jeová, nome adotado em 1931) logo passaram a referir-se a esta atividade de porta em porta como “serviço”, pois esse era ‘o meio de servir a Deus’. O termo foi sempre entendido deste modo; se usado em outro sentido ele era especificado, como por exemplo, “serviço de Betel”. Mas “serviço” em si, naquela época, relacionava-se sempre ao trabalho de porta em porta, e nunca a outras atividades ligadas à adoração. Sob a direção da organização este se tornou, sem dúvida, o modo proeminente de servir a Deus. O adepto da Torre de Vigia que, numa manhã de domingo, passava uma hora ou mais nesta atividade de porta em porta voltava para casa com a sensação de ter cumprido seu dever, seu serviço a Deus — pelo menos por aquela semana.

Rutherford, antes de fazer parte do movimento dos “Estudantes da Bíblia” (Torre de Vigia), mostrara interesse na atividade política. O efeito destes antecedentes pode ser visto na terminologia que se desenvolveu. Já vimos que ele deu grande ênfase à “organização”, de modo que este termo veio a substituir o termo bíblico “congregação” quando se referia à comunidade mundial das Testemunhas, enquanto as congregações eram individualmente chamadas de “companhias”. Exemplos mais significativos, porém, podem ser vistos na criação de termos tais como “campanhas”, para referir-se a atividades especiais de “testemunho” em certos períodos designados. Nestas “campanhas” (em alguns casos chamadas “campanhas divisionais”) grande número de pessoas era exortado a participar e assim contribuir para o impacto da “publicidade” da mensagem anunciada. A folha mensal de instruções para o “serviço de campo” chamava-se “Boletim”. Os que participavam da atividade eram chamados “trabalhadores de classe” (depois “publicadores”) e “pioneiros” e designavam-lhes “territórios” para serem cobertos. Grupos de “publicadores” trabalhavam sob a direção de um “capitão” de serviço de campo.

Não há evidência de que o próprio Rutherford participasse neste trabalho de porta em porta. Com base em declarações de meu tio, Fred Franz, e de outros que trabalhavam na sede mundial durante a

presidência de Rutherford, parece que quando se indagava a esse respeito a resposta era que ‘suas responsabilidades como presidente não lhe permitiam participar nesta atividade’. Portanto, o máximo que ele podia dizer era: “Façam o que eu digo”, mas não “Façam o que eu faço.”

O livro *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês) mostra que em 1920 introduziu-se algo novo para ressaltar o foco que então se dava a este trabalho:

A acentuação da responsabilidade de pregar começou em 1920, quando se pediu a todos da congregação que participavam na obra de testemunho que entregassem um relatório semanal.⁷

Os intervalos de tempo para entregar relatório daí em diante variaram entre semanal, mensal e quinzenal, mas o destaque dado à atividade de pregação de porta em porta, uma vez iniciado, continuou a crescer. Junto com a ênfase à conformidade organizacional e à uniformidade de pensamento e ação, o destaque à atividade de porta em porta e à entrega de relatórios é um dos maiores legados da presidência de Rutherford, que permanece até o dia de hoje.

Abordagem do tipo empresarial

Com a morte de Rutherford e sua substituição por Nathan Knorr, iniciou-se uma nova era de expansão. Ao passo que a presidência de Rutherford teve uma coloração política, a presidência de Knorr refletiu sua abordagem de empresário. (Nathan disse uma vez a Ed Dunlap que se não tivesse seguido a carreira religiosa teria apreciado ser gerente de uma grande loja de departamentos (como a Wanamaker’s, de Nova York.). Ele expandiu e modernizou amplamente as instalações gráficas de Brooklyn e abriu muitos novos escritórios de filiais internacionalmente, expandindo as já existentes e estabelecendo modernas unidades impressoras em muitos dos maiores países do mundo. Sob sua direção, a Sociedade Torre de Vigia tornou-se uma das maiores organizações editoriais da face da terra. A impressão inicial de uma nova publicação em inglês chegava regularmente a um milhão de exemplares ou mais.

⁷ *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês), página 96.

Esta vasta capacidade impressora representava um “apetite” a ser saciado, e eu pessoalmente ouvi Nathan e outros do alto escalão dizerem: “Temos de manter estas prensas ocupadas”. Equipamento parado representava despesa. O meio de manter as gráficas ocupadas era passar adiante o que elas produziam e abrir espaço para publicar mais, geralmente com o “lançamento” de um ou mais livros novos por ano. O escoadouro principal desta corrente de publicações tem sido a atividade de porta em porta das Testemunhas. Junto com as “quotas” de horas que se tinha de cumprir se quisesse ser exemplar, criaram-se “quotas de revistas” para os “publicadores de congregação”, sendo cada um exortado a distribuir 12 exemplares por mês.⁸

A folhinha de relatório sempre foi um meio importante de manter esta atividade num alto nível. A idéia (muitas vezes expressa) de que estes relatórios são necessários para a organização saber como planejar sua atividade de impressão é uma ficção. Nenhuma gráfica da Sociedade depende destes relatórios, pois não se calcula a demanda pelo ‘relatório de campo’, mas pelos relatórios de inventário de seus próprios departamentos de expedição e pelos relatórios mensais de inventário recebidos das filiais.⁹

Depois de anotados no “Cartão de Registro de Publicador”, os relatórios individuais de “serviço de campo” são tabulados e compilados todo mês por cada congregação e enviados à sede da organização em Brooklyn ou, fora dos Estados Unidos, a um dos escritórios de filial.¹⁰ Cada filial envia a Brooklyn relatórios mensais que tratam principalmente desta atividade de publicação (horas de “serviço de campo”, movimento de literatura, relatórios financeiros relacionados). Estes são compilados num relatório mundial, que é

⁸ O uso destas “quotas” foi abolido, especialmente após a publicação do manual da organização já mencionado neste capítulo. Não obstante, há uma espécie de código não escrito que diz que se deve gastar pelo menos dez horas por mês no “serviço de campo”. Os anciãos e os servos ministeriais geralmente se sentem tranqüilos se estiverem com esta média de horas. Caso contrário, ficam muito preocupados quando se aproxima a visita do superintendente viajante.

⁹ A página 5 da carta de Karl Adams para Knorr deixa igualmente claro que estes relatórios de modo algum são necessários para avaliar ou determinar a distribuição de literatura.

¹⁰ De modo similar, requer-se dos rapazes que servem por dois anos como missionários mórmons que entreguem um relatório mensal de seus “Totais”.

estudado e analisado em busca de sinais de enfraquecimento. Nenhuma outra atividade espiritual ou aspecto da vida cristã é objeto de escrutínio comparável ou de preocupação tão constante. O relatório é tido como o principal barômetro da “saúde espiritual” dos membros. Os anciãos congregacionais sabem que números baixos em qualquer aspecto da atividade de “serviço de campo” da congregação serão inevitavelmente trazidos à sua atenção pelos representantes viajantes (superintendentes de circuito e de distrito), cabendo a eles mesmos a responsabilidade de cuidar para que o relatório melhore. O grau em que eles próprios participam nesta atividade muitas vezes determina se conservarão ou perderão o cargo de ancião. As filiais em todo o mundo recebem “visitas de zona” anuais dos membros do Corpo Governante e outros representantes, e estas visitas focalizam especialmente esta atividade de “serviço de campo” e o grau de êxito da Comissão de Filial em promovê-la.

Em vista de tudo isso, pode-se entender por que o memorando do chefe do Departamento de Redação, Karl Adams, ao presidente Knorr, e as preocupações nele expressas tinham fundamento. Poucas Testemunhas, porém, imaginam que os pontos abordados nesse memorando de 1971 foram depois muitas vezes mencionados por anciãos ativos e responsáveis, bem como por representantes viajantes preocupados, e que suas declarações foram trazidas várias vezes à atenção do Corpo Governante ao longo dos anos.

Sobrepõem conceitos da organização aos termos bíblicos

Seis anos após o Corpo Governante ter considerado a carta de Karl Adams, um ancião de Nova Jersey escreveu ao Corpo Governante. Tinha 40 anos de associação ativa, e durante 35 destes anos servira em cargos de responsabilidade congregacional, tais como “servo” ou “ancião”. Sua carta expressava a preocupação quanto à “posição forte, quase exigente, tomada com relação ao ministério externo de ‘serviço de campo’”. Quanto às razões da preocupação ele dizia:

É muito interessante que, em todas as epístolas escritas às primitivas congregações cristãs, não encontro nenhum trecho sobre “serviço de campo” dirigido às congregações. Nenhuma das passagens que tratam de “obras excelentes” enviadas às congregações dão alguma evidência de estarem relacionadas com a atividade de pregação congregacional. E mesmo os textos que são constantemente citados em

apoio não dão evidência de estarem relacionados com a atividade de pregação congregacional.

Como um exemplo: a publicação usada na Escola do Ministério do Reino [curso para anciãos], na página 44, fala sobre os anciãos tomarem a dianteira na evangelização. Em apoio cita-se 1 Pedro 5:2, 3. Mas embora o texto de fato encoraje os anciãos a serem exemplos para o rebanho, em parte alguma menciona a obra de pregação, nem mesmo por inferência. O “exemplo” a que se referem... aparentemente se relaciona com as coisas incluídas nos versículos, isto é, “pastorear”, ser “espontâneos”, fazê-lo “não por ganho desonesto”, e “não dominando sobre o rebanho”, etc. Prosseguindo, o texto faz referência à “sujeição”, e à “humildade mental”... o texto usado em apoio de modo algum trata deste assunto.

Seguindo esta linha de raciocínio, o livro cita Efésios 5:15, 16 e 1 Tessalonicenses 5:12, 13, para provar que os irmãos se beneficiam quando observam os anciãos “trabalhando arduamente” na pregação do Reino no campo. Mais uma vez, as palavras “trabalhando arduamente”, que aparecem no último texto, e “comprando o tempo oportuno” conforme aparecem no primeiro, não fazem nenhuma referência à pregação de campo externa. Em vez disso, o incentivo parece ser com relação ao serviço e exemplos internos da congregação.¹¹

A carta dele tratava do ensino bíblico em Primeira aos Coríntios, capítulo 12, onde há diversificação de dons espirituais e variedade de ministérios, *todos* apresentados como desejáveis e importantes. Este ancião externou então o que muitas Testemunhas refletivas sentem mas têm receio de expressar, dizendo:

Isto não quer dizer que a pregação do Reino seja errada ou desnecessária hoje. Mas em vista destes fatos, devemos fazer empenho tão evidente nesta direção — tornando isto a coisa principal diante dos irmãos, como temos feito? Devemos estar tão estruturados a ponto de colocar certos alvos para os irmãos e fazer todo tipo de arranjos para feriados e períodos de férias, e de jogar sobre eles, de outras maneiras, uma responsabilidade implícita não especificada nas Escrituras (sem falar no corpo de servos que deve fazer arranjos, encorajá-los e liderá-los neste aspecto)? Deveria ser nossa função constantemente pressionar nossos irmãos, sutil ou expressamente, em nosso esforço sincero de

¹¹ Carta enviada por Anthony Fuelo, datada apenas “janeiro de 1978”.

propagar a mensagem do Reino? Na realidade, isto é o que tem sido e está sendo feito.¹²

A carta chegou a uma das reuniões do Corpo Governante. O autor era um ancião antigo, fiel e ativo, que dera base bíblica para sua preocupação. A atitude demonstrada pelo Corpo Governante foi típica. Fizeram-se perguntas acerca do próprio homem, se algum dos membros do Corpo o conhecia (um ou dois deles o conheciam), qual era a reputação dele, e a carta foi devolvida ao Departamento de Redação para ser respondida. Não houve praticamente discussão nem da matéria da carta nem do principal, as razões bíblicas delineadas. Aquilo simplesmente não era o que a autoridade queria ouvir.

“Cargas pesadas” — por que são pesadas?

Ao ler tais cartas, vêm à mente as palavras de Jesus quando falou dos líderes religiosos de seus dias: “Amarram cargas pesadas e as põem nos ombros dos homens, mas eles mesmos não estão dispostos nem a movê-las com o dedo.”¹³ Recordo que uma vez achei difícil entender que Jesus descrevesse as tradições impostas pelos fariseus e outros como um “fardo” penoso. Muitas das tradições envolviam coisas simples como lavar as mãos, pratos e copos. Outras simplesmente exigiam *não* fazer certas coisas, como refrear-se, no sábadó, de determinadas atividades que as regras tradicionais dos líderes religiosos classificavam como “trabalho” ou labor.¹⁴ O que havia de tão penoso, então, em se lavar as mãos ou se refrear de certo trabalho?

Analisando a questão, porém, tornou-se claro que o fator realmente penoso era que *a justiça deles estava sendo julgada nesta base*. Não era meramente fazer ou não fazer que causava este peso tão opressivo. Era *ter de ajustar-se aos padrões de homens imperfeitos*, padrões que eram impostos pela autoridade eclesiástica.¹⁵ Era *estar constantemente*

¹² *Ibid.*

¹³ Mateus 23:4.

¹⁴ Confira Mateus 12:1, 2, 9-14; 15:1, 2; Marcos 7:1-5.

¹⁵ Os regulamentos sobre o Sábado vieram eventualmente a preencher dois volumes, abrangendo centenas de atividades. Embora nenhuma das regras individualmente possa ter sido extremamente difícil de obedecer, o *espesso* volume de regras também contribuiu para o peso do fardo.

conscientes de que não se sujeitar resultaria em sua devoção a Deus ser posta em dúvida, resultaria em serem vistos como fracos na fé e na justiça, como pessoas carnis, não espirituais. Se fossem conscienciosas, isto seria doloroso. Isto os estorvava e restringia no exercício de sua consciência. Ficavam presos a um arreio humano, com relação a servirem a Deus. Por se submeterem a isso, o serviço que devia alegrá-los tornou-se uma carga enfadonha presa em seus ombros, carga da qual jamais pareciam ter alívio. Que contraste, então, com o convite feito pelo Filho de Deus:

Vinde a mim, todos vós que estais cansados sob o peso do fardo, e eu vos darei descanso. Tomai sob vós o meu jugo e sede discípulos meus, porque eu sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas. Sim, o meu jugo é fácil de carregar e o meu fardo é leve. — Mateus 11:29, 30, *Tradução Ecumênica*.

Qualquer um que aplique estes princípios bíblicos à situação existente entre as Testemunhas de Jeová acabaria sendo julgado pela organização como querendo esquivar-se da obrigação de participar da “pregação do Reino”, sendo acusado até de “apostasia”. No entanto, de modo paralelo, não é que a atividade de ir de porta em porta seja em si uma ação tão pesada (de qualquer modo, a maioria das Testemunhas faz isso de modo bem rotineiro). Tampouco é o simples ato de preencher uma folhinha de relatório mais difícil do que lavar as mãos antes de comer. O fardo está no *significado* que a organização atribui a estas coisas, *o modo como são utilizadas como indicadores da sinceridade da devoção a Deus*. E o testemunho dos próprios representantes da organização demonstram que os princípios bíblicos certamente se aplicam.

Declarações de anciãos conceituados e ativos

Em 10 de fevereiro de 1978, a Comissão do Departamento de Serviço enviou cartas a vários anciãos respeitados em diferentes partes dos Estados Unidos. Pediam que comentassem certos assuntos, inclusive os efeitos dos arranjos existentes de serviço de campo. Alguns destes tinham sido representantes viajantes (superintendentes de circuito e distrito) da organização, mas eram agora chefes de família, e havia interesse em saber como encaravam as coisas na sua nova posição. Em muitos casos, seus comentários foram do tipo que a maioria das Testemunhas de Jeová só expressaria para amigos de confiança, para

não serem rotulados como “não-espirituais” e “desleais”. Tenho plena certeza de que se estes homens não tivessem sido especificamente convidados a expressar seus pontos de vista pelo Departamento de Serviço, eles teriam hesitado bastante em fazê-lo.

Um ancião dum estado do nordeste dos EUA, que fora membro do pessoal da sede, em resposta às perguntas do Departamento de Serviço, incluiu estas declarações acerca do uso da “folhinha de relatório”:

Muitos irmãos de fato se ressentem do requisito de relatar as horas, que se transforma, dum ato muito pessoal de adoração, numa entediante rotina organizacional. Se alguns participam na atividade de porta em porta ou outras atividades meramente para relatar horas, então este relatório provavelmente não vale o papel em que é escrito. Se o publicador participa no serviço devido a seu amor a Jeová e às “ovelhas”, e devido à alegria que sente neste ato pessoal de adoração, ele então certamente continuará a praticá-lo sem a “pressão do relatório”.

Se estamos apoiando certo número de “publicadores” devido à “pressão” do relatório, que valor então tem o relatório? Se abandonarmos a prática de relatar horas e constatarmos que muitos largaram o serviço de campo, devemos nos perguntar primeiramente quão sincero e útil era o serviço deles neste respeito.¹⁶

De um estado do sul veio a resposta de outro ancião. Este, quando jovem, fora pioneiro durante todas as férias do colegial. Entrara no “Serviço de Betel” após se formar (aos 16 anos), e ao deixar este, logo entrou no “serviço de pioneiro”, depois no “serviço de pioneiro especial”, tornou-se superintendente de circuito, depois superintendente de distrito, e na ocasião em que escreveu estava no trabalho de “circuito substituto” para a organização. Conforme diz: “Por todos os padrões eu era considerado um ‘homem do campo’. Para mim, o campo é mais fácil que arregaçar as mangas e lidar com os muitos problemas exaustivos que temos”. Agora, já pai de dois filhos, ele escreveu:

Grande número de publicadores [Testemunhas] que conheço dizem que se sentem constantemente culpados por não fazerem mais na

¹⁶ O autor da carta, Worth Thornton, fora secretário no escritório do presidente e é cunhado de Harley Miller, que por sua vez é atualmente membro da Comissão do Departamento de Serviço.

atividade de campo. Muitos bons cristãos que provavelmente fazem de modo realista tudo o que podem, vivem com abjeta culpa. Achrom pouca alegria em suas vidas. O serviço tornou-se tão complexo, tão altamente estruturado e organizado que muitos acham que não estão servindo a Deus a menos que vão à reunião para o serviço de campo, batam às portas com um sermão (sim, sermão) e coloquem literatura. Seu êxito ainda é medido em números devido ao sistema de relatórios, apesar de todos os esforços contrários...

Com a impressão mental de que o serviço tem de ser altamente estruturado, esquece-se a modalidade natural e gratificante de serviço, o testemunho informal na vida diária da pessoa e/ou as visitas às pessoas que se conhece. Apenas falar sobre o Reino não é, de certo modo, visto como serviço real, verdadeiro por nossos irmãos em geral. Não se valoriza a simplicidade...

Cada vez mais publicadores questionam a razão da existência do cartão de registro de publicador, e, nos últimos anos, acho cada vez mais difícil justificá-lo biblicamente. Deve-se admitir que isto resultou numa série de problemas firmemente arraigados... Em grande parte, o padrão de medir o cristianismo por horas/colocações é ainda estabelecido por superintendentes viajantes que são quase que exclusivamente orientados para o serviço de campo.

Podemos fazer os publicadores ir ao campo por meio de apertos de mão, um pouco de pressão, um pouco de indução ou apelo aos sentimentos de culpa, e todavia a dura experiência nos mostra que isto não os torna espiritualmente fortes...

Igualmente revelador é este trecho da reação de um ancião de Saint Paul, Minnesota, que escreveu:

Outro problema que existe, mas do qual não se fala abertamente é o conceito que os irmãos, em geral, têm dos superintendentes viajantes e dos de Betel [a sede internacional]. Como servi no trabalho de circuito por vários anos e agora sirvo como ancião numa congregação, vi ambos os lados. Mas há sentimentos muito fortes de que os superintendentes viajantes e os irmãos de Betel, incluindo o Corpo Governante, “não entendem os problemas da pessoa comum da organização”. Acha-se que estes irmãos vivem “protegidos” e que as decisões são tomadas por homens que não estão realmente a par dos problemas. Existe a forte impressão de que estes irmãos “têm tudo nas mãos”, “não trabalham para ganhar a vida”, “não sabem do que se passa”, etc. A luta para se manter é um tremendo fardo sobre os

irmãos, e aquilo que recebem como conselho não é visto como espiritualmente estimulante, mas como o conselho vindo de uma organização de homens sentados em Betel, que não são realistas e não avaliam as pressões da vida diária por não sentirem tais pressões. Mais uma vez, não se fala abertamente deste tipo de coisa, mas ela existe...

Um memorando de 29 de dezembro de 1976, enviado à Comissão de Serviço do Corpo Governante por Robert Wallen, secretário dessa comissão e dos Escritórios Executivos, ilustra a validade da citação anterior, além de levar a questão um pouco mais longe. Robert Wallen escreve:

Muitos de nós, inclusive eu mesmo, já que tenho o privilégio de estar ligado a alguns assuntos de serviço aqui em Betel, que dizem a outros o que fazer, como gastar tempo no campo, ir de casa em casa, em revisitas e estudos bíblicos, verificamos que não conseguimos fazer aquilo que pedimos que nossos irmãos façam. Podemos desculpar a nós mesmos por causa de nossas designações em Betel. Mas se vamos julgar outros à base de um cartão que mostra quanto tempo eles gastam no campo, temos de estar dispostos a ser julgados pelo mesmo cartão, pelo mesmo padrão. Pergunto-me se temos receio de que, se não julgarmos desta forma na questão das horas, absolutamente nenhum serviço de campo será feito, porque precisamos de “alvos” como incentivo para fazer as pessoas pregarem... Jesus disse que a “verdade vos libertará”. Ele disse que seu jugo era benévolo e sua carga leve. Seu apóstolo Paulo advertiu-nos em duas ocasiões quanto a compararmo-nos uns aos outros — que é o que este padrão estabelecido faz — e mostra que o melhor caminho é o caminho do amor. — 2 Cor. 10:12; Gal. 6:4.

...creio sinceramente que se deva dar alguma consideração às consciências dos muitos que se preocupam por não conseguirem fazer aquilo que se pede deles e ainda cumprir todas as outras obrigações que o cristão tem.

Dessa forma, ele trata das mesmas áreas que envolvem o estabelecimento de normas humanas que “devem ser cumpridas” e o

livre exercício da consciência individual, cuja referência o Corpo Governante achou melhor eliminar do comentário de Tiago.¹⁷

Outro pedido de informações foi enviado, este pela Comissão de Redação do Corpo Governante. Em resposta, os membros da Comissão de Filial da África do Sul, após terem comentado primeiro que “poucas pessoas do público lêem realmente nossas revistas” quando distribuídas de porta em porta, fez esta declaração adicional quanto à real motivação por trás do “serviço de campo” das Testemunhas de Jeová:

Não seria uma idéia acabar totalmente com os relatórios de serviço de campo e exortar os publicadores a procurar as ovelhas, a tentar diariamente partilhar as boas novas por meio de uma revista ou de uma revisita, ou de um telefonema para alguém? Não estão agora muitos publicadores servindo devido ao senso de obrigação, por acharem que têm de entregar um relatório de serviço de campo, em vez de por amor a Jeová e às pessoas do território?¹⁸

Exceto pelo memorando de Robert Wallen, todas estas declarações citadas vieram em resultado de indagações partidas da organização; nenhuma veio sem ser pedida. Em cada caso, as declarações desses homens foram pedidas e escritas devido à sua longa experiência e reconhecida lealdade. Suas opiniões foram pedidas numa época — de 1976 a 1978 — em que houve um breve período de boa vontade em ouvir observações francas de outros. Esta receptividade devia-se em grande parte à importante mudança na administração de 1975/76, e um período temporário de grande abertura. Depois dessa época, tais cartas não foram incentivadas. E mesmo as que vieram, receberam apenas atenção mínima de todo o Corpo Governante.

¹⁷ Creio que a seriedade de tudo isto reside no fato de que, pelo menos durante os anos que passei ali, vários membros do Corpo Governante apenas raramente participavam no serviço de campo. A maioria deles não assistia aos estudos de livro nas noites de terça-feira e não participava nas atividades de serviço dos grupos destes locais. Isto se aplicava a Nathan Knorr, Fred Franz, Grant Suiter, Milton Henschel e outros. Creio que Robert Wallen, como eu, tinha conhecimento disto, bem como muitos da sede.

¹⁸ Esta carta, datada de 3 de novembro de 1978, foi assinada por Jack Jones, J. R. Kikot, e C. F. Muller, todos membros da Comissão de Filial da África do Sul.

Deve-se perguntar: Indicam as declarações nas cartas destes homens conceituados que as palavras de Jesus — sobre pessoas acharem no revigorante serviço dele alívio e descanso do trabalho cansativo — estavam se cumprindo na organização? Ou refletem o peso da carga enfadonha imposta por homens, homens que não mostram interesse em aliviar o fardo, e que de fato nem “movem o dedo” para fazê-lo? (Mateus 23:4) Certamente não é difícil entender por que a maioria do Corpo Governante foi a favor de reescrever parte do *Comentário à Carta de Tiago* e de eliminar qualquer referência desfavorável à “pressão” ou a normas humanas que se “deve seguir”.

Estabelecem “obras da lei”

Quando o apóstolo Paulo escreveu que a salvação não depende de obras, foi, de modo geral, no contexto da lei e “obras da lei”.¹⁹ Altera isto o quadro já exposto? Não, pela razão de que, para as Testemunhas de Jeová, as obras que constantemente lhes exortam a cumprir são, para todos os efeitos, obras prescritas por lei — lei humana, organizacional, mas assim mesmo lei. O termo grego para “lei” (*nómos*) usado no texto aplica-se não só a leis escritas em sentido legal, mas “bem amplamente a qualquer norma, regra, costume, uso ou tradição”.²⁰ De modo similar, define-se “lei” como “costume ou prática obrigatória de uma comunidade: norma de conduta ou ação prescrita ou formalmente reconhecida como obrigatória ou imposta por uma autoridade controladora.”²¹ A natureza obrigatória das obras prescritas pela autoridade controladora da organização Torre de Vigia — não só quanto ao “serviço de campo” (a ser prestado do modo “formalmente reconhecido”) mas também à assistência regular às cinco reuniões semanais — é evidente. Estas podem não ser formalmente *declaradas* como “leis”, mas são “formalmente *reconhecidas*” como obrigatórias para todos os membros. Fazem a Testemunha sentir-se culpada diante de Deus se não aderir ao programa de atividades prescrito pela organização. Isto, junto com a pressão do grupo, fornece à “autoridade controladora” o meio para “impor” o cumprimento destas obras.

¹⁹ Romanos 3:20; Gálatas 2:16; 3:2, 5, 10.

²⁰ Veja *The Theological Dictionary of the New Testament*, sob “*nómos*”.

²¹ *Webster's Ninth New Collegiate Dictionary*, sob “lei”.

Vimos a origem da atividade de porta em porta das Testemunhas e que, com o tempo, esta passou a ser apresentada como regra essencial para todas as Testemunhas “fiéis”, “leais”, um dever divinamente imposto. Seu cumprimento era descrito como necessário para obter o favor e a aprovação de Deus; não fazê-lo resultaria em “culpa de sangue” (o texto de Ezequiel 3:18, 19, é muito usado em apoio a este conceito). Inegavelmente, é deste modo que a vasta maioria das Testemunhas vê a questão até hoje. Igual ao antigo padrão da nação de Israel sob o código da Lei, um programa estruturado de atividades semanais de “serviço” começou a ser estabelecido para que elas o cumpram, e elas passaram a sentir que a regularidade no cumprimento era a evidência de sua condição justa diante de Deus. (Confira Lucas 18:11, 12.) Em tempos mais recentes, os pontos de vista incrivelmente dogmáticos apresentados na época de Rutherford raramente foram afirmados de modo tão imprudente, em termos tão crassos. Todavia, a *mesma idéia básica* é regularmente expressa de maneira mais sutil, sofisticada. O resultado final — impor sensação de culpa aos que não acatam todos os arranjos da organização — é assim atingido.

A ênfase na atividade de porta em porta logo transformou esta obra numa norma primária para determinar se um varão se qualificava para ser ancião. O livro *A Fé em Marcha*, página 158, fala sobre os que eram anciãos congregacionais durante os anos 20 e início dos 30:

Aqueles que se recusaram a engolir seu orgulho e seguir o exemplo de Jesus e seus discípulos no ministério de porta em porta logo se acharam totalmente fora da organização. Logo descobriram que todos os demais das respectivas congregações estavam participando na obra de testemunho que os desenvolvia mentalmente e ainda os conduzia à maturidade. Estes que eram ativos tornaram-se verdadeiros “anciãos” em razão de sua lealdade e zelo no serviço do Senhor. Eles não eram eleitos para o cargo de “ancião”; mas tornavam-se anciãos por sua própria atividade de serviço; eram então designados para posições de responsabilidade por terem mostrado as qualificações apropriadas.

Ao estabelecer qualificações para os homens que serviam na superintendência da congregação, o apóstolo Paulo nada disse sobre testemunho de porta em porta. (1 Timóteo 3:1-7; Tito 1:5-9) Mas esta se tornou então a principal regra para julgar as qualificações de todos os varões Testemunhas que servissem nesse cargo, para determinar se seriam designados pela organização. Na prática, tornou-se uma lei

“imposta pela autoridade controladora”, a lei que rege as designações congregacionais, em vigor até hoje. É fato conhecido que quando os anciãos da congregação são avisados da visita do representante da Sociedade (superintendente de circuito ou de distrito), quase todos eles imediatamente voltam o pensamento para seus “relatórios de serviço de campo” pessoais, quanto a se serão aprovados. Raramente pensam nas qualidades espirituais que o apóstolo estabelece nas Escrituras para os que pastoreiam o rebanho.

Estes homens sabem que as Escrituras exortam a mostrar interesse pelos doentes, necessitados, viúvas, órfãos, os que estão deprimidos ou espiritualmente fracos.²² Sentem, porém, que não dispõem de muito tempo para prestar tais serviços. Embora talvez se sintam impelidos a visitar tais pessoas, a organização exige que devam seu tempo disponível a atividades organizacionais, especialmente o serviço de campo. Não há espaço na folhinha do “Relatório de Serviço de Campo” para anotar as horas gastas nas visitas que a Bíblia recomenda aos enfermos e necessitados, pelo menos não se estes forem Testemunhas batizadas. Ironicamente, um ancião pode inclinar-se mais a visitar tal pessoa se ela *não* for batizada do que se for batizada, já que pode então contar o tempo gasto com ela. Chega-se a dizer aos anciãos que, se o tempo gasto aconselhando ou edificando alguém interferir no apoio ao “serviço de campo”, eles devem pedir que a pessoa os acompanhe no “serviço de campo” e conversar com ela enquanto vão de porta em porta. O bom senso mostra que tal arranjo não é prático, mas isto só demonstra a importância dominante que se dá ao “serviço de campo” e como todos os outros interesses devem sujeitar-se a este.²³

Um dos anciãos cujo parecer foi solicitado pelo Departamento de Serviço falou da presença em sua congregação de um superintendente de distrito, dois superintendentes de circuito e suas esposas, numa época de congresso. Para parte do período da estada deles, o ancião tinha programado algumas visitas a Testemunhas que precisavam de ajuda: “Um jovem que espancava a esposa, afligido pela consciência; várias famílias com filhos envolvidos com maconha; uma irmã idosa,

²² 1 Tessalonicenses 5:14; Tiago 1:26, 27; 2:14-16; 1 João 3:17, 18.

²³ O superintendente de circuito Wayne Cloutier, citado no Capítulo 7, menciona esta prática em sua carta, comentando sobre sua ineficácia. Sua declaração é uma dentre muitas feitas por anciãos experientes.

debilitada, cujo marido acabara de morrer, receosa do futuro; uma irmã cujo bebê morrera em casa durante um processo de parto natural, doméstico, que ela achava que a Sociedade defendia; uma irmã idosa que se sentia culpada por sua atividade de campo não mais ser como antes; e assim por diante. Ele relata que o superintendente de distrito disse que ele e os outros não podiam ir com os anciãos nestas visitas, mas queria gastar tempo trabalhando com folhinhas de expiração (para pessoas do público cujas assinaturas de revista tinham expirado) durante o resto da semana. Como disse o ancião: “Era só uma questão de manter os viajantes atarefados, ocupados, sem realizar absolutamente nada senão contar as horas gastas no campo.”

Assim, as normas tradicionais se sobrepõem às Escrituras, e até as anulam. (Confira Mateus 15:3-6) O resultado é que estes homens, designados pastores do rebanho, muitas vezes se sentem tolhidos e restringidos quanto ao que poderiam normal e conscienciosamente fazer em benefício das ovelhas. Não há dúvida de que o “serviço de campo” para eles é uma “lei”. A Palavra de Deus, ao contrário, nos diz que não há lei contra expressões de amor, benignidade e bondade motivadas pelo espírito. (Gálatas 5:22, 23) As diretrizes da organização, que têm força de “lei”, muitas vezes sufocam tais expressões e anulam, deste modo, o conselho da Palavra de Deus.

Com certeza, nada há nas Escrituras que seja contrário à atividade religiosa de casa em casa em si, (embora, como mostraremos num capítulo posterior, nada há igualmente nas Escrituras que a favoreça). O erro está na pressão coatora envolvida, no esforço de impor sentimentos de culpa aos que não participam dela, como se por não participarem eles fossem infiéis a Deus, desleais a seu Filho, faltos de zelo e devoção à justiça, sendo até descritos como orgulhosos e auto-indulgentes. Do ponto de vista cristão tais táticas são indesculpáveis.

Como outro exemplo de que a organização converte o serviço cristão numa “obra da lei”, A *Sentinela* de 1º de agosto de 1990, nas páginas 29 e 30, aprova esta citação que se acha num número antigo da mesma revista:

Alguns podem se inclinar a considerar o ministério de tempo integral como a exceção. Mas nisto se enganam, pois, em virtude de seu voto de dedicação, cada ministro cristão está obrigado a servir por

tempo integral, a menos que circunstâncias sobre as quais ele não tenha controle tornem isso impossível.²⁴

Como mostra o contexto do artigo e toda Testemunha sabe, servir por “tempo integral” significa ser “pioneiro,” trabalhar como representante viajante da organização ou trabalhar numa de suas instituições. Qualquer outra coisa que alguém ache que é serviço de tempo integral a Deus, simplesmente não se classifica na definição “formalmente reconhecida” pela “autoridade controladora”. As Escrituras nos exortam a servir a Deus de todo coração, mente e força, mas não são taxativas, nem nos obrigam prescrevendo exatamente onde, quando e como faremos isso. São os homens que buscam, consciente ou subconscientemente, ser feitores espirituais dos outros que o fazem. Em parte alguma das Escrituras, Cristo ou seus apóstolos alguma vez sugeriram que, ‘a menos que circunstâncias sobre as quais ele não tenha controle tornem isso impossível’, todos estão “obrigados” a servir dos modos prescritos pela organização. A própria linguagem utilizada pela organização prova que a coisa tornou-se, de fato, uma questão de lei, uma lei de invenção humana.

Numa reunião do Corpo Governante em que surgiu a questão de dar mais ênfase ao serviço de “pioneiro”, Lloyd Barry mostrou-se preocupado com a atitude de Testemunhas jovens dos Estados Unidos. Destacou que no Japão (onde fora por alguns anos superintendente da filial) a maioria dos jovens Testemunhas tornavam-se pioneiros tão logo concluíam o colégio, e acrescentou: “No Japão, é o que se tem de fazer!”. Quando o presidente pediu comentários, expressei a esperança de que esses jovens realmente não se tornassem pioneiros por esta razão, mas que o fizessem por amor a Deus e pelo desejo de ajudar outros, não porque “é o que se tem de fazer”. Missionários que serviram no Japão admitem que a forte pressão do grupo está ligada ao grau incomumente alto do serviço de pioneiro realizado ali. Após ouvir várias declarações veementes sobre insistir no trabalho de pioneiro, inclusive ser “pioneiro de férias” como virtual obrigação quando as circunstâncias da pessoa permitissem, novamente ergui a mão e disse que achava que se era mesmo assim, nós membros do Corpo

²⁴ Esta declaração encontra-se originalmente em *A Sentinela* (em inglês) de 1º de março de 1955, pág. 138. Corresponde à de 1º de junho de 1955, pág 98 em português. O trecho fotocopiado desta última pode ser visto no Apêndice.

Governante devíamos então ser os primeiros a dar o exemplo. Perguntei: “Quantos de nós têm usado seu período de férias para ser ‘pioneiros de férias’? Nós *podíamos* fazê-lo, mas fazemos? E não vamos alegar a idade como motivo para não fazê-lo, visto que nossas publicações mostram regularmente os bons exemplos de pessoas idosas que estão no serviço de pioneiro. Se nós mesmos não fazemos isto, por que então devemos pressionar outras pessoas a fazê-lo”? A declaração causou alguns olhares fixos, mas nenhum comentário e o debate prosseguiu.

Transformar certas obras em virtuais obras da lei pode aparentar grande devoção a Deus e zelo pelos interesses de seu Reino, tal como no tempo dos fariseus. Mas a ênfase a tais obras da lei amiúde revela, na verdade, preguiça moral e espiritual. Edificar pessoas na fé e no amor, de modo que as obras fluam dos corações receptivos, requer muito mais reflexão e esforço, exige muito mais do coração e da mente, pede mais que se dê um exemplo pessoal equilibrado e razoável, do que fazer pessoas se sentirem obrigadas ou criar nelas um complexo de culpa. Este último método é legalista e mundano, não é cristão. A conformidade exterior não é indicador seguro da sinceridade da motivação de coração das pessoas. Pressioná-las para que se amoldem, programar sua vida e seu tempo, canalizar seus pensamentos e esforços para atividades destinadas a promover alvos organizacionais pré-determinados — tudo isto só serve para obstruir e desvirtuar a espontaneidade do serviço. Essa espontaneidade é o resultado natural da fé e do amor, e a liberdade cristã é necessária para que esta se expresse plenamente.

Mais uma vez, o memorando de Robert Wallen ilustra estes princípios. Na página 3, ele escreve:

Quando olhamos a norma que se estabeleceu, que em grande parte é o cartão de registro de publicador, com o tempo gasto no serviço de campo — para o qual é difícil encontrar precedente bíblico — onde encontramos a verdadeira medida da devoção da pessoa? Será que isto nos diz que espécie de pessoa é aquela? Como ela é em casa, com a família? Que tipo de ajuda dá aos outros? Como se conduz no emprego? Quanto tempo gasta no pastoreio? Faz coisas boas para os outros? Anda corretamente, cuida dos enfermos, lida com situações de emergência em sua vida, e nas vidas de outros da congregação, com amor e cuidado por eles? Em resumo, fornece realmente o cartão a

verdadeira medida da pessoa, a medida pela qual julgamos a capacidade, mas, o que é mais importante, a espiritualidade da pessoa?

Fiz citações de vários homens respeitados e suas expressões de preocupação. Alguns escreveram em resposta a um pedido específico de comentários feito pela organização. Há muitos, muitos outros que teriam escrito o mesmo se tivessem a oportunidade. Acho significativo que, quer solicitados quer não, em todos os casos, suas cartas não foram vistas como algo que merecesse mais que uma brevíssima consideração pelo Corpo Governante — e isto inclui a carta de Wallen, secretário da Comissão de Serviço. Declarações desta espécie simplesmente não eram o que a maioria dos homens do Corpo queria ouvir. Não se ajustavam aos alvos estabelecidos da organização e teriam exigido uma notável mudança no modo tradicional de ela lidar com seus membros. Após mais de três décadas, desde que estes homens expressaram suas preocupações, muitas vezes fornecendo razões bíblicas, nada mudou. Nenhum dedo se moveu.

7

De Casa em Casa

Preguei e vos instruí publicamente e dentro de vossas casas.
— Atos 20:20, Centro Bíblico Católico.

PROVAVELMENTE NENHUM outro aspecto da atividade das Testemunhas de Jeová distingue-as tanto como suas visitas de porta em porta. Pessoas em todo o mundo estão habituadas a vê-las bater às suas portas com literatura bíblica e revistas, em algumas áreas com intervalo de poucas semanas. Embora seja verdade que existam outras religiões que são ativas na evangelização e que manifestam espírito missionário, não existe nenhuma na qual ir de porta em porta seja visto, não simplesmente como um meio de divulgar uma mensagem, mas como a própria evidência do genuíno cristianismo da pessoa.

Caso se pergunte à sede da organização da Sociedade Torre de Vigia se todo membro (sendo fisicamente capaz) tem de dar testemunho de casa em casa para ser uma verdadeira Testemunha, e, de fato, um verdadeiro cristão, a resposta provável seria que este requisito não é absoluto. (Na realidade, seria extremamente difícil obter uma resposta clara e direta a tal pergunta; a sede da organização é muito reticente quando se manifesta por escrito acerca de assuntos delicados e, mesmo quando dadas, as respostas são muitas vezes redigidas em termos ambíguos, ou com raciocínios evasivos e vagos).

Já vimos, contudo, que homens de responsabilidade na organização reconhecem que existe sério motivo para questionar se, de fato, toda a comunidade das Testemunhas se empenha nesta atividade em resultado do desejo sincero de fazê-lo, como algo livremente motivado e sem nenhum sentimento de compulsão.

Então por que é feita? A evidência é que isso se tornou, para todos os efeitos, uma virtual regra de lei, de tal forma que deixar de cumpri-

la provoca sentimentos de culpa, muito semelhantes aos que teria o católico praticante que deixa de assistir regularmente à missa. Uma veterana Testemunha da sede mundial, A. H. MacMillan, declarou que o trabalho de porta em porta passou a ser visto como “um arranjo mantido por um pacto”, “um dever para com Deus”.¹ Embora afirme crer no ensino apostólico de que somos salvos pela fé e não por obras, encontramos freqüentemente declarações indicando o contrário nas publicações da Torre de Vigia. Como exemplo, *A Sentinela* de 1º de março de 1980, página 14, parágrafo 4, declara:

É pela nossa perseverança na proclamação destas “boas novas do reino” que podemos obter a salvação.

Para as Testemunhas, “proclamar ‘estas boas novas’” significa uma coisa apenas: serviço de campo, ir de porta em porta com a literatura da organização.

Não se duvida de que a maioria das Testemunhas de Jeová aceitou o ensino de que este método específico de testemunho de porta em porta é ordenado por Deus, que foi o método usado por Cristo e seus apóstolos e discípulos, e que é o modo melhor e mais eficaz de cumprir a pregação mundial das boas novas no nosso tempo. O fervor com que este ponto de vista foi aceito por muitos é claramente ilustrado no número de 1º de maio de 1966 de *A Sentinela*, que fala da atividade das Testemunhas de Jeová na China Comunista.

Um artigo conta as experiências de Stanley Jones, missionário naquele país. Ele relata que depois que os comunistas tomaram Xangai, onde se centralizava a atividade das Testemunhas, estas, de início, tiveram liberdade para prosseguir na sua obra. Cerca de doze meses depois, em 1951, as autoridades chinesas lhes disseram que podiam pregar nos seus Salões do Reino e dirigir estudos bíblicos nas casas das pessoas, mas o trabalho de casa em casa não seria permitido. Os missionários da Torre de Vigia que não eram chineses, incluindo Jones, pararam a atividade. As Testemunhas chinesas, porém, continuaram a ir de porta em porta, e Stanley Jones diz que ele e os outros missionários estrangeiros “ficaram muito contentes” de ver isto.

¹ Veja o comentário de MacMillan no capítulo anterior.

Embora as autoridades chinesas tolerassem isto por algum tempo, começaram depois a trazer para a delegacia as Testemunhas chinesas encontradas indo de porta em porta, apesar do decreto. Três mulheres Testemunhas chegaram a ser detidas por quatro dias. Jones diz que os missionários estavam ansiosos para saber como as Testemunhas chinesas reagiriam a isso e que se deleitaram ao ver que “estavam determinadas a prosseguir pregando da mesma maneira”. Ele diz que os missionários as aconselharam a ter cuidado para evitar problemas, se possível. Embora eles mesmos evitassem fazê-la e aparentemente se sentissem justificados por isso, os missionários eram obviamente a favor de que os adeptos chineses continuassem na atividade de porta em porta, apesar da proibição oficial e dos sérios riscos envolvidos. Quais foram as conseqüências? Stanley Jones relata (página 277):

Então, a irmã Nancy Yuen foi conduzida da obra de casa em casa para a delegacia e presa. Tinha quatro filhos, um deles de um ano apenas. Procurei um advogado para nos ajudar, e ele disse: “Nada podemos fazer. Se o assunto estiver nas mãos da polícia, não podemos interferir.”... Então, aquela irmã ficou presa por *quatro anos* antes de ser por fim julgada e sentenciada. Qual foi exatamente a sentença dela, não sei. Outra irmã, professora, igualmente mãe de quatro filhos, foi também presa.

Com sinais claros de perigo crescente, o que levaria mães de crianças pequenas a arriscar a perspectiva terrível de serem afastadas por um período indefinido dessas crianças, *incluindo um bebê de um ano de idade*? Elas sabiam que os missionários tinham parado a atividade, e, todavia continuavam. Por quê? Será que elas e as outras Testemunhas chinesas viam a atividade de porta em porta como algo inteiramente opcional, apenas *um de muitos meios aceitáveis* de transmitir informação bíblica a outras pessoas? Ou a viam como o **modo** de proclamar as boas novas, o modo ordenado por Deus, o qual elas tinham obrigação de cumprir? Se é assim, por que pensavam desse modo? O que ou quem as levou a adotar esse ponto de vista?

Quatorze anos depois do artigo sobre Stanley Jones, *A Sentinela* de 1º de março de 1980 trazia um artigo com um relato pessoal de Nancy Yuen, agora liberta da prisão. Este artigo abria caminho para um artigo maior na mesma edição sobre a importância do testemunho de casa em

casa (escrito por Lloyd Barry, membro do Corpo Governante). Nancy Yuen conta o que lhe aconteceu e por que (páginas 4 e 5):

No início de 1956... Começaram a avisar-nos para pararmos nossa pregação e limitarmos nossa atividade ao Salão do Reino. Contudo, eu sentia que tinha de levar a cabo a comissão de pregar, dada por Deus, assim continuei a empenhar-me no trabalho de casa em casa.

Fui várias vezes detida e retida para interrogatório, as detenções duravam às vezes cinco horas e outras vezes mais de três dias. Nesse ínterim, visto que meu marido se havia mudado para Hong Kong em 1953, requeri permissão para juntar-me a ele. As autoridades disseram que emitiriam minha licença de saída sob a condição de eu parar de pregar. Recusei-me a parar e conseqüentemente nunca obtive a licença.

Todos os cristãos devem entender que têm uma “comissão dada por Deus” para declarar a sua fé a outros. Devem estar dispostos a sofrer a perda da liberdade e até da própria vida, em vez de se mostrarem infiéis a essa comissão. A questão certamente não é esta. Tampouco há razão justa para duvidar da sinceridade de Nancy Yuen ou menosprezar a atitude de auto-sacrifício que ela demonstrou. Ela é, claramente, uma mulher de grande determinação. A verdadeira questão é: Implica a comissão dada por Deus aos cristãos de divulgar as boas novas no dever de fazer isto *por um determinado método*, a saber, ir de porta em porta? É esse método ensinado nas Escrituras como sendo *o modo proeminente* de proclamar as boas novas, *um sinal identificador* do verdadeiro seguidor de Jesus Cristo? Nancy Yuen evidentemente acreditou nisto, visto que suas próprias palavras indicam que ela via tal atividade como algo que ‘tinha de fazer’. Os representantes da Sociedade Torre de Vigia nada disseram que desse a ela ou à outra mãe de quatro crianças, razão para pensar de modo diferente. Que o exemplo dela tenha sido usado como introdução do artigo de um membro do Corpo Governante defendendo o testemunho de casa em casa certamente implica em aprovação daquela atitude.

O que ocorreu a Nancy Yuen em resultado do ponto de vista que chegou a defender e acreditar que era bíblico? Ela relata (página 5):

No final de 1956, depois de ter sido presa seis vezes por pregar, por fim, fui novamente detida, quando uma dona-de-casa notificou as autoridades que eu estava pregando de casa em casa. Depois disso, não fui mais liberta.

Antes de poder finalmente se reunir de novo a seu marido e seus filhos em Hong Kong, *vinde e três anos se passaram*. Seus filhos já não eram crianças, mas adultos no fim da casa dos vinte e início da casa dos trinta. Ela não passou com eles a maior parte dos anos de formação. Foi primeiro detida por quatro anos até seu julgamento, foi depois sentenciada à prisão, após alguns anos foi liberta, começou a pregar outra vez, foi novamente presa e sentenciada, somando estas sentenças de prisão um total de vinte anos.

Uma carta que recebi de uma Testemunha de um estado do meio-oeste (ela própria mãe de três filhos), dizia: “Não sei o que você acha de coisas desse tipo, mas eu desatei a chorar depois que acabei de ler o artigo”. Continuou explicando que o que mais profundamente a perturbou nos dias seguintes foi a pergunta: Isso *tinha de acontecer*? É mesmo *Deus* quem requer ou impele seus servos a participarem nesta atividade de porta em porta a tal preço? Ou são os *homens*?

Nancy Yuen expôs a sua crença, dizendo (página 7):

Eu tive de desistir de tudo, inclusive dos meus filhos pequenos, para ser leal ao meu Deus.

Ela acreditava firmemente que a lealdade a Deus exigia que fosse de porta em porta apesar da lei que proibia, não pregar, mas pregar *por esse método*. Sua crença vinha claramente do que aprendera nas publicações da Torre de Vigia. De fato, no ano anterior à sua prisão, *A Sentinela* (em inglês) de 1º de julho de 1955, página 409, num artigo sobre o batismo, com o subtítulo “Requisitos” dizia:

¹⁰ Espera-se da pessoa dedicada que apóie a causa do Pai, a causa da adoração verdadeira, que pregue em honra da Palavra e do nome de Jeová Deus, que assuma plenamente suas responsabilidades como ministro, pregador no serviço de campo de casa em casa, e que de outras formas participe plenamente nas atividades da sociedade do Novo Mundo, para promover a proclamação do Reino e apoiar a verdadeira adoração de Jeová. A pessoa dedicada tem de ser uma Testemunha de casa em casa como foram Cristo Jesus e os apóstolos tanto quanto lhe permita a sua capacidade, e tem de ser de outras formas testemunha e anunciador do reino teocrático da justiça.

(Este trecho da revista original em inglês encontra-se no Apêndice)

Isto nos traz de volta à verdadeira questão: É verdadeira esta crença? Se for, então todo o sofrimento que acarretou para Nancy Yuen e o sofrimento que outros suportaram por razões similares, pode ser visto corretamente como parte do “sofrimento por Cristo”, um sacrifício necessário e de pouca consequência em comparação com ser leal a Deus e fiel à sua Palavra. Nesse caso, toda a responsabilidade pelo sofrimento suportado recai totalmente sobre as autoridades governamentais que tomaram tais medidas severas e repressivas.

Se, por outro lado, o ponto de vista incutido na mente e no coração de Nancy Yuen e na outra mãe de quatro filhos e nas outras Testemunhas chinesas — bem como nas mentes e corações de muitos outros em outros países — *não* for clara e inequivocamente ensinado na Bíblia, se for, em vez disso, resultado de uma norma organizacional baseada em raciocínios humanos, levantam-se então sérias questões quanto ao grau de responsabilidade que cabe à fonte desse ensino.

Alguns podem dizer que este caso, tal como ocorreu, foi algo fora do comum, e que a atitude mostrada não reflete necessariamente a atitude da maioria das Testemunhas. Talvez não com o mesmo grau de convicção praticamente cega, ou com a mesma disposição de arriscar perdas comparáveis, mas, assim mesmo, milhares foram detidos e encarcerados simplesmente porque se sentiram na obrigação de apoiar esse método de divulgar sua mensagem em face de restrições legais contrárias.²

Mesmo nos países onde prevalece a liberdade em grande escala e onde a probabilidade de ser preso é remota, todos os que são ou foram Testemunhas de Jeová, devem sinceramente admitir que aprenderam que a atividade de porta em porta é parte especialmente vital da sua adoração, virtual evidência básica de serem discípulos de Cristo. Sabem também, no íntimo, que se não participarem nessa atividade com certa regularidade, serão vistos como “espiritualmente fracos” pelos seus associados, criando em muitos um sentimento de culpa.

Para ilustrar esses pontos, eis uma carta de um superintendente de circuito à Sociedade Torre de Vigia, na qual ele abre o coração sobre o que viu na sua área de atividade. Ele declara:

² Eu mesmo estive na prisão e me arrisquei a sofrer violência por esta mesma razão. Veja *Crise de Consciência*, capítulo 2.

Escrevo esta carta após meses de séria consideração e muitas conversas francas com publicadores e anciãos. Considerei o problema em oração e espero poder expressar claramente suas dimensões à Sociedade. Dos cerca de 25 anciãos com quem falei em conversas longas e francas, apenas 2 não expressaram sentimentos de culpa por não serem capazes de corresponder aos objetivos que a Sociedade estabelece para eles.

Junto com o esquema de reuniões e estudo estabelecido para eles, e os apelos constantes para “assumir mais liderança no serviço de campo”, ele diz que muitos “sentem estar sob constante tensão para avançar, avançar, avançar, sem nunca ter tempo bastante para fazer algo bem feito”. Ele prossegue dizendo:

Muitos me disseram que visitas anteriores de superintendentes de circuito foram longe de ser encorajadoras. Dizem que o superintendente de circuito vem sempre com a mensagem de fazer mais, mais e mais. Como isto afeta pessoas que já estão cheias de sentimentos de fracasso pessoal e culpa? Um irmão observou:

“Os superintendentes de circuito têm passado pela congregação como um barco a motor fazendo ondas. Depois que vão embora a vida de todos fica um pouco mais instável.”

Outro disse: “Os discursos deles têm muitas vezes o efeito de chicotear um cavalo fiel e cansado que já se sente sobrecarregado de trabalho.”³

Esclarecendo que estas não são simplesmente queixas de pessoas desgostosas ou egocêntricas, auto-indulgentes, o superintendente de circuito acrescenta: “Alguns dos que se expressam assim estão entre os anciãos e publicadores mais qualificados do circuito.”

Por todo o mundo, cada ancião e “servo ministerial” (“diácono”) das Testemunhas de Jeová sabe que além de assistir a reuniões três vezes por semana (num total de cinco reuniões diferentes), tem de participar em visitas de porta em porta com certo grau de regularidade ou arrisca-se a perder sua designação por “não ser exemplar”. Como seu tempo é limitado, os anciãos vêm-se forçados a sacrificar ou pôr de lado outras coisas que no íntimo talvez achem mais importantes,

³ De uma carta do superintendente de circuito Wayne Cloutier do Circuito Connecticut 2, datada de 11 de dezembro de 1977.

incluindo assuntos de família, gastar tempo com os filhos, visitar os doentes, e atividades similares. Isto pode significar tornarem-se semelhantes a marionetes espirituais, reagindo quando os cordões são puxados por uma fonte externa. É inegável também que muitas mulheres Testemunhas têm se sentido obrigadas a participar nas visitas de porta em porta apesar das objeções veementes de maridos não-Testemunhas, sabendo que continuar a fazer isto pode causar problemas no casamento e, em alguns casos, o divórcio.

Qual é, então, a base para esta crença, que faz as Testemunhas encararem a participação no trabalho de porta em porta de modo comparável ao que o católico encara o comparecimento à Missa?

De casa em casa e de porta em porta — a mesma coisa?

O ensino da liderança das Testemunhas de Jeová sobre o testemunho de casa em casa baseia-se amplamente em textos como Atos 5:42 e 20:20. Na *Tradução do Novo Mundo*, da Torre de Vigia, estes dizem:

E cada dia, no templo e de casa em casa, continuavam sem cessar a ensinar e a declarar as boas novas a respeito do Cristo, Jesus.

Ao passo que não me refreei de vos falar coisa alguma que fosse proveitosa, nem de vos ensinar publicamente e de casa em casa.

Deduz-se que “de casa em casa” indica atividade de porta em porta, indo consecutivamente de uma porta para a seguinte, uma porta após a outra, visitando pessoas sem convite prévio e geralmente sem conhecê-las de antemão. Está essa dedução necessariamente correta?

Quando a *Tradução do Novo Mundo* foi lançada, a Sociedade Torre de Vigia concentrou a atenção na expressão grega original (*kat’oikon*) da qual vem a tradução “de casa em casa”. Enfatizou-se que a preposição *kata* (que significa literalmente “segundo”) é usada aqui em sentido *distributivo*. Portanto, afirmou-se que a expressão “de casa em casa” tem o mesmo sentido de “de porta em porta”, isto é, ir de uma porta para a porta seguinte ao longo de uma rua.

A afirmação não se apóia quando examinada e considerada. Em primeiro lugar, *distributivo* não é o mesmo que *consecutivo*. Alguém pode ir de “casa em casa” indo de uma casa numa área para uma casa noutra área, assim como o médico que faz “visitas domiciliares” pode

ir de lar em lar. De modo algum requer a idéia de visitas consecutivas de porta em porta.

A alegação de que o uso da preposição *kata* no sentido distributivo exige a tradução “de casa em casa” para estar correta e exata, é, de fato, desautorizada pela própria *Tradução do Novo Mundo*.

Poucas Testemunhas percebem que a mesma expressão (*kat’oikon*), traduzida “de casa em casa” na *Tradução do Novo Mundo* em Atos, capítulo 5, versículo 42, também ocorre no capítulo 2, versículo 46. Pode-se ver abaixo como estes versículos aparecem na *Tradução Interlinear do Reino* (em inglês) da Sociedade Torre de Vigia, que contém a *Tradução do Novo Mundo* na coluna da direita.

Acts 2:46

46	καθ’	ἡμέραν	τε	προσκατερούντες	the need. 46 And day
	according to	day	and	persevering	after day they were
ὁμοθυμαδὸν	ἐν	τῷ	ἱερῷ,	κλῶντές	τε
like-mindedly	in	the	temple,	breaking	and
κατ’	οἶκον	ἄρτον,	μετελάμβανον		
according to	house	bread,	they were partaking		
τροφῆς	ἐν	ἀγαλλιάσει	καὶ	ἀφελότητι	
of food	in	exultation	and	simplicity	
καρδίας,	47	αἰνούντες	τὸν	θεὸν	καὶ
of heart,		praising	the	God	and
				καὶ	ἔχοντες
					47 praising God and

Acts 5:42

ὅτι	κατηξιώθησαν	ὑπὲρ	τοῦ	dishonored in behalf
because	they were counted worthy	over	the	of his name. 42 And
ὀνόματος	ἀτιμασθῆναι:	42	πᾶσάν	τε
name	to be dishonored;		all	and
ἡμέραν	ἐν τῷ ἱερῷ καὶ	κατ’	οἶκον	οὐκ
day	in the temple and	according to	house	not
ἐπαύοντο	διδάσκοντες	καὶ		
they were ceasing	teaching	and		
εὐαγγελιζόμενοι	τὸν χριστὸν	Ἰησοῦν.		
declaring good news about	the Christ	Jesus.		

Tradução:

Atos 2:46

46 segundo o dia e perseverando de mentalidade comum no templo, partindo e segundo a casa pão, eles partilhavam da comida em exultação e simplicidade de coração, 47 louvando a Deus e

necessidade. 46 E dia após dia assistiam constantemente no templo, de comum acordo, tomando as suas refeições em lares particulares e participando do alimento com grande júbilo e sinceridade de coração, 47 louvando a Deus e

Atos 5:42

porque eles foram contados dignos sobre o nome para ser desonrados; 42 todos e

desonrados a favor do nome dele. 42 E cada dia, no templo e de casa em casa,

dia no templo e segundo a casa não eles cessavam ensinar e declara boas novas sobre o Cristo Jesus

continuavam sem cessar a ensinar e a declarar as boas novas a respeito do Cristo, Jesus.

Como mostra o lado esquerdo da Interlinear, a mesma expressão aparece nos dois textos com o mesmo sentido distributivo de *kata*. No entanto, em Atos 2:46, a tradução não é “de casa em casa” mas “em lares particulares.” Por quê?

Como não é lógico pensar que os discípulos tomavam refeições indo duma casa para a outra rua abaixo, e como a Sociedade Torre de Vigia pretende atribuir esse sentido específico à expressão “de casa em casa” (para apoiar sua atividade de porta em porta), ela quer evitar as perguntas que poderiam surgir se usasse a tradução “casa em casa” aqui. Como já dissemos, a maioria das Testemunhas não percebe esta troca de traduções e a Sociedade Torre de Vigia prefere não chamar a atenção para o assunto, nem se referir a ele abertamente.

Em Atos 20:20, a expressão aparece novamente, embora a palavra para “casa” ou “lares” esteja aqui no plural (*kat’oikous*):

ἐπιβουλαῖς τῶν Ἰουδαίων·	20	ὥς οὐδὲν	20	while I did not
plots of the Jews;		as nothing		hold back from tell-
ὑπεστειλάμην τῶν συμφερόντων				ing you any of the
I drew back of the (things) bearing together				things that were prof-
τοῦ μὴ ἀναγγεῖλαι ὑμῖν καὶ διδάξαι ὑμᾶς				itable nor from teach-
of the not to recount to you and to teach you				ing you publicly and
δημοσίᾳ καὶ κατ’ οἴκους,				<u>from house to house.</u>
to public [place] and according to houses,				

Tradução:

conspirações dos judeus; 20 como nada eu refreei das (coisas) que trazem juntas dos não para contar a vós e ensinar a vós ao [lugar público] e segundo as casas.

20 ao passo que não me refreei de vos falar coisa alguma que fosse proveitosa nem de vos ensinar publicamente e de casa em casa.

Mais uma vez, cabe simplesmente ao tradutor decidir como esta expressão grega será vertida. Que o principal tradutor da *Tradução do Novo Mundo*, Fred Franz, reconheceu isto, vê-se na nota de rodapé deste versículo que aparece numa edição mais recente, de letra grande, a *Tradução do Novo Mundo com Referências*. A nota de rodapé diz:

* Ou, “e em casas particulares”.

Não é que seja errado traduzir *kat’oikon* (ou *kat’oikous*) como “de casa em casa”. É uma tradução perfeitamente correta e se encontra em

muitas outras versões da Bíblia, mesmo em Atos 2:46. Depende só do tradutor qual das opções, “de casa em casa” ou “em lares particulares”, será usada nos dois textos. O errado é tentar fazer a expressão transmitir um sentido que de fato não existe.

Está claro que os apóstolos e outros cristãos primitivos visitavam pessoas em seus lares particulares. Não está nada claro que participavam na atividade de porta em porta conforme fazem atualmente as Testemunhas de Jeová. Podem afirmar isto, mas é uma afirmação absolutamente sem provas.

Não são estes textos os únicos que a Torre de Vigia usa no esforço de apresentar o testemunho de porta em porta como o modo realmente cristão, igual ao de Cristo, de divulgar o conhecimento da Palavra de Deus. Outra passagem bíblica que usam muito em seus argumentos é Mateus 10:11-14, na qual Jesus deu estas instruções quando enviou seus apóstolos a pregar:

Em qualquer cidade ou aldeia em que entrardes, procurai nela quem é merecedor, e ficai ali até partirdes. Ao entrardes na casa, cumprimentai a família; e, se a casa for merecedora, venha sobre ela a paz que lhe desejais; mas, se ela não for merecedora, volte a vós a vossa paz. Onde quer que alguém não vos acolher ou não escutar as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés.

Nas publicações da Torre de Vigia, dá-se constante ênfase à declaração: “Procurai nela [cidade ou aldeia] quem é merecedor.” Então explicam que isto significa ir de porta em porta para encontrar pessoas receptivas às boas novas. Não se dá atenção às palavras do contexto, que dizem (versículo 11): “Ficai ali até partirdes.” Estas palavras quase nunca são explicadas nas publicações da Torre de Vigia, pois deixam claro que Jesus estava falando aqui não de testemunho de porta em porta, mas sobre *obter hospedagem*.

Muitas destas questões foram discutidas pelo Corpo Governante em mais de uma ocasião. Os antecedentes disto foram os seguintes:

Em 1972, quando se elaborava um novo manual da organização intitulado *Organização Para Pregar o Reino e Fazer Discípulos*, fui designado para preparar um terço dele, inclusive o capítulo intitulado “Seu Serviço a Deus”. Em toda a minha vida como Testemunha de

Jeová fui ativo nas visitas de porta em porta e continuei assim quando estava no Corpo Governante e após minha renúncia em 1980. Esforcei-me em participar nessa atividade cada mês de meus quarenta e três anos de associação ativa, visitando literalmente, nesse período, dezenas de milhares de lares. Foi raro o mês em que não participei nesse trabalho.⁴

Mas em 1972, embora continuasse ativo nessa obra, já não estava convicto de que a Bíblia apoiava o conceito que eu por tanto tempo aceitara, a saber, que ir de porta em porta era o modo distintamente cristão de declarar as boas novas. Que os cristãos tinham a responsabilidade de partilhar as boas novas com outros era claramente evidente e inegável. Escrevendo o capítulo designado do manual, apresentei claramente essa responsabilidade, como qualquer um pode ler no capítulo. Mas não encontrei nada nas Escrituras que ordenasse um método específico de fazer isso.

Que Cristo Jesus, os apóstolos e discípulos tinham visitado pessoas em seus lares também era claramente evidente e inegável. Mas de modo algum as Escrituras indicam que tenham ido de porta em porta fazendo isso. Não pude conscienciosamente usar os textos de Atos 5:42 e Atos 20:20 para provar que fizeram isso. Assim, apresentei no manual as visitas de porta em porta como um meio eficaz de atingir as pessoas, mas não tentei apresentar isto como algo indicado na Bíblia.

Apresentei o que escrevi a Karl Adams. Karl leu e aprovou a matéria e passou-a para o presidente. O manual inteiro foi depois submetido ao Corpo Governante para discussão. A questão de aplicar os dois textos relacionando-os a bater consecutivamente de porta em porta foi longamente discutida, com os ‘prós’ e os ‘contras’. O capítulo foi finalmente aprovado — unanimemente — por todo o Corpo

⁴ Conforme mencionei no capítulo 6, nota de rodapé 17, não era este o caso de todos os membros do Corpo Governante. No caso de alguns era uma rara exceção quando *participavam* no trabalho de porta em porta.

Governante, que se constituía então de onze membros.⁵

Assim ficou o assunto por vários anos, dos quais os três primeiros registraram alguns dos maiores aumentos no número de Testemunhas de Jeová. A partir de 1976 houve séria queda tanto no crescimento numérico como na atividade global. Havia clara evidência de que este decréscimo se relacionava ao fato de que as grandes expectativas criadas para o ano de 1975 pelas publicações da Torre de Vigia não se tinham realizado.⁶ No entanto, alguns membros da equipe de redação começaram então a insistir que voltássemos a usar os textos de Atos em apoio ao conceito de que a atividade de porta em porta era “vital” para a pregação das boas novas, fundamental para o cristianismo.⁷

Sam Buck, do Departamento de Redação, propôs um artigo em apoio a esse conceito, intitulado: “Como é Que Jesus e os Seus Seguidores Pregavam?” A Comissão de Redação do Corpo Governante, da qual eu era membro, discutiu o artigo numa de nossas reuniões semanais. Karl Adams, embora não fosse membro do Corpo Governante, estava presente como secretário da Comissão de Redação. Entre os comentários feitos, Karl declarou que o artigo “parecia estar tentando torcer as Escrituras para ajustá-las a uma idéia preconcebida”.

⁵ Deve-se dizer que naquele período todas as decisões tinham de ser tomadas por unanimidade. Mais tarde, em 1975, entrou em vigor a regra da maioria de dois terços. Veja *Crise de Consciência*, capítulo 5. A única parte do manual *Organização* em que Atos 5:42 e Atos 20:20 foram considerados foi sob o tópico “Pastores do Rebanho de Deus”, na parte referente a visitas de anciãos às casas dos irmãos.

⁶ Veja *Crise de Consciência*, capítulo 9.

⁷ Na realidade, poucas Testemunhas perceberam que estes textos já não eram usados do modo costumeiro. Até o irmão de Karl Adams, Don Adams, embora ele próprio fosse secretário do Corpo Governante, disse que desconhecia qualquer mudança neste respeito. A evidência proveniente do campo era de que o decréscimo estava indiscutivelmente ligado a 1975 e nada mais. O fato de que, *depois de o manual ter sido publicado*, tinham ocorrido grandes aumentos exatamente até aquele ano e depois ter havido uma queda brusca comprova isto.

Antes disso, eu tinha pedido a outro membro antigo da equipe de redação que comentasse a matéria que fora proposta.⁸ Ele escreveu:

Do tom do artigo, fiquei com a impressão que estamos tentando fazer as Escrituras dizer algo que queremos que elas digam; trabalhamos os textos para fazê-los dizer o que queremos que eles digam...

Penso que estamos esquecendo um aspecto importante em tudo isto. Todos devem louvar a Deus, pregar. *Fazê-lo* é que é vital, e não *como* fazê-lo. Se os primitivos cristãos não iam de casa em casa, isso não significa que nós não devamos fazê-lo. Se o faziam, não significa que também tenhamos de fazê-lo. Eles iam às sinagogas, nós não vamos às igrejas. Nós fazemos congressos internacionais, não há indicação de que eles faziam isso... Por que forçar o requisito de uma única maneira [de pregar]? Por que fazer da obra de “casa em casa” uma pedra-de-toque? A questão é alcançar as pessoas. O *como* não é importante, desde que seja amoroso e ajude as pessoas a quem se dá testemunho.

Na discussão da Comissão de Redação não houve unanimidade entre os cinco membros, e o assunto foi então levado a todo o Corpo Governante. Esperando que a discussão se concentrasse nas próprias Escrituras e fosse orientada principalmente por elas, esforcei-me em pesquisar, nos quatro relatos do Evangelho e no livro de Atos, todos os exemplos relacionados com qualquer atividade que tivesse, mesmo que remota, alguma semelhança com pregar ou “testemunhar”, e depois resumi o que encontrei numa tabela de doze páginas de extensão. Fiz também uma tabela comparativa de 27 traduções e dos modos que verteram Atos 2:46; 5:42; e 20:20. Forneci a cada membro do Corpo Governante uma cópia de cada uma destas tabelas. O quadro com as 27 traduções é apresentado a seguir.

⁸ Ele ainda é membro do pessoal da redação. Não tenho dúvida de que ficaria preocupado se seu nome fosse mencionado aqui. Também não tenho dúvida de que ele tem a mesma opinião que expressou naquela ocasião.

	Atos 2:46	Atos 5:42	Atos 20:20
AV	de casa em casa	em cada casa	de casa em casa
ASV	no lar	no lar	de casa em casa
Douay	de casa em casa	de casa em casa	de casa em casa
RSV	em seus lares	no lar	de casa em casa
NEB	em casas particulares	em casas particulares	em vossos lares
Rotherham	no lar	no lar	em vossos lares
Byington	no lar	no lar	de casa em casa
Basic Eng	em suas casas	particularmente	particularmente
Eng Revised	no lar	no lar	particularmente
Knox	nesta ou naquela casa	de casa em casa	de casa em casa
New Am St	de casa em casa [ou nos vários lares particulares]	de casa em casa [ou nos vários lares particulares]	de casa em casa
Moffatt	em seus próprios lares	no lar	de casa em casa
Moulton	no lar	no lar	de casa em casa
New Am Bi	em suas casas	no lar	em particular
Diaglott	no lar	no lar	em vossas casas
Goodspeed	em seus lares	em casas particulares	em vossas casas
Today's Eng Vers	em seus lares	nos lares das pessoas	em vossos lares
New International	em seus lares	de casa em casa	de casa em casa
Philips	em seus lares	nas casas das pessoas	em vossos próprios lares
Jerusalem	em suas casas	em casas particulares	em vossos lares
Young	em cada casa	em cada casa	em cada casa
New Berkeley	no lar	no lar	em lares
Syriac	no lar	no lar	em casas
New Int. Test.	de casa em casa [Interlinear: em [suas] casas]	em cada casa [Int: nas casas]	de casa em casa
Barclay	nas casas uns dos outros	de casa em casa	em vossos próprios lares
Translators' N T	no lar	nos lares das pessoas	em vossos lares
Weymouth	no lar	nos lares	em vossos lares

O espaço não permite mostrar todas as doze páginas da segunda tabela, mas aqui está a primeira como amostra do seu conteúdo:

TEXTO	ATIVIDADE DE TESTEMUNHO	LOCAL OU MÉTODO
Mat 3:1-6	Atividade de João	No ermo, as pessoas iam a ele (Marcos 1:4-8; Lucas 3:3-18; João 1:19-35)
4:17	Jesus inicia	Não especificado (Marcos 1:14,15)
4:18-22	Chama primeiros discípulos	Ao longo do Mar da Galiléia (Marcos 1:16-20)
4:23-25	Viagem pela Galiléia	Nenhum método descrito; "seguiram-no grandes multidões."
5:1-7:29	Sermão no monte	Falou a multidões na região montanhosa (Lucas 6:12-49)
8:1-4	Ao leproso	O relato diz multidões "seguiram-no" e o leproso veio a ele (Lucas 5:12-16)
8:5-10	Ao oficial do exército	O oficial veio a ele, "os que o seguiam [Jesus]" também ouviram
8:14-17	Re curas	Na casa de Pedro; "trouxeram-lhe" os que necessitavam de cura (Marcos 1:29-34; Lucas 4:38-41)
8:18-22	Ao escriba	"multidão em volta de si". Jesus pronto a entrar no barco, escriba aproxima-se dele
8:28-34	Re homem	Fora da cidade, pessoas saem para

	endemoinhado	encontrar Jesus (Marcos 5:1-20; Lucas 8:26-39)
9:2-8	Re homem paralítico	Cafarnaum, pessoas trazem-lhe o paralítico (Lucas 5:17-26)
9:9	Chama Mateus	No assento de Mateus na coletoria (Marcos 2:14; Lucas 5:27-32)
9:10-13	Re cobradores de impostos e pecadores	Reclinado à mesa em casa de Mateus, as pessoas foram lá (Marcos 2:15-17)
9:14-17	Re jejuar	Os discípulos de João "vieram até ele" (Marcos 2:18; Lucas 5:33-35)
9:18-26	Filha doente dum governante e uma mulher doente	O governante "aproximou-se," uma mulher veio até ele, ele entrou na casa do governante (Marcos 5:21-43; Lucas 8:40-56)
9:27-31	Dois cegos	Seguiram-no para dentro da casa [onde Jesus evidentemente hospedou-se em Cafarnaum (compare com Marcos 2:1,2)].
9:32-34	Re homem mudo	Pessoas trouxeram-lhe o homem na mesma casa
9:35-38	Viagem	Sinagogas; relato fala de multidões; outros métodos não indicados (Marcos 6:6,12,13)
10:1-42	Envia os doze	Não se prescrevem métodos específicos; deu instruções de como cuidar das necessidades quanto a comida, vestimenta, dinheiro e hospedagem, mostrando como encontrar hospedagem apropriada a partir da qual empreender atividade; fala de pregar do 'alto das casas' mas evidentemente em sentido figurativo (Marcos 3:13-15;6:1-12,30;Lucas 9:1-6; compare com Lucas 9:51-56;10:5,6;Atos 16:15;17:6,7;21:4,7,8,16; 28:7,14)

(O original em inglês desta tabela encontra-se no Apêndice)

Na lista completa de “Atividade de Testemunho”, há cerca de 150 *ocorrências distintas* de “testemunho” (quando a mesma ocorrência é relatada por mais de um escritor do Evangelho as citações de textos de todos os relatos foram em geral agrupadas sob uma só ocorrência).

Das cerca de 150 ocorrências registradas nestes cinco relatos bíblicos, só cerca de 34 faziam alguma referência a “casa” ou “lar”. Entre estas estão as quatro ocorrências mais usadas nas publicações da Torre de Vigia como base para seu ensino sobre a atividade de porta em porta. São os relatos em que Jesus dá instruções a seus doze apóstolos e aos setenta discípulos antes de enviá-los para a atividade evangelizadora, e as duas passagens no livro de Atos onde ocorre a expressão “de casa em casa” (na *Tradução do Novo Mundo*). Visto que a questão toda era saber *o que é que estes quatro relatos realmente descrevem* — isto é, saber se devem ser entendidos como se referindo a ir de uma porta para a seguinte ou não — certamente *as outras trinta*

passagens onde ocorre a palavra “casa” ou “lar” deviam ser de sério interesse, pois seria razoável que lançassem luz sobre o modo como Jesus e seus apóstolos e discípulos realizavam sua atividade. O que revelaram esses relatos restantes? Conforme indiquei aos membros do Corpo Governante, o quadro mostrava que:

21 referem-se ou a casas onde Jesus, Pedro ou Paulo *se hospedaram* ou a casas às quais foram *convidados*, muitas vezes para uma refeição, incluindo as casas de Marta, Maria e Lázaro, Zaqueu, Simão, o Curtidor, Cornélio, Lídia, um carcereiro em Filipos, Áquila e Priscila, Tício Justo e Públio.

7 relatos referem-se a casas não identificadas, mas o contexto indica ou um local de *hospedagem* ou um local de *reunião*, estando às vezes presentes todos os doze apóstolos ou até uma grande multidão.

2 referem-se a Jesus enviando uma pessoa curada para casa.

Em todos os relatos, *não há um só caso que mostre Jesus ou algum de seus apóstolos ou discípulos batendo de porta em porta ou mesmo indo de uma casa para a outra.*

Talvez seja esta a razão pela qual o gráfico, apesar de tão completo, não foi sequer discutido pelo Corpo Governante, exceto por uma ou duas referências indiretas.

Em vez disso, a discussão concentrou-se mais no uso da expressão “casa em casa” que se acha nos dois conhecidos textos do livro de Atos, na *Tradução do Novo Mundo*. Lloyd Barry insistiu na volta ao uso destes textos para apoiar o trabalho de porta em porta, destacando que ‘é desta maneira que a organização tem realizado o trabalho ao longo dos anos’.⁹ Leo Greenlees ressaltou que ‘precisamos ter um modo organizado de cobrir os territórios’ (cada congregação divide sua área designada em “territórios” de algumas centenas de casas cada). Albert Schroeder leu algumas citações sobre o uso da preposição grega *kata* e também citou exemplos de testemunho público realizado pelos lolardos, seguidores de Wycliffe. George Gangas disse que ‘a vasta maioria das pessoas que vieram para a organização foram contatadas

⁹ Trata-se de, claramente, nada mais que apelar para a tradição.

por meio do serviço de porta em porta'.¹⁰ Carey Barber falou da atitude dos anciãos que questionavam a base bíblica do trabalho de porta em porta, dizendo que 'eles evidentemente não acham necessário ser zeloso neste trabalho'. Referiu-se a Atos 20:21, dizendo que Paulo tinha falado às pessoas sobre "arrependimento", argumentando que isto indicava que seu trabalho de casa em casa (mencionado no versículo 20) era feito entre estranhos, e não entre os discípulos. Citou a declaração de uma mulher, Testemunha, que disse a respeito do trabalho de porta em porta: "O que estou fazendo aqui fora se não **tenho** de pregar?" Lyman Swingle disse que 'evidentemente aquele que escreveu o artigo proposto queria ter uma "ordem" para ir de porta em porta, algo que ele (Swingle) achava que as Escrituras não justificavam.' Karl Klein declarou que nós estamos 'sob obrigação de usar os melhores meios possíveis para pregar', e citou o exemplo do "homem com o tinteiro de escrevente" na visão do profeta Ezequiel e de ele pôr um sinal na testa das pessoas.¹¹ Ele disse que 'os irmãos que disciplinam a si mesmos e têm amor, vão de casa em casa'. Milton Henschel advertiu que 'alguns anciãos estavam dizendo que "não há apoio nas Escrituras para o trabalho de casa em casa"', e, com grande firmeza, acrescentou que 'ele próprio não estava em Éfeso, mas Lucas **estava** e Lucas afirma que Paulo ia de "casa em casa"'. Também disse

¹⁰ Na verdade, há forte evidência de que apenas uma *minoría* de pessoas se tornaram Testemunhas em resultado de uma visita às suas portas. Perguntei a grupos de pessoas de que maneira se haviam tornado Testemunhas, e de umas doze, apenas uma ou duas tinham sido inicialmente contatadas por esse meio. A maioria começou a interessar-se através de membros da família, colegas de trabalho, conhecidos e contatos similares. Relatórios de superintendentes de circuito apresentaram evidências similares. Um dos anciãos citados no capítulo 6, em sua resposta à Sociedade declarou: "Em cada vez mais territórios é possível ir de porta em porta durante literalmente horas e não falar com ninguém... Fica cada vez mais claro que a maior parte do aumento resulta dos esforços de testemunho informal em vez do testemunho de porta em porta." (Carta de Worth Thornton.)

¹¹ Veja Ezequiel 9:3-11. A organização afirma que a única maneira em que este homem simbólico podia ter realizado a tarefa era indo de porta em porta. (Veja *A Sentinela* de 15 de novembro de 1981, página 11.) Com efeito, ela tem a pretensão de saber exatamente como as coisas *devem* ter sido feitas há cerca de 25 séculos. As próprias Escrituras não mencionam qualquer método.

que ‘nossa tarefa é fazer discípulos e os irmãos devem ser encorajados a ir de porta em porta’. Sugeriu que fossem citadas algumas das decisões da Suprema Corte dos EUA que dizem que a prática de ir sem convite aos lares das pessoas é um antigo método de pregar. O secretário-tesoureiro Grant Suiter disse que ‘se foi publicado algo depreciando o trabalho de casa em casa deve-se então designar uma comissão especial para tratar disso’. Disse que havia relatórios indicando que algumas Testemunhas não estavam levando literatura quando iam de porta em porta. Disse que ‘há muitos que gostariam de ser Testemunhas de Jeová mas não gostam de testemunhar’ e que os anciãos não deviam ser desse tipo.¹² Lloyd Barry falou novamente, citando o comentário de um padre católico sobre o bom exemplo das Testemunhas de Jeová ao irem de casa em casa. Citou um membro da Comissão de Filial do Panamá que disse que o trabalho de casa em casa é “a verdadeira espinha dorsal da nossa adoração”. Leo Greenlees também falou novamente, dizendo que a maioria dos irmãos são “pessoalmente desorganizados” e não fariam o trabalho se a organização não fizesse arranjos para eles.

Isto resume a maior parte do debate e ilustra a tendência seguida, as atitudes e pensamentos manifestados. Fiz constante esforço para chamar a atenção para as próprias Escrituras ao longo da reunião, mas o debate raramente se fixava em algum ponto o tempo suficiente para permitir uma análise profunda. Toda a discussão bíblica focalizava-se quase totalmente na exatidão da tradução “de casa em casa”, conforme aparece em Atos 5:42 e 20:20, na *Tradução do Novo Mundo*, sendo esta particularmente defendida pelo presidente Fred Franz.

¹² Em contraste com estas fortes declarações, de todos os membros do Corpo Governante, Grant Suiter era provavelmente o que mais raramente participava na atividade de porta em porta. Um membro do Departamento de Redação que pertencia à mesma congregação que Suiter e estava designado ao mesmo “grupo de estudo de livro”, disse que em anos de assistência às reuniões para o serviço de campo nunca o tinha visto presente. A esposa de Suiter, em conversa pessoal com minha esposa, expressou como achava difícil ser uma “publicadora regular” (o que exige apenas uma hora por mês), dizendo que eles iam a tantos arranjos de discursos nos fins de semana que, enquanto Grant podia relatar o tempo gasto fazendo discursos para as congregações, ela não podia relatar nem mesmo isso.

Na verdade, nem eu nem ninguém tinha rejeitado ou mesmo criticado essa tradução. A verdadeira questão era: O que *significava* “casa em casa” ali? Era sinônimo de “porta em porta” conforme empregado pelas Testemunhas? Ou tinha simplesmente o mesmo significado de “em lares particulares”, que era como a *Tradução do Novo Mundo* apresentava a expressão grega idêntica em Atos 2:46? Chamei a atenção para isto em vários momentos do debate. Como Fred Franz era, de fato, o tradutor da *Tradução do Novo Mundo*, eu tinha certeza de que ele percebia que esta mesma expressão grega (*kat’ oikon*) foi também usada quatro vezes para se referir ao local de reunião dos crentes cristãos nos lares de certos discípulos. (Veja *The Kingdom Interlinear Translation* em Romanos 16:5, 1 Coríntios 16:19, Colossenses 4:15 e Filêmon versículo 2.) Nestes versículos, ele traduzira o termo grego por expressões como “na casa deles”, “na casa dela” e “na tua casa”. Embora esteja claro que a preposição *kata* não é usada em sentido “distributivo” nestes textos, eles ilustram, todavia, que a expressão foi usada referindo-se aos lares particulares *de discípulos*.

Assim, no esforço de estabelecer que — independentemente da forma como a expressão era traduzida — a questão decisiva era saber se ela transmitia claramente o *significado* que lhe era atribuído, senti-me por fim impelido a fazer uma pergunta direta ao meu tio, dizendo: “O irmão Fred Franz acredita realmente que a expressão ‘de casa em casa’ tal como aparece nestes versículos [Atos 5:42; 20:20] significa mesmo ir ‘de porta em porta’, de uma porta para a porta seguinte? Eu apreciaria que se pronunciasse a respeito.”

O presidente, Karl Klein, voltou-se para ele e disse: “E então, irmão Franz?” Sua resposta começou com: “Sim, creio que pode incluir isso.” (Note o uso da palavra “pode”, em vez de “inclui”.) Então prosseguiu: “Por exemplo, ao ir a uma casa Paulo pode ter entrado pela porta da frente e, após conversar, pode ter saído pela porta dos fundos, e assim ele estaria indo de porta em porta.” Vários dos membros explodiram em risos. Mas o fato é que a declaração não pretendia provocar risos, pois foi feita com toda a seriedade. Digo isto não só porque conhecia meu tio havia mais de meio século, e também seu modo de falar quando estava sendo deliberadamente engraçado, sarcástico ou até brincalhão. Não foi um comentário improvisado feito numa conversa

casual. O presidente da Sociedade sabia que a pergunta tocava no tema central que iniciara a longa discussão. Falou deliberadamente e num tom que apelava à razão, e não deu o menor indício de pretender ou esperar que seu comentário fosse entendido de outro modo que não fosse uma explicação razoável. Fiquei perplexo, pois parecia incrível que tal resposta fosse dada para esclarecer de algum modo o tema central da discussão, que já durava horas. Em conversa, Karl Klein observou certa vez: “Freddie consegue racionalizar *qualquer coisa*.” Todavia, ainda fico perplexo ao pensar como um homem obviamente inteligente pôde fazer uma racionalização tão evasiva e tão descabida a ponto de causar risos em seus companheiros do Corpo. Esta, porém, foi a única resposta que a minha pergunta recebeu.

Eu tinha pedido aos membros do Corpo que examinassem as doze páginas de evidência bíblica e que apontassem qualquer coisa que indicasse que Jesus, alguma vez, estabeleceu um exemplo de ir de porta em porta. Isto também ficou sem resposta.

Pouco depois da minha pergunta a Fred Franz, o Corpo Governante votou em que Lloyd Barry supervisionasse a elaboração da matéria que reintroduziria o uso dos textos já mencionados como apoio específico à atividade de porta em porta realizada pelas Testemunhas de Jeová. O resultado da votação foi treze a favor, quatro contra.

Achei a discussão desanimadora. Não que o resultado fosse de algum modo inesperado. O aspecto desanimador foi o modo e o espírito em que ocorreu a própria discussão, embora a tendência errante e casualística que se seguiu fosse algo que a experiência passada já me fazia esperar. Depois disso tirei algum tempo para fazer comentários escritos para distribuir a todos os membros, mas, depois de escrevê-los perguntei-me de que adiantaria continuar tentando. Parecia um exercício inútil. Acabei dando apenas umas quatro cópias aos membros que eu achava que poderiam ao menos dar consideração à matéria e arquivar as restantes. (Esses comentários podem ser obtidos através da Commentary Press.)

Adaptam as Escrituras ao ensino da organização

Quando Lloyd Barry, membro do Corpo Governante, foi designado para supervisionar a preparação da matéria sobre o assunto para *A Sentinela*, ele declarou voluntariamente ao Corpo que se certificaria de

que se desse a devida atenção à informação apresentada nos dois gráficos (da evidência bíblica a respeito do testemunho nos quatro Evangelhos e em Atos, e do modo como se traduzia *kat'oikon* em várias versões da Bíblia) que eu fornecera aos membros do Corpo. Preferiu escrever ele mesmo a matéria, que veio na *Sentinela* de 1º de março de 1980 (o mesmo número que trazia o artigo sobre Nancy Yuen, sua atividade de porta em porta e seus vinte anos na prisão). Não trouxe nenhuma explicação da evidência bíblica apresentada, nem deu, de fato, qualquer explicação das questões básicas envolvidas, como tinham sido discutidas na reunião do Corpo Governante.

Logo no início, os artigos traziam uma gravura grande com casas, com figuras menores inseridas nela, mostrando Testemunhas batendo às portas e embaixo as palavras: “Assim como fizeram os apóstolos de Jesus, os atuais cristãos estão procurando ‘de casa em casa’ os que merecem receber as boas novas”. Assim, desde o início, “casa em casa” e “porta em porta” foram equiparados. O artigo de modo algum apresentava prova de que isso ocorre nas Escrituras; esse lado da questão nem sequer foi considerado.



Os artigos que se seguiram ilustram claramente o modo como, com desoladora freqüência, a organização mostra aos adeptos uma imagem distorcida dos assuntos, suprimindo toda a evidência desfavorável e privando-os, assim, da oportunidade de avaliar honestamente as questões e de chegar a uma conclusão pessoal quanto à validade das posições tomadas.

Já que não se pôde apresentar nenhuma evidência de que Jesus deixou alguma vez um exemplo de ir de casa em casa, no sentido de visitar consecutivamente casas de porta em porta, o primeiro artigo focalizou, em vez disso, a atenção nas instruções dele aos doze apóstolos e aos setenta discípulos (páginas 9 e 10 do primeiro artigo). Seguiu-se a prática costumeira de apresentar apenas as partes do texto que falam de ‘procurar quem é merecedor’, e omitir as declarações que acompanham estas palavras, tais como “ficais ali até partirdes”, “ficais nessa casa, comendo e bebendo as coisas que vos derem... Não vos estejais transferindo de casa em casa” (parágrafos 8-10). Depois de citar apenas parte das palavras de Jesus, o artigo diz (página 10):

Isto exigia irem aos lares das pessoas, onde os ‘merecedores’ acatariam as “boas novas”. Desta maneira, esses discípulos iriam também encontrar hospedagem para pernoitar.

Observe, “iriam *também* encontrar hospedagem”. Isto visa a dar a idéia de que esta parte das instruções de Jesus tratava primariamente do testemunho de porta em porta e que a hospedagem era algo secundário, quase incidental. Todavia, a simples leitura do relato (neste e nos outros evangelhos) mostra que Jesus, após falar aos discípulos sobre coisas de que precisariam, ou achavam que precisariam, quando fossem em viagem de pregação, a saber, **dinheiro, comida e vestuário**, falou então sobre outra coisa de que precisariam na viagem, a saber, **hospedagem**, e este era o principal assunto tratado nas suas palavras citadas. A declaração que Jesus fez imediatamente depois, “e ficai ali até partirdes”, demonstra isto. Ao citar apenas parte do versículo e separar os assuntos, o artigo manipula mais facilmente a

mente do leitor para aceitar as idéias apresentadas.¹³

O escritor usou método idêntico quando citou as palavras de Jesus aos setenta discípulos enviados, conforme registradas em Lucas 10:1-16. No artigo, foram citadas estas palavras:

Onde quer que entrardes num casa, dizei primeiro: “Haja paz nesta casa.” E, se ali houver um amigo da paz, descansará sobre ele a vossa paz. Mas, se não houver, ela voltará para vós.

As palavras de Jesus que vêm logo em seguida não foram citadas. Por que não? Elas dizem:

Assim, ficai naquela casa, comendo e bebendo as coisas que vos derem, porque o trabalhador é digno do seu salário. Não vos estejais transferindo de casa em casa.

Estas palavras mostram claramente que Jesus estava dizendo aos discípulos como obter hospedagem com pessoas adequadas, e como se comportar quando a conseguissem. Como estas palavras dão um aspecto totalmente diferente ao quadro, não convinham ao argumento do escritor. Portanto, elas simplesmente não foram consideradas.

Quando tratou da questão da tradução, o artigo reconheceu brevemente que há “outras traduções” para *kat’oikon* além de “casa em casa”, mas depois apresentou *apenas as traduções que usam aquela maneira de traduzir!* O artigo nunca tratou da questão de saber se “distributivo” significa ou requer a idéia de “consecutivo”.

Numa nota de rodapé o artigo alistava dez traduções que trazem a expressão “de casa em casa” em Atos 20:20. Não disse ao leitor que há um grande número de traduções (principalmente em inglês) que a vertem de outras maneiras, tais como “particularmente”, “em lares

¹³ O artigo também lança uma “pista falsa” sobre a questão ao dizer (página 10): “O registro não diz se iam às sinagogas ou às feiras. Mas *receberam* instruções de ir às casas das pessoas.” Isto serve para desviar a atenção da verdadeira questão, que é saber se Jesus estava dando instruções sobre “métodos de testemunho” ou sobre obter hospedagem. Os discípulos *já sabiam* como Jesus “testemunhava” pois eles tinham estado com ele e tinham observado seu exemplo. Seus *próprios relatos* (como os de Mateus e João) não dizem *nada* sobre ele ter ido de casa em casa, mas *relatam* que ele falou em sinagogas, feiras e outros locais públicos e que aceitou convites para lares particulares e para falar a pessoas ali presentes.

particulares”, “em casa”, e outras expressões similares. Não disse ao leitor que algumas das mesmas traduções alistadas como usando “casa em casa” em Atos 20:20 (na *Sentinela* em inglês), vertem *kat’oikon* como “em casa” em Atos 5:42. (*American Standard Version; Revised Standard Version; English Revised Version; tradução de Moffatt.*) O artigo (da *Sentinela* em inglês) incluiu a *New American Standard Version* na sua nota de rodapé, na lista de versões que usam “de casa em casa” em Atos 20:20, mas não mostra que na margem dessa versão lê-se “ou nos vários lares particulares”. Aquilo que não contribuía para a idéia que os artigos visavam a promover, foi simplesmente ignorado. Todavia, seu autor, Lloyd Barry, sabia que isto tinha sido um tópico sério e vital do debate na reunião do Corpo Governante.

Mais difícil de entender é a razão pela qual os artigos em parte alguma admitiram o fato de que a própria *Tradução do Novo Mundo*, da organização, traduz *kat’oikon* pela expressão “em lares particulares” em Atos 2:46. *Este versículo nem sequer é mencionado em toda a exposição.* Por quê? A razão parece ser evidente.

O primeiro artigo foi o alicerce e os dois seguintes fizeram uso dele, citando historiadores (E. Arnold e H. G. Wells, que escreveram sobre o espírito evangelizador do cristianismo primitivo), o próprio uso tradicional do testemunho de porta em porta pela organização, decisões judiciais e outras matérias em apoio ao ponto de vista exposto.

Assim, os artigos apresentam um exemplo notável de supressão de evidência contrária, de “raciocínio circular”, com base em premissas não provadas apresentadas como se fossem fatos. Escrito em linguagem enérgica e vívida, com declarações feitas de modo positivo e confiante, os artigos não dão ao leitor indicação alguma de que poderia haver um entendimento alternativo dos relatos bíblicos citados em apoio à posição tradicional. Em vista da discussão ocorrida no Corpo Governante e da evidência ali apresentada, é difícil não encarar isto como desonestidade intelectual.

O registro de testemunho do apóstolo Paulo

Poderiam ser dados mais exemplos em que a evidência também foi ignorada e suprimida. Como apenas um dentre muitos, *A Sentinela* de 1º de julho de 1983 trazia uma consideração do serviço do apóstolo

Paulo, citando suas palavras em Atos 20:20, 21. Considere a afirmação que se seguia (página 13):

Mais tarde, ele podia dizer apropriadamente aos “anciãos” da congregação de Éfeso: “Não me refreei de vos falar coisa alguma que fosse proveitosa, nem de vos ensinar publicamente e de casa em casa. Mas, eu dei cabalmente testemunho, tanto a judeus como a gregos, do arrependimento para com Deus e da fé em nosso Senhor Jesus.” (Atos 20:17, 20, 21, 31; 19:1-41) De modo que o apóstolo Paulo, antes que estes homens que agora eram anciãos se haviam tornado cristãos, lhes havia ensinado as verdades básicas do cristianismo na pregação “de casa em casa.”

O próprio Paulo diz que ensinou estes homens *primeiro* “publicamente” e *depois* de “casa em casa”. O autor do artigo, de fato, inverte a ordem, afirmando taxativamente que o modo *inicial* pelo qual os anciãos efésios se tinham tornado cristãos foi a atividade de ‘casa em casa’. Ele simplesmente omite totalmente o papel do ensino “público” de Paulo em instruir estes homens nas “verdades básicas do cristianismo”, embora o próprio Paulo tenha alistado isto em primeiro. Com que base fez isto o autor do artigo? Onde as palavras de Paulo especificam a *localização* em que estes homens se arrependeram e tiveram fé em Jesus Cristo, tornando-se assim cristãos? Na realidade, no capítulo anterior ao que foi citado (isto é, Atos capítulo 19) a própria Bíblia nos fala sobre a atividade de Paulo em Éfeso. Visto que, como disse Milton Henschel, ‘nós não estávamos em Éfeso mas Lucas estava’, o que mostra o próprio relato de Lucas (escritor do livro de Atos) quanto a *como* e *onde* Paulo deu “cabalmente testemunho, tanto a judeus como a gregos” acerca do arrependimento e da fé em Cristo?

O capítulo 19 de Atos mostra que, ao chegar a Éfeso, Paulo “achou alguns discípulos”, cerca de doze, que nada sabiam acerca de receber o dom do Espírito ou de serem batizados no nome de Cristo, tendo sido batizados no batismo de João. Paulo os batizou no nome de Jesus. Mas deve-se notar que estes homens já eram “crentes”, “discípulos”, quando ele os encontrou. Ele não os ensinou como se fossem estranhos desinformados, mas como homens que já eram discípulos.

O caso deles pode se comparar ao de Apolo, descrito no capítulo anterior como “familiarizado apenas com o batismo de João” quando Áquila e Priscila o conheceram. (Atos 18:24-26) No entanto, mesmo

antes que lhe expusessem “mais corretamente o caminho de Deus”, Apolo já “falava e ensinava com precisão as coisas a respeito de Jesus” na sinagoga. Embora incompleto no seu entendimento, ele já era cristão quando Áquila e Priscila o conheceram. Além disso, eles não o encontraram indo de porta em porta, mas enquanto eles próprios freqüentavam a sinagoga. Não há razão alguma para encarar os doze homens em Éfeso de modo diferente.

Após descrever o batismo destes homens por Paulo, o relato em Atos capítulo 19 diz:

Entrando na sinagoga, falou com denodo, por três meses, proferindo discursos e usando de persuasão a respeito do reino de Deus. Mas, quando alguns prosseguiram em endurecer-se e em não crer, falando injuriosamente sobre O Caminho perante a multidão, retirou-se deles e separou deles os discípulos, proferindo diariamente discursos no auditório da escola de Tirano.

Este é o testemunho ocular de Lucas sobre o ministério de Paulo em Éfeso. Mostra que alguns dos que ouviam os discursos de Paulo na sinagoga durante aqueles três meses ou já eram ou tornaram-se discípulos depois. Não diz que estes, ou quaisquer outros, abraçaram o cristianismo em resultado da atividade de pregação de “casa em casa”. O contexto muito claro da evidência bíblica indica que isto foi mais provavelmente em resultado de terem escutado os *discursos públicos* de Paulo *na sinagoga*. Considere essa evidência conforme é apresentada no relato de Lucas:

Em todo o livro de Atos há exemplos e mais exemplos de pessoas que *se tornaram crentes* em resultado de discursos dados em lugares públicos ou de maneira pública. Os 3.000 em Pentecostes reuniram-se *publicamente* para ouvir Pedro e os outros discípulos falarem, e *naquele mesmo dia* arrependeram-se e tornaram-se crentes. Não estavam atendendo alguém às portas de suas casas. (Atos 2:1-41) Embora seja verdade que Cornélio e seus companheiros ouviram a mensagem de arrependimento e fé em Cristo na casa dele, a visita de Pedro ali não estava relacionada a nenhuma “atividade de pregação de “casa em casa”, mas era uma *visita específica àquela casa*. (Atos 10:24-48) Em Antioquia da Pisídia, em resultado de Paulo falar *na sinagoga*, alguns judeus e prosélitos “*seguiram* a Paulo e Barnabé” para ouvirem mais. (Atos 13:14-16, 38-43) Se alguma casa estava

envolvida, era mais provavelmente aquela em que Paulo e Barnabé se hospedavam, onde estas pessoas interessadas os visitavam, o que é o oposto de serem visitadas em suas casas por Paulo e Barnabé. (Confira uma situação similar no ministério de Jesus em João 1:35-39.) No sábado seguinte, “todos os corretamente dispostos para com a vida eterna tornaram-se crentes”, *na sinagoga*, segundo todas as indicações. (Atos 13:44-48) Em Icônio, o relato diz que Paulo e Barnabé falaram de novo *na sinagoga* e “uma grande multidão, tanto de judeus como de gregos, *se tornaram crentes*”. Eles ‘se arrependeram e tiveram fé em Cristo’ em resultado do ensino público na sinagoga, sem menção a qualquer “atividade de “casa em casa”. (Atos 14:1) Em Filipos, Lídia ‘abriu-lhe o coração e prestou atenção à mensagem de Paulo’, mas isto foi *junto de um rio* e foi só depois que Paulo entrou na casa dela, já como hóspede.¹⁴ O carcereiro filipense que mais tarde se converteu, conheceu Paulo quando este estava detido *na prisão dele*, e a entrada de Paulo na casa dele resultou de o carcereiro ter pedido para saber mais, não de uma visita não solicitada à sua casa. (Atos 16:12-15, 25-34) Em Tessalônica, o resultado de Paulo ter raciocinado com as pessoas *na sinagoga* por três sábados foi que “alguns deles *tornaram-se crentes* e associaram-se com Paulo e Silas, e assim fizeram também uma grande multidão dos gregos que adoravam a Deus” — novamente, ensino público numa sinagoga sem menção a qualquer atividade de pregação de “casa em casa”. (Atos 17:1-4) Em Beréia, quando chegaram, “entraram *na sinagoga* dos judeus” e “muitos deles *tornaram-se crentes*, e assim também não poucas das mulheres gregas bem conceituadas e dos homens”. (Atos 17:10-12) Em Atenas, após Paulo ter falado publicamente na *sinagoga*, na *feira* e no *Areópago*, todos *lugares públicos*, alguns “juntaram-se a ele e *tornaram-se crentes*”. (Atos 17:16-34) Em Corinto, Paulo, enquanto hospedado na casa de Áquila e Priscila, “cada sábado, dava um discurso *na sinagoga* e persuadia judeus e gregos”. Quando a oposição o forçou a sair da sinagoga, ele foi para a casa vizinha de Tício Justo, e usou esta casa como lugar de ensino, e o relato diz: “Mas Crispo, o presidente da sinagoga, tornou-se crente no Senhor, e assim também todos os de sua família. E muitos dos coríntios, que tinham ouvido, começaram a crer

¹⁴ Esta situação ilustra de modo notável como deve ter ocorrido anteriormente com os discípulos de Jesus nas suas viagens de pregação, ao aplicarem a sua instrução sobre permanecer nos lares de ‘pessoas merecedoras’.

e a ser batizados.” (Atos 18:1-8) Crispo e sua família tinham ouvido de início as boas novas na sinagoga e só mais tarde em sua casa, quando esta foi usada como local de reunião, sem a ocorrência de visitas de porta em porta.

Todos estes relatos antecedem o relato da atividade de Paulo em Éfeso. Devemos achar que estes não lançam luz sobre a declaração de Paulo em Atos 20:20 citada na *Sentinela*, de que ele deu “cabalmente testemunho, tanto a judeus como a gregos, do arrependimento para com Deus e da fé em nosso Senhor Jesus”? **Onde** Paulo fizera exatamente isso, em todos estes relatos? Foi em algum tipo de atividade de porta em porta? Ou foi, em vez disso, em lugares públicos, principalmente sinagogas? Quando se falou em casas, tinha ido ali o apóstolo em atividade de porta em porta, ou tinha sido, em cada caso, convidado àquela casa específica? Tinham as pessoas, “judeus e gregos”, *se arrependido e se tornado cristãos* através de ensino público nas sinagogas? Tinham, claramente. Diante de toda esta evidência das próprias Escrituras, do testemunho ocular de Lucas, como pôde o redator da *Sentinela* não fazer a menor referência à evidente probabilidade de que o que ocorreu nos outros lugares pode também ter ocorrido em Éfeso? Não pesquisou o assunto? Não estava a par de toda esta evidência? Tal superficialidade seria indigna de alguém que escreve para milhões de leitores. Ou será que preferiu passar por cima da abundante evidência de modo a fazer as Escrituras se ajustarem aos ensinamentos da Torre de Vigia? Isto seria ainda mais indesculpável.

Paulo diz que ensinou pessoas em Éfeso “publicamente e de casa em casa”. Se o primeiro método é público, o segundo, naturalmente, é particular. Visto no contexto extenso e detalhado de todo o livro de Atos, é claro que o caso de Éfeso pode ter sido este: Paulo encontrou crentes em resultado de ter falado na sinagoga, e mais tarde, na escola de Tirano, e *depois disso* foi aos lares desses crentes, uma casa depois da outra, dando-lhes instrução, não pública, mas particular, instrução personalizada. Uma argumentação honesta teria pelo menos de reconhecer isto como uma possibilidade e, *se fossem considerados todos os exemplos bíblicos anteriores*, teria de admitir que esta é a explicação mais provável. A *Sentinela* não faz isto. Por quê?

Creio que pelo menos uma razão é a preocupação com o efeito que tal consideração justa da evidência bíblica possa causar. Os membros do Corpo Governante certamente entendem que a extensão da atividade de porta em porta realizada em todo o mundo pelos membros da organização, deve-se em grande parte à constante pressão nas revistas, nas reuniões semanais e nos discursos dos superintendentes viajantes. Embora sua própria posição privilegiada lhes permita certo grau de imunidade a essa pressão, eles com certeza a conhecem por sua experiência passada antes de chegarem à liderança. Eles a sentiram e sabem que é real.¹⁵ Suas próprias declarações sobre os relatórios, por exemplo, mostram um verdadeiro medo de que aliviar a pressão resulte na queda dessa atividade. O comentário de Leo Greenlees de que a maioria dos irmãos são “desorganizados” e precisam dos arranjos da Sociedade para fazê-los trabalhar, é típico da atitude paternalista tantas vezes expressa nas reuniões do Corpo Governante. Embora ligada a outro aspecto do programa da organização, uma sugestão para reduzir a duração das reuniões semanais, um comentário bem similar foi feito por Milton Henschel, que perguntou: “E o que farão os irmãos se lhes dermos mais tempo livre? Provavelmente vão usá-lo para ver TV.”

Caso reflitam nisso conscienciosamente, os homens nos postos de liderança sabem também que a organização Torre de Vigia criou um enorme império editorial, que levou décadas para construir. Esse sistema editorial com suas grandes e dispendiosas filiais e gráficas e os

¹⁵ Este grau de imunidade estende-se até certo ponto a outros nos escalões mais elevados da administração. Numa carta para a Comissão de Serviço, datada de 29 de dezembro de 1976, o secretário dessa comissão, Robert Wallen, cita um caso na congregação de Woodhaven (com a qual se associava) em que o superintendente de circuito se pronunciou contra a designação como ancião de um homem que tinha em média cinco horas por mês de “serviço de campo”. Wallen indica que o homem tinha servido em outra congregação como ancião, foi recomendado por essa congregação, e também tinha dois filhos em idade pré-escolar. Ele disse que o caso o fez pensar seriamente na sua própria situação, visto que sua média de serviço era “aproximadamente a mesma desse irmão”. No entanto, ele acrescentou que por causa da sua designação na sede mundial, sua qualificação como ancião era julgada por um padrão diferente do daquele homem. (Veja a citação da carta dele no capítulo anterior.) Embora isto se aplique aos que têm designações mais importantes, esta imunidade não se estende ao trabalhador comum da sede mundial, e ele não usufrui de nenhum alívio da pressão das horas no serviço de campo.

alojamentos de muitos andares para os que ali trabalham, são fonte de grande orgulho e freqüentemente citados como evidência de benção divina e prosperidade. Qualquer diminuição da pressão para que as Testemunhas participem na atividade de porta em porta, com as publicações que emanam desse sistema, pode eventualmente fazer o império desmoronar ou exigir que seja em grande parte desmontado. Creio seriamente que, para muitos dos da liderança da organização, esta simples idéia é impensável.

Os membros do Corpo Governante sabem também que, embora se distribua todo ano um volume enorme de milhões de publicações, só uma pequena fração delas chega a ser lida. Mas a quantidade de publicações distribuídas, por si só, ajuda a manter a impressão de um tremendo “testemunho mundial” dado às pessoas. Ao passo que o apóstolo Paulo “ensinou” publicamente *e* em lares particulares, o trabalho de porta em porta das Testemunhas de Jeová na maioria dos países onde é realizado é uma forma pública de pregação mas *não de ensino*. Mesmo o alcance da pregação é notavelmente pequeno. Na maioria dos países, as Testemunhas só ocasionalmente se empenham numa conversa substancial, e com freqüência ainda menor conseguem passar do limiar da porta. Em grande parte dos casos, o “testemunho” não envolve mais que a oferta rápida de algumas publicações da Torre de Vigia. Mesmo nos poucos casos em que as pessoas deixam a Testemunha dizer algo mais ou a convidam a entrar, o que se diz na vasta maioria das vezes dificilmente poderia ser descrito como “ensinar” e nem de longe se classifica como ‘dar testemunho cabal sobre arrependimento e fé no Senhor’, porque consiste primária e principalmente numa breve consideração de um ou dois versículos da Bíblia, seguidos pela oferta de literatura da Torre de Vigia.¹⁶ O verdadeiro “ensino” só acontece nos “estudos bíblicos domiciliares”, e todos os que conhecem a situação nas congregações das Testemunhas de Jeová devem saber que só uma pequena minoria delas participa nesta atividade de estudo bíblico.

¹⁶ A carta já citada da Comissão de Filial da África do Sul inclui afirmações que são verazes no caso de muitos países, ao dizer que “poucas pessoas do público lêem realmente as nossas revistas”, “muitos publicadores pagam pelas revistas e distribuem apenas uma parte delas,” e finalmente quando pergunta: “Qual é o interesse de distribuir milhões de revistas se não atingimos o nosso verdadeiro objetivo de fazê-lo?”

Um artigo intitulado “O Desafio de Ir de Casa em Casa”, na *Sentinela* de 15 de novembro de 1981, já mencionada, apresenta uma imagem atraente dos benefícios de participar no trabalho de porta em porta. Afirma que não há “nada como o método de evangelização de casa em casa para ajudar a pessoa a cultivar os frutos do espírito santo de Deus”, que “ajuda a pessoa a cultivar a virtude da humildade”, isto é, “tende a torná-los mais compreensivos, com mais empatia”, e que “serve também de proteção contra o mundo”. Pode ser verdade que qualquer atividade que envolva contatar pessoas, inclusive muitas formas de trabalho social, pode ter efeito positivo sobre as perspectivas e a atitude para com elas. Mas a imagem apresentada é mais fantasiosa do que real, e creio que a maioria das Testemunhas, que regularmente trabalham lado a lado com anciãos e pioneiros, e que têm contatos com superintendentes de circuito e distrito, sabem que o trabalho de porta em porta, em si, contribui muito pouco para tornar alguém melhor e mais compreensivo, que manifeste de modo notável amor, paciência, longanimidade, brandura e os outros frutos do Espírito. A descrição empolgante da *Sentinela* representa mais o sonho impossível que a realidade, como demonstraram as cartas escritas pelos próprios anciãos respeitados da organização. Quanto aos sentimentos de empatia, o próprio fato de as Testemunhas serem treinadas para pensar nas pessoas que visitam como mundanas, para ignorar qualquer afirmação de espiritualidade da parte delas como não sendo genuinamente cristã e para encarar como “semelhantes a ovelhas” apenas os poucos que são receptivos, certamente impede qualquer real sentimento de empatia. Seu interesse nas pessoas é em grande parte direcionado e sua visão é como que através de um túnel. Mesmo que a pessoa contatada esteja sofrendo devido a sérios problemas e necessidades, a Testemunha raramente se interessará em outra coisa que não seja colocar literatura ou fazer um prosélito. Quando nenhuma destas coisas parece provável, muitos seguem o exemplo do levita e do sacerdote da parábola. Poucos reagem como o bom samaritano.

O mesmo ocorre com as afirmações de que a atividade de porta em porta ajuda a cultivar a humildade e os frutos do Espírito. Nos anos em que servi como superintendente de filial no Caribe, vi muita tensão e dificuldades nos vários lares missionários estabelecidos pela organização. Parecia ser um problema constante conseguir um grau satisfatório de compatibilidade entre muitos desses homens e mulheres,

obrigados a morar juntos em pequenos grupos na mesma casa. Fazíamos constantemente mudanças, transferindo pessoas de um lar missionário para outro, tentando conseguir um ambiente de paz em vez de dissensão. Numa zona do Caribe onde servi, a filial estabeleceu mais tarde um lar especial para alguns missionários que serviam ali há mais tempo. A razão era simplesmente que eles não pareciam capazes de se dar bem com outros, e alguns (nos lares onde estavam) imploravam por alívio dizendo que suas vidas estavam se tornando insuportáveis devido às atitudes e modos destes missionários. Num país da América do Sul ao qual fui enviado como superintendente de zona, o único lar missionário que restava era no edifício da filial. O lar era ocupado por pessoas que estavam todas, havia décadas, no serviço de tempo integral. Contudo, o clima de queixas e divergências mesquinhas era tal que, após anos fazendo o melhor que podia para acabar com o egocentrismo, o coordenador da filial por fim pediu e recebeu permissão para mudar-se de lá e morar em outro lugar, mesmo continuando no trabalho de coordenador da filial. No entanto, em todos os casos citados, estas eram pessoas que estavam, ou tinham estado, gastando diariamente cinco horas ou mais no testemunho, e grande parte deste era na “evangelização de casa em casa”.

Apesar de toda a evidência, as publicações da organização continuam regularmente a dizer que questionar esta programação de porta em porta é resultado de falta de humildade e falta de fé e amor a Deus e aos outros. Assim, *A Sentinela* de 1º de dezembro de 1987 (página 20) diz:

...Para os que deixam de temer a Jeová, as reuniões, o serviço de campo e outras atividades cristãs podem tornar-se uma carga.

Note como esses foram descritos em *A Torre de Vigia* (atual *A Sentinela*) de junho de 1937:

“Para os infiéis, o privilégio de servir a Deus levando o fruto do reino perante outros, como o Senhor tem ordenado, se tornou mera cerimônia e formalidade enfadonha, que não lhes oferece a oportunidade de brilhar aos olhos dos homens. O levar a mensagem do reino em forma impressa, de casa em casa, e apresentá-la ao povo, é muito humilhante para tais importantes para si mesmos”... Isto é o que pode acontecer se perdermos o temor de Jeová e, junto com isso, o amor por ele.

Isto faz parecer que não é possível alguém questionar a enorme importância atribuída ao método de porta em porta pela organização Torre de Vigia, e fazê-lo por razões sinceras e conscienciosas, baseadas no estudo da Palavra de Deus e na evidência clara que ela apresenta. Isto significa que quem faz isso é infiel a Deus, preocupa-se em ‘brilhar aos olhos dos homens,’ considera-se importante, tendo perdido seu temor de Jeová e seu amor por Ele.

Vale lembrar que este artigo de 1937 citado (como todos os “artigos de estudo” da época) foi escrito pelo Juiz Rutherford, que não participava na atividade de porta em porta. Seus próprios associados disseram que ele encarava o trabalho que fazia como mais importante. Não só era ele o homem cuja voz se ouvia em todos os discos fonográficos que as Testemunhas da época levavam às portas (esses discos eram o único modo em que Rutherford, simbolicamente, ia de porta em porta), mas também quem dava todos os discursos principais dos congressos, cujo retrato aparecia em todos os anúncios de tais ocasiões, com seu nome sempre precedido pelo título de “Juiz”, muitas vezes com a referência ao fato de que era presidente da Sociedade e membro da Ordem dos Advogados de Nova York. Foi este, pois, o autor que teve a presunção de acusar de auto-importância e do desejo de brilhar a todos que não apoiassem firmemente a atividade de porta em porta a que ele exortava, mas da qual se considerava eximido.

Creio que uma séria responsabilidade acompanha a argumentação parcial e tendenciosa que se usa para apoiar a alegação da organização de que a atividade de porta em porta é ensinada e defendida na Bíblia, e que era um método distintivo de testemunho do primeiro século. Não se trata de mera discussão acadêmica ou debate sobre aspectos técnicos. Tem impacto na vida das pessoas, e no modo como vêm a si mesmas e aos outros.

O método de porta em porta que a organização promove foi claramente convertido num padrão pelo qual se julga a espiritualidade dos outros e seu amor a Deus. Com certeza, qualquer ensino que traga tais conseqüências merece argumentos mais sólidos que os encontrados nas publicações da organização, uma consideração mais plena e mais justa da evidência e das questões envolvidas.

O que as Escrituras mostram quanto ao verdadeiro significado da pregação das “boas novas do reino” será considerado num capítulo subsequente.

SINCERE persons are watching with great fear and trepidation the feverish preparations for war among the nations. Hatred, malice and ill will daily increase. That a terrible world disaster is impending seems certain and is sensed by almost everyone.



*Is there to be found a place of
SAFETY?*

The man who by reason of world-wide travel, research, and knowledge of God's sure Word of Prophecy is qualified to answer authoritatively is

JUDGE RUTHERFORD

He will answer in a public lecture
to be delivered at the

C O L I S E U M

of the

OHIO STATE FAIR GROUNDS

Sunday, September 19, 12 noon

Eastern Standard Time

Free lecture

No collection

**For list of stations in nation-wide broadcast
of speech see reverse side**

**Panfleto de 1937 anunciando uma das
conferências públicas do “Juiz” Rutherford.**

Montagem, com a tradução:

PESSOAS sinceras estão observando com grande temor e preocupação os preparativos febris para a guerra entre as nações. Ódio, maldade e má vontade aumentam a cada dia que passa. Parece certo que um terrível desastre mundial é iminente e é sentido por quase todos.



*Será que se pode encontrar um lugar de
S E G U R A N Ç A ?*

O homem que, por ter viajado ao redor do mundo,
por ter pesquisado, e conhecer a Palavra exata
da Profecia de Deus, está qualificado para
responder com autoridade é o

JUIZ RUTHERFORD

Ele responderá numa conferência pública
a ser realizada no

C O L I S E U

do

PARQUE DE FEIRAS DO ESTADO DE OHIO

Domingo, 19 de setembro, ao meio-dia

Horário Padrão do Leste

Conferência gratuita

Não se fazem coletas

Para a lista das estações que transmitirão o discurso
em rede nacional veja o verso

O Legalismo — Oponente da Liberdade Cristã

Não estais debaixo de lei, mas debaixo de benignidade imerecida. — Romanos 6:14.

Eles queriam nos tornar escravos. — Gálatas 2:4, Bíblia na Linguagem de Hoje.

DESDE os tempos mais remotos o legalismo tem sido o maior obstáculo ao genuíno cristianismo. Já se manifestava no tempo em que Jesus surgiu como o Enviado de Deus, o Messias. Dominava principalmente o modo de pensar do grupo conhecido como “fariseus”. Esse nome significa “os separados”, e uma obra de referência diz: “Há muito para justificar a opinião de que o grupo recebeu este nome devido ao fato de que viam a si mesmos como a comunidade que encarnava o verdadeiro Israel, distanciando-se assim do resto da nação.”¹

Historicamente, a comunidade dos fariseus surgiu nos tempos pré-cristãos, como parte de um movimento que tinha essencialmente um alvo nobre: Encorajar a devoção religiosa e a obediência à Lei de Deus (a Torá), algo então ameaçado pela crescente influência grega. Desde o tempo da conquista de Israel por Alexandre, o Grande, esta “helenização” vinha se infiltrando no modo de pensar, nos costumes e na vida diária da nação judaica. Os fariseus acreditavam que o retorno à plena obediência à Lei dada por Deus era vital a fim de preparar-se para a vinda do Messias. Conseqüentemente, pretendiam ser ardentes adeptos e defensores da pureza da adoração de Deus; o próprio Jesus reconheceu que eles tinham certa medida de justiça. — Mateus 5:20.

¹ *Dictionary of New Testament Theology*, Vol. II, página 810.

No final, porém, eles terminaram entre os maiores opositores do Messias quando ele veio. Nenhum outro grupo foi tão repetida e firmemente censurado por Cristo. Seu interesse em mostrar lealdade a Deus e à sua lei se transformara em legalismo, legalismo que os tornou estritos e rígidos e os fez perder de vista as coisas mais vitais, incluindo justiça, misericórdia, fidelidade e amor ao próximo. (Mateus 12:1-14; 23:23) Estavam altamente preocupados em evitar qualquer coisa que os tornasse “impuros” diante de Deus. Buscavam “criar uma cerca em volta da Lei”, como proteção ostensiva contra quem quer que a ultrapassasse ou transgredisse.² Para conseguir isto, “puseram-se a comentar, analisar e interpretar a Torá [a Lei] aplicando-a a cada caso e contingência possível da vida, com diligência e persistência que seriam dignas de mestres medievais. O resultado foi uma teia sutil e intrincada de jurisprudência, que constituía também um peso terrível para a existência humana comum”.³ Jesus disse que ela ‘punha cargas pesadas nos ombros dos homens’, cargas que os líderes religiosos não queriam mover nem com um dedo. (Mateus 23:4) No final, seu zelo em regular todas as possíveis aplicações da Lei os levou a entrar em choque com a Palavra de Deus, à medida que as tradições que criavam ao aplicar a Lei resultavam na anulação dos princípios mais vitais dessa Palavra. (Mateus 15:1-9) Sua visão extremista da Lei inevitavelmente os tornava auto-justos, orgulhosos de sua obediência superior e de suas diversas abstinências. Em resultado, tornaram-se julgadores dos que não se regiam por suas normas e nem acatavam as interpretações de leis que elaboravam e o programa de rotineiras ações de piedade que realizavam. Eles “confiavam em si mesmos como sendo justos e... consideravam os demais como nada.”⁴

Creio que esse antigo padrão pode ser visto nos tempos modernos, com resultados praticamente idênticos.

Elabora-se um grande conjunto de leis

As publicações da Torre de Vigia muito têm falado em termos bem negativos da elaboração, pelos judeus, de um Talmude baseado em

² Veja *A Sentinela* de 1º de novembro de 1980, página 6.

³ W. H. C. Frend, *A Ascensão do Cristianismo* (em inglês), Fortress Press, Filadélfia, 1984, páginas 24, 25.

⁴ Lucas 18:1-14, compare com João 7:49.

interpretações rabínicas da Lei Mosaica. Todavia, nas últimas cinco décadas, a organização tem elaborado seu próprio conjunto de leis, com incrível extensão e complexidade. Fez-se tudo isto em nome de “manter-se a congregação limpa” e “separada do mundo”, desta forma reafirmando sua justiça diante de Deus. A própria organização reconhece a existência de tal lei.

Portanto, num artigo intitulado “Deprecia a Disciplina?” debaixo do subtópico “Disciplina em Cada Passo do Caminho”, *A Sentinela* destacava o papel da “Sociedade do Novo Mundo” (um nome popular que outrora descrevia a organização das Testemunhas) em prover esta disciplina e dizia:

Assim é que, devido à sociedade do Novo Mundo aplicar os referidos mandamentos, exemplos, normas e princípios bíblicos às questões e problemas da vida, um grande conjunto de leis teocráticas vem sendo erigido.⁵

Esse “grande conjunto de leis teocráticas” tornou-se bem maior nas quatro décadas seguintes à escrita desse artigo. De modo claro, não se trata apenas da questão de tirar declarações diretas das Escrituras, pois neste caso isto não seria descrito como ‘erigir’ um grande conjunto de “leis teocráticas”. O ‘erigir’ resulta de estas declarações bíblicas serem *interpretadas*, de serem *ampliadas*, de serem *estendidas* para aplicações cada vez mais detalhadas “às questões e problemas da vida”, não como mera forma de exposição ou exortação, mas com as próprias interpretações tornando-se agora “leis teocráticas”.

Para que sejam “leis” não é preciso que tais regras de conduta ou ação sejam chamadas especificamente de “leis”. Como vimos, define-se corretamente lei como “*costume ou prática obrigatória numa comunidade: regra de conduta ou ação prescrita ou formalmente reconhecida como obrigatória ou imposta por uma autoridade controladora.*” A lei contrasta-se com o “preceito”, visto que a lei “*implica em imposição por uma autoridade soberana e em obrigação de obediência por parte de todos os sujeitos a essa autoridade*”, enquanto que o preceito “*normalmente sugere algo aconselhável e não obrigatório, transmitido tipicamente por meio do ensino*”.⁶

⁵ *A Sentinela*, 1º de dezembro de 1963, página 716, parágrafo 25.

⁶ *Webster's Ninth New Collegiate Dictionary*, sob “lei”, com sinônimos.

Ao mesmo tempo em que crêem não mais estar sob a Lei Mosaica, a evidência é que as Testemunhas de Jeová passaram a estar sob outra lei e a submeter-se a ela; passaram a acreditar que sua condição justa está firmemente ligada à guarda dessa lei.

Um sistema de controle legal é substituído por outro

É deste modo que a questão é apresentada numa outra publicação da Torre de Vigia intitulada “Prestai Atenção a Vós Mesmos e a Todo o Rebanho” (em inglês), parte de um livro texto utilizado nos cursos realizados para anciãos das Testemunhas de Jeová em 1981.⁷ Na página 144, encontramos o seguinte:

Unidade 8 (b)

Sob “a Lei do Cristo”

(Gal. 6:2)

O povo de Jeová atualmente não está sob o controle do conjunto de leis conhecido como a lei Mosaica do antigo Israel. (Col. 2:13, 14) Paulo mostrou que, desde que houve a mudança de sacerdócio de Aarão para o de Jesus Cristo à maneira de Melquisedeque, os cristãos estão sob um novo arranjo de controle legal. (Heb. 5:4-6; 7:12) Algumas regras de conduta encontradas na antiga lei de Moisés foram reafirmadas na lei do Cristo e estão em vigor para os cristãos. (Atos 15:19-21) Outras regras de conduta da Lei de Moisés, com os seus princípios subjacentes, embora não vigorem na congregação cristã, são no entanto úteis aos cristãos ao passo que andam no caminho da santidade. (Tia. 2:8, 9) Os anciãos farão bem em considerar algumas destas orientações que servem para proteger a congregação cristã e mantê-la limpa diante de Jeová. — Efé. 5:25-27.

LEI DA CONGREGAÇÃO CRISTÃ

Os cristãos não estão sob a lei Mosaica, mas sob “a lei do Cristo”. (Gal. 6:2, 1 Cor. 9:21)

Consiste no conjunto de regras para a conduta cristã. (Gal. 6:16)

⁷ Este livro texto foi elaborado sob a direção da Comissão de Ensino do Corpo Governante. Entre seus membros estavam Albert Schroeder, Karl Klein, Leo Greenlees e Ted Jaracz.

[Para ver o original em inglês e comparar com a versão de 1991 em português, queira consultar o Apêndice.]

Proclama-se a doutrina de que os cristãos estão “sob *um novo arranjo de controle legal*”, um “*conjunto de regras* para a conduta cristã” que “*estão em vigor* para os cristãos”. Isto nada mais é que um modo indireto de dizer “novo código de leis”. A simples leitura dos textos citados nos parágrafos seguintes ao título tornam claro que as palavras encontradas nesses versículos foram ajustadas para dizer algo que de fato não dizem, muitas vezes por se ignorar o contexto. As próprias Escrituras deixam claro o que é a “lei do Cristo” (mencionada em Gálatas 6:2), e ela definitivamente *não* é um “novo arranjo de controle legal” ou “conjunto de leis”.⁸

Quando Deus tirou os cristãos de debaixo do Pacto da Lei para o seu Novo Pacto (mudança que Ele realizou mediante Cristo como Mediador e Sumo Sacerdote), Ele não os fez passar de um código de leis para outro código de leis (ou “arranjo legal” de um “conjunto de leis”). Sua Palavra declara que, daquele tempo em diante, Sua lei seria escrita nos *corações*, não em pedra, pergaminho, velino ou qualquer outro material de escrita.⁹ A “lei do Cristo” se acha em seus *ensinamentos*, seu *exemplo* e *modo de vida*, e nenhum destes indica qualquer “novo arranjo de controle legal”. Em vez disso, sua lei mostra ser “a lei real do amor” e a “lei da fé”, e tampouco a fé e o amor são passíveis de ser reduzidos a um “conjunto de leis” e regulamentos e ser expressos plenamente por estes. (Compare Gálatas 6:2 com Romanos 3:27, 28; 13:8; Tiago 2:8) Não se pode legislar sobre amor e fé nos corações das pessoas. É por isto, sem dúvida, que o apóstolo Paulo disse que “a Lei não é baseada na fé”, porque a lei (no sentido de um conjunto de regras) é atribuída não à fé, mas simplesmente à submissão, quer você a aceite quer não. A observância da Lei torna-se o critério da justificação. Os que observam as regras são contados como justos; os que não o fazem são punidos.¹⁰ A importância superior da fé neste aspecto é obscurecida.

⁸ O contexto, de fato, fala que ela se cumpre por se ‘levar os fardos uns dos outros’.

⁹ Jeremias 31:31-33; Hebreus 8:8-10

¹⁰ Gálatas 3:10-12, *NVI*.

Por estas sérias razões o apóstolo apresentou a questão da liberdade cristã — incluindo a liberdade de não estar sob um sistema religioso de leis humanamente “impostas” — nos termos mais firmes, dizendo:

Eu não repilo a benignidade imerecida de Deus; pois, se a justiça é por intermédio da lei, Cristo realmente morreu em vão.¹¹

Estais apartados de Cristo, quem quer que sejais que tenteis ser declarados justos por meio de lei; decaístes da sua benignidade imerecida.¹²

O ensino de que os cristãos do Novo Pacto estão de novo sob um “novo arranjo de controle legal” nega o ensino bíblico de que a lei de Deus está agora escrita nos corações humanos, e seu controle se faz, não por um “conjunto de leis”, mas por Espírito santo. Ele nega a liberdade cristã que é o fruto de não estar debaixo de lei, mas debaixo de benignidade imerecida ou graça. Este ensino condenaria os cristãos à morte, pois “por obras de lei, nenhuma carne será declarada justa diante dele”, visto que a lei inevitavelmente condena os debaixo dela devido à sua incapacidade de observá-la de modo perfeito.¹³ Ela conduz à mesma auto-ilusão de que se tornaram presas muitos que estão sob o Novo Pacto — a de buscar a própria justificação por meio da observância da lei, cumprindo as obrigações impostas pela lei.¹⁴ Ela causa a mesma jactância e sentimento de superioridade aos outros, que eram típicas daqueles do tempo de Jesus que defendiam o estrito apego a regras definidas por seus líderes religiosos, aqueles que se orgulhavam de sua submissão a regulamentos.¹⁵ O pior de tudo, ela minimiza e detrai da magnificência do amor de Deus, pelo qual Ele dá a vida, não como recompensa pela observância a leis, quer Mosaica quer quaisquer outras, mas como um “dom gratuito”, aceito pela fé, apreciado através do amor, correspondido por ações de amor, mas jamais ganho por mérito.¹⁶

¹¹ Gálatas 2:21.

¹² Gálatas 5:4.

¹³ Romanos 3:20; Gálatas 3:10, 11.

¹⁴ Romanos 10:3, 4.

¹⁵ Mateus 12:1-10; Lucas 18:9-12; João 7:49.

¹⁶ Romanos 3:21-25; 5:15-17.

Em 1976, o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová decidiu fazer uma revisão de seu manual *Ajuda Para Responder Correspondência dos Escritórios de Filial*. O manual visa orientar todas as Comissões de Filial da organização no trato dos problemas. O objetivo da revisão era que o manual contivesse as decisões mais recentes do Corpo Governante. Gene Smalley e Robert Wallen, membros do pessoal, foram designados para redigir um manual atualizado e entregaram sua proposta de revisão em setembro de 1977, tendo sido obra principalmente de Smalley. A Comissão de Redação me designou para fazer a edição final da matéria. Achei a designação deprimente. Embora familiarizado com o manual original devido à experiência passada, senti então plenamente a que ponto chegara a visão legalista que a organização adotara em relação ao cristianismo. Dois anos depois, eu ainda não tinha completado a editoração e, tinha, de fato, feito bem pouco progresso. Propus passar a designação a outra pessoa, mas Lyman Swingle, então coordenador da Comissão de Redação, disse que não tinha pessoalmente pressa alguma de ver a matéria concluída, e que, no que lhe dizia respeito, “quanto mais dela for ‘para o incinerador’ melhor”. Analise o índice das 114 páginas da matéria proposta:

[O *scan* original em inglês do índice abaixo está no Apêndice a este capítulo.]

ÍNDICE

Aborto	78
Adoção	14
Adultério, Evidência	27, 28
Afiliação a Várias Organizações	83
Anciãos	33-35
"	, Anteriormente Desassociados 64
"	, Transgressão
Aniversário	22, 23
Anulações,	31, 32
Apostasia	4
Arma, Emprego com Arma	47, 48
Assassinato	68
"	, Culpa de Sangue 12
Auto-defesa	102

Bandeira, Exibição 55
Bandeira, Saudação e Hinos Nacionais ou Escolares 54, 55
Batismo 5-8
" , Pessoa Retardada 7
" , Serviço Militar 86a
Bebidas Alcoólicas 1
Bônus do Governo 60a
Calças, Mulheres 15
Casamento 75-77, 113, 114
" , Anulação 31, 32
" , com Descrente 35, 49, 50, 75, 76
" , com Pessoa Desassociada 6, 7
" , Consuetudinário 16
" , de Pessoa Desassociada 21,
" , Divórcio, Decreto Interlocutório 30
" , Salão do Reino 70
Chás de Panela 114
Cidadania 89
Cobrir a Cabeça 66
Comemoração 84, 85
Comissão de Apelação 64, 65
Comissão, Necessidade 61
Conduta com Pessoas do Sexo Oposto 17, 18
Conduta Desenfreada 17, 18
Confissão 62
" , Adultério 25, 28
" , de Ancião 34
Consensual, "Casamento" 29
Consuetudinário, Casamento 16
Controle de Natalidade 52
Cuidar de Casos de Transgressão 61-65
Culpa de Sangue 12, 34
Declaração de Compromisso de Fidelidade 16, 23, 29, 30, 76
Desassociação 20-23
Desassociado, casar com 6, 7
" , Funeral 57
" , Mudar-se para casa de 74
" , Recusar Encontro com 62, 63
Dissociação 19, 87, 88, 90
Divórcio 24-32
" , Porneia 104
" , Onde é Difícil 30
Doença Venérea 28

Emprego 36-48
 " , Armado 47, 48
 " , Envolvendo Sangue 10
 " , Estrangeiro 2
 " , Professores Escolares 99, 100
 " , Sociedade Comercial 3
 " , Tabaco 109, 110
 Empréstimos 71, 72
 Escolas Religiosas 45, 46
 " , Educação Secular 98-100
 Escola Teocrática, Matricular-se 82
 Espiritismo 79, 106
 Esterilização 80, 81
 Estrangeiros 2, 3
 Estudo Bíblico, Pessoa Desassociada 22
 Estupro 52
 Eximção, serviço Militar 87
 Família, Assuntos de 49-52
 Feriados, Cônjuge Descrente 49, 50
 Filhos 14
 " , Retardados 51
 " , Transgressões de 50, 64
 Funeral 55-58, ,
 " , Salão do Reino 70,
 " , Veteranos de Guerra
 Governo, Trabalho Exigido 90
 Hermafrodita 104
 Hinos 54, 55
 Hipnotismo 78, 79
 Honra a Autoridades Governamentais 67
 Hospitais Religiosos 46
 Igreja, Compra ou Venda de Salão do Reino 96
 " , Filhos 51
 " , Remoção do Nome 5, 6
 Ilegais, Atividades 68
 Ilegitimidade 52
 Impostos 107
 Impotência 31
 Insanidade 31
 Jogos de Azar 59, 60
 Karatê 102
 Legais, Assuntos 73
 Medicina Ilegal 79
 Médico, Sangue 10, 11
 Médico, Tratamento 78-81

" , Localizar 78
Militar, Serviço 86-88
Morar, Acomodações 74
Multas 53
" , Sindicato 112
Música, Hinos 54, 55
Namoro 32
Naturalização 89
Neutra, Comissão 64, 65
Neutralidade 90, 91
Noiva, Preço de 32
Notícias, Serviço 92
Núpcias 113, 114
Órgãos, Transplantar 81
Pais, Cuidar dos 52
Patriotismo, Saudação à Bandeira e Hinos 54, 55
Pioneiro, Qualificações 93
Piquete, Fazer 112
Perdão, por porneia 28
Políticas, Eleições 94
Porneia 17, 18, 25, 103, 104
" , Evidência 27, 28
Prêmios 60
Prisão 69
" , Ancião 34
" , Trabalho 110
Psiquiatria 80
Readmissão 23
" , Privilégios 63, 64
Rebatizar-se 7
" , Anciãos 34
Recreação 95
Registrar-se Para Votar 94
Relações Sexuais, Pessoas Divorciadas 30, 31
Religioso, Envolvimento 96, 97
Restituição 23
Retardados Mentais 51
" " , Batismo 7
" " , Transgressões 63
Reuniões 82
" , Pessoa Desassociada
Salão do Reino, Casamentos 70
" , Comprar de Igreja 96
" , Desassociados 22
" , Filhos Frequentam 51

"	, Financiamento	71, 72
"	, Vender para Igreja	96
Servo Ministerial, Anteriormente Desassociado		64
Sangue		9-11
Segregação		101
Sexo, Mudança de		104, 105
Sexual, Conduta		103-105
Sindicatos, Afiliação e Atividades		111, 112
Sociedades Comerciais		34
Soros		9
Subornos		13
Suicídio		57
Tabaco		108-110
Transexual		104, 105
Travestir-se		105
Transplantes de Órgãos		81
Tribunal		73
Uniforme		69
Vestimenta que é Apropriada		15
Viúva, Pensão		77
Votar		94
"	, Sindicatos	111

Virtualmente cada setor da vida — assuntos familiares e conjugais, emprego, relações sociais e comunitárias — é coberto por uma ou outra das normas contidas nesta publicação. Mas os 174 tópicos alistados no índice dão apenas uma visão superficial da realidade que se acha nas páginas, uma pequena idéia de exatamente quão extensas e complexas tinham se tornado as normas da organização. E mesmo as páginas do manual contam só uma parte da história, pois elas trazem referências abundantes a artigos da *Sentinela* que se prendem ainda mais a detalhes técnicos das normas elaboradas. A proliferação de regulamentos e sub-regulamentos que se acham em suas páginas (algumas “impostas” diretamente e outras de modo apenas sutil) só podem ser descritas como talmúdicas. E a cada ano, novas regras são formuladas em resultado das reuniões do Corpo Governante.

Embora o manual revisado devesse chamar-se *Orientações Para Correspondência*, todo aquele que ocupa a posição de ancião congregacional, superintendente viajante ou membro de Comissão de Filial sabe que o conteúdo do manual não é mera orientação, mas tem força de *lei*. Ele sabe que se não se apegar estritamente a estas normas

e decisões ao tratar dos assuntos, estará sujeito à disciplina. Estas normas são, de fato, tratadas com o mesmo respeito que se teria às declarações diretas das Escrituras, lei divina. As Testemunhas aprendem a encará-las assim. Já na *Sentinela* de 15 de maio de 1944, p. 152 (em inglês), via-se esta declaração:

Deve-se ter sempre em mente que a organização de Deus de seu povo é Teocrática, não democrática. As leis de sua organização vêm dele próprio, o grande Teocrata, Jeová, o Supremo... De modo único, uma organização é regida do alto para baixo (o que significa do Deus Altíssimo para baixo) e não de baixo para o alto (isto é, das pessoas das congregações para o alto).

É bem evidente que o chamado “grande conjunto de leis teocráticas” hoje existente dentro da organização das Testemunhas não se origina das pessoas das congregações, as da chamada parte “*de baixo*”. O “alto” de onde emanava este “conjunto de leis”, porém, na realidade não ultrapassava a liderança da comunidade das Testemunhas, sua “autoridade controladora” atual.

Intromissão sutil do legalismo

A própria história da organização mostra que, basicamente, o chamado “grande conjunto de leis teocráticas” começou a crescer na gestão do segundo presidente da Sociedade Torre de Vigia, Joseph F. Rutherford (de 1917 a 1942), pois durante a gestão do fundador da Sociedade, Charles Taze Russell (de 1881 a 1916), a organização era incrivelmente livre do legalismo. Após a morte de Russell e a eleição de Rutherford para a presidência, um tom e um espírito totalmente diferentes manifestaram-se na administração da organização. Rutherford não era pessoa inclinada a tolerar discordância. Já vimos que A. H. MacMillan, associado íntimo de Rutherford, disse que “Ele jamais tolerava algo que fosse contrário ao que ele claramente entendia como ensinado pela Bíblia”.¹⁷ Esta declaração revela não só a tendência de controlar que tinha o presidente da Sociedade e a enorme autoridade de que ele mesmo se investiu, mas também que era *seu* entendimento das Escrituras que determinava o que devia servir de orientação a todos os membros. Aqueles de nós dentre as Testemunhas que viveram durante aquela presidência sabem que “ser teocrático”

¹⁷ O sublinhado é meu.

passou a significar aceitar virtualmente sem questionar quaisquer instruções recebidas da sede da organização.

Vimos a maneira pela qual o “serviço de campo” tornou-se essencialmente uma “obra da lei” para todos os membros. Este passo inicial foi seguido de outros, como adições ao “grande conjunto de leis teocráticas”. Durante o mandato de Rutherford ele passou a incluir assuntos tais como a recusa de saudar a bandeira ou levantar-se para o hino nacional e a recusa de aceitar o serviço alternativo oferecido aos que tinham objeção de consciência ao serviço militar — todos estes assuntos não especificamente tratados nas Escrituras.

Se os indivíduos, à base de sua convicção pessoal, não puderem conscienciosamente participar em alguma, ou em todas estas coisas, eles devem corretamente se abster. (Confira Romanos 14:5-12, 22, 23.) Mas nenhuma destas questões foi deixada à consciência individual; tornaram-se, então, lei organizacional, e o apoio a esta lei, em todos os aspectos, era requisito para se ser considerado um cristão fiel. Não obstante, durante a vida de Rutherford, o volume elaborado de leis era mínimo comparado ao que se seguiu. Embora os que deixavam de segui-las fossem menosprezados como “transigentes”, não se tomavam, em nível congregacional, medidas punitivas como a desassociação. Em outros setores, apenas a conduta que mostrasse sérias violações de moralidade traziam desassociação, e durante meus primeiros anos de associação estas expulsões pareciam muito raras. Não existia, certamente, a tendência que mais tarde se tornou tão comum de escrutinar a vida das pessoas.

O grande período da legislação teocrática

Foi nos anos 50 que se iniciou o verdadeiro desenvolvimento do que hoje é um completo sistema de lei das Testemunhas de Jeová, um código de normas e regras que abrange praticamente cada aspecto da vida. Em grande parte, isto aconteceu em resultado da crescente ênfase ao processo de “desassociação” que veio à tona na década anterior,

principalmente de 1944 em diante.¹⁸ Nos primeiros anos, simplesmente se considerava o próprio conselho bíblico, como por exemplo o conselho apostólico de 1 Coríntios capítulo 5, com sua exortação a não se associar com “qualquer que, dizendo-se irmão, seja imoral, avarento, idólatra, caluniador, alcoólatra ou ladrão”.¹⁹ Não há dúvida quanto à validade desse conselho e que é sábio apegar-se a ele. A organização, porém, começou então a puxar ramificações desta exortação bíblica para o campo da legislação, de modo que, com o tempo, um verdadeiro código de regras veio a existir.

De que modo tudo isto se deu? Como foi que algumas regras formuladas e impostas durante a gestão de Rutherford passaram por uma verdadeira explosão que resultou no “grande conjunto de leis” atual?

A sede da administração em Brooklyn mantém o que se chama de “Departamento de Serviço”. Este supervisiona nos Estados Unidos a atividade de todos os superintendentes viajantes (superintendentes de circuito e distrito) e de todos os representantes congregacionais (anciãos e servos ministeriais). Perguntas sobre normas e procedimentos vindas de qualquer destas fontes são normalmente cuidadas pelo Departamento de Serviço, cujos membros dividiram entre si várias “seções” do país. Com a crescente ênfase à desassociação, especialmente dos anos 50 em diante, começaram a chegar dos superintendentes congregacionais e superintendentes viajantes perguntas pedindo definições mais explícitas de certa conduta tida como pecaminosa, particularmente no campo da imoralidade sexual, mas incluindo também outras áreas. Os superintendentes de congregação queriam saber: Qual era a “norma” da Sociedade em tais casos?

¹⁸ A *Sentinela* (em inglês) de 15 de maio de 1944, páginas 151-155. Estes artigos consideravam textos como Mateus 18:15-17; 1 Coríntios 6:1-8; e 2 Tessalonicenses 3:14. Enfatizavam principalmente que assuntos de transgressão não deviam ser tratados pela congregação como um corpo (como era anteriormente) mas por “representantes Teocráticos organizados”. (Veja novamente a declaração já citada desta revista de 1944.) Depois, fizeram-se artigos com base nisto, que levaram a um envolvimento cada vez maior dos “servos” congregacionais designados nos assuntos judicativos.

¹⁹ 1 Coríntios 5:11, *NVI*.

Indagações destes homens, portanto, chegavam à sede da Torre de Vigia em Brooklyn. Em muitos casos, o encarregado da seção do Departamento de Serviço não se sentia habilitado a prover a definição pedida ou delinear em termos específicos o que exatamente constituía “base para desassociação” na circunstância envolvida. O procedimento padrão em todos estes casos se resume na expressão que era usada vez após vez, com frequência cada vez maior. Essa expressão era: “Mande para o Freddy.”

“Freddy” queria dizer Fred Franz, que era então vice-presidente da Sociedade Torre de Vigia e reconhecido como principal autor e erudito bíblico da organização. A pergunta era repassada para ele, que fornecia a definição solicitada e aplicava as Escrituras ao assunto, geralmente na forma de um memorando. Visto que, na maioria dos casos, as próprias Escrituras não traziam nenhuma consideração específica do assunto em questão, muito do conteúdo das respostas consistia de raciocínio interpretativo, raciocínio do vice-presidente. Suas respostas estavam, naturalmente, sujeitas à aprovação do presidente, Nathan Knorr, e até ao veto dele, embora isso pareça não ter sido freqüente. Também não há dúvida alguma de que a *maneira* como o Departamento de Serviço apresentava os assuntos e *seus comentários*, feitos quando entregavam as perguntas, influenciavam as respostas que recebiam e tinham, assim, um papel considerável nas normas que efetivamente se elaboravam. O vice-presidente não tinha qualquer conhecimento em primeira mão das circunstâncias envolvidas nos casos. Ainda por cima, ele não tinha comunicação direta com as pessoas cujas vidas seriam afetadas pelas decisões que tomava.

Não questiono a sinceridade dos esforços de Fred Franz nesta área. Mas o fruto, creio eu, ilustra quão errado é atribuir a qualquer homem, não o mero ato de *aconselhar* ou *sugerir*, mas de efetivamente *decidir* assuntos que de direito cabem às consciências individuais dos pessoalmente envolvidos. Por mais sincero que fosse o vice-presidente, o fato é que sua vida um tanto enclausurada na sede mundial desde os vinte e poucos anos o tinha isolado bastante da vida das pessoas comuns ‘do lado de fora’ (termo freqüentemente usado pelos trabalhadores do pessoal da sede da Torre de Vigia, com referência à vida fora de sua seleta comunidade). As coisas experimentadas pelos que se ocupavam em empregos seculares, que tinham lares e famílias,

sabiam o que era estar casados ou ser pais, tinham de enfrentar os problemas e dificuldades da vida diária como a maioria das pessoas, tinham pouco a nada que ver com a própria experiência dele. Da minha própria convivência pessoal com ele ao longo de muitos anos, ficou evidente que ele vivia muito à parte, ou talvez a expressão devesse ser “isolado” — da realidade da vida levada pelas pessoas medianas. Em sentido algum ele era um “eremita”, e aceitava convites ocasionais para refeições ou finais de semana nos lares de pessoas, mas ele era sempre o convidado “especial”, alguém visto como diferente das pessoas comuns. A conversa raramente tratava, se é que tanto, dos aspectos mais seculares das ocupações humanas. Recordo certo verão, no fim dos anos 40 ou início dos anos 50, quando ele estava de férias na casa de nossa família em Kentucky (eu também estava lá de férias, vindo de Porto Rico), ele comentou sobre si mesmo e Nathan Knorr, dizendo: “O irmão Knorr é um homem prático. Eu sou um erudito”. Estou certo de que ele não era uma pessoa insensível, ainda que em sua perspectiva dos problemas da vivência humana ele parecesse ser um pouco ‘do outro mundo’, às vezes quase fatalista quanto às dificuldades e mesmo às tragédias.

Para mim, um exemplo disto foi notavelmente impressionante. Nos anos 70, um sobrinho meu contraiu uma súbita infecção do pâncreas, que em apenas três dias pôs fim à sua vida. Tinha apenas 34 anos. Deixou uma jovem esposa amorosa e duas filhinhas. No funeral, ao qual comparecemos minha esposa e eu, o salão funerário estava lotado. Como orador convidado, o vice-presidente da Sociedade (tio-avô do falecido) caminhou até o pódio, fez pausa, e daí, com voz muito alta, quase estentórea, disse: “Como é fabuloso estar VIVO!”²⁰ Após esta exclamação introdutória, ele considerou por vários minutos, efetiva e dramaticamente, o significado das palavras de Eclesiastes 7:1-4.²¹ Até ali, meu sobrinho não fora de modo algum mencionado. Então, após aproximadamente dez minutos, referindo-se às palavras sobre ser

²⁰ Ainda recordo nitidamente a sensação deprimente que tive por isto.

²¹ Estes versículos rezam (NM): “Um nome é melhor do que bom óleo, e o dia da morte é melhor do que o dia em que se nasce. Melhor é ir à casa de luto, do que ir à casa de banquete, porque esse é o fim de toda a humanidade; e quem está vivo deve tomar isso ao coração. Melhor o vexame do que o riso, pois pelo aborrecimento da face melhora o coração. O coração dos sábios está na casa de luto, mas o coração dos estúpidos está na casa de alegria.”

‘melhor ir à casa de luto’, o orador disse: “E a razão para isto é que mais cedo ou mais tarde todos nós terminaremos ASSIM!” e, sem se virar, lançou a mão para trás, na direção do caixão em que jazia o corpo de meu sobrinho. O discurso prosseguiu com mais comentários sobre a passagem bíblica, mas sem nenhuma outra referência ao morto até o final, quando foram proferidas as declarações padronizadas para a ocasião e os nomes dos sobreviventes do falecido.

Tive uma sensação de ira ardente — não com meu tio, pois creio sincera e honestamente que ele achava ser este o melhor meio de lidar com a situação, o melhor meio de combater as naturais sensações de pesar e perda. O que me deixou irritado foi a *atitude organizacional*, que permitia a uma pessoa sentir-se totalmente justificada de falar de um modo que, basicamente, transformava o cadáver de uma pessoa num instrumento ou tribuna para se proferir um discurso que expunha a doutrina da organização, mas ao longo do qual não se fez menção da tristeza pela perda da *pessoa* cuja vida findara, como se por ignorá-la a dor fosse atenuada. Fiquei dizendo a mim mesmo: “James merece algo melhor que isto — certamente o texto sobre ‘um nome ser melhor que bom óleo’ pede para que se fale do nome *que ele fez para si mesmo em vida*. Com certeza há *algo* que se pode aprender de sua vida, algo sobre ele que pode ser dito para encorajar-nos, os vivos.”²² Mais uma vez, não acho que faltassem a meu tio quaisquer dos sentimentos que eu tinha, ou que lhe faltasse a capacidade de sentir dor e compaixão. Creio que ele simplesmente refletia o treinamento recebido e toda uma vida disciplinando-se contra expressar fortes sentimentos sobre

²² Haviam me pedido para fazer uma oração após o discurso e lembro-me que senti a voz um pouco embargada e comecei dizendo: “Um inimigo entrou em nosso meio e nos roubou um ente querido. Uma esposa perdeu o marido. Criancinhas perderam um pai. Um pai e uma mãe perderam um filho. E nós todos perdemos um amigo.” Pude então, pela primeira vez, ouvir expressões de pesar entre os da assistência, e, sinceramente, apreciei isto. Procurei incluir algumas coisas boas sobre ele, coisas dignas de serem imitadas, pois raciocinei: “Com certeza, se há um momento para mostrar apreço por quaisquer qualidades valiosas que ele tinha, é agora. Devemos isso a ele, à memória dele.”

qualquer coisa que não fossem os “interesses teocráticos”.²³

Apesar de seu alto grau de isolamento pessoal e de seu próprio reconhecimento de falta de senso prático, ele foi incumbido da responsabilidade de tomar decisões numa ampla gama de setores em que ele não tinha qualquer experiência pessoal — e nas quais as próprias Escrituras eram basicamente omissas. Em favor dele pode-se dizer que, numa das primeiras reuniões do Corpo Governante de que participei, ele disse que apreciaria que tais decisões não mais fossem entregues a ele individualmente e que essa responsabilidade fosse partilhada com outros.²⁴ Infelizmente, a maioria de seus próprios colegas do Corpo Governante não estava a par, mais que ele, dos problemas da vida que a maioria das pessoas enfrenta, especialmente se tivessem, como era o caso de muitos, passado a maior parte da vida na sede mundial de Brooklyn.²⁵ É verdade que a maioria destes homens participava em pelo menos algum trabalho de porta em porta com o público, e tinha seus contatos sociais com amigos Testemunhas que viviam “no lado de fora” — mas, de modo geral, estes eram mais como “excursões”, rapidamente encerradas, e então voltavam para “dentro”, para sua própria cidade auto-suficiente de Betel, onde todas as suas necessidades eram providas. Em Betel, seus quartos eram

²³ Em 1980, ao dirigir o texto matinal para a “família de Betel”, ele enfatizou a importância do trabalho feito pelo pessoal da sede mundial por contar que, em 1939, ao ser avisado por sua mãe da morte de seu pai, ele disse a ela que não poderia comparecer ao funeral devido à grande quantidade de trabalho em Betel. Zangada, sua mãe telefonou ao Juiz Rutherford e, conforme disse meu tio, o “Juiz” ordenou-lhe que fosse ao funeral. Isto foi dito aparentemente sem nenhum constrangimento, mas como ilustração da importância que ele dava a seu trabalho designado em Betel, a “Casa de Deus”. (Confira Mateus 15:3-5.)

²⁴ Apesar disso, quando se questionava a correção das posições e normas anteriores, ele geralmente argumentava contra as mudanças e expressava sua opinião por meio do voto.

²⁵ Ao contrário do que alguns talvez pensassem, Nathan Knorr tendia a ser mais razoável nestas áreas. Assim é que ele e Fred Franz às vezes ficavam em “lados opostos da cerca” em algumas das votações. Dentre todos os membros do Corpo Governante apenas um, Albert Schroeder, sabia o que era ser pai, e assim mesmo não sentia isso como o homem trabalhador comum, visto que, após o nascimento de seu filho, ele continuou a ser empregado pela Sociedade em designações de ensino, como instrutor da Escola do Ministério do Reino, sendo-lhe providas moradia e outras necessidades.

arrumados, as camas feitas, os sapatos consertados, as roupas lavadas e passadas por uma taxa nominal, e jamais tinham de preocupar-se com aluguel, manutenção e reparo de propriedades, seguros de saúde, ou algo mais que uma quantidade mínima de taxas. Eles partilhavam das coisas boas que outros “de fora” lhes ofereciam, mas raramente, se é que tanto, partilhavam de seus problemas e dificuldades.

Com o passar do tempo, o Departamento de Serviço, então sob direção de Harley Miller como superintendente do escritório, começou a colecionar e encadernar as respostas de Fred Franz. Estas eram regularmente consultadas quando chegavam perguntas “do campo”. O departamento tinha vários volumes destes memorandos acumulados quando, alguns anos depois, o presidente, Nathan Knorr, lhe fez uma das periódicas visitas de inspeção. Ao ver os volumes, Knorr indagou de que se tratavam. Ao ser informado, instruiu o departamento a eliminá-los, e estes foram subseqüentemente destruídos. Esses volumes não mais existem no Departamento de Serviço. Eles já têm novos — agora compostos das decisões tomadas pelo Corpo Governante, e estes são usados do mesmo modo que os antigos. É claro que muitas das respostas providas pelo então vice-presidente Franz tinham sido eventualmente impressas nas colunas da revista *A Sentinela*. E não há dúvida de que a estrutura básica em que se apóia todo o sistema do “grande conjunto de lei teocrática” foi desenvolvido durante aquele primeiro período. O Corpo Governante geralmente tem feito pouco mais que acréscimos a esta estrutura básica, ou definir mais especificamente certos detalhes dentro da mesma. Seria impossível discutir sequer uma fração do total, mas considere aqui só alguns exemplos.

A “lei teocrática” posta em prática

O manual revisado a ser chamado *Orientações para Correspondência*, da forma como me foi entregue para ser editado, trazia treze páginas sobre “Emprego”, uma área da legislação na qual a organização não se havia aventurado antes dos anos 50. Começava com uma declaração, encontrada numa das publicações da Torre de Vigia:

Embora o emprego de um indivíduo possa afetar sua situação na congregação, não nos cabe dizer a ninguém que tipo de trabalho pode ou não pode exercer.

Isto soa bem, mas na realidade apenas significa que, embora a organização não possa controlar ou determinar a escolha de emprego que a pessoa faz (um fato óbvio), ela pode, não obstante, *censurá-la* por essa escolha ou mesmo *desassociá-la* por escolher ou permanecer num emprego que a organização considerou inaceitável. É assim que funciona na prática. O manual conforme me foi entregue continha várias páginas de exemplos para ilustrar as normas estabelecidas. Sob o subtópico, “Trabalho não-antibíblico em si mesmo mas que vincula a pessoa com uma prática errada ou a torna sua promotora”, o manual dava exemplos como estes:

EXEMPLO: Duas mulheres trabalham como arrumadeiras numa base militar. Uma está empregada numa residência, cujo chefe de família pertence à instituição militar. A outra é uma arrumadeira empregada na limpeza das casernas.

Comentários: A primeira mulher conclui que pode aceitar tal trabalho para uma família e não entrar em conflito com Isaías 2:4 [que fala de forjar das espadas relhas de arado e não aprender mais a guerra]. Ela raciocina que, apesar da localização de seu trabalho e do fato de que o arrimo da família é militar, ela está prestando um serviço comum num lar e não é empregada de uma organização em conflito com as Escrituras. (2 Re. 5:2, 3; 5:15-19; Fil. 4:22) Ela continua a ser membro da congregação, ainda que, se vier a buscar o privilégio do serviço de pioneiro, deva-se considerar como o emprego dela está afetando outros na congregação e se está sendo vista como um bom exemplo.

A outra mulher, por meio de trabalho regular, está executando um serviço necessário ao cumprimento dos objetivos finais de uma organização cujo propósito está em desacordo com Isaías 2:4. Ela recebe salário da instituição militar, trabalha em propriedade militar e executa regularmente um trabalho que a torna parte dessa organização e de seus objetivos. Ela está em conflito com Isaías 2:4.

Portanto, a primeira mulher, que presta serviço doméstico para um militar na residência dele, na base, pode manter sua condição na congregação; a segunda, que limpa as casernas, talvez na mesma base, não pode. Como o restante do manual e todas as publicações da Torre de Vigia deixam claro, qualquer pessoa “em conflito com Isaías 2:4”

deve ser desassociada ou declarada “dissociada”.²⁶ A primeira mulher é paga por um oficial, até um general, que comanda os homens das casernas em combate. O salário dela é pago por ele, é verdade, mas este dinheiro sai do salário militar dele. Ainda assim, seu trabalho não a torna “impura”. A segunda mulher, que limpa as casernas, porque o salário dela vem dos militares como organização e porque de algum modo ela é vista como alguém que contribui para os “objetivos finais” da instituição militar, é tida como culpada de sangue e merecedora de ser cortada da congregação.

É difícil conceber raciocínio e ênfase em uma distinção técnica mais tortuosos que este. É igualmente difícil não ver um paralelo entre tais interpretações legalísticas e as dos fariseus e das antigas fontes rabínicas. — Compare com Mateus 23:16-22.

Seguindo esta norma, um barbeiro Testemunha poderia abrir uma barbearia próximo a um quartel numa área onde não há residências. Todos os seus clientes podem ser soldados, cujos salários vêm da instituição militar. Ele não seria considerado culpado de ‘violar Isaías 2:4’. Mas se prestasse o mesmo serviço de barbeiro no quartel para estes mesmos soldados, recebendo seu salário da administração militar, ele, seria, por esta linha de raciocínio, culpado de sangue e merecedor da desassociação. Tal raciocínio só pode ser classificado como farisaico.

Tampouco se tratam de meros exemplos hipotéticos. Muitos casos reais foram tratados exatamente deste modo, inclusive situações envolvendo mulheres Testemunhas que trabalhavam em lojas de subsistência dentro dos quartéis vendendo itens como mantimentos, cosméticos, etc., o que de algum modo as tornava culpadas de apoiar os “objetivos finais” das forças armadas, e, assim, culpadas de sangue. Os anciãos chegaram a tomar medidas para desassociar um homem que simplesmente trabalhava em controle de pragas e roedores — exterminando baratas e ratos — por que este trabalho era regularmente executado num quartel! As pessoas consideradas como violadoras da

²⁶ O uso do termo “dissociado” veio a existir como um eufemismo, sendo empregado em vez de “desassociado” sempre que assuntos delicados, tais como entrar para as forças armadas, votar e outros similares estivessem envolvidos. Qualquer que seja o termo empregado, o efeito é o mesmo, pois os “dissociados” são atualmente tratados da mesma forma que os desassociados.

diretriz da Sociedade recebem um prazo, talvez de seis meses, para encerrar tal atividade. Se não o fizerem serão desassociadas ou declaradas “dissociadas”, o que na prática dá no mesmo.²⁷

Considere mais um exemplo tirado do manual (conforme proposto) nesta mesma seção:

EXEMPLO: Um irmão que presta serviço de encanamentos recebe um chamado para reparos de emergência no cano de água rompido no porão de uma igreja local. Algum tempo depois, um representante da igreja contata outro irmão, empreiteiro, para construir um novo teto e uma ampliação para a igreja.

Comentários: O primeiro irmão conclui que, como um serviço humano, sua consciência o permite cuidar duma situação de emergência, embora aconselhe a igreja a buscar outro bombeiro para quaisquer serviços em base regular. Poucos provavelmente o criticariam ou o achariam repreensível por ajudar alguém numa emergência.

O segundo irmão raciocina que, muito embora tenha construído tetos e ampliações para muitos lares e empresas, fazer um contrato para isso no caso de uma igreja seria prestar considerável apoio à promoção da adoração falsa. Não seria apenas um contato incidental, como o de um carteiro que entrega correspondência, ou um ato de ajuda humanitária numa situação de desespero. Seria um empreendimento grande que envolveria trabalho demorado num edifício usado exclusivamente para a promoção da adoração falsa, contribuindo para a perpetuação de Babilônia, a Grande. (2 Cor. 6:14-18) Como cristão, ele não poderia fazer isso.

²⁷ Na realidade, a profecia de Isaías 2:4 é apenas isto, uma profecia. Não foi colocada como base para algum tipo de lei ou para um código de regras, mas simplesmente prediz os efeitos pacificadores da atuação de Deus entre as nações em favor de seu povo pactuado, Israel. Um membro de uma universidade da Califórnia, comentando sobre a expressão “em violação de Isaías 2:4”, disse: “Como foram as Testemunhas imaginar que só porque a Bíblia prediz um mundo pacífico, ninguém pode agora assumir um emprego de lavar o piso de um quartel do exército? Poderiam também dizer que só porque Isaías 11 profetiza que ‘a criança desmamada porá sua mão na toca da serpente’, os pais deveriam então deixar seus filhos entrar na cova da naja.” Poder-se-ia também perguntar por que a profecia de Joel 3:10 não deve ser aplicada com o mesmo vigor quando diz em contraste, “Forjai espadas das vossas relhas de arado e lanças das vossas podadeiras”.

Por dizer “Como cristão, ele não poderia fazer isso”, o manual simplesmente quer dizer que se ele o fizer estará sujeito à desassociação. Isto, também, não é nada hipotético. No capítulo que segue, são ilustrados os extremos a que esta norma pode levar.

Tais normas ilustram claramente que a organização é deveras dirigida “do alto para baixo e não de baixo para cima.” Isto resulta numa verdadeira usurpação do exercício da consciência pessoal do indivíduo. Isto é feito por se sobrepor à consciência dela as regras legisladas pela liderança organizacional, regras tornadas obrigatórias e impostas por meio dos decretos de desassociação.²⁸

Os exemplos dados são apenas superficiais. Desde então, muitas regras adicionais foram criadas. Parece não haver nada sobre que a organização não se disponha a legislar. Uma das “Perguntas dos Leitores” na *Sentinela* de 15 de dezembro de 1982 (página 31) chega a pronunciar-se quanto a se uma Testemunha pode submeter-se a um tratamento médico no qual (para reduzir o risco de trombose por coágulos sanguíneos ou para outros fins) se usa uma sanguessuga para extrair sangue. A resposta, baseada num tipo muito vago de argumento, é “Não”.²⁹

Raciocínio desequilibrado

Pelo raciocínio legalístico, um ato relativamente inocente e insignificante pode tornar-se um ato significativo de grande culpa. Há na vida necessidade de equilíbrio, já que o *grau* em que as coisas são feitas é que realmente determina se são certas ou erradas. Como um exemplo simples, um afago gentil no rosto de alguém significa afeto, enquanto que um forte tapa expressa ira e até ódio. A ação das mãos e dos dedos em ambos os casos é a mesma; a diferença no *grau* de força

²⁸ Como já mostramos, particularmente quando estão envolvidas questões militares, isto às vezes vem na forma de “dissociação” automática.

²⁹ Embora dizendo de início que tal “uso de sanguessugas entraria em conflito com a Bíblia”, os únicos textos citados a respeito são as palavras de Deus a Noé de que os humanos não devem comer sangue (Gênesis 9:3, 4), e sua ordem por meio de Moisés de que o *sangue dos animais abatidos* seja derramado no solo. (Levítico 17:10-14) Já que nenhum humano come a sanguessuga e ninguém provavelmente reterá o sangue sorvido pela sanguessuga, é difícil ver que ligação possa haver aqui.

é que transforma em ódio uma expressão de afeto. O mesmo ocorre em aspectos mais complexos. Embora o fator *grau* não contribua de modo notável para violações bem definidas, tais como assassinato (um assassino não “mata ligeiramente” ou “mata moderadamente” ou “mata gravemente” alguém), roubo ou adultério, ele exerce papel decisivo numa ampla variedade de assuntos da vida. Assim, as pessoas normalmente trabalham para ganhar dinheiro. Isto, porém, não justifica classificá-las como “gananciosas”. Mas se o *grau* de preocupação com o dinheiro passa de certo ponto, a ganância torna-se evidente. Quem pode especificamente identificar esse “certo ponto” de modo a traçar uma clara linha de demarcação, que divida de maneira precisa as áreas da preocupação apropriada e imprópria com os ganhos? Só quando a evidência *aponta claramente o excesso* é que se justifica classificar alguém como ganancioso. Isto se aplica a toda uma gama de assuntos.

Mais uma vez, nos tempos bíblicos, os líderes religiosos deixaram de exercer tal equilíbrio, de distinguir entre as ações de natureza mais e menos importante. Assim, quando viram os discípulos de Jesus, no dia de sábado, apanhando grãos de trigo e esfregando-os nas mãos para tirar a palha e comê-los, eles os acusaram de violar a lei sabática que proibia trabalhar. Como puderam fazê-lo? Por que, em seu modo de pensar desequilibrado e extremamente escrupuloso, estes homens estavam, na prática, tanto colhendo como debulhando. É verdade que, se eles tivessem apanhado grandes quantidades de grãos, carregando suas capas de trigo, e daí os esfregado nas mãos para tirar a palha, formando montes destes grãos, eles estariam fazendo isto. Mas não estavam. E Jesus reprovou os líderes religiosos por ‘condenarem os inocentes’. — Mateus 12:1-7.

Este mesmo modo de pensar desequilibrado parece ser a única explicação para as posições tomadas pela organização Torre de Vigia em várias das normas já descritas. Talvez nada demonstre isto com mais vigor do que a questão do serviço alternativo a ser prestado no lugar do serviço militar.

Submissão às autoridades superiores

Lembra-lhes que devem ser submissos aos magistrados e às autoridades, que devem ser obedientes e estar sempre prontos para qualquer trabalho honesto. — Tito 3:1, Bíblia de Jerusalém.

Em muitos países esclarecidos, o governo provê uma forma de serviço não-militar a ser cumprido em vez do serviço e treinamento militares. Fazem-no especificamente em consideração às objeções conscienciosas de alguns cidadãos a participar em guerra ou serviço militar, uma concessão deveras elogiável. Em *Crise de Consciência* este assunto foi parcialmente discutido.³⁰ Conforme se explica ali, a norma da organização era que nenhuma Testemunha podia aceitar a ordem de um órgão de recrutamento (ou de qualquer outra agência governamental que não fosse um tribunal) para prestar serviço alternativo — que geralmente consiste em trabalho hospitalar, prestar serviços a idosos, trabalho em bibliotecas, em acampamentos florestais, ou em quaisquer outros setores que beneficiem à comunidade como um todo.

Já que qualquer destes serviços é claramente “trabalho honesto”, por que não deve uma Testemunha aceitá-lo? Porque, por ser “serviço *alternativo*” era um “substituto” do serviço militar, e, por este trabalho ser posto *no lugar do* serviço militar. Por alguma espécie de raciocínio, aceitar uma designação de serviço alternativo de um órgão de recrutamento era tido como *equivalente* a aceitar serviço militar, e, portanto, aquele que o fizesse tinha “transigido”, “violado sua neutralidade” e se tornado culpado de sangue. Se esse raciocínio parecia incrivelmente contorcido, ainda havia mais.

Ao mesmo tempo, quando uma Testemunha era presa e levada a julgamento por recusar-se a cumprir as ordens do órgão de recrutamento e era considerada culpada, se o juiz a *sentenciasse* a executar tal serviço alternativo, ela então podia obedecer à ordem do tribunal, fazer o trabalho designado, e estava isenta de transigência e culpa de sangue. O raciocínio por trás disto? A pessoa, tendo sido condenada, passava a ser prisioneira, e desta forma não tinha “voluntariamente” aberto mão de sua liberdade de ação e opção de uma ocupação. Na verdade, nada existia de “voluntário” em relação ao serviço designado pelo governo, assim como o pagamento de impostos também não é voluntário. Era um serviço obrigatório, compulsório, e era primeiramente por isso que o homem que o recusasse era preso. E podia-se dizer também que ele tinha realmente aberto mão de sua

³⁰ Veja *Crise de Consciência*, capítulo 5.

liberdade e opção quando se submetera à decisão da organização Torre de Vigia, pela qual ele estaria errado se obedecesse à ordem do órgão de recrutamento para cumprir trabalho hospitalar ou outros serviços do tipo. Ao fazê-lo, ele permitia que sua consciência se tornasse prisioneira e excluía a possibilidade de fazer uma escolha baseada na consciência pessoal.

Mais um detalhe técnico, porém, foi introduzido. A organização até tomou a posição de que, se *antes da sentença final* ser proferida, o juiz perguntasse à Testemunha se sua consciência lhe permitiria fazer trabalho hospitalar ou serviço similar, ele não podia responder na afirmativa, mas tinha de dizer: “Isso cabe ao tribunal decidir”. Se respondesse, “Sim” (que seria a resposta verdadeira), ele seria considerado como tendo “transigido”, feito um “trato” com o juiz, e assim violado sua integridade. Mas se desse a resposta prescrita aprovada, já citada, e daí o juiz *o sentenciasse* a fazer trabalho hospitalar ou algo similar, ele poderia obedecer.³¹ Ficava então sem culpa por violar a exortação apostólica “parai de vos tornardes escravos de homens”. (1 Coríntios 7:23) Tais detalhes técnicos são, com certeza, verdadeiramente casuísticos e não é exagero aplicar-se a isto o termo “farisaico”.³²

³¹ Veja *Crise de Consciência*, capítulo 5, incluindo a nota de rodapé 10 daquele capítulo.

³² Todas estas distinções técnicas foram elaboradas dos anos 40 em diante, até os anos 60. Embora a aprovação final dependesse inquestionavelmente de Nathan Knorr e o advogado da Sociedade, Hayden Covington, estivesse envolvido durante os anos 40 e 50, o estilo de raciocínio não é típico de nenhum dos dois, mas é típico de Fred Franz, então vice-presidente. Creio que as distinções técnicas posteriores visavam a moderar um pouco a posição da Sociedade, para reduzir o número dos que eram presos (nos casos em que os juízes se dispunham a sentenciá-los a trabalho hospitalar ou outros) e ainda manter a aparência de sustentar a posição original em sua premissa básica como sendo correta, dirigida por Deus. Esta norma elaborada permanecia em vigor até recentemente. A *Sentinela* de 1º de novembro de 1990, página 12, embora não delineasse a norma em detalhes, referia-se a ela dizendo que “quando um governo ordena aos cristãos que participem em trabalhos comunitários, eles mui apropriadamente obedecem, contanto que tais trabalhos não equivalham a uma substituição transigente de algum serviço não bíblico, ou que de outra forma violem princípios bíblicos, como os que se acham em Isaías 2:4.”

Não era uma questão sem importância. Durante a 2ª Guerra Mundial, só nos Estados Unidos, cerca de 4.300 jovens Testemunhas de Jeová foram presos, com sentenças que chegavam a 5 anos, não por mera objeção de consciência à guerra, mas principalmente por que, ao apoiarem a norma da Sociedade, recusaram as provisões governamentais que lhes permitiam executar outros serviços de natureza não-militar, facultados aos objetores de consciência. Na Inglaterra, houve 1.593 condenações, incluindo 334 mulheres.³³ Por volta de 1991, houve centenas de prisões em vários países, em resultado da obediência à norma da Sociedade. Em 1988, apenas na França e na Itália, havia cerca de 1.000 Testemunhas de Jeová na prisão por este motivo.³⁴

Em *Crise de Consciência*, ao relatar o debate desta questão pelo Corpo Governante em várias reuniões durante anos, fez-se apenas breve menção de uma pesquisa realizada em todas as Comissões de Filial que atuavam em todo o mundo sob a direção do Corpo Governante. A pesquisa foi sugerida por Milton Henschel, visto que, conforme ele disse, ‘talvez ela revele que apenas relativamente poucos países têm provisões de serviço alternativo’. Se fosse assim, isto seria um argumento contra a necessidade de fazer qualquer mudança na norma. Aparentemente, o fato de que havia homens presos nesses “poucos países” e que outras centenas de homens ainda seriam presos (se a norma continuasse como estava) não teria suficiente peso ou gravidade para tornar a questão crucial.

Na pesquisa, indagou-se das Comissões de Filial se as Testemunhas de seus países entendiam o raciocínio por trás da norma e sua base bíblica, e também quais eram as opiniões dos próprios membros das comissões acerca da norma existente. Visto que o Corpo Governante tinha me encarregado da correspondência da pesquisa com as 90 e poucas Comissões de Filial, tenho em meus arquivos cópias de todas as respostas delas. Estas eram reveladoras.

Antes de considerá-las, poderia citar o trecho do memorando submetido ao Corpo Governante por Lloyd Barry, um dos membros. Advertindo contra qualquer mudança na norma vigente, ele escreveu:

³³ Veja *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês), página 157.

³⁴ *Relatório da Anistia Internacional para 1988*, páginas 199, 206.

Aqueles que estudaram a fundo a questão à base da Bíblia e que passaram pela experiência, não têm dúvida alguma quanto a manter uma posição de “nada de transigência” — a menos que alguém se adiante e tente implantar tal dúvida. Uma mudança de ponto de vista empreendida pelo Corpo Governante seria muito decepcionante para estes países e irmãos, os quais por tanto tempo batalharam em favor de sua posição de intransigência.

O que mostram os fatos quanto ao *verdadeiro* pensamento dos afetados? Ajusta-se à realidade o quadro descrito no memorando? A informação que segue é razoavelmente extensa (embora seja apenas uma fração do todo). Creio que ela merece o espaço. O motivo é que ela bem descreve o poder de doutrinação que fez pessoas sacrificarem a liberdade, anos de vida, subsistência e associação familiar, a fim de obedecer a algo que eles não entendiam e em que realmente não acreditavam — fazendo-o puramente por senso de lealdade a uma organização. Tudo aquilo que produz tal estado mental de submissão cega traz perigo potencial de consequências ainda maiores.

Já que discordar de qualquer posição da organização é geralmente visto como indício de falta de lealdade e mesmo de falta de fé e confiança na direção de Deus, de modo algum surpreende que a maioria das Comissões expressasse pleno apoio à norma da organização. O que *surpreende* é o número significativo de Comissões de Filial que falou das sérias dificuldades que tinham as Testemunhas em seus países de compreender a norma ou de ver qualquer base bíblica para ela. Não é que eles não se sujeitassem à norma. Os varões Testemunhas preferiam ir para a cadeia a agir de modo contrário. Mas, achavam eles, como afirmou Barry, membro do Corpo Governante, que ‘não havia dúvida alguma’ quanto à norma que os levava a serem postos na prisão? Eis aqui citações diretas das cartas enviadas por algumas Comissões de Filial:

- Áustria: “Muitos dos irmãos não compreendem plenamente a posição bíblica pela qual não devemos prestar serviço alternativo.”
- Brasil: “Cremos que os irmãos não teriam dificuldade alguma em provar sua posição se o trabalho envolvesse apoio direto à máquina militar, digamos, trabalhando numa fábrica de munições, construindo casernas ou cavando trincheiras, etc. Eles usariam os mesmos textos bíblicos que usam para objetar ao serviço militar. Os irmãos teriam dificuldade se o trabalho envolvesse construir uma estrada para uso

civil, ou trabalho em algum projeto agrícola ou em outro trabalho dessa espécie.”

- Itália: “Dos contatos diretos feitos com os irmãos confrontados com o problema do serviço militar, descobrimos que, na maioria dos casos, eles não compreendem por que não podem aceitar serviço civil alternativo. Eles insistiram que não mais estando sob a jurisdição direta das autoridades militares por terem sido designados para outro ministério, eles poderiam aceitar o serviço civil alternativo desde que não participassem em qualquer atividade que tenha que ver com o militarismo, mas fazendo trabalho não-militar tal como em museus ou hospitais, etc. eles não seriam culpados de qualquer violação de sua neutralidade.”

- Espanha: “Como parte da pesquisa para este relatório, um membro da Comissão de Filial falou extensamente com três irmãos que foram exemplares em sua posição neutra anos atrás. Também conversou com três anciãos maduros, dois deles de outros países, que não enfrentaram pessoalmente a questão na Espanha. Opiniões variadas vieram à tona em muitos aspectos deste assunto, mas num dos pontos houve total acordo. Praticamente nenhum de nossos irmãos jovens compreende realmente por que não podemos aceitar o ‘serviço substituto’, se ele é de natureza cívica e não está sob controle militar. Parece claro que a maioria dos anciãos tampouco compreende isto, e, portanto, eles amiúde mandam os jovens ao escritório [da filial] para obter informações. Assim, surge a pergunta: Por que eles não compreendem? É falta de estudo pessoal? Ou é porque os argumentos e raciocínios que usamos não são bastante convincentes ou não têm base bíblica firme e clara?”³⁵

Em acréscimo à amostra apresentada, as Comissões de Filial da Alemanha, Austrália, Bélgica, Canadá, Fiji, França, Grécia, Havaí, Malásia, Nigéria, Noruega, Porto Rico, Portugal, Rodésia, Tailândia, Trinidad, Uruguai e Zaire, todas expressaram problemas entre as Testemunhas de seus países quanto a compreender a norma da organização ou a sua base bíblica.

Apesar disso, em todo o mundo as Testemunhas de Jeová **tomavam** a posição inflexível de rejeitar o serviço alternativo (a menos que sentenciadas por um juiz a cumpri-lo). Centenas estavam então nas prisões de muitos lugares por essa razão. Que isto não era, de fato,

³⁵ Nestas, e nas citações que seguem, sublinhei certos pontos-chave.

fruto da lealdade à Palavra de Deus e da convicção pessoal delas quanto à base bíblica desta atitude é evidente pelo que segue. A conformidade a uma norma organizacional, e a preocupação quanto a ser visto de modo negativo pela organização e por seus companheiros, parecia ser o fator determinante para estes rapazes. Embora algumas das citações já feitas toquem neste aspecto, outras cartas vindas das comissões foram muito explícitas. Revelavam a razão básica pela qual as Testemunhas rejeitavam as provisões de serviço alternativo oferecidas pelos governos de seus países.

- Bélgica: “Poucos irmãos estão de fato, em posição de explicar com a Bíblia por que se recusam... basicamente, eles sabem que é errado e que a Sociedade o considera como tal. Por esta razão alguns tribunais disseram aos irmãos que eles foram forçados pela Sociedade a recusar a provisão do serviço civil.”

- Dinamarca: “Embora muitos irmãos jovens pareçam capazes de entender os argumentos, refletir neles e explicá-los até certo ponto, nota-se que a maioria dos irmãos jovens, atualmente, segue o exemplo de outros e tomam a posição que a comunidade dos irmãos espera deles, sem realmente compreender os princípios básicos e argumentos envolvidos, e sem ser capazes de explicar claramente sua posição.”

- Espanha: “Quando um ancião discute a questão do serviço substituto com alguém, essa pessoa geralmente aceita [a posição] de que substituição corresponde a equivalência. Mas esta idéia não é costumeiramente compreendida realmente. Em vez disso, é considerada como sendo a opinião da organização, os anciãos a apresentam do melhor modo que podem e os irmãos lealmente a cumprem conforme sabem que se espera deles. Mas, parece-nos que muitos irmãos acham nosso raciocínio um tanto artificial.”

- Havaí: “Falando de modo geral, os irmãos aqui acham difícil entender os princípios bíblicos que determinam guardar estrita neutralidade. Uma vez que conhecem a posição da Sociedade em tais questões, eles cooperam plenamente, mas não vêem com muita clareza os princípios em que se apóia a nossa posição.”

- Noruega: “Os irmãos na Noruega não aceitam trabalho civil sem uma sentença do tribunal, principalmente porque sabem que esta é a norma da Sociedade e eles são leais à Sociedade. Para eles é difícil entender por que é errado aceitar o trabalho civil quando o próprio trabalho não

é errado e condenado pela Bíblia. Eles não conseguem fundamentar a posição deles com as Escrituras de modo adequado.”

- Tailândia: “De nossa experiência, muitos tiveram problemas no passado quando tentavam manter a neutralidade. Muitos recusaram o trabalho por uma espécie de lealdade ao grupo. Eles não sabem por que razão ou princípio, mas ouviram dizer que certa coisa era errada, e então a recusaram.”

O memorando de Lloyd Barry falava sobre “implantar” idéias nas mentes dos irmãos. A evidência indica nitidamente que qualquer implantação feita partiu da própria Sociedade Torre de Vigia, visto estar claro que estas Testemunhas jamais teriam chegado à norma decretada pela organização a partir de sua própria leitura das Escrituras ou como fruto de sua consciência pessoal. Tampouco foram só os das chamadas “fileiras” ou as Testemunhas jovens que tiveram dificuldades tão sérias com a norma. Os próprios homens das Comissões de Filial acharam difícil apoiá-la, quer com base na razão quer com base nas Escrituras.

Citando de novo o memorando de Lloyd Barry, ele dizia ainda:

Agora, o assunto não é cobrança de impostos, emprego, etc., mas TRANSIGÊNCIA. Estamos de acordo que não devemos empunhar armas com os militares. Devemos, então, estar também de acordo que, se a instituição militar ou qualquer outra agência nos pedir para fazer algo em substituição a isso, não aceitamos a alternativa. Essa é a nossa atitude. Então, se formos entregues a um tribunal e um juiz nos sentenciar, essa será uma atitude dele. Aceitamos a sentença. Não transigimos. Somos mantenedores de integridade. A coisa é simples assim. — Jó 27:5.

Todavia, junto com a maioria das outras Testemunhas, muitos dos próprios membros das Comissões de Filial de modo algum achavam “simples” a posição tomada. Eles não viam lógica alguma na posição de que seria errado aceitar uma ordem de trabalho de um órgão de recrutamento mas aprovava que se aceitasse ordem idêntica, para prestar serviço idêntico, sob circunstâncias idênticas, se essa ordem viesse de um tribunal. Eles não podiam entender como isso era possível visto que estas agências são todas simplesmente *ramos do mesmo governo*, da mesma “autoridade superior”. Portanto, a Comissão de Filial chilena apontou certas inconsistências, dizendo:

Se o trabalho em si não contribui para propósitos militares, que importância tem a agência que o ordena? Aqui no Chile, não está claro qual é o grau de independência dos tribunais. Este é um governo militar e muitos dos civis que servem no ministério são apenas figuras decorativas. Os militares comandam o espetáculo... É tudo um sistema só.

Da Polônia comunista veio esta declaração:

Até onde sabemos, os irmãos alemães assumem este trabalho com base no fato de são as autoridades administrativas que os dirigem no trabalho, e não as militares. Significaria isto que eles não assumiriam o mesmo trabalho, sob as mesmas condições, se fossem as autoridades militares que os dirigissem? Não se trata do mesmo César?

Numa longa carta, a Comissão de Filial canadense concentrou-se especialmente neste ponto. Referindo-se à norma existente como “uma confusa abordagem quanto a ‘agências’”, eles diziam:

...sentimos que os funcionários achariam difícil entender onde nós traçamos o limite. Estaríamos complicando a questão para eles como também para os irmãos. Se, por exemplo, tentarmos explicar o conceito de que o órgão de recrutamento é parte de uma instituição política e que somos neutros em questões de política, eles iriam se perguntar por que os tribunais também não são vistos como um ramo da mesma instituição política governamental.

Por outro lado, se tentarmos defender o conceito de que a agência é parte da instituição militar e argumentar sobre nossa neutralidade a partir deste ponto de vista, eles podem admitir que respeitam nosso desejo de não querer ligação com os militares. Mas se no final o trabalho designado é o mesmo, independentemente da agência envolvida, qual é, então, a diferença? Achamos que isso é um problema para se argumentar indefinidamente... Hoje, os tribunais, as câmaras, a polícia, os centros de indução e as forças armadas são todos manifestações da autoridade de César. Todos, de um modo ou de outro, são suas agências.

A questão parecia resumir-se nesta pergunta simples enviada pela Comissão de Filial da Nigéria:

Se algo está bíblicamente errado, por que, então, a ordem de um tribunal torna correto fazê-lo?

As próprias perguntas ilustram como as normas da organização levaram a complexidades técnicas bem como à confusão, homens que sinceramente buscavam ser guiados pela própria Palavra de Deus.

Ilustrando os extremos a que o conceito da organização podia levar e de fato levou, considere esta situação incrível e a posição que foi apresentada pela Comissão de Filial da Suécia:

Mesmo em tais instâncias, em que fizeram a nossos irmãos a oferta de cumprir seu treinamento do Serviço Nacional em seu local costumeiro de trabalho, por exemplo, numa Administração Municipal ou nas Ferrovias Estatais, eles recusaram, por que tinham sustentado que não podiam aceitar qualquer espécie de serviço substituto para o treinamento do Serviço Nacional, nem que este fosse puramente civil, ou mesmo que isto significasse que poderiam permanecer em suas ocupações diárias costumeiras.

Incrível como pareça, essa era a posição tomada naquele país com base na norma organizacional, a saber, que mesmo onde as autoridades, esforçando-se para acomodar a posição religiosa das Testemunhas, em alguns casos ofereceram deixar que seu serviço costumeiro fosse considerado cumprido em vez do tal treinamento, elas tinham de recusar!

Isto não se devia a convicções pessoais das Testemunhas suecas. Era por estarem sensibilizadas pela norma da organização, que decretava que o trabalho substituto era *equivalente* ao serviço militar e que toda oferta de *qualquer espécie* tinha de ser recusada.³⁶ Após uma “viagem de zona” aos escritórios de filial dos países escandinavos, Robert Wallen, secretário da Comissão de Serviço do Corpo Governante, expressou sua preocupação com este assunto. Relatou a conversa que teve com uma Testemunha escandinava, que disse: ‘Se eu aceitar a designação do governo para o serviço alternativo, eles me designarão para trabalhar num hospital aqui na minha região e poderei morar em casa com minha família. Mas a norma da Sociedade é que eu não posso fazer isto e que devo recusar. Serei então preso, julgado e sentenciado, e o tribunal de novo me designará a trabalhar num hospital, mas desta vez será em outra parte do país. Farei exatamente o

³⁶ O governo sueco finalmente resolveu a questão por eximir totalmente as Testemunhas de Jeová do serviço.

mesmo trabalho, *mas* estarei longe de minha casa e de minha família. Será que isto realmente faz sentido?

Os membros da Comissão de Filial não questionaram só a *lógica* da norma da organização. Apresentaram também evidência bíblica em favor de uma atitude diferente. Como apenas um exemplo, a Comissão de Filial do Brasil expressou a opinião da comissão, dizendo:

O ponto é que o jovem tornou clara sua posição para as autoridades militares, mostrando biblicamente por que não pode participar em guerra alguma ou sequer ser treinado para isto. Portanto, que textos poderiam ser usados para mostrar que seria impróprio executar serviço civil ordenado pelas autoridades, visto que ele tornou clara sua posição bíblica? Isto [fazer serviço civil designado] parece ser apoiado por Mateus 5:41; Rom. 13:7; Tito 3:1-3; 1 Pedro 2: 13, 14 e outros.

Os textos citados rezam como segue (*Tradução do Novo Mundo*):

Mateus 5:41: “Se alguém sob autoridade te obrigar a prestar serviço por mil passos, vai com ele dois mil...”

Romanos 13:7: “Rendei a todos o que lhes é devido, a quem exigir imposto, o imposto; a quem exigir tributo, o tributo; a quem exigir temor, tal temor; a quem exigir honra, tal honra...”

Tito 3:1-3: “Continua a lembrar-lhes que estejam sujeitos e sejam obedientes a governos e autoridades como governantes, que estejam prontos para toda boa obra, que não ultrajem a ninguém, que não sejam beligerantes, que sejam razoáveis, exibindo toda a brandura para com todos os homens. Pois até mesmo nós éramos outrora insensatos, desobedientes, desencaminhados, escravos de vários desejos e prazeres, procedendo em maldade e inveja, abomináveis, odiando-nos uns aos outros.”

1 Pedro 2:13, 14: “Pela causa do Senhor, sujeitai-vos a toda criação humana: quer a um rei, como sendo superior, quer a governadores, como enviados por ele para infligir punição a malfeitores, mas para louvar os que fazem o bem.”

Lendo as cartas destes membros da Comissão de Filial, não pude deixar de contrastar a reflexão e a amplitude de ponto de vista reveladas por muitas de suas declarações com as asserções estreitas e rígidas feitas por vários membros do Corpo Governante. Eu já tinha entregado ao Corpo Governante uma análise de 14 páginas, cuidadosamente documentada, da evidência bíblica e histórica relativa

à submissão à autoridade governamental quando essa autoridade ordena ao cidadão que execute certo trabalho ou serviço de natureza não-militar. Entre outras coisas, achei que a evidência mostrava claramente que a execução de tal serviço era similar à cobrança de impostos bíblica, visto que esta, nos tempos antigos, incluía formas de trabalho compulsório. Como só um exemplo, em 1 Reis 5:13-18 lemos (*Tradução do Novo Mundo*) que Salomão “fazia subir de todo o Israel os recrutados para trabalho forçado”. A expressão hebraica vertida por “trabalho forçado” é a palavra *mas*, que significa trabalho compulsório. Quando os tradutores da *Versão Septuaginta* (do terceiro século A.C.) traduziram este termo hebraico — não só aqui mas em outros textos onde ele aparece — que termo grego utilizaram? Eles o verteram com a palavra *phóros*. Esse termo é idêntico ao usado por Paulo em Romanos 13:6, quando fala de pagar impostos às autoridades superiores.³⁷ Embora o termo possa ser, e sem dúvida o seja na maioria dos casos, aplicado a imposto em dinheiro, *ele de modo algum se restringe a isto*, como o uso dele na Septuaginta por “trabalho compulsório” obrigatoriamente comprova.³⁸ Lamento que, devido à sua extensão, não seja possível apresentar aqui a análise completa e a

³⁷ Pode-se comentar que Paulo se destaca entre os escritores das Escrituras Cristãs pelo uso freqüente das versões da *Septuaginta* quando citava as Escrituras Hebraicas, e isto se aplica de modo especial à sua carta aos Romanos.

³⁸ A *Sentinela* de 1º de novembro de 1990, página 11, dá uma versão tipicamente tendenciosa do assunto, afirmando que as referências de Paulo a “imposto” (e “tributo”) em Romanos 13 “referem-se especificamente a dinheiro pago ao Estado”. Cita Lucas 10:22 como prova, como se a única referência a um imposto monetário se aplicasse ao sentido de *phóros* em todos os lugares. O redator, evidentemente, fez um estudo apenas superficial da matéria, e, no entanto, escreve de modo bem definitivo. Até a própria *Tradução Interlinear do Reino*, da organização, reconhece a amplitude da aplicação do termo *phóros*. Como significado básico do termo, sua leitura interlinear mostra — não “dinheiro pago” ou mesmo “imposto” — mas simplesmente “a coisa trazida”. A “coisa” trazida pode ter sido dinheiro, produtos ou serviço na forma de trabalho compulsório. Nos tempos bíblicos, imposto podia, e de fato significava, qualquer um destes.

documentação bíblica, histórica, lexicográfica e etimológica fornecida.³⁹

Qual foi o resultado de tudo isto? Lembremo-nos de que qualquer decisão tomada afetaria as vidas de milhares de pessoas. A norma existente já tinha resultado em prisões que representavam dezenas de milhares de anos. Mais uma vez, creio que o modo como se tratava do assunto é altamente revelador. Ilustra dramaticamente a maneira como normas antigas, tradicionais, podem exercer um poder sobrepujante no modo de pensar de homens que declaravam sua determinação em deixar que a Palavra de Deus fosse sua única e exclusiva autoridade.

O Corpo Governante reuniu-se e discutiu a questão em quatro sessões separadas, estendendo-se de 26 de setembro a 15 de novembro de 1978. Em todos estes quatro dias de debates as cartas enviadas receberam atenção apenas superficial; nenhum dos argumentos ou perguntas receberam análise cuidadosa ou consideração tópico por tópico, e isto se aplicou igualmente às quatorze páginas de evidência bíblica e histórica que eu pessoalmente havia preparado. As reuniões foram típicas da maioria das sessões do Corpo Governante, no fato de que não houve pauta específica de debates, nem consideração sistemática de nenhuma das perguntas ou tópicos em questão antes de passar-se à consideração de outro tópico em questão. A discussão podia pular, como era típico, de um aspecto do problema para outro aspecto inteiramente diferente e relativamente não-relacionado. Um membro podia concluir com a pergunta: “Que base bíblica existe, então, para dizer que, por que um serviço é ‘alternativo’ ele conseqüentemente torna-se equivalente ao que ele substitui?” O membro seguinte a falar podia abordar um tópico totalmente diferente, deixando a pergunta do membro anterior pairando no ar.⁴⁰

³⁹ Cópias do documento de 14 páginas podem ser obtidas por meio da Commentary Press.

⁴⁰ A questão de a substituição ser igual à equivalência fora levantada na carta (vinda da Bélgica) que deu início a todo o debate. O autor, Michel Weber, era um ancião que tinha visitado Testemunhas presas em seu país e percebido que elas não conseguiam entender o raciocínio por trás da norma da Sociedade. Entre outras coisas, ele perguntava por que, após recusar uma transfusão de sangue, não recusávamos também, consistentemente, qualquer *substituto* dado em *lugar* do sangue. Não deveria aplicar-se o mesmo raciocínio?

Os que eram a favor de manter a norma existente referiam-se às cartas das Comissões de Filial principalmente para descartar sua importância. Portanto, Ted Jaracz disse: “Apesar do que os irmãos digam, é a Bíblia que nos guia.” Passou então a considerar alguns tópicos, não da Bíblia, mas de certos artigos da *Sentinela* que tratavam do assunto.

Mesmo assim, muitos dos homens das comissões de filial tinham suscitado sérios argumentos bíblicos, e estes não foram refutados nem claramente respondidos, pelo menos não de modo a convencer a maioria dos próprios membros do Corpo Governante, como revelou a votação subsequente. Ted Jaracz, porém, exortou a que nos perguntássemos: “Até que ponto isto se constitui problema em todo o mundo?” (a pesquisa mostrara que na maioria dos países não havia provisão de serviço alternativo). Admitindo que talvez “cerca de cem pessoas sejam desassociadas” em consequência da norma existente, ele perguntou: “Que dizer de todos os outros irmãos da organização mundial que rejeitaram o serviço alternativo e do sofrimento já suportado pelos que tomaram tal posição?” Esta pergunta parecia dizer que, devido a uma opinião errada passada ter causado considerável sofrimento, isto de algum modo justificava continuar com a opinião errada — e com o sofrimento que ela continuaria a causar! Isto ilustra como as normas tradicionais podem, nas mentes de alguns, sobrepujar tanto as Escrituras como a lógica. Como razão adicional para manter a norma que levava a este “sofrimento”, ele acrescentou: “Se nós permitirmos aos irmãos esta abertura, teremos sérios problemas, como aqueles em que se mostra abertura em questões de emprego”. Na verdade, os únicos “problemas” causados pela abertura em questões de emprego foram para os que procuravam manter estrito controle sobre as atividades dos con cristãos. Qualquer risco que existisse não estava realmente ligado à moralidade ou à integridade cristã da congregação; o que estava em risco era a prática da autoridade eclesiástica.

Indício disto foi o modo como o presidente da Sociedade, Fred Franz, também expressou dúvida quanto ao peso das declarações dos membros das comissões de filial. Ele lembrou ao Corpo que não votara a favor da pesquisa mundial, e daí, acentuando o tom de voz, perguntou: “Afinal, de onde vem toda esta informação? Vem do *alto*

para baixo? Ou de baixo para cima?” Ele disse que não devíamos basear nossa decisão nas situações encontradas nos diferentes países.

Como se observa, esta expressão com respeito a “alto” e “baixo” não era nova. Ele a usara tão recentemente quanto em 1972, num artigo da *Sentinela*, junto com a referência aos membros “das fileiras” da organização. Mas achei o tom inteiro do debate extremamente perturbador, especialmente as expressões como “Se *nós* permitirmos aos irmãos esta abertura”. Quando Klein, presidente do Corpo, deu-me a palavra, lembrei aos membros que foi decisão do Corpo Governante escrever aos membros das Comissões de Filial, que esses homens estavam entre os anciãos mais respeitados de seus respectivos países, e que se não déssemos peso às declarações deles, daríamos peso às declarações de quem? Vi-me obrigado a acrescentar que eu entendia que nós nos considerávamos como uma *fraternidade* e que não tínhamos razão para nos considerarmos no “alto” de alguma coisa, que devíamos até repelir pessoalmente este conceito.

Qual foi, então, o resultado final? Na reunião de 11 de outubro de 1978, dos então dezesseis membros do Corpo, treze estavam presentes e nove votaram pela mudança da norma tradicional, quatro (Henschel, Jackson, Klein, e Fred Franz) não o fizeram. Como não era uma maioria de dois terços de todos os membros, nenhuma mudança se fez. A 15 de novembro, a votação mostrou que de dezesseis, onze eram a favor da mudança, uma maioria de dois terços. A moção votada era uma de várias sugeridas, e fora apresentada por mim. Dizia:

MOÇÃO

Que quando as autoridades superiores de qualquer país, atuando por meio de quaisquer das agências constituídas que utilizam, ordenarem que um irmão execute alguma forma de trabalho (quer devido à objeção conscienciosa dele ao serviço militar quer por outros motivos), nenhuma ação congregacional será tomada contra tal irmão se ele acatar esta ordem, contanto que o trabalho que lhe ordenarem não esteja em violação a ordens diretas ou claros princípios bíblicos que se acham na Palavra de Deus, incluindo o de Isaías 2:4.— Mat. 5:41; 22:21; 1 Cor. 13:1-7; 1 Pe. 2:17; Tito 3:1; Atos 5:29.

Continuaremos a exortar nossos irmãos a se guardarem contra tornar-se parte do mundo e que, em quaisquer circunstâncias em que se encontrarem, devem manter o reino de Deus em primeiro lugar, jamais

esquecendo que são escravos de Deus e de Cristo. Devem, pois, valer-se de quaisquer provisões que lhes concedam a maior liberdade para usar tempo, energia e fundos em prol desse reino. — João 15:17-19; Atos 25:9-11; 1 Cor. 7:21. 23.

Uma maioria de dois terços tinha votado a favor da moção — mas esta maioria de dois terços não durou muito. Durante um breve intervalo na reunião, um dos membros comentou que haveria evidentemente uma mudança de voto. Citou o presidente Franz (um dos contrários a qualquer mudança) dizendo: “Ainda não terminou; Barry reconsiderou.” Lloyd Barry estava entre os onze que votaram pela moção. Por que a mudança? Já que a decisão podia fazer diferença entre homens irem ou não irem para a prisão, acho esclarecedor imaginar que espécie de coisas podem acontecer num corpo governante religioso que detém o poder de afetar as vidas de milhares de pessoas.

Pode-se notar que nos textos citados no fim do primeiro parágrafo da moção aparece a citação “1 Cor. 13:1-7.” Minha intenção era pôr “Rom. 13:1-7”, mas, talvez pela familiaridade com a conhecida descrição do amor na Primeira aos Coríntios, capítulo 13, escrevi isso por engano. Alguém trouxe o assunto à minha atenção durante o intervalo, e o Corpo foi informado da necessidade de corrigir esta única referência.

Quando voltamos a nos reunir, porém, Lloyd Barry declarou que não votaria a favor da moção com o texto de Romanos capítulo 13 entre as citações. Quando tive chance de falar, sugeri a Lloyd que podíamos simplesmente eliminar totalmente a referência ou até remover *todos* os textos citados se isso tornasse a moção aceitável para ele. Sem explicar o motivo de sua objeção, ele disse que mesmo assim não votaria pela moção e que estava retirando seu voto anterior. Outros membros empenharam-se para fazer algum ajuste conciliatório, mas sem êxito. Embora não existisse provisão alguma para alguém retirar seu voto após uma moção ter sido aprovada, cedemos à ação de Barry. Acabara-se a maioria de dois terços. Quando, após mais algum debate, fez-se outra votação, o resultado foi: nove a favor, cinco contra, uma

abstenção.⁴¹ Embora ainda existisse uma maioria definitiva, já não era uma maioria de *dois terços*. Embora apenas uma *minoría* do Corpo Governante favorecesse a continuação da norma existente e das sanções que seriam impostas a quem aceitasse o serviço alternativo (a menos que sentenciados a isso), aquela norma continuou em vigor. Ano após ano, centenas de jovens que se submeteram a essa norma, mesmo sem compreendê-la ou ter convicção de que era correta, continuaram a ser detidos, julgados e presos — por que um membro de um conselho religioso mudou de idéia. Os varões Testemunhas só podiam exercer sua opção conscienciosa pelo preço de serem excluídos das congregações de que faziam parte, de serem vistos como infiéis a Deus e a Cristo.

Tais circunstâncias certamente deixam claro por que nunca se deve esperar que o cristão hipoteque sua consciência a qualquer organização religiosa ou a algum corpo de homens com autoridade virtualmente ilimitada sobre a vida das pessoas. Eu achava tudo isso desalentador, trágico. Aprendi, todavia, de modo mais claro, exatamente até onde o caráter de uma estrutura de autoridade pode levar os homens, como esta os faz tomar posições rígidas que eles normalmente jamais tomariam. Este caso ilustrou o modo como o poder da tradição, junto com o legalismo técnico e a desconfiança das motivações das pessoas, pode impedir alguém de assumir uma posição compassiva.

A questão veio à tona mais uma vez e a votação ficou empatada. Conseqüentemente, ela foi retirada e pareceu perder a importância para a maioria dos membros. A organização, seguindo suas regras de votação, tinha falado. Os argumentos das comissões de filial não precisavam de resposta — seriam simplesmente informadas de que “nada mudara” e elas procederiam concordemente. Os homens nas prisões jamais saberiam sequer que a questão fora debatida e que, consistentemente, a metade ou a maior parte do Corpo Governante não acreditava que eles precisavam estar onde estavam.

⁴¹ Lloyd Barry viajara a serviço e portanto não estava presente nesta votação que se tornara necessária por ele ter retirado seu voto anterior. Os cinco que votaram contra a mudança foram Carey Barber, Fred Franz, Milton Henschel, William Jackson e Karl Klein. Ted Jaracz absteve-se. Veja também Crise de Consciência, capítulo 5, nota de rodapé 7.

Como exemplo da inconsistência sempre presente em tais raciocínios há uma questão paralela que foi depois considerada. Originou-se na Bélgica, o país onde surgira toda a questão do serviço alternativo. A filial belga pediu diretrizes sobre outro assunto. A lei belga determinava que certas pessoas, geralmente advogados, fossem selecionadas e designadas para servir nos locais de votação durante as eleições políticas, para garantir o devido cumprimento do processo de votação. A Comissão de Filial queria saber se isto era permissível aos advogados Testemunhas. Curiosamente, o Corpo Governante decidiu que prestar serviço deste modo não desqualificaria alguém como Testemunha aprovada, embora fosse difícil imaginar uma designação mais próxima do envolvimento com o processo político do que esta.

Generalização e classificação

Outra característica do raciocínio legalístico é a prática de generalizar e classificar as coisas. Isto é, por que *certos* aspectos de alguma coisa são maus, a tendência é generalizar dizendo que a *coisa toda* é má.

Este é, essencialmente, o mesmo tipo de generalização injustificada que classifica todo um grupo nacional ou racial como contaminado se algumas pessoas dentro desse grupo ou raça forem culpadas de uma ação ou atitude errada. Por meio desta generalização, pessoas desta raça ou nacionalidade são vistas como propensas ao crime, desonestas, preguiçosas, não-confiáveis, gananciosas e astutas, só porque o todo é julgado com base numa parte. O resultado é o preconceito, que denota um modo de pensar tacanho. É preciso cautela e critério para avaliar um povo individualmente, pessoa por pessoa. Amontoá-las todas numa só classe é bem mais fácil, obviamente, como também é flagrantemente injusto e ilógico.

Nos debates do Corpo Governante, comecei a perceber até que ponto as decisões se baseavam num tipo similar de generalização e classificação injustificadas. Em muitas das diretrizes elaboradas concentrava-se a atenção na organização como um todo, em vez de naquilo que as pessoas individualmente eram ou faziam. Se fosse detectada alguma falha em parte das práticas ou padrões de uma determinada organização, amiúde a organização inteira, e todos nela, eram condenados e vistos como “tabu” para as Testemunhas.

Esta atitude permite que todas as outras professas associações cristãs sejam vistas como intrinsecamente más. Se houver alguma falha em certos ensinamentos da religião, a religião passa a ser vista, *em sua totalidade*, como impura, e qualquer pessoa que dela faça parte é também impura, desprovida do favor de Deus. Esta atitude faz com que até filiar-se à A.C.M.* seja motivo para desassociação.⁴² O fato de eu achar que há algo não-cristão numa religião dificilmente me dá o direito de julgar todos os seus membros como totalmente inaceitáveis para Deus. Isto segue o princípio da “culpa por associação”, um princípio que foi usado contra Jesus pelos líderes religiosos. (Confira Mateus 9:11; 11:19.) Por este princípio, não importa que tipo de pessoa o indivíduo seja, quais são suas crenças pessoais, quanta devoção à Palavra de Deus ele pessoalmente demonstra, quão elevados são os padrões de moral pelos quais ele vive. A menos que encerre sua associação com quaisquer destes grupos religiosos — e se torne membro das Testemunhas de Jeová — ele será destruído por Deus na época da “grande tribulação”. Paradoxalmente, quando os associados com as Testemunhas de Jeová descobrem ensinamentos não-bíblicos ou práticas não-cristãs em sua organização, dizem-lhes que não devem criticar abertamente, não devem esperar perfeição, e sim apegar-se à organização, “esperando em Deus”, que eventualmente esclarecerá as coisas.

A generalização e a classificação destacam-se especialmente em questões de emprego, como já vimos. Em muitos casos, o fator que determina se certo emprego é ou não é “aceitável” — não é o trabalho que de fato se presta — mas quem o supervisiona, quem paga por ele, ou se é prestado na propriedade de alguma organização religiosa ou militar.

Em Romanos capítulo 13, versículo 4, o apóstolo Paulo escreveu a respeito da “autoridade superior” do governo:

Pois é ministro de Deus para ti, para teu bem. Mas, se fizeres o que é mau, teme; porque não é sem objetivo que leva a espada; pois é ministro de Deus, vingador para expressar furor para com o que pratica o que é mau.

* Nota do tradutor: Associação Cristã de Moços

⁴² A *Sentinela*, 15 de julho de 1979, páginas 30 e 31.

A “espada” da autoridade superior nos dias de Paulo era o exército, pois não havia uma força policial separada na época dele. O objetivo do exército romano na Palestina era manter a Pax Romana, e ao fazê-lo ele atuava especialmente como força em prol da paz e da ordem, agindo contra os violadores. Na própria experiência de Paulo, pode-se notar que foram os militares que o salvaram da multidão irada na área do templo. Foram os militares que o protegeram de uma trama para assassiná-lo e lhe proveram transporte seguro para Cesaréia.⁴³ Até hoje, as forças militares são muitas vezes mais ativas na manutenção da lei e da ordem em tempos de crise do que na guerra. Durante os anos que servi na República Dominicana, houve muitas ocasiões em que o perigo de distúrbios e violência fugiu ao controle policial e foram as forças militares que foram chamadas a servir como principais guardiãs da paz. Embora alguém possa corretamente fazer objeção de consciência ao mal envolvido em combates militares e derramamento de sangue e a participar nestes, isso não justifica a recusa em admitir quaisquer benefícios prestados pelas forças militares, nem fornece base para se classificar tudo que é ligado aos militares como inerente, total e automaticamente mau, de modo que qualquer contato com estes contamine a pessoa, tornando-a culpada de sangue.

O mesmo se aplica à política. É fácil converter este termo em sinônimo de todos os aspectos negativos que surgem no governo humano. As dissensões e a ambição egoísta típicas de muitas campanhas políticas, com seus insultos e baixezas, junto com a hipocrisia, a corrupção e a tirania que também são muito frequentes nos sistemas políticos, podem ser usadas, nesta equação, para classificar como automaticamente má qualquer coisa a que se possa aplicar o termo “político”. Foi esta mesma condenação e classificação em bloco que gerou a norma da organização para Malaui, com seus resultados calamitosos.⁴⁴ Mas política significa basicamente *governo* e as Escrituras ensinam que os governos têm definitivamente um aspecto benéfico.

Segundo a diretriz da Torre de Vigia, se o governo ordenar a uma Testemunha que sirva como *secretário* de uma administração comunitária estabelecida por ele (como ocorreu nas Filipinas com seu

⁴³ Atos 21:35-40; 23:16-33.

⁴⁴ Veja *Crise de Consciência*, capítulo 6.

sistema de *barangays*), ela deve recusar, mesmo arriscando-se a ser multada ou presa, para evitar a desassociação.⁴⁵ É difícil harmonizar isto com a atitude de Daniel e seus três companheiros durante o domínio político dos impérios babilônico e medo-persa. Daniel não só aceitou a designação para um alto cargo na estrutura política babilônica como pediu cargos administrativos para seus três amigos.⁴⁶ Com isso não mostraram falta de integridade, pois se provaram dispostos a enfrentar a morte para não serem desleais a Deus. (Daniel 3:8-18) Na questão de servir à estrutura governamental (política), eles mostraram *discriminação conscienciosa* — e não *classificação em bloco*. Os cristãos hoje podem também rejeitar e evitar o que é mau e ao mesmo tempo admitir o que possa existir de bom. Eu não poderia conscienciosamente tomar parte numa campanha política, com suas táticas agressivas e desagregadoras. Isto, porém, não faz com que eu veja alguma coisa como automática e intrinsecamente má só porque ela leva o rótulo de “política”.

Com respeito a Daniel e seus três companheiros, há evidência adicional de sua capacidade de distinguir entre o que era e o que não era uma questão importante. Relaciona-se com os nomes que lhes foram dados pelos babilônios. Se não em todos, pelo menos em alguns casos esses nomes incluíam os nomes de deuses babilônicos.⁴⁷ O próprio Nabucodonosor fala especificamente do nome designado a Daniel, Beltessazar, dizendo que este era “segundo o nome de meu deus”. (Daniel 4:8, 9) Bel (correspondente ao termo cananeu Baal), era um dos maiores deuses babilônicos. Duvido muito que qualquer Testemunha de Jeová atenderia se fosse chamada por um nome que lhe fosse dado por uma fonte pagã e que tivesse alguma ligação com o nome de um deus falso. Todavia, os relatos do livro de Daniel mostram que, quando chamados por estes nomes, Daniel e seus companheiros não se recusavam a atender.⁴⁸

⁴⁵ Esta questão surgiu nas Filipinas em 1973, quando vários membros do Corpo Governante (inclusive eu) assistiram ali a uma assembléia durante uma viagem ao Oriente.

⁴⁶ Veja Daniel 2:48, 49; 5:29.

⁴⁷ Daniel 1:6, 7. Veja *Estudo Perspicaz das Escrituras* sob “Beltessazar”, “Sadraque”, “Mesaque” e “Abednego”.

⁴⁸ Daniel 3:13-18; 4:19.

Penso nisto quando recorro algumas medidas extremas que Testemunhas têm sido obrigadas a tomar para demonstrar “estrita neutralidade”, “completa separação do mundo”, especialmente em resultado das normas classificadoras da organização, que as deixaram altamente sensíveis. Há uma preocupação excessiva com o que as coisas vão *parecer*, em vez de com a realidade. No moderno estado de Israel, os varões Testemunhas que recusaram o serviço militar foram presos. Mandaram-nos vestir roupas militares. Qualquer que fosse sua *aparência*, a verdade é que eram prisioneiros devido à posição que tomaram. Todavia, recusaram-se a usar as vestimentas e alguns até circularam com suas roupas de baixo em vez de vesti-las. Uma sugestão do Corpo Governante foi de que poderiam usá-las pelo avesso para registrar sua objeção. No entanto, já que um *nome* é muito mais visto como identificação do que um uniforme, o fato de que Daniel atendia pelo nome Beltessazar não pode deixar de vir à mente. Ele sabia que esta denominação não alterava o que ele era e quando surgiu um problema sério, esteve disposto a *demonstrar* o que ele era, embora isso significasse a morte na cova dos leões. (Daniel 6:6-23) Caso tivesse se guiado pela doutrinação e normas da Torre de Vigia, ele certamente não teria mostrado tal ponto de vista equilibrado, perspicaz.

Um tanto relacionado a isto é o modo como a organização Torre de Vigia costuma agora abster-se das celebrações de vários feriados (ou mesmo aniversários) como evidência de uma justiça superior. Até hoje não comemoro estes feriados, mas admito que lhes atribuíram uma importância exagerada, pois o fato de a pessoa comemorá-los ou não, é motivo para se determinar se ela é praticante da adoração pura ou merecedora de desassociação.

Dá-se muita importância à “origem pagã” de vários costumes e coisas relacionadas com alguns destes feriados.⁴⁹ Realisticamente, porém, qualquer significado “pagão” que estes tenham tido há muito desapareceu. Recordo um discurso que fiz nos anos 70, falando da necessidade de não ir a extremos nestes assuntos, destacando, entre outras coisas, que os próprios dias da semana (em inglês) envolvem os nomes de objetos pagãos de adoração, o sol, a lua, e dos deuses e deusas Tiw, Wedin, Thor, Frida e Saturno. O mesmo ocorre com os

⁴⁹ Veja *A Escola e as Testemunhas de Jeová* (1983), páginas 15-17.

nomes dos meses.⁵⁰ No entanto, hoje empregamos esses nomes sem a menor idéia de sua “origem pagã”. Atualmente a maioria das pessoas desconhece totalmente sua fonte “pagã”. Isto se aplica igualmente aos vários adornos e costumes relacionados com muitos dias festivos.

Embora dêem grande ênfase à questão da “origem pagã”, a organização Torre de Vigia simplesmente a ignora em outras áreas, como no caso das alianças de casamento. Sua própria publicação, *Que Tem Feito a Religião Pela Humanidade?* (1956), páginas 268 e 269, cita o cardeal Newman, católico, dizendo que, junto com coisas tais como o uso de templos, incenso, velas, etc., “o anel nos casamentos” está entre as coisas que são “de origem pagã, e santificadas pela sua adoção na Igreja.”⁵¹ Todavia, quase todas as Testemunhas de Jeová usam o “anel nos casamentos”, algo que sua própria publicação revela como “de origem pagã”.

Recordo que quando a Sociedade adquiriu um antigo cinema em Queens, Nova York, para usá-lo como Salão de Assembléias, o local era todo decorado com antigos temas egípcios. Por sobre a marquise, a fachada do prédio tinha grandes azulejos retratando vários deuses e deusas egípcios, e até um que trazia uma *crux ansata*. O interior continha outros itens, inclusive flores de lótus, que tinham várias conotações nas crenças egípcias. Quando a Torre de Vigia restaurou o prédio todos estes itens foram deixados intactos. Alguns anos depois, uma amiga nossa da República Dominicana assistiu ali, como nossa convidada, a uma formatura da Escola de Gileade. Ela ficou chocada com os símbolos pagãos e me expressou o que sentia, dizendo que não saberia o significado destas coisas se não tivesse lido sobre elas nas próprias publicações da Torre de Vigia.⁵² Ela não conseguia harmonizar as declarações firmes e negativas, feitas nas publicações, com esta aparente tolerância. Fui obrigado a escrever ao presidente Knorr, indicando que minha preocupação primária era com ela (e com outros que pudessem sentir-se como ela). Knorr veio à minha sala e

⁵⁰ Estes incluem os nomes do deus de duas faces, Jano, Februa (uma festa pagã de purificação), Marte (deus da guerra), e Maia (uma deusa romana).

⁵¹ *Ensaio Sobre o Desenvolvimento da Doutrina Cristã* (em inglês), John Henry Newman (1878), páginas 355, 371, 373, edição de 1881.

⁵² Veja por exemplo, o livro *Que Tem Feito a Religião Pela Humanidade?*, páginas 101 a 113.

argumentou sobre o assunto, dizendo que aquelas coisas eram simples decoração e que não achava, por exemplo, que as pessoas que vissem aqueles lótus iriam atribuir-lhes uma conotação sexual. Perguntou-me se eu achava que nós não podíamos sequer fazer uso de uma tradução católica se esta tivesse uma cruz na capa. Respondi que eu mesmo não era hipersensível a tais coisas, mas que achava que tínhamos a obrigação de nos preocupar se houvesse um efeito negativo sobre outros, que se criávamos determinado padrão para os outros, as pessoas então tinham o direito de esperar que nós mesmos o seguissemos. Não muito depois, as decorações de deuses e deusas foram encobertas com tinta. O interior do prédio permaneceu essencialmente o mesmo. Mais recentemente, a Torre de Vigia adquiriu o grande Hotel Bossert, em Brooklyn, que tem seu exterior ornamentado com gárgulas. Estas, também, são vistas pela organização como decorações inconseqüentes, sem nenhum significado sério. Como vim a constatar em muitos casos, as severas exigências lançadas sobre as Testemunhas comuns de repente se abrandam quando estão envolvidos os interesses da organização.

Pessoas dentre as Testemunhas têm sido desassociadas por comemorar aniversários. O cerne do argumento da Torre de Vigia parece se basear no princípio da culpa por associação — que devido às Escrituras mencionarem que apenas Faraó e Herodes comemoraram aniversários e porque estes eram iníquos, então a comemoração de aniversários é necessariamente iníqua também.⁵³ Esta é com certeza uma conclusão forçada. Se, como ilustração, as únicas referências a festas de casamento nas Escrituras fossem as de dois pagãos ou não-cristãos (talvez até coincidindo com a ocorrência de embriaguez ou imoralidade) — tornaria isso as festas de casamento algo errado, impróprio para os cristãos?

A Torre de Vigia usa citações sobre a ausência de comemorações de aniversário pelos judeus ou pelos professos cristãos dos primeiros séculos. É esta realmente uma razão sólida para tomar uma posição rígida? Comemoravam os judeus ou os professos cristãos dos primeiros séculos aniversários de casamento? Determinaria o fato de que eles não o faziam que hoje nós não o façamos? Em muitos países

⁵³ Veja *Raciocínios à Base das Escrituras* (1985), páginas 37, 38; *A Escola e as Testemunhas de Jeová*, páginas 14, 15.

as Testemunhas de Jeová *comemoram* aniversários de casamento. A idéia anunciada de que as comemorações de aniversário significam intrinsecamente ‘idolstrar’ a pessoa é uma classificação irrealista. Os casais que comemoram seus aniversários de casamento não idolatram a si mesmos nem a seu matrimônio. Como muitas outras coisas, o que conta é o *modo* como as coisas são feitas, o *espírito* demonstrado, e isto pode variar enormemente.⁵⁴ Em parte alguma das Escrituras há alguma indicação de que Deus desaprova, *em si mesmas*, as comemorações de aniversário. Nada dizem a esse respeito. Eis um caso em que homens presumem saber o pensamento de Deus, fazendo julgamentos e regras que o próprio Deus não fez.

Não defendo, com tudo isto, quaisquer destas comemorações. Creio simplesmente que, analisadas de modo calmo e realista, estas são questões de pouca importância, jamais dando base ao sentimento de justiça superior gerada pela abstenção das Testemunhas, e certamente nunca justificando a norma de desassociação que está em vigor. O mero fato de saber que algo não é condenado não o torna atraente. Repudio a futilidade e o comercialismo de muitos dias festivos. Não simpatizo com o costume de crianças “fazerem um pedido” quando sopram as velas (como se faz em meu país), já que isto alimenta a superstição, ou cultivar ficções tais como Papai Noel. Assim mesmo, creio que atribuir tamanha gravidade a estas coisas, como se fossem questões de vida e morte, e julgar outros com base nisso seria ir além do permitido pelo ensino cristão.

Em sua atitude absolutista e na prática de classificar as coisas, há um paradoxo no fato de que a norma da organização Torre de Vigia permite filiar-se a sindicatos trabalhistas. Todavia, a organização sabe que os sindicatos são claramente uma força política. Ela condena a participação nas greves como forma de coerção por intimidação; considera os que aceitam cargos oficiais num sindicato como “não-

⁵⁴ Uma irmã de minha esposa tem um filho que foi concebido muito depois de seu casamento e que nasceu com um defeito cardíaco. Os pais foram avisados de que ele poderia não passar dos dois anos de idade, mas uma cirurgia realizada quando ele atingiu essa idade corrigiu o problema. Como sua mãe dizia: “Alguns comemoram aniversários de casamento, mas para mim e meu marido o dia em que nosso filho nasceu é uma recordação mais preciosa até mesmo do que o dia de nosso casamento.”

exemplares” não podendo assim ser anciãos ou servos ministeriais; declara que fazer piquete não é cristão, e no entanto, estranhamente, diz que, se ao recusar o trabalho de piquete, a Testemunha for designada a um trabalho substituto (“serviço alternativo”) de limpar a sede do sindicato ou atender ao telefone, isto cabe à consciência dela.⁵⁵ Por que não é este serviço em substituição ao piquete visto da mesma forma que era o trabalho substituto do serviço militar? E por que, com todos estes alegados aspectos “não-cristãos”, fazer parte de um sindicato não torna maculado e impuro o trabalhador Testemunha? Como contorna a Sociedade Torre de Vigia a evidente contradição desta norma? Faz isto por simplesmente dizer às Testemunhas que elas podem ver a filiação a um sindicato como um “seguro de emprego”! E no entanto, não podem filiar-se à A.C.M. nem usar suas instalações para exercícios e natação como um “seguro de saúde”, ou, no caso das Testemunhas malauis, possuir uma carteira partidária como um “seguro de residência”, ou mesmo um “seguro de vida”.⁵⁶

Uma vez mais, é um caso de líderes religiosos que ditam ao indivíduo quando ele pode ou não pode ter reservas mentais. (Confira Mateus 15:3-9) O Corpo Governante se dispõe, para obter benefícios

⁵⁵ O sugerido *Orientações para Correspondência*, após citar Efésios 6:5-8, Colossenses 3:22-24 e 1 Pedro 2:18, 19, diz: “Os sindicatos trabalhistas discordam do conselho declarado nestes textos e não atuam em harmonia com eles.” Mais adiante diz: “Uma demanda salarial conjunta é uma arma, uma ameaça de sério golpe econômico para o empregador se ele não faz o que exigem dele. É um meio de obter algo de um empregador indisposto por meio da intimidação.” Esta mesma matéria considera o piquete e o trabalho em substituição ao mesmo. Veja também *A Sentinela*, 15 de julho de 1961, página 448.

⁵⁶ A destruição de lares e perda de vidas das Testemunhas em Malauí estão registradas em *Crise de Consciência*, capítulo 6. Parece provável que a posição da organização sobre os sindicatos se deva ao importante papel que estes desempenham na área de empregos. Tomar uma posição consistente com as opiniões dela em relação a outras organizações objetáveis e exigir que todas as Testemunhas renunciem aos sindicatos iria sem dúvida criar um sério problema de desemprego e dificuldades econômicas para milhares de Testemunhas. A organização não tem nenhum arranjo concreto para cuidar de membros em tais circunstâncias, especialmente nas nações industrializadas. De qualquer modo, a norma demonstra que, quando deseja, a organização sabe fazer notáveis exceções e dispensas.

legais, a classificar a organização das Testemunhas como “hierárquica”, embora fora dos tribunais ele negue isso. Isto é certamente uma busca de acomodação por meio de certa medida de transigência. A transigência não é algo necessária ou inerentemente errado. Implica em ceder até certo ponto, e a vida exige de nossa parte certa transigência a fim de podermos viver e trabalhar com outros. O erro acontece quando começamos a transigir em nossos princípios. A organização atribui a si própria o direito de apresentar-se ao mundo numa forma que em toda a parte ela condena firmemente, sem ver nisso uma transigência de princípios, mas nega a seus membros o direito correspondente de decidir o que eles podem fazer de consciência tranqüila quando se deparam com circunstâncias igualmente difíceis ou mais. A opinião que a liderança religiosa adota com relação a uma questão é imposta a todos os que lhe estão sujeitos como a opinião que eles devem adotar. O fato de os membros do Corpo Governante em sua “torre de marfim” enclausurada, protegida, raramente terem de enfrentar dificuldades, privações ou problemas que a Testemunha comum tem de enfrentar, parece não ter nenhum efeito acautelador ou moderador na prontidão com que impõem seus conceitos aos membros individuais.

Estabelecem critérios duplos

Outra falha comumente vista no legalismo religioso é a existência de critérios duplos — estabelecendo uma série de critérios para si mesmos e outra para os demais. Conforme Jesus disse daqueles que, na prática, se sentavam na cadeira de Moisés e atuavam como advogados da lei Mosaica:

Portanto, todas as coisas que eles vos dizem, fazei e observai, mas não façais segundo as ações deles, pois dizem, mas não realizam.⁵⁷

A evidência dessa atitude foi um dos fatores que mais me perturbou como membro do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová. Em *Crise de Consciência*, mostrei alguns exemplos da aplicação de critérios duplos.⁵⁸ Constituíam apenas parte do todo.

⁵⁷ Mateus 23:3, NM.

⁵⁸ Veja *Crise de Consciência*, capítulo 6.

Considere, por exemplo, estas citações sobre a honestidade nos negócios:

Respeitamos realmente a verdade ou estamos dispostos a torcer a verdade um pouco, para nos livrar duma situação inconveniente ou para obter algo que desejamos? Mentir é atualmente uma prática comum no comércio... Sente-se tentado a mentir, como saída fácil, quando está em apuros?⁵⁹

Às vezes, o que temos de declarar a outros tem de ser por escrito. Por alguma razão, pessoas que jamais mentiriam oralmente acham que a coisa é diferente quando se trata de declarar renda para fins de imposto ou relacionar itens para agentes alfandegários numa fronteira internacional. Este tipo de defraudação custa a todos os que pagam impostos. É isso genuíno amor ao próximo? Além do mais, não têm os cristãos o dever de ‘pagar de volta a César as coisas de César’?.... Homens inescrupulosos talvez recorram à linguagem dúbia para distorcer e enganar.⁶⁰

Paulo continua: “Rendei a todos o que lhes é devido, a quem exigir imposto, o imposto; a quem exigir tributo, o tributo; a quem exigir temor, tal temor; a quem exigir honra, tal honra.” (Romanos 13:7) A palavra “todos” inclui toda autoridade secular que seja servo público de Deus. Não há exceções. Mesmo se vivemos sob um sistema político que pessoalmente não gostamos, pagamos impostos... nenhum cristão deve ilegalmente esquivar-se de pagar impostos.⁶¹

Tudo isto, de fato, estabelece um alto padrão. Recordo-me duma carta sobre este assunto enviada da Itália. Informava que naquele país o costume de declarar lucros comerciais abaixo da realidade era tão comum e difundido, que era prática do governo ajustar *automaticamente* as declarações de renda por acrescentar certo percentual à quantia declarada. A pergunta era se, em vista disso, a Testemunha comerciante devia declarar o montante da sua verdadeira renda — sabendo que seria considerada muito baixa — ou se cabia a ela decidir como relatá-la de modo a pagar o que as leis tributárias realmente exigiam que pagasse. O Corpo Governante determinou que a questão não cabia ao indivíduo e que a quantia total tinha de ser

⁵⁹ A *Sentinela*, 15 de julho de 1974, página 442, parágrafo 17.

⁶⁰ A *Sentinela*, 15 de fevereiro de 1988, página 4.

⁶¹ A *Sentinela*, 1º de novembro de 1990, página 24.

declarada. (Artigos na seção “Perguntas dos Leitores” da revista *Sentinela* estabeleceram padrões igualmente rigorosos sobre tais assuntos, e as Testemunhas que deixam de acatá-los estão sujeitas à disciplina, e em alguns casos à desassociação.)

De modo algum questiono a importância do princípio cristão da honestidade, ou como este é enaltecido nos artigos acima citados. O que *questiono* é se cabe a um conselho religioso ditar normas à pessoa em circunstâncias específicas e incomuns, e, na prática, dizer-lhe como deve reagir sua consciência. A razão que me faz pensar isso é o que sei das próprias práticas da organização nestas áreas.

Como exemplo, a Comissão de Filial da Colômbia, preparando-se para a “visita de zona” anual de um representante da sede mundial, fez uma lista de perguntas para as quais buscavam respostas. Algumas envolviam preocupação quanto a certas normas contábeis que a organização estabelecera e às quais eles seguiam. Assim, a sexta pergunta desta lista tratava do fato de a filial declarar certas rendas ao governo como “doações”, enquanto elas apareciam em seus livros como “restituições de investimento”. Eles ficavam perturbados com isto, e esta cópia da matéria deles mostra como explicavam o que sentiam:

6.De acordo com a lei colombiana das sociedades sem fins lucrativos, estamos proibidos de fazer empréstimos sobre os quais incidam juros. Fazer isso nos classificaria como firma comercial e passível de pagar impostos corporativos à taxa das sociedades limitadas. No momento, classificamos a renda proveniente dos reembolsos de empréstimos para Salões, que incluem juros, como doações, para fins de declaração de nossa renda ao governo. Todavia, nos livros da Sociedade, esta renda está classificada como restituição de investimentos, #7A, e nos livros-razão individuais os pagamentos sobre o principal e o juro estão claramente identificados. Podemos saber sua opinião sobre os aspectos morais deste procedimento?

A sétima pergunta deles tratava de malabarismos similares de informações com respeito aos missionários estrangeiros que eram introduzidos no país:

7. Temos contratos de trabalho com nossos missionários e nós os registramos como empregados junto ao ministério do governo que cuida dos estrangeiros. Temos de fazer isto a fim de fazê-los entrar no país. Todavia, em nossas declarações de imposto, mostramos que não temos empregados. Isto é para evitar pagar contribuições para empregados à previdência social, etc., e para evitar problemas com complexos pagamentos de benefícios sociais exigidos por lei. "Todo mundo faz isso", mas como ficamos nós moralmente?

[O original em inglês destes trechos da carta encontra-se no Apêndice.]

Em ambos os casos, pode-se notar que a razão deste método “irregular” de prestar contas ao governo era esquivar-se de certos impostos ou outras despesas. Embora o princípio de que os cristãos obedecem a todas as leis exceto as que violam a lei de Deus seja legítimo, esse princípio não pode servir de justificativa para não obedecer a estas leis tributárias da Colômbia.⁶² Deve-se notar, mais uma vez, que estes métodos contábeis *não* partiram do escritório da filial da Colômbia. Com base no conhecimento pessoal, tanto por ter servido como superintendente de filial em Porto Rico e na República Dominicana, bem como pelas visitas oficiais que fiz como membro do Corpo Governante às filiais de vários países, sei que nenhuma filial estabelece normas contábeis próprias. Estas são determinadas pela sede central da organização. A filial da Colômbia estava simplesmente seguindo a prática que a organização também adota em outros países. Eles não achavam que podiam desviar-se de tais práticas sem antes pedir permissão, como demonstram suas perguntas. Mas, conforme demonstrado por suas declarações, os homens da filial sentiam-se com a consciência perturbada quanto à moralidade destas práticas, sem dúvida pelo contraste que estas fazem com as afirmações da organização publicadas na revista *A Sentinela*. Pelo que sei, as práticas instituídas não foram alteradas.

O segundo tópico vindo da Colômbia, mostrado acima, toca em outra inconsistência. Como bem se sabe, muitos do México entram nos Estados Unidos como estrangeiros ilegais, que buscam trabalho e melhorar suas condições de vida. Os cartões da previdência social são

⁶² Atos 5:29; compare com Romanos 13:5-7.

geralmente obtidos com base em informações falsas. Alguns destes, daí por diante, levaram vidas responsáveis no país durante décadas, criaram famílias, compraram ou construíram casas e até abriram negócios. Alguns destes depois se tornaram Testemunhas, às vezes muitos anos depois.

A norma da organização permitiu aos que desejavam ser batizados como Testemunhas de Jeová que o fizessem. Mas não se permitia aos varões servirem em qualquer responsabilidade, quer em dirigir reuniões, quer como servos ministeriais ou anciãos.⁶³ A posição tomada era de que “eles estão vivendo uma mentira”. Apresentavam-se falsamente como morando legalmente no país, portando documentos que não eram autênticos. A fim de qualificar-se para quaisquer responsabilidades, eles têm de ir às autoridades e buscar legalizar sua situação. De outra forma, o único outro meio de qualificar-se seria retornar ao México — o que normalmente significaria abrir mão de seus empregos, vender ou desfazer-se de suas casas e propriedades caso as tivessem.⁶⁴

A organização, todavia, *estabeleceu ela própria* certos arranjos que geram uma situação similar de ilegalidade. A Sociedade Torre de Vigia tem por vezes enfrentado barreiras legais no esforço de enviar seus missionários treinados para certos países da América do Sul, Europa, África e Pacífico Sul. O país pode recusar conceder vistos de entrada ou de residência aos missionários da Torre de Vigia. Esta geralmente envia missionários, nestes casos, não porque não haja Testemunhas no país, mas para dispor de pessoal mais bem treinado pela organização em seus ensinamentos, normas e métodos. A obra e a adoração das Testemunhas de Jeová não depende da entrada deles no país, mas a organização crê que isto geralmente resulta em crescimento numérico

⁶³ Veja, por exemplo, *A Sentinela* de 1º de setembro de 1977, páginas 543, 544.

⁶⁴ Na mesma época em que vigorava esta norma, conforme documentado em *Crise de Consciência*, varões Testemunhas no México portavam documentos declarando que tinham cumprido um serviço militar que não tinham cumprido, documentos esses obtidos por meio de suborno, e muitos deles eram conscientemente aprovados pela organização como anciãos, superintendentes de circuito, e até como representantes de filial. Nunca foram acusados de “viver uma mentira”.

mais rápido ou no funcionamento mais eficiente de um escritório de filial.

A organização tem muitas vezes feito arranjos para que uma Testemunha local que tenha algum negócio ou indústria providencie uma carta ou documento afirmando que determinado missionário (que não é identificado como tal no documento) está sendo contratado para trabalhar em sua firma. Ou uma Testemunha ligada a uma firma que não está nesse país, mas que tem comércio ou tratos internacionais, pode fornecer esta carta ou documento, declarando que a pessoa servirá como representante dessa firma no país visado. O missionário, e sua esposa, se casado, podem ir ao país como não-Testemunhas, e, após a chegada, manter-se propositalmente (seguindo instruções da organização) afastados de reuniões e de associação com Testemunhas (exceto talvez com algumas pessoas “de contato” designadas). Daí, após algum tempo, e fazendo uso de uma visita de Testemunhas que vão de porta em porta em sua região, passam a agir como se estivessem interessados na religião das Testemunhas de Jeová e logo começam a assistir às reuniões. Não demora muito e estão trabalhando no escritório da filial ou em outras funções — todas possibilitadas por este fingimento. Tenho conhecimento pessoal de tais casos, como por exemplo, em Portugal.

Outro método, utilizado em alguns países sul-americanos, tem sido o missionário solicitar entrada como estudante, que vai cursar a universidade no país envolvido. Quando chega, ele assume o mínimo de aulas exigido e gasta o resto do tempo na atividade de testemunho ou outra atividade destinada a promover os interesses da organização.

Outros ainda, ingressam no país apresentando-se como “turistas”, a cada seis meses deixam-no por meio de uma cidade de fronteira, e, após um dia ou dois, reingressam através da mesma cidade ou outra próxima. Alguns representantes estrangeiros da Torre de Vigia na Espanha e no México viveram durante décadas nesses países usando este método, por todo esse tempo continuando a fazer-se passar por “turistas”, embora muitas vezes sendo empregados de tempo integral nos escritórios da filial da Torre de Vigia.

Em todos os casos, estes arranjos são elaborados pela sede da organização Torre de Vigia, não por iniciativa pessoal dos missionários.

O motivo de falar destas práticas não se deve a qualquer interesse de julgar a natureza ética ou moral das práticas *em si*, ou as pessoas envolvidas. O que me perturba é, mais uma vez, a aplicação de um *critério duplo*, no qual a organização toma para si o direito de julgar a moralidade de uma ação quando posta em prática por pessoas “comuns” (classificando-as quanto a serem designadas como exemplares), mas considera-se acima de crítica ou condenação quando faz a mesma coisa para promover os “interesses organizacionais”.

Quaisquer que sejam os métodos empregados, os representantes da Torre de Vigia estão, e sabem que estão, vivendo em tais países sob falsas aparências, violando as leis do país. Um trabalhador mexicano que talvez se desesperou com a situação de miséria de sua esposa e filhos, que entrou ilegalmente nos Estados Unidos e obteve emprego por apresentar-se como estando ali legalmente, foi classificado como “vivendo uma mentira”, e não podia, quando se tornou Testemunha de Jeová, servir como alguém exemplar na congregação. A organização, porém, podia enviar os próprios representantes para um país (talvez o mesmo país de onde veio o trabalhador, o México), duma maneira que viola a lei ou no mínimo a contorna através de uma declaração enganosa, em que o enviado da Sociedade representa um papel inverídico, contrário aos fatos, e isto é visto como apropriado; é nos interesses da Sociedade e sua expansão. É como se nas operações e atividades religiosas fosse permitido e aceitável um padrão inferior de conduta, que não seria considerado aceitável em assuntos seculares. A posição parece ser a de que os fins justificam os meios, desde que o fim que se busca seja o da organização, e não o de uma pessoa qualquer. Desta forma, a balança da justiça dela é regulada de um modo, quando se trata de pesar a justiça dos outros, e de modo oposto, quando pesa a dela própria.⁶⁵

Exemplos similares de inconsistência também podem ser vistos nos conselhos que a Torre de Vigia dá às Testemunhas, inclusive os jovens, quando têm de depor perante um tribunal. O departamento

⁶⁵ Provérbios 20:23.

jurídico da Sociedade agora fornece uma brochura às Testemunhas que lidam com casos de custódia de filhos (em tais casos o cônjuge adversário geralmente não é Testemunha). A brochura com mais de 60 páginas fornece orientações a pais Testemunhas, seus filhos e seus advogados, bem como a anciãos locais e outros que prestem depoimento, examinando perguntas difíceis que possam ser feitas pela parte adversária, daí oferecendo sugestões de respostas-modelo. Recordando o já citado artigo de *A Sentinela* sobre a honestidade, podemos lembrar que este perguntava:

Que dizer da veracidade? Respeitamos realmente a verdade ou estamos dispostos a torcer a verdade um pouco, para nos livrar duma situação inconveniente ou para obter algo que desejamos?

Compare isso com algumas das respostas sugeridas no manual da Sociedade. Sob o tópico “**ATITUDE DO PAI TESTEMUNHA NA ACAREAÇÃO**”, vem esta pergunta e a resposta sugerida (página 12):

Serão todos os católicos (ou outros) destruídos?

Jeová é quem faz esses julgamentos, não nós.

Isto soa bem, sugere que não há uma atitude dogmática, condenatória. Porém, a Testemunha que responde assim sabe que as publicações da organização ensinam claramente que só os que estão associados à “organização de Jeová” sobreviverão à “grande tribulação”, e que todos os que deixam de vir para essa organização enfrentam a destruição.⁶⁶

No tópico “**INTERROGATÓRIO DIRETO E RESPOSTAS PARA ANCIÃO LOCAL**”, o folheto apresenta estas perguntas e respostas (páginas 29-31):

- Que conceito tem a igreja [isto é, a religião das Testemunhas] quanto às pessoas de outras religiões?

⁶⁶ *A Sentinela* de 15 de setembro de 1983, por exemplo, diz (página 14): “Jeová está usando hoje em dia apenas uma organização para realizar a Sua vontade. Para recebermos a vida eterna no Paraíso terrestre, precisamos identificar essa organização e servir a Deus como parte dela.” *A Sentinela* de 1º de setembro de 1989 diz na página 19: “Apenas as Testemunhas de Jeová, os do restante ungido e os da “grande multidão”, qual organização unida sob a proteção do Organizador Supremo, têm esperança bíblica de sobreviver ao iminente fim deste sistema condenado, dominado por Satanás, o Diabo.”

(Jesus ensinou a amar o próximo como a si mesmo, inclui todos; respeitamos o direito dos outros de adorarem como preferirem.)

- Ensina a igreja que os jovens devem aprender apenas a religião das Testemunhas de Jeová?

(Não. Considere as seguintes considerações objetivas de outras religiões em nossas publicações.) [Segue uma lista de artigos das revistas *A Sentinela* e *Despertai!*]

Mais uma vez, as respostas sugerem uma atitude de considerável tolerância e até de mente aberta. Mais uma vez, porém, o ancião Testemunha que responde assim sabe que as “pessoas de outras religiões” fazem todas parte de “Babilônia, a Grande”, o império da religião falsa, descrita como uma “grande meretriz” nas Escrituras, que a adoração que elas preferiram é considerada como não-cristã, e que se permanecerem nela enfrentarão a destruição. Sabe também que as Testemunhas são exortadas a evitar relações sociais com estas “pessoas de outras religiões”, já que isto teria um efeito “corrompedor”. A única forma de associação aprovada com tais pessoas seria “dar-lhes testemunho” na esperança de que mudem de religião. Ele sabe que todos os artigos citados na lista da brochura enfatizam os aspectos *negativos* das “outras religiões” e que a organização desencoraja que se leia diretamente matéria procedente delas; só o que ela mesma publica sobre tais religiões é visto como leitura sadia.

Encontramos o seguinte parágrafo introdutório sob o tópico “EVIDÊNCIAS VINDAS DE JOVENS” (página 43):

Isto pode ser usado para mostrar que elas são normais. Tentem levar crianças de congregações locais que foram criadas como Testemunhas de Jeová e, aos olhos do superintendente presidente, tenham espiritualidade mas também gostem das coisas normais e saudáveis que os jovens fazem. Não precisam ser competitivas para gostar de esportes. Tenham cuidado para que elas não dêem a impressão de que estão numa demonstração numa assembléia de circuito, na qual mostrariam que as primeiras coisas da vida são o serviço e ir ao Salão do Reino. Mostrem passatempos, trabalhos manuais, atividades sociais, esportes e principalmente planos para o futuro. Tenham cuidado para que todas elas não digam que vão ser pioneiras. Os planos podem incluir comércio, casar-se e ter filhos, jornalismo e todo tipo de outras coisas. Talvez possam mostrar

interesse em arte e teatro. Devem ser limpas, de boa moral, honestas, mas tendo os interesses que se esperam de outros jovens.

Novamente, os jovens aconselhados a responder desta maneira devem saber que estão lhes pedindo para apresentar uma aparência bem diferente da incentivada nas publicações da Torre de Vigia.⁶⁷ Se estivessem falando a verdade, sem ‘torcê-la um pouco,’ não precisariam ser avisados para falar de modo diferente do que fariam se estivessem numa assembléia de circuito — ou em qualquer outro lugar, se fosse o caso.

Em todos os exemplos citados acima — quanto a práticas comerciais e financeiras, entrada em países estrangeiros ou depoimentos em tribunais — não há de minha parte interesse de entrar em debate para condenar quaisquer dos métodos ou práticas aqui tratados. A questão é sobre os critérios duplos. Em nossa imperfeição humana, qualquer de nós pode errar alguma vez por aplicar um critério para si mesmo e outro para as demais pessoas. O que se espera é que peçamos o perdão de Deus e tentemos não repetir o erro. Todos somos culpados de incoerências ocasionais em nosso raciocínio. Novamente, o que se espera é que tentemos aprender de nossos erros, corrigir nosso modo de pensar, exercer maior cuidado para não sermos dogmáticos em nosso raciocínio.

Creio, no entanto, que proclamar *mundialmente* padrões organizacionais que são claramente desiguais, mantê-los durante décadas para milhões de pessoas, enquanto se *condenam* como transgressores não-cristãos aqueles que não os acatam, deve certamente levar a uma prestação de contas mais séria diante de Deus. Não posso crer que Aquele que percebe até a queda de um pardal não leve em conta toda a ansiedade, desespero, sofrimento ou perdas desnecessários que tais normas possam causar. Não posso crer que Ele passe por alto como algo sem consequência o efeito debilitante que tais normas desiguais podem ter sobre a atitude das pessoas, o efeito

⁶⁷ Sobre “ter filhos”, A Sentinela de 1º de março de 1988, páginas 18-27, trazia dois artigos sobre o assunto. Basta lê-los para perceber como são enfatizados os aspectos negativos e os casais são incentivados a abster-se de ter filhos como uma evidência de seu apreço pelo “tempo limitado” que resta para terminar a “obra vital” da organização.

perversor e sufocante que podem ter sobre a consciência e o efeito destrutivo que podem ter sobre a liberdade cristã.

9

O Sangue e a Vida, a Lei e o Amor

*A letra mata, mas o Espírito vivifica. — 2 Coríntios 3:6,
Tradução Ecumênica.*

O QUE VAI ser considerado agora de modo algum implica em que o uso do sangue não envolva um alto grau de risco. É evidente que há riscos. Tampouco significa que alguém que faz a opção pessoal, sem coação, de evitar transfusões (ou algum componente ou fração do sangue, se for o caso) com base puramente religiosa, esteja agindo de modo impróprio. Até as ações que *em si* são corretas se tornam más se forem praticadas de má consciência. Como disse o apóstolo: “Feliz aquele que não se condena na decisão que toma... pois tudo que não procede da boa fé é pecado.”¹ Se, em vista da evidência a ser apresentada, certos escrúpulos relacionados ao sangue refletem uma consciência forte ou fraca, deixo a critério do leitor.

Ao mesmo tempo, não se deve subestimar a séria responsabilidade que cai sobre uma organização que impõe suas opiniões à consciência pessoal do indivíduo. O que tem acontecido com a Sociedade Torre de Vigia na questão do sangue ilustra, de modo contundente, como o legalismo pode levar uma organização a um emaranhado de inconsistências, com a possibilidade de seus membros virem a sofrer todas as consequências desfavoráveis daí resultantes.

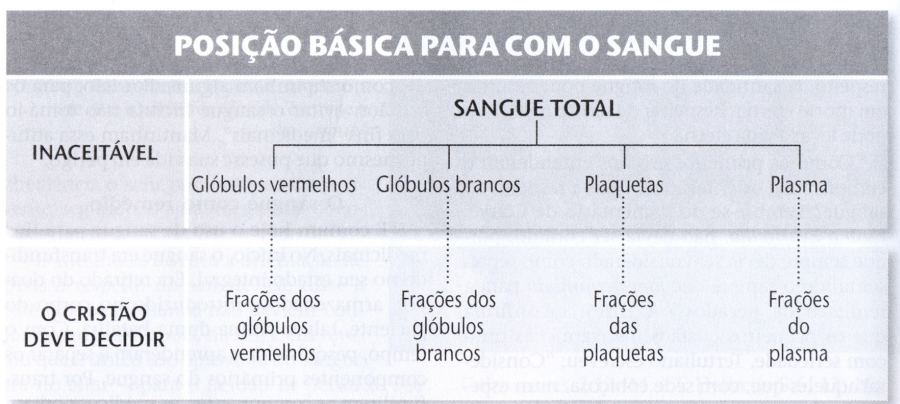
Começando no final dos anos 40, a organização declarou inicialmente a proibição absoluta de aceitar sangue sob qualquer forma, quer total quer em frações. Então, com o passar dos anos, ela

¹ Romanos 14:22, 23, *BJ*.

acrescentou novas normas, que entravam cada vez mais nos aspectos técnicos da questão.

As mais recentes regras referentes às frações do sangue são as apresentadas na *Sentinela* de 15 de junho de 2000, págs. 29-31 e 15 de junho de 2004, págs. 14-24, 29-31. Estas regras abordam uma nova definição do que pode ser permitido em relação aos componentes do sangue. Alega-se agora que quatro “componentes primários” – glóbulos vermelhos, glóbulos brancos, plaquetas e plasma – são proibidos, mas as “frações” derivadas de todos os quatro “componentes primários” são permitidas.

O quadro que segue apresenta basicamente a posição atual da organização acerca do uso do sangue:



Esta posição, especificando elementos do sangue “Inaceitáveis” (parte superior) e elementos classificados sob “O Cristão Deve Decidir” (parte inferior), é esboçada na revista *A Sentinela* de 15 de junho de 2004. Analisando o artigo e o raciocínio por trás dele, um correspondente da Suécia escreveu:

Isto quer dizer que as partes do sangue liberadas em artigos anteriores podem agora ser apresentadas como meras “frações” do plasma. A façanha óbvia é que as partes do sangue anteriormente aprovadas (globulinas, albumina, fator de coagulação VIII, etc.) podem ser reduzidas em significância, em comparação com os glóbulos

brancos e vermelhos e as plaquetas. Assim, a inconsistência da posição anterior em fazer uma distinção arbitrária entre os vários componentes do sangue é agora removida para as Testemunhas que confiam submissamente. A Sociedade tinha dificuldade em lidar com essa inconsistência quando era desafiada. A solução para seu dilema necessariamente tinha de envolver novos componentes, tais como “fragmentos” de glóbulos brancos e vermelhos e plaquetas, mencionados especificamente. Essa tolerância, agora expressa claramente, teria estado fora de cogitação antes. Já que um glóbulo vermelho do sangue refinado na forma de hemoglobina liberada de sua membrana está bem a caminho – PolyHeme, Hemospan e Hemopure, para citar alguns dos produtos prometidos – a nova posição da Sociedade pode ter conseqüências de longo alcance para as Testemunhas. Logo elas poderão receber o que, para todos os fins práticos, constitui glóbulos vermelhos do sangue.

Com exceção da recente liberação para diversos novos componentes, o entendimento de “componentes primários” versus “frações” não tinha feito qualquer diferença quando os componentes do sangue anteriormente permitidos foram liberados gradualmente. Só agora isso é usado como uma racionalização. Em vez disso, muitas outras explicações tinham sido dadas, uma das quais era claramente inválida e algumas das quais, se levadas à sua conclusão lógica, eliminariam todas as objeções ao uso clínico do sangue. A referência a “Lucas 6:1-5” na *Sentinela* de 1º de dezembro de 1978, página 31, era particularmente desastrosa. O texto refere-se a Davi e seus homens, que comeram pães proibidos – não algumas frações permitidas deles, mas pães inteiros! Se isso pudesse ser convertido em algum componente sanguíneo, certamente poderia legitimar o uso de todos os componentes e até de sangue integral. Como mostra o relato bíblico sobre Davi e seus homens, a *necessidade*, e não a *quantidade* era o fator determinante na época. [Que a Sociedade Torre de Vigia ainda considera válido o argumento da *Sentinela* de 1º de dezembro de 1978 é evidente pelo fato de que ainda faz referência a ele em 2004 (veja a seção “Perguntas dos Leitores” na *Sentinela* de 15 de junho de 2004, pág. 30).]

A nova posição desde 2000 é arbitrária e está em desarmonia com os fatos. Por um lado, alega-se que a Bíblia proíbe receber os “componentes primários”, mas as “frações” deles são permitidas, já que a Bíblia “não fornece detalhes” (*A Sentinela* de 15 de junho de

2000, pág. 30; 15 de junho de 2004, pág. 30). Porém, já que a Bíblia não fala de “componentes primários” mais do que fala sobre “frações”, este argumento é falso. Na verdade, seria mais lógico permitir até os chamados “componentes primários” e erguer a linha divisória para a posição entre eles e o sangue integral. Por outro lado, uma razão constantemente apontada quando se proíbe o uso clínico do sangue é alegar que o único uso aprovado do sangue era para a expiação no altar. Alega-se que o sangue pertence a Deus. Mas isso é convenientemente esquecido quando se declara que o uso das “frações” do sangue é permitido! Mas seria difícil aceitar qualquer uso secular de algo que pertence exclusivamente a Deus, porque isso seria o mesmo que usar propriedade roubada! Um carro roubado é um carro roubado e o roubo não seria mais tolerável se o carro for separado em “componentes primários”, a saber, o motor, a carroceria e a transmissão, e daí separado de novo em “frações” tais como carburador, pistões, capô, portas e eixo de direção. Só no caso de o carro *não ser* roubado é que alguém teria o direito de usá-lo ou vender suas peças. E se o carro não é roubado, *todas* as partes, tanto as grandes como as pequenas, podem ser devidamente separadas e usadas à vontade. Assim, se as “frações” do sangue podem ser permitidas, certamente os “componentes primários” e até o sangue integral pode também!

Ademais a classificação que a Sociedade faz dos “componentes primários” não parece estar de acordo com o que diz a ciência médica moderna. Isso não é de admirar, pois a albumina, o Fator VIII e IX, etc. são componentes completos e funcionais, como os glóbulos vermelhos, glóbulos brancos e plaquetas. Todos estes componentes são transportados no plasma. O fato de alguns componentes (glóbulos vermelhos, glóbulos brancos e plaquetas) poderem ser separados do plasma por centrifugação e outros componentes só poderem ser separados por métodos diferentes não faz com que os primeiros sejam “frações” do sangue mais do que os demais. Os glóbulos vermelhos e as proteínas da albumina não são comparáveis a “tios” e “sobrinhos” e são, em vez disso, “irmãos”! Seria necessário fracionar uma proteína de albumina para corresponder a uma fração de um glóbulo vermelho. Não admira que uma autoridade em medicina tal como o livro *Práticas Modernas de Armazenagem de Sangue e Transfusões* (em inglês – 4ª edição, Filadélfia, EUA, 1999) inclua a albumina, a imunoglobulina, bem como os fatores VIII e IX entre os “componentes maiores” do

sangue e não faz qualquer menção da classificação específica feita agora pela Sociedade. (págs. 237-240, 246-248 em inglês). Similarmente, o manual sueco *Blodsjukdomar Handbok I Hematologi (Manual de Hematologia e Doenças do Sangue)*, Gösta Garthou & Bengt Lundh, 1999, inclui a albumina e os fatores de coagulação entre “alguns dos componentes importantes no sangue”, novamente sem usar a classificação feita pela Sociedade. (pág. 422 em sueco) A explicação dada pela Sociedade acerca disso é claramente insustentável. Não há margem para distinção entre os componentes do sangue, fazendo com que alguns sejam permissíveis e outros não.

Mas isso não é tudo. Tanto a *Sentinela* de 15 de junho de 2000 como a de 15 de junho de 2004 alega que “frações” do sangue, tais como as imunoglobulinas “passam do sangue da gestante para o sistema sanguíneo, separado, do feto” e que “alguns cristãos podem concluir que visto que frações de sangue podem passar para outra pessoa neste ambiente natural, eles poderiam aceitar uma fração de sangue derivada de plasma ou de glóbulos sanguíneos.” (págs. 30 e 31). O problema aqui é que não são apenas as “frações”, segundo a definição da Sociedade, que passam “para outra pessoa neste ambiente natural”, mas “componentes primários”, segundo sua definição, passam também! Assim, a obra *Práticas Modernas de Armazenagem de Sangue e Transfusões*, de Denise M. Harmering, citada acima, diz na pág. 423 (em inglês): “A hemorragia transplacentária de glóbulos vermelhos do feto para dentro da circulação materna ocorre em até 7 por cento das mulheres durante a gestação.” Assim, os glóbulos vermelhos do sangue podem “passar para outra pessoa” naturalmente. Isto tornaria os glóbulos vermelhos tão aceitáveis quanto as imunoglobulinas. Mais uma vez a posição da Sociedade é demonstravelmente insustentável.

O que dizer das “frações” de glóbulos vermelhos que poderão estar logo disponíveis e para as quais a Sociedade agora deu permissão? Essa “fração” é nada mais que um glóbulo vermelho refinado, sendo que a hemoglobina transportadora de oxigênio vital está liberada da membrana onde estava antes. A obra de referência sueca *Människokroppen Fysiologi Och Anatomi (A Fisiologia e a Anatomia do Corpo Humano)*, Jan G. Bjälle, Egil Haug, Olav Sand, Øystein V. Sjaastad (Estocolmo, 1998), diz: “Os glóbulos vermelhos... podem ser apropriadamente comparados com pequenas membranas, preenchidas com a molécula de hemoglobina oxigenada ...É a hemoglobina que dá

ao sangue sua cor vermelha. A hemoglobina constitui 95% das proteínas dos eritrócitos e cerca de 34% de seu peso. O restante das proteínas é composto principalmente de enzimas que participam na renovação de energia nas células.” (pág. 269 em sueco)

Se os novos produtos forem o PolyHeme ou o Hemospan, a parte principal será a hemoglobina extraída dos glóbulos vermelhos do sangue humano. Se o Hemopure for disponibilizado, ele será baseado em hemoglobina do sangue bovino. Será um bom produto que, diferente dos glóbulos vermelhos armazenados, poderá durar muito tempo e estará isento de contaminação. Ele será capaz de transportar oxigênio satisfatoriamente, diferente do Dextran e outros chamados substitutos usados para expandir o volume do sangue. Mas ele É SANGUE! Um glóbulo vermelho do sangue ainda é sangue, da mesma forma que uma laranja descascada ainda é uma laranja. Com a casca ou sem ela, uma laranja ainda continua sendo uma laranja. Se fosse inventado um método de remover os segmentos de uma laranja e arranjar os segmentos em grupos de quatro sem a casca, o produto ainda seria uma laranja, e ninguém diria que é outra coisa. Da mesma forma, glóbulos vermelhos refinados, hemoglobina liberada e preparada, permanecerão sendo sangue. De modo que afirmar que tomar glóbulos vermelhos é um pecado, e aceitar hemoglobina refinada não é pecado, é uma hipocrisia farisaica completa.

Percebendo que esta conclusão é difícil de evitar, a *Sentinela* de 15 de junho de 2004, pág. 24, declarou: “Além disso, alguns produtos derivados de um dos quatro componentes primários podem desempenhar uma função tão similar à do componente primário e ter a mesma capacidade de sustentar a vida, que a maioria dos cristãos os consideraria objetáveis.” Assim, considera-se uma questão de consciência aceitar produtos feitos de glóbulos vermelhos, embora se diga que “a maioria” das Testemunhas de Jeová consideraria que eles são objetáveis. Uma Testemunha que aceite tais produtos derivados de glóbulos vermelhos é considerada como estando em boa posição. Por outro lado, uma Testemunha que aceite glóbulos vermelhos não processados – mesmo no caso de só estes estarem disponíveis – será considerada uma pecadora e terá problemas com seus anciãos locais. Com certeza a credibilidade da Torre de Vigia agora é zero.

O uso de componentes sanguíneos implica obviamente *na armazenagem de grandes e até maciças quantidades de sangue*. Por

um lado a organização Torre de Vigia decreta como permitido o uso destes componentes do sangue, e conseqüentemente da armazenagem envolvida na sua extração e produção, enquanto por outro afirma que se opõe a toda armazenagem de sangue, pois é bíblicamente condenada. Este é o *único motivo* apresentado para proibir o uso de sangue autólogo por uma Testemunha (isto é, armazena-se um pouco do próprio sangue da pessoa para depois reintroduzi-lo na corrente sangüínea durante ou após a cirurgia).² Essas posições são claramente arbitrárias, inconsistentes e contraditórias. É difícil crer que tanto os que formulam tais normas como os redatores que as explicam e defendem, ignorem os fatos a ponto de não verem a inconsistência e arbitrariedade envolvidas. No entanto, só isso poderia evitar que essa posição também seja classificada como desonesta.

Decidir sobre questões de saúde ou tratamento médico – proibindo isto e permitindo aquilo – é pisar em terreno perigoso. De um lado, podemos ser culpados de criar um medo irracional, e de outro, podemos criar uma falsa sensação de segurança. O proceder sábio – e humilde – é deixar a responsabilidade de decidir sobre tais distinções a quem ela pertence em primeiro lugar, à consciência individual.

O risco inerente à transfusão de sangue e componentes ou frações de sangue é real. Ao mesmo tempo, também é verdade que pessoas podem morrer na cirurgia devido a grandes hemorragias. O uso do próprio sangue, armazenado até a hora da cirurgia, seria uma opção lógica para pessoas preocupadas com possíveis infecções relacionadas ao sangue. Porém, como vimos, a organização assume a autoridade de declarar que isto não cabe à decisão pessoal, proibindo até a “drenagem intra-operatória” do sangue (na qual, durante a operação, recolhe-se algum sangue num recipiente plástico, depois o devolvendo ao corpo).³ E muitos milhares de pessoas estão dispostas a abrir mão do direito à própria decisão em casos tão cruciais, deixando que a organização decida por elas, apesar de esta, em sua história, mostrar-se bem pouco disposta a admitir a responsabilidade pelos danos que suas

² A posição da organização sobre isto é exposta com muitos detalhes técnicos e raciocínios na *Sentinela* de 1º de março de 1989, páginas 30 e 31.

³ Veja a *Despertai!* de 22 de dezembro de 1982, página 22.

normas possam causar. Supridas quase totalmente apenas pelas declarações e experiências favoráveis, elas raramente, se é que tanto, são informadas dos fatores negativos.

Considere só um exemplo, tirado de um artigo da revista *Discover* de agosto de 1988. A partir dos 42 anos, ao longo de vários anos, uma mulher Testemunha passou por remoções cirúrgicas de tumores recorrentes da bexiga. Da última vez, ela esperou demais antes de ir ao médico, sangrava muito, e estava gravemente anêmica. Insistiu em não receber transfusão e a recusa foi respeitada. Por mais de uma semana os urologistas tentaram sem êxito estancar a hemorragia. A contagem sangüínea dela continuava a cair. A médica autora do artigo descreve o que aconteceu:

Gradualmente, à medida que sua contagem sangüínea caía ainda mais, a Sra. Peyton passou a ter falta de ar. Os órgãos do corpo precisam de certa quantidade de oxigênio para funcionar. O oxigênio é transportado dos pulmões para a periferia pelas moléculas de hemoglobina que estão nos glóbulos vermelhos... A equipe médica deu à Sra. Peyton oxigênio adicional através de uma máscara até que ela estava praticamente respirando O₂ puro. Os poucos glóbulos vermelhos que ela tinha estavam totalmente carregados, mas simplesmente não havia veículos suficientes para transportar o combustível de que seu corpo precisava.

Sua ânsia por ar aumentou. Seu ritmo respiratório caiu. Ela ficava cada vez mais instável. Finalmente, e inevitavelmente, as fibras do músculo cardíaco mostraram sua necessidade desesperada de oxigênio. Ela sofria uma dor no peito, forte e esmagadora.

A médica que escreve o artigo descreve o que sentiu ao chegar ao quarto da paciente:

Quando entrei no quarto... assustei-me com a cena à minha frente. No centro de todas as atenções estava uma mulher grande com uma máscara de oxigênio, ansiosa por ar, respirando mais rápido do que parecia humanamente possível. À cabeceira da cama estavam três amigos, membros da igreja [Testemunhas], instruindo-a... A seu lado estavam vários médicos — um monitorando sua pressão sangüínea em queda, outro extraindo um pouco de sangue duma artéria. O fluido que lentamente enchia a seringa tinha a consistência de ponche havaiano;

testes no mesmo revelaram uma contagem de glóbulos vermelhos de apenas 9 [o normal seria 40]. Pendurado na grade da cama havia um saco com urina cor de cereja. A mulher estava morrendo. Os traços do cardiograma mostravam as grandes oscilações que assinalam um coração agonizante. Em poucas horas o dano que representavam se tornaria irreversível.

A mulher teve uma parada cardíaca. A equipe de médicos e enfermeiras começou a reanimação cárdio-pulmonar. Administraram-lhe epinefrina e atropina e depois uma descarga elétrica no coração. Este começou a bater, depois parou de novo. Mais RCP, mais epinefrina e atropina, outra descarga elétrica, mais RCP. Isto continuou durante uma hora até não haver mais esperança ou objetivo. A paciente estava morta, além de recuperação.

A médica que descreve isto não considerou a mulher como uma simples fanática. Ela escreve:

Disseram-me que era uma mulher inteligente, que compreendia totalmente as conseqüências da sua decisão. Mas seu discernimento, pareceu-me, provinha de um conceito cego imposto por sua fé.⁴

Tratava-se de uma mulher com um problema recorrente que exigia cirurgias periódicas. Sabendo disto, armazenar um pouco do próprio sangue podia ter-lhe parecido um recurso seguro e aconselhável. A “lei Teocrática”, porém, descartou isto. A obediência à “lei Teocrática” não lhe permitiu uma opção pessoal na questão.

Se as normas da organização tivessem realmente base bíblica, qualquer sofrimento que resultasse de acatar essas normas — tal como o adiamento ou a recusa de uma cirurgia devido à preocupação ou incerteza sobre questões ligadas ao sangue, até a própria perda da vida por sentir-se sob obrigação divina de recusar componentes do sangue além dos “permitidos” — tudo poderia ser simplesmente encarado

⁴ Elisabeth Rosenthal, no artigo intitulado “Cegados pela Luz”, revista *Discover*, agosto de 1988, páginas 28-30.

como o sofrimento que o servo de Deus deve estar disposto a suportar.⁵ Muitas Testemunhas de Jeová são bem sinceras em apegar-se aos padrões da sua organização a este respeito. Algumas até viram filhos pequenos morrerem em resultado disso, e seria cruelmente injusto atribuir isto à falta de amor dos pais. Eles simplesmente aceitaram que os padrões e normas organizacionais — embora complexos e até confusos — são baseados na Bíblia e, portanto, ordenados por Deus. Todavia, poucas afirmações tiveram base mais frágil que essa.

Como se observa, muito da argumentação da Torre de Vigia concentra-se em textos das Escrituras Hebraicas, principalmente das ordenanças da Lei Mosaica. Visto que a Sociedade reconhece que os cristãos não estão debaixo dessa Lei, o texto de Gênesis, capítulo 9, versículos 1-7, é freqüentemente citado. Ele diz:

E Deus prosseguiu abençoando Noé e seus filhos, e dizendo-lhes: “Sede fecundos e tornai-vos muitos, e enchei a terra. E o medo de vós e o terror de vós continuará sobre toda criatura vivente da terra e sobre toda criatura voadora dos céus, sobre tudo o que se está movendo no solo, e sobre todos os peixes do mar. Na vossa mão estão agora entregues. Todo animal movente que está vivo pode servir-vos de alimento. Como no caso da vegetação verde, deveras vos dou tudo. Somente a carne com a sua alma — seu sangue — não deveis comer. E, além disso, exigirei de volta vosso sangue das vossas almas. Da mão de cada criatura vivente o exigirei de volta; e da mão do homem, da mão de cada um que é seu irmão exigirei de volta a alma do homem. Quem derramar o sangue do homem, pelo homem será derramado o seu próprio sangue, pois à imagem de Deus fez ele o homem. E quanto

⁵ Em 1970, minha esposa quase morreu de uma hemorragia, quando sua contagem de plaquetas caiu do padrão normal de 200.000 a 400.000 por milímetro cúbico para cerca de 15.000 por milímetro cúbico. Após dias de hemorragia grave, ela foi internada num hospital de Brooklyn e tanto ela como eu deixamos clara nossa rejeição a plaquetas ou quaisquer outros produtos derivados do sangue (incluindo os que depois foram considerados “permitidos” pela organização.) Felizmente, duas semanas depois e tendo continuado com a terapia de prednisona, ela recuperou basicamente a saúde. O que digo neste livro, portanto, não é motivado por relutância pessoal em suportar a perda de um ente querido se eu acreditasse que a obediência à vontade de Deus exigia isso.

a vós, homens, sede fecundos e tornai-vos muitos, fazei a terra pulular de vós e tornai-vos muitos nela.”

Alega-se que, como todos os humanos descendem de Noé e seus filhos, estas ordens ainda se aplicam a todas as pessoas. Sugere-se que as ordenanças sobre o sangue na Lei Mosaica devem por isso ser vistas simplesmente como repetições ou considerações adicionais da lei básica anteriormente estabelecida, e que, portanto, ainda vigoram. De outro modo, já que os cristãos não estão sob a Lei Mosaica, não faria sentido citar textos dela como tendo relevância no assunto.⁶ Afirma-se que o decreto divino sobre o sangue dado a Noé tem aplicação eterna.

Se é assim, não devemos então aplicar isso também à ordem seguinte, “sede fecundos e tornai-vos muitos”, e “fazei a terra pulular de vós e tornai-vos muitos nela”? Se é assim, como pode a Sociedade Torre de Vigia justificar o incentivo, não só a ficar solteiro, mas até a não ter filhos, no caso das Testemunhas casadas? Sob o título “Ter Filhos Hoje”, *A Sentinela* de 1º de março de 1988 (página 21) diz que, em vista do “tempo limitado” que resta para terminar a obra de testemunho, “é apropriado que os cristãos perguntem a si mesmos até que ponto o casar-se, ou terem filhos, caso sejam casados, afetará a sua participação nessa obra vital”. O artigo admite que criar filhos fazia parte da ordem de Deus após o dilúvio, mas declara (página 26) que “Atualmente, gerar filhos não é especificamente parte da tarefa dada por Jeová a seu povo... Portanto, ter filhos ou não neste tempo do fim é um assunto pessoal que todo casal precisa decidir por si mesmo. Contudo, visto que ‘o tempo que resta é reduzido’, os casais farão bem em pesar cuidadosamente e com oração os prós e os contras de se ter filhos nestes tempos.” Se as palavras de Jeová a Noé a respeito de criar filhos e ‘pulular e serem fecundos’ podem ser postas de lado como não mais aplicáveis, como podem coerentemente argumentar que as palavras Dele a respeito do sangue têm de ser encaradas como ainda em vigor, e usar isso como base para justificar a aplicação das ordenanças da *Lei Mosaica* sobre o sangue como ainda em vigor para os cristãos hoje?

⁶ Romanos 6:14; 10:4; Hebreus 8:6, 13.

Mais significativo, contudo, é que fazem essas palavras em Gênesis dizerem algo muito diferente do que de fato dizem. Qualquer leitura do texto deixa claro que Deus ali fala de sangue inteiramente em relação a *matar* animais e depois em relação a *matar* humanos. No caso dos animais, o sangue era derramado no solo em reconhecimento evidente de que a vida *sacrificada desse modo* (para alimento) só era tomada por permissão divina, não por direito natural. No caso do homem, seu sangue exigia a vida daquele que o derramava, sendo a vida humana um dom de Deus que o homem não foi de modo algum autorizado a tirar à vontade. O sangue derramado de animais mortos e humanos assassinados representa a vida que eles *perderam*.⁷ O mesmo ocorre no caso dos textos da Lei Mosaica regularmente citados, que requerem que o sangue seja “derramado”. Em todos os casos, isto se refere claramente ao sangue dos animais que foram *mortos*. O sangue representava a vida tirada, não a vida ainda ativa na criatura.⁸

As transfusões de sangue, contudo, não são resultado da morte de animais ou humanos, pois o sangue vem de um doador *vivo* que continua a viver. Em vez de representar a *morte* de alguém, esse sangue é utilizado exatamente com objetivo oposto, a saber, a *preservação* da vida. Não dizemos isto para declarar as transfusões de sangue como prática desejável, ou inquestionavelmente apropriadas, mas simplesmente para mostrar que não existe nenhuma relação real ou paralelo entre a ordem de Gênesis a respeito de matar e depois comer o sangue do animal morto, e o uso de sangue numa transfusão. O paralelo simplesmente não existe.

Em dezembro de 1981, um homem que estudava com as Testemunhas de Jeová escreveu à Sociedade Torre de Vigia, expressando dificuldade em harmonizar a norma sobre as transfusões

⁷ Contrário às afirmações da Torre de Vigia, o sangue em si, nas Escrituras, representa consistentemente, não a vida, mas a morte, equivalendo figurativamente à vida *perdida* ou *sacrificada*. Confira Gênesis 4:10, 11; 37:26; 42:22; Êxodo 12:5-7 (compare este texto com 1 Pedro 1:18, 19); Êxodo 24:5-8; Mateus 23:35; 26:28; 27:24, 25, e assim por diante. Quando é parte de uma *criatura vivente*, pode-se dizer, então, que o sangue representa a vida ou uma “alma” vivente.

⁸ Levítico 17:13, 14; Deuteronômio 12:15, 16, 24, 25.

de sangue com os textos citados em apoio. Seus comentários sobre os textos revelam conclusões similares às que acabamos de apresentar:

Assim, estas passagens citadas acima parecem indicar que as proibições de comer sangue na Bíblia, referem-se apenas à situação em que o homem mata a vítima e depois usa o sangue sem devolvê-lo a Deus, que é o único que tem o direito de tirar uma vida.

Impressionei-me especialmente, porém, com esta declaração feita quase no final da carta:

Outro ponto que me preocupa com relação a este mesmo assunto é que as Testemunhas de Jeová dizem que Deus proíbe comer o sangue porque este simboliza a vida, que é de grande valor aos olhos de Deus, e porque ele quer incutir no homem o valor da vida através da proibição de comer sangue. E isto me parece muito razoável. Contudo, não consigo entender como o símbolo possa ser de maior valor do que a realidade que ele simboliza.

É certo que na maioria dos casos as transfusões de sangue são de pouca utilidade ou até prejudiciais, no entanto, num percentual muito pequeno dos casos, o sangue é o único meio que permite sustentar a vida até que se possa fazer outro tratamento, como por exemplo, grave hemorragia interna que não pode ser imediatamente estancada. Parece-me que neste tipo de situação, deixar uma pessoa morrer a fim de manter o símbolo da vida é em si uma contradição e também atribuir mais importância ao símbolo do que à realidade que ele simboliza.

... Eu creio tão firmemente quanto as Testemunhas de Jeová que o verdadeiro cristão deve estar preparado para dar a vida pela sua fé em Deus, se isso for exigido. Mas dar a própria vida quando Deus realmente não requer ou deseja, não parece ter qualquer valor real.⁹

Finalmente, usar leis que ordenam o *derramamento* do sangue como base para condenar sua *armazenagem* é ignorar o *propósito* declarado dessas leis. Segundo o contexto, ordenou-se aos israelitas que derramassem no solo o sangue dos animais que matavam para garantir

⁹ Conforme uma pessoa disse, dar ao sangue, como símbolo, importância maior que à própria vida é como um homem dar maior importância à sua aliança de casamento (símbolo do seu estado de casado) que a seu próprio casamento, ou à sua esposa. É como se ele, obrigado a escolher entre o sacrifício da esposa ou o sacrifício da sua aliança de casamento, optasse por salvar a aliança.

que o sangue não seria *comido*, não para garantir que não seria *guardado*. A armazenagem nem estava em discussão. Empregar tais leis desse modo não só é ilógico quanto é pura manipulação da evidência, forçando-as a significar algo que não é declarado ou mesmo sugerido.

Como os cristãos não estão sob um código de leis, mas sob a “lei régia do amor” e a “lei da fé”, estes pontos merecem certamente séria consideração e meditação.¹⁰ Mostra verdadeiro apreço pelo valor da vida permitir que normas arbitrárias ditem como se deve proceder em situações cruciais? Demonstra amor a Deus e ao próximo fazer isto sem apoio de declarações claras na Palavra de Deus?

Sem dúvida, o principal texto bíblico usado na argumentação da Torre de Vigia é o de Atos 15:28, 29. Estes versículos trazem a decisão de um concílio em Jerusalém e incluem as palavras: “Persisti em abster-vos de coisas sacrificadas a ídolos, e de sangue, e de coisas estranguladas, e de fornicção.” A evidência bíblica de que isto não foi dito como uma forma de declaração com efeito obrigatório legal será considerada mais adiante neste capítulo. Este assunto é vital visto que é a base principal para o argumento da Sociedade de que as ordenanças da Lei Mosaica são transferíveis para o cristianismo. Embora tratemos deste ponto mais adiante, podemos logo dizer que a exortação para se “abster do sangue” refere-se claramente a *comer* sangue. *A Sentinela* de 1º de dezembro de 1978 (página 23), de fato, cita o professor Eduard Meyer dizendo que o significado de “sangue” neste texto é “tomar sangue que era proibido pela lei (Gên. 9:4) imposta a Noé, e, assim, também à humanidade como um todo.” Esse “tomar” era por meio de *comer*.¹¹

¹⁰ Romanos 3:27; 6:14; 10:4; Gálatas 3:10, 11, 23-25; Tiago 2:8, 12.

¹¹ *A Sentinela* de 1º de fevereiro de 1959 (páginas 95, 96), declara: “Cada vez que se menciona a proibição do sangue nas Escrituras, é em relação com tomá-lo como alimento, é como nutrição que nos interessa sua proibição.” Esta ainda parece ser a posição básica e por isso a Sociedade ainda argumenta que uma transfusão de sangue é o mesmo que comer sangue, introduzi-lo no corpo como alimento.

Uma questão vital, pois, é se pode ser demonstrado que transfundir sangue é o mesmo que “comer” sangue, como pretende a organização Torre de Vigia. Não há, na realidade, base sólida para essa pretensão. Há, é claro, métodos clínicos de “alimentação intravenosa” na qual líquidos especialmente preparados contendo nutrientes, como a glicose, são introduzidos nas veias e fornecem nutrição. Contudo, como sabem as autoridades médicas e como a Sociedade Torre de Vigia às vezes admitiu, uma transfusão de sangue *não* é alimentação intravenosa; é de fato um *transplante* (de um *tecido* fluido), e não infusão de um nutriente.¹² No transplante de rim, o rim *não* é comido como alimento pelo novo corpo em que é introduzido. Continua a ser um rim com a mesma forma e função. Ocorre o mesmo com o sangue. Não é comido como alimento quando “transplantado” para outro corpo. Continua a ser o mesmo tecido fluido, com a mesma forma e função. As células do corpo não podem utilizar esse sangue transplantado como alimento. Para fazê-lo, o sangue teria primeiro de *passar pelo sistema digestivo*, ser decomposto e preparado de modo que as células do corpo pudessem absorvê-lo — assim, apenas sendo real e literalmente *comido* é que ele poderia servir de *alimento*.¹³

Quando os profissionais médicos acham necessária uma transfusão de sangue não é porque o paciente está *subnutrido*. Na maioria dos casos é porque o paciente sente falta de *oxigênio*, não de *nutrientes*, e isto se deve à falta de portadores de suprimento adequado de oxigênio, a saber, os glóbulos vermelhos do sangue, que levam oxigênio. Em outros casos, administra-se sangue devido à falta de outros fatores, como os agentes coagulantes (como as plaquetas), imunoglobulina

¹² *Despertai!* de 22 de outubro de 1990, página 9. Na tentativa de angariar apoio médico para seu conceito de sangue transplantado ser “alimento” para o corpo, as publicações da Torre de Vigia têm sempre recorrido a citações de alguma fonte médica de séculos anteriores, como o francês Denys, do século 17. (Veja, por exemplo, *A Sentinela* de 15 de abril de 1985, página 13.) Não conseguem citar uma única autoridade moderna em apoio a este conceito.

¹³ A Sociedade Torre de Vigia, às vezes, tem comparado a transfusão com injetar álcool nas veias. Mas o álcool é um líquido bem diferente, já está numa forma que as células do corpo podem absorver como nutriente. O álcool e o sangue são completamente diferentes neste aspecto.

contendo anticorpos ou outros elementos, mas, novamente, este não é um meio de prover “nutrição”.

No esforço de contornar a evidência de que transfundir sangue não é o mesmo que comer, nem tem como objetivo “nutrir” o corpo, a Torre de Vigia tenta muitas vezes ampliar arbitrariamente o assunto pondo juntos, ou até substituindo, o termo “nutrir” pela expressão “sustentar a vida”.¹⁴ Esta tática de desvio só serve para confundir a questão. Nutrir o corpo por comer, e sustentar a vida, não são coisas idênticas. Comer é apenas *um* dos meios de sustentar a vida. Sustentamos a vida de muitos outros modos, igualmente vitais, como respirar, beber água ou outros líquidos, manter o calor do corpo numa temperatura adequada, e dormir ou descansar. Quando se referem ao sangue, as próprias Escrituras não tratam do aspecto amplo de “sustentar a vida”, mas do *ato específico de comer sangue*, e referem-se claramente a comer o sangue de *animais que são mortos*. Quando um israelita comia carne que continha sangue, ele não dependia desse sangue para “sustentar” sua vida — a carne sozinha faria isso tão bem sem o sangue ou com ele. Se a vida dele era ou não “sustentada” por comer o sangue simplesmente não vinha ao caso. O *ato* de comer sangue era proibido, e a motivação ou as conseqüências finais por comê-lo não foram mencionadas nas leis do sangue.

A confusão criada no assunto pela introdução injustificada do conceito de “sustentar a vida”, permite à organização Torre de Vigia impor a seus membros a idéia de que a pessoa que aceitar uma transfusão de sangue mostra desprezo pelo resgate vivificante realizado pelo poder salvador do sangue de Cristo, derramado em sacrifício. A duplicidade desta linha de raciocínio é vista no fato de que as frações do sangue que a organização Torre de Vigia permite que seus membros recebam, são geralmente administradas exatamente para salvar ou “sustentar” a vida da pessoa, como no caso do Fator VIII, administrado aos hemofílicos, ou como no caso da imunoglobulina, injetada como proteção contra certas doenças perigosas ou para evitar

¹⁴ Veja, por exemplo, *A Sentinela* de 1º de março de 1989, página 30; 15 de abril de 1985, página 12.

a morte de crianças por incompatibilidade de Rh.¹⁵ É injusto e desamoroso condenar a motivação dos que buscam preservar sua vida ou a vida de entes queridos por não se apegarem a certas regras e proibições originadas de uma organização religiosa, fazendo isto por atribuir sua motivação à negação da fé, quando simplesmente não há base bíblica válida, ou qualquer outra, para fazê-lo. Tenta-se sobrecarregá-los com um sentimento de culpa que é imposto por padrões humanos, e não padrões divinos.

‘Abstende-vos de sangue’

A carta enviada pelos apóstolos e anciãos de Jerusalém, registrada em Atos capítulo 15, usa o termo “abster-se” em relação a coisas sacrificadas a ídolos, sangue, coisas estranguladas e fornicação.¹⁶ O termo grego que eles usaram (*apékhomai*) tem o significado básico de “afastar-se de”. As publicações da Torre de Vigia argumentam que, em relação ao sangue, ele tem um sentido total, abrangente. Assim, a publicação *Poderá Viver Para Sempre no Paraíso na Terra*, página 216, diz: “‘Abster-se do sangue’ significa definitivamente não introduzi-lo em seu corpo.” De modo similar, *A Sentinela* de 1º de maio de 1988, página 17, diz: “Andar nas pisadas de Jesus significaria não introduzir sangue no corpo, seja oralmente, seja de outro modo.” Mas será que este termo, como é usado nas Escrituras, tem realmente o sentido absoluto indicado nestas publicações? Ou pode, em vez disso, ter sentido relativo, relacionado com uma aplicação específica e limitada?

Que pode ser aplicado, não num sentido total, abrangente, mas de modo limitado, específico, pode-se ver no seu uso em textos como 1

¹⁵ Veja, por exemplo, *A Sentinela* de 1º de junho de 1990, páginas 30, 31. O apóstolo Pedro declara que Cristo “sobre o madeiro, levou os nossos pecados em seu próprio corpo, a fim de que, mortos para os nossos pecados, vivêssemos para a justiça. Por suas feridas fostes curados.” (1 Pedro 2:24, *BJ*; compare com Isaías 53:4, 5; Atos 28:27.) Mas isto certamente não justifica dizer que o fato de uma pessoa tentar curar feridas ou outros problemas físicos recorrendo a tratamento médico é equivalente a mostrar falta de apreço pelo poder de cura de Cristo nesses aspectos espirituais vitais.

¹⁶ Atos 15:20, 29.

Timóteo 4:3. Ali o apóstolo Paulo avisa que alguns professos cristãos introduziriam ensinamentos de natureza perniciosa, “proibindo o casar-se, mandando abster-se de alimentos que Deus criou para serem tomados com agradecimentos”. Não queria dizer, é claro, que estas pessoas ordenariam a outros que se abstivessem totalmente, sob qualquer forma, de todos os alimentos criados por Deus. Isso significaria jejum total e levaria à morte. Ele se referia obviamente à proibição de alimentos *específicos*, evidentemente os proibidos pela Lei Mosaica.

De modo similar, em 1 Pedro 2:11 o apóstolo admoesta:

Amados, exorto-vos como a forasteiros e residentes temporários a que *vos abstenhais dos desejos carnaís*, que são os que travam um combate contra a alma.

Se tomássemos esta expressão literalmente, em sentido absoluto, significaria que não podemos satisfazer nenhum desejo da carne. Certamente não é esse o significado das palavras do apóstolo. Temos muitos “desejos carnaís”, incluindo o desejo de comer, de respirar, de dormir, de recreação e muitos outros desejos, que são perfeitamente apropriados e bons. Portanto, “abster-se de desejos carnaís” aplicava-se apenas *no contexto* do que o apóstolo escreveu, referindo-se, não a todos os desejos carnaís, mas apenas a *desejos prejudiciais, pecaminosos*, que de fato “travam um combate contra a alma”.

Portanto, a questão é: *Em que contexto* Tiago e o concílio apostólico usaram a expressão “abster-se” de sangue? O próprio concílio tratava especificamente da tentativa de alguns de exigir que os cristãos gentios fossem, não só circuncidados, mas também “observassem a lei de Moisés”.¹⁷ Era esse o assunto a que o apóstolo Pedro se referia, a observância da Lei Mosaica, que ele descreveu como “jugo” pesado.¹⁸ Quando Tiago falou perante o concílio e recomendou que os cristãos gentios fossem aconselhados a abster-se de certas coisas — coisas poluídas por ídolos, fornicção, coisas estranguladas e sangue — ele declarou em seguida:

¹⁷ Atos 15:5.

¹⁸ Atos 15:10.

Pois, desde os tempos antigos, Moisés tem tido em cidade após cidade os que o pregam, porque ele está sendo lido em voz alta nas sinagogas, cada sábado.¹⁹

Sua recomendação, portanto, evidentemente levou em conta o que as pessoas ouviam quando ‘Moisés era lido’ nas sinagogas. Tiago sabia que nos tempos antigos havia gentios, “pessoas das nações” que moravam na terra de Israel, residindo no meio da comunidade judaica. Que requisitos lhes impunha a Lei Mosaica? Não exigia que fossem circuncidados, mas *exigia* que se abstivessem de certas práticas que são descritas no livro de Levítico, capítulos 17 e 18. Essa lei especificava que, não só os israelitas, mas também os “residentes forasteiros” entre eles tinham de abster-se de participar em sacrifícios idólatras (Levítico 17:7-9), de comer sangue, inclusive o de animais mortos não sangrados (Levítico 17:10-16) e de práticas classificadas como sexualmente imorais (inclusive incesto e práticas homossexuais). — Levítico 18:6-26.

Embora a própria terra de Israel estivesse então sob controle gentio, com grande número de judeus vivendo fora dela, em vários países (estes eram chamados de “Diáspora”, que significa os “dispersos”). Tiago sabia que em muitas cidades por todo o Império Romano a comunidade judaica era como um microcosmo que refletia a situação da Palestina dos tempos antigos, na qual era muito comum os gentios assistirem às reuniões dos judeus na sinagoga, misturando-se assim com eles.²⁰

Os próprios cristãos primitivos, tanto judeus como gentios, continuaram a freqüentar estas reuniões nas sinagogas, e até sabemos que Paulo e outros fizeram ali muito de sua pregação e ensino.²¹ A referência de Tiago à leitura de Moisés nas sinagogas numa cidade após outra, certamente dá motivos para crer que, ao enumerar as coisas que mencionara imediatamente antes, ele tinha em mente as abstinências que Moisés estabelecera para os gentios que pertenciam à comunidade judaica nos tempos antigos. Como vimos, Tiago alistou

¹⁹ Atos 15:19-21.

²⁰ Confira Atos 13:44-48; 14:1; 17:1-5, 10-12, 15-17; 18:4.

²¹ Confira Atos 18:1-4, 24-28.

não só *as mesmíssimas coisas que estão no livro de Levítico, mas até na mesmíssima ordem*: abstenção de sacrifícios idólatras, sangue, coisas estranguladas (não sangradas, portanto) e imoralidade sexual. Ele recomendou a observância dessas mesmas coisas por parte dos crentes gentios e a razão evidente para esta abstenção era a situação então prevalecente, a presença de judeus e gentios nas reuniões cristãs e a necessidade de manter paz e harmonia nessa situação. Quando os cristãos gentios foram instados a ‘abster-se de sangue’, isto devia ser entendido, claramente, não num sentido total e abrangente, mas no sentido específico de refrear-se de *comer* sangue, algo abominável para os judeus. Levar a questão além disso e tentar fazer do sangue *em si* uma espécie de “tabu”, é tirá-la do seu contexto bíblico e histórico e impor-lhe um significado que de fato não existe.²²

É significativo que Tiago não incluiu coisas como assassinato ou roubo entre as ações de que se deviam abster. Essas coisas já eram condenadas tanto pelos gentios em geral como pelos judeus. Mas os gentios toleravam a idolatria, toleravam comer sangue e comer animais não sangrados e toleravam a imoralidade sexual, tendo até “prostitutas de templo” em locais de adoração. Portanto, as abstenções recomendadas visavam os costumes gentios que eram mais propensos a ofender seriamente os judeus e resultar em atritos e perturbações.²³ A Lei Mosaica *não* exigira a circuncisão dos residentes forasteiros como condição para viver em paz em Israel, nem Tiago exigiu isto.

²² Aqui, uma vez mais, se atribuíssemos um sentido *absoluto* à expressão ‘abster-se do sangue’, encarando-a como um tipo de proibição total, significaria que não nos poderíamos submeter a nenhum tipo de análise de sangue, nem a cirurgias, a menos que fossem do tipo que não envolve sangue, e teríamos de “permanecer afastados” do sangue de outras maneiras e em todos os aspectos. O contexto não dá nenhuma indicação de que se pretendia essa proibição total, indicando em vez disso que a injunção dirigia-se especificamente à própria ação de comer sangue.

²³ Já em 15 de abril de 1909, *A Sentinela* reconhecia que era esta a intenção da carta, ao dizer (página 117): “As coisas aqui recomendadas eram necessárias para a preservação da boa convivência no ‘corpo’ composto por judeus e gentios com sua formação e sentimentos diferentes.”

A carta que resultou da recomendação de Tiago foi dirigida especificamente aos cristãos *gentios*, pessoas “das nações”, em Antioquia, Síria e Cilícia (regiões vizinhas ao norte de Israel) e, como vimos, tratava do assunto específico da tentativa de exigir que os crentes gentios “observassem a lei de Moisés”.²⁴ A carta tratava das áreas de conduta mais propensas a criar dificuldades entre os crentes judeus e gentios. Como mostraremos adiante, não há nada que indique que a carta pretendia ser vista como “lei”, como se as quatro abstenções formassem um “Quadrólogo”, em substituição ao “Decálogo” dos Dez Mandamentos da Lei Mosaica. Era um conselho específico para uma circunstância específica, prevalecente naquele período da história.

Regras preferenciais

Enquanto estive no Corpo Governante, não pude deixar de notar que havia certa medida de aplicação discriminatória da norma da organização em favor dos que ocupam certas posições profissionais. Os professores podem ensinar a evolução como matéria, fazendo-o do “ponto de vista puramente objetivo” e de preferência explicando antes à turma sua opinião divergente.²⁵ Como já vimos, os advogados são autorizados a servir em centros de eleições políticas. O mais incrível de tudo, porém, talvez seja que os médicos não só podem pertencer a organizações médicas que aprovam práticas como transfusões de sangue e abortos, como podem também, eles próprios, administrar uma transfusão de sangue a um paciente que não é Testemunha e que a peça.²⁶ O raciocínio por trás disto baseia-se na Lei Mosaica que permitia aos israelitas vender a estrangeiros a carne de animais que não tivessem sido sangrados!²⁷ Todavia, o sangue daqueles animais ainda

²⁴ Atos 15:5, 23-29.

²⁵ Este assunto é tratado no *Ajuda Para Responder Correspondência* proposto, sob o tópico “Escolas, Educação Secular”.

²⁶ Veja *A Sentinela* de 1º de junho de 1965, páginas 330, 331; também *A Sentinela* de 1º de outubro de 1975, página 600, sobre fazer exames de sangue para transfusões. O *Ajuda Para Responder Correspondência* revisto (tal como foi proposto) diz que o médico ou enfermeira podem administrar tal transfusão se lhe for “mandado por um superior”.

²⁷ Deuteronômio 14:21.

estava em seus corpos, onde sempre estivera; não fora extraído nem armazenado, processo que a organização condena como falta de respeito pela lei de Deus.²⁸ Todo o forte apelo para mostrar “profundo respeito à santidade do sangue”, todas as advertências sobre a culpa de sangue relacionada a qualquer mau uso do sangue, toda a argumentação condenando qualquer armazenagem de sangue como desrespeito às leis de Deus, subitamente perdem a força quando estão envolvidos esses médicos Testemunhas.²⁹

Com toda a sinceridade, e sem querer ofender ninguém, quando revejo as várias ordenanças, regras, normas e detalhes técnicos da organização que foram considerados, só posso pensar que se um indivíduo usasse nos assuntos mais “corriqueiros” da vida diária o tipo de raciocínio refletido nessas posições e regras, as pessoas se veriam obrigadas a questionar a sanidade mental dessa pessoa.

Por que as pessoas aceitam isto?

No seu tempo, o apóstolo Paulo falou dos que queriam “estar debaixo de lei.” (Gálatas 4:21) Muitos hoje ainda querem. Ao contrário dos judaizantes dos dias de Paulo, os homens podem não advogar a submissão à Lei Mosaica, mas por meio de uma abordagem legalista do cristianismo convertem-no num código de leis, num conjunto de

²⁸ Deve-se notar que a mesma *Sentinela* de 1º de junho de 1965 também considera questão de consciência que um merceeiro ou açougueiro venda morcela (chouriço) “a pessoas do mundo”. Parece que, tendo decidido usar esta parte da Lei Mosaica para justificar a posição tolerante em relação aos profissionais médicos, o autor da matéria achou necessário incluir também este comentário sobre merceeiros e açougueiros. Mais uma vez, contudo, isto não é vender carne de animais não sangrados, e sim vender um produto fabricado por meio da *coleta*, da *armazenagem* e do *processamento* de sangue — condenados em todas as outras situações pela norma da Torre de Vigia.

²⁹ Nos Estados Unidos, as Testemunhas que são médicos e advogados têm reuniões anuais para discutir assuntos como “confidencialidade e privilégios” em suas relações com outras Testemunhas, e tópicos similares. Duvido sinceramente que outras Testemunhas com profissões menos conceituadas pudessem fazer reuniões semelhantes sem que estas fossem encaradas desfavoravelmente ou desencorajadas pela organização.

regras. Criam um tipo de escravidão a regras e normas tradicionais, e são estas que governam o relacionamento das pessoas com Deus.

Mas por que se submetem outros a tais imposições? O que faz com que as pessoas abram mão da preciosa liberdade de exercer seu próprio julgamento moral, inclusive nas áreas mais íntimas das suas vidas? O que as leva a submeter-se às interpretações e regras de homens imperfeitos, mesmo com o risco de perder o emprego, ser presas, colocar seus casamentos sob grande tensão e até arriscar a própria vida ou a de seus entes queridos?

Há muitos fatores. Podem ser as pressões sociais e familiares, sendo a conformidade o meio de evitar discordâncias e até conflitos. Pode ser o enorme e paralisante temor da rejeição divina e da eventual destruição se a pessoa se aventurar fora da “arca” organizacional. Mas há outra razão que é talvez mais básica, e que está muitas vezes na própria raiz do problema.

A maioria das pessoas gosta que as coisas sejam pretas ou brancas, que sejam nitidamente catalogadas para elas como certas ou erradas. Tomar decisões com base na própria consciência pode ser difícil e às vezes torturante. Muitos preferem não fazer esse esforço, preferem simplesmente deixar que alguém lhes diga o que fazer, atue como sua consciência. Foi isto que permitiu o desenvolvimento do controle rabínico e do corpo de tradições rabínicas nos dias de Jesus. Em vez de decidir algo com base na Palavra de Deus e na consciência pessoal, tratava-se de “perguntar ao Rabi”. Entre as Testemunhas de Jeová isto inegavelmente transformou-se em “Pergunte à organização” ou simplesmente “Pergunte à Sociedade”.

Outra razão é a sutileza com que tais raciocínios e interpretações legais são apresentados e impostos. A ênfase religiosa à lei, o legalismo, tem sido consistentemente marcado pelo uso de tecnicismos e sofismas, raciocínios que não são apenas sutis, mas também plausíveis, às vezes até engenhosos — e, no entanto, falsos. Desmontar tais raciocínios e reconhecê-los como o que realmente são exige esforço, esforço que muitos não estão dispostos a fazer e que outros simplesmente parecem incapazes de realizar.

Considere só dois exemplos de antigas fontes rabínicas. Nos tempos antigos, os “instrutores da lei” tentaram tornar mais explícita a ordem de Êxodo 16:29 (“Ninguém saia do seu lugar no sétimo dia”). Determinaram que, no sábado, um homem só poderia caminhar certa distância (pouco mais de 1 quilômetro) fora do limite externo de sua cidade ou aldeia. Chamava-se “jornada de um sábado” (expressão em uso no tempo de Jesus; veja Atos 1:12). Havia, porém, uma maneira de um homem fazer uma viagem mais longa que essa e, do ponto de vista rabínico, ainda estar em condição “legal”. Como?

Ele podia, com efeito, “criar” um segundo domicílio em alguma casa ou lugar fora da sua localidade (mas ainda dentro do limite de cerca de 1 quilômetro) simplesmente por depositar nesse local, no dia anterior ao sábado, mantimentos para no mínimo duas refeições. Depois, no sábado, ele podia caminhar para esse segundo “domicílio” e em seguida deixá-lo e estender a sua viagem por mais 1 quilômetro.

A declaração de Jeremias 17:22, que proíbe tirar qualquer “carga dos vossos lares no dia de sábado”, foi igualmente ampliada. Os instrutores da lei raciocinaram que não era proibido carregar coisas *de uma parte para outra de uma casa*, mesmo sendo a casa ocupada por mais de uma família. Assim, resolveram que as pessoas que morassem em casas dentro de certo setor (como as que vivem em casas construídas ao redor de um pátio comum), podiam construir uma passagem “legal” para todo o setor erguendo umbrais na entrada da rua para o setor, talvez com uma trave por cima como verga da porta. Agora, *todo o setor era visto como se fosse um só domicílio* e podia-se carregar coisas duma casa para outra dentro da área, sem violar a lei.³⁰

Compare agora esse método de raciocínio e o uso de tecnicismos com o método que a Sociedade Torre de Vigia usa quando aplica suas regras relativas a certos aspectos da prática médica. *A Sentinela* de 1º de março de 1989, na seção “Perguntas dos Leitores”, considera o método de retirar sangue do paciente algum tempo antes da operação e armazená-lo para reutilização durante a operação ou depois. Daí, diz categoricamente que as Testemunhas de Jeová “NÃO aceitam este

³⁰ Veja *Judaísmo* (em inglês) Vol. II, George Foot Moore (Cambridge, Harvard University Press, 1954), páginas 31 e 32.

procedimento”. A razão? O sangue “não é mais parte da pessoa”. Cita o texto de Deuteronômio 12:24, que diz que o sangue de um animal que foi morto tem de ser derramado na terra. Por algum raciocínio, esta lei a respeito de matar animais é vista como se apresentasse uma situação paralela ao caso da armazenagem do sangue de uma pessoa viva, como acabamos de descrever.

Mas, depois, o artigo considera outro método, no qual, durante a operação, o sangue do paciente é desviado para uma bomba cárdio-pulmonar ou máquina de hemodiálise (rim artificial) para ser oxigenado ou filtrado antes de retornar ao corpo do paciente. O artigo informa os leitores que, ao contrário do outro método, este pode ser encarado como aceitável pelo cristão. Por quê? Porque o cristão pode vê-lo “como uma extensão de seu sistema circulatório de tal modo que o sangue possa passar através de um órgão artificial”, e portanto pode considerar “o sangue nesse circuito fechado como ainda dele e não necessitando ser ‘derramado’”.

Que diferença existe entre esta “extensão” do sistema circulatório e o legalismo rabínico que permitia a “extensão” da jornada de um dia de sábado por certa distância por meio do tecnicismo de um segundo domicílio artificial? Ou até que ponto é esta classificação do sangue como estando tecnicamente num “circuito fechado” diferente do antigo legalismo de fazer um “circuito fechado” em certo número de casas através de uma passagem artificial? O mesmo tipo de raciocínio casuísta e uso legalista de tecnicismos é utilizado em ambos os casos, antigo e moderno.

No seu próprio íntimo muitas Testemunhas talvez achem que o primeiro método, aquele em que a pessoa armazena seu próprio sangue, não é na realidade mais contrário às Escrituras do que o segundo método, o de fazer o sangue circular através de uma máquina coração-pulmão artificial. No entanto, não estão livres para seguir sua própria consciência. A vida duma pessoa pode estar em jogo, mas os raciocínios interpretativos e os tecnicismos da Torre de Vigia *têm* de ser observados, pois são parte do “grande conjunto de lei Teocrática”. Deixar de obedecer seria correr o risco da desassociação.

A fraqueza da lei e o poder do amor

A lei amiúde produz uma conformidade exterior que disfarça o que as pessoas são no íntimo. Nos dias de Jesus, ela permitia aos líderes religiosos, por escrupulosamente ‘viverem segundo as regras’, “por fora parecerem justos aos homens, mas por dentro [estarem] cheios de hipocrisia e de iniquidade”.³¹ Funciona do mesmo modo em nossa época.

A lei, portanto, é menos eficaz nas áreas que são mais intimamente relacionadas com o coração. A lei pode identificar e punir um ladrão. Mas não pode fazer o mesmo com o homem que obedece à lei, mas que também é ganancioso, e cuja ganância e mesquinhez fazem os outros sofrer. A lei pode condenar e até executar o assassino. Mas pouco pode fazer para processar o homem que odeia, que tem ciúme, inveja ou rancor e que procura a vingança, especialmente se ele tiver cuidado em fazer isso por meios “legítimos”. Conheci homens dessa espécie, mesmo em postos elevados.

Podemos ver um contraste notável entre a atitude legalista do controle por meio de “normas”, regras e regulamentos, e a abordagem adotada pelo apóstolo Paulo quando admoestou contra a prática do mal. Seu apelo deu ênfase primária, não à lei, mas ao amor. Assim, na sua carta aos Romanos, ele escreve:

A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, exceto que vos ameis uns aos outros; pois, quem ama o seu próximo tem cumprido a lei. Pois o código da lei: “Não debes cometer adultério, não debes assassinar, não debes furtar, não debes cobiçar”, e qualquer outro mandamento que haja, está englobado nesta palavra, a saber: “Tens de amar o teu próximo como a ti mesmo.” O amor não obra o mal para com o próximo; portanto, o amor é o cumprimento da lei.³²

Paulo exemplificou esta abordagem ao lidar com problemas. Um exemplo notável é o da questão de comer alimento oferecido a ídolos (uma das quatro coisas alistadas na carta registrada em Atos, capítulo 15). Em Corinto, alguns cristãos até estavam indo a templos de ídolos

³¹ Mateus 23:27, 28, *BJ*.

³² Romanos 13:8-10, *NM*.

onde essa carne sacrificada era depois cozida e servida (por um preço) nos recintos do templo pagão. Para um cristão, comer ali era, aos olhos de muitos de seus discípulos — especialmente os de origem judaica — indubitavelmente comparável ao modo como as Testemunhas de Jeová veriam hoje um de seus membros participar de uma ceia na igreja, consistindo em alimento previamente abençoado pelos padres e servido na catedral católica romana de São Patrício em Nova York, com o dinheiro pago pela refeição revertendo para a igreja. Embora o ponto de vista possa ser comparável, a questão em si era muito mais séria. Como, então, tratou o apóstolo do assunto?

Ameaçou ele os que comiam esta carne, advertindo-os dos procedimentos judicativos e da provável desassociação? Apelou para a lei, um conjunto de regras, como meio de restringir esta prática? Ao contrário, ele mostrou que a ação *em si mesma* não era condenável. Mas poderia ter conseqüências indesejáveis, e até trágicas. Aconselhando com base, não na lei, mas no amor, ele escreveu:

Na verdade, como se diz, “todos nós temos conhecimento”. Porém esse tal conhecimento enche a pessoa de orgulho; mas o amor edifica. Se alguém pensa que sabe alguma coisa, de fato ainda não sabe tanto quanto devia saber. Mas quem ama Deus é conhecido por ele.

Portanto, a respeito da comida oferecida aos ídolos, nós sabemos que um ídolo representa alguma coisa que realmente não existe. Sabemos que há somente um Deus... Mas nem todos conhecem essa verdade. Há pessoas tão acostumadas com os ídolos, que até agora, quando comem, ainda pensam que aquela comida pertence aos ídolos. A consciência delas é fraca, e por isso se sentem contaminadas pela comida... Portanto, tenham cuidado para que a liberdade de vocês não faça que os fracos na fé caiam em pecado. Se alguém que tem a consciência fraca neste assunto vir você, que tem “conhecimento”, comendo no templo de um ídolo, será que ele não vai querer também comer comida oferecida aos ídolos? Assim este cristão fraco, este seu irmão por quem Cristo morreu, vai se perder por causa do “conhecimento” que você tem! Desse modo, pecando [isto é, pelo mau uso da liberdade cristã] contra o seu irmão e ferindo a consciência dele, você estará pecando contra Cristo.³³

³³ 1 Coríntios 8:1-12, BLH.

Se alguém comia ou não comia, portanto, não dependeria da lei e do receio de ser considerado culpado de violar uma lei. Dependeria do amor e do receio de não prejudicar um irmão “por quem Cristo morreu” — realmente uma atitude superior que faria o cristão revelar o que tinha no coração, e não simplesmente a submissão a uma regra.

O mesmo conselho demonstra que o apóstolo não encarava a decisão dos apóstolos e outros em Jerusalém (registrada no capítulo 15 de Atos) como uma “lei”. Se fosse uma *lei*, Paulo nunca teria escrito como fez aos cristãos em Corinto, dizendo francamente que comer ou não comer alimento oferecido a ídolos era questão de consciência, e o fator determinante era se comer faria outros tropeçar ou não. Encarar a carta de Jerusalém como lei e, com base nisso, pretender que sua menção ao sangue indica que os cristãos permanecem sob as ordenanças da Lei Mosaica a respeito do sangue, é ignorar claramente as declarações do apóstolo Paulo, na questão dos “alimentos oferecidos a ídolos”, mostrando que tal raciocínio não é válido. Se nenhum tropeço era provável, ninguém então podia corretamente julgar Paulo ou algum outro cristão por comer tal alimento. Como Paulo declara:

Pois, por que haveria de ser julgada a minha liberdade pela consciência de outra pessoa? Se estou participando com agradecimentos, por que se há de falar de mim de modo ultrajante por causa daquilo pelo qual dou graças?³⁴

Com respeito à imoralidade sexual (ou “fornicação”, em algumas traduções), também incluída na carta de Jerusalém, o apóstolo não apresenta isto como algo que pode ser certo ou errado, dependendo de causar tropeço ou não. Ele evidentemente a encarava como não tendo nenhuma justificativa. No entanto, também não se apresenta nenhuma regra legal como necessária para que o cristão reconheça a necessidade de evitar a imoralidade sexual. Conforme Paulo observa em 1 Coríntios 6:13-19, se a pessoa é guiada pela lei do amor, achará isso inadmissível, reconhecendo a imoralidade sexual como mau uso do seu corpo, que está em união com Cristo. (Veja também 1 Tessalonicenses 4:3-6.)

³⁴ 1 Coríntios 10:29, 30, *NM*.

A liberdade cristã nunca deve tornar-nos insensíveis à consciência e aos escrúpulos dos outros. Ao mesmo tempo, ninguém tem o direito de impor sua consciência aos outros, colocando desta forma limites à liberdade que estes usufruem em Cristo. E nenhum grupo ou corpo seleta de homens, atribuindo a si mesmos o papel de executores da autoridade apostólica, tem o direito de impor sua consciência coletiva aos outros, emitindo decretos com base nisso.

Vimos no capítulo anterior a distinção entre lei e preceito, uma que deriva sua força pela imposição da autoridade, o outro que transmite princípios pelo ensino. Jesus ensinou regularmente por parábolas, histórias que não continham leis, mas traziam vigorosamente à atenção preceitos, lições morais vitais. A parábola do filho pródigo não estabelece a lei de que se deve receber de volta os filhos desobedientes, dar-lhes um banquete e assim por diante. Mas enfatiza o *espírito* amoroso, a atitude generosa, misericordiosa. Encontramos nas Escrituras uma combinação de métodos — há ordens firmes, é verdade, mas há também relatos apresentando *modos de vida* aprovados (viver em amor, manter relações pacíficas com outros); há respostas para questões muito contextuais. Paulo, por exemplo, responde a várias delas, mas claramente não faz isso estabelecendo *leis*, e sim dando sólido conselho espiritual, destinado à questão específica.

Quão genuína é a unidade conseguida?

É verdade que por estabelecer um controle legal sobre outros pode-se conseguir certa unidade e ordem. Mas quão genuína é? Não são, de fato, unidade e ordem baseadas na uniformidade e na conformidade? Por outro lado, será que a recusa em permitir que homens exerçam, através da interpretação legalista, controle sobre a vida pessoal dos outros, vai contra a verdadeira unidade e coesão? Significa que cada um toma seu próprio rumo, à sua vontade, auto-suficiente e auto-satisfeito? Não precisa nem *deve* ser assim — se a pessoa aceitar genuinamente a liderança Daquele que dá tal liberdade.

Assim como não se pode amar o Deus invisível e ao mesmo tempo odiar o próximo, também não se pode estar unido ao Filho invisível de Deus e em desacordo ou isolado de todos os outros que estão

igualmente unidos e que se submetem humildemente à mesma liderança.³⁵ Segundo as Escrituras, é o amor, e não ser membro de uma organização, que é “o perfeito vínculo de união,” pois o amor é longânime, benigno, não é ciumento, não se gaba, não se enfuna, nem procura os próprios interesses, mas procura o bem dos outros.³⁶

O amor não obriga as pessoas a ter um relacionamento coeso; ele cordialmente atrai umas às outras. Qualquer pretensa unidade cristã firmada em outra base é fictícia, não genuína, e só pode ser mantida por meios não cristãos.

A bênção da liberdade cristã

Um conjunto de regras incrivelmente complexo vigora hoje entre as Testemunhas de Jeová e toma delas o uso da consciência pessoal numa área muito ampla da vida e da conduta, sujeitando-as a um órgão legislador eclesiástico e supremo tribunal composto de alguns homens falíveis.³⁷ Como ex-membro desse órgão legislador e tribunal, estou convicto de que a raiz de todo o problema está em não se reconhecer a verdade de que, como cristãos, não estamos mais debaixo de lei, mas da benignidade imerecida de Deus através de Cristo. Através do Filho de Deus, podemos alegrar-nos de estar livres da lei, regozijar-nos na justiça que resulta, não de guardar a lei, mas da fé e do amor.

Deixar de apreciar esta provisão divina, duvidar de que é realmente possível uma Pessoa invisível exercer liderança e direção efetivas sobre seus seguidores sem uma estrutura de autoridade altamente organizada, visível, servindo de tribunal religioso, e a relutância em crer que as pessoas podem se proteger contra a má conduta sem estar rodeadas por uma “cerca” de leis, regras e decretos — é isto que faz com que muitas pessoas, talvez a maioria, se choquem com a idéia de

³⁵ 1 João 4:20; 1 Coríntios 12:12-26; Efésios 4:15, 16.

³⁶ Colossenses 3:14, 1 Coríntios 13:4-7.

³⁷ Numa carta de Leslie R. Long, advogado da Torre de Vigia, de 29 de março de 1987, ele se refere a uma comissão judicativa congregacional como “um tribunal eclesiástico”. Se o termo se aplica em nível congregacional, é muito mais aplicável no nível mais elevado, onde o Corpo Governante atua como um supremo “tribunal eclesiástico”.

não estar debaixo de lei, e é por isso que rejeitam essa idéia, não só como impraticável, mas também perigosa, pernicioso, que conduz à licenciosidade. Isso faz com que sejam facilmente influenciadas e convencidas pelos argumentos dos que querem estabelecer — usando os termos da Torre de Vigia — um “arranjo legal de controle”, que é “imposto” humanamente por um sistema judiciário religioso.

É pelo fato de o Espírito santo de Deus, concedido através de Jesus Cristo, ter força superior à da lei, através do seu poder que motiva o cristão a amar a Deus e ao próximo, que o apóstolo pôde dizer:

Mas, se vocês são guiados pelo Espírito, não estão debaixo da Lei... o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei.³⁸

Esta é a grandeza da liberdade cristã, saber que se pode usufruir o livre e espontâneo exercício dessas qualidades divinas sem que uma autoridade religiosa tenha o direito de interferir e anular expressões de amor, bondade, brandura ou qualquer outra dessas qualidades. Pode-se fazer isto livre de ansiedade, sabendo que “não há lei” nem conjunto de regras que nos refreie de fazer aquilo de que estamos convencidos, nos corações, que é a coisa certa, boa, amável e amorosa a fazer, aprovada por Deus, mesmo que desaprovada por certos homens.

Seguramente, então, não estarmos debaixo de lei, mas debaixo da benignidade imerecida de Deus de modo algum diminui nosso sentimento de responsabilidade como libertados por Cristo. De fato, o aumenta. Pois sabemos que nossa obrigação é: “Falai, pois, e agi como os que hão de ser julgados [não por um código de leis ou por um conjunto de padrões humanos, mas] pela Lei da liberdade, porque o julgamento será sem misericórdia para aquele que não pratica a misericórdia. A misericórdia, porém, desdenha o julgamento.”³⁹ Essa “lei da liberdade” é a que o discípulo Tiago acabara de mencionar na sua carta como a “lei soberana” ou “lei suprema”, a saber: “Tendes de amar o vosso próximo como a vós mesmos.”

³⁸ Gálatas 5:18, 22, 23, *NVI*.

³⁹ Tiago 2:12, 13, *BJ*.

Existe um efeito purificador, que fortalece o coração, em saber que agradarmos ao nosso Pai celestial será determinado, não por termos vivido segundo a lei, um “conjunto de regras”, mas por termos vivido segundo o amor. O Filho de Deus, nosso Cabeça e Amo, que nos concede a liberdade de não guardar a lei — e dos que querem impor leis religiosas humanas — deu exemplo desse amor por nós. Por isso, não precisamos concentrar-nos em memorizar nenhum conjunto complexo de regras e normas organizacionais, nem sequer pensar em termos de lei. Em vez disso, concentramos a atenção no Filho de Deus e no que aprendemos dele através da Palavra de Deus e procuramos fielmente seguir na nossa própria vida o exemplo da vida dele.

10

Pastores do Rebanho

Se um certo homem vem a ter cem ovelhas e uma delas se perder, não deixará ele as noventa e nove sobre os montes e irá à procura daquela que se perdeu? E, se por acaso a encontrar, certamente vos digo que se alegrará mais com ela do que com as noventa e nove que não se perderam. — Mateus 18:12, 13.

FALANDO de suas ovelhas, Jesus assegurou que elas “conheceriam sua voz” e acrescentou: “De modo algum seguirão a um estranho, mas fugirão dele, porque não conhecem a voz de estranhos.”¹ Lendo as Escrituras, passamos a conhecer a “voz” do verdadeiro Pastor, aprendemos a distingui-la das vozes que não soam verazes. Sua voz se expressa de modo a harmonizar-se plenamente com a descrição que fez de si mesmo quando chamou suas ovelhas:

Vinde a mim, todos os que estais labutando e que estais sobrecarregados, e eu vos reanimarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, pois sou de temperamento brando e humilde de coração, e achareis revigoramento para as vossas almas. Pois o meu jugo é benévolo e minha carga é leve.²

Hoje, como no passado, há pessoas em muitos lugares que estão deixando associações religiosas de muitos anos, fazendo-o exatamente por que não escutam a voz do Bom Pastor nas proclamações de suas respectivas religiões, não escutam um chamado para revigoramento e alívio, mas um chamado estridente à submissão total à autoridade humana. A “voz” que escutam não se harmoniza com a instrução que Cristo deu a seus discípulos, ao dizer:

¹ João 10:4, 5.

² Mateus 11:28-30.

Sabeis que no mundo, os governantes dominam sobre os seus súditos, e seus grandes homens os fazem sentir o peso da autoridade; mas não será assim entre vós.³

Pouco depois que escrevi *Crise de Consciência*, um amigo emprestou-me o exemplar de um livro anterior, com título incrivelmente parecido: *Uma Questão de Consciência*.⁴ Charles Davis, o autor, nascera na Inglaterra, de pais de fé católica romana. Ele diz que, na sua juventude,

...a pretensão da Igreja Romana de ser a única Igreja verdadeira era tida em definitivo como um fato seguro. Para mim, a Igreja Católica permanecia como verdadeira na minha vida adulta, como parte inquestionável e imutável da realidade; ela dominava o meu mundo.

Desde os quinze anos ele buscou a vocação eclesiástica como sua meta na vida. Embora nossas heranças religiosas parecessem mundos distantes, sendo as Testemunhas de Jeová um laguinho em contraste com o vasto oceano do catolicismo, notei um elo de experiência mútua, já que eu sentira a mesma coisa pela religião em que me criei.

Charles Davis passou mais de vinte anos no sacerdócio e tornou-se o maior teólogo católico da Grã-Bretanha. Viajou muito e deu conferências tanto em seu país como no estrangeiro. Então, em 1966, decidiu deixar a religião em que nasceu. Apesar de outros paralelos com minha própria experiência que me impressionaram, foi lendo suas *razões* para dar este grande passo, de abandonar o sistema de crenças e a carreira religiosa que ocupara toda a sua vida, que percebi a maior afinidade e me comovi mais profundamente. Ele escreveu:

Continuo cristão, mas vim a entender que a Igreja, tal como existe e funciona na atualidade, é um obstáculo na vida dos cristãos comprometidos que conheço e admiro. Ela não é a fonte dos valores que eles prezam e promovem. Ao contrário, vivem e trabalham em constante tensão e oposição a isto...

³ Mateus 20:25, 26, *New English Bible*.

⁴ Eu ignorava a existência deste livro na época em que escrevia o meu, mas tinha cogitado seriamente usar o mesmo título.

Para mim, o compromisso cristão é inseparável do interesse pela verdade e do interesse pelas pessoas. Nenhum destes vejo representado pela Igreja oficial. Existe um interesse pela autoridade à custa da verdade, e sou constantemente afligido por casos de dano causado a pessoas pela atuação de um sistema impessoal e falta de liberdade. Além disso, não creio que a pretensão da Igreja qual instituição tenha base bíblica e histórica adequada.⁵

De modo paralelo, não foi a conclusão de que havia *erros* nos ensinamentos da organização Torre de Vigia que me afetou mais seriamente, pois sabia que não podia esperar perfeição quando eu mesmo era imperfeito. Foi principalmente o *espírito* que se manifestava que mais seriamente me perturbou, pois eu via semelhante “interesse pela autoridade à custa da verdade” seguida de “dano causado a pessoas pela atuação de um sistema impessoal e falta de liberdade”. O interesse pela autoridade obscurecia claramente o interesse pelas pessoas.

Há entre as Testemunhas de Jeová, tanto neste país como em outros, muita gente por quem tenho genuíno afeto. Também posso dizer sinceramente que há, entre os que continuam associados com essa organização, pessoas a quem admiro. Mas eu as admiro pelo que são *como pessoas*, pois estou convicto de que são o que são, não *por causa* da organização na qual se encontram, mas, em muitos aspectos, *apesar* da organização. As qualidades e o espírito que elas têm, não refletem aquilo que procede da organização oficial. Tal como disse Charles Davis, “Ela não é a *fonte* dos valores que eles prezam e promovem” em suas relações com outros. E seu esforço consciencioso de apegar-se a princípios bíblicos e de mostrar qualidades cristãs exemplares, com frequência lhes traz tensões íntimas por este exato motivo. Creio que devem sentir uma incômoda sensação de risco sempre que se expressam sobre certos assuntos.

Que espécie de pastoreio?

Na comunidade das Testemunhas, os anciãos e outros em cargos de responsabilidade são exortados a ser como o pastor descrito na ilustração de Jesus citada no início deste capítulo. Essa ilustração

⁵ Charles Davis, *A Question of Conscience* (Londres: Hodder e Stoughton, 1967), página 16.

transmite um belo quadro, em que o pastor mostra sério interesse por uma única ovelha, não só como parte de um rebanho ou um simples número, mas como criatura individual que precisa de sua ajuda, cuidado e proteção. A descrição faz forte contraste com a dos pastores religiosos de tempos anteriores, a quem o profeta Ezequiel dirigiu estas palavras:

A fraca não fortaleceste, a doente não curastes, a quebrada não ligastes, a desgarrada não tornastes a trazer e a perdida não buscastes; mas dominastes sobre elas com rigor e dureza.⁶

Não duvido que a maioria dos anciãos Testemunhas crêem ser e deveras desejam ser como o primeiro pastor descrito. Mas acho que, lamentavelmente, a evidência mostra um alto grau de normas organizacionais que geram uma situação como a descrita no segundo relato, situação em que as ovelhas são constantemente pressionadas por seus pastores, e mesmo as fortes são empurradas num ritmo extenuante, no qual resta muito pouco tempo para ajudar as cansadas, doentes, quebradas, desgarradas e perdidas dentre elas. Numa congregação após outra, a triste verdade percebida pelos membros é que os anciãos têm pouco tempo para gastar com eles em períodos de dificuldade, doença, depressão ou desânimo, mas gastam primariamente este tempo em empurrá-los para maior atividade no serviço de campo. Estão “ocupados demais” para prover ajuda revigorante e animadora, mas bem dispostos a agir se houver qualquer suspeita de má conduta, providenciando então muitas horas para investigar e deliberar.⁷

A organização acumula a cada ano um incrível registro do número de pessoas expulsas, com 36.638 sendo desassociadas só no ano de 1985, e outras 37.426 desassociadas em 1986.⁸ Sem dúvida, um percentual considerável destas pessoas tinha se envolvido em práticas do tipo descrito pelo apóstolo na sua exortação em 1 Coríntios 5:9-13,

⁶ Ezequiel 34:4, *ARA*.

⁷ Confira as exortações em 2 Timóteo 2:24-26; 1 Tessalonicenses 5:14, 15; 2 Tessalonicenses 3:13-15; Tiago 5:16, 19, 20.

⁸ *A Sentinela*, 1º de janeiro de 1986, página 13, e 15 de setembro de 1987, página 13.

práticas tais como fornicação, roubo, bebedice, e atos imorais semelhantes.

Todavia, embora seja alto o registro de expulsão de tais pessoas, o registro de ajuda da organização para *recuperar e restabelecer* as co-Testemunhas que caem em transgressão — de mostrar disposição, não de gastar algumas horas, mas de prover extensa ajuda pessoal durante semanas ou até meses, se necessário, para edificar-lhes o vigor espiritual e ajudá-las *a sarar* — é, em contraste, notavelmente fraco.

São inegavelmente frequentes os problemas entre os jovens Testemunhas de Jeová e, vez após vez, o “remédio” consiste apenas de audiências judicativas, não raro seguidas de desassociação. A organização pode com justiça relatar casos específicos de ajudar pessoas “do mundo”, viciadas em drogas, violentas ou imorais, a deixar o erro. Isto amiúde ocorre em resultado de encontrá-las no “serviço de campo”. Mas, uma vez que a pessoa dá o passo do batismo, o interesse de dedicar mais tempo a ela (tempo que não mais é relatado como “serviço de campo”) desvanece-se espantosamente. De modo que o registro de ex-transgressores trazidos de volta à organização (aumentando assim o tamanho numérico do “rebanho”) é consideravelmente melhor que o registro de ajuda aos que já estão dentro para que permaneçam espiritualmente fortes, ou para recuperá-los de uma fase de transgressão.⁹

Pode-se notar esta preocupação com aumento numérico na declaração do *Anuário de 1980* (página 11) de que “se não tivesse havido desassociações, os Estados Unidos teriam tido um aumento de quase 3,5 por cento, em vez de quase 1,5 por cento.” (Isso significa que 2 por cento do total de membros foram desassociados nesse ano.) O que parece incrível é que a organização não se concentre aqui na situação da “ovelha perdida”, mas no *percentual menor de aumento relatado*! Que diferença gritante do pastor da parábola de Jesus, que se

⁹ A “taxa de rotatividade” dos membros é incomumente alta, com um grande número saindo anualmente. Veja os dados em *Crise de Consciência*, capítulo 2, debaixo do subtítulo “A Obrigação”.

dispunha a deixar as noventa e nove no interesse de resgatar a ovelha extraviada.¹⁰

Rápidos para investigar, lentos para ajudar

Recordo uma carta chegada ao Corpo Governante, duma Testemunha cujo marido, embora batizado, estivera “inativo” por dois anos. O casal, em férias, foi a uma cidade famosa por seus cassinos e o marido cedeu e participou de jogos de azar. O fato chegou aos anciãos, que o convocaram a uma audiência. Julgaram-no como “impenitente” e o desassociaram. A esposa, em sua carta ao Corpo Governante, afirmava que o marido “não era jogador praticante” (ele jogara apenas em outra ocasião nos dois anos anteriores), e assim mesmo fora desassociado. Ela comparou isto com a própria situação dela, dizendo que ela mesma fora anteriormente culpada de um ato de infidelidade conjugal. De início, escreveu, ela ficou horrorizada com o que fizera e determinou-se a jamais fazer de novo tal coisa. Mas ela fez, e agora sentia claramente necessidade de ajuda. Confessou seu erro aos anciãos, que aceitaram seu arrependimento e lhe deram uma “repreensão”. Os anciãos lhe disseram que se reuniriam novamente com ela a cada mês para ajudá-la a obter força espiritual. Ela escreveu que, passados seis meses, por fim abordou um dos anciãos e lembrou-lhe isso. A resposta foi que estavam “muito ocupados”, mas que logo reservariam tempo para ela. A prontidão em tomar “ação judicativa” contra as pessoas faz forte contraste com a lentidão em prover ajuda, e isto ocorre de modo visível numa congregação após outra.

Quando a Comissão do Departamento de Serviço enviou esta carta à Comissão de Serviço do Corpo Governante, incluiu-se o comentário de

¹⁰ Numa “consideração matinal do texto” da família de Betel de Brooklyn, John Booth, membro do Corpo Governante, comentando sobre o grande número de pessoas que anualmente deixam a organização (não necessariamente por desassociação), disse: “Mas isso não importa, pois há sempre novos que os substituem a cada ano.” John Booth, em si, é uma pessoa bondosa. Conhecendo-o bem, creio que sua declaração simplesmente reflete o ponto de vista da organização, um ponto de vista que décadas de associação impregnaram em seu pensamento: o importante é o aumento, o aumento numérico.

que “pessoas estão sendo desassociadas por jogos de azar quando há evidência de que não são de fato gananciosas”. E acrescentou-se: “Suscitou-se também a questão: Por que só se considera a ganância como motivo para desassociação quando é relacionada aos jogos de azar? Há outros que são muito mais gananciosos que um apostador ocasional... Todavia, jamais se suscita a questão quanto a serem gananciosos e chamados a uma comissão judicativa.”

Os próprios anciãos têm feito uma espécie de “caça às bruxas” devido à rapidez da organização em praticar uma forma de “ação policial” e à sua deficiência em prover qualquer tipo de ajuda de modo contínuo. Um ex-ancião, Testemunha havia mais de trinta anos, escreveu à sede em Brooklyn, em 30 de agosto de 1988. Expressou sua tristeza pessoal de que a descrição que a organização faz do pastoreio dos anciãos da congregação como fonte de “ajuda amorosa” e “refrigério” simplesmente não se ajusta aos fatos. Citando um caso a respeito, ele diz:

Quando servia como ancião na Congregação Virgínia, de Warrenton, fui com o superintendente presidente investigar uma suposta indiscrição relatada por telefone pelos anciãos de uma congregação vizinha, sobre uma irmã idosa e inativa, viúva, que morava no território de outra congregação vizinha, e cuidava de uma anciã em estado de coma, para ganhar a vida.

Quando chegamos, ele interrogou a irmã acerca de sua suposta indiscrição [a acusação baseava-se somente em conjecturas]. A resposta dela foi: “Há mais de sete anos que meu marido morreu. Fiquei inativa, há anos não assisto às reuniões e *nunca um só ancião me visitou*. Assim mesmo, vocês ouviram recentemente um boato de que fiz algo de errado e correram aqui prontos para me desassociar. Não entendo vocês, irmãos.”

Devido ao predomínio desta atitude organizacional e após servir por 24 anos em vários postos de responsabilidade, o autor da carta renunciou ao cargo de ancião. Na carta de renúncia, declarou que ele e a esposa apreciariam o “amor cristão, a consideração e o apoio” da congregação. Reuniu-se com o superintendente de circuito e os outros anciãos em novembro de 1987 para explicar sua renúncia como ancião. Nove meses depois, numa carta à sede em Brooklyn, ele dizia:

Desde essa reunião até a presente data [25 de agosto de 1988], nem sequer um dos anciãos, incluindo W. Parkes [superintendente de circuito] em suas visitas posteriores a Warrenton, veio ver-nos, dar-nos algum apoio, espiritual ou de qualquer outro tipo.

Embora os anciãos não achassem tempo para dar-lhe algum apoio ou encorajamento, após nove meses sendo virtualmente ignorado, ele enfim recebeu deles um telefonema, intimando-o a uma audiência judicativa. Em vez de suportar a tensão emocional desta audiência, ele resolveu entregar uma carta de renúncia à própria organização.

Uma prática bíblica, executada de modo não-bíblico

Não quero sugerir que as pessoas envolvidas (os anciãos Testemunhas mencionados, por exemplo) não tenham, em si, compaixão e sentimentos naturais. Estou certo de que não é o caso de muitos deles.¹¹ O que segue visa mostrar os efeitos de um sistema, ilustrar as tristes e às vezes quase incríveis conseqüências que podem advir quando as pessoas permitem que um sistema religioso assuma o exercício de sua consciência, o endurecimento e o efeito desnatural que isso pode ter sobre os sentimentos humanos. (E deve-se dizer que isto cria, sem dúvida, um clima em que qualquer um com tendência ao domínio ou à insensibilidade pode progredir, enquanto os que são de natureza compassiva se confrontam com possíveis acusações de falta de “lealdade à organização”, caso expressem essa compaixão.).

Do mesmo modo, esta informação não visa expressar oposição a que se evite, em si, a associação com transgressores. Isto é um ensino bíblico. Pode servir ao bom propósito de proteger as pessoas de influências corrompedoras e da corrosão das crenças e normas cristãs. O problema é que muitas vezes aquilo que é ensinado pela Bíblia não é o que se pratica.

As palavras do apóstolo Paulo em sua Primeira Carta aos Coríntios, capítulo 5, por exemplo, são empregadas, ou mal-empregadas, de um modo legalista que é contrário ao que ele diz. Com base num caso de imoralidade extrema na congregação de Corinto (a ponto de ser

¹¹ Os sentimentos expressos pelo ancião cuja carta se acaba de citar, ilustram que se pode encontrar compaixão entre os anciãos das Testemunhas.

condenado até pelos padrões permissivos dos gentios), Paulo avisou do perigo que isto representava para toda a congregação e disse:

Já lhes disse por carta que vocês não devem associar-se com pessoas imorais. Com isso não me refiro aos imorais deste mundo, nem aos avarentos, aos ladrões ou aos idólatras. Se assim fosse, vocês precisariam sair deste mundo. Mas agora estou lhes escrevendo que não devem associar-se com qualquer que, dizendo-se irmão, seja imoral, avarento, idólatra, alcoólatra ou ladrão. Com tais pessoas vocês nem devem comer... Expulsem esse perverso do meio de vocês.¹²

Suas palavras não falam de pessoas que afirmam ser cristãs e que em *alguma ocasião* foram culpadas de atos imorais, avareza, alcoolismo ou erros semelhantes, mas de pessoas que afirmam ser cristãs e *são* imorais, *são* avarentas, *são* alcoólatras e assim por diante. A pessoa que se embriaga numa única ocasião não se torna “alcoólatra”, assim como um ato de imoralidade não torna alguém automaticamente “fornicador” ou “imoral”. As palavras do apóstolo se relacionam claramente a *um proceder contínuo de vida*, uma *característica e fator distintivo* do que a pessoa realmente *é*. Acatar esta instrução apostólica não deve constituir problema complexo para os cristãos. Não devemos achar difícil determinar se um indivíduo é alguém que, se convidado aos nossos lares, representaria um claro perigo, uma influência corrompedora, para a moralidade e a fé cristã de nossa família, de nossos filhos.

Na norma da Torre de Vigia, porém, esta instrução apostólica é aplicada de um modo que a transforma na base de um exercício complicado e formalista de autoridade legal, pelo qual os que deviam servir como pastores espirituais tornam-se muitas vezes pouco mais que policiais espirituais, e até detetives, promotores, juízes e aplicadores de sanções. Em muitos aspectos, este sistema parece mais inspirado nos sistemas judiciários e agências da lei do mundo, com tribunais de primeira instância e apelação, códigos de processo, autos de sentença e apresentação de provas. Os anciãos até formam um tribunal eclesiástico, a quem cabe julgar aceitáveis as ações de divórcio antes de cogitar-se um novo casamento. As diretrizes da organização,

¹² 1 Coríntios 5:9-11, 13, *NVI*.

com efeito, instituem um arranjo religioso em que os anciãos atuam como “padres confessores”, a quem *se deve* confessar todos os pecados graves, e que podem conceder a “absolvição”, se assim decidirem. E, como veremos, tais normas criam um sistema de “informantes”, em que cada membro sente o dever de relatar desvios, por parte de qualquer membro, das normas da organização — a menos que a própria pessoa vá ao “confessionário” do corpo de anciãos. Ao mesmo tempo, isto gera a atitude e o clima em que os que caem em transgressão muitas vezes temem buscar ajuda, receando que a admissão do erro acione imediatamente as engrenagens da máquina judicativa.¹³

Uma carta da filial britânica da Torre de Vigia ao Corpo Governante menciona a norma da organização de que todos os pecados graves devem ser relatados ao corpo de anciãos e não podem ser tratados por um só ancião ou mantidos em confidência por ele.¹⁴ Cita o caso de “uma irmã de caráter irrepreensível, com boa reputação na congregação, esposa de um descrente que lhe mostra pouco amor”, que numa única ocasião cometeu adultério com um homem não-Testemunha. No dia seguinte, muita aflita, foi a um ancião e confessou seu erro. A carta da filial relata:

O ancião, homem compassivo, conhecendo bem a irmã havia muitos anos, deu-se conta de que ela não era uma pecadora empedernida, que já havia repreendido a si mesma, e que simplesmente necessitava de encorajamento e ajuda para recuperar o equilíbrio espiritual e a boa relação com Jeová. Ele orou com ela, aconselhou-a e fez arranjos para ajudá-la continuamente, a fim de assegurar-se de que não voltaria a cair em pecado nem ser consumida pelo remorso.

O ancião, todavia, sentiu-se na obrigação organizacional de relatar o assunto ao superintendente presidente. O resultado:

Infelizmente, este irmão [o superintendente presidente] não gostou do modo como o ancião tratou do assunto e o levou ao conhecimento

¹³ Contraste isto com Tiago 5:16, onde o discípulo não limita as confissões a serem feitas a homens de autoridade, mas diz: “Confessai os vossos pecados *uns aos outros* e orai *uns pelos outros*, para que sejais sarados.”

¹⁴ Carta de 3 de maio de 1979, assinada por W. Gooch, coordenador da filial.

do corpo de anciãos, o que gerou entre eles uma contenda quanto a se o ancião estava certo ou errado. Podemos dizer, neste caso específico, que a irmã se recuperou e vai bem no serviço de Jeová.

O importante para estes anciãos *não* era se a ovelha desgarrada fora ajudada a recuperar-se. Era se a *norma organizacional* fora seguida. O fato é que não fora, e apesar dos evidentes bons frutos da atitude do ancião, ele sem dúvida agira “à margem da lei” do ponto de vista da organização. Ele percebera que se a irmã fosse levada a uma comissão, sua reputação seria séria e desnecessariamente prejudicada. A norma da organização, porém, não deixa que tais preocupações restrinjam sua ação. O coordenador da filial britânica diz ainda:

Não há dúvida de que muitos que passaram pela mesma situação da irmã refrearam-se de confessar seu pecado a um ancião, sabendo que se fossem em seguida a uma comissão judicativa, o assunto iria vazar e se tornaria de conhecimento público, arruinando uma reputação antes impecável. O fato de se refrearem causou-lhes dano espiritual. Não é melhor que estas pessoas boas, culpadas de um único erro, possam saber que seu problema será tratado de modo reservado? Não os encorajaria isso a tomar a iniciativa de confessar sua transgressão e receber a ajuda de que precisam?

Alguns podem dizer que isto encorajaria as pessoas a pecar, crendo que a coisa seria tratada discretamente, como num “confessionário”, e daí pecar novamente. Mas esse argumento não tem base. Se tiverem inclinação para continuar a pecar sabem que isso será tratado por uma comissão judicativa...

Portanto, nossa pergunta é se cada ancião pode tomar sua própria decisão quanto a como tratar de tais assuntos, inclusive imoralidade, ou deve levá-los ao corpo de anciãos para que o investiguem.

O raciocínio do coordenador de filial era correto, compassivo, bem como revelador dos reais danos causados pela norma restritiva da organização. O Corpo Governante, porém, não alterou a norma.

Predominou o conceito tradicional.¹⁵

Visto que as normas da organização se infiltraram praticamente em todas as áreas de conduta, os anciãos sentem-se também autorizados, e às vezes até obrigados, a envolver-se em qualquer aspecto da vida dos outros da congregação, com ou sem convite. Isto gera uma situação em que os direitos dos pais Testemunhas, de disciplinar e restabelecer seus filhos como acharem melhor, ficam muitas vezes sujeitos ao controle e à ação prévios, e até arbitrários, dos anciãos. Os pais não se sentem livres para tomar suas próprias decisões quanto a se querem assistência de outros ou não. Sentem-se obrigados a comunicar aos anciãos casos de transgressão dentro das próprias famílias. Os anciãos decidem se “os pais estão no controle da situação”; caso contrário, atuam na questão como tribunal de justiça.¹⁶ Ocorre também, amiúde, a interposição similar da autoridade judicativa dentro da relação conjugal.¹⁷

Ademais, a evidência indica que, com preocupante freqüência, sua intervenção não vem da vontade de oferecer ajuda e curar, mas se dá na capacidade que têm as autoridades designadas, com direitos quase ilimitados, de investigar, interrogar e intimar para depor.¹⁸ Com excessiva freqüência, a intenção do interrogatório inicial (geralmente feito por dois anciãos) parece ser determinar se a evidência fornece base para acusação, obrigando assim o transgressor a submeter-se a uma audiência judicativa perante um tribunal religioso (“comissão

¹⁵ O manual da organização, de 1983, *Organizados Para Efetuar o Nosso Ministério*, página 143, diz: “os anciãos talvez sejam contatados por aqueles que confessam os seus próprios pecados, ou então relatam o que sabem sobre a transgressão de outros. (Tia. 5:16; Lev. 5:1) Mas, não importa de que maneira os anciãos ficam sabendo duma transgressão séria da parte dum membro batizado da congregação, far-se-á uma investigação inicial.”

¹⁶ Veja *A Sentinela* de 15 de novembro de 1988, página 20.

¹⁷ Veja *Crise de Consciência*, capítulo 3; também *A Sentinela* de 15 de setembro de 1983, páginas 30 e 31.

¹⁸ Nos casos em que a pessoa é suspeita de discordar da organização, ela pode ser interrogada sobre as coisas que lê, as pessoas com quem fala, as cartas que recebe, não havendo praticamente nada fora dos limites para seus interrogadores. Se não responder a todas as perguntas a pessoa corre risco.

judicativa”) de três anciãos, audiência que é essencialmente secreta, aberta apenas às pessoas admitidas pela “comissão judicativa”.

Embora isto pareça uma preocupação compassiva com a privacidade do acusado de transgressão, não é o desejo dele que conta. Mesmo que o acusado *queira* e *peça* que o assunto seja tratado abertamente, de modo que todos possam testemunhar as evidências, isto não é permitido pelas normas da organização.

Como dissemos, os esforços de recuperação ou “reajuste” para “salvar” a pessoa geralmente não vão além de uma ou duas reuniões com ela. Como uma espécie de remédio universal, os anciãos costumam receitar um aumento na participação no “serviço de campo” e a assistência às reuniões, e se a pessoa não segue esta recomendação isto é visto como demonstração de atitude impenitente. Raramente se oferece ou provê um programa duradouro, em longo prazo, de ajuda *pessoal*. Se for considerada culpada e sem evidência suficiente de arrependimento, a decisão da comissão (seja desassociar, ou, algo menos drástico, repreender publicamente) é anunciada à congregação sem que esta tenha conhecimento dos reais motivos da decisão.

Se for desassociada, a pessoa passa a ser vista como na “*condição de desassociada*”. Já não interessa o que ela está realmente fazendo ou a *vida que está levando*, mas qual é sua *categoria* ou *posição*. Só poderá sair dessa condição por seguir o procedimento prescrito pela organização. A decisão de por fim ou não à sua “condição” de desassociada cabe totalmente à comissão judicativa de anciãos.

Portanto, um jovem de 16 anos, pode ser desassociado por algum ato de imoralidade sexual. Ele pode preferir não dar os passos necessários para a “readmissão” e o fim de sua “condição” de desassociado. Contudo, pode não mais praticar a imoralidade sexual, depois casar-se, gerar filhos, mostrar-se marido fiel, bom pai, pessoa honesta e responsável, buscando viver segundo princípios cristãos. No entanto, não importa quantos anos passem ou que tipo de pessoa ele agora mostre ser, *ele tem de ser tratado tal como se fosse alguém sexualmente imoral, uma influência corrompedora*, uma pessoa com quem outros cristãos, e até seus parentes, não se devem associar. Por quê? Porque não deu os passos legais estabelecidos pela organização

para pôr fim à sua “condição de desassociado” e ser oficialmente declarado apto para associação. Na parábola do filho pródigo, se o pai tivesse vivido segundo tais normas, ao ver o filho rebelde aproximar-se de casa, teria, em vez de correr ao seu encontro e abraçá-lo como fez, insistido em que o filho primeiro fosse avaliado por uma comissão de três pessoas para determinar se ele, o pai, estava justificado em expressar tal interesse e afeição paternal.¹⁹

Deste modo, cristãos adultos e maduros são privados de qualquer direito de exercer seu discernimento quanto a se alguém leva uma vida limpa ou não, se pode ser livremente convidado a seus lares ou não. A autoridade religiosa deve primeiro decidir isto, e se a autoridade não retirar o “rótulo” de desassociado, a pessoa permanece como “tabu”.

Na sede mundial em Brooklyn (como também nas filiais de vários países) há arquivos em que se registram todas as desassociações. Ali se guardam não só nomes de desassociados, mas geralmente também a correspondência com detalhes dos fatos. Podem ser mantidos por tempo considerável, por muitos anos, até mesmo após a pessoa ser “readmitida”. Por alguma estranha razão, mesmo quando a pessoa alistada morre, a prática na sede de Brooklyn tem sido manter o

¹⁹ Lucas 15:11-24. Por muitos anos considerava-se impróprio orar pelos desassociados. A comissão de filial da Grã-Bretanha (carta de 3 de maio de 1979) referiu-se à parábola do filho pródigo ao perguntar ao Corpo Governante sobre esta norma, citando o caso de uma “irmã fiel cujo filho, desassociado por fornicação 14 anos atrás, está agora casado, com dois filhos, e não é mais fornicador”, e afirmando quão difícil era dizer à irmã que era errado orar pelo filho dela, orar para que “retorne à organização”. Essa norma mudou (veja *A Sentinela* de 15 de abril de 1980, página 32) e a mulher podia agora orar por seu filho — ainda que continue na “condição de desassociado” e com o rótulo que a acompanha. Números mais recentes de *A Sentinela* enfatizaram a necessidade dos familiares evitarem associação com os desassociados — não porque agora sejam transgressores, mas por não seguirem os procedimentos da organização para a readmissão.

registro da desassociação dela!²⁰

Em 1973 uma Testemunha escreveu à sede mundial declarando que, numa visita às dependências de Brooklyn, o guia apontara um arquivo marcado “Confidencial” e explicou que este continha os registros dos desassociados. Este homem fora desassociado dezesseis anos antes e restabelecido apenas sete meses após a desassociação. O período foi curto devido à natureza insignificante do problema. Na carta, ele dizia que outros anciãos disseram-lhe depois, que achavam que a medida de desassociação fora tomada só porque “a Sociedade estava enfatizando a ‘lealdade à organização’”. Quatro meses após ser desassociado e antes de sua readmissão, ele foi convocado para o serviço militar e dispôs-se a enfrentar a prisão por recusá-lo. Na carta, escreveu que achava perturbador imaginar que, além do sofrimento íntimo que passou em resultado da desassociação, deparava-se agora com a probabilidade de que seu nome estivesse num “arquivo confidencial”. Disse que “ter uma ‘marca’ negativa de alguém num arquivo permanente, como o arquivo policial de uma delegacia, parece-me altamente irregular”. Em sua Palavra, Deus convida misericordiosamente os que pecam a reconciliar-se com Ele, e assegura que, embora seus pecados sejam como escarlate, “serão tornados brancos como a neve”, e diz: “Perdoarei seu erro e não me lembrarei mais do seu pecado”.²¹ Como se vê, em contraste, a organização Torre de Vigia mantém cuidadosamente volumosos

²⁰ Usam-se cartões de “Desassociado” cor laranja nos arquivos de desassociados. Jon Mitchell, que trabalhou no Departamento de Serviço, bem como na secretaria dos Escritórios Executivos, conta que os cartões, após serem carimbados com a palavra “Falecido”, eram novamente postos no arquivo. Ele cita um companheiro de trabalho, Lee Waters, que disse: “Devemos ser a única organização que mantém um registro como este de pessoas mortas.”

²¹ Isaías 1:18; Jeremias 31:34.

arquivos, que contêm vasta quantidade de informação embaraçosa.²²

Um procedimento sem precedente bíblico

Não há nada que mostre que a atitude e a situação legalista tão fortemente presente na organização das Testemunhas foi alguma vez instituída entre o povo de Deus, quer nos tempos pré-cristãos quer nos cristãos. Elogiando a provisão da constituição dos Estados Unidos que garante ao acusado “o direito de ser julgado pronta e publicamente... ser informado da natureza e razão da acusação; de ser acareado com as testemunhas da acusação”, a revista *Despertai!* de 22 de dezembro de 1981, página 17, passou a demonstrar que a justiça na nação de Israel empregava estes mesmos princípios, afirmando:

Visto que o tribunal local estava situado nos portões da cidade, não havia dúvida de o julgamento ser público! (Deut. 16:18-20) Sem dúvida, os julgamentos públicos ajudavam os juízes no sentido de exercerem cuidado e justiça, qualidades estas que às vezes faltam nas audiências em tribunais secretos e arbitrários. E o que dizer a respeito de testemunhas?

Nos tempos bíblicos, exigia-se que as testemunhas depusessem publicamente. Por esta razão eram alertadas a não se deixarem influenciar no seu depoimento pela pressão da opinião pública ‘de modo a se desviarem *com a multidão*, para perverter a justiça’.

Embora, quando convém, a organização Torre de Vigia recorra com frequência à lei mosaica e seus procedimentos em apoio a suas normas, ela age exatamente ao contrário dos princípios ali expostos. Embora enalteça o espírito de “cuidado e justiça” que emana das audiências públicas, a verdade é que todas as audiências de “comissões

²² Em sua carta de 18 de novembro de 1971 ao presidente Knorr, o superintendente do Departamento de Redação da sede mundial, Karl Adams, questionava que se mantivessem estes arquivos depois que o indivíduo era readmitido. Comentava: “Atualmente, são mantidos no arquivo até os nomes dos que foram readmitidos, junto com volumosos registros de seus casos, com a etiqueta ‘Não destruir’. É como se disséssemos: ‘Acreditamos que vocês estão perdoados, mas conservaremos o registro dos seus pecados.’ Ou então: ‘Seus pecados foram lavados, mas armazenamos a sujeira num frasco rotulado com seu nome.’”

judicativas” das Testemunhas são, por norma da organização, realizadas precisamente como nos “tribunais secretos e arbitrários”, resultando em que a comissão, de fato, só presta contas a si mesma. A validade das decisões que anuncia tem de ser aceita pela congregação unicamente à base da fé. Ao contrário dos membros da congregação de Corinto, que sabiam claramente da razão e das circunstâncias que fizeram Paulo exortá-los a parar de associar-se com a pessoa em questão, os membros da congregação hoje são deixados no escuro. Suposições, conjecturas e tagarelice amiúde preenchem o vazio criado pelo sigilo das ações da comissão. Como disse alguém: “Tentar parar um boato é como tentar deter o som de uma campainha”, e, uma vez desencadeada, a tagarelice gerada por estas audiências secretas pode trazer dano permanente, bem como injusto, à reputação da pessoa.

Nos tempos pré-cristãos, a evidência bíblica é que os anciãos da cidade ou aldeia serviam basicamente em funções judicativas quando *solicitados* a fazê-lo por alguém que dizia ter sido lesado, resolvendo assim as *controvérsias* em primeira instância, sendo os casos mais graves e difíceis levados ao sacerdócio do templo ou, mais tarde, ao rei, como representantes de Jeová. (Confira Êxodo 18:13-16; Deuteronômio 17:8, 9; 25:1; 2 Samuel 14:4-7; 15:2-6; 1 Reis 3:16-22; Isaías 10:1, 2; Rute 4:1-13). Há pouco indício de que os anciãos das aldeias *iniciassem* unilateralmente ação como investigadores e promotores, a não ser em casos de crimes muito graves, como por exemplo, os que envolviam derramamento de sangue ou adoração de deuses falsos. (Deuteronômio 17:2-5; 21:1-9). Amiúde se usa o texto de Deuteronômio 21:18-21 para justificar a intervenção dos anciãos em casos de transgressões de crianças. Este mostra, na verdade, que a questão era basicamente entregue aos pais, para que a tratassem e decidissem, pois os pais descritos no texto tinham claramente esgotado seus esforços de corrigir e recuperar. Só transferiam a questão aos anciãos da cidade quando forçados a concluir que seu filho (evidentemente já com idade suficiente) era um caso extremo, mostrando-se um rebelde incorrigível, glutão ou bebedor.

Os cristãos, é claro, não estão sujeitos ao sistema legal de Israel, embora seus princípios básicos lhes sirvam de guia. A leitura das Escrituras Cristãs mostra claramente que os apóstolos e outros

escritores enfatizavam, não a aplicação rígida e escrupulosa da lei, mas a edificação dos concrentes em amor e fé por meio de ensino, exortação, repreensão, encorajamento, e, acima de tudo, pelo exemplo, como meio de alcançar a pureza moral e ética entre os cristãos. Estes não deixavam de se associar com os praticantes de pecado devido a procedimento e decretos judiciais formalizados. Era uma reação congregacional voluntária, em nível *pessoal*, não uma ação resultante de decreto judicial *imposto* aos membros como coletividade. Embora, quando as circunstâncias exigiam, os membros da congregação fossem exortados a evitar associação para o bem da congregação e seu nome, e com a esperança adicional de que o transgressor se envergonhasse e deixasse seu proceder, notamos a declaração de Paulo aos cristãos coríntios, de que a “censura da parte *da maioria*” da congregação era suficiente e que o homem devia então ser perdoado *por eles*, e não readmitido por uma comissão. (2 Coríntios 2:6-8). Em contraste, a norma da Torre de Vigia leva também à desassociação dos membros que não acatarem a proibição oficial de associar-se com os desassociados. Paulo, porém, nada diz sobre tomar tal medida contra a minoria que optou por não participar da censura ao transgressor citado em sua carta.

Exclusão

Em Mateus 18:15-19, Jesus deu instruções quanto a solucionar faltas entre pessoas, dizendo:

Outrossim, se o teu irmão cometer um pecado, vai expor a falta dele entre ti e ele só. Se te escutar, ganhaste o teu irmão. Mas, se não te escutar, toma contigo mais um ou dois, para que, pela boca de duas ou três testemunhas, todo assunto seja estabelecido. Se não os escutar, fala à congregação. Se não escutar nem mesmo a congregação, seja ele para ti apenas como homem das nações e como cobrador de impostos.

A organização Torre de Vigia enfatiza a última frase, “seja ele para ti apenas como homem das nações e como cobrador de impostos”, em apoio à atitude extrema contra os que são oficialmente

excomungados.²³ A *Sentinela* de 15 de dezembro de 1981 traz abundante informação histórica sobre a conduta tradicional dos fariseus para com tais pessoas nos dias de Jesus, e então a impõe como modelo para sua norma moderna.

Os judeus tinham, na época, um sistema de exclusão envolvendo etapas de punição, descritas por três termos:

- 1) *Nidduy*, para a primeira ofensa. Esta proibia compartilhar o banho, a navalha de barbear, partilhar a mesa, e restringia o contato social e o comparecimento ao templo. Durava 30, 60 ou 90 dias.
- 2) Se o ofensor continuasse obstinado, a maldição (*herem*) era formalmente proferida contra ele pelo conselho (dez homens), sendo excluído da vida intelectual, religiosa e social da comunidade, completamente separado da congregação.
- 3) *Shammatha*, é provavelmente um termo genérico aplicado tanto à *nidduy* como à *herem*. Era evidentemente isso que se aplicava às pessoas “expulsas da sinagoga”, como em João 9:22; 12:42; 16:2.²⁴

Jesus pode ter se referido a estas diferentes etapas, quando disse a seus seguidores que as pessoas “os excluíam, vituperariam [do grego, *oneidizo*, equivalente ao hebraico *herem* (“maldição”)], e lançariam fora o nome deles, como iníquo”.²⁵

Este procedimento dos judeus recorda uma das normas da Torre de Vigia, a qual, embora não seja um paralelo exato, mostra idêntico espírito formalista, com suas etapas correspondentes, que são:

- 1) *Tomar nota*, aplica-se aos que, embora não conhecidos como culpados de pecado grave, são vistos como demonstrando “flagrante desrespeito pela ordem teocrática”. Tal pessoa é primeiro admoestada, e, se persistir em seu proceder, faz-se então um discurso à congregação a respeito de seu tipo de conduta, e os membros são avisados para “tomar nota” de qualquer pessoa que a

²³ Neste, como também em vários dos trechos seguintes, estou em débito para com George Christoulas, de Atenas, Grécia, por ter provido tanto a pesquisa como os argumentos para os pontos em questão.

²⁴ *The International Standard Bible Encyclopedia*, Vol. 2, página 1050.

²⁵ Lucas 6:22.

pratique. Ela não é totalmente expulsa, mas os membros devem ‘limitar sua associação social’ com ela.²⁶

- 2) *Repreensão*, ligada a um período probatório. Envolve pecados tidos como mais graves que os casos em que se “toma nota”. (Embora pecados como fornicação, bebedice e roubo sejam sempre suficientes para merecer “repreensão” oficial, em outras áreas a distinção nem sempre é clara e em grande parte depende da opinião dos anciãos que tratam do assunto.) A “repreensão” pode ser “particular” ou perante “todos os espectadores” (os “espectadores” são os que foram testemunhas na audiência do tribunal religioso), ou, se o assunto é de conhecimento geral, “repreensão” perante toda a congregação. Se for oficialmente “repreendido” perante a congregação, faz-se isto na “Reunião de Serviço” semanal, e o anúncio pode ser seguido de um discurso tratando do tipo de pecado envolvido. Pode-se aplicar restrições, tais como não ter parte em dirigir reuniões, não representar a congregação em oração, ler textos bíblicos ou mesmo comentar nas reuniões.²⁷ A pessoa não é oficialmente classificada como expulsa, mas sofre um tratamento frio e a redução da aceitação social e é quase certo que seja alvo de falatório e suposições, embora só os anciãos conheçam os fatos do caso. A duração do período probatório é determinada pelos anciãos que atuaram como juízes.

²⁶ Veja *Organizados Para Efetuar o Nosso Ministério*, páginas 150, 151, e *A Sentinela* de 15 de setembro de 1985, páginas 30, 31. Creio não haver dúvida de que para a maioria das Testemunhas não há uma clara diferença entre isto a expulsão total, e a explicação da *Sentinela* pouco faz para acabar com a confusão. Como depois consideraremos, sua explicação do texto-chave de 2 Tessalonicenses 3:14, 15 tem um sério erro.

²⁷ Veja *Organizados Para Efetuar o Nosso Ministério*, páginas 143, 144; *A Sentinela* de 1º de dezembro de 1981, páginas 23-27. Isto pode aplicar-se não só às Testemunhas batizadas, mas também a outros que, após analisados pelos anciãos, foram anunciados à congregação como “publicadores não-batizados” aceitos (anteriormente chamados “associados aprovados”), habilitados a entregar relatórios de serviço de campo. Veja *A Sentinela* de 15 de novembro de 1988, páginas 16-19, onde os procedimentos organizacionais envolvidos são abordados de modo bem detalhado.

- 3) *Desassociação*, que traz a rejeição total, o completo corte de relações. Os demais não devem sequer falar com os desassociados.

Em comparação com as práticas judaicas em vigor no tempo de Jesus, vemos não apenas ênfase semelhante a procedimentos prescritos, mas, o que é mais incrível, a manifestação de um espírito *legalista* semelhante. As Escrituras, em vez de defender o sistema judaico existente, mostram que seus efeitos eram aterrorizantes, inculcando forte medo da autoridade. Em vez de aprimorar o caráter das pessoas mediante a disciplina, tinha sobre elas um efeito corruptor, debilitante. O apóstolo João, que escreveu que “o amor joga fora o temor”, é mais notável ao revelar como este sistema de exclusão exercia um efeito danoso sobre a consciência dos judeus, restringindo sua expressão de fé e levando-os ao ponto de negar o Messias. —Veja João 7:13; 9:22; 12:42, 43; 19:38; 20:19; 1 João 4:18.

Exemplo da intimidação sentida, Nicodemos, *embora cresse que Jesus tinha “vindo de Deus”*, esperou até a noite para visitá-lo, incógnito. Jesus lhe disse que “quem faz o que é verdadeiro se chega à luz”, em vez de buscar o manto protetor da escuridão para evitar que se descubra o que ele realmente crê de coração.²⁸ Tenho tido contatos similares, atualmente, com pessoas que até dispõem de caixas postais especiais a fim de corresponder-se e usam um pseudônimo para proteger sua identidade. Um jovem, cujo pai é um proeminente ancião, telefonou-me, e só tinha falado uma ou duas sentenças quando perguntou: “Você não está gravando esta conversa, está?” Garanti-lhe que não fazia isso. Ele continuou: “Não tem equipamento de computador para rastrear meu número?” Eu ri e disse: “Não, não tenho, e se o tivesse não o teria usado.” Ele disse ter certeza de que eu sabia do risco que corria em telefonar-me, e que se sua esposa entrasse, ele teria de desligar imediatamente. Não muito depois, ele encerrou a conversa rapidamente. No dia seguinte, telefonou de novo e disse: “Acho que pareci um pouco paranóico.” Respondi: “Pareceu, sim, mas eu entendo a razão.” Ele manteve contato por vários meses, e até hoje não sei o nome dele (nem me esforcei para descobri-lo). O medo é quase palpável e vem da mesma fonte que o medo de Nicodemos e

²⁸ João 3:1, 2, 21.

outros de sua época, o medo de ser descoberto e punido pela autoridade religiosa.

Nas palavras em Mateus 18:15-18, Jesus não deixou prescrição de uma excomunhão organizacional. O fraseado indica uma ofensa e um castigo de natureza puramente pessoal.²⁹ Mesmo após se referir à “congregação” (falando evidentemente da congregação judaica existente, pois ainda não existia a congregação cristã), Jesus disse: “seja ele para ti [singular] como um gentio ou cobrador de impostos”.³⁰ Em vez de uma ação eclesiástica, imposta a toda uma congregação, trata-se de simples princípio que permite ao ofendido evitar, de modo digno e *pessoal*, o ofensor obstinado. O contexto anterior e posterior a estes versículos também apontam para isto.

Ao passo que os versículos 17 e 18 deste trecho são interpretados como ação da autoridade eclesiástica, os seguintes indicam o oposto. Até mesmo duas pessoas podem tomar uma decisão sobre assuntos religiosos e ter a bênção de Deus nisso. (Veja o versículo 19). Essa bênção não depende de eles serem pessoas com um cargo *oficial*, nem de que sua decisão seja submetida a uma autoridade centralizada. O motivo é que Jesus promete estar “no meio deles”, guiando seus pensamentos, tal como faz em todos os outros casos de verdadeiro esforço cristão. *Isto* é que produz acordo e unidade genuína, a despeito de números. Seu Pai está “sobre todos e *por intermédio de todos*”, e não só por alguns, cultivando a “unidade do espírito”.³¹ Cristo orou pela unidade deles, sabendo que, apesar do poder de sua influência pessoal na terra, isso em si não a manteria, e que a paz deles só poderia vir como fruto do Espírito de Deus.³² Não era uma paz a ser imposta por um controle autoritário.

No versículo 6 do capítulo 18 de Mateus, Jesus advertiu contra ‘pôr uma pedra de tropeço diante de um destes pequenos *que crêm em*

²⁹ Algumas traduções, baseadas em certos manuscritos antigos, rezam no versículo 15: “Se o seu irmão pecar contra você [ou contra ti]”. (Veja *NVI*; *ARA*; *BLH*.)

³⁰ Embora esteja no singular pode aplicar-se a várias pessoas.

³¹ Efésios 4:3-6.

³² João 17:16-21; Gálatas 5:22.

mim'. A *crença nele* é o critério, não a aceitação do pacote doutrinal e eclesiástico de uma organização. Enfatiza-se a relação *pessoal* com o Pai (versículo 10) e relaciona-se isto com a parábola da ovelha perdida e a profunda preocupação do pastor (versículos 12-14). A evidência é que por seu dogmatismo, sua exigência de obediência à autoridade e seu incansável controle sobre o pensamento, as crenças e a consciência das Testemunhas, a organização deveras faz muitas pessoas tropeçar. O pior é que, após fazer isso, ela as abandona depois de apenas algum esforço simbólico para remediar o problema. No entanto, elas estão entre os “pequenos” de quem Cristo disse: “crêem *em mim*”.

Um exemplo dentre muitos que ilustram como o *espírito* existente motiva os anciãos, ou, no mínimo, *permite* que se sintam justificados a tomar medidas duras contra os “pequenos”, é o caso de um casal de jovens que moravam num estado do meio-oeste e estavam noivos. O rapaz morava só num apartamento; a moça morava com a mãe e o padrasto. As mães de ambos tinham se tornado Testemunhas e convenceram o casal a estudar com as Testemunhas de Jeová, pois isto daria um bom início a seu casamento. Iniciaram o estudo com um casal de “pioneiros” da região, o marido estudando com o rapaz, a esposa com a moça. Os jovens mostravam desejo genuíno de obter conhecimento da vontade de Deus e em poucos meses começaram a assistir a algumas reuniões das Testemunhas. A esposa do casal de “pioneiros” que estudava com eles relata o que aconteceu então:

Numa sexta-feira, meu marido recebeu uma ligação do rapaz, dizendo que tinha um problema e pedindo, por favor, que fôssemos lá. Quando chegamos a seu apartamento, a moça também estava lá. Ela explicou que na noite anterior seu padrasto a expulsara de casa. Não tendo para onde ir tão tarde da noite, fora para o apartamento de seu noivo e este, preocupado em fazer a “coisa certa”, cedeu a ela seu quarto e dormiu no sofá. Havia telefonado porque queriam encontrar imediatamente um lugar para ela ficar. Meu marido e eu oferecemos para que ela ficasse conosco até poder resolver as coisas com o padrasto ou achar outro lugar para ficar. Ela viria para nossa casa naquela noite.

Enquanto regressávamos, meu marido disse que embora concordasse com o arranjo, queria de qualquer modo “esclarecer a

situação” antes com os anciãos da congregação. Eu disse que não entendia por que precisávamos do “carimbo” dos anciãos para receber alguém em casa — principalmente por que meu marido, como chefe da casa, precisava disto. Assim mesmo, ele estava decidido a falar com os anciãos antes de levar a moça para nossa casa, dizendo que queria que os anciãos soubessem que ele era “submisso à organização.”

Naquela noite ele reuniu-se com dois anciãos e, após uma longa conversa particular, disseram-lhe que em nenhuma circunstância devíamos admitir a jovem em nossa casa. Fiquei chocada e meu marido pareceu também muito surpreso. Chegamos a casa após as 9.30 da noite e soubemos que a jovem tinha nos esperado durante horas mas fora embora. Meu marido ligou para ela e a informou que os anciãos não queriam que ela ficasse conosco e que nossa oferta ficava, assim, cancelada. O jovem casal não sabia o que fazer e decidiu que ela teria de passar mais uma noite no apartamento.

Às 9 da manhã seguinte, dois anciãos bateram à porta do apartamento e foram convidados a entrar. O jovem casal disse que, de início, alegrou-se por alguém ter vindo ajudá-los. Os anciãos, porém, perguntaram simplesmente se era verdade que a moça tinha passado duas noites no apartamento. O casal confirmou e tentou explicar o motivo. Os anciãos responderam que isso era tudo o que precisavam saber e disseram que em vista do que tinha acontecido eles não tinham escolha a não ser “dissociar” formalmente o casal no dia seguinte, na reunião de domingo. Apesar do que tinham dito aos anciãos, foram presumidos como culpados.

Chegamos pouco depois da saída dos anciãos e encontramos o casal deprimido e desiludido. Eu não podia crer que tal medida fosse necessária em vista das circunstâncias, especialmente com pessoas que estudavam havia apenas três meses e só tinham assistido a algumas reuniões. Quando meu marido contactou os anciãos, estes o informaram de que podiam corretamente “dissociar” qualquer pessoa, desde que esta tivesse assistido pelo menos a “uma única reunião”. No domingo, na presença das mães e de duas irmãs do casal, foi lido o anúncio formal da “dissociação” deles, bem como foi dito aos da assistência que não se deviam associar com eles. O jovem casal estava agora separado também de suas famílias.

Meu marido combinou, alguns dias depois, conversar com o superintendente de circuito. Aparentemente muito compreensivo, este

homem nos disse, contudo, que embora quisesse ter sabido disso antes de ser dado o anúncio, agora que isso acontecera nada podia ser feito, e que a Sociedade não queria desautorizar publicamente os anciãos locais.

Os dois jovens disseram que achavam que, fosse o que fosse que fizessem, estariam condenados de qualquer modo. Passaram a viver juntos, alguns meses depois se casaram, tiveram filhos e eventualmente se divorciaram. Não posso deixar de pensar que, se não tivessem sido expostos à vergonha pública e alienados de suas famílias tão cedo na vida deles, a estrada da vida teria sido mais suave. Independentemente de suas vidas terem sido diferentes ou não, o modo como foram tratados certamente mostrou pouco amor, misericórdia ou compaixão.

Isto ocorreu antes de *A Sentinela* de 15 de novembro de 1988 determinar que os não-batizados que se envolvem em transgressão não devem ser oficialmente declarados ou tratados como desassociados. Com a nova regra, os anciãos talvez tivessem agido de modo diferente. Isto, contudo, simplesmente ressalta o erro de se impor regras criadas por uma organização, regras que prevalecem sobre a consciência individual e restringem os homens de mostrar compaixão e misericórdia, bem como de julgar com sensibilidade, algo que normalmente fariam. O dano causado por tais regras é, muitas vezes, irreversível. Pode-se também notar que *A Sentinela* mencionada afirma que se os anciãos que investigam decidirem que um não-batizado transgressor se desqualificou como “publicador”, dar-se-á então “um anúncio simples, nestes termos: ‘... não é mais publicador(a) das boas novas’”. Isto não é um anúncio formal de desassociação. O resultado, porém, seria muito provavelmente o mesmo. Embora digam que, mesmo neste caso, não se ‘exige que as Testemunhas evitem falar’ com tal pessoa, *A Sentinela* inclui a advertência de que, apesar deste “ajuste”, “o conselho em 1 Coríntios 15:33 ainda deve ser observado.”³³ A referência a este texto, a respeito de “más associações [que] estragam hábitos úteis”, faz certamente com que a maioria das Testemunhas se sintam obrigadas a conceder pouco mais que uma fria troca de palavras com este não-batizado. Praticamente ninguém acharia que a norma “reajustada” da organização permite visitar a pessoa ou

³³ *A Sentinela*, 15 de novembro de 1988, página 19 e nota de rodapé.

com ela gastar tempo para edificá-la espiritualmente. Se o fizessem, seriam sem dúvida reprovados pelos anciãos. Tais “ajustes” de norma, expressos em termos legalistas e distinções técnicas, raramente causam mudanças no espírito manifestado pela organização, e é esse espírito e mentalidade que estão na base de tanta rigidez e falta de compaixão demonstradas.

O exemplo de quem?

As palavras de Jesus quanto à pessoa considerar o transgressor renitente como “homem das nações e cobrador de impostos”, não justificam a atitude de frio desdém e extrema repulsa que a organização Torre de Vigia alimenta contra aqueles a quem desassocia. As Escrituras nos dão dois exemplos dentre os quais podemos escolher. A *Sentinela* (tanto no número de 15 de dezembro de 1981, já citado, como no mais recente de 15 de abril de 1991) destaca o exemplo dos líderes religiosos judeus do tempo de Jesus, que viam os gentios e os cobradores de impostos com forte preconceito e desprezo. Os artigos falam destes como sendo “desprezados” e até “odiados”.

Em grande contraste, as Escrituras Hebraicas tinham por séculos incentivado uma atitude bem diferente. Os israelitas tinham de amar os estrangeiros, pois eles mesmos tinham outrora sido estrangeiros.³⁴ Os gentios tinham direito de asilo, e às vezes tinham até servos israelitas e podiam fazer orações no templo, e relata-se que os israelitas faziam orações a favor de governantes gentios.³⁵

A atitude dos judeus passou por uma mudança negativa ao longo dos séculos, e a razão foi, sem dúvida, o terrível tratamento que sofreram às mãos de seus captores gentios durante o exílio. Aparentemente se apoiavam nos textos relativos à entrada de Israel em Canaã e nas ordens para evitar a contaminação idólatra como base para

³⁴ Veja Deuteronômio 10:19; 24:14, 15; Êxodo 23:9. Os queneus eram considerados quase irmãos dos israelitas, e os recabitas, os jebuseus, os hititas e outras raças estrangeiras foram aceitos de modo favorável. (Juízes 1:16; 5:24; 2 Samuel 11:6-11; 15:19-22; 18:2; 24:15-25; Jeremias 35:1-19.)

³⁵ Números 35:15; Levítico 25:47; 1 Reis 8:41-43; Jeremias 29:1, 7; confira Esdras 6:10.

classificar todos os gentios, por natureza, como inimigos de Deus e de seu povo.³⁶ Na época do Novo Testamento, os gentios eram vistos com extrema aversão, quase ódio, e eram contados como impuros, sendo então considerado “ilícito” ter relações amigáveis com eles. Mesmo quando se tornavam prosélitos não eram admitidos, como nos velhos tempos, numa associação plena. Estes preconceitos que vigoravam se refletem nos relatos de João 18:28; Atos 10:28; 11:3; Gálatas 2:12.



Os judeus evitavam os cobradores de impostos, que eram considerados como pecadores. Seu único contato comercial com eles era o de pagar os impostos exigidos por lei.

O conceito de A Sentinela quanto às pessoas desassociadas se baseia na visão fortemente distorcida que os líderes religiosos judeus tinham dos cobradores de impostos, e não na de Jesus Cristo.

O Filho de Deus não se prendeu a estas e outras normas sociais similares, e foi criticado pelas autoridades religiosas exatamente por não se sujeitar a elas.³⁷ Jesus conhecia a vontade de seu Pai e Seu amor por toda a humanidade, de todas as raças, e deixou um elevado padrão para seguirmos.³⁸ Mostrou isso por sua atitude para com gentios e cobradores de impostos (tidos como agentes desprezíveis do governo gentio), samaritanos e pecadores.³⁹ Com suas normas de exclusão, a

³⁶ Veja, por exemplo, Levítico 18:24-30; Deuteronômio 7:3-12; Esdras 9:11, 12.

³⁷ Mateus 9:10, 11; 11:19.

³⁸ João 3:16; Atos 10:28, 34.

³⁹ Mateus 5:43-48; 8:8-13 (confira Lucas 7:2-9); Mateus 9:10-13; 11:19; 15:21-28 (confira Marcos 7:24-30); Lucas 5:29, 30; 15:1, 2; João 4:7-42.

organização Torre de Vigia esquece este exemplo, alegando que Jesus só se associava com tais pessoas por terem antes dado evidência de receptividade às boas novas, dizendo que isto “não era modelo de como se devia tratar os pecadores *impenitentes*”.⁴⁰ Ignora o fato de que foi, não antes, mas *depois* de receberem a ajuda de Jesus, que se arrependeram. Muitos eram pecadores e até prostitutas, na ocasião em que Jesus se associava e conversava com eles. Como ele disse: “Pois não vim chamar justos, e sim, pecadores.”⁴¹ Estes não eram “membros aprovados” da congregação judaica. Tampouco eram prospectivos prosélitos da congregação judaica, como aqueles a quem as Testemunhas de Jeová chamam de “recém-interessados”, cuja conduta imperfeita podem tolerar por algum tempo. A maioria deles já *fazia parte* da comunidade judaica, o povo pactuado de Deus (provavelmente desde o berço), mas sua conduta os classificava como pessoas “anotadas”, às vezes, virtuais proscritos. E quem tomava nota deles eram os “anciãos” da comunidade judaica. Para uma Testemunha de Jeová, falar ou associar-se com pessoas em *situação comparável* dentro da sua comunidade, significa arriscar-se a ser desassociada por violar as normas de exclusão da organização. Para alguém da comunidade das Testemunhas, imitar a conduta de Jesus significaria gastar tempo contatando e conversando, não só com os que se afastam das normas e da associação da organização, mas até com alguns que estão proscritos e caíram em práticas pecaminosas, e buscar exercer influência positiva e saudável sobre eles. As normas da organização proíbem tal procedimento. Uma vez rotulada como “desassociada”, até

⁴⁰ A *Sentinela*, 15 de dezembro de 1981, página 15; 15 de abril de 1991, páginas 20, 21.

⁴¹ Mateus 9:11-13, ARA.

os parentes têm de cortar qualquer contato espiritual com a pessoa.⁴²

Por muitas décadas, nem os anciãos podiam falar com os desassociados, a menos que a pessoa os abordasse pedindo o fim de sua desassociação.⁴³ Explicava-se aos anciãos que jamais deveriam iniciar o diálogo, que isto deveria sempre partir do desassociado. Tudo isto apesar da farta evidência bíblica de que, por meio de seus profetas designados, o próprio Deus regularmente tomava a iniciativa do contato com os israelitas que haviam assumido um proceder extremamente pecaminoso, obstinadamente rebelde, apelando para que voltassem do mau caminho que haviam tomado, não por um momento, mas durante anos.⁴⁴ A maioria das profecias hebraicas era dirigida a uma nação imersa na condição pecaminosa. Além disso, há o fato de que Deus “recomenda a nós o seu próprio amor, por Cristo ter morrido por nós enquanto éramos ainda pecadores... quando éramos inimigos”.⁴⁵

Após quase meio século, *A Sentinela* de 15 de abril de 1991 enfim reconheceu isto, e que é apropriado iniciar contato com os desassociados. Infelizmente, passou logo em seguida a regulamentar o

⁴² A única exceção a isto é o menor desassociado que mora na casa, em cujo caso a organização concede aos pais o direito de continuar dando instrução espiritual à criança. (*A Sentinela*, 15 de novembro de 1988, páginas 19, 20). Permite-se que um parente maior desassociado esteja “presente quando matéria espiritual é considerada em família.” (*A Sentinela*, 15 de abril de 1991, página 22, nota de rodapé). Isto supostamente incluiria até uma esposa ou avós que morem na casa, ficando implícito que podem estar presentes mas não participar da consideração.

⁴³ Numa carta ao presidente Knorr, em 1971, Karl Adams recordou-lhe que relatara um incidente envolvendo Pryce Hughes, que tinha sido superintendente de filial nas Ilhas Britânicas. Karl escreveu: “Você contou que ele encontrara por acaso um desassociado e ele lhe disse que tinha falado de modo bem franco com este homem, dizendo-lhe o que tinha de fazer para ser readmitido. Segundo me lembro, ele disse que o fez porque ‘parecia a coisa certa a fazer’, embora tenha descrito o fato como se pedisse desculpas, pois sabia que não tinha seguido a norma da Sociedade.”

⁴⁴ Confira Isaías 1:2-6, 14-20; 44:21, 22; Jeremias 3:12-14; 5:20-25; Ezequiel 18:30-32.

⁴⁵ Romanos 5:8-10.

assunto, limitando toda iniciativa de contato aos anciãos e delineando minuciosamente as regras pelas quais se deve expressar qualquer ‘imitação da misericórdia de Deus’.

O primeiro artigo da revista apresenta muitos bons exemplos e princípios bíblicos que demonstram misericórdia. O segundo passa a dizer aos membros exatamente como devem *aplicar* estes exemplos e princípios, reconhecidamente o fator crucial. É quase visível a influência da autoridade organizacional sobre o autor do artigo, quando faz a transição das Escrituras para a norma da organização. O segundo artigo rapidamente começa a lançar o alicerce que restringe aos anciãos designados pela organização esta misericordiosa iniciativa de contato. Antes de citar Mateus 18:15-17, diz que estas palavras foram dirigidas aos apóstolos de Jesus “que mais tarde seriam superintendentes cristãos”, apesar de a questão da superintendência nada ter que ver com o conselho dado por Jesus, conselho este que é claramente dirigido a todos os cristãos. Após vários parágrafos voltados para os anciãos, *A Sentinela* de 15 de abril de 1991 (página 22) diz então:

¹⁰ A enciclopédia anteriormente citada diz: ‘A base racional para excomunhão era proteger as normas do grupo: “Um pouco de fermento faz levedar toda a massa.” (1 Cor. 5:6). Este motivo é claro na maioria das passagens bíblicas e extracanônicas, mas a *preocupação com o indivíduo, mesmo depois da expulsão, era a base do apelo de Paulo em 2 Cor. 2:7-10.*’ (O grifo é nosso.) Portanto, uma preocupação desse tipo deve logicamente ser demonstrada hoje pelos pastores do rebanho. (Atos 20:28; 1 Pedro 5:2) Os ex-amigos e os parentes talvez esperem que um desassociado retorne; todavia, por respeito à ordem em 1 Coríntios 5:11, eles não se associam com uma pessoa expulsa.* Eles deixam a cargo dos pastores designados tomarem a iniciativa de ver se tal pessoa está interessada em retornar.

Em parte alguma as Escrituras colocam os anciãos numa posição privilegiada, atribuindo-lhes exclusividade em coisas como encorajar,

repreender ou tentar restabelecer pessoas que caíram em erro. O fato de poderem *tomar a iniciativa* de fazer isso de modo algum significa que outros estejam proibidos de fazer o mesmo. A elaboração destas regras revela uma mentalidade do tipo clero e leigos, não de uma fraternidade cristã; estabelece dois padrões de conduta, um para os anciãos e outro diferente para todos os demais. A exortação “sede imitadores de Deus, como filhos amados” é dirigida a *todos* os cristãos, não apenas a um número seletivo destes.⁴⁶ De todas as coisas, com certeza, o exemplo de compaixão e misericórdia que Deus nos mostrou é que deve ser livremente seguido por todos os cristãos, desconsiderando restrições de uma organização que visa promover sua autoridade eclesiástica.⁴⁷ A matéria vai ainda mais longe e sistematiza até as expressões de misericórdia dos anciãos para com desassociados e dissociados. Determina que: “*No máximo* uma vez por ano, o corpo de anciãos deve verificar se há tais pessoas [consideradas dignas de serem contatadas] morando em seu território. Os anciãos considerariam os que foram expulsos há mais de um ano.”⁴⁸ É típica da organização Torre de Vigia esta abordagem mecânica sendo aplicada a algo que, por sua própria natureza, deveria ser feito livre e espontaneamente, a saber, a expressão de misericórdia. Pode-se imaginar um pastor seguindo tais regras, considerando uma vez por ano se deve procurar uma ovelha perdida, e limitando a busca só às ovelhas que estão fora do rebanho há mais de um ano? Que diferença gritante da notável expressão de misericórdia e longanimidade de seu Pai celestial. Aos transgressores e até aos idólatras de Judá ele disse:

Eu vos tenho falado incansavelmente [incessantemente, *BJ*], sem que me escutásseis. Enviei-vos, sem cessar, meus servos os profetas para vos dizer: “Converta-se cada um de sua má conduta, sim, melhorai vossa maneira de agir, não andeis atrás de outros deuses para

⁴⁶ Efésios 5:1.

⁴⁷ Confira Gálatas 5:22-23.

⁴⁸ A *Sentinela*, 15 de abril de 1991, página 23. Uma nota de rodapé recorda aos que não são anciãos que se souberem que um desassociado mora no território devem “dar esta informação aos anciãos”.

lhes prestar culto, e continuareis morando na terra que dei a vós e a vossos pais!”⁴⁹

O artigo passa então a especificar como devem ser feitas as visitas dos anciãos a estas pessoas, os passos a serem seguidos e o que devem fazer aqueles “dentre nós que não são superintendentes e não estarão tomando tais iniciativas com relação aos desassociados”. Entra em consideráveis detalhes sobre como as Testemunhas devem encarar e se relacionar com famílias que têm um membro desassociado morando na casa, que elas não devem ser como os antigos judeus, cujo “ódio se estendia até mesmo à família do cobrador de impostos”, como reagir caso essa pessoa “talvez não tenha a cortesia de manter-se afastada dos visitantes”, o que dizer se tal pessoa atende quando uma Testemunha visita a casa ou telefona.⁵⁰ Todo o excelente conselho bíblico dado no início dos artigos é assim sobreposto pela norma da organização que sistematiza, codifica e, na prática, resseca e vicia os generosos princípios e exemplos de misericórdia dados por Deus.

Para eles, nem “Bom dia”

Fora quaisquer contatos anuais que os anciãos possam fazer com certos desassociados e dissociados, o tratamento destas pessoas permanece o mesmo. Toda Testemunha que não é da classe dos anciãos têm de evitar toda associação ou contato com os que estão na condição de “desassociado”. Embora haja alguma concessão quanto ao parente desassociado que reside no lar da família, só se deve entrar em contato com quaisquer parentes que morem fora quando houver um assunto familiar que o exija ou uma necessidade urgente. A extrema rigidez das normas segue o modelo da dura posição assumida pelos líderes religiosos da época de Jesus. Em apoio, *A Sentinela* de 15 de dezembro de 1981, página 17, citava este relato sobre o tratamento dado aos que eram expulsos das sinagogas:

Daí em diante ele era como um morto. Não se lhe permitia estudar junto com os outros, nem se devia manter com ele contato [social], nem mesmo se devia mostrar-lhe o caminho. Ele podia, é verdade,

⁴⁹ Jeremias 35:14, 15, *TEB*. Confirma Jeremias 7:24, 25.

⁵⁰ *A Sentinela*, 15 de abril de 1991, páginas 23 e 24.

comprar as necessidades da vida, mas era proibido comer ou beber com tal.⁵¹

Observe que isto não era, como no caso da exortação de Paulo aos cristãos coríntios, questão de decisão pessoal, pois os membros da sinagoga estavam “proibidos” pela autoridade religiosa de mostrar outra atitude para com os que ela expulsava. Esta prática judaica tem um paralelo exato no tratamento dado a qualquer pessoa a quem a organização Torre de Vigia, por meio de seus anciãos designados, aplique o rótulo de “desassociado”. A pessoa é vista como “um morto”. O *motivo* específico da medida é totalmente irrelevante. Pode ter sido por matar baratas num quartel do exército, aparar a grama de uma igreja ou simplesmente comemorar um aniversário. Ou pode ter sido por não aceitar 1914 como data marcada pela Bíblia, ou que só certas pessoas devem partilhar dos emblemas na comemoração da morte de Cristo. No meu caso, foi por ter feito uma refeição num restaurante com meu empregador, que tinha formalmente saído da organização.⁵² Não é o motivo que determina o tratamento, mas o *rótulo*.

A *Sentinela* de 15 de dezembro de 1981 (que, por sinal, forneceu o meio para minha desassociação) faz a pergunta (página 20):

Significaria a defesa da justiça de Deus e do seu arranjo de desassociação que o cristão não deve falar nada com alguém expulso, nem mesmo dizendo: “Bom dia”?

Daí, o artigo refere-se ao texto de 2 João 9 a 11, que reza:

Todo aquele que se adianta e não permanece no ensino do Cristo não tem Deus. Quem permanece neste ensino é quem tem tanto o Pai como o Filho. Se alguém se chegar a vós e não trazer este ensino, nunca o recebais nos vossos lares, nem o cumprimenteis. Pois, quem o cumprimenta é partícipe das suas obras iníquas.

⁵¹ Citado pela *Sentinela* de *The Life and Times of Jesus the Messiah*, de A. Edersheim, Vol. II, página 184.

⁵² Veja *Crise de Consciência*, capítulo 11, debaixo do subtítulo “O crime e a sentença”.

Entendem que as palavras de João proíbem toda comunicação com os expulsos da organização, não permitindo sequer um simples “Bom dia”. Essas palavras, todavia, de modo algum apóiam a afirmação.

Primeiro, deve-se notar que a questão tem que ver com o “ensino do Cristo”, não o ensino de um movimento religioso. A primeira carta de João mostra que, para ele, este ensino estava centralizado na confissão cristã fundamental de que Jesus era o Cristo de Deus, que o tinha enviado à terra em carne.⁵³ O resto das Escrituras mostra claramente que o requisito para o batismo era a crença sincera de que Jesus, o Nazareno, era deveras o Cristo, que deu sua vida pela humanidade e foi ressuscitado, e pôr em prática *seu* ensino e princípios morais.⁵⁴ Não era a crença num esquema complexo de “ensinos singulares” elaborado séculos depois por um movimento religioso como a organização Torre de Vigia, nem a observância de um esquema igualmente complexo de normas decretadas por uma organização. Diferenças de opinião em outros ensinos de menor importância não seriam motivo de divisões e separações, uns excluindo outros, separando-os da comunidade. Portanto, o apóstolo insta:

Aceitem entre vocês quem é fraco na fé, mas não discutam com ele as suas opiniões pessoais [assuntos controvertidos, *NVI*].⁵⁵

A *Sentinela* empenha-se em encobrir isto por relegar os assuntos polêmicos a “questões irrelevantes de opinião, de gostos ou de variações de consciência”.⁵⁶ Isto simplesmente ignora o contexto que mostra que o apóstolo especificou temas tais como comer certos alimentos e observar certos dias como sagrados (Romanos 14:2-23). Estes de modo algum eram assuntos “irrelevantes”, especialmente para os crentes judeus. A crença em “comer de tudo” (versículo 2) incluiria comer carne oferecida a ídolos, ou carne de porco, e estas eram questões muito sérias para os cristãos de origem judaica. Vê-se isto no fato de que alguns estavam julgando a posição de outros perante Deus com base nisto, algo muito improvável, se, como sugere *A Sentinela*,

⁵³ 1 João 2:22, 23; 29; 3:23; 4:2, 3; 5:1-5.

⁵⁴ Romanos 10:6-9; 1 Coríntios 12:3; confira 1 Coríntios 1:2 e Mateus 16:16, 17.

⁵⁵ Romanos 14:1, *BLH*.

⁵⁶ *A Sentinela*, 1º de dezembro de 1981, página 20.

isto tinha que ver com meras questões de “gosto”, iguais às ocasionais opções dietéticas encontradas na sociedade moderna que nada têm que ver com escrúpulos religiosos.⁵⁷ A observância de certos dias (versículos 5 e 6), como o sábado, era um aspecto vital da adoração dos judeus, e a violação do descanso sabático era considerado um dos maiores pecados. Para os judeus convertidos ao cristianismo não era fácil adaptar-se a considerar “um dia como todos os outros”. Todavia, apesar das diferenças de ponto de vista em algumas questões sérias, a exortação era de não as usar para julgar as posições de outros e não permitir que se tornassem motivo de divisão. As normas da Torre de Vigia não seguem o conselho apostólico. Elas pretendem, de fato, fazer o *oposto* do que se diz quanto a “decisões sobre questões subjetivas” (NM), “discutir assuntos controvertidos” (NVI), e usar tais assuntos discutíveis para condenar aqueles a quem não lhes cabe condenar, já que cada uma das pessoas é “servo alheio. Que ele fique em pé ou caia, isso é com seu patrão.”⁵⁸

Nenhuma destas diferenças de ponto de vista ou entendimento, pois, estão envolvidas na descrição que o apóstolo João faz de quem “não permanece no ensino do Cristo”. Tampouco se ajusta aos fatos a explicação da *Sentinela* sobre o restante da exortação de João. Observe esta explicação da palavra “cumprimento”, conforme aparece em A *Sentinela* de 15 de julho de 1985, página 32:

⁵⁷ Confira Levítico 11:7, 8; Isaías 66:17; 1 Coríntios 8:7-13. A *Sentinela* de 1º de julho de 1978 trazia um artigo sobre o capítulo 14 de Romanos, (escrito por Edward Dunlap) que apresenta corretamente a seriedade das questões envolvidas. Artigos posteriores ignoraram a evidência ali apresentada.

⁵⁸ Romanos 14:1, 4 (BJ). The *Living Bible* aqui reza: “Eles são servos de Deus, não seus. Prestam contas a ele, não a vocês.”

"bom dia". Jesus disse aos 70 discípulos para não *a·spá·se·sthe* a ninguém. Indicou assim que sua obra urgente não lhes permitia tempo para o cumprimento à moda oriental, com beijos, abraços e longa palestra. (Lucas 10:4) Pedro e Paulo exortaram: 'Cum-

primentai-vos [*a·spá·sa·sthe*] uns aos outros com beijo de amor, ou beijo santo.' — 1 Pedro 5:14; 2 Coríntios 13:12, 13; 1 Tessalonicenses 5:26. João acrescentou: "Pois, quem o cumprimenta é partícipe das suas obras iníquas." (2 João 11) João usou aqui a palavra grega de saudação *khai·ro* em lugar da palavra *a·spá·zo·mai*, encontrada no versículo 13.

Khai·ro significa alegrar-se. (Lucas 10:20; Filipenses 3:1; 4:4) *zo·mai* (versículo 13). Se assim Era também usada como saudação, verbal ou por escrito. (Mateus 28:9; Atos 15:23; 23:26) *A·spá·zo·mai* significa "envolver te (com abraço, beijo e conversa) nos braços, por conseguinte *saudar, dar boas-vindas*". (Lucas 11:43; Atos 20:1, 37; 21:7, 19) Qualquer das duas palavras poderia ser uma saudação, mas *a·spá·zo·mai* talvez denotasse tal pessoa com *khai·ro*, um comum "bom dia".*

Quem escreveu esta matéria (repetida na *Sentinela* de 15 de abril de 1988), evidentemente passou por alto ou ignorou o relato de Lucas 1:28, 29. A *Sentinela* busca atribuir ao termo *aspazomai* o sentido de um cumprimento *especialmente caloroso* que ultrapassa em muito o da palavra usada na segunda carta de João, *khairo*. Isso possibilitaria dizer que *khairo*, sendo muito menos "caloroso" que *aspazomai*, estaria se referindo ao cumprimento mais cotidiano, mais superficial, inclusive um simples "olá". Com base nisso, poderiam proibir toda espécie de comunicação verbal com aqueles que desassociam. No relato de Lucas sobre a visita do anjo de Deus a Maria, porém, lemos o seguinte:

E entrando o anjo aonde ela estava, disse: "Alegra-te [em grego, *khaire*], muito favorecida! O Senhor é contigo." Ela, porém, ao ouvir esta palavra, perturbou-se muito e pôs-se a pensar no que significaria esta saudação [em grego, *aspasmos*].⁵⁹

⁵⁹ Lucas 1:28, 29, ARA.

As duas palavras são usadas aqui de modo intercambiável. Maria aplica o termo *aspasmos* à palavra *khairé* proferida pelo anjo. Não fez isso porque o anjo a tivesse, na definição da *Sentinela*, “envolvido” em seus braços ou beijado, nem travado uma “longa palestra” com ela. Ela não se refere a um abraço ou beijo, mas a “esta palavra” dele.⁶⁰

Assim, A *Sentinela* não só incorre em erro como também deixa de reconhecer que a palavra grega *khairéin* usada por João não se refere a um simples cumprimento como um “Bom dia”. Não é menos “caloroso” que o outro termo grego considerado. Ao contrário, o termo *khairéin* significa literalmente “estar regozijando-se” e corresponde ao termo hebraico *shalom*, que significa “a paz seja contigo”.⁶¹ Era usado para expressar, não mero cumprimento rotineiro, mas *favor* e *aceitação* pessoal ou social, e até reconhecimento de autoridade.⁶² Reconhecendo isto, algumas traduções, em vez de simplesmente vertê-la como “cumprimento”, vertem-na por “dar boas-vindas”.⁶³ Expressando bem o sentido das palavras de João, uma tradução reza:

Não o recebam em suas casas nem lhe digam: “Que a paz esteja com você” [Não o encoraje de modo algum, *Living Bible*] Pois quem deseja paz a essa pessoa é seu companheiro no mal que ela faz.⁶⁴

Claramente, pois, o que o cristão nega a um anticristo não é um simples cumprimento como “bom dia” ou “como vai”, e sim a saudação que implica em aceitar sua pessoa e concordar com sua causa, desejando-lhe favor e êxito. “Dar-lhe boas vindas” deste modo sem dúvida tornaria a pessoa “partícipe das suas obras iníquas”. Por outro lado, simplesmente falar com alguém não implica, em si, em

⁶⁰ No versículo 40 usa-se de novo uma forma de *aspazomai*, referindo-se a Maria “cumprimentar” ou “saudar” Elisabete (Isabel), mas, novamente, é algo meramente verbal. O versículo 41 fala de Elisabete “ouvir” o cumprimento, sem receber algum abraço caloroso ou beijo.

⁶¹ Veja a leitura interlinear de 2 João 10, 11 na *Kingdom Interlinear Translation of the Greek Scriptures*.

⁶² A saudação oficial romana “Salve César”, é traduzida em grego por *khairé kaisar*, e os soldados usaram o termo em tom de mofa, ao se dirigir a Jesus como o “rei dos judeus” em Mateus 27:29.

⁶³ Veja 2 João 10 na *Almeida Revista e Atualizada* e na *Tradução Ecumênica*.

⁶⁴ 2 João 10, 11, *BLH*.

aceitação, concordância ou favor. É o que a pessoa diz que determina isto. Certamente alguém não se torna parceiro de outrem nas coisas más que faz quando se esforça em refutá-lo ou convencê-lo de que está errado. Ao contrário, as Escrituras mostram que isto pode ser um dever cristão.⁶⁵

Em seu último “reajuste” na norma, que faculta aos anciãos iniciar contato com desassociados ou dissociados, *A Sentinela* especifica que “Não se visitará alguém que manifeste uma atitude crítica, perigosa”.⁶⁶ Por meio da norma que proíbe falar com aqueles a quem ela arbitrariamente classifica como ‘apóstatas’, a organização Torre de Vigia não só mantém um ambiente esterilizado entre seus membros, assegurando-se de que estes não serão confrontados com qualquer evidência convincente dos erros da organização, como também a organização se livra de ter, ela mesma, de responder a tais evidências. Ela pode simplesmente minimizar tais coisas como vindas “de fonte apóstata”. Pessoas que leram *Crise de Consciência* e escreveram ou telefonaram para a sede de Brooklyn fizeram perguntas que foram sistematicamente ignoradas com esta alegação. Indagações por telefone recebem a resposta: “Sem comentários.” Justificam esta “cortina de segredo” dizendo que seria errado discutir algo vindo “de fonte apóstata”.

Ainda que fosse verdadeira a acusação de apostasia, o que não ocorre na maioria dos casos, isto é uma desculpa artificial, um pretexto também sem base bíblica. O primeiro capítulo do livro de Jó descreve Jeová falando e travando uma controvérsia com Satanás, o primeiro e maior dos apóstatas. Quando as publicações da Torre de Vigia explicam isto, dizem que Jeová aceitou o desafio de Satanás e que isto produziu efeitos benéficos, embora por algum tempo trouxesse muito sofrimento a Jó.⁶⁷ Apesar disso, eles próprios se recusam a aceitar qualquer desafio resultante de evidências que contrariem suas afirmações, e que exigiriam não mais que um debate simples e aberto,

⁶⁵ Confira Tiago 5:19, 20; 2 Timóteo 2:24-26; Tito 1:10-13.

⁶⁶ *A Sentinela*, 15 de abril de 1991, página 23.

⁶⁷ Veja *Poderá Viver Para Sempre no Paraíso na Terra*, páginas 105 a 111, também *A Sentinela* de 1º de novembro de 1986, página 31.

sem necessidade de sofrimento. Jeová enviou persistentemente seus profetas àqueles a quem ele mesmo considerava uma “nação apóstata”, “filhos renegados”.⁶⁸ Ele não aprovou suas transgressões e não minimizou seus pecados, mas estava disposto a “resolver as questões” com eles, a “contender” com eles, e até a “entrar numa controvérsia” com eles a fim de manifestar seus erros e levá-los à redenção.⁶⁹

O Filho de Deus não hesitou em responder a Satanás, o grande apóstata, até citando as Escrituras ao refutar suas tentações.⁷⁰ Descreveu os líderes religiosos do povo pactuado de Jeová de seus dias como filhos da Geena, descendência de víboras, assassinos dos mensageiros de Deus e filhos do Diabo. Ainda assim, dirigia-se a eles continuamente, respondia às suas perguntas e expunha suas alegações e argumentos.⁷¹ Os apóstolos seguiram seu exemplo, não só com esta classe de homens, mas com pessoas que professavam o cristianismo e promoviam ensinamentos falsos ou tentavam desencaminhar outros cristãos. Basta ler as cartas apostólicas para ver que eles não se esquivavam de responder aos argumentos vindos destas fontes, mas, de modo franco, eles os enfrentavam e refutavam.

Uma das perguntas de potencial mais perturbador que se pode fazer a um líder religioso é: “Com que autoridade fazes estas coisas?”⁷² Em vez de lidar francamente com a evidência sóbria apresentada por pessoas sinceras que questionam sua pretensa autoridade, a organização Torre de Vigia desassocia os que se expressam deste modo. Quando o apostolado de Paulo foi desafiado, ele não recuou do desafio, mas forneceu a seus desafiadores ampla evidência em favor de seu apostolado, enfrentando as dúvidas, queixas ou acusações dos opositores.⁷³ E, como ele mesmo disse, não fez isso apelando para a

⁶⁸ Isaías 10:6; Jeremias 3:12-14.

⁶⁹ Isaías 1:18; Jeremias 2:9, 35; confira Isaías 50:7, 8.

⁷⁰ Mateus 4:1-11.

⁷¹ Mateus 23:15, 33; João 8:44.

⁷² Mateus 21:23.

⁷³ Confira 1 Coríntios 1:10-17; 3:4-10; 4:1-16; 9:1-18; 15:9-11; 2 Coríntios 6:3-13; 7:2, 3, 8-13; 10:7-13; 11:5-27; 12:11-13, 16-19.

autoridade ou por ‘apavorar-vos’ quer por carta quer por ação.⁷⁴ Não agiu presunçosamente “ousando... recomendar a si mesmo”, nem usou as “armas carnis” do fustigamento, do engodo e do sofisma, como fizeram seus opositores; não usou a ameaça da excomunhão contra os que questionavam sua posição.⁷⁵

Em seu conselho a Timóteo, Paulo admoestou-o a permanecer livre da influência do erro e evitar o debate contencioso. Ao mesmo tempo, não instruiu Timóteo a combater tais coisas com exibições de autoridade ou ameaças de represálias organizacionais, mas, em vez disso, exortou-o a esforçar-se em instruir com brandura os que eram culpados e que precisavam arrepender-se e sair “do laço do Diabo”.⁷⁶

Os genuínos cristãos atualmente devem seguir o exemplo de Deus, de seu Filho e dos apóstolos de seu Filho, não o de uma organização autoritária.

Mais distinções errôneas

Visto que a organização Torre de Vigia exclui toda conversa de natureza espiritual com desassociados, ela enfrenta um problema ao explicar a exortação de Paulo em 2 Tessalonicenses 3:14, 15. Na *Tradução do Novo Mundo* lê-se:

Mas, se alguém não for obediente à nossa palavra por intermédio desta carta, tomai nota de tal, parai de associar-vos com ele, para que fique envergonhado. Contudo, não o considereis como inimigo, mas continuai a admoestá-lo como irmão.

Visto que seguir este conselho não estaria em harmonia com sua norma de total exclusão, a Torre de Vigia classifica isto como um caso menos grave do que os que requerem desassociação, e assim o põe em outra categoria chamada “tomar nota”, que requer medidas e atitudes menos drásticas para com os “anotados”. Deste modo, faz-se parecer que o tratamento em questão é diferente do de 1 Coríntios 5:9-11. Mas, é mesmo assim?

⁷⁴ Confira 2 Coríntios 1:24; 10:1, 8, 9.

⁷⁵ 2 Coríntios 3:1; 10:3, 4, 12, 18; 12:16; confira 2 Pedro 1:16.

⁷⁶ 2 Timóteo 2:14-26.

O contexto mostra que a ofensa é desobedecer à palavra escrita de um apóstolo enviado por Cristo. Com certeza, isto não é algo sem importância. A organização Torre de Vigia certamente não o veria sob essa luz se fosse o caso de Testemunhas desconsiderarem as próprias normas ou ensinosa dela.

Explicando o texto, *A Sentinela* de 15 de setembro de 1985, página 31, cita as palavras de Paulo, “parai de associar-vos com ele”, e então diz:

Os irmãos não o evitariam completamente, pois Paulo aconselhou-os a ‘continuar a admoestá-lo como irmão’. Contudo, por limitarem [observe, não por deixarem] sua associação social com ele, poderiam induzi-lo a sentir-se envergonhado...

O que *A Sentinela* não reconhece ou aceita é que a expressão grega (*synanamignysthai*) que Paulo usou quando disse “parai de associar-vos com” é *idêntica* à que usou em 1 Coríntios 5:11, onde a *Tradução do Novo Mundo* a verte por “cesseis de ter convivência com”. Pode-se ver isto na leitura interlinear da *Kingdom Interlinear Translation*:

1 Coríntios 5:11:

τοῦ κόσμου	ἐξελεθῆναι.	11	νῦν δὲ	ἔγραψα	the world. 11 But
the world	to come out.		Now but	I wrote	now I am writing
τοῖς	μὴ	συναναμίγνυσθαι	ἐάν		you to quit mixing in
to you	not	to be mixing selves up with	if ever		company with anyone
τις	ἀδελφός	ὀνομαζόμενος	ἢ	πόρνος	called a brother that
anyone	brother	being named	may be	fornicator	is a fornicator or a
ἢ	πλεονέκτης	ἢ	εἰδωλόατρος	ἢ	λοιδορός
or covetous (one)	or	idolater	or	reviler	idolater or a reviler
ἢ	μέθυσος	ἢ	ἄρπαξ,	τῷ	τοιοῦτῳ
or drunkard	or snatcher,	to the	such (one)	not-but	an extortioner, not
ἢ	μεσθίειν.	12	τί	γάρ	μοι
to be eating with.	What	for	to me	the (ones)	such a man. 12 For

Tradução:

do mundo sair. 11 Agora mas do mundo. 11 Mas, eu vos escrevo escrevi a vós não vos mistureis com agora para que cesseis de ter alguma vez qualquer irmão sendo convivência com qualquer que se chamado possa ser fornicador ou chame irmão, que for fornicador, ou cobiçoso ou idólatra ou injuriador ganancioso, ou idólatra, ou injuriador, ou beberrão ou extorsor, a tal pessoa ou beberrão, ou extorsor, nem sequer nem mas comer com. 12 O que a comendo com tal homem. 12 Pois, mim tais pessoas

2 Tessalonicenses 3:14:

ἐνκακήσητε you should behave badly in	καλοποιοῦντες. doing fine.	14 εἰ If	13 For your part, brothers, do not give up in doing right.
δέ τις οὐχ ὑπακούει τῷ λόγῳ ἡμῶν but anyone not is obeying to the word of us			14 But if anyone is not obedient to our word through this letter, keep this one marked, stop associat- ing with him, that he may become ashamed.
διὰ τῆς ἐπιστολῆς, τοῦτον through the letter, this (one)			
σημειοῦσθε, be you putting sign on,	μη συναναμίγνυσθαι not to mix up selves with	15 καὶ and	
αὐτῷ, ἵνα ἐντραπή· him, in order that he might be turned in;			
μὴ ὥς ἐχθρὸν ἡγείσθε, ἀλλὰ not as enemy be you considering, but			15 And yet do not be considering him as an enemy, but continue
νοθετεῖτε ὡς ἀδελφόν. be you putting mind in as brother.			

Tradução:

deveis comportar-vos mal fazer bem. 14 Se mas alguém não está obedecendo à palavra de nós por meio da carta, este estejais pondo um sinal sobre, não vos mistureis com ele, a fim de que ele possa ser virado para dentro; e não como inimigo estejais considerando, mas estejais pondo a mente como irmão. 13 Da vossa parte, irmãos, não desistais de fazer o que é direito. 14 Mas, se alguém não for obediente à nossa palavra por intermédio desta carta, tomai nota de tal, parai de associar-vos com ele, para que fique envergonhado. 15 Contudo, não o considereis como inimigo, mas continuai

Não há diferença no vigor do termo em ambos os textos. Nos dois casos, exorta-se os cristãos a evitar companheirismo íntimo em nível pessoal com pessoas que cometem os erros descritos tanto em 1 Coríntios, capítulo 5, como em 2 Tessalonicenses, capítulo 3, fazendo isso para que o transgressor possa sentir-se envergonhado. O conselho não vai além disso.⁷⁷

⁷⁷ Pode-se notar que mesmo quando o apóstolo fala do homem que tende a discutir a ponto de causar divisões, e que recebeu repetidas advertências a respeito, seu conselho não proíbe absolutamente que se fale com ele. Em Tito 3:10, a palavra grega às vezes traduzida como “rejeita” tem, na verdade, o significado de “escusar-se” ou “pedir licença”. (Confira o uso do mesmo termo em Hebreus 12:25; Lucas 14:18, 19). A *New English Bible* o traduz por “não tens nada a fazer com ele”. Portanto, mesmo neste caso ainda há margem para a cortesia habitual ao tratar com tais pessoas, de modo gentil, mas firme e escusando-se de entrar em debates estéreis com elas.

Na associação cristã, havia ampla margem para diferenças pessoais. Os ensinamentos relativos ao papel messiânico de Cristo, sua morte sacrificial, ressurreição e glorificação, os benefícios daí resultantes, a salvação pela fé, a operação do Espírito santo, os ensinamentos de Cristo e a boa moralidade eram firmemente defendidos e tidos como essenciais para fazer parte do seu Corpo.⁷⁸ Mas mesmo em assuntos como a descrença na ressurreição, o ponto de vista errado era tratado como fraqueza espiritual dos irmãos, e tomavam-se medidas para ajudar, fornecendo as provas necessárias, em vez de partir para acusações sumárias de apostasia ou ações punitivas por parte de um judiciário eclesiástico.⁷⁹

Talvez interesse saber que vários dos temas aqui discutidos foram trazidos à atenção do Corpo Governante cerca de trinta anos atrás. Quando se elaborava um novo manual da organização, preparado por Karl Adams, Edward Dunlap e eu mesmo, redigi a seção que tratava da desassociação e temas relacionados. Conforme mencionado no capítulo 6, Karl Adams, então superintendente do Departamento de Redação, submeteu um memorando ao presidente Knorr explicando por que certos ajustes eram recomendáveis.⁸⁰ O próprio Karl reconhecia claramente a validade dos pontos aqui considerados, como vemos nas páginas 17 e 18 de seu memorando:

Temos considerado que Mateus 18:17 refere-se a desassociar. Jesus disse que quando o homem envolvido se recusa a “escutar a congregação”, devemos considerá-lo “apenas como homem das nações e cobrador de impostos”. O que significa isto exatamente quanto à ação que devemos tomar para com tal pessoa desassociada? Os judeus não recusavam totalmente tratar com tais pessoas, nem recusavam falar com elas.

Em relação a Mateus 18:17, seria útil considerar 2 Tessalonicenses 3:6, 14, 15, bem como 2 Timóteo 2:25, 26 e Tiago 5:19, 20. Nesses textos, especialmente os dois últimos, usam-se expressões fortes. Fala dos que estiveram no “laço do Diabo”, foram “apanhados vivos por ele para a vontade deste”, “desencaminhados da verdade”, talvez tendo

⁷⁸ Confira Gálatas 2:4, 5.

⁷⁹ 1 Coríntios 15:12-57.

⁸⁰ Veja o Capítulo 6 deste livro.

“uma multidão de pecados”, e no entanto, parece implícito que havia liberdade de fazer o que pudesse ser feito para admoestar e recuperar estas pessoas. Não deveríamos estar fazendo o mesmo hoje? Não é preciso ter com elas associação íntima ou amigável que implique em aprovação de suas transgressões. O verbo grego usado em 2 Tessalonicenses 3:14 na expressão “parai de associar-vos” é a mesma palavra usada em 1 Coríntios 5:11 (“cesseis de ter convivência com”). Este último texto é o que temos aplicado a pessoas que desassociamos ou com quem ‘cessamos de ter convivência’. Mas 2 Tessalonicenses mostra que cessar de ter convivência com alguém não exclui admoestá-lo, e portanto, falar com ele. Se dissermos que, por dar admoestação bíblica ou repreensão a eles, somos culpados de companheirismo espiritual com eles, não significaria isto também que quando testemunhamos às pessoas de diferentes credos (até clérigos) estamos tendo companheirismo espiritual com eles? É o nosso conceito realmente determinado por estes textos, ou estaremos lendo neles uma rigidez maior do que eles dizem?

Como em outros casos, as razões bíblicas apresentadas não só eram sólidas como induziam à reflexão. Contudo, como era típico dos debates do Corpo Governante na ocasião e daí em diante, estas receberam apenas uma breve consideração. A matéria proposta foi lida e depois se deram opiniões sobre a conveniência ou inconveniência dos ajustes — não mediante consideração com oração das evidências bíblicas, mas simplesmente com base no que era “aconselhável” para as normas da organização. A posição tradicional foi mantida. Trinta anos depois, se ela mudou, foi para tornar-se mais rígida.

11

A Desassociação Mal Aplicada

Não tencionamos dominar a vossa fé, mas colaboramos para que tenhais alegria. — 2 Coríntios 1:24, Bíblia de Jerusalém.

TANTO no *espírito* como no *método*, a norma de desassociação da Torre de Vigia assemelha-se muito mais às dos líderes religiosos que exerciam o poder na nação judaica do que às de Cristo e seus apóstolos. Seus efeitos muitas vezes são trágicos.

Exemplo do que isto pode causar é a carta recebida de Annette Stuart, uma avó, na época com 77 anos, de West Brookfield, Massachussetts, que fora Testemunha por muitos anos.¹ Ela contou que quando sua neta tinha 14 anos, a mãe da garota a incentivou a batizar-se como Testemunha de Jeová. Três anos depois, a garota reclamou que era excessivamente pressionada como Testemunha. Os anciãos foram chamados e ela declarou firmemente que não mais iria às reuniões. Os anciãos decidiram que ‘já que ela tinha se desassociado, eles não tinham opção senão desassociá-la’. Na época, a norma da organização não exigia que se evitasse totalmente os familiares e, como disse Annette: “Pelo menos a família estava intacta.”

Então, em 1981, a norma mudou. Annette declara:

Minha neta estava agora excluída de sua família e dos parentes. Eu não podia expulsá-la de nossa casa. Ela precisava de nós mais que nunca. A mãe dela acatou a nova regra. Não queria mais nada com a filha ou comigo. Isso, é claro, era uma opção dela. Dois anciãos vieram à minha casa para me fazer escolher. Expressaram a opinião de que, já que meu marido não era T. J., eles não tinham direito de proibir minha

¹ Carta datada de 29 de julho de 1987.

neta de vir à nossa casa. Meu marido antes deixara isso claro aos anciãos. Estes disseram que eu tinha de me retirar da sala quando minha neta nos visitasse. Eu não devia comer na mesma mesa se ela ficasse para jantar com meu marido. Em minha opinião, o que eles pediam era desamoroso, desumano e não-cristão. Eu disse a eles que não podia fazer isso. Lembro-me que chorei amargamente na ocasião. Eles permaneceram lá, frios e sem compaixão.

Aos 73 anos, e após trinta anos de associação, a avó da garota foi então também desassociada. Seu marido, que nunca fora Testemunha, viu a família subitamente se afastar dele. Ele escreveu à sede da Torre de Vigia pedindo ajuda, mas a medida dos anciãos foi mantida. Conforme escreve a Sra. Stuart:

Minha filha, meu filho, netos, bisnetos — não ponho os olhos nestes entes queridos há mais de quatro anos! Meu filho e minha filha moram na mesma cidade em que moramos.... Meu pecado foi acolher em minha casa a minha neta desassociada.

Como se pode justificar tal medida com a alegação de que contribui para “manter a organização limpa”? Não é antes uma demonstração de que ‘ninguém pode impunemente deixar de acatar as exigências da autoridade organizacional’? Os anciãos, na verdade, informaram Annette de que ‘ela serviria de exemplo para outros que achassem que podiam violar a regra’. A sede mundial da organização apoiou a posição deles. Fizeram assim com que esta avó, com mais de 70 anos, sentisse ‘o peso da autoridade’, tratamento que Jesus disse ser típico do mundo, não do cristianismo. — Mateus 20:25, *New English Bible*.

O grau exato do efeito destrutivo da rígida norma da organização sobre as relações familiares pode ser demonstrado no caso de Richard Guimond e sua família. Testemunha por 30 anos, Guimond passou a fazer sérios questionamentos sobre certas doutrinas da Torre de Vigia e isto o levou a reuniões “investigativas” com os anciãos. Ele achou por bem sugerir a estes que usassem as Escrituras para esclarecer suas dúvidas. Ele escreve: “A resposta era sempre a mesma: ‘Temos de reconhecer o canal de comunicação de Deus.’” Em 1982, os anciãos de Wilmot Flat, New Hampshire, desassociaram Guimond por ter tais dúvidas. Alguns de seus familiares apoiaram a medida de excomunhão e outros não. Em 1984, ele descreveu o resultado final, dizendo:

Nosso drama prossegue. Em 5 de janeiro, minha esposa e nossas duas mães (viúvas, de 72 e 77 anos) foram “desassociadas” pelos três anciãos da congregação Wilmot Flat. Esta crueldade incrível as fará sofrer muito. A única linha de comunicação com nossa filha Testemunha está agora cortada. Minha esposa perderá também o contato com suas duas irmãs e as famílias delas. Minha própria mãe será provavelmente rejeitada pelas três netas que permanecem Testemunhas de Jeová. O mais triste de tudo é que minha querida sogra será sem dúvida rejeitada por suas duas filhas, nove netos e quatro bisnetos. Tudo isto por causa das “regras” da Sociedade Torre de Vigia.

Há hoje centenas e até milhares de casos similares. A prova de que não são casos excepcionais ou se devem meramente à mentalidade estreita de alguns líderes locais, pode ser vista na carta escrita pelo Departamento de Serviço da Sociedade Torre de Vigia a um jovem do nordeste (dos EUA), cujo pai fora desassociado. A única acusação contra ele era que não aceitava como bíblicos certos ensinamentos da organização. O filho escreveu à sede em Brooklyn dizendo que sua irmã e o marido dela deixaram de ter associação com o pai, e que ele considerava isso desrespeito para com seus pais. A carta que ele recebeu é exibida abaixo (seu nome e endereço foram encobertos a pedido dele e por razões de privacidade):



WATCHTOWER

BIBLE AND TRACT SOCIETY OF NEW YORK, INC.

CABLE WATCHTOWER

25 COLUMBIA HEIGHTS, BROOKLYN, NEW YORK 11201, U.S.A. PHONE (212) 625-3600
SCE:SSH July 14, 1983

Dear Brother [REDACTED]

We have your letter in which you say that you are troubled by a problem that the elders seem unable to resolve. Your father has been disfellowshipped and as a result of this your sister and her husband do not have any association with your father. You seem to feel that this is disrespectful to your parents.

It is most unfortunate to hear that your father has been disfellowshipped. His taking action that resulted in his being disfellowshipped has brought about a Scriptural barrier between him and those loyal members of the family who continue to faithfully serve Jehovah. The loyal ones have not been the creators of the problem but, rather, the one who is disfellowshipped has caused it. Therefore, it would not be appropriate on your part to find fault with your sister if she respectfully obeys the Scriptural command at 1 Corinthians 5:11.

A person who is disfellowshipped has been spiritually cut off from the congregation; the former spiritual ties have been completely severed. This is true even with respect to relatives, including those within his immediate family circle. Thus, family members—while acknowledging family ties, will no longer have any spiritual fellowship with the disfellowshipped relative. (1 Sam. 28:6; Prov. 15:8, 9) While you and your sister may find it necessary from time to time to care for necessary family matters in regard to your parents, the direction at 1 Corinthians 5:11 would prohibit any association on a regular basis. We can appreciate that sentiment and family ties are particularly strong between parents and children but, in the final analysis, we will not benefit anyone or please God if we allow emotion to lead us into ignoring his wise counsel and guidance. We need to display our complete confidence in His perfect righteousness and ways, including his provision to disfellowshipped unrepentant wrongdoers. If we remain loyal to God and the congregation, the wrongdoer in time may take a lesson from that, repent and be reinstated into the congregation. It is our hope that will be the case with your father.

Faithfully yours,

cc: [REDACTED]

Watchtower B. & T. Society
OF NEW YORK, INC.

TRADUÇÃO DO TEXTO:

Prezado irmão xxxxxxxxxxxx

Temos sua carta na qual diz que está aflito devido a um problema que os anciãos parecem incapazes de resolver. Seu pai foi desassociado e em consequência disso sua irmã e o marido dela não têm nenhuma associação com seu pai. Você parece achar que isto é desrespeitoso para com seus pais.

É muitíssimo lamentável saber que seu pai foi desassociado. Por ele ter agido de modo a acabar sendo desassociado, criou-se uma barreira bíblica entre ele e esses membros leais da família, que continuam a servir fielmente a Jeová. Não foram os leais os originadores do problema, mas, ao invés, o que está desassociado foi quem o causou. Conseqüentemente, não seria apropriado de sua parte condenar sua irmã se ela respeitosamente obedece à ordem bíblica em 1 Coríntios 5:11.

A pessoa que é desassociada foi espiritualmente excluída da congregação; os anteriores laços espirituais foram completamente cortados. Isto se aplica até mesmo aos parentes, inclusive os que fazem parte do círculo familiar imediato. Portanto, os membros da família — embora reconheçam os laços familiares, não mais terão qualquer companheirismo espiritual com o parente desassociado. (1 Sam. 28:6; Prov. 15:8, 9) Ainda que você e sua irmã possam achar necessário cuidar periodicamente de assuntos de família necessários com relação a seus pais, a orientação de 1 Coríntios 5:11 proibiria qualquer associação em base regular. Podemos avaliar que os sentimentos e os laços familiares são particularmente fortes entre pais e filhos mas, numa análise final, não beneficiaremos a ninguém nem agradaremos a Deus se nos deixarmos guiar pela emoção e ignorarmos seu sábio conselho. Precisamos mostrar nossa plena confiança em Sua justiça e modos perfeitos, incluindo sua provisão para com transgressores impenitentes desassociados. Se permanecermos leais a Deus e à congregação, o transgressor poderá, com o tempo, aprender com isso uma lição, arrepender-se e ser readmitido na congregação. Temos esperança de que isso aconteça no caso de seu pai.

Atenciosamente,

Portanto, quem discorda conscienciosamente de qualquer posição ou ensino da organização, cai supostamente na categoria dos descritos em 1 Coríntios 5:11, torna-se “iníquo”, rebaixado ao nível dos sexualmente imorais, gananciosos, extorsores e idólatras. A responsabilidade pela divisão da família cai toda sobre ele.

O fato inegável, porém, é que em quase todos os casos a divisão resulta, não das convicções ou opiniões pessoais dos familiares do desassociado ou dissociado, mas unicamente da norma organizacional que lhes impõem. Isto ficou evidente com a imediata mudança de atitude das Testemunhas de Jeová em todo o mundo, após a publicação dos artigos na *Sentinela* de 15 de novembro de 1974, que abrandava bastante a posição tomada com respeito à atitude dos familiares para com um parente desassociado. A informação foi recebida com gratidão por muitas famílias de Testemunhas. Então, em 1981, foi restabelecida a norma anterior, mais rígida. Os parentes desassociados voltaram a ser tratados com grande frieza, muitas vezes totalmente excluídos.²

Mas se essa norma fosse hoje de novo “oficialmente” abrandada, a maioria das Testemunhas reataria sem hesitar os vínculos familiares, especialmente nos casos em que a única razão para rejeitar um parente é que este simplesmente está na condição de desassociado, não porque a conduta atual da pessoa a faz ser realmente considerada como pessoa “má”, ou “corrupta”. Não posso crer que a família de Annette Stuart achasse de fato que sua idosa avó fosse desse tipo. E acho que não há dúvida de que, na grande maioria dos casos, as Testemunhas nem *querem* adotar a posição rígida que agora tomam, nem estão genuinamente *convencidas* de que esta é correta. É algo imposto pela autoridade religiosa, e isto é que é a verdadeira causa da divisão da família.

² Os artigos moderadores de 1974 foram escritos por mim, por designação do Corpo Governante. Um sobrinho meu que fora desassociado, cujos pais, irmão e irmã havia anos não conversavam com ele, foi contatado pelos parentes como resultado direto destes artigos e logo depois foi readmitido. Hoje, no entanto, devido à revogação da norma, ele provavelmente se sentiria obrigado a recusar conversar comigo. Quanto a mim, fico simplesmente feliz de que hoje minha irmã, agora viúva, tenha associação com seu filho e dele receba assistência, o único filho homem que lhe resta.

O sofrimento causado por isso é incalculável. No caso de uma desassociada de Massachussetts, sua mãe, que vivia no Maine, adoeceu gravemente e morreu (em meados dos anos 80). Embora soubessem o endereço desta filha, nem seus parentes Testemunhas nem os anciãos a informaram da doença de sua mãe, da morte dela ou do funeral. Ela ficou sabendo quando a mãe já estava enterrada. Ela declarou que a angústia torturante de ter sido privada de ver a mãe agonizante e da oportunidade de expressar, ou tentar expressar seu amor, simplesmente não passava. Como é possível de algum modo harmonizar isto com a personalidade de um Deus de amor e com a compaixão de seu Filho? Por que deveria alguém se sentir atraído a um sistema que estimula a tais ações?

Cumprimento inflexível da lei da organização

O modo como os anciãos aplicam as *normas* da Torre de Vigia mostra claramente que eles de fato as consideram como lei. A atitude inflexível que é gerada, ou no mínimo tolerada, pela sede mundial da organização, faz com que os anciãos achem que circunstância alguma, idade, saúde, tempo de associação, nenhum destes fatores afetam o requisito da plena submissão a todas as regras da organização, a plena aceitação de todos os seus ensinamentos.

Um exemplo da rigidez quase insana que muitas vezes resulta é o caso de uma Testemunha do estado do Maine, David Haynes, que tinha um negócio de alarmes de segurança. A partir dos anos 70 e por um longo período, sua firma instalou muitos sistemas de alarme contra assaltos e incêndios. Então, nos anos 80, convidaram-no a reunir-se com uma comissão congregacional de três anciãos Testemunhas, Spear, Maddock e Wentworth.

Informaram-no de que não podia continuar com este serviço de instalações em edifícios religiosos; fazer isso o sujeitaria à desassociação. Ele concordou em parar. Mais tarde, os anciãos o informaram de que tinha também de parar com a *manutenção* dos sistemas já instalados. Ele disse que acataria e fez arranjos para que seu gerente de serviços (que não era Testemunha), fora de seu horário de trabalho (aos sábados, por exemplo), fizesse a manutenção, providenciando também para que ele recebesse *toda* a remuneração.

Nem isto, porém, satisfaz os anciãos, pois os sistemas eram monitorados por uma central no escritório de sua firma. Os anciãos disseram que ele não mais poderia *monitorar* os sistemas instalados nessas igrejas e escolas paroquiais sem pôr em risco sua posição na congregação. Ele propôs-se a ver o que poderia fazer para transferir a monitoração para outras firmas prestadoras do mesmo serviço, embora isso levasse algum tempo. Deram-lhe um prazo específico. Sua firma passava na ocasião por algumas mudanças de equipamento e isto contribuiu para que não conseguisse cumprir o prazo. Pediu uma prorrogação, dizendo aos anciãos que não queria prejudicar seu negócio cortando bruscamente os serviços a esses clientes. Deram-lhe mais um mês. Quando passou, visto que não tinha ainda conseguido a transferência e embora literalmente implorasse por consideração e paciência, ele foi desassociado. Passara quinze anos na organização. Apelou da decisão da “comissão judicativa” local, e na reunião com a comissão de apelação tentou arrazoar com eles citando exemplos dos que trabalham para companhias de eletricidade ou que instalam e fazem manutenção de linhas e aparelhos telefônicos nas igrejas.³ A resposta foi que ‘ele *não era obrigado* a prestar serviços de alarme’, e que, portanto, manteriam a decisão de desassociar.

Os anciãos, sem dúvida, jamais se deram ao trabalho de questionar se toda essa perturbação legalista fazia realmente sentido, ou como isso era similar ao ponto de vista crítico dos fariseus, quando condenaram os discípulos por colher e comer grãos de trigo no sábado. Muito mais provável é que tenham se fixado na idéia de que estavam sendo leais à organização.

De natureza bem diferente, mas que ilustra a mesma atitude, é o caso de George West, em 1982, Testemunha idosa associada com a congregação das Testemunhas de Jeová de Maynard, Massachussetts. Ele desenvolvera câncer ósseo, que com o tempo agravou-se a ponto de precisar ser hospitalizado como paciente terminal; sua cabeça era sustentada por uma espécie de gaiola, já que os ossos do pescoço não mais suportavam o peso.

³ Nos casos de apelação, as comissões de apelação são geralmente escolhidas e designadas pelo Departamento de Serviço em Brooklyn.

Os anciãos locais souberam que George West tinha se submetido a uma transfusão de sangue e fizeram várias tentativas de falar com ele, apesar de seu estado grave e contra o desejo de sua esposa. Afinal, uma noite, conseguiram entrar para vê-lo e sob interrogatório ele admitiu que tinha aceitado a transfusão. O motivo? Seus filhos de um casamento anterior ficaram sabendo que ele estava morrendo e telefonaram para dizer que estavam vindo do meio-oeste para visitá-lo no hospital. Ele não os via desde crianças. Resolveu tomar a transfusão para prolongar um pouco sua vida a fim de rever os filhos.⁴ Os anciãos desassociaram George West apenas alguns dias antes de sua morte.

Mais uma vez, que mentalidade é esta que supõe que tais ações contra um homem no leito de morte sejam frutos do cristianismo, ou que estas — em alguma mente normal — possam ser vistas como algo que visa a “pureza da congregação”? O único resultado prático foi que esse homem não teve nenhuma cerimônia fúnebre da parte das Testemunhas. E, para a maioria delas, por ter morrido na condição de desassociado, fora da organização, ele não se habilita para a ressurreição. Em vez de pureza, na verdade, esta ação produz uma mancha de desonra, pois é fortemente marcada pela atitude insensível que mais representa o farisaísmo e sua séria preocupação com “pureza” religiosa do que o cristianismo. É como se os representantes da organização se considerassem relapsos se deixassem o homem morrer sem afixar o rótulo “desassociado” em seu corpo destruído pela doença.

Faz-se mais uma vez, com justiça, a pergunta: Quem arca com a responsabilidade *primária* pela atitude que gera tais ações? Embora haja muita evidência de que o espírito mostrado pelos diferentes corpos de anciãos pode variar bastante, a culpa pela atitude rígida e desumana mostrada nestes casos não pode meramente ser passada adiante como se só tivesse que ver com os anciãos individuais envolvidos. A frequência e a natureza generalizada desta rigidez apontam o fato de que ela tem uma fonte central.

Já que todas as desassociações são comunicadas à sede mundial da organização, ela não ignora o que está acontecendo. O caso patético de

⁴ Estes fatos foram impressos numa carta ao editorial do Concord Monitor de 8 de dezembro de 1984. Ninguém pôde refutá-los.

Percy Harding ilustra isso, pois ocorreu praticamente às portas da sede mundial.

Em 1910, aos vinte anos de idade, Percy, nascido no oeste do Canadá, começou a ler as obras do Pastor Russell e em seis meses tinha lido cerca de 3.000 páginas de matéria. Renunciou à igreja protestante da qual era membro e viu-se totalmente só com sua nova crença entre seus conterrâneos. Começou a “dar testemunho”, formou dois grupos na região e realizou batismos num rio próximo. Ele escreve:

Em 1918 deixei um bom emprego para tornar-me colporteur [pioneiro]. Meu território cobria centenas de quilômetros quadrados, na maior parte ao longo das ferrovias, do sul de Alberta à costa do Pacífico. Cobri também o território rural a pé, carregando duas pequenas sacolas de livros. Muitas vezes caminhava até 25 ou 40 quilômetros por dia.

Após sete anos nesta atividade, em 25 de maio de 1925, ele foi para Brooklyn, Nova York, para servir na sede mundial da Torre de Vigia. Cerca de quatro anos depois, vendo a atitude desenvolvida sob a presidência de Rutherford e a conduta de alguns da superintendência, Percy desiludiu-se. Em 1929 ele encerrou seu trabalho na sede mundial.

Apesar disso, permaneceu associado e ativo na mesma congregação de Brooklyn pelos cinquenta e seis anos seguintes. Sobre o que aconteceu então, ele escreve:

De maio de 1925 até dezembro de 1981 permaneci na mesma congregação, até que fui desassociado por conversar sobre a Palavra de Deus com uns poucos amigos. Isto foi incrível, e no que diz respeito à Sociedade, uma atitude lamentável. A comissão judicativa tinha uma carta do corpo de anciãos de outra congregação. Eles tinham desassociado um amigo meu. Eles o interrogaram demoradamente a respeito de outras pessoas com quem tinha conversado sobre a Bíblia. Ele cedeu e disse o que queriam, mencionando meu nome dentre outros. Então, esta carta enviada pelos anciãos, incluindo coisas que eu e os demais tínhamos dito, foi-me apresentada junto com o pedido para que eu as comentasse. Eu disse à comissão que nada tinha a dizer, que o que se passara entre eu e meus amigos era assunto estritamente

particular e não era da conta de mais ninguém. Prometeram-me uma cópia da carta, mas eu nunca a recebi.

Depois, começaram a fazer perguntas, e a mais importante era: “Crê que a Sociedade é a organização de Deus e que está transmitindo a verdade?” Então eu disse: “Não há nada na Palavra de Deus que indique que Deus alguma vez usou uma ‘organização’ para transmitir a verdade. De Moisés, passando por todos os profetas até João e Revelação, tratou-se sempre de indivíduos.”

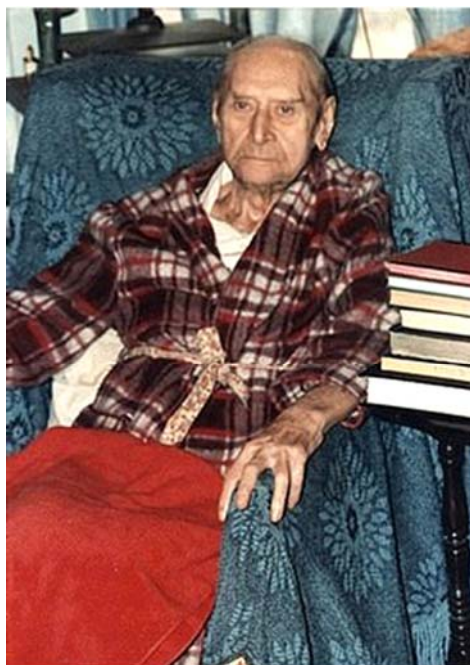
Houve três reuniões da comissão, a última em Betel. Na noite em que fui desassociado, Harry Peloyan [membro veterano da equipe de redação] fez um discurso no Salão do Reino, apresentando uma acusação que nem sequer fora considerada nas reuniões da comissão, romper a unidade da congregação. Ele distorceu 2 João 10, 11, enquanto instruía 175 pessoas a me evitarem. Após a reunião, todos saíram ordeiramente, passando por mim como se fosse um leproso.

Percy tinha 91 anos e saúde frágil. Quer se considere certa ou errada sua compreensão de certos textos bíblicos, permanece o fato de que a questão foi suscitada, não porque estivesse causando perturbação, algo que fosse evidente na congregação, mas devido a conversas particulares com amigos. Ninguém na congregação se queixara dele como “agitador” e o assunto só se tornou problema em resultado da carta da outra congregação que deu início à investigação e ao interrogatório dos anciãos a respeito de seus comentários particulares sobre temas bíblicos, feitos a amigos pessoais. (Confira a acusação contra o apóstolo Paulo e sua defesa em Atos 24:5-13.) Em viagem ao nordeste [dos EUA] em 1982, visitei Percy Harding em sua casa na Rua 6, em Brooklyn. Parecia minúsculo em relação à cadeira grande onde estava sentado, um homenzinho de aparência frágil, obviamente debilitado pela idade e pela doença.

Perguntei-me como era possível que alguém, de mente sã, pudesse considerar que uma pessoa assim, sem posição ou influência especial, constituísse um perigo tal que, apesar de seus *setenta anos de associação*, fosse necessário desassociá-lo e afastá-lo de seus conhecidos de toda uma vida. Achei que a organização deve se sentir extremamente insegura de si mesma, sentir uma incrível sensação de vulnerabilidade, para ver uma ameaça neste homem frágil e idoso. Com relação ao efeito que a desassociação teve em suas circunstâncias pessoais, ele escreve:

Antes disso, havia duas enfermeiras [Testemunhas] que me visitavam, quase toda semana. Faziam para mim algumas coisas que eu não conseguia fazer, e, o que era mais importante, podia chamá-las se precisasse delas. Visto que farei 92 anos em 18 de agosto, quem sabe quando virá uma emergência? Depois que fui desassociado, liguei para uma das enfermeiras. O marido dela atendeu e disse: “Ann não tem permissão para falar com você.”

Quero dizer novamente que a única coisa que os anciãos têm contra mim é que conversei com uns poucos amigos sobre a Bíblia.



Percy Harding, desassociado aos 91 anos.

Em conversa com Percy, percebi que ele falava de modo muito franco. É possível que tenha usado de excessiva franqueza quando se reuniu com os anciãos que o julgaram. Mas, mesmo que tenha sido mais que franco, tenha sido cáustico, até impertinente, como justificar a expulsão de um homem de 91 anos, solteiro, sem parentes por centenas de quilômetros, descartando-o, junto com seus mais de *setenta anos de associação ativa*, como alguém a ser ignorado e esquecido? Que crime hediondo cometera ele que justificasse isto? Acho difícil entender como alguém que diz ser discípulo do verdadeiro Pastor das ovelhas, Jesus Cristo, possa tomar parte em tal ação, que em minha opinião só merece ser chamada de cruel. Todavia, conforme já dito, isto ocorreu exatamente às portas da sede mundial da Sociedade Torre de Vigia.

Percy agora está morto, pois faleceu dormindo em 3 de fevereiro de 1984. Durante os vinte e cinco meses seguintes à sua desassociação,

*nem uma única pessoa da congregação com a qual ele se associara por 56 anos veio vê-lo ou saber se precisava de algo.*⁵

O pecado maior: discordar da organização

O caso de Percy Harding ilustra também a insistência da organização na plena aceitação de todos os seus ensinamentos. Em *Crise de Consciência* (capítulo 11, debaixo do subtítulo “Pastoreando o rebanho”) há citações de representantes da Torre de Vigia que declaram:

Se alguém não quer viver segundo nossos princípios, está livre para sair. Não há estigmatização aqui, nenhum fustigamento físico ou emocional... Não ditamos norma da sede central.⁶

Não somos policiais espirituais... não tentamos restringir a ninguém em suas opiniões.⁷

Se as pessoas não querem ficar, elas são livres para sair... Não consigo entender por que os que discordam simplesmente não partem em silêncio.⁸

Estou certo de que todos estes homens sabem que o quadro descrito por eles não corresponde à realidade. Eles sabem o que acontece hoje quando uma Testemunha de Jeová tenta “partir em silêncio”. A situação atual é similar à que enfrentaria um soldado se fosse ao seu oficial comandante e dissesse: “Senhor, com base na minha consciência resolvi partir e só queria informá-lo de que irei em silêncio e de modo algum perturbarei os soldados”. A menos que se retratasse rapidamente, as conseqüências que ele enfrentaria — dispensa desonrosa ou, em tempo de guerra, execução por um pelotão de fuzilamento — são equivalentes em termos espirituais à que enfrentam essas Testemunhas de Jeová.

Os que pensam em “partir em silêncio” sabem que têm uma arma apontada para a cabeça, isto é, a ameaça de desassociação oficial (ou de ser oficialmente declarado “dissociado”, que é a mesma arma e

⁵ Um amigo meu que morava na região de Nova York o visitava semanalmente e, eventualmente, conseguiu que ele fosse aceito no lar de idosos em que veio a falecer.

⁶ Walter Graham, da filial do Canadá, citado em um jornal de Toronto.

⁷ Samuel Herd, superintendente viajante, citado no *Chicago Tribune*.

⁸ Robert Balzer, relações públicas da sede da Torre de Vigia.

produz os mesmos efeitos, mas com nome diferente). Embora não seja fisicamente levada ao pelotão de fuzilamento, toda Testemunha que tente deixar a organização por razões de consciência só pode fazê-lo sob o risco de ser rotulado como herege, indigno de associar-se com cristãos, pessoa a quem até os familiares devem tratar como um “pária”. As normas organizacionais não permitem que ninguém saia de modo honroso. Só alguém insensível aos sentimentos humanos acharia que não há “nenhum fustigamento emocional”.

Esta situação acentuou-se particularmente desde 1980. Depois da desassociação de alguns membros do pessoal da sede mundial por não aceitarem plenamente todos os ensinamentos da Torre de Vigia, e também da minha renúncia ao Corpo Governante, a direção então tomada pela organização foi demonstrada numa carta enviada aos seus representantes viajantes, de 1º de setembro de 1980.⁹ Essa carta estabelecia a norma de que mesmo persistir — não em *falar* — mas em simplesmente *crer* em algo diferente do que é provido pela “classe do escravo” constitui apostasia e pode levar à desassociação. Embora peça aos anciãos para agir de modo “bondoso e discreto” quando investigarem as crenças pessoais dos adeptos, já vimos, no caso de Percy Harding e outros já citados, o que esta diretriz de “investigação bondosa e discreta” causou. A carta abriu caminho para que homens propensos ao dogmatismo e à intolerância extravasassem essas qualidades ao lidar com o rebanho e homens generosos agissem de modo insensível. Questionamentos simples, resultantes de falta de conhecimento, são permitidos e até bem-vindos. Mas quando os questionamentos são fruto de séria investigação e raciocínio com base no conhecimento e envolvem ensinamentos da organização, a prática prevalecente é atacar os que questionam e seus motivos, e não o próprio questionamento.

O que já tinha ocorrido na sede de Brooklyn, documentado em *Crise de Consciência*, ilustra até que ponto as qualidades da bondade e discrição foram demonstradas e quão vazias foram essas declarações. Esse exemplo da sede mundial teve daí por diante reflexos em todos os Estados Unidos e em muitos outros países. O objetivo tem sido criar um ambiente estéril, no qual os ensinamentos da organização possam circular livremente, sem risco de se confrontarem com questionamentos sérios ou

⁹ Há uma fotocópia desta carta em *Crise de Consciência*, capítulo 12.

ter de enfrentar objeções bíblicas e evidências desfavoráveis. Será exagero? Considere só alguns exemplos, típicos de dezenas de outros.

Em *Crise de Consciência* relatei a desassociação de Edward Dunlap, que, após mais de 50 anos de associação, a maior parte no “serviço de Betel”, foi de fato “posto na rua” aos quase 70 anos de idade, desassociado por ter expressado, em conversa com amigos, pontos de vista que não concordavam com todos os ensinamentos da organização. Mencionei que ele retornou à cidade de sua infância, Oklahoma City, e retomou seu antigo serviço de colar papel de parede, junto com seu irmão, Marion. Qual foi o resultado?

Marion Dunlap, era então “superintendente de cidade” designado para todas as congregações de Oklahoma City. Ele também era Testemunha havia quase 50 anos, sempre muito ativo no serviço de campo e nas reuniões. Quando ofereceu abrigo e trabalho ao seu irmão desassociado de 70 anos, Marion passou também a ser investigado. Foi posteriormente desassociado, e no espaço de um ano, cinco outros membros da família Dunlap foram desassociados. Não eram pessoas culpadas de transgressões de qualquer espécie; não tinham tentado criar problemas ou feito campanhas de protesto; simplesmente se sentiram motivadas pela consciência a deixar que suas crenças fossem determinadas pela Palavra de Deus, e não pela palavra de homens ou organizações falíveis.

Outra Testemunha, professor da Universidade Estadual de Oklahoma, disse lamentar que alguém com o talento para o ensino de Edward Dunlap não tivesse chance de exercê-lo. Ajudou a conseguir aulas para Ed na universidade. Isto o levou a um interrogatório com os anciãos e ele logo foi também desassociado.

Embora seja verdade que, em alguns casos, os envolvidos optaram por não mais ir às reuniões, isto de modo algum significava que desejavam pôr fim às amizades e contatos com seus anteriores conhecidos Testemunhas. De modo algum significava que rejeitavam estas pessoas ou que tivessem sentimentos negativos em relação a elas. O corte completo de relações foi fruto unicamente das ações agressivas dos anciãos.

O zelo incomum dos anciãos quando perseguem alguém suspeito de deslealdade é ilustrado nas ações tomadas num lugarejo do Mississippi, chamado Dancy, tão pequeno que nem aparece na maioria dos mapas. A

família Walker vivia ali, e nos anos 40, a mãe e depois três das filhas tornaram-se Testemunhas. (Com o tempo, um Salão do Reino foi construído no outro lado da estrada, em frente à casa dos Walker, num terreno doado por Ray Phillips, marido de uma das filhas, que foi também quem construiu o Salão.)

Sue Walker, uma das três filhas, tornou-se “pioneira” e depois se formou na escola missionária da Torre de Vigia, Gileade. Passou doze anos de serviço missionário na Bolívia, em condições difíceis. Numa designação, uma cidade à beira da selva chamada Trinidad, ela e sua companheira estavam totalmente isoladas de outras Testemunhas. A cidade, muita baixa, era inundada em certas épocas e o único modo de se deslocar era por meio de botes. (Sue recorda-se de estudar a Bíblia com uma mulher que mantinha sempre uma vara por perto. Ela se perguntava por que, até que certo dia uma cobra saiu da água para a varanda e a mulher calmamente pegou a vara e a jogou de volta à água.) Sue e sua companheira ficaram na designação, suportando doenças e alimentação deficiente durante anos.

Em 1962, Sue foi transferida da Bolívia para a República Dominicana, onde estávamos minha esposa e eu. Eram tempos turbulentos, inclusive com uma revolução em escala total em 1965, e, mais de uma vez, Sue teve de abrigar-se do tiroteio quando ia para casa após dirigir estudos bíblicos. Embora tivesse problemas de saúde, aos doze anos de serviço na Bolívia ela acrescentou mais treze passados na República Dominicana. Após estes vinte e cinco anos como missionária, Sue achou que era seu dever voltar a Dancy, Mississipi, para cuidar de seus pais idosos (então na casa dos 80). Mesmo continuando como “pioneira” depois que voltou, ficou aflita de saber que muitas Testemunhas locais a viam como alguém que “abandonara sua designação”. Chegaram a circular boatos de que a Sociedade a mandara para casa devido a alguma má conduta dela, o que era totalmente falso.

Acho difícil imaginar que alguém que conhecesse Sue Walker falasse dela desse modo. Como superintendente de filial tanto em Porto Rico como na República Dominicana, eu lidava regularmente com mais de cem missionários. De todos eles, nenhum era menos propenso a dar motivo para queixa do que Sue. Muito calma, não se irritava facilmente, fazia seu trabalho de modo discreto, sem reclamar. Poucos missionários

faziam mais estudo bíblico pessoal que ela. Isto, junto com a experiência real de muitos anos em vários países, experiência que a despertou para ver até que ponto a organização deixava de refletir um genuíno espírito cristão, fez eventualmente com que ela reavaliasse a convicção de que esta era o canal exclusivo e instrumento escolhido de Deus. Suas irmãs tinham chegado a uma reavaliação similar. O que ocorreu depois, ilustra mais uma vez nitidamente o modo como muitas vezes funciona o programa de “pastoreio” da organização quando os anciãos acham que alguém está “se desviando” do rebanho.

A primeira a atrair a atenção deles foi a sobrinha de Sue, também chamada Sue (Phillips). Convencida de que os ensinamentos da Sociedade não representavam corretamente as boas novas do primeiro século, ela deixara discretamente de assistir às reuniões. Um superintendente de distrito, um superintendente de circuito e um ancião local a visitaram, interrogando-a por cerca de uma hora quanto aos motivos da atitude dela. Ela explicou o que achava, que tinha feito muito estudo pessoal das Escrituras e não mais podia apoiar conscienciosamente algumas das crenças da organização. Mencionou, entre outras coisas, que a mediação de Cristo é restrita a uma classe especial e que se cria a impressão de que a salvação é uma coisa ganha através de obras específicas. Como ocorre em milhares de situações similares, o modo de lidar com tais questões é voltar a atenção, não para as Escrituras, mas para “a organização”. Portanto, o ancião local perguntou a ela: “Onde você aprendeu o que sabe sobre os propósitos de Deus?” — a resposta costumeira esperada é: “Na organização de Deus.” Mas Sue respondeu: “Na Bíblia.” Eles garantiram a ela que ‘tinham estudado mais do que ela e tinham cargos designados na organização’. Este foi o resumo do conselho deles, no qual a ênfase maior foi dada à importância da organização, e logo se foram.

Algumas semanas após esta “visita de pastoreio”, Sue voltou de uma viagem e encontrou um aviso para comparecer a uma audiência judicativa naquele mesmo dia, 3 de janeiro de 1982. Ela tinha chegado a sua casa muito doente e foi hospitalizada no mesmo dia. Levou doze dias para se recuperar o suficiente para ter alta. Durante os doze dias de hospitalização, os “pastores” congregacionais seguiram o proceder dos da parábola a quem se diz: “Estive doente... e não me visitastes.”¹⁰

¹⁰ Mateus 25:43, *BJ*.

Sue voltou para casa numa sexta-feira. *Exatamente dois dias após ter deixado o hospital*, no domingo, um ancião local ligou para marcar a nova data da audiência judicativa. Ela o informou de que não pretendia ir a esta audiência, pois tinha acabado de sair do hospital e ainda não estava bem. O ancião mencionou ter ouvido falar que ela estava no hospital e lamentou que estivesse doente. Quanto a ela não comparecer à audiência ele disse: “Nós talvez tenhamos de tomar alguma medida.” Sue replicou: “Bem, acho que vocês farão o que quiserem.” A resposta dele, mais acalorada e enfática, foi: “Nós faremos o que a organização nos manda fazer.”

Três dias depois, Sue escreveu uma carta à congregação e aos que ela conhecia bem. Nesta, incluiu o seguinte:

Agora por mais de um ano venho lendo e estudando a Palavra de Deus, a Bíblia, muito diligentemente. Nunca na vida devotei tanto tempo, reflexão e oração ao estudo bíblico. O que comecei a aprender e entender fez-me mudar todo o rumo da minha vida. As decisões que tomei vieram depois de muito estudo, reflexão e oração. Não foram decisões tomadas da noite para o dia. Amo profundamente a Jeová Deus e a Jesus Cristo e não quero fazer nada que os desagrade. De todo o coração, apoio o cristianismo como o melhor e mais gratificante modo de vida. Não desejo outro estilo de vida para mim. Aceito a Bíblia como inspirada Palavra de Deus e como guia da minha vida. Para mim, as boas novas sobre Jesus Cristo, o que ele fez por toda a humanidade e a importância disso para todos os que exercem fé nele são as notícias mais maravilhosas e empolgantes que existem. Para qualquer cristão, a lealdade a Jeová Deus, a Jesus Cristo, à Bíblia, às boas novas e ao caminho do cristianismo devem ter prioridade sobre tudo o mais. A todos estes devoto minha absoluta lealdade e apoio. Após meses e meses de estudo bíblico e muita oração cheguei à conclusão de que as coisas em que eu antes acreditava simplesmente não eram bíblicas. Como cristã, eu via que mudanças eram necessárias, e que simplesmente havia coisas que eu não podia mais apoiar.

Alguns dias após receberem a carta, os anciãos anunciaram à Congregação Mantee das Testemunhas de Jeová (que se reúne em Dancy), que Sue Phillips fora desassociada “por conduta imprópria

para um cristão.”¹¹ Com este objetivo, um bilhete assinado apenas “Congregação Mantee” foi enviado à casa dela.

Ao todo, os anciãos locais e superintendentes viajantes tinham gasto em seus “esforços de pastoreio” cerca de uma hora e meia com esta moça que fora desde a infância criada como Testemunha. Eles certamente acharam que tinham feito os “esforços bondosos e contínuos” mencionados na diretriz da sede mundial da Torre de Vigia. Aparentemente, a clara evidência que na carta ela dava de que tinha profundo respeito pelas Escrituras e sincero interesse em agradar a Deus e a Cristo não lhe valeu nenhuma indulgência por parte dos anciãos, nenhum sentimento de que havia bons motivos para mostrar paciência tolerante, ou idéia alguma de que talvez por meio de uma atitude calma, cortês, sem confrontos, eles pudessem sanar as dúvidas dela. Não perderam tempo em fazer o anúncio oficial de que ela não era mais companhia adequada para os membros da congregação.

É prática freqüente das publicações da Torre de Vigia sugerir que os que não concordam com a organização são motivados por emoções negativas tais como orgulho, rebeldia, desejo de fugir à atividade de porta em porta por falta de humildade e acusações similares. Não duvido de que haja algumas pessoas desse tipo. Mas sei também que isto se mostrou totalmente sem fundamento num caso após outro. E era *obviamente* falso com respeito à tia de Sue Phillips, a ex-missionária Sue Walker. Em seus mais de quarenta anos de serviço, ela gastara, inquestionavelmente, muito mais horas indo de porta em porta que qualquer pessoa da região, incluindo anciãos e superintendentes viajantes. Ao retornar do serviço missionário, ela continuara em associação ativa com a congregação de Mantee até este ponto, assistindo regularmente às reuniões, empenhando-se ativamente no “testemunho” e em dirigir estudos bíblicos domiciliares com pessoas interessadas. Em vista do tratamento dado pela organização à sua sobrinha, porém, ela achou que as coisas tinham chegado ao ponto em que uma decisão era necessária. Conforme disse à sobrinha: “Sou a próxima de quem eles virão atrás.” Escreveu então uma carta de renúncia e, no domingo, saiu

¹¹ Esta é uma expressão padronizada, deliberadamente vaga para evitar problemas legais.

de casa, atravessou a estrada até o Salão do Reino e entregou pessoalmente uma cópia a cada ancião.

Sue Walker tinha então 63 anos. Passara 42 deles como Testemunha, 35 no serviço de tempo integral, e 25 no serviço missionário em países estrangeiros. Abrira mão de casamento e filhos, suportara muitas privações, labutara em regiões primitivas, buscara constantemente levar uma vida em plena harmonia com os princípios bíblicos. Não seria normal desejar tal pessoa na congregação, achar que seria definitivamente uma perda não mais contar com sua associação e exemplo? Se achavam que as crenças das Testemunhas eram firmes e solidamente baseadas nas Escrituras, não se sentiriam movidos a fazer qualquer esforço possível para pelo menos continuar a ter contato com tal pessoa na esperança de que eventualmente viessem a se reconciliar as diferenças? Eu pensaria assim, mas não os anciãos treinados pela organização; após receberem a carta não fizeram nenhum esforço de considerar com ela seu conteúdo, e prontamente anunciaram sua “dissociação” oficial. Pela norma da organização, dessa hora em diante, Sue Walker, na prática, deixava de existir para os membros da congregação, que não mais falariam nem se associariam com ela.

Isto é ainda mais incrível pelo fato de que Sue Walker continuou a ajudar sua mãe idosa a atravessar a estrada até o Salão do Reino sempre que esta queria ir, ficando calmamente sentada ao lado da mãe durante as reuniões, embora sua presença fosse totalmente ignorada por todos da assistência. Ela o fazia apenas por consideração à mãe, que continuava a ser Testemunha. Quando a saúde da mãe eventualmente a impediu de assistir às reuniões, esta raramente recebia visitas dos membros da congregação, devido à relutância destes em aproximar-se da filha “dissociada”. A mãe dela mudou de opinião quanto à organização e quando o seu marido (que nunca fora Testemunha) faleceu, ela concordou com as filhas em convidar-me a ir até lá para presidir o funeral. Antes de ela própria morrer, expressou o desejo de que eu dirigisse também o funeral dela. Numa pequena comunidade rural onde todos se conhecem, as cento e poucas pessoas que vieram ao funeral não puderam deixar de notar que, embora sua vizinha, a Sra. Walker, não fosse desassociada e nem sequer tivesse se “dissociado”, nenhuma das Testemunhas de quem ela fora companheira de adoração por mais de

quarenta anos tinha comparecido. A norma da organização, e não os sentimentos pessoais, manteve-as à distância.

O que se seguiu ao anúncio da “dissociação” de Sue Walker é ainda mais revelador do espírito cultivado pela organização. Alguns meses antes, sua irmã mais velha, Lulu, e o marido dela (pais de Sue Phillips) tinham se mudado da região de Dancy para a região da Costa do Golfo do Mississippi. Por terem chegado a conclusões conscienciosas sobre a organização, e estando plenamente cientes das prováveis consequências, eles propositalmente não comunicaram aos anciãos de Mantee seu novo endereço, e, ao chegarem à sua nova residência em Long Beach, procuraram permanecer incógnitos da congregação local. Esperavam, desta forma, retirar-se discretamente e evitar o confronto com interrogatórios e o dissabor dos procedimentos judicativos.

Ficaram surpresos, portanto, quando não muito depois de a filha deles ser desassociada pela congregação Mantee, dois anciãos da congregação de Long Beach, Mississippi, que lhes eram totalmente estranhos, surgiram inesperadamente à porta deles. De que modo ficaram sabendo deles só se pode imaginar, mas as declarações dos anciãos deixaram claro que era em consequência da ação judicativa tomada a centenas de quilômetros dali com respeito à filha deles. Os esforços de “pastoreio” dos anciãos consistiram em interrogar Ray e Lulu Phillips sobre suas crenças, se eles pensavam igual à filha deles. Responderam na afirmativa. Em poucos dias chegou o aviso para comparecerem a uma audiência judicativa. Eles não tinham desejo algum de passar por essa experiência e disseram isso. Foram também desassociados.

Dá para imaginar de que modo é possível alguém “partir em silêncio”, como os representantes da Sociedade, inclusive Robert Balzer, da sede de Brooklyn, argumentam. A alegação de que tal perseguição pelos anciãos é necessária para “manter a organização limpa” parece especialmente vazia em vista do fato de que este casal, de sessenta e tantos anos, empenhava-se para viver discreta e silenciosamente, sem nenhuma ligação com a congregação onde a ação foi tomada.

Restava uma das três filhas Testemunhas da Sra. Walker, Lavenia, pessoa gentil que vivia então em Nova Orleans, região da Louisiana. Logo ao se mudar para lá, Lavenia assistira a algumas reuniões no Salão do Reino local mas, como sua irmã Lulu, tinha decidido deixar a

organização em silêncio. Ao mesmo tempo em que sua irmã era “investigada” no Mississippi, ela recebeu a visita de um ancião local acompanhado de um superintendente de circuito visitante, interrogando-a sobre o motivo de sua ausência às reuniões. Ela explicou por que não estava indo. Não se questiona o fato de estes homens mostrarem interesse por ela ou — crendo que o bem-estar espiritual dela estava em jogo — se empenharem em encorajá-la a assistir às reuniões. Esse interesse certamente é compreensível e até elogiável. O que eles de fato fizeram, porém, é deveras intrigante. Ao ouvirem a explicação dela para a ausência, o superintendente de circuito escreveu uma breve declaração e disse que se ela não ia mais assistir às reuniões (conforme dizia a declaração lida) podia simplesmente assinar. Ela fez isso. O resultado? Passou a ser considerada oficialmente “dissociada”, vista da mesma forma como se tivesse cometido algum ato que exigisse excomunhão, alguém com quem não se pode falar ou associar. Os esforços de pastoreio, apresentados nas publicações da Torre de Vigia como esforços contínuos e amorosos para “reajustar” e recuperar ovelhas desgarradas, tinham levado no máximo uma hora. Lavenia, todavia, passara cerca de trinta anos associada.

Ao todo, o tempo que estas cinco pessoas da família passaram associadas com as Testemunhas totalizava cerca de 200 anos. O tempo gasto pelos anciãos das Testemunhas para tentar ‘trazê-las de volta ao rebanho’ atingiu no máximo 5 ou 6 horas.

Vigilância e uso de um sistema de informantes

Não creiais no amigo, nem confieis no companheiro. Guarda a porta de tua boca àquela que reclina sobre o teu peito. — Miquéias 7:5, Almeida Revista e Atualizada.

Este mesmo padrão repetiu-se vez após vez, num lugar após outro, em vários países. As Testemunhas sentem-se na obrigação de relatar casos de co-Testemunhas que venham a desviar-se das normas ou ensinamentos da organização.

Num artigo intitulado “Tempo Para Falar — Quando?”, *A Sentinela* de 1º de setembro de 1987, declara a posição oficial de que mesmo que isso signifique violar normas sobre manter confidências e até juramentos — como no caso de médicos, enfermeiras, advogados ou outros que mantêm registros ou informações confidenciais particulares

— uma Testemunha tem a responsabilidade de revelar infrações às regras da organização por parte de outro membro se estas envolverem o que comumente se chama de “transgressões passíveis de desassociação”. O transgressor deve ser aconselhado a confessar sua infração aos anciãos, e, se não o fizer, a Testemunha que sabe da infração crê que sua lealdade a Deus exige que relate o assunto aos anciãos. Apenas num setor, a confidência é vista como algo sagrado: quando tem que ver com os próprios assuntos da organização, inclusive as reuniões dos anciãos nas audiências judicativas.¹²

Incrível como pareça, menos de quatro anos após esta norma ser instituída, num artigo sobre como agir em hospitalizações, a revista *Despertai!* de 8 de março de 1991 (página 7) publicou uma “Declaração de Direitos do Doente” e entre tais direitos alistava este:

6. Esperar que todos os comunicados e registros pertinentes aos cuidados médicos recebidos sejam tratados como confidenciais.

Como já vimos, a diretriz da organização invalida este direito se ele interferir com sua norma de que toda Testemunha que tenha conhecimento de infração de normas por parte de outra deve denunciá-la, mesmo que seja médico ou enfermeira.

Um artigo do Dr. Gerald L. Bullock, de Plano, Texas, publicado no *Medical Economics* de 19 de agosto de 1985, deixa claro que as Testemunhas sentem-se mesmo obrigadas a agir como informantes para os corpos de anciãos, apesar da seriedade das conseqüências — não só para elas próprias como para os outros. O Dr. Bullock relata que contratou uma jovem Testemunha que fora paciente sua e amiga da família havia anos. Ele descreve “Toni” (nome fictício) como uma boa e disposta funcionária. Tudo ia bem até que outra Testemunha (a quem ele chama de “Linda”, e que era conhecida de “Toni”) veio a seu consultório. Ela disse que fora estuprada por vários homens depois de ir a um bar em Houston, Texas, e contraíra gonorréia. Tinha ido a outro médico e agora queria fazer um teste de cultura para ver se estava livre da infecção. Ele achou que não lhe cabia questionar a veracidade da alegação de estupro e simplesmente procedeu ao exame

¹² Na realidade, não é incomum que as esposas dos anciãos fiquem sabendo dos casos tratados por eles.

de cultura, constatando o fim da infecção. Algumas semanas depois, Linda telefonou-lhe zangada, informando que fora desassociada e era agora rejeitada pela própria família. Ela ameaçou com um processo, dizendo ter certeza de que fora Toni quem dera a informação sobre seu caso aos anciãos, tirando-a dos registros do consultório do Dr. Bullock. Ele diz:

Fiquei estarrecido. Não podia acreditar que Toni tivesse ido tagarelar sobre uma paciente. Eu fora muito claro sobre manter confidências antes de contratá-la. E o manual da minha equipe determina punição de demissão sumária para empregados que violam confidências de pacientes.

Quando confrontei Toni, fiquei mais estarrecido ainda por ter admitido abertamente que fora mesmo ela a tagarela. Ela explicou que na religião dela todos os membros devem denunciar aos anciãos da igreja qualquer outro membro que viole seus ensinamentos e disciplina. Quando revisava o extrato de cobranças e a informação do seguro de saúde e leu o que Linda me falou, ela passou algum tempo decidindo a quem devia primeiramente sua lealdade. No final, ela levou o assunto aos anciãos.

Deve-se notar que, ao meditar sobre a lealdade, ela não decidiu que tinha uma obrigação para com seu empregador e amigo de informá-lo sobre o que ia fazer com a informação tirada dos registros de seu consultório. Seu aprendizado como Testemunha evidentemente não a fez entender que isso também era uma questão de lealdade. O Dr. Bullock prossegue:

Pelo menos não fora simples tagarelice irrefletida. Todavia, teria sido mais fácil para eu lidar com isso que com o fato de uma empregada de confiança e amiga ter feito tal coisa após uma plena consideração do dano que causaria — a uma paciente nossa e a mim.

Também achei quase incrível que a história de Linda tivesse sido tornada pública. Todas as Testemunhas que eu conhecia pareciam tão bondosas. Eu não podia acreditar que a religião delas exigisse tal tagarelice e um tratamento tão rude aos dissidentes. Telefonei para um proeminente ancião da igreja, que era meu amigo desde o colégio. Ele disse que era tudo verdade.

Ele explicou que os anciãos da igreja não tentaram conferir a veracidade da história do estupro de Linda. Na opinião deles, ela tinha

ido a um lugar onde não devia, feito uma coisa que não devia e contraído uma doença que não devia. Por isso, tinha de sofrer o castigo da “desassociação”, que só seria suspenso se pudesse convencer os anciãos de seu sincero arrependimento. A igreja chegou a mandá-la mudar-se da casa da família até que ela satisfizesse os requisitos para a absolvição.

Se eu estava zangado quando telefonei, fiquei furioso quando o ancião concluiu a explicação. Perguntei-lhe se tinha idéia do que sua igreja fizera a mim, um inocente espectador. Ele disse que lamentava, mas, como Toni, ele achava que os ensinamentos da igreja tinham de ficar acima de todas as outras considerações.

Como Toni, ele e os outros anciãos não sentiam aparentemente nenhuma obrigação moral de notificar o médico de que tinham recebido uma informação confidencial da funcionária dele e do uso que decidiram fazer desta informação legalmente privilegiada. O que aprenderam como Testemunhas simplesmente não os deixava pensar nestes termos.

A conselho de seu advogado, o Dr. Bullock achou necessário demitir Toni. Ele não só explicou a ela porque teve de fazer isto como também teve a consideração de não cortar a amizade com ela pelo que tinha feito. Ele pediu desculpas a Linda, explicando o que acontecera. Esta assegurou que não o processaria, visto ter compreendido que ele não tinha pessoalmente culpa alguma.

O Dr. Bullock trabalha agora em outra cidade, mas diz que ainda está um pouco “cismado”. Ele escreve que, visto que a violação de confidência do paciente por um funcionário não é coberta pelo seguro contra erro médico, “todo o nosso dispendioso seguro de responsabilidade profissional não valeria um tostão se um paciente prejudicado desse modo nos processasse e ganhasse”. Ele agora põe em prática uma norma empresarial que inclui séria responsabilidade pessoal por parte dos empregados. Cada novo funcionário ouve a história de “Toni” e “Linda”, e se não puder garantir que suas crenças religiosas não o obrigam a trair confidências de pacientes ele não o contrata.

Como base para esta insistência de que as Testemunhas têm de informar aos anciãos sobre as infrações de seus concrentes, mesmo que violem a confidência, *A Sentinela* já mencionada cita a provisão da Lei

mosaica em Levítico 5:1, que diz: “Ora, caso uma alma peque por ter ouvido uma impreciação feita em público, e seja testemunha, ou tenha presenciado isso ou veio a sabê-lo, então, se não o relatar, terá de responder pelo seu erro.” Daí, o artigo tira estas conclusões:

Esta ordem da Maior Autoridade no universo lançava sobre cada israelita a responsabilidade de relatar aos juízes qualquer séria transgressão que havia observado, para que se pudesse tratar do assunto. Embora os cristãos não estejam propriamente sob a Lei mosaica, os princípios dela ainda se aplicam na congregação cristã. Portanto, pode haver ocasiões em que o cristão tem a obrigação de trazer um assunto à atenção dos anciãos. É verdade que, em muitos países, é ilegal revelar a pessoas não autorizadas aquilo que se encontrou em registros particulares. Mas, se o cristão, depois de considerar isso com oração, achar que se confronta com uma situação em que a lei de Deus exige dele relatar o que sabe, apesar das exigências de autoridades inferiores, então esta é uma responsabilidade que ele aceita perante Jeová. Há ocasiões em que o cristão ‘tem de obedecer a Deus como governante antes que aos homens’. — Atos 5:29.

Embora juramentos ou promessas solenes nunca devem ser encarados levianamente, pode haver ocasiões em que promessas exigidas por homens estão em conflito com o requisito de que demos devoção exclusiva ao nosso Deus. Quando alguém comete um pe-

cado grave, ele, na realidade, vem a estar sob uma ‘imprecação pública’ Daquele a quem fez o mal, Jeová Deus. (Deuteronômio 27:26; Provérbios 3:33) Todos os que se tornam parte da congregação cristã colocam-se sob um “juramento” de manter a congregação limpa, tanto pelo que pessoalmente fazem, como pela maneira em que ajudam outros a permanecer limpos.

13

Isto certamente põe um pesado fardo sobre as Testemunhas individualmente, e o autor do artigo empenha-se em inculcar um similar sentimento de culpa aos que deixam de relatar pecados de co-Testemunhas aos anciãos designados da organização. A limpeza da congregação é enfatizada como o fator prevalecente para justificar a posição tomada. A “limpeza” para as Testemunhas, porém, é determinada pelos padrões organizacionais, quer as Escrituras falem sobre o assunto quer não, e o procedimento para ‘ajudar outros a permanecer limpos’ é também prescrito pela organização e seus regulamentos. É isto que torna tão ominosa a insistência de que todos os membros vejam a si próprios como estando sob “juramento de manter a congregação limpa”. Ao justificar a violação da confidência, o artigo da *Sentinela* usa como ilustração o caso de uma mulher Testemunha não-casada que se submete ao aborto num hospital. No entanto, como se vê no capítulo 8, com uma infinidade de normas e regulamentos organizacionais, a extensão e a variedade de possíveis infrações que devem ser relatadas poderiam chegar às centenas. Poderia resultar em que certa Testemunha, empregada numa firma de contabilidade, que visse uma fatura comprovando que outro profissional Testemunha colocou um teto ou instalou um sistema de alarme numa igreja, estaria na obrigação de relatar o assunto aos anciãos. Significaria denunciar um homem por espalhar inseticida numa base militar ou uma mulher por ganhar a vida arrumando camas nas casernas. Pode resultar em alguém que se acha “sob juramento” ter de relatar aos anciãos que uma co-Testemunha não pode aceitar o ensino de que Cristo começou a reinar em 1914 ou que ele hoje é mediador para apenas 8.700 pessoas.

¹³ A *Sentinela*, 1º de setembro de 1987, página 13.

Embora o artigo afirme que “os cristãos não estão propriamente sob a Lei mosaica”, é difícil imaginar uma aplicação mais rígida desta lei aos cristãos do que a declarada pelo autor do artigo. A distinção feita entre “lei” e “princípio” termina sem distinguir nada. O fato é que os cristãos não só “*não estão propriamente*” sob a Lei mosaica — não estão sob esta nem *parcialmente* nem de *qualquer outro modo*, mas totalmente sob a graciosa benignidade de Deus.¹⁴ O artigo não se limita a aplicar o “princípio” desta regra — que se poderia dizer estar servindo aos interesses da justiça e da retidão — mas aplica a “letra” da lei, em contradição ao ensino apostólico:

Mas agora fomos exonerados da Lei, porque morremos para com aquilo que nos segurava, para que fôssemos escravos num novo sentido, pelo espírito, e não no velho sentido, pelo código escrito.¹⁵

Pois a letra mata, mas o espírito vivifica.¹⁶

A aplicação feita pela *Sentinela* reflete mais a atitude judaizante — com seu empenho de converter os cristãos a guardarem a lei — algo contra o qual Paulo labutara tão firmemente, do que o espírito de Cristo. O apóstolo alerta que guardar a lei tornaria os cristãos sujeitos à própria “imprecação” apontada pelo artigo de *A Sentinela*, quando procura incutir sentimento de culpa naqueles que não apóiam suas normas.¹⁷ Para efetivar esta aplicação, o artigo vai além até mesmo do que estava na Lei mosaica.

O artigo afirma primeiro que Levítico 5:1 trata da questão legal em que um erro foi causado e a pessoa prejudicada convocava testemunhas para depor em seu favor, rogando uma maldição sobre aquele que o prejudicou. Numa nota de rodapé, ele cita a seguinte explicação, um tanto diferente:

No seu *Comentário Sobre o Antigo Testamento*, em inglês, Keil e Delitzsch declaram que alguém seria culpado de erro ou pecado se

¹⁴ Romanos 6:14, Gálatas 5:14, 18.

¹⁵ Romanos 7:6, *NM*.

¹⁶ 2 Coríntios 3:6, *TEB*.

¹⁷ Atos 15:5; Gálatas 3:1-5, 10-13. O artigo até inclui uma referência a Deuteronômio 27:26 que diz: “Maldito aquele que não puser em vigor as palavras desta lei por cumpri-las.”

“soubesse do crime de outro, quer o tivesse visto, quer tivesse obtido certo conhecimento dele de outra forma, e por isso estivesse qualificado para comparecer ao tribunal como testemunha para a condenação do criminoso, mas negligenciasse fazer isso, e não declarasse o que havia visto ou sabido, quando ouvisse a solene adjuração do juiz na investigação pública do crime, pela qual todos os presentes, que soubessem algo sobre o assunto, eram exortados a se apresentar como testemunha”.¹⁸

Em Israel, que funcionava como nação distinta, cuidando-se não só de contravenções e questões criminais, mas também de questões cíveis envolvendo todo tipo de conflitos entre indivíduos, os anciãos das aldeias e cidades atuavam como tribunal, sendo os casos examinados em público no portão da cidade.¹⁹ Se quaisquer testemunhas fossem convocadas a prestar depoimento num determinado caso, isto era feito publicamente, e a convocação podia ser acompanhada de uma “adjuração solene”, ou, conforme a *Tradução do Novo Mundo*, uma “imprecação feita em público”, pondo as testemunhas sob a responsabilidade de prestar depoimento e fazê-lo de modo franco.²⁰

Um dos exemplos mais detalhados de audiência perante os anciãos da cidade acha-se em Rute 4:1-12. Trata-se de Boaz, parente próximo do falecido Elimeleque, e interessado em atuar como “resgatador” da propriedade do morto — este resultado lhe traria a obrigação de casar-se com Rute, a moabita. Boaz vai ao portão da cidade, espera até que passe outro homem que é o parente mais próximo (e que, portanto, tem a primazia de ser “resgatador”). Boaz reúne então dez dos anciãos da cidade e a questão é resolvida diante deles e da multidão reunida, com Boaz adquirindo o direito que buscava. Ele dirige-se a todos, os anciãos e as pessoas reunidas, dizendo: “Vós sois hoje testemunhas.”

Não há a menor semelhança entre o modo aberto em que as questões eram resolvidas naquela época e o modo sigiloso em que funcionam os tribunais religiosos instituídos pela organização Torre de Vigia. Desconhece-se a convocação pública de testemunhas, as audiências judicativas são realizadas em segredo, e praticamente a

¹⁸ *A Sentinela*, 1º de setembro de 1987, página 13.

¹⁹ Deuteronômio 16:18; 21:19; Rute 4:1.

²⁰ Confira Provérbios 29:24; Mateus 26:62, 63.

única coisa que se declara publicamente é um breve anúncio de desassociação ou dissociação. Por que faz a organização uma aplicação tão seletiva do “princípio” da lei, usando-o apenas para pôr sobre seus membros o fardo da responsabilidade por relatar as infrações de concrentes, enquanto ignoram o claro princípio da transparência na condução dos procedimentos judicativos por meio dos representantes designados da organização?

O autor do artigo da *Sentinela*, portanto, busca rapidamente converter a questão de *atender à convocação pública* de testemunhas numa questão de *tomar a iniciativa de relatar* transgressões aos anciãos. A matéria relega os que não são anciãos ao papel de informantes ou acusadores, deixando totalmente a critério dos anciãos a solução a ser dada ao caso. Embora se espere que os membros primeiro abordem o suposto transgressor e o exortem a ir aos anciãos, o fato é que isto raramente ocorre. Na vasta maioria dos casos, esse passo é esquecido, faz-se um relato aos anciãos e, desta forma, os trâmites judicativos da organização entram em ação.

A matéria da *Sentinela* visa, evidentemente, privar os membros das Testemunhas de qualquer opção pessoal quanto ao assunto, ou de exercer qualquer critério pessoal no que diz respeito a fazer dos atos errados de outros uma questão de investigação judicativa. Visa evitar que a pessoa dê margem à compaixão ou algo assim para determinar se vai manter confidência no assunto ou não, bem como enquadrar como desrespeitoso para com Deus qualquer esforço de ajudar o transgressor sem denunciá-lo aos anciãos designados da organização.²¹

Não há dúvida de que, sob a Lei mosaica, havia uma responsabilidade implícita de falar sobre certos erros graves e crimes de natureza extrema — blasfemar contra Deus, tentar seduzir co-israelitas à idolatria, derramar sangue humano inocente e talvez,

²¹ Sua publicação de 1992, *Estudo Perspicaz das Escrituras*, declara que “a publicidade que teriam os julgamentos realizados no portão tenderia a influenciar os juízes a ter cuidado e ser justos nos trâmites do julgamento e nas decisões.” (Vol. 3, página 741)

também, proferir profecias falsas e enganosas.²² Mas em parte alguma da Lei mosaica acha-se expresso nestes termos amplos que todo israelita estava obrigado a relatar aos juizes “qualquer séria transgressão que havia observado”. Como vimos, na maioria dos casos, os regulamentos, inclusive o de Levítico 5:1, falam de *atender a uma convocação* ou *adjuração* para testemunhar, não de um israelita *tomar a iniciativa* de relatar. A idéia de que a lei de Deus impunha a cada israelita a obrigação de ir aos anciãos da cidade por cada erro significativo que um co-israelita cometesse — sendo o assunto tratado publicamente no portão da cidade — é algo que o autor do artigo da *Sentinela* leu por sua conta nas Escrituras. Obviamente, todo indivíduo que fosse pessoalmente prejudicado por outro, tinha o direito de ir aos portões e fazer a acusação. Mesmo nesse caso, porém, se resolvessem as coisas entre si, não havia obrigação alguma de o prejudicado relatar a transgressão do outro.

Um notável exemplo de manter silêncio diante de evidências aparentemente convincentes de séria transgressão é o caso de José, pai adotivo de Jesus. Ele cria realmente que a mulher que lhe estava prometida violara a lei do adultério. O fato inegável da gravidez dela antes de estar casada parecia constituir prova absoluta disto. José, porém, não se sentiu na obrigação de denunciá-la aos anciãos ou sacerdotes quais juizes. Não querendo “fazer dela um espetáculo público”, pretendia divorciar-se dela silenciosamente. Estava ele assim desprezando um “juramento” divino que lhe ordenava denunciá-la e mostrando crassa falta de interesse na “limpeza da congregação”? As Escrituras dizem que ele foi motivado a isso porque “era justo”.²³ Ao aliviar José de sua apreensão, assegurando-o da castidade de Maria, Deus não o reprovou por sua atitude compassiva.²⁴

O Filho de Deus também deixou claro que nem toda transgressão precisava ser levada aos juizes, falando de circunstâncias em que o transgressor podia evitar isto por chegar a um acordo com seu

²² Levítico 24:10-14; Deuteronômio 13:6-11; 17:2-7; 21:1-9; Zacarias 13:2-6. Geralmente, os que sabiam de tais crimes deviam não só servir de testemunhas, mas também ser os primeiros a atirar pedras para executar a tais.

²³ Mateus 1:19.

²⁴ Mateus 1:20-24.

acusador, mesmo que este estivesse a caminho do juiz para levar a acusação.²⁵ Ele, coerentemente, exortou aqueles contra quem se tinha pecado a tomar a iniciativa, não de relatar o assunto a um corpo judicativo, mas de abordar aquele que tinha pecado e empenhar-se em fazê-lo reconhecer o erro, dizendo, se o conseguisse, “ganhaste o teu irmão” — isto sem intervenção de outros, inclusive de anciãos. Apenas se não tivesse êxito ele buscaria a ajuda de “mais um ou dois” e nada se diz sobre estes serem anciãos. Se esta tentativa também falhasse é que o ato pecaminoso do transgressor seria trazido perante a congregação.²⁶

Jesus expôs vigorosamente o erro da rigidez típica da atitude legalista em servir a Deus. Mostrando que o objetivo da lei era *beneficiar* o homem, não ser um fardo cansativo nem o restringir em mostrar compaixão, ele disse aos acusadores que “o sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado.”²⁷ Ele recordou aos legalistas religiosos o relato em que Davi entrou no tabernáculo e recebeu dos “pães da proposição”, sagrados, para alimentar seus homens, pães “os quais não lhe era lícito comer, nem a ele nem aos que com ele estavam, mas exclusivamente aos sacerdotes”.²⁸ Ele tampouco descreveu Davi como ‘vindo a estar sob uma maldição de Deus’ por fazer isto, nem descreveu o sacerdote na ocasião como relapso em cumprir o “juramento” de manter a congregação limpa por não fazer uma acusação contra Davi. Do mesmo modo, não elogiou a ação de Doegue, o edomita, que *prontamente* relatou o fato ao chefe da nação, Saul, o que resultou na sentença de morte de 85 sacerdotes e na matança das pessoas na cidade deles.²⁹ Em vez disso, Jesus usou o relato como base para dizer aos líderes religiosos: “Se vocês soubessem o que significam estas palavras: ‘Desejo misericórdia, não sacrifícios’, não teriam condenado inocentes.”³⁰

²⁵ Mateus 6:23-25.

²⁶ Mateus 18:15-18.

²⁷ Marcos 2:27, *BJ*.

²⁸ 1 Samuel 21:1-6; Mateus 12:1-4, *ARA*.

²⁹ 1 Samuel 21:7; 22:9-19.

³⁰ Mateus 12:7, *NVI*.

“Como cristãos”, “exonerados da Lei” e não mais “escravos no velho sentido, pelo código escrito”, estamos livres para ser guiados pelo exemplo de Cristo e pela lei da fé e a lei real do amor ao tomar decisões nesta área.³¹ Temos a garantia apostólica de que “aquele que ama o seu próximo tem cumprido a Lei”, e que não só os mandamentos sobre adular, matar, furtar, cobiçar, mas “*qualquer outro mandamento*”, todos se resumem neste preceito: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo.’ O amor não pratica o mal contra o próximo. Portanto, o amor é o cumprimento da Lei.”³² Estamos livres para usar nosso discernimento quanto a que atitude trará maior benefício — para os transgressores e para outros que sejam afetados. Certamente há na vida assuntos de tão grave consequência — que implicam em agir de modo duro e descortês ou indicam um *potencial* de sérios danos — que, conscientes destes, nos sentiremos movidos a torná-los conhecidos a outros. Mas não estamos presos a regras inflexíveis, postos sob um “juramento”, que nos faça de modo automático e compulsório expor as faltas de outros. Somos encorajados a ‘confessar os nossos pecados *uns aos outros*’, não a um tribunal eclesiástico; *cada um* de nós, não apenas os homens que detêm uma designação organizacional, é exortado a fazer o que puder para ajudar e curar os que se desviaram da verdade e caíram no erro, fazendo isso com uma atitude misericordiosa para com a pessoa, embora detestando os erros em si.³³

A rígida norma decretada, no final das contas, funciona na prática contra as pessoas que caem em erro. A pessoa que comete um pecado sério pode sentir ardentemente a necessidade de ajuda para evitar errar de novo. Mas uma Testemunha não pode sequer ir a um amigo de sua congregação para falar sobre seu ato pecaminoso sem a mínima garantia de que o que disser a seu amigo será mantido em confidência. Os textos que falam contra ‘revelar palestra confidencial’ não são aceitos neste caso, e a declaração de que “o verdadeiro companheiro está amando todo o tempo e é um irmão nascido para quando há aflição” torna-se também sem efeito, vazia de significado.³⁴ Mesmo

³¹ Romanos 7:6.

³² Romanos 13:8-10, *NVI*.

³³ Tiago 5:16, 19, 20; Judas 22, 23.

³⁴ Veja Provérbios 11:13; 25:19; 17:17.

que aquele que pecou tenha feito oração a Deus mediante Cristo e buscado o perdão, isto não basta para garantir-lhe a confiança. Se é algo que a organização classifica como “pecado sério”, suas autoridades têm de ser informadas e o tribunal eclesiástico tem de decidir se medidas devem ou não ser tomadas. As Testemunhas são ensinadas a achar que não estão mostrando amor se deixarem de delatar concrentes que não foram às autoridades para falar de seus erros pessoais. As Testemunhas que erram são informadas de que podem falar aos anciãos, “confiantes em que eles cuidarão do problema de maneira bondosa e compreensiva”.³⁵ Enquanto eu estava no Corpo Governante, um quadro bem diferente do retratado acima chegou através de declarações do Departamento de Serviço da sede mundial. Estas citavam superintendentes viajantes que diziam acreditar que a grande maioria (alguns davam dados de 70% ou mais) dos anciãos não estavam qualificados para servir em funções judicativas. Estou certo de que alguns anciãos merecem a confiança descrita nas publicações da Torre de Vigia. Mas a experiência real mostra que a aderência à norma da organização vem em primeiro lugar para a grande maioria destes homens, e que o legalismo, com excessiva frequência, bloqueia os naturais sentimentos de compaixão que de outra forma poderiam ter.

Ilustrativo do modo como as ações privadas das Testemunhas são monitoradas de perto pelos anciãos “leais”, homens impelidos a impor o “grande conjunto de leis teocráticas”, é o caso de Rud Persson e sua esposa. Rud foi batizado como Testemunha de Jeová em 1959. Em janeiro de 1986, ele e a esposa refletiram mais seriamente sobre a mensagem de Cristo Jesus na parábola do “bom samaritano” do que haviam feito no passado. Especialmente comovidos pela situação de fome na Etiópia, eles pagavam uma pequena taxa anual de filiação à Cruz Vermelha, de modo a obter informações sobre vários projetos de emergência, dentre os quais podiam escolher para contribuir com alguma modesta ajuda. Rud não esperava que isso lhe trouxesse problemas. Sua própria mãe, Testemunha convicta, tinha se

³⁵ Citação da legenda que acompanha a gravura na página 15 de *A Sentinela* de 1º de setembro de 1987.

beneficiado da ajuda aos inválidos da Cruz Vermelha Sueca após tornar-se permanentemente enferma.

Meses depois, em maio daquele ano, o superintendente presidente da congregação local abordou Rud e indagou-lhe se tinha ingressado na Cruz Vermelha. Rud esperava uma conversa amigável, mas ao confirmar que tinha se tornado membro o superintendente encerrou o assunto e não fez mais perguntas.

Só depois Rud descobriu que uma “investigação” já se iniciara antes dessa conversa. Um ancião, tendo ouvido um rumor de que Rud se filiara à Cruz Vermelha, relatou o assunto ao corpo de anciãos, os anciãos haviam discutido a respeito e tinham até contatado o superintendente de circuito da região, Gert Andersson, em busca de conselho. Por quê? Achavam que Rud podia ter “violado sua neutralidade” com respeito à guerra (como já vimos, muitas vezes expresso como tendo “violado Isaías 2:4”). Os anciãos, em 19 de junho de 1986, escreveram à filial da Torre de Vigia na Suécia, indagando se era aconselhável chamar Rud perante uma comissão judicativa para saber se violara sua neutralidade cristã. A filial respondeu enviando uma cópia da carta deles ao superintendente de circuito Andersson, dizendo que pesquisariam o assunto e possivelmente pediriam conselho ao Corpo Governante em Brooklyn. Finalmente, em 15 de outubro de 1986, enviaram ao superintendente presidente da congregação, Mats Norsund, a carta que aparece aqui.³⁶

³⁶ Esta carta foi escrita em sueco. O que aparece aqui é uma tradução. Uma cópia do original em sueco está no arquivo da Commentary Press.

BIBEL-ÖCH TRAKTATSÄLLSKAPET VAKTTORNET

Caixa 5, S-732 00 ARBOGA, SUÉCIA

SR:SL 1986-10-11

Mats Norsund

Brohuset 1019

Prästmöllan

260 70 LJUNGBYHED

Ao corpo de anciãos da Congregação Perstorp

Prezados irmãos,

Estamos lhes escrevendo agora com respeito à informação que forneceram à Sociedade de que o irmão Rud Persson tornou-se membro da Cruz Vermelha.

Passamos o assunto para os irmãos em Brooklyn para saber a opinião deles quanto a ingressar em organizações desse tipo. Os irmãos nos advertiram que, mesmo que a Cruz Vermelha em certos países preste serviços que possam ser necessários localmente, ela ainda aplica os princípios da Cruz vermelha Internacional, com sede na Suíça. Afirma-se que o propósito da organização é aliviar as dificuldades e sofrimentos humanos, mas devemos, não obstante, recordar que a organização teve sua origem nos campos de batalha. Ela realiza grande parte de sua obra direta ou indiretamente em conflito com o pensamento delineado em Isaías 2:4. Além disso, a organização é um dos maiores fornecedores mundiais de sangue para transfusões. Está também envolvida nas questões políticas e amiúde atua como mediadora entre nações em guerra.

Conseqüentemente, é bom considerar no seu todo aquilo em prol de que trabalha uma organização e compará-lo com a neutralidade cristã que o povo de Deus deve mostrar. Tampouco podemos apoiar o uso errado do sangue. Com certeza, é muito correto tentar aliviar o sofrimento humano, mas não precisamos tornar-nos membros de uma organização mundana para fazer isso, não é verdade? Isto foi considerado de modo bem extenso em A Sentinela de 1º de outubro de 1986, pp. 22-24.

Também vem ao caso a motivação da pessoa em ingressar numa organização. Por que deseja ela ingressar numa determinada organização? Aprova ela aquilo que a organização representa? Pode acontecer

que alguém se torna membro passivo de tal organização a fim de habilitar-se para um curso de primeiros socorros. Nada mais se exige da pessoa. Um cristão pode achar que sua consciência permite isto. Por outro lado, se alguém diz que defende tudo que é visado pela organização, então, é claro, seus privilégios na congregação seriam afetados. Se alguém se torna membro e apóia ativamente, por exemplo, o programa mundial de sangue patrocinado pela Cruz Vermelha, isso pode levar à desassociação.

Deste modo, no caso de vocês, recomendamos que conversem com o irmão Rud Persson sobre isto e examinem quais os motivos dele para ingressar na Cruz Vermelha. Tem ele a opinião de que o que esta organização defende é bom e apropriado? Tem ele conhecimento do programa dela em apoio às transfusões de sangue? E da atividade dela como mediadora entre as nações? Quando conversarem com ele extensamente a este respeito e ouvirem sua reação, queiram novamente se comunicar conosco de modo que possamos visualizar o que ele pensa a este respeito e se quer continuar a ser membro da Cruz Vermelha. Qual é a atitude dele para com os alimentos que contêm sangue, servidos nas escolas? E celebrações de aniversário e assim por diante, relacionadas com atividades escolares? Mencionamos isto por que o irmão Gert Andersson fez comentários sobre isto a respeito dos filhos do irmão Rud Persson.

Unidos com os irmãos em publicar as boas novas do reino, enviamos nosso amor cristão e cumprimentos cristãos.

Seus irmãos

BIBEL-ÖCH TRAKTATSÄLLSKAPET VAKTTORNET

(selo)

Anex. trecho da The World Book Encyclopedia

cc: Gert Andersson _____

Durante todo este tempo, desde maio, quando o superintendente indagou se Rud tinha ingressado na Cruz Vermelha até então, outubro, nada tinham dito a ele sobre esta investigação. O pai e o irmão mais novo de Rud eram do corpo de anciãos, mas nada disseram a ele,

achando sem dúvida que o princípio da confidência não permitia que ele fosse informado de que podia enfrentar uma audiência judicativa. Todavia, quando receberam a carta de 15 de outubro da filial, os anciãos, tendo de novo consultado o superintendente de circuito, agiram rapidamente. Em 18 de outubro, o superintendente presidente ligou para Rud informando-o de que a Sociedade queria que ele respondesse cinco perguntas na presença de dois anciãos; perguntou também se a esposa de Rud se tornara membro da Cruz Vermelha.

Na reunião, pediram a Rud para responder cinco perguntas:

- 1) Qual é o seu motivo para ingressar na Cruz Vermelha?
- 2) É você de opinião que a Cruz Vermelha defende o que é bom e apropriado?
- 3) Está ciente do programa de transfusões de sangue da Cruz Vermelha?
- 4) Está ciente de que a Cruz Vermelha está envolvida na mediação entre as nações?
- 5) Pretende continuar como membro da Cruz Vermelha?

Em essência, suas respostas foram estas:

- 1) Seu motivo era ser informado de projetos de socorro da Cruz Vermelha e fazer contribuições apropriadas. Citou para os anciãos um artigo na *Despertai!* de 8 de dezembro de 1977, o qual, embora apresentasse muitos fatores negativos sobre as organizações de caridade, afirmava que não era necessariamente errado contribuir para elas. Disse também que achava esta questão análoga à posição com respeito aos sindicatos e certos tipos de emprego, em que os fatores negativos eram vistos como contrabalançados pelos positivos.³⁷
- 2) Sua resposta à segunda pergunta era que ele simpatizava com a ajuda imparcial prestada pela Cruz Vermelha aos necessitados, e achava que isso era bom e apropriado. Chamou então a atenção dos anciãos para esta declaração do número de *A Sentinela* de 1º de junho de 1918:

³⁷ Veja *A Sentinela* de 15 de julho de 1961, página 448; *Despertai!* de 8 de dezembro de 1977, páginas 27-29; *A Sentinela* de 15 de janeiro de 1983, página 26.

“Um cristão que tenha conhecido o ponto de vista pervertido de que a obra da Cruz Vermelha é apenas de ajudar a obra de matar, que é contra a consciência dele, não pode ajudar a Cruz Vermelha; ele então adquire o ponto de vista mais amplo de que a Cruz Vermelha corporifica o socorro aos desamparados, e descobre-se capaz e desejoso de ajudar a Cruz Vermelha segundo sua capacidade e oportunidade.”

Acrescentou que achava esta mudança de um “ponto de vista pervertido” para um “ponto de vista mais amplo” era ainda mais justificado atualmente.

3) Com relação às transfusões de sangue, destacou que na maioria dos casos as transfusões são feitas em hospitais, e que achava improvável que a Sociedade boicotasse os hospitais por causa do grande uso que fazem do sangue. Muitas Testemunhas trabalhavam em hospitais que têm “programas de sangue”. Recordou aos anciãos a norma da Sociedade pela qual um médico Testemunha pode administrar uma transfusão de sangue a um paciente não-Testemunha que a peça, sem ficar sujeito a uma ação judicativa.³⁸

4) Quanto à alegada mediação entre as nações, ele afirmou que a Cruz Vermelha não é política, sendo seu papel como mediadora restrito unicamente às questões humanitárias. Mais uma vez ele usou a analogia dos sindicatos, organizações “mundanas” às quais pertencem milhares de Testemunhas. Em contraste com a Cruz Vermelha, os sindicatos estão amiúde empenhados na atividade política, e, no entanto, a Sociedade não condena que se faça parte deles.

5) Quanto a se ele pretendia permanecer como membro da Cruz Vermelha, declarou que pelo que ele podia entender, isto estava em harmonia com as publicações da Sociedade. Disse que a pergunta não fazia sentido, a menos que primeiro se comprovasse que o fato de ser membro era incompatível com o cristianismo. Não tendo recebido informação alguma neste sentido, ele não via nenhum conflito de interesses.

Vale a pena constatar a fonte das perguntas feitas a Rud Persson. Estas foram fornecidas aos anciãos locais pela filial da Sociedade Torre de Vigia na Suécia, e os membros da filial disseram ter recebido diretrizes sobre o assunto do Corpo Governante em Brooklyn. Deve-se

³⁸ Veja *A Sentinela* de 1º de junho de 1965, páginas 330, 331.

presumir que a informação suprida pela filial em sua carta aos anciãos trazia as diretrizes desse Corpo Governante. Também é digno de nota que a informação deles foi causa para inúmeras distorções e raciocínios superficiais.

Os anciãos transmitiram as respostas de Rud à filial junto com um relatório contendo alegações desfavoráveis a ele, que envolviam até a situação escolar de seus filhos. Não lhe forneceram uma cópia, mas ele conseguiu uma e enviou uma refutação detalhada de cada uma delas à filial.

Passaram-se meses sem nenhuma palavra da filial. Afinal, em 8 de abril de 1987, Rud telefonou para a filial e falou com os dois membros da Comissão de Filial, Ake Carlsson e Rune Grahm. Carlsson disse rindo que ‘a organização não pode dizer aos amigos o que fazer com relação a um assunto destes’. (Compare a nítida diferença entre esta retratação e o que realmente dizia a carta enviada pela filial aos anciãos da congregação.) Rune Grahm disse que nenhuma ação seria tomada contra Rud e que a sede da Sociedade indicara que fazer parte da Cruz Vermelha só podia acarretar conseqüências quanto a um homem ocupar cargo de ancião ou servo ministerial na congregação. Ele comparou isso à questão de deixar crescer a barba.³⁹

Após aguardar mais um mês por alguma declaração do corpo de anciãos local, Rud informou a seu irmão, ancião, sobre a conversa que tivera com os homens da filial. Descobriu que os anciãos locais nunca receberam qualquer resposta à carta que enviaram à filial. Para mérito deles, alguns expressaram alívio em saber o que os homens da filial tinham dito. Pessoalmente, Rud achou inacreditável que uma organização professamente cristã pudesse recorrer a estas táticas, submetendo alguém a tal escrutínio e interrogatório simplesmente por ter se sentido motivado pelo que leu em Lucas 10:29-37 a empenhar-se em atividades humanitárias.

Estou inclinado a crer que poucas Testemunhas estariam equipadas para dar resposta tão hábil quanto a que foi dada por este sueco. Sem

³⁹ A norma geralmente adotada é de que não se deve tomar nenhuma medida quando um varão Testemunha deixa crescer a barba, mas os anciãos podem decidir se ele se qualifica para responsabilidades organizacionais.

esta, poderia muito bem ter enfrentado uma ação de desassociação por ter “violado sua neutralidade”, com base na alegação totalmente falsa da organização de que a Cruz Vermelha “realiza grande parte de sua obra direta ou indiretamente em conflito com o pensamento delineado em Isaías 2:4”.

No “berço da democracia”

Nada talvez ilustre mais claramente os extremos a que pode levar o zelo de espionar e tratar sumariamente qualquer discordância ou descontentamento do que o que aconteceu em Atenas, Grécia, a terra chamada de “berço da democracia”. Em 1986, houve uma forte pressão da organização sobre George Christoulas, de Atenas. Ex-pioneiro especial e arquiteto, George participara do projeto de vários edifícios da filial. Como Testemunha ativa, ancião antigo e bom erudito bíblico, ele era conhecido e respeitado em todo o país. Mas o fato de não poder conscienciosamente apoiar certos conceitos e ensinamentos da organização lhe trouxe crescentes pressões e críticas. Convencido de que visavam sua desassociação, ele e a esposa viajaram aos Estados Unidos. Ele conhecia pessoalmente vários membros do Corpo Governante e, conforme dizia, esperava conversar com pelo menos alguns deles e ver se conseguiam reconhecer a necessidade de fazer ajustes para evitar as injustiças que ocorriam, não apenas no seu próprio caso, mas de modo geral. Disse duvidar que teria êxito, mas achava que tinha obrigação de pelo menos tentar.

Consegui falar com o membro do Corpo Governante Lyman Swingle (os dois casais foram jantar num restaurante), mas quando falou de suas preocupações — quanto às exigências da organização da total aceitação de todos os seus ensinamentos e a condenação de qualquer discussão franca entre os membros — a única reação de Swingle foi implorar: “George, não abandone a Jeová!” Após ouvir isto várias vezes durante a conversa, a esposa de George, Hamboulla, finalmente falou: “Mas, irmão Swingle, a questão é exatamente esta. *Não queremos* abandonar a Jeová. Queremos mostrar que pomos a lealdade a Jeová, a Jesus Cristo e à Palavra de Jeová acima da lealdade a palavras de homens ou organizações humanas. Esse é *todo o motivo* de nossa preocupação.” Apesar disso, as perguntas deles ficaram sem resposta, talvez porque o próprio membro do Corpo Governante sabia que estas perguntas eram — do ponto de vista da organização —

irrespondíveis. George falou também com Ted Jaracz, membro do Corpo Governante, sobre a insistência infundada em 1914. A única reação de Jaracz foi dizer sorrindo: “George, as datas não são importantes. O importante é pregar as boas novas.” George comentou que quando voltou à Grécia, a primeira edição de *A Sentinela* que saiu trazia um artigo destacando a importância vital de 1914!⁴⁰

Após seu retorno, George foi desassociado, sem estar presente à audiência. Embora *oficialmente* excluído, ele viu-se quase inundado de visitas e indagações por parte de pessoas da comunidade das Testemunhas que tinham preocupações similares. Reconhecendo a necessidade de manter a espiritualidade, estas pessoas começaram a reunir-se para ler e considerar a Bíblia. A filial da Torre de Vigia em Atenas tomou conhecimento da crescente assistência a estes encontros, como indicaram os eventos subseqüentes.⁴¹

Na terça-feira, 6 de abril de 1987, um grupo de cerca de 50 pessoas reuniu-se no lar de Nick e Eftihia Bozartzis para uma discussão bíblica. De sua varanda, Nick percebeu dois homens na rua, em pé e observando as pessoas que entravam em sua casa, algumas das quais não se tinham retirado oficialmente da organização. Reconhecendo que um dos observadores era Testemunha, ele desceu para falar com eles, mas tão logo apareceu no nível da rua eles literalmente correram. Poucos dias depois, três dos que assistiam às reuniões foram desassociados pelos anciãos em comissões judicativas.

Na sexta-feira, outros iam normalmente à casa de Voula Kalokerinou, uma ex-Testemunha, mas visto que planejavam reunir-se para celebrar a ceia noturna do Senhor no domingo, a reunião na sexta-feira, 9 de abril, foi cancelada. Naquela sexta-feira à noite, contudo, Voula notou um carro com cinco pessoas estacionado em frente à sua casa no outro lado da rua, e seus ocupantes ali permaneceram durante horas. O mesmo ocorreu na noite seguinte.

⁴⁰ Veja *A Sentinela* de 1º de abril de 1986, páginas 30 e 31, que alista a crença na importância dessa data como um dos “ensinos singulares” das Testemunhas de Jeová que as pessoas só podem rejeitar sob pena de serem desassociadas.

⁴¹ É interessante que se as pessoas que deixam a organização Torre de Vigia não fazem reuniões regulares, são criticadas por não obedecerem a Hebreus 10:25, se fazem reuniões são acusadas de ‘formar uma nova organização’.

Pode-se pensar que atribuir motivações sinistras a tais circunstâncias, vendo-as como evidência de “espionagem” destinada a identificar “desertores” e fornecer base para ação judicativa contra estes, seria fruto da imaginação, manifestando certo grau de paranóia. Os acontecimentos seguintes demonstraram o contrário.

No domingo seguinte, 11 de abril, várias pessoas foram à casa de Voula para comemorar a morte do Filho de Deus em favor de toda a humanidade. Ela observou um carro desconhecido parado no outro lado da rua, na esquina, e um furgão parado na outra esquina. A janela de trás do furgão estava tapada com papel, mas tinha um buraco no centro. Os ocupantes do carro foram até o furgão várias vezes, conversando com os que lá estavam. Voula pediu a um dos que tinham vindo à sua casa para descobrir por que os carros estavam parados ali. Quando ele se aproximou do carro, este saiu em disparada. Foi então até a traseira do furgão e olhou através do buraco no material que tapava a janela. Lá dentro, viu um equipamento de vídeo sendo usado por duas Testemunhas, um ancião chamado Nikolas Antoniou, e um membro do pessoal da filial da Torre de Vigia em Atenas, Dimitre Zerdes. Várias pessoas saíram da casa de Voula e vieram até o furgão, quando um policial de guarda na embaixada italiana próxima apareceu para saber qual era o problema. As Testemunhas do furgão conseguiram dirigir através do grupo que o cercava até um parque próximo, onde começaram imediatamente a descarregar seu equipamento de vídeo. Foram interrompidos pela chegada de dois carros da polícia e detidos por invasão de privacidade. O equipamento de vídeo foi confiscado. A fita mostrava a casa da Sra. Kalokerinou com tomadas de longa distância da porta da frente com closes de todos os que entravam.

Diante do promotor distrital, os dois homens declararam que estavam lá apenas para filmar uma parenta de Dimitre Zerdes, o membro do pessoal da filial. Sua prima, Eftihia Bozartzis, já mencionada, se dissociara dois anos antes. Como Testemunha “leal”, o membro da filial, Dimitre, não devia ter nenhum interesse nela, e certamente não devia ter motivo para querer filmá-la secretamente dois anos após a dissociação dela.

O caso eventualmente foi a julgamento. Em sua declaração no final do julgamento, o promotor distrital, Sr. Kontaxis, afirmou:

Não creio que exista alguma organização cristã que mande que seus membros mintam, mas quando o acusado e sua organização fazem isso, eu desejaria que admitissem a responsabilidade e dissessem: “Sim, nós espionamos.” E se uma organização fez tal coisa, como podemos então esperar que outros a sigam? Eles tinham e usaram equipamento especial, com testemunhas que os viram filmando, e assim mesmo o acusado vem e diz que não fez isso para espionar, mas apenas para filmar. Nada disto recomenda o acusado ou a organização à qual ele pertence.

Somos todos livres para pertencer à organização que quisermos, mas somos também livres para deixar essa organização e fazer o que quisermos dentro dos limites da lei.... Será que o fato de uma pessoa deixar, abandonar esta organização, dá a esta o direito de seguir e espionar seus membros? A lei dá proteção contra uso de cassetes, gravadores de fita, filmagens, quando estes são utilizados para espreitar a vida das pessoas. Trata-se do princípio da CONFIDÊNCIA, que dá direito à proteção em tais casos, e isto inclui as convicções íntimas das pessoas. Isto é muito grave. Os acusados, obviamente, estavam tentando esmiuçar a vida particular dos querelantes com o uso de equipamento de vídeo, e isto propositalmente, não por acaso.

A Sociedade Torre de Vigia, por ensinar que é a “arca”, e que se deve ingressar nela para ser salvo e por ensinar que é o canal de Deus, gera uma tremenda dependência em seus membros, que são assim orientados a fazer tudo para ameaçar e pisotear aquilo que chamamos de direitos humanos.

Durante o julgamento, um dos juízes perguntou ao ancião Testemunha, dono do furgão, por quanto tempo ele e as outras Testemunhas tinham ficado dentro do furgão naquele dia. A resposta foi: seis horas. Quando perguntou se as janelas estavam claras, o ancião respondeu que não, que a janela de trás estava coberta com papel e tinha um buraco no centro por meio do qual eles tinham filmado com a câmara de vídeo. Alegou que tudo isso foi só para filmar o acompanhante de sua parenta. O filme confiscado mostrava closes de muitas pessoas na entrada da casa e na varanda, mas a parenta dele não aparecia em parte alguma da fita. De fato, não podia ter aparecido — pela simples razão de nunca ter estado na reunião! O veredicto do tribunal foi de culpa.

Ironicamente, no ano seguinte, a revista *Desperta!* trouxe um artigo criticando a intolerância dos representantes da Igreja Ortodoxa Grega por pressionarem os responsáveis por um estádio esportivo a cancelar seu contrato com as Testemunhas de Jeová, que iam realizar um congresso no estádio.⁴² O artigo condenava, com razão, este tratamento injusto de “cristãos pacíficos e obedientes às leis”, e apontava para as garantias constitucionais de liberdade de adoração e consciência religiosa, citando a decisão de um tribunal de que “a liberdade de a pessoa expressar suas crenças religiosas é mais especialmente salvaguardada pelo... Tratado de Roma, de 11 de abril de 1950, ‘sobre a proteção dos direitos humanos’”. Após dizer que “a liberdade do povo grego foi mais uma vez pisoteada, graças à mentalidade obscurantista dos clérigos”, o artigo acrescentou: “Quão triste é ver tal desprezo pela democracia ser praticado no ‘berço da democracia.’”

Posso concordar com esta condenação de “extrema intolerância e fanatismo” e lamento que as Testemunhas tenham sofrido esta injustiça. O que igualmente lamento, porém, é que a organização enxergue a injustiça quando cometida por outros, proteste contra ela quando praticada contra seus próprios membros em violação ao seu exercício da liberdade de consciência, e todavia, não enxergue quando ela é culpada da mesma coisa. A Torre de Vigia nunca falou contra a mentalidade obscurantista que seus próprios representantes, no “berço da democracia” manifestaram, espionando secreta e ilegalmente cristãos pacíficos e obedientes às leis, que se reuniam com o único objetivo de comemorar a morte do Filho de Deus. A presença de um membro do pessoal da filial no furgão, utilizado claramente para espionar, indica que a administração da filial estava ciente do que se fazia e aprovava isso, ou no mínimo, fechava os olhos. Mas a organização não informa disto seus adeptos, não publica declarações de condenação a tais práticas e, enquanto as Testemunhas de todo o mundo liam sobre as ações do clero ortodoxo grego, nenhuma delas, fora da Grécia, soube das ações dos representantes da Torre de Vigia naquele país.

Até hoje, em todos os países, quaisquer pessoas entre as Testemunhas de Jeová que descubram que não podem

⁴² Veja a *Desperta!* de 22 de novembro de 1988, página 9-11.

conscientiosamente apoiar plenamente os ensinamentos e práticas da organização, vivem num clima de medo, sentindo que devem constantemente se policiar quanto ao que dizem, o que fazem, o que lêem, com quem se associam, de quem recebem cartas, não tendo qualquer sensação de segurança mesmo entre amigos pessoais ou parentes próximos, se estes forem também Testemunhas. Como já dissemos, em minha experiência pessoal, tive contato por telefone com pessoas que tinham medo de dar seus nomes ou que achavam necessário usar nomes fictícios, e alguns que acharam necessário até adquirir uma caixa postal especial para poderem corresponder-se sem perigo de sua correspondência comigo ou outras ex-Testemunhas ser descoberta. Enfrentam uma situação como se fossem “reféns”, criada pelo poder da organização de cortar todas as suas contatos futuros com a família e os amigos que estão sujeitos à autoridade dela. O único modo de evitar isto é acatar os termos decretados pela organização.

Não há exagero no quadro descrito. As experiências aqui relatadas são só uma pequena fração de tudo que se poderia contar, pois encheriam um livro inteiro. Estas exemplificam o raciocínio e a atitude criados por uma organização que se dispõe a usar algo equivalente ao “controle do pensamento” para manter um ambiente “esterilizado” entre seus membros. Ensinos bem fundamentados, sólidos, não precisam deste ambiente esterilizado — onde a discussão franca é tachada de heresia, traição — a fim de sobreviver. A verdade tem força para confrontar o erro. Seu valor e solidez terminam sendo realçados por tais confrontos. Só os ensinamentos frágeis, sem base firme, é que não têm capacidade de resistência, de modo que para sobreviver exigem proteção para não se exporem a um teste de sua força.

A dura realidade da situação revela espantosamente a falsidade das declarações de relações públicas, cujos representantes, quando entrevistados pelos órgãos noticiosos, expressam a dificuldade de entender ‘por que alguém estaria preocupado com represálias’, ‘por que os que discordam simplesmente não partem em silêncio’, que insistem que não há nenhuma “estigmatização”, nenhum “fustigamento emocional” nesta “organização bem aberta”, que está livre de “policiais espirituais”. Há centenas, milhares de pessoas que sabem como estas declarações são contrárias aos fatos. Sabem que expressar qualquer discordância, mesmo que de modo respeitoso, ou empenhar-

se em qualquer debate de uma opinião divergente de algum ensino da organização, ainda que em conversa particular entre amigos íntimos, leva a investigação e julgamento por uma comissão judicativa. Sabem que é quase impossível retirar-se em silêncio, e que a idéia, de fato, é: “Você não pode sair, nós devemos expulsá-lo.” Por quê? Porque fazendo assim, a pessoa que tem preocupações conscienciosas quanto à conduta e aos ensinamentos da organização é então posta numa “zona proibida” a todos os demais membros. Não há o perigo de que estes membros conversem com tais pessoas e comecem a pensar em assuntos que a organização declara serem impensáveis.

Ao contrário do pastor que deixa as noventa e nove ovelhas para ajudar a perdida, que paciente e gentilmente trata e afaga a ovelha doente, os esforços feitos pelos anciãos Testemunhas nestas situações são muitas vezes em forma de confronto. Quando usam as Escrituras, fazem-no de modo acusatório, não de um modo que cure. “Você aceita ou não aceita a organização como o único canal de Deus?”, é sempre e praticamente a única pergunta feita, a questão primordial que determina o resultado do interrogatório, o critério por meio do qual se julga a condição cristã da pessoa. Daí resulta uma situação estranha, como se os pastores dissessem ao rebanho:

Se alguma de vocês ovelhas não gostar do modo como a alimentamos e pastoreamos, é inteiramente livre para sair. Aquela que quiser ir, no entanto, deve vir até nós para que antes a marquemos como rejeitada e a borrifemos com uma substância que tem o odor dos lobos, de modo que o rebanho possa identificá-la e evitá-la. E queira ter a decência de sair em silêncio e sem dar qualquer berro.

“Contra a lei”, de modo diferente

A Palavra de Deus serve para expor aquilo que de outro modo ficaria oculto. Revela os erros dos que, iguais aos fariseus, pareciam puros e santos, inculpes segundo a lei, mas que mereciam a firme denúncia feita pelo Filho de Deus por sua atitude desamorosa, insensível e arrogante. Ele disse que pareciam sepulcros caiados. Estes podem parecer belos por fora, mas por dentro todos eles continham ossos de mortos e impurezas. A justiça dos fariseus era superficial; fazia-os parecer bons diante de outros, mas encobria a hipocrisia e o que era

contra a lei.⁴³ Destacando que a aparência externa e a sujeição à lei pouco faziam em favor da genuína justiça, Jesus Cristo mostrou que a questão vai bem mais fundo do que aparece na superfície. Advertiu que um adultério pode ser cometido sem sequer se tocar numa mulher, por meio da cobiça do coração da pessoa. Seu discípulo João deixou claro que alguém pode ser assassino sem derramar sangue de ninguém, por causa do ódio homicida no coração. O apóstolo Paulo afirmou que a pessoa pode ser idólatra, mesmo sem ter imagens literais para adorar, por ter cobiça e ganância no coração.⁴⁴

Parece que Paulo tinha em mente estes princípios, quando escreveu estas palavras em Romanos 2:17-24:

Ora, você leva o nome de judeu, apóia-se na Lei e orgulha-se de Deus. Você conhece a vontade de Deus e aprova o que é superior, porque é instruído pela Lei. Você está convencido de que é guia de cegos, luz para os que estão em trevas, instrutor de insensatos, mestre de crianças, porque tem na Lei a expressão do conhecimento e da verdade. E então? Você, que ensina os outros, não ensina a si mesmo? Você, que prega contra o furto, furta? Você, que diz que não se deve adulterar, adultera? Você, que detesta ídolos, rouba-lhes os templos? Você, que se orgulha da Lei, desonra a Deus, desobedecendo à Lei? Pois, como está escrito: “O nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa de vocês.” — *Nova Versão Internacional*.

Estou grato, num aspecto, pelo que passei dentro da organização das Testemunhas de Jeová e em seu Corpo Governante. Duvido que teria apreciado plenamente o valor e a importância dos ensinamentos bíblicos em todas estas questões se não tivesse visto de modo tão pessoal o efeito da atitude legalista para com o cristianismo. Jamais teria percebido como se pode produzir uma moralidade superficial que, não obstante, dá margem a ações que não só são implacáveis, mas às vezes extremamente cruéis. Agora, contudo, posso entender como se podem igualmente aplicar hoje as palavras do apóstolo. Entendo hoje como é que uma organização pode alegar ser o “Israel espiritual”, formado de “judeus” em sentido figurativo, pode proclamar mundialmente que ela, e só ela, recebe o favor de Deus, conhece Sua vontade e Sua lei, é o

⁴³ Mateus 23:27, 28.

⁴⁴ Mateus 5:27, 28; 1 João 3:15; Colossenses 3:5.

guia designado por Ele para conduzir as pessoas da escuridão para a luz da verdade, uma organização que chama grande atenção dizendo tornar conhecido o nome de Deus por toda a terra — como é que tal organização pode, não obstante — ser culpada de agir contra a lei de forma tão séria que resulta em causar desonra ao mesmo nome que ela afirma honrar.

O problema *não* é que haja *roubo de objetos materiais*. Mas roubam-se coisas de valor muito maior. O fato é que homens e mulheres que genuinamente amam a Deus, Seu filho e Sua Palavra e que discordaram conscienciosamente de certas leis ou ensinamentos da organização, foram *roubados na influência benéfica* que exerciam sobre amigos e conhecidos, *privados do bom nome e reputação* que tinham, *subtraídos da afeição e respeito* que tinham honestamente granjeado em toda uma vida de serviço consciencioso a Deus e ao próximo, viram até suas próprias famílias afastarem-se deles. Isto tudo, no entanto, tem sido justificado pela “lei” organizacional.⁴⁵

Não houve *nenhum derramamento de sangue, nenhum assassinato literal*. No entanto, pessoas sinceras e inofensivas que buscavam simplesmente se apegar à consciência foram, na prática, ‘*apunhalados pelas costas*’ por acusações injustificadas e até maldosas, sofreram o *assassinato da personalidade*, que os deixou como que *espiritualmente* mortos aos olhos da maioria dos que os conheciam.

Usar a ameaça de desassociação organizacional, com todas as suas conseqüências, intimidar pessoas para que se sujeitem a certa norma quando a consciência delas dita o contrário, ou pressioná-las a professar crença num ensino que elas crêem honestamente ser contrário às Escrituras, é uma forma de *extorsão espiritual, chantagem espiritual*. Interpor um centro de autoridade religiosa como “canal” divino entre as pessoas e Cristo Jesus significa *defraudar* essas pessoas em sua herança espiritual, que é a relação íntima e personalíssima a que eles têm direito com Deus e Seu Filho.

⁴⁵ Num contato vindo do Canadá, George Beech, Testemunha havia 20 anos, mas que fora separado dos filhos e netos, disse que sua atitude para com a organização era: “Podem roubar minha casa, roubar meu dinheiro — mas não roubem minha opinião, minha esposa, meus filhos.”

Estas coisas podem não ser tão fáceis de identificar e expor como roubo e assassinato literais ou fraude e extorsão materiais. São, porém, igualmente imorais, e em alguns casos talvez até mais. Constituem um tipo de violação à lei que desonra seriamente o nome de Deus.

Lamentável zelo mal orientado

Há entre as Testemunhas de Jeová centenas, milhares de pessoas que precisam e se beneficiariam muito de uma ajuda edificante e saudável, que contribuiria para que desenvolvessem energia e compreensão para lidar com os problemas pessoais que afetam seriamente suas vidas. Como discutiremos num capítulo posterior, enquanto há muita exaltação do “paraíso espiritual” supostamente existente dentro da organização internacional, um levantamento na maioria das congregações revelaria que as Testemunhas, como coletividade, de modo algum estão livres da tensão social e dos problemas que afetam as pessoas em geral. Os grandes arquivos na sede da Torre de Vigia em Brooklyn contêm abundante evidência disto, e seu volume cresce a cada ano.

Fala-se muito que a norma de desassociar “pecadores impenitentes” é prova da preocupação em ‘manter a organização limpa’. A simples amputação dos membros doentes de um corpo, contudo, não é sinal de plena saúde e certamente não é prova de que se tem o poder de curar.

Há, com certeza, na comunidade das Testemunhas, anciãos motivados a dar atenção pessoal e ajuda benéfica, que evitam apelar para a ação punitiva, ou simplesmente a dar o tipo de encorajamento e conforto cristãos de que tantos precisam. Há anciãos que corretamente tomam tempo para fazer isso, e que estão espiritual e biblicamente equipados para prover tal ajuda. O fato realmente lamentável é que tais anciãos são bem raros. O próprio sistema, sua visão de si mesmo e o espírito resultante simplesmente não favorecem este tipo de pessoa. O critério para a seleção de anciãos praticamente não leva em conta as desejáveis qualidades mencionadas, concentrando-se mais em quão “ativos” os candidatos são, não em dar bondosa ajuda a outros, mas nos programas da organização. Em resultado, a maioria dos anciãos são ou se tornaram “homens da organização”, preocupados apenas em seguir a linha da organização e em aguilhoar bastante as ovelhas para que sigam essa linha, dando ajuda apenas superficial e muito pouca no

sentido de confortar e revigorar. O sistema religioso os converteu de pastores espirituais em capatazes espirituais. A falha em reconhecer as verdades espirituais de que a salvação cristã não se apóia num programa de obras, que as ações cristãs devem ser espontaneamente motivadas pela fé e pelo amor e não por pressões externas, e que os cristãos não estão debaixo de lei mas debaixo da benignidade imerecida de Deus — é nesta falha que está a raiz do problema.

Não questiono a sinceridade de muitos destes homens. De fato, um número crescente de anciãos Testemunhas foram movidos pela consciência a renunciar aos cargos. Há evidência de que a organização está perdendo muitos de seus homens mais compassivos, e os efeitos em longo prazo não serão bons. Em muitas congregações, um número cada vez maior de homens relativamente jovens se tornam anciãos, o que resulta numa situação como a dos tempos bíblicos, quando o rei Roboão recebeu sábio conselho de moderação dos homens maduros, mas preferiu seguir o dos mais jovens, que eram a favor de uma postura dura, autoritária.⁴⁶

O mesmo ocorre com muitos desses membros de congregações que, por acatarem as normas da organização, cortaram friamente relações com amigos e até com familiares, fazendo-o mesmo quando sabiam que o único “pecado” deles fora o de não poder aceitar conscienciosamente como bíblicos certos ensinamentos ou práticas da organização. Tenho certeza de que muitos fazem isso sofrendo. Entre estes, também, há os que eventualmente começam a se perguntar se esta atitude reflete realmente o exemplo do Filho de Deus.

Em 1985, um casal do Maine, que deixara a vida “hippie” para tornar-se Testemunha, escreveu que tinham sido atraídos à organização por causa da aparente cordialidade e flexibilidade. Foram muitas vezes “pioneiros auxiliares”, deram “100%” de si mesmos em todos os aspectos, de modo que, como diz a carta deles, “logo percebemos que nosso lar nada mais era que um quarto de hotel, um lugar para onde correr após a longa jornada das reuniões, um lugar para uma rápida passada antes de correr para deixar as crianças na escola e sair no serviço.” Nada disto, porém, os perturbava. O que de fato *os perturbou* foram experiências de outro tipo. A esposa escreve:

⁴⁶ 1 Reis 12:3-16.

A primeira foi uma situação ocorrida no serviço: uma irmã Testemunha e eu visitamos um irmão Testemunha agonizante no hospital. Um jovem bem vestido apareceu lá também em visita, e então falamos com ele. Aconteceu que ele era ex-Testemunha, filho do irmão. Em nossa breve (nem é preciso dizer) conversa com ele, mencionou que seu problema tinha sido simplesmente algumas perguntas para as quais queria resposta, e que, após várias reuniões tentando obter respostas, ele fora desassociado. (Isto fora em 1981)

O que agora me espanta, olhando para trás, é que tudo com que a irmã e eu estávamos realmente preocupadas era em parar logo de falar com ele, como “devíamos”. Nem sequer pensei em como ele devia estar se sentindo por causa de seu pai agonizante.

Kim, o marido dela, viu-se forçado a reavaliar seus conceitos com uma Testemunha polonesa que estivera em campos de concentração durante a 2ª Guerra Mundial. Ela perguntou-lhe se podia falar com ele após uma reunião congregacional. A carta relata:

Ela começou a chorar logo no início da conversa. Ela ia de carro para o trabalho todas as manhãs com o filho desassociado, e com todo o “novo entendimento” [a norma mais dura da Sociedade, de 1981, para com os desassociados] ela estava com terríveis problemas no relacionamento com ele. Outro filho dela era ancião da nossa congregação e seguia a linha dura, e outro estava morrendo de câncer. A idéia de rejeitar o filho desassociado era maior do que ela podia suportar.

Meu marido [Kim] comentou depois que se uma organização estivesse realmente ensinando o amor que Cristo nos ensinou a ter, uma situação como aquela jamais teria surgido, por que nesta não havia compaixão.

Depois que a audiência judicativa profere o veredicto de desassociar, a norma organizacional em vigor exige que todas as Testemunhas, mesmo sem ter conhecimento do que foi dito na audiência secreta, participem no “apedrejamento” figurativo do condenado, tratando-o como que morto enquanto estiver na condição de desassociado. Creio que qualquer um que tenha respeito genuíno pelo Juiz celestial e Seu Filho, perante cujo tribunal todos nós teremos de comparecer, devia pensar seriamente na sua responsabilidade individual, quando convidado a atirar sua “pedra” pessoal,

especialmente se tiver no íntimo alguma dúvida quanto ao condenado ser realmente uma pessoa “íniqua”.

Tendo sofrido eu mesmo a experiência de tal “apedrejamento”, creio que posso entender como muitos se sentem. E no entanto, creio que nosso próprio respeito a nossos juízes superiores, Deus e Cristo, bem como nossa própria compaixão e humildade, podem atenuar quaisquer sentimentos de ressentimento que possamos ter. Isto pode muito bem nos fazer acolher as palavras do Filho de Deus e de seu discípulo Estevão e dizer junto com eles: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo.”⁴⁷ Não é que os anciãos congregacionais ou aqueles que são simplesmente membros não sejam pessoalmente responsáveis diante de Deus por suas ações. Eles são, e esta é uma responsabilidade que eles não podem transferir para a organização e seus líderes. Mas o grau de cegueira que os afeta é algo de que não podemos saber, é algo que apenas o Leitor celestial dos corações pode determinar. Pessoalmente, prefiro adotar essa perspectiva; acho a vida mais feliz em resultado disso.

⁴⁷ Lucas 23:34; Atos 3:14-17; 7:60.

12

Doutrinação e Subordinação

A sabedoria, porém, lá do alto, é primeiramente pura; depois pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento. — Tiago 3:17, Almeida Revista e Atualizada.

UMA CARACTERÍSTICA comum dos movimentos de massa, em geral, é que mostram viva preocupação com o indivíduo e com os interesses do indivíduo. Produzem, porém, paradoxalmente, a *subordinação* do indivíduo e o desestímulo ao pensamento individual. A conformidade e a uniformidade são enfatizadas como coisas vitais ao êxito do movimento, seu progresso e crescimento. O indivíduo só é importante quando contribui para o êxito do movimento. Todos os interesses e todo o pensamento devem se subordinar a este alvo.

A Sociedade Torre de Vigia tem feito declarações fortes sobre a subordinação e a doutrinação — de dois modos diferentes. Um é com respeito à informação vinda de fontes externas. O outro é com respeito à aceitação da informação que ela mesma provê. Este padrão desigual conduz a um paradoxo como o descrito acima.

Força para resistir à doutrinação

Durante o último meio século, as Testemunhas de Jeová estabeleceram um notável histórico de resistência às técnicas de “lavagem cerebral”, especialmente por parte de sistemas totalitários, tal como o nazismo, que tentaram doutriná-las com suas ideologias. O número de 1º de janeiro de 1959 de *A Sentinela* (em inglês) apresentou esta citação a respeito do histórico delas (páginas 15, 16):

A book published in the British Isles in 1957, called *Battle for the Mind, a Physiology of Conversion and Brainwashing*, said: "Those reported as among the best able to preserve their standards and beliefs in the German concentration camps during World War two were members of the sect of Jehovah's witnesses. This pacifist religious group has many strange beliefs, but these were implanted with such strength and certainty by their religious leaders as to remain operative when continued debilitation and psychological degradation had reduced most other people of the highest ideals, but no specific loyalties, to accept the very lowest conception of individual and group morality. A safeguard against conversion is indeed a burning and obsessive belief in some other creed or way of life. History shows that well indoctrinated and trained soldiers can be just as brave and stubborn as Jehovah's witnesses."

TRADUÇÃO:

Um livro publicado nas Ilhas Britânicas em 1957, chamado *Batalha pela Mente, uma Fisiologia da Conversão e Lavagem Cerebral*, dizia: "Informe-se que entre os que mais conseguiram preservar seus padrões e crenças nos campos de concentração alemães durante a Guerra Mundial, dois eram membros da seita testemunhas de Jeová. Este grupo religioso pacifista tem muitas crenças estranhas, mas estas estavam implantadas com tanta força e certeza por seus líderes religiosos, que permaneceram ativas quando a debilitação contínua e a degradação psicológica tinham forçado a maior parte das outras pessoas com elevados ideais, mas sem lealdades específicas, a aceitar as mais baixas concepções de moralidade individual e grupal. Uma salvaguarda contra a conversão é, sem dúvida, uma crença ardente e obsessiva em algum outro credo ou modo de vida. A história mostra que soldados bem doutrinados e treinados podem ser tão corajosos e teimosos quanto as testemunhas de Jeová."

Nos infames campos de concentração, como nos campos de trabalho e prisões e em face de outras formas de perseguição, as Testemunhas de Jeová têm mostrado forte resistência à doutrinação política. Tendo vivido pessoalmente em períodos de forte sentimento e pressão pública adversos, turbas violentas e situações de perigo de vida, e tendo testemunhado como é a vida sob um governo ditatorial, não duvido da intensidade da devoção das Testemunhas de Jeová em geral ao enfrentarem estas experiências aflitivas. Sei como me senti e creio que sei como se sente a maioria delas em tempos de provação.¹

Note, porém, que o trecho citado pela *Sentinela* acima traz o ponto válido de que outros, além das Testemunhas de Jeová, podem mostrar e têm mostrado resistência à lavagem cerebral com êxito comparável, incluindo “soldados bem doutrinados e treinados”. Portanto, trata-se muitas vezes do caso de uma doutrinação contra a outra. Às vezes, podem ser ambas de origem política ou nacionalista, ou podem ser ambas de natureza religiosa, ou talvez idéias provindas de uma destas fontes sejam lançadas contra idéias originadas de uma das outras.

A mera capacidade de resistir, pois, não garante que a força da resistência venha *necessariamente* de convicções bíblicas quanto a certas ações serem corretas ou erradas. Pessoas tanto no passado como no presente dispuseram-se a sofrer severas provações enquanto se apegavam a crenças bem diferentes e às vezes opostas às das Testemunhas de Jeová. A história mostra momentos em que pessoas estiveram dispostas a sacrificar suas vidas para serem obedientes a certa liderança, mesmo que a reflexão sóbria mostrasse que essa liderança estava bem distante do exemplo de Jesus Cristo. A *base* para as crenças da pessoa, o *meio* pelo qual veio a ser governada por essas crenças, devem ser o fator determinante quanto a se a resistência é realmente fruto do genuíno cristianismo ou não.

Considere brevemente o que disseram as revistas *A Sentinela* e *Despertai!* sobre doutrinação, persuasão de massas e lavagem cerebral, e sobre os meios de se contrapor a estas. O número de 15 de junho de 1956 de *A Sentinela* (em inglês) destacava estes pontos interessantes e válidos (páginas 358, 359):

¹ Veja *Crise de Consciência*, capítulo 2.

Observe a admoestação de “provardeis a vós mesmos”. [Romanos 12:2, NM]. Se puder provar a si mesmo, com a Bíblia, os pensamentos de Deus que adotou, nenhuma lavagem cerebral os varrerá de sua mente. Não basta saber em que você crê; saiba por que você crê.

Um artigo na *New York Times Magazine*, de 9 de maio de 1954, analisava as técnicas comunistas de lavagem cerebral e concluía: “Só existe uma forma de imunização contra o ataque totalitário às convicções humanas”. Comprovou-se que esta única maneira é ter profundas convicções e perfeita compreensão de suas crenças. De outro modo, dizia o artigo, você “se tornará uma vítima fácil e disposta, uivando com os lobos nas florestas”.

Exorta-se o verdadeiro cristão a ter profunda convicção. Esse tipo de convicção não é algo que se consegue com base num grupo, ela *deve* ser obtida pelo *indivíduo* através de reflexão, estudo e conclusões pessoais. A exortação inspirada de “provardeis a vós mesmos” a vontade de Deus requer claramente esse tipo de reflexão pessoal.

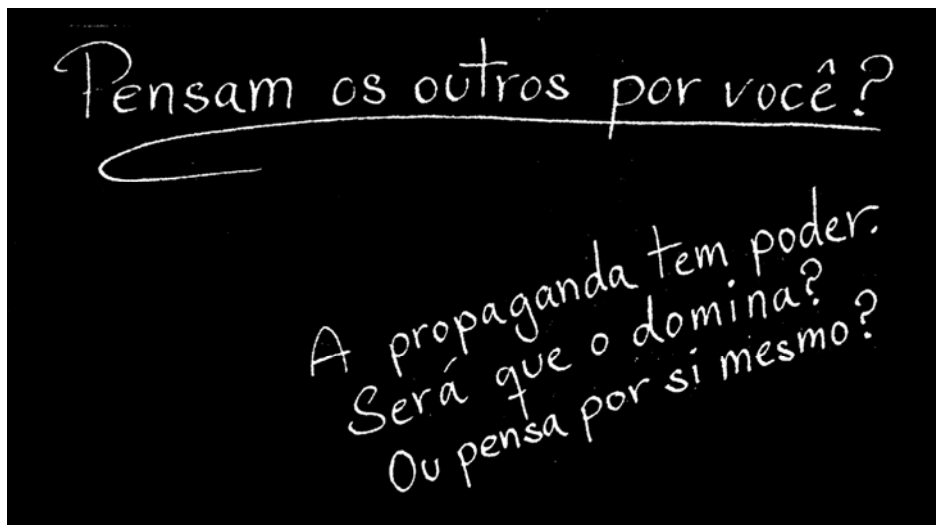
Mais adiante, este mesmo artigo diz:

Geralmente, cremos no que queremos crer, e uma coisa em que gostamos de crer é que pensamos por conta própria. Desta forma, não é muito difícil para os propagandistas espertos fazer-nos pensar que os pensamentos deles são nossos. Eles plantam e regam o pensamento, mas fazem-no tão sutilmente que achamos que é nosso. — 2 Cor. 4:4, NM.

“Para que não sejamos sobrepujados por Satanás, pois não desconhecemos os seus desígnios.” Temos de conhecer os truques espertos dos propagandistas. Estes são muitos, mas para mencionar um, os rótulos indesejáveis são colados em qualquer coisa a que eles se oponham.... Mas ser empurrado por tal pressão social, dirigido e manobrado pelo medo dos rótulos, é mostrar imaturidade patética, incapacidade de pensar por si mesmo, falta de convicções inteligentes.

Deixar de pensar por si próprio, ser influenciado por pressões e rótulos desagradáveis é “mostrar imaturidade patética”, diz a matéria. Pode parecer incrível que os editores desta informação sejam os mesmos que fizeram a expressão “pensador independente” tornar-se um “rótulo indesejável” entre seus próprios adeptos, mas foi isso o que aconteceu. A *Desperta!* de 22 de fevereiro de 1979 trazia um artigo

intitulado “Pensam os outros por você?” e expunha os seguintes métodos dos propagandistas (páginas 3 e 4):



A EDUCAÇÃO lhe ensina a pensar. Os propagandistas lhe dizem em que pensar. Os verdadeiros educadores apresentam todos os lados de uma questão e incentivam a discussão franca. Os propagandistas martelam com afincos seu conceito e desencorajam a discussão franca. Muitas vezes, seus verdadeiros motivos ficam ocultos. Manuseiam os fatos, relatam os favoritos e escondem os outros. Distorcem e torcem os fatos, especializam-se em mentiras e meias-verdades. O alvo deles são suas emoções, e não suas faculdades de raciocínio lógico. Muitos se tornam presas fáceis, porque não se exige esforço para sentir, ao passo que refletir é trabalho árduo. E o propagandista se certifica de que sua mensagem pareça sábia, correta e de boa moral, e lhe dê um senso de importância e de pertencer a um grupo, caso a siga. É um dos espertos, não está sozinho, está confortável e seguro — assim dizem.

A tirania da autoridade, a zombaria, os nomes feios, as difamações, os desdouros, as indiretas pessoais — todas essas táticas são empregadas para assaltar-lhe a mente e tomá-la por um ataque relâmpago. Evi-

Mas, até mesmo pessoas instruídas, sofisticadas, tornam-se vítimas de um tipo muito injusto e inverídico de propaganda. Este tipo assume um ar superior de rejeição do ponto de vista do oponente, tratando-o como um tanto patético e realmente indigno de atenção. É o tipo a que muitos evolucionistas recorrem a fim de fugir de perguntas que não podem ser respondidas. Não conseguem provar sua teoria. Assim, recorrem a asserções, e zombam de todos que ousarem questioná-las.

Não provam nenhuma de suas asserções, nem difamações, mas, mediante a tirania da autoridade, pontificam suas opiniões, fazem calar as objeções e intimidam os oponentes. Isso funciona, e gente supostamente inteligente que nada sabe sobre tal teoria crê nela porque “todas as pessoas inteligentes acreditam nela”.

Aconselha-se o leitor deste artigo de *Desperta!* a não ser seduzido ainda que a informação pareça ser ‘sábua, correta e de boa moral’, ainda que “lhe dê um senso de importância e de pertencer a um grupo, caso a siga”. A matéria fala enfaticamente em favor do debate aberto, não deixar a “tirania da autoridade” impedi-lo de pôr à prova a veracidade de *tudo*. Este, diz o artigo, é o proceder sábio.

Tempos depois, um artigo perguntando “Sente-se atingido pela persuasão em massa?”, sugeria estes pontos para a pessoa proteger-se contra ser arrebanhada pelo pensamento em massa:

Faz-se a lavagem cerebral com mais facilidade no indivíduo “normal”, mediano. Tal pessoa já está condicionada a aceitar as opiniões dos outros, ao invés de formular firmes convicções próprias. Por outro lado, é mais difícil fazer a lavagem cerebral nos que têm idéias não convencionais e firmes convicções, e que não temem o que os outros pensam.

O artigo continua, alistando cinco modos de resistir à lavagem cerebral:

1. *Tenha firmes convicções:* Conforme já mencionamos antes, é mais fácil fazer a lavagem cerebral na pessoa facilmente influenciada pelos outros. Não abrace uma idéia só porque seus companheiros a aceitam. Certifique-se de que os pontos de vista que adota sejam verdadeiros. O melhor modo de fazer isto é por compará-los com a Palavra inspirada de Deus que, em última análise, é a “verdade”. — João 17:17; 2 Tim. 3:16.

2. *Descubra a razão:* Inadvertidamente, muitas vezes aceitamos certas atitudes sem saber o que há por trás delas. Por exemplo: as pessoas em sua comunidade talvez tenham um conceito negativo sobre certas raças ou grupos étnicos. Mas por quê? Se achar que a razão não é convincente, por que adotar tal ponto de vista?

3. *Resista a pensamentos impróprios:*é difícil evitar ver, escutar ou senão ter pensamentos impróprios. Temos nós, porém, de saturar deles a nossa mente? Fazer isto afetará adversamente nossos juízos e nossas ações. Quão melhor é resistir aos pensamentos impróprios e dar atenção às coisas que edificam! — Efé. 5:3-5.

4. *Fale a favor do que sabe ser correto:* Isto lhe dará oportunidade de testar o que crê e de entrincheirar de modo mais firme em sua vida a

verdade. Se estiver convencido da verdade de um assunto, após uma pesquisa cabal, não fique desconcertado pela zombaria dos outros.

5. Viva a verdade: Não procure desculpas para transigir no que sabe ser correto. Lembre-se: se algo for correto e direito, resultará no seu bem. Não se engane por pensar que esteja perdendo algo ou que seja muito restringido por se harmonizar com o que é certo.²

Todos estes artigos publicados pela Sociedade Torre de Vigia encorajam, com apoio da Bíblia, a *determinação pessoal* quanto à veracidade e o caráter bíblico das coisas ensinadas, do que a pessoa crê. Não defendem a atitude de “abraçar uma idéia” apenas para concordar com a maioria ou com os pontos de vista de determinado grupo. Encorajam a que, de modo pessoal, testemos, pesemos, aceitemos ou rejeitemos. Exortam o leitor a estar disposto a lutar pelo que crê com a confiança de que apegar-se à verdade, sem transigir, resultará sempre no melhor.

Concordo de coração com todos estes pontos. De minha própria experiência como Testemunha, não tenho dúvida de que a maioria das Testemunhas de Jeová esteja disposta a suportar o dissabor da desaprovação ou desdém por parte das pessoas de fora por se apegarem a crenças impopulares. Acho que, em geral, elas são sinceras neste papel inconformista para com os de fora, e têm confiança de que, embora impopulares, esta é a coisa certa a fazer, o proceder que agrada a Deus. Isto aconteceu também no meu caso,

Resta, porém, uma pergunta: Podem as pessoas ser *consistentes* quando sustentam os bons e sólidos princípios expostos nestes artigos ao lidar com fontes de informação *de fora* de sua comunidade religiosa específica, enquanto desprezam estes mesmos princípios dentro de seus domínios? Que dizer, também, de uma organização que exorta os membros a aplicar diligentemente tais princípios às fontes externas de informação, mas desencoraja, menospreza, e chega mesmo a denunciar aqueles que os aplicam às informações que *ela própria* fornece?

Quando isto ocorre, que motivo há para crer que a resistência à doutrinação *externa* e à “persuasão em massa” é necessária e genuinamente fruto de profundas convicções que resultam do próprio pensamento da pessoa? Que garantia há de que isto não ocorre no caso

² *Despertai!*, 8 de junho de 1980, páginas 3, 4.

de uma doutrinação contra outra doutrinação, e que a recusa da pessoa a se curvar aos “rótulos indesejáveis” e à desaprovação e as pressões por parte dos de fora não é até certo ponto fruto da ansiedade de evitar “rótulos desagradáveis”, desaprovação e pressões *dos de dentro* da sua própria comunidade religiosa? Mais importante ainda, o que pensar de uma organização religiosa que exorta as pessoas a rejeitar o engano sutil, a manipulação de fatos e meias-verdades provenientes de outras pessoas se, ao mesmo tempo, desautoriza esta prática quanto aos próprios ensinamentos? Além disso, que honestidade e coerência há quando se tenta também impor a lei do silêncio aos que usam suas faculdades mentais dadas por Deus para discernir tais erros, ao ponto de rotular qualquer debate desse tipo como “conversa rebelde”? Quão consistente é elogiar o pensamento independente com relação à informação externa, mas condená-lo como sinal de falta de modéstia e humildade quando se trata da informação provida dentro da organização?

Parece que as palavras de Jesus sobre ‘limpar por dentro o copo para que por fora também se torne limpo’, bem como sua advertência contra assemelhar-se a ‘sepulcros caiados’ que externamente mostram uma aparência, tendo outra por dentro, dão séria razão para preocupações neste respeito.³

Uma ex-Testemunha do Brasil, que servira como “pioneiro especial” e que após muitos anos começou a fazer perguntas sobre certos ensinamentos da organização, expressou deste modo sua experiência:

Não posso negar que fui e ainda sou influenciado pelos nobres princípios aplicados aos de fora, defendidos na literatura [da organização]. Confiei de todo o coração nesses princípios e acreditei que qualquer assunto seria corretamente considerado pela organização. É doloroso constatar, no fim, que os princípios são apenas parte de um monólogo, como outros tipos de propaganda, que não procuram resposta alguma senão seu próprio eco.⁴

³ Mateus 23:25-28.

⁴ Augusto Oliveira, em carta de 30 de dezembro de 1987.

Aplicação das coisas ditas

Pois por suas palavras vocês serão absolvidos, e por suas palavras serão condenados. — Mateus 12:37, Nova Versão Internacional.

A coerência certamente exige que todas as Testemunhas de Jeová apliquem dentro da organização as exortações publicadas já citadas:

- Pense por si próprio; não deixe que outros pensem por você.
- Se você crê em algo, assegure-se de saber *por que*, e “se achar que a razão não é convincente, por que adotar tal ponto de vista?”
- “Não abrace uma idéia só porque seus companheiros a aceitam. Certifique-se de que os pontos de vista que adota sejam verdadeiros”, solidamente baseados e apoiados nas Escrituras.
- Não seja “empurrado” a aceitar pela pressão de outros, por medo do que possam pensar e por medo de ser rotulado de modo adverso, assim demonstrando “imaturidade patética”.
- Não deixe que a “tirania da autoridade” “faça calar as objeções” ou o intimidem de testar as declarações feitas por esta “autoridade”.
- Não deixe de falar em favor da verdade, nem procure “desculpas para transigir”.

É razoável que esta exortação publicada seja posta em prática de modo respeitoso, responsável e cristão. O que aconteceria se hoje uma Testemunha de Jeová expressasse a intenção de fazer exatamente o que se declarou acima — *dentro da organização* — fazendo isto exatamente deste modo respeitoso, responsável e cristão?

Cada homem do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová, e creio que praticamente cada ancião nas mais de 93.000 congregações em toda a terra, sabe que isto quase certamente levaria essa pessoa a ser vista como perigosa, passível de ser desassociada e expulsa da congregação. Como foi amplamente documentado, é exatamente isso que tem acontecido e está acontecendo a cada vez mais pessoas que levam a sério esses princípios.

Contraste estas exortações publicadas sobre o modo de ter convicção genuína com a realidade que existe entre as Testemunhas de Jeová. É razoável que, quanto mais séria a questão e mais sérias as

possíveis conseqüências, mais importante é aplicar este conselho. Como exemplo, a questão do “serviço alternativo” teve conseqüências que significaram prisão por um ano ou até mais, ser separado dos pais e da família, talvez do cônjuge, perda da liberdade para obter os meios de vida que a pessoa tinha, ou de participar em qualquer outra atividade que a liberdade normalmente permite. Considere, então, o que os membros das comissões de filial de muitos países disseram acerca da questão dos rapazes Testemunhas que se arriscaram a ser presos por rejeitar as provisões governamentais de “serviço alternativo” em lugar do serviço militar. Recordemos só algumas declarações:

Bélgica: “Poucos irmãos estão, de fato, em posição de explicar com a Bíblia por que se recusam... basicamente, eles sabem que é errado e que a Sociedade o considera como tal.”

Dinamarca: “Embora muitos irmãos jovens pareçam capazes de entender os argumentos, refletir neles e explicá-los até certo ponto, nota-se que a maioria dos irmãos jovens, atualmente, segue o exemplo de outros e toma a posição que a comunidade dos irmãos espera deles sem realmente compreender os princípios básicos e argumentos envolvidos, e sem ser capazes de explicar claramente sua posição.”

Espanha: “Quando um ancião discute a questão do serviço substituto com alguém, essa pessoa geralmente aceita [a posição] de que substituição corresponde a equivalência. Mas esta idéia não é costumeiramente compreendida realmente. Em vez disso, é considerada como sendo a opinião da organização, os anciãos a apresentam o melhor que podem e os irmãos lealmente a cumprem sabendo que é isso o que se espera dele. Mas nos parece que muitos irmãos acham nosso raciocínio um tanto artificial.”

Havaí: “Falando de modo geral, os irmãos aqui acham difícil entender os princípios bíblicos que determinam guardar estrita neutralidade. Uma vez que conhecem a posição da Sociedade em tais questões, eles cooperam plenamente, mas não vêem com muita clareza os princípios em que se apóia a nossa posição.”

Noruega: “Os irmãos na Noruega não aceitam trabalho civil sem uma sentença do tribunal, principalmente porque sabem que esta é a norma da Sociedade e eles são leais à Sociedade. Para eles é difícil entender por que é errado aceitar o trabalho civil quando o próprio

trabalho não é errado e condenado pela Bíblia. Eles não conseguem fundamentar a posição deles com as Escrituras de modo adequado.”

Tailândia: “Muitos recusaram o trabalho por uma espécie de lealdade ao grupo. Eles não sabiam por que razão ou princípio, mas ouviram dizer que certa coisa era errada, e então a recusaram.”

Se as declarações publicadas nas revistas *A Sentinela* e *Despertai!* têm algum valor quando comparadas com as declarações destes membros das comissões de filial, elas claramente indicam que estes rapazes Testemunhas ou são muito vulneráveis à lavagem cerebral ou já são vítimas da doutrinação e da persuasão em massa. Muitas centenas e até milhares destes rapazes estiveram na prisão, como milhares antes deles, *mas de fato não sabiam por que tiveram de tomar a posição que tomaram e que os levou a ser presos*. Aceitaram uma norma sem ver base sólida para esta, deixaram que suas decisões fossem governadas, não pela sólida evidência da Palavra de Deus, mas pela “lealdade ao grupo” e “à organização”. Estas forças são as mesmas que dão tanto poder à doutrinação praticada por aquelas que as Testemunhas chamam de organizações “mundanas.” Trata-se de fazer o que os companheiros fazem e a autoridade (a organização) diz, mesmo que achem as razões insuficientes e até artificiais. O conceito sobre o “serviço alternativo” que estas pessoas aceitaram não era delas próprias, mas claramente “emprestado”. A preocupação com o que os outros da sua comunidade religiosa iam pensar, a preocupação com represálias da organização, na forma de excomunhão, certamente devem ter pesado muito na decisão deles, fazendo-os eliminar da mente quaisquer dúvidas e simplesmente se submeter. Estes rapazes Testemunhas compareceram aos tribunais governamentais e declararam-se comprometidos com a posição intransigente de rejeitar o serviço alternativo a menos que fossem antes presos e sentenciados a cumpri-lo por um juiz, achando talvez que isso era fruto da própria convicção. Mas sua incapacidade de explicar a razão da própria posição mostra que outros estavam pensando por eles. Recorde as declarações já citadas de *A Sentinela*:

Geralmente, cremos no que queremos crer, e uma coisa em que gostamos de crer é que pensamos por conta própria. Desta forma, não é muito difícil para os propagandistas espertos fazer-nos pensar que os

pensamentos deles são nossos. Eles plantam e regam o pensamento, mas fazem-no tão sutilmente que pensamos que é nosso.

Entendo como se sentiam esses rapazes Testemunhas. Embora a norma da organização seja hoje consideravelmente mais técnica e complexa que a dos anos 40, vi-me numa posição bem similar quando esperei ser preso.⁵ Senti as mesmas pressões, pressões de fora da organização e de dentro dela. As pressões de dentro foram bem mais fortes sobre mim, e me deram a determinação não só de recusar participar em luta armada, decisão que foi fruto genuíno de minha própria convicção e que ainda tenho, mas também de rejeitar qualquer tipo de serviço ou trabalho como “objeto de consciência”, decisão que não foi genuinamente minha, isto é, não foi fruto de meu próprio pensamento e conclusões.

Eu pensava que todos os membros do Corpo Governante tinham lido os artigos já citados e os princípios verazes que estes proclamavam com respeito a ter convicção genuína.⁶ Todavia, quando as declarações dos membros das comissões de filial sobre a falta de compreensão da norma do serviço alternativo foram trazidas à atenção do Corpo Governante, e embora a maioria do Corpo fosse a favor de mudar a norma, surpreendi-me com a quase total ausência de desalento ou mesmo de preocupação com o fato de que homens estavam prontos a ir para a prisão sem de fato entender por quê. Recusavam-se a “estar sujeitos às autoridades superiores” nesta questão específica sem real convicção de que tinham base bíblica para “tomar posição contra” estas “autoridades superiores”.⁷ A evidência de que a “lealdade ao grupo” e principalmente a aceitação cega da norma da organização estavam tomando o lugar da consciência pessoal — em alguns casos talvez a usando como disfarce — não parecia preocupar muito o Corpo

⁵ Minha junta de recrutamento de início recusou meu pedido de ser classificado como ministro, indeferiu minha apelação, enviou ordem para que me apresentasse às forças armadas e eu teria sido levado a julgamento e prisão se a apelação feita às autoridades estaduais e federais não tivesse feito a junta de recrutamento local mudar sua decisão.

⁶ Pode não ter sido o caso de todos. Numa reunião do Corpo Governante, Milton Henschel mencionou que achava difícil manter-se em dia com os artigos de *A Sentinela* e que raramente lia a revista *Despertai!*. Isso pode muito bem ter acontecido com outros.

⁷ Romanos 13:1-5.

Governante e nunca foi tema de destaque em seus debates. Um membro do Corpo Governante até citou com aprovação as palavras do coordenador da filial da Dinamarca, que a respeito de deixar a questão do serviço alternativo ser decidida pela consciência individual, disse: “Estremeço de pensar em deixar estes rapazes exercerem sua própria escolha.”⁸ Isto não só denota enorme falta de confiança nos jovens das Testemunhas de Jeová — ou de confiança que a organização tenha feito algo para tirá-los da condição de bebês espirituais — como também diz, na prática, que a organização tinha de decidir por eles quanto a tomar uma atitude que envolvia uma possível e até provável pena de prisão, sem que tivessem nenhuma verdadeira opção quanto à questão.

Se, como os artigos publicados pela Sociedade professam defender, estes rapazes tivessem pensado por conta própria, tivessem tomado posição genuinamente apoiados na consciência pessoal, a evidência provida pelos membros das comissões de filial é de que muitos, talvez a maioria, teriam agido de modo diferente da norma estabelecida pela organização. Debaixo desse arranjo, isto teria tido uma só consequência: serem declarados “dissociados” da congregação. Portanto, a organização aparentemente acha que estes homens não têm idade suficiente ou não são bastante maduros para tomar suas próprias decisões, para refletir sobre suas atitudes e agir segundo sua consciência individual diante de Deus como cristãos responsáveis, mas considera que têm idade suficiente para passar parte de suas vidas na prisão sem saber por quê.

O problema, porém, não está na juventude deles. O que ocorre com estes jovens Testemunhas estende-se à maioria das Testemunhas adultas com relação a diversos outros assuntos — emprego, vários aspectos relacionados ao sangue, amizades, educação superior e coisas similares. Deve-se recordar que os homens das comissões de filial que escreveram as cartas revelando os fatos já descritos eram eles próprios adultos, e não jovens. Mesmo assim, *eles próprios* estavam comprometidos a seguir as diretrizes da organização. Estavam dispostos a aplicar em seus países a sanção prescrita de excomunhão aos rapazes que não acatassem a norma decretada.

⁸ Declaração tirada de uma carta de Richard Abrahamson, agora membro da equipe de redação da sede mundial.

Como ilustração adicional, considere este assunto que enviaram da Alemanha ao Corpo Governante. Típico de muitos destes casos, trata primariamente de uma Testemunha cujo marido não-Testemunha estava comissionado com as Forças de Ocupação na Alemanha. A carta que segue conta os detalhes:

AD MAY 3 1979

CMC MAY 1 1979

den, April 25, 1979

Watchtower Bible &
Tract Society
117 Adam Street
Brooklyn, N.Y. 11 201
U.S.A.

Dear Brothers:

Enclosed you find a letter you sent to sister [REDACTED] You also enclosed a copy of the "Kingdom Service" from Sept. 1976 to give her more information about the matter in question.

In the same "Kingdom Service" is mentioned a schoolteacher who might teach mathematics at a school owned by a religious organization. It seems that this is viewed as matter which is still within the grey area. After it was discussed in that time during our service meeting some of our american sisters in Germany whose husbands are in the army approached us and aksed if they now also could work under certain circumstances as teachers in army schools or perform work in the american PX shops.

We wanted to make shure and wrote a letter to the german branch and asked about this matter. The brothers of the german branch answered us on Oct. 26, 1976 and told us that they would forward this question to Brooklyn. We waited for the answer till March 22, 77. The brothers wrote us that the governing body in Brooklyn came to the conclusion that working for the "European Exchange Systems" (EES) or the "Post Exchanges" (PX) does not fall into the grey area anymore because one would be also guilty of supporting wrong practices. Even selling food or clothes in these shops that serve personal purposes would be in direct connection with the army and therefore wrong for a christian, especially as these shops are under the supervision of a general. So all these activities are not in the grey area anymore.

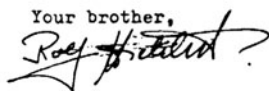
I discussed this now through with sister [REDACTED] who wanted to make shure in this matter and wrote you with the comment to me, that whatever the brothers in Brooklyn decide she wanted to do. After I read the answer to her, I discussed your letter with other elders and our circuit oversser. We all came to the conclusion that it seems to contradict the letter we received from the governing body. Although you mention in your letter that she works for the Department of Defense, you write in the next paragraph that you don't know in what kind of work she really is involved. We ask now if that is of any importance, because she gets paid from the army as much as somebody who works at a PX shop selling food or cloth. If the latter work is in the black area so would be working as a teacher.

These kind of situations were handled by the elders here in Germany quite well until the article in the "Kingdom Service" appeared about the brother working in a school owned by a religious organization. As we understood it, is this a matter of conscience and still within the grey area. From that time on we have to answer questions like: If a brother can work at a school owned by a religious organization why can't we work at a school that is supervised by the army? We are teaching only mathematic, english etc. and don't break our neutrality. If the first case is in the grey area, why not the second?

On a circuit assembly the question was raised by an elder: "If a sister would not quit her job as a teacher at a school supervised by the department of Defense has she to be disfellowshipped?" The clear answer from the district overseer was: "Yes".

After your letter to sister [REDACTED] we are confused again and would appreciate if we could straighten this matter out. We are looking forward to your answer while going ahead keeping Jehovah's organization clean.

We send you our warm christian love and greetings,

Your brother,


TRADUÇÃO DO TEXTO:

Prezados irmãos:

Em anexo acha-se uma carta que vocês enviaram à irmã XXXXXXXX. Os irmãos também anexaram uma cópia do "Serviço do Reino" de setembro de 1976 [em português, novembro] para dar-lhe alguma informação sobre o assunto em questão.

No mesmo "Serviço do Reino" menciona-se um professor que pode lecionar matemática numa escola pertencente a uma organização religiosa. Parece que isto ainda é visto

como uma questão dentro da área indefinida. Depois que isto foi considerado, naquela época, durante nossa reunião de serviço, algumas de nossas irmãs americanas na Alemanha, cujos maridos estão no exército, vieram nos perguntar se elas também poderiam trabalhar sob certas circunstâncias como professoras nas escolas do exército ou nas lojas PX [lojas que atendem famílias de militares] americanas.

Queríamos ter certeza e escrevemos uma carta à filial alemã perguntando a este respeito. Os irmãos da filial alemã nos responderam em 26 de outubro de 1976 dizendo que transmitiriam esta pergunta a Brooklyn. Aguardamos a resposta até 22 de março de 1977. Os irmãos nos escreveram que o Corpo Governante em Brooklyn chegou à conclusão de que trabalhar para os "Sistemas de Intercâmbio Europeus" (EES) ou os "Intercâmbios de Correio" (PX) não está mais na área indefinida porque a pessoa estaria também sendo culpada de apoiar práticas erradas. Mesmo vender alimentos ou roupas nestas lojas que atendem a necessidades pessoais estaria em relação direta com o exército, sendo, portanto, errado para o cristão, principalmente porque estas lojas estão sob supervisão de um general. Assim, nenhuma destas atividades está mais na zona indefinida.

Considereei isto agora com a irmã XXXXXXXX, que queria ter certeza deste assunto e escreveu aos irmãos, com meu conhecimento, que aquilo que os irmãos em Brooklyn decidissem ela queria fazer. Depois que li a resposta para ela, considereei a carta de vocês com os outros anciãos e o nosso superintendente de circuito. Todos nós chegamos à conclusão de que ela parece contradizer a carta que recebemos do corpo governante. Embora em sua carta vocês mencionem que ela trabalha para o Departamento da Defesa, escrevem no parágrafo seguinte que não sabem em que tipo de trabalho ela está envolvida. Perguntamos agora se isso tem alguma importância, visto que o salário dela é pago pelo exército, como todos os que trabalham nas lojas PX vendendo alimentos ou roupas. Se este último trabalho está na área proibida, o mesmo se dá em trabalhar como professor.

Estes tipos de situações foram muito bem tratados pelos anciãos aqui na Alemanha, até que veio o artigo no "Serviço do Reino" sobre o irmão que trabalha numa escola pertencente a uma organização religiosa. Conforme entendemos, esta é uma questão de consciência que ainda está dentro da área indefinida. Daquela data em diante,

tivemos de responder a perguntas como: se um irmão pode trabalhar numa escola pertencente a uma organização religiosa, por que não podemos trabalhar numa escola supervisionada pelo exército? Só estamos ensinando matemática, inglês, etc. e não violamos nossa neutralidade. Se o primeiro caso está na área indefinida, por que não o segundo?

Numa assembléia de circuito, um ancião suscitou a pergunta: "Se uma irmã não deixar seu emprego de professora numa escola supervisionada pelo Departamento da Defesa, tem de ser desassociada?" A resposta clara do superintendente de distrito foi: "Sim".

Depois de sua carta para a irmã XXXXXX estamos de novo confusos e apreciaríamos que esclarecessem plenamente o assunto. Aguardamos ansiosos sua resposta enquanto prosseguimos em manter limpa a organização de Jeová.

Enviamos nosso caloroso amor cristão e saudações,

Seu irmão,

[Fotocópia da assinatura]

Estes anciãos alemães admitiam estar confusos com a norma da organização. Por um lado, era lícito que uma Testemunha ensinasse matéria não religiosa numa escola pertencente a uma organização religiosa, mas não que ensinasse a mesma matéria numa escola para filhos de militares, se a escola fosse mantida ou dirigida por militares.

Já que a Sociedade Torre de Vigia considera todas as organizações religiosas, fora ela própria, como parte de "Babilônia, a Grande", a grande meretriz de Revelação, e, portanto opositoras de Deus e Cristo, é difícil entender por que posição tão diferente é tomada com respeito a uma escola mantida pelo Departamento da Defesa, em contraste com outra mantida por uma organização eclesiástica. Todavia, por alguma razão indecifrável, um emprego é lícito e o outro traz desassociação.

Mesmo que uma Testemunha não compreenda, deve submeter-se, e esta é a atitude cultivada na mente de todas as Testemunhas. Note que a Testemunha envolvida é citada dizendo que "aquilo que os irmãos em Brooklyn decidissem ela queria fazer". Isto é visto como a atitude correta, a atitude "teocrática", de lealdade à organização de Deus. É,

porém, exatamente contrária aos princípios publicados nas revistas da Sociedade já citadas, com suas admoestações contra permitir a doutrinação autoritária e deixar que outros pensem pela pessoa.

Quando os anciãos dizem aqui que continuarão a “manter limpa a organização de Jeová”, o que significa realmente isto? Significa que esses homens continuarão a aplicar com o devido rigor qualquer norma que se ponha em vigor, e que desassociarão qualquer um que não acate essa norma (por exemplo, alguém que trabalhe em algo que outrora era classificado como na “área indefinida”, mas que, por decreto da organização, foi agora transferido para a “área proibida”). Os anciãos podem sentir-se “confusos”, conforme eles mesmos dizem, mas não deixam que isto os impeça de desassociar a pessoa e jogá-la fora como não-cristã. A maior preocupação é ser obediente à norma da Sociedade. Cria-se o sentimento de que ‘se a organização nos diz para fazer isso, não seremos responsabilizados por Deus se estiver errado’. Essa mesma mentalidade prevaleceu em muitos países e em muitos períodos, entre homens que se escusaram de culpa por sérias injustiças alegando que “estavam simplesmente seguindo ordens de seus superiores”. Até os tribunais do mundo rejeitaram tal desculpa. Quanto mais devem os cristãos rejeitá-la!

Esta preocupação com a submissão à organização pode ter sobre a mente das pessoas um efeito que subjuga e restringe. Isto foi ilustrado numa experiência que me foi contada por Robert Lang, então superintendente assistente do Lar de Betel na sede internacional. Ele tinha sido transferido para outra congregação na área da cidade de Nova York e contou que numa das primeiras reuniões que assistiu ali, os anciãos vieram a ele em busca de conselho. Parece que uma jovem, irmã de um servo ministerial, estava desassociada e ainda assistia às reuniões. Ela tinha um bebê e o trazia ao Salão do Reino num carrinho. O Salão ficava no segundo andar de um edifício e a escada era longa e íngreme. A jovem subia a escada de costas, puxando para cima o carrinho do bebê, com o bebê dentro, à medida que subia. A pergunta feita pelos anciãos era se seria correto que o irmão da desassociada a ajudasse a subir a escada! Uns achavam que sim, outros diziam que não, que sendo desassociada ela tinha de ser considerada como se nem estivesse ali. Para crédito de Lang, este disse: “Não sei qual é a regra a respeito disto, sei apenas de uma coisa: se eu estiver por perto quando

ela começar a puxar esse carrinho, vou ajudá-la! Quando penso no que poderia acontecer se ela tropeçasse e soltasse o carrinho...”⁹

O mais assustador de tudo isto é que homens adultos não sintam que podem se guiar pelo próprio coração e mente numa situação que tão obviamente requer a bondade humana. A preocupação premente para eles não era o perigo para a vida da criança, mas *o que a norma da organização permitia* em tais casos. Deram evidência de que se tinham tornado homens emasculados em questão de ética, com respeito ao que é certo e errado.

Isto não foi um caso raro. Em *Crise de Consciência*, faz-se menção de artigos que escrevi em 1974, que moderavam bastante a atitude para com os que estavam na “condição de desassociados”.¹⁰ A designação para escrever estes artigos resultou de casos de desassociados que queriam assistir às reuniões mas não tinham transporte para chegar ao local. Um era de uma moça que fora desassociada quando adolescente. Depois, mudou-se para a zona rural. Ela pediu “readmissão”, mas os anciãos a informaram de que para se habilitar ela precisava assistir às reuniões no Salão do Reino. Não havia transporte público e ela não tinha carro. A mãe dela escreveu à sede mundial, mostrando-se preocupada com o perigo que a filha jovem corria caminhando sozinha em estradas rurais, e apelando para que lhe dessem alguma “dispensa” de modo que os anciãos pudessem ajudá-la.

Na mesma época, chegara outra carta, vinda dos anciãos de uma congregação do meio-oeste. Contava o caso de uma mulher que fora desassociada e que estava então num centro de reabilitação de drogas. Ela também queria assistir às reuniões, mas só podia deixar o centro se alguém assinasse um termo de responsabilidade por ela, provendo-lhe o transporte necessário. Os anciãos disseram que estavam fazendo isto e apressaram-se a explicar que quando assinavam o termo eles não falavam com ela, que ela simplesmente entrava no carro, ia com eles em silêncio até o Salão do Reino, sentava-se na parte de trás do salão e após a reunião entrava no carro e voltava para o centro. Por que

⁹ Para mim, Robert Lang foi um exemplo de um indivíduo que era da espécie que era, não por causa da organização, mas apesar da organização.

¹⁰ Veja *Crise de Consciência*, capítulo 11, debaixo do subtítulo “O Crime e a Sentença”, inclusive a nota de rodapé 7.

escreveram a carta? Porque estavam profundamente preocupados com o que estavam fazendo, de não estarem agindo de acordo com a norma organizacional em vigor!

Na reunião do Corpo Governante, decidiu-se permitir esta ajuda, e, como dissemos, fui designado para escrever artigos anunciando a mudança da norma.¹¹ No domingo seguinte a esta reunião, fui a Nova Jersey fazer um discurso público. Enquanto estava lá, um dos anciãos locais aproximou-se para fazer uma pergunta. Contou a situação de uma desassociada que morava a vários quilômetros do Salão do Reino e que tinha pedido ajuda para vir às reuniões. Disse que sua situação pessoal não lhe permitia pagar um táxi todas as semanas, e que sem ajuda ela seria forçada a caminhar toda aquela distância. Ele disse que nesse mesmo domingo, algumas das “irmãs” da congregação tinham vindo juntas de carro e tinham passado por ela na estrada. Afirmou que quando chegaram ao Salão, elas estavam em lágrimas por terem se sentido obrigadas a passar por ela sem parar. Fiquei especialmente feliz de informar a ele que fora tomada a decisão — por aquilo que servia de “Supremo Tribunal” para ele e todas as Testemunhas — de que esta ajuda estava agora permitida.

Mais uma vez, o aspecto trágico de tudo isto é o modo como boas e belas emoções humanas são sufocadas, amarradas e paralisadas pelo domínio e doutrinação da organização. Na realidade, nos artigos de 1974, fui bem além da questão de apenas prover transporte e praticar outros gestos de costumeira cortesia para com os desassociados, moderando a posição em muitos outros setores, especialmente com respeito às relações familiares. Os artigos foram aprovados pelo Corpo Governante antes de publicados. Indicativo da real atitude de coração de muitos, talvez da maioria das Testemunhas, é que os artigos foram, de modo geral, recebidos com muito apreço, como algo que refletia mais corretamente a atitude misericordiosa de Deus e Cristo.

Como também declarei em *Crise de Consciência*, no ano seguinte à minha renúncia ao Corpo Governante, A *Sentinela* de 15 de dezembro de 1981 retomou uma norma para com os desassociados muito parecida com a de antes de 1974. Em alguns pontos, agora é até mais rígida que a anterior. Alguns anciãos e superintendentes viajantes,

¹¹ Veja A *Sentinela* de 15 de novembro de 1974, páginas 680-692.

lamentavelmente, expressaram satisfação pelo que viram como um “endurecimento” da norma organizacional. E, como vimos no capítulo 11, hoje homens e mulheres deixam-se controlar estritamente por essa norma no modo de tratar outros seres humanos. Ao fazerem isso, permitem que sua consciência seja anulada por homens, que sua compaixão seja ligada e desligada à vontade por decreto da organização. Se a organização mudasse sua norma amanhã, a maioria mudaria com ela. Esta é uma das piores formas de doutrinação.

O que ocorre com a aceitação das *normas* organizacionais aplica-se também à *doutrina* e à *interpretação bíblica* da organização. É a aceitação quase incondicional destas que de fato antecede e reforça a aceitação relacionada das normas. Ocorre também que a vasta maioria das Testemunhas, inclusive os anciãos, se considerassem só a própria Bíblia, teriam sérias dificuldades para apresentar evidência em apoio de grande parte desses ensinamentos. Os anciãos, todavia, estão dispostos a tomar medidas para desassociar qualquer membro da congregação que faça questionamentos sérios ou expresse discordar conscienciosamente de quaisquer desses ensinamentos.

O que faz com que pessoas deixem que uma organização suplante sua consciência com o próprio ponto de vista dela, ou que, no mínimo, sobreponha sua “consciência” coletiva à delas? O que motiva os anciãos a desassociar pessoas, quando eles próprios podem não estar plenamente convencidos na mente e no coração de que a posição da organização é a necessariamente correta, genuinamente bíblica?¹²

Tenho me feito essas perguntas quanto a meu próprio proceder passado como Testemunha. Embora os únicos casos de desassociação em que participei pessoalmente como membro de comissão judicativa se relacionassem a atos de clara imoralidade, sei que na maior parte de minha vida como Testemunha busquei consistentemente sustentar e explicar todas as normas e ensinamentos publicados. Considero-me alguém de inteligência mediana e no entanto, durante décadas, fui inteiramente dedicado a apoiar tudo o que a organização publicava, e pude dizer,

¹² Pode-se perguntar também quão diferente é a atitude criada da que prevaleceu durante o regime nazista na Alemanha, quando muitos indivíduos eximiram-se de seus atos como simples obediência a autoridades superiores, descartando-se assim da responsabilidade pessoal.

como o apóstolo Paulo, que ‘fazia mais progresso na minha religião do que muitos da minha própria idade, e era mais zeloso’ que eles das opiniões tradicionais’ da organização.¹³ Como aconteceu isso? E como acontece com milhões de outras pessoas? Há diversos fatores. Considere um exemplo:

Métodos utilizados

Determinado homem estava muito deprimido e foi atraído à religião por diversos fatores. Sobre a primeira reunião a que assistiu, ele relata:

Apreciei a conversa estimulante e a atmosfera dinâmica da reunião. Estas pessoas se relacionavam tão facilmente umas com as outras como irmãos e irmãs, e se sentiam claramente como parte de uma só família global. Pareciam muito felizes com sua vida. Depois de minha depressão no mês anterior, fui revigorado por toda essa energia positiva. Fui para casa naquela noite sentindo a sorte de ter conhecido pessoas tão boas.... estava radiante com a idéia de que... o rumo da minha vida estava agora na única “trilha verdadeira”... o pensamento de que Deus estava trabalhando ativamente para restaurar o Jardim do Éden. Nada mais de guerras, nada mais de miséria, nada mais de destruição ecológica. Só amor, verdade, beleza e bondade. . .

Identificávamo-nos verdadeiramente com os primeiros cristãos: quanto mais se opunham a nós, mais comprometidos nos sentíamos. Era como se fôssemos o exército de Deus no meio de uma guerra espiritual — os únicos que podiam ir à linha de frente e lutar contra Satanás todos os dias.

Logo foi incentivado a partilhar com outros aquilo que tinha aprendido. Sobre os que responderam ao seu testemunho, ele diz:

Vemos os crentes como pessoas em busca de Deus, que procuram um sentido espiritual para suas vidas.... Era sempre incrível observar quantas pessoas nesta categoria nos diziam que estavam exatamente orando a Deus para que lhes mostrasse o que Ele queria que fizessem de suas vidas. Muitos acreditavam que foram “espiritualmente” levados a conhecer um de nossos membros.

Estas palavras podem ser facilmente ouvidas dos lábios de muitas Testemunhas de Jeová. Podem ser facilmente lidas nas experiências

¹³ Gálatas 1:14.

publicadas nas revistas *A Sentinela* e *Despertai!* Não são, porém, palavras de uma Testemunha de Jeová. São palavras de Steve Hassan, ex-membro da Igreja da Unificação, chefiada pelo líder coreano Reverendo Moon, movimento muitos vezes chamado de “moonies”.¹⁴ Em dois anos e meio de associação, ele tornou-se defensor ardente e líder respeitado desse movimento, completamente leal e dedicado à sua missão. Resistiu a todos os esforços de sua família e de outros para tirá-lo daquilo de que ele estava convencido que era “a verdade”.

Depois que um acidente lhe abriu caminho para uma total mudança de opinião, ele resolveu dar a outros o benefício da visão que teve dos meios pelos quais os seres humanos podem ser levados a entregar a mente e a consciência a um sistema religioso. O livro que ele depois escreveu não trata das Testemunhas de Jeová. Trata principalmente de movimentos que recorrem a métodos óbvios e extremos de doutrinação, inclusive isolamento físico, rituais, cantoria e práticas similares. Há, porém, certos elementos que ele descreve como básicos para o controle da mente e que certamente merecem séria reflexão. Considere o seguinte:

Aqueles que se tornam candidatos ao controle da mente não são, na maioria, pessoas “estranhas”. Dos milhares de pessoas a quem falou ou aconselhou, Hassan afirma: “A grande maioria era de pessoas estáveis, inteligentes e idealistas”, “o grande número de membros sinceros e comprometidos que o recém-chegado encontra, provavelmente atraem muito mais um prospectivo converso que qualquer doutrina ou estrutura”.¹⁵ Por que permitem, então, que outros dominem seu modo de pensar?

A essência do controle da mente é que este estimula a dependência e o conformismo, e desestimula a autonomia e a individualidade.... [ele

¹⁴ As citações são do livro de Steve Hassan, *Combatting Cult Mind Control* (Combatendo o Controle Mental das Seitas), Park Street Press, 1988, páginas 13, 19, 24, 42.

¹⁵ *Combatting Cult Mind Control*, páginas 42, 76.

busca] minar a integridade do indivíduo para tomar suas próprias decisões.¹⁶

A Torre de Vigia treina as Testemunhas de Jeová para ver o “pensamento independente” como pecaminoso, indício de deslealdade a Deus e a seu “canal designado”. Apontando para um elemento adicional do controle da mente, o “controle da informação”, Hassan diz:

....a ideologia é internalizada como “a verdade”, o único mapa da realidade. Tudo o que é bom está corporificado no grupo.... Tudo o que é mau está do lado de fora... nunca há razão legítima para sair.... Diz-se aos membros que as únicas razões pelas quais as pessoas saem são fraqueza, tentação, insanidade, lavagem cerebral... orgulho, pecado e assim por diante.¹⁷

Não aprovo o uso leviano da palavra “seita”, hoje tão comum. Como disse alguém, para muitos o termo é um rótulo que aplicam a qualquer religião de que não gostam. Creio, de fato, que há religiões que, sem serem “seitas”, podem manifestar muitas características sectárias. Dos elementos acima apresentados como traços fundamentais das religiões que exercem controle da mente, o fato é que cada um deles está claramente presente entre as Testemunhas de Jeová.

No caso das Testemunhas de Jeová, não há isolamento físico como o praticado por alguns movimentos religiosos (bem como por oficiais encarregados de doutrinar prisioneiros políticos). No entanto, *há* um isolamento de espécie bem definida.

A organização toma a exortação bíblica de ‘não fazer parte do mundo’ e a aplica no sentido de que as Testemunhas de Jeová devem

¹⁶ Ibid., página 55. Um artigo na *Despertai!* de 8 de fevereiro de 1966, página 18, diz similarmente: “Contrário à crença comum, é a pessoa ‘normal’, ‘mediana’, que pode ser doutrinada com mais facilidade. Tal pessoa é ‘normal’, porque já está influenciada pela comunidade até o ponto que se adapta a todos os seus padrões sociais, e se comporta somente de maneira ‘aceitável’. Suas opiniões fixas freqüentemente são copiadas e não provêm de raciocínio intelectual independente.” O artigo afirma que as Testemunhas de Jeová são diferentes nestas áreas. Na maioria dos casos, todavia, elas dão exemplos exatamente do tipo descrito de pessoa.

¹⁷ *Combating Cult Mind Control*, páginas 61, 62, 84.

restringir ao mínimo associar-se com os que não são de sua fé, o que, no final das contas, significa todos os que não abraçam os ensinamentos *vigentes* da organização.¹⁸ Tais pessoas “não estão na Verdade”, o que é o mesmo que dizer que estão todas “na mentira”. Todos os que não são Testemunhas, não importa quão boas suas qualidades pessoais, não importa quão elevados seus padrões, não importa quão profunda sua fé em Deus, em Cristo e na Bíblia, são “mundanos”. O contato social é aceitável se visa criar oportunidades de “dar testemunho” aos “mundanos”; por qualquer outro motivo isto é desencorajado.

Uma Testemunha pode, em conversa com um vizinho “mundano”, colega de trabalho ou sócio comercial, iniciar palestra sobre tópicos religiosos mas, como sei por experiência, a idéia é sempre “como dar testemunho à pessoa”. Interessa que a direção da conversa seja uma via de mão única, só mão única. Não visa que a Testemunha aprenda algo com a outra pessoa ou tenha um genuíno intercâmbio de pensamento e idéias. Isso, afinal de contas, seria inútil, já que a outra pessoa “não está na Verdade”! Quando a pessoa contatada não se mostra inclinada a concordar com o “testemunho” dado, seja quanto ao significado de 1914 ou qualquer outro tópico, a Testemunha geralmente acha que a conversa está improdutiva e pode encerrá-la. Ergue-se uma barreira mental contra qualquer comentário que não se harmonize com os ensinamentos vigentes na organização. A evidência que desminta algum desses ensinamentos faz geralmente a Testemunha reagir de modo programado: fechando rapidamente as portas de sua mente a tal evidência.

O mesmo se dá com a matéria de leitura. Embora as publicações da Torre de Vigia citem com freqüência, e às vezes liberalmente, todo tipo de publicações “mundanas”, inclusive obras sobre sociologia, psicologia e religião, cria-se a sensação de que *só a organização pode fazer isto de modo seguro*, e que, especialmente com relação a publicações religiosas, inclusive os comentários bíblicos, é perigoso para as Testemunhas medianas lerem tais fontes de informação. Inculcam-se não só a mera cautela mas também a desconfiança e a aversão. Evidentemente, a fé desenvolvida pela organização não é vista como forte o bastante para resistir aos efeitos de tal leitura.

¹⁸ João 17:14-16.

De novo, nesta área, há nas publicações da Torre de Vigia duas mensagens separadas, uma dirigida aos de fora da organização e outra, oposta, aos que nela estão. Os de fora são exortados a questionar suas crenças religiosas, não importa há quanto tempo as tenham. Artigos intitulados “Mente Aberta ou Fechada — Qual Delas Possui?” e “A Mente Aberta Granjeia a Aprovação de Deus” vêm na *Despertai!* de 22 de março de 1985, e outro intitulado “Aceita Novas Idéias”?, na *Sentinela* de 15 de janeiro de 1989. Todos são totalmente dirigidos *aos que não são Testemunhas*. O primeiro artigo, na página 3, define preconceito como:

Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; idéia preconcebida... julgamento ou opinião formada sem levar em conta o fato que os conteste.

Admitindo que decisões feitas “sem maior ponderação” ou “julgamento formado” sem “levar em conta o fato que o conteste” são evidências de mente fechada, o artigo incentiva uma “mente aberta” que seja “receptiva a novas informações e idéias”, “dispor-se a examinar e avaliar informações sem atitude preconceituosa”. Mais adiante afirma:

A mente fechada pode ser indício de falta de conhecimento. Talvez saibamos tão pouco sobre certo assunto, ou tenhamos informações tão deturpadas ou incompletas, que nos faltem os fatos necessários a conclusões acertadas...

A mente fechada talvez revele falta de interesse no assunto, ou relutância em examinar a questão. Com efeito, poderia ser até sinal de incerteza ou de dúvida. Para exemplificar, se não pudermos defender nossos conceitos religiosos, talvez verifiquemos que atacamos implacavelmente os que questionam nossas crenças, não com argumentos lógicos, mas com termos depreciativos ou com insinuações. Isto sabe a preconceito e a uma mente fechada.... Até mesmo algumas pessoas muito religiosas têm mente fechada. Só estão interessadas em “sua” religião, não mostrando disposição alguma de sequer escutar os conceitos dos outros.

...O que torna uma religião certa é seu total apego à Palavra de Deus. Só podemos determinar se nossa religião se enquadra neste critério ou não por a compararmos, com mente aberta, com a Bíblia.

Parece incrível que os redatores da organização não vejam a óbvia inconsistência entre estas exortações a ter mente aberta, feitas aos “de fora” e a admoestação exatamente oposta dada aos de dentro da organização. A seção “Perguntas dos Leitores”, na *Sentinela* de 1º de novembro de 1984, página 32, argumenta que é correto que as Testemunhas de Jeová, ao irem às pessoas de porta em porta oferecendo literatura da Torre de Vigia, *recusem-se* a aceitar literatura religiosa que os moradores visitados ofereçam em troca. Entre outras coisas, diz:

Portanto, as Testemunhas não se dirigem à porta das pessoas em busca da verdade ou de esclarecimento. Em vez disso, já devotaram inúmeras horas para aprender a verdade da Palavra de Deus...

...as Testemunhas de Jeová não desconhecem as crenças das outras pessoas. Adquiriram conhecimento básico das crenças doutrinárias das religiões comuns em sua região.

Portanto, seria imprudente, bem como um desperdício de tempo precioso, as Testemunhas de Jeová aceitarem publicações religiosas falsas, que visam enganar, e se exporem ao perigo delas...

Visto que somos cristãos leais, apeguemo-nos às normas de Deus, nutrindo a mente com o que é verdadeiro e justo, e apegando-nos com apreço e lealdade ao instrumento por meio do qual originalmente aprendemos a verdade bíblica.

A mente aberta que se espera dos leitores não Testemunhas, fazendo-os examinar literatura que oferece conceitos contrários às suas crenças religiosas, é paradoxalmente desencorajada entre as Testemunhas. Os artigos de *A Sentinela* e *Desperta!* criticam a mente fechada e a “atitude exclusivista”, mas em parte alguma esta atitude é mais evidente que entre as próprias Testemunhas de Jeová. As Testemunhas talvez digam que ‘estão informadas sobre outras religiões e suas crenças’. Mas para a vasta maioria, a informação que têm é somente a que a sua própria organização religiosa acha que deve dar. É uma informação previamente embalada, cuidadosamente editada, geralmente com as conclusões já definidas para elas.

Despertai! 22/3/85, pág. 3**Mente Aberta ou Fechada****— Qual Delas Possui?**

AS PESSOAS realmente têm dificuldade em dar-se bem com outros, não têm? E, embora a maioria de nós goste de imaginar-se como pessoas de mente aberta, perguntemos a nós mesmos com toda a honestidade: Será que o hitlaido ou o preconceituoso é sempre realmente o "outro sujeito"?

Na realidade, sua mente talvez seja mais fechada do que imagina. Será que, às vezes, diz: "Duas coisas sobre as quais nunca discuto são política e religião"? Ou franze o nariz diante de alimentos que jamais provou? "Escargots (caracóis)? Jamais!" Ou o que pensa de tratamentos médicos com os quais não está familiarizado? "Acupuntura? É pura tapação!" Ou "sabe" — como, por exemplo, "todo o mundo" na Alemanha sabe — que os ciganos são ladrões, os alemães do norte são teimosos, todo aquele que vem de Berlim é "papudo", os suábios são páis-duros e os estrangeiros são preguiçosos? Naturalmente, em toda a parte há idéias assim — sim, em seu país também.

Que Significa Ter Mente Aberta?

A pessoa de mente aberta está isenta dos laços do preconceito, que certo dicionário define como: "Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; idéia preconcebida . . . julgamento ou opinião formada sem levar em conta o fato que os conteste; prejuízo."

Faz parte necessariamente da vida fazer decisões e formular juízos. Mas as decisões feitas "sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos" e juízos formulados de forma "preconcebida . . . sem levar em conta o fato que os conteste" são evidências duma mente fechada.

Ter mente aberta, por outro lado, significa ser receptivo a novas informações e idéias. Significa dispor-se a examinar e avaliar informações

*A Sentinela* 15/3/86, pág. 12

***Destrói você sabiamente
matéria apóstata?***

Aconselha-se as pessoas do público a manter a mente aberta para com a literatura da Torre de Vigia, embora esta desafie suas crenças religiosas vigentes.

Aconselha-se as Testemunhas a destruir imediatamente a literatura que critica suas crenças (Note que o carteiro acaba de sair, indicando que a mulher nem sequer examinou o que recebeu.)

O autor do artigo parece não notar que, se as pessoas cujos lares as Testemunhas visitam para oferecer literatura forem membros de uma religião na qual crêem firmemente e da qual receberam todo o conhecimento bíblico que possuem, estes moradores podem usar argumento idêntico para recusar a literatura da Torre de Vigia, rejeitando-a como publicações falsas "que visam enganar", algo cuja leitura seria "desperdício de tempo precioso".¹⁹ Podem também ter lido

¹⁹ O artigo da revista *Despertai!* sobre ter a mente aberta traz a ilustração de um homem expressando, no rosto e na mão, uma rejeição decidida. A gravura poderia ser de um católico ou de um protestante rejeitando a literatura das Testemunhas de Jeová que discorda de suas crenças. Poderia igualmente ser uma Testemunha de Jeová rejeitando firmemente a literatura que discorde de suas crenças.

publicações da sua igreja sobre as Testemunhas de Jeová, e assim dizer que “não desconhecem” as crenças delas. Seriam, é claro, vistas pelas Testemunhas como pessoas “de mente fechada”, preconceituosas. Decerto se aplicam aqui as palavras de Jesus, quando disse:

Por que reparas no cisco que está no olho do teu irmão, quando não percebes a trave que está no teu? Ou como poderás dizer ao teu irmão: ‘Deixa-me tirar o cisco do teu olho’, quando tu mesmo tens uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás bem para tirar o cisco do olho do teu irmão.²⁰

A revista *Despertai!* de 8 de setembro de 1987 traz artigos dirigidos primariamente aos da fé luterana. Um deles foi escrito com base em citações de sermões de Dietrich Bonhoeffer, teólogo protestante executado pelos nazistas. Supostamente, se uma Testemunha na porta de um morador alemão recebesse um panfleto com os sermões de Bonhoeffer, deveria lealmente rejeitá-lo como algo cuja leitura seria “imprudente, bem como um desperdício de tempo precioso”. Na sua revista *Despertai!*, porém, as citações dos sermões deste pastor protestante, segundo a definição da Torre de Vigia, um membro de “Babilônia, a Grande”, tornam-se algo aceitável, “santificado” para a leitura das Testemunhas leais.

O artigo faz várias colocações válidas sobre o conceito crítico que alguns teólogos protestantes têm da Bíblia, e outros aspectos em que muitos membros de igrejas se mostram relapsos. Considere, porém, estes pontos vistos nas páginas 8, 10 e 11 (as palavras grifadas são as que o redator da *Despertai!* cita dos sermões de Bonhoeffer):

²⁰ Mateus 7:3-5, *BJ*.

Observe os seguintes trechos tirados de alguns de seus sermões. Pergunte a si mesmo: O que significaria o acatamento das palavras dele para a Igreja Luterana? para a *minha* igreja?

“Na religião, só há uma coisa de importância essencial, que ela seja verdadeira.” Isto concorda com o que Jesus disse: “Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.”* — João 4:24; veja também João 8:32; 14:6; 16:13.

Está seguro de que tudo que sua igreja ensina é realmente verdadeiro?

Se a Igreja Deixa de Agir, Agirá Você?

Se, depois de uma pesquisa honesta, não ficar satisfeito diante do que vê, faça mais do que simplesmente queixar-se. Um jornalista, ao comentar a declaração de Karl Barth de que uma igreja é o que são os seus membros, concluiu logicamente: “Os membros da igreja . . . são responsáveis pelo que a igreja diz e faz.” Assim, pergunte a si mesmo: Estou disposto a partilhar da responsabilidade por *tudo* que minha igreja diz e faz?

Talvez creia sinceramente que sua igreja não é parte da religião falsa que Deus diz que em breve destruirá. Mas sua vida depende de estar 100 por cento certo. Está?

Para alguém de outra religião, fixa-se o critério da verdade absoluta: Tudo deve ser “*realmente* verdadeiro”. Deve estar “100 por cento certo” quanto à sua religião. E se não ficar “satisfeito diante do que vê”, deve fazer “mais do que simplesmente queixar-se”, porque partilha da responsabilidade por “*tudo* que [sua] igreja diz e faz”. Com base em tudo que até agora foi apresentado nas publicações da Torre de Vigia sobre lealdade e submissão à organização Teocrática, imagine só o que aconteceria se uma Testemunha seguisse esta exortação de

sua religião! Ao invés, ela deve concluir que estas palavras enérgicas aplicam-se apenas a *eles* e não a *nós*. Muitas das críticas que o artigo da *Despertai!* faz ao luteranismo são válidas. Mas essas faltas não tornam certas as posições das Testemunhas de Jeová, seus erros não apagam os erros da Torre de Vigia ou os tornam menos repreensíveis. Incrivelmente, o redator da *Despertai!* pode citar fontes protestantes, inclusive luteranas, pois elas próprias fazem tais críticas. Estas pessoas podem fazer isso sem ser excomungadas por suas igrejas. Uma Testemunha de Jeová não poderia fazer o mesmo. Quando ela vê clara evidência de erro, de normas não-bíblicas em sua religião, não deve queixar-se, e certamente não deve sair (como se sugere que os luteranos façam em relação à religião deles). Ao invés, ela deve calmamente ‘esperar que Jeová corrija isso no seu tempo devido’. O que é necessário e correto da parte dos luteranos é ao mesmo tempo errado e desnecessário da parte das Testemunhas. E o mais incrível é que a maioria das Testemunhas (inclusive o autor do artigo da *Despertai!*) não vejam em tudo isto um critério duplo, não vejam nada de impróprio em dar aos outros uma exortação que não podem aplicar a si mesmas.

A já citada seção “Perguntas dos Leitores” garante aos leitores de *A Sentinela* que sua recusa de ler ou mesmo aceitar literatura que os moradores oferecem não é ser “tacanho”, que — longe disso — é “por usar de sabedoria e de respeito para com o conselho de Deus” que tomam esta atitude. Mas o raciocínio jamais toca na verdadeira questão. Embora se refira a Paulo e sua atitude de falar a verdade intrepidamente, nunca demonstra que ele se recusou a discutir pontos de vista opostos ou defender-se das críticas. Pelo contrário, Paulo estava disposto a ser “todas as coisas para pessoas de toda sorte”.²¹ Ao invés, *A Sentinela*, para dar força a suas afirmações, apóia-se no preconceito, no pré-julgamento e no uso de “rótulos desagradáveis” (“publicações religiosas falsas, que visam enganar”, “escritos venenosos” distribuídos “por causa de ganho desonesto”, comprá-los seria ‘financiar a iniquidade’). Mas, por meio deste artigo, *disseram* às Testemunhas leais que elas não são tacanhas quando incentivam outros a olhar de modo crítico sua religião, enquanto elas próprias recusam-se a fazer o mesmo — e elas *aceitam*. O canal de Deus falou e isso basta.

²¹ 1 Coríntios 9:19-23.

A soma da evidência, pois, é que embora não exista isolamento físico extremo, gera-se um isolamento *mental* muito eficaz por meio da interpretação que a organização dá às palavras de Jesus sobre não fazer parte do mundo. A comunidade dos crentes fica bastante isolada e intelectualmente lacrada em relação a toda fonte de matéria bíblica que não seja a dessa única voz, a da organização. Dizem-lhes continuamente que este é o único modo de evitar ser enganados. O aparente objetivo é criar um ambiente estéril no qual os conceitos e interpretações da organização possam circular livremente, sem ter de se confrontar com qualquer desafio.

De modo geral, quanto mais tempo na organização, mais concentrados ficam os contatos sociais da pessoa, mais restritas ficam as amizades àqueles da organização. Até os parentes “mundanos”, isto é, os parentes não-Testemunhas, são muitas vezes gradualmente relegados a um relacionamento um tanto frio e distante.

O fato de a pessoa tornar-se parte de uma comunidade exclusiva com contatos apenas limitados, “necessários” com os de fora, é o fator que dá este poder enorme a qualquer decreto de desassociação emitido pela organização. Toda a vida social da pessoa está na organização. Quando se está nela há muitos anos, ser desassociado significa perder praticamente todas as amizades que se tem. Especialmente para os de idade avançada, isto pode apresentar uma perspectiva deprimente devastadora. A situação equivale de perto à das pessoas dos tempos bíblicos que eram ‘expulsas da sinagoga’, visto que a sinagoga era o centro de todo contato social na comunidade judaica.²²

Duvido muito que a maioria das pessoas, lendo a própria Bíblia, entenderia as palavras de Jesus sobre não fazer parte do mundo do modo extremo veiculado nas publicações da Torre de Vigia. Não que não exista na Bíblia este conceito exclusivista. Existe. Mas é o ponto de vista assumido pelos fariseus, não o ensinado por Jesus Cristo ou seus apóstolos. Como vimos, o próprio nome “fariseu” significa “separado” ou “exclusivo”. Com seus conceitos extremistas, este grupo religioso buscava separar e excluir de sua associação todas as pessoas

²² Confira João 12:42.

que não aceitavam seus ensinamentos tradicionais particulares e padrões de santidade, vendo a todas elas como “impuras”.²³

Jesus Cristo deu um exemplo bem diferente do destes extremistas e isto os enfureceu. Eles condenaram Jesus e o modo como se associava com outros. Lendo as palavras de Jesus, não só no Sermão do Monte mas em todos os seus ensinamentos, vemos que seu *foco principal* não era uma série elaborada de interpretações doutrinárias, mas um alvo real estabelecido nas Escrituras, seu verdadeiro objetivo e direção, a saber, o amor a Deus e o amor ao próximo. Suas palavras destacam a conduta e as ações que manifestam este amor, e seus apóstolos pediam o mesmo em todas as suas cartas. Quando tratam da necessidade de ser criteriosos quanto a associações, é com respeito a coisas essenciais, e não diferenças em coisas mínimas, e definitivamente não em razão de normas, regras, raciocínios e interpretações extra-bíblicas, frutos do pensamento sectário.

Em sua carta aos Gálatas, o apóstolo Paulo toca de fato na questão dos ensinamentos, dizendo:

Admiro-me que tão depressa abandoneis aquele que vos chamou pela graça de Cristo, e passeis a outro evangelho. Não que haja outro, mas há alguns que vos estão perturbando e querendo corromper o Evangelho de Cristo. Entretanto, se alguém — ainda que nós mesmos ou um anjo do céu — vos anunciar um evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema. Como já vo-lo dissemos, volto a dizê-lo agora: se alguém vos anunciar um evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema.²⁴

Incrível como pareça, essas palavras são hoje aplicadas pela Sociedade Torre de Vigia a todos os que deixam de concordar e que expressem discordar — não da mensagem apostólica que Paulo pregava no primeiro século — mas dos próprios ensinamentos atuais dela. Assim, após primeiro citar exatamente estas palavras de Paulo na resposta a uma das “Perguntas dos Leitores”, *A Sentinela* de 1º de abril de 1986 passa a dizer (página 31):

²³ Mateus 15:1-9; João 9:16; veja também “Fariseus”, na publicação da Torre de Vigia, *Estudo Perspicaz das Escrituras*.

²⁴ Gálatas 1:6-9, *BJ*.

A associação aprovada com as Testemunhas de Jeová requer a aceitação de toda a série dos verdadeiros ensinamentos da Bíblia, inclusive as crenças bíblicas singulares das Testemunhas de Jeová.

O artigo argumenta que os que não aceitam são justamente excomungados. Isto significa tirar as palavras de Paulo do contexto, fazendo-as, de fato, significar exatamente o oposto do que dizem. O que Paulo mostra é que há apenas UM evangelho (boas novas), conforme pregado no primeiro século, não algo que apareceu pela primeira vez numa publicação ou revista do século 20. São as boas novas que qualquer pessoa pode achar em qualquer Bíblia, sem depender de uma publicação da era moderna que a transmita para ela, não algo que não se possa entender sem esta publicação. Não se trata de uma “mensagem especial” de elaboração pós-apostólica, sem a qual a Bíblia é insuficiente, como insinuou o presidente da Torre de Vigia em seus comentários matinais para a família da sede mundial, já citados.²⁵

Segundo o apóstolo, existe uma única mensagem para divulgar, a já pregada por ele e outros naquela época, registrada pelos escritores inspirados da Bíblia, e ninguém, anjo ou homem, tem o direito de trazer outra mensagem senão a que já foi dada, a qual Paulo chama de “boas novas a respeito do Cristo”.²⁶ São as “boas novas *eternas*”, a “fé que *de uma vez para sempre* foi entregue aos santos”, e portanto não precisa ser ajustada, modernizada ou atualizada por homens não inspirados de nossa época.²⁷

Os primeiros estágios

Refletindo nos meus 43 de associação ativa, não duvido que a submissão incondicional entre as Testemunhas de Jeová desenvolve-se gradualmente. Não hesito em dizer que adquirir considerável conhecimento das Escrituras por minha associação ativa com a

²⁵ Veja o capítulo 2 deste livro, na página onde se encontra a nota 7.

²⁶ 2 Coríntios 2:12; 4:4; 9:13.

²⁷ Revelação 14:6; Judas 3.

organização das Testemunhas, bem mais do que tinha anteriormente.²⁸ Ao mesmo tempo, vim eventualmente a perceber que a própria organização fazia as pessoas progredir apenas até certo ponto. Ela as levava, às vezes, do “analfabetismo” bíblico até o que se poderia chamar de “nível de segunda ou terceira série”. Aprenderam a localizar textos específicos na Bíblia, receberam algum conhecimento da história bíblica, e leram por si mesmos certos ensinamentos fundamentais diretamente nas Escrituras, o que para muitos foi não só útil, mas impressionante. Se há algo pelo qual sou grato com relação a meus 40 anos de serviço de tempo integral como Testemunha, é que pelo menos trouxe a Bíblia à atenção de pessoas que antes pouco ou nada sabiam dela. Neste ponto específico, a obra das Testemunhas de Jeová merece elogios, e a falha de muitas organizações religiosas em edificar o interesse na Bíblia merece preocupação. Ao conduzir as pessoas à Palavra de Deus conforme está nas Escrituras, as Testemunhas de Jeová prestam um serviço útil.

Se pelo menos esse impulso inicial fosse mantido e aprimorado continuamente — mas é aí que reside o problema.

Após este progresso inicial no nível de conhecimento, a vasta maioria delas fica num platô. À medida que passam os anos de associação, mais os ensinamentos da organização predominam sobre o estudo e a meditação nas próprias Escrituras. Em consequência, após vinte, trinta ou quarenta anos de associação, o conhecimento que muitas, talvez a maioria das Testemunhas, têm da Bíblia, é relativamente um pouco maior que quando tinham um ano de associação. Permanecem como crianças, numa grande dependência da “mãe” organização, e sentindo-se inseguras sem a direção dela em suas mentes e vidas. Seu progresso espiritual estanca — a menos que elas próprias vão *além* do “programa” da Sociedade e por meio do esforço pessoal adquiram maior conhecimento e compreensão das Escrituras. Por deixarem que a organização atue como sua consciência, sua força espiritual, em alguns aspectos, é menor na fase posterior da vida do que no período inicial de associação. Podem suportar sofrimentos e até sacrifícios para serem leais à organização, aparentando assim firmeza

²⁸ Isto é verdade, embora eu tenha nascido de pais que já eram Testemunhas.

espiritual. Mas não têm força para tomar decisões genuinamente pessoais de consciência e aceitar as conseqüências dessas decisões.

De início fui atraído pelo apelo ao raciocínio feito em muitas publicações da Torre de Vigia. Visto que estas publicações visavam amiúde a estimular as pessoas de outras religiões a reexaminar, reavaliar e até questionar a validade dos ensinamentos de suas religiões, era imperativo que estas publicações enfatizassem a necessidade de pensar por si mesmo, pensar de modo independente. No início, as pessoas são regularmente incentivadas a não aceitar ensinamentos sem primeiro examiná-los cabalmente segundo as Escrituras. Mas o exame se restringe quase totalmente às crenças *anteriormente aceitas* da pessoa, e só certas destas crenças são submetidas a exame. Ensinamentos como a imortalidade inerente da alma, a crença no inferno de fogo literal e tormento físico ou tópicos semelhantes são o alvo de grande parte do “exame”. A argumentação é geralmente muito bem elaborada nestes tópicos. Por causa disto, a pessoa fica sempre tão impressionada que, à medida que outras coisas são apresentadas ou ensinadas, ela tende a aceitá-las mais ou menos à base da confiança, sem exigir a mesma evidência.

Incrível é que a maioria das Testemunhas fica tão impressionada pelos ensinamentos abordados de início, sobre a mortalidade da alma, do inferno como sinônimo da sepultura ou da condição dos mortos, e pontos similares, que pensam e falam deles como “doutrinas básicas” das Escrituras, ensinamentos que constituem o critério para identificar a única religião verdadeira.

Todavia, não se consegue achar na Bíblia um capítulo sequer dedicado a tais assuntos. Não é que as pessoas dos tempos bíblicos não tivessem crenças sobre a imortalidade da alma ou um lugar de tormento para os iníquos. A maioria dos povos e religiões as tinham. Mas os escritores da Bíblia não foram inspirados para fazer do debate ou da refutação destas questões os assuntos destacados, fundamentais de seus escritos. Os textos e declarações que se relacionam com estes são apenas casuais dentro da consideração de outros tópicos.

A Testemunha mediana, então, pode sentir-se muito bem equipada para discutir a alma ou o inferno de fogo, mas sente-se bem perdida se lhe pedem para falar, por exemplo, da carta de Paulo aos Romanos e

seus fortes argumentos sobre a salvação pela fé, não pelas obras. Além de certo número de “textos-chave”, usados em apoio aos principais ensinamentos das Testemunhas, a maioria dos membros teria grande dificuldade para explicar de modo inteligente a maior parte das cartas apostólicas.

Abordagem catequética

Embora se incentive muito o “estudo pessoal”, este é cuidadosamente programado. Espera-se que as Testemunhas leiam publicações específicas em preparação para as cinco reuniões semanais. Apesar de uma destas reuniões incluir a leitura de um ou mais capítulos da Bíblia, isto representa apenas uma pequena parte de toda a matéria designada.²⁹ As publicações da organização são mais enfatizadas que as próprias Escrituras. As reuniões em que se considera a matéria designada são também cabalmente programadas, sem espaço para discussão aberta. São em grande parte sessões de perguntas e respostas, com perguntas já preparadas pela organização e as respostas encontradas na publicação designada. Esta é uma abordagem “catequética” que não estimula o genuíno esforço mental ou o debate franco, mas a mera repetição (mesmo que nas próprias palavras da pessoa) do pensamento da sede mundial da organização. Na verdade, em quase todas as reuniões a que assisti, grande parte dos que participavam liam as respostas das perguntas palavra por palavra na publicação designada.

Além desta programação rígida, outra razão pela qual raramente se suscitam perguntas sérias, como indicam os artigos de *A Sentinela e Desperta!*, é que a maioria das pessoas acha que “refletir é trabalho árduo”.³⁰ Querem que outros pensem por elas, embora que, como também dizem os artigos, gostem de acreditar “que pensam por conta própria” e que aquilo que adotam como verdade é fruto do uso de sua própria capacidade mental.³¹ A informação contida nas publicações da Sociedade é apresentada de modo muito positivo e poucos se sentem

²⁹ Como pelo menos um indício do grau de relativa importância dada à própria Bíblia, quando há crianças matriculadas na Escola Teocrática sua designação muitas vezes é fazer esta leitura da Bíblia.

³⁰ *Desperta!*, 22 de fevereiro de 1979, página 3.

³¹ *A Sentinela* (em inglês), 15 de junho de 1956, página 360.

inclinados a questionar se está correta ou a fazer esforço mental para comprovar seus argumentos.

Assim, embora as perguntas sejam permitidas, espera-se sempre que os que perguntam aceitem qualquer resposta dada nas publicações da organização. O indivíduo deve se deixar “reajustar” pelo que a publicação diz. Dizer que a resposta da publicação não é francamente satisfatória, que o argumento não parece sólido, que o raciocínio e a interpretação humanos parecem prevalecer sobre as Escrituras, é expor-se a ser rotulado como “obstinado”, “sem humildade”, “presunçoso”. As dúvidas são vistas como falta de fé, evidência de fraqueza espiritual, espírito orgulhoso, tendência para a apostasia.

É verdade que periodicamente as publicações admitem que os escritores são todos, afinal de contas, “homens imperfeitos”, e que a organização “nunca afirmou ser infalível”. Na prática, é bem diferente. Descobre-se que isso se aplica apenas ao *passado*, não ao *presente*. Embora a organização tenha de admitir que mudou um número considerável de seus ensinados passados — o que evidencia que estavam errados — ela não se sente motivada à modéstia por causa desses erros, de modo a lembrar a seus leitores que aquilo que diz agora pode também sofrer alterações devido à mesma imperfeição. Ao contrário, apela-se às Testemunhas de Jeová para que aceitem qualquer coisa que lhes ensinem no momento *como se fosse infalível*. É como se dissessem: “Vocês devem aceitar tudo o que for publicado como verdade absoluta, até dizermos que não é mais”. Isto se chama, pura e simplesmente, controle da mente.

Em tudo isto, a organização Torre de Vigia não se empenha em algo de novo ou diferente. Ela simplesmente segue um padrão, padrão comum no passado e no presente.

Intimidação intelectual

Para que os adeptos abram mão do próprio processo de reflexão, é que se fazem aos membros da congregação constantes alegações de que a organização tem apoio e autoridade divinos, como “escravo fiel e discreto”. Para dar só um exemplo, A Sentinela de 15 de dezembro de 1964, na página 749, dizia:

²² Assim como Jeová revelou suas verdades por meio da congregação cristã do primeiro século, assim também êle o faz, atualmente, por meio da atual congregação cristã. Por meio desta agência, faz com que se cumpra o profetizar em escala intensificada e sem paralelo. Tôda esta atividade não é feita por acaso. Jeová é quem está por trás de tôda ela.

Entendemos que Deus “revelou suas verdades” na época da congregação cristã do primeiro século por inspiração divina, por comunicação e orientação divinas aos apóstolos e outros, resultando em discursos e escritos inspirados que são tão verazes hoje como eram dezenove séculos atrás. Dizer que Deus também “o faz, atualmente, por meio da atual congregação cristã” significa, para todos os efeitos, alegar inspiração divina. Fazem de Jeová o responsável por “toda ela”, e que servo de Deus desejaria resistir a Ele? Como observou o ex-superintendente viajante Ron Frye:

A Sociedade não alega ser inspirada, mas fala com o mesmo grau de autoridade como se o fosse, e exige ser levada a sério como se fosse inspirada, nem sequer permitindo que as pessoas questionem ou tenham dúvidas ou reservas quanto a qualquer coisa que ensine. Depois, pede que a eximam da responsabilidade quando algo tem de ser mudado ou corrigido ou quando alguma profecia não se cumpre.

Em vez de informação “inspirada”, as publicações falam regularmente que só a organização possui verdade “revelada”. Sobre isto, Frye comenta:

O uso do termo “revelada” em lugar de afirmar ter inspiração é mera questão de semântica — uma distinção que não representa diferença alguma — e à qual só se recorre quando é preciso explicar mudanças, contradições e desapontamentos. Se considerarmos que eles são simplesmente um grupo de homens religiosos, sinceros, mas sem nenhuma orientação divina especial, então as experiências deles fazem sentido, porque ilustram o fator *humano* — erros de cálculo, sectarismo e assim por diante. Por outro lado, porém, argumentar que Jeová está por trás de tudo isto não faz sentido.

O conceito de “verdade revelada” é empregado repetidamente. Se é revelada *quem* a revelou? Afirma-se que *Deus* a revelou. Como pode, então, não ser algo inspirado e infalível? O contraste, contudo, entre a

revelação da verdade aos apóstolos e outros no primeiro século e a história de mudanças e ensinoss instáveis e flutuantes da organização Torre de Vigia nos tempos modernos é enorme.

O cargo de profeta de Deus

Com um jogo de palavras similar, a organização afirma que não faz profecias originais, que apenas proclama as que já estão nas Escrituras.³² Isto, é claro, não está em plena harmonia com os fatos, visto que no passado ela publicou predições baseadas em certas datas que a Bíblia de modo algum menciona.³³ Não obstante, esta explicação permite que ela alegue ter um *cargo profético* ao mesmo tempo em que se exime *da responsabilidade e da prestação de contas* que com justiça acompanham esse cargo. Após citar as palavras de Deus ao povo rebelde da época de Ezequiel, de que teriam de “saber que foi um profeta que veio a estar no meio deles”, o livro “*As Nações Terão de Saber que Eu Sou Jeová*”, escrito por Fred Franz e publicado em 1973, afirma estes pontos (página 66):

³³ Do mesmo modo, a moderna classe de Ezequiel foi enviada numa missão provadora a pessoas religiosas do mesmo tipo como as dos dias de Ezequiel. Mas não importa como a cristandade considera ou encara este grupo de testemunhas ungidas de Jeová, terá de vir o tempo, e isto em breve, quando os que compõem a cristandade saberão que houve realmente um “profeta” de Jeová entre eles.

³² O termo grego original para “profetizar” tem de fato o sentido básico de simplesmente “proclamar” ou “anunciar” e pode incluir predições ou não.

³³ E pode-se dizer que mesmo quando ela cita profecias diretamente das Escrituras, geralmente é sua interpretação das profecias que ela proclama — uma interpretação que muitas vezes mostra-se equivocada.

Depois, na página 270, o livro leva a coisa mais adiante, dizendo:

³⁶ Nenhum de nós deve querer ser igual a estes indecisos e impassíveis! É melhor saber agora, do que quando for tarde demais, que há uma classe autenticamente profética de cristãos entre nós, e aceitar a mensagem bíblica e agir segundo ela, “não como [sendo] a palavra de homens, mas, pelo que verazmente é, como a palavra de Deus”. (1 Tessalonicenses 2:13) A respeito da mensagem fielmente transmitida pelos da classe de Ezequiel, Jeová declarou positivamente que isto “tem de se cumprir”. Ele afirma que os que esperam indecisos para que ‘se cumpra’ também “terão de saber que foi um profeta que veio a estar no meio deles”. (Ezequiel 33:33) Tal conhecimento retardado, porém, não significará salvação para eles, porque encontrará seu coração e seu proceder nada mudados.

³⁷ O que se ganha com a hesitação e a dúvida até o fim quanto a Jeová poder suscitar e ter suscitado um “profeta” genuíno dentro de nossa geração? Certamente, ninguém obterá o favor divino e a proteção dele necessários durante a “grande tribulação” que rapidamente se aproxima para a cristandade e o restante de Babilônia, a Grande.

Portanto, a “classe do escravo fiel e discreto” é chamada de “classe de Ezequiel” (como também “classe de Jeremias” e “classe de Elias” — usadas como se aplicando a eles antes da época do Juiz Rutherford e até sua morte em 1942, e “classe de Eliseu” — que acreditam se aplicar a partir daquele evento).³⁴ O livro fala de Jeová “ter suscitado um ‘profeta’ genuíno dentro de nossa geração.” Que servo de Deus não se sentiria compelido a atender as palavras deste “profeta genuíno” de Deus? A matéria citada, de fato, adverte sobre os terríveis resultados para os que hesitam e têm dúvidas, deixando conseqüentemente de aceitar o que este “profeta” diz.

Freqüentemente citado é o texto de Amós 3:7, que reza:

Pois o Soberano Senhor Jeová não fará coisa alguma sem ter revelado seu assunto confidencial aos seus servos, os profetas.

³⁴ Veja o livro “*Santificado Seja o Teu Nome*,” páginas 335-338. O livro *Revelação — Seu Grandioso Clímax Está Próximo!*, página 166, fala em tom similar que as “ardentes mensagens de julgamento” proclamadas pelos representantes da Torre de Vigia no período de 1914-1918 foram “prefiguradas pela obra profética de Moisés e de Elias”. Apesar disto, essas “ardentes mensagens de julgamento” não são atualmente vistas como importantes o suficiente para mantê-las ainda que impressas.

O que aí se diz dos profetas é arbitrariamente transferido para os tempos modernos, e diz-se às Testemunhas que o “significado profético das Escrituras nos é revelado mediante ‘o escravo fiel e discreto’, o grupo de cristãos ungidos, que o Amo, Jesus Cristo, usa agora”, e que “Jeová fornece aos seus servos leais conhecimento antecipado sobre o fim deste sistema”.³⁵

Exemplos deste “conhecimento antecipado” acham-se em vários artigos de *A Sentinela* dos anos 70 e 80 (veja a nota de rodapé).³⁶ Estes utilizam noticiários da época como evidência de que “os acontecimentos que levam à destruição dela [Babilônia, a Grande] já estão em andamento,... sim, e mesmo *já agora* [em 1981] ocorrem eventos que estão preparando o caminho para essa execução” (com os “poderes políticos militarizados” e os “elementos radicais da ONU” apontados como os iminentes destruidores), e que os “prenúncios desse iminente confronto são ouvidos com frequência nas notícias do dia”. Em apoio, foram feitas citações sobre a hostilidade do comunismo para com a religião. Isto era um “*óbvio* sinal, persistente”. Dizia-se que o “rebaixamento das águas do rio Eufrates” que precedeu a destruição da antiga Babilônia teria um cumprimento moderno por meio do rebaixamento do apoio do povo às religiões do mundo e particularmente da cristandade. Dizia-se que a “tendência geral” era “inconfundível” e, novamente, itens noticiosos da época foram apresentados como “a escrita na parede”, evidenciando que a iminente destruição ocorreria “dentro em breve”.

Agora, no século 21, o cenário mundial alterou-se dramaticamente, a animosidade comunista para com a religião dissipou-se (não com o fim da religião no mundo, mas com o fim do próprio comunismo) e há indícios do ressurgimento do interesse religioso em grande parte do globo. Todavia, garantiu-se às Testemunhas que as predições feitas com base nos noticiários da época eram todas evidências de que Deus revela seus “assuntos confidenciais” a uma organização-profeta da era moderna e que todas tinham uma ótima razão para corajosa e confiantemente proclamar este “conhecimento antecipado” da parte de Deus.

³⁵ *A Sentinela*, 15 de janeiro de 1985, páginas 21, 22.

³⁶ Veja *A Sentinela*, 15 de janeiro de 1985, páginas 22-24; 15 de abril de 1981, páginas 17-23; 15 de julho de 1977, páginas 424-428.

Aquele que lê a Bíblia pode ver que os profetas de Deus jamais foram inspirados a falar uma mistura de verdade e erro, suas declarações não precisavam de “edições posteriores”, corrigidas para varrer ou encobrir raciocínios falsos. Onde, então, há algum paralelo real?

A organização tenta revestir-se do impressionante manto de profeta de Deus e exige o respeito que este cargo profético confere. Rejeita, porém, a responsabilidade de acertar que o cargo traz.

Se confrontada com as palavras de Deus em Deuteronômio 18:20-22 acerca da infalibilidade profética, ela ousa descartá-las como não se aplicando a ela em seu papel de “profeta genuíno” e “autêntica classe profética”. Com que direito faz isso? Será que por simplesmente dizer, “Bem, somos todos imperfeitos”, exime-se a organização de que este padrão bíblico do profeta genuíno seja aplicado a ela? Pede a seus adeptos para não levar em conta seus caminhos passados, semeados de predições não-cumpridas e interpretações errôneas agora rejeitadas, e para continuar a depositar fé quase reverente no que ela publica, concedendo-lhe a dignidade, a honra e o crédito devidos a um profeta de Deus. Em vez de sentir-se humilde em face da clara evidência de sua trajetória errática, sinuosa, ela se torna mais estridente em suas pretensões, mais dogmática em seus pronunciamentos. Será este o proceder de um “profeta genuíno” de Deus?

Autoridade apostólica

Ela também proclama ter poder e autoridade apostólicos. Por um lado, a organização rejeita o ensino católico da “sucessão apostólica”. No entanto, pede a seus membros para encará-la como se tivesse uma posição similar. A *Sentinela* de 1º de dezembro de 1982, na página 13, no artigo “Sujeite-se Lealmente à Ordem Teocrática,” afirma:

Hoje em dia, um restante desse “escravo fiel” ainda está vivo na terra. Seus deveres incluem receber e passar adiante a todos os servos terrestres de Jeová o alimento espiritual no tempo apropriado. Ocupam uma posição similar à de Paulo e seus colaboradores, quando esse apóstolo falou sobre as maravilhosas verdades que Deus revela ao seu povo: “É a nós que Deus as tem revelado por intermédio de seu espírito.”

A organização alega, na declaração acima, que assim como o apóstolo Paulo recebeu revelações de Deus, também ocorre com o “alimento espiritual” que hoje a organização publica por meio de seu Corpo Governante, que “É a nós que Deus as tem revelado por intermédio de seu espírito.” Que cristão desejaria ser culpado de rejeitar uma informação divinamente revelada vinda do apóstolo Paulo? Quem, então, desejaria ser culpado de rejeitar informação vinda desta organização que afirma cumprir uma função paralela? Com raciocínios deste tipo, que necessidade há de declarações abertas de infalibilidade ou inspiração divina?

Do mesmo modo como descreve a si própria como “classe de Jeremias”, “classe de Ezequiel”, e “classe de Elias e Eliseu” nas atribuições do cargo profético, a publicação de 1988 da organização, *Revelação — Seu Grandioso Clímax Está Próximo!* refere-se regularmente à organização como “a classe de João” nas atribuições de um suposto cargo apostólico.³⁷ O cargo é igualmente auto-designado, sem evidência alguma de autorização divina.³⁸

³⁷ A *Sentinela* de 1º de junho de 1968, página 332, pedindo submissão à organização visível, declara que “temos de estar em pleno e completo acordo com toda fase de suas normas e seus requisitos apostólicos”.

³⁸ Como bem explica John R. Scott em seu comentário aos Gálatas: “[Os apóstolos] foram escolhidos, chamados e comissionados pessoalmente por Jesus Cristo, e autorizados a ensinar em seu nome.... Não pode, portanto, haver sucessão apostólica, senão a lealdade à doutrina apostólica do Novo Testamento. Os apóstolos não tiveram sucessores. Dada a natureza da questão, ninguém poderia sucedê-los. Eles foram únicos.” (John R. Scott, *Only One Way* [Intervarsity Press, Leicester/Downers Grove, 1968], página 13.)

Quem nos vê, vê o Cristo celestial

Na página 19, o mesmo número recém-citado de *A Sentinela* exalta mais adiante a posição da organização desta maneira:

¹⁰ Visto que Cristo Jesus é agora o entronizado Líder e Comandante de todos os que lutam a favor da verdade e da justiça, nós podemos unidamente ‘aprender por observá-lo’, assim como os 300 aprenderam por observar a Gideão. (Juizes 7:17) Mas, como é que podemos ‘observar’ hoje a Cristo, já que ele é invisível? Nós o ‘observamos’ no sentido de que discernimos os seus sinais conforme dados por intermédio do seu visível “escravo” designado sobre todos os interesses terrestres do seu reino. (Mateus 24:45-47) É por meio deste instrumento designado pelo espírito que suas diretrizes e sua estratégia são comunicadas a todos os seus “soldados”. Estes últimos não se podem dar ao luxo de avançar por conta própria ou de ficar impacientes porque seu ponto de vista sobre as coisas não se realiza. A cronometragem dos assuntos é provida pelo nosso Comandante invisível. O conceito dele é que importa, não os nossos conceitos pessoais.

Nisto a organização faz mais que cumprir o papel de profeta e apóstolo. Ela afirma aqui que o que as pessoas vêem nela é o mesmo que observar o próprio Cristo invisível dando sinais. De fato, parafraseiam as palavras de Jesus, “quem me tem visto, tem visto o Pai”, pois dizem claramente: ‘quem nos observa, observa

o Filho’. (João 14:9)³⁹ Todos sabem o que acontece com o soldado que falha em obedecer as ordens e sinais de seu oficial comandante. Assim, quem pensaria em desobedecer à organização para a qual se pode olhar como se olhasse o “líder e comandante” predito por Jeová?⁴⁰ Parece quase inacreditável que alguém possa conceber Jesus, como oficial comandante, mandando orientações de forma errática, contraditória e instável, como emanaram da organização ao longo de sua história. Mas nos dizem que o conceito que recebemos da organização é o conceito do próprio Cristo, ‘estrategicamente cronometrado’ por ele. Se a organização fica atolada se apegando a uma posição errada durante décadas, temos de estagnar com ela; se toma a direção errada, temos de segui-la. As palavras de Revelação 14:4, “Estes são os que estão seguindo o Cordeiro para onde quer que ele vá”, na verdade se convertem em: “Estes são os que estão seguindo a organização para onde quer que ela vá.”

Mediação e intervenção sacerdotais

Isto não termina aí. Este e outros artigos exortam as Testemunhas a ter para com a organização uma atitude semelhante a que se tinha para com Moisés e o sacerdócio de Israel. Os artigos comparam os que divergem da organização aos que se rebelaram contra estes representantes especiais de Deus.⁴¹ Parece não importar se a Bíblia mostra que *somente* Jesus Cristo, e não um grupo de homens, é o Moisés Maior, o predito profeta semelhante a Moisés a quem todos

³⁹ É verdade que em Lucas 10:16, Jesus diz: “Quem vos escuta, escuta a mim.” Essas palavras, contudo, foram dirigidas a setenta discípulos que levavam a mesma mensagem do evangelho que ele tinha pregado, não uma mensagem elaborada por eles próprios. Uma coisa é falar fielmente as palavras e a mensagem de Cristo conforme preservadas para nós nas Escrituras. Bem diferente é alegar que, por meio de uma determinada liderança religiosa que atua como Corpo Governante, Cristo está agora revelando coisas além das que foram escritas, afirmando ter o apoio dele para todas as diversas regras, as predições relacionadas com certas datas, e as interpretações sempre mutáveis de profecias, aplicando estas a certos períodos ou certos eventos da história da organização. O resultado final é tornar as Escrituras insuficientes, incompletas, precisando da organização para fornecer elementos necessários.

⁴⁰ Isaías 55:4.

⁴¹ Veja, por exemplo, *A Sentinela*, 1º de dezembro de 1982, páginas 17, 18, e 1º de março de 1983, página 13.

devem escutar para obter a salvação.⁴² Tampouco se leva em conta o fato de que Ele aboliu a divisão entre classe sacerdotal e classe não-sacerdotal, de modo que ninguém precisa da intercessão de sacerdotes, exceto aquele que é o grande Sumo Sacerdote de Deus, Cristo Jesus.⁴³

A organização reivindica uma analogia com Moisés e o sacerdócio aarônico, mas a analogia mostra-se falsa. Ela afirma isso mas não pode fornecer credenciais. Deus fez que sua escolha de Moisés como porta-voz e mediador fosse clara e inegavelmente manifesta a todos por meio de atos milagrosos relacionados com a escolha e nomeação de Moisés. Deus nomeou diretamente o sacerdócio, acompanhando sua investidura de atos divinos de poder, a fim de estabelecer além de dúvida a validade da nomeação deles.⁴⁴ Em contraste, a designação e a legitimação da organização Torre de Vigia para merecer o posto de autoridade indiscutível que alega ter, provém unicamente dela mesma.

Quando se considera que a organização atribui a si própria os papéis de profeta, apóstolo, porta-voz de Deus, representante sacerdotal, encarregado-mor de comunicações do Rei dos Reis e Superintendente de nossas almas, administrador de todos os interesses de Cristo na terra, diretor de toda a sua família ou congregação, parece quase engraçado — não fosse tão trágico — ler este parágrafo no artigo da *Sentinela* de 1º de dezembro de 1982, página 15:

⁴² Atos 3:20-23.

⁴³ 1 Pedro 2:7-9; Hebreus 3:1; 8:1; 10:19-22.

⁴⁴ Êxodo 4:1-9, 20, 21; 33:7-11; Levítico 8:1-13; 9:22-24; Números 16:1-35; 17:1-10.

¹⁴ A atitude mental contra a qual devemos nos prevenir é a de ter sobre nós mesmos um conceito mais elevado do que devíamos ter. (Romanos 12:3) Isso poderia levar o cristão a crer que ele tem uma missão especial de Deus, à parte do canal por intermédio do qual Jeová distribui suas verdades e orienta sua família. Isso, com efeito, o colocaria numa suposta relação especial com Jeová, que não é usufruída por nenhum outro irmão ou irmã da família. Mas, esse tipo de isolamento pode apenas conduzir à insensatez: “Quem se isola procurará o seu próprio desejo egoísta; estourará contra toda a sabedoria prática.” — Provérbios 18:1.

Como já mostramos, a verdadeira “organização”, o “canal”, é, em última análise, o Corpo Governante. Tudo o que se diz da “classe do escravo fiel e discreto” e da autoridade a ela atribuída relaciona-se principalmente ao pequeno grupo (no momento da escrita do livro) de 13 homens que formam o Corpo. Eles são os beneficiários finais de toda a exaltação de posição e dos apelos de submissão. Os membros do Corpo Governante ocupam entre as Testemunhas uma posição altamente exclusiva, têm prerrogativas e poderes que certamente implicam numa grande “relação especial com Jeová, que não é usufruída por nenhum outro irmão ou irmã da família”, e atuam como principal corpo executivo, legislativo e supremo tribunal para todas as congregações da terra. Considerando tudo isso, não posso compreender como estes homens permitem que declarações como as acima citadas sejam publicadas sem que sintam o mínimo embaraço. Como é possível que um grupo de pessoas tenha “sobre si mesmo um conceito mais elevado” do que o evidenciado por atribuírem a si próprios todas as elevadas funções e a autoridade já declaradas? O parágrafo já citado, quando analisado, diz na verdade a todos os “membros comuns”: “Como podem vocês imaginar que podem ter uma relação com Deus igual à que *nós* temos?”

Vivendo no isolamento

A matéria adverte sobre o efeito destabilizador do isolamento. De todas as Testemunhas de Jeová, ninguém está mais “isolado” da vida

levada pelas pessoas comuns, mais vulnerável à síndrome da “torre de marfim”, mais protegido de ter suas afirmações e decisões questionadas, de ter de enfrentar e responder diretamente e com provas a seus questionadores, ninguém está mais isolado dos problemas e pressões comuns aos homens de família, assalariados, donas de casa, membros comuns das congregações, que o pequeno grupo de homens que formam o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová.⁴⁵ As decisões que tomam, muitas vezes após cerca de apenas uma hora de debate, têm geralmente pouco impacto em suas próprias vidas, mas podem ter efeito enorme na vida das Testemunhas medianas. Tomam claramente a posição de que estão acima de correção ou instrução por outros além de Deus e Cristo. Conforme disse *A Sentinela* de novembro de 1952, página 164:

Jeová e Cristo dirigem e corrigem o escravo conforme a necessidade, não nós como indivíduos. Se não entendemos um ponto no princípio, devemos tratar de apreendê-lo, em vez de nos opor a ele, rejeitando-o e assumindo a posição presunçosa de que provavelmente temos mais razão do que o escravo discreto. Devemos prosseguir andando mansamente com a organização teocrática do Senhor e aguardando esclarecimento adicional....

Eles se colocam assim bem acima de correção ou instrução por parte de con cristãos comuns, “por nenhum outro irmão ou irmã da família”. Todavia, advertem presunçosamente *outros* dos perigos de um conceito isolado, auto-importante! É quase jocoso que — em artigos tão cheios de auto-aprovação, auto-louvor e auto-glorificação — a organização simultaneamente acuse de orgulhosos os que crêem conscienciosamente que este louvor e reverência dados a homens devem ser corretamente dados só a Deus e a Cristo, e que se assustem com a idéia de humanos assumirem sobre os con cristãos um posto de exaltada superioridade, que a organização taxativamente confere a si mesma.

Isto não quer dizer que outros na organização não exerçam certo grau de poder devido a estas alegações. Quando o Corpo Governante, como parte administrativa da “classe do escravo fiel e discreto”, alega

⁴⁵ Diferentes do apóstolo Paulo, nenhum deles tinha feito trabalho secular durante décadas, a maioria durante meio século. Apenas um teve a experiência de criar um filho.

falar por Deus e Cristo, torna-se claro que os que falam por ele — pessoas da sede mundial com uma posição administrativa, representantes de filial, superintendentes viajantes, e até anciãos — todos recebem também uma espécie de aura radiante de autoridade, que os coloca como distintos e numa relação especial com Deus (por meio do Corpo Governante), não usufruída pela Testemunha comum. Com frequência, estes homens são rápidos em lembrar aos que não respondem à sua orientação, que eles representam o Corpo Governante e que assim ‘exercem autoridade sobre eles’.⁴⁶

Vale a pena rever os métodos utilizados pelos homens do segundo e terceiro séculos para intimidar outros com a importância de sua posição superior, de sua relação superior com Deus e Cristo, como tratamos no capítulo 3 desta obra. Essa revisão deve deixar evidente que o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová não só foi tão longe quanto aqueles primeiros “bispos”, como em muitos aspectos foi até mais longe. Foi só com o surgimento do papado que se fizeram alegações de autoridade eclesiástica exclusiva iguais às publicadas na revista *A Sentinela*. As alegações do papado relacionam-se à autoridade conferida a um só homem; as alegações da organização Torre de Vigia relacionam-se à autoridade conferida a um pequeno grupo de homens. O papado se apresenta como “vigário de Cristo na terra”, de fato, gerente designado ou administrador substituto de Cristo. A liderança da organização Torre de Vigia não usa o termo “vigário”, mas descreve-se como o único “mordomo” a quem Cristo, desde 1919, designou a “direção e administração de todos os seus interesses na terra”. É uma distinção sem diferença, pois só muda a terminologia. A alegação é a mesma.

Combinado com o programa de doutrinação constante, o resultado final de toda esta postura da organização é a intimidação intelectual. As Testemunhas são sutilmente treinadas para achar que devem desconfiar do próprio raciocínio e discernimento quando lêem a Bíblia, que devem desconfiar do próprio coração e de sua motivação, e que, apesar de quão conscienciosamente procuram aplicar a Palavra de Deus, devem desconfiar de que sua consciência seja um guia seguro. Devem ter confiança “na organização”. Devem marchar alinhados com

⁴⁶ Mateus 20:25. Veja também as citações de declarações de representantes da Torre de Vigia e ex-superintendentes viajantes no capítulo 6 deste livro.

ela. Deixar-se conduzir por Cristo e pelo Espírito santo numa outra direção seria correr na frente de Deus.

13

Argumentação e Manipulação

Temos rejeitado tudo o que é feito às escondidas e tudo o que é vergonhoso. Não agimos de má fé nem falsificamos a mensagem de Deus. Ao contrário, agimos sempre de acordo com a verdade, e é isso que nos recomenda a todos, diante de Deus. — 2 Coríntios 4:2, Bíblia na Linguagem de Hoje.

MESMO EM vista de toda a evidência apresentada, acho que seria um erro pensar que cada uma das Testemunhas de Jeová crê no que crê e faz o que faz totalmente em função de um senso consciente ou subconsciente de intimidação pela autoridade. Seria também errado pensar que todas as Testemunhas buscam conformar-se ao programa de reuniões e atividades da organização e a seus padrões de conduta e regras unicamente em virtude da pressão de seus pares e da ameaça de sanções. Pode acontecer com muitos, mas não com todos.

De fato, toda sensação *consciente* de intimidação é muitas vezes percebida pela primeira vez quando se começa a suscitar perguntas. Os homens de autoridade não se sentem ameaçados por pessoas que cedem, mas podem sentir isso em relação às que começam a perguntar a razão das coisas. Portanto, embora a intimidação intelectual obviamente pese muito, não é necessariamente o fator controlador de cada indivíduo. Estou convicto de que há inúmeras pessoas que estão onde estão simplesmente porque crêem que é “a verdade”. Creio que foi esse o fator decisivo que me fez passar toda a vida adulta como representante de tempo integral da organização das Testemunhas. Fiz o que fiz, e de todo o coração, porque acreditava que tinha a verdade, a verdade de Deus, e estou certo de que muitos outros poderiam dizer o mesmo.

Visto que certamente há na organização muitas pessoas ponderadas e inteligentes, como é que mais perguntas não são suscitadas? Sem dúvida o fator da intimidação faz algum efeito, e existe hoje, em definitivo, um clima de medo quanto a expressar dúvidas. Mas mesmo que estas não sejam expressas *oralmente*, por que mais pessoas não questionam *dentro de si mesmas*, no próprio coração e mente? Em vista da evidência disponível, pode parecer difícil crer que pessoas aceitem tão prontamente como “verdade revelada” os ensinamentos de uma organização com antecedentes tão questionáveis de confiabilidade. Embora seja verdade que como Testemunhas somos treinados para nos disciplinar a aceitar sem duvidar, acho que só isso não bastaria para nos manter ano após ano nesta rota de aceitação quase total.

Não me considero uma pessoa particularmente crédula. Embora meus pais fossem dessa fé, não foi o caso de eu seguir obrigatoriamente o caminho deles. Na realidade, ao atingir a adolescência, cheguei ao ponto de parar completamente de assistir às reuniões. Daí, em 1938, aos 16 anos, meu pai conversou seriamente comigo sobre minha falta de espiritualidade, minha atitude irreligiosa, e me perguntou ‘por que eu achava que Jeová iria poupar-me no Armagedom se eu estava fazendo menos que nossos vizinhos que iam às igrejas?’ Embora admita que a idéia de enfrentar uma possível destruição às mãos de Deus por não estar plenamente “na verdade” teve algum efeito motivador, sei também que não foi esta a única ou maior motivação. (Fiquei provavelmente mais abalado pelo fato de que meu próprio pai talvez me visse como indigno do favor de Deus e da vida que pela idéia da iminente destruição futura.) Em resumo, após voltar a assistir às reuniões, fiquei convencido de que aquilo que eu estava aprendendo nas publicações era a verdade. Reconhecidamente, a associação com a congregação preenchia um pouco o vazio que eu sentia, e a atividade em que passei a me empenhar deu senso de objetivo à minha vida. Estas coisas sem dúvida tiveram influência. O fato, porém, é que eu *realmente* acreditava. A maneira como se apresentava a matéria e a argumentação usada me faziam crer que eu estava aprendendo “a verdade”.¹ Hoje eu me pergunto: “Como? Por quê?” Para mim está claro que a argumentação era e é seriamente

¹ Isto não significa que fiquei plenamente convencido de todos os detalhes, mas aquilo que eu não entendia, aceitava pela fé.

falha. Não sinto nenhum mérito por discernir isso agora. A evidência existiu o tempo todo. Portanto, não há motivo de orgulho quando considero que levei quase 40 anos de minha vida para chegar à conclusão do erro. O efeito decididamente é mais de humilhação que de exaltação. Outros viram muitas destas falhas bem antes de mim, só pelo estudo das Escrituras.² Não tiveram o benefício dos nove anos de experiência que tive no conselho interno da organização. Como, então, fui convencido por tanto tempo? E como são convencidos milhões de outros, muitos deles pessoas claramente sensíveis, inteligentes?

A menos que sejamos bem mais crédulos do que imagino, parece evidente que a argumentação utilizada é produto de uma considerável habilidade, a habilidade de apresentar pontos de vista de maneira bem plausível, aparentemente racional. Junto com isso, e talvez a chave de toda a questão, há o *desejo* de acreditar, a *vontade* de acreditar.

É normal que as pessoas desejem a certeza e a sensação de segurança que a certeza traz. A organização Torre de Vigia oferece isso, pois tudo que ela diz é apresentado como explicação correta da Palavra de Deus, a *única explicação verdadeira*, sem equívocos. É normal que as pessoas desejem que haja alguma fonte que possa responder a todas as suas perguntas acerca de Deus e seus propósitos, sobre a vida e o destino humano. A organização se oferece para fazer isso também, e o faz com confiança. É normal desejar saber especificamente *o que* se tem de fazer para obter a aprovação de Deus e *como* e *quando* fazer o que Ele quer. A organização oferece um programa de atividades muito bem delineado, com regras bem definidas de conduta, e a garantia de que todos os que leal e submissamente se apegarem a estas estarão espiritualmente fortes e alegres e ganharão a bênção de Deus. Ela faz tudo isso de forma a transmitir uma sensação de força intelectual em contraste com o emocionalismo, o emocionalismo que está presente em muitas igrejas e encontros de renovação religiosa.

² Tenho em minha biblioteca exemplares de várias publicações muito antigas da Torre de Vigia que outrora pertenciam a Percy Harding (mencionado no capítulo 11). Muitas delas contêm anotações pessoais nas quais ele mostra que discernia sérias falhas no raciocínio e argumentos apresentados — muitas décadas antes de eu começar a chegar a essa conclusão.

Acreditar que você está “na Verdade”, que é parte da única organização da terra com quem Deus trata, um povo com um destino divino, o único povo da terra que realmente entende a Bíblia, proporciona a muitos a sensação de segurança que procuram. Era esse o sentimento que eu tinha e que fez com que eu me doasse sem hesitação e de toda a alma a servir sob a direção da liderança das Testemunhas. Fui parte ativa de uma organização que crescia, e para mim a expansão da organização equivalia à disseminação da verdade, a verdade vivificante. Trabalhar para a expansão da organização era participar da batalha contra o erro, em que a força vitoriosa da verdade trazia a libertação aos que estavam cativos da falsidade religiosa.

É uma experiência abaladora descobrir que isso não é verdade depois de tanto tempo, quando se encara a sétima década de vida. Outros, porém, concluíram isso ainda mais tarde na vida. Em março de 1982, depois que saiu o artigo na revista *Time*, chegou a carta de uma Testemunha, endereçada a Peter Gregerson, em cuja propriedade eu então morava. Esta incluía estes comentários:

Escrevo-lhe esperando que o transmita ao irmão Raymond Franz. Fiquei profundamente comovido após ler o artigo no *Time* e depois a carta dele em resposta, o que me motivou a achar que temos algo em comum.³

Fui batizado em 1917, estive em Cedar Point em 1919 e 1922 e depois disto estive pregando “Milhões Que Agora Vivem Jamais Morrerão” por todo o Ohio. Estou cômico do fato de que todos nós tivemos, ao longo dos anos, uma espécie de medo embutido, pelo qual não devíamos questionar a Torre de Vigia. Mais tarde, viu-se que é impossível considerar as Escrituras no estudo da *Sentinela* e expressar opinião sem sentir que você pode ser jogado fora da sinagoga como apóstata.

O remetente, John Knight, tinha 93 anos. Sua associação com a organização Torre de Vigia estendeu-se por mais de 75 anos. Como escreveu depois, quando viu as inconsistências, sua reação inicial foi culpar a si mesmo, perguntando-se se não era apenas um “descobridor de faltas”. Ele se perturbava com uma das mesmas coisas que me

³ O artigo saiu na edição de 22 de fevereiro de *Time*, e tratava principalmente de minha excomunhão.

perturbava: O dogmatismo encontrado nas publicações da Sociedade. Ele escreveu:

Como os bereanos, eu achava que devíamos pesquisar as Escrituras para ver se as coisas que nos ensinaram são assim. Isso me incomodava à medida que via a organização manter posições inflexíveis ao longo dos anos. Detesto usar a palavra infalível, mas este é o conceito que muitos dos amigos têm, e deveras é essa a posição em que eu mesmo me achei, obrigado a obedecer às ordens da Sociedade. Agora vem a parte difícil, em que não consigo encontrar textos que apoiem certas posições tomadas pela Torre de Vigia.⁴

Os comentários de John Knight foram típicos de muitos recebidos de pessoas de vários países — Inglaterra, Suécia, Bélgica, Alemanha, Espanha, Brasil, Nigéria, Nova Zelândia e outros — e muitos dos que escreveram tinham uma história de 20, 30, 40 ou mais anos como Testemunhas. O incrível é que a maioria tinha chegado a conclusões similares, isoladamente, sem saber que outros pensavam como eles.

Já que a verdade está inseparavelmente ligada à liberdade, parece vital que estejamos determinados a analisar o que nos dizem, o que lemos e ouvimos, e a pesar cuidadosamente a veracidade das coisas afirmadas, a validade da argumentação usada. Do contrário, talvez só nos livremos de certas algemas do erro para deixar que nos ponham novas algemas do erro. Reconhecer os métodos particulares da argumentação enganosa pode nos ajudar a proteger nossa liberdade de pensamento, coração e consciência.

Identifique as armadilhas comuns da argumentação falsa

Irmãos, deixem de pensar como crianças. Com respeito ao mal, sejam crianças; mas quanto ao modo de pensar, sejam adultos.
— 1 Coríntios 14:20, Nova Versão Internacional.

Assim, não seremos mais crianças, joguetes das ondas, agitados por todo vento de doutrina, presos pela artimanha dos homens e da sua astúcia que nos induz ao erro. — Efésios 4:14, Bíblia de Jerusalém.

⁴ Minha esposa e eu visitamos John Knight e tivemos palestras pessoais com ele em mais de uma ocasião, e ele se manteve em contato exatamente até sua morte aos 96 anos (a pedido dele presidi seu funeral).

Há métodos honestos e desonestos de argumentar, com princípios e sem princípios, genuínos e artificiais. Já consideramos alguns destes, inclusive o que faz meras asserções, as versões de um só lado (em que a evidência contrária é suprimida ou ignorada), o uso do ridículo para com os que assumem uma opinião contrária, “pontificando” com base numa pretensa sabedoria superior ou autoridade superior. Estes são alguns dos métodos inválidos usados. Outros incluem:

- Distorcer os argumentos contrários, com o uso de um “boneco de palha” no lugar do verdadeiro ponto em questão.
- Uso de “raciocínio circular”, no qual uma premissa não provada é usada como ponto de partida do argumento, que passa a ser fundamentado mais na premissa do que no fato estabelecido.
- Falsa analogia, em que as semelhanças existem, mas não a do tipo necessário para comprovar as conclusões defendidas.
- Criar um “falso dilema”, que faz parecer que só há duas opções, sendo uma a que se defende e outra que é geralmente indesejável, quando de fato pode haver várias opções, várias alternativas.
- Lançar uma “pista falsa” no meio do caminho, isto é, suscitar algum ponto que não é relevante na discussão e que serve apenas para desviar a atenção do leitor dos pontos fracos do argumento.
- Argumento *ad hominem* (significa “contra o homem”), que consiste em atacar a pessoa contra quem se argumenta, em vez do argumento dela.
- Provincianismo, isto é, apelar para a tendência de identificar idéias e crenças com um determinado grupo — até por meio de preconceito e ignorância — e para ver as coisas mais da perspectiva do “nosso grupo” e contra o “grupo dos outros”.⁵
- Mau uso do raciocínio dedutivo, ou tomar um princípio amplo e dele tirar conclusões injustificadas e não comprovadas, ou vice-versa, por usar certos fatos incidentais e com base nestes estabelecer um

⁵ *In Logic and Contemporary Rhetoric*, páginas 54, 55, Howard Kahane, do Bernard Baruch College, afirma: “O provincianismo muitas vezes resulta numa falsa concepção da importância e da qualidade moral do próprio grupo da pessoa... Em sua forma extrema, a falácia do provincianismo transforma-se numa falha pior, a **falácia** da lealdade. Esta é a falácia de crer (ou descrever) diante de forte evidência contrária *por causa* da lealdade provinciana.”

princípio amplo que não se aplica necessariamente, ou seja, uma “generalização” precipitada.

Estes tipos de argumentação muitas vezes se justapõem ou se aglutinam. A “pista falsa” pode incluir um apelo ao preconceito “provinciano” ou consistir de um ataque *ad hominem*. Mas, como quer que sejam empregados, o uso destas várias formas de argumentação pode com frequência produzir matéria que parece muito plausível, às vezes até impressionante. Todavia, é falsa. O raciocínio intrincado, tortuoso, pode deixar o leitor perplexo, e este pode simplesmente decidir que o autor é muito mais inteligente que ele e que a matéria que ele acha confusa é na verdade muito “profunda”. A perplexidade transforma-se em profundidade, de modo que aquilo que realmente é superficial assume uma aparência profunda.

Foi especialmente em resultado dos debates do Corpo Governante que vim a perceber como era amplo o uso destes métodos de argumentação falsa, a frequência com que surgiam nas várias publicações da organização. Não que os argumentos sólidos estejam totalmente ausentes, pois não é o caso. Mas nos pontos cruciais, os ensinamentos que criam dúvidas na mente de muitas pessoas, creio que há evidência clara de que as publicações da Torre de Vigia têm empregado um raciocínio que não só é artificial, mas muitas vezes enganador, que manipula a mente do leitor. Isto pode não ser necessariamente resultado da decisão consciente por parte dos autores. Em muitos casos, talvez surja da conclusão subconsciente de que as provas não são tão fortes quanto o desejável, que os contra-argumentos são fortes. O autor não tenta apenas convencer seus leitores; tenta também, talvez sem perceber, convencer a si próprio. O desejo de ser “leal” a determinado ensino ou posição pode fazer a mente desenvolver raciocínios não sólidos, a fim de reforçar a posição defendida. Sua crença de que está apoiando a única e verdadeira organização de Deus pode servir para suprimir ou embotar a sensação incômoda que de outro modo isto poderia causar-lhe, e ele pode convencer-se de que o argumento é válido. Lamentavelmente, contudo, é difícil crer que *toda* a argumentação defeituosa venha desta motivação subconsciente; em alguns exemplos, pelo menos, ela parece deliberada, um caso de desonestidade intelectual.

Os exemplos dos tipos de argumentação falaciosa acima, tirados das publicações da Torre de Vigia, poderiam encher um livro inteiro. Consideraremos aqui um pequeno número deles.

Atacam à pessoa em vez do argumento

Podemos recordar aquilo que a revista *Desperta!* (22 de fevereiro de 1979), no artigo sobre a propaganda, disse:

A tirania da autoridade, a zombaria, os nomes feios, as difamações, os desdouros, as indiretas pessoais — todas essas táticas são empregadas para assaltar-lhe a mente e tomá-la por um ataque relâmpago... Não provam nenhuma de suas asserções, nem difamações, mas, mediante a tirania da autoridade, pontificam suas opiniões, fazem calar as objeções e intimidam os oponentes.

Eles condenam tais métodos quando usados por propagandistas políticos e evolucionistas, e, no entanto, recorrem às mesmas táticas quando tratam dos que questionam a organização. Visto que muitos desses que concluem que não podem apoiar conscienciosamente todos os ensinamentos da organização eram pessoas exemplares, muitas vezes membros antigos e muito ativos no serviço da congregação, deve-se fornecer às Testemunhas que não só os conheciam mas também a sua conduta, alguma razão para justificar a dura medida da excomunhão. Conseguem isto por difamarem a eles e seus motivos, denunciando-os como “apóstatas”, apenas por se sentirem obrigados a respeitar mais a Palavra de Deus que a uma organização. A motivação deles é sempre apresentada como egoísta, presunçosa, fruto de um espírito rebelde, desrespeitosa a Deus e a Cristo. Seria difícil imaginar exercício mais claro da tirania da autoridade que o representado nas citações que seguem. E estas são apenas uma fração do todo.

Falando do sectarismo, a publicação de 1988, *Revelação — Seu Grandioso Clímax Está Próximo!*, páginas 44, 45, diz:

¹⁴ Desde os dias primitivos, a congregação cristã teve de contender com apóstatas orgulhosos, os quais, com conversa suave e enganosa, “causam divisões e motivos para tropeço contra o ensino” provido por meio do canal de Jeová. (Romanos 16:17, 18) O apóstolo Paulo advertiu contra esta ameaça em quase todas as suas cartas.* Nos tempos modernos, em que Jesus restabeleceu a verdadeira congregação na sua pureza e unidade cristãs, permanece ainda o perigo do sectarismo. Portanto, todos os que talvez estivessem inclinados a seguir um grupo dissidente, formando assim uma seita, deviam acatar as próximas palavras de Jesus: ***“Arrepende-te, portanto. Se não, virei a ti depressa e guerrearei com eles com a longa espada da minha boca.”*** — *Revelação 2:16.*

¹⁵ Como começa o sectarismo? Alguém que se arvora em instrutor talvez semeie dúvidas, questionando alguma verdade bíblica (tal como a de estarmos nos últimos dias), e assim se separa um grupo dissidente e segue a ele. (2 Timóteo 3:1; 2 Pedro 3:3, 4) Ou alguém critica a maneira de Jeová mandar realizar sua obra, e apela para o espírito de a pessoa não gastar a si mesma, por afirmar que nem é bíblico, nem necessário ir de casa em casa com a mensagem do Reino. A participação em tal serviço, segundo o exemplo de Jesus e dos seus apóstolos, os manteria humildes; mas, eles preferem separar-se e folgar, talvez apenas ocasionalmente lendo a Bíblia como grupo particular. (Mateus 10:7, 11-13; Atos 5:42; 20:20, 21) Esses inventam as suas próprias idéias sobre a Comemoração da morte de Jesus, sobre a ordem bíblica de se abster do sangue, a celebração de feriados e o uso de fumo. Além disso, rebaixam o nome de Jeová; e em pouco tempo recaem nos modos permissivos de Babilônia, a Grande. Pior ainda, alguns são induzidos por Satanás a se voltar contra e a “espancar os seus co-escravos”, seus anteriores irmãos. — Mateus 24:49; Atos 15:29; Revelação 17:5.

A matéria não mostra evidência alguma, mas concentra-se em fazer ataques *ad hominem*. Os que discordam da liderança da organização são “apóstatas orgulhosos”. Sua discordância de certas interpretações e normas da Torre de Vigia é rotulada de ‘crítica à maneira de Jeová mandar realizar sua obra’, quando a questão de fato é se há provas de que é Jeová que faz a organização agir como age em diversas áreas. O autor ou falsifica os fatos ou ignora a real posição daqueles a quem ataca. Ele os apresenta como ‘questionando a verdade bíblica de que estamos nos últimos dias’. Das pessoas que conheço que deixaram a organização Torre de Vigia, nenhuma nega que estamos nos últimos dias. O que elas não crêem é que 1914 assinalou o início dos últimos dias. O autor, portanto, recorre ao uso de meias-verdades. O autor nunca apresenta documentos como evidência de suas afirmações, mas simplesmente as faz, sem nunca citar os opositores, deixando seus leitores totalmente no escuro quanto às verdadeiras razões das posições deles. Qualquer preocupação conscienciosa deles com a verdade é desconsiderada, seus motivos são arbitrariamente impugnados e eles são descritos como apelando “para o espírito de a pessoa não gastar a si mesma”, que “preferem separar-se e folgar”, que “inventam as suas próprias idéias sobre a Comemoração da morte de Jesus”, e outros assuntos, que “rebaixam o nome de Jeová”, e que logo “recaem nos modos permissivos de Babilônia, a Grande”, ou “pior ainda, alguns são induzidos por Satanás a se voltar contra e a ‘espancar os seus escravos’, seus anteriores irmãos”. Portanto, faz-se a admoestação:

¹⁶ Todos os que vacilam por causa da influência apóstata devem prontamente acatar a chamada de Jesus para arrepender-se! A propaganda apóstata tem de ser rejeitada por ser veneno! Baseia-se em inveja e em ódio, em contraste com as verdades justas, castas e amáveis com que Jesus nutre sua congregação.

Examine agora algo escrito há mais de 100 anos, na virada do século. O autor, da Inglaterra, descreve o que faz um sistema religioso quando suas credenciais são rejeitadas, especialmente se a pessoa que as rejeita é alguém bem familiarizado com ele ou muito conhecido no sistema. Ele escreve:

...a norma eclesiástica é esconder a dissidência, se possível, e, quando tornada pública, apresentá-la como desonesta e imoral. A

minha própria posição jamais seria, por um instante, reconhecida como bona fide [tida como de boa fé]. O mais gentil de meus colegas parece achar que, por alguma inescrutável razão, uma “luz” foi retirada de mim, enquanto que outros fizeram circular várias hipóteses de explicações, tais como o orgulho de julgamento, a embriaguez com honras prematuras, etc.

...a dissidência significa um adeus ao passado — um adeus a quaisquer honras, estimas e afeições, ainda que obtidas por meio de uma vida de diligência e mérito. O decreto... é lançado contra o “apóstata”. Ele é excomungado — amaldiçoado nesta vida e na outra — e socialmente isolado, quando não difamado. Seus muitos admiradores, a grande multidão deles, escuta cada tolice que se inventa contra ele; os poucos, cujos instintos morais e humanos são muito profundos para se deixarem perverter, só podem oferecer uma simpatia secreta e distante. Ele é posto para fora para reiniciar a vida, social e financeiramente; fica talvez sem teto, sem amigos e sem recursos.

...para o bem da Igreja e a perdição de seus inimigos, o dissidente deve ser posto na luz mais desfavorável possível.

O autor não era Testemunha de Jeová, embora suas palavras pudessem ter vindo de uma delas. O escritor, neste caso, era o ex-reverendíssimo padre Anthony, da Ordem Franciscana (na qual passara doze anos).⁶ Mas o que ele escreveu em 1903 descreve um incrível paralelo com o que tem acontecido com pessoas do movimento da Torre de Vigia em décadas recentes. Ao lê-lo, não pude deixar de pensar como tudo isso se ajusta perfeitamente à experiência de Edward Dunlap e outros que conheço, quanto ao tratamento que receberam da organização Torre de Vigia. A tendência para moderação e maior tolerância dentro da Igreja Católica parece corresponder a uma tendência contrária dentro da organização Torre de Vigia, que tem consistentemente (ou talvez se deva dizer, inconsistentemente) denunciado o autoritarismo da hierarquia católica.

Forçam as Escrituras a ajustar-se à história da organização

A falácia do **provincianismo** é especialmente evidente quando a organização descreve a si própria como figura central de várias profecias bíblicas. Como só um exemplo, a constante referência das

⁶ *Doze Anos num Mosteiro* (em inglês), Joseph McCabe, O.S.F., Watts & Company.

publicações a eventos de 1919 e 1922 (época em que a equivocada “campanha dos milhões” e seu foco sobre 1925 estava a pleno vapor) mostra como — por se desenvolverem cuidadosamente certos aspectos e incidentes enquanto se ignoram outros — eventos de natureza relativamente corriqueira, ocorridos num certo período do passado, podem ser ampliados para parecer ter um significado monumental, uma importância que abala o mundo.

O livro de Revelação (capítulos 8 e 9) descreve o toque de sete trombetas por anjos de Deus, seguido de dramáticos efeitos destrutivos, e depois (capítulos 15 e 16) temos a visão de sete pragas e sete tigelas da ira de Deus prontas a serem derramadas sobre a terra. Os espantosos efeitos de todos estes são apresentados como tendo conseqüências que abalam a terra. Segundo as publicações da Torre de Vigia, estas visões virtualmente já se cumpriram. Como? Do modo mais notável, por sete resoluções aprovadas em sete congressos dos adeptos da Torre de Vigia durante os anos de 1922 a 1928.⁷ Hoje, porém, nenhum destes pronunciamentos e eventos organizacionais dos anos 20 é conhecido da vasta maioria das Testemunhas de Jeová, muito menos de alguém no resto do mundo. Duvido seriamente que algum membro do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová tentasse sequer explicar em detalhes a interpretação do derramamento destas tigelas e pragas e seus supostos cumprimentos individuais. Se alguém os questionasse sobre o cumprimento, eles só poderiam responder lendo diretamente numa publicação da Torre de Vigia que trate da pretensa interpretação.

As profecias do livro de Daniel recebem aplicação similar. Daniel 8:13, 14 fala de uma “transgressão que causa desolação” que afeta o “lugar santo” ou santuário de Deus, e prossegue dizendo:

Até duas mil e trezentas noitinhas e manhãs; e o lugar santo certamente será levado à sua condição correta.

O livro *Seja Feita a Tua Vontade na Terra* (páginas 194-202) afirma que este período começou em 25 de maio de 1926 e terminou em 15 de outubro de 1932. O que aconteceu nessas datas? A primeira, em 1926, marcou o início de um congresso da Torre de Vigia realizado

⁷ Veja “Cumprir-se-á, Então, o Mistério de Deus”, páginas 209-247; *Revelação — Seu Grandioso Clímax Está Próximo!*, páginas 129-160.

em Londres, Inglaterra, no qual se adotou uma Resolução condenando a Liga das Nações. Apenas um jornal, o *Daily News*, de Londres, fez alguma cobertura do evento. O livro diz (página 197) que os outros “jornais londrinos abafaram a maior e mais importante notícia de todos os tempos”. Assim, o escritor do livro consegue converter esta simples falta de interesse numa quase conspiração. A data de encerramento, 15 de outubro de 1932, é supostamente validada porque uma revista *Sentinela* com essa data pedia a eliminação dos “anciãos eletivos” em todas as congregações. (Efetivamente, isso resultou não só em acabar com a eleição congregacional de anciãos, mas na *eliminação completa dos corpos de anciãos*, que só foram restaurados cerca de 40 anos depois, nos anos 70; esta eliminação dos corpos de anciãos abriu caminho para que toda a autoridade administrativa fosse centralizada na sede de Brooklyn.)⁸

A aplicação da profecia bíblica a eventos que em muitos casos são essencialmente insignificantes, manifesta uma imaginação fértil, não discernimento ou apego fiel às Escrituras. É um exemplo claro da falácia do provincianismo. A rejeição posterior de tantos dos supostos cumprimentos de profecias demonstra que isto é verdade.

Reescrevem as Escrituras para ajustá-las à história da organização

Como exemplo de raciocínio circular óbvio, considere o que se faz no livro *Aproximou-se o Reino de Deus de Mil Anos*, programado para ser estudado pela segunda vez pelas Testemunhas de Jeová alguns anos atrás. Neste, a parábola dos “talentos” de Jesus é, na prática, *reescrita* para acomodar-se aos ensinamentos da Torre de Vigia.⁹ A parábola conforme Jesus a contou pode ser resumida como segue:

⁸ Conforme observamos, Rutherford justificou esta medida drástica por descrever os “anciãos eletivos” como uma classe de pessoas que não cooperavam, que eram fracas na atividade de porta em porta ou se opunham a ela, e acusações similares. Poucas pessoas param para pensar que homens como Fred Franz e uma porção de outros de muito destaque na organização eram eles próprios anciãos eletivos naquela época. Tampouco se menciona que o próprio Rutherford não participava na atividade de porta em porta.

⁹ Veja Mateus 25:14-30.

Um homem prestes a viajar para fora convoca seus escravos e confia-lhes os seus bens, dando cinco talentos a um, dois a outro, e um a um terceiro.

Os dois primeiros usam os talentos para obter ganhos para seu amo, e o terceiro não faz isso.

Depois de muito tempo, volta o amo e ajusta contas com eles, recompensando os dois que obtiveram ganhos e lançando fora o que não o fez.

O livro mencionado acima, contudo, apresenta o equivalente a uma *reescrita* desta parábola, acrescentando-lhe características que a fazem ajustar-se aos ensinamentos e à história da organização. É assim que, segundo as publicações da Torre de Vigia, leríamos a parábola de Jesus, com o trecho alterado em itálico:

Um homem prestes a viajar para fora, convoca escravos seus e confia-lhes os seus bens, dando cinco talentos a um, dois a outro, e a ainda outro, um.

Os dois primeiros usam os talentos para obter ganhos para seu amo, e o terceiro não faz isso.

Depois de muito tempo, volta o amo e ajusta contas com eles. *Ele vai ajustar contas com seus escravos, mas antes que possa fazê-lo vem um inimigo e os ataca. O inimigo despoja os que tinham obtido aumentos, toma-lhes o dinheiro e leva todos ao cativeiro. Quando voltam do cativeiro, contam a seu amo que todo o ganho que haviam obtido lhes foi tomado. Ele responde que compreende e que vai dar-lhes uma dilatação do prazo, durante o qual poderão obter algum ganho.*

Se parece difícil crer que uma organização chegue a “adaptar” as Escrituras a este ponto para ajustá-las à sua interpretação, examine estas afirmações conforme aparecem no livro mencionado, páginas 231, 232. Primeiro, ele descreve o suposto cativeiro das Testemunhas de 1918-1919. O livro altera a descrição, na qual os escravos mais parecem vítimas de um “assalto” maldoso que arrastados a um cativeiro distante. Sem explicar por que oferece esta versão diferente, o livro passa para a primavera de 1918 (época da “libertação” de Babilônia em outras publicações da Torre de Vigia) e diz:

⁴³ Estes “escravos” do Governante Legítimo deste globo terrestre foram aparentemente despojados de tudo. Os “talentos” dele que lhes foram confiados aparentemente foram eliminados. Seus inimigos alegraram-se de ter tirado estes “escravos” do serviço de seu Amo celestial para todo o tempo futuro, pois, parecia haver sérias dúvidas sobre a capacidade deles de começar tudo de novo.

No parágrafo seguinte, o livro descreve a libertação da prisão dos encarregados da Torre de Vigia em 25 de março de 1919, e daí suscita uma pergunta:

⁴⁵ A parábola dos “talentos” retratou que quando o viajante voltasse de fora, ajustaria as contas com eles. Isto significaria um exame deles. Era bastante lógico que, em vista dos acontecimentos na primavera (setentrional) de 1919, seria o tempo devido para o celestial “amo daqueles escravos” examiná-los. Mas que contas podiam eles prestar com respeito aos seus “talentos”, confiados à classe dos escravos?

Em resposta à pergunta, o livro diz:

Qualquer aumento que tivessem obtido antes do clímax da perseguição do tempo de guerra, em 1918, parecia ter sido eliminado. Estavam como que sem “talentos” figurativos. Então, se haviam de mostrar um aumento dos “talentos” de seu Amo, teriam de produzir este aumento no período do após-guerra e entregar-lhe no futuro tal aumento de seus bens. Teriam de receber uma nova oportunidade adicional de ‘fazer negócios’ com os preciosos “talentos” dele. E foi assim que aconteceu historicamente, por causa da consideração misericordiosa de seu Amo celestial.

Note como se diz que os escravos do amo “foram aparentemente despojados”, seus talentos “aparentemente foram eliminados”, que estavam “como que sem talentos” para mostrar ao amo. Ora, ou eles *tinham* sido despojados deles ou não. Qual? Cristo Jesus, afinal, é descrito na profecia como um juiz que “não julgará pelo que meramente parece aos seus olhos”, mas que vê a realidade dos assuntos, e não a sua “aparência”.¹⁰ Portanto, se os escravos, a fim de mostrar algum aumento, realmente “*teriam* de produzir este aumento no período do após-guerra” e “*teriam* de receber uma nova oportunidade adicional” — como o livro diz que teriam — isso só

¹⁰ Isaías 11:2, 3.

pode significar que o inimigo de fato os despojou do aumento deles, e não só “aparentemente”. A oportunidade adicional é que eles podem entregar aumentos ao seu amo “no *futuro*”, o que significa que eles o entregam *depois* do exame, e não *na época* do exame, como afirma a parábola.

Mais uma vez, o livro não mostra base para esta estranha explicação do cumprimento da parábola, este evidente enfeite do relato do que acontece na volta do amo, ou o raciocínio que apóia esta versão incrivelmente reescrita das coisas. Ele simplesmente diz que foi assim, que assim deve ser. Não foi assim que Jesus apresentou a parábola, mas isso parece não importar.

Na verdade, o que o livro faz é adaptar os textos bíblicos a certos fatos da história da organização, como se essa história predominasse sobre os textos bíblicos. Assim, a libertação dos encarregados da Torre de Vigia da prisão na primavera de 1919, é descrita como uma espécie de sinal para Cristo Jesus, informando-o, é “bastante lógico”, que este seria o “tempo devido” para ele iniciar sua inspeção, embora que, segundo o ensino da organização, a “volta invisível” dele já estivesse em vigor por mais de quatro anos, desde 1914.

A própria parábola bíblica dos talentos nada diz quanto aos dois escravos fiéis terem perdido seu aumento ou sido assaltados, nem de o amo ter dado uma “nova oportunidade adicional” a qualquer dos escravos. Mas a explicação da história da organização exige isso. É necessário para que a organização harmonize seus ensinamentos e interpretações sobre outros pontos. Diz-se, portanto, que isto “deve” ter sido assim, visto que “foi assim que aconteceu historicamente”. Este é um exemplo gráfico do uso de “raciocínio circular”.

A organização, assim, pode não só determinar como aplicar o texto bíblico (isto é determinado pelas próprias experiências dela), como também discorrer sobre ele, enfeitando o relato. Quando vim a perceber que era realmente isto o que se fazia, não pude senão acreditar que Deus jamais intencionou que um homem ou um grupo de homens tivesse o direito de manipular sua Palavra de modo tão arbitrário, de fato, brincar com ela como se fosse um brinquedo pessoal.

Do mesmo modo, não acho justificativa para o modo como pintam a história da organização a fim de harmonizá-la com alguma explicação particular que esteja sendo dada no momento. Quando afirma haver um paralelo profético entre a situação da organização em 1918-1919 e o cativeiro de Israel em Babilônia, seus membros são descritos como “impuros”, “culpados de transgressão” e “vendendo-se por práticas erradas”. Quando passa a descrever os mesmos em relação à parábola do “escravo fiel e discreto”, pinta-se um quadro muito diferente, como vemos na *Sentinela* de 15 de janeiro de 1961 (página 52):

22 Agora que o há muito esperado Reino já se tornara realidade estabelecida no céu, certamente os seus interesses cada vez maiores na terra, depois de 1919, não seriam deixados nas mãos duma organização neófita de crianças espirituais. E isto mostrou-se correto. Foi ao “escravo fiel e discreto” de 1900 anos de idade, à antiga congregação cristã, que se confiou este precioso serviço do Reino. Abundante na sua lealdade e integridade, perseverante em suportar pacientemente a perseguição, forte na sua antiga fé nas preciosas promessas de Jeová, confiante na liderança de seu Senhor invisível, Jesus Cristo, obediente na sua comissão secular de ser testemunhas na terra, e finalmente purificado pela prova ardente em 1918, o “escravo” **maduro, conforme representado por um restante, estava agora pronto para novas designações de serviço.**

Apesar de toda esta prosa brilhante, o fato é que em 1919 esta era uma organização que tinha cerca de 40 anos, e não era antiga, mas bem nova. Era uma organização que não tinha vínculos que a ligassem, durante os dezenove séculos anteriores, com nada além do Segundo Adventismo. Tinha feito inúmeras predições cronológicas erradas, as quais foram eliminadas das edições posteriores das publicações. Continuou, igual a uma criança, a cometer mais destes mesmos erros, enquanto disparava críticas contra os que conseguiam discernir que estes eram realmente erros. Além do mais, as próprias publicações da organização a apresentam como recém-saída do cativeiro babilônico

em 1919, cativo resultante de suas próprias transgressões e impureza. No entanto, ela é aqui apresentada como o auge, a epítome de um escravo fiel e discreto de 1900 anos, maduro, provado e digno de confiança! Trata-se claramente de uma brincadeira de ocultar e liberar os fatos. Todas as qualidades impressionantes e a idade que ela atribui a si própria só têm como base as *afirmações* que ela mesma faz de si — um exemplo clássico de raciocínio circular.

Vê-se também o raciocínio circular no fato de que, sempre que fala do assunto da aprovação divina e da designação de autoridade, a própria organização determina os padrões e condições para passar na prova, padrões e condições todos adaptados para ajustar-se com precisão ao que ela estiver fazendo no momento e que possa ser tido como distintivo. O resultado da “prova” na época da suposta volta invisível de Cristo é assim totalmente manipulado em favor dela, de forma que não pode deixar de aparecer como vencedora. Quando se aborda a questão quanto a Cristo, em sua suposta volta, tê-los encontrado fazendo o que ele queria, o livro da Sociedade, *Aproximou-se o Reino de Deus de Mil Anos* (página 351) diz:

Deve tê-los encontrado assim, segundo o modo em que a inspeção, começada em 1919, afetou sua decisão desde então.

Quais foram as ‘decisões de Cristo’ desde 1919? Quem está tão a par dos negócios dele, tão informado quanto ao que ele tem decidido no reino espiritual invisível desde aquele ano, para nos dizer? Por meio do que só poderia ser uma revelação divina, a organização Torre de Vigia presume fornecer esta informação e fazer saber aos seus leitores que as decisões dele (Jesus) ocorreram de modo a identificá-la positivamente como o canal aprovado dele. O livro, portanto, presunçosamente garante a seus leitores que:

O congresso geral de oito dias realizado em Cedar Point, Ohio, E. U. A., de 1.º a 8 de setembro de 1919, foi um aviso a todo o mundo [indicando]... quem era que o retornado Senhor Jesus havia achado ser sua classe do “escravo fiel e discreto”.¹¹

Junto com o provincianismo, tudo isto é uma forma evidente de raciocínio circular, o qual, na verdade, diz: “Devemos ter passado na prova com êxito e sido escolhidos, visto que nossas interpretações das

¹¹ *Aproximou-se o Reino de Deus de Mil Anos*, página 353.

Escrituras e as aplicações que fazemos delas a nós mesmos, mostram que devemos ter passado na prova com êxito e sido escolhidos.” É o caso de apoiar uma afirmação usando a mesma afirmação como base de apoio, validando sua revelação com sua revelação.

Considere mais um exemplo notável de raciocínio circular combinado com provincianismo. A *Sentinela* de 1º de setembro de 1981 (página 27) trazia um artigo sobre o “escravo fiel e discreto” em apoio à interpretação da parábola da organização e à sua aplicação à “classe ungida” das Testemunhas de Jeová. Na conclusão do artigo, vinha esta matéria:

ESMAGADORAS CREDENCIAIS

O “escravo fiel e discreto” possui abundantes credenciais. Segue uma lista parcial das designações bíblicas e proféticas que se aplicam ao restante dos seguidores ungidos de Jesus ou são representadas neles desde o notável ano de 1919:

(1) A esposa de Noé, Gên. 7:7; (2) os anjos enviados a Ló, Gên. 19:15; (3) Rebeca, Gên. 24:64; (4) José e Benjamim, Gên. 45:14; (5) a respiga deixada para trás, Lev. 19:9; (6) os dois espias que chegaram a Raabe, Jos. 2:4; (7) Baraque, Juí. 4:14; (8) Jefté, Juí. 11:34; (9) Noemi e Rute, Rute 2:2; (10) os guerreiros israelitas de Davi, 2 Sam. 18:1; (11) Jeú, 2 Reis 10:11, 15; (12) Mordecai e Ester, Ester 4:13; (13) Jó, Jó 42:10, 13; (14) a filha do Rei, Sal. 45:13; (15) homens de benevolência, Sal. 50:5; (16) grupo íntimo, Sal. 89:7; (17) Sear-Jasube, Isa. 7:3; (18) luz das nações, Isa. 60:3; (19) grandes árvores de justiça, Isa. 61:3; (20) ministros de nosso Deus, Isa. 61:6; (21) cacho preservado, Isa. 65:8; (22) servos chamados por outro nome, Isa. 65:15; (23) homens que tremem da palavra de Deus, Isa. 66:5; (24) nova nação nascida, Isa. 66:8; (25) Jeremias, Jer. 1:10; (26) povo de Jeová no novo pacto, Jer. 31:33; (27) vigia perseverante, Eze. 3:16-27; (28) homem vestido de linho, Eze. 9:2; (29) povo purificado, Eze. 36:29-32; (30) moradores no melo da terra, Eze. 38:12; (31) o exército do céu, Dan. 8:10; (32) santuário restaurado (purificado), Dan. 8:14; (33) os que são sábios, Dan. 11:33; (34) aquele que se mantém na expectativa, Dan. 12:12; (35) toda a carne que recebe espírito, Joel 2:28; (36) Jonas, Jon. 3:1-3; (37) menina do olho de Jeová, Zac. 2:8; (38) restante liberto, Zac. 2:7; (39) um judeu, Zac. 8:23; (40) filhos de Levi, Mal. 3:3; (41) trigo, Mat. 13:25; (42) filhos do reino, Mat. 13:38; (43) trabalhadores no vinhedo, Mat. 20:1; (44)

os convidados à festa de casamento, Mat. 22:3-14; (45) os escolhidos, Mat. 24:22; (46) águias, Mat. 24:28; (47) escravo fiel e discreto, Mat. 24:45; (48) virgens discretas, Mat. 25:2; (49) irmãos do rei, Mat. 25:40; (50) pequeno rebanho de ovelhas, Luc. 12:32; (51) o mendigo Lázaro, Luc. 16:20; (52) ovelhas 'neste aprisco', João 10:1-16; (53) ramos da videira, João 15:4; (54) palácio real de Davi, Atos 15:16; (55) herdeiros com Cristo, Rom. 8:17; (56) o restante, Rom. 11:5; (57) ramos da oliveira, Rom. 11:24; (58) os santos, 1 Cor. 6:2; Rev. 16:6; (59) templo, 1 Cor. 6:19; (60) nova criação, 2 Cor. 5:17; (61) embaixadores de Cristo, 2 Cor. 5:20; (62) congregação de Deus, Gál. 1:13; (63) parte do descendente de Abraão, Gál. 3:29; (64) Israel de Deus, Gál. 6:16; (65) corpo de Cristo, Efé. 1:22, 23; (66) soldados de Cristo Jesus, 2 Tim 2:3; (67) casa sob Cristo, Heb. 3:6; (68) sacerdócio santo, 1 Ped. 2:5; (69) nação santa, 1 Ped. 2:9; (70) associação de irmãos, 1 Ped. 2:17; (71) sete congregações, Rev. 1:20; (72) vinte e quatro pessoas de idade avançada, Rev. 4:4; (73) Israel espiritual, Rev. 7:4; (74) gafanhotos, Rev. 9:3; (75) duas testemunhas, Rev. 11:3; (76) duas oliveiras, Rev. 11:4; (77) semente da mulher, Rev. 12:17; (78) Nova Jerusalém, Rev. 21:2; (79) a noiva de Cristo, Rev. 22:17; 19:7; (80) testemunhas de Jeová, Isa. 43:10.

12

O fator verdadeiramente “esmagador” é que cada um dos itens desta lista de “credenciais” depende totalmente da interpretação exclusiva da organização Torre de Vigia para torná-lo uma credencial. Este é um raciocínio circular comparável a um homem que diz: “Sou a maior pessoa de toda a história humana e tenho credenciais para provar. Olhe só esta longa lista de homens e mulheres famosos do passado, e depois leia estes escritos de minha autoria nos quais apliquei tudo o que se falou deles a mim mesmo.”

Que pessoa normal, ao ler, por exemplo, o relato bíblico no qual aparece a primeira pessoa (“a esposa de Noé”) desta lista, chegaria a dizer: “Sim, certamente essa é uma credencial que identifica as Testemunhas ungidas de Jeová desde 1919 como o ‘escravo fiel e discreto’” — ou, se for o caso, qualquer uma das outras 79 pessoas alistadas (tais como “os anjos enviados a Ló”, “José e Benjamim”, “os dois espias enviados a Raabe”, “grupo íntimo”, “Sear-Jasube”, etc.) e coisas (tais como “a respiga deixada para trás”, “luz das nações”,

¹² Observe que a pessoa que elaborou esta lista de “credenciais esmagadoras” segue a ordem dos livros da Bíblia, de Gênesis a Revelação, mas aí, exatamente no fim, recua para Isaías 43:10, de modo a colocar ali as “Testemunhas de Jeová”, dando assim a ilusão de que todos os alistados anteriores conduziam a esse clímax. Isto é pura manipulação.

“cacho preservado”, etc.)? Chega a ser cínico e ofensivo à inteligência das pessoas pedir-lhes que aceitem esta listagem arbitrária como “esmagadoras credenciais” de alguma coisa. E é indicativo do grau de doutrinação atingido entre seus membros, que uma organização possa sequer publicar tal matéria chamada de “credenciais” sem uma profunda sensação de embaraço pessoal.

Relação com Deus só mediante uma organização

Este conceito, enfatizado com hipnótica frequência, é essencial para a manutenção do tipo de controle quase total que é tão notável entre as Testemunhas de Jeová. Vez após vez, as Testemunhas de Jeová são lembradas de que Deus não trata com indivíduos à parte de uma organização. Considere o tipo de argumentação utilizada para alimentar esta visão na mente das Testemunhas.

Observe o primeiro parágrafo de um artigo sobre “Organização” que apareceu na *Sentinela* de 1º de novembro de 1981 (página 17):

ESTRANHO como pareça, nesta era de grande inteligência, muitos passaram a ter dúvidas sobre se Deus tem ou não tem uma organização. Alguns hesitam, sim, até temem agora usar a expressão “organização de Deus”, visto que notaram que a tradução da Bíblia que possuem não usa a palavra “organização” com relação a Deus ou de outro modo.

Recorde agora, os pontos comentados na revista *Despertai!* de 22 de fevereiro de 1979 (página 4) sobre o poder da propaganda (aplicado no caso a certos defensores de crenças evolucionistas):

Mas, até mesmo pessoas instruídas, sofisticadas, tornam-se vítimas de um tipo muito injusto e inverídico de propaganda. Este tipo assume um ar superior de rejeição do ponto de vista do oponente, tratando-o como um tanto patético e realmente indigno de atenção... gente supostamente inteligente que nada sabe sobre tal teoria crê nela porque “todas as pessoas inteligentes acreditam nela”.

Compare esses pontos válidos com o parágrafo da *Sentinela* já mencionada. Começa mostrando que é “estranho” que “nesta era de grande inteligência” alguém não esteja inclinado a pensar na família de filhos celestiais e terrestres de Deus em termos de uma “organização”,

o tipo de organização que a Sociedade Torre de Vigia defende. Se essas palavras tivessem aparecido *depois* de mostrada alguma evidência de que tinham uma aplicação válida, não poderia haver objeção. Mas foram usadas *antes* de qualquer evidência, na própria abertura do artigo, e portanto, servem a um único propósito: Predispor a mente do leitor antes de a evidência sequer ser considerada. O artigo passa então a dizer que tais pessoas “temem” até usar a expressão “organização de Deus” simplesmente porque ela não existe nas Escrituras. Só neste parágrafo, encontramos exemplos de uso de uma “**pista falsa**” para desviar a atenção da verdadeira questão e sua substituição por um “**boneco de palha**” junto com o equivalente a um ataque *ad hominem*, descrevendo os que divergem do ponto de vista da Torre de Vigia como uma espécie de anomalia numa era de inteligência. Este artigo, bem como o artigo da *Sentinela* que o antecede, foi baseado num discurso dado pelo então presidente da Sociedade Torre de Vigia na reunião anual da corporação a 1º de outubro de 1980. (Isto foi só alguns meses depois da grande convulsão que ocorreu na sede mundial na primavera daquele ano, quando a organização desassociou certos membros do pessoal, inclusive Edward Dunlap, membro antigo e proeminente da equipe da redação e ex-secretário da Escola de Gileade da Torre de Vigia, como também causou a reunião do Corpo Governante que resultou na minha renúncia àquele Corpo.) O presidente iniciou sua palestra aos membros reunidos da corporação, dizendo:

Agora, estão nos apontando que a palavra “organização” não aparece nas inspiradas Sagradas Escrituras, a Bíblia. E você pode consultar qualquer tradução que quiser, qualquer das traduções modernas, e você perceberá a ausência do termo “organização”. Portanto, em vista desse fato, ora, que direito temos você e eu de dizer que Deus tem uma organização? Agora, essa é a grande questão que foi posta em discussão nos meses recentes, e esta certamente merece uma resposta franca, extraída dos fatos do caso.

Uma resposta franca, baseada nos fatos do caso, teria sido deveras revigorante. O fato, todavia, é que a verdadeira questão, a grande questão nas mentes de muitas Testemunhas de Jeová não era a que o presidente apresentou. A que foi apresentada na introdução dele representa um exemplo clássico do uso do “boneco de palha”. Nem eu, nem Edward Dunlap, nem nenhum dos outros que conheço,

incomodava-se primordialmente com o fato de a palavra “organização” aparecer ou não aparecer na Bíblia. E não é isso que incomoda no momento inúmeras outras Testemunhas ou ex-Testemunhas. Não se incomodam se é correto ou apropriado usar o termo para descrever o arranjo de Deus para seus servos no céu e na terra. Não questionam o “direito” de alguém fazer isso. O que *de fato* as incomoda são as afirmações de autoridade abrangente, de elevada superioridade e as exigências de aceitação e submissão incondicionais, que são proclamadas pela organização Torre de Vigia. Incomodam-se com as afirmações de que Cristo Jesus, cabeça da congregação, determinou e dirigiu o desenvolvimento de uma *organização altamente estruturada e com graus sucessivos de posições de autoridade*, que vão de corpos de anciãos a superintendentes de circuito, superintendentes de distrito, membros de comissões de filial e terminam na sede internacional da autoridade organizacional, o Corpo Governante. Incomodam-se com a *validade bíblica* de todas estas afirmações da organização, mas especialmente com a alegação de que ser filiado a esta organização e subordinar-se a ela são *um requisito indispensável* para se ter uma relação com Deus e Cristo.

A questão, pois, não é se o mero termo “organização” em si é bom ou mau, aceitável ou inaceitável. É se o *conceito*, a *abordagem*, o *controle* e o *espírito* da organização Torre de Vigia se harmonizam com os ensinamentos de Cristo e representam a congregação cristã estabelecida no primeiro século. Essas pessoas talvez se preocupem com o forte paralelo que vêem entre esta estrutura autoritária, com sua excessiva ênfase à autoridade humana, e os desenvolvimentos que a história religiosa revela terem ocorrido durante o segundo e terceiro séculos da Era Comum, o período que as publicações da Torre de Vigia apresentam como a época do início da apostasia do primitivo cristianismo.

Ignorar esta preocupação é ignorar os verdadeiros “fatos do caso”, fatos que o discurso do presidente nunca encarou, nunca respondeu, quer francamente quer de outra maneira. Por fazer da mera ausência na Bíblia da palavra “organização” a questão fundamental, o verdadeiro problema foi simplesmente posto de lado. Assim colocou-se um “boneco de palha”, que é muito mais fácil de atacar que os verdadeiros pontos em questão.

O artigo de *A Sentinela* citado segue a mesma regra. Não mostra provas de que alguém realmente “teme” usar a expressão “organização de Deus”. Simplesmente o afirma. De modo algum reconhece que essas pessoas podem ter pesado os assuntos racionalmente, à luz da Bíblia, e ter chegado à decisão corajosa, e não temerosa, de que não podiam conscienciosamente continuar com o que consideravam ser práticas autoritárias, mesmo que essa decisão resultasse em penosas dificuldades. Os “bonecos de palha” são muito mais fáceis de se lidar do que pessoas reais, e do mesmo modo é muito mais fácil argumentar contra conceitos artificiais que contra conceitos autênticos. É menos provável que pessoas descritas como em descompasso com uma “era de grande inteligência” sejam levadas a sério em comparação com as identificadas como ‘bastante sábias’ para seguir as normas publicadas pela organização. Poucos desejariam atribuir algum mérito à atitude descrita de pessoas que ‘hesitam’ e ‘temem’ por causa de um tópico de menor importância.

No final da mesma revista *A Sentinela* de 1º de novembro de 1981, a seção “Perguntas dos Leitores” (também baseada no discurso do presidente na reunião anual da corporação) aborda o mesmo assunto, como aqui se pode ver (páginas 31 e 32):

PERGUNTAS dos LEITORES

● Visto que a palavra “organização” não ocorre na Bíblia, nem mesmo nas suas línguas originais, que direito temos de dizer que Deus tem uma organização ou de falar da organização de Deus?

Uma palavra hebraica moderna para “organização” é o substantivo *irgun*. Deriva do verbo hebraico *erág*, que significa “arranjar em fila”, bem como “seguir”. Correspondentemente, uma organização é um arranjo de coisas. (Um exemplo disso pode ser visto no livro *‘Coisas em Que É Impossível Que Deus Minta’*, capítulo 17, parágrafo 28, na edição hebraica.)

A língua hebraica tem outra palavra equivalente para “organização”, a saber, *histadrúth*. Esta palavra baseia-se numa outra encontrada nas Escrituras Hebraicas originais. As letras-chave ou básicas da palavra *histadrúth* são *s*, *d*, e *r*. Com essas três consoantes se forma o verbo hebraico *sadar*, que significa basicamente “arranjar em ordem”, produzindo assim um arranjo. A forma reflexiva do verbo *sadar* serve de base para o substantivo *histadrúth*, que significa “organização”.

Embora não encontremos esta palavra nas inspiradas Escrituras Hebraicas, encontramos o substantivo hebraico relacionado, *seder*, em Jó 10:22. Este substantivo é ali usado no plural, sendo grafado *s'darim*. A edição revista e corrigida da tradução de João Ferreira de Almeida verte Jó 10:22 do seguinte modo: “Terra escuríssima, como a mesma escuridão, terra da sombra da morte e sem ordem [*s'darim*] alguma, e onde a luz é como a escuridão.” (Também a versão de Matos Soares e a de Antônio Pereira de Figueiredo.) A *Tradução do Novo Mundo* reza aqui: “Para a terra de obscuridade igual às trevas, de sombra tenebrosa e de desordem [*lo s'darim*], onde não reluz mais do que as

trevas reluzem.” (Também *Liga de Estudos Bíblicos*.) Desordem, sem ordem alguma significaria aqui falta de arranjo, desorganização.

Os judeus usam até o dia de hoje a palavra *seder*. Um *seder* é parte da Mixena judaica. Sob a palavra “Mixena” (*Mishna*), a *Cyclopædia* de M'Clintock e Strong diz: “A Mixena divide-se em seis partes (. . . , *Sedarim*, arranjos), que contêm 62 tratados . . . e 514 capítulos . . . Estes últimos, novamente, estão divididos em seções numeradas.”

De modo que a palavra para “ordem” ou “arranjo” é encontrada na Bíblia hebraica original. O apóstolo Paulo, salientando a necessidade de ordem e arranjo na congregação cristã, escreveu aos cristãos em Corinto: “Porque Deus não é Deus de confusão, senão de paz, como em todas as igrejas dos santos. Mas faça-se tudo decentemente e com ordem [em traduções hebraicas: *s'darim n'khonim*].” (1 Cor. 14:33, 40, Almeida, rev. e corr.; Mateus Hoepers) Este conselho apostólico do primeiro século aplica-se com força igual, hoje, a todas as congregações das testemunhas cristãs de Jeová. O apóstolo Paulo escreveu no grego comum dos seus dias, e a palavra grega para “organização” é *orgánosis*. A raiz desta palavra é *érgon*, palavra que significa “trabalho” e é repetidas vezes encontrada nas Escrituras Gregas Cristãs.

Considerando-se tudo à luz das Escrituras, é um argumento forçado dizer que Deus não tem nenhuma organização, visto que as palavras originais que significam “organização” nas línguas antigas não ocorrem nas inspiradas Escrituras Hebraicas e Gregas. Deus demonstra em tudo que ele é capaz de prover organização. O que aconteceria se ele não organizasse as suas criaturas obedientes? Uma organização, como estrutura, é um grupo de pessoas inteligentes reunidas e dispostas de modo a trabalharem pacífica e harmoniosamente juntas na execução dum objetivo em comum, o objetivo do organizador.

Em harmonia com este fato, Deus é repetidas vezes chamado de “Jeová dos exércitos”. Um exército é um corpo de tropa

organizado. Assim, em apoio da verdade de que Deus tem uma organização, lemos a seguinte exortação dirigida à sua organização: “Bendizei a Jeová, vós anjos seus, poderosos em poder, cumprindo a sua palavra, por escutardes a voz da sua palavra. Bendizei a Jeová, todos os exércitos seus, vós ministros seus, fazendo a sua vontade. Bendizei a Jeová, todos os trabalhos seus, em todos os lugares do seu domínio.” (Sal. 103:20-22) Jeová tinha uma organização de criaturas espirituais, celestiais, já antes de ele criar a nossa terra e colocar o homem sobre ela.

Contra diversos fundos históricos, Deus usa de linguagem figurativa para se referir à sua organização. O primeiro caso disso se encontra em Gênesis 3:15, onde Deus fala sobre sua organização espiritual, celestial, como “a mulher”, em oposição à “serpente”, termo figurativo que indica Satanás, o Diabo. (Veja Gênesis 3:14; Revelação 12:9.) Este rebelde contra Deus imitou-o e desenvolveu uma organização contrária à organização de Deus, a “mulher” figurativa de Deus.

Tendo começado com uma pergunta sugerindo que algumas pessoas estavam desafiando o próprio “direito” de falar em “organização de Deus”, observe como, de modo similar, a matéria distorce a questão, dizendo:

Considerando-se tudo à luz das Escrituras, é um argumento forçado dizer que Deus não tem nenhuma organização, visto que as palavras originais que significam “organização” nas línguas antigas não ocorrem nas inspiradas Escrituras Hebraicas e Gregas.

Isto, naturalmente, lança sobre todos os que questionam as pretensões da organização uma luz negativa, como pessoas que ‘forçam argumentos’. No entanto, a própria coisa que eles aqui dizem fazer, é apresentada numa perspectiva totalmente diferente na edição de 15 de julho de 1957 de *A Sentinela* (em inglês). Um artigo intitulado: “O Espírito Santo – Terceira Pessoa da Trindade ou a Força Ativa de Deus?” traz estas declarações (p. 431):

Se o espírito santo é igual a Jeová Deus, como afirma o Credo Atanasiano, e se a trindade é o ensino central da religião cristã, como

afirma *The Catholic Encyclopedia*, não devíamos esperar que estas coisas fôssem claramente afirmadas com muitas palavras na Bíblia? E não deveria ser assim, especialmente em vista do fato de que se declara que o ensino da trindade é, “de todas as verdades reveladas” “a mais impenetrável à razão”, e, no entanto, a salvação depende de sua aceitação? O fato de que a Palavra de Deus não menciona, explica ou ensina explicitamente uma trindade é em si mesmo uma forte prova de que o ensino da trindade é falso.

Há um apelo à lógica no argumento apresentado. Consistentemente, porém, poderíamos reformular o parágrafo desta *Sentinela* assim:

Se o tipo de organização altamente estruturada encontrada hoje entre as Testemunhas de Jeová é produzida por Jeová Deus, como afirma o Corpo Governante, e se ela é o canal exclusivo de Deus na terra, como afirma *A Sentinela*, não devíamos esperar que estas coisas fôssem claramente afirmadas com muitas palavras na Bíblia? E não deveria ser assim, especialmente em vista do fato de que se declara que rejeitar as diretrizes da organização ou os seus ensinamentos é rebelar-se contra Deus, e que a salvação depende do acatamento e da submissão a essa organização? O fato de que a Palavra de Deus não menciona, explica ou ensina explicitamente tal tipo de organização é em si mesmo uma forte prova de que o ensino sobre tal organização é falso.

A argumentação é a mesma, paralela, apoiada nos mesmos princípios e premissas. Evidentemente, quando usada em relação a fontes de fora da organização ela é aceitável; quando aplicada dentro da organização, não é aceitável.

É fácil deixar-se vencer pelo grande número de palavras de uma longa explicação. Reveja a matéria de “Perguntas dos Leitores” e seus cinco primeiros parágrafos, abrangendo uma página inteira. A matéria, que forma o grosso da resposta à “pesada” pergunta apresentada, está cheia de explicações técnicas sobre termos hebraicos e gregos. Pouco faz para esclarecer o assunto, mas deve impressionar o leitor com o conhecimento erudito superior do autor.¹³ O leitor, achando difícil entender qual é a relevância destes tópicos, pode muito bem presumir

¹³ O estilo é o do então presidente da Torre de Vigia, Frederick Franz.

que isto se deve a seu próprio conhecimento ou instrução inferior.¹⁴ O efeito é a intimidação intelectual.

Na realidade, o que se diz nestes complexos cinco parágrafos pode ser resumido simplesmente assim:

Uma organização é um arranjo ordeiro.

Embora exista uma palavra hebraica para “organização” ela não aparece na Bíblia, mas a palavra hebraica para “ordem” ou “arranjo” aparece. (Jó 10:22)

Deve haver ordem e arranjo na congregação cristã. (1 Coríntios 14:33, 40)

Existe uma palavra grega para “organização”, mas esta também não aparece na Bíblia, embora a raiz da qual ela se deriva apareça com frequência.

Não soa muito impressionante, e no entanto, resume-se de forma simples e compreensível tudo o que realmente foi dito em todos esses cinco parágrafos de fraseado complexo. Jamais houve dúvida de que deve haver ordem e arranjo na congregação cristã. A matéria foge da verdadeira questão e não provê evidência em apoio ao desenvolvimento de uma estrutura de autoridade eclesiástica tal como existe na organização atual das Testemunhas de Jeová — o verdadeiro ponto em questão.

Portanto, é boa prática resumir qualquer argumento prolongado aos pontos básicos, formulados de modo simples, talvez até alistando-os num papel, se necessário, para ver se de fato constituem um argumento válido. É bom perguntar não só o que é explicado, mas o que não é explicado. A matéria citada, por exemplo, não explica por que, em vista da reconhecida ausência na Bíblia do termo “organização”, as publicações da Torre de Vigia o usam continuamente como *termo preferencial*, por que, ao se referir à associação mundial das Testemunhas, não preferem dar ênfase primária aos termos que a Bíblia usa, tais como “congregação”, “família [de Deus]” ou “associação de irmãos”, encontrados em sua própria *Tradução do*

¹⁴ O texto de Jó, capítulo 10, versículo 22, sobre “a terra de obscuridade igual às trevas, de sombra tenebrosa e de desordem”, talvez deixe o leitor tateando em busca da obscura conexão com a “organização de Deus” em consideração.

Novo Mundo, em vez de dar ênfase tão grande e constante ao termo não-bíblico “organização”. Não indica isto que a verdadeira questão não se refere ao uso de um termo, mas à *autoridade* da organização e *até onde* ela vai? Os termos bíblicos não se prestam bem à enorme ênfase concedida à autoridade humana.

Às vezes, insere-se logo no início da apresentação do argumento uma única palavra ou frase, que realmente representa um **juízo de valor**, um julgamento que fazem pelo leitor, sem deixarem que este o faça com base na evidência. Como diz *Logic and Contemporary Rhetoric* (página 10), uma única palavra “pode ser usada para direcionar o ponto de vista de um artigo inteiro e criar no leitor uma disposição mental receptiva à mensagem do autor. O fato de que se usou apenas uma palavra para conseguir isso torna bem mais difícil detectar a falácia.” Na *Sentinela* de 15 de fevereiro de 1989, por exemplo, ao considerar o relato de Atos, capítulo 15, e a visita de Paulo e Barnabé a Jerusalém para resolver a questão da circuncisão e da observância da lei, o artigo (página 19) começa dizendo:

Os apóstolos e os anciãos em Jerusalém (obviamente reconhecidos como corpo governante da congregação cristã primitiva) examinaram cuidadosamente as Escrituras inspiradas pelo espírito e recapitularam como o espírito santo dirigira as coisas durante os prévios 13 anos.

Observe a palavra “obviamente”. Ela representa um juízo de valor e visa a um objetivo: Condicionar a mente do leitor para aceitar a afirmação que vem em seguida. O fato de que se realizou um concílio em Jerusalém *numa única ocasião* certamente não prova que ali funcionava um “corpo governante”, um grupo administrativo centralizado. Conforme se mostrou no capítulo 3, a razão primária de Paulo e Barnabé terem ido a Jerusalém foi que o problema *originou-se* ali. (Veja Atos 15:1, 2, 23, 24; confira Atos 21:15, 20.) No parágrafo anterior a esta passagem citada, faz-se referência a um “corpo central de ensino” em Jerusalém. Novamente, não há nada nas Escrituras que indique Jerusalém como sede deste “corpo central de ensino”. Toda a Escritura Cristã, com exceção da carta de Tiago (e possivelmente o evangelho de Mateus) foram evidentemente escritos em outro lugar. Não há nada, nem a menor evidência, de que Paulo, Pedro, João ou quaisquer outros submetessem seus escritos à aprovação de um “corpo

central de ensino” ou estivessem de algum modo sujeitos à autoridade deste corpo.

O artigo inicial da série sobre “Organização” já mencionada no número de 1º de novembro de 1981, traz uma explicação típica de **supressão de evidência desfavorável**. Quando analisado, o efeito geral e alvo da matéria é reduzir a importância da relação pessoal com Deus e elevar o conceito da lealdade a uma organização. O artigo é intitulado “Que Organização — a de Jeová ou a de Satanás?” e o texto temático é o de Josué 24:15. Observe como a matéria manipula o texto para ajustar-se ao conceito que é desenvolvido (página 12):

“Escolhei hoje para vós a quem servireis.” — Jos. 24:15.

HOJE é preciso fazer uma escolha entre as duas maiores organizações em existência. Historicamente, isso não é nada novo, mas a necessidade de fazer a escolha certa é hoje mais urgente do que em qualquer época anterior. Há dois mil anos, um personagem histórico, cuja decisão sobre esta questão teria as maiores consequências para todo o universo, viu-se confrontado com essa escolha.

² Duas testemunhas disso, dois pesquisadores dos fatos históricos, a saber, Mateus Levi, ex-cobrador de impostos, e Lucas, que era médico, apresentam-nos o testemunho que corrobora a verdade disso. O personagem histórico em que se fixavam então os olhos de todo o universo era Jesus Cristo, do Oriente Médio. Mateus Levi conta-nos que Satanás, o Diabo, “mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles, e disse-lhe: ‘Todas estas coisas te darei, se te prostrardes e me fizeres um ato de adoração.’” Jesus não questionou a afirmação de Satanás, de que o mundo organizado lhe pertencia, mas rejeitou sem hesitação a oferta dele. (Mat. 4:8-10) Jesus negou-se a abandonar a organização a que já pertencia para tornar-se parte da organização de Satanás.

O próprio texto bíblico focaliza o tema “*a quem servireis*”, e o contexto mostra que nos dias de Josué a questão era a lealdade a uma PESSOA, Jeová Deus, escolher entre Ele e os deuses falsos. Mas o artigo de *A Sentinela* imediatamente começa:

Hoje é preciso fazer uma escolha entre as duas maiores organizações em existência.

Numa espécie de “jogo das conchas” intelectual, a pessoa é sutilmente substituída pela organização como o centro da questão. Depois, no segundo parágrafo, apresenta-se Jesus tendo de escolher entre duas organizações opostas quanto à sua lealdade. Cita-se Mateus 4:8-10 em apoio. Mas cita-se apenas um fragmento destes versículos, e não se inclui nenhuma das respostas que Jesus deu a Satanás. É um caso de supressão de evidência desfavorável, já que nelas Cristo Jesus mostrou claramente que seu interesse era mostrar lealdade, não a uma organização, mas a uma PESSOA, seu Pai celestial, Deus. Suas respostas, conforme aparecem na *Tradução do Novo Mundo*, foram:

O homem tem de viver, não somente de pão, mas de cada pronúncia procedente da boca de Jeová.

Novamente está escrito: “Não debes pôr Jeová, teu Deus, à prova.”

Está escrito: “É a Jeová, teu Deus, que tens de adorar e é somente a ele que tens de prestar serviço sagrado.”

Como poderia algo ser mais *pessoal*? Apesar disto, o parágrafo de *A Sentinela* conclui:

Jesus negou-se a abandonar a organização a que já pertencia para tornar-se parte da organização de Satanás.

Pela mera asserção, o conceito de lealdade organizacional ensinado pela *Sentinela* suplanta a relação muito pessoal com Deus, encontrada nas declarações de Jesus Cristo. Não há no relato a menor indicação de que Cristo pensava em termos de uma organização ou via o assunto como uma questão de lealdade organizacional. Ele se preocupava com a lealdade à Pessoa, Deus. No artigo de *A Sentinela* temos um caso em que se lê nas Escrituras uma coisa que não existe. Deve-se, de fato, fazer aqui uma “escolha”, a escolha da fonte pela qual se guiar.

É incrível como esta constante ênfase à “organização” faz as Testemunhas em geral ler as declarações bíblicas ajustando-as quase

automaticamente ao conceito da organização. Portanto, quando Jesus disse aos discípulos, “Será que vós também quereis ir?”, Pedro respondeu: “Senhor, para quem havemos de ir? Tu tens declarações de vida eterna.”¹⁵ As Testemunhas citam consistentemente esse texto quando falam a favor de “ficar com a organização” e dizem: “para onde havemos de ir?” Mas Pedro não disse “para onde”, ele disse, “*para quem* havemos de ir?” Não expressou confiar numa organização para ter a verdade, mas disse “*tu* [Jesus Cristo] tens declarações de vida eterna.”

Mas, devido à doutrinação, a mente das Testemunhas faz um desvio automático, substituindo a pessoa, o Filho de Deus, pela “organização”. Que a organização deseja que façam esta transferência fica evidente pela legenda abaixo da gravura na *Sentinela* de 15 de março de 1988 (página 18), que claramente equipara a lealdade a Cristo com a lealdade a ela própria:



De A *Sentinela* de 15 de março de 1988, página 18.

¹⁵ João 6:67, 68.

O parágrafo 7 do artigo da *Sentinela* de 1º de novembro de 1981, página 14, apresenta este exemplo de **raciocínio dedutivo defeituoso**:

‘Não se pode negar que Satanás tem uma organização poderosa, com parte invisível e parte visível. Satanás, o Diabo, é imitador com o fim de enganar, e ter ele uma organização é na realidade um argumento no sentido de que seu principal opositor, Jeová Deus, também tem uma organização. De modo que Satanás, o imitador, tem enganado multidões de pessoas a pensar que estão aceitando, adotando e abraçando a coisa certa e correta. (2 Cor. 11:13-15) Basta lembrar-se da parábola de Jesus a respeito do trigo e do joio, ou cizânia, como ilustração disso. O joio, ou a cizânia, que brotou cedo, era tão parecido ao trigo, que havia o perigo de que neste primeiro estágio do crescimento se arrancassem as plantinhas do trigo em vez de as do joio ou da cizânia semeada pelo Diabo. (Mat. 13:24-30, 36-43) Jesus explicou que o joio, a cizânia ou a erva daninha representava “os filhos do iníquo, e o inimigo que o semeou é o Diabo”.

Esta é uma forma incomum de argumentar. Diz, com muitas palavras, que aquilo que Satanás faz nos orienta para sabermos o que Deus faz. É verdade que o texto bíblico citado mostra que Satanás apresenta-se como “anjo de luz”, de modo que nesse sentido pode-se dizer que ele imita os anjos de Deus. Mas usar essa única declaração como base para presumir que tudo o que Satanás faz é necessariamente em imitação a Deus, é um *raciocínio dedutivo falso*, uma *generalização precipitada, injustificada*. Satanás é também “o pai da mentira”, um homicida, o arquiteto do engano. A quem está ele imitando nisto? Não a Deus, certamente.

Na verdade, as Escrituras mostram que muitas vezes Satanás usa métodos, não típicos de Deus, mas em *oposição direta* a Ele. O antagonismo da luz contra a escuridão, da verdade contra a falsidade, da honestidade contra o engano, do ódio contra o amor, do altruísmo contra a ganância, e de muitos outros opostos, é vividamente retratado

nas Escrituras. Em vista disso, como devemos razoavelmente reagir à afirmação de que Satanás promove uma ‘organização visível e invisível’ para validar a existência de uma estrutura de autoridade altamente organizada? Deve guiar-nos ou repelir-nos? É deveras um argumento bem estranho, dizer que o modo de Satanás agir serve para nos ensinar as coisas de Deus.¹⁶

Nesta mesma linha, um artigo intitulado “A Organização de Jeová Avança — Está Avançando com Ela?”, publicada na *Sentinela* de 1º de dezembro de 1982, página 23, começa assim:

NÃO se pode ler as Escrituras Gregas Cristãs sem se ficar impressionado com o fato de que os cristãos foram organizados para a adoração. Em especial, foram organizados para pregar, para divulgar as boas novas do reino de Deus.

Quem lê as Escrituras Gregas Cristãs (ou Novo Testamento) certamente se impressiona com o fato de que os primitivos cristãos estavam *motivados* para a adoração e para partilhar as boas novas. Mas motivação e estar organizados não são a mesma coisa. As Testemunhas de Jeová hoje têm reuniões organizadas, cinco por semana, cada uma com seu programa organizado; têm assembléias semi-anuais de circuito e assembléias anuais regionais ou de distrito, com seus programas organizados; têm atividade de “serviço de campo” com

¹⁶ No mesmo artigo, na página 15, trechos de números antigos de *A Sentinela* de 1883 e 1884 estão reimpressos, como se apoiassem a idéia de uma organização visível tal como a que hoje existe entre as Testemunhas de Jeová. A palavra “organização” de fato aparece várias vezes nas citações. Mas isso é tudo. Quando examinadas, estas citações mostram ser, na verdade, uma *contradição* direta ao conceito de organização da época atual. Essa matéria do século 19 realmente argumenta contra o desenvolvimento de uma organização religiosa altamente estruturada de modo terreno, e insiste em que deve haver apenas uma organização formada celestial, *invisível*, da congregação de Cristo. Como mostramos no capítulo 4 deste livro, o editor de *A Sentinela*, Charles Taze Russell, se opunha à formação exatamente do tipo de estrutura organizacional terrestre, visível, que passou a se desenvolver após sua morte. Não há a menor referência a estes fatos no artigo em questão, e o leitor é levado a crer que há harmonia entre estas citações centenárias e o conceito moderno da organização Torre de Vigia. Fatos e informações desfavoráveis são suprimidos, encobertos, manipulados ou ignorados.

“testemunho de grupo” organizado, cobertura organizada do território, atividade organizada do “dia de revistas”, um “superintendente de serviço” para organizar esta atividade e dar atenção aos relatórios de atividade entregues cada mês por todas as Testemunhas, e superintendentes de circuito e de distrito que fazem visitas organizadas de uma semana, cujo objetivo principal é supervisionar e promover esta atividade congregacional organizada. Onde vemos nas Escrituras inspiradas algo que mesmo de longe lembre esta abordagem sistematizada, institucionalizada e programada de adorar e partilhar as boas novas?

Na verdade, a *falta de qualquer programação formal* e a aparente *espontaneidade e motivação individual* dos cristãos do primeiro século são o que há de mais notável nos relatos que encontramos na Bíblia. Só temos ligeiras sugestões de como eram suas reuniões, e nenhum indício de qualquer metodologia e sistematização no modo como proclamavam as boas novas.

Recordo que durante os anos em que servi na atividade de superintendente de circuito e de distrito, eu meditava sobre isto quando preparava os “discursos de serviço”, que eram parte regular do programa semanal quando visitava as congregações. Eu queria preparar discursos que fossem bíblicos, mas parecia bem difícil achar textos que mesmo vagamente refletissem o tipo de “serviço organizado” exigido pela sede mundial em suas publicações. Achava difícil entender como os apóstolos Pedro, Paulo e João e os discípulos Tiago e Judas, puderam escrever cartas inteiras às congregações e jamais dizer nada que frisasse a necessidade de os leitores daquelas cartas saírem e irem de porta em porta, nada sobre arranjos de testemunho organizado em horários marcados, sobre fazer mais horas no “serviço de campo” ou abordagens e tópicos semelhantes, todas estas coisas regularmente destacadas nas publicações da Sociedade Torre de Vigia. As cartas dos apóstolos e discípulos pareciam deficientes de acordo com o ponto de vista que me fora incutido.

Ficou claro, eventualmente, após algumas décadas, que o real problema estava na opinião que me fora inculcada, opinião que, de fato, pervertia o registro do primeiro século, manipulando-o para fazer dizer algo que realmente não dizia. Utiliza-se a dedução falsa. A partir do princípio amplo de que todos os cristãos devem partilhar as boas

novas, fazem-se deduções para apoiar e cobrir virtualmente cada aspecto da abordagem sistematizada da organização com respeito à adoração e à pregação. Essas deduções, porém, são injustificadas, conforme indicado pela falta de evidências comprovantes nas próprias Escrituras. A abordagem sistematizada, altamente programada do cristianismo que se desenvolveu, parece-se mais à de uma grande organização comercial que a da congregação cristã do primeiro século, com sua atitude simples, descomplicada, do que é adorar e servir a Deus.

Conforme mostramos, a forte atitude organizacional desenvolvida tem a influência definitiva de moldar o pensamento das Testemunhas de Jeová. A lealdade à organização torna-se a pedra de toque, o critério, a “linha de fundo”, para determinar quem é cristão fiel e quem não é. É a ausência na inspirada Palavra de Deus desse tipo de *atitude* e *espírito*, não a ausência de uma simples palavra, que causa hoje séria preocupação a muitas Testemunhas de Jeová.

A mensagem da Bíblia, como um todo, vai contra alguém depositar fé numa organização terrestre, num grupo de homens ou num único homem. Fazer isso é pôr em perigo a relação pessoal com Deus inculcada nas Escrituras. Lendo a história dos tratos de Deus com a humanidade, podemos ver que Deus lidava regularmente com *indivíduos* — Abel, Enoque, Noé, Abraão, Isaque, Jacó, Jó e muitos outros.

É provavelmente quando invoca exemplos das Escrituras Hebraicas, em busca de apoio a seu conceito organizacional, que a literatura da Torre de Vigia recorre com maior frequência à falácia da **falsa analogia**. Recordemo-nos que, nesta falácia, a analogia falha, não porque não haja quaisquer semelhanças, mas porque elas não são suficientes para dar validade à analogia. Na realidade, em muitos dos casos das aplicações feitas pela Torre de Vigia, as *semelhanças* são em muito ultrapassadas pelas *diferenças*.

O único verdadeiro exemplo que temos de uma “organização”, no sentido em que o termo é usado na literatura da Torre de Vigia, é o estabelecimento da nação de Israel. Qualquer que seja a comparação feita com a congregação cristã, está claro que o cristianismo assinalou um notável rompimento com o passado, pelo qual os tratos de Deus

com seus servos foram postos num novo patamar, de modo eminentemente superior e distinto. As sombras deram lugar à realidade.¹⁷ Tentar definir a relação dos cristãos com Deus e Cristo com base em analogias da estrutura nacional israelita é tão apropriado quanto comparar o sacrifício de Cristo e o benefício resultante com os sacrifícios de animais feitos na antiguidade. A diferença é muito, muito maior que a semelhança.

Nada ilustra de modo mais claro que a lealdade e a confiança de alguém não podem se vincular com segurança a uma organização que a história dessa nação. Deus estabeleceu um sacerdócio oficial para a nação e, mais tarde, a pedido do povo, estabeleceu uma realeza humana, embora deixasse claro que o fato de o povo pedir um sinal visível de governo era uma evidência de falta de fé Nele, o verdadeiro rei.¹⁸ Por cerca de cinco séculos, os reis fiéis em Judá foram raros, e no posterior reino setentrional de Israel não houve nenhum. Dentre cerca de 24 reis judeus, os reinados de apenas seis são descritos de modo favorável nas Escrituras, e mesmo estes foram manchados por desvios da vontade divina, o que contribuiu para a degeneração da adoração pura de Deus. Não admira que o salmista admoestasse:

Não confiem em príncipes, em meros mortais, incapazes de salvar. Quando o espírito deles se vai, eles voltam ao pó; naquele mesmo dia acabam-se os seus planos. Como é feliz aquele cujo auxílio é o Deus de Jacó, cuja esperança está no SENHOR [Jeová], no seu Deus.¹⁹

A história desses cinco séculos mostra que, apesar da existência daquela organização nacional e de seu sacerdócio, Jeová continuou a tratar com indivíduos, e que, com maior frequência do que o contrário, esses indivíduos eram claramente pessoas que não tinham o favor daquilo que se podia chamar “organização” estabelecida.

Jeová tratou com Davi mesmo quando o cabeça da “organização”, o rei Saul, banuiu Davi da organização. Davi preferiu residir fora das fronteiras de Israel por algum tempo, até mesmo achando mais seguro viver entre os pagãos filisteus em Gate; no entanto, Jeová continuou a

¹⁷ 2 Coríntios 3:7-10; Colossenses 2:17; Hebreus 9:7-11, 23.

¹⁸ 1 Samuel 8:4-7; Isaías 33:22.

¹⁹ Salmo 146:3-5, *NVI*.

tratar com ele.²⁰ Fora o que Davi e Salomão escreveram, a maior parte dos demais textos bíblicos foram escritos por homens que não faziam parte da estrutura organizacional oficial estabelecida ou que discordavam dela, sendo vistos por ela com reprovação. Os profetas a quem Deus suscitava não recebiam designações ou instruções de um “canal” organizacional, nem submetiam seus discursos ou escritos para receber o selo de aprovação dessa estrutura. Mostravam aberta desarmonia com os que lideravam e dirigiam a estrutura organizacional, os reis e os sumos sacerdotes. Por causa disso, estes profetas eram muitas vezes vistos como agitadores subversivos para a congregação de Israel. Seguiam o conselho do Salmo 37 de “esperar em Jeová” por não recorrerem a ações ilícitas ou violentas em retaliação às injustiças que sofreram, deixando que Deus executasse seu julgamento sobre aquela organização nacional e seus líderes desencaminhados. Mas este “esperar em Jeová” era apenas nesse sentido, pois não se refrearam de aberta e publicamente tornarem conhecidos os desvios da organização em relação à Palavra de Deus. Não se sentiram obrigados a “acompanhar” a estrutura organizacional e seus encarregados em seu proceder errôneo ou a aceitar e apoiar suas distorções da Palavra de Deus. A lealdade deles a Jeová e à sua Palavra suplantava a lealdade a qualquer sistema terrestre, ainda que este tivesse sido inicialmente estabelecido por Deus, como foi a nação de Israel.

Hoje, a maioria das Testemunhas de Jeová sente virtual orgulho em apoiar “a organização” não importa o que ela faça, aonde ela leve ou o que ela ensine. Nisto elas não têm apoio algum das Escrituras. Na congregação nacional de Israel, aqueles que submissamente seguiam as autoridades organizacionais (reis e sacerdotes) de modo incondicional foram os que se deixaram levar à adoração falsa, e sua “lealdade” aos líderes dessa organização nacional os fez acusar falsamente e perseguir homens que eram inocentes de qualquer transgressão.²¹ Eles consideravam tais servos conscienciosos de Jeová como contrários ao “sistema”. Assim, sua lealdade a uma organização na verdade os colocou em oposição a Deus. Isto nos serve de advertência até hoje.

²⁰ 1 Samuel 21:10.

²¹ Confira Hebreus 11:36-40; Tiago 5:10, 11.

Embora já não existisse a realeza, a estrutura oficial do sacerdócio de Israel ainda funcionava na época de Jesus, seus sacerdotes ainda atuavam como se fossem representantes designados de Deus. Aliados a eles estavam os anciãos judaicos que ajudavam a compor o mais alto tribunal de justiça da nação. Como afetou esta circunstância o procedimento do Filho de Deus, Cristo Jesus? Ele adotou a atitude de falar de um modo que lhe trouxe desaprovação e oposição daquela estrutura de autoridade e de seus membros mais responsáveis, inclusive o próprio sumo sacerdote. Na realidade, foi o que se poderia apropriadamente chamar de “o corpo governante” da organização nacional, o principal sacerdote e os membros do Sinédrio, que o julgaram adversamente.²² E foi a esse “corpo governante” que os apóstolos depois declararam: “Temos de obedecer a Deus como governante antes que aos homens.”²³ A posição que tomaram e o princípio que anunciaram permanecem válidos hoje. Estes estão em conflito direto com a idéia de “acompanhar” uma organização simplesmente porque ela afirma falar por Deus.

Fazer da lealdade a uma organização o critério para se julgar o cristianismo da pessoa, pois, é uma clara perversão das Escrituras. Exortar, e mesmo, insistir, que as pessoas depositem fé em qualquer sistema terrestre, é algo sem qualquer apoio bíblico. Leia todos esses textos e verá claro que aquilo que nós somos chamados a fazer é depositar fé em Deus, fé em seu Filho e fé em sua Palavra conforme nos foi transmitida por aqueles a quem Ele inspirou, mas em parte alguma somos ensinados a depositar fé em homens ou numa organização terrestre, seguindo incondicionalmente sua liderança. Tal fé é mal orientada e leva a graves conseqüências. Os fatos da história mostram isso ao longo de todos os séculos e nosso século vinte não é exceção. Longe de encorajar tal fé em homens imperfeitos, todo o registro bíblico é um contínuo lembrete do perigo inerente a esse tipo de confiança.

Duas classes de cristãos

Há um só corpo e um só espírito, assim como também fostes chamados em uma só esperança a que fostes chamados; um só

²² Mateus 26:57, 59.

²³ Atos 5:27-29.

Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por intermédio de todos, e em todos. — Efésios 4:4-6.

Usa-se uma argumentação incomum para privar as pessoas que são Testemunhas de Jeová da relação com Deus a que elas têm direito. Faz-se isto por meio do ensino de um arranjo de duas classes para os cristãos, sendo uma das duas definitivamente mais privilegiada na relação com Deus que a outra. Entre as preciosas promessas feitas nas Escrituras, como quinhão de todos que se voltam para Deus com arrependimento e fé no sacrifício de resgate de seu Filho, estão estas:

Eles são libertados da escravidão ao pecado e à morte, são justificados ou declarados justos aos olhos de Deus e seus pecados são plenamente perdoados pelo poder expiatório do sacrifício de Cristo. Este atua como seu Mediador e os traz a uma relação pactuada com seu Pai, e eles são plenamente reconciliados com Deus tornando-se parte da família dele, filhos de Deus, recebendo essa condição e a relação íntima com Deus que isto representa. Deles é a vida eterna, a qual só perderão se perderem sua fé, visto que o Filho de Deus afirma:

Digo-vos em toda a verdade: Quem ouve a minha palavra e acredita naquele que me enviou tem vida eterna, e ele não entra em julgamento, mas tem passado da morte para a vida.²⁴

Essas são deveras promessas grandiosas, que apresentam uma maravilhosa relação com Deus e seu Filho. Segundo os ensinamentos atuais da Sociedade Torre de Vigia, porém, essas promessas e essa relação privilegiada são hoje quinhão de apenas cerca de 8.600 pessoas na terra, o “restante ungido” dos 144.000 escolhidos. Elas não se aplicam às demais seis milhões de pessoas que são Testemunhas de Jeová.²⁵ Muitas das Testemunhas ignoram realmente este fato, sem se aperceberem de até aonde vão os ensinamentos oficiais da Sociedade nesta área. Alguns ficam francamente perturbados quando se deparam com o fato de que — embora eles próprios tenham escutado as boas novas de Deus, acreditado nelas, se arrependido e depositado fé na provisão de Deus do sacrifício de resgate por meio de seu Filho — não obstante,

²⁴ João 5:24.

²⁵ Tampouco se aplicam a qualquer uma dos outros seis *bilhões* de pessoas da terra que não são Testemunhas de Jeová.

Cristo Jesus *não* é seu Mediador, eles não são declarados justos e nem podem sê-lo até o fim do “reinado de mil anos de Cristo”. Desta forma, seus pecados *não* são de fato perdoados, mas mantidos em suspenso, como se fossem, não *filhos* de Deus, mas apenas “filhos prospectivos”, que não se tornam realmente filhos de Deus até após o “período de julgamento de mil anos” e a prova final que se diz que virá em seguida. Além disso, dizem-lhes (com tato, naturalmente) que as Escrituras Gregas Cristãs ou Novo Testamento foram escritas para os “ungidos” e que só se aplicam a estes outros seis milhões “por extensão”. Isto é porque não fazem parte dos cerca de 8.600 “ungidos”, os que hão de reinar com Cristo no céu e que são os únicos a participar do pão e do vinho na refeição noturna do Senhor. Estes ensinamentos não ficaram totalmente sem questionamento. Devido a perguntas sobre o caráter bíblico deste relacionamento de duas fileiras, os “ungidos” e a classe das “outras ovelhas”, a organização preparou vários artigos destinados a fortalecer a crença nos pontos mais fracos desse ensino. A argumentação utilizada merece mais uma vez atenção.

As “outras ovelhas”

A designação “outras ovelhas”, que se acha em João 10:16, faz parte do assunto. As palavras de Jesus são:

E tenho outras ovelhas, que não são deste aprisco; a estas também tenho de trazer, e elas escutarão a minha voz e se tornarão um só rebanho, um só pastor.

O ensino da Torre de Vigia é de que, com esta expressão “outras ovelhas”, Jesus referia-se aos que não fazem parte dos 144.000 “ungidos”, como uma classe com destino terrestre.

Em conversa que tive com um respeitado membro da comissão de filial de um grande país europeu, este texto veio à baila. Ao ser simplesmente mencionado, sem nenhum comentário meu ou qualquer discussão anterior, ele foi logo dizendo: “Isso obviamente se aplica aos gentios.”

Numa reunião do Corpo Governante, este tópico foi discutido e eu mencionei que tinha ouvido várias pessoas se expressarem de acordo com o comentário citado. Após alguma discussão, a proposta final foi de manter a posição tradicional. Durante o debate, Ted Jaracz deu um exemplo notável de raciocínio circular, perguntando: ‘Onde ficaria a

classe terrestre na parábola se a expressão não se aplicasse a ela?”²⁶ Logo antes da votação, o membro Leo Greenlees disse: “Não acham que devemos pelo menos abrir à possibilidade de o texto aplicar-se aos gentios?” Não se fez, porém, tal abertura.

No entanto, a parábola primeiro descreve claramente o ministério de Jesus ao povo judeu, aos do “redil de ovelhas” de Israel, às quais ele veio e das quais convocou as que mostraram ser “suas ovelhas”, as que conhecerem sua voz e a seguiram. Visto que ele claramente chamou primeiro as suas ovelhas dentre os judeus, quem seriam logicamente as “outras ovelhas” senão as que depois vieram a ouvir sua voz, proferida através de seus apóstolos e discípulos?²⁷

A *Sentinela* de 15 de janeiro de 1981 (página 23) buscou dissipar as dúvidas quanto ao ensino tradicional deste assunto, um ensino em vigor desde 1921. Observe a maneira como ela introduz o ponto de vista oposto de que este texto se refere aos gentios, aqueles que seriam ajuntados ao aprisco dos cristãos judeus para com eles se tornarem “um só rebanho”:

“As igrejas da cristandade afirmam que o “aprisco” de que Jesus fala aqui devia conter apenas cristãos judaicos, ao passo que as “outras ovelhas” são os que se tornam cristãos procedentes dos não-judeus ou gentios; e que tanto os judeus crentes como os gentios crentes tornam-se “um só rebanho” sob “um só pastor”. Mas este ensino discorda de outros textos bíblicos sobre o assunto.

Joga-se imediatamente uma “pista falsa”, por atribuir este entendimento de João 10:16 às “igrejas da cristandade”, como se estas fossem a fonte original do conceito de que as “outras ovelhas” do texto relacionam-se aos gentios. Isto tem um efeito bem previsível sobre a mente dos leitores Testemunhas, efeito que estimula o preconceito do “provincianismo”. Já que a cristandade é vista como a parte principal

²⁶ Atualmente, como Ted Jaracz bem sabe, a “classe terrestre” é consistentemente *excluída* nas publicações da Torre de Vigia de todas as parábolas de Jesus, com exceção desta e da das ovelhas e cabritos (Mateus 25:31-46).

²⁷ João 10:1-16; confira João 1:11-13; Mateus 10:16; 15:24; 28:18-20; Atos 1:8.

de Babilônia, a Grande, estando assim, condenada, a visão é logo de saída obstruída por este preconceito.²⁸

A lógica deve deixar claro que é um raciocínio falso afirmar que só porque estas igrejas crêem em alguma coisa, esta deve ser vista automaticamente como suspeita e até automaticamente errada. A maior parte da cristandade, com certeza, ensina igualmente que Cristo é o salvador da humanidade e que ele morreu por ela; a maioria das igrejas da cristandade ensina que a Palavra de Deus se acha na Bíblia, que ela provê aos homens a orientação divina, aponta o caminho da vida eterna. Será que o fato de serem ensinadas pelas igrejas da cristandade torna estas coisas erradas ou suspeitas? A organização Torre de Vigia jamais hesitou em fazer citações de dicionários bíblicos, comentários bíblicos, e outras obras similares de autoria de eruditos da cristandade, *desde que as declarações deles possam ser usadas em apoio aos ensinamentos da organização*.²⁹ Apenas quando essas declarações são contrárias ao dogma da Torre de Vigia é que ocorre o inconsistente tipo de apelo ao preconceito exemplificado neste artigo. A atitude honesta é a de reconhecer que um argumento é válido ou não segundo seu próprio mérito, independente de sua fonte.

Faz-se logo a tentativa de pôr o leitor no aperto de um falso dilema, por dizer que “este ensino discorda de outros textos bíblicos sobre o assunto”. Esta declaração, porém, é uma mera asserção e não tem fundamento. Suponhamos, para efeito de argumentação, que todos os outros ensinamentos da organização sobre o número 144.000 ser literal, sobre outros além destes estarem destinados à vida num paraíso

²⁸ No campo da lógica isto é descrito como a tática de “envenenar o poço”, na qual se faz o esforço de desacreditar a fonte, de modo a dar a impressão de que nenhuma evidência ou argumento provindo dessa fonte é digno de consideração.

²⁹ Como só um exemplo, *A Sentinela* de 15 de janeiro de 1991, em apenas seis páginas (10 a 15) faz **quinze** citações em apoio de sua posição — todas elas da “cristandade”. Geralmente, quando se utiliza uma citação favorável à posição da Torre de Vigia, não se chama atenção para o fato de que a fonte — quer seja dicionário bíblico, comentário bíblico ou qualquer outra obra religiosa — é fruto do que *A Sentinela* chama de “cristandade apóstata”. Quanto ao autor da matéria favorável, dá-se simplesmente o seu nome, ou então é designado, não como um representante de “Babilônia, a Grande”, mas como “um erudito bíblico” ou termo similar.

terrestre, sobre as ovelhas na parábola das ovelhas e dos cabritos se relacionarem com os que viverão no paraíso terrestre — suponhamos que tudo isto esteja correto. Como é que isto, de algum modo, vai contra Jesus ter se referido aos gentios no texto em consideração, João 10:16? Isto simplesmente não acontece.

Não é verdade que os gentios convertidos vieram de fato a unir-se aos cristãos judeus como um só rebanho sob um só Pastor? Quer os ensinamentos da organização sobre uma classe terrestre sejam verdadeiros quer não, isto não mudaria nem um pouco este fato, não é? Visto que o fato de os gentios ‘escutarem à voz de Jesus’ e se juntarem ao rebanho dos cristãos judeus realmente ocorreu, o que impede que a ilustração de Jesus se aplique desse modo? Que razão pode haver para tentar forçar um “confronto” entre este entendimento bíblico e os ensinamentos da organização sobre uma classe terrestre e um paraíso terrestre, quando este confronto ou oposição não é necessário? Se o argumento fosse sólido e se apoiasse em firme evidência bíblica, não haveria necessidade de o autor do artigo recorrer ao uso de um falso dilema. A argumentação de *A Sentinela* não é justa nem factual.

O parágrafo seguinte sugere ao leitor o que “João pode muito bem ter recordado” quando escreveu as palavras de Jesus. Após referir-se à parábola das ovelhas e dos cabritos em Mateus 25, diz:

¹ O apóstolo João estava familiarizado com essa parábola, porque ele e seu irmão Tiago, bem como Pedro e André, foram os que promoveram a profecia de Jesus por perguntarem-lhe em particular sobre o “sinal”, e João ouviu a profecia integralmente. (Mar. 13:3, 4) Portanto, quando registrou as palavras de Jesus sobre as “outras ovelhas”, pode muito bem ter recordado a parábola de Jesus sobre as ovelhas e os cabritos. Ele era o apóstolo idoso a quem se deu a Revelação, que expôs que as 12 tribos do Israel espiritual teriam apenas 144.000 membros. De modo que sabia que o “aprisco” com o “pequeno rebanho” abrangeria apenas um número limitado de todos os salvos.

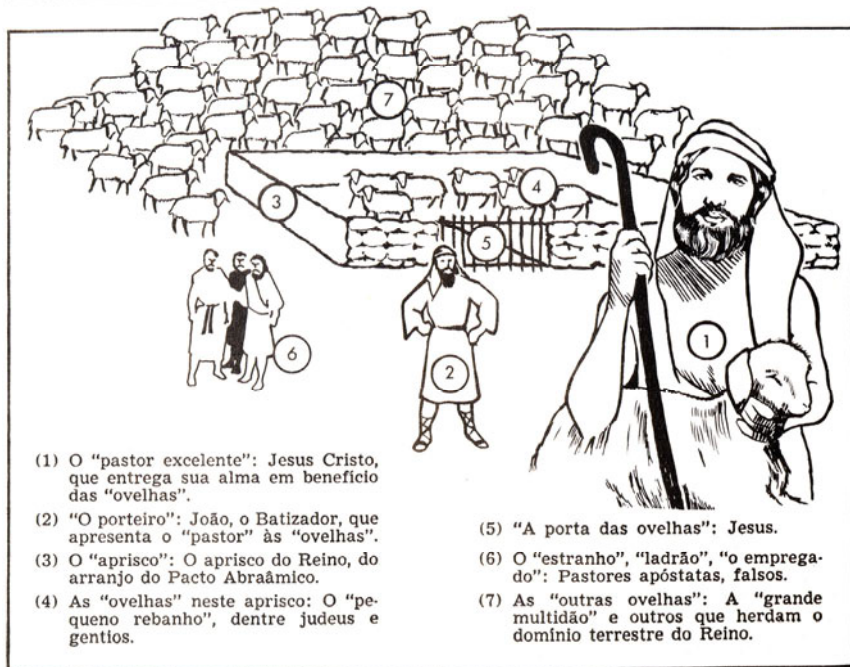
30

³⁰ *A Sentinela*, 15 de janeiro de 1981, página 7.

Esta tentativa do autor do artigo de fazer uma espécie de leitura da mente nada prova; é também inútil, já que as palavras de João 10:16 não foram fruto do pensamento de *João*, mas do de *Jesus*. A afirmação também *supõe* que João entendia os 144.000 de Revelação da mesma forma que a organização Torre de Vigia. Mais uma vez, o autor argumenta com o uso do raciocínio circular.

O aspecto mais interessante dos artigos talvez seja a gravura que representa de modo visual a interpretação que a Torre de Vigia dá a esse texto, conforme aparece aqui:

O Arranjo de Jeová Para Suas "Ovelhas"



(Veja também "The Watchtower" de 15 de maio de 1946, páginas 147-158.)

Embora isto não seja mais que o esboço de um artista, o *conceito* transmitido pela cena, destinado a harmonizar-se com o ensino da organização, é quase incrível. Retrata-se aqui um pastor israelita com sete ovelhas (contadas) protegidas num redil e outras cinquenta (contadas) deixadas soltas do lado de fora, sem a proteção do redil. Que pastor em qualquer época da história, de qualquer raça, em

qualquer país do mundo, faria tal arranjo com suas ovelhas? Que pastor adquiriria “outras ovelhas” em grande número e as deixaria do outro lado do muro, separadas do rebanho já existente, andando à solta fora do aprisco? Mesmo que fosse o caso de duas raças distintas, com diferentes tipos ou espécies de lã, o pastor ainda providenciaria, pelo menos, um redil de ovelhas para a raça recém-trazida. Mas, existem realmente, em qualquer sentido, duas “raças” de cristãos, que justifiquem o tratamento desigual retratado na gravura de *A Sentinela*?

Curioso é que o artista optou por uma proporção de 7 ovelhas fora do aprisco para cada uma dentro dele. Se a proporção se baseasse nos mais de 6.000.000 de Testemunhas agora supostamente na classe das “outras ovelhas” em relação ao total de 144.000 do chamado “pequeno rebanho”, a proporção seria de, na verdade, próximo de 42 para 1. Isso significaria que se 7 ovelhas são retratadas dentro do aprisco, haveria 294 do lado de fora, o que tornaria a cena ainda mais incrível.

No primeiro século, em Pentecostes, 3.000 pessoas foram batizadas. Depois, o relato fala em “cinco mil *homens*” entre os que aceitaram as boas novas.³¹ Nos anos seguintes, não só houve mais aumento em Jerusalém, como congregações de crentes surgiram por todo o mundo então conhecido, e a evidência histórica indica que o número dos que abraçaram as boas novas chegou a muitas dezenas e até centenas de milhares.³² Mesmo que *presumíssemos* que a maior parte não se mostrou fiel, ainda é difícil crer que não tenha havido pelo menos milhares que o tenham sido. Desde que a revista *A Sentinela* começou a ser publicada em 1879, mais dezenas de milhares têm professado ser seguidores ungidos de Cristo, e *A Sentinela* com certeza sugere que muitos desses se mostraram fiéis. Para fins de ilustração, se aceitarmos o número bem conservador de 10.000 que se mostraram fiéis até a morte ao longo do primeiro século, e mais 10.000 de 1879 em diante, isso deixaria (segundo a doutrina da Torre de Vigia) outros 124.000 aprovados — durante o período intermediário — como herdeiros celestiais. Considere o que significaria isso. Significaria que durante os 1.779 anos consecutivos antes de a Torre de Vigia entrar em cena, Cristo Jesus, que estava dirigindo seus seguidores de acordo com suas palavras em Mateus 28:20, viu apenas uma média de 70 pessoas por

³¹ Atos 2:41; 4:4.

³² Confira Atos 6:1, 7; 8:1, 4, 5, 14; 13:44, 48, 49; Mateus 28:18-20; Atos 1:8.

ano — *no mundo inteiro* — se tornarem seus seguidores fiéis e aprovados!³³ Certamente não é fácil pensar que estes resultados insignificantes poderiam ser fruto da direção de Jesus sobre seus discípulos, o que também rebaixaria o poder das boas novas e o poder do Espírito santo de Deus.

Apesar de toda a argumentação complexa, parece evidente que um cristão verdadeiro é um cristão verdadeiro. As próprias Escrituras inspiradas não conhecem nem apresentam outro tipo. *Todos* os que ouvem a voz do bom pastor são chamados a mostrar a mesma espécie de fé e amor, os mesmos frutos do Espírito de Deus, usufruindo com Ele a mesma relação de filhos. A existência de dois tipos diferentes de “ovelhas” cristãs é fruto da invenção humana.

Bem dentro da Bíblia encontramos uma passagem que faz notável paralelo com a de João 10:16, a saber, o que o apóstolo Paulo escreveu em Efésios 2:11-18. Ali, em vez de dois grupos de ovelhas, o apóstolo refere-se a dois povos, judeus e gentios, e diz, de acordo com a *Tradução do Novo Mundo*:

Portanto, persisti em lembrar-vos de que anteriormente éreis pessoas das nações quanto à carne; fostes chamados “incircuncisão” por aquilo que é chamado “circuncisão”, feita na carne, por mãos — que naquele tempo estáveis sem Cristo, apartados do estado de Israel e estranhos aos pactos da promessa, e não tínheis esperança e estáveis sem Deus no mundo. Mas agora, em união com Cristo Jesus, vós, os que outrora estáveis longe, chegastes a estar perto pelo sangue do Cristo. Pois ele é a nossa paz, aquele que das duas partes fez uma só e que destruiu o muro no meio, que os separava. Por meio de sua carne, ele aboliu a inimizade, a Lei de mandamentos, consistindo em decretos, para que dos dois povos, em união consigo mesmo, criasse um novo homem e fizesse paz; e para que reconciliasse plenamente ambos os povos com Deus, em um só corpo, por intermédio da estaca de tortura, porque ele matara a inimizade por meio de si mesmo. E ele veio e declarou as boas novas da paz a vós, os que estáveis longe, e paz aos [que estavam] perto, porque, por intermédio dele, nós, ambos os povos, temos a aproximação ao Pai, por um só espírito.

Todos os elementos encontrados em João 10:16 se acham aqui. Embora use uma analogia diferente da das ovelhas, diz a mesma coisa

³³ Este número é o resultado da divisão de 124.000 por 1.779.

e apresenta o mesmo quadro. Mostra que, em adição aos crentes (ou ovelhas) judeus, os crentes (ou ovelhas) gentios ouviram as boas novas (a voz do pastor, Cristo), e por meio de Cristo os dois povos tornaram-se um só corpo (ou um só rebanho), tendo a ele como cabeça (seu um só pastor).

Dizer, então, que o entendimento das “outras ovelhas” em João 10:16 como se referindo aos crentes gentios, “discorda de outros textos bíblicos sobre o assunto” está em oposição direta aos fatos. Esse entendimento está em total harmonia, não só com a declaração de Paulo, acima citada, como também com o restante das Escrituras. Do tempo da promessa de Deus a Abraão em diante, as Escrituras apontaram continuamente para o futuro e profetizaram sobre a época em que Deus juntaria pessoas de todas as nações em um só povo, seu povo, sob o seu Messias.³⁴ Com este fundo histórico, entende-se facilmente a afirmação de Jesus, sem necessidade de argumentos complexos e intrincados que a expliquem. Em vez de estar em ‘desarmonia com os textos bíblicos sobre o assunto’ em vista de todas as profecias que apontam para isto, seria muitíssimo estranho que Jesus *não* tivesse dado uma parábola ilustrando o ingresso dos gentios na unidade com os crentes judeus.

Outra designação usada para a suposta classe secundária de cristãos é a de “grande multidão”, termo tirado de Revelação 7:9-17. Para uma análise deste assunto, recomendamos ao leitor a matéria no Apêndice.

Doutrinas que o vento leva

Não seremos mais como crianças... agitados por todo vento de doutrina, presos pela artimanha dos homens.— Efésios 4:14, Bíblia de Jerusalém.

A verdade é consistente consigo mesma, sendo, pois, algo estável e confiável. Um sinal seguro de argumentação falaciosa, portanto, é a **inconsistência**, particularmente se a inconsistência de uma posição posterior com uma anterior não é abertamente admitida, ou se lhe dão a aparência de outra coisa que não a que realmente é: a correção de um erro.

³⁴ Gênesis 12:3; 22:18; 28:14; Salmo 72:17; Isaías 19:23-25; Amós 9:11, 12; Atos 15:15-18; Gálatas 3:8.

É o caso do empenho da organização Torre de Vigia em criar um senso de “urgência” baseado na afirmação de que o “fim definitivo” deve ocorrer dentro de um determinado período de tempo. *Crise de Consciência* documenta o modo como toda uma série de datas foi eventualmente descartada, e as predições ligadas a essas datas foram transferidas para outra série posterior de datas.³⁵ Apresenta também evidência de como as predições relacionadas com 1914, 1918, 1920, 1925, o início dos anos 40, e finalmente 1975, mostraram-se todas sem substância. A *Sentinela* empenhou-se em justificar tudo isso, ao mesmo tempo em que punha seus leitores na defensiva nesta questão. Nos números de 15 de agosto e 1º de setembro de 1985, vários artigos sobre a “Vigilância Cristã” destacaram as muitas exortações bíblicas de “manter-se vigilantes” com respeito à prometida volta de Cristo e depois relataram as evidências históricas de um relaxamento geral do alerta espiritual, tanto no passado como no presente. O artigo passou a justificar a forte ênfase aos cálculos cronológicos para determinar a proximidade do fim, conforme a prática da organização Torre de Vigia, por dizer essencialmente que “É melhor cometer estes erros de cálculo do que estar espiritualmente sonolento e apático quanto à volta de Cristo.” O inteiro objetivo da série de artigos é dar a impressão de que, a menos que alguém pense em termos de um período de tempo específico e concentre firme atenção nas condições visíveis em busca de sinais, ele cai automaticamente no outro campo, o dos espiritualmente apáticos que perdem o interesse na volta de Cristo.

A matéria dá exemplos de muitas formas de raciocínio falso. Muito da justificativa para as expectativas falsas da Torre de Vigia se baseia no fato de que outros, no passado, inclusive servos de Deus de épocas pré-cristãs e cristãs, tiveram também idéias erradas quanto às datas em que Deus agiria com respeito a certas áreas de seu propósito. Isto é uma variação do raciocínio de que “duas coisas erradas fazem uma certa”, a saber, que a “prática costumeira” de algum modo justifica o que alguém faz. Na verdade, se a Sociedade Torre de Vigia está ciente dos erros do passado por parte de pessoas que tentaram fixar um período de tempo para o fim ocorrer, isto a torna não *menos*, mas *mais responsável* por fazer predições equivocadas. Deviam ter demonstrado que aprenderam algo destes exemplos do modo errado de pensar e

³⁵ Veja *Crise de Consciência*, capítulos 7 e 9.

deviam ter se refreado de seguir o mesmo caminho errado. O ditado é que “a experiência é uma escola difícil, mas os tolos só aprendem nela” e um “escravo fiel e discreto” não devia estar nesta classe. Os homens da Bíblia cometeram todos os tipos de erros e o registro destes serve de “advertência para nós, sobre quem tem chegado o fim dos tempos”, *não como justificativa para cometer erros similares*.³⁶

O principal, todavia, é que os artigos colocam os leitores à mercê de um falso dilema. Empenham-se em criar a idéia de que ou a pessoa segue a atitude da organização Torre de Vigia em fixar um certo esquema de tempo para a vinda do fim, usando para isso cálculos cronológicos e avaliações de certas condições mundiais, ou então ela cai na categoria dos que simplesmente não se importam com quando Cristo vem, que são apáticos, relapsos e provavelmente “apóstatas”. O fato, contudo, é que a pessoa não se defronta com apenas estas duas opções e nem precisa se colocar em qualquer destas duas categorias. Cristo Jesus predisse os que viriam dizendo, “Aproximou-se o tempo devido”, e disse sobre estes: “Não vades após eles.”³⁷ Nem Cristo Jesus nem seus apóstolos encorajaram de algum modo o uso de cálculos cronológicos para determinar a data de sua volta. Pelo contrário, as exortações de Cristo de “manter-se vigilantes” traziam em seu contexto igual ênfase ao fato de que era impossível aos seus seguidores saber de antemão ou predizer a data da volta do Amo. O próprio fato da *incerteza* e da *falta de expectativa* do tempo era o que efetivamente tornava a vigilância tão crítica.³⁸

Isto vai contra o conceito de que ‘ser vigilante’ significava observar os meios noticiosos ou outras fontes em busca de evidências visíveis — na forma de eventos ou condições mundiais — de que a volta de Cristo estava para ocorrer e que o “fim estava próximo”. Suas próprias palavras mostram que seus seguidores estavam vigilantes em guardar-se contra os atrativos de um mundo materialista, as desencaminhadoras ansiedades da vida, e desta forma em manifestar um cuidado constante e diligente em manter o vigor e a saúde espirituais, e, acima de tudo, em manter uma relação correta com Deus e Cristo, de modo que quando, sem nenhum aviso prévio, o tempo do julgamento irrompesse,

³⁶ 1 Coríntios 10:11, NVI.

³⁷ Lucas 21:8.

³⁸ Confira Mateus 24:42-44; 25:13; Marcos 13:33-37; Lucas 12:40.

eles pudessem ser encontrados “em pé diante do Filho do homem” como pessoas aprovadas.³⁹ Pedro, também, ao falar sobre o dia de julgamento de Deus, deixa claro que a pessoa evidencia que “tem bem em mente” esta época por “atos santos de conduta e ações de devoção piedosa”, não por depositar fé em especulações cronológicas ou por se empolgar com certos eventos ou condições mundiais.⁴⁰ Como cristãos, nunca devem perder de vista que este tempo de julgamento é certo e inevitável, devem deixar que a consciência os guie em todas as suas decisões e modo de agir, vivendo assim cada dia como se este fosse aquele em virá a prestação de contas.

Em certo ponto, o artigo da *Sentinela* de 1º de setembro de 1985 (página 24) afirma: “Será que os apóstatas que afirmam que os ‘últimos dias’ tiveram início em Pentecostes e abrangem a inteira Era Cristã promoveram a vigilância cristã? Ao contrário, não induziram à sonolência espiritual?” Não se apresenta prova alguma de que esse entendimento dos “últimos dias” tenha de resultar ou resultou nesta “sonolência espiritual”, ou na redução da “vigilância cristã”. Uma questão de que os artigos nunca tratam é o que mostram *as evidências quanto ao efeito das numerosas predições falsas* da Torre de Vigia. Será que estas — e as predições similares de outros grupos religiosos — de fato fortaleceram a confiança das pessoas nas promessas da Bíblia com respeito à volta de Cristo? Será que reforçaram o apreço delas pelas Escrituras ou serviram para fazê-las parecer uma fonte de expectativas falsas?

Sob o subtópico “Desapontamentos Podem Enfraquecer Nossa Fé”, A *Sentinela* de 15 de abril de 1990, afirma (página 27):

Os cristãos adultos também podem ficar desapontados, e isto, em alguns casos, tem levado ao desastre espiritual. Alguns depositaram sua esperança numa data em que tinham certeza de que viria o Armagedom. Quando nada aconteceu naquele dia, sentiram-se decepcionados.

Isto é, sem dúvida, uma alusão às expectativas que as Testemunhas tinham para o ano de 1975. Qual foi a fonte destas expectativas? O que

³⁹ Lucas 21:36.

⁴⁰ 2 Pedro 3:10-12.

as fez ficar empolgadas? Será que partiu das próprias pessoas que ficaram subseqüentemente desapontadas? O artigo nunca mostra que o desapontamento que “em alguns casos tem levado ao desastre espiritual” resultou das expectativas falsas suscitadas e estimuladas pela própria organização Torre de Vigia. Ilustrando a ênfase que se deu ao assunto, um relatório de congresso da Assembléia Internacional “Paz na Terra” realizada em 1969, publicado na *Sentinela* de 15 de abril de 1970, após referir-se à aproximação de um novo milênio no ano 2001, afirmava (página 238):

Mas, para os estudantes, tementes a Deus, da Bíblia Sagrada que contém tanto as antigas Escrituras Hebraicas como as Escrituras Gregas Cristãs, existe um milênio mais importante que exige atenção. Trata-se do sétimo milênio! Não, não se trata do sétimo milênio contado a partir de A. D. 1, ou 1 E. C., mas o sétimo milênio da existência do homem aqui na terra, o sétimo milênio contado a partir da criação do homem e da mulher perfeitos, por Deus, no jardim do Éden. Este costuma ser contado segundo a regra do calendário do *Anno Mundi* ou “Ano do Mundo”, referindo-se neste caso ao mundo da humanidade.

³⁸ Tem este fato alguma coisa que ver com a aproximação da paz de mil anos ou de um milênio? É bem evidente que sim!

Como todas as Testemunhas já sabem, três anos antes (em 1966) a Sociedade Torre de Vigia tinha identificado o ano de 1975 como a data do início do sétimo milênio da história da humanidade.⁴¹ Que significado foi atribuído a este cálculo? A matéria de 1969, publicada na revista já mencionada, continua (páginas 238-239) dizendo:

⁴¹ Veja a documentação apresentada em *Crise de Consciência*, capítulo 9.

³⁹ Mais recentemente, pesquisadores sérios da Bíblia Sagrada verificaram novamente a sua cronologia. Segundo os seus cálculos, os seis milênios da vida da humanidade na terra terminariam nos meados da década de mil novecentos e setenta. Portanto, o sétimo milênio a partir da criação do homem por Jeová Deus começaria em menos de dez anos.*

⁴² A fim de que o Senhor Jesus Cristo seja 'Senhor até do sábado', seu reinado de mil anos terá de ser o sétimo de uma série de períodos de mil anos ou milênios. (Mat. 12:8, *Al*) Seria assim um reinado sabático. Desde cedo na existência da humanidade, Satanás, o Diabo, tem estado solto, fazendo a família humana labutar àrduamente em escravidão e causando que a terra se enchesse de violência antes do dilúvio global dos dias de Noé, e fazendo que a mesma terra antiga se enchesse de violência ainda maior hoje em dia. Dentro em breve terminarão assim seis milênios de sua exploração iníqua da humanidade, como seus escravos, ainda durante o período de vida da geração que presenciou os eventos mundiais desde o fim dos Tempos dos Gentios, em 1914, e até agora, segundo as palavras proféticas de Jesus, em Mateus 24:34. Não seria, então, o término dos seis milênios da escravização laboriosa da humanidade, sob Satanás, o Diabo, o tempo apropriado para Jeová Deus introduzir um milênio sabático para todas as suas criaturas humanas? Deveras, seria! E seu Rei Jesus Cristo será o Senhor daquele sábado.

(O Apêndice a este capítulo apresenta as fotocópias da capa e das páginas 23 a 27 do próprio relatório deste congresso, intitulado *A Paz de Mil Anos Que Se Avizinha*)

A responsabilidade fundamental por toda a empolgação e todas as expectativas desapontadoras relacionadas ao ano de 1975 cai sobre os ombros da organização Torre de Vigia. Conforme documentado em *Crise de Consciência*, capítulo 9, o efeito danoso do desapontamento foi claramente evidente, declarado até em memorandos de membros responsáveis do pessoal da própria sede mundial. Todavia, o Corpo Governante resistiu a admitir essa responsabilidade por quase quatro anos. Seus próprios registros mostram que isso resultou numa “vigilância espiritual” artificial por parte de centenas de milhares de pessoas, e que a aparente vigilância delas terminou tão logo aquele ano acabou, há mais de três décadas. Será que essas centenas de milhares que afluíram para a organização em resultado desse alarme falso *foram beneficiadas* por tal desilusão? Será que isso reforçou sua confiança nas Escrituras? Há pouco motivo para pensar assim. O alicerce dessa aparente “vigilância espiritual” foi erguido sobre as areias movediças da especulação humana e não pode ser comparado com a genuína vigilância espiritual erguida sobre a rocha dos ensinoss de Jesus Cristo.⁴²

Todos nós somos às vezes inconsistentes; é uma falha humana. Mas isso não é desculpa para tentar encobrir, justificar ou negar nossas inconsistências. O que a organização fez, no máximo, foi um reconhecimento simbólico da responsabilidade pelos danos causados por suas inúmeras predições errôneas de datas. A *Sentinela* de 15 de abril de 1990 citada mostra que nem mesmo este reconhecimento foi feito de boa vontade e que a organização ainda tenta fugir à sua responsabilidade e astutamente transferi-la para outros, na verdade, às suas vítimas. É neste fator que a falácia da inconsistência torna-se claramente repreensível.

Embora a organização faça ocasionalmente um vago reconhecimento da reversão do entendimento com relação à sua data chave de 1914 (a qual foi durante quarenta anos vista como o **fim** dos últimos dias, e, quando aquela data passou, foi mudada para o **início** dos últimos dias), ela alega grande estabilidade em se apegar a esta data e seu significado atualmente aceito. Dos anos 60 a 80, porém, à medida que essa data ficava cada vez mais no passado, a organização

⁴² Mateus 7:24-28.

mudava constantemente sua definição da “geração” de Mateus 24:34, que se ligava a essa data e cuja “geração” não passaria antes de chegar o final definitivo.

Assim, embora nunca declarado especificamente, por muito tempo a impressão geral era de que a “geração” se relacionava essencialmente às pessoas que eram adultas em 1914 e que a geração destas pessoas ainda estaria viva quando viesse o Armagedom. Depois, a *Despertai!* de 22 de abril de 1969 (páginas 13, 14) saiu com esta declaração:

Jesus falava obviamente sobre os que eram suficiente idosos para testemunhar com entendimento o que ocorreu quando começaram os “últimos dias”. Afirmava Jesus que algumas dessas pessoas que viviam quando surgiu o ‘sinal dos últimos dias’ ainda estariam vivas quando Deus pusesse fim a este sistema.

Até se presumirmos que os jovens de 15 anos teriam suficiente percepção mental para discernir a importância do que aconteceu em 1914, isso ainda faria com que os mais jovens ‘desta geração’ tivessem quase 70 anos atualmente. Assim, a grande maioria da geração a que Jesus se referia já havia desaparecido na morte. Os restantes atingem a velhice. E, lembre-se, Jesus disse que o fim deste mundo iníquo viria antes de tal geração desaparecer na morte. Isto, em si, nos informa que não podem ser muitos os anos antes de chegar o fim predito.

Tomar 15 anos como uma espécie de tempo mínimo, resultaria, como disse o artigo, em fazer o mais jovem daquela “geração” ter quase 70 anos naquela ocasião (1969).

Dez anos depois, quando o membro “mais jovem” da “geração” estaria então com 80 anos, *A Sentinela* de 15 de janeiro de 1979

(página 32) fez uma ligeira mudança.⁴³ A publicação de 1969 tinha dito que as palavras de Jesus “obviamente” se referiam a pessoas com idade suficiente para entender e “ter suficiente percepção mental para discernir a importância” do que ocorreu em 1914. Agora, dez anos depois, isto não era tão “óbvio”. Em vez disso, a publicação de 1979 disse que se podia incluir aqueles que puderam “observar” coisas tais como a guerra de 1914 e outras condições. Ao mesmo tempo, descartou enfaticamente a aplicação aos que eram meros bebês recém-nascidos naquela época.

Dois anos depois, *A Sentinela* de 15 de abril de 1981 (página 31), usou a declaração de uma revista noticiosa popular e disse que a pessoa pode começar a criar uma memória duradoura à *idade de 10 anos*.

Em 1979, *A Sentinela* tinha dito que “tratando-se da aplicação ao nosso tempo, a ‘geração’, logicamente, não se aplicaria aos bebês nascidos durante a Primeira Guerra Mundial.” A passagem de mais seis anos fez o ilógico tornar-se lógico. *A Sentinela* de 15 de novembro de 1984 (páginas 4-7), reverteu a posição anterior, e, pelo uso de certas definições (encontradas em obras de eruditos da cristandade), então dizia:

⁴³ O motivo da publicação deste artigo foi que Albert Schroeder, membro do Corpo Governante, durante uma viagem pela Europa naquele ano, tinha sugerido, por iniciativa própria, um novo entendimento da “esta geração”. Sugeriu que a aplicação fosse feita à geração dos “ungidos”, uma definição que desligaria “esta geração” da data de 1914 e permitiria que ela se prolongasse pelo tempo em que qualquer Testemunha de Jeová, independentemente de sua data de nascimento, professasse ser da “classe ungida”. O artigo de *A Sentinela* destinava-se primariamente a reafirmar o apego da organização a esta posição básica, tradicional, edificada em torno de 1914.

Estas definições abrangem tanto os que nasceram por volta da época dum acontecimento histórico como todos os que estavam vivos na ocasião.

Se Jesus usou a palavra “geração” nesse sentido e se a aplicarmos a 1914, então os bebês daquela geração têm agora 70 anos ou mais.

44

Assim, primeiro a *Despertai!* de 22 de abril de 1969 referiu-se aos de 15 anos de idade nascidos em 1914, que tinham (em 1969) 70 anos. Depois, por volta de 1984, 15 anos tinham passado e aí vemos a organização falando de *bebês* nascidos em 1914 estarem com 70 anos.

Provérbios 27:16 compara a inutilidade de tentar conter a mulher obstinadamente briguenta a “conter o vento ou pegar o óleo com a mão”. (BJ) De modo um tanto similar, tentar achar algo de estável na definição da organização Torre de Vigia quanto ao que se referia exatamente “esta geração” era também como tentar pegar o óleo. Era simplesmente um desafio tentar entender algo tão escorregadio.⁴⁵

Dali a pouco mais de duas décadas, as únicas pessoas nascidas em 1914 ou antes disso seriam centenárias. Conforme documentado em *Crise de Consciência*, apesar das declarações confiantes das publicações da Torre de Vigia, um número razoável de membros do Corpo Governante havia muito reconheciam que o ensino tradicional sobre “esta geração” mostrava-se cada vez mais frágil. Não há outra explicação para o fato de que em 1980 os membros da Comissão do Presidente redigiram e apresentaram um documento cujo raciocínio, se tivesse sido aceito, teria colocado o início da “esta geração”, não em 1914, mas em 1957, ano em que a União Soviética lançou seu primeiro Sputnik!⁴⁶

⁴⁴ O sublinhado é meu. A *Despertai!* de 8 de abril de 1988, páginas 13, 14, repetia esta posição.

⁴⁵ Até anos recentes, as publicações vinham chamando regularmente a atenção para o número de pessoas que estavam na casa dos 90 anos ou que tinham chegado aos 100 e ainda estavam vivas.

⁴⁶ Veja *Crise de Consciência*, capítulo 9, debaixo do subtítulo “1914 e ‘esta geração’”.

Uma norma similar de mudança de definições pode ser vista no esforço das publicações da Torre de Vigia em fixar 1914 como a data em que surgiu um “sinal” mundial exclusivo, relacionado com guerras, fomes, terremotos e pestilências. Já que as evidências abundantes de inconsistências, de tentativas de apoiar afirmações tirando citações do contexto, de ignorar ou suprimir evidência histórica contrária, estão tão plena e cuidadosamente documentadas no livro *O Sinal dos Últimos Dias — Quando?*, parece desnecessário considerá-las aqui. Junto com a evidência bíblica que demonstra o real sentido do termo crítico *parousia* e da expressão “os últimos dias”, o livro apresenta também sérios motivos para crer que todo o enfoque dado ao entendimento das palavras de Jesus em Mateus 24, ensinado não só pela organização das Testemunhas mas por muitos outros sistemas religiosos, parte de uma premissa falsa.⁴⁷

Embora obrigada a admitir a natureza oscilante de sua “verdade” publicada, a organização Torre e Vigia tenta minimizar ou negar qualquer importância a tal inconsistência. Ela lança alguns argumentos distintivos no esforço de explicar e justificar o trajeto errático de seus ensinamentos em várias questões doutrinárias, argumentos que tentam converter erros e enganos em “verdade progressiva”.

Muitas obras religiosas, tais como os comentários bíblicos, que foram escritos um e até dois séculos atrás, ainda são impressos e considerados como de genuíno mérito.⁴⁸ Em contraste, há bem poucas publicações da Torre de Vigia, publicadas durante os primeiros 80 dos 120 anos de história da organização que não são hoje consideradas “desatualizadas”. (Quase todas deixaram de ser impressas e não estão mais disponíveis.) Em vez de reconhecerem este fato como sinal de pesquisa instável e de ensinamentos elaborados às pressas, o que se faz é apresentá-lo como evidência da “luz progressiva”! O problema é que, em grande número de casos, o suposto “progresso” simplesmente levou à organização de volta a ensinamentos anteriormente descartados como errados e substituídos pelo que se afirma que é a verdade mais “progressiva”. Em tais casos, aquilo que antes se considerava “verdade

⁴⁷ Carl Olof Jonsson e Wolfgang Herbst, *O Sinal dos Últimos Dias — Quando?*, Commentary Press, 1987 (em português: 2008).

⁴⁸ A biblioteca da sede mundial da Torre de Vigia contém literalmente dezenas destas obras.

progressiva” passa a ser considerado um erro e aquilo que antes se considerava erro passa a ser “verdade progressiva”.

Na carta de um ex-membro da Igreja Mundial de Deus, o autor declara que lá se dizia aos membros: “Somos a verdadeira igreja porque mudamos nossos ensinamentos quando estão errados.” A igreja tomou certa posição sobre o divórcio e um novo casamento e depois revogou essa posição. Conforme comenta este ex-membro, esta mudança foi descrita pela liderança da organização como uma “‘nova luz’, uma ‘nova verdade’ que Deus (finalmente) nos mostrou.” Ele acrescenta:

Em outras palavras, [o chefe da organização] sutilmente culpou a Deus pelo nosso erro doutrinal. Ele jamais admitiu que simplesmente estava errado. Jamais se desculpou com todas as pessoas cujas vidas e casamentos ele tinha arruinado. Atribuiu a Deus todo o crédito pelo naufrágio e destruição de milhares de famílias.⁴⁹

Um carta da liderança garantia aos membros que “esta mesma experiência deve ensinar a todos que a lealdade a Deus e à Sua Igreja tem sempre de vir em primeiro lugar, acima dos erros ou mágoas pessoais, supostos ou verdadeiros.” Sobre isto, diz o autor da carta:

[Ele] está dizendo que a lealdade à [igreja] deve ser posta acima da lealdade à Palavra de Deus! Ele está dizendo que o certo é que nós obedecemos ao ensino não-bíblico [da igreja]... todos estes anos, porque é a isto que ele denomina de “lealdade à Igreja de Deus”. E ele diz que esta lealdade tem “sempre de vir em primeiro lugar, acima dos erros e das mágoas pessoais, supostos ou verdadeiros”; em outras palavras, a lealdade aos ditames de uma organização tem de ser posta acima daquilo que a Bíblia ensina.... Considera como desleais aqueles que dez anos atrás se recusaram a obedecer [os ensinamentos da igreja agora

⁴⁹ Veja o capítulo 16, para mais detalhes sobre esta carta. Só se pode recordar aqui as normas sobre divórcio publicadas pela organização Torre de Vigia, que obrigavam as pessoas a ficar com cônjuges que praticavam cópula anal com alguém fora do casamento, que eram homossexuais ativos, ou que tinham até praticado atos sexuais com animais. Estas normas vigoraram durante décadas, e sei, pois estava no Corpo Governante, que no tempo em que estes erros foram finalmente reconhecidos, que não houve por parte de qualquer dos membros praticamente nenhuma expressão de preocupação com o sofrimento e danos causados à vida das pessoas durante aquelas décadas. Veja *Crise de Consciência*, capítulo 3.

mudados], muito embora estivessem sendo leais ao que Deus disse em sua Palavra.

De modo *idêntico*, quando trata dos conceitos errôneos do passado, a organização Torre de Vigia enaltece os que não se opuseram a tais ensinamentos por lealdade à “organização de Deus”. A lealdade à organização recebe assim um mérito maior do que a lealdade à própria verdade bíblica.

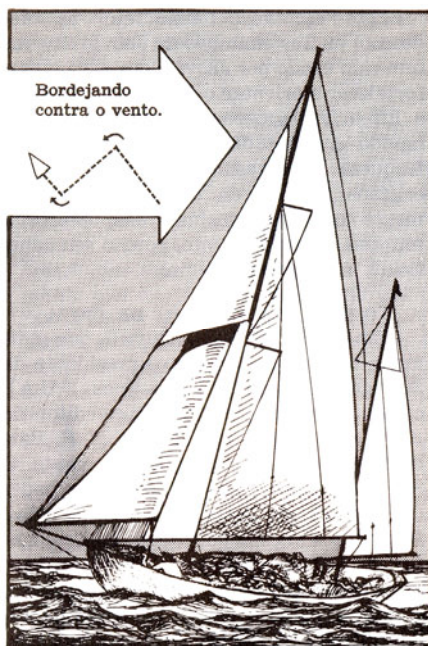
Mesmo quando o assunto dá um giro completo, a Sociedade Torre de Vigia procura de qualquer modo demonstrar que, afinal de contas, houve progresso. Tenta-se mostrar que a posição final se diferenciava substancialmente, de algum modo, da posição original.

Isto é ilustrado graficamente num artigo da *Sentinela* de 1º de agosto de 1982, que traz também um ótimo exemplo do uso de falsa analogia na argumentação.

A matéria (nas páginas 27-29) se empenha em explicar como é possível que o canal de comunicação exclusivo de Deus apresente primeiro uma opinião, depois, uma totalmente diferente, e depois, volte à primeira posição.⁵⁰ O autor usa o exemplo de um barco, “bordejando contra o vento”, como mostramos a seguir:

⁵⁰ O artigo baseou-se evidentemente num discurso dado por Karl Klein, membro do Corpo Governante, ao pessoal da sede mundial em 23 de janeiro de 1981.

³No entanto, a alguns talvez tem parecido que a vereda nem sempre seguiu reto em frente. Ocasionalmente, as explicações dadas pela organização visível de Jeová têm indicado ajustes que aparentemente voltam a pontos de vista anteriores. Mas, na realidade, não tem sido assim. Poderia ser comparado ao que se conhece em náutica como “bordejar”. Manobrando as velas, os marujos podem fazer o barco ir da direita para a esquerda, em ziguezague, mas sempre avançando em direção ao seu destino, apesar de ventos contrários. E o objetivo visado pelos servos de Jeová são os “novos céus e uma nova terra” da promessa de Deus. — 2 Pedro 3:13.



Recordo-me, quando superintendente viajante, de ter feito uma viagem de barco a vela nas Ilhas Virgens Britânicas, indo da ilha de Tortola para a de Virgem Gorda, e a travessia levou seis horas para cobrir a distância de 27 quilômetros usando o método de bordejar. Os barcos a vela precisam usar tais métodos devido aos ventos desfavoráveis, mas causa espanto que o “canal” aprovado de comunicação de Deus para toda a humanidade tenha de recorrer a tal processo. Não nos dizem que “ventos” contrários são esses que o movem em direções erradas, em alguns casos até mesmo em artigos escritos pela mesma pessoa com diferença de poucos anos.

A ilustração que acompanha o artigo apresenta o processo de bordejar do barco a vela com base em curvas de 90°, como se vê abaixo:



Para descrever a trajetória de muitos ensinos da Torre de Vigia a ilustração mais apropriada seria esta:



As curvas feitas nos ensinos da *Sentinela* em consideração parecem mais curvas de 180°, com reversão virtualmente completa do curso. Não têm qualquer semelhança com o bordejar, que resulta num definitivo avanço para a frente e leva a uma posição bem distante do ponto de partida original. Na verdade, as posições oscilantes e as revogações de ensinos comparam-se ao movimento de uma pessoa que rema num bote em mar aberto, sem nenhum compasso para guiá-la, e que após algum tempo pode ser levado mais ou menos ao mesmo local de onde partiu. Considere um dos exemplos mencionados neste mesmo número da *Sentinela* de 1º de agosto de 1982, o do ensino sobre as “potestades” ou “autoridades superiores” de Romanos, capítulo 13.

As autoridades superiores

O entendimento inicial (no tempo do Pastor Russell) era que esta expressão referia-se às autoridades governamentais da terra, a quem os cristãos têm de prestar submissão, pagar impostos, tributos e honra (como deixam bem claro os versículos 6 e 7). No tempo do Juiz Rutherford isto foi negado e a Torre de Vigia declarou categoricamente (em 1929) que os “poderes superiores” eram, em vez disso, Deus e Cristo. Dizia que as “poderes superiores” de modo algum aplicavam-se às autoridades seculares; o conceito era totalmente inaceitável. Aclamava-se isto como evidência da “luz progressiva” da verdade que brilhava para o povo de Deus.⁵¹

Trinta anos depois, em 1962, essa “luz progressiva” foi rejeitada e restabeleceu-se o conceito de que o termo aplicava-se de fato às autoridades seculares. Observe, contudo, como o artigo na *Sentinela* de 1982 (páginas 29 e 30) apresenta o assunto:

⁵¹ Veja no livro *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês), páginas 91 e 124, a informação sobre este conceito ainda em 1959.

¹⁴ Felizmente, no ano de 1962, Jeová levou os do seu povo ao entendimento do princípio da *sujeição relativa*. Viu-se que os cristãos dedicados precisam obedecer aos governantes seculares como “autoridades superiores”, reconhecendo-os de bom grado como “ministro de Deus”, ou servo de Deus, para o próprio bem deles. (Romanos 13:4) Contudo, se essas “autoridades” lhes pedissem que violassem as leis de Deus, o que fariam nesse caso os cristãos? Até este ponto, os cristãos têm obedecido à ordem em Romanos 13:1: “Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores.” Mas, a dita sujeição é limitada pelas palavras de Jesus, registradas em Mateus 22:21: “Portanto, pagai de volta a César as coisas de César, mas a Deus as coisas de Deus.” Portanto, sempre que “César” quer que os cristãos façam algo contrário à vontade de Deus, eles têm de colocar a lei de Jeová à frente da de “César”.

Como se pode ver, afirma-se que de fato houve progresso, que em 1962 as Testemunhas de Jeová — ostensivamente pela primeira vez! — vieram a entender o princípio da “sujeição relativa”, e que embora mostrassem submissão às autoridades superiores elas não podiam prestar sujeição total a estas. Se essas “autoridades superiores” lhes pedissem para fazer coisas em violação às leis de Deus, elas não poderiam obedecer.

O autor do artigo possivelmente escreveu sem conhecer os fatos, embora devamos presumir que ele pesquisou a matéria. O fato é que o entendimento que acabamos de citar de modo algum era novo; na época de Russell, sempre se entendeu que a sujeição às autoridades seculares era apenas relativa, condicionada a que as exigências das autoridades não se chocassem com os requisitos de Deus. Em 1886, o livro *O Plano Divino das Eras*, na página 266, já afirmava:

Knowing this to be the purpose of God, neither Jesus nor the apostles interfered with earthly rulers in any way. On the contrary, they taught the Church to submit to these powers, even though they often suffered under their abuse of power. They taught the Church to obey the laws, and to respect those in authority because of their office, even if they were not personally worthy of esteem; to pay their appointed taxes, and, except where they conflicted with God's laws (Acts 4: 19; 5: 29), to offer no resistance to any established law. (Rom. 13: 1-7; Matt. 22: 21.) The Lord Jesus and the apostles and the early Church were all law-abiding, though they were separate from, and took no share in, the governments of this world.

Tradução:

Sabendo ser este o propósito de Deus, nem Jesus nem os apóstolos interferiram de algum modo nos assuntos dos governos terrestres. Pelo contrário, eles ensinavam à igreja a submeter-se a estes poderes, muito embora amiúde sofressem debaixo do abuso deles. Ensinavam à Igreja a obedecer as leis e a respeitar os em autoridade por causa do seu cargo, mesmo que não fossem pessoalmente dignos de estima; a pagar os impostos estipulados, e, exceto onde entrassem em conflito com as leis de Deus (Atos 4:19; 5:29), a não oferecer resistência a quaisquer leis estabelecidas. (Rom. 13:1-7; Mat. 22:21) O Senhor Jesus e os apóstolos, bem como a primitiva igreja, todos acatavam as leis, embora se mantivessem separados e não participassem nos governos deste mundo.

A *Sentinela* de 1º de agosto de 1982 refere-se a declarações (feitas em 1904) no sentido de que os cristãos podiam servir no exército e assim mesmo refrear-se de atirar mesmo em alguém. Cita-se isto como prova de que estes primitivos Estudantes da Bíblia não entendiam corretamente o princípio da sujeição relativa. O artigo, embora recuando até 1904, aparentemente “contornou” alguma evidência inconveniente no caminho, navegando ao redor da edição de 1º de setembro de 1915 de *A Sentinela*. Ali, sob o subtópico “A Obrigação Cristã e a Guerra”, o Pastor Russell fazia estas observações:

In *SCRIPTURE STUDIES*, Vol. VI., we have set forth a suggestion that the followers of Christ seek by every proper means to avoid participation in war. We there suggested the possibility, but that in the event of conscription the Lord's followers should use all their influence toward obtaining positions in the Hospital Corps or in the Provision Department of the army, rather than in the actual warfare. We suggested further that if it were impossible to avoid going into the trenches, it would still not be necessary to violate the divine requirement, "Thou shalt do no murder."

We have been wondering since if the course we have suggested is the best one. We wonder if such a course would not mean compromise. We reflect that to become a member of the army and to put on the military uniform implies the duties and obligations of a soldier as recognized and accepted. A protest made to an officer would be insignificant—the public in general would not know of it. Would not the Christian be really out of his place under such conditions?

"But," some one replies, "If one were to refuse the uniform and the military service he would be shot."

We reply that if the presentation were properly made there might be some kind of exoneration; but if not, would it be any worse to be shot because of loyalty to the Prince of Peace and refusal to disobey his order than to be shot while under the banner of these earthly kings and apparently giving them support and, in appearance at least, compromising the teachings of our heavenly King? Of the two deaths we would prefer the former—prefer to die because of faithfulness to our heavenly King.

We are not urging this course. We are merely suggesting it. The responsibility fully belongs with each individual. We are discharging our responsibility toward many Bible students who are inquiring of us respecting the mind of the Lord on this subject. We gave them our best thoughts previously, but now fear that we were too conservative.

Tradução:

Em *ESTUDOS DAS ESCRITURAS*, Vol. VI., fizemos a sugestão de que os seguidores de Cristo busquem por todos os meios adequados evitar a participação na guerra. Ali sugerimos a possibilidade de que, no caso de serem convocados, os seguidores do Senhor usem de toda a influência para obter posições no Corpo Hospitalar ou no Departamento de Provisões do exército, em vez de na prática efetiva de guerra. Sugerimos ainda que se fosse impossível evitar ir para as trincheiras, não seria necessário violar o requisito divino: "Não deves cometer assassinato."

Temos desde então nos perguntado se o procedimento que sugerimos é o melhor. Perguntamo-nos se tal procedimento não significaria transigir. Refletimos que tornar-se membro do exército e vestir um uniforme militar implica em reconhecer e aceitar os deveres e obrigações de um soldado. Um protesto feito

a um oficial seria insignificante — o público em geral não teria conhecimento dele. Não estariam os cristãos em lugar indevido sob tais condições?

“Mas”, replica alguém, “se a pessoa recusar o uniforme e o serviço militar, será fuzilada.”

Replicamos que se a explicação for dada de modo adequado, pode haver alguma espécie de dispensa; mas, se não, seria de algum modo pior ser fuzilado por lealdade ao Príncipe da Paz e por recusar desobedecer a sua ordem do que ser baleado enquanto sob a bandeira destes reis terrenos e aparentemente dando-lhes apoio, e, pelo menos na aparência, transigindo quanto aos ensinamentos de nosso Rei celestial? Das duas mortes, preferiríamos a primeira — preferimos morrer por causa da fidelidade ao nosso Rei celestial.

Não exortamos a este procedimento. Meramente o sugerimos. A responsabilidade pertence totalmente ao indivíduo. Não estamos nos exonerando da responsabilidade para com os muitos estudantes da Bíblia que nos indagam sobre a opinião do Senhor a este respeito. Já lhes provemos nossas mais sérias reflexões, mas receamos agora ter sido demasiado conservadores.

A única diferença entre a posição então declarada e a que a organização hoje assume é que Russell não tentou impor esta posição sobre serviço hospitalar a outros, mas a deixou para ser decidida pela consciência individual deles.

A alegação, então, de que na época de Russell houve uma deficiência de entendimento quanto à natureza relativa da sujeição às autoridades seculares, é claramente falsa. Ela simultaneamente desvia a atenção da questão básica da *identificação* dos “poderes superiores”. Nisso a organização deu um giro completo. Ainda que o entendimento da sujeição relativa *tenha* sido alterado em data posterior, isto ainda não muda o mínimo o fato de que uma definição totalmente errada das “autoridades superiores” foi adotada e mantida durante trinta anos antes de se retornar à posição correta.

Não houve, todavia, nenhuma mudança genuína no entendimento da sujeição relativa. Ainda que se desse margem a alguma diferença

insignificante de ponto de vista, as reversões radicais feitas nos ensinamentos da organização quanto aos “poderes superiores” ainda seriam como partir para um ponto ao norte, depois fazendo uma curva e dirigindo-se na direção sul, para um ponto que é o mesmo de onde se havia partido. Isso não é “bordejar”, em que o “zigueaguear” constante e consistente traz o barco para mais perto de sua meta. Em vez disso, é simplesmente um retrocesso inútil. O método de “progredir” no entendimento apresentado no artigo de *A Sentinela* tem tanto mérito quanto circunavegar uma ilha de 150 quilômetros de comprimento para chegar a um ponto exatamente a cerca de um quilômetro de onde se começou.

Quanto a reconhecer o princípio da “sujeição relativa”, pode-se achar dezenas de comentários bíblicos que, ao tratar de Romanos, capítulo 13, defendem a posição de que a sujeição cristã às autoridades seculares é sempre relativa, condicional. Isso acontece com os comentários escritos cem e duzentos anos atrás, sim, até muito antes de existir a revista *A Sentinela*.

Como apenas um exemplo, o comentário ainda popular de Albert Barnes, *Barnes' Notes*, escrito entre 1832 e 1851, fala da injunção de ‘submeter-se às autoridades superiores’, de Romanos 13:1:

A palavra aqui usada não designa a extensão da submissão, mas meramente a ordena de modo geral. O princípio geral a ser visto é que temos de obedecer em todas as coisas que não são contrárias à lei de Deus...

Não pode haver e jamais houve dúvida quanto a se eles obedeceriam a um magistrado se ele ordenasse algo claramente contrário à lei de Deus.

Esta posição é idêntica à adotada pela Sociedade Torre de Vigia e foi escrita mesmo antes do nascimento de Charles Taze Russell. No entanto, o artigo de *A Sentinela* citado faz parecer que Deus levou essa luz a seu povo ungido pela primeiríssima vez em 1962!

A maior falha de todo este conceito e analogia de “vai e vem” não é que ele simplesmente não se ajuste aos fatos, mas que distorce gravemente o modo histórico como Deus revela a verdade aos seus servos.

Cita-se muito o exemplo do ponto de vista errado sobre a circuncisão, mantido por muitos cristãos do primeiro século, como justificativa para as opiniões flutuantes e reversões de vários ensinamentos da Torre de Vigia. Todavia, em vez de ilustrar este trajeto errático, que vai e vem, esse entendimento errado dos primitivos cristãos manifesta apenas a tendência, por parte de alguns, principalmente da Judéia, de *agarrar-se* a uma prática instituída pelo próprio Deus muitos séculos antes, uma *lentidão* em reconhecer que as “sombras” encontradas no Pacto da Lei tinham se cumprido com a “realidade” encontrada no Messias, Jesus Cristo. O caso deles não era de irem para frente e para trás nas crenças, mas de serem lentos em progredir no entendimento.

A leitura das Escrituras como um todo, demonstra que a revelação dos propósitos de Deus à humanidade através dos vários meios de comunicação que ele empregou — os profetas inspirados e os autores da Bíblia — foi de constante progresso. Não há sinuosidades e movimentos de vai-e-vem, mas um desdobramento ordeiro do propósito divino, cada passo progressivo levando direto ao passo progressivo seguinte da revelação, sem desvios ou direções erradas. Essa é uma razão pela qual podemos crer na confiabilidade dessa Palavra escrita. O curso tortuoso admitido nos artigos de *A Sentinela* de modo algum demonstra a direção divina. Demonstra o oposto, a saber, o raciocínio humano imperfeito. Visto que estamos todos sujeitos a tal raciocínio, este não é, em si, o grande problema. O grande problema é quando os homens insistem em que seus raciocínios sejam encarados como “verdades divinamente reveladas”, e condenam os que, no livre exercício de seu julgamento pessoal, encaram tais raciocínios de outra maneira.

Depositar confiança implícita numa fonte que faz afirmações tão ousadas sobre si mesma, deixar de testar sua direção pelo firme compasso da Palavra revelada de Deus, é um proceder que nada tem de recomendável.

Embora certas regras de lógica, tais como as discutidas, sejam úteis para discernir a falsidade das argumentações, conhecê-las não é essencial. Nosso Criador nos dotou de inteligência natural e se evitarmos a aceitação precipitada e nos dermos tempo para pensar, para fazer perguntas, buscar com oração a ajuda do Espírito dele, nos protegeremos contra graves decepções. Em vez de nos tomarmos de

temor dos homens, ou de nos impressionarmos com o que falam ou escrevem, devemos pôr à prova suas declarações, perguntando-nos: “Foi este assunto realmente comprovado ou são mais simples asserções? É esta a *única* explicação razoável, de modo que sou obrigado a aceitá-la como verdade?”

A libertação cristã e a verdade andam juntas. (João 8:32) Jamais ganharemos a prometida liberdade de Deus a menos que queiramos fazer o esforço de determinar o que é verdade e o que não é. Isto não exige que nos sintamos obrigados a tentar “amarrar” o significado preciso de toda declaração das Escrituras. Muitas declarações permitem mais de um entendimento e o entendimento alternativo pode ser tão compatível com o restante das Escrituras quanto o inicial. As verdades cruciais, aquelas em que se apóia a nossa fé, são tais que todos podemos entendê-las. O Filho de Deus pôde assim agradecer a seu Pai por Ele ter “escondido estas coisas dos sábios e dos cultos e as revelado aos pequeninos.”⁵²

Nosso amor à liberdade, pois, deve igualar-se a nosso amor à verdade, e à companhia da verdade, a honestidade. Podemos ser naturalmente inclinados a tomar a atitude mais fácil, a da submissão passiva. Mas anularmos aquilo que Deus nos deu, o poder de pensamento e análise crítica, e nos tornarmos meros acatadores daquilo que os homens dizem que é verdade, só nos leva a servir humanos. A própria vida depende de estarmos dispostos a pagar o preço que o amor à verdade requer, pois os adoradores aprovados de Deus “têm de adorá-lo com espírito e verdade.”⁵³

⁵² Lucas 10:21, *NVI*.

⁵³ João 4:23, 24

Um Povo Para o Seu Nome

Nosso Pai nos céus, santificado seja o teu nome. — Mateus 6:9.

TODO CRISTÃO verdadeiro deve honrar, glorificar e tornar conhecido o nome do Deus do céu e da terra. Os textos bíblicos que nos exortam a fazer isto são inúmeros, tanto nos escritos pré-cristãos como cristãos.

As Testemunhas de Jeová crêem sinceramente que são as únicas pessoas da terra que tornam conhecido o nome de Deus. Isto se deve à grande frequência com que usam o nome “Jeová”, tanto em sua literatura quanto oralmente. Esse nome se deriva do chamado “Tetragrama” (que significa “quatro letras”), as letras hebraicas “IHVH”.¹ O Tetragrama aparece cerca de 7.000 vezes nos escritos bíblicos do Antigo Testamento (Gênesis a Malaquias). Não há, pois, dúvida sobre sua importância nos tempos pré-cristãos. Tampouco há dúvida de que, entre os grupos religiosos mais conhecidos atualmente, nenhum utiliza o nome Jeová com maior frequência e constância que as Testemunhas de Jeová. Identifica-os realmente isto, de modo exclusivo, como o “povo do nome de Deus”? Deve-se a elas, de fato, o mérito por terem “restaurado o nome divino” sobre a terra nos tempos modernos?

¹ Os eruditos reconhecem que “Jeová” não é a versão exata do Tetragrama; muitos crêem que “Iavé” está mais próximo da pronúncia correta do hebraico. Em seu “Prefácio” original a *New World Translation* da Torre de Vigia afirmava: “Embora nos inclinemos a considerar a pronúncia “Ia.vé” o modo mais correto, mantivemos a forma “Jeová” devido à familiaridade das pessoas com ela desde o século 14.” Veja a *New World Translation of the Christian Greek Scriptures*, página 25.

De onde veio o nome “Testemunhas de Jeová”?

Durante o primeiro meio século de existência da Sociedade Torre de Vigia, seus filiados não tinham denominação específica. Eram, diziam eles, apenas “estudantes da Bíblia”. Como vimos no capítulo 4, o fundador da revista *A Sentinela* e da sociedade ligada a esta, Charles Taze Russell, opunha-se à adoção de um nome distintivo, por considerar isto uma forma de sectarismo.² O número de abril de 1882 de *A Sentinela* (páginas 7, 8) que tratava deste assunto, citou com aprovação estas palavras de John Bunyan, que se acham em seu conhecido livro, *A Jornada do Peregrino*:

Visto que quereis saber por que nome me distinguirei dos demais, digo-vos que quero ser, e espero ser, um cristão; e prefiro, se Deus me contar como digno, ser chamado de cristão, crente, ou qualquer outro nome que seja aprovado pelo Espírito Santo. Quanto a esses títulos facciosos (ou sectários) de anabatista, presbiteriano, independente e similares, concluo que eles não vêm nem de Antioquia nem de Jerusalém, mas do Inferno e de Babilônia, pois tendem a causar divisões; podeis conhecê-los por meio de seus frutos.

Recorrer ao uso de nomes específicos, portanto, foi depreciado como claro sinal de sectarismo. Esta posição foi reafirmada em resposta a outra pergunta que saiu no número de março de 1883 (página 6). Além de rejeitar a idéia de desenvolver uma organização visível, a resposta afirmava:

Sempre nos recusamos a ser chamados por qualquer outro nome que não o de nosso Chefe — cristãos — afirmando continuamente que não pode haver divisões entre os que são continuamente conduzidos pelo Espírito e exemplo dele, conforme expressos por meio da Palavra dele.³

Foi em 1931 que Joseph F. Rutherford, sucessor de Russell na presidência da Torre de Vigia, selecionou o nome “Testemunhas de Jeová” para os membros da organização. Rutherford afirmou que o nome escolhido era “o nome pelo qual a boca do Senhor Deus nos chamou, e desejamos ser conhecidos e chamados pelo nome, a saber,

² Veja o capítulo 4 deste livro.

³ Veja a fotocópia no capítulo 4.

‘Testemunhas de Jeová’”. Isaías 43:10-12, 62:2 e Revelação 12:17 foram citados como base para a adoção deste nome.⁴

A leitura destas passagens, todavia, de modo algum revela que era do propósito de Deus que suas palavras aí proferidas instituíssem um nome distintivo a ser levado pelos cristãos 2.600 anos mais tarde. Isaías 43:10-12 é o texto principal utilizado pela organização para justificar o nome escolhido. Este texto, porém, simplesmente apresenta o cenário de um tribunal figurativo, no qual se reúnem todas as nações e perante as quais Deus chama os israelitas a dar testemunho de Seu poder de salvar, exercido em benefício deles. Por que, então, de todas as declarações que Deus fez sobre a nação de Israel, deveriam estas palavras tornar-se “o nome pelo qual a boca do Senhor Deus nos chamou”, e que deve ser aplicado aos cristãos da atualidade?

Em Atos 11:26, lemos que “em Antioquia foram os discípulos pela primeira vez chamados cristãos”. (ARA) Esse foi o nome pelo qual ficaram conhecidos e que eles mesmos usavam, como mostram os textos de Atos 26:28 e 1 Pedro 4:16. A *Tradução do Novo Mundo* até verte Atos 11:26 dizendo: “e foi primeiro em Antioquia que os discípulos, *por providência divina*, foram chamados cristãos”. Quer esta tradução esteja correta quer não, fica a pergunta: Com que direito um homem ou grupo de homens decide adotar um nome que não é o utilizado pelos cristãos do primeiro século? Onde está a autorização ou direção divina para fazer isso? Entre as últimas palavras do Filho de Deus registradas na terra está a ordem:

Sereis testemunhas de mim tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até à parte mais distante da terra.⁵

Com que direito, então, homens que afirmam ser seguidores das pisadas do Filho de Deus escolhem um nome que nem sequer dá testemunho de Cristo? Como justificam a escolha de um nome que remonta a cerca de 700 anos antes do aparecimento do Messias, de

⁴ Veja *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês), páginas 125, 126.

⁵ Atos 1:8.

volta a palavras faladas ao povo judeu debaixo do Pacto da Lei?⁶

A principal justificativa a que se recorreu em 1931, e daí por diante, foi que o nome “cristão” nada mais tem de distintivo. Esse nome tem sido usado por centenas de milhões de pessoas ao redor do mundo, divididas em centenas de diferentes denominações e seitas. Porém, de que serve ou o que prova a adoção de um nome diferente? Simplesmente segue o padrão dessas mesmas centenas de denominações. Cada uma delas fez a mesma coisa — todas adotaram nomes distintivos, tais como católicos romanos, católicos ortodoxos, católicos maronitas, luteranos, metodistas, batistas, Igreja de Cristo, Igreja de Deus, menonitas, Sociedade dos Amigos e assim por diante.

Que nem todos os que posteriormente adotaram o nome “cristãos” realmente o eram é evidente. Cristo Jesus avisou sobre a apostasia em sua parábola do trigo e do joio. O apóstolo Paulo, que era conhecido como “cristão”, ressoava esse aviso em seus escritos.⁷ Em Revelação, o apóstolo João expôs a condição adúltera já existente em algumas congregações de sua época.⁸ Reconhecia-se claramente que haveria falsos cristãos, muitos deles. Mas nem Cristo, nem Paulo, nem João, nem qualquer dos escritores bíblicos indicaram que uma mudança de nome de algum modo remediaria a situação. Não seria pela adoção de um nome diferente, uma nova etiqueta, mas por meio do *proceder de vida* exemplificado pelo genuíno cristianismo e por meio do *apego à verdade* conforme se encontra nos ensinamentos do Filho de Deus e de seus

⁶ Alguns anos atrás, a revista *A Sentinela* modificava ocasionalmente o nome em seus artigos, ao utilizar a expressão “testemunhas cristãs de Jeová” (Veja também o livro de 1971 “*As Nações Terão de Saber Que Eu Sou Jeová – Como?*”, que emprega freqüentemente este termo nas páginas 47-50, 71, 77 e assim por diante). Soube-se depois que um grupo de ex-Testemunhas já tinha adaptado e registrado legalmente este nome. Daí em diante *A Sentinela* desistiu, de modo geral, de usar a expressão. Uma exceção acha-se na *Sentinela* de 15 de fevereiro de 1981, página 24.

⁷ Mateus 13:24-30; Atos 20:29, 30; 2 Timóteo 4:3, 4.

⁸ Revelação, capítulos 2 e 3.

apóstolos e discípulos é que se faria a única distinção significativa.⁹ Quando os anjos de Deus levarem a cabo a parte final da parábola, efetuando a colheita que separa o trigo do joio, os rótulos em forma de nomes denominacionais com certeza não terão importância alguma.

“Restauração” do nome — por quem?

Pode-se pensar, lendo as publicações da Torre de Vigia, que o nome “Jeová” era virtualmente desconhecido antes de aparecer nas mesmas, e que foram estas que o trouxeram à atenção do mundo. Um exame das publicações da Torre de Vigia durante os primeiros quarenta anos de sua existência, contudo, revela que o nome “Jeová” não aparecia nessas publicações com frequência maior que nas demais publicações religiosas da época. Como um só exemplo, a edição da *Sentinela* de 15 de abril de 1919 trazia o nome “Jeová” apenas uma vez em toda a revista! Hoje isto seria inimaginável. Porém, por volta de 1919, Jesus Cristo supostamente já tinha aprovado e escolhido, dentre todas as religiões da terra, a organização formada em torno da Sociedade Torre de Vigia como seu canal exclusivo de comunicação. Se foi assim, existe a obrigação de dizer que a escolha dele não foi evidentemente fundamentada em qualquer destaque especial dado ao nome “Jeová”.

O fato é que escritores religiosos dos vários credos cristãos têm empregado o nome “Jeová” em suas obras com razoável frequência, e isso séculos antes do surgimento da Sociedade Torre de Vigia. A biblioteca do Departamento de Redação da sede mundial da Torre de Vigia contém grande número de comentários bíblicos e outras obras que datam de dois séculos ou mais, que ilustram isto claramente. O nome se encontra nos hinários de muitas denominações protestantes

⁹ Mateus 5:16, 44, 45; João 13:35; 17:17-19; Romanos 6:4, 8-10; Gálatas 2:20; 1 João 2:5, 6; 2 João 6. Além do grupo já mencionado oficialmente conhecido como “Testemunhas Cristãs de Jeová”, existe há um número considerável de primitivos movimentos do “Nome Sagrado”, entre os quais se destaca o que se chama de “Assembléias de Iavé”. Nenhuma destas mostra qualquer ligação, nas origens ou de qualquer outro modo, com a organização Torre de Vigia. Estes movimentos usam o nome derivado do Tetragrama com frequência certamente igual a das Testemunhas de Jeová, e suas traduções da Bíblia, tais como a *Bíblia do Nome Sagrado*, usam esse nome com frequência ainda maior nos textos do Novo Testamento. Mais informações a respeito podem ser vistas num tratado de Rud Persson, mencionado mais adiante neste capítulo.

antigas. Um dos hinos mais conhecidos do século 18 chama-se “Guia-me, Ó Tu, Grande Jeová”. A própria revista *A Sentinela* tem publicado matérias que mostram ocorrências do Tetragrama nos séculos passados em muitos países do mundo, em edifícios e inscrições religiosos.¹⁰ Ainda em 1602, a tradução espanhola da Bíblia de Cipriano de Valera, verteu o Tetragrama milhares de vezes como *Jehová* (Jeová). No século 19, traduções da Bíblia feitas em vários idiomas por missionários cristãos, já haviam utilizado alguma forma do nome “Jeová” ao verterem o Tetragrama.¹¹ A tendência para não usar o nome parece ter sido, até certo ponto, contemporânea do surgimento de uma determinada escola de pensamento religioso no final do século 19, que propagava uma atitude mais crítica em relação à Bíblia como um todo.

É notável que, no ano de 1901, a *American Standard Version* da Bíblia, produzida por eruditos da cristandade, retificou a prática típica da maioria das traduções anteriores em inglês, inclusive da mais popular, a *Versão Rei Jaime* ou *Autorizada*, de substituir o Tetragrama pelas palavras “SENHOR” ou “DEUS” ao traduzir as Escrituras Hebraicas. Enquanto a *Versão Autorizada* traduziu o Tetragrama pelo nome “Jeová” apenas quatro vezes em todas as Escrituras Hebraicas ou Novo Testamento, a *American Standard Version* o restaurou em suas quase 7.000 ocorrências. Embora se admita que verter o hebraico “YHWH” por “Jeová” não é o mais correto, isto foi, assim mesmo, uma melhoria em relação ao uso de “DEUS” e “SENHOR”, utilizadas para

¹⁰ Veja por exemplo *A Sentinela*, 1º de julho de 1988, página 14; 1º de abril de 1988, página 31; *Desperta!*, 22 de abril de 1988, página 19; *A Sentinela*, 15 de maio de 1987, página 23; a brochura *O Nome Divino Que Durará Para Sempre*, páginas 10 e 11.

¹¹ Veja o “Prefácio” da *New World Translation of the Christian Greek Scriptures*, páginas 24 e 25.

representar o Tetragrama em outras traduções para a língua inglesa.¹²

Não há dúvida, pois, de que a Sociedade Torre de Vigia não “restaurou” o nome “Jeová”, pois não havia necessidade de “restaurá-lo” na época em que a sociedade surgiu em cena. Este era um termo definitivamente estabelecido, presente em muitas traduções da Bíblia e obras religiosas muito antes do surgimento dessa sociedade. Apesar disto, resta o fato de que atualmente nenhum grupo religioso de *qualquer tamanho* usa o nome Jeová com tanta frequência quanto as Testemunhas de Jeová. Esse nome predomina em toda a literatura delas. Tornou-se quase estranho, entre as Testemunhas de Jeová, falar de “Deus” sem prefaciá-lo o termo dizendo “Jeová Deus”, enquanto o termo “Senhor” é muito raro em suas declarações. Elas lêem “Senhor” na Bíblia, mas dificilmente usam o termo no falar extemporâneo. Para elas é uma forma quase litúrgica iniciar a maioria das orações dirigindo-se a “Jeová” ou “Jeová Deus”, sendo a expressão “Pai” ou “Nosso Pai” usada apenas ocasionalmente como adicional seqüencial. Embora seja muito comum referir-se à “organização” ou ao “Corpo Governante” nas orações, o nome de Cristo Jesus não recebe menção até as palavras finais, “Em nome de Jesus. Amém”.

A pergunta é: Será que todo este uso repetitivo do nome “Jeová” cumpre genuinamente as inúmeras exortações bíblicas de honrar e tornar conhecido o nome de Deus? Reflete realmente esta intensa ênfase ao nome “Jeová” um entendimento claro do que de fato significa a palavra “nome” em muitos destes textos bíblicos?

¹² Embora a *American Standard Version*, que traz o nome “Jeová” milhares de vezes, estivesse disponível de 1901 em diante, a revista *A Sentinela* não a adotou como sua tradução básica, mas continuou a utilizar primariamente a *Versão Rei Jaime* ou *Autorizada*, que usa “SENHOR” e “DEUS”. Mesmo após a morte de Russell em 1916 e durante a presidência de Rutherford, continuou a ser assim. Depois da morte de Rutherford, a Sociedade Torre de Vigia obteve, em 1944, os direitos de imprimir uma edição da *American Standard Version* em suas próprias prensas. No entanto, embora citassem freqüentemente dessa tradução e de inúmeras outras, continuaram a usar a *Versão Autorizada* como tradução básica em todas as publicações até o ano de 1950, quando publicaram sua própria *Tradução do Novo Mundo* da Bíblia. (Veja *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, páginas 607-609)

O fator crucial

Visto ser evidente que o nome representado pelo Tetragrama tinha muito destaque nas Escrituras Hebraicas ou Antigo Testamento, a pergunta se limita ao seu uso e destaque nas Escrituras *Cristãs* e à atitude dos *cristãos* para com o nome representado pelo Tetragrama. Parece que o fator primordial e mais decisivo para se chegar à resposta seria a evidência do grau de destaque que o próprio Filho de Deus, seus apóstolos e outros primitivos discípulos deram a esse nome específico (representado no Tetragrama). O que descobrimos?

Embora eles mesmos fossem judeus, os escritores das Escrituras Cristãs ou Novo Testamento escreveram em grego, idioma mais influente e mais usado na época. Não restou nenhum dos escritos originais, mas existem cópias antigas do corpo inteiro das Escrituras Cristãs que datam do quarto século A.D. Há cópias de trechos ainda mais antigos das mesmas. Todavia, o único lugar onde achamos menção do nome representado pelo Tetragrama nestas cópias antigas é uma forma abreviada encontrada no livro de Revelação. Em Revelação capítulo 19, versículos 1, 3, 4 e 6, achamos a expressão grega *Allelouia*, que significa “Louvai a Jah”, ou, como dizemos comumente, “Aleluia”. Esta expressão “Jah” é simplesmente uma forma abreviada de “Jeová”. O notável é que, fora estas quatro ocorrências da forma abreviada em Revelação, *em nenhuma outra parte das Escrituras contidas nestas cópias antigas encontramos uma única ocorrência deste nome*. Visto que se calcula em 5.000 o número de cópias em grego existentes destas Escrituras Cristãs, o fato de que *nem uma única* destas milhares de cópias contém o Tetragrama torna-se ainda mais impressionante.¹³ O mesmo se aplica às traduções mais antigas dessas Escrituras Cristãs para outros idiomas, tais como siríaco, armênio, saídico e traduções em latim antigo.¹⁴

Por esta razão, na vasta maioria das traduções do Novo Testamento, o nome “Jeová” não aparece senão em suas formas abreviadas do livro de Revelação. Em contraste, se formos à *Tradução do Novo Mundo* da

¹³ Veja *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 2, páginas 758, 759.

¹⁴ Esta informação e outros tópicos abordados neste capítulo foram tirados de um tratado destinado a ser publicado, intitulado *O Cristianismo Primitivo e o Nome Divino*, escrito por Rud Persson, pesquisador da Suécia, com sua permissão.

Sociedade Torre de Vigia, acharemos o nome “Jeová” (e “de Jeová”) 237 vezes de Mateus a Revelação. O fato, contudo, é que quando a *Tradução do Novo Mundo* coloca o nome “Jeová” em qualquer parte das Escrituras Cristãs, ela o faz sem apoio de um só dos antigos manuscritos dessas Escrituras Cristãs. Em 227 dos lugares em que “Jeová” aparece na tradução da Torre de Vigia, o texto grego no qual a tradução diz basear-se reza “o Senhor” (*kyrios*), e nos 10 casos restantes esse texto grego traz a palavra “Deus” (*theos*). Qualquer leitor pode ver isto simplesmente pegando a *Tradução Interlinear do Reino*, da Torre de Vigia, e comparar a tradução (nas colunas externas das páginas) com a leitura interlinear palavra por palavra. Com que base, então, faz a *Tradução do Novo Mundo* a inserção do nome?

O argumento da Sociedade Torre de Vigia, essencialmente, é que o Tetragrama *foi* utilizado pelos autores das Escrituras Cristãs, Mateus, Marcos, Lucas, João, Paulo, Pedro, Tiago e Judas, em seus escritos *originais*. Isto, obviamente, não pode ser provado. Nenhum desses escritos originais está disponível hoje. Nenhuma das 5.000 cópias que existem traz o Tetragrama. Ainda assim, a Torre de Vigia alega que o nome deve ter sido *removido* das cópias posteriores dos escritos originais, e que fez-se isto para seguir a prática que vigorou por algum tempo, de substituir o Tetragrama (IHVH), pela palavra “Senhor” (*kyrios*) ou “Deus” (*theos*). Esta prática desenvolveu-se evidentemente nos séculos que antecederam o surgimento de Cristo. Não foi por deixarem de dar importância ao nome representado pelo Tetragrama. Ao contrário, foi por considerarem o nome sagrado demais para ser pronunciado, e os escritos judaicos tradicionais indicam que a pronúncia do mesmo ficou limitada ao sacerdócio do templo e particularmente ao sumo sacerdote daquele sacerdócio aarônico.¹⁵

A evidência das fontes antigas

No terceiro século A.C., fez-se a primeira tradução das Escrituras Hebraicas para a língua grega, conhecida como *Versão Septuaginta*. Há evidência clara de que os que redigiram as Escrituras Cristãs, ao tirar citações das Escrituras Hebraicas, fizeram-no muitas vezes com base na tradução *Septuaginta*. Este aspecto assume grande importância no esforço de determinar se aqueles escritores bíblicos de fato

¹⁵ Veja por exemplo, *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 2, página 494.

utilizaram ou não o Tetragrama em seus escritos. Se o fizeram, isto seria pelo menos um indício do grau de destaque que deram ao nome pessoal de Deus representado por essas quatro letras hebraicas. A primeira pergunta é: Encontraram eles o Tetragrama nas cópias da *Septuaginta* grega que usavam?

Por muito tempo, acreditou-se que o Tetragrama, no início, não aparecia nessa primeira tradução das Escrituras Hebraicas. Supunha-se que os tradutores seguiram a prática de substituí-lo por “Senhor” (*kyrios*) ou “Deus” (*theos*). As muitas cópias da *Septuaginta* então conhecidas apoiavam esta crença. Hoje, porém, há sólida razão para questionar se os tradutores da *Septuaginta* efetuaram tal substituição. O fragmento da cópia de um trecho da *Septuaginta* escrito em papiro, encontrado no Egito, foi datado como do primeiro século A.C. Ele traz a segunda metade do livro de Deuteronômio, com o Tetragrama (escrito em caracteres hebraicos), que aparece em todo o conteúdo.¹⁶ Acham-se exemplos similares num pequeno número de outros manuscritos gregos da *Septuaginta*, embora não sejam do período pré-cristão (ou A.C.), mas dos primeiros séculos (A.D.). Evidência adicional do surgimento do Tetragrama nas primeiras traduções gregas das Escrituras Hebraicas encontra-se nas declarações de Orígenes (do terceiro século A.D.) e de Jerônimo (tradutor da *Vulgata* latina no quarto século A.D.), que disseram que “achamos o nome de quatro letras de Deus em certos volumes gregos, até este dia expressos nas

¹⁶ Este se chama Papiro Fuad Inventário No. 266, e cópias de trechos dele acham-se no apêndice da *Tradução Interlinear do Reino* (em inglês), páginas 1135 e 1136, da Sociedade Torre de Vigia.

letras antigas”.¹⁷

O que significa tudo isto? A Sociedade Torre de Vigia chega à conclusão de que as cópias da *Septuaginta*, lidas e citadas durante a época de Cristo e seus apóstolos, traziam costumeiramente o Tetragrama. A Sociedade Torre de Vigia, porém, vai bem mais longe. Com base na evidência já mencionada, ela afirma que, quando se redigiram as Escrituras Cristãs, os escritores cristãos *incluiram* o Tetragrama, e que, “pelo menos do 3º século A.D. em diante, o nome divino na forma do Tetragrama tem sido eliminado do texto pelos copistas”, substituído pelas palavras *kyrios* (Senhor) e *theos* (Deus) por este.¹⁸

A Torre de Vigia acreditou ter encontrado forte apoio para inserir o nome “Jeová” no Novo Testamento ou Escrituras Cristãs, nas declarações feitas no *Journal of Biblical Literature* (Volume 96, Nº 1, 1977) pelo professor adjunto de religião da Universidade da Geórgia, George Howard. O número de *A Sentinela* de 1º de novembro de 1978, página 9, citou extensamente o professor Howard sobre este assunto, dando especial ênfase à seguinte declaração dele:

Visto que o tetragrama ainda se achava escrito nos exemplares da Bíblia grega que compunha as Escrituras da primitiva igreja, é razoável crer que os escritores do N[ovo] T[estamento], citando a Escritura,

¹⁷ Veja a *Tradução Interlinear do Reino* (em inglês), páginas 10, 11, 1134-1136; veja também o número de 1º de agosto de 1988 de *A Sentinela*, página 30; *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Volume 2, página 758. A Sociedade Torre de Vigia apela também para a versão grega das Escrituras Hebraicas de Áquila, em apoio à opinião de que as cópias da *Septuaginta* dos dias de Jesus e dos apóstolos podem ter usado o Tetragrama. O Dr. Robert Countess, em seu livro *A Tradução do Novo Mundo das Testemunhas de Jeová* (em inglês), páginas 28 e 29, mostra que este é um argumento infundado. Primeiro, a tradução de Áquila remonta a cerca de 130 A.D., décadas após a escrita das Escrituras Cristãs. Segundo, a tradução de Áquila é tida como “literalmente escravizada” ao texto hebraico, até o “ponto absurdo em que se prejudica a inteligibilidade do texto”, bem diferente em muitas áreas das traduções da *Septuaginta*, como indicaram eruditos versados nos manuscritos gregos. A obra de Áquila dificilmente seria um exemplo aceitável do conteúdo da *Septuaginta* em sua forma original ou em suas cópias.

¹⁸ Veja a *New World Translation of the Christian Greek Scriptures*, páginas 11, 12, 18; *A Tradução Interlinear do Reino das Escrituras Gregas*, em inglês (1985), páginas 1137, 1138.

preservassem o tetragrama no texto bíblico. À base da analogia da prática judaica pré-cristã, podemos imaginar que o texto do NT continha o tetragrama nas suas citações do AT.

A ocorrência do Tetragrama nos trechos dos manuscritos antigos já mencionados da tradução *Septuaginta* pré-cristã é definitivamente notável. Sua notoriedade resulta da *ausência* do Tetragrama (em qualquer forma) em todas as outras cópias antigas da *Septuaginta*, inclusive os manuscritos completos (ou quase completos) mais antigos dos escritos bíblicos.¹⁹ A descoberta destes fragmentos antigos da *Septuaginta* dá clara margem à *possibilidade* da ocorrência regular do Tetragrama nas cópias da *Septuaginta* em uso na Palestina do primeiro século A.D., embora este fato, em si mesmo, não **prove** que foi assim.

Mais importante para o assunto em consideração, é que isto não prova que os *próprios escritores cristãos* incluíram o Tetragrama em *seus* escritos ou que este aparecia em qualquer das primeiras cópias de seus escritos, tais como as anteriores ao terceiro século. As publicações da Torre de Vigia são bem definitivas neste assunto, como ao dizer que “estes escritores cristãos, sem dúvida, usaram o nome divino, Jeová”, quando citaram as Escrituras Hebraicas, e sobre Mateus, que quando fazia tais citações, “ele se veria obrigado a incluir fielmente o Tetragrama” em seu relato do Evangelho.²⁰ Em contraste, o professor Howard, a quem *A Sentinela* tem citado com frequência em apoio a suas afirmações, limita a questão a uma possibilidade ou probabilidade

¹⁹ Estes incluem os Manuscritos Sinaítico, Vaticano 1209 e o Alexandrino, todos dos séculos 4 e 5 A.D.

²⁰ Veja *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 2, página 9; *Tradução do Novo Mundo* (Edição Com Referências, de 1986), página 1504. Aqui a organização demonstra inconsistência. No número de 1º de fevereiro de 1988 de *A Sentinela* (página 5), num artigo intitulado “Será que a Bíblia se contradiz?”, a revista diz sobre os escritores das Escrituras Cristãs: “Citações de escritos anteriores podem ser levemente alteradas da declaração original, para atingir as necessidades e o objetivo do novo escritor, ainda assim retendo o sentido e o pensamento básicos... As omissões se dariam igualmente segundo o ponto de vista do escritor e o seu resumo do relato.” Assim, por um lado, a Sociedade Torre de Vigia diz que ao fazer citações os escritores das Escrituras Cristãs “se viam obrigados” a incluir o Tetragrama, se este estivesse na cópia das Escrituras Hebraicas usada, e por outro diz que os escritores podiam apropriadamente “alterar levemente” as afirmações originais e fazer omissões que achassem aconselháveis, embora retendo “o sentido e o pensamento básicos”.

razoável, como em sua declaração “podemos imaginar que o texto do NT continha o tetragrama nas suas citações do AT.” Ao citar Howard no *Journal of Biblical Literature*, a revista *A Sentinela* não mostra aos leitores que o artigo dele está cheio de expressões cautelosas, tais como “esta teoria”, “com toda a probabilidade”, “é possível que”, “se nossa teoria estiver correta”, “a teoria que sugerimos”, “se presumirmos” e assim por diante. Note também que Howard fala que os escritores cristãos incorporaram “o Tetragrama”, isto é, as quatro letras hebraicas (יהוה), e **não** uma tradução adicional do mesmo, como “Iavé” ou “Jeová”. Ainda que essas quatro letras tenham sido incluídas nas Escrituras Cristãs originais, isto não prova que, ao lê-las, o leitor as **pronunciava** como “Iavé” ou de forma similar, em vez de usar “Senhor” ou “Deus”.²¹ Finalmente, as declarações dele favorecem o uso do Tetragrama apenas nas citações do Antigo Testamento, enquanto a *Tradução do Novo Mundo* insere “Jeová” em lugares que não têm nada que ver com citações do Antigo Testamento.

Uma fonte de evidência bem mais forte

Qualquer que seja o peso que se atribua à evidência textual já mencionada com relação à tradução da *Septuaginta* grega do Antigo

²¹ Conforme destacava o já mencionado tratado *O Cristianismo Primitivo e o Nome Divino*, isto também deve ser considerado quando se avalia a importância da ocorrência do Tetragrama hebraico em algumas cópias da tradução grega da *Septuaginta*. Os copistas que produziram tais manuscritos os copiavam de textos gregos. Todavia, incluíram o Tetragrama nesse texto grego em letras **hebraicas**. Não o traduziram com uma forma ou expressão grega que correspondesse a “Iavé” ou “Jeová” e nem sequer transliteraram os caracteres hebraicos para as letras gregas equivalentes. Deixaram-no em hebraico [יהוה], e só se o leitor conhecesse o idioma poderia tentar de algum modo pronunciá-lo. De outra forma, ele não saberia como converter esses caracteres hebraicos para seu próprio alfabeto e idioma, exatamente como, afirma Jerônimo, alguns da sua época, quando chegavam a essas quatro letras hebraicas [יהוה], tentavam lê-las como se fossem letras gregas, e por isso as pronunciavam “Pi Pi” (grego, πῖπῖ). Assim, quando se trata de traduções para o inglês ou qualquer idioma moderno, essas poucas cópias da *Septuaginta* não fariam mais que dar algumas bases, mesmo frágeis, para inserir o Tetragrama — *em caracteres hebraicos* — nas citações que os escritores cristãos fizeram das Escrituras Hebraicas. Não provêm base alguma para inserir alguma *tradução* de tais caracteres, como no caso dos nomes “Jeová” ou “Iavé”.

Testamento ou Escrituras Hebraicas, há evidência textual adicional que tem claramente um significado bem maior. Isto se deve ao indício bem mais forte da prática real *dos próprios escritores das Escrituras Cristãs* com relação ao uso do Tetragrama. E é esta, afinal de contas, a pergunta de importância conclusiva: Será que *eles*, os escritores da Bíblia cristã, empregaram o Tetragrama, quer ao citarem as Escrituras Hebraicas quer em alguma outra ocasião?

Uma das duas cópias mais antigas dos escritos apostólicos encontrados é um códice de papiro (denominado Papiro Chester Beatty Nº 2 [P⁴⁶]). Contém, em forma fragmentária, nove das cartas do apóstolo Paulo: Romanos, Hebreus, Primeira aos Coríntios, Segunda aos Coríntios, Efésios, Gálatas, Filipenses, Colossenses e Primeira aos Tessalonicenses.²² A data deste códice foi por muito tempo calculada como por volta de 200 A.D.²³ Há agora, porém, bons argumentos para afirmar que é bem mais antigo. Em 1988, na publicação erudita *Biblica*, Volume 69, Fasc. 2, o Dr. Y. K. Kim, perito em manuscritos, apresentou evidência cuidadosamente desenvolvida para corrigir a data como sendo *da parte final do primeiro século*, talvez de antes do reinado do imperador Domiciano, isto é, antes de 81 A.D. Em qualquer caso, a evidência disponível coloca o conjunto de papiros *a poucas décadas* da época dos escritos originais de Paulo.²⁴

Que importância tem isto para o assunto que agora consideramos? Se o argumento da Sociedade Torre de Vigia for válido, a saber, que os escritos apostólicos originais traziam o Tetragrama e que foi só nos séculos subseqüentes que os ‘cristãos apóstatas’ o removeram desses escritos, esta *cópia mais antiga* daqueles escritos originais devia então apoiar esse argumento. Deveríamos esperar encontrar numerosas ocorrências do Tetragrama nestas cartas. Acontece isso?

²² A autoria de Paulo do livro de Hebreus tem sido questionada entre os eruditos. Sua inclusão aqui constitui argumento em favor dessa autoria.

²³ Veja *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Volume 2, página 759.

²⁴ Deve-se notar que a evidência paleográfica, utilizada pelo Dr. Kim, é considerada como o meio mais confiável de datar manuscritos antigos. (Veja também a *Despertai!* de 22 de dezembro de 1972, página 9). Estou em débito para com Carl Olof Jonsson, da Suécia por sua informação quanto a esta mudança de data. Desde a publicação da evidência do Dr. Kim, muitos eruditos qualificados expressaram reconhecimento da seriedade de sua obra.

O fato simples é que nestas nove cartas apostólicas encontradas neste códice cristão mais antigo *não se usa uma só vez o Tetragrama em qualquer de suas formas*. Nestas nove cartas, o escritor apostólico faz inúmeras citações das Escrituras Hebraicas, seguindo o fraseado da tradução *Septuaginta*, mas *nenhuma das citações dele contém o Tetragrama*. Suas citações seguem a prática de substituir o Tetragrama pelo grego *kyrios* (Senhor) ou *theos* (Deus). A Sociedade Torre de Vigia sustenta que a ocorrência do Tetragrama em algumas das cópias mais antigas (na verdade, cópias de fragmentos) da *Versão Septuaginta* é prova de que este *originalmente* estava ali. Se esse princípio se aplica, deve-se então aplicá-lo corretamente neste caso, a saber, que a *ausência* do Tetragrama nesta cópia mais antiga das nove cartas de Paulo prova que ele também estava ausente dos escritos *originais* do apóstolo.

De fato, se o Tetragrama tivesse aparecido originalmente em suas cartas, algumas delas escritas tão tarde quanto 60/61 A.D., parece inconcebível que tivesse sido eliminado tão pouco tempo após a escrita original, numa época em que outros apóstolos, especialmente João, ainda estavam vivos. Junte-se a isto o fato de que, com a única exceção do livro de Revelação e sua forma abreviada de “Jah”, não se acha nenhuma forma do Tetragrama em qualquer manuscrito antigo das Escrituras Cristãs, quer escritas por Paulo quer por outros escritores cristãos.

A alegação da Sociedade Torre de Vigia de que, ao citarem das Escrituras Hebraicas, os apóstolos e outros escritores cristãos do primeiro século incluíam o Tetragrama em seus escritos, baseia-se então só em teoria, uma teoria especulativa contra a qual predomina a evidência histórica. Quando Rud Persson, da Suécia, enviou ao professor Howard uma cópia da matéria da revista *Biblica* sobre as datas atribuídas às cópias em papiro (P⁴⁶) das cartas de Paulo, o professor Howard replicou:

Se a data de [Dr.] Kim estiver correta, isto demonstraria que num MS Paulino do primeiro século o Tetragrama não foi usado conforme sugeri. Isto enfraquece minha teoria, pelo menos com respeito às cartas Paulinas. Quanto a se os manuscritos dos evangelhos do primeiro século e outros escritos seguiram ou não o padrão do P⁴⁶, seria ainda uma questão de conjectura.

Num pós-escrito, ele acrescenta: “As Testemunhas de Jeová interpretaram demais os meus artigos. Eu não apóio as teorias delas.”²⁵

Busca-se justificativa por meio do uso de várias traduções hebraicas

Muitas vezes, as inserções do nome “Jeová” feitas pela Torre de Vigia nos textos das Escrituras Cristãs correspondem às citações que o autor fez de trechos das Escrituras Hebraicas em que aparece o Tetragrama. Todavia, este não é o caso das 237 inserções do nome na *Tradução do Novo Mundo*. As inserções foram, em muitos casos, feitas onde não estava envolvida citação alguma. Como se justifica isto?

No empenho de conferir alguma autenticidade a estas (e outras) inserções do nome “Jeová”, *inserções que nenhuma cópia antiga justifica*, a Sociedade Torre de Vigia recorreu ao apoio de inúmeras traduções das Escrituras Cristãs para a língua hebraica, traduções que amiúde incluem o Tetragrama em suas versões. O fato, porém, é que todas estas traduções hebraicas foram feitas *do século 14 A.D. em diante*, algumas de época tão recente quanto o século 19.²⁶ Embora possam, por serem em hebraico, dar a aparência de apoio autêntico, são apenas isso — uma aparência. Os diversos tradutores nada mais fizeram que expressar uma opção pessoal por inserirem o Tetragrama onde os manuscritos gregos de fato traziam a palavra “Senhor” ou “Deus”.²⁷ Na realidade, estas traduções hebraicas não têm mais peso na questão do que teria uma tradução em qualquer outro idioma — árabe, alemão ou português — feita no mesmo período. Elas não constituem evidência, apenas a opinião de determinado tradutor. Nada provam quanto ao uso do Tetragrama ou ao grau de destaque que lhe davam Cristo ou seus discípulos. Não só isso, mas também “pularam” os *manuscritos* mais antigos das Escrituras Cristãs e o fraseado que neles se encontra para favorecer estas *traduções* hebraicas que são mil anos mais recentes. Isto faz com que a *Tradução do Novo Mundo* vá contra um princípio básico da tradução — que se deve conferir maior

²⁵ Veja no Apêndice a fotocópia da carta completa do professor Howard, fornecida por Rud Persson.

²⁶ Veja a *Tradução Interlinear do Reino das Escrituras Gregas*, em inglês (1985), páginas 13 e 14.

²⁷ Veja a lista na *Interlinear do Reino* (em inglês) edição 1969, páginas 28-30.

peso aos manuscritos mais antigos, em virtude de estarem mais próximos dos originais. Portanto, *A Sentinela* de 15 de setembro de 1982, página 23, afirma: “Quanto mais antigo é o manuscrito bíblico, tanto mais perto está provavelmente dos autógrafos originais dos escritores inspirados, dos quais não há nenhum existente hoje em dia.” Nesta questão, porém, a organização Torre de Vigia prefere ignorar a evidência dos mais de 5.000 manuscritos gregos antigos — nenhum dos quais traz o Tetragrama — e deixar-se guiar, não pelos *manuscritos* no idioma original, mas basicamente por *traduções* modernas, que refletem, no final das contas, a opinião pessoal dos tradutores.²⁸

Afirmações inconsistentes

A posição da Sociedade Torre de Vigia é de incrível inconsistência. Por um lado, argumenta que os escritores das Escrituras Cristãs incluíram originalmente alguma forma do Tetragrama em seus escritos. Por outro, a Sociedade reconhece repetidamente que essas Escrituras Cristãs foram preservadas com notável exatidão. Sua publicação, *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Volume 2, página 757, cita o professor Kurt Aland ao afirmar:

O texto do Novo Testamento foi transmitido de modo excelente, melhor do que quaisquer outros escritos dos tempos antigos; a possibilidade de ainda se encontrarem manuscritos que alterariam decisivamente seu texto é nula.

O número de 1º de outubro de 1977 de *A Sentinela* citou o mundialmente conhecido erudito em textos gregos F. J. Hort, dizendo: “a quantidade daquilo que de algum modo possa ser chamada de variação substancial [nas cópias antigas das Escrituras Cristãs] mal pode chegar a constituir mais de uma milésima parte do texto inteiro.” Daí, a própria *Sentinela* passa a dizer (páginas 603, 604):

²⁸ Veja também a *Desperta!* de 22 de dezembro de 1972, páginas 9-11; 8 de setembro de 1971, página 23. *A Sentinela* de 1º de março de 1991, páginas 28 e 29, no esforço de justificar a inserção do Tetragrama nas Escrituras Cristãs, chega ao ponto de referir-se a certas traduções alemãs que contêm o nome em notas de rodapé e comentários! Com certeza, nenhum tradutor responsável veria isto como base para ignorar ou passar por alto a evidência do próprio manuscrito antigo em favor de uma versão diferente.

Não importa qual a versão das Escrituras Cristãs que possua, não há motivo para duvidar de que o texto grego em que se baseia apresenta com considerável fidelidade aquilo que os autores inspirados destes textos bíblicos escreveram originalmente. Embora já estejamos quase 2.000 anos distantes do tempo de sua redação original, o texto grego das Escrituras Cristãs é maravilha de transmissão exata.

Inúmeros artigos destacam a pureza e a exatidão do texto bíblico, e atribuem o mérito por esta preservação ao *profundo grau de respeito pelo registro divino e à preocupação intensa com a fidelidade em sua transmissão* por parte dos copistas, e à influência do “Autor Divino da Bíblia”. Assim, um artigo da revista *Despertai!* de 22 de fevereiro de 1986 (página 15) diz que, já que Deus inspirou os escritos originais, “É lógico que Ele supervisionaria a transmissão fiel de sua Palavra até os nossos dias.”²⁹

O problema aqui é que a organização nega sua própria posição nas afirmações com respeito, não a alguma omissão ou variação trivial, mas a algo que vêm como um dos aspectos mais importantes das Escrituras, o nome representado pelo Tetragrama. Pois o que de fato dizem é que Deus, ao mesmo tempo em que exerceu sua influência divina para preservar o texto grego das Escrituras Cristãs, de modo que seja uma “maravilha de transmissão exata”, falhou em cuidar de que alguma forma do nome “Jeová” fosse preservada em *pelo menos uma das cerca de 5.000 cópias dos manuscritos antigos dessas Escrituras Cristãs*. Se a tremenda importância que a organização confere ao Tetragrama tem base sólida, como pôde isto acontecer?

Como é possível, também, que se façam citações de Jerônimo e Orígenes e outros de épocas tão recentes quanto o quarto século A.D., quando ainda se podia encontrar o Tetragrama em cópias da tradução grega *Septuaginta* das Escrituras **Hebraicas**, e apesar disso não se ache uma única afirmação de algum escritor cristão primitivo que diga que este apareceu em alguma cópia das Escrituras **Cristãs** ou Novo Testamento? Se o Tetragrama tivesse ocorrido nas traduções pré-cristãs do Antigo Testamento, por que não seria mais logicamente encontrado numa cópia recente do texto grego original das Escrituras

²⁹ Veja também *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, página 1063 (ou *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 2, página 761); “*Toda a Escritura é Inspirada por Deus e Proveitosa*”, página 316.

Cristãs, ou pelo menos numa das traduções antigas das mesmas? Se tivesse aparecido nos escritos originais, certamente Deus, a quem se dá o mérito por garantir a fidelidade de sua transmissão até os dias atuais, teria assegurado sua preservação — pelo menos ele teria feito isso se tivesse conferido ao Tetragrama a suma importância que a Sociedade Torre de Vigia lhe atribui. O fato de que não foi preservado nos textos antigos das Escrituras Cristãs e nem sequer em uma das traduções mais antigas depõe seriamente contra ter alguma vez estado ali.

Testemunho dos próprios textos existentes

Mesmo supondo que alguém se incline a aceitar o argumento da Sociedade Torre de Vigia em justificar a inserção do nome “Jeová” nas Escrituras Cristãs ou Novo Testamento — ainda que só nos casos em que se fazem citações das Escrituras Hebraicas — ele ainda enfrentaria algumas questões sérias. A principal é o fato de que, *mesmo na própria tradução da Torre de Vigia*, com suas inserções peculiares, há cartas inteiras escritas pelos apóstolos nas quais o nome “Jeová” está totalmente ausente, a saber, Filipenses, Primeira Timóteo, Tito, Filêmon e as três cartas de João. Toda Testemunha de Jeová deve reconhecer honestamente que é totalmente impensável que um indivíduo proeminente na organização das Testemunhas escreva sobre assuntos espirituais sem utilizar amplamente o nome “Jeová”. Escrever cartas do tamanho e conteúdo da carta de Paulo aos Filipenses ou de sua primeira carta pastoral a Timóteo ou a Tito, ou escrever três cartas separadas de advertências e exortações sobre assuntos cruciais como as do apóstolo João — escrever todas estas sem o repetido uso do nome “Jeová” levaria alguém, entre as Testemunhas de Jeová, à suspeita de apostasia. No entanto, em sua própria *Tradução do Novo Mundo*, o nome não aparece em nenhuma destas sete cartas apostólicas que tratam de assuntos espirituais vitais. Mesmo do ponto de vista da *Tradução do Novo Mundo*, deve-se dizer que, ao escreverem estas cartas, os apóstolos Paulo e João deixaram claramente de se ajustar à norma predominante na organização Torre de Vigia. Ou, expresso de modo mais correto, a norma predominante na organização Torre de Vigia é que não se ajusta ao ponto de vista apostólico do primeiro século.

A completa ausência do nome “Jeová” nestas sete cartas apostólicas na *Tradução do Novo Mundo* dá ainda mais evidência de que a

inserção deste nome nas outras Escrituras Cristãs é puramente arbitrária, não algo apoiado pela evidência.

Em segundo lugar, mesmo que aceitemos as inúmeras inserções do nome “Jeová” feitas pelos tradutores (mais precisamente do tradutor Fred Franz) da *Tradução do Novo Mundo*, temos ainda de encarar o fato de que os escritores originais dessas Escrituras Cristãs referiram-se ao nome do Filho de Deus com frequência bem maior. O nome “Jesus” aparece 912 vezes, ultrapassando assim as 237 inserções do nome “Jeová”.³⁰ Isto também faz gritante contraste com a prática vista nas publicações da Torre de Vigia, onde esta proporção é, às vezes, exatamente oposta. Especialmente a partir da época da presidência de Rutherford, essas publicações mostram um progressivo aumento no uso do nome “Jeová”, acompanhado, no mínimo, por uma reduzida referência ao nome do Filho de Deus, Jesus Cristo. Todavia, o próprio Deus declarou que Sua vontade é que “todos honrem o Filho, *assim como honram o Pai*. Quem não honrar o Filho, não honra o Pai que o enviou”.³¹ Os escritores das Escrituras Cristãs tomaram claramente a peito esta declaração e seu exemplo deve ser seguido, não descartado sob a alegação de que não se ajusta às necessidades de nossa época.

A evidência, pois, é que a prática vigente na organização das Testemunhas de Jeová quanto ao repetido uso e ênfase do Tetragrama, reflete realmente mais a prática existente na nação de Israel dos tempos pré-cristãos que a prática da congregação dos seguidores de Cristo do primeiro século. Se não há justificativa para este “recuo no tempo”, de que modo, então, serão cumpridos os muitos textos que nos exortam a proclamar e honrar o nome de Deus? Para determinar isto, devemos considerar a seguinte pergunta:

Por que a mudança dos tempos pré-cristãos para os cristãos?

Conforme mostramos, apesar de todas as afirmações e teorias, simplesmente não há evidência sólida de que o Tetragrama apareceu em qualquer parte das Escrituras Cristãs, além das quatro ocorrências

³⁰ “Cristo” aparece adicionalmente cerca de 530 vezes (combinado com a palavra “Jesus”). Sobre a composição da Comissão da Tradução do Novo Mundo, veja *Crise de Consciência*, capítulo 3, nota de rodapé 15.

³¹ João 5:23.

em forma abreviada no livro de Revelação. As evidências históricas, algumas das quais remontam a poucas décadas após a época dos escritos de Paulo, apontam forçosamente o contrário. Em vista da abundante ocorrência do Tetragrama nas Escrituras pré-cristãs (Hebraicas), com suas milhares de ocorrências, esta mudança é deveras notável. Diante de toda a evidência conhecida, a pergunta é: Que efeito tem isto em acatarmos de coração e aplicarmos as muitas exortações das Escrituras quanto a “louvar, honrar e santificar o nome de Deus”?

Para entender isto, precisamos primeiro entender o que o termo “nome” significa nas Escrituras e ao que de fato se refere por “nome” de Deus. Geralmente limitamos, na mente, o termo “nome” a uma *palavra* ou *expressão* que distingue uma pessoa de outra, aquilo que geralmente chamamos de “nome próprio” ou “vocativo”, tal como “João”, “Maria”, “Austrália” e “Atlântico”. Este é o uso mais comum do termo “nome” na fala diária e geralmente é esse seu sentido nas Escrituras. “Nome”, porém, pode aplicar-se de vários outros modos. Em fins dos anos 60, quando se preparava a obra da Sociedade Torre de Vigia, *Ajuda ao Entendimento da Bíblia* (hoje, *Estudo Perspicaz das Escrituras*), fui designado para redigir artigos sobre “Jeová”, “Jesus”, “Cristo” e “Nome”. Na época, não vi razão para questionar os ensinamentos da Torre de Vigia sobre o amplo uso do nome “Jeová” entre os cristãos do primeiro século, e busquei sinceramente sustentar esses conceitos.³² Eu ignorava os vários aspectos tratados na presente obra; outros aspectos não entraram sequer em cogitação, pois minha mente estava direcionada a apoiar os ensinamentos da organização, em vez de pensar e analisar sua validade. Porém, ao pesquisar os três tópicos mencionados, uma coisa de fato me ocorreu de modo mais claro que nunca: o fato de que a palavra “nome” pode ter significado mais amplo e vital do que o que comumente lhe dão. Esse entendimento foi fundamental para eu me dar conta de como minha compreensão de vários textos bíblicos fora estritamente limitada, e eventualmente reconhecer que a organização muitas vezes os aplicara de modo injustificado.

“Nome” por exemplo, pode referir-se, não ao “nome próprio” distintivo, mas à *reputação* ou *histórico pessoal*. Quando dizemos que

³² Estes mesmos artigos aparecem na obra posterior *Estudo Perspicaz das Escrituras*, praticamente sem alterações.

alguém “fez um bom nome” ou “um mau nome” para si mesmo, não nos referimos à palavra ou expressão utilizada para identificá-lo, tal como “Ricardo”, “Henrique” ou “João Silva”, mas à reputação que obteve. O que há de “bom” ou “mau” em seu “nome” nada tem que ver com seu prenome ou sobrenome. Do mesmo modo, quando dizemos que devido a um proceder errado certa pessoa “perdeu seu bom nome”, não estamos falando do nome no sentido comum, literal, mas num sentido bem mais amplo. Assim, um homem pode ser conhecido pelo nome de “Sr. Cristiano Veríssimo dos Santos” e, no entanto, neste sentido mais amplo, ter um “mau nome”. Esse último “nome” é obviamente de maior importância que o nome que comumente o distingue, pois revela o que ele realmente *é* e realmente *fez*. Este sentido mais amplo e mais profundo de “nome” aparece frequentemente nas Escrituras.³³

O “nome” pode referir-se à *autoridade* com que se faz algo. É isto que se quer dizer com a expressão “em nome da lei”, ou “em nome do rei”. A “lei” não tem um “nome” específico no sentido costumeiro, e tampouco se faz referência a um nome como “Henrique”, “Luís” ou “Fernando” quando se menciona “o nome do rei”, mas, em vez disso, apela-se para a *autoridade e posição* reais como base para a exigência feita. Em Efésios 1:21, o apóstolo fala de governo, autoridade, poder e senhorio e “todo nome dado”. Isto mostra claramente que “nome” representa muitas vezes autoridade e posição.³⁴ Num artigo sobre o Espírito santo, do número de 15 de janeiro de 1991 de *A Sentinela* (página 5), a organização vê-se de fato obrigada a admitir este sentido da palavra “nome” ao explicar o significado do termo em Mateus 28:19, “batizando-os em o nome do Pai e do Filho e do espírito santo.” Visto que não se dá ao espírito Santo nenhum “nome” em sentido comum, é evidente que o termo é aqui usado num outro sentido. Já na edição de 15 de dezembro de 1944 (em inglês), *A Sentinela* fazia a seguinte afirmação (páginas 371, 372):

³³ Provérbios 10:7, 22:1 e Eclesiastes 7:1 são só alguns exemplos.

³⁴ Compare com Mateus 10:41, onde o grego literalmente reza: “em nome de um profeta”; (Veja a *Tradução Interlinear do Reino*), veja também Filipenses 2:9-11; Hebreus 1:3, 4. O número de *A Sentinela* de 15 de maio de 1985 (página 17), cita Isaias 62:2, e as palavras dirigidas a Israel: “E serás realmente chamada por um novo nome”, e então diz: “Este ‘nome’ refere-se à condição bendita à qual esses hodiernos discípulos ungidos foram ajuntados.”

O batismo no nome do Filho significa mais que simplesmente o nome literal do Filho, Jesus Cristo, assim como nome representa mais que seu significado literal. Os nomes carregam toda honra, autoridade, poder e o cargo que o Pai atribuiu ao Filho.

O que se aplica ao “nome do Filho” em relação ao nome literal “Jesus Cristo”, aplica-se também ao “nome do Pai” em relação ao nome literal “Jeová”.

Esta mesma expressão “em nome de”, pode, portanto, significar também que aquele que afirma falar ou agir “em nome de” outra pessoa, afirma ter a autoridade de *representar essa pessoa*.³⁵

Em última instância, pois, ao falar do “nome” de alguém, a verdadeira referência pode ser não só à palavra ou expressão usada para designar um indivíduo, mas à *própria pessoa*, sua personalidade, qualidades, princípios e histórico, àquilo que ela própria *é*. (De modo similar, quando apelamos a alguém “em nome da misericórdia”, referimo-nos a tudo que a qualidade da misericórdia representa e significa). Pode-se, então, dizer apropriadamente que, mesmo que conheçamos o nome pelo qual alguém é chamado, se não o conhecemos pelo que ele realmente é, não conhecemos realmente o “nome” dele no sentido verdadeiro e vital.

Quando preparei o artigo “Jeová” para o livro *Ajuda*, incluí a seguinte citação do erudito em hebraico, professor G.T. Manley:

Um estudo da palavra ‘nome’ no V[elho] T[estamento] revela o quanto esta palavra significa em hebraico. O nome não é simples rótulo, mas é representativo da verdadeira personalidade daquele a quem pertence.³⁶

³⁵ Confira Êxodo 5:23; Deuteronômio 10:8; 18:5, 7, 19-22; 1 Samuel 17:45; Ester 3:12; 8:8, 10; Atos 3:16; 4:5-10; 2 Tessalonicenses 3:6.

³⁶ *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, página 847. (*Estudo Perspicaz*, Vol. 2, página 495) Falando sobre o nome de Deus nas Escrituras Hebraicas, Geerhardus Vos, em sua *Biblical Theology* (1959, página 76f) afirma de modo similar: “Na Bíblia, o nome sempre é mais que um sinal convencional. Ele expressa caráter ou história.” Em harmonia com isto, a revista *A Sentinela* (em inglês) de 1º de fevereiro de 1945 (página 41), revisou primeiro a posição e a autoridade do Pai e depois declarou: “A pessoa não pode batizar-se validamente, a menos que tenha reconhecido estes fatos quanto ao nome de Jeová, cujo nome representa o que ele é.”

“Conhecer o nome de Deus” significa, pois, bem mais que simplesmente saber a palavra que o designa. Escrevendo sobre os que afirmam que Êxodo 6:2, 3 indica que o Tetragrama ou o nome “Jeová” foi conhecido pela primeira vez na época de Moisés, o professor de hebraico D. H. Weir escreve:

[Eles] não estudaram [estes versículos] à luz de outros textos; senão, teriam percebido que com *nome* deve-se querer dizer aqui não as duas sílabas, que compõem a palavra Jeová, mas a idéia que esta expressa. Quando lemos em Isaías, cap. lii. 6: ‘*Portanto, meu povo conhecerá o meu nome*’; ou em Jeremias, cap. xvi. 21: ‘*Saberão que meu nome é Jeová*’; ou nos Salmos, Sal. ix. [10, 16]: ‘*Os que conhecem o teu nome confiarão em ti*’; vemos imediatamente que conhecer o nome de Jeová é algo bem diferente de se conhecer as quatro letras que o compõem. É saber por experiência que Jeová realmente é aquilo que seu nome declara que é. (Veja também Is. xix. 20, 21; Ez. xx. 5, 9; xxxix. 6, 7; Sal. lxxxiii. [18]; lxxxix. [16]; 2 Cr. vi. 33.) — *The Imperial Bible-Dictionary*, Vol. I, pp. 856, 857.³⁷

Por ter reconhecido este significado muito mais profundo do termo “nome” na Bíblia, ao escrever o artigo “nome” para o livro *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, incluí esta afirmação (páginas 1195, 1196):

³⁷ Veja também *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 2, página 501.

O NOME DE DEUS

Conhecer um indivíduo o nome de Deus significa mais do que mera familiaridade com tal palavra. (2 Crô. 6:33) Significa, em realidade, conhecer a Pessoa — seus propósitos, suas atividades, e suas qualidades, conforme revelados em sua Palavra. (Compare com 1 Reis 8:41-43; 9:3, 7; Neemias 9:10.) Isto é ilustrado no caso de Moisés, um homem a quem Jeová ‘conhecia por nome’, isto é, conhecia de modo íntimo. (Êxo. 33:12) Moisés teve o privilégio de ver uma manifestação da glória de Jeová, e também de ‘ouvir o nome de Jeová ser declarado’. Essa declaração não era simplesmente a repetição do nome “Jeová”, e sim uma declaração sobre os atributos e as atividades de Jeová. (Êxo. 34:6, 7) Similarmente, o cântico de Moisés, que continha as palavras “pois declararei o nome de Jeová”, narra os modos de Deus lidar com Israel e descreve a Sua personalidade. — Deut. 32:3-44.

Quando Jesus Cristo estava na terra, ele ‘manifestou o nome de seu Pai’ a seus discípulos. (João 17:6, 26) Tais discípulos, embora já conhecessem esse nome e estivessem familiarizados com as atividades de Deus, conforme registradas nas Escrituras Hebraicas, vieram a conhecer a Jeová de forma muito melhor e dum modo mais grandioso através Daquele que está “na posição junto ao seio do Pai”. (João 1:18) Cristo Jesus representava de modo perfeito a seu Pai, fazendo as obras de seu Pai e falando, não por iniciativa própria, mas as palavras de seu Pai. (João 10:37, 38; 12:50; 14:10, 11, 24) É por isso que Jesus podia dizer: “Quem me tem visto, tem visto também o Pai.” — João 14:9.

Isto mostra claramente que os únicos que verdadeiramente conhecem o nome de Deus são aqueles que são Seus servos obedientes. (Compare com 1 João 4:8; 5:2, 3.) A garantia de Jeová, no Salmo 91:14, portanto, aplica-se a tais pessoas: “Protegê-lo-ei por ele ter chegado a conhecer meu nome.” O nome em si não é um amuleto mágico, mas a Pessoa designada por tal nome pode fornecer proteção para seu povo devotado. Assim, o nome representa o próprio Deus. É por isso que o provérbio diz: “O nome de Jeová é uma torre forte. O justo corre para dentro dela e recebe proteção.” (Pro. 18:10) É isso que fazem as pessoas que lançam seu fardo sobre Jeová. (Sal. 55:22) Semelhantemente, amar o nome de Jeová (Sal. 5:11), cantar-lhe louvores (Sal. 7:17), invocá-lo (Gên. 12:8), dar-lhe graças (1 Crô. 16:35), jurar por ele

(Deut. 6:13), lembrar-se dele (Sal. 119:55), temê-lo (Sal. 61:5), procurá-lo (Sal. 83:16), confiar nele (Sal. 33:21), exaltá-lo (Sal. 34:3) e esperar nele (Sal. 52:9) é fazer tais coisas com referência ao próprio Jeová. Falar de forma abusiva do nome de Deus é blasfemar contra Deus. — Lev. 24:11, 15, 16. 38

Podemos entender isto pelo fato de que o termo “nome” é usado de modo idêntico com referência ao Filho de Deus. Quando o apóstolo João escreve, “Contudo, aos que o receberam, *aos que creram em seu nome*, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus”, ele não se refere simplesmente ao nome “Jesus”.³⁹ Ele se refere à *pessoa* do Filho de Deus, ao que ele *é* como o “Cordeiro de Deus”, sua posição devidamente designada como Resgatador, Redentor e Mediador em favor da humanidade. Reconhecendo isto, em vez de “creram em seu nome” algumas traduções rezam: “creram *nele*” (*Bíblia na Linguagem de Hoje*); “acreditaram *nele*” (*An American Translation*); “a *ele* empenharam sua fidelidade” (*New English Bible*).⁴⁰

Será que o mero uso do nome “Jesus”, ou mesmo pronunciá-lo com muita frequência, ou chamar constante atenção para esse nome literal, provaria algo com respeito a alguém ser genuíno crente em Cristo, seu verdadeiro seguidor? Obviamente, nenhuma destas coisas demonstraria, por si, que alguém é realmente cristão. Tampouco significariam que alguém está de fato “tornando conhecido o nome” do Filho de Deus no real sentido bíblico. Milhões de pessoas hoje regularmente usam e falam o nome “Jesus”. Todavia, muitas delas representam de forma errada e obscura o nome verdadeiro e vital do Filho de Deus, porque sua atitude e proceder estão muito longe de refletir os ensinamentos, a personalidade ou o modo de vida de que ele foi exemplo. Suas vidas não demonstram uma conduta consistente com a fé no poder dele de prover redenção. Isso, e não o uso de determinada

³⁸ A mesma matéria acha-se em *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 2, página 101.

³⁹ João 1:12, *NVI*.

⁴⁰ De modo similar, a publicação de 1988 da Torre de Vigia, *Revelação — Seu Grandioso Clímax Está Próximo!*, página 280, considerando Revelação capítulo 19, versículo 12, e sua referência ao “nome” escrito designado a Cristo, o qual “ninguém conhece, exceto ele mesmo”, reconhece que este “parece representar a posição e os privilégios que Jesus usufrui durante o dia do Senhor”, não sendo, portanto, um nome no sentido comum e corriqueiro do termo.

palavra ou substantivo próprio, é o que está envolvido em ‘crer no nome dele’.⁴¹

O mesmo se aplica ao uso do nome “Jeová”. Não importa com que frequência indivíduos ou uma organização de pessoas possam proferir esse nome literal (alegando uma justiça especial por meio do repetido uso deste nome), se não refletem genuinamente em atitude, conduta e prática, aquilo que a própria Pessoa é — suas qualidades, caminhos e padrões — então não chegaram realmente a “conhecer seu nome” no sentido bíblico. Não conhecem de fato a *pessoa* ou a personalidade representada pelo Tetragrama.⁴² O uso desse nome não seria então mais que honrar com os lábios.⁴³ Se afirmam falar “em seu nome” e ainda assim deturpam o que Ele mesmo declara em sua própria Palavra, fazem predições falsas “em seu nome”, inventam e impõem legislação e regras não-bíblicas “em seu nome” ou realizam julgamentos e condenações injustas “em seu nome”, então, de fato, “tomaram seu nome em vão”. Agiram de um modo que nem tem sua autorização e nem reflete suas qualidades e padrões e aquilo que Ele próprio é como Pessoa.⁴⁴

O mesmo ocorre com o uso de alguma forma do Tetragrama com propósitos sectários, empregando-o como meio de distinguir um grupo religioso de outros grupos religiosos. A evidência é que o nome “Testemunhas de Jeová” foi criado para atender a este objetivo. Do mesmo modo, “louvar seu santo nome” ou “santificar seu nome” não significa simplesmente louvar determinada palavra ou expressão, pois como poderia alguém ‘louvar uma palavra’ ou ‘louvar um título’? Em vez disso, significa claramente louvar *a própria Pessoa*, falar sobre Ele e suas qualidades e caminhos com reverência e admiração, vê-lo e respeitá-lo como Santo no sentido superlativo.

⁴¹ Confira Mateus 7:21-23; veja também o artigo sobre “Jesus Cristo” em *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, no subtítulo “O pleno significado de seu ‘nome’”, página 887; a mesma matéria está em *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 2, página 543.

⁴² Confira Ezequiel 36:20.

⁴³ Confira Oséias 8:1, 2; Mateus 15:8.

⁴⁴ Veja uma consideração mais ampla deste aspecto no capítulo 11 deste livro.

O modo definitivo de identificar o Deus Verdadeiro

Obviamente, é preciso que se identifique a Pessoa louvada. Para fazê-lo, porém, não nos limitamos ao uso de uma só designação específica.

Os apóstolos e discípulos de Cristo Jesus que redigiram as Escrituras Cristãs referiam-se regularmente a Deus como “Deus” na vasta maioria dos casos. Enquanto em cerca de 22 casos eles usaram o termo “Senhor” junto com “Deus”, e numas 40 vezes acompanharam o termo “Deus” de uma referência ao “Pai”, em cerca de outras 1.275 vezes eles simplesmente disseram “Deus”. Está claro que não sentiram necessidade ou obrigação de prefaciá-lo regularmente esse termo com algum outro nome, como “Jeová”. Todo o contexto em que escreveram deixava claro sobre quem estavam escrevendo.

Assim, embora admitindo o fato de que há “muitos deuses” e “muitos senhores” que são adorados, o apóstolo passa a dizer que “para nós há realmente um só Deus, o Pai, de quem procedem todas as coisas, e nós para ele; e há um só Senhor, Jesus Cristo, por intermédio de quem são todas as coisas, e nós por intermédio dele”.⁴⁵ Podemos notar que nem mesmo na *Tradução do Novo Mundo*, o apóstolo Paulo sentiu necessidade de usar o Tetragrama para identificar o Deus verdadeiro entre os inúmeros deuses das nações. (Nisto, mais uma vez, ele deixa de refletir o conceito e a prática atuais da organização Torre de Vigia) Alguns, de fato, sustentam que o Tetragrama pertence somente ao “Deus dos judeus”. As palavras de Paulo em Romanos 3:29 mostram que às vezes ele sentiu necessidade de esclarecer que o Deus de quem falava não era limitado. Quando falou aos atenienses que adoravam muitas deidades, ele identificou claramente para eles o Deus verdadeiro, mas não *mediante o uso do nome “Jeová”* ou de uma forma similar do Tetragrama.⁴⁶ Se há interesse de evitar qualquer confusão de identidade, é inegável que nenhuma designação identifica mais claramente o Deus verdadeiro que “o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” encontrada com frequência nos escritos apostólicos.⁴⁷

⁴⁵ 1 Coríntios 8:5, 6.

⁴⁶ Atos 17:16-34

⁴⁷ Romanos 15:6; 2 Coríntios 1:3; 11:31; Efésios 1:3; Colossenses 1:3; 1 Pedro 1:3; 2 João 3.

Por meio de seu Filho Deus revela seu verdadeiro nome

Quando nós, como humanos, damos a conhecer nosso nome pessoal a outros ao ponto de *nos revelarmos a eles*, deixamos de ser anônimos. Tal revelação resulta também em produzir *uma relação mais íntima* entre as pessoas, eliminando até certo ponto a sensação de serem estranhas entre si. Como mostramos, porém, é quando tais pessoas vêm a conhecer-nos pelo que *somos*, pelo que *representamos*, pelas *qualidades* que temos, pelo que *fizemos* ou *estamos fazendo*, é só então que passam a conhecer nosso “nome” no sentido mais importante. O nome pessoal que levamos é, na realidade, pouco mais que um símbolo; não é o nome de real importância.

Ao se revelar a seus servos e a outros nos tempos pré-cristãos, Deus usou predominantemente, embora não de modo exclusivo, o nome representado pelo Tetragrama (IHVH). Mas a revelação de seu nome no sentido verdadeiro, crucial e vital surgiu através da revelação Dele mesmo como uma Pessoa suprema, todo-poderosa, santa, justa, misericordiosa, compassiva, com propósito, cumpridora de suas promessas. Assim mesmo, a revelação cumprida naquele tempo foi pequena comparada com a que viria.

É com a vinda do Messias, o Filho de Deus, que a revelação majestosa do “nome” de Deus se faz em pleno sentido. Como diz o apóstolo João:

Ninguém jamais viu a Deus; o Filho único, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer.⁴⁸

Através de seu Filho, Deus se revela — Sua realidade e personalidade — como nunca antes. Por meio desta revelação Ele também abre caminho para entrarmos numa relação íntima e exclusiva com Ele, como a de filhos com um Pai, não só filhos de Deus, mas herdeiros, herdeiros junto com seu Filho unigênito. Assim, João diz também sobre os que depositam fé no Messias de Deus, Jesus Cristo: “No entanto, a tantos quantos o receberam, a estes deu autoridade para se tornarem filhos de Deus, porque exerciam fé no seu nome.”⁴⁹

⁴⁸ João 1:18; BJ.

⁴⁹ João 1:12; veja também Romanos 8:14-17; Gálatas 4:4-7.

Alguns anos depois de completado o livro *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, a pesquisa que fiz sobre o sentido da palavra “nome” serviu de base para o artigo publicado no número de 15 de agosto de 1973 de *A Sentinela*, intitulado “Por que dá vida ter ‘fé no nome’ de Jesus Cristo?” e outro na *Sentinela* de 1º de novembro de 1973, intitulado “De que significado lhe é o nome de Deus?” *Virtualmente todos os pontos relativos ao sentido mais profundo do termo “nome” que até agora consideramos foram apresentados nesses artigos.* Entre outras coisas, o segundo artigo citado considerou a oração de Jesus na noite anterior à sua morte, na qual disse a seu Pai:

Tenho feito manifesto o teu nome aos homens que me deste do mundo... vigia sobre eles por causa do teu próprio nome que me deste... E eu lhes tenho dado a conhecer o teu nome e o hei de dar a conhecer.⁵⁰

Após perguntar de que modo Jesus ‘deu a conhecer o nome de Deus’ aos seus apóstolos, citou-se (página 643) o seguinte comentário de Albert Barnes, em *Notes, Explanatory and Practical on the Gospels* (1846):

A palavra *nome* [em João 17] inclui os atributos ou o caráter de Deus. Jesus dera a conhecer seu caráter, sua lei, sua vontade, seu plano de misericórdia. Ou, em outras palavras, revelara-lhos Deus. A palavra *nome* é muitas vezes usada para designar a pessoa.⁵¹

Depois desta citação, o artigo da *Sentinela* continuou comentando o seguinte:

Portanto, ao passo que Jesus ‘explicava o Pai’ por todo o seu próprio proceder perfeito na vida, na terra, ele realmente ‘dava a conhecer o nome de Deus’. Demonstrava que falava com o pleno apoio e a autoridade de Deus. Jesus podia por isso dizer: “Quem me tem visto, tem visto também o Pai.” O “nome” de Deus assim assumiu um significado maior para seus primitivos seguidores.

⁵⁰ João 17:6, 11, 26.

⁵¹ Várias traduções demonstram reconhecer isto, de modo que quando vertem os versículos acima, de João, capítulo 17, em vez de “Tenho feito manifesto o teu nome”, dizem: “Eu mostrei quem tu és” (*BLH*); “Eu te revelei” (*New International Version*); “Eu te trouxe honra” (*Phillips Modern English*); “Revelei o teu verdadeiro ser.” (*American Translation*)

Este artigo da *Sentinela* de 1º de novembro de 1973 trazia várias afirmações que refletiam muitos conceitos básicos da organização Torre de Vigia, que são, de fato, de natureza sectária. Creio, porém, que é certo dizer que, no todo, ele apontou o sentido bíblico correto da palavra “nome”. O artigo ressaltava regularmente que fazer as coisas em “nome de Deus” significa bem mais que o mero uso ou pronúncia do nome “Jeová”. Seria interessante as pessoas hoje revisarem essa matéria. Embora o que escrevi neste artigo tenha sido aprovado para publicação pela organização, e embora, pelo que sei, jamais tenha sido refutado, a revista *A Sentinela* não trouxe, desde então, informação deste tipo. Seus artigos manifestam quase total falta de consideração para com o princípio que ali se apresentou com apoio bíblico.⁵²

Ao condenar aqueles a quem classifica como “apóstatas”, a revista *A Sentinela* cita, como “prova” da “apostasia” deles, que não dão ao uso do nome “Jeová” a mesma importância que lhe dá a organização das Testemunhas. Além do que já apresentamos aqui, há muito mais evidências que mostram que, se o uso que a organização Torre de Vigia faz do termo está correto e exemplifica a honra apropriada ao “nome” de Deus, isto tornaria então Jesus e seus apóstolos também apóstatas.

A designação que Cristo preferia

Em comparação com as 6.800 ou mais referências a “Jeová”, as Escrituras Hebraicas pré-cristãs trazem apenas cerca de uma dúzia de casos em que se faz referência a Deus como “Pai”. Mesmo nestes casos, o termo é usado principalmente com respeito à relação de Deus com o povo de Israel, e não à sua relação com o indivíduo.⁵³

É apenas com a vinda do Filho de Deus e a *revelação* que faz de seu Pai, que esta relação íntima realmente se manifesta. A *Tradução do Novo Mundo* das Escrituras Cristãs insere o nome “Jeová” 237 vezes nesses escritos, e o faz sem base sólida. Todavia, mesmo com esta introdução essencialmente arbitrária de algo que não se acha em

⁵² Também escrevi o artigo intitulado “O Papel Superlativo de Cristo Jesus nos Propósitos de Deus”, que de modo similar trata da evidência bíblica quanto à maneira em que o Filho de Deus “deu a conhecer” o Pai (páginas 645-647).

⁵³ Confira Deuteronômio 32:6, 18; 1 Crônicas 28:6; 29:10; Salmo 2:7; 89:26; Isaías 63:16; 64:8; Jeremias 3:4; 3:19.

nenhum manuscrito antigo das Escrituras Cristãs, as referências a Deus como “Pai” se destacam mais ainda, pois é assim que Ele é chamado cerca de **260 vezes** nesses escritos cristãos, e isso sem ser necessária a introdução arbitrária do termo pelos tradutores.

Contrário à prática comum das Testemunhas de Jeová quando se dirigem a Deus em oração, Jesus nunca se dirigiu a Ele como “Jeová”, mas sempre como “Pai” (empregando essa expressão seis vezes somente em sua oração final com os discípulos). Nem na *Tradução do Novo Mundo* encontramos Jesus uma só vez dirigindo-se ou referindo-se a seu Pai como “Jeová”.⁵⁴ Deste modo, quando ele ora a seu Pai, dizendo “Pai, glorifica o teu nome”, é evidente que o termo “nome” é usado aqui em seu sentido mais pleno e profundo, representando a própria Pessoa. De outro modo, a completa ausência nas orações de Jesus de um vocativo específico, como “Jeová”, seria inexplicável.⁵⁵ Quando com seus discípulos, na noite anterior à sua morte, tanto ao falar com eles como numa longa oração, Jesus referiu-se ao “nome” de Deus quatro vezes.⁵⁶ Todavia, durante toda aquela noite, cheia de conselhos e exortações a seus discípulos, e em oração, *não se acha uma única ocorrência do uso do nome “Jeová”*. Em vez disso, ele utilizou de modo consistente o vocativo “Pai”, fazendo-o cerca de cinquenta vezes! Ao morrer, no dia seguinte, ele não clamou usando o nome “Jeová”, mas disse: “Deus meu, Deus meu”, e suas palavras finais foram: “Pai, às tuas mãos confio o meu espírito.”⁵⁷ Como cristãos, pois, o exemplo de quem devemos seguir? O de uma denominação religiosa do século 20 ou o do Filho de Deus, manifesto numa hora tão crucial?

Quando Jesus ensinou seus discípulos a orar, se tivesse seguido a prática desenvolvida entre as Testemunhas de Jeová pela organização Torre de Vigia, ele os teria ensinado a fazer orações a “Jeová Deus” ou a incluir esse nome em alguma parte das orações deles. Em vez disso,

⁵⁴ Mateus 11:25, 26; 26:39, 42; Marcos 14:36; Lucas 10:21; 22:42; 23:34, 46; João 11:41, 42; 12:28; 17:1, 5, 11, 21, 24, 25.

⁵⁵ João 12:28.

⁵⁶ João 17:6, 11, 12, 26.

⁵⁷ Mateus 27:46; Lucas 23:46.

ele os ensinou a seguir seu próprio exemplo e a dirigir suas orações a “Nosso Pai nos céus”.⁵⁸

Em nossas próprias relações familiares, não nos referimos ou nos dirigimos normalmente a nosso pai como “João”, “Ricardo”, “Fernando” ou outro nome qualquer. Fazer isto não indicaria o tipo de relação que usufruímos com nosso genitor. Dirigimo-nos a ele como “pai” ou de modo mais íntimo, como “papai” ou “paizinho”. Os que estão fora dessa relação não podem usar este termo. Devem restringir-se ao uso de um tratamento mais formal que envolva um prenome específico.

Assim, aos que com ele se tornam filhos de Deus por meio de Cristo Jesus, diz o apóstolo: “Ora, visto que sois filhos, Deus enviou o espírito do seu Filho aos nossos corações, e ele clama: *Aba* [termo aramaico para “papai”], Pai!”⁵⁹ Este fato, sem dúvida, é fundamental para explicar a razão da inevitável mudança, em que da ênfase pré-cristã ao nome “Jeová” passou-se para a ênfase cristã ao “Pai” celestial, pois não foi só em orações que Jesus fez deste termo sua expressão preferida. Como deixa clara a leitura dos evangelhos, em todas as suas conversas com seus discípulos, ele, sempre e primariamente, refere-se a Deus como “Pai”. É somente por se chegar a apreciar profundamente a relação íntima com o Pai, que o Filho nos abriu a possibilidade de podermos verazmente dizer que conhecemos o “nome” de Deus no sentido pleno e genuíno.⁶⁰

⁵⁸ Mateus 6:6-9; confira João 15:16; 16:26, 27.

⁵⁹ Gálatas 4:6; Marcos 14:36; Romanos 8:15.

⁶⁰ Confira Mateus 11:27. Em seu tratado, Rud Persson demonstra o uso abundante das palavras “adotadas” ou substitutas para referir-se a Deus por parte do povo judeu, incluindo o próprio Jesus e aqueles que mais tarde se tornaram cristãos. Assim, encontramos regularmente a expressão “reino de Deus” traduzido por “reino do céu”, na qual “céu” representa “Deus”. (Nem na *Tradução do Novo Mundo* vê-se a expressão “reino de Jeová”). O tratado dele apresenta um grupo de exemplos no qual, se o ponto de vista anunciado pela organização Torre de Vigia estivesse correto, certamente esperaríamos que os que falam ou escrevem se referissem ao nome “Jeová”, mas eles, em vez disso, usaram algum outro termo.

O Tetragrama se cumpre através do Filho de Deus

Há, todavia, outro aspecto que pode lançar luz sobre esta definitiva mudança de ênfase. O nome representado pelo Tetragrama (IHVH=Iavé, Jeová) provém duma forma do verbo “ser” (*hayáh*) Alguns eruditos acham que vem da forma *causativa* deste verbo. Se for assim, significaria literalmente “Aquele que causa que seja, que traz à existência”.⁶¹ Isto se harmonizaria com a resposta de Deus à pergunta de Moisés sobre o Seu nome, dizendo, segundo algumas traduções: “Serei o que serei.”⁶² Enquanto muitas traduções dizem aqui, “Eu sou o que sou”, *The International Standard Bible Encyclopedia* (Volume 2, página 507) diz sobre a tradução:

“Serei quem/o que serei”...é preferível porque o verbo *haya* [ser] tem um sentido mais dinâmico de ser — não o da pura existência, mas o de tornar-se, acontecer, estar presente — e porque o contexto histórico e teológico desses primeiros capítulos de Êxodo mostra que Deus se revela a Moisés, e posteriormente a todo o povo, não na natureza interna de Seu ser [ou existência], mas em Suas intenções ativas, redentoras, em favor deles. Ele “será” para eles “o que” Suas ações mostrarem que ele é.”⁶³

Nesta base, seria apropriado dizer que o nome representado pelo Tetragrama (Iavé ou Jeová) com sua ênfase ao *propósito* de Deus para seu povo, chega a seu verdadeiro cumprimento no Filho de Deus e através dele. O próprio nome “Jesus” (hebraico *Iexua*) significa “Jah salva”. Nele e através dele *todos os propósitos de Deus para a humanidade encontram sua plena realização*. Todas as profecias apontam no final para este Filho Messiânico, tornando-o seu foco. Em Revelação 19:10, o anjo diz a João que “testemunho de Jesus é o que

⁶¹ *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 2, página 500; *The International Standard Bible Encyclopedia*, Vol. 2, página 507.

⁶² Êxodo 3:14, *American Standard Version*, nota de rodapé.

⁶³ Com respeito à versão da *Tradução do Novo Mundo*, “Mostrarei ser o que eu mostrar ser”, *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol.2, página 500, diz: “Isto revela Jeová como Aquele que, com ação progressiva, causa que se torne o Cumpridor de promessas. Assim, ele sempre faz com que seus propósitos se realizem. Apenas o verdadeiro Deus poderia legítima e autenticamente levar tal nome.”

inspira o profetizar”.⁶⁴ O cumprimento dessas profecias irradia-se dele. O apóstolo, assim, pode dizer:

Pois quantas forem as promessas feitas por Deus, tantas têm em Cristo o “sim”. Por isso, por meio dele, o “Amém” [que significa “certo”, “verdadeiro”] é pronunciado por nós para a glória de Deus.⁶⁵

O clímax de todas as promessas de Deus e seu propósito redentor em Cristo Jesus e através dele pode, então, dar explicação adicional para a mudança que é claramente evidente nas Escrituras Cristãs quando comparada às Escrituras Hebraicas em sua forma de referir-se a Deus. Isto explicaria por que Deus propositalmente faz a atenção voltar-se tão abundantemente para o nome de seu Filho, e por que seu Espírito santo inspirou os escritores cristãos da Bíblia a fazê-lo. Esse Filho é o “Amém”, a “Palavra de Deus”, Aquele que pode dizer “vim em nome de meu Pai”, no sentido mais pleno e importante da palavra “nome”.⁶⁶

No tempo em que os israelitas viajavam para Canaã, Jeová afirmou que enviaria seu anjo adiante deles para guiá-los. Eles tinham de obedecer àquele guia angélico, disse ele, “porque meu nome está nele”.⁶⁷ Num sentido bem maior, Deus fez que seu “nome” estivesse em Cristo Jesus durante sua vida terrena. Assim, alguns textos das Escrituras Hebraicas que contêm declarações relacionadas a “Jeová” foram aplicados, nas Escrituras Cristãs, ao Filho, sendo que a base para isso foi, evidentemente, que o Pai havia investido nele todo poder e autoridade para falar e atuar em Seu nome, porque este Filho proveu uma *revelação* perfeita da personalidade e do propósito do Pai em

⁶⁴ Veja também 1 Pedro 1:10-12.

⁶⁵ 2 Coríntios 1:20, *NVI*.

⁶⁶ Lucas 13:35.

⁶⁷ Êxodo 23:21. Reconhecendo o sentido bíblico da palavra “nome”, em vez de “meu nome está nele”, a *New English Bible* diz ali, “minha autoridade repousa nele”, e a *American Translation* verte a mesma frase por “Manifestar-me-ei nele.”

todas as formas, e porque o Filho é o Herdeiro real e legítimo de seu Pai.⁶⁸

De todas estas formas, pois, por sua revelação única e insuperável de Deus, por dar a conhecer como nunca antes a personalidade, o propósito e os tratos de seu Pai, e por abrir a todos o caminho para uma relação com Deus como seus filhos, Jesus Cristo deu a conhecer e glorificou o nome verdadeiro e vital de seu Pai nos céus. Em oração a seu pai, na noite anterior à sua morte, tendo dito sinceramente, “Eu te tenho glorificado na terra, havendo terminado a obra que me deste para fazer”, ele pôde então dizer corretamente: “Tenho feito manifesto o teu nome aos homens que me deste do mundo.... Santo Pai, vigia sobre eles por causa do teu próprio nome que me deste, para que sejam um, assim como nós somos.”⁶⁹

A inserção arbitrária obscurece os ensinamentos bíblicos

Um dos aspectos mais sérios desta questão é que, pela inserção arbitrária do nome “Jeová” nos inúmeros casos em que os manuscritos rezam “Senhor” (grego, *kyrios*), a *Tradução do Novo Mundo* amiúde deturpa seriamente do papel e função gloriosos que o Pai designou ao Filho. Considere o assunto do apóstolo em Romanos 10:1-17. Toda a ênfase deste trecho da carta de Paulo é à fé em *Cristo*, que “Cristo é o fim da Lei, para que todo aquele que exercer fé possa ter justiça”, e Paulo fala da “palavra’ da fé, que estamos pregando”, dizendo, “se declarares publicamente essa ‘palavra na tua própria boca’, que *Jesus é Senhor*, e no teu coração exerceres fé, que Deus o levantou dentre os mortos, serás salvo.” No entanto, apesar de toda a ênfase à fé em

⁶⁸ Compare Hebreus 1:10-12 com Salmos 102:1, 25-27; Romanos 10:13 com Joel 2:32. Veja Mateus 23:39; João 1:14, 18; 5:43; 10:25; 16:27; 17:1-4; Colossenses 1:15; Hebreus 1:1-3. Não é que nestes Jesus *se tornasse* ou *fosse* Jeová, pois o próprio Cristo citou textos das Escrituras Hebraicas em que o nome claramente se aplica ao Pai, como em Isaías 61:1, 2 e Salmo 110:1. (Veja Lucas 4:16-21; Mateus 22:41-45) Se Cristo *fosse* Jeová, nos defrontaríamos então com o quadro sem sentido de Jeová ‘ungindo’ a si mesmo e ‘enviando’ a si mesmo para pregar, de Jeová ‘falando’ a si mesmo para ‘sentar-se’ à sua própria direita, conforme relatam estes textos.

⁶⁹ João 17:4, 6, 11; veja também o artigo já mencionado da *Sentinela* de 1º de novembro de 1973, sobre o assunto “O Papel Superlativo de Cristo Jesus nos Propósitos de Deus”.

Cristo como Senhor em todo o contexto circundante, quando a *Tradução do Novo Mundo* chega ao versículo 13, pondo de lado o fato de que o texto grego usa a palavra para “Senhor”, o tradutor insere aqui o nome “Jeová”, de modo que o texto reza: “Pois todo aquele que invocar o nome de Jeová será salvo.” É verdade que há uma expressão idêntica em Joel 2:32, e ali se fala em invocar o nome de “Jeová”. Mas *exige* isto que o tradutor passe por alto a evidência dos manuscritos antigos dos escritos dos apóstolos, ou será que lhe dá o direito de fazê-lo, substituindo o termo “Senhor” por “Jeová”? A pergunta, então, deve ser: O que mostram o contexto e o restante das Escrituras?

As Escrituras Cristãs deixam claro que “invocar o nome” do Filho com fé e “invocar o nome” do Pai não são de modo algum ações mutuamente excludentes. Tanto antes como depois da citada declaração de Paulo, o apóstolo tinha falado que o propósito e a vontade de Deus era que a salvação viesse por meio de seu Filho, o Cristo. Visto que o Filho veio “em nome de seu Pai”, “invocar o nome” do Filho para a salvação significa invocar simultaneamente o nome do Pai que o enviou.⁷⁰ Deus revelou-se por meio de seu Filho, de modo que quem visse o Filho estava, de fato, vendo o Pai.⁷¹ Vez após vez os discípulos de Cristo falaram de depositar fé no “nome” de Jesus, no sentido mais profundo e vital do termo.⁷² Em Pentecostes, após citar a *mesma expressão* da profecia de Joel citada por Paulo, Pedro disse à multidão que deviam ser “batizados no nome de Jesus Cristo, para o perdão de pecados”.⁷³ Ele declarou depois ao Sinédrio que “não há salvação em nenhum outro, pois não há outro nome debaixo do céu, que tenha sido dado entre os homens, pelo qual tenhamos de ser salvos.”⁷⁴ Quando falou a Cornélio e outros, Pedro disse sobre Cristo: “Dele é que todos os profetas [incluindo Joel] dão testemunho, de que todo aquele que deposita fé nele recebe perdão de pecados por

⁷⁰ Mateus 21:9, 23:39; João 5:43; note também a forma como os escritores cristãos manifestam que honrar o “nome” do Filho demonstra simultaneamente honra a seu Pai, Deus, como em Colossenses 3:17; 2 Tessalonicenses 1:12; 1 Pedro 4:14, 16; 1 João 3:23.

⁷¹ João 1:14-18; 14:9.

⁷² Confira Lucas 24:46, 47 e João 1:12; 2:23; 3:18; 20:31; 1 Coríntios 1:2; 1 João 3:23; 5:13.

⁷³ Atos 2:38.

⁷⁴ Atos 4:12.

intermédio de seu nome.”⁷⁵ Na época da conversão de Saulo de Tarso, Ananias falou a Cristo, em visão, de “todos os que invocam o teu nome”, e quando Saulo (ou Paulo) relatou depois o evento, ele citou Ananias dizendo que Deus queria que ele, Paulo “visse o Justo, e ouvisse a voz de sua boca”, de modo a “ser testemunha dele perante todos os homens”, do que vira e ouvira. Ele afirma que Ananias lhe disse em seguida: “Levanta-te, sê batizado e lava os teus pecados por invocares o seu nome [de Cristo].”⁷⁶

Em face de toda esta evidência, por que um tradutor atual passaria por alto a evidência dos textos mais antigos e ousaria substituir “o Senhor” por “Jeová” na declaração do apóstolo em Romanos 10:13? Em muitos casos, o contexto indica claramente que o “Senhor” de quem se fala é Deus, o Pai. Mas em outros casos o contexto aponta mais diretamente para o Filho, o Senhor Jesus Cristo. A alteração do texto de Romanos capítulo 10 não é um caso isolado em que as 237 inserções de “Jeová” no texto da *Tradução do Novo Mundo* (no lugar onde o manuscrito do idioma original diz “o Senhor”) têm o efeito de eliminar a aplicação a Cristo quando o contexto claramente o indica ou permite.⁷⁷ Se é vontade do Pai glorificar o Filho, dar-lhe um nome exaltado e fazer que esse “nome” seja objeto de fé, por que deveria algum de nós discordar de que Ele o faça? Similarmente, se os escritores cristãos, apóstolos e discípulos de Jesus, a maioria dos quais estiveram com ele, ouviram suas palavras diretamente e conheceram em primeira mão a forma como se referiu a Deus, não usaram o Tetragrama em seus escritos, por que devíamos, nós, na prática, tomar a posição de que eles deviam ter feito isso, outorgando-nos o direito de editar seus escritos inspirados para incluí-lo? Se o fizermos, estaremos realmente mostrando respeito ao “nome” de Deus, submetendo-nos à sua autoridade e vontade soberana? Ou estaremos, em vez disso, mostrando-nos voluntariosos em agir à margem dessa autoridade,

⁷⁵ Atos 10:42, 43.

⁷⁶ Atos 9:14, 17, 21; 22:14-16.

⁷⁷ Confira 1 Coríntios 7:17-23; 16:10; 2 Coríntios 3:14-18; Efésios 2:19-22; 6:5-9; Colossenses 3:22-24; 2 Tessalonicenses 2:2; Tiago 5:14, 15. Nestes versículos o contexto se refere a Cristo, ou pelo menos permite claramente que ele seja o “Senhor” de quem se fala, apesar de a *Tradução do Novo Mundo* negar esta aplicação e não admitir sequer a possibilidade de substituir “o Senhor” por “Jeová”.

tomando os assuntos em nossas próprias mãos, ao mesmo tempo em que afirmamos fazer isso “em seu nome”?

Ver os símbolos em sua perspectiva correta

Em vista de toda a evidência bíblica, e particularmente do exemplo de Jesus e seus apóstolos, parece claro que focalizar e enfatizar intensamente o nome “Jeová” prova pouco quanto à validade de uma religião afirmar que divulga e santifica o “nome de Deus” no seu sentido mais importante. As Escrituras Cristãs, conforme Deus achou por bem preservar-nos por meio de milhares de manuscritos antigos, de modo algum focalizam o Tetragrama em qualquer de suas formas. Mostram que o Filho de Deus não enfatizou essa designação, quer falando, quer em oração, revelando, em vez disso, que sua designação preferida era “Pai”. Mostram que os apóstolos e discípulos, em seus escritos, seguiram esse mesmo padrão. Relutar em seguir o exemplo deles, talvez até por temor de fazê-lo, pode ser resultado de mais um ponto de vista errôneo, um erro de juízo de valor.

Os humanos amiúde cometem o erro de focalizar o símbolo e deixar de ver e dar importância à coisa maior da qual o símbolo é mera representação. Mostra-se o devido respeito, por exemplo, à bandeira de uma nação. Deve-se respeito a esta, não por causa do pano da qual é fabricada nem do desenho específico que traz, mas porque é um símbolo do governo, da nação e dos ideais que ela representa. Todavia, alguns cometem o erro de esquecer que tal emblema nacional continua a ser um simples símbolo; não é, de modo algum, igual àquilo que ela simboliza. Podem professar grande reverência ao símbolo, ao passo que por sua conduta degradam aquilo que este representa, “vestem-se com a bandeira” enquanto se empenham em palavras e ações que violam as leis e princípios sobre os quais foi fundada a nação. Como sabem as Testemunhas de Jeová, devido a seus escrúpulos contra saudar a bandeira de qualquer nação, algumas pessoas nos Estados Unidos, durante os anos 40, formaram turbas violentas contra elas, espancando-as cruelmente e destruindo suas propriedades. Ao fazer isto, essas pessoas traíram as próprias leis e princípios da nação representada pela bandeira, desrespeitando as provisões de sua constituição e de seu sistema judiciário. Na nação africana de Malaui, a mesma importância irracional foi atribuída à carteira do partido nacional, e quando, por acatarem submissamente os ensinamentos e normas

da organização, as Testemunhas se recusaram a adquiri-la, foram espancadas, tiveram seus lares queimados e foram forçadas a fugir do país. Em todos estes casos, a importância extrema e desequilibrada que se atribuiu ao próprio símbolo contribuiu para atos que desonraram e degradaram aquilo que o símbolo representava. O símbolo pode ser modificado e até substituído, mas aquilo que ele representa pode permanecer o mesmo.

No campo da religião, alguns mostram o mesmo conceito desequilibrado para com os símbolos. Os israelitas cometeram repetidamente tal erro.⁷⁸ Por séculos Jeová utilizou a arca do pacto como símbolo de sua própria presença. A nuvem que aparecia acima da tampa da arca (evidentemente provendo uma luz milagrosa) no Santíssimo do templo simbolizava similarmente sua presença.⁷⁹ Sugerir que estas coisas um dia podiam deixar de existir parecia um sacrilégio aos israelitas, algo impensável. Todavia, veio o tempo em que Deus permitiu que tanto o arca do Pacto como o próprio templo fossem destruídos e que a nuvem do Santíssimo se fosse para sempre. O desaparecimento destes símbolos de modo algum rebaixou sua Pessoa ou sua glória. Ao invés, demonstrou Sua *superioridade* aos próprios símbolos. Estes não eram mais que uma sombra de coisas melhores e maiores, as realidades.⁸⁰

Devido à forma como morreu o Filho de Deus, a cruz tem sido historicamente usada pelas religiões cristãs em geral como símbolo

⁷⁸ Veja por exemplo, Números 21:9; 2 Reis 18:4.

⁷⁹ Êxodo 25:17-22; Levítico 16:2.

⁸⁰ Hebreus 9:1-5; 10:1.

dessa morte e do que ela significa para a humanidade.⁸¹ O apóstolo Paulo falou desse instrumento (chamado “estaca de tortura” na *Tradução do Novo Mundo*), como representativo da própria essência das boas novas que ele proclamou.⁸² Alguns, porém, fazem desse símbolo algo sagrado *em si mesmo*, indo ao ponto de praticamente atribuir-lhe poderes mágicos, como se esse símbolo fosse um talismã capaz de protegê-los do dano e do mal, dos poderes demoníacos. Assim, por supersticiosamente perverterem o símbolo, mostram-se falsos para com o Filho de Deus, cujo propósito na terra está resumido nesse símbolo.⁸³

O que se diz destes símbolos, aplica-se também à *palavra* que é usada para simbolizar uma pessoa, inclusive a pessoa de Deus. O nome representado pelas quatro letras do Tetragrama (Iavé ou Jeová) é digno de nosso profundo respeito, pois figura com grande destaque na longa história dos tratos de Deus com os homens, e especialmente com seu povo pactuado de Israel, durante o período pré-cristão. Mas o Tetragrama, qualquer que seja a pronúncia, permanece apenas um

⁸¹ Creio que o debate da Torre de Vigia, quanto a se o termo adequado para o instrumento da execução de Cristo é “estaca” ou “cruz”, é realmente de pouca importância. Sabemos que os romanos *utilizaram* com frequência a cruz (tal como hoje comumente a conhecemos) para propósitos de execução. E embora em outros contextos a cruz possa ter tido conotações sexuais naqueles tempos antigos, é perfeitamente óbvio que *quando era utilizada para executar pessoas* não havia nenhuma implicação sexual. Na insistência da Sociedade Torre de Vigia de que o termo grego *stauros* se refere a “estaca” ou “poste”, nunca se menciona neste contexto, ironicamente, que os postes eram um símbolo sexual muito comum, e assim eram *um símbolo fálico tanto quanto a cruz*. Veja *Despertai!* de 22 de dezembro de 1964, páginas 8-11; *A Sentinela* de 1º de fevereiro de 1975, páginas 92, 93.

⁸² 1 Coríntios 1:17, 18; Gálatas 6:14; Efésios 2:16; Filipenses 3:18.

⁸³ Confira Mateus 7:21-23. A pessoa que usa uma bandeira na lapela não prova, assim, reconhecidamente nada quanto à sinceridade de seu patriotismo. A pessoa que ostensivamente traz um crucifixo nada prova, igualmente, a respeito de seu cristianismo, e parece manifestar a mesma mentalidade do que usa a bandeira. Muitos que fazem isso, têm de admitir sinceramente que sentem uma sensação de desconforto, e até certa insegurança, se deixarem de usar o crucifixo. Qualquer pessoa que se sinta assim, deve refletir se tal dependência de um símbolo na verdade não detrai daquilo que é simbolizado, tirando-lhe parte de sua importância.

símbolo da Pessoa. Cometemos grave erro se atribuímos a uma palavra, embora usada como um nome de Deus, importância equivalente Àquele que ela representa, e muito pior é se consideramos *a própria palavra* como uma espécie de fetiche verbal, talismã ou amuleto capaz de proteger-nos do mal ou dos danos de poderes demoníacos. Fazendo assim, demonstramos que de fato perdemos de vista o sentido verdadeiro e vital do “nome” de Deus. Podemos exibi-lo com destaque, como se exhibe uma bandeira ou um crucifixo, mas não provamos nada quanto à sinceridade de nossa reverência ao verdadeiro Deus.⁸⁴

Algumas Testemunhas de Jeová que vieram a perceber quão longe dos ensinamentos bíblicos estão muitas das posições da organização, e até alguns que dela saíram, expressam, porém, a opinião de que Deus *tem de* fazer algo para corrigir a situação. Como ela se autodenomina “organização de Jeová”, eles acham que ela certamente receberá atenção especial de Deus. Em vista de toda a evidência bíblica considerada, não há razão para crer que o Deus Todo-poderoso, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, tenha pelo movimento religioso chamado “Testemunhas de Jeová” um interesse maior que pelas religiões do mundo que inegavelmente afirmam falar “em seu nome”, incluindo os movimentos da “Igreja de Deus”, os movimentos da “Igreja de Cristo”, ou, se for o caso, a Igreja Católica Romana com suas centenas de milhões de adeptos. Imaginar que Deus é obrigado a tomar alguma medida especial para limpar a organização Torre de Vigia, enquanto deixa que todos os problemas e falhas existentes em milhares de outras religiões continuem como estão, não tem, creio eu, nenhuma base bíblica sólida. Nenhum povo da terra estava mais intimamente ligado ao nome representado pelo Tetragrama (Iavé ou Jeová) que a nação israelita, aqueles a quem originalmente se dirigiram as palavras: “Vós sois as minhas testemunhas.” Todavia, Deus não “endireitou” aquela nação, e tampouco seu Filho o fez. Faltava-lhes (especialmente à liderança nacional) o desejo de mudar. A evidência é de que é isto também o que falta à Torre de Vigia como organização.

⁸⁴ Textos como o do Salmo 33:21, 118:10, 11, Provérbios 18:10 e outros que falam de confiar no nome de Deus, resistindo aos inimigos com base nesse nome, e correndo para ele em busca de refúgio, certamente significam que se deve depositar fé na pessoa cujo nome específico é somente um símbolo.

O fato de Deus “tirar um povo para o seu nome” tem, pois, significado bem mais profundo que a mera aplicação de uma palavra nominativa, e demonstrar que estamos entre os que santificam e proclamam o nome de Deus exige bem mais que o simples uso repetitivo de “Iavé” ou “Jeová” ou algum outro termo específico.⁸⁵ Assim como é fácil exhibir ou agitar uma bandeira, usar ou beijar uma cruz, mas bem mais difícil viver de acordo com os princípios que se crê que estes representam, também é relativamente fácil levar em nossos lábios certa palavra ou nome, mas bem mais difícil honrar aquele de quem esse nome ou palavra é somente um símbolo. Honramos e tornamos conhecido genuinamente o nome de nosso Pai no verdadeiro sentido, se levarmos vidas que mostrem que somos seus filhos, imitando-o em tudo que fazemos e tendo a seu Filho como nosso exemplo.⁸⁶

⁸⁵ Atos 15:14.

⁸⁶ Mateus 5:43-48.

15

A Grandeza das Boas Novas

Estou admirado de que estais sendo removidos tão depressa Daquele que vos chamou com a benignidade imerecida de Cristo, para outra sorte de boas novas. — Gálatas 1:6.

NAS boas novas apresentadas nas Escrituras está o fundamento da liberdade cristã. A própria proclamação dessas boas novas é um chamado à liberdade. Não seriam *boas novas* se levassem a outra coisa. Por causa daquilo a que nos levam é que são “gloriosas boas novas”, que desde seu início foram “boas novas de grande alegria”, e não há melhor meio de servir às pessoas do que partilhar com elas as boas novas.¹ Podem trazer em proporção bem maior a liberdade do medo, culpa e ansiedade, substituindo-os por uma confiança crescente, esperança e paz mental e de coração. Para fazer isto, contudo, essas boas novas não podem ser apresentadas de forma adulterada, manipuladas por homens.

Não há dúvida de que as Testemunhas de Jeová crêem que fazem parte de um esforço urgente para divulgar as boas novas em todo o mundo. Crêem que as próprias vidas das pessoas dependem de que tanto ouçam como aceitem a mensagem que trazem. Embora o *fervor* desta crença e a *motivação* que produz possam variar de Testemunha para Testemunha, ainda tem pelo menos de se admitir que, mesmo como um todo, as Testemunhas são mais que meros freqüentadores de igreja ou ouvintes passivos.

Para muitas Testemunhas, uma das provas mais fortes de que a organização Torre de Vigia é mesmo a única entidade que Deus aprovou como seu instrumento, é a crença de que só esta organização

¹ 2 Coríntios 4:4; Lucas 2:10.

na terra divulga as “boas novas do reino” e cumpre o predito “testemunho a todas as nações” que deve anteceder o fim de tudo.² O ensino da Torre de Vigia é que a parábola das “ovelhas e cabritos” e a divisão das pessoas de “todas as nações” em duas classes, com o destino eterno dos indivíduos sendo pesado na balança, estão agora se cumprindo por meio do trabalho de porta em porta das Testemunhas de Jeová à medida que distribuem a literatura da Torre de Vigia e, em grau maior ou menor, fazem revisitas. Ao exortar as Testemunhas à atividade de porta em porta, a organização faz uso freqüente das instruções de Jeová ao visionário “homem com tinteiro de secretário”, no capítulo 9 da profecia de Ezequiel, argumentando que o único modo em que esta pessoa simbólica podia ter cumprido sua missão de “marcar com um sinal a testa” dos que escapariam à vindoura destruição seria por contatar todos, principalmente por visitá-los em seus lares.³

Aqui também, a afirmação é que as Testemunhas de Jeová, *e só as Testemunhas de Jeová*, estão realizando esta obra mundial de ‘marcação’. Os cerca de 8.600 “ungidos” dentre elas são a moderna “classe do vigia”, e afirma-se taxativamente que: “Naturalmente, os que se recusam a escutar o ‘vigia’ de Jeová não têm esperança de sobrevivência.”⁴ Os que aceitam a mensagem dele recebem na testa (sede da inteligência) o “sinal” salvador. Diz-se às Testemunhas que deixar de participar nessa obra pode torná-las “culpadas de sangue” em relação aos que morrerem. Toda esta obra de testemunho, marcação e separação, com conseqüências de vida ou morte, tinha de ser plenamente realizada durante a existência da geração que já vivia em 1914 (ensinava-se isto até 1995). As Testemunhas recebem um fluxo constante de relatórios de aumento numérico em vários países, como evidência de que tudo isto é verdade e que a organização delas está, sozinha, e à parte de todas as outras religiões, cumprindo esta crucial tarefa global.

Quão válidas são estas afirmações e até que ponto está se cumprindo o objetivo anunciado?

² Mateus 24:14.

³ Ezequiel 9:1-11; veja *A Sentinela* de 1º de março de 1985, página 14.

⁴ *A Sentinela*, 15 de setembro de 1988, páginas 14, 15.

Quão global é o “testemunho mundial”?

De um pequeno início nos Estados Unidos em fins da década de 1870, as Testemunhas de Jeová estão hoje ativas em 212 países e ilhas. Os milhões de horas gastas anualmente no testemunho e as centenas de milhões de publicações distribuídas em dezenas de línguas são todos fatos concretos. Se a organização Torre de Vigia se contentasse em dizer que vem realizando uma notável proclamação internacional da sua própria mensagem, não haveria qualquer razão para discordar. Mas ela vai muito além, ao afirmar que ela, e só ela, é o instrumento através do qual Deus divulga as boas novas a toda a humanidade, cumprindo deste modo a visão do anjo que tem “boas novas eternas para declarar, como boas notícias aos que moram na terra, e a toda nação, e tribo, e língua, e povo”.⁵

Um exemplo da imagem que a organização tem de si própria acha-se na *Sentinela* de 1º de março de 1985, num artigo intitulado “Lança-se Luz em Meio às Trevas da Terra”, que trata do capítulo 60 da profecia de Isaías. Considerando os versículos 8 a 11 desta profecia, ele afirma que o “lançamento” da luz aplica-se especialmente de 1919 em diante, menciona o decrescente número das Testemunhas “ungidas”, e depois diz (página 16):

Este grupo que já fica idoso diminui em número, ao passo que um após outro termina a sua carreira terrestre em integridade. Restam ainda uns 9.000 deles. Mas outros, que ascendem a milhões, afluem como pombas para “as aberturas de seu pombal”, encontrando refúgio na organização de Deus. ([Isaías 60:8] NM; *The New English Bible*) São como as revoadas de pombos vistos na Palestina em certas épocas do ano — voando como nuvem, tão numerosos, que realmente obscurecem o céu.

...A seguir, Jeová dirige-se à sua organização, dizendo: “A nação e o reino que não te servirem perecerão; e as próprias nações, sem falta, sofrerão a devastação.” Todas as nações orgulhosas do mundo e outros opositores serão humilhados no Armagedom. Em contraste com isso, Jeová embeleza o seu próprio santuário de adoração. Ele ‘glorifica o próprio lugar dos seus pés’, os pátios terrestres de seu grande templo espiritual de adoração, ao passo que ajunta ali o sempre-crescente número da grande multidão. Por meio de outro profeta, Jeová declara:

⁵ Revelação 14:6.

“Vou fazer tremer todas as nações, e terão de entrar as coisas desejáveis de todas as nações; e eu vou encher esta casa de glória.” (Ageu 2:7) Mas os perseguidores, os apóstatas e outros opositores desrespeitosos ver-se-ão compelidos a ‘encurvar-se’ — reconhecendo, para o seu vexame, que as Testemunhas de Jeová realmente representam a organização de Deus — a “cidade de Jeová, Sião do Santo de Israel”. — Isaías 60:12-14.

O artigo seguinte intitulado “Jeová ‘Apressa Isso’” apresenta então exemplos de notável expansão numérica em vários países, e na sua conclusão diz (página 22):

Alegremo-nos de que, nos últimos anos, Jeová tem cuidado tão maravilhosamente da expansão das dependências das congêneres da Sociedade Torre de Vigia. Atualmente, essas congêneres estão equipadas para ajudar grandes bandos de “pombas”.

Portanto, participemos todos em deixar brilhar a luz das boas novas do Reino para outros milhões de pessoas! Indiquemos a todas as “pombas” regressantes o caminho para a “salvação” atrás das muralhas protetoras da organização de Jeová, e aumentemos o “louvor” de Jeová nos portões dela.

As Testemunhas de Jeová têm, sem dúvida, usufruído um notável aumento em muitos países do mundo, algumas áreas produzindo aumento maior e mais rápido que outras. Conforme vimos, dá-se muita ênfase a essa expansão como evidência convincente da bênção divina. Mas será que o *aumento numérico* de adeptos de uma religião é sempre um guia ou indicador seguro de que ela é especialmente escolhida por Deus?

Nunca se diz que outras religiões, como os Adventistas do Sétimo Dia e os Mórmons, religiões que, como a organização Torre de Vigia, tiveram seu início nos Estados Unidos durante o século 19, registraram aproximadamente a mesma taxa de crescimento que as Testemunhas

de Jeová.⁶ Obviamente, se aumento numérico fosse critério para determinar a aprovação e bênção de Deus, o enorme crescimento mundial da fé católica romana ao longo dos séculos, especialmente do quarto século em diante, devia então ser prova definitiva de ter usufruído a bênção divina. O padrão usado para validar suas próprias pretensões, todavia, não é aplicado pela organização Torre de Vigia a outras religiões.⁷

Se o alvo era conseguir renome e adeptos em nível internacional, esse alvo foi atingido. Mas se o alvo é alcançar *toda* a humanidade com a mensagem da Torre de Vigia antes que chegue a destruição, então os resultados alcançados, até agora, estão muito, muito aquém do alvo.

Basta considerar que a população da China, que ultrapassa agora um bilhão de pessoas, representa *um quinto da população total do mundo* e só existe um punhado de Testemunhas de Jeová entre essa enorme população.

Há cerca de 22.000 Testemunhas na Índia, mas com sua população de mais de 1 bilhão de pessoas isso representa apenas uma Testemunha para cerca de 45.000 pessoas. À medida que o número de Testemunhas na Índia cresce a uma taxa de 5 por cento ao ano (em 2000), a população da Índia também está crescendo a uma taxa de cerca de 26 milhões de pessoas por ano. Atualmente o tempo *médio* gasto em “serviço de campo” por cada Testemunha na Índia é cerca de uma hora

⁶ Por exemplo, em 1961 as Testemunhas de Jeová relataram 900.000 membros e os adventistas 1.200.000 membros. Em 2002, as Testemunhas de Jeová tinham aumentado para 6.200.000 e os adventistas para 12.566.000. Os mórmons também cresceram na mesma proporção durante este período. Em 2002, a Igreja Mórmon (Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias) relatou um rol de membros de 11.639.000, uma grande parte deles em países fora dos Estados Unidos. Os critérios para se determinar quem é membro certamente variam — as Testemunhas alistam apenas os que relatam horas no “serviço de campo”, ao passo que outras religiões mencionadas incluem um espectro maior — mas qualquer que seja o padrão, permanece o fato de que a *taxa de crescimento* ou *percentual de aumento* numérico é aproximadamente o mesmo.

⁷ Podemos considerar como apenas um exemplo moderno a religião chamada Igreja de Jesus Cristo, fundada nos anos 20 por Simon Kimbangu no país africano do Zaire. Tinha, há alguns anos, aproximadamente 7 milhões de membros em vários países.

por dia.⁸ A essa taxa, mesmo que o julgamento divino pudesse se basear em apenas *vinete minutos* de “testemunho” a um indivíduo, ainda assim as Testemunhas só conseguiriam alcançar pouco mais de *um por cento* das pessoas num ano. Mas a taxa anual de aumento da população da Índia é de três por cento. E uma grande parte das horas gastas “testemunhando” envolvem falar com as mesmas pessoas em “revisitas” e “estudos bíblicos domiciliares” ou simplesmente voltar a “territórios” cobertos anteriormente. Se todos os fatores permanecessem como agora — a taxa anual de aumento da população da Índia, o aumento anual de 11 % das Testemunhas (é altamente improvável que se mantenha) — e se 80 % de todo o tempo gasto fosse estritamente usado em contatar pessoas que não receberam “testemunho” antes, no ano 2014 as Testemunhas só teriam alcançado pouco mais de metade da população da Índia com esses vinte minutos de testemunho de julgamento de “vida ou morte”. Além disso, esse longo período de oportunidade de modo algum se encaixa no cenário criado pela organização, pois se diz regularmente às Testemunhas que “estamos no limiar da ‘grande tribulação’”.⁹

A proporção no Paquistão com os seus 136 milhões de habitantes é ainda mais desproporcional (245.487 pessoas para cada Testemunha).

As populações da China, Índia e Paquistão juntas representam dois quintos da população mundial, *duas de cada cinco pessoas que vivem na terra*. E só uma fração ínfima desta enorme população tem um conhecimento mínimo da mensagem da Torre de Vigia. Parece puro egoísmo que alguma organização creia que um Deus justo e amoroso fundamente seu julgamento de vida ou morte de toda a humanidade nessa base tão terrivelmente desequilibrada e frágil.¹⁰

A tudo isto se pode acrescentar cerca de outros 635 milhões de pessoas que se encontram nos países predominantemente muçulmanos da Arábia, África do Norte e Ocidental, Indonésia, Bangladesh, Afeganistão e Turquia, onde também só uma fração diminuta da

⁸ Esta média é calculada a partir das horas dos “pioneiros” de tempo integral somadas às dos “publicadores de congregação”.

⁹ Como na *Sentinela* de 1º de março de 1985, página 21.

¹⁰ Os dados citados nestes parágrafos são tirados dos gráficos dos números de *A Sentinela* de 1º de janeiro de 1990 e de 1991.

população foi contatada. Recordo que ao visitar o Marrocos numa viagem como “superintendente de zona” em 1978, os missionários da Torre de Vigia ali me informaram que a sede mundial em Brooklyn os tinha instruído estritamente a não tentar testemunhar aos muçulmanos, mas que restringissem seu testemunho apenas à pequena população européia, predominantemente cristã, daquele país.¹¹

As Testemunhas de Jeová, na realidade, estão hoje contatando, no máximo, cerca de *metade* da população da terra numa escala digna de menção. Em certos países a cobertura é intensiva e no Hemisfério Ocidental, Europa e outros lugares, as Testemunhas visitam as casas em algumas áreas com intervalos de até poucas semanas. No entanto, mesmo nestes países, incluindo os Estados Unidos, onde nasceu a organização Torre de Vigia, o fato é que aquilo que se diz às portas é breve, geralmente muito rotineiro e quase sempre se concentra na oferta de alguma literatura. A grande maioria das pessoas tem só uma vaga idéia do que a organização ensina, do que trata a sua mensagem. Basta perguntar a pessoas escolhidas por acaso nesses países o que é que elas sabem sobre as Testemunhas de Jeová, para descobrir que, embora possam encarar as Testemunhas basicamente como boas pessoas, para um alto percentual a única coisa que sabem da religião delas é que levam literatura de porta em porta, são contra outras religiões, e talvez que não aceitam transfusões de sangue ou não votam, ou posições negativas similares.

Por terem no fundo bom coração, muitas Testemunhas se perturbam com a idéia de que o destino das pessoas, quer a vida eterna quer a destruição eterna, será supostamente decidido mediante a reação da população da terra à proclamação pública da organização das Testemunhas. Explicou-se o ponto de vista de que a morte (sem possibilidade de ressurreição) no Armagedom de milhões de pessoas que vivem em países como China, Paquistão ou Índia é justificada pelo que se chama de “responsabilidade comunal”.¹² Mas isto pouco diminui a preocupação. A afirmação de que quando um governo não permite que a organização Torre de Vigia desenvolva atividades no

¹¹ Esta regra visava a evitar que fossem expulsos do país sob acusação de proselitismo.

¹² Veja *A Sentinela* de 15 de outubro de 1971, páginas 623, 624; 15 de dezembro de 1965, páginas 747, 749; *Despertai!* de 22 de março de 1964, página 29.

país controlado por esse governo, as pessoas então — por apoiarem o governo — partilham automaticamente da responsabilidade pela rejeição à organização Torre de Vigia e à sua mensagem, parece um esforço muito criativo de justificar a destruição eterna destas muitas centenas de milhões de pessoas, homens, mulheres e crianças. Especialmente nos casos em que a grande maioria das pessoas comuns não façam a menor idéia da mensagem da organização Torre de Vigia ou talvez nem sequer saibam da sua existência.¹³

Numa linha de raciocínio bem similar, está o comentário feito numa Assembléia de Distrito realizada em Nova York, em 1980, para Testemunhas de língua francesa (principalmente de origem haitiana) que vivem naquela área.¹⁴ O presidente da Torre de Vigia, Fred Franz, falou à assistência durante o programa e no seu discurso contou a experiência que tivera com um homem que anteriormente estudara para ser padre católico romano e que estava então estudando com as Testemunhas de Jeová. Ele falou das dúvidas desse homem sobre o Armagedom e de ele perguntar se era mesmo verdade que “apenas os que se tornarem Testemunhas de Jeová sobreviverão ao Armagedom e todos os outros sofrerão a destruição eterna”. O presidente disse que sua resposta foi: “É o que as Escrituras parecem mostrar.” O homem reagiu: “Mas até criancinhas?” O presidente disse que replicou: “Bem, pequenas lêndeas depois se tornam piolhos, e ratinhos crescem até se tornarem ratos grandes.” O fato de ele ter contado esta experiência e estas respostas diante de toda a assembléia demonstrou claramente sua crença de que tal ponto de vista era válido.

Se essas respostas satisfazem a alguns, eu não sei. Mas tenho certeza que outros as acham profundamente perturbadoras. Creio também que é o fato de as afirmações da organização serem tão voltadas para si mesma que obriga as pessoas a se saírem com estas opiniões radicais, destinadas a legitimar as pretensões dogmáticas e exageradas sobre a importância do que a organização está fazendo.

¹³ Veja, por exemplo, *A Sentinela* (em inglês) de novembro de 1957, páginas 694, 695.

¹⁴ A assembléia realizou-se de 7 a 10 de agosto no Salão de Assembléias das Testemunhas de Jeová de Long Island City.

É essa mesma posição extremamente exclusivista que faz com que a organização não leve em conta o que outras denominações religiosas fizeram ou estão fazendo como sendo parte da proclamação das “boas novas do reino”, ou pelo menos minimize seriamente a importância dos seus esforços. Em 1979, ao acompanhar missionários na atividade de casa em casa em Alto Volta [hoje Burkina Fasso], país da África Ocidental, lembro-me de ter reparado que eles levavam duas ou até três traduções diferentes da Bíblia, devido às várias línguas africanas faladas pela população de Uagadugu, capital do país. Pensei então no fato de que grande parte do testemunho deles seria muito limitado, deficiente, se não tivessem tais traduções. Estas, porém, não vieram a eles por meio da organização da Torre de Vigia; foram feitas por missionários e tradutores de outras denominações religiosas. O feito de traduzir a Bíblia, no todo ou em parte, para mais de 1.900 línguas é realmente notável.¹⁵ A Sociedade Torre de Vigia chama atenção para o *fato* dessa realização, mas reluta em reconhecer o *crédito* devido aos que fizeram isso, simplesmente porque não eram Testemunhas de Jeová. Todavia, a Bíblia é a própria fonte das boas novas, é onde as boas novas, tal como foram pregadas por Cristo e por seus apóstolos e discípulos, podem ser lidas na sua forma original, inalterada e não adulterada.

Visitei não só Alto Volta, mas também Senegal, Mali, Costa do Marfim e Benin. Reparei que em todos esses lugares — onde as religiões principais são o animismo e o islamismo — as Testemunhas chegavam, no máximo, a algumas centenas. No entanto, ao chegar a Camarões encontrei mais de 10.000 Testemunhas. Por que o contraste? A grande diferença era que Camarões tinha um percentual bem maior da população professando o cristianismo. Essa situação, contudo, era resultado da atividade missionária anterior de outras organizações religiosas, católicas e protestantes, que fora realizada antes mesmo do surgimento da organização Torre de Vigia. E a situação é igual em muitas partes do mundo, sendo o grau de êxito da atividade da Torre de Vigia em qualquer país muitas vezes equivalente à extensão em que outras organizações religiosas introduziram anteriormente a Bíblia nesse país. Praticamente em todo lugar onde hoje há Testemunhas, outras denominações cristãs estiveram ali primeiro, e, pelo menos em

¹⁵ Veja a *Despertai!* de 8 de julho de 1990, página 28.

parte, prepararam o caminho, especialmente traduzindo as Escrituras. Nos lugares onde estes sistemas eclesiásticos ainda não lançaram um alicerce, os esforços das Testemunhas raramente conseguem um número significativo de conversões.¹⁶

Dar a impressão de que, uma vez terminado o período do primeiro século, pouco ou nada se fez quanto à divulgação das boas novas nos dezessete séculos seguintes — até que finalmente a organização Torre de Vigia apareceu no fim da década de 1870 — é fazer as palavras de Jesus em Mateus 28:18-20 soarem muito vazias. O que ele assegurou firmemente aos seus seguidores no seu trabalho de fazer discípulos foi: “Certamente estarei convosco *sempre*, até o próprio fim das eras.”

Quão eficaz é o testemunho?

Se a trombeta não emitir um som claro, quem se preparará para a batalha? Assim acontece com vocês. Se não proferirem palavras compreensíveis com a língua, como alguém saberá o que está sendo dito? Vocês estarão simplesmente falando ao ar.
— 1 Coríntios 14:8, 9, *Nova Versão Internacional*.

Além da quantidade e extensão desta atividade de testemunho, que dizer da sua *qualidade*? Meros números num gráfico não revelam isto.

Mesmo superficialmente, podem-se ver problemas óbvios — que de longe a maior parte do que chamam “declarar as boas novas” é simples apresentação e distribuição de livros e revistas, a grande maioria dos quais se admite que nunca são lidos.¹⁷ Em meus quarenta anos de serviço ativo, acompanhei individualmente milhares de co-Testemunhas em muitos países quando iam de porta em porta. Só

¹⁶ Mesmo na China (onde as Testemunhas mal se estabeleceram) há cerca de 4.000 igrejas protestantes que reabriram desde a violenta Revolução Cultural de 1966-76. *Ao todo, cerca de 2,9 milhões de Bíblias foram produzidas na China só desde 1980*, e o projeto de 5 milhões de dólares da United Bible Society para 1986 em equipamento de impressão aumentou consideravelmente a produção. Em vista das fortes restrições governamentais que permanecem, isto é ainda mais notável. No entanto, os que promovem e realizam esta tarefa são todos classificados, segundo a doutrina da Torre de Vigia, como parte de “Babilônia a Grande”, a grande meretriz e inimiga violenta do cristianismo.

¹⁷ Veja as declarações de representantes em altas posições citadas no capítulo 6, deste livro, dizendo que relatar horas e “colocar” literatura são geralmente os objetivos da maioria dos “publicadores”.

raramente senti que o que diziam às portas podia se qualificar como algo próximo de um real testemunho do cristianismo. Afirmava-se, até alguns anos atrás, que era por meio desta atividade que as pessoas estavam sendo divididas em classes de ovelhas e cabritos, sob direção angélica, estando em jogo um desfecho de vida ou morte. Não posso crer que um Deus justo julgaria jamais qualquer humano como digno de ser salvo com base em ele aceitar ou não as apresentações de porta em porta que ouvi — ou as que eu mesmo fiz, segundo as instruções para o “serviço de campo” da organização. A impressão geral que fica em muitos ouvintes é, sem dúvida, de que são pessoas interessadas em vender literatura religiosa ou em advogar suas crenças sectárias particulares.

Igualmente significativa é a falta geral de sério interesse em dar ajuda adicional aos visitados (atitude que tem sido endêmica na organização desde que posso me recordar). Certamente isto não se aplica a todas as Testemunhas, mas de toda uma vida de associação posso acrescentar meu testemunho ao de outros já citados, de que aqueles a quem isto não se aplica são exceção em vez de regra. Predomina entre muitas Testemunhas a sensação do “dever” cumprido quando passam uma hora ou mais dando testemunho de porta em porta; “deram de seu tempo”, e essa é, evidentemente, sua grande preocupação. A grande maioria dos que aceitam literatura não são revisitados. Embora se distribua enorme quantidade de literatura, a *eficácia* desta gigantesca distribuição é muito limitada.¹⁸

Um ancião antigo, em resposta a um pedido de comentários feito pela organização em fins dos anos 70, escreveu para a sede mundial:

Cobrimos os Estados Unidos da América com nossa literatura e em menor grau o resto do mundo. Quando nos perguntamos honestamente que proporção dos milhões de livros e revistas e folhetos que

¹⁸ Evidência adicional desta ineficácia é vista, sem dúvida, na incrível quantidade de tempo gasto mundialmente cada ano em comparação com o número de pessoas batizadas. Durante os dez anos de 1981 a 1990, levaram-se em média *3003 horas de serviço de campo* para cada pessoa levada ao batismo. Isto equivale a gastar *8 horas por dia durante 375 dias* para encontrar e levar *uma pessoa* ao batismo. A média de 1990 era mais que o dobro da média durante os anos 50 (a média então era de 1283 horas de serviço de campo por pessoa batizada).

publicamos chegam a ser lidos pelas pessoas, talvez achássemos alarmante verificar como são poucos.

....Mesmo entre os nossos irmãos, se olharmos honestamente os fatos, provavelmente menos de metade da literatura que entra na casa chega a ser lida pela maioria deles.¹⁹

Outro respeitado ancião, também respondendo a um pedido de observações da organização, escreveu:

Conforme discutido previamente, nossa literatura não está sendo lida pelos publicadores [Testemunhas] ou pelo público. Cerca de um terço dos publicadores lê a literatura, muito menos o público. De fato, vários anciãos me disseram que se sentem culpados quando colocam livros de 384 e 416 páginas com o público, porque achavam os livros enfadonhos quando os estudávamos nas noites de terça-feira; eles próprios não os liam uma segunda vez, e me perguntavam como é que o público poderia ter algum apetite para isso se eles reagiam assim.²⁰

Portanto, grande parte do testemunho que *se dá*, na verdade vai “para o ar”, sem nenhum efeito informativo genuíno. É como se a distribuição de centenas de milhões de publicações por si só desse à organização um sentimento de dever cumprido, sem nenhuma real preocupação de que a vasta maioria delas não é lida. Métodos alternativos ou mais eficazes de ajudar as pessoas do que distribuir livros e revistas de porta em porta não são sequer considerados. Ergueu-se um grande sistema editorial que produz um constante fluxo de literatura que precisa ser escoada. A necessidade de distribuir predomina sobre as outras, mais vitais. No passado, o mensário de serviço de campo da organização, *Nosso Ministério do Reino*, promoveu, algumas vezes, que se desse maior ênfase à própria Bíblia na atividade de casa em casa. Mas alguns meses depois, invariavelmente, surgem artigos lembrando às Testemunhas que

¹⁹ Memorando de Dallas F. Wallace, que ainda é ancião proeminente e figura destacada na aquisição de propriedades pela organização.

²⁰ De um memorando entregue por Charles F. Leibensperger, de 1º de março de 1978. Ele é um ex-membro do pessoal da sede mundial e ainda é um ancião destacado.

continuem a oferecer os livros e revistas e volta-se ao padrão costumeiro da ênfase à colocação de literatura.²¹

As boas novas sobre o Filho de Deus são chamadas de “gloriosas boas novas”.²² Restringir sua divulgação ou equiparar sua proclamação essencialmente à distribuição de literatura de qualquer sistema religioso é reduzir em muito sua grandeza, trivializá-las e desconsiderá-las em vez de exaltá-las.

Minimizando tudo o que foi feito por outros grupos religiosos no passado, *A Sentinela* de 1º de novembro de 1981, página 17, afirma:

Compare a pessoa sincera a espécie de pregação do evangelho do Reino feita pelos sistemas religiosos da cristandade, durante todos os séculos, com a feita pelas Testemunhas de Jeová desde o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918. Não são iguais. A das Testemunhas de Jeová é realmente “evangelho”, ou “boas novas”, sobre o reino celestial de Deus, estabelecido pela entronização de seu Filho, Jesus Cristo, no fim dos Tempos dos Gentios em 1914.

Como ela mesma admite, a organização Torre de Vigia tem seu próprio “tipo” especial de boas novas, ligadas indissolivelmente a certa data. Isto, todavia, suscita a seguinte pergunta:

As boas novas originais ou uma versão alterada?

Ainda mais vital que os fatores já discutidos é a questão de se as “boas novas do reino” assim pregadas são as mesmas “boas novas do reino” pregadas por Cristo e seus apóstolos. Temos uma clara apresentação do que Jesus e seus apóstolos entendiam como “boas novas”. Se simplesmente pegarmos o relato bíblico e lermos o livro de Atos e os vários escritos dos apóstolos, é notável o contraste entre suas

²¹ Certa ocasião, quando havia um grande estoque de certa publicação, embora esse livro tivesse sido estudado anteriormente por todas as congregações nos grupos “de estudo de livro”, a sede mundial voltou a programar o uso dessa publicação, sabendo que o número de pessoas novatas que nesse ínterim tinham começado a se associar levaria grande parte senão todo o estoque. A necessidade de acabar com aquele estoque determinou como centenas de milhares de pessoas gastariam muitas horas no seu estudo. O que as necessidades espirituais delas de fato indicavam como apropriado não foi o fator determinante.

²² 2 Coríntios 4:4.

declarações de boas novas e aquelas que as Testemunhas falam às portas.

A mensagem da Torre de Vigia é voltada para boas novas que tratam principalmente das “condições mundiais” negativas e da esperança de iminente alívio dos problemas que estas causam, por meio da introdução de um “novo mundo” que está próximo o tempo todo, dirigido por um novo governo celestial.²³

Isto é, sem dúvida, um forte atrativo, já que é normal na natureza humana preocupar-se de modo mais imediato com as pressões externas existentes, que trazem indesejáveis dificuldades. A idéia de um *governo* é a que predomina na mente das Testemunhas de Jeová quando pensam no “Reino”, e seu conceito sobre esse governo é incrivelmente similar ao dos modernos governos do nosso tempo.²⁴ A Sociedade Torre de Vigia, de fato, tem publicado tanto artigos como esboços de discursos que traçam paralelos entre o “Reino” e tais governos, descrevendo os aspectos administrativos, legislativos, judiciários e educativos de ambos, incluindo as evidências de que o Reino é um “governo” atuante desde 1914 com sua “provisão e administração de leis escritas” e a “provisão de um programa educativo” para seus súditos, bem como a capacidade de “financiar” tal programa, até comparando a atual população sujeita a esse governo

²³ A *Sentinela*, 15 de outubro de 1983, páginas 16-21; 1º de maio de 1982, páginas 8-11. Embora celestial deverá ter representantes terrestres, “príncipes”, incluindo proeminentes servos de Deus do período pré-cristão e homens “qualificados” dentre as Testemunhas dos tempos modernos. Veja A *Sentinela* de 15 de agosto de 1989, página 17; *Está Próxima a Salvação do Homem da Aflição Mundial!* (1975), páginas 360-365.

²⁴ A preocupação em traçar tais comparações está sem dúvida implícita na referência ao Reino como não sendo simplesmente um “governo”, mas “um governo *real*”, “um arranjo governamental *real*”. Veja, por exemplo, *Raciocínios à Base das Escrituras*, página 298; A *Sentinela* de 1º de novembro de 1982, páginas 9 e 10.

com a “população” de vários países pequenos.²⁵

Parece incrível, neste respeito, que os redatores da Torre de Vigia não vejam que sua organização fez a mesma coisa que condenam em outras religiões, principalmente a Igreja Católica. Um artigo na *Sentinela* (em inglês) de 1º de dezembro de 1984, por exemplo, fala de modo crítico do padre da Igreja, Agostinho, comparando o reino com a igreja na terra, e cita este resumo do efeito deste ensino (página 6):

Através da hierarquia eclesiástica Cristo é efetivado como Rei do reino de Deus. A área do reino é co-límitrofe [tem os mesmos limites] do poder e da autoridade da Igreja no mundo. O reino dos céus é expandido pela missão e pelo progresso da Igreja no mundo.

Todavia, isto é praticamente idêntico ao que a organização Torre de Vigia tem feito, e na mente de seus membros “buscar primeiro o reino” significa essencialmente apoiar e ser submisso à “organização visível” e trabalhar para a expansão dela. Ela se jacta da crescente “população” dentro de suas fronteiras e expressa claramente o ponto de vista de que submeter-se à organização e seu Corpo Governante equivale a submeter-se a Cristo como Rei.²⁶ Ela aplica constantemente a si própria as profecias messiânicas faladas à nação de Israel, “governo típico” de Deus. No número de 15 de janeiro de 1988 da *Sentinela*, por exemplo, lemos (páginas 16, 17):

...bradam jubilosamente: “Acrescentaste à nação; ó Jeová, acrescentaste à nação; glorificaste-te a ti mesmo. Estendeste para longe todos os limites da terra.” (Isaías 26:12, 15) Em 210 terras ao redor do globo, Jeová continua a fazer acréscimos de pessoas semelhantes a ovelhas à sua nação espiritual. Centenas de milhares de recém-associados estão sendo batizados... Mais Salões do Reino e Salões de Assembléias estão sendo construídos. As filiais da Torre de Vigia (dos

²⁵ Exemplos podem ser vistos em *Brilhando Como Iluminadores no Mundo* (um manual de 1977 para “pioneiros” Testemunhas), páginas 108-110; e A *Sentinela* de 15 de junho de 1988, página 5; A *Sentinela* de 1º de novembro de 1981, página 10, traz uma gravura das capitais políticas americana, britânica e soviética, e uma montanha simbolizando o Reino, junto com a legenda: “O governo celestial do Reino é tão real quanto os governos humanos.” A *Sentinela* de 1º de janeiro de 1991, página 4, declara que a “nação” das Testemunhas ultrapassava então em população “umas 60 das 159 nações-membros das Nações Unidas”.

²⁶ Veja o capítulo 12 deste livro.

EUA) estão ampliando seus Lares de Betel e suas gráficas e aumentando o seu equipamento gráfico. O crescimento é contínuo!

Esta expansão acontece porque o “Príncipe da Paz” está dirigindo os assuntos do povo de Deus na terra. Como Isaías declarou antes na sua profecia: “Da abundância do domínio principesco e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer firmemente e para o amparar por meio do juízo e por meio da justiça, desde agora e por tempo indefinido. O próprio zelo de Jeová dos exércitos fará isso.” (Isaías 9:6, 7) Quão grandiosamente se tem cumprido essas palavras em nossos dias!

Como o próprio artigo afirma, vê-se o ‘cumprimento’ não só nos verdadeiros aspectos espirituais, mas no aumento numérico — que põe mais pessoas sob a autoridade da organização — e a expansão da organização em propriedades, edifícios e equipamentos. A comparação que Agostinho fez do reino com a igreja é paralela à comparação que a Torre de Vigia faz do reino com a “organização terrestre visível”.

A ênfase constante à idéia de “governo” sem dúvida contribui muito para a disposição das Testemunhas em submeter seu pensamento e consciência a um sistema religioso, em aceitar a imposição de um volume crescente de “lei teocrática”, inúmeras regras e normas organizacionais que têm de ser observadas. É vantajoso para este arranjo autoritário que os anciãos congregacionais e os superintendentes viajantes sejam vistos não apenas como humildes servos de Cristo e co-discípulos, mas como “representantes de um governo”, autorizados a administrar as leis e normas de um sistema governamental atuante.²⁷

A conclusão final desta ênfase a “governo”, foi que a Sociedade Torre de Vigia, pelo menos de 1935 em diante, desenvolveu o que um escritor francês descreveu como um evangelho de “materialismo

²⁷ Esta aura de impressionante autoridade governamental é reforçada pelo ensino de que os “qualificados” dentre estes anciãos se tornarão “príncipes” no Novo Mundo. As palavras de Judas sobre “desconsiderar o senhorio, e falar de modo ultrajante dos gloriosos” são também aplicadas aos “seguidores ungidos de Cristo que servem fielmente quais superintendentes cristãos designados”, e aos “homens responsáveis da congregação”, advertindo contra deixar de mostrar submissão a estes homens como “os gloriosos” mencionados. Veja *A Sentinela*, 15 de fevereiro de 1983, páginas 28, 29; 15 de julho de 1979, página 4.

espiritual”, isto é, um apelo aos desejos materialistas revestido de termos espirituais. Isto é feito por meio da constante ênfase à perspectiva de brevemente se ter a capacidade de usufruir intermináveis benefícios materiais e físicos — com abundância de alimentos seletos, lindas casas em belos ambientes, livramento de rugas, fraquezas e dores da velhice para uma condição de saúde vigorosa, beleza e vigor de uma juventude infundável — tudo isto livres de impostos, inflação, grandes despesas com saúde e seguro de vida, acidentes, desastres, crime e guerra. Nenhuma pessoa sã deixaria de achar atraente tal perspectiva. Qualquer político que conseguisse convencer o povo de que é capaz de promover tal mudança ganharia facilmente as eleições em qualquer país. Mas a *motivação* para desejar esta vida física e materialmente ideal, livre de problemas, na verdade não requer espiritualidade maior e certamente um *cristianismo* maior que os que motivaram Ponce de Leon a procurar a fonte da eterna juventude, ou os seguidores de Maomé a desejar o paraíso do “sétimo céu”, com seus deleites bem terrenos.²⁸

²⁸ O *Índice das Publicações da Torre de Vigia 1960-1990*, página 829, sob “Reino”, traz os subtópicos “bênçãos para os súditos terrestres”. Em suas referências encontram-se itens como “paternidade de Jesus Cristo”, “prosperidade espiritual” e “relação com Jeová”, mas estes constituem uma pequeníssima fração de aproximadamente 43 listagens. A maioria é sobre assuntos como “abundância de alimentos”, “administração da economia”, “bebês saudáveis”, “deficiências físicas eliminadas”, “depressão curada”, “desertos florescerão”, “ecologia restaurada”, “equilíbrio populacional”, “fim da escravidão econômica”, “fim da pobreza”, “fim da poluição”, “fim do crime”, “florestas restauradas”, “forças naturais controladas”, “paz com animais”, “prosperidade espiritual” e assim por diante. O que predomina nestas listagens reflete exatamente a ênfase dada à prometida satisfação dos desejos materiais e físicos conforme mostram os livros e revistas.

Diferentes das que foram proclamadas no primeiro século, as “boas novas” conforme anunciadas pela organização Torre de Vigia, fazem um forte apelo às sensações e desejos físicos. Confira textos como 2 Coríntios 4:16-18; Colossenses 3:2.



Gravuras da publicação de 1983, *Poderá Viver Para Sempre no Paraíso na Terra*, páginas 157-162. Estas são típicas dos apelos aos desejos físicos, feitos especialmente de 1935 em diante.



O grande problema disto tudo é que se trata de boas novas bastante alteradas, maquiadas, quando comparadas às boas novas pregadas pelos seguidores de Cristo, conforme registradas nas Escrituras Cristãs. A mensagem e a linguagem que usavam não se concentravam num “governo”, mas numa *pessoa*, a pessoa do Filho de Deus, Cristo

Jesus.²⁹ A expressão “reino de Cristo” traz primariamente o sentido de “reinado ou domínio de Cristo” ou “domínio real de Cristo”.³⁰ Visto que Deus é a fonte soberana da realeza de Cristo e já que este é o próprio arranjo de Deus, a expressão “o reino de Deus” é amiúde usada como sinônimo do domínio real de seu Filho.³¹

Falar do “reino” de Cristo, pois, é falar primariamente do “domínio” de Cristo, e se tivermos isso em mente ao ler as referências bíblicas ao “reino” vem à tona um sentido bastante diferente do encontrado nas publicações da Torre de Vigia. Basta ler as expressões dos apóstolos de Cristo para entender que aquilo que eles falavam do “reino” era predominantemente no sentido que focaliza a pessoa do Filho de Deus e seu domínio como Senhor. A expressão “as boas novas do reino” significa simplesmente “as boas novas do domínio de Cristo”.

Achamos a expressão “boas novas” mais de cem vezes em todas as Escrituras Cristãs. Destas, *em apenas oito* ocorre a expressão “boas novas do reino”. Em *todos os outros* casos as boas novas são especificamente declaradas como “as boas novas acerca do Cristo” (ou expressões similares) ou o contexto mostra que a referência é a Ele, a *pessoa*, não a um “governo”.

²⁹ Compare Atos 8:12 com Atos 5:42, 8:4, 5, 35.

³⁰ O termo “reino” conforme se acha nas Escrituras Cristãs vem do termo grego *basiléia*, que não tem o sentido moderno de “governo” que a Sociedade Torre de Vigia gostaria de lhe atribuir. Como afirma o *Theological Dictionary of the New Testament*, o termo “se refere ao ser, natureza ou condição de um rei, i. e., à sua dignidade, e secundariamente à expressão disto no território que ele governa. O sentido de dignidade prevalece na LXX, em Filo e no NT.” O foco é numa *pessoa*, assim como nas terras orientais o reino residia (como poder e autoridade) na pessoa do rei. Obras de referência, de modo geral, combinam-se para mostrar que o sentido é o de “realeza” ou “reinado”, não é a idéia governamental *organizacional* que as pessoas fazem hoje. Embora o significado do termo *basiléia* possa também se referir ao domínio no qual o poder régio é exercido, este sentido é secundário.

³¹ Confira Lucas 19:11-15; Revelação 12:10; deve-se notar que nos versículos 12 e 15 do texto de Lucas a *Tradução do Novo Mundo* verte *basiléia* por “poder régio”, enquanto as notas de rodapé de certas edições mostram a tradução alternativa de “reino”. O homem nobre da parábola de Lucas 19 não viajou para um país distante para receber um “governo” e voltar com ele, mas com a *realeza e autoridade real*.

Fundamento e essência das boas novas

O que de fato destacaram os apóstolos e outros escritores cristãos quando descreveram o domínio messiânico e seus efeitos? Eles consistentemente apontaram para o sacrifício resgatador de Cristo, sua vitória sobre os reis pecado e morte em favor de toda a humanidade, a autoridade que o Pai deu ao Filho ressuscitado para liberar dos salários do pecado e da morte a todos os que depositassem fé nele. *Essas é que eram — e são — as boas novas que a própria Bíblia nos traz.* As boas novas bíblicas não trazem atenção a 1914 e nem estão ligadas a esta ou a qualquer outra data, e tampouco atraem ou seduzem oferecendo benefícios físicos e materiais “no futuro próximo”. Estão ligadas a um evento, o evento em que o Filho de Deus cumpriu seu objetivo principal como Messias e deu sua vida em nosso benefício, sendo depois ressuscitado à mão direita de Deus e ali servindo como nosso advogado.³² Apenas por esta razão é que Paulo pôde dizer aos coríntios: “Decidi não saber coisa alguma entre vós, exceto Jesus Cristo, e este pregado numa estaca.”³³

O evento central das boas novas foi há 1900 anos, mas continua sendo o evento de suma importância para todos nós hoje. O fato de que nossa percepção pessoal de seus plenos benefícios ainda é futura, de modo algum altera o fato de que o evento mais crucial da história humana ocorreu naquele tempo e não será ultrapassado por qualquer evento futuro. O futuro está, de fato, determinado irresistivelmente por aquele ato passado. Quaisquer benefícios futuros que ainda recebamos são, de fato, conseqüências daquele ato.

Os apóstolos viam claramente os assuntos sob esta luz, reconhecendo a finalidade sobrepujante e irresistível e a natureza determinante e duradoura desse evento, a morte e a ressurreição de Cristo, e o efeito de ter fé na reconciliação e na redenção que por este meio se tornaram possíveis. Só assim poderiam dizer o que disseram, falando de si mesmos e dos con cristãos como que *já* possuindo as grandes bênçãos e benefícios possibilitados por aquele sacrifício de

³² 1 João 2:1, 2; considere também a pregação de Pedro em Pentecostes e quando falou aos gentios na casa de Cornélio, conforme registrado em Atos 2:14-36; 10:34-43.

³³ 1 Coríntios 2:2; confira 2 Timóteo 2:8.

resgate. As Testemunhas referem-se regularmente à passagem em Revelação 21:1-5 como que descrevendo um “novo mundo” futuro. Não percebem que nos escritos cristãos anteriores fala-se das coisas anunciadas como fruto da “Nova Jerusalém” na maior parte *já existindo* na época daqueles escritos.³⁴

Obviamente, o cumprimento completo e total da esperança cristã ainda está à frente. O apóstolo Pedro assim escreve sobre os “novos céus e uma nova terra que aguardamos segundo a sua promessa”.³⁵ Ao mesmo tempo, tanto ele como outros escritores das Escrituras Cristãs falam das muitas promessas de Deus como que já cumpridas para com os crentes, quer efetivamente quer em sentido espiritual. Eram, a um só tempo, tanto perspectivas espirituais como realidades espirituais. Isto se aplica a muito — talvez à totalidade — do que se afirma na passagem de Revelação mencionada.

Revelação 21:3, por exemplo, fala sobre a ‘tenda de Deus estar com a humanidade, sobre ele *residir com eles* e eles *serem o seu povo, o próprio Deus estar com eles*’. As Escrituras mostram que o sacrifício resgatador de Cristo trouxe a reconciliação com Deus para os homens e mulheres que crêem, levando-os da condição de inimizade para a de

³⁴ Revelação 1:1 diz que a revelação dada a João era para mostrar “as coisas que têm de ocorrer em breve”. Todavia, embora suas visões freqüentemente apontassem para o futuro, especialmente com relação aos atos finais do julgamento de Deus, a leitura de Revelação demonstra que muitas das coisas declaradas ou já tinham ocorrido ou estavam acontecendo na ocasião. Os capítulos 2 e 3, como só um exemplo, tratam das condições das sete congregações da Ásia Menor, condições que existiam na época, e não algo futuro. As visões no capítulo 4 da glória celestial de Deus, do cordeiro sacrificial que compra a humanidade, não eram de situações ou eventos futuros, eram de situações e eventos que se davam na ocasião. O “rio de água da vida” de Revelação capítulo 22 estava certamente fluindo na época, de modo que o convite a “quem quisesse” para vir e “tomar de graça a água da vida” não precisava aguardar até o futuro distante, mas já estava sendo estendido às pessoas por meio da divulgação das boas novas. (Revelação 22:1, 2, 17; confira João 4:7-14; 6:35; 7:37, 38.) Apenas por comparar as visões com o que se declara nas Escrituras Cristãs pode-se determinar o elemento presente e o futuro e sua aplicação, pois é uma regra sólida que o significado do que é simbólico deve estar sempre em harmonia com o que real e claramente se afirma em outras partes, nunca o contrário.

³⁵ 2 Pedro 3:13.

paz e amizade com Deus.³⁶ Por essa razão o apóstolo pôde falar que os cristãos eram, *naquela mesma época*, “templo dum Deus vivente” no qual “o espírito de Deus mora”, um “lugar para Deus *habitar* por espírito”, e pôde citar a profecia de Isaías, onde a mesma expressão se acha em Revelação capítulo 21:

Assim como Deus disse: “Residirei entre eles e andarei entre eles, e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.”³⁷

O apóstolo apresenta esta promessa de Deus morar com os homens e de estes se tornarem seu povo como já tendo se cumprido; não apresentou isso como algo futuro, mas como um relacionamento *já em vigor*. Seu co-apóstolo, Pedro, afirma claramente: “Vós, outrora, não éreis povo, mas *agora sois povo de Deus*.”³⁸ Devido ao sacrifício de Cristo e a reconciliação com seu Pai que isso tornou possível, no primeiro século a “tenda de Deus” estava de fato com os homens e Ele estava então residindo entre eles e eles eram Seu povo, exatamente conforme descrito no relato de Revelação.³⁹

No relato de Revelação, versículo 4, afirma-se que Deus “*enxugará* dos seus olhos *toda lágrima*, e *não haverá mais morte*, nem haverá mais *pranto*, nem *clamor*, nem *dor*”. A primeira parte deste versículo, que fala de Deus enxugar toda lágrima e não haver mais morte, corresponde em conteúdo às palavras de Isaías 25:8. Em 1 Coríntios 15:54 o apóstolo Paulo citou dessa parte da profecia de Isaías, não apontando para uma terra de condições paradisíacas (como fazem regularmente as publicações da Torre de Vigia), mas com respeito à ressurreição dos cristãos e sua passagem da condição mortal para a imortalidade. Porém, num sentido, a ‘vitória sobre a morte’ já tinha

³⁶ Romanos 5:10; 8:7; Lucas 16:9; confira Tiago 2:23.

³⁷ 2 Coríntios 6:16; veja também 1 Coríntios 3:16.

³⁸ 1 Pedro 2:10.

³⁹ Podemos observar também que em Hebreus, capítulos 8 a 10, o escritor inspirado mostra que o primitivo tabernáculo terrestre, no qual Deus estava simbolicamente presente entre o seu povo de Israel, retratava a “tenda” maior, celestial de Deus, e diz que isto era uma “ilustração para o tempo designado que agora chegou”. (Hebreus 9:9) Ele prossegue deixando claro que a tenda celestial já estava em seu lugar e que Cristo, como sumo sacerdote “das boas coisas que se realizaram”, estava então ministrando ali em favor da humanidade pecadora.

sido ganha por eles, seu “agulhão” fora extirpado. Embora os cristãos ainda estivessem sujeitos fisicamente à morte, num sentido muito vital eles estavam além do poder dela e poderiam continuar assim por manter a fé no superior poder resgatador de Cristo. Sabiam que Deus os tinha ‘vivificado’ embora estivessem anteriormente ‘mortos nas suas falhas e pecados’.⁴⁰ Tendo morrido para o pecado e sido levantados para uma “novidade de vida”, para eles o reinado do “rei morte” terminara; mediante o domínio de Cristo já não estavam sob o poder e a lei do “rei morte”.⁴¹ Por essa razão o apóstolo João pôde dizer: “Nós sabemos [não que *passaremos*, mas] que *temos passado da morte para a vida* porque amamos os irmãos.”⁴² Dizendo isso, ele simplesmente repetia as expressões idênticas de Jesus, nas quais este falava dos que exercem fé nele como já possuindo a vida eterna devido a essa fé.⁴³ É evidentemente por isso que Jesus pôde dizer, não só que “Quem exercer fé em mim, ainda que morra, viverá outra vez”, mas também que “todo aquele que vive e exerce fé em mim nunca jamais morrerá”.⁴⁴ Todas estas declarações poderosas certamente têm força equivalente à declaração de Revelação, “e não haverá mais morte”, e todas mostram que estes resultados do resgate de Cristo já estavam em vigor entre seus seguidores.

Quanto ao *pranto*, *clamor* e *dor*, Cristo tinha vindo exatamente para cumprir a comissão predita em profecia anterior, a saber, “para levar boas notícias aos pobres... para cuidar dos que estão com o coração quebrantado... para consolar todos os que estão tristes, e para dar... o óleo da alegria em vez de pranto, e um manto de louvor em vez de espírito deprimido”.⁴⁵ Ele não falhou nesta comissão e pôde dizer na sinagoga de Nazaré: “Hoje se cumpriu esta escritura que acabais de ouvir.”⁴⁶ Sua promessa, “Felizes sois vós os que agora chorais, porque haveis de rir”, não precisava esperar até o futuro distante para começar a se cumprir, do mesmo modo como as outras partes do Sermão do

⁴⁰ Efésios 2:1

⁴¹ Romanos 5:21; 6:4.

⁴² 1 João 3:14

⁴³ João 3:36; 5:24, 39, 40; 6:47; 20:31.

⁴⁴ João 11:26; confira Romanos 6:9-11

⁴⁵ Isaías 61:1-3, NVI.

⁴⁶ Lucas 4:18-21

Monte não exigem essa longa espera para se realizar. Em vez de expressar “*clamor*” por sofrerem maus tratos às mãos dos homens, seus discípulos deviam alegrar-se e pular.⁴⁷

Nem a referência à remoção da “*dor*” exige que o cumprimento desta visão de Revelação seja exclusivamente futuro. O contexto de modo algum especifica que se trate da dor que tão freqüentemente acompanha a doença ou o trauma físico. A tradução do termo usado pelo apóstolo João (grego, *pónos*) é, em si, uma questão de opção do tradutor, já que a palavra significa basicamente “*labuta*” e *apenas por implicação* “*dor*” ou “*angústia*”.⁴⁸ Portanto, a tradução francesa de D’Ostervald lhe confere seu sentido básico, traduzindo-a por *travail* (labuta) e as traduções espanholas de Nacar-Colunga e Bover-Cantera traduzem-na ambas por *trabajo* (trabalho).⁴⁹ Cristo fez o atraente convite a todos que estivessem “*labutando e sobrecarregados*” para que viessem a ele e achassem — *exatamente naquela ocasião, e dali em diante* — revigoração e descanso para suas almas.⁵⁰ Seus líderes religiosos tinham jogado sobre eles fardos pesados por meio de seu rígido e inflexível legalismo, com sua ênfase a obter uma condição justa diante de Deus através de obras específicas. Jesus comparou isto a colocar cargas pesadas nos ombros de homens, algo certamente doloroso para se carregar. As boas novas trazidas pelo Filho de Deus os habilitaram a livrar-se de todos estes fardos, da frustração e da fadiga do empenho de satisfazer tais requisitos opressivos, e assim acabar com a dor, tanto emocional como mental, causada por este esforço.⁵¹

As expressões, “*as coisas anteriores já passaram*” e “*eis que faço novas todas as coisas*”, também têm um claro paralelo em declarações escritas pelos apóstolos — com referência a uma relação e situação

⁴⁷ Lucas 6:21-23; confira Tiago 1:2, 9, 12.

⁴⁸ Veja *The New Englishman’s Greek Concordance and Lexicon*, página 738.

⁴⁹ A *Jerusalem Bible* a traduz por “*tristeza*”.

⁵⁰ Mateus 11:28-30.

⁵¹ Mateus 23:1-4; 12:1-13; 15:1-11; podemos observar que em Atos 15:10 o apóstolo Pedro também fala da própria Lei como um “*jugo que nem os nossos antepassados nem nós somos capazes de levar*.” Cristo os libertou deste pesado jugo.

vigentes na ocasião, e não limitada a uma época futura, distante.⁵² Em linguagem quase idêntica à de Revelação, o apóstolo João escreve:

Conseqüentemente, se alguém estiver em união com Cristo, ele é uma nova criação; as coisas antigas passaram, eis que novas coisas vieram à existência!⁵³

Quão verazes eram essas palavras na época! Um velho pacto fora substituído por um novo, e as leis de Deus estavam agora escritas nos corações daqueles que se tinham juntado a seu Filho. Embora anteriormente mortos no pecado, os cristãos tinham sido levantados para viver uma nova vida, como se tivessem tido um novo nascimento, servindo no novo caminho do Espírito e não no velho caminho do código escrito; os crentes, judeus e gentios, constituíram “um novo homem” e se reconciliaram com Deus, entrando numa relação como filhos Dele. Uma nova força agora moldava seu pensamento e eles se desfizeram do velho procedimento de vida e se revestiram de um novo, constantemente renovado à semelhança de seu Criador. Não mais sujeitos a um sacerdócio humano em seus tratos com Deus, podiam agora se aproximar Dele na plena certeza por um “caminho novo e vivente”, aberto a eles por seu único Sumo Sacerdote e Mediador, o Filho de Deus.⁵⁴

Transferência para o Reino

Que mudança maravilhosa o ato sacrificial de Cristo tinha produzido para seus discípulos e que nova relação maravilhosa ele proporcionou! Cristo tem deveras uma “nação” espiritual sobre a qual ele reina, mas esta é composta de todas as pessoas na terra que Nele depositaram fé e que a *Ele* se submetem como *Cabeça* espiritual e como único *mediador* entre eles e Deus.⁵⁵ A sujeição, as fronteiras e o aumento numérico da organização nada têm que ver com isto. Tampouco estão relacionados ao cumprimento das profecias messiânicas. Estas sem dúvida *tiveram* cumprimento, mas de uma maneira mais extensa e muito diferente da apresentada pelas explicações da Torre de Vigia.

⁵² Revelação 21:4, 5.

⁵³ 2 Coríntios 5:17.

⁵⁴ Hebreus 8:7-10; 1 Pedro 1:3; Romanos 6:11; 7:6; 8:10-14; Efésios 2:14-18; 4:22-24; Colossenses 3:9, 10; Hebreus 10:19-22.

⁵⁵ 1 Pedro 2:4-9; 1 Coríntios 11:3; 1 Timóteo 2:5, 6.

Esta transferência dos servos de Deus para o reino de Cristo de modo algum está ligada a uma filiação organizacional, nem à data de 1914. Ela retroage até o primeiro século e a provisão de redenção de Cristo mediante o sacrifício de si mesmo. As Escrituras mostram que seus discípulos tinham até sido “livrados da autoridade da escuridão e “transferidos para o reino do Filho do seu amor”.⁵⁶ O apóstolo Paulo pôde, por conseguinte, dizer a respeito de Deus:

Ele nos levantou junto e nos assentou junto nos lugares celestiais, em união com Cristo Jesus.⁵⁷

Ele não falou disto como algo futuro, mas usou o tempo passado — “levantou”, não “levantará”; “assentou”, não “assentará” — ao descrever a posição espiritualmente elevada que sua transferência para “o reino do Filho de seu amor” tinha realizado. Devido a seu livramento da “autoridade da escuridão” estavam agora como que assentados com o rei celestial, o Filho de Deus.

Jesus tinha dito: “Felizes os de temperamento brando, porque herdarão a terra... Felizes os pacíficos, porque serão chamados ‘filhos de Deus.’”⁵⁸ Em resultado da morte e da ressurreição de Cristo e da sua fé no poder destas, seus seguidores tinham agora se tornado “filhos de Deus” e portanto se tornaram também co-herdeiros de Cristo e herdeiros de Deus, a quem ‘pertence a terra e o que a enche’.⁵⁹ Porque eles agora eram adotados na família real de Deus, o apóstolo pôde falar *no tempo presente* ao dizer a seus concristãos:

Porque a vós pertencem todas as coisas, quer Paulo, quer Apolo, quer Cefas, quer o mundo, quer a vida, quer a morte, quer as coisas agora aqui, quer as coisas por vir, a vós pertencem todas as coisas; por sua vez, vós pertenceis a Cristo; Cristo, por sua vez, pertence a Deus.⁶⁰

Em tom similar, o apóstolo Pedro escreveu, também no tempo presente:

⁵⁶ Colossenses 1:13.

⁵⁷ Efésios 2:6.

⁵⁸ Mateus 5:5, 9.

⁵⁹ Romanos 8:14-17; Gálatas 3:29; 4:4-6; 1 Coríntios 10:26; Salmo 24:1; 1 Coríntios 10:25, 26.

⁶⁰ 1 Coríntios 3:21-23; Romanos 8:17; Gálatas 4:6, 7.

Vós sois “raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo para propriedade especial, para que divulgueis as excelências” daquele que vos chamou da escuridão para a sua maravilhosa luz.⁶¹

Eles não eram meramente sacerdotes de Deus, mas sacerdotes “reais”, e o termo “real” no grego (*basileios*) vem da mesma raiz que a palavra “reino” (*basiléia*). Pedro afirma que os cristãos a quem ele escreveu já eram naquele tempo um “sacerdócio real” ou “reino de sacerdotes”.⁶² Em Revelação 1:6, portanto, João emprega o tempo passado ao dizer que Cristo “fez de nós um reino [uma casa real, *NEB*], sacerdotes para seu Deus e Pai”. Tudo isto certamente tem de ser considerado para se entender expressões posteriores do livro de Revelação, como quando se diz no capítulo 5, versículo 10:

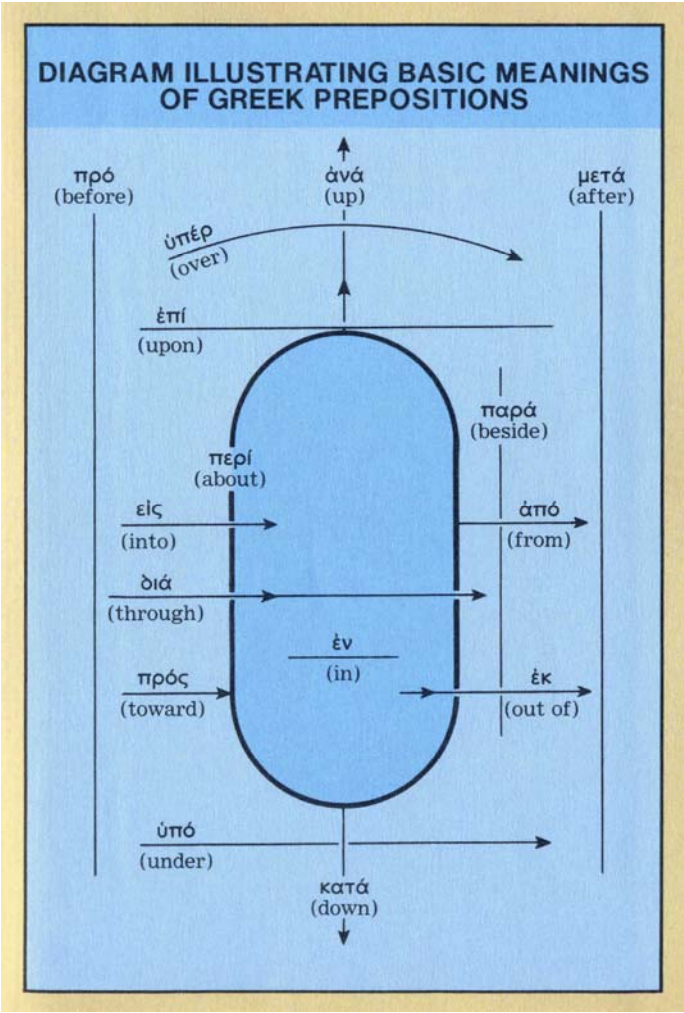
Fizeste deles um reino e sacerdotes para o nosso Deus, e hão de reinar sobre a terra.⁶³

Pode-se observar que a *Tradução do Novo Mundo* aqui reza “sobre a terra”, e no entanto o próprio gráfico da Torre de Vigia no frontispício da *Tradução Interlinear do Reino* (em inglês) mostra que a preposição grega usada aqui (*epi*) tem o sentido básico de “upon” (em cima da, na) e não “over” (sobre, grego *hyper*). Embora *epi* possa ser vertida como “sobre” quando o contexto exigir tal mudança no sentido básico, essa mudança, como se pode ver, dificilmente é *necessária* aqui.

⁶¹ 1 Pedro 2:9.

⁶² Este entendimento da frase grega é indicado também na tradução da Septuaginta grega de Êxodo 19:6, onde aparece a expressão hebraica “um reino de sacerdotes”; veja *The Expositor's Greek Testament*, Vol. 5, página 57.

⁶³ Como mostra a leitura interlinear da *Kingdom Interlinear Translation of the Greek Scriptures*, o verbo traduzido por “reinar” está na forma participial do grego: “estão reinando”.



**DIAGRAMA ILUSTRATIVO DOS SENTIDOS BÁSICOS
DAS PREPOSIÇÕES GREGAS**

Tradução (apenas em termos do *posicionamento no espaço físico*)

<i>before</i> – antes de	<i>about</i> – próximo a	<i>toward</i> – em direção a
<i>up</i> – para cima	<i>beside</i> – além de	<i>in</i> – em, dentro
<i>after</i> – depois de	<i>into</i> – para dentro	<i>out of</i> – (para) fora de
<i>over</i> – sobre	<i>from</i> – a partir de (dentro)	<i>under</i> – sob, embaixo
<i>upon</i> – em cima de	<i>through</i> – através de	<i>down</i> – para baixo

Seja como for, todas as declarações apostólicas já citadas demonstram claramente que os discípulos de Cristo na terra já eram “um reino e sacerdotes de Deus” em sentido espiritual. Eles faziam parte da família real de Deus, filhos do Rei, e o poder do Rei atuava neles e através deles. Sua posição real como filhos do Rei do universo não se expressava em termos de majestade terrena ou riqueza material, nem pelo exercício de poder político, ou por ditarem ordens aos outros como se fossem exaltados sobre eles e superiores a eles.⁶⁴ Mas seu Pai, para quem “as nações são como uma gota dum balde; e como a camada fina de pó na balança”, para quem “todos os habitantes da terra são considerados como simplesmente nada, e ele age segundo a sua própria vontade entre o exército dos céus e os habitantes da terra”, tinha-os autorizado a serem seus representantes reais para cumprirem sua missão na terra, declararem seus decretos e julgamentos reais.⁶⁵ Muito tempo atrás, Jeová comissionou Jeremias para “estar *sobre as nações* e *sobre os reinos*, para desarraigar, e para demolir, e para destruir, e para derrubar, para construir e para plantar”. Fez isso, não pondo Jeremias sobre eles como governante literal, mas ‘pondo suas palavras na boca de Jeremias,’ pois a palavra de Deus é poderosa, irresistível, e o que prediz é tão eficaz como se já estivesse feito.⁶⁶ Tendo falado à humanidade por intermédio dos profetas, Deus agora nos falou por intermédio do seu Filho e a palavra ou mensagem falada por ele tinha de servir, ela própria, como juiz para toda a humanidade.⁶⁷ Esse Filho, desde sua ascensão em diante, tem exercido “toda a autoridade no céu e na terra”, e seus discípulos e co-herdeiros na terra têm o privilégio real de dar a conhecer sua palavra. Quando apresentada livre de alterações e adulterações, essa palavra tem seu próprio efeito julgador resultante.⁶⁸ Como discípulos de seu Filho, servem com a confiança de que o poder soberano de Deus os apóia e sustém, e que não há na terra nada que Ele não possa ou não vá usar para apoiá-los e abençoá-los, pois eles fazem parte de sua família real. Jamais sentirão falta de algo de que *realmente necessitem* para prosseguirem e cumprirem seu

⁶⁴ Confira 1 Coríntios 4:8; Revelação 3:17, 18.

⁶⁵ Isaías 40:15, 17; Daniel 4:35; Atos 17:30, 31.

⁶⁶ Jeremias 1:9, 10; Isaías 55:11; 44:26; Romanos 4:17.

⁶⁷ Hebreus 1:1, 2; João 12:48.

⁶⁸ Mateus 28:18-20; Atos 13:44-48; 28:23-28.

propósito na terra; jamais perderão algo de valor genuíno e duradouro, pois:

Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará juntamente com ele, e de graça, todas as coisas?... Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?... Mas em todas estas coisas somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.⁶⁹

Estas são, sem dúvida, as melhores novas para os que entendem o valor vital e superior das bênçãos espirituais. Essas genuínas boas novas, infelizmente, são obscurecidas quando as pessoas são, em vez disso, encorajadas a concentrar seus pensamentos e desejos em benefícios essencialmente materiais, perpetuamente descritos como “logo à frente”, como boas novas substitutas, de concepção humana.

As Testemunhas, se refletirem um pouco no assunto, dificilmente deixarão de reconhecer que as boas novas conforme apresentadas no primeiro século, são uma versão diferente das que estão habituadas a ouvir, ler e falar às portas, como se a versão original tivesse de algum modo ficado desatualizada, ultrapassada, inadequada para a época. O apóstolo Paulo disse aos coríntios que, quando foi ter com eles, tinha decidido “não saber coisa alguma entre vós, exceto Jesus Cristo, e este pregado numa estaca”.⁷⁰ Se algum representante viajante da Torre de Vigia fizesse hoje tal afirmação, passaria imediatamente a ser visto com suspeita, como se fosse de outra religião. Se um orador numa reunião simplesmente parafraseasse uma das cartas de Paulo, tal como sua carta aos efésios, sem primeiro informar a assistência de que estava fazendo isso, seria também visto como alguém que “soa estranho”, que fala uma linguagem diferente daquela a que seus ouvintes estão habituados e como se fosse representante de outra religião. Creio que

⁶⁹ Romanos 8:31-39, *NVI*.

⁷⁰ 1 Coríntios 2:1, 2.

qualquer um que releia essa carta inspirada e reflita no assunto admitirá que isto é verdade.

Estranhamente, gasta-se pouco tempo na consideração dos grandes ensinos cristãos apresentados de início, e isto não surpreende, já que se crê que estes só se aplicam a menos de um por cento (de fato, só *dois décimos de um por cento*) do total de membros da organização.

O poder das boas novas transforma vidas

O mundo atual e o domínio político existente na terra geram inegavelmente muitos problemas, irritações, frustrações, dificuldades e até sofrimentos para todos nós. Mas todos estes juntos parecem pouco em comparação aos efeitos desastrosos, humanamente insolúveis e irremediáveis que nos impõem os reis Pecado e Morte.⁷¹ No primeiro século, as boas novas eram de que os que tivessem fé no ato resgatador de Cristo podiam então ficar livres da pesada sensação de culpa induzida por sua condição pecaminosa, e de que seus pecados estavam plenamente perdoados e eles estavam reconciliados com Deus e em paz e amizade com Ele. Mais ainda, eles agora eram aceitos por Ele na sua família como seus filhos, filhos do Altíssimo.

Os repetitivos sacrifícios feitos sob o Pacto da Lei e por meio de uma classe sacerdotal especial tinham constantemente servido como lembrete do pecado, com seu conseqüente sentimento de culpa, e apesar dos muitos sacrifícios que o povo tinha feito ao longo dos anos, havia sempre a consciência de que isto ainda era insuficiente para de fato obter uma condição justa e o prêmio da vida por meio deles. Mas agora, com um único sacrifício, Cristo acabara com qualquer necessidade de mais sacrifícios expiatórios de pecados.⁷² Agora, os servos de Deus podiam oferecer uma forma de sacrifício totalmente diferente, os sacrifícios de louvor e amor. Estes eram manifestados, não por ações praticadas segundo procedimentos e regulamentos, mas em ações que eram livre e espontaneamente motivadas pelo coração, sem nenhuma sensação de expiação pelos pecados, nem de remissão de dívidas com o conseqüente sentimento de culpa. Os cristãos do primeiro século tinham entrado no “descanso de Deus”, em que os

⁷¹ Romanos 5:21

⁷² Hebreus 10:1-4.

repetitivos esforços para provar a própria justiça eram agora coisas do passado.⁷³

Antes disto, o acesso à presença de Deus conforme simbolizado no Santíssimo do templo, limitava-se a poucos, os do sacerdócio. Quem tentasse aproximar-se para entrar ali, fazia-o com perigo de vida. Mas agora que Cristo se tornara seu Sumo Sacerdote nos céus, à mão direita de Deus, seus seguidores *todos* podiam, pessoal e individualmente, “ter denodo para com o caminho de entrada no lugar santo, pelo sangue de Jesus” e foram de fato encorajados a “aproximar-se com franqueza no falar, do trono de benignidade imerecida”, *sem ter de depender de intermediários humanos para isso*.⁷⁴ Não mais estavam sob o Código da Lei, que constantemente os lembrava de suas fraquezas e de sua falha em não atingir a perfeição dela, pois agora as leis de Deus estavam escritas em suas mentes e corações. Não mais precisariam de uma classe sacerdotal especializada para ensiná-los a conhecer a Deus, pois todos eles, “desde o menor até o maior deles”, conheceriam a Ele e Ele não “se lembraria mais dos seus pecados”.⁷⁵ Servir a Ele poderia ser, como nunca antes, verdadeira fonte de alegria.

Para a vasta maioria das Testemunhas de Jeová, o poder das boas novas perde lamentavelmente muito de sua alegria e vigor. A grandeza daquilo que Deus já fez por meio de Cristo, o significado sobrepujante das vitórias de Cristo sobre o pecado, a morte, o mundo e seu governante, as bênçãos da relação que se abriu a todos da humanidade que exerceram fé nele, são seriamente minimizados. Tudo isto resulta do empenho da organização em manter seu ensino de duas classes de cristãos, em que uma classe, a imensa maioria, não tem posição própria diante de Deus, mas somente em virtude de sua associação com a outra classe. As boas novas originais e tudo o que ela agora oferece, estão restritas na aplicação a apenas alguns milhares de pessoas, sendo, na prática, postas em segundo plano e ofuscadas pelo evangelho dos benefícios físicos e materiais do tipo “logo usufruiremos”, e “está bem perto”. Diz-se à grande massa dos membros que o ingresso no Novo Pacto e até o pleno perdão atual de pecados que resulta na condição justa de filhos de Deus, ainda não são para eles. Os ensinamentos da Torre de

⁷³ Hebreus 4:3, 10.

⁷⁴ Hebreus 4:14-16.

⁷⁵ Hebreus 8:10-13; Gálatas 4:6-9.

Vigia, de fato, fizeram com que o relógio recuasse para eles, de modo que sua situação permanece em muito semelhante à das pessoas de antes da vinda de Cristo e do ato de resgate. É como se estes milhões da chamada classe da “grande multidão” estivessem ainda no tempo do Velho Pacto, quando mesmo na nação de Israel as pessoas estavam divididas numa classe sacerdotal e numa classe não-sacerdotal. Assim, diz-se aos cerca de seis milhões de “não-ungidos” que só podem chegar-se a Deus e ter uma posição diante Dele através dos “ungidos” atualmente na organização.⁷⁶ Isto significa que estes, na prática, atuam como um sacerdócio que exerce mediação em favor de todos os outros, para que se tornem aceitáveis a Deus. O serviço prestado por estes últimos não é válido a menos que seja feito nesse contexto.⁷⁷ Cristo é declarado Mediador apenas dos cerca de 8.000 “ungidos” que restam na terra, não dos milhões de outros associados.⁷⁸

Revertendo às circunstâncias do Velho Pacto

Sob o Velho Pacto, o sacerdócio servia como tribunal superior onde todas as questões difíceis tinham de ser resolvidas, e suas decisões tinham cumprimento obrigatório, conforme dizia a Lei:

Eles têm de transmitir-te a palavra da decisão judicial. Então tens de proceder de acordo com a palavra que te transmitirão do lugar que Jeová escolher; e tens de cuidar em fazer segundo tudo o que te instruírem. Deves proceder de acordo com a lei que te indicarão e

⁷⁶ As publicações da Torre de Vigia têm usado as palavras de Zacarias 8:23 quanto a ‘dez homens dentre todas as línguas das nações agarrarem a veste dum homem judeu’, aplicando-as à “grande multidão” de pessoas não-ungidas que figurativamente agarraram a veste do “restante ungido” das Testemunhas de Jeová, e, utilizando Revelação 3:9, as publicações dizem sobre estes não-ungidos que “vêm aos irmãos ungidos de Jesus e ‘se curvam’ diante deles, em sentido espiritual, porque ‘ouviram que Deus está com eles’”, e eles “ministram a estes ungidos.” Veja *Revelação — Seu Grandioso Clímax Está Próximo!*, páginas 60, 61; também *A Sentinela* de 1º de janeiro de 1988, página 16; *Segurança Mundial sob o “Príncipe da Paz”* (1986), páginas 88, 89.

⁷⁷ Contraste Êxodo 30:30-33; Levítico 2:1, 2; 17:1-5; Números 4:15, 17, 18; 18:7 com 1 João 2:20; Hebreus 4:14-16; 8:1, 2, 10-12; 10:19-22; 13:15, 16.

⁷⁸ *A Sentinela*, 15 de agosto de 1989, páginas 30, 31.

segundo a decisão judicial que te disserem. Não te debes desviar da palavra que te transmitirão, nem para a direita, nem para a esquerda.⁷⁹

Não há descrição melhor para o conceito que as Testemunhas de Jeová têm atualmente das decisões que lhes são transmitidas pela organização Torre de Vigia e seu Corpo Governante, que estão, para elas, na mesma posição do sacerdócio do Velho Pacto. Em *Crise de Consciência* fiz referência a uma declaração usada por alguns superintendentes viajantes, quando seguravam uma publicação da Torre de Vigia, de cor verde, e diziam: ‘se a organização nos disser que este livro é *preto*, irmãos, então ele é **preto!**’⁸⁰ Eu achava que esta defesa espalhafatosa da credulidade cega, uma declaração tão abertamente desprovida de inteligência, desapareceria logo, reconhecida pelo que é, vítima de sua própria estupidez. Anos depois, porém, pessoas que se correspondiam comigo e que ainda se associavam com a organização contaram que esta mesma declaração era usada em sua região, não só nos Estados Unidos, mas em outros países, inclusive a Austrália.⁸¹ No ano de 1541, em sua obra, *Exercitia spirituali*, o fundador da ordem Jesuíta, Inácio de Loyola, escreveu:

Devemos sempre estar dispostos a acreditar que aquilo que nos parece branco, na verdade é preto, se a hierarquia da Igreja assim decidir.

Hoje, poucos católicos concordariam com Loyola, e todavia estas palavras descrevem exatamente a mentalidade adotada por muitas, se não a maioria das Testemunhas de Jeová, especialmente seus superintendentes viajantes.

Outra declaração popular que “pegou” entre alguns superintendentes viajantes e anciãos é: “Se a organização nos mandar saltar, nossa única pergunta deve ser ‘A que altura?’” Da mesma forma, quando alguém questiona a veracidade e o apoio bíblico de certos ensinamentos, o clichê que alguns destes homens usam em resposta é:

⁷⁹ Deuteronômio 17:8-13.

⁸⁰ *Crise de Consciência*, capítulo 11.

⁸¹ A pessoa que transmitiu esta informação da Austrália imigrou para lá da Alemanha. Ele escreveu que ao ouvir esta declaração sobre a autoridade da organização de fazer o “verde” tornar-se “preto”, feita por um superintendente de distrito em uma reunião para anciãos, ele murmurou consigo mesmo: “Heil Hitler!”

“Prefiro estar errado com a organização a estar certo sozinho.” Esta renúncia a todo o discernimento pessoal mostra não apenas o tipo de pessoas que são tidas como “qualificadas” para responsabilidades na organização. O fato de estes chavões incrivelmente vazios e estas exigências de obediência cega e irracional não serem firmemente repudiados pela grande maioria dos ouvintes, revela também o grau em que a organização e seu Corpo Governante são agora vistos como equivalentes ao sacerdócio do antigo Israel. Essas declarações, para todos os fins, repetem as palavras do Velho Pacto: “Não te debes desviar da palavra que te transmitirão, nem para a direita, nem para a esquerda.” A organização e seu Corpo Governante se erguem na mesma posição em que ficava o sacerdócio aarônico. É como se o Messias libertador ainda não tivesse vindo.

Em alguns pontos, a posição destes milhões da chamada “grande multidão” é *menor* que a dos israelitas não-sacerdotais, pois eles são comparados nas publicações da Torre de Vigia a “gentios espirituais”. Os gentios que viviam em Israel, ao se aproximarem do templo de Deus, tinham de parar no muro do Pátio dos Gentios, um muro com a inscrição: “Que nenhum estrangeiro ultrapasse a barreira e a cerca em torno do santuário. Quem for apanhado fazendo isso, será responsável por sua morte que virá como consequência.”⁸² Enquanto Cristo, por meio de sua morte, derrubou o muro que dividia judeus e gentios, um muro que fez pessoas serem “separadas da comunidade de Israel, sendo estrangeiros quanto às alianças da promessa”, a organização Torre de Vigia ergue um novo muro, dividindo espiritualmente os “israelitas espirituais ungidos” (cujo número hoje é de cerca de 8.600) dos gentios espirituais (que chegam a milhões), e colocando os últimos num figurativo Pátio dos Gentios.⁸³ Se um gentio atravessasse o muro divisório naquele pátio isto seria considerado um sacrilégio. Se quaisquer “não-ungidos” atravessarem o muro espiritual erguido pela doutrina da Torre de Vigia — como por participar dos emblemas na refeição noturna do Senhor (ato que biblicamente nada mais significa que uma expressão de fé no sacrifício de resgate), ou por considerarem a si mesmos como estando no novo pacto que Cristo mediou em favor

⁸² Veja *A Sentinela* de 1º de abril de 1973, páginas 222-223; 1º de julho de 1973, páginas 401, 402; *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 3, página 682.

⁸³ Efésios 2:11-18, *NVI*.

da humanidade — isto seria tratado como um “sacrilégio” similar, a invasão de um recinto sagrado.

Até as Escrituras Cristãs, dizem-lhes, não foram escritas ou dirigidas a eles, mas aos “ungidos”. Paradoxalmente, todas as *responsabilidades* colocadas nessas Escrituras Cristãs *são* aplicadas pela organização a estes milhões de membros “não-ungidos”, enquanto os principais privilégios lhes são negados. De certo modo, o conceito confuso da organização faz parecer que ser co-herdeiro de Cristo, posição que dizem que só a chamada “classe ungida” ocupa, é um privilégio *menos rigoroso em seus requisitos* que ser da classe da “grande multidão”. Os “ungidos” entram em sua posição privilegiada como filhos de Deus, diretamente declarados justos, e por ocasião de sua morte, em alguns casos após apenas relativamente poucos anos de “serviço”, têm sua herança assegurada, e no dia de julgamento de Deus são imediatamente aceitos em Sua presença — e não mil anos mais tarde. Isso não acontece com os da classe da “grande multidão”. O “tempo deles” ainda não chegou, e, se quiserem vê-lo, terão de labutar obedientemente sob a direção da organização, tendo de enfrentar depois uma “grande tribulação”. Tampouco termina aí, pois depois disto estarão, na prática, sendo julgados durante mil anos, visto que o milênio é representado como um “dia de julgamento de mil anos”. O sacrifício de Cristo trouxe os crentes de debaixo da Lei para a benignidade imerecida ou graça de Deus. Segundo o conceito da Torre de Vigia, os que sobreviverem ao Armagedom *voltam a estar debaixo da lei*, como afirma o livro “*Caiu Babilônia, a Grande! - O Reino de Deus já Domina!*”, explicando Revelação 20:12, 13:

Os “rolos” que o apóstolo João viu serem abertos não são os registros da anterior vida terrestre dos que estão de pé perante o trono de julgamento, mas são os livros de lei de Jeová. Quer dizer, são as publicações que especificam a sua vontade para todos na terra, durante o reino milenar de Cristo. Depois de se ter publicado e divulgado o que está escrito nestes “rolos” de lei, as pessoas serão julgadas pelas leis e instruções encontradas nestes rolos, “segundo as suas ações”, não as ações praticadas nesta vida ou antes de se publicarem os rolos, mas as suas ações depois, enquanto estiverem em julgamento.

O Juiz de Jeová, Jesus Cristo, poderá durante todo o dia de julgamento de mil anos executar a sentença de destruição em qualquer humano que se mostre incorrigível. Mas, por meio deste dia de

julgamento, todos os homens terão a oportunidade de aprender a justiça. (Isaías 26:9; 2 Pedro 3:8) Embora se mostrem obedientes e aprendam a justiça durante o dia de julgamento milenar de Cristo, ainda assim terão de passar pela prova final da devoção inabalável à soberania universal de Jeová, depois de terem terminado os mil anos, tempo em que serão soltos Satanás e seus demônios. Então ficarão de pé diante Daquele sentado no “grande trono branco” sem benefício dum intermediário, portanto, estarão por conta própria. Se passarem esta prova decisiva com obediência fiel a Jeová Deus, o Soberano Universal, então pela primeira vez escreverá ele, o Juiz Supremo de todos, seus nomes no “rolo da vida”, autorizando-os assim a usufruírem a vida humana perfeita para sempre na terra paradisíaca.⁸⁴

Parece incrível que uma organização possa apresentar razões com base nesta criativa reversão de assuntos, ou que possa justificar ter assumido o direito de “fazer ajustes” nas boas novas do primeiro século, de fato “reescrevendo-as” de modo a acomodá-las ao sistema doutrinal que elaboraram. Certamente que a proclamação internacional, na qual substituem as boas novas do primeiro século pela sua própria versão do século vinte, não os qualifica como cumpridores da profecia de Jesus sobre a pregação das boas novas a todas as nações. Quando ele disse “*Estas* boas novas do reino serão pregadas em todo o mundo”, ele se referia claramente às boas novas conforme *ele* as apresentou e conforme foram anunciadas dali em diante por seus apóstolos e discípulos, e não à forma reescrita dessas boas novas que seriam encontradas 1900 anos depois, apenas nas publicações e revistas de um determinado movimento religioso. Aquelas boas novas originais, ouvidas no primeiro século, continuam sendo as “boas novas *eternas*” que não precisam de atualização, e que servem de base para “a fé que de uma vez para sempre foi entregue aos santos”.⁸⁵

⁸⁴ Veja “*Caiu Babilônia, a Grande!*” *O Reino de Deus já Domina!*, páginas 232, 233. O livro mais recente *Revelação — Seu Grandioso Clímax Está Próximo*, página 296, diz similarmente sobre os sobreviventes do Armagedom: “o julgamento deles tem de continuar durante os mil anos, ao passo que Jesus prossegue guiando-os a ‘fontes de águas da vida.’”

⁸⁵ Revelação 14:6; Judas 3.

Uma Promessa Atraente, Não Cumprida

Como quando um homem faminto sonha que está comendo, mas acorda e sua fome continua; como quando um homem sedento sonha que está bebendo, mas acorda enfraquecido, sem ter saciado a sede. — Isaías 29:8, Nova Versão Internacional.

O ASSUNTO anterior causa certa tristeza — tristeza pela imagem de algo que prometia tanto, mas que ficou bem aquém dessa promessa. O que aconteceu entre as Testemunhas de Jeová me recorda o pensamento expresso há algumas décadas por um membro do parlamento britânico.¹ Explicando por que sua conclusão era que “a única classificação que realmente importa é a que divide os homens entre Servos do Espírito e Prisioneiros da Organização”, ele demonstrou o modo como o espírito humano concebe uma idéia e depois, visando a concretizar a idéia, forma uma organização. Quanto ao que muitas vezes acontece, ele comentou:

O fato de a organização ser política, religiosa ou social é irrelevante à minha presente argumentação. A questão é que, tendo a idéia se materializado na organização, a organização passa gradualmente a destruir a idéia que lhe deu origem...

[Se for organização religiosa, sua] mensagem se cristalizará num credo. Sem demora, a principal preocupação da igreja será sustentar-se como organização. Para este propósito, todo desvio do credo tem de ser contestado e, se necessário, suprimido como heresia. Em poucas dezenas ou centenas de anos, aquilo que se concebeu como veículo da verdade mais nova e elevada torna-se uma prisão para as almas dos homens.

¹ W. J. Brown, falecido em 1960; não pude determinar se as declarações dele aqui citadas são de um discurso ou de um tratado.

...quando a idéia dá a luz à organização, esta desenvolve um interesse próprio sem relação com a idéia que lhe deu início, e torna-se hostil a ela. Ora, o que permite que ocorra este processo de afastamento, de modo que a organização passe a defender o oposto da idéia que originalmente a inspirou, é a tendência de homens e mulheres de se tornarem Prisioneiros da Organização, em vez de serem Servos do Espírito... a organização torna-se menos o veículo da idéia do que o canal através do qual os interesses particulares têm de ser satisfeitos.²

O conhecimento humano é algo dinâmico, que se expande tanto pessoal como coletivamente. Quando as crenças se cristalizam na forma de credos ou ensinamentos oficiais aos quais se exige que as pessoas acatem a fim de perpetuar uma organização, o conflito é inevitável. Cria-se uma linha divisória entre o que o parlamentar citado chama de “Servos do Espírito” e “Prisioneiros da Organização”.

A organização agora conhecida como Testemunhas de Jeová, desde seu início há pouco mais de um século, fez promessas muito atraentes. Procurou romper com a adoração a Deus ligada a credos, para retornar à simplicidade do cristianismo do primeiro século, livre de ritualismo formal, elitismo, pensamento dominado por clérigos, dogmatismo sectário e intolerância. Em vez disso, daria ênfase à fraternidade simples, à atitude imparcial para com todas as pessoas sinceras sem interessar sua afiliação denominacional, à discussão aberta e à determinação de deixar a mensagem de Deus nas Escrituras ser o árbitro final em todas as conclusões e decisões. No decorrer do tempo, ela declarou que seu alvo era prover os meios para que pessoas de todos os países recebessem instrução das Escrituras e se beneficiassem do alicerce da fé baseada unicamente na mensagem bíblica, e não nas tradições de homens. Indicava às pessoas um modo de vida que seria sempre dirigido e abençoado por Deus, pondo sempre o reino do seu Filho em primeiro lugar nas suas vidas, vidas vividas em integridade, amor ao próximo, devoção irrestrita a valores espirituais sãos.

² As palavras de Brown são um eco das expressas anteriormente por Dean Inge (1860-1954) que disse: “Toda instituição, até mesmo a igreja, acaba por estrangular as idéias para cuja proteção foi fundada.” (Citado na revista *Good News Unlimited*, de outubro de 1989, página 10.)

Esses eram os ideais. A realidade é diferente. E, como Jesus admoestou, “não julguemos pela aparência das coisas mas pela realidade”.³

Não é que tenham descartado totalmente os alvos ou não tenham feito progresso algum em direção a estes. Adotar o conceito de que não se pode encontrar nada de bom na religião das Testemunhas de Jeová e empenhar-se, como fazem algumas ex-Testemunhas, numa atitude de zombaria, só manifesta forte preconceito. Quando pessoas que saem, agem assim, levantam-se questões quanto à pureza da sua motivação para sair. Se *absolutamente nada de bom havia* ali, por que então foram de início atraídos para lá, ou por que lá permaneceram durante cinco, dez, vinte anos ou mais? Da mesma forma que os de outras denominações religiosas — será que não percebem que em muitos casos as pessoas que entram na organização das Testemunhas fizeram isso exatamente devido à desilusão com as igrejas a que pertenciam? Muitas vezes, a organização das Testemunhas consegue em grande parte atrair o interesse das pessoas por causa dos defeitos vistos em muitas igrejas, sendo o fracasso delas em certas áreas um fator tão importante quanto os aparentes benefícios oferecidos pela organização das Testemunhas.

As pessoas muitas vezes se desiludem com a hipocrisia que vêm em muitos líderes e membros das igrejas; ficam confusas com a multiplicidade de divisões denominacionais e o espírito sectário que contribui para tais divisões. Preocupam-se com o nacionalismo expresso, o registro de guerras da cristandade, o histórico de opressão das minorias, e com o fato da ação política ter muitas vezes sido necessária para promover a igualdade racial dentro de comunidades “cristãs”.

Uma ex-Testemunha residente no norte da Virgínia [EUA], que entrou para uma pequena igreja após se desligar da organização Torre de Vigia, contou que “sempre fora ativa quando Testemunha” e continuou a sê-lo nesta pequena congregação. Em resultado disso começaram a dar-lhe responsabilidades adicionais, e isto continuou por cerca de dois anos. Ela disse, porém, que quanto mais a faziam

³ João 7:24, *Phillips Modern English*.

‘crescer’ mais se apercebia da “política da igreja”, e finalmente a deixou.

Desilusão similar pode resultar, e muitas vezes resulta mesmo, dos contatos com movimentos criados por pessoas que por sua vez saíram da organização Torre de Vigia. A mesma pessoa já citada escreveu sobre o telefonema de uma jovem de sua região que fora desassociada por ‘associar-se com pessoa desassociada’. Esta jovem disse que tinha sido afetada de modo tão negativo por um volumoso pacote legal que lhe enviara o advogado da Torre de Vigia, Leslie Long, para mostrar que qualquer ação legal contra a Sociedade seria inútil, que decidiu contatar algumas ex-Testemunhas. Primeiro contactou um homem cujo nome descobrira através dos meios noticiosos. Contou que falou com ele por telefone por quase duas horas. Em resultado do insistente dogmatismo dele contra certa doutrina “ortodoxa” e do interesse em receber dinheiro antes de enviar qualquer informação, ela comentou que achava que ‘se ele tivesse sido a única ex-Testemunha com quem ela entrou em contato, teria voltado para a organização Torre de Vigia’.

Outra senhora, residente na Califórnia, escreveu:

Seu livro foi uma mudança revigorante em relação aos livros que atacam e condenam as Testemunhas de Jeová, escritos por Testemunhas ressentidas. Posso entender por que alguns estão ressentidos; eu mesma combato isso, depois de passar 20 anos na organização...

...Preciso desesperadamente falar com alguém em busca de apoio emocional, mas é tão difícil encontrar conselho equilibrado, não condenatório, de grupos que parecem ter objetivos tão tendenciosos quanto as próprias Testemunhas... Eu já tinha tido a mente fechada por tempo demais.

Uma ex-Testemunha, residente em Indiana tinha obtido — devido à posição repressiva da organização — uma caixa postal com nome fictício, de forma a poder corresponder-se de modo seguro com ex-Testemunhas. Ela escreveu:

São tantas as ex-TJs que vi na televisão e cuja literatura li que mostram uma atitude que me desagradava, talvez por presunção ou desejo de vingança... Acho que elas são culpadas das mesmas coisas de

que acusam a Torre de Vigia: meias-verdades, tirar coisas do contexto, etc.

Estou sinceramente grato de que, como tem sido o caso de muitos, ela me escreveu esta carta principalmente porque sentiu que *Crise de Consciência* expressava um espírito diferente.

O auto-exame, portanto, deve sempre preceder a avaliação crítica da posição ou alegações de outra pessoa; de outro modo podemos estar focalizando o grão de poeira no olho de nosso irmão e não reparar na trave que existe no nosso.⁴

Alguns, de fato, focalizam e exageram falhas e erros existentes na organização das Testemunhas, erros que são essencialmente superficiais. Vêm problemas superficiais, mas não notam problemas subjacentes mais significativos. Condenam apenas as áreas em que acham que suas próprias posições e afirmações (geralmente opostas) parecem superiores, em benefício dos sistemas religiosos que defendem. Deixam de ver onde os pontos vitais envolvidos podem exigir ajustes nas suas próprias atitudes, posições e alegações. Isto parece mais farisaísmo que cristianismo.⁵ Do mesmo modo, quando as Testemunhas defendem sua organização, geralmente dão grande ênfase ao que tem que ver com a *aparência* mais que à *substância*, às *alegações* em vez da *realidade*, talvez às *intenções* em vez do *próprio resultado*.

Existe, inquestionavelmente, um enorme *potencial* para o bem na associação com milhões de membros que vivem em cerca de duzentos países. E é isso que acho particularmente trágico — o modo como o esforço de pessoas sinceras para atingir objetivos nobres, esforço medido não apenas em horas, dias e anos, mas muitas vezes em vidas inteiras, é desviado para um canal que o faz ficar penosamente aquém desses objetivos. O próprio instrumento que supostamente as ajuda a atingir esses objetivos mostra ser o maior obstáculo para que consigam isso. Este desvia os “Servos do Espírito” para se tornarem “Prisioneiros da Organização”. A organização tornou-se “menos o veículo da idéia do que o canal através do qual os interesses particulares têm de ser satisfeitos”.

⁴ Mateus 7:1-5.

⁵ Mateus 23:25-28.

O paraíso espiritual

Digo a todos entre vós: não sejais presunçosos nem tendes uma opinião muito elevada de vós mesmos; mas fazei uma estimativa sóbria do vosso caminho baseados na medida de fé que Deus deu a cada um de vós. — Romanos 12:3, New English Bible.

Numa assembléia internacional das Testemunhas de Jeová em Nova York, em 1958, foi dito à assistência:

O florescimento do paraíso espiritual é o que explica a felicidade transbordante das testemunhas de Jeová... Este paraíso espiritual reflete a glória de Deus e atesta o estabelecimento do seu reino.⁶

Daí em diante, garante-se repetidamente às Testemunhas que elas formam este “paraíso espiritual” e que são o povo mais feliz, mais unido e mais limpo da face da terra. Diz-se que as profecias das Escrituras Hebraicas sobre o ‘deserto florescer como a rosa’ e a terra ‘se tornar como o Éden’, têm cumprimento espiritual hodierno na organização das Testemunhas.⁷ Descrevem com palavras empolgantes o esplendor das condições neste “paraíso espiritual”, e retrata-se a organização como algo de harmonia quase perfeita, onde ‘pessoas que antes eram como lobos residem pacificamente com pessoas semelhantes a ovelhas’, “humanos deixando de lado as anteriores características agressivas e se revestindo, em vez disso, duma personalidade marcada pela pacificidade e pelo amor”, sem “competições, nem rivalidades, exaltação ambiciosa de si próprio acima dos outros... difamações malignas, nem rancor”, onde todos se alimentam num contínuo banquete de rico alimento espiritual num “lugar espiritualmente salutar, em que se produzem em abundância os frutos do espírito santo de Deus”.⁸

Muitas delas crêem nisto, em particular as que, como era o meu caso, não conheceram nada além de ser parte da “Sociedade do Novo Mundo”. Passam a ver tudo o que está fora dessa sociedade, inclusive todas as outras denominações religiosas, como altamente desprovidas

⁶ Citado na *Despertai!* de 22 de maio de 1987, página 15.

⁷ A *Sentinela*, 1º de maio de 1984, página 5.

⁸ Veja *Está Próxima a Salvação do Homem da Aflição Mundial!* (1975) páginas 178, 179, 193-194; A *Sentinela*, 15 de março de 1986, página 20; 1º de maio de 1984, páginas 4-7.

de genuínos princípios morais e genuíno amor, ou pelo menos, notavelmente inferiores aos padrões e níveis de que sua própria organização afirma ser exemplo. A seguinte declaração da *Sentinela* de 15 de março de 1986, página 20, mostra até que ponto vão neste assunto:

Somente no paraíso espiritual, entre as Testemunhas de Jeová, podemos encontrar o amor abnegado que Jesus disse identificaria os seus verdadeiros discípulos. (João 13:34, 35)

Os falsos profetas, pelos seus maus frutos, são expostos como tais. Mas Jesus indicou que as árvores boas seriam identificadas pelos seus frutos excelentes. (Mateus 7:15-20) E que frutos excelentes nós temos no paraíso espiritual! Quase que em cada país há espantosos aumentos....

As Testemunhas de Jeová, por serem ensinadas por Deus, realmente produzem na sua vida os frutos do cristianismo. (Isaías 54:13) Só os do povo de Jeová se libertaram completamente das superstições babilônicas. Só eles têm uma organização que acata plenamente o que a Palavra de Deus tem a dizer sobre a imoralidade sexual, os abortos, a embriaguez, o furto, a idolatria, o preconceito racial, e sobre outros empenhos e práticas do mundo. E somente eles obedecem à ordem de pregar as boas novas do Reino de Jeová. (Mateus 24:14) A própria Palavra de Deus inquestionavelmente aponta para as Testemunhas de Jeová como o único povo organizado que tem a bênção dele!

Embora digam que isto é ‘inquestionável’, no interesse da verdade devemos perguntar: Quão factual é realmente a auto-avaliação da organização expressa acima? O que dizem não é que são *um pouco* melhores ou *bastante* melhores ou um *aprimoramento* de outras religiões. O que dizem é que são *notavelmente* melhores, têm real exclusividade nestas áreas. São “inquestionavelmente” o único oásis espiritual num deserto mundial. Em vista da exortação encontrada nas palavras do apóstolo Paulo em Romanos 12:3, já citadas, contra ter de si próprio uma opinião mais elevada que o devido, quão sóbria é a auto-imagem publicada pela organização?

O fruto da fé

O apóstolo enfatiza três frutos do espírito de Deus como da maior importância para o cristão: fé, esperança e amor.⁹ A fé é a própria base do cristianismo. Sobre ela, constrói-se todo o resto. As próprias Escrituras nos ensinam a depositar nossa fé em Deus e no seu Filho. Não vemos nas Escrituras instruções ou incentivo para depositar nossa fé em homens ou num sistema humano. O apóstolo declara:

Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo.... ninguém procure nos homens motivo de orgulho, pois tudo pertence a vós. Paulo, Apolo, Cefas, o mundo, a vida, a morte, as coisas presentes e as futuras. Tudo é vosso; mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus.¹⁰

Em contraste, as publicações da Torre de Vigia desviam a fé do seu verdadeiro objeto, de certa forma fragmentando-a, de modo que esta fé não se dirige total e indivisivelmente a Deus e seu Filho, não se alicerça neles. Encorajam as pessoas a “Depositar fé numa organização vitoriosa”, como diz a capa da *Sentinela* de 1º de setembro de 1979:


⁹ 1 Coríntios 13:13.

¹⁰ 1 Coríntios 3:11, 21-23, *BJ*.

1.º DE SETEMBRO DE 1979

A SENTINELA

Anunciando o Reino de Jeová



TENHA FÉ numa ORGANIZAÇÃO VITORIOSA

Página 12

Pode-se encher todo um livro com exemplos de declarações bíblicas inteiras que falam de Deus e Cristo que são transferidas para a “organização visível”. Capítulos anteriores deste livro documentaram o modo como a lealdade a Deus é igualada à lealdade à organização visível, a submissão à direção de Deus é igualada à submissão à direção da organização visível, e a confiança na Palavra de Deus é igualada à confiança na palavra da organização visível. Conforme

também documentado, apropriam-se de declarações bíblicas referentes a Cristo e as aplicam à organização. Esta tem a presunção de partilhar com Cristo seu papel de ser “o caminho, a verdade e a vida”.¹¹ De todos os erros evidentes da religião, o mais grave, creio eu, é este desvio da fé para um sistema humano. A organização Torre de Vigia não é o único sistema religioso a fazê-lo. Mas certamente apresenta um exemplo destacado de apropriação — apropriação que merece ser chamada de arrogante — de algo que de direito pertence só a Deus e Cristo.

Quando as pessoas se deixam levar nesta direção, os prejuízos à pureza de sua fé são inevitáveis. A fé genuína é adulterada pela credulidade. Quanto maior o desvio da fé em Deus para a fé no homem, mais danosos os resultados. A confiança posta num sistema humano e na sua aparente força pode eventualmente chegar ao ponto descrito em Jeremias 17:5-9, onde Jeová diz:

Maldito é o homem que confia em seres humanos, que procura sua força na carne, cujo coração se desvia de [Jeová]. Ele é como um arbusto árido no deserto que não usufrui mudança de estação, mas fica num resíduo de lava, terra salgada e vazia. Bendito é o homem que confia em [Jeová], cuja esperança está em [Jeová]. Ele é como uma árvore plantada junto às águas, que estende suas raízes para a corrente: não teme o calor quando este vem, suas folhas permanecem verdes; no ano de seca não mostra angústia, mas ainda dá fruto.¹²

Quanto mais a fé da pessoa se fixa num sistema humano, seja qual for, menos espiritual se torna. Há homens que são muito “religiosos” e todavia não são essencialmente espirituais. São “homens de organização”, não homens de fé. Suas vidas podem estar cheias de atividades que lhe trazem aprovação e apoio da organização, e o poder que esse apoio provê. Se perderem o apoio da organização, sua aparente força desaparece com ele.¹³ Apesar de seu zelo por uma organização religiosa e seu crescimento e prosperidade, suas vidas podem mesmo assim ser “estéreis” nas coisas que trazem a aprovação de Deus e a Sua força — estéreis quanto aos frutos do Seu Espírito em ações espontâneas, intimamente motivadas e impelidas pela fé, que são

¹¹ João 14:6.

¹² Tradução da *New American Bible*.

¹³ Confira Revelação 3:1, 2, 17, 18.

amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e autodomínio.¹⁴

No mesmo ano em que saí da República Dominicana para integrar o pessoal da sede internacional, o presidente Knorr me designou como um dos quatro instrutores que dariam aulas especiais de um curso do “Ministério do Reino” a serem assistidas por superintendentes viajantes (de circuito e distrito) dos EUA.¹⁵ As aulas tinham duração de duas semanas e os homens vinham em grupos sucessivos de cem. Fiquei surpreso de ver quão bem se pode conhecer cem homens em duas semanas de debates. E fiquei igualmente surpreso de perceber que de cada grupo, nunca encontrei mais que dois ou três homens que dessem evidência de entendimento profundo autêntico, perspicácia, ou mais seriamente, espiritualidade. Os outros 97 ou 98 eram basicamente “homens de empresa”, cujos “discursos de serviço” mostravam alguma habilidade oratória mas que tinham, em conteúdo, pouco nutriente espiritual, sendo geralmente pouco mais que discursos entusiastas, homens geralmente eficazes em “colocar” literatura às portas, e que em conhecimento estavam acima da média apenas por serem muito atualizados sobre as normas e regulamentos da Sociedade. Naquela época, eu próprio ainda era um crente firme, convencido de que fazia parte do único povo aprovado por Deus na terra. Todavia, lembro-me de dizer a mim mesmo: “Será realmente isto o melhor que podemos dar para ajudar nossos irmãos?”

O espírito mostrado — em discursos, atitudes e ações — pelos que depositam fé num sistema humano não é o celestial espírito de Deus; reflete uma fonte diferente, humana.¹⁶ Eles podem ser rápidos em punir qualquer desvio das normas ou dogmas da organização. Mas, se notarem erros sérios cometidos por sua própria organização religiosa, ou se reconhecerem falácias cruciais nos seus ensinamentos, não têm força íntima nem coragem para falar e defender o que é certo, nem para tomar o lado da verdade contra a injustiça. Em vez de produzir pessoas de integridade, sua confiança implícita e subserviência quase total a um sistema organizacional — e o medo de perder sua aprovação —

¹⁴ Gálatas 5:22, 23, *BJ*.

¹⁵ Os outros instrutores designados foram Edward Dunlap, Ulysses Glass e Fred Rusk.

¹⁶ Tiago 3:17, 18.

converte-os em homens sem fibra. Se todos os do povo de Jeová dos tempos pré-cristãos tivessem sido assim, não teriam existido profetas de cujas vidas e palavras pudéssemos derivar força e confiança ao enfrentar provas de nossa fé em Deus, em vez de em fontes humanas.¹⁷ Nem teriam existido apóstolos cristãos que — acusados de perturbar a paz da comunidade religiosa e minar a autoridade dos seus líderes — permaneceram firmes perante o corpo governante religioso do seu povo e disseram: “Não podemos parar de falar das coisas que vimos e ouvimos... temos de obedecer a Deus como governante antes que aos homens.”¹⁸ Em tempos posteriores, não teriam existido relatos históricos de homens como Wycliffe, Tyndale, Servet, Huss, Valdo e outros, que puseram a consciência acima da submissão a uma autoridade religiosa e que prepararam o caminho, em maior ou menor grau, para certas liberdades que hoje usufruímos.

Não dizemos isto com espírito condenatório ou desprezo. A experiência pessoal me fez ver o efeito incapacitante causado pela fé numa organização, o efeito debilitante da subserviência à autoridade humana, a facilidade com que a preocupação de não perder o favor dessa autoridade pode sutilmente se infiltrar na mente. Não achei fácil libertar-me desses efeitos. Estou convicto de que a coragem natural não provê a força que se precisa. Pessoas enfrentaram grande perigo às mãos de opositores externos para serem leais à sua organização religiosa, e até arriscaram a vida em território inimigo em favor de concretes da religião.¹⁹ Mas essa coragem por si só não garante proteção contra a covardia moral *dentro* dessa organização religiosa. Afinal, que sentido ou mérito há se um homem toma posição intransigente numa certa questão, talvez até passe algum tempo num campo de concentração por causa disso, e depois transige quando confrontado com uma questão paralela dentro de sua religião? Que importância genuína tem uma pessoa recusar envolver-se em conduta que encara como virtual idolatria a um Estado político, tendo fé nele e prestando-lhe lealdade quase cega, recusar fazer declarações que considera reconhecerem que a salvação está indissoluvelmente ligada a esse Estado, se ela depois participa em conduta que reflete virtual

¹⁷ Confira Isaiás 58:1; Hebreus 11:36-38; 12:1-3.

¹⁸ Atos 4:5, 12, 18-20; 5:27-29.

¹⁹ Confira 1 Coríntios 13:3.

idolatria a um sistema *religioso*, tendo fé nele, e prestando-lhe lealdade quase cega a ponto de crer que sua salvação está inquestionavelmente ligada a esse sistema? Nem todas as Testemunhas chegam a esse ponto, mas um número incrivelmente grande o faz, e a mensagem que recebem persistente e insistentemente os leva nessa direção.

Nenhum de nós tem razão para se vangloriar na sua própria força ou na força de um sistema humano.²⁰ Era a fé em Deus, não a fé na organização nacional de Israel ou numa liderança humana, que distinguia os homens exemplares dos tempos bíblicos, cuja “fraqueza transformou-se em força”.²¹ Parece-me seguro dizer que a grande maioria dos adeptos da Torre de Vigia sabe como “seguir a multidão”, mas acharia difícil atuar espiritualmente à parte de um sistema humano. À parte dele, sentir-se-iam sem rumo, desorientados, sem real objetivo na vida e sem força para lutarem por ela. Se tivessem uma fé não adulterada, centrada totalmente em Deus em vez de amplamente centrada em homens, isso não aconteceria.

O fruto da esperança

A esperança cristã passa por adulteração e substituição similares. O foco está em direção oposta à declarada pelo apóstolo, que escreveu:

Se, porém, fostes levantados junto com o Cristo, prosseguí buscando as coisas de cima, onde o Cristo está sentado à direita de Deus. Mantende as vossas mentes fixas nas coisas de cima, não nas coisas sobre a terra.²²

No primeiro século, foi devido à preocupação com a realização dos desejos terrenos — inclusive a libertação da opressão das autoridades mundanas e a restauração e o usufruto de muitas bênçãos físicas — que muitos se desapontaram com o Filho de Deus, com relação ao cumprimento de suas esperanças messiânicas.²³ Deixaram de apreciar a libertação e as bênçãos muito mais maravilhosas que ele efetivamente realizou. Suas falsas esperanças os cegaram para a verdadeira esperança e os fez aquiescer na morte do Filho de Deus.

²⁰ 1 Coríntios 1:26, 27, 29.

²¹ Hebreus 11:32-34, ARA.

²² Colossenses 3:1, 2; veja também Filipenses 3:19.

²³ Confira Lucas 24:17-21.

Como vimos no capítulo anterior, um dos grandes atrativos para as pessoas se associarem com a organização Torre de Vigia é exatamente sua ênfase à satisfação de desejos físicos, terrenos. Essas esperanças e expectativas são simultaneamente estimuladas pela garantia de que o ansiado cumprimento “a ser materializado em breve”, está “muito perto”, “às portas”, “bem à frente”, garantias que se apóiam em interpretações humanas e que se repetem vez após vez. Ao predizer a vinda de falsos messias, Cristo falou também de homens que viriam, dizendo, “O tempo está agora muito próximo”, e aconselhou: “Nunca sigam homens deste tipo.”²⁴

A verdadeira esperança cristã não se baseia em mero desejo ou sonho impossível, mas na realidade. Essa esperança genuína fortalece a fé e contribui para a perseverança, pois tem base sólida e inabalável, uma “âncora para a alma”.²⁵ Por isto, não desaponta nem engana, é sempre fidedigna.²⁶ Em contraste, as esperanças incutidas pela Torre de Vigia, muitas vezes ligadas a certas datas, vez após vez levaram a desapontamentos e, para muitos, à desilusão. As expectativas despertadas mostraram não ter mais substância que uma miragem, mais estabilidade que o fogo-fátuo, mais consistência que a luz trêmula e ondulante gerada pelo gás do pântano. Jovens acreditaram confiantemente que jamais “envelheceriam neste sistema de coisas” e basearam todos os seus planos e passos nessa crença. Mas eles *envelheceram* e muitas vezes enfrentaram problemas difíceis, até deprimentes, problemas devidos a decisões tomadas nos primeiros anos, altamente controladas por uma esperança com bases falsas. A organização, todavia, comprometida como é com sua data de 1914, continua afirmando saber com absoluta certeza que “o tempo está agora bem próximo”, que as pessoas nesse período especificado de tempo podem crer confiantemente que é possível escapar à própria experiência da morte. Não há nada de edificante em tais esperanças ilusórias. Ao contrário, destroem a verdadeira esperança, enfraquecem a genuína fé.

Num memorando incomumente franco, enviado ao departamento de redação da sede mundial em 1978, um escritório de filial descreve o

²⁴ Lucas 21:8, *Phillips Modern English*.

²⁵ 1 Tessalonicenses 1:3; Hebreus 6:18-20; 11:1, 2.

²⁶ Romanos 5:5

efeito das especulações cronológicas e a espécie de motivação que isto causa, dizendo:

Há então a questão da cronologia bíblica e das motivações. Muitos irmãos começaram a pregar positivamente que a nova ordem viria em 1975 ou pouco depois disso. Isto despertou o interesse de algumas pessoas que buscaram mais informações sobre a nova ordem e gostaram do que ouviram. Convenceram-se também das doutrinas básicas. Então se batizaram e participaram na adoração com a congregação. Muitos foram evidentemente motivados por sua visão da nova ordem e sua proximidade. Era em grande parte uma motivação materialista. Quando 1975 chegou e passou sem trazer a nova ordem, tais pessoas, por não terem forte motivação espiritual, acharam melhor voltar a correr junto com o mundo em busca de coisas materiais, na esperança de usufruir uma situação melhor no atual sistema de coisas.

Lamentavelmente, muitos que estavam por muito mais tempo na verdade foram afetados de modo similar. Desde 1975 [ou, num período de cerca de três anos], por volta de 30.000 pessoas ou se desviaram da verdade ou se tornaram irregulares no serviço aqui neste país.²⁷

Como admitiu a própria *Sentinela*, o desapontamento causado “em alguns casos tem levado ao desastre espiritual.”²⁸ O memorando da filial citado, embora mostrando que em muitos o efeito foi aumentar o apoio às atividades congregacionais, relata que “muitos que iniciaram o serviço de pioneiro tendo em vista essa data, suspenderam seus estudos, limitaram empregos regulares, recusaram oportunidades de ganhar mais dinheiro ou negligenciaram sua saúde”, e que com a passagem daquele ano “se sentiram desapontados e desiludidos”. Vi pessoas seriamente prejudicadas pela falsa urgência que cercava as predições sobre 1975, com alguns sofrendo forte tensão emocional, famílias enfrentando problemas econômicos durante anos, homens que tinham largado bons empregos lutando com o alcoolismo devido à dificuldade de achar novos empregos, idosos que encaravam um futuro desolador por terem usado prematuramente fundos de seguro ou similares, pessoas cuja saúde física fora seriamente afetada por terem cancelado cirurgias ou outros tratamentos. Se o sacrifício tivesse sido pela verdade, por Deus, por um objetivo nobre, teria então valido a

²⁷ Memorando enviado pelo escritório de filial da Torre de Vigia da Nigéria, de 12 de outubro de 1978, página 10.

²⁸ A *Sentinela*, 15 de abril de 1990, página 27.

pena. Mas foi devido ao esforço mental originado de uma só pessoa, depois proclamado por uma organização e que acabou em nada, provando-se completa ficção. Podem tentar ignorá-la, mas a responsabilidade por tudo isto cai sobre aqueles que deram origem às esperanças falsas, que incitaram e estimularam expectativas ilusórias.

Tanto Cristo como o apóstolo Paulo aconselharam calma e contra deixar que eventos e predições terrenos se tornassem uma fonte de empolgação alarmante.²⁹ As publicações da Torre de Vigia fazem o oposto, utilizando qualquer acontecimento mundial do momento para alimentar presságios inquietantes, a sensação de que algo cataclísmico está para ocorrer. Comprometem-se abertamente a manter um constante senso de urgência em todos os membros. Isto serve para “matar dois coelhos de um só golpe”, como diz o ditado. Por um lado, seduz com a perspectiva de “sobreviver ao Armagedom para um novo mundo e nunca morrer”, e por outro, serve de estímulo para intensificar a atividade de cumprir a programação da organização e trabalhar para seus objetivos.

É uma urgência baseada no significado associado aos eventos mundiais, implicando naquilo que a própria organização atribui aos eventos. No século 20, como em todos os anteriores, vimos numerosos períodos alternados de incrível violência e relativa paz. A organização Torre de Vigia descobriu a fórmula que usa qualquer circunstância para criar uma sensação de desastre iminente. Sempre que ocorre um período de maior violência e agitação, aponta-se isto como prova de que as predições feitas estão corretas e de que “o tempo está muito próximo!” Quando essas condições se amenizam e surgem depois condições exatamente opostas, mais favoráveis à paz, isto é usado como evidência de que a “repentina destruição” está próxima, com base no que Paulo falou sobre os homens que dizem “paz e segurança” em 1 Tessalonicenses 5:3. As publicações da Torre de Vigia têm feito afirmações como estas:

Esta profecia torna claro que, logo antes do fim deste sistema de coisas, declarar-se-á de forma excepcional “paz e segurança”, quer

²⁹ Mateus 24:6, 2; 2 Tessalonicenses 2:1, 2. A palavra grega traduzida por “apavorados” em Mateus 24:6 na *Tradução do Novo Mundo* é a mesma palavra traduzida por “provocados” em 2 Tessalonicenses 2:2.

mediante as Nações Unidas, quer independentemente pelos líderes políticos e religiosos.³⁰

Agora, nos meses finais do mandato do Presidente Reagan, e na atmosfera de degelo da política de *glasnost* (abertura) do Secretário Gorbachev, parece estar havendo sérias conversações para minorar o perigo das armas nucleares. Não podemos prever se isso é um prelúdio duma suposta paz e segurança para o mundo em geral. Mas, de acordo com a profecia bíblica, é isso que os cristãos estão aguardando.³¹

Contudo, ainda virá mais um acontecimento que servirá como *sinal inconfundível* de que a destruição do mundo é iminente.³²

Todavia, o contexto das palavras do apóstolo vai exatamente contra este ponto de vista, pois ele afirma:

Irmãos, relativamente aos tempos e às épocas, não há necessidade de que eu vos escreva; pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o dia do Senhor vem como ladrão de noite. Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição.³³

Visto que o “dia do Senhor” vem como ladrão, é claro que o apóstolo não está dizendo que as pessoas falarem de paz e segurança é um tipo de sinal ou alarme na forma de um pronunciamento notável. Os ladrões não dão “sinais inconfundíveis” ou alarmes para anunciar sua chegada “iminente”. É evidente que as palavras de Paulo correspondem às palavras anteriores proferidas por Cristo — que Sua vinda encontrará as pessoas num aparente estado de normalidade, com a vida prosseguindo como de costume, pessoas comendo e bebendo, casando-se e sendo dadas em casamento, construindo e plantando, *sem nada que estimule premonições ou dê indicações antecipadas de que o julgamento está para começar repentinamente*.³⁴

³⁰ A *Sentinela*, 15 de novembro de 1984, página 6.

³¹ *Despertai!*, 8 de abril de 1988, página 14.

³² *Verdadeira Paz e Segurança — Como Poderá Encontrá-la?* (1986), página 85.

³³ 1 Tessalonicenses 5:1-3, ARA.

³⁴ Confira Mateus 24:26-39, 42-44; Lucas 17:26-30; 21:34-36.

Os pronunciamentos periódicos de “paz e segurança” que as nações fazem vez após vez ao longo da história, mostraram-se sem substância e de curta duração, assim como as premonições baseadas neles.

Já em 1915, o primeiro presidente da Torre de Vigia, C. T. Russell, expressou num congresso a opinião de que o profetizado tempo de paz proclamada tinha começado com a primeira Conferência de Haia (1899).³⁵

A 1ª Guerra Mundial demoliu os efeitos da conferência de Haia. Russell morreu em 1916, no meio daquela guerra.

Em 1917, seu sucessor, J. F. Rutherford, dizia que após a guerra haveria um “curto período de paz”, em cumprimento das palavras de 1 Tessalonicenses 5:3, com o “fim” vindo logo depois disso.³⁶ A “repentina destruição”, porém, demorava, e em meados dos anos 30 Rutherford escreveu que “agora” tinha chegado o tempo para o predito pronunciamento de paz (segundo ele, a ser feito em Roma), precedido pelo silenciamento global da obra das Testemunhas de Jeová.³⁷ Em vez disso, começou a 2ª Guerra Mundial. Em 1940, Rutherford escreveu que a guerra seria interrompida por um breve período de paz, imediatamente seguido pela guerra de Deus, o Armagedom.³⁸

Após a morte de Rutherford, em 1942, o folheto *Paz — Pode Durar?* (escrito por Fred Franz, mas proferido por N. H. Knorr como discurso principal de um congresso), continuava a afirmar (na página 26) que o período de paz depois da 2ª Guerra Mundial “terá duração muito curta” sendo rapidamente seguido do Armagedom. Hoje, mais de meio século depois, ainda estamos vivendo nesse período de paz,

³⁵ Veja *O Que Disse o Pastor Russell* (em inglês, de L. W. Jones, associado íntimo de Russell), página 529. Neste, como nos pontos seguintes, estou grato à pesquisa feita por Carl Olof Jonsson.

³⁶ Veja *A Sentinela*, 1º de janeiro de 1917, páginas 4, 5; 1º de dezembro de 1917, página 358.

³⁷ Veja o folheto *Escolhendo — Riquezas ou Ruína?* (1936, em inglês), páginas 31, 32; o livro *Inimigos* (1937, em inglês), páginas 292, 293.

³⁸ *A Sentinela* (em inglês), números de 15 de agosto de 1940, página 246 e 1º de setembro de 1940, páginas 259-266.

*mais longo que qualquer período anterior de paz entre as grandes potências da história.*³⁹

Nos anos 70, com o foco no ano 1975, as publicações da Torre de Vigia falavam que “estranhos eventos ocorrem em nossos tempos” e que a profecia de “paz e segurança” “parece estar-se aproximando rápido de seu cumprimento”.⁴⁰ 1986 foi internacionalmente declarado como “Ano da Paz” e isto deu margem a mais expectativas empolgantes. A Sociedade lançou seu livro *Verdadeira Paz e Segurança — Como Poderá Encontrá-la?*, com sua descrição, já citada, da vindoura proclamação de “paz e segurança” como “*sinal inconfundível* de que a destruição do mundo é iminente”. Em 1990, com a “guerra fria” chegando ao fim, o livro *O Homem em Busca de Deus* (página 371) mais uma vez referia-se a 1 Tessalonicenses 5:3, dizendo:

Já agora, há outra notável profecia bíblica perto de se cumprir, diante de nossos olhos...

Parece que as nações que antes eram beligerantes e suspeitosas umas das outras estão agora cautelosamente se aproximando duma situação em que poderão declarar paz e segurança mundial.

Alguém poderia pensar que — após sete décadas estimulando a empolgação com declarações que mostraram ter menor duração que os movimentos de paz em que se baseavam — a organização se sentiria motivada à humildade. Ao invés, *A Sentinela* diz:

...a Sociedade Torre de Vigia continuará a dar nas suas publicações avisos oportunos ao público leitor, para que você não seja apanhado desprevenido pela vindoura pretensiosa proclamação de “paz e segurança”, conforme arquitetada pelas nações deste velho sistema de coisas.⁴¹

Diz-se isto apesar da evidência inegável de que todos os “avisos oportunos” do passado mostraram-se mal calculados, mal concebidos e, finalmente, sem sentido. A linguagem empregada é uma mistura

³⁹ Veja *International Security*, Vol. 13 (1988), página 80; *International Studies Quarterly* 30, dezembro de 1986, página 269.

⁴⁰ Veja a *Despertai!* de 22 de abril de 1973, páginas 4, 9; *Aproximou-se o Reino de Deus de Mil Anos!* (1975), página 365.

⁴¹ *A Sentinela*, 1º de setembro de 1987, página 23.

consistente em que se juntam declarações em tom confiante com a imprecisão e a indefinição deliberadas. A *Despertai!* de 8 de setembro de 1991, por exemplo, traz este parágrafo (página 10):

As Testemunhas de Jeová crêem firmemente que as Nações Unidas irão desempenhar um grande papel nos eventos mundiais no futuro bem próximo. Sem dúvida, estes acontecimentos serão muito excitantes. E os resultados terão um impacto de amplo alcance sobre seu futuro. Instamos-lhe a que peça às Testemunhas de Jeová em sua vizinhança mais pormenores sobre este assunto. A Bíblia pinta claramente um quadro que mostra que as Nações Unidas receberão, muito em breve, poder e autoridade. A ONU fará então coisas surpreendentes que bem que poderão deixá-lo estupefato. E ficará emocionado de saber que existe um melhor instrumento, bem às mãos, que certamente trará paz e segurança eternas!

A retórica poderosa — “futuro bem próximo”, “muito excitantes”, “coisas surpreendentes”, “bem que poderão deixá-lo estupefato” — só serve para deslumbrar o leitor e impedi-lo de perceber que não se disse nada de realmente sólido. Se ele recorrer aos textos bíblicos em que se baseiam supostamente estas afirmações (Revelação 17:7-14), achará somente a descrição de uma fera simbólica com sete cabeças (que se diz representarem sete reis) e dez chifres (representando outros dez reis), e de um oitavo rei ‘procedente dos sete’. O “quadro” que se diz que “a Bíblia pinta *claramente*” acaba dependendo totalmente das interpretações particulares destes símbolos feitas pela Torre de Vigia. Compare o tipo de linguagem usada na revista de 1991 com a seguinte:

....podemos esperar que o futuro imediato esteja cheio de eventos emocionantes para aqueles que depositam sua fé em Deus e em suas promessas. Isso significa que dentro de relativamente poucos anos testemunharemos o cumprimento das profecias restantes que têm que ver com o “tempo do fim.”

O futuro imediato com certeza estará repleto de eventos climáticos, pois este velho sistema se aproxima de seu fim completo. Dentro de alguns anos, no máximo, as partes finais da profecia bíblica relativas a estes “últimos dias” terão cumprimento, resultando na libertação da humanidade sobrevivente para o glorioso reino milenar de Cristo. Que dias difíceis, mas, ao mesmo tempo, que dias grandiosos estão bem à frente!

A mesma linguagem empolgante sobre “o futuro imediato” aparece como na publicação de 1991 já citada. Mas estas duas últimas citações e suas predições foram totalmente baseadas nas afirmações relativas ao ano 1975, agora descartadas, e apareceram na *Despertai!* de 22 de abril de 1967 e na *Sentinela* de 1º de novembro de 1968. Os “alguns anos, **no máximo**”, em que se cumpririam “as partes finais da profecia bíblica relativas a estes ‘últimos dias’”, já se estenderam por mais de um quarto de século.

Todo o empolgado senso de urgência gerado por estas táticas especulativas difere muito da urgência baseada na inegável incerteza da própria vida e da nossa existência, devido à relativa brevidade de nossas vidas, igual a “uma bruma que aparece por um pouco de tempo e depois desaparece”.⁴² A compreensão sóbria destes fatos pode nos prover um senso apropriado e saudável de urgência, firmado na realidade. Da mesma forma, a própria *imprevisibilidade* da vinda do dia de julgamento de Deus pode impelir-nos a estar sempre “despertos” e “sóbrios”, de modo que este dia, venha quando vier, encontre-nos prontos.⁴³ Quer pessoalmente vivamos para ver isso ocorrer, quer morramos antes, nossa esperança é indestrutível e seu cumprimento assegurado.

Seria errado pensar que as Testemunhas de Jeová não aprendem a ter esperança no poder da ressurreição da morte através de Cristo. Elas aprendem e têm essa esperança. Mas, para a vasta maioria, os que não são da “classe ungida”, essa esperança é revestida da esperança de que, como Testemunhas, talvez não precisem dessa esperança biblicamente ensinada e possam fugir à necessidade de beneficiar-se dela. Com isto, tenta-se fechar a mente da pessoa para a realidade, a de que ‘a morte é um fato da vida’. As Escrituras tratam desse duro fato, não nos seduzem com alguma alternativa mais palatável.

Os que não são da classe ungida aprendem que, se conseguirem viver *até* a “grande tribulação” e passar por ela, seus casamentos continuarão em vigor. Se morrerem fiéis *antes* da “grande tribulação” eles serão ressuscitados para a vida na terra, mas deverão então viver para sempre no estado de celibato.

⁴² Tiago 4:13-15.

⁴³ Mateus 24:42, 44; Lucas 21:34, 36; 1 Tessalonicenses 5:6-8.

É incrível como essas esperanças de criação humana podem afetar o raciocínio. Um amigo do pessoal da redação da sede internacional assistia o mesmo “estudo de livro de congregação” que Maxwell Friend. Maxwell era um dos membros mais antigos da sede mundial e tinha servido por muitos anos como instrutor da Escola de Gileade.⁴⁴ Nos anos 70, após um estudo de livro à noite, meu amigo relatou-me que Maxwell tinha dito ao grupo de estudo: “Bem, minhas orações foram atendidas.” Quando lhe perguntaram o que queria dizer, disse que tinha orado para que todos os seus parentes não-Testemunhas morressem antes de começar a “grande tribulação”. Desse modo, eles se habilitariam para a ressurreição, enquanto que se estivessem vivos quando viesse a “grande tribulação” eles seriam destruídos eternamente, sem esperança de ressurreição. Ele informou ao grupo que tinha acabado de saber que seu último parente vivo não-Testemunha morrera, e, portanto, suas orações tinham sido atendidas.

Parece incrível que alguém acredite que a aplicação ou a retirada da misericórdia divina, com todas as sérias consequências aí envolvidas, possam ser determinadas por um cronograma — crendo-se que o fato de a pessoa morrer um dia ou mesmo uma hora antes do início da “grande tribulação” lhe dê esperança de ser ressuscitada, mas se morrer um dia ou uma hora *depois* não será ressuscitada. O indivíduo com certeza será essencialmente a mesma pessoa em qualquer das datas. Isto, e todas as outras preocupações com datas e períodos de tempo, sinais e avisos, não contribuem em nada para encorajar o apreço saudável pela esperança bíblica.

Preocupação com a verdade

Examinem tudo, fiquem com o que é bom. — 1 Tessalonicenses 5:21, *Bíblia na Linguagem de Hoje*.

A fé e a esperança estão inseparavelmente ligadas à verdade. Sem esta, elas se tornam mera credulidade e ilusão. A adulteração da fé e da esperança ensinadas nas Escrituras resulta no enfraquecimento do apreço pela importância da verdade dentro do “paraíso espiritual”.

⁴⁴ Ele tinha sido ator shakespeariano antes de ser Testemunha na sua terra natal, a Suíça, e sua voz era usada em muitas das gravações dos dramas de congressos da Torre de Vigia.

Deve-se admitir prontamente que a literatura da organização Torre de Vigia traz excelentes declarações de conduta cristã, inclusive artigos que enaltecem e promovem a compaixão, a misericórdia, a modéstia, a admissão humilde dos erros e qualidades similares do coração. O que simplesmente ocorre é que aquilo que *se diz* muitas vezes não é o que *se faz*. (Mateus 23:3) Para usar as palavras do teólogo católico Davis, em vez da “preocupação com a verdade e da preocupação com as pessoas”, existe a “preocupação com a autoridade à custa da verdade”, e isto resultou claramente num “sistema impessoal e falta de liberdade”. Não é que falte totalmente a preocupação com a verdade e com as pessoas. O que ocorre, em vez disso, é que estes estão tão firmemente subordinados aos supostos interesses da organização que se tornam “sacrificáveis”.

Conheço pessoalmente, entre as Testemunhas de Jeová, muitos homens e mulheres inteligentes e perspicazes. Sei que muitos deles, incluindo certos membros do Corpo Governante, reconhecem alguns dos erros sérios nos ensinamentos da organização e na sua aplicação. Todavia, continuam a apoiar a organização como instrumento escolhido de Deus na terra. Em consequência, creio que a inteligência deles, ou pelo menos o exercício desta, é afetada, fica embotada e reprimida, é desviada para o esforço de justificar o erro. Alguns deles são escritores capazes, mas sempre escrevem conscientes de que o que escrevem tem de ajustar-se ao credo da organização, o espírito predominante do momento. Podem escrever artigos de conteúdo essencialmente saudável. Estes, porém, como partes do todo, oriundos da fonte organizacional, servem ao propósito maior de realçar a posição da organização na mente dos leitores e promover a submissão à sua autoridade. Isto é o que ela busca, sujeitando pessoas a um sistema. Entre os homens, a maioria aceita designações para fazer discursos nas assembleias, embora estes contenham afirmações e argumentos que eles próprios crêem estar errados. Sua integridade pessoal sofre. Eles representam um papel, não são eles mesmos, não são fiéis a si mesmos.

Estudos sobre comportamento de massa e controle da mente, como os do regime nazista, mostram que entre os fatores mais fortes estão a alteração e o controle do comportamento das pessoas, a conformidade de grupo e a virtual obediência indiscutível à autoridade, geralmente

seguidas do controle da informação recebida. As pessoas têm naturalmente um senso de identidade pessoal através de suas idéias, sentimentos, ações ou conduta. Descobriu-se que se um destes elementos é alterado, os outros dois tendem a alterar-se junto com ele.

Portanto, se é possível mudar o padrão de comportamento da pessoa, suas idéias e sentimentos geralmente também mudam, pois do contrário ela sente um insuportável senso de discrepância e conflito (ou dissonância) dentro de si mesma. Quando, além de ter seu tempo canalizado para um programa restrito e constante de atividades específicas, todo o padrão de comportamento da pessoa — conduta, expressão e relações com outros — é afetado e alterado, ela sente a compulsão interior de ajustar seus pensamentos e sentimentos ou emoções para acomodar esta mudança, no sentido de validar o novo padrão de comportamento. Seu conceito de si própria, seu conjunto de valores, podem todos ser ajustados para conformar-se ao padrão mudado de comportamento. Se este padrão lhe é imposto, e ela só se submete a este devido a uma suposta autoridade superior, isto pode privá-la não só de sua liberdade de ação. Pode privá-la também de sua liberdade de pensar e de sentir.

Quando alguém ingressa num programa altamente esquematizado de atividades específicas, tal como o da organização Torre de Vigia, faz-se com que sinta que sua própria fidelidade a Deus é demonstrada por ele ajustar-se a este programa. Não é só a ênfase ao programa de reuniões e serviço de campo que exerce pressão. Todo o seu comportamento — em palavras, ações e atitude — tem de ajustar-se a um padrão. Com o tempo, as Testemunhas se tornam hipersensíveis a qualquer palavra ou observação que pareça desviar-se, ainda que levemente, da norma da organização. O comportamento da pessoa para com os antigos amigos e vizinhos é igualmente alterado, já que agora se espera que ela os veja como “mundanos” e que os trate concordemente. Ela fica sujeita a uma infinidade de regulamentos e normas que envolvem seu emprego, seus relacionamentos com todas as pessoas com quem tem contato diário, inclusive os parentes que não são Testemunhas, sua recreação, aquilo que lê, e outros aspectos da vida. Com esta alteração drástica de sua conduta anterior, vem a tendência de racionalizar todo o resto para fazê-lo harmonizar-se com

a conformidade exigida e justificá-la. Só deste modo é que se pode obter uma relativa paz mental, embora que por um preço.⁴⁵

Este controle dos padrões de comportamento é forte entre todas as Testemunhas, embora a maioria viva em suas próprias casas, em família, e se ocupe em trabalho secular. Bem maior é o controle exercido sobre os que fazem parte das “famílias institucionais”, do pessoal da sede mundial com seus milhares de membros, ou do pessoal dos escritórios das filiais, que moram todos juntos em edifícios de residências coletivas, comem juntos em grandes refeitórios e passam a maior parte das horas em que estão acordados trabalhando cercados de pessoas que tentam ajustar-se ao padrão prescrito de comportamento. Para estes, a compulsão íntima subconsciente para ajustar o próprio pensamento, perspectiva, senso de valores e critérios segundo o padrão é especialmente forte. A sensação de “dissonância” que sentiriam se não o fizessem seria insuportável. Acho que alguns desses que conheço pessoalmente são mais prisioneiros das circunstâncias do que imaginam.

Esta tendência de sujeitar as idéias e sentimentos a um padrão de comportamento parece, pelo menos, explicar por que quando alguém aponta os claros erros nos ensinamentos e normas da organização, a maioria das Testemunhas se recusa a admiti-los ou nega sua importância.

Ao descrever o processo comumente usado no controle da mente, uma fonte afirma:

Outro aspecto-chave do controle da mente envolve treinar os membros para bloquear toda informação que seja crítica do grupo. Os mecanismos de defesa típicos da pessoa são torcidos de modo a defender sua nova identidade [religiosa] contra sua velha identidade anterior. A primeira linha de defesa inclui a **negação** (“O que você diz de modo algum está acontecendo”), a **racionalização** (“Isto está acontecendo por um bom motivo”), a **justificação** (“Isto está acontecendo por que tem de ser assim”) e o **sonho impossível** (“Eu

⁴⁵ Uma carta que recebi de uma ex-Testemunha da Nigéria expressa isto de modo bem incisivo. Disse que estava escrevendo para transmitir seu apreço por ter obtido “uma visão mais íntima da organização das Testemunhas de Jeová — e das organizações às quais hipotequei minha consciência, desde a infância até a idade adulta.”

gostaria que [a crença] fosse verdade, portanto talvez realmente o seja”).

...Se a informação transmitida... é interpretada como um ataque ao líder, à doutrina ou ao grupo, ergue-se uma muralha hostil. Os membros são treinados para não acreditar em quaisquer críticas....

A lealdade e a devoção são de todas as emoções as mais respeitadas... Não se permite às pessoas conversar umas com as outras sobre críticas ao líder, à doutrina ou à organização. Os membros devem espionar uns aos outros e denunciar atividades ou comentários impróprios com respeito aos líderes. E o mais importante, ensinam as pessoas a evitar contatos com ex-membros ou críticos.⁴⁶

A fonte citada não trata especificamente das Testemunhas de Jeová e, de fato, nem sequer as menciona. Mas a descrição ajusta-se incrivelmente a elas. A verdade, no sentido bíblico, não é algo meramente intelectual ou acadêmico. Vai além do simples interesse pela veracidade ou falácia de idéias e doutrinas. Não inclui apenas o pensamento da pessoa, mas suas ações, seus tratos com outros, a influência que exerce sobre os outros. A preocupação com a verdade envolve a *honestidade* em todos estes aspectos. Se formos desonestos conosco mesmos, recusando-nos a enfrentar os duros fatos da realidade, dificilmente evitaremos ser desonestos com os outros. Creio que é por isso que os redatores da organização permitem-se apresentar informações que não só não são verídicas, mas em muitos casos, em certo sentido, são desonestas.

Não é prova de autêntico amor à verdade, pois, usá-la simplesmente como instrumento para expor as falácias das crenças de outros. O autêntico teste de nosso amor à verdade vem quando ele expõe falácias no nosso próprio sistema de crenças, e não só o aceitamos como ficamos gratos por sermos libertados do erro.

O fruto do amor

Enquanto a fé é o solo figurativo no qual criam raízes todos os frutos do Espírito de Deus, o fruto superlativo destes é o amor, pois ele valoriza e dá sentido a todos os outros. Como expressou o apóstolo:

⁴⁶ *Combatendo o Controle da Mente das Seitas* (em inglês), páginas 61-65.

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.⁴⁷

Obviamente, o amor a Deus vem primeiro e o amor ao próximo em seguida. E no entanto, como deixa claro o apóstolo João, não podemos ter um sem o outro. A ausência de um é a negação do outro.⁴⁸

Creio que, igual à fé e à esperança, entre as Testemunhas de Jeová o significado do amor a Deus foi obscurecido, distorcido. Nunca podemos perder de vista que, em nosso serviço a Deus, *o que* fazemos jamais é tão importante quanto *por que* o fazemos, a *motivação* e o *espírito* com que o fazemos. Estes fatores dão sentido a nossas obras, habilitando-as a mostrar que temos, não uma fé morta, mas uma fé viva.⁴⁹ Os programas altamente estruturados de atividades, a ênfase aos relatórios numéricos e dados, tão destacados no sistema da Torre de Vigia, tendem a obscurecer esta verdade, diminuem sua importância. A “regularidade” no cumprimento do que o programa exige torna-se o critério, e as pessoas ficam bem conscientes da necessidade de serem “publicadores regulares”, “regulares na assistência às reuniões”. Anteriormente, publicavam-se muitas cotas do número de revistas colocadas, revisitas feitas, horas gastas no campo. Embora não mais declaradas abertamente, permanecem as cotas invisíveis, e os que não as atingem, especialmente anciãos e servos ministeriais, logo percebem isto. Enfatiza-se a aparência, a conformidade exterior, a regularidade, em vez da motivação de coração. O mero cumprimento dos programas prescritos gera a sensação de ter realizado um serviço fiel para Deus, o que geralmente assegura a aprovação da organização.

Assim, o memorando da filial já citado faz esta observação:

⁴⁷ 1 Coríntios 13:1-3, ARA.

⁴⁸ 1 João 2:9-11; 3:11-24; 4:7-12, 16-21.

⁴⁹ Tiago 2:12, 24-26. O proceder de Raabe, citado por Tiago, ilustra claramente uma ação totalmente espontânea, não uma ação prescrita realizada por ordem de uma autoridade terrestre.

Lamentavelmente, muitos perderam seu apetite espiritual. Um bom número dos novatos talvez jamais desenvolveu verdadeiro apetite pelo alimento necessário à nossa existência espiritual. Esta observação aplica-se tanto aos anciãos quanto aos irmãos em geral. Não podemos senão imaginar que fração considerável da inteira associação de nossos irmãos passou a ver nossa religião como simples questão de rotina, apenas se deixando levar pela corrente. (Isa. 29:13)⁵⁰

Em vez de apenas uma “fração considerável”, a evidência é que esta atitude de serviço “de rotina” aplica-se a número maior de Testemunhas. Essa mesma perspectiva era evidente em muitos em Israel. Sua apresentação *regular* de múltiplos sacrifícios, ofertas, incenso, orações, seus jejuns *regulares*, celebração de sábados e épocas festivas — tudo feito segundo o código da lei — supostamente lhes garantiria a bênção de Jeová. Sobre eles Jeová disse:

Em mim buscam conselho dia a dia e dizem deleitar-se em conhecer meus caminhos... perguntam sobre as leis justas e dizem deleitar-se em chegar-se a Deus.

Todavia, apesar de tudo o que faziam, Jeová disse que “não se agradava” das ofertas e serviço deles, declarou-os “sem valor” e até “detestáveis”. Por quê? Porque, embora zelosos em obras prescritas, eles se mostravam insensíveis às necessidades dos outros. Sobre seus jejuns e auto-mortificações, ele afirma:

Serves apenas a teus próprios interesses em teus dias de jejum e fazes todos os teus homens trabalhar mais duramente, visto que teu jejuar leva apenas a contendas e rixas e a desferir cruéis golpes com o punho; num dia como este, o jejum que guardas não fará chegar ao céu teu clamor...

Não é este o jejum que peço de ti: que soltes os grilhões da injustiça, desfaças os nós do jugo, rompas todo jugo e libertes aqueles que foram esmagados?

Não é que partilhes teu alimento com os famintos, acolhas em tua casa os pobres desabrigados, que vistas os nus quando os encontrares e que não fujas a teus deveres com os de tua parentela?

Então tua luz irromperá como a aurora e logo crescerás saudável como o ferimento há pouco curado...

⁵⁰ Memorando enviado do escritório da filial da Nigéria, página 8.

Então, se chamares, o SENHOR [Jeová] responderá; se clamares a ele, ele dirá: “Eis-me aqui.” Se cessares de perverter a justiça, de apontar o dedo acusador e lançar acusações falsas, se de tua própria abundância alimentares os famintos e satisfizeres as necessidades dos desafortunados, a tua luz então se erguerá como a alvorada dentre as trevas e teu crepúsculo será como o meio-dia; o SENHOR [Jeová] será continuamente teu guia e satisfará tuas necessidades no ermo ardente; fortalecerá teus ossos; serás como um jardim bem regado, como uma fonte cujas águas jamais faltam.⁵¹

Os escritores das Escrituras Cristãs mostram que Deus não mudou sua perspectiva. Seu Filho deu, em seus dias, uma mensagem similar, e seus discípulos fizeram o mesmo.⁵² A escravidão física é em grande parte coisa do passado. Mas permanece a escravidão espiritual, mental e emocional, e as organizações religiosas muitas vezes são a causa. Através de seu profeta, Jeová condenou os que ferem com o punho iníquo. O apóstolo Paulo falou dos que, nos seus dias, professando ser discípulos zelosos e até apóstolos, exaltavam a si próprios, escravizando, dando ordens e, literal ou figurativamente, física ou verbalmente, “batiam no rosto” dos concrentes.⁵³ Vimos como a autoridade religiosa demonstra hoje o mesmo espírito. Por meio de Isaías, Jeová falou da necessidade de desfazer e romper todo jugo e libertar os esmagados e sobrecarregados. Cristo descreveu regulamentos e proibições impostos arbitrariamente pelas autoridades religiosas como fardos pesados, e seus discípulos reconheceram que a própria Lei fora um jugo difícil de carregar.⁵⁴ O legalismo e as pressões insistentes para realizar atividades específicas e observar proibições impostas, com a sensação de culpa pelo não cumprimento, continuam até hoje. A preocupação com a autoridade na organização, faz com que, igualmente, “perverta-se a justiça”, “apontem-se dedos acusadores” e se “lancem falsas acusações”, que só na forma diferem das que foram faladas pelo profeta.

⁵¹ Isaías 58:2-11, *New English Bible*. Confira Isaías 1:11-17.

⁵² Mateus 6:1, 16; 15:8, 9; 23:23; Tiago 1:26, 27; 2:14-16; 1 João 3:17, 18.

⁵³ 2 Coríntios 11:5, 9, 12-14, 20.

⁵⁴ Mateus 23:1-3; Atos 15:10, 11; Gálatas 5:1.

Amor ao próximo

A substituição da preocupação com a verdade pela lealdade à organização gera inevitavelmente certo grau de insensibilidade para com as pessoas e suas necessidades. Normalmente, há tantas pessoas amorosas entre as Testemunhas de Jeová quanto em qualquer outra religião. Não é que agora deixem de ser amorosas. Em vez disso, ao *expressarem* este amor, fazem-no de modo notadamente restrito, reduzido em termos de ocasião, intensidade e alcance. Não se sentem livres, e às vezes, nem sequer motivadas, a expressar esse amor como de outra forma fariam.

Quando Jesus proferiu a parábola ilustrando o genuíno amor ao próximo, ele escolheu não a figura de um co-israelita ou judeu, mas a de um samaritano, um homem “de *outra nação*”, cuja religião *diferia* da dos judeus em geral, cuja religião muitos deles *desprezavam*, um homem em relação a quem eles se sentiam superiores em sua justiça.⁵⁵

Ele disse que a condição de filho de Deus — que “faz o seu sol levantar-se sobre iníquos e sobre bons, e faz chover sobre justos e sobre injustos” — não se demonstra simplesmente pelo amor e a cordialidade aos irmãos enquanto se é frio e distante ao lidar com todos os outros. Pediu que se desse amor àqueles a quem é mais difícil amar, e até aos que parecem inimigos, e que se expressasse atitude amigável não só para com os irmãos, mas para com os que não são irmãos, para com “os de fora”.⁵⁶ Jesus praticava o que ensinava, estava disposto a fazer refeições e a hospedar-se em casas onde jamais um fariseu pusera o pé, o que o fez ser difamado e denunciado como “um homem comilão e dado a beber vinho, amigo de cobradores de impostos e de pecadores”.⁵⁷

Em contraste, a organização Torre de Vigia estimula o espírito de sociedade fechada, cujo único interesse nas pessoas de fora é buscar convertê-las e torná-las membros dessa sociedade. Ela essencialmente cultiva o sentimento de que só em casos de grande emergência —

⁵⁵ Lucas 10:29-37; 17:15-18; João 4:9; 8:48.

⁵⁶ Mateus 5:43-48. A palavra traduzida por “cumprimentardes” pode transmitir a idéia de “agir de maneira amigável”. Veja *The Expositor’s Greek Testament*, Vol. 1, página 115.

⁵⁷ Mateus 11:19; João 4:9, 40.

desastres naturais, acidentes ou outras situações de perigo de vida — há razão particular para uma Testemunha mostrar interesse nas necessidades dos de fora de sua fraternidade.⁵⁸ É verdade que há Testemunhas que não manifestam esta perspectiva limitada, mesquinha, que não racionam desta forma sua cordialidade e amizade, que mostram espírito amigável e solidário para com vizinhos e outros membros da comunidade. Creio, porém, que a maioria das pessoas que têm vizinhos Testemunhas as vêem como pessoas essencialmente ordeiras e obedientes às leis, mas também as consideram geralmente frias e distantes. A maioria das Testemunhas sente que se for jantar na casa de vizinhos “mundanos” ou de outros, expõe-se a críticas da organização, críticas em muitos dos mesmos termos que a autoridade religiosa usou contra Jesus.

Uma das primeiras coisas que me perturbou seriamente foi notar a falta de amor ao próximo mesmo *dentro* da organização das Testemunhas, e isto por parte daqueles em alto nível. O modo como, após rápidas discussões, tomavam-se decisões que afetariam gravemente as vidas de milhares de pessoas era, mais que tudo, o que me incomodava. Passei a perceber que o conceito da exaltada importância da “organização” permitia aos homens cultivar uma atitude que só posso descrever como cínica para com o restante dos irmãos, e mesmo assim não ter sensação de culpa. Declarações feitas de vez em quando nas reuniões do Corpo Governante passavam a idéia de que as pessoas comuns das Testemunhas precisavam ser estritamente controladas por meio de regras e normas, para evitar transgressões em grande escala. A sinceridade das motivações de coração das Testemunhas em geral, era, deste modo, posta em dúvida. O espírito de muitos membros do Corpo Governante parecia ser o de “confiar apenas em nós mesmos”, não no restante da fraternidade.⁵⁹ O senso de responsabilidade para com os outros diminui seriamente. Não sentem sensação de culpa por apresentarem uma versão distorcida da história passada da organização, ocultando os fatos negativos, fatos

⁵⁸ E quando se dá ajuda aos de fora em tais emergências, quase sempre isto é publicado depois em artigos de *A Sentinela* e *Despertai!* Contraste isto com as palavras de Jesus em Mateus 6:1-4.

⁵⁹ Veja também *Crise de Consciência*, capítulo 5 (especialmente a partir da nota 8 daquele capítulo).

geralmente não disponíveis à maioria das Testemunhas. Quando as predições baseadas em certas datas se mostraram erradas, a atitude, em essência, foi: Simplesmente nada dizer a respeito e as pessoas (da comunidade das Testemunhas) logo esquecerão. Os membros do Corpo Governante podiam até ter dúvidas pessoais quanto à validade das afirmações relativas a 1914 sem sentir necessidade das declarações acauteladoras que são dadas às Testemunhas em geral, sobre depositar confiança irrestrita nessas afirmações.⁶⁰ Deste modo e de vários outros, mostrava-se uma atitude cínica, que depreciava a inteligência da comunidade das Testemunhas como um todo.

Exemplo típico desta atitude é visto na mudança com respeito à distribuição de literatura nos Estados Unidos. A 25 de fevereiro de 1990, anunciou-se neste país que, a partir de 1º de março de 1990, a literatura da Torre de Vigia seria distribuída grátis, totalmente à base de donativos, sem se especificar contribuição alguma.* Nos Salões do Reino em todo o país, leu-se para as Testemunhas presentes a informação provida pela organização, que apresentava esta mudança de norma como algo baseado na preocupação de “simplificar grandemente nossa obra de educação bíblica e separar-nos daqueles que comercializam a religião.” Disseram que visava tornar a literatura mais acessível a todas as pessoas. Assim, toda a mudança da norma foi revestida com o manto da caridade e da falta de interesse egoísta.⁶¹

⁶⁰ Veja *Crise de Consciência*, capítulo 9.

* Nota do tradutor: A partir de 1º de janeiro de 2000, o mesmo arranjo foi adotado no Brasil.

⁶¹ Um passo inicial em direção a esta mudança fora dado nos congressos de distrito de 1989, nos EUA, quando as novas publicações lançadas foram oferecidas “gratuitamente” aos da assistência, embora que com caixas de contribuição colocadas convenientemente próximas. O mensário da Torre de Vigia, *Nosso Ministério do Reino*, de julho de 1990, página 3, trazia um suplemento que citava a carta de uma família, dizendo: “Um aspecto novo e notável que realmente tocou o nosso coração foi o modo como os irmãos lançaram as novas publicações. Minha esposa e eu nos sentimos movidos a ‘realmente abrir a mão’ e contribuir muito mais do que já contribuimos em qualquer assembléia nos muitos anos em que nos associamos.” Isto ilustra a idéia que a organização deseja criar entre os membros, de que a mudança de norma da “literatura grátis” é puramente motivada pelo interesse generoso e caridoso nas pessoas.

O que de modo algum se diz é que, muito antes de dado o anúncio, a Sociedade Torre de Vigia sabia que estava em julgamento nos tribunais *o direito de um estado tributar a venda de literatura feita por um ministério religioso*. Isto ocorreu em virtude do imposto de 6 por cento que o estado da Califórnia impôs sobre a literatura distribuída pelos Ministérios de Jimmy Swaggart, um dos mais destacados evangelistas da televisão americana. A Sociedade Torre de Vigia, junto com o Conselho Nacional das Igrejas de Cristo, a Sociedade Californiana para a Consciência de Krishna, e outros grupos religiosos, entrou com uma ação *amicus curiae* (amigo-do-tribunal) neste processo, solicitando ao tribunal que declarasse inconstitucional o imposto estadual sobre a venda de literatura religiosa por uma organização religiosa.⁶² Em 17 de janeiro de 1991, contudo, a Suprema Corte dos EUA decidiu que o estado tinha esse direito. No mês seguinte, fevereiro de 1991, a Sociedade Torre de Vigia deu o anúncio da mudança para a prática da distribuição de “literatura grátis”. *Esse anúncio não trazia uma única palavra sobre a questão do imposto*. Transmitia à comunidade americana das Testemunhas a idéia de que a decisão da organização fora tomada exclusivamente por outros interesses, caritativos, altruístas. Isto é cinismo puro e ostensivo. Um artigo no *The Atlanta Journal & Constitution* de 3 de março de 1990, em parte baseado numa entrevista com o advogado da Torre de Vigia, Philip Brumley, afirmava:

Várias decisões da Suprema Corte, incluindo a decisão recente determinando que a Califórnia pode tributar literatura e fitas vendidas pelo ministério de Jimmy Swaggart, convenceram os líderes das Testemunhas a dispensar a contribuição sugerida, disse o Sr. Brumley.

Se o fator motivador foi deveras tornar mais acessível ao povo a mensagem contida na literatura da Torre de Vigia, por que foi limitada a “norma da literatura grátis”, na ocasião, aos Estados Unidos, Canadá, Alemanha e Itália, países de economia notavelmente forte? Por que não foi mundialmente? Ou, se era aconselhável a adoção gradual, por que não começar por alguns dos países mais pobres do mundo? Por que não foi primeiro implementada nos países do chamado “Terceiro Mundo”, onde a pobreza é tão extensa? Se a nova prática era mostrar

⁶² Veja, entre outros relatos noticiosos similares, a reportagem do *Washington Post* de 18 de janeiro de 1990.

que estão separados “daqueles que comercializam a religião”, por que prosseguiram com a antiga prática em todos estes países por vários anos? O fato é que mesmo a palavra “grátis” soa muito vazia quando comparada à prática efetiva. Anteriormente, as Testemunhas adquiriam sua literatura no Salão do Reino, e, quando a “colocavam” com o público, pediam “contribuições” específicas e ficavam com a quantia recebida para compensar o que tinham gasto inicialmente para obtê-la. Agora, passavam a obter a literatura no Salão sem pagar diretamente por ela, mas uma “caixa de contribuições” é colocada junto ao balcão de literatura, existindo uma óbvia sensação de pressão para contribuir com o que receberam. Daí, quando “colocam” a literatura com o público, são aconselhadas a informar ao morador que a recebe que aceite uma contribuição pela mesma, embora sem especificar uma quantia. Se alguém faz a “doação”, a Testemunha é instruída a não ficar com ela (deste modo arcando ela mesma com o custo da literatura), mas deve devolvê-la como dinheiro doado à Sociedade Torre de Vigia. Assim, possivelmente em muitos casos, a organização não só recebe aquilo que recebia antes, mas, de fato, o dobro do que recebia antes. Agora, quando sai o anúncio de alguma publicação numa das revistas da Torre de Vigia, este talvez nada fale sobre contribuições. Contudo, se o leitor escrever pedindo a publicação e não enviar a contribuição correspondente, a prática da sede mundial é providenciar para que uma Testemunha local visite a pessoa em casa, levando a publicação pedida. Este método permite que a Testemunha sugira que ela dê uma contribuição.⁶³

Ao mesmo tempo, a organização adotou (em alguns países) o arranjo de oferecer, nos serviços de alimentação das assembléias, refeições “grátis” aos presentes. Recordo que, nos anos 70, quando eu estava no Corpo Governante, o governo alemão impôs um pesado imposto à filial da Torre de Vigia, alegando que a atividade do setor de alimentação das assembléias era claramente lucrativa. Levantou-se entre as Testemunhas alemãs o equivalente a mais de um milhão de dólares para pagar o imposto. Nos EUA, todos os encarregados de administração de assembléias (chamados “superintendentes de

⁶³ Note-se que outras organizações religiosas, tais como a Igreja Mundial de Deus, durante décadas deram sua literatura gratuitamente ao público, e isto sem nenhum pedido implícito de doação.

distrito”) há muito são instruídos de que o departamento de alimentação tem de produzir lucro suficiente para cobrir todas as despesas da assembléia. As Testemunhas podem ter pensado que o dinheiro que punham nas muitas caixas de contribuição nos locais de assembléia era usado para cobrir tais despesas, mas os superintendentes de assembléias eram especificamente informados de que tais contribuições deviam ir diretamente para a Sociedade Torre de Vigia, e não ser usados para cobrir despesas de assembléia.

A organização tem estendido essas práticas a países mais pobres do mundo. Talvez achem que, ao contrário do resultado nos países economicamente fortes onde agora as normas são aplicadas, o apurado com essas atividades venha a se reduzir quando fizerem isso e se o fizerem, pois não só é provável que o público nesses países mais pobres dê menos contribuições pela literatura aceita, como muitas Testemunhas venham a sentir-se financeiramente incapazes de arcar com o custo de dar a literatura às pessoas sem pelo menos poderem cobrir sua própria despesa. O fato é que as palavras que a organização publica enaltecendo seu novo arranjo continuam a soar vazias, e por deixarem de reconhecer honestamente perante seus membros as razões por trás da mudança — de fato, disfarçando as razões — continuam sendo uma incrível evidência de cinismo, uma demonstração de desrespeito pela inteligência deles. Dificilmente seria este o amor ao próximo que faz a alguém aquilo que se faria a si mesmo.

Amizade amorosa

O verdadeiro companheiro está amando todo o tempo e é um irmão nascido para quando há aflição. — Provérbios 17:17.

Recordemos a afirmação: “Somente no paraíso espiritual, entre as Testemunhas de Jeová, podemos encontrar o amor abnegado que Jesus disse identificaria os seus verdadeiros discípulos.” Quem observar as Testemunhas de Jeová ou se misturar com elas, reunidas num Salão do Reino, antes e depois das reuniões, ou numa de suas grandes assembléias, dará testemunho do sentimento de camaradagem, unidade e aparente felicidade entre elas. A questão é se isto, em si, constitui autêntica prova das afirmações feitas, especialmente quanto à *profundidade* destes sentimentos.

Será este sentimento genuinamente *exclusivo*, distintamente diferente do sentimento de camaradagem, unidade e aparente felicidade que se pode ver nas reuniões de muitas outras denominações, não só entre os que pertencem a determinada afiliação religiosa, mas até entre os que estão unidos por alguma causa social? Já que as Testemunhas são virtualmente proibidas de comparecer a reuniões que não sejam as delas, elas ficam sem outro padrão, senão o delas próprias, para julgar. Isto traz à mente estas palavras de Paulo:

Pois, não nos atrevemos a classificar-nos entre alguns ou a comparar-nos com alguns que recomendam a si mesmos [escrevem seus próprios testemunhos, *Phillips Modern English*]. Certamente, ao se medirem consigo mesmos e se compararem consigo mesmos, eles não têm entendimento.⁶⁴

Não se pode medir o valor de um amigo bom e leal. Pode-se pensar que tais amizades floresçam num “paraíso espiritual”. Como em toda comunidade religiosa, fazem-se amizades entre as Testemunhas de Jeová, e algumas bem íntimas. Tive várias destas amizades durante os anos em que estive associado. E boa parte dessas pessoas ainda são meus amigos, pois mantiveram valores similares, valores que de modo geral as levaram a desligar-se da organização das Testemunhas. Mas vim também a perceber como são *condicionais* a maioria das amizades dentro da comunidade das Testemunhas. Isto, primariamente, não é por culpa das pessoas, pois elas são, na grande maioria, iguais às pessoas de todos os lugares. É, em vez disso, efeito do sistema sobre suas atitudes e seus relacionamentos.

Na realidade, a mera *aceitação* dentro da comunidade é totalmente condicional. Como vimos, o número de 1º de abril de 1986 de *A Sentinela* afirma (página 31):

A associação aprovada com as Testemunhas de Jeová requer a aceitação de toda a série dos verdadeiros ensinamentos da Bíblia, inclusive as crenças bíblicas singulares das Testemunhas de Jeová.

⁶⁴ 2 Coríntios 10:12.

Não basta aceitar os “verdadeiros ensinamentos da Bíblia”. Deve-se acrescentar o requisito adicional das “crenças bíblicas singulares das Testemunhas de Jeová”.⁶⁵ Embora afirme ser distinta das organizações que mantêm um credo, credo muitas vezes respeitável, de muitos séculos, a organização tem seu próprio credo, ainda que certos de seus itens sejam muito recentes. O próprio termo “credo” é evitado e simplesmente substituído por expressões como “grandioso conjunto da verdade, que Jeová desenvolveu entre o seu povo unido nos últimos 100 anos” ou o “modelo da ‘língua pura’ que Jeová tão benevolmente tem ensinado ao seu povo durante o último século”.⁶⁶ Mas tal terminologia só gera uma distinção que não distingue, pois é exatamente isto que os credos afirmam ser, um conjunto oficialmente delineado de crenças fundamentais a ser aceito como verdade divina pelos que adotam o credo. Qualquer suposta diferença de outras religiões, neste aspecto, desaparece quando examinada. O credo pode mudar, aquilo que antes se ensinou pode ser rejeitado, talvez reinstituído depois, mas, *seja qual for o credo do momento*, a pessoa tem de aceitá-lo totalmente ou enfrentar a rejeição como ‘associado aprovado’. No “paraíso espiritual”, portanto, toda amizade fica condicionada a essa norma.

⁶⁵ Na verdade, muitas das crenças alistadas na matéria de *A Sentinela* de modo algum são exclusivas das Testemunhas de Jeová. Os Adventistas do Sétimo Dia, a Igreja Mundial de Deus e outros, também crêem na proximidade do Armagedom, no reinado milenar de Cristo e no estabelecimento de um paraíso terrestre. Estas crenças e outras mais das que foram classificadas como “singulares” podem ser encontradas nos diversos grupos de “Estudantes da Bíblia”, tais como a associação da Aurora, o movimento Missionário Lar do Leigo e em religiões como a Igreja de Deus da Fé Abraâmica e duas outras Igrejas de Deus com sedes em Illinois e Oregon. A maioria destas têm origens que remontam ao século 19. A crença de que ‘Cristo teve uma existência pré-humana e está subordinado ao seu Pai celestial’ de modo algum é exclusiva das Testemunhas de Jeová. As únicas crenças realmente “singulares” dentre as alistadas pelo artigo de *A Sentinela* são as que identificam o “escravo fiel e discreto” como associado com o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová. Até a data de 1914 é tida como importante por alguns dos grupos religiosos mencionados e a única coisa “singular” é a interpretação peculiar que agora lhe dá a Sociedade Torre de Vigia.

⁶⁶ Veja *A Sentinela* de 1º de junho de 1982, página 28.

Quão sólida é esta base para amizade? Como vimos, muitas das crenças doutrinárias têm sido extremamente voláteis, algumas delas mudando com frequência e variedade quase caleidoscópicas. Isto se tornou tão evidente, mesmo para a liderança, que eles muitas vezes usaram a expressão “verdade atual” (ou “verdade presente”).⁶⁷ Os exemplos de mudança doutrinária são notavelmente numerosos, e só podem recordar e confirmar a veracidade dos princípios estabelecidos nas declarações de Jesus sobre o resultado decepcionante de construir sobre a areia, que cede e não tem estabilidade, e sobre a inutilidade da adoração edificada em regras humanas, bem como a referência do apóstolo a evitar ser como crianças, “arrastados pelas ondas e empurrados por qualquer vento de ensinamentos de pessoas falsas”, à medida que estas vão para um lado e para o outro anunciando suas opiniões.⁶⁸

Só o tolo se recusa a mudar. A pessoa sensível reconhece suas próprias limitações e imperfeições. A verdadeira sabedoria é companheira inseparável da modéstia e da humildade.⁶⁹ Mas se é tolice recusar-se a mudar, tolice igual é basear a própria *confiança* e as próprias *convicções* naquilo que é instável, *comprometer-se* com um sistema de crenças edificado nos conceitos mutáveis e flutuantes de

⁶⁷ Veja *Crise de Consciência*, capítulo 9, nota 8. A expressão ainda apareceu em 1988, no livro *Revelação — Seu Grandioso Clímax Está Próximo!*, página 8, que fala da “necessidade de a pessoa se manter em dia com a verdade atual”, fazendo isto apesar do fato de que, desde o início de seu uso nas publicações da Torre de Vigia, a expressão foi adotada da *Versão Rei Jaime* ou *Autorizada*, com sua tradução de 2 Pedro 1:12, que não foi seguida por nenhuma tradução moderna e nem a própria *Tradução do Novo Mundo*, da Sociedade. A idéia não é a de “presente” ou “atual” no sentido de estar *em vigor* ou *ser atual* no sentido temporal, mas no sentido de *presença*, de *localização*, referindo-se à verdade que já fora recebida, e ainda estava naqueles e com aqueles a quem Pedro escrevia. A *Almeida Revista e Atualizada*, por exemplo, reza: “Por esta razão sempre estarei pronto para trazer-vos lembrados acerca destas cousas, embora estejais certos da verdade já presente convosco, e nela confirmados.” O escritor da Torre de Vigia, ao empregar esta expressão ultrapassada, deixa de seguir o próprio conselho quanto a “se manter em dia”.

⁶⁸ Mateus 7:24-27; 15:9; Efésios 4:14, *BLH*; 2 Timóteo 3:7; para ver alguns exemplos de mudanças de ensinamentos e normas, veja *Crise de Consciência*, nos apêndices aos capítulos 5, 6, 7, 10 e 12.

⁶⁹ Tiago 3:13.

homens imperfeitos. O fator lamentável na história da organização das Testemunhas não é tanto a instabilidade de seus ensinamentos, mas sua *insistência*, principalmente dos anos 20 em diante, de que todos devem aceitar *quaisquer ensinamentos que por acaso estejam em vigor* como se fossem verdade sólida, estável. Aceitá-los significa estar “na Verdade”; rejeitar qualquer deles põe a pessoa “fora da Verdade”. A amizade condicionada a tal aceitação exige que a pessoa mude toda vez que os ensinamentos mudam, caso contrário a amizade condicional está ameaçada.

O verdadeiro teste de uma amizade vem por meio do modo como esta reage às dificuldades. No artigo intitulado “Amigos genuínos — por que são tão difíceis de encontrar?”, *A Sentinela* comenta:

Algumas pessoas são superficiais, preocupam-se apenas com os aspectos perfunctórios da vida. Outras não estão dispostas a fazer os sacrifícios necessários para a amizade. “Não se envolva!” é o conselho muitas vezes ouvido na atualidade.

...Conforme observou certa senhora de idade: “[As pessoas] amam, mas à distância.” Mesmo nas culturas onde é muito comum abraçar e beijar, pode haver falta de verdadeiro apoio quando surge uma necessidade urgente.

Sob o subtítulo “Amizades Superficiais” o artigo prossegue:

Não obstante, muitos afirmam ter *realmente* amigos. Mas, quão profundos são tais relacionamentos? Muitas vezes a pessoa toma interesse por alguém por causa do que este tem a *oferecer*, não por causa do que ele *é*. Tais amizades, portanto, provavelmente serão efêmeras, pois assim que o “amigo” deixa de ser útil, ele é prontamente descartado.⁷⁰

Creio que toda Testemunha que reservar tempo para pesar os fatos perceberá quanto da amizade entre as Testemunhas de Jeová, na análise final, depende de a pessoa estar no favor da “organização” e do que ela tem a oferecer neste contexto organizacional, não do que ela é como pessoa ou das qualidades que tem ou dos valores que adota. As qualidades e os valores da pessoa só têm mérito à medida que se ajustam aos interesses da organização e os promovem. Esse tipo de amizade assemelha-se bastante às que surgem quando a pessoa torna-

⁷⁰ *A Sentinela*, 15 de maio de 1985, páginas 3, 4.

se membro aprovado de um clube, associação, sindicato ou grupo semelhante.

A forte ênfase à participação no programa de obras da organização afeta muito as atitudes. Pessoas que outrora contribuíram muito em apoio à organização, por meio da grande atividade no “serviço de campo” e que, devido a dificuldades econômicas, problemas de saúde, questões familiares e outros motivos, tiveram de reduzir muito sua atividade, descobrem com demasiada freqüência que o interesse que se tinha neles se desvanece à medida que diminui o serviço que agora podem prestar. Alguns que participaram no “serviço de tempo integral” como pioneiros, missionários e superintendentes viajantes, fazendo-o até ficarem idosos, descobrem que não há reciprocidade nisso tudo. Enquanto tinham algo a dar, a organização alegremente aceitava seus sacrifícios e todo o aumento do número de membros que ajudaram a produzir, mas quando ficaram incapazes de dar da forma desejada, foram, na prática, “encostados”, recebendo uma carta formal reconhecendo os serviços passados e sendo daí em diante essencialmente esquecidos. Ao contrário de outros sistemas religiosos, a organização não tem provisões realistas de aposentadoria para estes representantes veteranos. Homens que, junto com as esposas, passaram anos no trabalho de circuito, mudando-se de um lugar para outro a cada semana, quando não são mais capazes de dar conta da rigorosa programação são postos na chamada “lista de pioneiros especiais inválidos”. A mesada que recebem nunca dá, sozinha, para cobrir adequadamente o custo de vida no mundo atual. A menos que recebam ajuda de parentes ou antigos conhecidos, têm muitas vezes de levar uma vida de verdadeira austeridade. Muitos vivem basicamente de caridade. O ardor do interesse demonstrado neles, o grau de estima e de expressões de apreço raramente continuam no mesmo nível. Eles são as mesmas pessoas e têm as mesmas qualidades, mas, para usar as palavras de *A Sentinela*, aquilo que eles “têm a oferecer” diminuiu e eles não são tão “úteis” como no passado.⁷¹

⁷¹ Como no caso de Sue Walker, relatado num capítulo anterior, tal atividade cristã de cuidar de pais idosos não é vista como tão meritória quanto a atividade em algum “serviço teocrático” tal como ser missionário ou servir em “Betel”. Veja o relato a respeito dela e de sua família no capítulo 11 deste livro.

Em toda a organização, um número incrivelmente alto de homens que serviram fielmente como anciãos durante anos renunciaram, nas duas últimas décadas, a seus cargos de ancião. Às vezes, o motivo foi que simplesmente acharam que suas esposas e filhos mereciam mais tempo e atenção. Outras vezes, foi porque não podiam conscienciosamente aplicar certas normas da organização ou defender certos ensinos. Ao renunciarem, talvez tenham preferido não dar a conhecer suas opiniões e dizer apenas que a renúncia foi “por motivos pessoais”. Muitos, todavia, disseram que este passo causou uma reação inesperada de repentina frieza por parte da congregação, e até a diminuição das amizades, e, em certos casos, uma virtual rejeição, pois o anúncio de que não mais eram anciãos fez com que as co-Testemunhas passassem a vê-los como pessoas que deviam ser evitadas como transgressoras.

Num artigo seguinte sobre como encontrar “amigos genuínos”, a *Sentinela* citada falava do “amigo só para os bons momentos” e dizia que a verdadeira amizade:

...baseia-se no apreço pelo verdadeiro valor do amigo... o amigo genuíno não vacilará, e ele aderirá à amizade sem tomar em consideração condições provadoras ou difíceis, nem as situações esquadrihadoras do coração que talvez surjam.

O amigo leal não se refreia de dizer a verdade, temendo a reação da outra pessoa. “Fiéis são os ferimentos infligidos por alguém que ama”, diz a Bíblia. (Provérbios 27:6)... O amigo genuíno o amará por ‘falar a verdade’, mesmo que se trate de conselho corretivo. — Provérbios 9:8.

É também sábio evitar ser excessivamente perguntador, pessoal, ou possessivo. A modéstia nos induzirá a evitar ser dogmáticos. Certamente, a amizade não nos dá o direito de impor aos outros nossas opiniões ou nossos gostos pessoais.⁷²

Todas estas declarações expressam verdades e sentimentos nobres. Foram usadas na revista, porém, de modo a promover o conceito de que a genuína amizade só pode ser achada dentro da comunidade das Testemunhas. Nessa comunidade, o critério para demonstrar amizade e a lealdade que caracteriza o amigo genuíno estão firmemente ligados à conformidade organizacional. Muitas Testemunhas têm qualidades que

⁷² A *Sentinela*, 15 de maio de 1985, páginas 5, 6, 9.

fariam delas os melhores amigos: natureza genuinamente afetuosa, preocupação altruísta com os interesses dos outros, modéstia, mente aberta, respeito à privacidade dos outros e a suas opiniões. E demonstram isto — até onde a norma da organização permite. Essa norma as obriga a expressar uma amizade condicionada a que a outra pessoa tenha a aprovação da organização, condicionada à total aceitação, por ela, dos ensinamentos e regras da organização, ao apoio dela a seu programa de atividades. O amor a Deus e a Cristo, o respeito às Escrituras, o amor às pessoas, os elevados padrões morais, a boa consciência — nada disto garantirá a continuidade da afeição para com a pessoa se esta não satisfizer as condições da organização já declaradas.

Há um ditado segundo o qual uma organização nada mais é que a sombra alongada do homem ou homens que estão à sua frente e a controlam. Age, então, a própria organização Torre de Vigia, como amiga genuína, conforme defende em seus próprios comentários, já citados? Ou exige de seus membros uma lealdade que ela mesma não provê? Mostra-se ela própria amigável e leal, ou faz isso única e principalmente aos que podem conceder apoio, tempo, dinheiro, esforço e submissão aos pontos de vista e normas dela — contribuindo para o aumento de seu tamanho, poder e influência? Mostra-se ela calorosa e enaltece os que fazem isso em alto grau e dão muito, mas é fria com os que o fazem num grau menor, sugerindo sutilmente que esperava mais deles? Ama os que são motivados a dirigir-se a ela “dizendo a verdade” de modo construtivo, ou considera-se acima de receber correção por parte de alguém, mas só de si mesma ou de Deus, iradamente rotulando os que expressam reprovação como inimigos não só dela, mas inimigos de Deus? “Evita ser excessivamente perguntadora, pessoal ou possessiva” em relação aos membros, ou arroga-se, em vez disso, o direito de imiscuir-se praticamente em todos os aspectos da vida deles, promovendo suas próprias opiniões dogmáticas quanto a como devem conduzir grande parte de seus assuntos pessoais, como devem gastar seu tempo, o que devem ler, que emprego é aceitável, que atitude devem tomar quanto à educação de seus filhos, até que ponto devem os membros interessar-se por pessoas de fora da própria área de controle da organização, até que ponto devem ir em demonstrar caridade para com tais pessoas? Mostra-se, de vários outros modos, ‘excessivamente pessoal e possessiva’? Dá ela

suas opiniões apenas como simples opiniões, ou, em vez disso, proclama *persistentemente* estas opiniões, enquanto sugere que deixar de acatá-las demonstra falta de respeito? Não seria opressiva essa espécie de “amizade” se mostrada a nível pessoal e individual? Todavia, ao passo que muitos não tolerariam esta imposição de normas vindas de um indivíduo, eles a aceitam quando vêm de um sistema.

O conhecimento que a Testemunha tem das posições da organização não pode senão distorcer a qualidade de sua própria amizade com qualquer outro membro; o espírito possessivo mostrado pela organização só pode restringir seriamente o grau e a força desse relacionamento, criando um clima em que se põe em risco o espírito de altruísmo, coragem, lealdade e auto-sacrifício da genuína amizade.

Geralmente, quando a pessoa que passou grande parte da vida na organização das Testemunhas chega à conclusão de que suas pretensões exclusivas de ter o favor de Deus não têm base sólida, isto gera um sentimento de aflição, um período de crise marcado por um forte conflito entre o apelo à lealdade organizacional e a voz da consciência. Numa hora destas, a pessoa normalmente recorre aos amigos íntimos em busca de ajuda, conselho ou apoio. Um dos grandes benefícios da verdadeira amizade é exatamente a sensação de liberdade de abrir-se com respeito a assuntos de séria preocupação, sabendo que, embora o amigo possa não concordar, ele o escuta e dá sincera atenção às suas razões e especialmente à sua motivação. No “paraíso espiritual”, contudo, qualquer expressão franca de opinião divergente, não importa quão conscienciosa, levanta quase automaticamente uma nuvem de suspeitas. Ventos de boatos começam a soprar. A prova para saber se os amigos são só para os “bons momentos” ou não, se mostrarão lealdade “sem tomar em consideração condições provadoras ou difíceis, nem as situações esquadrihadoras do coração que talvez surjam” (para usar as palavras de *A Sentinela*) começa aí. Embora nem sempre, os resultados são geralmente decepcionantes. Raramente há interesse em saber se as observações da pessoa são ou não verdadeiras, pois aquele com quem se fala pode nem tomar o tempo necessário para analisar a validade do assunto. A “sombra alongada” da liderança da organização se ergue sobre a amizade, com o efeito quase automático de esfriá-la.

Com frequência, quando alguém passa por uma situação de crise que traz a perda do favor da organização, a reação (usando as palavras que *A Sentinela* atribui aos falsos amigos) é: “Não se envolva!” Alguns disseram: “Não sei dos detalhes e prefiro não saber.” Outros, sabendo da ação adversa tomada por uma “comissão judicativa”, disseram: “Não conheço as circunstâncias, mas a pessoa deve ter transgredido ou a organização não teria tomado a ação que tomou.” Portanto, considera-se a pessoa culpada de transgressão mesmo sem ter ouvido qualquer evidência. Sei pessoalmente de vários casos de longas amizades em que ambas as partes perceberam as mesmas falácias e erros da organização e sentiram-se livres para discuti-los em conversa particular. Quando, porém, uma das partes passou a ser escrutinada pela organização, a outra — talvez com certo embaraço e dando garantias como “Meu respeito por você não mudou e você continua a ser meu amigo” — disse, não obstante, que as circunstâncias tornavam necessário o corte de comunicações e a associação. Como diz *A Sentinela* citando o comentário da senhora idosa: “[As pessoas] amam, mas à distância”, em contraste com o amigo “que se apegava mais do que um irmão” nas horas de crise.⁷³

Esta preocupação em ser aceito pela organização e a conseqüente falta de preocupação com a verdade de modo algum são exclusivas das Testemunhas de Jeová. Ocorre também com outras organizações religiosas. Alguns anos atrás, quando visitei a Califórnia, alguns amigos me levaram para conhecer o Ambassador College. É o principal centro educativo da Igreja Mundial de Deus, fundada pelo falecido Herbert W. Armstrong, algo comparável à Escola de Gileade da Sociedade Torre de Vigia. Quando estive na grande lanchonete que serve de refeitório, não pude deixar de notar a semelhança das pessoas e do ambiente com os do refeitório de uma das instituições da Torre de Vigia, tal como o Betel de Brooklyn. Os ambientes eram agradáveis, tudo era escrupulosamente limpo. Os jovens ali, de diferentes origens raciais, vestiam-se todos com esmero, muitos carregavam pastas e seus rostos refletiam senso de dedicação. A impressão inicial só podia ser de pacífica unidade, de determinação em tornar conhecido aquilo que entendiam ser o propósito de Deus.

⁷³ Provérbios 18:24.

Mais recentemente, li uma carta publicada num periódico chamado *Ambassador Review*. Foi escrita por um ex-membro da Igreja Mundial de Deus que fizera parte da equipe do Ambassador College. Em 1972, ele começou a ter sérias dúvidas quanto à validade das pretensões da religião, mas, como diz ele, achava que esta era a única verdadeira igreja de Deus e que Deus “cuidaria da situação”; e, se esta era, sem dúvida, “a única igreja verdadeira, aonde mais se poderia ir?” Ele acrescenta que “muitos [na igreja] diziam que não devíamos sequer abrir um artigo de literatura escrita por um ‘dissidente’”. Ele, porém, finalmente deixou a organização (em 1974), e entre as conclusões a que depois chegou, estão:

Antes de a pessoa tornar-se membro da Igreja Mundial de Deus, ela é incentivada a “pôr à prova todas as coisas, e apegar-se ao que é verdadeiro”. O ministro lhe diz: “Não acredite no que dizemos — confira.” “Se ensinarmos algo contrário à Palavra de Deus, não nos siga.” Infelizmente, o processo inverso começa quando a pessoa já está na Igreja Mundial de Deus. Diz-se ao membro que o “Sr. Herbert W. Armstrong está mais próximo de Deus e tem mais do seu Espírito Santo que qualquer outra pessoa.”... Este tipo de raciocínio circular é ensinado aos membros, e é aplicado num grau menor [às camadas sucessivas de encarregados de cima para baixo]. Quando se chega ao membro leigo de menor categoria, a opinião dele nada vale, se comparada às das centenas daqueles que devem estar mais próximos de Deus, ou que têm posições mais elevadas, já que estão mais próximos de Deus.

Muito do que vemos aqui é familiar. O mesmo processo inicial que destaca a convicção pessoal para *atrair* as pessoas, seguido do mesmo processo de subordiná-las a uma estrutura de autoridade *quando já estão dentro*. Para as Testemunhas de Jeová, nenhuma pessoa é considerada como estando numa relação mais próxima de Jeová Deus e Cristo que aqueles que compõem o Corpo Governante. Elas crêem que o espírito santo atua de maneira especial em relação a estes homens. Aqueles a quem *A Sentinela* referiu-se como “as fileiras” sentem que questionar a orientação deste Corpo é questionar a orientação de Deus sobre seu povo.

O ex-membro da Igreja Mundial de Deus prossegue dizendo:

Deste modo, tira-se do adepto qualquer confiança de que possa ter o Espírito de Deus. Ele põe o Sr. Herbert W. Armstrong e o resto dos

ministros na posição de definir aquilo em que ele deve crer — em vez de Jesus Cristo e a Bíblia. Os ministros mostram cuidadosamente aos leigos como *provar* com a Bíblia as crenças da Igreja Mundial de Deus. O membro acha que sua crença está firmemente alicerçada na Bíblia, mas para provar isso ele tem de apoiar-se totalmente nos textos e explicações que lhe deram. Não quero com isso dizer que todas estas crenças ou explicações estejam incorretas, mas o adepto está sendo transformado numa pessoa espiritualmente dependente, e sua principal dependência não é de Cristo ou do Espírito Santo, mas do Sr. Herbert W. Armstrong e do ministério da Igreja Mundial de Deus.

...Não é preciso ser uma pessoa espiritualmente forte apenas para aceitar exatamente aquilo que a [igreja] ensina e obedecê-la estritamente. Mas é preciso ter firmeza de caráter e de espírito para questionar, pesquisar, comprovar, e depois ser fiel as próprias convicções, apesar do que [a igreja] ou qualquer outra pessoa diga.⁷⁴

O notável paralelo entre as condições que ele descreve nesta religião e as que vigoram entre as Testemunhas de Jeová deve ser óbvia para qualquer Testemunha — basta substituir as referências ao Sr. Armstrong ou ao “ministério” da igreja por “Corpo Governante” e “a organização” e a descrição ajusta-se com precisão. Todas as organizações religiosas, obviamente, empenham-se em incutir lealdade em seus membros, encorajam-nos a submeter-se à direção da liderança. O que é mais repreensível é quando este agudo contraste entre a realidade e as exageradas afirmações que uma organização faz de si mesma, com seu constante auto-louvor e auto-recomendação, são acompanhadas da desaprovação igualmente constante a todas as outras e ao histórico religioso delas.

O clima de medo encontrado no “paraíso espiritual” e seu efeito na liberdade de expressão é flagrante como os dos países dominados por sistemas totalitários, onde as pessoas têm de estar constantemente em guarda devido a um sistema de “informantes”. Em inúmeros casos, o próprio cônjuge ou familiares da pessoa ameaçaram “ir aos anciãos” simplesmente devido à pessoa ter conscienciosamente questionado a base bíblica de certo ensino, ou ter discretamente deixado de assistir às reuniões da organização. Às vezes, é o cumprimento desta ameaça pelos membros da família que leva às audiências judicativas. O

⁷⁴ De uma carta enviada por Bob Gerringer a Charles Hunting.

resultado é uma situação semelhante à de muito tempo atrás, que fez o profeta de Jeová dar esta advertência:

Não tenhais fé no companheiro. Não tenhais confiança no amigo íntimo. Guarda o abrir da tua boca diante daquela que se deita ao teu seio. Pois o filho despreza o pai; a filha se levanta contra a sua mãe; a nora contra a sua sogra; os inimigos do homem são os homens da sua casa.⁷⁵

Na literatura da Torre de Vigia cita-se muito a amizade de Davi e Jonatã como exemplo da unidade leal que deve haver na congregação de Deus.⁷⁶ A lealdade de Jonatã a Davi, porém, faz pleno contraste com a amizade que geralmente se vê na organização das Testemunhas. Davi viu-se subitamente em situação de completo desfavor diante daquilo que constituía a estrutura organizacional da nação de Israel, tendo à frente seu cabeça visível, ‘teocraticamente designado’, o rei Saul. Era visto como inimigo por este líder organizacional ungido, foi forçado a viver como “desassociado” ou “excomungado”.⁷⁷ Davi chegou a esconder-se por algum tempo em Gate, entre os filisteus pagãos, povo que no final causou a morte de Saul, e também colocou seus pais sob a proteção do rei de Moabe.⁷⁸ Se Jonatã tivesse vivido segundo o conceito da Torre de Vigia, de absoluta obrigação de sustentar e acatar todas as ações e práticas organizacionais, ele teria imediatamente cortado toda a associação com Davi. Muito pelo contrário, embora sabendo que a mais alta autoridade da organização nacional considerava aquele homem como inimigo, ele continuou a encontrar-se com Davi e a agir em seu favor, até mesmo falando em defesa deste homem condenado e exilado, perante a autoridade organizacional ungida, teocraticamente designada. Fez isso por crer que Davi era abençoado por Jeová, apesar da rejeição organizacional que sofria.⁷⁹ A lealdade de Jonatã não dependia da organização e nem era controlada pela aceitação e aprovação desta. Tinha uma base bem mais elevada. Embora talvez raras, há pessoas entre as Testemunhas de Jeová que

⁷⁵ Miquéias 7:5, 6.

⁷⁶ Veja, por exemplo, *A Sentinela*, 15 de maio de 1985, página 9 e 1º de janeiro de 1989, página 28.

⁷⁷ 1 Samuel 19:11, 12; 20:1; 22:1, 2.

⁷⁸ 1 Samuel 21:10; 22:3, 4.

⁷⁹ 1 Samuel 20:16.

têm corajosamente demonstrado essa espécie de amizade, apesar das conseqüências que sabiam que podiam vir.

O fruto da alegria

Ao alistar os frutos do Espírito, o apóstolo coloca a “alegria” depois do “amor”.⁸⁰ Como no caso de outros aspectos do suposto “paraíso espiritual”, a autenticidade deste fruto apresenta um contraste entre a aparência e a realidade.

Durante os quase sessenta anos de vida que passei associado às Testemunhas de Jeová, tive muitas experiências felizes e delas guardo lembranças agradáveis. Embora eu seja definitivamente mais feliz agora, eu não era “infeliz” na época. Sei, porém, que o grau de felicidade que tinha era sempre restrito e limitado por uma sensação de contínua pressão. O problema não era a pressão interna, resultante da motivação de coração, pois essa levava a atos espontâneos que me davam muita felicidade. O problema era a pressão externa, que parecia exigir todo o meu tempo e tudo o que eu era, que restringia as ações verdadeiramente espontâneas e o uso do tempo. Durante os vinte anos em que fui missionário, senti sincera afeição pelas pessoas a quem servia, muitas delas de condição humilde, e ainda trago este sentimento. Gostei de viver entre elas, em seus países. Olhando para trás, percebo agora que a maior parte da felicidade que tinha se devia a elas *como pessoas*, em vez de algo diretamente atribuído à própria religião.

Já vimos nos capítulos anteriores como representantes responsáveis da organização expressaram, eles mesmos, a sensação de pressão sentida pela maioria das Testemunhas, pressão mantida pelo constante fluxo de exortações por um maior esforço através dos comunicados recebidos da sede mundial em Brooklyn e seus representantes viajantes. Essa pressão constante e a tensão que ela causa não contribui para a saúde emocional ou a genuína felicidade. Tampouco leva ao autêntico progresso espiritual e à alegria que este proporciona. Contribui para uma rotina de atividades que geralmente traz pouco senso de realização, e que é em grande parte mantido pela permanente sensação de culpa criada pela pressão organizacional.

⁸⁰ Gálatas 5:22.

Muita da alegria das Testemunhas de Jeová é atribuída ao fato de partilharem um “rico banquete” de alimento espiritual. Embora lhes digam regularmente que são espiritualmente “o povo mais bem-alimentado da terra”, o fato é que, quando se sentem livres para fazê-lo, as Testemunhas freqüentemente admitem a sensação de cansativa monotonia de suas reuniões, e até suas grandes assembléias são repetições anuais do que foi dito vez após vez em assembléias anteriores. Suas “reuniões de serviço” manifestam muitos aspectos de reuniões comerciais, com ênfase às técnicas e às constantes exortações a aumentos de atividade e produtividade. Os programas das assembléias ficam extremamente previsíveis a cada ano. Todos os discursos, de qualquer tamanho, quer em nível local quer nas assembléias, devem ajustar-se escrupulosamente aos esboços providos pela própria organização. Quem escuta, escuta, de fato, a organização, não a pessoa que fala. Muitas vezes, quando lhes perguntam o que aprenderam na reunião ou no programa da assembléia, as Testemunhas acham difícil recordar algo de substancial para responder. Raramente falam que ficou na mente algo genuinamente fortalecedor da fé ou que possa contribuir para o aprimoramento do seu serviço a Deus e de seus esforços por uma vida cristã.

Os jovens entre as Testemunhas de Jeová expressam, em particular, sensação de enfado nestas reuniões, achando-as muito monótonas. Sempre foi muito alta a proporção de filhos de Testemunhas de Jeová que deixam a organização ao se tornarem adultos. Uma carta enviada à sede mundial por um ancião veterano e “superintendente de cidade” fez estes comentários sobre a instrução que os jovens recebem tanto em casa quanto na congregação:

O ensino nos lares tem sido, na maioria dos casos, superficial. Faltam profundidade e relevância. Alguns pais têm edificado jovens com materiais “à prova de fogo”. Outros se educam por si próprios, e embora expostos à verdade, esta nunca teve grande significado para eles. Portanto, eles se casam, arranjam emprego, iniciam uma família e desaparecem na multidão. Estão presentes, mas sempre na periferia.

Por exemplo, dirigi reuniões com rapazes da congregação, visando a aprimorar a fala e a leitura. Destina-se também a aprender e ensinar a Bíblia. Não é algo organizado; é informal. Mas todos os participantes imploram por mais destas reuniões. Eles apreciam vir, e logo outros vêm com eles. Esta atitude é completamente oposta às reuniões

congregacionais. Por que? Eles se ENVOLVEM PESSOALMENTE. Suas opiniões são valorizadas, seu progresso é percebido, e eles se esforçam para qualificar-se para designações... Sei que isto não pode ser feito em toda parte. Mas o conceito está correto, eu acho, pois funciona.⁸¹

O próprio ancião diz que os rapazes ‘apreciam vir’, numa atitude “completamente oposta às reuniões congregacionais” e que o envolvimento pessoal e o apreço por suas opiniões faziam muita diferença. O que ele fez foi por sua conta, não algo apoiado pelo programa da própria Sociedade ou incentivado por ela. Na verdade, se outros, mesmo sendo anciãos, tivessem começado a seguir seu exemplo, certamente teriam sido advertidos para não criar uma alternativa ao programa da própria Sociedade.⁸² É assim até hoje.

É fato conhecido que a maioria das Testemunhas só lêem a matéria programada no livro ou revista designada (se é que chegam a lê-la de antemão) e raramente tomam tempo para pesquisar ou meditar nos textos citados. Praticamente em cada artigo ou explicação bíblica, a organização — suas normas, objetivos, sua pretensa importância — são regularmente entrelaçados na discussão, e estes é que determinam o entendimento dos textos citados, e obscurecem ou mesmo desviam o sentido do seu contexto. Os membros não são encorajados a usar a mente individualmente como cristãos maduros, mas são, em vez disso, constantemente lembrados da necessidade de submeter-se, de evitar qualquer coisa que lembre o “pensamento independente”, de aceitar o que o “escravo fiel” provê como se viesse de Deus. Parecem nunca lembrar de que para se ter convicção genuinamente *pessoal* é *preciso* existir o pensamento independente, pois cada um de nós deve tirar conclusões como indivíduos, com o livre exercício da consciência e da capacidade mental.

Igual à situação descrita no texto de Isaías, o alimento dos “banquetes espirituais” mostra ser mais ilusão que realidade, e a fome espiritual permanece. É triste, mas quando a pessoa se empenha em aumentar seu conhecimento e progresso espiritual por meio do esforço

⁸¹ Citada de uma carta enviada por Robert Mackey, datada de 1º de março de 1978.

⁸² Mackey era não só superintendente de cidade em Tampa, Flórida, mas também quem gravava os relatos dos evangelhos para as fitas bíblicas da Torre de Vigia. Estou muito convicto de que isto lhe proporcionava uma consideração especial.

pessoal, indo além do programa rotineiro estabelecido, o mais provável é que isto a leve a entrar em conflito com a organização.

Pureza e unidade superiores?

É claro que não nos atrevemos a nos igualar ou a nos comparar com aqueles que pensam que são tão importantes... medem a si mesmos pelas medidas que eles próprios fizeram. — 2 Coríntios 10:12, A Bíblia na Linguagem de Hoje.

O grau de moralidade entre as Testemunhas de Jeová é sem dúvida mais elevado que no mundo em geral. Creio nisso com base na minha própria experiência entre elas ao longo de muitas décadas. A questão é se o nível moral é tão excepcionalmente alto e a incidência de delitos tão notavelmente baixa, de modo a ajustar-se ao conceito de um “paraíso espiritual”, sem igual em lugar nenhum. O que aqui se afirma, pois, de modo algum representa uma tentativa de rebaixar ou minimizar o bom registro de obediência à lei e de moralidade das Testemunhas quando contrastadas com as pessoas em geral. Tampouco se trata de “condenar com elogios tímidos”. O objetivo é somente considerar se esse registro é tão notavelmente superior de modo a justificar a organização Torre de Vigia quando se descreve como virtual ilha de moralidade, distinta de todas as outras religiões e superior a elas. Os padrões de julgamento que a organização usa ao se recomendar a si própria merecem um exame.

Pode-se criar um quadro ilusório por meio do uso seletivo de experiências ou declarações. De 100 experiências, 95 podem ser negativas, mas se apenas as 5 positivas são divulgadas é possível criar um impressão muito favorável, e também falsa.

O inverso também acontece, quando uns poucos fatores negativos são divulgados e os favoráveis, mais numerosos, são escondidos, desta forma criando uma impressão igualmente falsa.

Seria errado avaliar a organização das Testemunhas por qualquer destes métodos. Seria também errado que a organização das Testemunhas avaliasse outras religiões com base nestes métodos. O que mostram as evidências?

Seria extremamente difícil achar uma declaração favorável acerca de alguma outra religião nas publicações da Sociedade Torre de Vigia,

pelo menos dos anos 20 em diante. Em contraste, qualquer coisa *desfavorável* sobre outro sistema religioso, como por exemplo atos de imoralidade, desonestidade ou outras transgressões, torna-se matéria digna de consideração a ser incluída em suas publicações. Quanto mais desfavorável mais provável é que seja incluída. Se o incidente, circunstância ou atitude é ou não é, de fato, representativo do grupo religioso *como um todo*, isso não parece importar. Este padrão crítico é aplicado a todas as outras religiões. Um padrão bem diferente, praticamente oposto, é aplicado à própria religião deles.

Só em raras ocasiões é possível ler a admissão de uma transgressão específica cometida por membros da organização das Testemunhas. Um exemplo disso veio na *Sentinela* de 15 de março de 1988 (página 17), a respeito de um ancião que cometeu adultério com uma mulher Testemunha casada. O marido da mulher, não-Testemunha, foi ao Salão do Reino e disparou com um revólver contra sua esposa e o homem. Mas deve-se notar que, muito antes disso aparecer na revista *Sentinela*, este assunto já recebera publicidade no jornal de maior circulação da cidade de Nova York e já estava, portanto, “escancarado”. Dificilmente se pode citar a admissão de algo que já é amplamente conhecido como exemplo de transparência, franqueza ou humildade por parte de uma organização.⁸³

⁸³ Em outro caso relatado em Nova York em 1987, uma jovem que pôs fim a seu relacionamento amoroso com um homem de 27 anos, recebeu dele mais tarde um pacotinho contendo o que parecia ser uma caneta, mas que escondia uma lâmina com uma mola que cortou a mão dela ao abrir o pacote. Um mês depois, ela recebeu outro pacote e começou a abri-lo. Então, imaginou de quem poderia ser — e antes que pudesse soltá-lo este explodiu, causando-lhe cortes e quebrando seu dedo polegar ao mesmo tempo em que jogou sua sobrinha de 18 meses ao outro lado do aposento. O remetente de 27 anos, acusado de enviar um artefato explosivo pelo correio, foi descrito por seu patrão como uma “Testemunha de Jeová profundamente religiosa”. O *Tribune* de Chicago (de 15 de novembro de 1990) relatou que um jovem de 16 anos primeiro baleou mortalmente o pai a sangue frio e depois aguardou a mãe voltar para casa e a matou. Amigos da família foram citados descrevendo-os como Testemunhas de Jeová que “faziam tudo juntos”. Um antigo vizinho descreveu o rapaz como um “anjinho” que fazia “trabalho de porta em porta com os pais desde criança”. Ao contrário do outro caso, estes e outros crimes similares de Testemunhas não foram contados nas publicações da Torre de Vigia.

Não é que se deva esperar que uma organização espalhe ao mundo as faltas e transgressões de seus membros individualmente, pois isso não teria nenhum objetivo válido e tanto seria desamoroso como prejudicial. O errado é criar uma impressão de grande superioridade moral por divulgarem amplamente as falhas de pessoas de outras crenças, fazendo parecer que estas são comuns e típicas da totalidade dos membros. Ao mesmo tempo, suprime quase que totalmente qualquer admissão de falhas similares em escala similar dentro de seu próprio sistema religioso. Mas *serão* tais falhas evidentes *em escala similar* entre as Testemunhas de Jeová?

Na sede mundial em Brooklyn, como tive conhecimento porque ali trabalhei, no Departamento de Serviço, há arquivos inteiros cheios de registros de casos de transgressão, alguns menos sérios, muitos deles graves, entre os membros das Testemunhas. Abrangem toda uma gama de transgressões, que vão de fornicação, adultério, homossexualismo, incesto e abuso sexual de crianças até fraude, roubo, espancamento de esposas e assassinato. Registros comparáveis a estes dos E.U.A podem ser encontrados nos escritórios de filial da organização em todo o mundo. Em outra declaração rara, *A Sentinela* de 1º de janeiro de 1986 (página 13) reconheceu que o “paraíso espiritual” não oferecia garantia real de proteção contra a imoralidade. Dizia:

¹² É chocante, mas o fato é que mesmo alguns que eram proeminentes na organização de Jeová sucumbiram a práticas imorais, incluindo o homossexualismo, a troca de casais e o abuso de crianças. É digno de nota, também, que no ano passado 36.638 indivíduos foram desassociados da congregação cristã, a maior parte por práticas imorais.

Como reconhece a declaração citada, estas transgressões não se limitam a um único segmento, mas atinge todos os níveis. Pessoas em posições de autoridade na sede internacional ou nas filiais da organização de modo algum estão isentos. Recordo-me de casos de representantes de filial que incorreram em roubo, furto de fundos de filial, registros de alcoolismo, prática de relações sexuais adúlteras, um dos casos com uma prostituta, outro com a esposa de um missionário que morava no escritório da filial, e outras falhas morais.

Como exemplo da aparência enganosa transmitida, *A Sentinela* de 1º de maio de 1984 (página 7) refere-se a um jornalista de Quebec que escreveu de modo favorável sobre um congresso das Testemunhas em Montreal. Ele é citado dizendo:

Se elas fossem as únicas pessoas na terra, à noite não teríamos de trancar as portas e ligar o alarme contra ladrões.

Ele pode pensar assim. Não sabe que na sede internacional em Brooklyn, onde se acha a maior concentração de Testemunhas da terra, foi preciso, há algumas décadas, instalar cadeados em todas as portas do bloco residencial, e não consigo lembrar-me de nenhum período durante meus quinze anos ali em que não houvesse no mínimo um ladrão Testemunha agindo dentro da “família de Betel”. Eram necessários avisos periódicos nas mesas de refeição quanto a deixar objetos de valor sem vigilância. Enquanto roubo, alcoolismo ou falhas similares se limitavam a relativamente poucos, é preciso lembrar que se tratava de uma comunidade de menos de 1900 pessoas, bem semelhante a uma pequena cidade, mas com uma população especial da qual se podia esperar uma incidência de transgressões bem menor que a de uma pequena cidade.

As publicações da Torre de Vigia alegam constantemente que a atividade regular no “serviço de campo” de porta em porta constitui forte proteção contra a fraqueza espiritual e a transgressão. No entanto, a maioria desses já descritos, dos escritórios de filial e da sede internacional, estavam ativos nesta obra. Falta evidência que comprove que a incidência de transgressão seja reduzida em alguma medida por fatores tais como atividade de serviço de campo e assistência às reuniões; tampouco há nada que prove que sejam menos freqüentes os casos de transgressão entre os que estão no serviço de “tempo integral” do que entre os que não estão. Numa carta à sede mundial em Brooklyn, uma Testemunha com mais de trinta anos de associação escreveu:

Receio que minha tentativa de transmitir o que está acontecendo aqui acabe parecendo exagerada, pois a realidade da situação é um tanto desagradável. Penso nas quatro pessoas da congregação que cometeram suicídio (duas delas pioneiras). Penso nos sérios problemas conjugais na congregação (incluindo pelo menos meia dúzia de pioneiros). Estes problemas parecem estar diretamente relacionados

aos problemas congregacionais, não são eventos isolados. Lembro-me de ter conversado com uma irmã que fora pioneira auxiliar por muitos meses, que disse que estava “planejando deixar a verdade no próximo mês de modo a poder deixar meu marido”, nas palavras dela. Ela tinha me pedido para levá-la a [certa cidade] para ver um ancião ali que era conselheiro formado, mas cancelou a consulta. Quando descobri mais tarde que ela tinha cometido um desatino e perguntei por que não tinha procurado ajuda antes disso acontecer, ela respondeu: “Eu tinha de fazer minhas horas primeiro.” Ela não é a única aqui com essa atitude.⁸⁴

Acho que se cada Testemunha parasse para comparar as afirmações feitas com a realidade que se vê em praticamente todos os setores, ela seria obrigada a admitir que o número de casos de infidelidade conjugal, casamentos desfeitos com conseqüente divórcio, relações familiares relativamente instáveis, crianças emocionalmente perturbadas, delinqüência juvenil, problemas com drogas e ocorrências similares de modo algum são raras, mas de fato muito freqüentes.

Sei de homens que se tornaram anciãos, e, em resultado de serem designados a participar em “audiências judicativas” ficaram chocados em constatar a freqüência das transgressões, e às vezes as *espécies* extremas de transgressão que ocorrem nas congregações. Enquanto se exalta regularmente a superioridade das Testemunhas de Jeová como empregados, e citações favoráveis de empregadores aparecem com freqüência nas revistas da organização, escutei pessoalmente de vários comerciantes — Testemunhas de Jeová — que seus empregados Testemunhas amiúde lhes davam consideravelmente mais problemas que os chamados empregados “mundanos”. Embora, de modo geral, evitassem mais escrupulosamente cometer transgressões *sérias*, os casos de desonestidade trivial, desperdício de tempo, falta de cooperação, qualidade inferior do serviço e outras falhas em atuar nos melhores interesses da empresa, eram evidentes numa proporção que simplesmente não se harmonizava com o alarde feito pela organização.

Muitos grupos religiosos poderiam seguir o exemplo das Testemunhas de Jeová na área da integração racial, em desconsiderar as distinções de classe, no senso relativamente forte de compromisso e

⁸⁴ Carta de 10 de julho de 1985; omitimos o nome do remetente por razões de privacidade.

obrigação para todos que, ainda que completamente estranhos, sejam membros aprovados da organização. Talvez um dos aspectos mais atraentes — e dramáticos — de sua história sejam as ocasiões em que enfrentaram situações de crise, em épocas de intensa perseguição, desastres naturais ou guerra, quando muitas se mostraram dispostas a arriscar a própria segurança, os bens e até a própria vida no interesse, de um modo ou de outro, dos concrentes. Os relatos das experiências das Testemunhas durante o regime nazista na Alemanha, durante o governo de Duplessis em Quebec, ou durante o período da violência das turbas nos Estados Unidos nos anos 40, são uma leitura absorvente. A sinceridade dos que mostraram interesse corajoso e altruísta pelos outros é certamente inquestionável, e considero o exemplo delas tanto encorajador como louvável.

Tendo sentido pessoalmente certa medida do que significa viver anos de dificuldades materiais, violência das turbas ou o perigo de ser preso por participar de reuniões e outras atividades quando estas eram proibidas por um governo opressor, não subestimo a coragem que isto muitas vezes exige, a determinação de apegar-se a certos padrões. Tendo participado de tais provações, não acho desrespeito questionar também se estas ações tão dramáticas necessariamente legitimam as alegações de unidade espiritual exclusiva da organização ou podem ser vistas como algo que a distingue como aquela que reúne os únicos cristãos genuínos da terra. Encarando as coisas de uma perspectiva ampla, não tenho dúvida de que o que eu mesmo fiz em tais circunstâncias de modo algum foi algo exclusivo das Testemunhas de Jeová. Sem dúvida isso foi feito em dobro, ou até mais, por pessoas de outras crenças em circunstâncias semelhantes, quer os perigos que enfrentaram tenham vindo de perseguição quer tenha sido por buscarem ajudar pessoas em áreas assoladas por violência, selvageria, doença e animosidade ou ódio religiosos. Tampouco acho que seja falta de apreço por estes exemplos de auto-sacrifício reconhecer que aquilo que se faz em tempos de crise nem sempre é indicativo da regra que prevalece em tempos normais, na vida diária, que constitui a maior parte da vida humana em qualquer sociedade. Estou convicto de que as atitudes de dar, de auto-sacrifício, de compaixão, companheirismo, apego fraternal e forte amizade demonstrados no dia a dia normal são, quando constantes e inabaláveis, na análise final, muitas vezes de maior importância que manifestações similares feitas no calor de

situações mais dramáticas. Creio que a evidência demonstra a veracidade dessa opinião.⁸⁵

Quero fazer uma referência final ao memorando da filial já citado. Vem da Nigéria, nação mais populosa e a que tem o maior número de Testemunhas de Jeová da África (mais de 100.000 na época da escrita do memorando). Este memorando trazia muitas declarações favoráveis sobre as Testemunhas nigerianas, suas persistentes provações, seus esforços de manter neutralidade durante a Guerra de Biafra, as dificuldades enfrentadas por crianças que se recusaram a saudar a bandeira. Destaca a firmeza das Testemunhas em se apegarem às posições da organização nestas questões, firmeza esta comentada por alguns observadores.

O memorando também respondia a uma pergunta sobre a manifestação dos frutos do Espírito de Deus nos assuntos normais da vida diária, e aqui, mais uma vez, contaram-se experiências favoráveis. Tudo isto era o que se podia esperar, algo costumeiro em tais relatórios. A diferença estava na franqueza expressa em reconhecer o lado negativo dos assuntos. Mostrava que a unidade, quer racial quer de outros tipos, supostamente tão exclusiva e distintiva das Testemunhas de Jeová, estava consideravelmente abaixo do ideal. O memorando afirma:

Às vezes surgem nas congregações situações em que há divisões traçadas por razões tribais ou familiares, mostrando que em alguns casos os vínculos carnisais são mais fortes que os espirituais. Assim, há em muitas congregações irmãos que não se associam verdadeiramente com outros membros da congregação. Chegam às reuniões na hora do primeiro cântico e saem na hora do cântico final. Existe muito pouca

⁸⁵ Mesmo com respeito a seitas como a dos Moonies, Steve Hassan diz em seu livro: “Os relacionamentos são geralmente superficiais dentro destes grupos porque partilhar com outros seus sentimentos íntimos pessoais, especialmente os negativos, é altamente desencorajado. Este aspecto da vida nas seitas prevalece ainda que um adepto possa achar que é mais íntimo de seus companheiros do que foi de qualquer pessoa antes. De fato, quando os adeptos das seitas passam por dificuldades ou perseguições, eles sentem mesmo um profundo senso de camaradagem e martírio compartilhado que é excepcional. Mas devido a que a única verdadeira lealdade que têm é ao líder, uma análise mais atenta mostra que tais laços são realmente superficiais e às vezes apenas fantasia particular.” (página 82)

comunicação. Alguns não têm praticamente contato algum com outros irmãos, ou apenas com uns poucos escolhidos. Há também aqueles que alimentam animosidades e nunca falam com certos irmãos em momento algum.

Até entre os anciãos manifestam-se atitudes não-fraternais. As reuniões de anciãos têm sido conhecidas como fóruns de contendas e recriminações. Alguns travam discussões violentas nas quais atacam uns aos outros com palavras grosseiras. Às vezes, as considerações tribais ou raciais influenciam a aceitação ou a rejeição de sugestões.

É desconcertante, mas os irmãos com freqüência mostram atitudes não-fraternais nas relações comerciais e entre empregados e empregadores. Os irmãos empregados às vezes exploram e roubam os irmãos que os empregam; e alguns empregadores [Testemunhas] tratam seus empregados de modo duro e humilhante, até mesmo sem consideração para com sua necessidade de assistir as reuniões e participar do serviço de campo. Alguns sofreram prejuízos e relações foram destruídas por causa de tratos comerciais, quer devido a mal-entendidos, quer devido à franca desonestidade. Às vezes, irmãos promovem acusações contra irmãos como fariam por meio de advogados em tribunais mundanos, e alguns chegam a recorrer a tribunais mundanos. Mesmo no caso de pecadores arrependidos, os anciãos com freqüência têm a tendência de não ser misericordiosos.⁸⁶

Não tenho intenção de sugerir que estas condições são típicas de todas as Testemunhas nigerianas. Visitei a Nigéria em 1979 e conheci ali ótimas pessoas entre as Testemunhas. Na mesma época, tinha se solicitado à filial em seu memorando que provesse a informação, não com base em incidentes raros e isolados, mas que abordasse os problemas genuínos que afetavam as Testemunhas do país. Não só o uso de “muitas”, “com freqüência” e expressões similares, mas todo o teor do relatório, deixa claro que o quadro de um paraíso espiritual *exclusivo, superlativamente* abundante em frutos do Espírito de Deus, dificilmente se harmoniza com os fatos. Mostra que as Testemunhas se parecem muito com as pessoas que se acham em outras denominações religiosas em que ocorrem problemas similares.

As condições relatadas pela filial da Nigéria não são surpreendentes nem incomuns. Se não as mesmas condições, condições comparáveis

⁸⁶ Páginas 20 e 21 do memorando da Nigéria.

podem ser vistas nas congregações das Testemunhas de Jeová na maioria dos países do mundo. Incomum é a franqueza do pessoal da filial em reconhecer a existência e a extensão dos problemas. É incomum porque os representantes da organização, de modo geral, hesitam em apresentar à sede mundial assuntos que se chocam com o conceito de uma condição espiritual paradisíaca.

Nos anos que passei na sede internacional, a vasta maioria das comunicações apresentava apenas o lado “brilhante” dos assuntos, tópicos como os que são publicados na literatura da Torre de Vigia. Quando relatórios de natureza mais franca chegavam ao Corpo Governante ou a uma de suas comissões, estes raramente eram considerados de modo extenso. Acho que se pode verazmente dizer que a informação perceptiva, indicativa de qualquer falta de espiritualidade genuína e suas causas básicas, criava certa sensação de desconforto entre os membros, como se estes preferissem não saber dela. Eles pareciam achá-las perturbadoras, inquietantes, fora de sintonia com as declarações publicadas acerca de uma comunidade mundial que usufrui de superlativa saúde espiritual e inédita unidade fraternal, uma comunidade onde se pode encontrar os únicos cristãos verdadeiros da terra. Quanto mais franco o relatório e mais profunda a visão que dava da natureza subjacente dos problemas, menos tempo se dispunham a gastar em discuti-lo os membros do Corpo Governante. Sua rapidez em mudar para outros assuntos, ou para os trechos do relatório de maior conformidade com o quadro publicado, traziam à mente a descrição que Deus fez de Israel por meio de seu profeta Isaías:

[Eles] disseram aos que vêm: “Não deveis ver”, e aos que têm visões: “Não deveis visionar para nós nenhuma coisa diretas. Falai-nos coisas macias [agradáveis, *NVI*]; visionai coisas enganosas [ilusões, *ARA*].”⁸⁷

Não posso crer que o amor à verdade, e principalmente o interesse pelas pessoas, autorizem este conceito mental semelhante a uma “torre de marfim”.

Não há, pois, intenção alguma de retratar as Testemunhas de Jeová como uma comunidade essencialmente imoral. Elas não o são. Creio

⁸⁷ Isaías 30:10.

que, no conjunto, a maioria das Testemunhas de Jeová são pessoas decentes e de boa moral. Tampouco se deve esperar perfeição dentro de qualquer comunidade de pessoas. Mas realmente falta a evidência necessária em apoio às afirmações sobre *uma distintiva superioridade moral sobre todas as outras comunidades religiosas*, de modo a dar motivo para jactância. Jamais se fez um censo organizacional envolvendo esta área e por isso não há estatísticas disponíveis. Com base em quase 60 anos de associação e relacionamento com os membros em lugares de todo o mundo, pessoalmente não duvido que se tais estatísticas estivessem disponíveis, elas mostrariam que não há, entre os adeptos da organização Torre de Vigia e os de muitas outras denominações religiosas, grande diferença no percentual de casamentos desfeitos, divórcios, transgressões juvenis ou conduta pecaminosa de qualquer espécie. Em poucos casos, especialmente em certas religiões que dão grande ênfase a fortes laços de família, a diferença pode de fato mostrar-se desfavorável às Testemunhas de Jeová. A evidência existente certamente não provê base para a declaração pública sobre ser muito mais pura que todas as outras (a síndrome da parábola de Jesus sobre o fariseu que disse “Agradeço-te Deus, que não sou como os outros homens”).

A provável reação da organização a isto seria que as Testemunhas de Jeová são superiores no sentido de que tomam ação contra os transgressores e desassociam os que consideram impenitentes, mantendo assim uma “organização limpa”. Não se pode deixar de apreciar a preocupação de agir quando a transgressão se manifesta. Como vimos num capítulo anterior, porém, seu registro de desassociar pessoas é consideravelmente mais notável que seu registro de ajudar os transgressores a se corrigirem e se restabelecerem, que é a missão do verdadeiro pastor das ovelhas.⁸⁸ Qualquer alegação de pureza superior à de outras comunidades religiosas precisa apoiar-se em mais do que neste último fator, e também na capacidade demonstrada de produzir um ambiente que encoraje e ajude as pessoas com vistas à força espiritual que evita a transgressão, de modo a fazer com que esta seja excepcionalmente baixa. A mera punição à transgressão em si não torna uma organização “limpa” ou superior em sua pureza a outras organizações. Um governo pode consistentemente exilar todos os que

⁸⁸ Veja os capítulos 10 e 11.

discordam de seu regime e decisões. Mas isso não prova que o país está livre de discordância ou descontentamento — não se os exílios prosseguem ano após ano. Tampouco a prática de executar todos os criminosos significa que um país está livre do crime e é superior a outros países quanto a usufruir um ambiente livre de crimes, particularmente se os crimes (e as subseqüentes execuções) continuam a ocorrer essencialmente à mesma taxa de sempre. A afirmação às vezes feita de que não se encontram Testemunhas de Jeová nas prisões (senão por motivo de consciência) também pode ser enganosa. Se uma Testemunha, considerada culpada de cometer um crime por um tribunal, é declarada desassociada *antes ou depois de ser condenada à prisão*, isto não muda o fato de que *ela era Testemunha na ocasião em que cometeu o crime*.

Na realidade, jamais houve época em que a organização das Testemunhas de Jeová pudesse corretamente se exaltar por ser singularmente “limpa”, pois jamais houve qualquer intervalo de tempo em que milhares de pessoas não estivessem, naquele exato momento, praticando sérias transgressões. No momento em que escrevo isto, há, dentro da organização, um percentual de pessoas praticando infidelidade conjugal, fornicação, embriaguez, atos de ganância e desonestidade, e outras formas de transgressão já alistadas nos extensos arquivos da organização existentes para este fim. Há indivíduos entre estes, é claro, que com o tempo, sem nenhuma audiência “judicativa”, deixarão voluntariamente tal proceder e levarão vidas exemplares. Ao mesmo tempo, outros estarão praticando tal conduta ao longo de muitos anos; alguns não serão descobertos por

muitos anos, se o forem.⁸⁹ E continua a ser assim apesar dos milhares que são desassociados anualmente. Tampouco há algo que mostre que o percentual de transgressores seja hoje menor do que era há dez, vinte ou trinta anos.⁹⁰ Mais vital para validar uma suposta autoridade moral, é a incapacidade de a organização provar que seu percentual é de algum modo mais baixo que o de muitas outras comunidades religiosas. Afirma-se isso, é claro. Mas não há evidência factual em apoio às afirmações. Não que as Testemunhas de Jeová sejam necessariamente piores nesta área que outras associações e comunidades religiosas, ou que não sejam melhores que *algumas* associações religiosas. O histórico delas simplesmente não comprova as afirmações feitas quanto a uma superioridade *exclusiva* sobre qualquer outro grupo religioso. Ele de modo algum autentica o quadro descrito de um “paraíso espiritual” singularmente limpo.

Não tenho dúvida alguma de que a abordagem legalista do cristianismo, as multidões de regras, e, ao mesmo tempo, a freqüente aplicação de critério duplo, tudo contribui para um conceito essencialmente embotado de justiça cristã. Quando o indivíduo acha que não está sendo observado pela autoridade organizacional, estes fatores podem de fato resultar em debilitar a resistência à transgressão.

⁸⁹ Como apenas um exemplo, em 1985, a edição de 23 de setembro do *Alberta Report* (Canadá) trazia um artigo sobre a condenação de um advogado que foi “preso por roubar mais de 200.000 dólares de seus clientes entre 1973 e 1984 — mais da metade da quantia roubada de companheiros Testemunhas de Jeová da igreja onde ele era ancião.” Muitas das Testemunhas que foram vítimas nesse período de mais de dez anos eram ucranianas que não sabiam ler nem escrever em inglês e que “depositavam sua total confiança” no ancião Testemunha. As vítimas incluíam uma mulher idosa que tinha entregado ao homem todo um processo de seguro por um acidente de trânsito que a deixou paraplégica. Em resultado da desonestidade do ancião ela recebeu menos da metade do seguro. (Este advogado foi conceituado orador numa das reuniões anuais de advogados e médicos Testemunhas.)

⁹⁰ O relatório da *Sentinela* de 1986 sobre 36.000 desassociados não é extraordinário. Cada ano produz um número similar. Em 1988, por exemplo, houve outros 40.000 desassociados em todo o mundo (dados do *The Milwaukee Journal*, de 18 de maio de 1989, citando Merton Campbell, do pessoal da sede mundial da Torre de Vigia).

Os mais afetados

Nem todos são afetados no mesmo grau pelos fatores aqui considerados. Há, é claro, como havia no tempo de Jesus, aqueles que parecem satisfeitos em seguir a rotina específica que lhes designam, alguns dos quais até sentem prazer (e, muitas vezes, orgulho) no cumprimento de requisitos tradicionais e programas estruturados. Outros não são particularmente afetados porque simplesmente não se preocupam em medir ou ganhar aprovação. São protegidos pela própria apatia.

É lamentável que os mais afetados pela pressão constante para que se faça cada vez mais em atividades dirigidas pela organização são as Testemunhas que são mais sensíveis e conscienciosas. Para muitas destas, a argumentação — que sutilmente atribui culpa se a pessoa não segue as “sugestões” e “recomendações” da organização — cria a preocupação constante de não estar fazendo o bastante, não estar correspondendo. Como num redemoinho, nunca há uma sensação de realização, mas apenas a necessidade de continuar a atender mês após mês às exigências por *desempenho*, exigências que por sua vez podem não ser abertamente declaradas, mas que são apresentadas de modo a sugerir falta de fé, zelo ou amor se a pessoa não corresponde. Assim, enquanto muitas Testemunhas apenas ‘seguem a corrente’ e mostram pouco o efeito da pressão, o verdadeiro teste da religião cristã não é o que ela faz pelos que estão livres de necessidade, mas o que faz pelos que estão de algum modo debilitados, aflitos. A rejeição de Deus aos líderes espirituais do rebanho de Israel concentrava-se nisto, dizendo:

“Não fortaleceste as adoentadas, e não curastes a doentia, e não pensastes a quebrada, e não trouxestes de volta a dispersada, e não procurastes a perdida.”... “Eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas e eu mesmo as farei deitar-se”, é a pronúncia do Soberano Senhor Jeová. “Procurarei a perdida e trarei de volta a dispersa, e pensarei a quebrada e fortalecerei a doentia, mas aniquilarei a gorda e a forte. A esta apascentarei com julgamento.”... “Eis aqui estou, eu mesmo, e hei de julgar entre o ovídeo gordo e o ovídeo magro, visto que continuastes a empurrar com o lado e com o ombro, e visto que

continuastes a marrar com os vossos chifres a todas as adoentadas até que as tínheis espalhado para fora.”⁹¹

Os mesmos princípios aplicam-se aos pastores cristãos, e não é por seu interesse pela “gorda e forte”, mas principalmente pelas fracas, feridas e quebradas que se testa a sinceridade de sua devoção ao rebanho. Estes certamente teriam de ser os primeiros entre todos aqueles a quem os pastores cristãos devem “tratar com ternura”.⁹² Deixar de reconhecer as pressões e tensões que a vida diária do mundo atual impõe a tais pessoas, é estar cego para com suas condições e necessidades. Empurrar estas pessoas com “agulhoadas” mentais e emocionais, deixar de prover-lhes o necessário repouso e alívio emocionais e espirituais, só pode trazer a desaprovação do Pastor excelente, Cristo Jesus.

Estes pensamentos foram expressos numa carta escrita em 1977 e dirigida a Fred Franz, presidente da Torre de Vigia. O remetente dizia:

Tenho a impressão de que as pessoas especialmente sensíveis, que já têm problemas em lidar com um mundo exigente e cruel, recebem de nós uma carga com muitas pressões e ameaças de destruição adicionais. Os que realmente tentam ser fiéis em todas as coisas, e depois descobrem que são apenas homens e mulheres imperfeitos, que nunca alcançarão a combinação dos estritos alvos de serviço, reuniões, estudos, conduta, etc., vindos de vocês, arriscam-se a entrar em colapso sob a pressão conjunta de requisitos que são inculcados neles um a um, por meio de métodos dos quais eles nem sequer se apercebem, de forma que não são capazes de pesar a ordem de prioridade de todos estes requisitos e caem em depressão quando tentam cumpri-los todos.

Concluí que só podia suportar o peso reduzindo minha exposição às constantes pressões de vocês. Só assistia a determinadas reuniões e deixava de ir a certas reuniões que me deixavam deprimido e aborrecido.

O autor da carta era René Greutmann, natural da Suíça. Cito aqui suas declarações visto que creio que as experiências que ele relata resumem e confirmam muito do que foi dito em todo este capítulo.

⁹¹ Ezequiel 34:4, 15, 16, 20, 21.

⁹² Atos 20:29.

Como Testemunha, René tinha passado um tempo na prisão por recusar-se a servir no exército suíço. Sentia o desejo de ajudar os doentes mentais, formou-se como enfermeiro e obteve um emprego num hospital psiquiátrico de Zurique. Demitiu-se um ano depois devido ao problema de ter de servir aos pacientes alimentos que continham plasma sangüíneo. Demonstrou assim leal apoio às posições das Testemunhas com relação ao serviço militar e ao sangue.

Em sua carta ao presidente da Torre de Vigia, disse que sua razão de escrever era:

....dar-lhe um retorno de como seus ensinamentos e métodos me afetaram durante os últimos vinte e dois anos em que fui Testemunha de Jeová. Tenho esperança de que esta contribuição possa lançar alguma luz sobre muitos casos de depressão e suicídio entre irmãos e irmãs muito conscienciosos.

Deu então detalhes de quatro suicídios de Testemunhas dos quais ficara sabendo pessoalmente e outros casos de Testemunhas que precisavam de cuidado psiquiátrico.⁹³ René, todavia, tinha um caso bem mais pessoal para relatar.

Ele contou como conheceu e se casou com sua esposa Clarisse. Testemunha zelosa, ela tinha se mudado para a região de língua alemã da Suíça, morou com uma família de Testemunhas, e com o tempo começou o serviço de “pioneira”, enquanto trabalhava em meio expediente como secretária para manter-se. Muitas vezes andava de bicicleta durante uma hora para chegar ao seu território rural designado. Conscienciosa, obrigava-se a ir até o ponto de não mais poder continuar, mas ainda assim era incentivada a prosseguir pelo superintendente de circuito com quem conversava. Para aumentar sua

⁹³ Isto não é algo excepcional. Também sei de vários suicídios entre as Testemunhas, inclusive um que ocorreu quando eu estava na sede internacional, quando um membro do pessoal saltou para a morte do alto de um dos edifícios da gráfica da Sociedade, e outro em 1990, quando um membro antigo do pessoal e ex-membro da Comissão da Gráfica saltou para a morte do terceiro andar de um dos edifícios residenciais da Sociedade. Tenho correspondência que alista um número ainda maior de suicídios conhecidos pelos que escreveram. Quaisquer levantamentos feitos em outros países, especialmente das nações industrializadas, dariam sem dúvida números consideráveis, embora tais assuntos sejam geralmente mantidos em silêncio e jamais publicados.

tensão, enfrentou problemas com uma Testemunha, um homem casado que a importunava. Ela relatou o assunto ao superintendente da congregação, mas daí em diante, por causa disso, sofreu a ira da esposa do homem. Não demorou muito e sofreu um colapso emocional. Seus pais a levaram para casa na região de língua francesa da Suíça, mas ela estava extremamente deprimida. Na manhã seguinte, ela subiu ao teto do prédio de quatro andares e pulou.

Ela sobreviveu, mas sofreu fraturas múltiplas em ambas as pernas e na pelve. Os médicos tiveram de amputar-lhe a perna direita abaixo do joelho.

Quando René a conheceu, ela tinha aprendido a andar com uma perna artificial, mas nunca conseguiu recuperar-se dos efeitos do que havia acontecido. Achava que tinha fracassado como pioneira e assim tinha fracassado para com Deus e que seu propósito na vida estava acabado. Não conseguia perdoar-se pelas coisas que tinha feito. Em sua carta endereçada à organização Torre de Vigia, René escreveu:

Naturalmente, ela escutou depois que ‘ninguém a tinha forçado a ir além de sua capacidade no serviço de pioneira’. Nem as pessoas que fizeram aqueles comentários nem Clarisse sabiam do poder das “recomendações” e “conselhos” constantemente repetidos numa programação cansativa. *Mas você sabe e Deus sabe.*

René descobriu que Clarisse era uma mulher amável, apesar de sua deficiência, e era normalmente, uma pessoa inteligente e comunicativa. Casaram-se e três anos depois tiveram um filho, e René a levou para morar na Califórnia, na esperança de que isso a ajudasse a esquecer o passado e a superar seu sentimento de culpa e depressão. Associaram-se com uma congregação das Testemunhas, mas a acolhida que lhes deram não foi muita compreensiva ou calorosa e isto perturbou Clarisse. René admitiu que sua incapacidade de dar pleno apoio a todos os ensinos e práticas da organização pode ter contribuído para que as Testemunhas locais não lhes dessem muita atenção. Ele disse que sentiu que para obter plena aceitação teria de “submeter-se a todos os ensinos sem pensar; tornar-se um gravador que repete fielmente

tudo que lhe é dito.” Ele acrescenta: “Não sei por quanto tempo eu suportaria isto sem ficar eu mesmo deprimido.”⁹⁴

Clarisse fez tratamento psiquiátrico por algum tempo na Suíça e depois voltou aos Estados Unidos, mas com uma melhora apenas mínima em seu sentimento de depressão. Persistia a sensação de ter falhado religiosamente. René propôs-lhe que voltassem para a Suíça, mas ela preferiu ficar na Califórnia. Uma noite, em outubro de 1975, ela saiu para uma consulta no Hospital Kaiser. Ela não voltou. Na manhã seguinte, o carro dela foi localizado estacionado perto da ponte Golden Gate. Seu corpo foi encontrado boiando nas águas da baía. Tinha 34 anos.

Sei que não se pode atribuir os problemas de alguém totalmente a uma única fonte. Tampouco René o fez, reconhecendo não só a frágil constituição emocional de sua esposa, mas também as próprias imperfeições e incapacidades dele, imaginando o que mais ele poderia ter feito. Mas ele também não tinha dúvida alguma de que havia um fator subjacente que atuou contra todos os esforços de trazer alívio a sua esposa. Como ele diz em sua carta para a organização:

Eu estendia meus braços e meu coração para ela. Mas não sei como ela percebia o mundo e as pessoas ao redor dela. Eu não estava no lugar dela e não tinha uma perna artificial. Não sofri a dor e aflição dela. Ela era o tipo de pessoa incapaz de proteger a si mesma se estivesse programada com requisitos sobrepostos e conflitantes.

...eu gostaria muito de recomendar nossa associação às pessoas instáveis e sensíveis, mas não posso, no fundo do meu coração, recomendar uma religião cuja pressão quase me matou, e que, estou convicto, foi um dos principais fatores na tragédia de minha esposa e de outros.

Quando abordados por René, os anciãos da congregação da Califórnia recusaram-se a realizar uma cerimônia fúnebre, com base no que entendiam do artigo sobre funerais para pessoas que cometem suicídio na *Sentinela* de 1º de janeiro de 1976, página 31. Disseram

⁹⁴ Entre outras coisas, ele considerava a prática de relatar horas nas “folhinhas de relatório” como indesejável, achando que isto tinha um efeito coercitivo, algo que até membros do pessoal da sede mundial, como Karl Adams e Robert Wallen basicamente admitiram, como já vimos.

que tinham de ‘proteger a boa reputação da congregação’. René não pôde entender a razão desta posição inflexível. Conforme escreveu:

Não temos de aprovar o ato dela. Foi errado, foi um pecado. Para mim um funeral não significa a aprovação do modo de vida da pessoa, mas um ato de apoio e amor pela família que ela deixou para trás.

....fiz eu mesmo a cerimônia fúnebre. Fui à funerária com minha mãe. Pus algumas rosas sobre o corpo dela, acariciei-a pela última vez e então me ajoelhei e orei, agradecendo a Deus pelo tempo que passamos juntos, orando para que ele se lembrasse dela na ressurreição. Orei para que ele me ajudasse a aumentar em amor e consciência das necessidades das pessoas ao meu redor, que me ajudasse a criar nosso filho para ser um cristão amoroso e responsável.

Pode-se ressaltar que dois anos depois, na *Sentinela* de 1º de dezembro de 1977, publicou-se um artigo permitindo especificamente que um ancião realizasse o funeral de alguém que tivesse tirado sua vida por “extrema depressão ou desequilíbrio mental”. Isto não foi por causa da carta de René Greutmann, pois esta jamais chegou ao Corpo Governante. Outro incidente levou à discussão do tema. Ao defender a mudança de ponto de vista durante o debate, recordei pessoalmente de ter chamado a atenção para o canto fúnebre de Davi após as mortes de Saul e Jonatã, no qual Davi incluiu *ambos* os homens, embora o ferido Saul, para evitar maus tratos nas mãos dos filisteus, tivesse tirado a própria vida.⁹⁵ A mudança descrita na *Sentinela* acima mencionada é positiva e elogiável. Os anciãos da congregação da Califórnia, se já tivessem essa matéria, teriam sem dúvida agido de modo diferente. Mas acho que o que se precisa notar é que suas ações, seus pensamentos e seus sentimentos, eram, e provavelmente ainda são, *inteiramente governados pelo que a organização diz*, não pelo que a compaixão e a razão humanas, os princípios bíblicos e o exemplo do Filho de Deus moveriam alguém a fazer. Ao fazer a mudança com respeito aos funerais para suicidas, o artigo da *Sentinela* de 1º de dezembro de 1977 não apresentava nenhum argumento bíblico como razão para isso. Simplesmente anunciava que, “Visto que isso [um discurso público] serve a um propósito tão excelente, o ministro cristão talvez veja a conveniência de realizar” um funeral em tais casos. A

⁹⁵ 2 Samuel 1:17-27

organização tinha falado e os anciãos agora podiam fazer o que talvez seus próprios corações normalmente os teriam motivado a fazer.

Se, porém, a organização não tivesse falado, não se teriam sentido livres para agir desse modo compassivo, teriam sem dúvida se sentido culpados se o fizessem, certamente se teriam preocupado em manter seus cargos de ancião se deixassem de sujeitar-se plenamente à norma da organização, e familiares enlutados continuariam a ouvir a mesma recusa que René ouviu após a trágica morte de sua esposa. Sou forçado a me perguntar o que existe, em tudo isto, que possa de algum modo ser descrito como espiritualmente “paradisíaco”.

Algum tempo após a morte da esposa, René e seu filhinho voltaram para a Suíça. Soube que enquanto sua esposa estava em tratamento na Suíça, um homem que estava de serviço como guarda de fronteira no lago Genebra a tinha visto, totalmente vestida, caminhar para dentro da água e tinha ido atrás dela, puxando-a para fora. Coincidentemente, a esposa do homem conhecera Clarisse quando criança. René visitou o casal para agradecer o que tinham feito por sua esposa, agora falecida. Durante a conversa, ele mencionou que as Testemunhas de Jeová não serviam no exército, pelo motivo de que não queriam matar. A esposa do homem respondeu de um modo que René nunca esqueceu. Ela disse: “Às vezes também matamos com palavras.”



Não sei se o presidente da Torre de Vigia viu ou leu a carta de René. Sei que a carta não chegou ao Corpo Governante, mas isso era normal. De qualquer modo, o presidente não a respondeu, pois ela foi entregue a um dos homens das “mesas de correspondência” para ser respondida. Acho que o tom geral dessa resposta reflete notavelmente

o tom das declarações dos anciãos da congregação a quem René tinha apelado:



Rene Greutmann
211 Higdon Avenue
Mountain View, CA 94041

Dear Brother Greutmann:

Your additional letter received last month and addressed to Brother Franz has been directed to the Writing Department.

We note the circumstances leading up to the death of your wife. We regretted very much to learn of the emotional turmoil that led up to what appears to be her taking her own life. While you have drawn certain conclusions, Brother Greutman, as to what influenced her in this regard, we are sure you appreciate that it is very difficult to judge matters when it comes to human emotions and motivation. It is best to leave matters in Jehovah's merciful hands, as we continue to look to him for guidance, knowing that He will judge every situation with the proper balance of mercy and justice. You have attempted to place some of the blame upon Jehovah's organization, claiming that what is expected of Jehovah's people in the way of attending meetings and sharing in the service is too much and leads to frustration and even emotional problems. But here again you are attempting to judge Jehovah's people and the Christian congregation by what you have personally concluded. To what extent your own attitude and view on matters, and the way you have handled matters with your wife, have contributed to developments with your wife, is a question which we would be unable to answer for you. As a frank observation, Brother Greutmann, we would recommend that you recognize how Jehovah is leading and teaching his people as a whole, and the evident blessing that they have from Jehovah. You are inclined to find fault with the encouragement to share regularly in attending the meetings and in preaching the good news, feeling that what is said at times sets forth more than what is reasonable for God's people. The brothers here at headquarters, through the publications and otherwise, and the elders in the local congregations, are merely endeavoring to discharge their responsibilities before Jehovah in providing encouragement and help to our brothers and sisters worldwide in remaining faithful to Jehovah and in fulfilling the commission to preach the good news of the kingdom in all the world as a witness. Each one individually has to decide how he or she can respond to the encouragement from the Scriptures according to his or her own circumstances and abilities. When you honestly appraise the encouragement given, there is no attempt to regiment or control the thinking of the brothers and sisters so as to make them robots. Your claim that the organization is attempting to brainwash or control the thoughts of the brothers and sisters is really unfounded. Unless of course, you are pointing to what Jesus and the apostles did in training

Christians and helping them to do as the apostle Paul said at 1 Corinthians 1:10 to, "be fitly united in the same mind and in the same line of thought."

May Jehovah bless your desire to serve him in accord with the prayer of the apostle Paul in behalf of the Philippian Christians at Philippians 1:9-11.

Your brothers in Jehovah's service,

Watchtower B. F. Society
OF NEW YORK, INC.

Tradução do texto da carta:

Prezado irmão Greutmann

Sua carta adicional recebida no mês passado e endereçada ao irmão Franz foi encaminhada ao Departamento de Redação.

Observamos as circunstâncias que levaram à morte de sua esposa. Lamentamos muitíssimo saber da perturbação emocional que resultou, ao que parece, em ela ter tirado a própria vida. Embora tenha tirado certas conclusões, irmão Greutmann, quanto ao que a influenciou neste respeito, estamos certos de que entende que é muito difícil avaliar as questões quando se trata das emoções e motivações humanas. É melhor deixar as questões nas mãos misericordiosas de Jeová, ao passo que continuamos a recorrer à orientação dele, sabendo que Ele julgará cada situação com o devido equilíbrio entre misericórdia e justiça. Você tentou jogar alguma culpa na organização de Jeová, alegando que aquilo que se espera do povo de Jeová quanto a assistir reuniões e participar do serviço é excessivo e leva a frustrações e até a problemas emocionais. Mais uma vez, porém, você tenta julgar o povo de Jeová e a congregação cristã através de suas conclusões pessoais. Até que ponto sua própria atitude e opinião sobre os assuntos, e o modo como tratou do problema de sua esposa contribuíram para as coisas que aconteceram com ela, é uma questão à qual não podemos responder. Como uma observação franca, irmão Greutmann, recomendaríamos que reconheça o modo como Jeová está conduzindo e ensinando seu povo em conjunto, e a bênção evidente que ele tem da parte de Jeová. Você se inclina a encontrar falhas no encorajamento para participar regularmente na

assistência às reuniões e na pregação das boas novas, achando que aquilo que se diz estabelece algo que está acima do razoável para o povo de Deus. Os irmãos aqui na sede, através das publicações e de outras maneiras, e os anciãos das congregações locais, estão apenas se empenhando em cumprir suas responsabilidades perante Jeová em prover encorajamento e ajudar nossos irmãos em todo o mundo a permanecerem fiéis a Jeová e a cumprirem a comissão de pregar as boas novas do reino em testemunho a todo o mundo. Cada um individualmente tem de decidir como vai reagir ao encorajamento das Escrituras segundo suas próprias circunstâncias e capacidades. Quando se estima sinceramente o encorajamento dado, não se vê tentativa de dominar ou exercer o controle da mente dos irmãos de modo a fazer deles robôs. Sua alegação de que a organização tenta fazer lavagem cerebral ou controlar a mente dos irmãos não tem realmente fundamento. A menos, é claro, que você esteja apontando para aquilo que Jesus e os apóstolos fizeram quando treinaram os cristãos e os ajudaram a fazer o que o apóstolo Paulo disse em 1 Coríntios 1:10, "estejais aptamente unidos na mesma mente e na mesma maneira de pensar."

Que Jeová o abençoe em seu desejo de servi-lo de acordo com a oração do apóstolo Paulo em favor dos cristãos filipenses em Filipenses 1:9-11.

Seus irmãos no serviço de Jeová,

Sociedade Torre de Vigia de B. e T.

DE NOVA YORK, INC.⁹⁶

Esta resposta é quase inteiramente dedicada a justificar a atitude da organização e, falando francamente, é uma reprimenda ao homem que obviamente escreveu motivado pela preocupação com um tipo especial de pessoas dentro da organização e com o bem-estar delas. Como René indulgentemente expressou: "A resposta deles não me foi muito encorajadora, e ao invés, deixou-me só com meus questionamentos e em busca da verdade e do amor." Ele passou por sérios problemas após

⁹⁶ O símbolo EF indica que a carta foi escrita por Fred Rusk, do Departamento de Redação da sede mundial.

a morte de sua esposa, mas, com o tempo, por meio da oração e fora da organização, ele os superou e tem manifestado bom equilíbrio.

Creio que o conjunto das evidências, vistas em escala mundial, revela por que é razoável dizer que pessoas sensíveis e emocionalmente frágeis estão particularmente em risco no chamado “paraíso espiritual”. Não posso deixar de recordar novamente as palavras do profeta: “Com o lado e com o ombro dais empurrões, e com os chifres impelis as fracas até as espalhardes fora”.⁹⁷

No início desta consideração expressei a sensação de tristeza, e aquilo que discutimos apenas aumenta essa sensação. Aquilo que parecia oferecer tal promessa, que parecia indicar o caminho para algo belo, provou-se bem o contrário. As qualidades excelentes que muitos demonstraram foram desviadas do seu fluxo natural. Houve um efeito despersonalizante, e até certo ponto, desumanizante, em resultado da exaltação e da quase deificação da autoridade da organização. A tristeza, como no caso do ex-teólogo católico romano, é fruto dos “casos de dano causado a pessoas pela atuação de um sistema impessoal e falta de liberdade.” Não foram os interesses humanitários, nem o amor às pessoas, aquele tipo de amor que motivou Deus a dar seu Filho em favor delas, mas os interesses de uma organização em sustentar a si própria, de inculcar seus conceitos essencialmente organizacionais em cada vez mais pessoas e em ampliar e manter sua autoridade sobre elas. Isso teve o efeito de “destruir a idéia que lhe deu origem”.

⁹⁷ Ezequiel 34:21, ARA.

O Desafio da Liberdade Cristã

Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará... Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres. — João 8:31, 32, 36, Almeida Revista e Atualizada.

Onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade. — 2 Coríntios 3:17, Almeida Revista e Atualizada.

OS SEGUIDORES do Filho de Deus devem amar a liberdade que ele dá, prezá-la, defendê-la, sacrificar o que for necessário para preservá-la. Essa liberdade é mais que liberdade política. Ela nos liberta da frustração trazida pela escravização à decadência, da sensação de culpa diante de Deus, do temor da morte e do temor de homem ou demônios, pois traz consigo a esperança de sermos redimidos “do cativeiro da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus.”¹

É também a liberdade de ser a pessoa que realmente desejamos ser, uma pessoa que reflete a vida Daquele a quem cada um de nós segue, embora individualmente manifestos como personalidades únicas que somos. Paulo não era Pedro e Pedro não era João, e tampouco Maria era Priscila ou Priscila era Dorcas. Todavia, cada um destes refletia em sua vida os ensinamentos, qualidades e o espírito do único a quem seguiam, do único em quem depositavam fé como Filho de Deus. Existe beleza nesta individualidade, beleza que a conformidade imposta e a uniformidade rígida com seu efeito despersonalizante — e às vezes desumanizante — sufocam e reprimem. Em vez de serem como “ervilhas numa vagem”, as pessoas podem ser como flores num

¹ Romanos 8:21, ARA.

jardim, distintas, variadas, até contrastantes, sem, no entanto serem daninhas, feias ou cheirarem mal, todas se misturando e contribuindo para a beleza do jardim como um todo.

O controle totalitário, seja político ou religioso, teme a individualidade, encara-a como uma ameaça. Esse temor é sinal de fraqueza, não de força. Do mesmo modo, a falsidade teme a verdade, foge de sua luz, tenta esconder-se dela.² Ela pode, quer agressivamente quer por meios escusos, tentar obscurecer essa luz, mas evita encarar a verdade frente a frente numa disputa honesta. A unidade baseada na uniformidade forçada, embora sólida na aparência externa, é na verdade, frágil. Ao contrário da unidade baseada na verdade e no amor, o perfeito vínculo de união, tal unidade imposta não tem força interior, natural, mas só sobrevive através da manipulação, da coerção e do medo.³

Penso aqui na carta de uma senhora da Califórnia, que, junto com as filhas, tinha estudado com as Testemunhas, e começou a participar das reuniões e do serviço de campo de porta em porta. Ela escreveu:

Há cerca de um ano venho estudando com as Testemunhas de Jeová e estou sob pressão cada vez maior para ajustar-me a todos os conceitos da organização. O que começou como um estudo bíblico agradável e instrutivo tornou-se a asfixia de nossa própria identidade espiritual. É interessante que enquanto sentimos este tipo de pressão, torna-se difícil pensar claramente. Implantou-se em nós o temor de que estaríamos seguindo o sistema de Satanás e afastando-se da organização “inspirada por Deus”.

É fácil elogiar o exemplo dado por pessoas do passado, as quais, geralmente pagando um alto preço, não permitiram que a intimidação as impedisse de buscar a verdade e torná-la conhecida. As publicações da Torre de Vigia trazem frequentemente artigos que enaltecem a integridade para com a verdade e a consciência demonstrada pelos antigos mártires e reformadores — homens como Wycliffe, Tyndale, Miguel Servet ou João Huss, que resistiram ao poder asfixiante da censura religiosa e não se intimidaram com a pressão coercitiva e a condenação da autoridade religiosa. Outros artigos falam de modo

² João 3:19-21.

³ Colossenses 3:14.

positivo de vários grupos minoritários dissidentes e inconformistas, como os valdenses, os lolardos e os anabatistas, todos os quais declararam prestar lealdade à verdade bíblica acima da lealdade à autoridade e ao ensino das organizações.⁴ Em tudo isto, porém, não se pode deixar de se impressionar pelo paralelo com as autoridades religiosas dos dias de Jesus, as quais, como ele disse, ‘fizeram túmulos bonitos para os profetas e enfeitaram os monumentos dos que viveram de modo correto’, e diziam: “se tivéssemos vivido no tempo dos nossos antepassados... não teríamos matado os profetas.” Apesar do que afirmavam, o proceder daqueles líderes religiosos mostrou que tinham o mesmo espírito de seus antepassados, que levaram à morte os profetas rejeitados pela organização.⁵ De modo paralelo, enquanto elogia os indivíduos dissidentes e grupos inconformistas do passado, a organização Torre de Vigia utiliza armas idênticas às que foram usadas contra eles — a censura, a intimidação, a pressão, a coerção e a excomunhão por parte da organização — para silenciar hoje qualquer tentativa de discussão livre e aberta da validade de seus ensinamentos e do exercício da autoridade. Aqueles que ela agora chama de hereges devem ser considerados como mortos por todos os adeptos. Ela enaltece a coragem que fez com que homens e mulheres do passado se apegassem a suas convicções e condena a mesma atitude hoje como fruto do espírito desagregador e orgulhoso, evidência de rebelião contra Deus. Ao fazê-lo, usa uma linguagem que lembra muitíssimo as condenações eclesiásticas do passado. A história humana, todavia, é certamente mais rica de exemplos da posição em defesa da liberdade tomada por tais homens e mulheres.

Chegar ao crescimento espiritual como pessoas livres

Irmãos, não pensem como crianças. Quanto ao mal sejam crianças, mas no modo de pensar sejam adultos. — 1 Coríntios 14:20, Bíblia na Linguagem de Hoje.

⁴ A *Sentinela* de 1º de fevereiro de 1982, por exemplo, fala dos “grupos dissidentes” que deram origem aos valdenses, do seu destemor em falar abertamente contra os ensinamentos das várias igrejas e em sustentar que “a Bíblia é a única fonte de verdade religiosa”, crendo também ser “Jesus o único mediador entre Deus e o homem”.

⁵ Mateus 23:29-35, *BLH*.

Todo o objetivo do ensinamento cristão é levar-nos à maturidade espiritual, à condição de cristãos adultos, “à medida da estatura da plenitude de Cristo”.⁶ Conforme certa tradução apresenta as palavras de Paulo aos cristãos efésios:

Assim, nós não seremos mais crianças, jogados de um sentimento a outro, arrastados à deriva por todo vento de doutrina, ludibriados pelos homens e induzidos pela sua astúcia a transviar-nos no erro. Mas, confessando a verdade no amor, cresceremos sob todos os aspectos em direção àquele que é a cabeça, Cristo.⁷

A infância é uma época de pouca responsabilidade, de relativamente poucas opções e decisões pessoais. A criança deixa que os pais ou outros exerçam esta responsabilidade, que estabeleçam padrões. Especialmente quando pequena, ela sente que depende deles, teme ser abandonada, fica insegura sem a presença deles. A idade adulta normalmente traz a libertação dessa dependência, e com ela a responsabilidade por uma infinidade de opções e decisões pessoais. A transição não é fácil. É, no entanto, um passo que todos temos de dar, se não quisermos retardar nosso progresso. Apegarmo-nos à condição infantil nos incapacitará para ter êxito como adultos. A nossa felicidade e tudo o que de real valor conseguirmos na vida está inseparavelmente ligado à nossa disposição de assumir a responsabilidade de pessoas adultas. Como Paulo expressou:

Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino.⁸

Só um sistema que visa exercer um controle extremo sobre outros e dominar seu pensamento, é que quer que as pessoas continuem na infância, impedindo ou bloqueando o crescimento que as tornaria cada vez menos dependentes desse sistema e cada vez mais fortes e capazes de tomar decisões saudáveis por conta própria. O apóstolo declara que Cristo deu a seus seguidores “dádivas em homens”, mas todos estes, quer apóstolos, profetas, evangelizadores, pastores ou instrutores, foram dados exatamente para ajudar as pessoas a “crescer”, a tornar-se,

⁶ Efésios 4:13, *ARA*.

⁷ Efésios 4:14, 15, *TEB*.

⁸ 1 Coríntios 13:11, *ARA*.

cada uma delas, como seu Cabeça, capazes de firmar-se sobre os próprios pés como adultos espirituais maduros, não a ser como crianças, dependentes de tais homens.⁹ Esses homens não deviam fazer as pessoas se sentirem *endividadas* para com eles, dizendo, como faz a organização Torre de Vigia: “Ora, onde aprenderam o que aprenderam? Não foi de nós?” Não deviam fazer as pessoas se sentirem *na obrigação* de seguir cegamente a liderança deles nesta base, e a se sentirem ingratas ou desrespeitosas se não o fizerem. Deviam, ao contrário, dizer como o apóstolo:

Afinal de contas, quem é Apolo? Quem é Paulo? Apenas servos por meio dos quais vocês vieram a crer, conforme o ministério que o Senhor atribuiu a cada um. Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer; de modo que nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus, que efetua o crescimento.¹⁰

Não ser “alguma coisa” equivale a não ser *nada*. O verdadeiro servo de Deus deve repelir a idéia de fazer outros se sentirem sob obrigação para com ele, reconhecendo sua própria insignificância e incapacidade relativas e a importância sobrepujante do poder e da sabedoria de Deus em tudo o que se consegue.¹¹ Como Paulo explica:

Pois quem é que te distingue? [Quem te torna, meu amigo, tão importante? *NEB*] Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido [por que tomas o crédito para ti mesmo, *NEB*]?...

Vós já estais saciados! Já estais ricos! Sem nós, vós vos tornastes reis!... Somos loucos por causa de Cristo, vós, porém, sois prudentes em Cristo; somos fracos, vós, porém, sois fortes; vós sois bem considerados, nós, porém, somos desprezados.¹²

Tudo que tais servos cristãos tinham para usar no serviço cristão, conhecimento, compreensão ou habilidades, tudo foi recebido de Deus, como dádiva Dele. Quem quer que fossem, qualquer que tenha sido o serviço que prestaram, todos aqueles homens foram, eles próprios, “dádivas” para seus concristãos, não governantes designados sobre

⁹ Efésios 4:8, 11-16, *TEB*.

¹⁰ 1 Coríntios 3:5-7, *NVI*.

¹¹ Confira Gálatas 2:6; 6:3.

¹² 1 Coríntios 4:7, 8, 10, *BJ*.

eles. O senso de dívida e de obrigação que a gratidão corretamente produz, vão para o Dador das dádivas, não para a coisa ou pessoa dada. Portanto, o apóstolo diz a seus con cristãos:

Portanto, ninguém se glorie em homens; porque todas as coisas são de vocês, seja Paulo, seja Apolo, seja Pedro, seja o mundo, a vida, a morte, o presente ou o futuro; tudo é de vocês, e vocês são de Cristo, e Cristo, de Deus.¹³

Sim, quem quer que sejam, eles são, de fato, possuem daqueles a quem são dados, não seus possuidores; pertencem à comunidade dos crentes, a comunidade dos crentes não pertence a eles; eles se põem a serviço dessa fraternidade, em vez de fazer com que a fraternidade se sinta na obrigação de servi-los ou cumprir suas ordens.

Confiar como crianças — em quem?

As Escrituras não desaprovam a atitude de ser como criança, ter um senso de dependência ou buscar orientação de uma fonte superior. O fator chave é: Para com quem é que se deve mostrar a atitude como a das crianças? Respondendo a uma pergunta de seus discípulos, Jesus chamou uma criancinha e a colocou diante deles, dizendo:

Deveras, eu vos digo: a menos que deis meia-volta e vos torneis como criancinhas, de modo algum entrareis no reino dos céus. Por isso, todo aquele que se humilhar, semelhante a esta criancinha, é o que é o maior no reino dos céus; e todo aquele que receber uma de tais criancinhas à base do meu nome, também a mim me recebe. Mas, todo aquele que fizer tropeçar a um destes pequenos que têm fé em mim, para este seria mais proveitoso que se lhe pendurasse em volta do pescoço uma mó daquelas que o burro faz girar e que fosse afundado no alto-mar.... Naturalmente, é necessário que venham pedras de tropeço, mas aí do homem por meio de quem vem a pedra de tropeço!¹⁴

Queira notar que a confiança e a fé como a das crianças não devia ser depositada em homens ou num sistema religioso, mas em Cristo — “fé em mim”. Ter fé nele é também ter fé em seu Pai, de quem também nos tornamos filhos. É verdade que encontramos nas Escrituras ocasiões em que alguns apóstolos usaram as expressões “filhos”, “filhinhos” e “meus filhos”, ao escreverem a outros, ou falaram deles

¹³ 1 Coríntios 3:21-23, *NVI*.

¹⁴ Mateus 18:1-7.

mesmos como numa posição de pais com filhos. A evidência, porém, mostra que se fazia isto quer expressando uma relação especial devido ao apóstolo ter sido o primeiro a apresentar as boas novas, a mensagem de vida, àquelas pessoas (como no caso da relação entre Paulo e os de Corinto, Galácia e Tessalônica), quer como um termo afetoso usado por um instrutor idoso aos que eram mais jovens do que ele na fé, como no caso do apóstolo João.¹⁵ Eles manifestavam *interesse* paternal, não o controle autoritário de um pai. Tinham cuidado em não ir além deste sentido restrito, pessoal, e portanto não foram culpados de levar as pessoas a violar a ordem de Cristo: “Não chameis a ninguém na terra de vosso pai, pois um só é o vosso Pai, o Celestial.”¹⁶ Nossa fé ou confiança nos homens que prestam ou que afirmam prestar serviço espiritual nunca pode ser absoluta, mas sempre condicionada à medida que eles refletem fielmente a vontade e a sabedoria de nosso Dador celestial da vida. Se essa fé ou confiança chegou alguma vez a ser depositada em tais homens, ela foi longe demais.

Tampouco devemos deixar que nossa responsabilidade pessoal como cristãos nos seja usurpada pela tentativa de exercer a “paternidade” espiritual de outro modo, descartando engenhosamente a ordem de Cristo, e afirmando, não ser nosso Pai espiritual, mas ocupar o lugar da “Mãe” espiritual. O pai transmite vida aos filhos por meio da mãe; esta é, portanto, fonte de vida para os filhos. De modo algum Deus designou essa função a algum arranjo humano, a uma organização de qualquer espécie. Só seu Filho é Mediador entre Deus e os homens e só ele é “o caminho, a verdade e a vida”, já que ninguém vai ao Pai senão por ele.¹⁷ Portanto, qualquer organização que afirme que a obtenção da vida eterna depende de a pessoa subordinar-se a ela, é uma negação dessa verdade e uma usurpação do papel de Cristo.

Na ausência do pai, a mãe da família pode ser a fonte de orientação para os filhos, e até exercer autoridade matriarcal sobre a família. Já vimos (no capítulo 4) que a organização Torre de Vigia, enquanto argumenta que existe uma “mãe” *celestial*, denominada “organização

¹⁵ 1 Coríntios 4:14; 2 Coríntios 6:13; Gálatas 4:19; 1 Tessalonicenses 2:7-11; 1 João 2:1.

¹⁶ Mateus 23:9.

¹⁷ 1 Timóteo 2:5, 6; João 14:6.

universal de Deus”, afirma atuar em nome dessa “mãe” como um “canal” terrestre que provê instruções aos “filhos” dela e os alimenta. De fato, as afirmações feitas sobre a “mãe celestial” e sobre o respeito e a deferência que se devem a ela, aplicam-se na prática à organização terrestre que se torna assim uma espécie de mãe adotiva.¹⁸

SHOW RESPECT *for* **JEHOVAH'S ORGANIZATION**

"My son, keep your father's commandment, and forsake not your mother's teaching. For the commandment is a lamp and the teaching a light, and the reproofs of discipline are the way of life."—Prov. 6:20, 23, RS.



hundreds of millions of copies in many languages; but to them it is as an unlighted lamp. Why? Because the father of this system of things and his slovenly offspring "Christendom" have blinded their minds to the light of the lamp. Worse than that, they have deliberately thrust their children out without due appreciation for their

THE children of Christendom are children of this system of things, for Christendom is a dominant part of it. Christendom's children have a lamp, the Bible, in

lamp and have allowed them to wander about in a bedarkened and almost destitute condition. Even the lamp that they carry, veiled as it is to them, would have been wrested away from them if a more powerful hand had not prevented it. That is the

¹ Who are Christendom's children, and what is their condition?

Tradução:

MOSTRE RESPEITO *pela* **ORGANIZAÇÃO DE JEOVÁ**

"Meu filho, guarda o mandamento de teu pai, e não abandones o ensino de tua mãe. Pois o mandamento é uma lâmpada e o ensino é uma luz, e as repreensões da disciplina são o caminho da vida." — Pro. 6:20, 23, RS.

¹⁸ A seção "Perguntas dos Leitores", na *Sentinela* de 15 de outubro de 1985 (páginas 30, 31), diz que "Os do restante ungido na terra ainda não fazem literalmente parte da 'Jerusalém de cima'. Mas, devido à sua posição singular como filhos espirituais com a perspectiva de vida celestial, e devido a representarem a 'esposa' celestial de Deus, às vezes Jeová os inclui de forma refletiva em diretrizes, profecias, promessas e palavras de consolo dirigidas à Sua organização-esposa no céu."

OS filhos da Cristandade são filhos deste sistema de coisas, pois a Cristandade é uma parte dominante dele. Os filhos da Cristandade têm uma lâmpada, a Bíblia, em centenas de milhões de exemplares em muitas línguas; mas para eles ela é como uma lâmpada sem luz. Por quê? Porque o pai deste sistema de coisas e sua descendência relapsa, a “Cristandade”, cegaram suas mentes para a luz desta lâmpada. Pior que isso, eles deliberadamente jogaram fora seus filhos sem o devido apreço por sua lâmpada e os deixaram perambulando numa condição obscurecida e quase desamparada. Mesmo a lâmpada que carregam, velada para eles como está, lhes teria sido arrancada se uma mão mais poderosa não o tivesse impedido. Este é o quadro dos

1. Quem são os filhos da Cristandade e qual é sua condição?

Recordo-me que, durante o período tumultuado na sede mundial em 1980, um conhecido meu falou por telefone com um superintendente viajante (superintendente de circuito) no centro-oeste dos Estados Unidos e mencionou sua preocupação com as sanções tomadas pela organização. A reação do superintendente viajante foi: “Bem, isto nós sabemos. Mamãe pode estar certa ou pode estar errada. *Mas continua sendo a mamãe.*” Para ele, “mamãe” era a organização sediada em Brooklyn, e não um corpo celestial. E assim pensa a maioria das Testemunhas de Jeová. Algumas religiões adotam um conceito similar visando a fortalecer sua autoridade. Este, porém, é um conceito estranho ao ensino cristão. Ele, de fato, debilita a verdade de que, enquanto Deus no passado falou com os homens por diversos meios, inclusive mensageiros angélicos da esfera celestial, Ele agora nos falou por meio de seu Filho e continua a guiar-nos por meio desse Filho e através da direção de seu Espírito santo.¹⁹ Em parte alguma das Escrituras somos exortados a olhar para uma “organização celestial” em busca de esclarecimento, mas somos orientados a voltar-nos para

¹⁹ Hebreus 1:1, 2.

nosso Pai celestial e seu Filho em busca de ajuda para compreender e aplicar a mensagem que deram à humanidade.²⁰

Nos tempos antigos, os filhos eram muitas vezes entregues aos cuidados de um “tutor” que, diferentes dos chamados de “tutores” atualmente, não ensinavam à criança, mas levavam-na ao professor ou à escola, além de dar-lhe a necessária disciplina.²¹ Usando isso como ilustração, Paulo escreve:

Antes que viesse essa fé, estávamos sob a custódia da Lei, nela encerrados, até que a fé que haveria de vir fosse revelada. Assim, a Lei foi o nosso tutor até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Agora, porém, tendo chegado a fé, já não estamos mais sob o controle do tutor. Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus.²²

Se agora nos deixamos ficar em sujeição a um sistema terrestre e a suas leis, permitindo que definam e regulem nossa adoração e nossa conduta perante Deus, estamos recuando no tempo, para a época anterior à vinda de Cristo. Significaria, na prática, anular aquilo que Cristo realizou, anular a liberdade que sua ação nos trouxe. Reverteríamos à condição infantil que nos faz um pouco mais que escravos, até mesmo como o apóstolo descreve a questão ao dizer:

²⁰ O texto de Gálatas 4:21-31 é usado em apoio ao conceito da direção por parte de uma mãe celestial através de uma organização terrestre visível. O relato fala de duas mulheres, Sara e Agar, e as utiliza simbolicamente. Mas o escritor, Paulo, não diz que estas representam duas “organizações”, mas que tipificam “dois pactos”. A questão de que tratava era quanto a “não mais se estar debaixo da lei”. (Versículo 21) Ele considera a relação pactuada com Deus, primeiro a do antigo pacto, dado no Sinai, o qual ele representa por meio de Agar, uma escrava, e depois o novo pacto, procedente do céu, o qual representa por meio de Sara, a mulher livre. Ele descreve tanto os filhos de um pacto como os do outro, mostrando que através do novo pacto, e só através dele, as pessoas obtêm a reconciliação com Deus, e deste modo, a vida como filhos dele, “filhos da promessa” (versículo 28, *TEB*), não “filhos de uma organização”. Nada há neste relato sobre o conceito de “organização”. O assunto trata dos pactos. Por que, então, não colocamos a ênfase onde o apóstolo inspirado a colocou?

²¹ Veja *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, páginas 1659, 1660, ou a matéria correspondente em *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 3, página 749, ou outros dicionários bíblicos.

²² Gálatas 3:23-26, *NVI*.

Digo, pois, que durante o tempo em que o herdeiro é menor, em nada difere de escravo, posto que é ele senhor de tudo. Mas está sob tutores e curadores até ao tempo predeterminado pelo pai. Assim também nós, quando éramos menores, estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo; vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos.²³

Cristo Jesus estabeleceu a congregação sobre o alicerce dos seus apóstolos, e todavia jamais fomos exortados a olhar para essa congregação como nossa cabeça. “A cabeça de *todo homem* é”, não a congregação ou os que a compõem ou os que atuam como pastores dela, mas “o Cristo”.²⁴ Isso significa aceitá-lo como fonte divinamente designada de direção em nossas vidas, aquele para quem olhamos, por meio do Espírito santo, em busca de orientação nas decisões e escolhas que fazemos em nossos caminhos. Toda exortação quanto a expressar respeito, confiança ou submissão a homens dentro do corpo dos crentes em Cristo — sejam eles quem forem — deve portanto ser sempre encarada como relativa, jamais absoluta. Se Cristo é deveras nosso Cabeça, temos conscienciosamente de pesar toda diretriz, conselho e orientação de qualquer fonte humana na balança de suas palavras e ensinamentos, de seu exemplo e das qualidades que manifestou. Aceitá-los indiscriminadamente seria não só tolice infantil, mas também perigoso.²⁵ Seria também negar a chefia dele. Obediência ou submissão cegas a líderes religiosos não é sinal de fé em Cristo, não é evidência de forte devoção ou respeito à sua posição divina. Aceitar a chefia de Cristo traz a responsabilidade de discernir aquilo que genuinamente representa essa liderança e se procede dela ou não. E não podemos passar a outros essa responsabilidade; temos de levá-la nós mesmos.²⁶

O chamado para a liberdade está implícito na Palavra de Deus. Por que então tantos hesitam ou deixam de procurá-la?

²³ Gálatas 4:1-5, ARA.

²⁴ 1 Coríntios 11:3.

²⁵ Confirma Gálatas 1:6-8; 3:1-3; 5:7-9; 1 João 4:1

²⁶ 2 Coríntios 13:5; Efésios 4:14, 15; Gálatas 6:4, 5; 1 Tessalonicenses 5:21, 22.

O temor da liberdade

Porque o temor implica um castigo, e o que teme não chegou à perfeição do amor. — 1 João 4:18, Bíblia de Jerusalém.

A liberdade cristã, como observamos, não é simplesmente uma liberdade negativa — a liberdade de *não* crer, de *não* fazer — mas é primariamente uma liberdade positiva, a liberdade de *crer*, de *fazer*, de *ser*.

Embora pareça estranho, muitos se assustam com esta liberdade positiva ou a simples perspectiva dela. É porque essa liberdade significa assumir a responsabilidade de chegar a conclusões com base no entendimento e nas convicções da própria mente e coração, e não das mentes e corações de outros, ou em suas interpretações e raciocínios, a responsabilidade de fazer escolhas e decisões pessoais e aceitar suas conseqüências. Por esta mesma razão, grande parte da humanidade busca *fugir* da liberdade. O meio de fuga consiste geralmente em submeter-se a uma fonte que assume a autoridade de tomar decisões pela pessoa, de ser sua consciência, de dirigi-la em suas opções de vida. Se não fosse por essa disposição de trocar a liberdade pela submissão, as formas totalitárias de governo que emergiram após a 1ª Guerra Mundial jamais teriam obtido o poder que obtiveram. Sobre estas forças, e a incrível atração que exerciam sobre as massas, o sociólogo de origem alemã Erich Fromm escreve:

...a essência destes novos sistemas, que efetivamente assumiram o controle de toda a vida social e pessoal do homem, era a submissão de todos, com exceção de um punhado de homens, a uma autoridade sobre a qual eles não tinham controle algum... [Milhões] estavam tão ansiosos de abrir mão de sua liberdade quanto seus pais tinham estado ansiosos de lutar por ela.²⁷

Mostrando quão difundida é esta tendência humana, e uma razão subjacente para isto, outra fonte declara:

Sempre que procuramos evitar a responsabilidade por nossa própria conduta, nós o fazemos por tentar atribuir essa responsabilidade a alguma outra pessoa, organização ou entidade. Mas isto significa que

²⁷ *Escape from Freedom*, Erich Fromm, Avon Books (edição de 1965), página 18.

abrimos mão de nosso poder para essa entidade, seja ela o “destino”, a “sociedade”, o governo, a empresa ou o nosso patrão.... Ao tentar evitar o peso da responsabilidade, milhões e até bilhões tentam diariamente fugir da liberdade.²⁸

Na religião, como em outros setores, muitos acham mais fácil deixar que outros pensem por eles, escolham por eles, tomem decisões por eles. Não estariam, sem dúvida, tão desejosos de fazer isto em questões materiais, mas o fazem nas questões espirituais e éticas. Sua fé é uma “fé emprestada”. Crêem em algo principalmente porque outros creram, e aceitam as afirmações confiantes deles de que estão certos. Buscam a segurança de pertencerem a outros, por meio da filiação a uma organização. Buscam refúgio dos problemas morais por meio da submissão a um sistema que se oferece para assumir a responsabilidade de dirigir suas vidas por eles. O apóstolo dirigiu-se a pessoas na Galácia como “vós que *quereis* ser submissos à lei.”²⁹ Hoje, igualmente, muitos *querem* as coisas ditadas nos mínimos detalhes, decretadas para eles em forma de regras de modo que se sintam livres da responsabilidade da decisão. Nas palavras do escritor de Hebreus, eles simplesmente ‘não cresceram’ como cristãos.³⁰

Uma das verdades básicas da vida é que a própria vida é difícil. Em muitos aspectos, isto se dá porque enfrentar os problemas e trabalhar para solucioná-los é um processo penoso. Ninguém tem uma vida livre de problemas, e a dor que causam pode superar a dor física. Nossa tendência é tentar evitar a dor por ignorar os problemas, recusar enfrentá-los, ou buscar fugir deles pelos meios possíveis. Pessoas com experiência em saúde mental admitem que isto não só é comum como também prejudicial. Conforme expressa a fonte já citada:

A tendência de evitar os problemas e o sofrimento mental inerente a estes é a base principal de toda doença mental humana.... Alguns de nós irão a grandes extremos para evitar os problemas e o sofrimento que causam, afastando-se para bem longe de tudo aquilo que é claramente bom e sensível a fim de achar uma saída fácil, edificando as fantasias mais elaboradas nas quais viver, às vezes numa total

²⁸ *The Road Less Traveled*, do médico psiquiatra M. Scott Peck, (Simon & Schuster, Nova York, 1978), página 42.

²⁹ Gálatas 4:21, *TEB*.

³⁰ Hebreus 5:12-14.

exclusão da realidade. Nas palavras sucintamente elegantes de Carl Jung, “A neurose é sempre um substitutivo para o sofrimento legítimo.”³¹

O “alimento” mental provido pela organização Torre de Vigia não só estimula a transferência da responsabilidade pessoal para um sistema e seus líderes. Como vimos, ele também nutre um ponto de vista ilusório sobre a vida, estimulando o desejo de crer — apesar de toda a evidência contrária — que se está usufruindo de um ambiente espiritual ideal, virtualmente livre de problemas, que só é preciso ‘seguir as orientações da organização’ e tudo dará certo. Muitos, talvez a maioria, preferem crer nisto. Acham mais fácil. Todavia, no final, a fuga que pensam conseguir mostra-se mais custosa que o sofrimento legítimo evitado. É que a ilusão só pode ser mantida por meio da sujeição constante, pela vida toda, à doutrinação, e por uma rotina constante de ações que amenizam, temporariamente, a sensação de culpa incutida por se deixar de cumprir as exigências da organização. É preciso deixar que as próprias faculdades mentais sejam restringidas e direcionadas, que as próprias qualidades da compaixão e da afeição sejam circunscritas. Em longo prazo, as perdas mostram-se mais pesadas que a disciplina e o esforço que teriam de ser gastos para encarar a realidade e lidar com ela.

Em 1985, numa carta, um homem do estado de Nova York escreveu:

Eu também estive “na Verdade” por quarenta e oito anos e servi de todo o meu coração. Além disso, sofri todas as indignidades e pressões sofridas pela maioria das Testemunhas de nossa idade. Agora, olhar para a organização que aprendemos a amar e vê-la como insensível e impassível é muito traumático. O que me irrita mais ainda é que eu sei disso há algum tempo, mas ocultei estes sentimentos. Creio que o medo de deixar minha consciência se expressar tornou-me alguém inferior ao que era quando “entrei na Verdade”. Por causa disso, acho que não gosto de mim mesmo. Pelo menos, seu livro forçou-me a desvencilhar-me disso. Quão vividamente João trouxe à nossa atenção que o medo age como restrição, e enquanto o medo está presente não podemos exercer o perfeito amor. — 1 João 4:18.

³¹ *The Road Less Traveled*, página 17.

Creio que o que ele diz, em graus maiores e menores, tem se aplicado a todos nós. Todos nós fomos *diminuídos* de um modo ou de outro: no livre uso das energias mentais que Deus nos deu, em nossa livre manifestação de amor, compaixão e misericórdia, em nossa capacidade de falar a verdade onde for preciso e em quaisquer circunstâncias. É claro que nem todos são afetados na mesma extensão. Alguns conseguem manter certo grau de integridade pessoal, resistir, até certo ponto, à pressão para ajustar-se a um molde rígido. Mas não tenho a mínima dúvida de que, assim mesmo, todos sofrem perdas, e eles tornam-se inevitavelmente, para usar a expressão do missivista acima citado, ‘pessoas inferiores’ àquilo que de outro modo poderiam ser — e que refletem menos a Cristo do que deveriam. Nas palavras do apóstolo, permanece sobre eles um véu figurativo, com um novo legalismo e seu “código escrito” no lugar do código da Lei. Esse véu está “deitado sobre os seus corações”, encobre e turva a visão deles do esplendor de sua nova posição diante de Deus, tornada possível pelo Filho dele.³² O medo de assumir o pleno sentido dessa posição obstrui sua “franqueza no falar”, leva muitas vezes a sentimentos ocultos, velados, expressões disfarçadas, em vez da abertura, sinceridade e franqueza que são características da liberdade cristã. Como diz o apóstolo:

Ora, o Senhor é o Espírito e, onde está o Espírito do Senhor, ali há liberdade. E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito.³³

Algumas das perdas mais sérias resultantes desta sujeição a um sistema são do tipo sutil, gradual, cumulativo. Outras não, e os efeitos de deixar que outros pensem por nós são mais claramente evidentes.

Penso numa senhora do leste dos EUA cujo marido veio de uma família em que os membros estavam entre os mais antigos associados com a Torre de Vigia naquela região. Ele tornou-se “superintendente de congregação” e era uma “coluna” na comunidade das Testemunhas. Na meia idade, ele morreu repentinamente. Tinha sempre confiado nas garantias da organização quanto à proximidade do fim e nunca dera

³² 2 Coríntios 3:14-16.

³³ 2 Coríntios 3:17, 18, *NVI*.

grande importância às preocupações materiais. Após sua morte, basicamente nada restou com que sua esposa pudesse sustentar-se, e então, com mais de 50 anos, ela viu-se obrigada a procurar emprego praticamente por questão de sobrevivência. Visto que o trabalho que conseguiu num lar de idosos exigia que usasse uniforme e o horário de trabalho dela era próximo ao de certas reuniões no Salão do Reino, ela as assistia de uniforme. Ela observou que, embora levantasse a mão regularmente para comentar, por alguma razão não mais a chamavam. Quando indagou aos anciãos, estes lhe disseram que era porque estava usando uniforme (visto como ‘traje inadequado’). Seus longos anos de serviço e os de seu marido, e as dificuldades que enfrentava como viúva pareciam não ter importância.

Falei recentemente por telefone com um homem que tivera, quando jovem, ótimo desempenho escolar. Abriu mão de bolsas de estudo e quando terminou o colégio tornou-se pioneiro e serviu por vários anos na sede internacional. Quando saiu da sede, tornou-se superintendente de circuito e depois superintendente de distrito. Casou-se e com o tempo vieram filhos. Logo achou emprego numa empresa de âmbito nacional e se deu bem. Recentemente, porém, mudanças no pessoal da administração puseram seu emprego em risco. Como ele disse, então com mais de 50 anos e sem diploma — o que se tornou quase obrigação na sua área de atuação — percebeu como nunca antes as conseqüências de depositar total confiança num sistema religioso e de se submeter às suas pressões, de ter sido cego a qualquer outra coisa que não fosse o que lhe ofereciam para crer.

Recordo de comentários semelhantes, quando eu estava ainda no Corpo Governante, feitos por um membro do pessoal da sede mundial, Ken Pulcifer, que fora superintendente viajante antes de trabalhar na sede da organização. Ele veio à minha sala certo dia, perguntou se eu dispunha de alguns minutos e então se mostrou preocupado com os jovens da organização. Em essência, ele disse: “Incentivamos nossos jovens a sair como pioneiros ou a vir para Betel tão logo terminam o colégio. Muitos fazem isso. Mais tarde casam e então vem uma gravidez. Deixam o serviço de pioneiro ou de Betel. Precisam achar trabalho mas não estão habilitados a empregos bem remunerados e têm de pegar o que puderem. Junto com outras despesas, têm contas médicas a pagar. As circunstâncias difíceis impõem grandes tensões ao

casamento, que muitas vezes está ainda em fase de adaptação. Isso às vezes termina destruindo o casamento.” Ele disse que achava que não estávamos agindo certo com os jovens, desencorajando-os de preparar-se genuinamente para enfrentar a vida no mundo atual. Só pude concordar com ele, mas não via esperança realista de alterar o conceito da organização.

Durante uma viagem relacionada com uma série de congressos da Torre de Vigia no Oriente em 1971, uma das participantes era uma mulher muito bonita que minha esposa e eu tínhamos conhecido alguns anos antes. Notei que ela passara a mancar muito, e ao perguntar sobre isso a um amigo, soube que sofrera de uma enfermidade que lhe afetava o quadril. Quando perguntei se nenhuma solução médica tinha sido possível, o amigo disse que sim, que os médicos quiseram fazer uma cirurgia, mas ela a descartou. Quando perguntei o motivo, a resposta foi: “Bem, você sabe, 1975.” Sua perna afetada já estava alguns centímetros mais curta que a outra. 1975 veio e passou, mas o problema dela continuou, agora já sem remédio.

Estas são apenas uma amostra de milhares de casos similares. Embora a organização atualmente não promova nenhuma data específica para a “solução final” de todos os problemas, a contínua garantia de que estamos perpetuamente no “próprio limiar de uma nova ordem” afeta a atitude da pessoa para com a solução dos problemas, mostra uma visão distorcida da realidade. Poderiam ser dados inúmeros relatos sobre os efeitos de se fechar os olhos à realidade a fim de manter a crença em esperanças ilusórias. Normalmente temos repugnância por pessoas que induzem outras com recursos limitados a investi-los em negócios arriscados unicamente com base em especulações e que resultam em desastrosas perdas financeiras. Mas tratamos aqui de coisas ainda mais importantes, mais valiosas, e certamente mais insubstituíveis que dinheiro. O nosso tempo — horas, dias, meses e anos envolvidos — é a “moeda” da própria vida. Esses recursos são limitados. Podemos imaginar que, ainda que ultrapássemos os 80 anos de idade, tínhamos, ao nascer, um fundo de cerca de 30.000 dias à nossa disposição. Aos 40 anos, metade destes 30.000 dias já estão gastos; aos 50, apenas 11.000 dias ainda estão no fundo; aos 60, cerca de 7.000 dias, e daí em diante nossa

“conta bancária” encolhe dramaticamente. Há muito tempo, o salmista escreveu:

Acabam-se os nossos dias como um breve pensamento. Os dias da nossa vida sobem a setenta anos, ou, em havendo vigor, a oitenta: neste caso o melhor deles é cansa e enfado, porque tudo passa rapidamente, e nós voamos... Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio.³⁴

Em vista da preciosidade do tempo, como podemos ter a presunção de impor aos outros nossa opinião quanto a como investir seu tempo, ou tentar dirigir e controlar esse investimento? Na medida em que nos beneficiamos da sabedoria divina encontrada na Palavra de Deus, podemos encorajar outros e até aconselhá-los contra os investimentos infrutíferos e a favor de bons investimentos.³⁵ Isto, porém, é muito diferente de exortar e pressionar pessoas a investir apenas nas atividades e interesses específicos que nós pessoalmente promovemos, sugerindo que eles são tolos esbanjadores se não o fizerem.

Pelo mesmo padrão, embora possamos ser gratos pelas idéias, experiência e relativa sabedoria de outros, jamais devemos deixar que qualquer pessoa assuma o controle do *nosso* tempo, de fato nos ditando o uso dos limitados fundos de nossa vida. Podemos ter feito isto no passado, e nossa tendência natural é resistir a reconhecer que ao fazê-lo fizemos um mau investimento. Admitir para si próprio que anos e até décadas, foram gastos em percorrer um caminho ilusório é doloroso. Cogitar essa possibilidade pode ser tão penoso que preferimos recusar a considerá-la, fechar os olhos aos duros fatos e continuar o que vínhamos fazendo. Mas não podemos resgatar o investimento “acrescentando mais dinheiro ao que já foi perdido.”

Mais uma vez, o medo da liberdade pesa muito sobre muitas pessoas e a mera idéia de não estarem ligadas a uma organização as faz sentirem-se fracas. A matéria sobre saúde mental que já mencionamos dá esta explicação para o motivo de muitos hesitarem em se libertar:

Uma das raízes desta “sensação de impotência” da maioria dos pacientes é um desejo de fugir parcial ou totalmente à dor da liberdade, e, portanto, alguns falham em aceitar a responsabilidade, total ou

³⁴ Salmo 90:9, 10, 12, ARA.

³⁵ 1 Coríntios 7:29-31; Gálatas 6:9, 10, Efésios 5:15-17.

parcial, por seus problemas e suas vidas. Sentem-se impotentes, porque, na verdade, abriram mão de suas forças. Mais cedo ou mais tarde, se quiserem se curar, terão de aprender que toda a vida adulta é uma série de escolhas e decisões pessoais. Se puderem aceitar isto plenamente, tornam-se então pessoas livres. Na medida em que não aceitarem isto, sentir-se-ão para sempre como vítimas.³⁶

Outros temores que inibem o crescimento espiritual

Tive uma vez o privilégio de presenciar a conclusão de um parto. Quando o cordão umbilical foi cortado e o bebê posto sobre a barriga da mãe, ela disse: “Bem, amiguinho, você agora está por sua própria conta!” Era o começo de uma nova vida — a vida de um indivíduo único — e ainda recordo a emoção que senti ao ouvir as palavras dela para a criança. O “estar por sua própria conta” que o nascimento traz, todavia, não vai muito longe de início. O cordão umbilical foi cortado, mas na infância a pessoa ainda está vital e desesperadamente dependente dos cuidados de outros. Um bebê, ou mesmo uma criancinha maior, tem o medo inato de ser abandonado, a sensação íntima de vulnerabilidade. Para um bebê, ser deixado só por muito tempo significa a morte.

Crescer e amadurecer é um processo de aprender a lidar com o conceito de independência, de preparar-se gradualmente para assumir plena responsabilidade por si mesmo como pessoa. Não é um processo fácil, como qualquer pai ou mãe que buscou guiar um filho através dele bem sabe. A adolescência é a época em que o jovem aproxima-se do ponto de transição da dependência para a independência, e pode ser uma época penosa, problemática e geralmente confusa para a criança. O êxito ou a falha desta transição tem efeitos duradouros sobre o modo como vivemos nossas vidas dali em diante. O mesmo ocorre com nosso crescimento espiritual.

Tanto no crescimento emocional como no espiritual, bem como na nossa aceitação da responsabilidade que a liberdade traz, os fatores que dificultam podem incluir o medo da solidão e a sensação de insegurança e impotência. Embora não mais sejamos criancinhas, ainda sentimos a necessidade inata de outros, e com razão. Mesmo como adultos, geralmente dependemos de outros para muitas coisas da

³⁶ *The Road Less Traveled*, páginas 43, 44.

vida: protegem-nos contra uma variedade de perigos, cultivam o alimento de que precisamos ou o disponibilizam para nós, cuidam de nós quando doentes ou na velhice, e nos atendem em muitas outras necessidades. Junto com o crescimento, vem também a eventual conscientização de nossa própria pequenez e relativa insignificância quando comparados com o mundo em que vivemos. A sensação de solidão e isolamento pode, portanto, gerar sentimentos de insegurança, vulnerabilidade, impotência e incerteza, e pode criar em nós a compulsão de fugir destes sentimentos por submergirmos em algo maior que nós. Algumas pessoas não têm senso de identidade pessoal, de segurança, senso de força — nem sequer senso de sentido na vida — sem pertencerem a algum sistema estruturado, sem se submeterem à autoridade externa que o sistema representa. Conseguirão até mesmo acalmar qualquer sentimento de dúvida e incerteza que possa depois surgir por simplesmente ampliarem sua submissão, e de fato, forçarem suas mentes a acatar as pretensões de certeza feitas pelo sistema. Visto que a pessoa suprime ou elimina a *consciência* dos problemas, é como se estes não existissem. O resultado é mais o entorpecimento dos sentimentos do que o genuíno alívio, analgésico em vez de cura.

A liberdade cristã não promove o isolamento. Mas tampouco nos incentiva a fugir do isolamento por meio do sacrifício de nossa individualidade e integridade pessoais em face de um sistema ou organização, em troca da mera sensação de “pertencer a algo”. Em vez disso, ela exorta a que se tenha com os outros relações motivadas pelo amor e com expressões espontâneas em ações de cooperação útil e produtiva.

Quando alguém foi submerso numa organização de qualquer tamanho, a idéia de desligar-se pode ser perturbadora. Tendo vivido numa sociedade fechada, cujos laços dão sensação de segurança e de pertencer a algo, a pessoa passa a enfrentar o desafio de viver fora dessa sociedade fechada. Essa perspectiva pode renovar a ansiedade e o sentimento de impotência. As organizações muitas vezes exploram esses sentimentos, fazendo a pessoa sentir que se deixar seus confinamentos estará essencialmente só e frágil num mundo hostil. “Se você sair, para onde irá?”, é a pergunta comumente feita entre as Testemunhas de Jeová.

Acho que podemos aclarar nossas idéias se considerarmos as condições que prevaleciam nos primeiros séculos e o problema que os cristãos então enfrentavam. Os homens já cumpriam a advertência dos apóstolos sobre aqueles que tentariam fazer que os discípulos fossem seguidores deles mesmos.³⁷ As pessoas que não se submetessem às normas de homens como Diótrefes eram ameaçadas de expulsão da congregação.³⁸ As mensagens de Jesus às sete congregações mencionadas nos capítulos 2 e 3 de Revelação revelam claramente que o campo do mundo tinha, conforme predito, sido “semeado” com joio por cima do trigo.³⁹ Suas mensagens expunham os desvios da fé, do amor e da verdade, que precisavam urgentemente de correção, pois do contrário ele lhes retiraria seu favor e apoio.

Que faria alguém, por exemplo, no terceiro século A. D., se achasse que as coisas em sua região tinham chegado ao ponto de a chefia de Cristo ser seriamente usurpada por homens, e que a submissão exigida só fosse possível com o sacrifício da consciência, e ele achasse que a verdade, o espírito e o amor cristãos estavam sendo sutilmente pervertidos, de modo tal que o cristianismo estivesse em descrédito? Talvez morasse num dos lugares onde o apóstolo Paulo tinha pessoalmente trabalhado, como Éfeso ou Tessalônica. Se expressasse a intenção de sair, outros poderiam reagir deste modo: “Como é possível que você queira sair? Não percebe que Paulo, o próprio apóstolo de Cristo, trouxe pessoalmente as boas novas a esta região, e iniciou a comunidade de cristãos que continua até o dia de hoje? Se algo está errado, Cristo certamente corrigirá isso e nós temos apenas de esperar até que Ele o faça. Onde você aprendeu o que aprendeu — não foi nesta comunidade e através dela? Se sair, para onde irá? Lá fora só há hereges e pagãos. Onde encontraria outra comunidade do tamanho desta? Você correria perigo de ver-se totalmente só ou apenas como parte de um pequeno grupo dissidente.”

Qual teria sido o resultado se essa pessoa do terceiro século tivesse sido convencida por tal argumentação, tivesse suprimido seus sentimentos de consciência, fechado os olhos aos sérios erros, e

³⁷ Atos 20:29, 30.

³⁸ 3 João 9, 10.

³⁹ Mateus 13:25, 38, 39.

ansiosamente acreditasse que estes se resolveriam, apesar de toda a evidência contrária? Daria este proceder de conformidade passiva qualquer garantia contra a possibilidade de ser achado entre aqueles a quem Cristo diria como disse às pessoas em Laodicéia: “Não és nem frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! Assim, porque és morno, nem frio nem quente, estou para te vomitar de minha boca.”⁴⁰ O proceder que muitos professos líderes cristãos tinham então adotado *não mudou*; continuou até que se criou um sistema hierárquico. Se a suposta pessoa do terceiro século tivesse tomado a atitude de conformidade passiva e encorajado seus filhos e netos a fazer o mesmo, todos teriam por fim se tornado súditos submissos deste sistema hierárquico. Se vivêssemos naquele tempo, teríamos considerado aceitável essa consequência? Só se nossa resposta fosse afirmativa poderíamos achar aceitável e convincente a argumentação que encoraja a conformidade passiva hoje.

As pessoas daquela época precisavam ter fé na promessa: “Se alguém me ama, guardará minha palavra e o meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada.”⁴¹ A necessidade de fé não é hoje menor que nos tempos passados. Com a fé, podemos enfrentar situações como a do perseguido Davi, e como ele dizer a Deus:

Não me abandones e não me deixes, ó meu Deus de salvação. Caso meu próprio pai e minha própria mãe me abandonassem, o próprio Jeová me acolheria.⁴²

Examinar nossa motivação

A verdade nos põe à prova, e só temos a perder se fugirmos dela, escondermo-nos dela, fecharmos os olhos a ela. Quanta confiança temos em Deus e em seu poder de nos sustentar e resguardar? O auto-exame pode ser doloroso, mas necessário. O apóstolo escreve:

⁴⁰ Revelação 3:15, 16, *BJ*.

⁴¹ João 14:23, *BJ*.

⁴² Salmo 27:9, 10; veja também João 10:28, 29.

Examinai a vós mesmos se realmente estais na fé; aprovai a vós mesmos. Ou não reconheceis certamente que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados.⁴³

Não desejo pressionar ninguém a tomar determinada atitude para com a religião à qual está filiado. Tenho me correspondido com centenas de pessoas ainda associadas com a organização Torre de Vigia, algumas que até servem como anciãos. Nenhum deles pode dizer que alguma vez expressei desrespeito à sua posição ou busquei de algum modo induzi-los ao desligamento. Creio que esse passo, se dado, tem de ser baseado numa decisão completamente pessoal. As conseqüências em muitos casos são sérias o bastante para deixar claro que só a pessoa envolvida deve se responsabilizar por tal passo. A simples existência do erro não faz automaticamente do desligamento uma obrigação moral. Creio pessoalmente que não há qualquer sistema religioso livre de erros. Não foi só devido a certo número de ensinoss errôneos que tomei as decisões que tomei e que deixei de fazer parte da religião das Testemunhas. Muitos que ali permanecem fazem isso, não por estarem convictos de que todo o conjunto de ensinoss está correto, mas por não verem, ou acharem que não vêem, “nada melhor em outro lugar”. Isto, é claro, aplica-se a pessoas que pertencem a muitas outras religiões além das Testemunhas. Estou ciente de que nem todas as pessoas filiadas a uma religião acham que abriram mão da liberdade para sua denominação religiosa, e que, portanto, precisam se libertar dela para terem liberdade em Cristo. Não obstante, qualquer que seja nossa religião, é aconselhável fazer um escrutínio pessoal.

Há também pessoas que, embora discernindo as falhas nos vários ensinoss e na ênfase e na falsa importância atribuída aos conceitos da organização, são cautelosas no que falam e fazem de modo a evitar a ruptura com a religião devido à preocupação com as relações familiares. Sei de alguns que têm pais em idade avançada, que estiveram na religião a vida toda. Estas pessoas acham que, se forem excomungadas pela organização, o choque poderia pôr em perigo a vida de seus pais, ou privá-los da ajuda ou apoio que pessoalmente recebem agora dos filhos. Outros mostram cautela por convicção de que a ruptura oficial com a religião certamente causaria igual ruptura

⁴³ 2 Coríntios 13:5, ARA.

do casamento, por terem um cônjuge cabalmente doutrinado. Ao que parece, suportar certas restrições e sofrimentos pode ser considerado por eles como um sacrifício válido, quando motivados pela preocupação com os outros. Isto pode, obviamente, ter seus limites, e nem mesmo as relações familiares podem justificar o apoio ativo aos ensinos ou normas que a pessoa crê que são distorções do cristianismo.⁴⁴

Mas as pessoas que conseguiram certo grau de êxito na área secular podem simplesmente relutar em abandonar uma organização de tamanho razoável, com certa força e números. Talvez sintam desejo de empregar no cenário religioso as mesmas habilidades seculares que lhes trouxeram êxito no mundo, ou talvez doem ou emprestem dinheiro e, em resultado, usufruem uma relação mais íntima e privilegiada com os homens em autoridade. Creio que a religião das Testemunhas, bem como algumas outras, ajusta-se notavelmente a pessoas com esta tendência. Isto não acontecia tanto no início de sua história, mas acontece hoje. A grande atenção que a organização dá às obras, à expansão, às grandes reuniões e grandes projetos, cria um ambiente no qual podem destacar-se os que têm experiência e pendores administrativos seculares. Numa religião maior seriam, como diz o ditado, “pequenas gotas num grande lago”. A organização Torre de Vigia é suficientemente pequena para que nela causem impacto, ganhem destaque, e, todavia, grande o bastante para que a ascensão ali obtida lhes proporcione uma sensação extra de importância pessoal. Podem ser homens perspicazes, capazes de ver a natureza falha dos ensinos e normas organizacionais, a discrepância entre estes e os ensinos de Cristo e da Bíblia. Podem até sentir, e talvez cautelosamente expressar, preocupação com isto. Amiúde podem falar mais que os outros, e expressar suas opiniões aos homens de autoridade, como os membros do Corpo Governante, especialmente se houver evidência de que dão forte apoio financeiro à organização. Conheço homens que fizeram isto. De modo geral eles se desapontaram ao verem que suas palavras geralmente tinham pouco efeito, não recebiam a mesma atenção que suas doações em dinheiro. Sem dúvida, reconhecem que se retirassem seu apoio financeiro o grau de intimidade que usufruem se desvaneceria, suas expressões de

⁴⁴ Mateus 10:37.

preocupação poderiam até pô-los em risco. Contudo, sem encontrarem outro sistema religioso de tamanho e força comparáveis para onde possam transferir sua satisfação, eles ali permanecem. Talvez não reconheçam prontamente, nem sequer conscientemente, a origem da hesitação que sentem. A atitude deles, porém, é no mínimo paralela à observação de João 12:42, 43:

Contudo, muitos dentre as próprias autoridades creram nele [Cristo], mas por causa dos fariseus não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga; porque amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus.⁴⁵

Embora tendo tido, sem dúvida, proeminência igual ou superior a qualquer destes, Saulo de Tarso estava disposto a perder sua proeminência no sistema pelo qual tinha trabalhado arduamente, disposto a deixar a grande associação religiosa de seu povo e associar-se com pessoas cujo único “grande” evento foi o batismo de milhares de crentes no início de sua história religiosa, mas sem nada comparável durante o resto de toda a sua existência. Elas não tinham assembleias nacionais ou internacionais, projetos de construção, de fato nem tinham edifícios próprios dedicados a fins religiosos, não se empenhavam em grandes produções, não enfatizavam aspectos numéricos e não tinham nenhum arranjo administrativo centralizado ou de grande alcance — como a Bíblia e a história revelam.⁴⁶ Em flagrante contraste com a atitude de muitos, Paulo diz:

É porventura o favor dos homens que agora eu busco, ou o favor de Deus? Ou procuro agradar aos homens? Se eu quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo.

Quando, porém, [Deus]... me chamou por sua graça, houve por bem revelar em mim o seu Filho... não consultei carne nem sangue, nem subi a Jerusalém aos que eram apóstolos antes de mim, mas fui à Arábia, e voltei novamente a Damasco. Em seguida, após três anos, subi a Jerusalém para avistar-me com Cefas e fiquei com ele quinze

⁴⁵ Tradução da *Almeida Revista e Atualizada*.

⁴⁶ É interessante que encontramos *números* relacionados com a quantidade de cristãos em certas datas ou locais apenas no livro de Atos e estes nunca passam de estimativas. Confira Atos 1:15; 2:41; 4:4; 19:7.

dias. Não vi nenhum apóstolo, mas somente Tiago, o irmão do Senhor. Isto vos escrevo e vos asseguro diante de Deus que não minto.⁴⁷

Ele com certeza não entrou na categoria daqueles a quem Judas escreve, aqueles “prontos a bajular, quando o seu interesse está em jogo.”⁴⁸ Todavia, tal bajulação e os esforços de impressionar homens em autoridade são notavelmente comuns dentro da organização das Testemunhas, e o interesse em obter ou manter o favor da organização e a posição nela é geralmente óbvio na conduta de grande proporção de anciãos e representantes viajantes. Em grande medida, é este interesse nas posições que concede à organização o grau de poder e controle que tem sobre eles. Por causa disto, estes homens chegam até a fazer cumprir normas que crêem que são erradas a fim de manter o favor da organização. Fazem isto à custa de sua liberdade e integridade moral.

Estes fatores motivadores não se restringem aos secularmente bem sucedidos e capacitados. Muitas vezes aplicam-se com igual força aos de origem mais humilde, e até aos desprivilegiados. O arranjo da organização Torre de Vigia possibilita a estes atingir notável ascensão na condição social em virtude da diligência em cumprir as metas da organização, do zelo no programa de atividades, do peso das horas que relatam. Tudo isto pode pavimentar o caminho para o eventual cargo de ancião. Poderão então proferir longos discursos para assistências de cem ou mais pessoas, enquanto que sem a posição oficial sabem que é difícil ser escutados por pelo menos uma dúzia de pessoas por qualquer espaço de tempo. Como os de origem mais notável, estes podem hesitar em fazer ou dizer qualquer coisa que ponha em risco a condição que agora usufruem. O cristianismo deve atrair os humildes, dar-lhes um senso de valor — mas esta atração não deve ser na base acima descrita e tampouco seu senso de valor pessoal deve ser medido por tais padrões criados por homens. Se refletirem seriamente na questão, terão de reconhecer que o aparente apreço que se mostra por eles é basicamente fruto daquilo que podem dar em promover as metas da organização, não daquilo que eles próprios são como pessoas espirituais. Há nisto uma grande diferença. Muitos, no entanto, preferem ignorar essa diferença pelos aparentes benefícios recebidos.

⁴⁷ Gálatas 1:10, 15-20, *BJ*.

⁴⁸ Judas versículo 16, *BJ*.

Isto também não é liberdade cristã, mas uma forma de servidão auto-induzida.

Em todo auto-exame, pois, é importante saber se estivemos dispostos a enfrentar a realidade, mesmo que dolorosa, da nossa situação, e tomar uma decisão consciente, genuinamente nossa. Evitar a decisão não é solução. Charles Davis, citado num capítulo anterior, faz uma análise precisa ao dizer:

A felicidade não consiste em inércia, obtida por meio do cerceamento da consciência; ela requer que um homem aceite a autonomia que lhe cabe como pessoa livre.... Apenas seguir o que os outros fazem ou dizem e aguardar passivamente os eventos é viver uma existência pessoal rebaixada.

...Para pensar com honestidade ele tem de enfrentar as dúvidas e questionamentos que vão fundo e afetam os fundamentos... A tentação nesta situação é de simplesmente flutuar — renunciando a uma escolha deliberada e pessoal e deixando-se levar pelo que os outros pensam, fazem e dizem.

Após afirmar que, enquanto muitos simplesmente *deixam-se levar para fora* de sua religião junto com outros, muitos *permanecem* em sua religião devido à mesma falta de autodeterminação e decisão consciente, ele acrescenta:

A submissão contínua à autoridade externa é mais cômoda que tomar pessoalmente uma decisão radical.... Mas a incapacidade ou recusa de ser livre traz eventualmente o enfado da vida, e exclui a genuína felicidade. Suportar as reviravoltas e os incômodos de tomar apenas decisões verdadeiramente pessoais é melhor em longo prazo.

Não estou me oferecendo como modelo... Tampouco me considero mais corajoso que outros homens. A questão da coragem jamais me passou pela mente até que me escreveram a respeito desse tema, depois que anunciei minha decisão. O que dominava meu pensamento na época era a minha absoluta necessidade de uma escolha pessoal. Tive de enfrentar minhas dúvidas, perguntar-me sobre o que eu na verdade acreditava, e depois agir em harmonia com minhas autênticas convicções, fossem quais fossem as conseqüências. Se tivesse deixado as coisas correrem soltas, deixado a questão empacar e me recusado a agir decisivamente, na vaga esperança de que todas as minhas dificuldades viessem a resolver-se por si próprias, eu teria destruído o

meu verdadeiro eu e por omissão resvalado para uma condição rebaixada.⁴⁹

A experiência e os sentimentos dele são paralelos não só aos meus, mas aos de muitos outros que conheço.

A relação pessoal — o fator chave

A chave para enfrentar com êxito o desafio da liberdade cristã é reconhecer que nossa relação com Deus e Cristo é primariamente uma relação *pessoal*. Tem de haver um profundo senso de responsabilidade pessoal para com Aquele que nos redimiou da escravidão ao pecado e à morte. Como escreveu o apóstolo:

Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens.⁵⁰

O preço que o Filho de Deus pagou por nós foi sua própria vida, derramada quando pregado no madeiro, carregando “em seu corpo... os nossos pecados, para que nós, mortos aos pecados, vivamos para a justiça.”⁵¹ O preço foi pago “pelo sangue precioso”.⁵² Esse preço foi alto demais para que encaremos de modo leviano aquilo que devemos em gratidão e devoção Àquele que o pagou. Por meio deste preço, segundo o propósito e a vontade de seu Pai, O Filho de Deus, e só ele, tornou-se nosso Amo e nós servos dele. Se o preço pago significa algo para nós, não podemos deixar que um homem ou grupo de homens se coloque entre nós e Aquele a quem servimos. Nenhum verdadeiro servo de Deus desejaria colocar-se nessa situação. Quando Paulo descobriu que os cristãos em Corinto tinham sérias desavenças por encararem certos homens, inclusive ele próprio, sob uma luz errada, ele lhes disse:

Explico-me: cada um de vós diz: “Eu sou de Paulo!,” ou “Eu sou de Apolo!”, ou “Eu sou de Cefas!”, ou “Eu sou de Cristo!” Cristo estaria dividido? Paulo teria sido crucificado em vosso favor? Ou fostes batizados em nome de Paulo? Dou graças a Deus por não ter batizado

⁴⁹ *A Question of Conscience*, páginas 23 e 24.

⁵⁰ 1 Coríntios 7:23.

⁵¹ 1 Pedro 2:24, *ARA*.

⁵² 1 Pedro 2:19, *TEB*.

ninguém de vós a não ser Crispo e Gaio. Assim ninguém pode dizer que foi batizado em meu nome.⁵³

Quando homens que professam ser seguidores de Cristo colocam-se como governantes sobre outros, exortam-nos a aceitar leal e escrupulosamente quaisquer diretrizes que determinem, e até incluem o conceito de lealdade à organização nas perguntas feitas às pessoas no batismo, de modo que este é realizado não só no “nome” ou “autoridade” de Deus e de Cristo, mas no “nome” da organização que eles lideram — quando os homens fazem isto, eles têm de enfrentar a pergunta que Paulo formulou: *Fostes vós crucificados em nosso favor? Pagastes o preço de vosso próprio sangue vital e por meio deste nos comprastes de modo a ter direito de exigir tal submissão?* Se não puderem responder “Sim” a estas perguntas — e é claro que não podem — então não podemos conceder-lhes a submissão praticamente absoluta que exigem de nós e ainda permanecer leais àquele que *de fato* morreu por nós. Não podemos ser escravos de dois amos.⁵⁴

Visto que o Filho de Deus nos introduziu numa relação pessoal consigo mesmo e com seu Pai, o julgamento de nossa fidelidade não cabe a nenhum homem ou grupo de homens. Nossa relação com o Filho de Deus transcende a todas as outras relações. Paulo estava cômico desse fato e deixou-se guiar por ele em todas as suas ações. Como vimos, ele não se preocupava com a aprovação dos homens. Pôde, portanto, dizer aos cristãos em Corinto:

Quanto a mim, pouco me importa ser julgado por vós ou por um tribunal humano. Eu também não julgo a mim mesmo. Verdade é que a minha consciência de nada me acusa, mas nem por isso estou justificado; meu juiz é o Senhor. Por conseguinte, não julgueis prematuramente, antes que venha o Senhor. Ele porá às claras o que está oculto nas trevas e manifestará os desígnios dos corações. Então cada um receberá de Deus o louvor que lhe for devido.⁵⁵

Àqueles que não conseguiram entender o pleno impacto da relação pessoal de cada indivíduo com Deus e Cristo, ele escreveu:

⁵³ 1 Coríntios 1:12-15, *BJ*.

⁵⁴ Mateus 6:24.

⁵⁵ 1 Coríntios 4:3-5, *BJ*.

Quem és tu que julgas o servo alheio? Para o seu próprio senhor está em pé ou cai; mas estará em pé, porque o senhor é poderoso para o sustentar... pois todos compareceremos perante o tribunal de Deus... cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus.⁵⁶

Na época do julgamento, nós, como Paulo, compareceremos como indivíduos perante o tribunal de Deus — não como membros coletivos duma denominação ou organização religiosa. Não importa se acreditávamos no que outros de certo grupo acreditavam, não importa se fazíamos o que outros desse grupo faziam, não importa se manifestávamos lealdade em grupo por seguir as orientações dos que lideravam tal grupo, mas é com base no que somos e fazemos como indivíduos que seremos julgados. “Cada um de nós” responde por si individualmente, e nosso único Advogado e Mediador diante do Pai é Cristo — não uma liderança organizacional.⁵⁷

Que a filiação a uma organização não nos faculta um julgamento favorável pode-se comprovar pelo fato de que não somos julgados, por acatarmos as normas e diretrizes duma organização, mas “pela Lei da liberdade”.⁵⁸ Essa lei da liberdade é a “lei do reino”, a “lei régia”, a “lei soberana”, e é a lei do amor.⁵⁹ Precisamos perguntar-nos continuamente se aquilo que fazemos, as próprias atitudes que tomamos, são genuinamente alicerçadas no amor.

Se adotarmos uma atitude autojusta baseada no cumprimento de atividades específicas, executadas rotineiramente semana após semana, ou nos considerarmos superiores a todos que não são de nossa comunidade religiosa específica com base em certas coisas de que nos abstermos, como podemos nos achar diferentes do fariseu da parábola de Jesus, com sua autoconfiança fundamentada na execução de ações prescritas na Lei?⁶⁰ Jesus não condenou as ações desse homem nem o censurou por abster-se de diversas transgressões. O que ele condenou foi a *atitude* por trás disso, seu espírito de auto-aprovação e o conceito desamoroso sobre os outros, que tirava todo o valor de suas práticas.

⁵⁶ Romanos 14:4, 10, 12, *ARA*.

⁵⁷ 1 Timóteo 2:5, 6; Hebreus 4:14-16; 7:25; 1 João 2:1, 2.

⁵⁸ Tiago 2:12, *BJ*.

⁵⁹ Tiago 2:8, traduções da *NVI*, *BJ* e *NEB*.

⁶⁰ Lucas 18:9-14.

Como essa atitude era típica dos fariseus, Jesus disse a seus discípulos que “se a vossa justiça não *exceder* em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus.”⁶¹ Os escribas e fariseus daquele tempo não existem mais, mas a atitude legalista e exclusivista que era típica deles existe, e é incompatível com o amor ao próximo.

É quando nos livramos de um ambiente que induz a essa atitude e a incentiva, de um sistema que tenta regular, dominar e sistematizar nossas atividades e nosso serviço a Deus, enquanto nos faz sentir que a respeitosa submissão a tudo isto nos torna algo “especial”, superiores a todos os outros que não fazem isso — é aí que enfrentamos o verdadeiro desafio do cristianismo. Estamos agora livres para deixar que nosso coração e fé pessoal nos motivem. Até onde vai nosso amor? O que nos motiva a fazer? Até que ponto vai nosso interesse nos outros, nossa preocupação em beneficiá-los, ajudá-los e servi-los? Até que ponto a vida levada pelo Filho de Deus tocou nossos corações, nos reanimou, expandiu nossa perspectiva, aprofundou nosso apreço e ampliou nosso pensamento? A oração do apóstolo é:

...e assim habite Cristo nos vossos corações, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor do Cristo que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus.⁶²

Queiramos ou não, todos nós exercemos influência sobre os outros, para o bem ou para o mal. Não só aquilo que dizemos e fazemos na vida diária, mas também o *espírito* com que dizemos e fazemos as coisas, a *maneira* pela qual demonstramos aquilo que nos importa, que *valores* nos guiam, que *interesses* e *objetivos* nos impelem. Tudo isto é um constante exercício de influência. Se, como diz o escritor de Eclesiastes, “um único pecador pode destruir a muito bem”, é também verdade que uma única pessoa com o espírito correto pode trazer grande benefício aos que a cercam.⁶³ Embora aparentemente pequena, essa influência pode ser como o seixo que cai na água e produz ondas em círculos que se ampliam continuamente. Seus efeitos imediatos

⁶¹ Mateus 5:20, ARA.

⁶² Efésios 3:17-19, ARA.

⁶³ Eclesiastes 9:18.

necessariamente alcançam aqueles mais próximos de nós — cônjuge, filhos, pais, parentes e amigos. Tanto por meio deles como por meio de nossos contatos além do círculo familiar e das amizades, essa influência se estende para fora e de modos que não percebemos.

O fato de não sermos parte de algo “grande”, parte de um movimento religioso que provê evidência visível de tamanho e poder, não deve diminuir nossa fé nem nos fazer sentir muito pequenos, fracos demais para realizar algo de genuíno valor em nossa vida. Ter um “impacto” visível, notável, no cenário mundial, não é o critério para determinar o valor da fé ou dos atos de fé de alguém, assim como não é prova de que um sistema de crenças religiosas é o certo. A influência cristã pode ser de natureza humilde, modesta, atuando silenciosamente como o fermento na massa de pão, e no entanto, realizar genuíno benefício, mesmo sem alarde e aclamação.⁶⁴ De novo, nossa natureza humana pode preferir aquilo que aparenta poder e força do ponto de vista humano, mas a fé não precisa disto.

Segundo o Filho de Deus, servimos de luz para as pessoas por meio de nossas ações, ações que as induzem a louvar ao nosso Pai.⁶⁵ Essas ações devem ser, não fruto de pressões externas ou programação, mas fruto de nossas próprias mentes e corações, que mostram que fomos iluminados pelas boas novas que preenchem nossas vidas, dando evidência de tê-las mudado. O cumprimento desta comissão não começa por meramente falar durante certos horários num “trabalho de pregação” programado, usando temas e expressões prescritos para nós em publicações religiosas. Como disse João, discípulo de Jesus, o “amor não deve ser somente de palavras e de conversa. Deve ser um amor verdadeiro, que se mostra por meio de ações.”⁶⁶ Apenas se refletirmos o efeito iluminador das boas novas no que somos e fazemos

⁶⁴ Lucas 13:20, 21.

⁶⁵ Mateus 5:14-16. O termo grego *erga* é traduzido por “obras” em algumas traduções, por “feitos” em outras, mas em nenhum dos casos transmite a idéia de participação em algum tipo de atividade “organizada”. Tanto o contexto antecedente como o seguinte mostram, em vez disso, que Jesus estava falando daquilo que os que o escutavam fariam na sua vida diária e em seus tratos cotidianos com outros.

⁶⁶ 1 João 3:18, *BLH*. Aqui, “ações” traduz a palavra grega *ergon*, singular de *erga*.

ao longo de nossas vidas, a cada dia, o dia inteiro, é que podemos ser a luz do mundo.

Enfrentar a incerteza

Nossa tendência humana é querer resolver todas as questões de crença, a fim de nos livrarmos de qualquer incerteza. O que é “a verdade”? Em que cremos exatamente? Por gostarmos de fugir à dor que a incerteza traz, a maioria de nós fica feliz de ter alguém que nos diga isto, que nos alivie de termos de lidar nós mesmos com as questões, traçando um caminho preciso para nós. Uma organização que afirma ter respostas para todas as perguntas atrai a muitos. Como pessoas maduras, precisamos reconhecer que nenhum humano tem todas essas respostas, e que tampouco deve a falta delas impedir nosso progresso espiritual. Como afirma de modo perspicaz o autor do livro *The Road Less Traveled*:

Há muitos que, em virtude de passividade, dependência, medo e preguiça, buscam quem lhes mostre cada polegada do caminho e quem lhes prove que cada passo será seguro e proveitoso. Isto é impossível, pois a jornada do crescimento espiritual exige coragem, iniciativa e independência de pensamento e ações.⁶⁷

O cristianismo representa uma jornada que envolve tudo ao longo de nossas vidas. Não é realista pensar que se pode fazê-la totalmente livre de dúvidas ou incertezas. Todavia, o *alvo*, e a garantia de que estamos na direção desse alvo, jamais precisa estar em dúvida. Abraão é chamado de “pai” de todos os que partilham uma fé como a dele.⁶⁸ Quando na Mesopotâmia, ele vivia entre pessoas conhecidas de longa data, em ambiente familiar, onde a vida seguia um padrão básico, e tudo isso ajudava a minimizar as dúvidas e a incerteza. Mas então Deus o chamou para que deixasse sua terra e seu povo e fosse para uma terra estranha, para viver entre pessoas que até então ele desconhecia.⁶⁹ Desse ponto em diante Abraão enfrentou muitas dúvidas e incertezas, e algumas destas não foram plenamente respondidas durante sua vida. Todavia, o que se escreve sobre ele com relação ao nascimento de seu filho Isaque se aplica a toda a sua vida:

⁶⁷ Páginas 310 e 311 em inglês.

⁶⁸ Romanos 4:16.

⁶⁹ Hebreus 11:9-11.

Não duvidou da promessa de Deus, por incredulidade; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera.⁷⁰

Ele nos serve de exemplo, e somos exortados a fazer uma jornada semelhante, caminhando na fé, confiando na orientação de Deus à medida que surge cada necessidade, sem temer as dores que as incertezas de nossa jornada possam trazer. Nossa natureza humana pode preferir outra coisa, e podemos decidir simplesmente nos “assentarmos”, adotando um conjunto pré-decidido e pré-empacotado de crenças e relaxando no esforço de ir adiante. A maioria dos professos cristãos parece ter feito esta opção, preferindo “acomodar-se” em sua religião, que aparente e convenientemente provê suas necessidades, em vez de se esforçarem em crescer no conhecimento, na compreensão e na capacidade de lidar com os problemas. Mas é este esforço pessoal que contribui imensamente para fortalecer a fé e o amor. A pessoa talvez não perceba, assim como eu não percebia, que a atividade intensa não é, por si, garantia contra a estagnação — não se estiver restrita aos limites de um “sistema fechado”. Embora provendo muito exercício, toda a intensa atividade realizada deixa a pessoa, no final, exatamente onde começou. A consciência da realidade da sua situação talvez só venha quando ela começa realmente a mover-se, a continuar *avante* na jornada cristã, e então, talvez pela primeira vez, ela pode perceber a natureza capenga e restritiva de sua religião, perceber até que ponto a *inércia* e a *inanição* de fato caracterizavam e definiam sua vida religiosa.

Refletindo tendência similar, ao se desligar de um sistema que oferecia uma suposta certeza e livrar-se das crenças impostas, a pessoa talvez sinta o desejo de resolver todas as questões bíblicas rapidamente, de substituir cada crença rejeitada por uma nova, a “correta”. Mas em todos os setores a pressa é imprudente, e muitas vezes leva ao erro, envereda por uma tangente. Velhos erros podem simplesmente ser substituídos por novos, e quando se descobre isto os passos têm de ser reavaliados, no que se perde um tempo valioso. O que se precisa não é de pressa, e sim de constância e determinação de coração. O autodomínio, um dos frutos dos que têm o Espírito de Deus, pode habilitar-nos a exercer paciência, calma e persistência em

⁷⁰ Romanos 4:20, 21.

nossa jornada da fé, entendendo que estas qualidades nos ajudarão mais a obter progresso no entendimento e na sabedoria do que a pressa.

A falsa liberdade do egocentrismo

A liberdade cristã nos livra da futilidade de guardar a lei como meio de agradar a Deus ou como modo de dar sentido e validade à vida, uma sensação de valor e realização pessoais. Livra-nos também da escravização que resulta da vida *voltada para si mesmo*. Ao exortar os concrentes a defender sua liberdade, o apóstolo disse que a vida deles devia ser uma vida de “fé que atua pelo amor”. (Gálatas 5:6, *NVI*) A liberdade cristã é alicerçada no amor, preservada pelo amor, não pode existir sem o amor, “o amor não procura seus próprios interesses”, não é egoísta.⁷¹ O amor tem de ser manifestado aos outros, buscar alcançá-los; sem manifestar-se ele murcha e se resseca. Quando nos interessamos voluntariamente nos outros, tentamos alcançá-los, beneficiá-los (quer sejamos ou não beneficiados por eles em troca), a extensão e o alcance de nossa liberdade não se contraem. Ela se expande em suas *maiores dimensões*, seu pleno potencial. Num mundo imperfeito, é preciso fé para crer e agir desta maneira. Os que se libertam de alguma forma de escravidão religiosa simplesmente para caírem numa existência gasta em satisfazer diariamente a si mesmos, apenas passaram de uma forma de escravidão para outra. Deixar de usar a liberdade para expressar amor e fé é levar uma vida estrita, sofrendo de uma espécie de “visão de túnel” que não consegue ver um horizonte amplo, mas só os próprios interesses, objetivos e aspirações. Isto nos deixa sujeitos a forças internas e externas que sutilmente nos dominam e lentamente nos restringem a personalidade e o potencial. Em vez de abrilhantar nossa vida, a busca da auto-satisfação apenas a priva e esvazia de seu genuíno valor e sentido.

Tendo aceitado a liberdade cristã, somos felizes por não estarmos presos num sistema rígido que dita regras específicas sobre como podemos expressar nosso amor. Nossa expressão desse amor é um fruto do Espírito de Deus e pode ser dado livre e espontaneamente, pois “contra estas coisas não há lei”.⁷²

⁷¹ 1 Coríntios 13:4.

⁷² Gálatas 5:24, *ARA*; confira 2 Coríntios 1:23, 24.

A difícil qualidade do equilíbrio

Seja moderado em tudo.

Seja ajuizado em todas as situações.

Sê sóbrio em tudo.

— 2 Timóteo 4:5, traduções de NVI, BLH e TEB respectivamente.

O equilíbrio indica estabilidade e tranqüilidade mental e moral, capacidade de resistir às pressões que abalam, de evitar os extremos tanto em pensamento como em conduta. A palavra “equilíbrio” raramente aparece nas traduções da Bíblia.⁷³ Mas está implícita em muitas exortações bíblicas com relação a compreensão, discernimento e percepção, pois é fruto dessas qualidades. Creio que seu melhor exemplo é a vida do Filho de Deus, naquilo que ele disse, fez e, acima de tudo, foi como pessoa. Seus apóstolos refletem a influência do equilíbrio que viram em seu Amo e aprenderam dele.

Como já vimos, grande parte da vida envolve uma questão de grau. O que é que transforma a atitude correta para com o alimento em glotonaria, ou a atitude correta para com o dinheiro e sua obtenção por meio do trabalho em ganância? É o *grau* em que nos concentramos em tais coisas. Obviamente, é muito mais fácil ver os extremos, como entre a preguiça e ser viciado em trabalho, ou entre o completo abstêmio e o beerrão. Todavia, embora seja difícil traçar a linha divisória entre os extremos e o ponto exato onde cada um começa, existe entre eles uma área razoavelmente ampla. O equilíbrio envolve tomar uma direção, em todos os aspectos da vida, que evite ambos os extremos; envolve sentir quando alguém está riscando uma linha divisória invisível, em qualquer direção.

Essa qualidade parece dolorosamente necessária para termos um conceito salutar da liberdade cristã e do seu exercício, e para que ela

⁷³ O termo grego (*nepho*) traduzido como “ajuizado” ou “moderado” em 2 Timóteo 4:5 relaciona-se literalmente à sobriedade em lugar da embriaguez, mas traz figurativamente o sentido daquilo que é “o oposto de todo tipo de instabilidade. O julgamento sóbrio é altamente valorizado tanto na vida individual como na pública.” (*Theological Dictionary of the New Testament*, Edição Resumida, páginas 633, 634.)

nos leve ao alvo da vida eterna que esperamos. Especialmente tendo passado anos num sistema religioso tão absolutista — que afirma possuir a verdade absoluta em todas as questões importantes da crença e da vida — e depois se desligando deste sistema, a pessoa talvez sinta não só incerteza, mas também a sensação de falta de estabilidade e de direção. É fácil passar do extremo de crer que se tem “a Verdade” a respeito de tudo ao de achar que não se tem a verdade a respeito de nada, de aceitar quase automaticamente tudo que lhe ensinam a tornar-se crítico de tudo, duvidando de tudo em que se acreditava — quase uma forma de paranóia intelectual.

Somos livres para ler o que quisermos. Mas se não aplicarmos nossa capacidade de julgamento crítico ao que agora lemos, podemos simplesmente nos tornar presas da mesma argumentação falha que nos levou ao erro no passado. As coisas defendidas talvez sejam muito diferentes, até opostas, mas se o argumento é distorcido com meras asserções e hipóteses não-comprovadas, com base no apelo exclusivo à plausibilidade, no uso tendencioso da evidência, na intimidação intelectual e na tirania da autoridade (inclusive a autoridade erudita e acadêmica), isso pode simplesmente nos conduzir de uma escravidão mental à outra, de ser discípulos de um grupo de homens a ser discípulos de outro grupo de homens. Impressionei-me ao ver entre as ex-Testemunhas algumas pessoas claramente inteligentes que eram capazes de discernir o erro e as distorções nas publicações da Torre de Vigia, mas que pareciam não conseguir discernir essencialmente a mesma *forma* de erro e distorções na matéria que agora lêem. Em alguns casos, isto fez com que elas próprias criassem uma argumentação exatamente tão tendenciosa e distorcida como qualquer coisa publicada pela Torre de Vigia.

Similarmente, pode haver a tendência de ir a extremos no exercício da liberdade, por convertê-la em mera irresponsabilidade ou libertinagem. No primeiro século, Paulo labutou entre pessoas que muitas vezes caíam em dois campos extremos. Alguns defendiam o legalismo estrito e rígido, outros usavam a liberdade cristã como desculpa para viver sem lei, substituindo a rigidez do legalismo pela insipidez de uma perspectiva desregrada, em que vale tudo. Na época, foi preciso equilíbrio espiritual para evitar esses extremos e ainda é preciso agora.

Alguns que deixam uma religião autoritária — e existem várias — reagem como jovens que se livraram do controle dos pais e que prontamente passam a fazer todas as coisas que não podiam fazer enquanto eram dependentes. Pessoas que saem de tais sistemas religiosos daí por diante talvez alardeiem sua liberdade e independência por prontamente se empenharem em todas as condutas e práticas que a religião proibia, ainda que a prática em si, embora não condenada especificamente nas Escrituras, possa ter aspectos negativos. Não há mérito algum nesta atitude; ela denota infantilidade, a falha em perceber que a liberdade deve ser exercida de modo responsável ou levará apenas à nova escravização ou compulsão.⁷⁴

O desencanto com uma religião muito doutrinária pode criar a atitude de que a doutrina em si deve ser vista de modo negativo ou como de mínima importância, que o amor é a única coisa que conta. O conhecimento, a leitura e a meditação nas Escrituras são, pelo menos até certo ponto, depreciadas. Isto talvez seja porque “doutrina” transmite, na mente de muitos, a idéia de dogma oficial, talvez de natureza um tanto complexa ou interpretativa, embora o termo tenha em si mesmo o sentido básico de “ensino”. Nas Escrituras, ele envolve não só os ensinamentos relacionados a *crenças* ou *conceitos*, mas os ensinamentos sobre *conduta*, o *modo de vida* da pessoa.⁷⁵ “Amar o teu próximo como a ti mesmo” é, em si, uma doutrina ou ensino do Filho de Deus.

Alguém pode também ir na direção oposta e enfatizar a doutrina, depreciando a importância do amor. Fazer isto é deixar de entender que a doutrina ou ensino é um meio que visa um fim, e não o próprio fim. A afirmação de Jesus de que o objetivo de todas as Escrituras Hebraicas era inculcar e promover o amor a Deus e ao próximo, parece justificar a crença de que este é também o propósito final com relação a toda doutrina ou ensino cristão.⁷⁶ Os ensinamentos de Jesus sobre o modo

⁷⁴ Confira 2 Pedro 2:17-20.

⁷⁵ Os termos “doutrina” e “ensino” tornam-se muitas vezes intercambiáveis de uma tradução para outra. Após descrever condutas erradas — incluindo assassinato, mentira, perjúrio, imoralidade, sodomia — o apóstolo fala sobre aquilo que “se opõe à *sã doutrina* [grego, *didaskalía*]” (ARA; NVI) ou, em outras traduções, como a conduta que “é contra o verdadeiro *ensinamento*” (BLH) das boas novas. (1 Timóteo 1:8-11; confira 1 Timóteo 4:1-6.)

⁷⁶ Mateus 22:35-40.

de vida que devemos ter, nossa atitude e tratos para com o próximo, são todos “doutrina saudável”, embora não sejam aquilo em que muitos comumente pensam como “doutrina”.

O conhecimento pode ser, e deve ser, de grande valor. O ensino visa aumentar e expandir nosso conhecimento. Mas o conhecimento também não é um fim em si mesmo. A Escritura é descrita como “proveitosa para ensinar, para repreender, para endireitar as coisas, para disciplinar em justiça, a fim de que o homem de Deus seja plenamente competente, completamente *equipado para toda boa obra*.”⁷⁷ O conhecimento pode aumentar enormemente nossa capacidade de beneficiar não só a nós mesmos, mas aos outros. E é o *uso* que se faz do conhecimento que determina o valor de possuí-lo. Como diz o apóstolo Paulo:

Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor nada serei.⁷⁸

Sobre alguns que fizeram mau uso do conhecimento, ele afirmou:

“Todos temos conhecimento”; sim, é verdade, mas o conhecimento traz a presunção — é o amor que edifica. O homem pode imaginar que compreende alguma coisa, mas ainda não compreende nada como deveria. Mas o homem que ama a Deus é conhecido por ele.”⁷⁹

Ele advertiu que o mau uso do *conhecimento* pode até ter um efeito *destrutivo* sobre os que são fracos.⁸⁰ No capítulo 14 de sua carta aos Romanos, o apóstolo considerou variações de crenças entre os cristãos ali, crenças divergentes sobre alimentos e dias sagrados, que levavam alguns a julgarem seus irmãos. Obviamente, em tais disputas, ou um dos lados estava certo e o outro errado ou ambos estavam errados. Todavia, Paulo mostrou que Deus tinha “acolhido” tanto os de um lado quanto os do outro, que cabia a Ele julgar seus servos, e que Ele podia manter uma relação favorável com eles, apesar de seus escrúpulos e opiniões variadas. O que cada um fazia, quanto a participar ou se

⁷⁷ 2 Timóteo 3:16, 17.

⁷⁸ 1 Coríntios 13:2, 3, ARA.

⁷⁹ 1 Coríntios 8:1-3, *Jerusalem Bible*.

⁸⁰ 1 Coríntios 8:10, 11.

abster, observar ou não observar, fazia-o para com Deus, e portanto, tais questões não davam base para uma atitude crítica, condenatória, por parte de qualquer dos lados.⁸¹ Outros textos indicam que um dos lados realmente *estava* certo em seu entendimento e o outro errado.⁸² A exortação do apóstolo, porém, era para que não ficassem debatendo o assunto até que o lado errado admitisse o erro. Em vez disso, aconselhou:

Não nos julguemos mais uns aos outros; pelo contrário, tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão.

...Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo.⁸³

Algumas questões *são vitais* por causa do *efeito* que têm. O mesmo apóstolo não combateu tenazmente os que ainda se sentiam motivados pela consciência a observar certos aspectos da Lei, mas os que tentavam impor a guarda da Lei como essencial para a salvação, sabendo quão destrutivo da liberdade cristã isto seria, como anularia basicamente o efeito do sacrifício de Cristo.⁸⁴ Ele lutou não só contra o que estava *errado*, mas contra o que era *prejudicial, danoso, escravizador*. Para entender as Escrituras, a questão de estar certo ou errado é sempre importante, pois isso determina o grau de proveito que obtemos de nosso entendimento. Mas essa importância é sempre relativa, e em alguns casos simplesmente não vale a pena uma disputa e muito menos a divisão. O mero ato de provar com argumentos que algo está certo ou errado não cumpre em si a meta do cristianismo. Precisamos buscar, pois, não só o conhecimento, mas a sabedoria, a perspicácia e o discernimento são, e assim adquirir a capacidade de usar o conhecimento de modo eficaz e com bom propósito. Tiago pergunta: “Quem é sábio e tem entendimento entre vocês?” E diz que tal pessoa deve demonstrá-lo, não simplesmente por manifestar sua sabedoria de modo intelectual, mas por “seu bom procedimento,

⁸¹ Romanos 14:1-12.

⁸² Confira Marcos 7:19; Colossenses 2:16, 17.

⁸³ Romanos 14:13, 17, ARA.

⁸⁴ Gálatas 5:1-4.

mediante obras praticadas com a humildade que provém da sabedoria.”⁸⁵

Resista ao poder debilitante da amargura

Nossa liberdade jamais será completa se deixarmos que o ressentimento causado por nossas experiências passadas num sistema opressor se arraigue em nossos corações, criando um espírito de amargura que impregna o que pensamos, falamos e fazemos.

Por um lado, tais sentimentos são compreensíveis. Alguns dos afetados tinham pais que não eram Testemunhas e que possivelmente eram membros de outra religião. Devido à doutrinação da organização Torre de Vigia, durante anos tiveram relativamente pouca relação com esses pais, ficaram distantes deles, trataram-nos friamente por causa do desinteresse ou rejeição deles quanto à “Verdade”. O processo alienante muitas vezes vinha desde o início, quando lhes disseram que por se tornarem Testemunhas ‘o adversário de Deus se oporia a eles’ e os membros da família foram citados como possíveis instrumentos dessa oposição satânica, que fariam, no mínimo, esforços para desencorajar seu maior envolvimento.⁸⁶ Vendo as coisas por este ângulo, não podiam deixar de ser influenciados em seus sentimentos pelos pais, que não os acompanharam em sua nova religião. Agora, vieram a entender que o conjunto de crenças que chamavam de “a Verdade” é um sistema que, junto com certa medida de verdade, também contém erros muito sérios e fundamentais, e mais ainda, que foram os ensinamentos edificadas nesses erros que os fizeram expressar frieza para com outros, inclusive seus pais. Em alguns casos, eles puderam retomar as expressões naturais de afeto que deviam àqueles que eram a fonte de sua vida na terra, que os alimentaram, fizeram provisões para eles, cuidaram deles e os amaram com amor de pais. Em outros casos, isso não foi possível — os pais já tinham morrido. Estão fora do alcance da reafirmação do amor dos filhos. A sensação de remorso causada por isto é difícil de avaliar.

⁸⁵ Tiago 3:13, *NVI*.

⁸⁶ Confira as declarações nos livros de estudo da Torre de Vigia, *A Verdade Que Conduz à Vida Eterna*, página 16; *Poderá Viver Para Sempre no Paraíso na Terra*, páginas 23, 24.

Os que tinham cônjuges podem ter passado por experiências similares. Muitos tinham casamentos basicamente felizes, mas quando entraram para a organização Torre de Vigia e seus cônjuges não o fizeram, a tensão — não a tensão originada do fato de passarem daí em diante a manifestar mais plenamente as qualidades exemplares do Filho de Deus, e sim do esforço deles de atender às pressões da organização e submeter-se plenamente às suas normas e diretrizes — resultou às vezes no enfraquecimento ou na dissolução do matrimônio. No segundo caso, a dissolução da família pode também ter afetado os filhos de modo negativo. Descobrir que isso não precisava ter acontecido é difícil de suportar. O que se destrói nestes casos raramente pode ser reconstruído.

Penso numa senhora que, durante muitos anos de casada, embora sendo esposa leal ao seu marido não-Testemunha, zelosamente o considerava como “do mundo” e também evitava ter filhos com ele, já que “o fim” estava tão próximo. Não muito depois de concluir que as pretensões da organização quanto a falar em nome de Deus eram ilegítimas, e na época em que redescobriu e revalorizou seu apreço pelas boas qualidades do marido, este morreu subitamente num acidente automobilístico. Pensar no que poderia ter sido o casamento deles e no que poderia ter gerado se ela não se tivesse deixado guiar pelos conceitos errados aumentou sua dor além do normal, tornando-a esmagadoramente deprimente.⁸⁷

Outros criaram os filhos dentro das normas da organização e inculcaram neles o conceito de que esta era o “canal” terrestre de Deus, o único a desfrutar de Sua direção e Seu favor. Quando, com o tempo, a integridade para com a verdade bíblica os fez tomar uma posição com base na consciência, viram-se separados de seus próprios filhos,

⁸⁷ Embora não estivesse mais se associando, ela assim mesmo providenciou um “funeral das Testemunhas”, que foi dirigido por um ancião local. Muitos dos amigos e sócios comerciais do marido dela, não-Testemunhas como ele, compareceram. O discurso fúnebre do ancião consistiu totalmente de argumentos em apoio aos ensinamentos da organização com respeito à morte. Sobre o marido dela, a pessoa que era, o que se podia ter aprendido de sua vida, as qualidades que demonstrava — nada foi dito. Para ela isso foi a gota d’água, que tanto confirmou sua decisão de desligar-se como fez transbordar seu sentimento de remorso.

sofrendo a experiência arrasadora de vê-los aceitar que a organização rotulasse os pais como “apóstatas”, pessoas a serem evitadas. Saber que um filho ou filha vai casar e ser excluído dos convidados à cerimônia, saber do nascimento de um neto e não ser convidado ou sequer autorizado a ver o bebê, pode causar grande sofrimento. Centenas e até milhares de pais e avós já passaram ou ainda estão passando por esta dor. Para outros, há a conscientização de que o tempo perdido jamais pode ser recuperado, anos de vida gastos em perseguir objetivos que, embora revestidos de termos tais como “alvos teocráticos” e “carreiras teocráticas” e descritos como “buscar primeiro os interesses do Reino” e “fazer uso sábio do tempo que ainda resta”, foram, afinal de contas, alvos sem real substância, real valor, real sentido. Pensavam, como eu, que estavam trabalhando para levar pessoas a Deus e a Cristo, e por isso ficaram felizes em dar tudo o que tinham. No final, descobriram que a própria organização se apossava das pessoas, subordinava-as a si mesma, considerava-as endividadas para com ela por tudo que tinham recebido. Isto deixou nos que tinham trabalhado zelosamente a sensação de que foram “usados”, induzidos a sacrificar seu tempo, energia, recursos e talentos no altar da organização, tudo para a promoção da mesma e de seus interesses. Disso pode resultar a sensação de sentir-se “enganado” lesado em bens irrecuperáveis, bens muito mais valiosos que dinheiro.

Felizmente, muitos, inclusive alguns dos que mais perderam, não deixaram que a amargura se alojasse em seus corações. Se amam a liberdade, não podem permitir-se isto. A amargura, o rancor e o espírito vingativo são emoções debilitantes, não emoções libertadoras. Estas, além de alimentarem constante interesse em retaliar, dão evidência de que a pessoa ainda está prisioneira e ainda acorrentada ao passado. Anos atrás, um amigo deu-me a cópia de uma matéria que apareceu na revista *Time*. Entre outras coisas, ela trazia estas idéias penetrantes e belamente expressas sobre o poder do perdão:

O conceito de perdão do Antigo Testamento estava contido num verbo que domina sua literatura penitencial, a palavra hebraica *shuv*, que significa voltar-se, retornar. A doutrina sugere que o homem tem o poder de retornar do mal para o bem, de mudar, e o próprio ato de retornar trará o perdão de Deus. *Aqueles que não perdoam são aqueles que são menos capazes de mudar as circunstâncias de suas vidas....*

O argumento psicológico do perdão é irresistivelmente convincente. Não perdoar é ficar prisioneiro do passado, das velhas mágoas que não permitem que a vida prossiga com novos empreendimentos. Não perdoar é ceder ao controle por parte de outra pessoa. Se a pessoa não perdoa, ela se deixa controlar pelas iniciativas da outra e cai prisioneira de uma seqüência de ações e reações, de afronta e vingança, olho por olho, em escala crescente. O presente é infundavelmente sufocado e devorado pelo passado. O perdão liberta o perdoador. Resgata o perdoador do pesadelo de outra pessoa. “A menos que haja o rompimento com o mal passado”, diz Donald Shriver, “tudo que conseguiremos é a gaguejante repetição do mal.”....

O perdão não é um impulso que pareça vantajoso. É, de muitas maneiras, uma idéia misteriosa e sublime... O perdão não parece muito um instrumento de sobrevivência num mundo mau. Mas é isso o que ele é.⁸⁸

Em 1982, iniciei correspondência pessoal com Carl Olof Jonsson, da Suécia.⁸⁹ Numa das primeiras cartas, após mencionar algumas ex-Testemunhas que pareciam “sentir-se obrigadas a assumir opinião oposta com respeito a tudo” aquilo que eles tinham antes defendido e aceito, ele acrescentou:

Eles realmente não saíram do movimento da Torre de Vigia. Estão ainda ligados a ela como sempre — ligados a ela de modo inverso. Muitas vezes passam o resto de suas vidas atacando-a. Eu poderia entender se eles bondosamente tentassem *ajudar* as Testemunhas — mas com muita freqüência estão cheios de amargura.

Posso entender a indignação, muitas vezes motivada pela compaixão pelos outros, que muitos sentem em razão do sofrimento destrutivo que certas normas da organização criaram, e até que alguém tenha o desejo ardente de pôr fim a esse sofrimento. Creio, também, porém, que é um grave erro achar que o fim justifica os meios. Não há nada de desonroso ou desamoroso em refutar a falsidade. Não é evidência de animosidade contra alguém discordar dele ou mostrar-lhe

⁸⁸ O grifo é meu. Citado do número de 9 de janeiro de 1984 da revista *Time*, e reproduzido com sua permissão. Copyright 1984 Time Inc. Todos os direitos reservados.

⁸⁹ Ele é citado em *Crise de Consciência* (capítulo 7) por ter enviado ao Corpo Governante a matéria publicada em *Os Tempos dos Gentios Reconsiderados*. É também co-autor do livro mais recente *O Sinal dos Últimos Dias — Quando?*

as evidências de erro das crenças ou práticas que adota. Pode ser um ato de amor. Mas a *maneira* e o *espírito* com que se faz isso é o fator determinante. Não posso, pessoalmente, considerar que alguns métodos utilizados reflitam genuinamente a abordagem e o espírito do Filho de Deus e o teor de sua mensagem a seus discípulos.

Alguns que se desligaram da organização das Testemunhas participaram de piquetes em Salões do Reino ou assembléias das Testemunhas de Jeová, participaram de táticas incomuns evidentemente destinadas a atrair a atenção dos meios noticiosos. Isto não é novidade. Opositores da organização Torre de Vigia têm feito isto desde a época em que eu era criança, há mais de meio século. No caso de alguns envolvidos, sei que o único motivo é expor certas injustiças e distorções. Nada posso dizer quanto aos motivos de outros. Em ambos os casos, não pretendo julgá-los quando digo que pessoalmente considero que tais métodos são não só contraproducentes como também refletem mal àquele com quem nos comprometemos a servir, Cristo Jesus. Pode haver uma diferença entre publicar e publicidade. É sempre bom publicar a verdade. Mas buscar a publicidade pela publicidade pouco ou nada faz com respeito a publicar a verdade. Com frequência só se publicam as palhaçadas incomuns, os lemas mais exagerados e sensacionais usados. A dissidência existente, embora traga alguma mensagem válida, é geralmente mínima.

As entrevistas dadas à imprensa têm o potencial de realizar muito benefício em trazer fatos à atenção de grande número de pessoas. Já concordei, no passado, em dar entrevistas solicitadas pela imprensa. Ao mesmo tempo, jamais *solicitei* uma só entrevista e o número das que recusei foi bem maior que as poucas que concedi. Minha experiência pessoal diz que os resultados raramente são satisfatórios. Tudo o que muitas vezes buscam é algo de natureza sensacional, que pouco contribui para a promoção das boas novas. Numa entrevista de rádio que concedi (transmitida da Flórida), o entrevistador usava continuamente de sarcasmo e exageros ao se referir às Testemunhas de Jeová, suas crenças e sua conduta. Passei praticamente todo o programa defendendo-as, expressando minha convicção quanto à sinceridade e à decência delas de modo geral, e mostrando ao entrevistador como seus comentários distorciam as coisas e as

colocavam injustamente numa perspectiva falsa. Fiquei feliz por ter me expressado assim e achei isso a única parte satisfatória da experiência.

Basicamente, pois, simpatizo com a preocupação e até com a indignação de muitos, e tenho a mesma preocupação. Mas não simpatizo necessariamente com os *métodos* que às vezes se usam para expressar esses sentimentos. Estou convencido de que é certo o conselho do apóstolo:

Todo homem tem de ser rápido no ouvir, vagaroso no falar, vagaroso no furor; pois o furor do homem não produz a justiça de Deus.⁹⁰

O caminho fácil muitas vezes não é o melhor. Nas relações humanas, quando se está indignado por perceber a injustiça, a coisa mais fácil do mundo é fustigar a fonte do sofrimento. Este é mais um sinal de fraqueza que de força. Exercer autocontrole, manter certa calma, tomar tempo e esforçar-se para buscar a verdadeira causa do problema e o meio mais eficaz de lidar com ele requer muito mais força e resolução que simplesmente ventilar os próprios sentimentos.

Grande quantidade de matéria tem sido publicada sobre a organização Torre de Vigia por ex-Testemunhas e outros. Não duvido que muitos dos envolvidos estejam sinceramente motivados, achando que não devem simplesmente ficar passivos, mas “fazer algo”. Mas creio honestamente que grande parte, talvez até a maior parte daquilo que se informa faz mais mal que bem. A liberdade cristã não significa autorização para dizer tudo o que queremos. Somos exortados a seguir de perto os passos de Cristo, e sobre ele lemos:

Quando injuriado, não revidava; ao sofrer, não ameaçava, antes, punha a sua causa nas mãos daquele que julga com justiça.⁹¹

Falar de modo vingativo, ridicularizar, insultar, exagerar o tamanho de faltas menores, recusar às pessoas o benefício da dúvida, recusar-se a admitir a possibilidade de que tenham sido, mesmo equivocadamente, sinceramente motivadas, não dar margem a que as ações erradas sejam fruto de se terem tornado vítimas de conceitos errados — nada disto ajuda a causa da verdade. Infelizmente, tais

⁹⁰ Tiago 1:19, 20.

⁹¹ 1 Pedro 2:23, *BJ*.

coisas são geralmente encontradas em grande parte da literatura “anti-Torre de Vigia” publicada. A literatura da Torre de Vigia também as utiliza quando fala nos que não concordam com todos os seus pronunciamentos, aqueles a quem ela rotula de “apóstatas”. Assim, tudo vira um círculo vicioso com a mesma triste repetição em que se combate o erro com o erro. Ao contrário disso, somos exortados:

Abençoi aos que vos perseguem, abençoi e não amaldiçoeis... Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens; se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens; não vos vingueis a vós mesmos amados, mas dai lugar a ira, porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor. Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.⁹²

Neste ponto, o apóstolo estava refletindo fielmente o ensino do Filho de Deus:

Vocês sabem o que foi dito: “Ame os seus amigos e odeie os seus inimigos.” Mas eu lhes digo: Amem os seus inimigos e orem pelos que perseguem vocês para que vocês se tornem filhos do Pai que está no céu. Porque ele faz o sol brilhar sobre os bons e os maus e dá a chuva tanto aos que fazem o bem como aos que fazem o mal. Se vocês amam somente aqueles que os amam, por que esperam alguma recompensa de Deus? Até os cobradores de impostos amam aqueles que os amam! Se vocês falam somente com os seus amigos, o que fazem de mais? Até os pagãos fazem isso! Portanto, sejam perfeitos em amor, assim como é perfeito o Pai de vocês, que está no céu.⁹³

A liderança das Testemunhas se esforça em fazer parecer que qualquer declaração pública que discorde dela, e qualquer evidência apresentada que refute seus ensinamentos e normas, é uma “perseguição”. Se fosse mesmo assim, não há dúvida de que sua própria atitude os colocaria entre os maiores perseguidores da atualidade, pois eles publicam regular e constantemente suas discordâncias de outras religiões e se empenham em provar que os ensinamentos delas são falsos. São rápidos em recolher notícias que expõem negativamente outras

⁹² Romanos 12:14, 17-21, *ARA*.

⁹³ Mateus 5:43-48, *BLH*.

religiões e publicá-las. Devem esperar ser julgados com a mesma medida com que julgam outros.⁹⁴ Mas é por meio desta falsa versão dos fatos que podem justificar o uso de expressões duras contra quem questiona suas afirmações e opiniões.

Minhas próprias experiências com os homens que dirigem a organização das Testemunhas foram, no final, desagradáveis. Eu não acreditava que fosse possível que os homens a quem eu conhecia e com quem trabalhava, diante de quem expressei minhas convicções e preocupações em centenas de discussões coletivas, pudessem tomar o tipo de medidas ou utilizar o tipo de métodos como fizeram. Todavia, posso dizer sinceramente que, nem agora nem no passado, alimentei algum sentimento de rancor. No início houve, é lógico, um choque, mas desde então não perdi tempo remoendo de modo melancólico aqueles acontecimentos, revirando o passado. A mudança abrupta resultante, as dificuldades de recomeçar a vida com quase 60 anos, não deixaram cicatrizes que eu sinta, nenhum motivo para sentir autopiedade. Sinto e creio que a experiência teve um efeito positivo sobre mim; assim espero sinceramente. Além do mais, posso dizer que não há entre esses homens nenhum com quem eu não desejaria falar, de modo calmo e desapaixonado, nenhum a quem eu não estivesse disposto a prover alimento, abrigo ou qualquer coisa que fosse necessária. Se existe inimizade, não é da minha parte. Posso até crer que pelo menos alguns dentre eles talvez expressem uma atitude similar para comigo — embora se sentindo na obrigação de não externar essa atitude por causa da organização a que pertencem.

Resumindo a ruptura libertadora trazida pelo cristianismo, certa fonte faz esta colocação eficaz:

...há uma nova liberdade para com *Deus*, que dissipa o temor e conduz à liberdade na sua presença de uma forma mais íntima (Rom. 8:15-18; Gál. 4:1-7).... Isto resulta num serviço a Deus que é de caráter livre (Rom.1:9). Também conduz a uma nova liberdade para com os *outros*. Isto inclui estar livre do medo dos julgamentos dos outros bem como das próprias tentativas de manipulá-los. Também inclui a liberdade de comunicar as próprias idéias, expressar as próprias emoções, abrir as portas da própria vida e partilhar os próprios bens. Deveras, servir livremente a outros, dar-lhes seu próprio amor, está

⁹⁴ Mateus 7:1, 2.

bem no âmago desta concepção de liberdade (1 Cor. 9:19; 1 Tes. 2:8)....

Portanto, esta liberdade concedida por Deus não apenas transfere homens e mulheres, de uma relação rompida com Deus e de uma solidariedade defeituosa com os homens, para uma nova comunidade com ambos, mas também os inclina a viver o tipo de vida que ampliará e aprofundará a própria nova comunidade.⁹⁵

Os modos pelos quais estes benefícios da liberdade podem ser partilhados e usufruídos em comunhão com outros certamente merecem nossa séria reflexão e consideração.

⁹⁵ *Paul's Idea of Community*, Robert Banks (Eerdmans-Anzea Publishers, reimpressão de 1988), página 27.

Uma Congregação de Pessoas Livres

Persisti em falar de tal modo e persisti em proceder de modo tal como os que hão de ser julgados pela lei dum povo livre. — Tiago 2:12.

ELES TINHAM chegado a um brusco e penoso despertar. As coisas onde encontravam sensação de segurança — as rotinas religiosas e a sensação de justiça que estas lhes proporcionavam, as pessoas a quem mais reverenciavam e a quem viam como guias religiosos, de fato, toda a estrutura de autoridade que governava sua vida religiosa — viram que tudo isto estava seriamente em falta, que os havia conduzido ao erro com conseqüências potencialmente fatais. E a abalada reação deles fora: “Irmãos, o que havemos de fazer?”

O apelo vem do primeiro século. Foi feito por pessoas que tinham ouvido Pedro deixar claro que a estrutura de autoridade religiosa que eles viam como representação de Deus tinha não só se oposto ao homem que falava a verdade de Deus, mas por fim aprovado sua eliminação. Eram agora exortados a repudiar a ação daquele corpo governante religioso, a ação que tinha apoiado e da qual se havia tornado cúmplice, e a serem batizados exatamente em nome daquele que fora violentamente eliminado.¹

Não vivemos hoje as circunstâncias históricas daquelas pessoas. Não tivemos entre nós o próprio Messias de Deus, e nenhuma estrutura de autoridade religiosa pode hoje declará-lo rejeitado do modo exato que fez o Sinédrio do tempo de Jesus. Apesar disso, todos nós estamos em posição de mostrar pessoalmente que rejeitamos a ação que na época se tomou contra ele, e que nele depositamos agora plena fé como

¹ Atos 2:22-38.

nossa esperança de vida dada por Deus. Iguais a Pedro e aos outros apóstolos, podemos dizer as palavras que eles disseram ao corpo governante religioso do seu povo: “É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens.”² Podemos mostrar que aceitamos o Filho dele como nosso único Cabeça, designado por Deus, o Condutor de nossas vidas. A questão é: Como fazemos isto? Naquelas palavras do primeiro século: “Irmãos, o que havemos de fazer”?

Servir a Deus — o que está envolvido

Se lermos o relato que acompanha estas palavras, bem como o resto das Escrituras Cristãs, veremos que não apresentam o cristianismo como forma de vida e adoração voltada para instituições ou edifícios; não é definido por credos ou códigos de lei. Tampouco se centraliza em atividades específicas vistas de modo especial e distinto como devotas e religiosas, que tenham, aos olhos de Deus, maior mérito que outras atividades que não são assim classificadas. É um modo de vida que abrange *toda a vida* e todas as atividades da vida. Lendo as palavras do Filho de Deus e os escritos de seus apóstolos, constatamos que não é uma questão de pertencer a um sistema religioso, praticando certos atos religiosos em certas ocasiões e certos locais, mas aquilo que somos como *pessoas* em nossa vida diária é que mostra se somos seus seguidores ou não. Só por isto ser verdade é que seu apóstolo pôde dizer: “E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome [como representante do, *Living Bible*] do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai.” Ele pôde mesmo dizer àqueles que então eram escravos: “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor, e não para homens, cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança.”³

Creio que por não perceberem isto é que muitos que se desligaram de uma organização religiosa autoritária, legalista e voltada para obras (e destas há várias) sentem-se muitas vezes perplexos quanto a como encarar a questão de servir a Deus em sua nova condição de liberdade. Em 1976, como membro do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová, fui designado para elaborar matéria sobre o assunto do “serviço sagrado”. Os artigos resultantes foram intitulados “Apreço do Tesouro

² Atos 5:27-29, *BJ*.

³ Colossenses 3:17, 23, 24, *ARA*.

do Serviço Sagrado” e “Preste Serviço Sagrado Noite e Dia”.⁴ Em grande parte, a matéria analisava o significado do termo grego *latreuo*, traduzido como “prestar serviço sagrado” na *Tradução do Novo Mundo* (geralmente “servir” ou “adorar” em outras traduções). Ambos os artigos apresentavam evidência bíblica de que servir a Deus não é algo restrito a determinadas atividades, tais como pregar ou assistir reuniões, algo que se deve praticar em certas ocasiões específicas especiais, em certos locais ou de maneiras especiais, mas é todo-abrangente, algo para se *viver*, um serviço que ocupa toda a vida. Mostravam que as Escrituras falam de “sacrifícios a Deus” que incluem não só o “sacrifício de lábios que fazem declaração pública do seu nome”, mas também “fazer o bem e partilhar as coisas com outros, porque Deus se agrada bem de *tais sacrifícios*.”⁵ Este parágrafo é típico (página 338):

“O “serviço sagrado”, portanto, não é algo que ocupa apenas parte de nossa vida. Não se limita apenas a uma só atividade ou a certo número de atividades, mas abrange todo aspecto de nossa vida diária. Em suma, significa ‘fazer todas as coisas como para Jeová, quer comer, quer beber ou fazer qualquer outra coisa’. (1 Cor. 10:31) Mostrando quão inclusivo esse serviço deve ser, o apóstolo diz em Romanos 12:1, 2: “Eu vos suplico, irmãos, pelas compaixões de Deus, que apresenteis os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e aceitável a Deus, um serviço sagrado com a vossa faculdade de raciocínio. E cessai de ser modelados segundo este sistema de coisas.”*

Em harmonia com isto, após afirmar que “há muitas coisas envolvidas, mas nosso objetivo, nosso alvo e nossa motivação de coração são fatores-chaves para sabermos se o que fazemos realmente

⁴ Publicado no número de 1º de junho de 1977 de *A Sentinela*, páginas 332 a 342.

⁵ Hebreus 13:15, 16; pode-se notar que antes, no versículo 10, o autor usa o termo *latreuo* quando considera o ‘servir’ prestado por se oferecer sacrifícios e oferendas no tabernáculo ou no templo, e daí contrasta isto com os sacrifícios do tipo espiritual que os cristãos oferecem num “altar” diferente.

é ‘serviço sagrado’ ou não”, o segundo artigo de *A Sentinela* mostrou que grande parte do serviço sagrado dos pais envolvia seus filhos, “uma herança da parte de Jeová” e “santos” para Ele.⁶ O cuidado dos pais com os filhos era um dos aspectos “noite e dia” do seu serviço sagrado. Os cônjuges prestam serviço sagrado mantendo o casamento honroso, na relação entre ambos, trabalhando para o êxito de seu casamento.⁷ Uma dona de casa pode trabalhar no lar como “para o Senhor” e contribuir para que outros apreciem as boas novas pela qualidade de sua vida doméstica, sua hospitalidade, sua bondade e por ser boa vizinha.⁸ Os homens podem promover e trazer crédito às boas novas pelo modo como realizam seu trabalho diário, pondo o coração no que fazem “como para o Senhor e não para homens”.⁹ Quando se faz algo com esse espírito, como pode isso ser outra coisa senão servir a Deus?

Muitos acharam esta informação revigorante, dizendo que ela deu maior sentido às suas vidas e os fez sentir que há outras coisas que contam, além do “serviço de campo” e da assistência às reuniões. Porém, nem todos gostaram. Após algum tempo, alguns superintendentes viajantes, cuja tarefa principal era (e é) incentivar o “serviço de campo”, queixaram-se ao Departamento de Serviço de que a perspectiva apresentada prejudicava a promoção desta atividade. Colocar outros aspectos da vida em pé de igualdade com o “serviço de campo” diminuía a importância do trabalho deles e tirava-lhes parte da força quando pediam ‘mais horas no campo’. Pessoalmente, não soube de outros que expressaram objeções.

Em 1980, pouco depois de minha renúncia ao Corpo Governante, outra série de artigos veio na *Sentinela* (em inglês) de 15 de agosto, destinada a reaplicar a expressão “serviço sagrado” apenas a coisas como serviço de campo e assistência às reuniões. Estes artigos frisavam o fato, e na verdade nele baseavam muito da argumentação, de que para os judeus da época pré-cristã “o serviço sagrado sempre se relacionava com a adoração em obediência ao pacto da Lei” e “não se

⁶ Salmo 127:3; 1 Coríntios 7:14.

⁷ Confira Efésios 5:21-29.

⁸ Tito 2:4, 5; confira Provérbios 31:10-31; Atos 9:36-41.

⁹ Colossenses 3:17, 23, ARA.

referia às coisas quotidianas do povo.”¹⁰ Argumentava que já que outros, além das Testemunhas de Jeová, comem, trabalham, limpam suas casas e obedecem às autoridades, como era possível que fazer essas coisas fosse considerado prestação deste tipo de serviço a Deus? Não, só atividades “especiais”, “fora do comum”, tais como publicar a mensagem das publicações da Torre de Vigia e assistir às reuniões em que elas são estudadas, mereciam ser consideradas como serviço sagrado a Deus. Desprezava qualquer idéia de que a *motivação* pudesse fazer alguma diferença e conferir valor espiritual a ações de natureza comum de modo a transformá-las em serviço sagrado a Deus, fazendo dessas atividades uma expressão de nossa adoração a Deus.

A seção “Perguntas dos Leitores” da mesma edição apoiou-se nesta argumentação da comparação com o serviço dos israelitas sob o antigo pacto da Lei. Buscou também descartar a idéia de que quando um homem trabalha, cuida da família e do lar, ou de atividades similares, ele esteja prestando um “serviço sagrado” a Deus. Não, tem de ser “algo fora do comum”. De fato, o artigo trazia uma lista autorizada deste tipo de atividades. As principais eram: pregação (“serviço de campo”), assistência às reuniões, estudo familiar e consideração do texto diário da Torre de Vigia, serviço de pioneiro e missionário, serviço de Betel (na sede mundial ou numa filial), serviço de superintendente viajante, ancião ou servo ministerial. Assim, por definição, se um pai dirige um estudo bíblico formal com a esposa e os filhos (e isto sempre é feito com o uso de uma publicação da Sociedade Torre de Vigia), isto é serviço sagrado, serviço a Deus (pode também incluir a hora gasta em seu “relatório de serviço de campo”). Se o pai gasta tempo *informalmente* em simplesmente conversar com o filho sobre sua vida e atividades diárias — examinar o que pensa, deixar que expresse suas idéias, sentimentos e interesses, ajudá-lo em seus problemas escolares ou a desenvolver uma atitude saudável para com a vida, ou ensinar-lhe habilidades que o preparem para a vida adulta como cristão responsável — isto não é considerado parte do “serviço sagrado” a Deus. Este conceito rígido é, sem dúvida, uma das principais razões do inegável fraco desempenho das Testemunhas de Jeová quanto a fazer os jovens permanecerem na organização depois de atingirem à maioridade. Recordo que quando fui enviado a Belize,

¹⁰ A *Sentinela*, 15 de fevereiro de 1981, páginas 22 e 24.

país da América Central, nos anos 70, um dos representantes da organização ali me informou, por sua iniciativa, que de todos os rapazes que tinham sido criados como Testemunhas naquele país, nenhum tinha até então continuado na organização. Embora este seja um caso extremo, o fato é que em todos os países o número de jovens que deixam a organização quando atingem a idade adulta é desproporcionalmente elevado.

O efeito destes decretos organizacionais sobre a perspectiva mental das Testemunhas — definindo ‘o que é e o que não é serviço sagrado a Deus’ — é ilustrado pelo que ocorreu quando os artigos acima mencionados foram estudados no Salão do Reino em Gadsden, Alabama. No final do estudo, o ancião que dirigia o estudo de *A Sentinela*, Tim Gregerson, perguntou à assistência: “Suponhamos que haja na congregação uma irmã cujo marido morreu e esteja passando por um período difícil, e um de nós vai ajudá-la com seus problemas. Seria isso ‘serviço sagrado’?” No início não houve resposta, mas finalmente uma pessoa se ofereceu para responder e disse: “Não, isso não seria serviço sagrado.” Tim então destacou que os artigos tinham enfatizado o aspecto religioso da “adoração” envolvido no “serviço sagrado” e aí recordou à assistência as palavras do discípulo Tiago:

A forma de adoração que é pura e imaculada do ponto de vista de nosso Deus e Pai é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas na sua tribulação, e manter-se sem mancha do mundo.¹¹

Ele afirmou então que Tiago descreve especificamente o cuidar desta irmã viúva como “adoração”, de modo que isto certamente era “serviço sagrado”.¹² Estando presente, chamei também a atenção para a referência a “serviço sagrado” no capítulo 13 de Hebreus, que inclui fazer o bem e mostrar bondade para com outros como “sacrifícios” que o cristão oferece num altar espiritual. Típica, porém, do efeito desta matéria sobre muitas Testemunhas, foi a declaração de outro ancião, Dan Gregerson.¹³ Após ouvir a evidência bíblica já mencionada, ele

¹¹ Tiago 1:27, *NM*.

¹² Tim Gregerson, na época, era “pioneiro” havia alguns anos e continuou ainda por algum tempo. Logo, não era alguém “falta de zelo para com o serviço sagrado”.

¹³ Dan é tio de Tim, irmão do pai de Tim, Tom Gregerson, e também de Peter Gregerson. Veja também *Crise de Consciência*, capítulo 11.

mostrou-se insatisfeito e disse: “Gostaria de chamar a atenção dos irmãos para a “Pergunta dos Leitores” no final desta revista, e ali a *Sentinela* mostra exatamente o que é *realmente* ‘serviço sagrado’”. Não refutou biblicamente o que fora dito, mas para ele o fator decisivo era claramente aquilo que *A Sentinela* dizia.

De fato, embora não a colocasse na lista de ações definidas como “serviço sagrado”, a “Perguntas dos Leitores” fez breve menção da declaração de Hebreus sobre ‘fazer o bem e partilhar coisas com outros’, dizendo que isso incluía prestar assistência quando “nossos irmãos [co-Testemunhas] estão padecendo necessidades, sofrem calamidade ou estão em apuros.”¹⁴ Mas, assim como *A Sentinela* limitava arbitrariamente a oferta de “sacrifício de louvor” a Deus à “pregação pública”, também se restringia ‘fazer o bem’ e ‘partilhar coisas boas’ às limitações acima, como se aplicando apenas ao socorro prestado às co-Testemunhas, não a outros.

Todavia, a própria Bíblia não impõe tais limites ao significado da expressão *ampla* “fazer o bem”. Tampouco o faz com relação à referência igualmente *não específica* sobre “partilhar com outros”.¹⁵ De novo, o efeito desta definição “autorizada” que limita a expressão apostólica apenas à ajuda especial ou emergencial aos de sua própria religião, contribui para que muitas Testemunhas manifestem uma atitude muito indiferente, às vezes mesmo fria e distante, para com vizinhos e pessoas de sua comunidade, atitude bem semelhante à do

¹⁴ Hebreus 13:10-16.

¹⁵ Embora tenham pelo menos mencionado o cuidado com as co-Testemunhas que “padecem necessidade” neste artigo sobre “serviço sagrado” e embora artigos ocasionais que falam sobre mostrar interesse e preocupação com idosos e necessitados apareçam na revista *Sentinela*, já vimos nos capítulos 6, 10 e 16 que *na prática* isto raramente recebe alguma atenção notável. Embora não seja o caso de todas, é uma verdade simples que se tiver de escolher entre gastar tempo no “serviço de campo” ou em visitar estes idosos, doentes ou necessitados, a maioria das Testemunhas e a maioria dos anciãos sentir-se-ão pressionados a optar pelo “serviço de campo”, especialmente se suas “horas” estiverem um pouco baixas. Tais visitas podem até ser incluídas como “serviço sagrado”, mas não é um serviço que possa ser incluído no *relatório*. Isto não devia fazer diferença, mas claramente faz, como diz francamente a carta de Karl Adams para Nathan Knorr. (Veja o capítulo 6 deste livro.)

sacerdote e do levita na parábola que Jesus deu em resposta à pergunta: “Quem é o meu próximo?” Aquelas pessoas religiosas, ativas no “serviço sagrado”, tinham coisas mais importantes a fazer que se preocupar com um próximo em dificuldades, e foi um samaritano, *um homem de uma religião diferente*, que veio em socorro da pessoa em dificuldade, que mostrou ser o verdadeiro próximo.¹⁶ A atitude estrita anunciada não se harmoniza com o ensino de Jesus:

Sede filhos de vosso Pai celestial, que faz seu sol levantar-se tanto sobre os maus como sobre os bons, e envia a chuva sobre os honestos e os desonestos. Se amais apenas os que vos amam, que recompensa podeis esperar? Certamente que os cobradores de impostos fazem isso também. E se cumprimentais apenas os vossos irmãos, que há nisso de extraordinário? Até os pagãos fazem isso. Não deve haver limites à vossa bondade, assim como a bondade de vosso Pai celestial não conhece medidas.¹⁷

A matéria da *Sentinela* de 1881 empenha-se toda em pôr o serviço a Deus numa categoria separada das atividades da vida. Tenta fazer diferença entre “serviço” e “serviço sagrado” a Deus, restringindo o último a ações de natureza bem distintiva e incomum. É verdade que o termo específico em questão (*latreuo*) só é usado nas Escrituras com referência a “serviço a Deus (ou a um deus ou deuses).”¹⁸ Para os pagãos, tal serviço envolvia coisas feitas nos templos, em edifícios especiais, rituais especiais e ofertas especiais a seus deuses. Para o povo judeu, aplicava-se geralmente a atos realizados em cumprimento do pacto da Lei, incluindo cerimônias, sacrifícios, festividades sagradas e serviço sacerdotal. Tudo isto é evidente. A coisa notável no cristianismo, porém, é exatamente o fato de que o serviço a Deus é muito mais amplo, muito mais abrangente, e *não* se limita a atividades realizadas em certos edifícios ou de formas prescritas, que afetam apenas parte da vida da pessoa.

O autor dos artigos da *Sentinela* de 1881 está certo quando diz que, “para os judeus, o serviço sagrado sempre se relacionava com a adoração em obediência ao pacto da Lei.” Está errado quando afirma

¹⁶ Lucas 10:29-37; confira 17:15-19.

¹⁷ Mateus 5:45-48, *NEB*.

¹⁸ Veja o *Theological Dictionary of the New Testament* (Edição Resumida), páginas 503, 504.

que isto descarta sua aplicação a “esses atos básicos e essenciais da vida humana.” Enquanto a “obediência ao pacto da Lei” de fato incluía algumas das atividades “fora do comum”, distintas das atividades quotidianas, a obediência àquele pacto da Lei também incluía muitas coisas que eram parte da vida diária dos israelitas. O pacto da Lei não prescrevia meramente sacrifícios periódicos de animais, jejuns, festividades sagradas e cerimônias, mas requeria também a prática diária de imparcialidade, justiça, retidão, honestidade e compaixão nos tratos quotidianos entre eles. Suas leis requeriam a bondade não só para com co-israelitas, mas também para com escravos e residentes estrangeiros, e até a consideração para com animais e pássaros.¹⁹ Todavia, os israelitas comumente minimizavam estes fatores em favor dos aspectos mais cerimoniais e distintamente religiosos, orgulhando-se deles como prova de sua devoção a Deus, em vez daqueles ligados aos aspectos diários da vida. O artigo da *Sentinela* segue linha semelhante, mostra o mesmo ponto de vista equivocado.

Diante do fato de que os apóstolos de Jesus Cristo de fato falaram de “atos básicos e essenciais da vida humana” como “feitos *para com o Senhor*” e “feitos *para a glória de Deus*”, o escritor de *A Sentinela* se apóia numa distinção errônea entre serviço a Deus e serviço *sagrado* a Deus. Como pode o serviço a Deus ser outra coisa senão *sagrado*? É como se Deus atribuísse um prêmio, um valor maior, aos atos especiais em vez dos atos diários, ao incomum em vez do costumeiro. Jeová, ao repreender Israel, mostrou claramente que não é assim. Mostrou que a prática diária da misericórdia, compaixão e justiça era sempre de maior valor para ele que os atos especiais que os israelitas achavam distintamente “sagrados”. Conforme Ele disse:

Pois, agrado-me da benevolência e não do sacrifício; e do conhecimento de Deus antes do que de holocaustos.²⁰

Quanto a este “conhecimento de Deus”, através de seu profeta Jeremias, Jeová pergunta ao filho do rei Josias:

Quanto a teu pai, acaso ele não comeu e bebeu, e executou o juízo e a justiça? Neste caso ia-lhe bem. Ele pleiteou a demanda judicial do

¹⁹ Levítico 19:9, 10, 13-15, 17, 18, 32-37; 23:22; 25:35-43; Deuteronômio 15:7-11; 16:18-20; 22:1-4, 6-8; 24:10-15, 17-22; 25:4.

²⁰ Oséias 6:6; confira Mateus 12:7.

atribulado e do pobre. Neste caso ia bem. “Não era este o caso de conhecer-me?” é a pronúncia de Jeová.²¹

Assim como as pessoas clamavam em Pentecostes, “Irmãos, o que havemos de fazer?”, também os israelitas perguntavam como prestar serviço aceitável a Deus. Por meio de seu profeta Miquéias, Jeová apresentou a pergunta deles e resumiu a questão deste modo:

Com que eu poderia comparecer diante do SENHOR [Jeová] e curvar-me perante o Deus exaltado? Deveria oferecer holocaustos de bezerros de um ano? Ficaria o SENHOR [Jeová] satisfeito com milhares de carneiros, com dez mil ribeiros de azeite? Devo oferecer o meu filho mais velho por causa da minha transgressão, o fruto do meu corpo por causa do pecado que eu cometi?

Ele mostrou a você, ó homem, o que é bom e o que o SENHOR [Jeová] exige: pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus.²²

O redator da *Sentinela* minimiza a importância da *motivação* como algo capaz de converter atos corriqueiros em serviço sagrado a Deus. Pode-se, todavia, ver a importância da motivação mesmo naqueles tempos pré-cristãos, do pacto da Lei, pois foi precisamente a *falta* da motivação correta de coração (evidenciada por seus tratos injustos e desamorosos com outros *na sua vida diária*) que fez Deus “detestar” os próprios atos de “serviço sagrado” — sacrifícios, observância de dias santos, festividades e jejuns — realizados pela maioria da nação judaica.²³ Isto ocorreu apesar de aqueles serem atos especiais, “fora do comum”, relacionados com a “adoração em obediência ao pacto da Lei”, como diz o artigo da *Sentinela*. Jeová deixou claro que sem a motivação correta na vida diária e no curso diário das atividades, todos os sacrifícios, festividades e outros serviços perdiam todo o sentido ou valor.

O novo pacto resulta em a lei de Deus ser escrita nos corações, e essa lei não é um código, mas é a lei do amor e a lei da fé, fatores que devem exercer, e de fato exercem, um papel na vida como um todo, e não só durante épocas especiais. É isto que habilita, não só pessoas de

²¹ Jeremias 22:15, 16.

²² Miquéias 6:6-8, *NVI*.

²³ Isaías 1:11-17; Amós 5:11-15, 21-24.

uma classe especial sacerdotal, mas qualquer pessoa a oferecer a ‘*si mesma* em sacrifício vivo em serviço a Deus’, de modo que toda a sua vida seja de adoração a Deus.²⁴ Deve ser óbvio que a abrangência da oferta não dá margem a que o “sacrifício vivo” seja algo que a pessoa liga ou ativa, em certas épocas em certas atividades, e desliga ou desativa, em todas as outras épocas e em todas as outras atividades. Basta ler o restante de Romanos capítulo 12 para entender que, após a exortação do apóstolo a seus irmãos para ‘se oferecerem como tal sacrifício vivo’, ele considera um espectro bem amplo de atividades. As relações pessoais com outros, expressões de afeição e humildade, hospitalidade e bondade, vivendo em paz com “todos os homens”, não só dentro da comunidade cristã, mas fora dela, fazem todos parte deste “sacrifício vivo”. Quando oferecem todo o seu ser, estão dando não só certas horas, mas suas vidas inteiras a Deus. Em tudo isto mostram que não ‘se conformam ao mundo’ mas dão em sua vida diária e em seus tratos com outros, exemplo dos padrões e princípios ensinados pelo Filho de Deus. Como prova de que a insistência da *Sentinela* de 1981 na aplicação muito estrita do termo grego *latreuo* não tem fundamento do ponto de vista lexicográfico, *The New International Dictionary of New Testament Theology*, comenta deste modo o uso de *latreuo* pelo apóstolo em Romanos 12:1:

Envolve a dedicação da pessoa inteira a Deus de um modo que é racional, abrangendo toda a mente, e prático, alcançando os aspectos práticos da vida diária na igreja e no mundo.²⁵

Em parte alguma o apóstolo alista “serviço de campo”, assistir a reuniões, servir numa sede religiosa institucional ou qualquer uma de tais atividades como aquela que define que alguém está oferecendo este “sacrifício vivo”. O conceito de serviço a Deus, de adoração, em que insiste a organização Torre de Vigia, na realidade nada mais é que a regressão a um ponto de vista pré-cristão, não meramente ao tempo

²⁴ Romanos 12:1, *TEB*.

²⁵ Vol. I, página 885. Similarmente, o *Dicionário Teológico do Novo Testamento* (em inglês, Vol. IV, páginas 63, 64) citado numa nota de rodapé na *Sentinela* de 1º de junho de 1977 (página 338), diz sobre a forma do verbo *latreuein*: “O uso compreensivo de *latreuin* para toda a conduta do justo para com Deus é encontrado primeiro em Luc. 1:74... em Fil. 3:3, encontramos novamente *latréuein* num amplo sentido metafísico, no qual abrange a inteireza da existência cristã.”

do pacto da Lei, mas a um conceito nocivo típico de uma atitude voltada para a Lei, voltada para obras. Este diminui o papel do coração — e toda a sua espontaneidade — pela ênfase às formas e funções prescritas e regulamentadas como o critério para determinar o que se classifica ou não como “serviço a Deus”. Retrocede ao tempo anterior à introdução da “liberdade pela qual Cristo nos libertou”. Entre as religiões atuais, a organização Torre de Vigia não é a única a fazer isso.

Foi um conceito similar, distorcido e anacrônico, do que envolvia o serviço cristão a Deus que, nos séculos seguintes ao período apostólico, levou à idéia de que participar na “adoração” significava “ir à igreja”, e isso elevou o que se fazia “na igreja” a um nível espiritual superior ao que o crente podia fazer fora da “igreja”. Em consequência, os edifícios onde se realizavam os “serviços da igreja” assumiram um caráter sagrado especial. Isso gerou o conceito de que o homem que era sacerdote ou ministro vivia uma vida espiritual de nível mais elevado e maior mérito espiritual do que a alcançada pelo homem comum, tal como o pai de família que por meio de seu trabalho mantinha a família. O sacerdote ou ministro era proeminentemente “um homem de Deus”. Os outros eram do *laikos* (que significa “do *laos* ou *povo*”), e assim se criou a divisão clero-leigos. Este mesmo conceito eventualmente exaltou o celibato, praticado por sacerdotes, monges e freiras, como condição espiritual superior, e “indiretamente depreciou o casamento... como uma condição imperfeita, de segunda classe.” Embora a Reforma corrigisse algumas das distorções neste respeito, muito disso ainda permanece.²⁶

Uma transição difícil

Em grande parte, a carta bíblica aos Hebreus foi escrita para ajudar as pessoas a ajustar-se a uma perspectiva nova e superior. Para aqueles a

²⁶ Estas últimas palavras citadas são de Steven Ozment em *When Fathers Ruled—Family Life in Reformation Europe* (London: Harvard University Press, 1983), página 10. Pode-se mencionar aqui que durante muitas décadas a sede mundial da Torre de Vigia teve um caráter monástico, sendo a vasta maioria do pessoal formada por homens solteiros, e a conservação do celibato era requisito para continuar ali (ou nos escritórios de filial). A mesma exigência aplicava-se a todas as pessoas solteiras formadas na Escola de Gileade.

quem a carta se dirigia, o cristianismo representava uma mudança notável e difícil. Exigia que abandonassem muitos conceitos estereotipados que ao longo da vida tinham dominado suas mentes com relação a adorar a Deus. Creio que entre os cristãos professos, mesmo hoje, a maioria se restringe pelos vestígios da mesma atitude que bloqueava, àqueles a quem a carta foi escrita, o apreço pela superioridade do cristianismo. Muitos passam hoje por um conflito comparável ao vivido no primeiro século, e sentem igual falta de confiança quanto ao rumo que tomam. Estão inseguros quanto aos valores que devem guiar suas decisões com relação ao modo pelo qual buscam servir a Deus. Embora as *circunstâncias* atuais difiram em sua origem histórica, creio que grande parte do problema enfrentado por muitos vem da falta de compreensão da *lição essencial* vista nessa carta do primeiro século. As pessoas podem, pelo menos, obter consolo em saber que qualquer que seja o conflito que agora estejam enfrentando, este de modo algum é maior que o daqueles a quem foi dirigida a carta aos Hebreus. Em sua introdução à carta aos Hebreus, *The Expositor's Greek Testament* faz estas observações perspicazes:

O objetivo do escritor... era revelar o verdadeiro significado de Cristo e Sua obra, e assim remover os escrúpulos, hesitações e suspeitas que assustavam a mente do cristão judaico, embaraçando-lhe a fé, reduzindo-lhe o usufruto e rebaixando-lhe a vitalidade... Uma transição de igual importância e cercada de tanta obscuridade que os homens raramente, se é que tanto, foram chamados a fazer... Tendo se criado numa religião de que estava persuadido ser de autoridade divina, o judeu era agora convocado a considerar grande parte de sua crença e adoração como antiquada. Acostumado a orgulhar-se de uma história assinalada em várias etapas por visitas angélicas, vozes divinas e intervenções milagrosas, ele agora é convidado a transferir sua fé das instituições e costumes veneráveis para uma Pessoa, Pessoa esta cuja glória terrena só é sugerida por sua ausência e na qual aqueles *aparentemente* mais qualificados nada poderiam descobrir senão a impostura que lhe valeu a morte como malfeitor.

Estimando com extraordinário entusiasmo, como sua herança exclusiva, o Templo com todas as suas conotações sagradas, seu Deus que ali habita, seu altar, seu augusto sacerdócio e todo o seu sistema de ordenanças, ele ainda está obcecado pelo recém-nascido instinto cristão de que falta algo vital em todos estes arranjos e de que para ele estes são irrelevantes e obsoletos...

Para o judeu, em resumo, Cristo deve ter criado tantos problemas quanto os que resolveu... muitos cristãos judeus devem ter passado esses primeiros dias em penosa inquietação, levados a confiar em Jesus por tudo o que sabiam de Sua santidade e verdade e, no entanto, dolorosamente perplexos e estorvados em obter a confiança perfeita pela inesperada espiritualidade da nova religião, pelo desprezo de seus ex-companheiros de religião, pelo abandono forçado de todos os adornos e glórias exteriores, e pela aparente impossibilidade de encaixar num todo consistente o esplendor do antigo e a simplicidade do novo.²⁷

“O esplendor do antigo e a simplicidade do novo...” A verdade é que no antigo havia muito para atrair os sentidos — a vista, o som e o tato — coisas de natureza visível e tangível, que impressionavam e atemorizavam. A grandeza e beleza do templo, o tamanho de sua equipe de servidores, os trajes cerimoniais e a atividade dos sacerdotes e levitas quando atuavam em mediação entre o povo e Deus perante seu altar, o som do coral de cantores levitas, a sensação de ir a um lugar onde se acreditava que a presença de Deus era especialmente evidente, de estar assim em comunhão com Ele por meio de oferendas visíveis e tangíveis, acorrer a este local junto com milhares de outros três vezes por ano para as festividades sagradas — simplesmente *não havia nada disto na nova fé cristã*. Seus seguidores não tinham um só edifício próprio dedicado a fins religiosos, reuniam-se nos lares, não tinham assembléias festivas três vezes por ano, classe ou paramentos sacerdotais, ritos cerimoniais, nem altar visível nem sacrifícios materiais, nem, de fato, símbolos distintivos de qualquer espécie, pois mesmo na celebração da refeição noturna do Senhor as coisas usadas para representar o corpo e o sangue de seu Senhor (e tudo que estava implícito nestas oferendas) eram simples pão e vinho, artigos básicos de mesa. A aparente “simplicidade do novo...”

Por que é uma transição difícil ainda hoje

No primeiro século muitos obviamente fizeram a transição necessária e aprenderam que servir e adorar a Deus não consistia nem dependia de frequentar algum lugar especial, um edifício “sagrado”, e nem obtinham algum mérito por isso. Nem o ato de reunir-se com outros era visto como distintamente “religioso”, isto é, algo acima dos outros

²⁷ *The Expositor's Greek Testament*, Vol., IV, páginas 237, 238.

aspectos da vida deles. Passaram a entender que suas reuniões visavam à edificação mútua e à expressão do amor fraternal, a encorajarem-se uns aos outros, a manifestarem apreço uns pelos outros como membros de uma relação familiar debaixo do Filho de Deus, e não a prover-lhes um sentimento especial de “religiosidade” ou a sensação de estar “religiosamente limpos” por meio do ato de reunir-se.

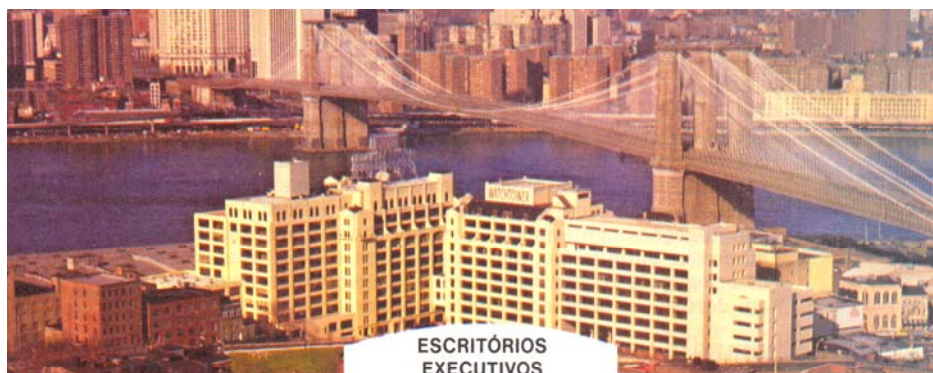
Qualquer que tenha sido o progresso neste respeito nos tempos apostólicos, os professos cristãos, nos períodos seguintes, retornaram de modo gradual mas constante, a muito do que era antigo. Voltaram em grande parte àquilo que atrai os sentidos físicos. Ao longo dos séculos, regrediram aos edifícios sagrados, altares visíveis, uma classe separada de especiais “servos de Deus” (sacerdotes ou ministros) vestidos de modo distinto e a muitas coisas similares que impressionam os olhos, apelam aos ouvidos e podem ser tocadas. Sob a influência sedutora destas coisas, o entendimento era, muitas vezes, suplantado pelo mero sentimento emocional. A refeição noturna do Senhor, caracterizada de início pela intimidade informal e a associação cordial numa expressão de fé compartilhada, convertia-se amiúde numa observância amplamente cerimonial, em que o participante ia a uma autoridade da igreja que, à moda sacerdotal, administrava-lhe o “sacramento”. O povo, os leigos, sentia-se “acomodado” em sua relação com Deus em virtude de sua regularidade nos serviços religiosos, ou por cumprir certos atos religiosos de modo regular. Isto, junto com o conhecimento de que faziam, coletivamente, parte de um grande sistema religioso, dava-lhes uma sensação de segurança e justiça. Deixavam de apreciar o excelente valor espiritual do que era novo por causa de sua “simplicidade” e mostravam preferência por uma glória exterior igual à das coisas antigas. E, apesar de afirmarem destacar-se muito de “outras religiões”, creio que as Testemunhas de Jeová manifestam muitas destas mesmas evidências de retorno a coisas antigas.

Os que se associam com as Testemunhas de Jeová são repetidamente lembrados de que fazem parte de uma grande organização, até mesmo destacando-se que seu número ultrapassa a população de algumas pequenas nações do mundo. Ouvem com frequência que, em certas fases da história da organização, Deus trouxe através dela revelações, “verdade revelada”, “nova luz”, tal como fazia

através dos antigos profetas. Foram ensinados a viver em estrita obediência a um código de leis incrivelmente extenso, decretado por homens que afirmam fazer isso como representantes de Deus, e que comparam a rejeição a suas normas com a rebelião de Miriam e Aarão contra Moisés. Através das publicações da organização recebem um fluxo constante de estatísticas de aumento numérico; vêm periodicamente fotos de impressionantes e grandes edifícios em diferentes países, construídos ou adquiridos pela organização, lugares chamados de “Betel”, do hebraico *beth el*, que significa “casa de Deus”. Muitas destas estruturas igualam ou ultrapassam o terreno do templo de Jerusalém em tamanho e área. Alguns fazem peregrinações em grupo à sede internacional em Brooklyn, a principal “Casa de Deus”, onde a organização tem propriedades enormes e de muitos andares, que ocupam quadras inteiras da cidade, ou visitam as instalações de Betel em seu próprio país. Ali, vêm como as equipes da “Casa de Deus”, que talvez cheguem às centenas e às vezes milhares de pessoas, empenham-se no que é oficialmente chamado de “serviço sagrado”, algo comparável, portanto, ao serviço dos trabalhadores levitas no antigo templo. O impacto sobre sua visão e mente traz uma sensação de poder, de força visível. Sentem-se atraídos a ela e temem separar-se dela.

Tendo trabalhado por 15 anos na sede internacional, e servido no Corpo Governante por 9 desses anos, não tenho dúvida de que os dirigentes têm uma virtual compulsão de estar continuamente comprando propriedades e construindo novas estruturas, e que derivam desta expansão física, não um mero senso de força, mas a certeza de sua posição exclusiva no mundo, como o “canal de Deus”. Também não duvido, com base nos mesmos 15 anos que ali passei, que em termos do que realmente é *produzido* — seja em literatura ou comunicação escrita ou qualquer outro produto — isto poderia ser realizado com eficiência bem maior por outras organizações e com apenas uma fração do pessoal e das instalações usados pela organização Torre de Vigia. O programa de expansão física (em propriedades e número de trabalhadores) adotado parece alimentar-se de si mesmo e gerar a necessidade de se auto-perpetuar em fazer cada vez mais a mesma coisa. Já que isto, de fato, impressiona, e que a organização equipara a expansão física à prosperidade e bênção espirituais, e as Testemunhas fornecem o dinheiro necessário, este

processo infindável de comprar e construir sempre foi bem visto pela liderança. (Para mais detalhes do programa de construções da Torre de Vigia, incluindo fotos, veja o Apêndice.)



ESCRITÓRIOS
EXECUTIVOS

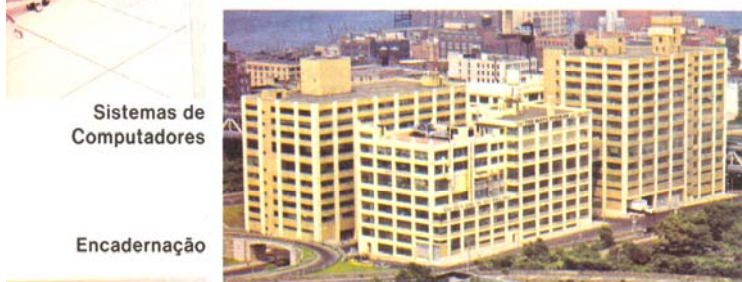
SEDE MUNDIAL DAS TESTEMUNHAS DE JEová



Sistemas de
Computadores



Prensas
Rotativas



Encadernação

Expedição

GRÁFICA DE BROOKLYN



Imagem do livro *Poderá Viver Para Sempre no Paraíso na Terra*, pág. 196



Filiais da Torre de Vigia no Brasil (acima) e na África do Sul (abaixo)



Como no antigo Israel, as Testemunhas de Jeová comparecem a três assembléias “sagradas” (por sua própria definição) por ano, nas quais se reúnem grandes multidões que às vezes chegam aos milhares. Assistem, três vezes por semana, a cinco reuniões distintas, sendo as principais realizadas em seus Salões do Reino, onde lhes garantem que seu comparecimento constante e fiel é um fator importante para uma condição aprovada diante de Deus. De todas as oferendas que podem fazer a Deus, nenhuma é mais enfatizada e considerada de maior valor que levar às pessoas a mensagem das publicações da organização e inculcá-la em suas mentes; a esta é que a expressão “sacrifício de louvor” aplica-se quase exclusivamente, com grande destaque para as *oferendas regulares semanais* de tal sacrifício em seu altar de serviço como um fator importante e decisivo para sua relação com Deus.²⁸ E, a vasta maioria delas é atraída a tudo isto pelo constante cenário que lhes apresentam, onde todos os tipos de recompensas físicas e materiais os aguardam, num paraíso ao alcance da mão, se derem irrestrito apoio a estas coisas.

Após serem imersos nesta atmosfera por um período de tempo, qual seria o efeito sobre estas pessoas se fossem transportadas — não para o ambiente físico — mas para o *tipo de vida religiosa* vivida pelos primitivos cristãos? Acho que a vasta maioria consideraria a mudança tão difícil quanto foi para aqueles a quem se dirigia a carta aos Hebreus. Achariam difícil aceitar a incrível simplicidade daquela vida religiosa, a falta de praticamente qualquer coisa impressionante em sentido físico e material, o apelo à fé que deriva sua força das coisas não-vistas e não das coisas vistas, do que é eterno e não do que é temporário, transitório. O apóstolo enfatizou a diferença, dizendo: “Estamos andando pela fé, não pela vista.”²⁹

Creio que esta é pelo menos uma das razões pelas quais, ao deixar a organização Torre de Vigia, muitas pessoas acham que devem procurar algo que ofereça as mesmas coisas — não as mesmas doutrinas, mas algo que tenha certa força numérica, tenha lugares especiais em que se cumpram formas distintas de serviço religioso. Muitos parecem incapazes de ter a sensação de identidade pessoal sem “pertencer” a um sistema, a uma organização com aspectos visíveis e tangíveis que a

²⁸ *A Sentinela*, 1º de fevereiro de 1983, páginas 18, 19.

²⁹ 2 Coríntios 5:7.

identifiquem. Aham também que devem estar “fazendo algo”, isto é, algum tipo de atividade que seja “diferente”, distintiva. Ainda mantêm a perspectiva ensinada pela *Sentinela* de que o serviço a Deus só é sagrado se envolver aquilo que é “fora do comum”. Não conseguem ver que o cristianismo mudava as vidas das pessoas, não por mudar o que faziam normalmente no dia a dia, mas principalmente em virtude de dar um *novo sentido* a tudo o que faziam, uma *qualidade* diferente, um *espírito* diferente, uma *motivação* diferente, a todas as suas atividades.

O único essencial indispensável

Quanto àquilo de que os cristãos judeus tinham antes feito parte, e à mudança que enfrentaram, lemos este comentário:

Toda a dispensação [mosaica] [estava] envolvida com coisas visíveis, tangíveis, materiais, evanescentes... Foi uma sombra das boas coisas vindouras; e a estas coisas reais, eternas, é que Cristo apresenta os homens... Nele temos tudo que ver, não com cerimônias externas e arranjos temporais, mas com o que é espiritual; Nele entramos em contato, não com revelações imperfeitas de Deus, feitas através de símbolos e mediação humanos, mas com a própria imagem de Deus. Ele faz mediação entre Deus e o homem em virtude de sua ligação com ambos. Ele conduz os homens à verdadeira relação com Deus através de Si mesmo, cumprindo perfeitamente a vida humana em obediência à vontade de Deus... Ele é sacerdote, não em virtude daquilo que é carne, nem por um cargo herdado, mas em virtude de Sua compaixão pelos homens e Sua pureza pessoal... reunindo os homens e Deus pela entrega pura e perfeita de Si próprio a Deus.³⁰

Todas aquelas coisas visíveis e tangíveis, e os homens e atos especiais envolvidos em seu uso, tinham na verdade sido apenas uma *sombra* das boas coisas vindouras. Alguns se agarraram à sombra, às coisas que atraíam os sentidos, coisas que podiam ver, ouvir e sentir, e isto os impedia de apreciar e abraçar genuinamente as realidades espirituais bem maiores e mais grandiosas prefiguradas.³¹ Não se aperceberam de que o objetivo comum do antigo pacto e do novo pacto era *levar os homens a uma relação com Deus*, e que o antigo, com todos os seus impressionantes aspectos materiais, não se destinava a

³⁰ *The Expositor's Greek Testament*, Vol. IV, página 239.

³¹ Colossenses 2:16, 17; Hebreus 9:11-14, 23-26; 10:1, 19-22; 12:18-24.

realizar isto no pleno e completo sentido que o novo podia realizar.³² Contrastando os dois, o apóstolo escreve:

Se o ministério de condenação [o antigo] foi glorioso, quanto mais ainda será o ministério da justiça! Não, mesmo o que então foi tocado pela glória já não o é, diante desta glória incomparável. Pois, se o que era passageiro foi assinalado pela glória, quanto mais o será o que permanece?... O nosso objetivo não é o que se vê, mas o que não se vê; o que se vê é provisório, mas o que não se vê é eterno.³³

Era preciso fé para aceitar isso, atribuir valor superior ao espiritual em vez do visível, praticar uma adoração que não impressionava os olhos, não atraía de modo especial os ouvidos, não estava sujeita ao tato, mas que apelava ao coração e ao entendimento; uma adoração que dispensava locais especiais, datas especiais, formas e funções especiais, mas que ocorria ao longo do dia, na vida diária da pessoa. Era preciso fé para aceitar que *a relação pessoal com Deus por meio de seu Filho* era a única coisa *essencial*, que todas as outras coisas são secundárias, e, se for o caso, até dispensáveis. É preciso o mesmo tipo de fé para fazer, em nossa época, uma adoção similar de valores.

O “corpo de Cristo”, uma organização religiosa ou uma comunidade do tipo familiar?

Se entramos nesta relação pessoal com Deus por meio da fé em seu Filho e no sacrifício de seu Filho, não ficamos sós. Tormano-nos parte desse “povo livre” cuja “lei” é a lei do amor, escrita não em tábuas, mas nos corações humanos.³⁴

Todos estes são descritos como formando “o corpo de Cristo”.³⁵ Ingressar numa organização religiosa, denominação ou igreja nada tem que ver com fazer parte desse corpo. Tornamo-nos membros desse corpo de Cristo apenas de uma maneira, pela nossa fé. Quem aceitou o

³² Enfatizando que o objetivo básico de sua obra era levar os homens a uma relação pessoal aprovada com Deus, o apóstolo Paulo a descreveu como “o ministério da reconciliação”, e afirmou: “Somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus.”— 2 Coríntios 5:18-20, ARA.

³³ 2 Coríntios 3:9-11; 4:18, TEB.

³⁴ Tiago 2:8, 12; Jeremias 31:33-34; Romanos 7:6; Hebreus 8:10-13.

³⁵ Romanos 12:4, 5; 1 Coríntios 12:12, 13.

Filho de Deus como sua Cabeça torna-se parte desse corpo.³⁶ É a *fé individual, pessoal*, de cada um que o liga a essa Cabeça, e a liderança orientadora de Cristo continua sempre disponível a cada um *como pessoa*. Embora fazendo parte de uma coletividade em virtude de uma fé mutuamente partilhada, ninguém depende da intervenção de outro membro ou de um grupo de membros para ter acesso a essa liderança ou receber sua orientação. Pois Cristo é “a cabeça de *todo* homem” e, através de Cristo, “a manifestação do Espírito é concedida a *cada um* [a *cada* homem e *cada* mulher], visando a um fim proveitoso”, distribuindo Seus dons “a cada um, individualmente”.³⁷ Os “dons são diversos”, há “diversidade nos serviços” e “diversidade nas realizações”, mas o “mesmo Espírito”, o “mesmo Senhor” e o “mesmo Deus é quem opera tudo *em todos*.”³⁸

Este fato da relação pessoal com Deus e Cristo é declarado de outro modo nas palavras de Jesus registradas no capítulo 15 de João. Ali, ele se apresenta como uma videira, e a seus seguidores como ramos unidos a esta videira. Não se apresenta simplesmente como a *raiz* da videira dizendo que a congregação é o *tronco* ao qual seus seguidores devem estar ligados. Tampouco é a ligação com outros *ramos* o vínculo vital. Este é com Cristo, a videira, e só com ele. É por se apegarem firmemente a ele, só a ele, como a videira vivificante, que todos são levados à unidade. Permanecem nessa videira por ‘permanecerem no seu amor’. Esse amor é a força que os agrupa numa unidade, o corpo de Cristo.³⁹

Como membros desse corpo, é certo também que individualmente somos “membros uns dos outros”.⁴⁰ Mostra-se que os cristãos não são membros de um sistema religioso, mas de uma comunidade religiosa, um corpo familiar de pessoas sob um chefe de família, o Filho de

³⁶ 1 Coríntios 10:16, 17; Efésios 4:4-6, 15, 16. A doutrina da Torre de Vigia sobre duas classes de cristãos cria uma situação impossível para aqueles que não são considerados da classe “ungida”. Se não são dessa classe, não estão incluídos no “corpo de Cristo”. Todavia, estes com certeza aceitam a Cristo como sua *Cabeça*, e assim, como podem eles não fazer parte do *corpo* de Cristo?

³⁷ 1 Coríntios 11:3; 12:6-11, ARA.

³⁸ 1 Coríntios 12:4-6, 27-31, ARA.

³⁹ João 15:1-17.

⁴⁰ Romanos 12:5, ARA.

Deus. O termo “família”, como em “família da fé”, é usado para descrevê-la, e este enfatiza a natureza familiar da comunidade.⁴¹ Descrevendo o efeito das boas novas sobre os crentes gentios, em abrir-lhes um novo relacionamento, o apóstolo escreve:

Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Porque ele é a nossa paz... e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz... porque, por ele, ambos temos acesso ao Pai em um Espírito. Assim já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor; no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito.⁴²

É verdade que, embora chamados de “família de Deus”, fala-se deles também como “concidadãos”, membros de uma “nação santa”.⁴³ Isto pode parecer dar apoio a um forte aspecto “organizacional” para essa comunidade. Mas apesar de os cristãos serem comparados a uma nação, não se atribui ênfase alguma ao conceito de uma organização terrestre visível. Eles são lembrados de que sua “cidadania existe *nos céus*”, e que devem ser como os homens da antiguidade, que aguardavam “a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador”, a “uma pátria superior, isto é, celestial.”⁴⁴ São todos “concidadãos” de igual posição, e seu único governante é celestial. São concidadãos, de fato, em virtude de terem todos a Cristo como seu Rei, e por não terem nenhum governante terrestre, nem qualquer forma de corpo governante servindo numa capital terrestre — em Jerusalém, Roma, Brooklyn ou qualquer outro lugar — por meio da qual fluem as leis e diretrizes. O canal do rei é através do Espírito santo, que guia, dirige e instrui. Se os apóstolos tivessem querido enfatizar o conceito de organização, esta analogia de uma nação teria sido ideal para fazê-lo. Em vez disso, em seus escritos, apenas raramente se referem a este aspecto e nunca o destacam como algo dominante. Por outro lado, é à *relação familiar* que se dá o destaque

⁴¹ Gálatas 6:10; confira Efésios 2:19.

⁴² Efésios 2:13-22, ARA; confira também 1 Coríntios 6:19.

⁴³ Efésios 2:19; Hebreus 8:11; 1 Pedro 2:9.

⁴⁴ Filipenses 3:20, NM; Hebreus 11:8-10, 15, 16, ARA.

maior. Quando se dirigem aos concrentes, nunca dizem “meus concidadãos”, mas constante e predominantemente “meus irmãos”. (Do mesmo modo, embora constituam um templo espiritual e um sacerdócio real, não se dirigem aos outros como “meus co-sacerdotes”).⁴⁵ Todos fazem parte da família de Deus, irmãos e irmãs numa única família sob Cristo.⁴⁶ O próprio Cristo lançara o alicerce para este conceito de família, dizendo:

“Quem é minha mãe e meus irmãos?” E, correndo o olhar pelos que estavam sentados ao redor, disse: “Eis minha mãe e meus irmãos. Portanto, qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe.”⁴⁷

No mesmo espírito, Paulo escreveu a Timóteo:

Não repreendas ao homem idoso, antes exorta-o como a pai; aos moços como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães; às moças, como a irmãs, com toda a pureza.⁴⁸

Por que, em face de toda esta evidência e do exemplo apostólico, desejaria um sistema religioso preferir dar maior ênfase a um conceito organizacional do que a esta relação familiar? A razão evidente é porque a última, se realmente aplicada, não favorece uma atitude autoritária, pois nesta família, “um só é o vosso Pai, o celeste”, e “um só é o vosso Mestre e todos vós sois irmãos.”⁴⁹

A ekklesia cristã do primeiro século

A expressão mais freqüente encontrada nas Escrituras Cristãs para descrever coletivamente os cristãos é o termo grego *ekklesia*, geralmente traduzido “igreja” ou “congregação”. É notável, porém, que este termo *em si* não tenha significado religioso intrínseco. Seu uso comum no grego descrevia uma “assembléia” de cidadãos convocados para decidir assuntos que afetavam seu bem-estar. É neste sentido típico, secular e não-religioso que é usado em Atos 19:32, 39, 41, ao descrever a reunião dos prateiros de Éfeso convocada às pressas. É evidente que, em si, ele não traz nenhuma idéia de uma “organização”

⁴⁵ Efésios 2:21, 22; 1 Pedro 2:5, 9.

⁴⁶ 1 Timóteo 3:15; 2 Timóteo 2:19-21; Hebreus 3:6; 1 Pedro 4:17.

⁴⁷ Marcos 3:33-35, ARA.

⁴⁸ 1 Timóteo 5:1, 2, ARA.

⁴⁹ Mateus 23:8, 9, BJ.

no sentido de um arranjo estruturado, mas simplesmente a de um agrupamento de pessoas para considerar alguma questão de interesse mútuo, ou das próprias pessoas assim reunidas.⁵⁰

No primeiro século, os cristãos não “pertenciam” a uma eclesía, igreja ou congregação local, no sentido de pertencerem ou serem formalmente filiados a uma organização religiosa. Se se reuniam com outros, eles faziam, *em virtude do ato de se reunir*, parte do “agrupamento” ou “assembléia” (*ekklesia*) local. O “chamado” que os congregava não vinha de alguma autoridade religiosa. Era o chamado das boas novas que os atraía, não um mero chamado para partilhar suas próprias idéias e opiniões, mas primariamente para ouvir a mensagem de Deus. E ao longo dos dois primeiros séculos, quando se reuniam, não era em edifícios religiosos especiais, mas nos lares.⁵¹ Considerando o termo *ekklesia* conforme usado por Paulo em suas primeiras cartas, o erudito Robert Banks afirma:

...nunca, durante este período, o termo é aplicado ao edifício no qual os cristãos se reuniam. Quer consideremos as pequenas reuniões de apenas alguns cristãos de uma cidade quer as reuniões maiores de toda a população cristã [daquela cidade], é na casa de um dos membros que a *ekklesia* se realiza — por exemplo, no ‘quarto de andar superior’ [Atos 20:8]. Até o terceiro século não temos evidência de que edifícios especiais fossem construídos para as reuniões cristãs e, mesmo depois disso, seu modelo era o das salas em que se recebiam convidados nas típicas casas de família romana e grega.⁵²

Do mesmo modo, o comentário *The Expositor’s Greek Testament* afirma:

Até o terceiro século não temos nenhuma evidência segura da existência de edifícios de igrejas para propósitos de adoração; para este fim, todas as referências apontam para casas particulares.⁵³

Visto que eles próprios constituíam um “lugar para Deus habitar” espiritual, não necessitavam de edifícios especiais para adoração (tampouco o fato de Deus “habitar” neles limitava-se a certos horários

⁵⁰ Veja, por exemplo, a consideração do termo em *Paul’s Idea of Community*, páginas 34, 35.

⁵¹ Confira Romanos 16:3-5; 1 Coríntios 16:19; Colossenses 4:15; Filêmon 2.

⁵² *Paul’s Idea of Community*, página 41.

⁵³ Vol. IV, página 212 (comentando o versículo 2 de Filêmon.).

de certos dias).⁵⁴ Como mostra a evidência arqueológica, as casas naquela época raramente tinham uma sala capaz de receber mais que cerca de quarenta pessoas.⁵⁵ As reuniões, portanto, eram relativamente pequenas. Tais reuniões em lares proviam um contexto em que a sensação de relação familiar podia se desenvolver, pois geravam uma atmosfera em que a manifestação dos vínculos que os uniam numa fraternidade, favoráveis a essa sensação de fraternidade, crescessem e se aprofundassem. Podiam mais prontamente vir a conhecer melhor uns aos outros, conscientizar-se mais das necessidades, interesses e preocupações mútuas.

Esta imagem de congregação pode ser muito diferente do conceito hoje prevalecente da maioria das pessoas, e certamente difere daquilo a que a maioria está acostumada. Todavia, ela envolve um aspecto talvez ainda mais fundamental do cristianismo e do sentido básico da palavra “congregação” ou “igreja” (*ekklesia*) em termos cristãos. Destacando isto, o conhecido erudito suíço Emil Brünner escreve:

Onde se prega e se crê na Palavra de Deus, onde dois ou mais se reúnem em nome de Cristo, ali está a Igreja. Mesmo que se diga qualquer coisa além disso a respeito da Igreja, esta    fundamental. Esta declara  o *nunca* — nem mesmo nos dias atuais — foi compreendida em toda a sua força revolucionária. A reunião de dois ou três deve ser reconhecida como Igreja, ainda que numa forma imperfeita. Quando um pai reúne a família ao seu redor para lhe explicar o Evangelho    sua maneira humilde e simples, ou onde um leigo, motivado por um cora  o pleno, proclama a Palavra de Deus a um grupo de jovens, ali está a Igreja. Quem se afastar desta regra, quem achar que algo mais tem de ser acrescentado para tornar isto uma verdadeira Igreja, entendeu mal o significado do próprio âmago da Fé evangélica.⁵⁶

A maioria hoje acha que “algo mais tem de ser acrescentado”. A própria simplicidade da questão vai contra seu conceito de “congrega  o”. As religiões geralmente buscam acoplar    idéia de “organiza  o” ou “denomina  o” a idéia de uma estrutura de

⁵⁴ Efésios 2:21, 22.

⁵⁵ Veja *Paul’s Idea of Community*, páginas 41 e 42; *St. Paul’s Corinth, Texts e Archaeology*, Jerome Murphy-O’Connor (Michael Glazier, Inc., Wilmington, 1983) páginas 153-159.

⁵⁶ *The Divine Imperative*, Emil Brünner (The Westminster Press, Filadélfia, 1937), página 529.

autoridade como algo necessário para validar qualquer agrupamento como “verdadeira” congregação cristã. A mensagem bíblica não apóia isso. A promessa de Cristo não as apóia.⁵⁷ Isso não quer dizer que devamos contentar-nos com uma reunião de dois ou três, nem deve isso reduzir o empenho de alcançar outros mais, mas é suficiente para que se apliquem as palavras de Cristo: “Ali estou no meio deles.” O acréscimo de cem ou mil pessoas às duas ou três, a transferência do local de reuniões para um grande edifício, ou a presença de uma dúzia ou mais de homens com cargos designados por uma organização, não acrescenta um milímetro à “realidade” de que aquilo é um agrupamento ou congregação cristã. A presença do Filho de Deus, o Cabeça da congregação, é a única validação necessária.

Reunindo-se para encorajar ao amor e às boas obras

Estes fatos nos ajudam a apreciar o sentido e a força desta exortação muito citada:

E consideremos uns aos outros para nos incentivarmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de reunir-nos como igreja, segundo o costume de alguns, mas procuremos encorajar-nos uns aos outros, ainda mais quando vocês vêem que se aproxima o Dia.⁵⁸

A liberdade cristã não admite a apatia para com outros, viver apenas para si mesmo. O amor une as pessoas. Como membros do corpo de Cristo, somos individualmente “membros uns dos outros”.⁵⁹ Será, então, que esta ênfase a reunir-se declarada no texto citado, limita nossa liberdade cristã, inibe nossa manifestação dela, ou mais uma vez nos sujeita à lei, a regras? Pelo contrário, ela confere maior significado e maior valor à nossa liberdade.

Não há nada relacionado com a rigidez ou o formalismo das obras da lei no nosso interesse pessoal pelos outros, em mostrarmos afeição fraternal por eles e por seu crescimento espiritual, em buscarmos nos reunir fraternalmente com eles. Tampouco vemos na exortação de Hebreus 10:24, 25 ou qualquer outra parte das Escrituras um conjunto

⁵⁷ Mateus 18:20.

⁵⁸ Hebreus 10:24, 25, *NVI*.

⁵⁹ Romanos 12:5, *ARA*.

expresso de regras regulando as reuniões entre os concrentes.⁶⁰ Embora alguns usem este texto como uma espécie de “cassetete” espiritual para impor o estrito comparecimento a reuniões de rotina realizadas em datas específicas, isto exige que se vá além do que a exortação diz. A palavra grega neste texto traduzida por “deixemos” (ou traduções similares) implica em *deserção* ou *abandono*, algo muito mais sério que a mera irregularidade ou faltas ocasionais no comparecimento às reuniões.⁶¹ Tampouco há nada que mostre que os apóstolos de Jesus tenham alguma vez descrito a assistência a essas reuniões como de maior mérito na “adoração” que outras expressões de amor e fé feitas na vida cristã diária. Não encontramos esta idéia em nenhum escrito apostólico. Como explica a obra já citada, os cristãos aprenderam, ou foram encorajados a aprender que:

...a adoração envolve a vida da pessoa como um todo, cada palavra e ação, e não conhece local ou hora especial... Visto que todos os lugares e horas tornaram-se agora palco para a adoração, Paulo não pode falar de cristãos que se reúnem na igreja [*ekklesia*] *distintivamente* com este objetivo. Eles já estão adorando a Deus, de modo aceitável ou inaceitável, em tudo que estiverem fazendo.⁶²

Ao considerar a evidência bíblica da primitiva comunidade cristã, o fato notável é que simplesmente não encontramos nenhum padrão sobre como devem ser as reuniões cristãs. De início, depois de Pentecostes, os apóstolos e outros reuniam-se *diariamente* no templo para debate e exortação.⁶³ Não é realista presumir que a maioria seria capaz de fazer isso após aquele período inicial, e não há qualquer indício de que o faziam. O fato de partilharem refeições com seus irmãos em vários lares é mencionado junto com as reuniões no templo, e, visto que as refeições eram muitas vezes ocasiões para que os

⁶⁰ O *Expositor's Greek Testament* (Vol. IV, página 347), explicando Hebreus 10:25, comenta que o uso pelo autor da expressão um pouco longa *epsynagoge eauton* (ajuntando-se entre si mesmos) em vez do simples *synagoge* (assembléia, congregação), dizendo que *synagoge* “podia muito bem ter sugerido o edifício e reuniões formais declaradas, enquanto *epsynagoge eauton* denota simplesmente o ajuntamento dos cristãos.”

⁶¹ Confira seu uso em Mateus 27:46; 2 Coríntios 4:9.

⁶² *Paul's Idea of Community*, página 92.

⁶³ Atos 2:46; 5:42.

cristãos transmitissem informalmente benefícios espirituais, era isto o que provavelmente ocorria neste caso.

Em Éfeso, durante os primeiros três meses Paulo fez reuniões na sinagoga em base *semanal*, cada sábado.⁶⁴ Ao se mudar da sinagoga, proferia “*diariamente* discursos no auditório de Tirano”, fazendo isto por dois anos.⁶⁵ Não é lógico supor que os que se reuniam com ele eram as mesmas pessoas, todo dia, já que poucas pessoas podiam estar livres para gastar seu tempo deste modo durante dois anos. Sabemos que Paulo estava ali dia após dia; não sabemos definitivamente de alguém mais que estivesse. Tampouco há nada que mostre que dali em diante em Éfeso — ou em algum outro lugar — os cristãos se reunissem com idêntica frequência. Em muitas cidades do império romano a população escrava era muito grande, compondo plenamente um terço da população das maiores cidades, tais como Roma, Éfeso, Antioquia e Corinto.⁶⁶ Embora muitos destes não fossem meros trabalhadores mas tivessem às vezes posições de alta responsabilidade, ainda é improvável que a maioria dos escravos estivesse livre para assistir reuniões à vontade.

Fora estes relatos do livro de Atos, as Escrituras Cristãs, embora cheias de todo tipo de exortações, simplesmente não trazem esboço ou recomendação de qualquer *programa específico* para as reuniões cristãs, com respeito a *horários, frequência* ou *formato*. A exortação para reunir-se existe, sendo o amor ao próximo a força motivadora. Declara-se que o objetivo e propósito essencial é estimular-se ao amor e às obras excelentes; mas a *maneira* e a *forma* estão em aberto.

Este aspecto de reuniões informais entre os primitivos cristãos permitia que as pessoas se expressassem, fossem elas mesmas, falassem de sua própria mente e coração, não simplesmente repetissem uma matéria fornecida, participando numa sessão de perguntas e respostas rigidamente controlada, pré-programada, catequética. As pessoas vinham realmente a conhecer umas às outras, saber como de

⁶⁴ Atos 19:1, 8. A evidência aponta para o comparecimento similar de muitos cristãos à sinagoga, no início, e evidentemente continuaram a comparecer até que a oposição tornou isso desaconselhável. (Atos 18:24-26; confira João 16:1, 2).

⁶⁵ Atos 19:8-10, *NEB*.

⁶⁶ *The International Standard Bible Encyclopedia*, Vol. V, página 544.

fato encaravam as questões, não simplesmente ouvindo pessoas fazerem declarações que na verdade representavam o raciocínio e os conceitos de outras, não os do próprio indivíduo.

Na falta do rígido controle de uma estrutura de autoridade, o que impede que tais reuniões degenerem em debates sobre opiniões dissidentes? Mesmo durante a época dos apóstolos, que *tinham* uma autoridade especial divinamente designada, não há nada que mostre que eles ou quaisquer outros, individual ou coletivamente, exercessem um controle rígido sobre as reuniões e debates dos cristãos. A mais extensa, talvez praticamente a única explanação sobre reuniões é a de Primeira aos Coríntios, capítulo 14. E ali a única ênfase que se dá é à ordem básica e respeitosa e à busca de transmitir entendimento.

Em outras partes, é claro, há exortações contra debater e falar de modo antagônico, envolver-se inutilmente em discussões e práticas igualmente negativas.⁶⁷ Mas, em vez de exercer um poder coercivo sobre os crentes, o meio de combater estes erros era principalmente *persuasivo*, enfatizando e incentivando qualidades positivas.

Esta abertura, portanto, representava tanto uma oportunidade como uma prova. Exigia que todos os participantes demonstrassem que de fato se reuniam para edificar-se uns aos outros e encorajar-se ao amor e a obras excelentes — não meramente para exibir conhecimento pessoal ou promulgar e debater teorias pessoais. Ao invés, iam para mostrar consideração aos outros, exercendo autodomínio para o bem de todos, manifestando humildade, paciência, compreensão, companheirismo, compaixão e interesse sincero em refletir a chefia do Filho de Deus.⁶⁸ Estes são os verdadeiros remédios contra confusão e contendas, a fonte apropriada de paz e harmonia. São fruto do Espírito santo de Deus, e esse Espírito é que serviria de elemento controlador, preservando a ordem e assegurando às reuniões ambiente e qualidade saudáveis e proveitosos.⁶⁹ Desde que as pessoas mostrassem o espírito de profundo respeito pela chefia de Cristo, vendo-o como estando “entre eles”, ainda que seu número visível pudesse ser aparentemente

⁶⁷ Gálatas 1:13-15; 1 Timóteo 1:3-7; 6:4, 5; 2 Timóteo 2:14-16; Tito 3:9.

⁶⁸ Romanos 12:3, 9, 10, 16; Colossenses 3:7, 12-17; 2 Timóteo 2:23-26; Tito 1:9, 13; Tiago 3:13-17; 1 Pedro 4:8-11; 1 Pedro 5:2-5.

⁶⁹ Efésios 4:3; Gálatas 5:13-21.

tão insignificante quanto dois ou três, as questões não fugiriam ao controle nem degenerariam em disputas inúteis e perniciosas.⁷⁰ O mesmo se aplica à nossa época.

As divisões surgem quando as pessoas tentam tornar definido, explícito e conclusivo aquilo que as próprias Escrituras deixam indefinido ou sujeito a mais de um entendimento possível. Surgem quando as pessoas transformam em grandes questões — quando se considera o todo — coisas de menor importância; quando criam regras a partir do que é simples conselho ou declaração geral de um princípio. Podem surgir também quando as pessoas deixam de reconhecer que, enquanto elas próprias têm uma relação pessoal com Deus e Cristo, o mesmo ocorre com todos os irmãos e irmãs, e que ninguém tem uma “linha de comunicação” especial com Deus e seu Filho que não esteja disponível a cada membro do corpo. Isto pode nos proteger de pensar que temos um discernimento exclusivo ou uma relação especialmente íntima que nos separa de outros, que nos torna um “canal” divino para eles.

Quando Paulo escreveu aos Coríntios aconselhando-os a estar “unidos na mesma mente e na mesma maneira de pensar”, o contexto mostra que estava pedindo, não a uniformidade total no entendimento de cada ponto das Escrituras, mas sim para pôr de lado as *atitudes* desagregadoras que os estavam separando em facções, de modo que pudessem ter *disposição* e *perspectiva* unidas.⁷¹

A prova da verdadeira unidade não é a uniformidade de crença em cada ponto. As cartas de Paulo, quase sem exceção, mostram que entre os cristãos de diferentes lugares aos quais escreveu, alguns encaravam certos assuntos de modo diferente de outros. A unidade cristã se prova genuína quando **existem** diferenças de ponto de vista e assim mesmo as pessoas que têm estas opiniões divergentes não permitem que isto as *divida*. E fazem isto por reconhecerem que, embora divergindo no entendimento de certos pontos, fazem parte de uma família espiritual

⁷⁰ Mateus 18:20.

⁷¹ 1 Coríntios 1:10-17. Sobre a palavra “mente” (grego, *nous*) conforme usada por Paulo, o *Theological Dictionary of the New Testament* (Edição Resumida), página 537, afirma: “Ela primeiro significa ‘mente’ ou ‘disposição’ no sentido de orientação interior ou atitude moral.” Confira também Romanos 15:5, 6.

que partilha uma fé comum baseada em ensinamentos claramente declarados e fundamentais, contidos nas boas novas.⁷² O amor é que “é o perfeito vínculo de união”, não a uniformidade, e muito menos a uniformidade *imposta* por homens.⁷³

Isto também provê o clima favorável no qual o conhecimento e o entendimento podem crescer e se aprofundar. Diferenças de ponto de vista, em vez de dividir, podem motivar pessoas a um esforço maior para compreender — tanto no que se relaciona à opinião em si como à pessoa que a expressa. As diferenças podem nos levar a estudar e refletir mais, de modo a podermos lidar com qualquer problema que essas opiniões possam apresentar, e podem nos impelir ao esforço de achar uma solução para elas no amor. Podem, desta maneira, resultar em tornar evidente quão genuíno é o cristianismo de cada um, exatamente como indica o apóstolo em 1 Coríntios 11:19.

Assim, a liberdade cristã nos apresenta um *desafio* em nossa relação com outros, pois requer que demonstremos ter verdadeiramente “a mente de Cristo”.⁷⁴ Se constante e sinceramente ‘nos apegarmos a ele como nossa cabeça’ em todas as coisas e em todas as épocas, jamais falharemos em mostrar ser membros harmoniosos “que se pertencem uns aos outros” em seu corpo de seguidores.⁷⁵

É necessária uma estrutura de autoridade?

Como vieram a existir congregações cristãs no primeiro século? Nada há que indique que as pessoas eram “organizadas” numa congregação. Como se formava uma congregação? Formava-se simplesmente em resultado de as pessoas *se congregarem*, fazendo-o em razão da fé mútua e do interesse mútuo em edificar uns aos outros na fé. Que dizer então dos diferentes termos encontrados nas Escrituras Cristãs, tais como ancião, superintendente, diácono, instrutor, pastor?

Neste respeito, as circunstâncias do primeiro século podem servir de modelo. Este não pode, contudo, ser um modelo *preciso*. A razão é que nem *todas* as circunstâncias permanecem hoje as mesmas.

⁷² Romanos 14:1-6, 13-22.

⁷³ Colossenses 3:14.

⁷⁴ 1 Coríntios 2:16; 1 Timóteo 6:3-5; Tito 3:2-7.

⁷⁵ Efésios 4:15, 16; Colossenses 2:17-19; Romanos 12:5.

Lemos que os da casa ou família de Deus foram “edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular.” Embora não esteja presente na terra, Cristo Jesus permanece conosco, “no qual todo edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor.”⁷⁶ Mas esse não é o caso dos apóstolos. Eles já não estão aqui. O próprio fato de que serviam de ‘*fundamento*’ ou ‘*alicerce*’ implica em que suas funções se ajustavam aos estágios iniciais do cristianismo. Os “profetas” citados podem ser profetas cristãos, em vez dos profetas pré-cristãos das Escrituras Hebraicas.⁷⁷ Se for assim, o fato de que os profetas são mencionados do mesmo modo que os apóstolos indicaria um papel *inicial* similar no cristianismo, papel que, como o dos apóstolos, estava destinado a acabar.⁷⁸

Como muitas outras religiões, as Testemunhas de Jeová crêem que não existe sucessão apostólica além do primeiro século. Todavia, como vimos, mesmo não assumindo o *título* de apóstolo, nem falando que ocupam o *cargo* de apóstolo, homens de diferentes religiões tentam revestir-se da *autoridade* apostólica. O Corpo Governante das Testemunhas de Jeová assume uma autoridade igual a dos apóstolos,

⁷⁶ Efésios 2:19, 20, ARA.

⁷⁷ Confira Atos 15:32; 21:8-10; 1 Coríntios 12:10, 28; Efésios 4:11.

⁷⁸ *The New International Dictionary of New Testament Theology*, Vol. III, página 84, comenta similarmente: “Em Efé. 2:20 os profetas formam parte do ‘alicerce’ da igreja. Esta imagem sugere que o período no qual foram lançados os alicerces da igreja terminou, isto é, o cargo profético é uma coisa do passado. Os apóstolos são no NT o equivalente dos profetas do AT. Juntos eles constituem o alicerce, ‘sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a principal pedra angular.’” Note-se que o termo “profeta” no grego original (*prophétes*) significa basicamente “proclamador, aquele que torna conhecidas mensagens de uma fonte divina”. (Isto foi analisado em detalhes nos artigos que preparei para *Ajuda ao Entendimento da Bíblia* nos tópicos “Profecia” e “Profeta”, a mesma matéria que se encontra na edição revisada, *Estudo Perspicaz das Escrituras*.) A proclamação *pode* envolver ou *não* predição de eventos e circunstâncias futuras. (Confira Atos 15:30-32.) Os próprios apóstolos, de modo verbal ou por escrito, cumpriram a função essencial de um profeta, e a mensagem divina que divulgaram, dali em diante registrada e preservada, constitui parte integral do alicerce da nossa fé até o dia de hoje. Quaisquer mensagens divulgadas por outros profetas cristãos, não tinham, evidentemente, maior importância, pois não temos mais que duas proclamações registradas, ambas do mesmo indivíduo, Ágabo. — Atos 11:27, 28; 21:10, 11.

chegando às vezes a ir além da dos apóstolos.⁷⁹ A liderança de várias outras religiões faz o mesmo. Só podemos ser “apostólicos” hoje no sentido de nos atermos ao *ensino* apostólico. Além de Cristo Jesus, do Espírito santo e da Palavra de Deus, aqueles poucos homens eram, em virtude de sua designação divina, a única fonte *externa* de autoridade que qualquer grupo congregado de cristãos podia corretamente reconhecer. Mas sua designação e autoridade apostólicas divinamente recebidas eram exclusivas. Não existem hoje. Isso tem um efeito considerável sobre nosso entendimento de como certas circunstâncias da etapa inicial do cristianismo podem diferir da nossa própria época.

Um arranjo dinâmico — não estático

Outro fator de peso para nossa compreensão é o princípio estabelecido em Efésios 4:11-16. Este afirma que os serviços prestados por pessoas nas congregações, inclusive os providos por apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e instrutores, visavam todos a *levar as pessoas a um objetivo*. Como vimos, o objetivo era, não que permanecessem como crianças, precisando que outros os instruissem e pastoreassem, mas que “*crecessem em tudo* naquele que é o cabeça, Cristo.”⁸⁰ O passar do tempo *diminuiria* a necessidade de outros lhes prestarem tais serviços e *aumentaria* sua própria capacidade de agir como pessoas adultas, maduras, que não estivessem constantemente dependentes de outros. Na carta aos Hebreus, o autor reprova aqueles a quem escreve, dizendo: “*Depois de tanto tempo*, vocês já deviam ser mestres.”⁸¹

Todo sistema religioso que perpetua a *dependência* de seus membros aos serviços de certos homens trabalha contra o objetivo estabelecido. Não se trata de esperar que cada pessoa se desenvolva para tornar-se igual a todas as outras, tendo as mesmas capacidades ou “dons” em igual medida. Mas todos deviam tornar-se cristãos “adultos”, maduros em entendimento e capacidade de levar uma vida cristã, de tomar decisões maduras por sua conta, não de outros. Todos devem ser membros ativos do “corpo de Cristo”, não apenas *recebendo* o serviço de outros membros, mas cada um *contribuindo*, por si

⁷⁹ Veja os capítulos 4, 5 e 12.

⁸⁰ Efésios 4:11-16, ARA.

⁸¹ Hebreus 5:12-14, BLH.

mesmo, com serviço valioso e proveitoso. Esse é o quadro que nos transmitem as Escrituras Cristãs.⁸²

Em vez de continuar na constante necessidade do serviço de pastoreio de outros, têm de se fortalecer para que eles mesmos sejam capazes de ajudar outros. Não é aos encarregados da igreja ou líderes organizacionais, mas aos cristãos da Galácia, *em geral*, que Paulo escreve:

Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós que sois espirituais, corrigi-o, com o espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo.⁸³

Explicando esta exortação, diz um comentário:

É bem impressionante que ‘amar uns aos outros’, ‘levar as cargas uns dos outros’ e ‘cumprir a lei’ sejam três expressões equivalentes. Mostra que amar uns aos outros como Cristo nos amou pode nos levar não a algum feito heróico e espetacular de auto-sacrifício, mas ao ministério muito mais mundano e não-espetacular de levar cargas. Quando vemos uma mulher, uma criança ou uma pessoa idosa levando uma caixa pesada, não nos oferecemos a levá-la por ela? Assim também, quando vemos alguém com uma carga pesada no coração ou na mente devemos estar prontos a acompanhá-lo e partilhar sua carga. De modo similar, temos de ser humildes o bastante para deixar que outros partilhem a nossa. Levar cargas é um grande ministério. É algo que todo cristão pode e deve fazer. É a consequência natural de andar pelo Espírito. Cumpre a lei do Cristo.⁸⁴

⁸² 1 Coríntios 12:4-25; 1 Pedro 4:10, 11.

⁸³ Gálatas 6:1, 2, ARA.

⁸⁴ O termo “carga” pode, é claro, referir-se a uma *obrigação* ou *tarefa* designada, mas infelizmente o conceito de posição e autoridade organizacional é o que logo vem à mente da maioria das pessoas. Enquanto muitas traduções trazem a expressão “carga” em 1 Timóteo 3:1 com referência ao desejo de um homem servir como superintendente, a redação original do apóstolo não traz um termo equivalente a “carga”, mas refere-se simplesmente a “superintendência” (*episkope*). Portanto, algumas traduções trazem versões como: “Se alguém deseja ser bispo (superintendente)”. (NVI) O fato de o apóstolo imediatamente continuar dizendo, “deseja uma nobre função”, mostra também que o que se tinha em vista era um trabalho (grego, *ergon*), não um cargo ou posição eclesiástica ou organizacional. Confira 1 Coríntios 16:10, 12; Efésios 4:12; 1 Tessalonicenses 5:13.

Ênfase ao serviço e à função, não ao cargo e à posição

Um fator final que requer consideração é que as várias designações de pastor, instrutor, evangelizador, e assim por diante, descrevem *serviços* a serem prestados, *trabalho* a ser feito em favor da comunidade cristã, não cargos no sentido de *posições institucionais* num arranjo estruturado.⁸⁵ Como vimos, o apóstolo de fato menciona “apóstolos, profetas, mestres” quando compara a comunidade cristã ao corpo humano. Mas, antes disso, descreve os dons espirituais que habilitam a todos, *a cada um dos membros*, (incluindo assim os apóstolos, profetas e mestres) a cuidarem uns dos outros, e ao fazê-lo ele chama a atenção, não para cargos ou posições organizacionais, mas *serviços e trabalho*, dizendo:

Há variedades de serviço, mas o mesmo Senhor. Há muitas formas de trabalho, mas todas estas, em todos os homens, são trabalho do mesmo Deus. Em cada um de nós o Espírito é manifestado de uma maneira particular, para algum propósito útil... Mas todos estes dons são trabalho do único e mesmo Espírito, distribuindo-os separadamente a cada indivíduo assim como quer.⁸⁶

O apóstolo Paulo demonstra a ênfase ao serviço ou atividade realizada, não ao cargo, por utilizar às vezes simplesmente uma *forma verbal* em vez de um *substantivo*. Como ilustração, se alguém usa o substantivo “presidente” transmite-se imediatamente a idéia de um *cargo*. Se, em vez disso, usa-se a forma verbal “presidir”, a idéia passa a ser de *ação*, não de cargo ou posição. No versículo 28 do trecho da carta de Paulo aos Coríntios do qual se tirou a citação anterior, junto

⁸⁵ O termo “cargo” pode, é claro, referir-se a uma *obrigação* ou *tarefa* designada, mas infelizmente o conceito de posição e autoridade organizacional é o que logo vem à mente da maioria das pessoas. Enquanto muitas traduções trazem a expressão “cargo” em 1 Timóteo 3:1 com referência ao desejo de um homem servir como superintendente, a redação original do apóstolo não traz um termo equivalente a “cargo”, mas refere-se simplesmente a “superintendência” (*episkope*). Portanto, algumas traduções trazem versões como: “Se alguém deseja ser bispo (superintendente)”. (NVI) O fato de o apóstolo imediatamente continuar dizendo, “deseja uma nobre função”, mostra também que o que se tinha em vista era um trabalho (grego, *ergon*), não um cargo ou posição eclesiástica ou organizacional. Confira 1 Coríntios 16:10, 12; Efésios 4:12; 1 Tessalonicenses 5:13.

⁸⁶ 1 Coríntios 12:5-11, 28, *NEB*.

com substantivos tais como “apóstolos”, “instrutores” e “profetas”, o apóstolo alista também algumas formas verbais, literalmente “ajudar” e “dirigir”.⁸⁷ Algumas traduções convertem estes verbos em substantivos tais como “ajudadores, administradores” (*Revised Standard Version*), “ajudadores, bons líderes” (*Jerusalem Bible*), “ajudadores, conselheiros” (*Phillips Modern English*), “assistentes, administradores” (*New American Bible*). Outras traduções, reconhecendo claramente que o que ali se descreve não são *posições oficiais* mas *funções* e *serviços*, traduzem estas expressões por “formas de assistência, formas de liderança”, (*New Revised Standard Version*) “prestar ajuda, administração” (*NVI*), “assistência e direção” (*TEB*). Conforme declara o erudito Robert Banks:

Estas [as duas formas verbais gregas] significam simplesmente prestar assistência e dar orientação de modo menos personalizado... as ‘ações de ajuda’ e as ‘iniciativas práticas’ são tão próximas quanto possível. Mais uma vez, estes termos não são de caráter técnico. Certamente, não têm que ver com posições oficiais na igreja. Sua aplicação a funções, mais que às pessoas que se empenham nelas, sua posição no final da lista dos dons e, talvez, sua ocorrência apenas aqui no Novo Testamento, todas apóiam isto.⁸⁸

Relacionado com isto, achamos, no *New International Dictionary of the New Testament*, Vol. I, página 197, este comentário:

Este autor crê que ainda não existiam quaisquer cargos institucionalizados ou precisamente diferenciados na igreja que Paulo conheceu... Isto é confirmado pela lista de dons em Rom. 12:8, onde *prohistamenos* [“prover direção” ou “cuidar”] é caracterizado por *spoude* (zelo). O *prohistamenos* é alistado aqui junto com *didaskon* (aquele que ensina), *parakalon* (aquele que exorta) e *eleon* (aquele que pratica atos de misericórdia) Todas estas palavras são formas verbais que sugerem mais uma atividade que um cargo.

Outro fator que se deve ter em mente, se quisermos desenvolver um ponto de visto exato neste setor, é que *muitas vezes as palavras do idioma original permitem uma variedade bastante ampla de significados*. Alguns tradutores optam pelos significados que apóiam o conceito de um arranjo estruturado e de considerável autoridade

⁸⁷ 1 Coríntios 12:28, *BLH*.

⁸⁸ *Paul's Idea of Community*, páginas 144, 145.

oficial. Como exemplo, a *New American Bible* emprega em Romanos 12:8 a expressão “o que governa deve exercer sua autoridade com cuidado”. Aqui a expressão “o que governa” traduz o grego *ho proistámenos* (literalmente, o que fica na dianteira). Outras versões que dão sentido de autoridade à sua tradução, usam termos como “quem tem autoridade” (*BLH*), “líder” (*NEB*), “liderança” (*NVI*), “que preside” (*ARA*, *BJ* e *TEB*), “encarregado” (*American Translation*). Todavia, a *Revised Standard Version* traduz esta mesma expressão simplesmente por “aquele que dá ajuda”. Por que esta diferença?

É porque o termo da língua original (*proistemi*) tem ampla gama de significados. As fontes mostram que pode significar liderar, dirigir, assistir, proteger, representar, cuidar, apoiar, preocupar-se, dedicar-se.⁸⁹ O contexto nos orienta quanto ao significado envolvido, e, geralmente, nos lugares onde este termo aparece nas Escrituras Cristãs, os tradutores escolhem entre os dois sentidos de “liderar” e “cuidar”.⁹⁰ Os que tendem para o lado da autoridade fazem isso; os que preferem o sentido de cuidar e apoiar também mostram isso por meio de sua tradução. Seja como for, a tradução “aquele que dá ajuda” tem plena validade e certamente se harmoniza bem com o espírito geral das Escrituras Cristãs, e particularmente com o exemplo e o espírito do Filho de Deus.

A mesma expressão ocorre em 1 Tessalonicenses 5:12, onde encontramos esta exortação (da *New Revised Standard Version*):

Apelamos-vos, irmãos e irmãs, para que respeiteis os que labutam entre vós, e que *estão encarregados de vós* no Senhor e vos admoestam.

Mais uma vez encontramos um amplo espectro de versões desta expressão. Algumas rezam: “os que os presidem no Senhor” (*ARA*); “vos são superiores... no Senhor” (*BJ*); “que os lideram no Senhor” (*NVI*). Outras traduções, contudo, rezam: “velam por vós no Senhor” (*TEB*) e “aqueles que o Senhor escolheu para guiá-los” (*BLH*). Neste

⁸⁹ *Theological Dictionary of the New Testament* (Edição Resumida), página 938; *The New International Dictionary of New Testament Theology*, Vol. I, página 193.

⁹⁰ São exceções as ocorrências em Tito 3:8, 14, onde o sentido é o de aplicar-se, ocupar-se com, concentrar-se em algo.

versículo, novamente, como em 1 Coríntios 12:28, não se usam substantivos, mas as três formas verbais “trabalhar”, “cuidar (ou presidir)” e “ensinar (ou admoestar).” Mostrando a diferença que isto faz, Banks comenta:

Juntas, estas três palavras simplesmente indicam o esforço despendido por tais pessoas em realizar suas tarefas, o caráter de apoio de seu trabalho e a nota de exortação e advertência que lhe é apropriada... o que se considera aqui não são posições oficiais dentro da comunidade, mas funções especiais.⁹¹

Conceitos rígidos gerados por preconceitos

Além das tendências de certas traduções, nós mesmos podemos nos permitir ser influenciados em nosso entendimento do passado por aquilo a que hoje estamos acostumados. Temos a tendência natural de transpor ou projetar para trás os conceitos costumeiros atuais, sobrepondo-os a circunstâncias passadas. Se vivemos numa sociedade altamente organizada, ou estamos acostumados a um sistema religioso estruturado, talvez permitamos que isto influencie nosso entendimento das expressões bíblicas de modo a ir além do que mostra a evidência.

Se vemos a palavra “ministro” num texto bíblico, talvez pensemos nos “ministros” religiosos conforme os entendemos hoje. No entanto, a palavra usada pelos escritores cristãos (*diakonos*) significa apenas “servo, ajudante, assistente”.⁹² O sentido modesto, humilde, que a palavra transmite talvez seja mais bem expresso na declaração de Jesus:

“No mundo, os governantes dominam sobre os seus súditos, e seus grandes homens os fazem sentir o peso da sua autoridade; mas não será assim entre vós. Entre vós, quem quiser ser grande tem de ser o vosso servo [*diakonos*, “ministro” (NM)] e quem quiser ser o primeiro tem de ser servo disposto de todos — como o Filho do Homem; ele não veio para ser servido [do verbo *diakoneo*], “para que se lhe ministrasse” (NM), mas para servir.”⁹³

⁹¹ *Paul’s Idea of Community*, página 144.

⁹² A forma verbal, por exemplo, é usada em Lucas 10:40, sobre Marta cuidar dos deveres domésticos.

⁹³ Mateus 20:25-28, NEB.

Neste sentido *básico*, todo cristão, não só uma ou poucas pessoas de um grupo, devem ser “ministros”, isto é, pessoas que se põem a *serviço de outros*. Ser “ministro” neste sentido é bem diferente do que a maioria das pessoas hoje entende como o significado do termo.⁹⁴

A mesma palavra grega é vertida por “diácono” em certos casos, e isto também talvez nos faça pensar em termos de cargos eclesiásticos, embora o sentido, outra vez, seja simplesmente o de “ajudador” ou “assistente”, alguém que serve de algum modo necessário.⁹⁵ As Escrituras não dão detalhes nem estabelecem funções específicas ou formas de serviço para os chamados a servir em benefício de um grupo.

As traduções amiúde vertem o termo *episkopos* como “bispo” e é quase impossível ao leitor não pensar em termos de cargo eclesiástico neste caso.⁹⁶ Mesmo onde aparece a tradução mais correta “superintendente”, porém, pode ainda haver a tendência de pensar em superintendência num sentido oficial e organizacional. Eu pensava assim até preparar o artigo “Superintendente” para a obra *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, e descobri então que o sentido básico do termo de modo algum exige tal conceito. Conforme diz a matéria preparada para essa obra com relação ao sentido original do termo:

Assim, o *Theological Dictionary of the New Testament...* mostra que as formas verbais (*episkópeo* e *episképtomai*) eram empregadas no sentido secular básico de “encarar, considerar, mostrar consideração por algo, ou alguém”, “velar por”, “refletir sobre algo, examiná-lo, submetê-lo à investigação”, e “visitar”, sendo empregado neste último sentido especialmente ao se falar de visitas aos doentes, quer por parte de amigos, que lhes ministravam, quer por parte dum médico. O

⁹⁴ A organização Torre de Vigia vai além deste sentido básico de serviço em sua insistência de que todas as Testemunhas batizadas são “ministros ordenados”. Esforça-se em compará-los aos ministros denominacionais que ocupam um cargo em virtude de ordenação eclesiástica. Contraste os artigos na *Sentinela* de 1º de março de 1976 e na de 15 de setembro de 1981. Na última, o batismo é comparado a uma “cerimônia de ordenação”. Veja também *Crise de Consciência*, capítulo 10, nota de rodapé 13, bem como o apêndice a esse mesmo capítulo.

⁹⁵ 1 Timóteo 3:8-13.

⁹⁶ “Bispo” é, na verdade, a *forma portuguesa*, não a *tradução* do grego *episkopos*.

mesmo dicionário mostra que a *Septuaginta* emprega tais termos no sentido mais profundo de “preocupar-se com algo”, “cuidar de algo” e o aplica desta forma a um pastor e suas ovelhas.⁹⁷

Visto que, em seu uso secular, o termo (*episkopos*) pode ser usado para significar superintender, escrutinar e inspecionar, *poderíamos* sobrepor às referências das Escrituras Cristãs a idéia de um superintendente ou supervisor *organizacional* que “superintende” a atividade de outros, inspecionando-os e exortando-os em seu trabalho designado.⁹⁸ Mas por que deveríamos fazer isso quando o próprio termo não *exige*? Mesmo onde tal definição pode ser *admissível*, por que adotá-la em vez do sentido igualmente básico e válido do interesse cuidadoso, de velar por uma pessoa ou visitá-la por se preocupar com suas necessidades? Certamente esse sentido se harmoniza muito mais com o espírito das declarações de Cristo a seus discípulos, os princípios de serviço humilde que estabeleceu. Paulo captou este espírito quando afirmou:

Não dominamos a vossa fé, mas cooperamos [colaboramos, *BJ*] para a vossa alegria, pois, quanto a fé, estais firmes.⁹⁹

Os anciãos da comunidade cristã

O termo mais básico relacionado à direção da congregação é “ancião”. Nas línguas bíblicas, a palavra significa simplesmente “pessoa mais idosa”. Seria um erro pensar que o conceito de ancião é algo inerentemente ligado à religião. Na verdade, talvez seja a mais antiga

⁹⁷ *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, página 1587. Robert Banks comenta: “Finalmente, os próprios termos *episkopos* [superintendente] e *diakonos* [diácono, ministro] devem ser libertados das conotações oficiais eclesásticas que hoje têm para nós, pois não são essencialmente diferentes dos vários outros termos pastorais que Paulo usa. Não há nenhuma evidência real sugerindo que estes termos tinham qualquer sentido técnico nesta época. Isto é confirmado pelo fato de que, no segundo século, Inácio e Policarpo não têm conhecimento de um padrão episcopal na igreja de Filipo.” — *Paul’s Idea of Community*, página 147.

⁹⁸ *The New International Dictionary of New Testament Theology*, Vol. I, páginas 188, 189.

⁹⁹ 2 Coríntios 1:24, *TEB*.

forma de direção comunitária que a história conhece.¹⁰⁰ Nos tempos bíblicos, Egito, Moabe, Midiã e Gibeão tinham seus anciãos, que atuavam representando as famílias das comunidades em que viviam.¹⁰¹ Quando Israel se estabeleceu em Canaã, cada cidade e aldeia tinha seus anciãos, que serviam de modo similar.¹⁰² Eles não são descritos como uma espécie de corpo fixo de administradores funcionando continuamente de modo oficial. Em vez disso, eram simples e evidentemente indivíduos respeitados que estavam *disponíveis* sempre que surgia a necessidade, preparados quando chamados a prestar assistência ao lidar com dificuldades ou problemas, quer em favor de uma pessoa quer em favor da comunidade como um todo.¹⁰³ Não há nada que mostre que havia costume de designar os anciãos israelitas num sentido organizacional — nenhum rei ou sacerdote os “designava” como anciãos — nem que fossem vistos como pessoas que ocupavam um “cargo”. A ausência de qualquer evidência neste sentido parece indicar que tratava-se apenas da questão de ser *considerado* pela comunidade como uma pessoa que manifestava sabedoria e discernimento maduros, e ser *tido* ou *reconhecido* como tal pelos que já eram considerados anciãos na comunidade. Era visto como ancião basicamente em virtude daquilo que era como pessoa. O assunto todo reflete a atitude de respeito e deferência demonstrados naqueles tempos para com as pessoas de mais idade e experiência, quer na família quer na comunidade.

Quando se formaram as comunidades cristãs, entrou em vigor um padrão similar de orientação e ajuda. É verdade que lemos que Paulo e Barnabé “designaram anciãos” em várias cidades que visitaram e que Paulo instruiu Tito a fazer “designações de anciãos” (“estabeleças

¹⁰⁰ Veja *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, páginas 83 e 84. Poucos percebem que tanto o termo hebraico (*zaquen*) como o termo grego (*presbyteros*) para “ancião” correspondem em significado ao árabe “xeque”, ao latim “senador” e ao anglo-saxônico “alderman”, todos eles significando basicamente “homem mais maduro”.

¹⁰¹ Gênesis 50:7; Números 22:4, 7, 8; Josué 9:3-11.

¹⁰² Josué 20:4; Juízes 8:14, 16.

¹⁰³ Confira Rute 4:1-11; Lucas 7:3-5.

anciãos”, *TEB*) em locais por toda a Creta.¹⁰⁴ O *Theological Dictionary of the New Testament*, porém, diz sobre Atos 14:23:

No grego secular *presbyteros* significava simplesmente ‘homem mais maduro’ — pelo menos fora do Egito. Muito possivelmente Lucas entendeu o termo desta forma em Atos [14:23]. Se o fez, Paulo então designou alguns ‘anciãos’ para uma responsabilidade específica, não algumas pessoas para a posição de ancião.¹⁰⁵

Seja como for, estas eram circunstâncias especiais e envolviam a *autoridade apostólica*, exercida quer diretamente quer por delegação (como no caso de Tito), autoridade que já não existe. É certo que nem todos os anciãos de todos os lugares chegaram a essa condição por visita pessoal de apóstolos ou representantes apostólicos, e nada se diz quanto à condição de ancião ser conferida por correspondência nos tempos cristãos. Assim, eles a obtinham, evidentemente, em virtude de serem estimados localmente como pessoas de discernimento e sabedoria maduros, resultando em serem reconhecidos como irmãos mais velhos por aqueles com quem se congregavam. E como sugere a obra citada acima, em tais casos, qualquer “designação” visava não tornar alguém ancião, mas designar alguém que já era ancião para prestar um determinado serviço dentro da congregação. (Veja o Apêndice para informações adicionais.)

Assim, os arranjos dos tempos bíblicos parecem ter seguido linhas muito naturais. Os cristãos são apresentados como uma fraternidade, com uma atmosfera do tipo familiar.¹⁰⁶ Numa família, quando o chefe da casa (neste caso, Cristo) está ausente, os filhos mais velhos geralmente são encarregados de zelar pela família. Seu dever é o de servir a família de modo benéfico e protetor por representar fielmente

¹⁰⁴ Atos 14:23; Tito 1:5. Mesmo esta expressão (em grego, *cheirotoneo*) está sujeita a uma variedade de entendimentos. O *Theological Dictionary of the New Testament* (Edição Resumida), página 1312, diz sobre *cheirotoneo*: “1. Levantar a mão expressa concordância, e desta forma *cheirotoneo* significa primeiro ‘votar em’. Outros significados que decorrem são ‘selecionar’ e ‘nomear.’... 2. 2. Cor. 8:19 usa o verbo no sentido de ‘selecionar’. Paulo refere-se à pessoa que foi ‘escolhida’ para acompanhá-lo na questão da coleta. Em Atos 14:23 Paulo e Barnabé ‘nomeiam’ os anciãos e depois os estabelecem em seu trabalho com oração e jejum.”

¹⁰⁵ Edição Resumida, página 1312.

¹⁰⁶ 1 Timóteo 4:6; 5:1, 2.

o chefe ausente, mas nunca agir como se eles mesmos *fossem* o chefe. Não proclamam sua própria vontade ou instituem regras por sua própria conta, mas em vez disso recordam fielmente aos outros membros da família as coisas que o chefe lhes deixou como conselho, instruções ou padrões a serem seguidos.

Em qualquer grupo de pessoas que hoje se reúnam como crentes cristãos, existirão razoavelmente pessoas que são respeitadas porque demonstram discernimento e sabedoria maduros e que, quando a ocasião exige, podem atender aos pedidos ou às necessidades individuais de alguém, ou podem atuar em favor do grupo como um todo em assuntos importantes. De modo algum as Escrituras estabelecem a “designação” formal como algo essencial. O próprio arranjo familiar retratado nas Escrituras parece ir contra tal formalidade.¹⁰⁷

Uma comunidade internacional

Os cristãos do primeiro século se reuniam em grupos relativamente pequenos nos lares, e, uma vez passado Pentecostes, em parte alguma aparecem promovendo grandes assembléias envolvendo grandes números de pessoas vindas de diferentes regiões. Todos, no entanto, faziam parte de uma comunidade, agrupamento ou congregação maior, mundial, em virtude de estarem todos espiritualmente reunidos ao Filho de Deus como seu Cabeça. Como mostramos, esta relação ampliada não se expressava por estarem ligados ou sujeitos a

¹⁰⁷ *The New International Dictionary of New Testament Theology*, Vol. I, página 200, observa que João inicia sua segunda e terceira cartas referindo-se a si mesmo como um *presbyteros* ou “ancião”, e diz: “R. Bultmann crê que isto represente mais um título honroso para um portador e divulgador da tradição apostólica, e não que fosse membro de um corpo local de anciãos (KEK 14, 7, 95). Isto significava que não era um ocupante de cargo no sentido institucional, mas, em vez disso, um homem grandemente valorizado e respeitado nas igrejas da época, de modo similar ao dos primitivos profetas e instrutores. Sua autoridade residia unicamente na importância do que dizia, no poder da verdade e do Espírito.” Há razão para crer que isto se aplicava a todos os anciãos cristãos — que a fonte de seu poder e o peso de sua palavra derivavam, não de serem designados por uma organização, mas de divulgarem fielmente a Palavra de Deus, especialmente os ensinamentos do Filho de Deus, e do poder do Espírito santo de Deus. — 1 Coríntios 2:1-10; 4:19-21; 14:37; 2 Coríntios 3:1-6; 10:1-11.

Jerusalém como centro de administração religiosa, pois eles olhavam, em vez disso, para uma fonte celestial como seu centro de orientação. Esta unidade se expressava no seu amor a todos os outros com quem partilhavam uma fé em comum, vistos ou não-vistos, pessoalmente conhecidos ou não, pois esse amor é “o perfeito vínculo de união”.¹⁰⁸ Demonstravam sua relação unida por meio da hospitalidade, estendendo-a aos que antes eram estranhos, partilhando suas coisas boas uns com os outros, por vir em socorro dos necessitados onde eles estivessem, partilhando cartas e outras notícias encorajadoras com os que se reuniam em outros lugares, orando por eles, sentindo com eles suas provações e dificuldades, exatamente como os membros de uma família fariam naturalmente uns pelos outros.¹⁰⁹ Portanto, faz-se este comentário com respeito à participação de Paulo em tudo isto:

[Ele] buscava edificar relacionamentos duradouros de caráter pessoal em vez de institucional.... Estes grupos cristãos dispersos não expressavam sua unidade por se amoldarem a uma organização jurídica, mas, em vez disso, através de uma rede de contatos diretos entre pessoas que se consideravam membros da mesma família cristã.¹¹⁰

Podemos fazer o mesmo hoje. Temos a liberdade para fazer o mesmo hoje. É correto que desejemos associação. Temos de estar abertos a ela, e não só abertos, mas temos de desejá-la e buscá-la, lutar para mantê-la apesar das imperfeições. No entanto, se prezarmos a liberdade cristã, nunca faremos isto pelo preço de sacrificar a integridade para com a verdade. Lembramos da exortação apostólica: “Vocês foram comprados por alto preço; não se tornem escravos de homens.”¹¹¹ Não precisamos comprar companheirismo pelo preço de deixar que um sistema religioso nos amarre a seu credo e nos submeta à sua estrutura de autoridade, ou deixar que seus líderes nos façam sentir que devemos ser apoiadores da denominação *deles*. O vivo interesse, de mente e coração abertos, nas *pessoas*, a disposição até

¹⁰⁸ Colossenses 3:12-14.

¹⁰⁹ Mateus 25:34-40; Romanos 12:10, 13, 15; 2 Coríntios 7:5-7, 13; Filipenses 2:19, 25-29; Colossenses 4:16; 1 Tessalonicenses 5:14, 15; Hebreus 6:10; 10:32-34; 10:1-11.

¹¹⁰ *Paul's Idea of Community*, página 48.

¹¹¹ 1 Coríntios 7:23, *NVI*.

mesmo de *comprometer-se* com as pessoas com genuíno interesse e amizade, é uma coisa. Comprometer-se com um *sistema* é outra.

Na segunda carta a Timóteo, Paulo comparou os adeptos da fé cristã a “uma casa grande”. Essa “casa” está incrivelmente grande em nossa época. Ele descreveu a casa como tendo vasos de tipos opostos, alguns valiosos, e alguns usados apenas para fins ignóbeis. E aconselhou Timóteo a ser criterioso, do mesmo modo como alguém não usaria para comer e beber vasos que eram utilizados para lavar coisas sujas.¹¹² Não que ele tivesse de se considerar acima dos outros, ou não quisesse ter contato com eles, nem mostrar interesse por eles nem ajudá-los. Mas ele discerniria o benefício da associação com aqueles cujas qualidades e atitudes fossem saudáveis, proveitosas, genuinamente edificantes.¹¹³ Faremos bem em mostrar tal critério hoje. Em vez de deixar que a pressão para encontrar associações nos faça tomar decisões apressadas, seremos sábios em demonstrar paciência, pesando o efeito que a associação oferecida terá em nossa liberdade cristã, avaliando calmamente seus supostos benefícios, examinando a base do seu atrativo. Pode levar tempo para encontrar companhias que nos edifiquem e sobre as quais possamos ter um efeito edificante — em liberdade. Mas vale a pena esperar.

Por algum tempo, talvez enfrentemos certo grau de solidão. Os exemplos que Deus nos dá por meio de seus servos como encorajamento à nossa fé são em grande parte de pessoas que também suportaram épocas de solidão. Alguns até “vagueavam pelos desertos, e pelas montanhas, e pelas cavernas, e pelas covas da terra”! Lembrando deles e da recompensa que lhes foi assegurada, podemos alentar-nos, ‘levantar as mãos pendentes, fortalecer os joelhos debilitados e endireitar as veredas para os nossos pés’ em vez de disparar por um caminho de menor resistência.¹¹⁴ Se a escolha tem de ser feita, podemos sem temor, por certo período, dispensar as associações humanas na convicção de que jamais estamos sós, que mantemos em todas as épocas a amizade transcendente de Deus e seu Filho. Esta é a única sem a qual não podemos passar, tudo o mais podemos fazer, se for preciso. A fé nos assegura que eles nos levarão

¹¹² 2 Timóteo 2:20, 21.

¹¹³ Compare 2 Timóteo 2:16-26 com 1 Coríntios 15:1, 2, 12, 33, 34.

¹¹⁴ Hebreus 11:38; 12:1, 12, 13.

com eles, sustentarão, fortalecerão e encorajarão com seu amor. À medida que nossos esforços forem recompensados ao fazermos amizades edificantes com outros, poderemos ver isto como algo extra, acrescentado, nunca algo essencial.

Creio que essa perspectiva pode resultar, de fato, em encontrarmos, se não maior número de amigos, pelo menos amigos mais dignos, genuínos, cuja amizade não esteja condicionada pelo modo como uma organização ou denominação ou homens de autoridade nos encaram, mas por aquilo que nós mesmos somos. Sei que ganhei pessoalmente, em muitos países, mais de tais amigos sinceros nas duas décadas passadas do que em todos os sessenta anos anteriores.

Qualquer que seja o caso, nossa liberdade se fortalece por sabermos que existem amizades superiores, amizades mais vitais. As pessoas podem nos faltar. Não importa quão sinceramente nós as respeitemos, admiremos ou amemos, elas podem nos faltar. As experiências de Davi e Daquele a quem ele às vezes tipificou, Cristo Jesus, ilustram vigorosamente isto.¹¹⁵ Mas Deus e seu Filho nunca nos faltarão, nunca nos deixarão “cambaleando”, estarão sempre ali em nosso favor nas épocas de necessidade.¹¹⁶

¹¹⁵ Salmo 35:11-15; 38:11; 55:12-14; confira João 1:11; Mateus 26:20, 21, 33-49, 56; 2 Timóteo 1:15.

¹¹⁶ 2 Coríntios 4:8, 9; Hebreus 13:5, 6; Salmo 16:5-8; 30:5.

Posfácio

O que foi escrito apresenta, creio, informações que têm o apoio de evidência factual suficiente para fazê-lo digno, pelo menos, de séria consideração. Acho igualmente que os *princípios* essenciais expostos têm sólida base bíblica. Se a informação terá algum efeito sobre os que a lerem ou o que farão depois, é, e deve ser, algo que depende unicamente da decisão deles.

O que agora escrevi são essencialmente minhas próprias idéias, baseadas nas evidências apresentadas e no efeito que tiveram em minha própria vida. Estão aqui independentemente de seu valor. Faço isso sem intenção de oferecê-las como modelo que acho que outros devam seguir. Devo dizer que a própria *franqueza* das Escrituras em certas áreas deve tornar-nos cautelosos neste aspecto. O fato de Cristo, o cabeça da família cristã — cujo espírito, junto com o de Deus, dirigiu os apóstolos e discípulos na elaboração das Escrituras Cristãs — ter achado melhor deixar tanta coisa sem ser dita sobre certos assuntos importantes (ou pelo menos, os que talvez achemos importantes) é certamente digno de nota. Estes incluem a frequência, a forma e o modo de realizar as reuniões cristãs, e até seu conteúdo. Conforme já vimos, as declarações do capítulo 14 da Primeira Carta aos Coríntios são nossa fonte mais abundante do que os primitivos cristãos faziam nestas ocasiões, e o que temos ali é incrivelmente breve e escasso de detalhes. Do mesmo modo, embora as cartas apostólicas revelem que alguns homens serviam a seus concorrentes da comunidade cristã em várias capacidades e modos, temos no máximo uma descrição muito genérica dos serviços que prestavam — nada que possa sequer ser visto como uma lista básica de deveres específicos.

Em resumo, se buscarmos nas Escrituras Cristãs algum tipo de manual organizacional explícito, buscaremos em vão. Por isto, creio que seria presunçoso que um de nós, seja quem for, fale sobre o que Deus não falou, defina e ordene algo que o chefe da família, Cristo, não definiu nem ordenou, e *espere que outros sintam qualquer obrigação* em resultado do que fazemos. Somos aconselhados a fazer as coisas em paz e boa ordem, e isso pode ser conseguido de comum

acordo entre os associados, sem necessidade de imposição por uma autoridade. A liberdade, em todos os aspectos da vida, constitui uma prova para os que dela partilham, uma prova de seu altruísmo e de sua devoção a princípios e ideais corretos. Apenas a falha em demonstrar estas qualidades é que faz o controle autoritário parecer uma solução desejável. O autoritarismo e o controle por meio de regras podem trazer ordem, mas também encobrem e disfarçam a realidade do que as pessoas verdadeiramente são. A liberdade permite que se tornem manifestas suas verdadeiras qualidades e atitudes.¹

Finalmente, na questão da associação em si, temos de reconhecer que, embora seja notável a simplicidade dos princípios bíblicos, o cenário que se seguiu foi tornado complicado. As Escrituras previam a adulteração da pureza da comunidade cristã. Não estabelecem, porém, uma fórmula precisa dizendo como podemos hoje identificar determinada religião como a ÚNICA associação religiosa verdadeira com que devemos nos alinhar. Pelo contrário, Cristo Jesus nos assegurou que a separação da mistura de cristãos genuínos e falsos no campo mundial de trigo e erva daninha (ou joio), e a colocação destes em categorias claramente definidas, é algo além da capacidade humana.² Estou convencido de que esta mistura prevalece em todas as denominações (e as Testemunhas de Jeová não são exceção) e, com toda probabilidade, com o joio ultrapassando o trigo em número. A separação e a clara identificação deles só se tornará manifesta no dia de julgamento de Deus.

Para os que foram motivados pela consciência a desligar-se de um sistema religioso, a solução óbvia para a falta de associação pode parecer simplesmente ingressar numa outra religião. Há centenas de denominações para escolher, todas tendo uma medida de verdade e uma medida de erro, embora a proporção entre ambos possa variar. Não me sinto pessoalmente inclinado a juntar-me a qualquer delas. Não que eu esteja procurando alguma totalmente livre de erros. Estou convicto de que isso não existe. Tenho certeza de que eu mesmo não estou livre de erros, assim como ninguém mais está.

¹ Gálatas 5:13; 1 Pedro 2:16, 17.

² Mateus 13:28-30, 39-43.

O fato de que há sérios erros na religião das Testemunhas de Jeová não torna subitamente correto tudo o que há nas outras religiões. Elas também têm sérios problemas, que às vezes admitem abertamente. Estou convicto de que muitas organizações religiosas são menos autoritárias do que a que deixei, que muitas permitem um grau razoável de liberdade de expressão. Existe hoje, em alguns aspectos, maior liberdade para expressar diferenças na Igreja Católica do que em algumas religiões menores, incluindo as Testemunhas de Jeová.³ Este fator do menor controle autoritário parece oferecer certo grau de vantagem. Mas sei que, quando alguém se filia a uma denominação, espera-se dele, no mínimo, que aceite e apóie os ensinamentos específicos que distinguem essa denominação das outras. Embora os membros da denominação possam minimizar a seriedade das diferenças que a separam das outras, especialmente quando incentivam as pessoas a entrar, os que deram início à denominação obviamente consideraram esses ensinamentos distintivos como suficientemente importantes e sérios para fazê-los separar-se da religião de que antes faziam parte. E a liderança atual deve considerá-los no mínimo como sérios o suficiente para impedir a reunificação com a religião anterior, ou a união com alguma outra.

Reverendo a situação mundial, o ex-teólogo católico romano Charles Davis fez este comentário:

Os cristãos precisam urgentemente de uma expressão social adequada e apropriada para sua fé. Penso nos inúmeros cristãos independentes que existem hoje. Pessoas que em sua perspectiva essencial são cristãs, que talvez professaram a fé cristã no passado, mas que simplesmente não podem conceber ou não foram capazes de

³ Isto de modo algum implica em que houve alguma renúncia ao alegado poder das autoridades papais. Embora haja maior liberdade para debates, os líderes da igreja são rápidos em reagir quando alguma declaração pública é vista como criando qualquer dúvida quanto à sua autoridade e alcance. Como diz Charles Davis: “Hoje em dia, na medida em que [um teólogo] possa permanecer dentro do domínio da teologia pura... é cada vez menos provável que seja perturbado. Ele tem de ser cauteloso, mas as autoridades da igreja estão começando a entender que há pouco que possam fazer para controlar o pensamento teológico. Mas toque num aspecto prático, que nem precisa afetar a própria fé cristã, mas simplesmente a política oficial ou a ordem estabelecida, e vem o rebuliço.” (*A Question of Conscience*, página 236.).

suportar a vida dentro das igrejas atuais. Não tendo visto nenhum modo alternativo de vida cristã, desviaram-se da fé cristã. A fé de muitas delas poderia ser levada à maturidade se lhes tivessem mostrado como viver e estruturar socialmente a fé cristã sem se tornarem prisioneiras das estruturas obsoletas das denominações existentes. . . .

Continuar fazendo o jogo institucional atual dentro e através das estruturas denominacionais atuais é impedir que uma forma radicalmente diferente e melhor de presença cristã no mundo se torne plenamente visível. E significará assistir um crescente número de pessoas deixar de professar a fé cristã em virtude de não a identificarem com as igrejas atuais. Não reconhecem que muitas vezes é a fé cristã que os leva a rejeitar as estruturas institucionais contrárias à auto-compreensão do homem e à verdade e ao amor cristãos.⁴

Ele reconheceu que a maioria dos que professam o cristianismo hoje deve obviamente se encontrar nos sistemas denominacionais e que muitos estão trabalhando sinceramente dentro de suas estruturas. Ao mesmo tempo, explicou por que, mesmo assim, achava pessoalmente aconselhável a atitude do “desligamento”, dizendo:

O desligamento é necessário porque se deve reconhecer que as estruturas sociais existentes nas igrejas são inadequadas e obsoletas. Em que pese o fato de que podem se tornar úteis, elas têm de ser consideradas como limitadas em função, relativas em valor e essencialmente inconstantes. O cristão tem de assumir sua condição livre e recusar-se a ser enquadrado em qualquer organização totalitária. A obediência ao Evangelho e à comunidade cristã como um todo exigirá freqüentemente que se oponha às alegações, prescrições e posturas oficiais das instituições eclesiásticas existentes. Isto não é um convite à licenciabilidade individual. O cristão individual se empenhará em fundamentar seu pensamento na tradição cristã como um todo e estará em contato com outros cristãos. Mas a submissão completa à linha oficial de sua igreja é uma irresponsabilidade para o cristão.⁵

Não pretendo poder atender aos pedidos de oferecer algo “atraente” no sentido de algo que alguém poderia gostar no sentido de filiar-se ou associar-se. Acho que cada um de nós precisa meditar no quadro retratado pelo escritor de Hebreus na parte final de sua carta. Ele primeiro descreve como, após o sangue ser derramado em sacrifício, os

⁴ *A Question of Conscience*, páginas 237, 238.

⁵ *A Question of Conscience*, página 238.

corpos dos animais eram levados para fora do acampamento de Israel para serem queimados, e então diz:

Assim, Jesus também sofreu fora das portas da cidade, para santificar o povo por meio do seu próprio sangue. Portanto, saímos até ele, fora do acampamento, suportando a desonra que ele suportou. Pois não temos aqui nenhuma cidade permanente, mas buscamos a que há de vir.⁶

O que significa para nós “sair até ele, fora do acampamento”? “Fora do acampamento” é aqui equivalente a “fora da cidade”. A primeira menção de uma cidade nas Escrituras é com relação a Caim e revelava sua falta de confiança na declaração de Deus de que sua vida não seria tirada por outros humanos. A cidade torna-se assim simbólica da busca de segurança pelos próprios meios.⁷ Esse mesmo espírito logo aflorou no período pós-Dilúvio, e a ânsia de edificar uma cidade sintetizava o desejo de segurança por meios humanos, junto com o desejo de poder e proeminência que a cidade oferecia.⁸ O conceito *oposto* é apresentado como evidência da fé de homens como Abraão, Isaque e Jacó, que não buscavam a proteção das cidades, mas viviam em tendas porque aguardavam “a cidade que tem alicerces, cujo arquiteto e edificador é Deus”.⁹ Tudo isto confere significado mais profundo às palavras do escritor cristão de que “não temos aqui nenhuma cidade permanente, mas buscamos a que há de vir”, uma cidade descrita em outro lugar como celestial, a “Jerusalém de cima”, a “cidade do Deus vivente”.¹⁰

Embora o mundo todo, não só as grandes cidades, seja simbólico da busca humana de segurança, poder e proeminência, o contexto das palavras da carta aos Hebreus parece focalizar uma área mais específica, a religiosa. Jesus foi executado “fora das portas da cidade” e a cidade era Jerusalém, na época centro da adoração a Deus, adoração que sob o antigo pacto podia ser chamada de “adoração organizada”. Hoje, a adoração dos servos de Deus não está, ou pelo menos *não devia* estar, centralizada em nenhuma cidade deste mundo. Muitos podem corretamente alegar que não buscam em alguma cidade

⁶ Hebreus 13:12-14, *NVI*.

⁷ Gênesis 4:13-17.

⁸ Gênesis 11:1-9.

⁹ Hebreus 11:8-16 (*NVI*).

¹⁰ Hebreus 12:22; 13:14; Gálatas 4:25, 26; Revelação 21:1-7.

literal a sensação de segurança religiosa ou a fonte de poder e proeminência. Mas já que não “saímos até ele [Cristo]” fora das portas *literais* da cidade ou fora de um acampamento *literal*, a prova não se refere a mostrarmos disposição de buscar segurança noutro lugar que não seja uma cidade *literal*. Muitos daqueles a quem se dirigia a carta aos Hebreus não moravam em Jerusalém, e nós, como eles, somos chamados a ir para fora de um acampamento figurativo. Hoje, vemos que se desenvolveu uma grande “instituição” religiosa, composta de muitas denominações. Formam, em si, muitos “acampamentos” separados, e todavia, em conjunto, formam um enorme “acampamento”, constituindo uma instituição religiosa combinada semelhante a uma cidade. Podemos ver isto no fato de que geralmente se obtém reconhecimento como parte dessa instituição por tornar-se membro de uma das denominações que a compõem. Não fazer parte desse “acampamento”, em um ou mais de seus setores, significa muitas vezes ser visto como forasteiro, não importa a força de sua fé ou de sua devoção a Deus, ou a intensidade com que se mantém unido ao Filho dele.

Em escala menor, mais individual, os novos movimentos religiosos muitas vezes começam com a aparência de tendas. A maioria, porém, logo se esforça para ser uma organização com aparência de cidade, que ofereça a sensação de segurança e tamanho, junto com isto, poder e, devido a esses fatores, bastante influência. Isto permite aos que se associam a ela participar da sensação de importância e poder grupal, bem como da sensação de estar mais comodamente instalados. As cidades literais, apesar de oferecerem aparente segurança e capacidade de satisfazer o desejo de poder e proeminência, tinham seus males, inclusive “a redução dos indivíduos à condição de membros da multidão”.¹¹ O mesmo efeito se vê nas “cidades” religiosas figurativas. Elas provêem os meios para que uma minoria atinja a proeminência, mas quanto maiores ficam, mais o indivíduo se reduz a um mero apoiador (um segmento da base de poder). O contato íntimo se torna

¹¹ *The International Standard Bible Encyclopedia*, Vol. I, página 714. Esta obra comenta também: “A vindoura cidade de Deus é definida pela presença de Deus, que é tudo em todos... Esta seria nossa ‘identidade urbana’ primária, implicando em que residimos como peregrinos e estrangeiros nas outras cidades do mundo. Nossa tarefa é ser a ‘cidade erigida sobre a colina’ e a ‘luz do mundo.’”

menos freqüente, menos fácil, resultando em relações que se tornam mais frágeis, não mais fortes. Contudo, a tendência humana natural é ficar longe das “tendas”, de sua aparente insignificância e falta de sinais exteriores de força e permanência, e preferir a “cidade” ou “acampamento” com tudo o que parecem oferecer. O orgulho certamente inclina as pessoas a achar as “tendas” irritantes, insatisfatórias. O orgulho aponta em direção à “cidade”.

Para os hebreus a quem se dirigia a exortação, o cristianismo significava dispor-se a ir para “fora do acampamento”, ao preço de perder as antigas associações e ser rotulados como proscritos, sem direito a certos privilégios usufruídos pelos “do acampamento”. Mas suportar esta dificuldade e o aparente isolamento não os isolaria de Cristo; trá-los-ia para *mais perto* de Cristo. Como Abraão e outros, eles poderiam mostrar que não tinham aqui “nenhuma cidade permanente”, mas buscavam uma cidade com alicerces eternos. Distanciar-se do “acampamento” não significa distanciar-se de Deus, mas pode em vez disso trazer maior sensação de intimidade com ele. É por isso que, depois de seu convite para seguir a Cristo “fora do acampamento”, o escritor da carta aos Hebreus fala imediatamente em dar “a Deus um sacrifício de louvor”.¹²

Creio que aceitar a vida “fora do acampamento” é uma das coisas mais difíceis que as pessoas enfrentam, talvez não menos difíceis que para os hebreus aconselhados naquela época. Minha opinião neste respeito não se deve a simples aversão à “cidade” no sentido de grandes organizações religiosas estruturadas, mas porque creio sinceramente que coisas muito valiosas se perdem quando voltamos ao “acampamento” ou fixamos “residência” em alguma “cidade”, especialmente coisas como a simplicidade da fraternidade, o espírito familiar, a ênfase ao espiritual em vez do tangível, do visível e do fisicamente impressionante. Acho razoável crer que a humildade talvez seja mais bem cultivada no ambiente das tendas que no da cidade. Viver “fora do acampamento” pode significar falta de reconhecimento público e trazer a sensação de estar “de mudança” em vez de

¹² Hebreus 13:15.

comodamente instalado, mas creio que isso traz benefícios espirituais e eternos mais que gratificantes, que encham o coração.¹³

O que foi dito, tanto aqui como ao longo deste livro, não visa a defender o isolacionismo do eremita. Todos nós precisamos nos relacionar com outros. Temos íntima consciência disto. A questão essencial, porém, é se o fato de nos associarmos com outros resultará num relacionamento que permita o exercício da consciência pessoal e o direito de atuar como indivíduo responsável, ou se, ao invés, implicará na perda destes direitos para uma associação que, no final das contas, priva a pessoa da liberdade e da integridade pessoal.

Quanto a mim, não desejo filiar-me a qualquer denominação. Não por não querer confraternizar com as pessoas, ou por um exagerado sentimento de independência, nem devido a uma presunçosa sensação de auto-suficiência, ou a uma farisaica relutância em correr o risco de ser “contaminado” pela associação com aqueles cujas crenças incluem algumas que considero erradas. No geral, acho que estou talvez menos propenso a condenar os membros das denominações do que estas muitas vezes estão a julgar umas às outras.¹⁴ Meu sentimento de sinceridade não é para com os *sistemas* aos quais as pessoas estão ligadas, mas para com elas como *pessoas*.

O fato de eu permanecer livre de laços denominacionais, pois, não reflete uma perspectiva puramente negativa ou pessimista, mas deve-se primariamente a fatores positivos. É porque creio que posso prestar *maior e melhor* serviço a Deus, a Cristo e a meu semelhante sem me ligar a nenhum sistema, quer seja a uma única denominação ou à “instituição” religiosa multi-denominacional como um todo. Considero-as, sinceramente, mais estorvo que benefício. Os

¹³ Empregando diferente analogia, o autor e educador John A. Shedd certa vez disse: “Um navio no porto está seguro — mas não é para isso que servem os navios.”

¹⁴ O protestantismo, por exemplo, geralmente se divide ao longo de ampla variedade de linhas — evangélica, reformada, carismática, fundamentalista, liberal e assim por diante — enquanto dentro de cada uma destas amplas divisões existem dezenas de linhas denominacionais que geram mais separações. Qualquer unidade mostrada é geralmente apenas na forma de declarações simbólicas. O sentimento de competição, infelizmente, é amiúde mais evidente.

argumentos de que podemos fazer mais sendo parte de um sistema que à parte dele não me convencem. O registro bíblico mostra que os profetas atuavam basicamente fora do “sistema”. João Batista fez isso e o próprio Jesus também. E não creio que entre os cristãos dos tempos apostólicos houvesse algo parecido com a “instituição” ou “sistema” religioso atual. O poder de Deus e de seu Filho certamente ultrapassa qualquer poder *derivado* que se possa obter mediante a filiação a uma organização, muito embora a organização possa ser, como são algumas, de tamanho gigantesco. Acho esse tipo de poder altamente ilusório, pois traz consigo suas próprias condições limitadoras e restritivas como requisitos para a filiação, condições prévias que debilitam o indivíduo *como pessoa*, em vez de fortalecê-lo. E creio que *é aquilo que somos como pessoas* que no fim significará mais em nossos esforços de beneficiar outros.

Na minha situação atual, gosto de sentir-me totalmente livre para mostrar interesse em toda e qualquer pessoa, seja ela de alguma denominação ou não, sem me predispor em favor de umas contra outras e sem que sintam que estou promovendo os interesses de alguma denominação. Não há dúvida de que a maioria de meus contatos é com pessoas que eram ou ainda são filiadas às Testemunhas de Jeová. Isto, todavia, não se deve a um interesse menor por outras pessoas. Isso ocorreu naturalmente. É de onde chega a maior parte de meus contatos, bem como a maioria dos pedidos de ajuda. Reconheço, é claro, que talvez possa prestar maior ajuda a pessoas que foram ou são Testemunhas de Jeová, já que meus antecedentes me permitem entender melhor suas circunstâncias e pontos de vista do que os de pessoas de outras procedências. Contudo, minha esposa e eu temos convidado vários casais vizinhos nossos para refeições em nossa casa, pessoas de diferentes origens religiosas, de modo a conhecê-los melhor. E em todos os casos nossas palestras incluíram assuntos espirituais, não porque nós *planejássemos* introduzi-los, mas por causa do normal interesse de nossos vizinhos. Um católico romano da Itália nos visitou e fez refeições conosco várias vezes, e sempre achei suas visitas estimulantes devido a sua clara preocupação com as pessoas e seu interesse pessoal nas Escrituras. Estou à disposição de todas estas pessoas, e creio que qualquer delas, quando precisa, sente-se livre para recorrer a mim para qualquer ajuda que eu possa dar tanto de modo

espiritual como em outros aspectos da vida. Espero aumentar e ampliar tais contatos nos próximos anos.¹⁵

Creio que o costume do primeiro século de reunir-se nos lares para associação cristã é tão praticável hoje quanto naquela época. Não creio que, para haver proveito, exija-se a presença de algum indivíduo notavelmente informado, ou de uma pessoa do tipo “carismático”. Não temos o Filho de Deus pessoalmente entre nós, como foi o privilégio dos do primeiro século. Tampouco temos apóstolos entre nós. Mas temos as palavras do Filho de Deus, o registro de sua vida e as palavras de seus apóstolos. Simplesmente ler juntos as Escrituras e considerar o que significam para nós pode ser uma fonte de encorajamento e vigor. Pelo menos, descobrimos que isso ocorre no nosso caso.

Não há, obviamente, uma regra restringindo as reuniões a grupos relativamente pequenos.¹⁶ Tampouco há ordem para reunir-se apenas nos lares. Prefiro isso não por crer que somos obrigados a fazer as coisas exatamente como no primeiro século, mas por causa dos *benefícios* que vejo nestas reuniões comparativamente pequenas nos lares. Acho que o fator decisivo deve ser quanto ao arranjo aumentar ou diminuir a sensação de relacionamento familiar, a simplicidade que nos permite dar atenção ao que é espiritual, a sensação de que a reunião não é uma espécie de compartimento distinto, separado, mas simplesmente um dos muitos fios de atividades que, trançados juntos, formam o tecido de uma vida de serviço a Deus, a expressão natural de amoroso interesse nos outros. Sinto pessoalmente que esses fatores são fortalecidos pelas reuniões nos lares e muitas vezes obscurecidos nos cultos das igrejas.

Às vezes surge a questão do batismo. Pode haver a tendência de pensar no batismo no contexto de uma comunidade religiosa, como um evento patrocinado ou até *autenticado* por uma comunidade desse tipo. Ao contrário, é difícil imaginar um ato mais *pessoal* que o batismo. O relato do eunuco etíope e seu batismo espontâneo à beira da estrada

¹⁵ Apreciamos ter tido também pelo menos algumas pessoas que não foram Testemunhas de Jeová comparecendo a muitos dos debates bíblicos em nossa casa.

¹⁶ Em Atenas, Grécia, os que participam de reuniões nos lares — ex-Testemunhas e outros que são Testemunhas — chegam a atingir normalmente até sessenta pessoas.

durante uma viagem ilustra maravilhosamente isto.¹⁷ O ato nada tem que ver com tornar-se membro dum sistema religioso, mas simboliza a confissão de fé no Filho de Deus feita publicamente e “a solicitação de uma boa consciência a Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo”.¹⁸ Nas Escrituras, os batismos não aparecem como ocasiões programadas, nem mesmo o batismo de milhares em Pentecostes. Não eram parte de um programa de “congresso”. Eram realizados de modo espontâneo, quando surgia a ocasião, e era administrado por quem estivesse presente.¹⁹ Não há, pois, razão alguma para aguardar circunstâncias especiais ou uma ocasião especial para um batismo. Um varão pode até batizar pessoas de sua própria casa.

Há também a questão de batizar-se de novo. Certamente que, *em si*, o fato de alguém deixar uma organização religiosa não exige isto, como se a validade ou a falta de validade do batismo dependessem da filiação à organização. Visto que o ato é totalmente pessoal, o fator determinante é: O que significou seu batismo na época, o que tinha você na mente e no coração? Para mim significou oferecer meu próprio ser a Deus através de Cristo à base de seu sangue derramado; esse pensamento destacava-se na minha mente e enchia meu coração no exato momento em que fui batizado. Jamais tive dúvida de que Cristo era meu Senhor e Amo. É verdade que eu estava numa organização religiosa específica e apoiei-a plenamente por muitas décadas. Mas fiz isto porque cria que a organização estava genuinamente servindo a Deus e a Cristo, submissamente obedecendo a eles. Quando, com o tempo, surgiu a questão que tornou evidente que eu tinha de enfrentar uma escolha, não tive nenhuma dúvida quanto à escolha que devia fazer, ainda que esta significasse encerrar um aspecto da herança religiosa que vinha de três gerações. Não encerrou outro aspecto, o principal, pois meus pais Testemunhas nunca inculcaram em mim a crença de que a organização vinha em primeiro lugar, mas que Deus sempre vinha em primeiro lugar. Imagino que no caso de outros possa não ter sido assim. Eles estão livres, é claro, para tomar suas próprias decisões quanto à sinceridade de sua motivação na época do batismo.

¹⁷ Atos 8:26-39.

¹⁸ Romanos 10:9, 10; 1 Pedro 3:21, 22.

¹⁹ Atos 9:17, 18; 10:44-48; 16:14, 15, 25-33.

Alguns falam que “se tornaram cristãos” e “aceitaram a Cristo” após deixarem as Testemunhas de Jeová. Pode ser verdade no caso deles. No meu caso foi precisamente por *ser* cristão e *ter aceitado* a Cristo como meu Cabeça e Amo designado por Deus que tomei a atitude que tomei. Minha separação da organização Torre de Vigia não **resultou em** eu aceitar a Cristo, mais foi **resultado de** eu tê-lo aceitado muitas décadas antes.

São então, cristãos, as Testemunhas de Jeová? Os que fazem essa pergunta geralmente querem dizer: São cristãos “autênticos”? Os que perguntam têm amiúde suas próprias definições do que constitui esta “autenticidade”, definições influenciadas pelo credo que agora apóiam. Minha resposta é que creio que há entre as Testemunhas de Jeová o mesmo percentual de cristãos autênticos que há em qualquer outra igreja. Sei, pelos meus sessenta anos de convivência com elas, incluindo a associação íntima com os homens da liderança, que muitas estão interessadas de coração em promover a adoração a Deus. Fazem o que fazem por crerem, correta ou incorretamente, que seus esforços promovem tal adoração. Creio que a *organização*, em si, manifesta sérios desvios do cristianismo em seus ensinamentos e práticas. Esses fatores constituem obstáculos definitivos ao apreço mais pleno e mais rico dos ensinamentos da Palavra de Deus. Obscurecem num grau perceptível a relação que devemos ter com Deus e seu Filho, e restringem as pessoas de expressarem plenamente os frutos do Espírito de Deus e do amor que têm no coração. Mas creio que também há obstáculos em outras denominações, embora tomem formas diferentes. Não creio que os obstáculos em si possam impedir a pessoa de ter um coração devotado a Deus e a Cristo se ela não permitir isso.²⁰ Com o tempo, os aspectos

²⁰ Meus sentimentos aqui correspondem aos expressos em *A Question of Conscience*, no qual o autor, Charles Davis, escreve (página 22): “Quando me perguntavam sobre como me sentia por estar fora da Igreja Católica Romana, eu me via espontaneamente respondendo: é como se eu tivesse voltado a fazer parte da raça humana.” Senti o mesmo quando me desliguei da organização Torre de Vigia. Davis, porém, continua dizendo: “Não quero que me entendam mal. Conheci grande generosidade e amor entre os católicos... Não me considero separado dos católicos como pessoas cristãs. Não estou, portanto, desprezando os católicos como pessoas individuais... Conheço-os como pessoas muito boas, mas que lutam em grande desvantagem... dentro dos limites da sua igreja.”

não-cristãos de uma organização podem forçar a pessoa a uma escolha que demonstrará onde está sua verdadeira lealdade, em que deposita sua verdadeira fé. A sinceridade de seu cristianismo será então provada. Por um lado, parece que seria vantajoso se viesse a reconhecer a realidade dos fatos sem precisar passar por uma situação de crise. Todavia, se a pessoa põe plenamente à prova qualquer associação que tenha, de fato “empurrando-a contra a parede”, antes de encerrá-la por ser fútil, isso pode também ter o efeito de amadurecê-la, torná-la mais sóbria. Tendo se esforçado para trabalhar dentro de um sistema, tendo feito tudo o que podia no sentido do aprimoramento ou da influência para a correção das falhas, em vez de simplesmente abandonar o sistema ao primeiro sinal de erro ou falha, pode ser uma experiência valiosa. De outro modo, a pessoa poderia imaginar se a decisão de desligar-se foi realmente correta. Tomei aquela atitude, e desde então não tive dúvidas quanto à correção da decisão que tomei.

Assim como podemos resolver rapidamente o problema de com quem se associar entrando para alguma denominação, podemos rapidamente resolver o problema de em que crer adotando o que se chama “ortodoxia”. O termo em si é excelente, vindo das palavras gregas *ortho* e *doxa*, que significam simplesmente “ensino correto”. Na verdade, este passou a representar o conjunto de crenças que foram definidas e instituídas em resultado dos diversos concílios realizados nos primeiros séculos. Algumas destas crenças são simples reafirmações das Escrituras e são obviamente “ensino correto”. Outras são fruto de interpretações, argumentações e debates, e foram proclamadas “ortodoxas” por homens em autoridade. Como certa fonte descreve: “o cristianismo ortodoxo é algo puramente descritivo, referindo-se simplesmente à opinião da maioria.”²¹ A “opinião da maioria” vinha dos votos de homens que constituíam o que apropriadamente podemos chamar de “corpos governantes” do passado.²² Minha própria experiência íntima num corpo governante

²¹ Dr. Bruce Shelley, professor de História da Igreja do Seminário de Denver, em seu livro *História da Igreja em Linguagem Clara* (em inglês), página 62.

²² Como já vimos, o termo “sínodo”, usado para descrever os concílios religiosos, traz como uma de suas definições a de “corpo governante”. Veja o capítulo 3 deste livro, debaixo do subtítulo “Da autoridade centralizada congregacional para a autoridade centralizada internacional”, bem como a nota 48 daquele capítulo.

religioso não me faz achar que o voto da maioria dos líderes religiosos que compunham um corpo governante do passado confira necessariamente força genuína para que certa crença seja aceita. Na minha vida religiosa anterior, descobri que, com muita frequência, as pessoas acreditavam em algo porque a “organização” tinha falado. Não vejo progresso ou melhoria, agora, em crer em algo porque a “ortodoxia” falou, através do mesmo agente de autoridade religiosa. Muitos que hoje são “ortodoxos” tornaram-se tais por meio do mesmo processo de doutrinação e intimidação intelectual, e com a mesma falta de raciocínio independente e análise crítica de argumentos que caracteriza tantos dentro do movimento da Torre de Vigia. O mero fato de que certa crença é mantida há muito tempo — ou obtida por ampla aceitação no passado — pode torná-la *tradicional* mas não a torna *correta* em si mesma.²³

Não vejo igualmente nenhum real progresso se as pessoas fazem um giro de 180 graus nas crenças, mas conservam o mesmo dogmatismo e a auto-justiça que as caracterizava antes da mudança de crenças. Temos de adorar a Deus “em *espírito* e em verdade”, e o espírito que manifestamos é o exemplificado pelo Filho de Deus, um espírito muito oposto ao dos fariseus sentenciosos, auto-justos e tradicionalistas.²⁴ Vim a concluir que grande parte daquilo em que antes acreditava não tinha sólida base bíblica. Não afirmo ter solucionado todas as questões bíblicas ou fixado conclusões sobre todos os ensinamentos na época que se seguiu. Mas com respeito aos ensinamentos dos quais tenho firme convicção, creio que posso dizer sinceramente que são baseados na Palavra de Deus e não mero prolongamento da minha religião anterior. O fato de que uma crença foi aprendida nessa religião não faz com se torne recomendável para mim. De fato, a decepção com um sistema religioso pode facilmente gerar a tendência de passar a ver de modo *negativo* e suspeito *qualquer* entendimento particular das Escrituras simplesmente *porque* este coincide com certa crença anteriormente adotada no sistema religioso agora rejeitado. Todavia, não vejo razão para *descrever* em algo simplesmente porque isso se acha nos ensinamentos daquela religião. Minha religião anterior inculcou-me inegavelmente o respeito básico pelas Escrituras, a crença na importância suprema da adoração e

²³ Confira Marcos 7:1-8; Gálatas 1:14.

²⁴ João 4:23, 24.

da obediência a Deus, da esperança da vida vinculada ao sacrifício de resgate de Cristo e sua ressurreição, da autoridade soberana expressa mediante seu Reino. Não quero descartar estas coisas. É verdade que, ao mesmo tempo, seus outros ensinamentos minaram e desvirtuaram grande parte desta força, ainda que não a ponto de roubar das verdades essenciais todo o seu poder, como se pode ver no fato de que essas mesmas verdades, e a convicção de que eram corretas, levaram a meu eventual desligamento. Reconheço que poderia ter aprendido essas mesmas verdades básicas em muitas outras religiões cristãs. Por acaso, eu as aprendi onde estava, na religião adotada por meus pais, a religião na qual fui criado.

Creio que muitas pessoas confundem certos conceitos como sendo exclusivos das Testemunhas de Jeová, ou daquilo a que elas chamam de “seitas”, um termo que, conforme já comentado, é muitas vezes aplicado a qualquer religião da qual se discorde firmemente. Por descrever certas crenças ou conceitos como “sectários”, tais pessoas deixam de reconhecer que embora divergindo (e às vezes, bastante) em detalhes, o mesmo ponto de vista básico pode ser visto nas obras de muitos teólogos respeitados, inclusive de teólogos dignos de serem classificados como “ortodoxos”.

Como exemplo, a opinião comum de muitos sobre a alma humana é descrita por S. C. Guthrie, professor do Seminário Teológico de Colúmbia (uma instituição presbiteriana), desta maneira:

Segundo esta doutrina, apenas meu corpo pode morrer, mas eu mesmo não morro realmente. Meu corpo é apenas a casca do meu verdadeiro eu, e não eu; é apenas a prisão física terrestre na qual meu verdadeiro “eu” é prisioneiro. Meu verdadeiro eu é minha alma, a qual, por ser espiritual e não física, é como Deus, e partilha, portanto, da imortalidade (impossibilidade de morrer) de Deus. O que acontece na morte, pois, é que minha alma imortal escapa de meu corpo mortal. Meu corpo morre, mas eu próprio continuo vivo e retorno ao domínio espiritual do qual vim e ao qual realmente pertencço.

Dizendo isto, este respeitado teólogo, passa então a afirmar:

Se nos ativermos à esperança genuinamente bíblica para o futuro, temos de rejeitar firmemente esta doutrina da imortalidade da alma por diversas razões.

Ele passa então a detalhar biblicamente essas razões. Antes de fazê-lo, porém, considera a origem da crença que antes descreveu, declarando:

Esta doutrina [da imortalidade inerente da alma] não foi ensinada pelos próprios escritores bíblicos, mas era comum nas religiões gregas e orientais do mundo antigo no qual nasceu a igreja cristã. Alguns dos primitivos teólogos cristãos foram influenciados por ela, leram a Bíblia à luz da mesma e a introduziram no pensamento da igreja. Ela está conosco desde então, influenciando até as confissões reformadas (veja a Confissão de Westminster, XXXII; a Confissão Belga, Art. XXXVII).²⁵

Não apresento isto como algo definitivo ou como uma opinião que todos devam aceitar. Para determinar se este ponto de vista é convincente é preciso ler e pesar a validade de suas razões bíblicas, as quais não incluí. Embora seja possível encontrar dezenas de outros eruditos que expressem o mesmo ponto de vista do teólogo citado, o número ou a reputação deles não são o fator decisivo; pode-se igualmente encontrar teólogos de renome que argumentem em favor da opinião contrária. Meu objetivo aqui não é defender a validade da opinião declarada, mas simplesmente mostrar que, embora haja a tendência de rejeitá-la como fruto do “pensamento sectário”, há, na verdade, eruditos conceituados que expressam esse ponto de vista.

O mesmo se dá com a relação entre o Pai e o Filho conforme revelada nas Escrituras. Não há dúvida de que se atribui divindade ao Filho, pois o termo *theos* é aplicado a ele em certos textos.²⁶ O que de

²⁵ *Christian Doctrine*, Shirley C. Guthrie, Jr., (John Knox Press, Atlanta, 1968), páginas 381-383. O autor é professor de teologia sistemática no Seminário Teológico de Columbia, com doutorados no Seminário Teológico de Princeton e na Universidade de Basileia, Suíça.

²⁶ João 1:1, 18.

fato interessa é o que *significa* essa divindade.²⁷ O anti-trinitarismo é um ponto destacado da crença das Testemunhas de Jeová, embora não se limite à religião delas.²⁸ Nenhum erudito ortodoxo apoiaria os conceitos sobre a natureza de Cristo ensinados pela organização Torre de Vigia. Não tenho interesse em defender esses conceitos, pois creio que alguns são falhos. Exige isto que se aceite como “ensino correto” o ensino ortodoxo tradicional acerca do assunto? A única razão para que se deva — ou possa, no meu caso pessoal — fazê-lo é se houver claro apoio bíblico para isso.²⁹

Não há dúvida de que as publicações da Torre de Vigia às vezes citam fontes de uma forma que não representa fielmente o que a fonte realmente estava dizendo. Todavia, permanece o fato de que as declarações sobre a *origem* e o *desenvolvimento* da doutrina em consideração foram feitas com tal clareza que seria difícil entendê-las de modo errado. Faço aqui citações de duas fontes teológicas, ambas conhecidas e respeitadas. As citações não visam contradizer ou refutar o ensino trinitário. Ambas as fontes são trinitárias e o que apresentam

²⁷ Um homem, por exemplo, partilha da *qualidade humana* tanto quanto seu pai, da *plena* qualidade humana. São ambos da mesma natureza. Não são da mesma substância ou do mesmo ser. A discussão durante os primeiros séculos da era cristã não girava em torno da questão de o Filho ser da mesma *natureza* que o Pai, pois sua divindade era aceita. A disputa, que continuou por séculos, geralmente muito acirrada, era quanto a se ele era da *mesma substância* ou *ser* (grego, *homoousios*) que o Pai, ou, em vez disso, de *igual* substância e ser (grego, *homoiousios*). — Veja *The International Standard Bible Encyclopedia*, Vol. IV, páginas 918, 919; *The Rise of Christianity*, W. H. C. Frend, páginas 538-541; *Jesus Through the Centuries*, Jaroslav Pelikan, páginas 52, 53, 62, 63.

²⁸ Outras religiões não-trinitárias incluem os unitários, os cristadelfianos, a Igreja de Deus (Fé Abraâmica) e outros grupos com menos adeptos.

²⁹ Obras de referência apresentam a doutrina como tendo sido basicamente edificada no Credo Atanasiano, envolvendo o uso e a compreensão de termos como “essência”, “substância”, “natureza”, “hipóstase” e “pessoa” (dos quais “natureza” é o único termo que de fato aparece nas Escrituras). A Reforma Protestante manteve em seu todo a doutrina conforme ensinada pela Igreja Católica, mas tem havido diferenças segundo a denominação. Estas giram em torno da “encarnação” de Jesus e de explicações divergentes sobre como ele pode possuir simultaneamente a natureza humana e a divina (chamada de “união hipostática”).

não tem a intenção de refutar a doutrina. Se não fossem trinitárias ou menos conceituadas eu não as teria citado neste assunto.

A primeira citação é de um artigo sobre “Trindade” encontrado na *The International Standard Bible Encyclopedia* (edição de 1988 [revisão da edição de 1929]), de Cornelius Plantinga, professor de teologia sistemática no Seminário Teológico Calvino. O que acho notável nas afirmações do seu artigo é o grau de cautela demonstrado, a admissão franca das incertezas. Diz o parágrafo introdutório do artigo:

Embora “Trindade” seja um termo do segundo século que não se encontra em parte alguma da Bíblia, e as Escrituras não apresentem nenhuma declaração trinitária definitiva, o NT contém de fato a maioria dos materiais de construção da doutrina posterior. Em especial, enquanto insiste que há um só Deus, ele apresenta Jesus Cristo como o Filho divino distinto do Deus Pai, e provavelmente apresenta o Espírito Santo ou Paráclito como pessoa divina distinta de ambos. Problemas óbvios reconhecidamente se ligam a ambas as afirmações; de fato, a palavra “pessoa” como termo trinitário (tríunidade) tem sido controversa em si mesma desde Agostinho [354-430 A.D.], especialmente no período moderno. Além disso, a doutrina da trindade está mesmo nas Escrituras “em estado soluto” (B. B. Warfield, *ISBE* [1929], s.v.); isto é, o NT apresenta eventos, afirmações, práticas e problemas a partir dos quais os pais da igreja cristalizaram a doutrina nos séculos sucessivos.³⁰

Vale a pena reler este parágrafo, tomando nota de todas as expressões restritivas que traz. Com cautela, a matéria só afirma que os “materiais de construção” da doutrina se acham nas Escrituras, não a própria doutrina existente, e que os “os pais da igreja cristalizaram” a “doutrina posterior”.³¹ Diz que as Escrituras “provavelmente” apresentam a ‘personalidade do Espírito Santo’. Admite igualmente

³⁰ *The International Standard Bible Encyclopedia*, 1988, Wm. B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, Michigan, Vol. IV, página 914.

³¹ Outras obras eruditas sobre o assunto usam expressões semelhantes a “materiais de construção”, tais como “sementes” ou “germe (no sentido da germinação)” da doutrina, ou “linhas” básicas da doutrina. Estas expressões todas tornam evidente que, na visão dos que as usam, necessitava-se de *interpretação* para converter as “sementes” ou o “germe” ou os “materiais de construção” ou “linhas” em doutrina explícita.

que há “problemas óbvios” e controvérsia contínua, até mesmo quanto ao uso do termo “pessoa” descrever três pessoas da trindade. Embora em seu todo o artigo busque, sem dúvida, demonstrar a validade da doutrina, a mesma cautela e franqueza aparecem intermitentemente.

A informação desta matéria de modo algum é a única. A segunda citação ilustra mais amplamente o aspecto “controvertido” da doutrina “no período moderno”. A citação é do internacionalmente respeitado teólogo suíço Emil Brünner. Ele    trinitarista e na cita  o que segue de seu livro *The Christian Doctrine of God* (página 226), fala até mesmo de ‘Deus tornar-se homem e suportar a cruz’. Ainda assim, afirma o seguinte:

Jamais foi inten  o das testemunhas originais de Cristo no Novo Testamento colocar-nos um problema intelectual — o das Três Pessoas Divinas — e então nos dizer silenciosamente que adoremos o mistério dos “Três-em-Um”. Não há vestígio de tal idéia no Novo Testamento. Este “misterium logicum”, o fato de que Deus    Três e assim mesmo    Um, fica totalmente fora da mensagem da Bíblia.    um mistério que a Igreja coloca perante os fiéis em sua teologia, pelo qual ela embar  a e dificulta a fé deles com a heteronomia [isto   , o oposto da autonomia, a *sujei  o a outros*] que está em harmonia,    verdade, com uma falsa alega  o de autoridade, mas sem nenhuma conexão com a mensagem de Jesus e Seus Apóstolos. Nenhum Apóstolo sonharia em imaginar que existem Três Pessoas Divinas, cujas rela  o   mútuas e unidade paradoxal estão além de nosso entendimento. Nenhum “misterium logicum”, nenhum paradoxo intelectual, nenhuma antinomia [conflito aparentemente insolúvel] de Trindade e Unidade, tem qualquer lugar em seu testemunho, mas apenas o “*misterium majestatis et caritatis*”: a saber, que o Senhor Deus, para o nosso bem, tornou-se homem e suportou a Cruz. O mistério da Trindade, proclamado pela Igreja e entronizado em sua Liturgia, do quinto e sexto séculos em diante,    um pseudo-mistério, que brotou de uma aberra  o do pensamento teológico a partir de linhas traçadas na Bíblia, e não da própria doutrina bíblica.

Como na cita  o anterior, não apresento isto como uma espécie de “prova” de que determinado aspecto da doutrina da trindade    válido. Apresento-o porque muitas vezes se alega que a relutância em aceitar o que geralmente se chama de trinitarismo ortodoxo ou tradicional    devido    pessoa desconhecer as línguas originais das Escrituras (hebraico, e especialmente grego), ou ter sido doutrinada num conceito

tendencioso e parcial da história religiosa, ou devido à sua compreensão de certos textos ter sido torcida por uma tradução ou interpretação tendenciosa destes textos. O domínio deste teólogo protestante suíço sobre os idiomas bíblicos, a extensão de seu conhecimento da história religiosa e de seus escritos sobre o período pré-niceno e os séculos seguintes são inquestionáveis. O mesmo certamente se aplica a seu conhecimento dos vários argumentos, a favor e contra, relativos aos textos bíblicos usados na disputa trinitária. Todavia, ele deixa evidente que sua aceitação do mistério da trindade é fruto do pensamento teológico, não por crer que o ensino em si esteja explicitamente presente nas Escrituras.³²

Da mesma forma que fiz esta citação de Brünner, poderia citar outras contrárias às dele. Não concordo com alguns de seus pontos de vista. Pode-se discutir textos bíblicos relevantes versículo por versículo e apresentar alegações contra e a favor. Não é este meu propósito aqui. Minha intenção neste caso não é argumentar contra certas doutrinas, mas contra o dogmatismo e a atitude crítica que às vezes as acompanha.³³ O que citei visa unicamente demonstrar que há eruditos altamente respeitados que, embora de modo algum apoiem as afirmações da Torre de Vigia, não encaram a análise das *bases bíblicas* desta doutrina na sua forma *ortodoxa* e *tradicional*, quer por

³² Tanto antes como depois da citação feita, Brünner refere-se repetidamente à doutrina como uma “reflexão teológica”, uma criação da Igreja, não uma “*kerygma*” (proclamação) bíblica. Embora expressando a crença de que a “reflexão” seguia “linhas” bíblicas, ele afirma repetidamente que a “especulação” desempenhou um grande papel na formação da doutrina. — *The Christian Doctrine of God*, páginas 206, 217, 222, 226, 236, 237, 239.

³³ Vimos que o termo “ortodoxo” tem o sentido básico de “ensino correto”, mas passou a representar o ensino que traz a aprovação da autoridade eclesiástica. Da mesma forma, “dogma”, em grego, tem o sentido básico de “o que parece estar correto”, mas passou a representar um princípio ou código de princípios aprovado pela autoridade religiosa. “Dogmatismo” representa a certeza na asserção de opiniões, especialmente quando injustificável ou arrogante. Se um ensino é claramente exarado nas Escrituras, ele justifica que o aceitemos como ensino correto, doutrina verdadeira, algo que podemos afirmar e ao qual podemos nos apegar com confiança. Quando tal fundamento é questionável, porém, a insistência no ensino constitui dogmatismo.

ignorância quer por terem mentalidade sectária.³⁴ O que acho ainda mais importante é que isto ilustra a razão pela qual não simpatizo com os que condenam outros por não terem a mesma opinião que eles, com os de cada lado negando categoricamente aos do outro lado a condição de cristãos. Incrível é que, em contraste com o grau de moderação, cautela e equilíbrio mostrado pelas fontes já citadas, muitas vezes são as pessoas cujas credenciais acadêmicas são imensamente inferiores que estão entre as mais insistentemente dogmáticas e críticas com relação a estes mesmos pontos. Não tenho dúvida de que alguns dos argumentos e raciocínios que empregam seriam vistos como totalmente indignos de consideração por estas mesmas respeitadas fontes eruditas. Quer sejamos instruídos quer não, creio que devemos guardar-nos contra o dogmatismo e a atitude condenatória, pois estes denotam, não sabedoria e discernimento, mas espírito e coração tacanhos.

Em resumo, pois, assim como estou convencido de que a única religião verdadeira é o cristianismo em si, não algum sistema religioso que afirme representá-lo e exemplificá-lo, creio também que a verdade se acha nas Escrituras, não num determinado conjunto de interpretações que os homens elaboraram ou venham a elaborar. Essa verdade não está só nas próprias palavras, mas principalmente na

³⁴ Brünner, de fato, expressa a opinião de que tal questionamento tem uma causa lógica. Ele diz: “Os termos usados no Credo Atanasiano, e a partir desta fonte incorporados à doutrina tradicional da Trindade ensinada pela Igreja, *‘una substantia, tres personae’* [uma substância, três pessoas], devem de início nos parecer estranhos. Que espaço há na teologia cristã para a idéia de *‘substantia’*? De fato, ela representa essa aberração intelectual que troca a linha de pensamento oriunda da revelação pelo raciocínio especulativo e intelectual.” (Página 227) Ele acrescenta: “Mesmo a idéia de *‘Três Pessoas’* deve ser considerada com apreensão. É realmente impossível entendê-la de outro modo que não um sentido triteísta, mas é difícil tentar evitar esta interpretação.” Ele torna assim evidente que, embora seja fácil *dizer* que “cada uma das Três Pessoas é Deus e, no entanto não há Três Deuses, mas Um só”, não é possível *pensar* nesses termos, e os esforços de fazer isso resultam em pensar em três Deuses. Depois, falando da “pedra de tropeço do pensamento” que a doutrina pode representar, ele afirma: “É, portanto, compreensível que foram exatamente os teólogos cujo raciocínio é totalmente controlado pela idéia da Bíblia que tiveram pouca simpatia pela doutrina da Trindade. Penso aqui em toda a escola de teólogos *‘bíblicos’*.” (Página 238).

revelação que nos trazem de Deus e seu Filho. É quase inevitável que venhamos a divergir em nossa compreensão de alguns pontos, mas se nos guiarmos pelo Espírito de Deus, não teremos grande dificuldade em concordar nos ensinamentos declarados de modo claro e simples.

Obviamente, seria muito mais fácil poder atender aos pedidos de ajuda oferecendo soluções simples e rápidas. Muitos que me escreveram evidentemente queriam isso. Alguns querem poder transferir-se de uma organização de considerável tamanho para outra com pelo menos algum tamanho e poder. Minhas respostas devem tê-los desapontado. Nesses casos, eles evidentemente procuraram isso em algum outro lugar e não mais tive notícias deles.

Seria agradável poder fazer grandes coisas pelos outros, satisfazer seus desejos e necessidades de modo a preencher suas expectativas. O que sei é que isso está simplesmente além da minha capacidade. Não tenho fórmulas mágicas para soluções rápidas e fáceis dos problemas, e os resultados de meus esforços de ajudar outros nada têm de espetacular. Os resultados geralmente chegam por correspondência ao longo de meses e até anos, e costumam se manifestar de modo gradual — pessoas que pareciam dominadas pela amargura livram-se de seu efeito destrutivo, pessoas que pareciam muito inseguras de sua posição diante de Deus manifestam maior confiança e paz mental. Consolo-me com as palavras de despedida de Paulo a um grupo de irmãos em Éfeso quando, após declarar que não esperava mais vê-los e advertir sobre o surgimento de homens ambiciosos que distorceriam a verdade para atingir seus próprios fins, disse:

Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados.³⁵

Não acho que falhei com as pessoas, encorajando-as a depositar sua confiança íntima não em homens, mas em Deus. Encorajando-as na fé de que os pedidos feitos a Ele, tanto explicitamente em oração como implicitamente mediante nosso próprio proceder de vida, não deixam de ser ouvidos, que as respostas vêm, e que precisamos reconhecer que aquilo que nosso Pai celestial sabiamente nos dá é aquilo de que genuinamente *precisamos*, não aquilo que simplesmente *queremos*.

³⁵ Atos 20:32, *ARA*.

Acreditar que, se buscarmos intensamente, com todo o esforço que essa busca requer, encontraremos aquilo que verdadeiramente vale a pena encontrar. Que se persistirmos em bater, estar alertas às oportunidades de nos beneficiarmos espiritualmente e de servir aos outros — não meramente ver as oportunidades, mas fazer uso de todas que surgirem à nossa frente — então se abrirão para nós caminhos que são tanto gratificantes como estimulantes.³⁶

E, tal como Paulo expressou, tenho plena confiança no *poder* da *Palavra* de Deus graciosamente provida, sua mensagem, de estabilizar, apoiar, fortalecer e edificar os que a aceitam na mente e no coração. Não posso conceber um Pai amoroso que deixe de transmitir sua opinião, sua vontade e suas promessas a seus filhos de modo que estejam disponíveis a todos, que se comunique com os outros só por meio de alguns favorecidos, deixando de falar a todos, a cada um, com igualdade de interesse e amor. Essa comunicação pode ser achada nas Escrituras, disponível para ser lida por todos, de forma que todos ouçam a mesma mensagem essencial, e também mediante os tratos de Deus conosco pessoalmente por meio de seu Filho, em nossa vida diária individual e suas experiências, ao passo que agimos em resposta a essa mensagem básica. Seu Filho exultou no fato de que o Pai se revela não só aos instruídos e sábios, intelectuais e inteligentes, mas também aos que têm a natureza simples e descomplicada das crianças.³⁷ Se tivermos a tendência de duvidar que temos a força ou a capacidade necessária para cumprir a vontade de Deus para nós, precisamos reler estas palavras do apóstolo de Cristo:

Vede, pois, quem sois, irmãos, que recebestes o chamado de Deus; não há entre vós muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de família prestigiosa. Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e, o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e, o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é, a fim de que nenhuma criatura se possa vangloriar diante de Deus. Ora, é por ele que vós sois em Cristo Jesus, que se tornou para nós sabedoria proveniente de Deus, justiça, santificação e

³⁶ Mateus 7:7-11.

³⁷ Lucas 10:21, *BJ*.

redenção, a fim de que, como diz a Escritura, aquele que se gloria se glorie no Senhor.³⁸

A fé nos assegura que esse poder existe, o poder que nos sustém para enfrentar qualquer problema, o poder que nos habilita a achar soluções, a ultrapassar obstáculos na nossa vereda cristã, que nos mantêm firmes no nosso rumo até nossa herança ser finalmente alcançada. A força e a sabedoria de que precisamos estão disponíveis; cabe a nós fazer uso delas. O clima de liberdade que Cristo nos apresentou e todo o *espírito* de sua revelação nos abrem as melhores oportunidades para fazer isto. Podemos aceitar e prezar essa liberdade com a garantia de que ela é ideal para nos fazer alcançar nossos alvos de conhecimento, de força espiritual, de confiança, de uma vida gasta de modo sábio, significativo e, acima de tudo, amoroso, com a herança da vida eterna em vista. Que tenhamos a coragem e a fé de aceitar, prezar e usar plenamente essa liberdade.

Onde se acha o Espírito do Senhor aí está a liberdade. E nós todos que, com a face descoberta, refletimos como num espelho a glória, somos transfigurados nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecente, pela ação do Senhor, que é Espírito. — 2 Coríntios 3:17, 18, *Bíblia de Jerusalém*.

³⁸ 1 Coríntios 1:26-31, *BJ*.

Apêndice

Ao Capítulo 2

Apresentam-se aqui os originais dos autos do julgamento na Escócia, em 1954, cuja tradução aparece no capítulo:

1 – Depoimento de Frederick W. Franz:

Q. In addition to these regular publications do you prepare and issue a number of theological pamphlets and books from time to time? A. Yes. Q. Can you tell me this; are these theological publications and the semi-monthly periodicals used for discussion of statements of doctrine? A. Yes. Q. Are these statements of doctrine held to be authoritative within the Society? A. Yes. Q. Is their acceptance a matter of choice, or is it obligatory on all those who wish to be and remain members of the Society? A. It is obligatory.

Q. So that there will be in effect a new human society existing on earth as the result of that? A. Yes. There will be a new world society in a new earth under new heavens, the former heavens and the former earth having passed away in the battle of Armageddon. Q. Then the population of this new earth, will that consist of Jehovah's Witnesses alone? A. Initially it will consist of Jehovah's Witnesses alone. The members of the remnant expect to survive that battle of Armageddon the same as a great crowd of these other sheep. The continuance of the remnant upon the earth after the battle of Armageddon will be temporary because they must finish their earthly course faithful in death, but the other sheep by continued obedience to the will of God may continue to live on earth for ever.

Q. And are these disciplinary powers in fact exercised when the occasion arises? A. Yes, they are. Q. Well I will not ask you any more questions about that side of the matter but are there offences which are regarded as so grave as to warrant expulsion without hope of re-instatement? A. Yes. The fact is that ex-communication in itself can lead to the annihilation of the ex-communicated one, if that individual never repented and corrected his course of action, and he continued outside the organisation. There would be no hope of life for him in the new world, but there is a course of action which would result in ex-communication from which the individual could be certain never to return, and this is called the sin against the Holy Spirit.

Q. Is it not the case that Pastor Russell put that date in 1874? A. No. Q. Is it not the case that he fixed the date prior to 1914? A. Yes. Q. What date did he fix? A. The end of the time of the Gentiles he fixed as 1914. Q. Did he not fix 1874 as some other crucial date? A. 1874 used to be understood as the date of Jesus' Second Coming spiritually.

Q. Do you say, used to be understood? A. That is right. Q. That was issued as a fact which was to be accepted by all who were Jehovah's Witnesses? A. Yes. Q. That is no longer now accepted, is it? A. No.

Q. Pastor Russell in so concluding ~~posed~~ the view, did he not, on an interpretation of the Book of Daniel?

A. Partly. Q. And in particular Daniel, Chapter 7 Verse 7, and Daniel, Chapter 12, Verse 12? A. Daniel, 7, 7, and 12, 12. What did you say, he based something on these Scriptures? Q. His date of 1874 as a crucial date and the date of Christ's Second Coming? A. No.

Q. What did you say he fixed it as; I understood that is what you said, I must have misunderstood you?

A. He did not base 1874 on these Scriptures. Q. He based it on these Scriptures coupled with the view that the Austro-Gothic Monarchy occurred in 539?

A. Yes. 539 was a date that he used in the calculation. But 1874 was not based on that. Q. But it was a calculation which is no longer accepted by the Board of Directors of the Society? A. That is correct. Q. So that am I correct, I am just anxious to canvas the position; it became the bounden duty of the Witnesses to accept this miscalculation? A. Yea.

Q. So that what is published as the truth today by the Society may have to be admitted to be wrong in a few years?

A. We have to wait and see. Q. And in the meantime the body of Jehovah's Witnesses have been following error? A. They have been following misconstructions on the Scriptures Q. Error? A. Well. error.

A.- In order to become an Ordained Minister of a congregation he must come to an understanding of the things contained in these books. Q.- But, then, is baptism not the ordaining of a person as a Minister? A.- Yes Q.- Therefore at baptism must he know those books? A.- He must understand the purposes of God which are set forth in those books. Q.- Set forth in those books, and set forth in those books as an interpretation of the Bible? A.- These books give an exposition on the whole Scriptures. Q.- But an authoritative exposition? A.- They submit the Bible or the statements that are therein made, and the individual examines the statement and then the Scripture to see that the statement is Scripturally supported. Q.- He what? A.- He examines the Scripture to see whether the statement is supported by the Scripture. As the Apostle says: "Prove all things; hold fast that which is good". Q.- I understood the position to be - do please correct me if I am wrong - that a member of the Jehovah's Witnesses must accept as a true Scripture and interpretation what is given in the books I referred you to? A.- But he does not compulsorily do so, he is given his Christian right of examining the Scriptures to confirm that this is Scripturally sustained. Q.- And if he finds that the Scripture is not sustained by the books, or vice versa, what does he do? A.- The Scripture is there

in support of the statement, that is why it is put there.

Q.- What does a man do if he finds a disharmony between the Scripture and those books?

A.- You will have to produce me a man who does find that, then I can answer, or he will answer.

Q.- Did you imply that the individual member has the right of reading the books and the Bible and forming his own view as to the proper interpretation of Holy Writ?

A.- He comes - - -

Q.- Would you say yes or no, and then qualify?

A.- No. Do you want me

to qualify now?

Q.- Yes, if you wish?

A.- The Scripture is there given in support of the statement, and therefore the individual when he looks up the Scripture and thereby verifies the statement, then he comes to the Scriptural view of the matter, Scriptural understanding as it is written in Acts, the seventeenth chapter and the eleventh verse, that the Bereans were more noble than those of Thessalonica in that they received the Word with all readiness, and they searched the Scripture to see whether those things were so, and we instruct to follow that noble course of the Bereans in searching the Scripture to see whether these things were so.

Q.- A Witness has no alternative, has he, to accept as authoritative and to be obeyed instructions issued in the "Watchtower" or the "Informant" or "Awake"?

A.- He must accept those.

Q. Is there any hope of salvation for a man who depends upon his Bible alone when he is in a situation in the world where he cannot get the tracts and publications of ydur Incorporation? A. He is dependant upon the Bible.
Q. Will he be able to interpret it truly? A. No.
 Q. I do not want to bandy texts with you, but didn't Jesus say, "Whosoever believeth in me, liveth and ~~is~~ believeth in ~~me~~ shall never die."? A. Yes.

2 – Depoimento de Hayden Covington:

Q.- Is it not vital to speak the truth on religious matters? A.- It certainly is. Q.- Is there in your view room in a religion for a change of interpretation of Holy Writ from time to time? A.- There is every reason for a change in interpretation as we view it, of the Bible. Our view becomes more clear as we see the prophesy fulfilled by time. Q.- You have promulgated - forgive the word - false prophesy? A.- We have - I do not think we have promulgated false prophesy, there have been statements that were erroneous, that is the way I put it, and mistaken. Q.- Is it a most vital consideration in the present situation of the world to know if the prophesy can be interpreted into terms of fact, when Christ's Second Coming was? A.- That is true, and we have always striven to see that we have the truth before we utter it. We go on the very best information we have but we cannot wait until we get perfect, because if we wait until we get perfect we would never be able to speak.

Q.- Let us follow that up just a little. It was promulgated as a matter which must be believed by all members of Jehovah's Witnesses that the Lord's Second Coming took place in 1874? A.- I am not familiar with that. You are speaking on a matter that I know nothing of. Q.- You heard Mr. Franz's evidence? A.- I heard Mr. Franz testify, but I am not familiar with what he said on that, I mean the subject matter of what he was talking about, so I cannot answer any more than you can, having heard what he said. Q.- Leave me out of it? A.- That is the source of my information, what I have heard in court. Q.- You have studied the literature of your movement? A.- Yes, but not all of it. I have not studied the seven volumes of "Studies in the Scriptures", and I have not studied this matter that you are mentioning now of 1874. I am not at all familiar with that.

Q.- Assume from me that it was promulgated as authoritative by the Society that Christ's Second Coming was in 1874? A.- Taking that assumption as a fact, it is a hypothetical statement. Q.- That was the publication of false prophecy? A.- That was the publication of a false prophecy, it was a false statement or an erroneous statement in fulfillment of a prophecy that was false or erroneous. Q.- And that had to be believed by the whole of Jehovah's Witnesses? A.- Yes, because you must understand we must have unity, we cannot have disunity with a lot of people going every way, an army is supposed to march in step. Q.- You do not believe in the worldly armies, do you? A.- We believe

in the Christian Army of God. Q.- Do you believe in the worldly armies? E.- We have nothing to say about that, we do not preach against them, we merely say that the worldly armies, like the nations of the world today, are a part of Satan's Organisation, and we do not take part in them, but we do not say that nations cannot have their armies, we do not preach against warfare, we are merely claiming our exemption from it, that is all. Q.- Back to the point now. A false prophesy was promulgated? A.- I agree that. Q.- It had to in the Christian Army of God.

Q.- Do you believe in the worldly armies? E.- We have nothing to say about that, we do not preach against them, we merely say that the worldly armies, like the nations of the world today, are a part of Satan's Organisation, and we do not take part in them, but we do not say that nations cannot have their armies, we do not preach against warfare, we are merely claiming our exemption from it, that is all. Q.- Back to the point now. A false prophesy was promulgated? A.- I agree that. Q.- It had to be accepted by Jehovah's Witnesses? A.- That is correct. Q.- If a member of Jehovah's Witnesses took the view himself that that prophesy was wrong and said so he would be disfellowshipped? A.- Yes, if he said so and kept persisting in creating trouble, because if the whole organisation believes one thing, even though it be erroneous, and somebody else starts on his own trying to put his ideas across then there is disunity and trouble, there cannot be harmony, there cannot be marching. When a change comes it

should come from the proper source, the head of the organisation, the governing body, not from the bottom upwards, because everybody would have ideas, and the organisation would disintegrate and go in a thousand different directions. Our purpose is to have unity.

Q.- Unity at all costs? A.- Unity at all costs,

because we believe and are sure that Jehovah God is using our organisation, the governing body of our organisation to direct it, even though mistakes are made from time to time. Q.- And unity based upon an

enforced acceptance of false prophecy? A.- That is conceded to be true. Q.- And the person who expressed

his view, as you say, that it was wrong, and was disfellowshipped, would be in breach of the Covenant,

if he was baptised? A.- That is correct. Q.- And as you said yesterday expressly, would be worthy of

death? A.- I think - - - Q.- Would you say yes

or no? A.- I will answer yes, unhesitatingly. Q.-

Do you call that religion? A.- It certainly is. Q.-

Do you call it Christianity? A.- I certainly do.

Q. In connection with mistakes, you were cross-examined at some length as to differences of view which might have taken place in the authoritative exposition of the Scriptures over the years since the foundation of the Society, and I think you agreed there had been differences? A. Yes. Q. You also quite frankly agreed that persons who at any time are not prepared to accept authoritative exposition are liable to expulsion from the Society, with such spiritual consequences as that may entail? A. Yes, I said that and I state it again.

3 – Depoimento de Grant Suiter:

Q. What is the position of a Company Servant in that respect? A. He must have met the qualifications that have been previously testified to, of maturity and understanding and spiritual understanding, and in ability to read the Congregation. He must have that training previously mentioned in the Theocratic Ministry School, be a leader in the field ministry itself, be apt to teach, and otherwise have qualifications that the Scriptures laid down. Man cannot lay down qualifications that the Scriptures do not, you see. Q. That is in general terms. But to come down to actual practice, he must attend the Theocratic Ministry School, must he not? A. Yes. Q. And there he finds the library? A. Yes. Q. Isn't he expected to familiarise himself with the publications of the Society? A. He certainly is. Q. Indeed can he in the view of Jehovah's Witnesses have an understanding of the Scriptures apart from the publications of Jehovah's Witnesses? A. No. Q. Only by the publications can he have a right understanding of the Scriptures? A. That is right. Q. Is that not arrangement? A. No. Q. You heard the evidence about 1874 having been found to be wrong as a material and crucial date, and about 1925 being a wrong date. On these two items, acceptance and absolute acceptance as Truth was imposed upon all Jehovah's Witnesses at the time? A. That is right. Q. You agree that that was acceptance of the false? A. No, not entirely. The points that were wrong were false because they were in error, but the overall result is what is important. All through these

years of the ministry of Jehovah's Witnesses, since the formation of the Society, the Pennsylvania Corporation, there has been a constant turning of the hearts and the minds of people to God's Word and its righteous precepts, and giving them spiritual strength to stand up for what they know to be right, to hold high Jehovah's name to announce his Kingdom. There is no comparison between the incidental points that have been corrected compared with the importance of the main thing, the worship of Jehovah God. That has been inculcated in the minds of Jehovah's Witnesses and countless other persons all through these years.

Trechos de *A Torre de Vigia de Sião* de 15 de setembro de 1910:

If, then, the Lord has provided us with something in our day that other days than those of the Apostles knew nothing about, no matter how good nor how wise they were—for us to ignore the line of teaching which has been thus developed would be, in our judgment, to ignore the Lord's providences. It is for each one to think for himself, however, and to guide his conduct in every way accordingly.

If the six volumes of SCRIPTURE STUDIES are practically the Bible topically arranged, with Bible proof-texts given, we might not improperly name the volumes—the Bible in an arranged form. That is to say, they are not merely comments on the Bible, but they are practically the Bible itself, since there is no desire to build any doctrine or thought on any individual preference or on any individual wisdom, but to present the entire matter on the lines of the Word of God. We therefore think it safe to follow this kind of reading, this kind of instruction, this kind of Bible study.

Furthermore, not only do we find that people cannot see the divine plan in studying the Bible by itself, but we see, also, that if anyone lays the SCRIPTURE STUDIES aside, even after he has used them, after he has become familiar with them, after he has read them for ten years—if he then lays them aside and ignores them and goes to the Bible alone, though he has understood his Bible for ten years, our experience shows that within two years he goes into darkness. On the other hand, if he had merely read the SCRIPTURE STUDIES with their references, and had not read a page of the Bible, as such, he would be in the light at the end of the two years, because he would have the light of the Scriptures.

"THEY SHALL BE ALL TAUGHT OF GOD"

We would conclude, practically, that we could not understand anything about the Bible except as it was revealed. We would, therefore, not waste a great deal of time doing what we know some people do, reading chapter after chapter, to no profit. We would not think of doing it. We would not think we were studying the Scriptures at all. We would think we were following the course that had been anything but profitable to ourselves and many others in the past—merely reading over the Scriptures. We would say that the same Heavenly Father who had guided us to this truth, to this understanding of the Scriptures as his children, if he had some further information for us he would bring it to our attention in some manner; and therefore we would not see the necessity of reading the New Testament every day or every year; we would not consider that necessary. We would consider that the Scripture which says, "They shall be all taught of God," would imply that in his own appointed way God would bring to our attention whatever feature of divine truth would be "meat in due season for the household of faith."

"SCRIPTURE STUDIES" NOT A SUBSTITUTE FOR THE BIBLE

This is not, therefore, putting the SCRIPTURE STUDIES as a substitute for the Bible, because so far as substituting for the Bible, the STUDIES, on the contrary, continually refer to the Bible; and if one has any doubt as to a reference or if one's recollection should lapse in any degree, one should refresh his memory, and, in fact, should see that his every thought is in harmony with the Bible—not merely in accord with the SCRIPTURE STUDIES, but in accord with the Bible.

We might remark that quite a number of the friends in the Truth are making it a rule to read twelve pages of the SCRIPTURE STUDIES a day, and that we do not know one who has been following this course and making use of the various means of grace the Lord has provided (Dawn and testimony meetings and Sunday meetings and Pilgrim meetings and the Berean lessons, Manna text, etc.), who has gone out of the truth. We know a great many who, on the contrary, have been of the opinion that they knew these things long ago, while in fact they do not know half of what they did know—they have forgotten more than half of what they read and they are those who are now stumbling—going into outer darkness.

We are not wishing in this to say anything against one's poring over chapters that he does not understand and others do not understand, hoping that he might light on some truth. We have no objection to this. He has a perfect right to do so if he wishes. He has a right to spend weeks and years in this way if he chooses, but the chances even then are that when he does light on something he will have it all wrong.

Ao Capítulo 4

Apresentamos aqui os textos originais das revistas citadas, para as quais não há correspondente em português, na mesma ordem em que aparecem no capítulo:

A Torre de Vigia de Sião, volume de 1881:

They were organized and bound together as members of one society, and as such had laws and government, and consequently a head or recognized ruling authority. The bonds were bonds of love and common interest. Since all were enlisted under the captaincy of Jesus, the hopes and fears, joys and sorrows, and aims of one were those of the other; and thus they had a far more perfect union of heart than could possibly be had from a union on the basis of any man-made creed. Thus their organization was of the Spirit; their law for the government of each was love, and all as a whole were put under obedience to the "law of the Spirit," as it was expressed in the life, actions, and words of their Lord. Their government was the will of him who said, "If ye love me keep my commandments."

Thus we see the early church organized, governed, and in perfect unity and harmony under the rulership or headship of Jesus. Contrast this church organization with what now affects to be a continuance of the same—viz.: the various denominational organizations, each of which binds its members to a mental union on the basis of some creed or dogma of its own (many of them anything but (love-ly) and each having its own laws.

These laws emanate from their heads or rulers and law-givers; so it is clearly seen that these present day churches have and recognize as heads, or directing, ruling powers over them the ancient founders of their various creeds while their clergy in conferences, councils, synods and presbyteries, interpret and enforce the "traditions of the elders," which "make void the Word of God." These take the place of the true head of the church—Jesus and the true teacher and guide into all truth, the Holy Spirit. Hear the Prophet Isaiah express it, (chap. 9:15).

This brings us to our second proposition, viz.: that all Christians should be joined to this organization. In the light of what has just been said as to the class constituting the church which Jesus organized, it is evident that if you have given up all your will, talent, time, etc., you are recognized by Jesus as a follower, and member of the *ekklesia*, or body of which he is the head, whose names are written in heaven. Thus we join Jesus' church and have our names recorded as members, by consecration. But says one: Must I not join some organization on earth, assent to some creed and have my name written on earth? No, remember that Jesus is your pattern

and teacher, and neither in his words nor acts will you find any authority for binding yourselves with creeds and traditions of the elders, which all tend to make the word of God of none effect (Mark, 7:13) and bring you under a bondage which will hinder your growth in grace and knowledge, and against which Paul warned you to "Stand fast therefore in the liberty wherewith Christ hath made you free, and be not entangled with the yoke of bondage." (Gal., 5:1.)

But say some: If it is not proper to unite with any of the present nominal churches, would it not be well to form a visible organization of our own? Yes, this is what we have—an organization modeled after that of the early church. We think we have come back to primitive simplicity: The Lord Jesus alone is our head or lawgiver, the Holy Spirit is our interpreter and guide into truth; our names are all written in heaven; we are bound together by love and common interest.

Do you inquire—How shall we know one another? We reply, How could we help knowing one another when the Spirit of our Master is made manifest in word and act, and manner and look? Yes, the living faith, the unfeigned love, the long-suffering meekness, the childlike simplicity coupled with the constancy and zeal of maturity, make manifest the sons of God, and we need no earthly record, for the names of all such are written in the Lamb's book of life.

A Torre de Vigia de São, abril de 1882:

Ques. Please let me know by what name you people call yourselves? What denomination?

Ans. We are strictly unsectarian, and consequently recognize no sectarian name, believing with Paul, (read 1 Cor. 3:1-4) that where one saith I am of Paul, and I of Apollos, or I am a Baptist, or I a Methodist, etc., it is an evidence of carnality, and consequently in opposition to the Spirit of Christ. Did Paul or Apollos die for us? If so, let us call ourselves theirs. Were we baptized into the Methodist, Presbyterian, Baptist, or other denominational churches? If so, we are members of it, and should be properly recognized by those names. But if we were baptized into the one body or church of which Jesus is the one and only Head, then we are members in particular of his body, and the only name appropriate would be his; Scripturally called the "Church of Christ," "Christians," "Church of the first born," and such like general names. Again we would remark that ours is the only Scriptural basis of Christian union, viz: We have no creed (fence) to bind us together or to keep others out of our company. The Bible is our only standard, and its teachings our only creed, and recognizing the progressive character of the unfolding of Scriptural truths, we are ready and prepared to add to or modify our *creed* (faith—belief) as we get increase of light from our *Standard*.

We are in fellowship with all Christians in whom we can recognize the Spirit of Christ, and especially with those who recognize the Bible as the only standard. We do not require, therefore, that all shall see, just as we do in order to be called Christians; realizing that growth in both grace and knowledge is a gradual process. Nor do we see reason to expect that any but the *watchmen* of Zion will "see eye to eye" (Isa. 52:8.) until that which is perfect is come, when "that which is in part shall be done away." (1 Cor. 13:10.)

If all Christians were to thus free themselves of prescribed creeds, and study the Word of God without denominational bias, truth and knowledge and *real* Christian fellowship and unity, would result. The Spirit of the Head would pervade the unfettered members of the body, and sectarian pride would vanish.

A Torre de Vigia de Sião, março de 1883:

Q. "Would not an earnest, aggressive organization (or sect), built upon Scriptural lines, be the best means of spreading and publishing the *real Good Tidings*? We must have fellowship and sympathy. Union is strength. It is not the skirmishers that win the battle, but the disciplined and solid battalions."

A. We believe that a visible organization, and the adopting of some particular name, would tend to increase our numbers and make us appear more respectable in the estimation of the world. The natural man can see that a visibly organized body, with a definite purpose, is a thing of more or less power; therefore, they esteem the various organizations, from which we have come out, in obedience to the Master's call. But the natural man cannot understand how a company of people, with no organization which they can see, is ever going to accomplish anything. As they look upon us, they regard us simply as a few scattered skirmishers—a "peculiar people"—with very peculiar ideas and hopes, but not worthy of special notice.

But, though it is impossible for the natural man to see our organization, because he cannot understand the things of the Spirit of God, we trust that you can see that the true Church is most effectually organized, and in the best possible working order. (See the plan of our organization, as stated in October issue, under the caption "The Ekklesia.") The Apostle Paul urges all to unity of faith and purpose (Phil. 3:15, 16—*Diaglott.*) All led by the *same Spirit* may and do come to a knowledge of the *same truth*. Under our Captain, all the truly sanctified, however few or far separated in person, are closely united by the Spirit of Christ, in faith, hope and love; and, in following the Master's command, are moving in solid battalions for the accomplishment of his purposes. But, bear in mind, God is not dependent upon numbers (See Judges 7, as an illustration).

Recognizing this organization, which is of the Spirit, and desiring no assimilation whatever with the worldly, who cannot see or understand it, we are quite willing to bear the reproach of a peculiar people. We always refuse to be called by any other name than that of our Head—Christians—continually claiming that there can be no division among those continually led by his Spirit and example as made known through his Word.

A Torre de Vigia de São, fevereiro de 1884:

By what name may this Church be called? We answer, By the name of its *founder* and *instituter*—Christ. Hence it is the “Church of Christ” or “Church of God,” for God founded it on the *Rock* Christ Jesus; or “Christians,” as they were known in early times. (Acts 11:26; 26:28, and 1 Pet. 4:16.; But because Paul and the other disciples were not followers of Calvin’s teachings, therefore they were not called Calvinists; because they were not followers of Luther’s teachings and example, therefore they were not called Lutherans; but because they followed the *ONE* example and teachings of *CHRIST* only, therefore they gladly acknowledged it when they were called “Christians.”

What think you, do we not occupy the *only ground for union*? Or suppose that all man-made creeds, and forms, and prayer-books, and liturgies, and names were laid aside, or that all Christians met in the one name of Christ, and in earnest simplicity studied *HIS* words under the direction of God’s Spirit and the explanations furnished in the Apostle’s writings, would there long be serious differences even of opinion in the Church?

And so, by whatsoever names men may *call* us, it matters not to us; we acknowledge none other name than “the only name *given* under heaven and among men”—Jesus Christ. We call ourselves simply *CHRISTIANS* and we raise no fence to separate from us any who believe in the foundation stone of our building mentioned by Paul: “That Christ died for *our sins* according to the Scriptures”; and those for whom this is not broad enough have no right to the name Christian.

A Torre de Vigia de São, 15 de setembro de 1885:

(2) Beware of “organization.” It is wholly unnecessary. The Bible rules will be the only rules you will need. Do not seek to bind others’ consciences, and do not permit others to bind yours. Believe and obey so far as you can understand God’s Word today, and so continue growing in grace and knowledge and love day by day.³

A Torre de Vigia de Sião, 1º de outubro de 1909:

Our friends insist that this Scripture indicates that in the end of this Gospel age the Lord would use not many channels for the dissemination of the truth, but one channel, and that it would be the privilege of others of the Lord's faithful ones to be "fellow-servants" (co-laborers). They insist that the facts connected with this harvest time abundantly substantiate this interpretation. They hold that all of them received their knowledge of present truth directly from the Watch Tower Bible and Tract Society's publications, or indirectly through those who have received their enlightenment through this channel. They are glad correspondingly to co-operate as "fellow-servants" with the Society's work, believing that thereby they are following the leadings of the divine providence, as well as the instructions of the divine Word. They believe that such as do otherwise, oppose the divine word, antagonize the harvest work, and will bring injury upon themselves.

They declare that, to their judgments, there is no other interpretation of the facts before us than that presented in our Lord's promise; that at the appropriate time in the end of the age, in the time of his presence, he would bring forth from the storehouse of Grace, Wisdom and Truth things "new and old," and that he would select at that time one special channel through which those blessings would be called to the attention of the household of faith—indicating also that a privilege would be granted to others who might join the service as "fellow-servants." They point out that such as have thus become "fellow-servants" have been blest and used in the harvest work, whilst others opposing have gone into the "outer-darkness" of nominalism as respects "harvest" truth and its service.

A Torre de Vigia de Sião, 16 de outubro de 1916:

Thousands of the readers of Pastor Russell's writings believe that he filled the office of "that faithful and wise servant," and that his great work was giving to the household of faith meat in due season. His modesty and humility precluded him from openly claiming this title, but he admitted as much in private conversation.

A Torre de Vigia de Sião, 1º de outubro de 1909:

Our opponents are often bitter and sarcastic after taking the antagonistic position. They retort that the expression "that servant" should be understood to mean all the members of the church of Christ, and that the expression, "his fellow-servants," is meaningless, because it refers to the same class. They declare that although it is true that they got their first enlightenment respecting the value of Christ's death as a "ransom for all," and their first knowledge of the "times of restitution of all things," and their first appreciation of the "high calling," and their first knowledge of the parousia and the harvest time of this age, and their first knowledge of the fulfilment of prophecies in connection with this harvest time, and their first understanding of the nature of man and the work of redemption, atonement and regeneration from this Society's publications, nevertheless they are of the opinion that all of these things were previously published by others, and they are seeking to find the books. They claim further that to apply this Scripture to us would signify that we are infallible.

But, retort the opponents, while we do not deny the service rendered, yet if we grant the application of Matthew 24:45 to be correct, then we are forced to apply the other part, the context, which says, "Verily I say unto you, he shall make him ruler over all his goods." That would mean that the "fellow-servants" and the "household of faith" in general might not expect to receive their spiritual meat from any other quarter than "that servant." We are opposed to this thought and hence opposed to the entire matter.

O Plano Divino das Eras, 1886, página 23:

Then by degrees there came into existence a special class called "the clergy," who regarded themselves, and were regarded by others, as the proper guides to faith and practice, aside from the Word of God. Thus in time the great system of Papacy was developed by an undue respect for the teachings of fallible men and a neglect of the Word of the infallible God.

Serious indeed have been the evil results brought about by this neglect of truth. As all know, both the church and the civilized world were almost wholly enslaved by that system, and led to worship the traditions and creeds of men.

A Torre de Vigia de Sião, 1º de outubro de 1909:

They point out that they themselves and their forefathers for generations had Bible classes and Bible studies all to no purpose until the Lord, in due time, sent them the "Bible Keys," through the Society. They point out that to ignore this leading of the Lord and to exclude from their study of the Bible the teacher sent of the Lord would be to dishonor the Lord who sent the same and to reject His helping hand; and that the only result that could be expected of such a course would be a gradual loss of light—a proportionate loss of the holy Spirit, the Spirit of the truth, and eventually to reach the "outer darkness" of the world and the nominal-church, from which they were rescued by the truth. They declare that this would correspond to a sow returning to her wallowing in the mire and the dog to his vomit, as the Apostle declares. They declare that to take such a course, to them would mean a lack of appreciation of having been called out of darkness into this marvelous light, a lack of appreciation of the light of "the day star" promised by the Lord as a precursory of the glorious sunrise of the new dispensation.—2 Pet. 1:19-21.

They point out further that the "Dawn-Scripture Study" Volumes are practically the Bible itself in an arranged, systematic form; and that it is this very systematization of the Bible which brought them to their present enlightenment and joy in the holy Spirit. They declare that wranglings and speculations and guesses respecting things not revealed in God's Book are what is often styled "Bible study," and that they are afraid of these and desire to keep close to the Lord and to the message which they believe that he has sent to them, and that, therefore, they prefer to study the Bible in the light and under the leading of the "Berean Studies" and the "Studies in the Scriptures," and to look for further light in the same direction and without expecting special revelations to their own brains or from a variety of directions.

A Sentinela de 1º de julho de 1943, páginas 204 a 206:

Every organization requires specific instructions for all those who serve in it. In the past the Lord issued his "organization instructions" to his servants through his central agency or channel. Each one joyfully accepted his part therein and faithfully carried it out.

Now, the apostle says, Jehovah speaks to us through his Son. (Heb. 1:1, 2) The Son has returned as King; he has come to his temple. He has appointed his "faithful and wise servant", who is his visible mouthpiece, and says to those who are privileged to represent him upon the earth, "This gospel of the kingdom shall be preached in all the world for a witness unto all nations" (Matthew 24:14);

These expressions of God's will by his King and through his established agency constitute his law or rule of action for the "faithful and wise servant" and for their good-will companions today who will dwell upon the earth for ever in the New World. The Lord breaks down our organization instructions further and makes them more practicable by further instructing us through his "faithful and wise servant". He says, 'Let us assign the field, the world, to special pioneers, regular pioneers and companies of Jehovah's witnesses in an orderly way, sufficient for everyone to thoroughly witness therein, and let us place upon each one the responsibility of caring for the New World interests in these respective assignments.' He says the requirements for special pioneers shall be 175 hours and 50 back-calls per month, which should develop into a reasonable number of studies; and for regular pioneers 150 hours and as many back-calls and studies as

can be properly developed during that time. And for company publishers he says, 'Let us make a quota of 60 hours and 12 back-calls and at least one study a week for each publisher.' These directions come to us from the Lord through his established agency directing what is required of us; and, for those who really love the Lord and are guided by his counsel, that is a reasonable service requirement. This expression of the Lord's will should be the end of all controversy. It is for your good that these requirements are made; for thereby you are enabled to prove your integrity and magnify the Lord's name.

These directions from the Lord come to us as individuals and as collective units called "companies". Almost every-one who is consecrated to the Lord recognizes that a company requires organization in order to function properly, but not all of these same brethren appreciate the fact that they as individuals require just as complete an organization to carry out their individual responsibilities as the company does. To illustrate: All realize that every company should have a definite assignment of territory in which to witness, but not all appreciate that each individual in that company should have his or her own personal assignment of territory in which to witness. It is just as foolish for a publisher to conclude that he can serve the Lord properly without a personal assignment as it would be for a company to decide that it could function acceptably to the Lord without a territory assignment. A company is required to have an assignment and to systematically work in it from house to house, make back-calls, conduct book studies, and generally aid the people of good-will. They are to carry on all the forms of magazine work in that assignment. They logically hold their own city and such adjacent territory as they can properly handle. It would be the height of foolishness for them to leave their own city and go to a city twenty miles away held by someone else and try to systematically witness in it. Every intelligent person will admit that that would be not only foolishness but rank unfaithfulness to the Lord. The same principle applies to the publisher who refuses to accept the responsibility for a personal assignment of territory and have that assignment as close as possible to his home. The farther away from his home that assignment is, the less time he will have to devote to it and the more difficult it will be to give proper attention to the interest in the territory. Consequently, it is a measure of unfaithfulness to the Lord to thus waste time and energy that belongs to him.

The time has come when each one must bear his own burden fully before the Lord. With the provisions that the Lord has now made in supplying us with new books, question booklets which contain complete instructions for properly carrying on a study, etc., there is absolutely no excuse for anyone, man or woman, to claim to be unable to accept an individual territory assignment and assume full responsibility for it. Those who really love the Lord and are fighters for the New World will not try to excuse themselves on that or any other ground, but will hear the Word of the Lord when he says, Let us do thus and so, and always keep in mind the us includes the Lord, who will be with you in every undertaking. —Matthew 18:20.

The Lord through his "faithful and wise servant" now states to us, "Let us cover our territory four times in six months." That becomes our organization instructions and has the same binding force on us that his statement to the Logos had when he said, "Let us make man in our image." It is our duty to accept this additional instruction and obey it. But someone will say, "The conditions are different. In the case of the Logos, he could accomplish what Jehovah commanded him to do; but when it comes to covering our territory four times in six months, that is out of all reason. We have never covered it more than once or, at the most, twice in six months. It just can't be done." We have all heard that argument before. And if it were true it would look bad indeed, and would imply that the Lord was asking us to do something that is impossible for us to accomplish. The children of Israel walked around Jericho seven times the last day.

The territory now being covered one to two times in six months could very easily be covered four to six times in the same period if everyone took his Kingdom responsibilities seriously. This is *not* theory, but actual facts based on figures gleaned from a number of companies during the past six months.

To do this may mean taking time and effort that is now being devoted to "old world" interests and transferring them to New World interests, which are of God and shall abide for ever. The words of the apostle Peter are to the point in this respect: "Seeing then that all these things shall be dissolved, what manner of persons ought ye to be in all holy conversation and godliness?"

(2 Peter 3:11) Before real progress will be made in increasing our activity we must each one recognize these calls to action as coming from the Lord and applying to us personally, and respond to them wholeheartedly.

The New World Government is 29 years old. Consequently it should be kept before the minds of the people at all times by calling at their homes and telling them about it, by making back-calls and conducting studies with them, by working business territory and calling on them in their offices. They should be witnessed to on the streets with our magazines, publishers presenting the message of the New World. No matter where they go, the people should have always before them the evidence that the New World Government has begun to function.

A Sentinela de 1º de maio de 1957, página 274:

³ Consider that for a moment. Two things are mentioned: the commandment of the father and the teaching or law of the mother. Then the proverb explains that the commandment of the father is a burning lamp but that there is light also from the teaching or law of the mother. The world is full of Bibles, which Book contains the commandments of God. Why, then, do the people not know which way to go? Because they do not also have the teaching or law of the mother, which is light. Jehovah God has provided his holy written Word for all mankind and it contains all the information that is needed for men in taking a course leading to life. But God has not arranged for that Word to speak independently or to shine forth life-giving truths by itself. His Word says: "Light is sown for the righteous." (Ps. 97:11) It is through his organization that God provides this light that the proverb says is the teaching or law of the mother. If we are to walk in the light of truth we must recognize not only Jehovah God as our Father but his organization as our mother.

⁴ Some who call themselves Christians and who claim God as their Father boast that they walk with God alone, that he directs their steps personally. Such persons not only forsake the teaching or law of the mother, but they literally throw God's woman out into the streets. The light of God's truth is not for them. In the nation

of Israel Jehovah made obedience to parents mandatory. "Honor your father and your mother" was the fifth commandment of the Ten. (Ex. 20:2-17; Deut. 5:16, NW) The reward for obedience was long life; for disobedience, death. "In case a man should happen to have a son who is stubborn and rebellious, he not listening to the voice of his father or the voice of his mother, and they have corrected him but he will not listen to them, then . . . all the men of his city must stone him with stones and he must die." (Deut. 21:18-21, NW) Such honor and obedience was required not only as due the immediate parents in the flesh but also as rightfully belonging to the older men of influence in Israel. Failure to render such proper respect to Elisha, the prophet of Jehovah, brought upon a gang of juvenile delinquents the just sentence of speedy execution. (2 Ki. 2:24) Today, also, God requires and exacts from his children obedience, honor and respect. These must be rendered not only to the living God himself, but to his wifely organization as well.

A Sentinela de 15 de dezembro de 1956, página 763:

Hence now when the call to come out of Babylon is being clearly sounded out, if anyone has heard of this call and yet remains in a religious part of antitypical Babylon and gets immersed in such a religious part, his immersion would not count. His decision could not have been a dedication to do God's will, because, to quote paragraph 14, "the individual would have separated himself from such God-dishonoring Babylonish systems even before letting them baptize him."

A Sentinela de 1º de outubro de 1942, página 302:

(1) Do you believe in Jehovah God the Father, that “salvation belongeth unto Jehovah”, and that Christ Jesus is his Son in whose blood your sins are washed away and by whom salvation comes to you from God?

(2) Have you therefore confessed your sins to God and asked for cleansing by Christ Jesus, and therefore turned away from sin and the world, and consecrated yourself without reservation to God to do his will?

Trechos pertinentes da declaração juramentada entregue por Don Adams, secretário-tesoureiro assistente da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Nova York na ação legal de Bonham, Texas. Sua referência à organização das Testemunhas como “hierárquica” encontra-se na seção 6:

AFFIDAVIT OF DON ADAMS

STATE OF NEW YORK)
) ss.:
COUNTY OF KINGS)

I, Don Adams, after being duly sworn, depose and say:

2. I am the Assistant Secretary-Treasurer of the Watchtower Bible and Tract Society of New York, Inc., and, as such, I am familiar with the books, records, publications and operating procedures of the Watchtower Bible and Tract Society of New York, Inc. I have personal knowledge of the facts set out herein and I am a custodian of the official records and publications described herein.

6. To implement their decisions, the Governing Body uses a hierarchial organization together with corporate entities, when appropriate, to accomplish its worldwide work of teaching and declaring the good news of God's established Kingdom. The principal corporation used by the Governing Body is the Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania. (See Organized to Accomplish Our Ministry, page 26.)

and the Bonham Congregation of Jehovah's Witnesses, are entitled to the uninterrupted use and enjoyment of the Bonham Congregation Kingdom Hall located at 1105 Pecan Street, Bonham, Texas.

Respectfully submitted,

Don Adams

Tradução das seções:

Eu, Don Adams, após devidamente juramentado, deponho e digo:

2. Sou secretário-tesoureiro assistente da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Nova York, Inc., e, como tal, estou a par dos livros, registros, publicações e procedimentos funcionais da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Nova York, Inc. Tenho conhecimento pessoal dos fatos delineados na presente declaração e tenho custódia dos registros oficiais e publicações da presente declaração.

6. Para implementar suas decisões, o Corpo Governante utiliza uma organização hierárquica juntamente com entidades jurídicas, quando apropriado, para realizar sua obra mundial de ensinar e declarar as boas novas do Reino estabelecido de Deus. A principal corporação usada pelo Corpo Governante é a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Pensilvânia. (Ver Organizados para Efetuar o Nosso Ministério, página 26.)

e a Congregação Bonham das testemunhas de Jeová, têm direito ao uso ininterrupto e ao usufruto do Salão do Reino da Congregação Bonham, sita à Rua Pecan, 1105, Bonham Texas.

Respeitosamente,

Don Adams

Carta enviada pelo autor à revista *Time*, impressa no número de 15 de março de 1982, na página 7 daquela publicação:

Price of Doubt

Although I disagree with Raymond Franz's theological perspective, I applaud him for questioning human authorities [Feb. 22]. In an age of pastor worshipers, we are destined to repeat Jonestown unless someone stands up and asks "Why?"

(The Rev.) Eddy Keebler
La Crescenta, Calif.

My heart is hardly bleeding for poor put-upon Raymond Franz. Disfellowshipping is to be viewed as discipline intended to make an individual recognize the need to adhere strictly to the Bible for the sake of pleasing God. Whether or not Mr. Franz will be denied any hope of eternal life is in Jehovah God's jurisdiction.

L. Kirk Johnson
Crum Lynne, Pa.

➡ I appreciate the factual approach in the article "Witness Under Prosecution." In connection with my being disfellow-

shipped from the Jehovah's Witnesses, I am quoted as saying: "There is no life outside the organization." When I said this, I was describing not my own feelings but the viewpoint prevalent among most Witnesses and implicit in the organization's teachings. My understanding from Scripture is that God's Son is, exclusively, "the way and the truth and the life."

As for the pain of disfellowshipping, I feel it, but my sentiments are best expressed in the words of Paul: "So now whom am I trying to please—man, or God? Would you say it is men's approval I am looking for? If I still wanted that, I should not be what I am—a servant of Christ" (Galatians 1: 10).

Raymond V. Franz
Gadsden, Ala.

LETTERS TO THE EDITOR should be addressed to TIME, Time & Life Building, Rockefeller Center, New York, N.Y. 10020, and should include the writer's full name, address and home telephone. Letters may be edited for purposes of clarity or space.

Tradução do texto das duas colunas:

O Preço da Dúvida

Embora discorde da perspectiva teológica de Raymond Franz, eu o aplaudo por questionar autoridades humanas [22/fev.]. Numa época de adoração de pastores, estamos fadados a repetir o episódio de Jonestown a menos que alguém se levante e pergunte: "Por quê?"

(Rev) Eddy Keebler
La Crescenta, Calif

Meu coração sangra duramente pelo pobre Raymond Franz. A desassociação deve ser encarada como disciplina que visa fazer a pessoa reconhecer a necessidade de apegar-se estritamente à Bíblia com o fim de agradar a Deus. Se será negada ou não ao Sr. Franz alguma esperança de vida eterna, está na jurisdição de Jeová Deus.

L. Kirk Johnson
Crum Lynne, Pa.

Apreciei a abordagem factual do artigo “Testemunha Sob Acusação”. Em relação à minha desassociação das Testemunhas de Jeová, fui citado como tendo dito: “Não há vida fora da organização.” Quando disse isto, eu não estava descrevendo minha própria opinião, mas o ponto de vista prevalecente entre a maioria das Testemunhas e que é implícito nos ensinamentos da organização. Meu entendimento com base nas Escrituras é que o Filho de Deus, exclusivamente, é o caminho, a verdade e a vida.”

Quanto ao pesar da desassociação, eu o sinto, mas meus sentimentos são mais bem expressos nas palavras de Paulo: “Pois agora a quem estou tentando agradar — os homens ou a Deus? Diríeis que é a aprovação dos homens que procuro? Se ainda quisesse isso, eu não seria o que sou — um servo de Cristo” (*Gálatas 1:10*).

Raymond V. Franz
Gadsden, Ala.

As CARTAS AO EDITOR devem ser endereçadas a TIME, Edifício Time & Life, Rockefeller Center, Nova Iorque, N.Y. 10020, e devem incluir o nome completo, endereço e telefone do autor. As cartas poderão ser editadas para fins de maior clareza ou espaço.

Ao Capítulo 5

Trechos do livro *The Finished Mystery* (O Mistério Consumado), citados e traduzidos no capítulo:

To give unto her the cup of the wine of the fierceness of [His] THE wrath.—The wine of the vine of the earth.—Rev. 14:17-20; Jer. 8:14; Isa. 51:17-20; Jer. 25:26-28; Rev. 18:6.

16:20. And every island fled away.—Even the republics will disappear in the fall of 1920.

And the mountains were not found.—Every kingdom of earth will pass away, be swallowed up in anarchy.

16:21. And there fell upon men.—Greek "The Men," the worshipers of the beast and his image, i. e., the clergy.

A great hail out of heaven.—Truth, compacted, coming with crushing force. A concluding statement of how the seventh volume of *Scripture Studies* appears to the worshipers of the beast and his image.—Rev. 11:19; Isa. 28:17; 30:30; Ezek. 13:11; Joshua 10:11.

Every stone about the weight of a talent.—113 lbs. (MaI. 3:10.) Another view of the seventh volume of *Scripture Studies*, as it appears to the worshipers of the beast and his image, is found in the last of the Egyptian plagues, the death of the first-born, Exodus 11th. and 12th. chapters.

The three days in which Pharaoh's host pursued the Israelites into the wilderness represent the three years from 1917 to 1920 at which time all of Pharaoh's messengers will be swallowed up in the sea of anarchy. The wheels will come off their chariots—organizations.

24:24. Thus Ezekiel is unto you a sign: according to all that he hath done shall ye do: and when this cometh, ye shall know that I am the Lord God.—Thus the silent sorrow at Pastor Russell's heart was to be a sign to Christendom. The sorrowful experiences of Pastor Russell in this connection shall later on be those of all Christendom; "and when this cometh" they shall know that Jehovah God is supreme, and back of all the judgments of the trouble time.

PASTOR RUSSELL DEAD, BUT SPEAKING AGAIN

24:25, 26. Also, thou son of man, shall it not be in the day when I take from them their strength, the joy of their glory, the desire of their eyes, and that whereupon they set their minds, their sons and their daughters. That he that escapeth in that day shall come unto thee, to cause thee to hear it with thine ears?—Also, in the year 1918, when God destroys the churches wholesale and the church members by millions, it shall be that any that escape shall come to the works of Pastor Russell to learn the meaning of the downfall of "Christianity."

35:14. Thus saith the Lord God; When the whole earth rejoiceth, I will make thee desolate.—When the Times of Restitution of all things come, one of the things not to be restored is the Socialist, laborite movement. When all society rejoices in the new order of things ordained of God, the Socialistic state will have been utterly and forever desolated.

35:15. As thou didst rejoice at the inheritance of the house of Israel, because it was desolate, so will I do unto thee; thou shalt be desolate, O mount Seir, and all Idumea, even all of it: and they shall know that I am the Lord.—As the fleshly-minded apostates from Christianity, siding with the radicals and revolutionaries, will rejoice at the inheritance of desolation that will be Christendom's after 1918, so will God do to the successful revolutionary movement; it shall be utterly desolated, "even all of it." Not one vestige of it shall survive the ravages of world-wide embracing anarchy, in the fall of 1920. (Rev. 11:7-13.)¹⁵

By the space of a thousand and [six] TWO hundred furlongs.—This can not be interpreted to refer to the 2100 ~~mile~~ battle line of the world war. A furlong or stadium is not a mile and this is without the city whereas the battle line is within the city. See Rotherham's translation.

A stadium is 606¾ English ft.; 1200 stadii are, mi., 137.9

The work on this volume was done in Scranton, Pa. As fast as it was completed it was sent to the Bethel. Half of the work was done at an average distance of 5 blocks from the Lackawanna station, and the other half at a distance of 25 blocks. Blocks in Scranton are 10 to the mile. Hence the average distance to the station is 15 blocks, or..... 1.5 mi.

The mileage from Scranton to Hoboken Terminal is shown in time tables as 143.8 and this is the mileage charged to passengers, but in 1911, at an expense of \$12,000,000, the Lackawanna Railroad completed its famous cut-off, saving 11 miles of the distance. From the day the cut-off was completed the trainmen have been allowed 11 miles less than the time table shows, or a net distance of..... 132.8 "

Hoboken Ferry to Barclay Street Ferry, New York, is..... 2.0 "

Barclay Street Ferry to Fulton Ferry, New York, is 4,800 feet or..... 0.9 "

Fulton Ferry, New York, to Fulton Ferry, Brooklyn, is 2,000 feet or..... 0.4 "

Fulton Ferry, Brooklyn, to Bethel, is 1,485 feet or 0.3 "

Shortest distance from place where the winepress was trodden by the Feet Members of the Lord, Whose guidance and help alone made this volume possible.

John 6:60, 61; Matt. 20:11.).....mi., 137.9

The following is a corrected translation of Job 40:15 to 41:34, with comments thereon from the pen of one of Pastor Russell's followers: "Behold now one with great heat [the stationary steam engine], which I have made to

be with thee; he will consume fodder [peat, wood, coal] as do cattle. Behold now his strength is in his loins [boiler plates], and his power is within the parts bent in a circle [boiler shell] of his belly. His tail [smoke stack—opposite the feeding end] will set upright like a cedar; the couplings of his leaping parts [connecting rods, pitmans] will be clamped together. His bones are tubes of copper; his solid bones [grate bars] are as hammered-out bars of iron. He is the greatest of the ways of power. He that made him [the Lord] can make H's sword [Word] to approach unto [reveal] him. [Isa. 27:1, 2.] He shall rest under thin shelter [steam jackets] within a covering of fibrous reeds [jute] and clay [mortar]. The willows of the valley [the trees overhead] will enclose him around about. Behold [as a pumping engine] he will drink up an overflowing river without much exertion; he will cause the people to trust [that their cellars will keep dry], though a Jordan should rush forth over its border. He will gather it up in his fountains by means of traps and with a perforated nozzle.

"Thou wilt lengthen out leviathan [the locomotive] with a hook [automatic coupler] or with a snare [coupling-pin] which thou wilt cause his tongue [coupling-link] to drop down. Wilt thou not place a ring [piston] in his nostrils [cylinders] or pierce through his cheeks [piston-ends] with a staff [piston-rod]? Will he make repeated supplication unto thee [to get off the track]? Or will he utter soft tones unto thee [when he screeches with the whistle]? Will he make a covenant with thee, that thou mayest take him for a servant forever [without repairs]? Wilt thou play with him as with a bird [make him whistle at will]? Or wilt thou bind [enslave] him for thy maidens [so that you can take them to a picnic or convention]? Companies [of stockholders] will feast upon him [his earnings]; they will share him among speculators. [Psa. 74:14.] Thou wilt fill his skin with pointed irons [bolts], and his head with a cabin of fishermen [a cab similar to the cabins on fishing vessels]. Place thy hand upon him, be mindful of the conflict [raging within the boiler] and thou wilt add no further questions. Behold, his confidence [boiler] being deceived [not properly supplied with water], shall not at once his mighty form be spread asunder [by an explosion]? There is none so bold that he will stir him up [to run at his very highest possible speed], and none who will then place himself before him [to be run over]. Who will compete with this one and endure [pass him on the track]? Under the whole heaven, none, unless [one like] himself.

"I will not pass in silence his members, nor the cause of his mighty forces, nor the beauty of his equipment. Who can strip off the facings of his jacket? Who can penetrate

between the double lap of his shield [the overlapping sections of the boiler plates]? Who can force open the doors of his shield [the boiler ends]? The circuits of his teeth [rows of rivets] are formidable. His strength depends on courses of shields [sections of plates] closed up tightly with a seal [calked]. They shall join one upon another so that a hiss of air [steam] shall not escape from between them. One to the other shall adhere. They will be welded together that they cannot be sundered. In his sneezing [when he puffs from the cylinders] light will shine, a flood of light prevailing the mass of vapors: and his eyes [headlights] will be as the eyelashes of the morning [as rays of light from the rising sun]. Out of his mouth [fire-door] will leap forth flaming torches, and [from the smoke stack] glowing sparks will slip themselves away. From his nostrils [cylinders] will issue forth vapor as from a boiling pot or caldron. His inhaling [forced draft] will vivify burning coals, and a flame will leap forth from his mouth. Within his neck abideth strength, and a desolation will dance with joy [become a prosperous community] at his presence. The separable parts of his body are connected together; all will be made fast upon him; nothing will be shaky. His heart will be indurated similar to a stone, and will be firm as a piece of the lower [rocks]. When at his full speed the most courageous will fear [lest], from accidents, they lose themselves. When dryness exalteth him [or renders him furious], he will not have power to withhold; the curved vault [fire box] being caused to tear away, and also the armor. He will esteem iron as straw, and brass as rotten wood. The archer cannot make him flee; missiles [of war] will be turned unto him as chaff. The [strokes of a] hammer will be esteemed as chaff; he will rejoice at the poking of the fireman. Hewed [or notched] timbers of the craftsman [ties] are under him; he will spread an embankment [or trench] upon the mire. He will [as a marine engine] cause deep [places] to become as a boiling pot [about his propellers]; he will make the sea to appear like boiling ointment. He will make a path to shine after him; one will think the deep to be growing gray. [Psa. 104:26; Isa. 27:1.] Upon the earth there is not his like—he that is [so] constructed that he can fear nothing. He can oversee [control by his work] all that which is great; he is indeed king over all conceptions of power.”

(18) *Nahum* was the next one of the holy Prophets; and after prophesying in the last verse of the preceding chapter about the coming of the King with His good tidings of peace to the sin-burdened earth, he next tells (*Nahum* 2:3-6) of an interesting thing that will be a matter of common everyday experience at the time the Kingdom is established. He describes a railway train in motion [not an automobile, as some think], and if we will be at the trouble to put ourselves in the Prophet's place we can see just what he saw in his vision and what he has so interestingly described. First, the Prophet stands looking at the engine coming toward him, and then says, "The shield [the thing ahead of this great warrior—the headlight] is made red [shines brilliantly], the valiant men [the engineer and the fireman] are dyed scarlet [when the flames from the firebox illuminate the interior of the cab at night, as the fireman opens the firedoor to throw in the coal]. The chariots [the railway coaches] shall be with [shall be preceded by locomotives that, at night, have the appearance of] flaming torches, in the Day of Preparation."

Next the Prophet takes his place in the train and looks out of the window, and, seemingly, "The fir trees shall be terribly shaken [the telegraph poles alongside the track seem to be fairly dancing]. The chariots shall rage in the streets [a railway is merely an elaborate, scientifically constructed street, or highway], they shall jostle one against another in the broad ways [the clanking and bumping of the cars together is one of the significant items of railway travel]. They shall seem like torches [a railway train at night, rushing through a distant field, looks like nothing so much as a vast torch, going at flying speed], they shall run like the lightnings." Next the Prophet sees the conductor coming for his ticket and says, "He shall recount his worthies [the conductor spends his entire time, almost, counting and recounting his passengers, keeping them checked up, etc.]; they shall stumble in their walk [try walking on a rapidly moving train]; they shall make haste to the wall thereof [to the next city or town] and the coverer [the train shed, the station] shall be prepared [the baggageman, expressman, mail wagon, hotel bus, intending passengers, and friends to meet incoming passengers, will all be there waiting for the train to come]. The gates of the rivers shall be opened [the doors of the cars will be opened and the people will flow out] and the palace [car] shall be dissolved [emptied]."

Ao Capítulo 6

Este foi o trecho da página 7 do livro *Comentário à Carta de Tiago*, escrito originalmente por Edward Dunlap e que foi rejeitado pela maioria do Corpo Governante:

As James shows, no Christian should judge his brother or set up human standards that he must follow, though he may encourage a brother and incite him to fine works; and he may even reprove his brother where there is definite Scriptural reason and Scriptural proof for what he says. (Jas. 4:11, 12; Gal. 6:1; Heb. 10:24) When the right works are performed they must be carried out at the direction of conscience. The real Christian will not do things by rote, and he does not need a detailed code of rules. Neither does he carry out his good works because of pressure from others. The apostle Paul points out these facts at Romans chapter 14. So if a person has a genuine, living faith, the works will reasonably follow. They will be good works that God will reward, because they are performed out of heart devotion. However, one who tries to gain righteousness through a minutely defined structure of “dos” and “don’ts” will fail. Such “righteousness” is of men and not of God.

Para a conveniência do leitor, repetimos aqui a tradução:

Conforme Tiago mostra, nenhum cristão devia julgar seu irmão, nem estabelecer normas humanas que ele deve seguir, embora possa incentivar o irmão e estimulá-lo a obras excelentes; e pode até mesmo repreender seu irmão, havendo um motivo bíblico definido e prova bíblica para aquilo que diz. (Tia. 4:11, 12; Gál; Heb. 10:24) Ao se realizarem obras corretas, devem ser executadas sob a orientação da consciência. O verdadeiro cristão não fará nada mecanicamente, nem precisa dum código pormenorizado de regras. Tampouco realiza suas obras devido à pressão de outros. O apóstolo Paulo destaca estes fatos em Romanos, capítulo 14. Portanto, quando alguém tem genuína fé viva, as obras excelentes seguir-se-ão razoavelmente. Serão obras boas, que Deus recompensará, porque são realizadas por devoção de coração. Mas, quem tentar obter a justiça por meio duma estrutura minuciosamente definida do que se deve fazer e do que não se deve fazer vai fracassar. Tal “justiça” é dos homens, não de Deus.

As mudanças feitas no *Comentário à Carta de Tiago* apresentadas no capítulo 6 aconteceram por coincidência. O debate do conteúdo do livro ainda não publicado originou-se das objeções de Fred Franz, membro do Corpo Governante, à explanação sobre Tiago 5:14, 15 feita por Edward Dunlap, autor do comentário. Estes versículos exortam qualquer cristão que esteja “doente” a chamar os anciãos para que orem sobre ele, “untando-o com óleo” em nome do Senhor. A explicação de Dunlap dava provas de que isto se referia mais provavelmente a doenças físicas, ao passo que a interpretação da Sociedade Torre de Vigia havia muito tempo limitara isso unicamente à doença *espiritual*, sendo o “óleo” interpretado como se referindo figurativamente à ‘consoladora informação encontrada nas Escrituras’.

O presidente, Fred Franz, como membro da Comissão de Redação do Corpo Governante, bem como seus outros quatro membros, tinha lido a matéria quando foi submetida àquela comissão. Ao apresentar por escrito suas objeções, o presidente escreveu (citando a cópia original de seu memorando):

A matéria deve ser corrigida para eliminar a inclusão de doença física. Caso contrário, os anciãos terão, quando fizerem visitas de “pastoreio”, de levar consigo um frasco de óleo para untar alguém. Que marca de óleo, óleo de oliva, óleo de amendoim, óleo mineral russo, ou que tipo específico de óleo? Terão os irmãos que “pastoreiam” de untar e esfregar as irmãs que estão doentes? Em que parte do corpo devem esfregar o óleo?

Seus comentários se estenderam ainda por várias sentenças, mas todos no mesmo estilo.

Na realidade, a matéria entregue por Dunlap tinha tratado o assunto de modo equilibrado e conservador, comparando o costume com o de lavar os pés, o qual, embora comum nos tempos bíblicos como um ato de hospitalidade, não é praticado hoje. A matéria sugeria modos alternativos em que os anciãos poderiam mostrar interesse equivalente e cuidado consolador por um con cristão doente.

Como eu tinha sido designado para supervisionar a elaboração do comentário, fui à sala de meu tio e conversei com ele sobre as objeções. Concentrei a atenção no fato de que a mesma expressão grega para “esfregar com óleo” ocorre em Marcos 6:13 e que ali ela está claramente ligada a ações para com pessoas *fisicamente* enfermas.

Após longa discussão, ele me disse para ir aos outros membros da Comissão de Redação e que se eles estivessem dispostos a aceitar a matéria ele não insistiria em suas objeções. Os outros membros, quando consultados, concordaram em aceitar a matéria e esta foi então enviada para a gráfica da Torre de Vigia, composta e impressa em centenas de milhares de cópias.

Semanas depois, no final de uma reunião do Corpo Governante, sem antes ter dito nada à Comissão de Redação (ou a mim pessoalmente), o presidente levantou a questão e fez uma longa exposição de objeções, dando ênfase especial às já citadas. Nada disse ao Corpo Governante sobre o que anteriormente me falara e que concordara em deixar a decisão aos demais membros da Comissão de Redação, da qual eu fazia parte. Recordo que Grant Suiter falou dizendo: “Onde está esta matéria?” Quando Lyman Swingle informou que esta fora enviada para a gráfica, Suiter continuou: “Então digo que devemos trazê-la de volta e imprimir a *verdade*!” Assim como os demais membros do Corpo que não faziam parte da Comissão de Redação, ele nunca leu ou chegou a ver a matéria, mas a exposição de Fred Franz fora feita e isso evidentemente era suficiente para que tomasse sua decisão.

Quando obtivemos cópias da matéria (tiradas das centenas de milhares de cópias já impressas), o Corpo Governante debateu o assunto e o debate terminou com a maioria votando a favor de reescrever a matéria para ajustá-la ao conceito tradicional dos versículos. Então, um dos membros, não recordo qual, levantou a questão dos trechos apresentados no capítulo 6 desta obra (que estão no original mostrado acima). O resultado final está lá.

Quando a matéria foi reescrita, o texto de Marcos 6:13 não foi considerado, de fato, nem sequer alistado. Uma citação do comentário bíblico de Schaff-Lange foi utilizada, visto que sugeria uma “interpretação figurativa desta passagem”, dando margem a que se aplicasse à doença espiritual. O que a matéria reescrita *não disse* é que o mesmo comentário prosseguia dizendo que nos tempos cristãos o costume de ‘untar com óleo’ era também provavelmente praticado de

modo literal. Visto que esta declaração, como a do texto de Marcos 6:13, não favorecia o argumento, não foi mencionada.¹

Apresentamos a seguir o trecho da *Sentinela* de 1º de junho de 1955, página 98 (mencionada na nota de rodapé 24 do capítulo), na qual se diz que o “ministério de tempo integral” (numa das modalidades da organização Torre de Vigia, tais como “serviço de pioneiro”, “serviço em Betel”, etc.) é uma *obrigação* de todo ministro cristão e se dá a entender que o descumprimento disso (a não ser por motivo de força maior) é um “pecado”:

A OBRIGAÇÃO DE PREGAR POR TEMPO INTEGRAL

Por motivo de apenas cerca de quatro por cento de todos os ministros cristãos de Jeová se empenharem no ministério de tempo integral, alguns podem se inclinar a considerar o ministério de tempo integral como a exceção. Mas nisto se enganam, pois, em virtude de seu voto de dedicação, cada ministro cristão está obrigado a servir por tempo integral, a menos que circunstâncias sobre as quais ele não tenha controle tornem isso impossível. O mandamento é: “Tens de amar a Jeová, teu Deus, de todo o teu coração; e de toda a tua alma, e de toda a tua mente, e de toda a tua força.” Nada deve ser retido. — Mar. 12:30, NM.

Não podemos escapar da nossa responsabilidade. “Para quem sabe fazer o bem, e não o faz, para esse é pecado.” Cada um está obrigado “segundo o que alguém tem”, e “de todo aquele a quem muito é dado, muito será requerido; e daquele a quem muito é con-

¹ Veja *Comentário à Carta de Tiago*, páginas 199-203. Cópias da matéria original, conforme originalmente impressas na gráfica da Torre de Vigia, podem ser obtidas por meio da Commentary Press.

Ao Capítulo 7

Trecho de *A Sentinela* de 1º de julho de 1955, pág. 409, § 10, debaixo do subtítulo “Requisitos”. No trecho que está sublinhado, este parágrafo diz claramente que a pessoa dedicada a Deus deve ser “uma testemunha de casa em casa”:

¹⁰ It is expected of the dedicated one that he will uphold the cause of the Father, the cause of true worship, will preach in honor of the Word and name of Jehovah God, will fully bear his responsibilities as a minister, a preacher in the field service from house to house, and otherwise participate fully in the activities of the New World society, to advance the proclamation of the Kingdom and uphold the true worship of Jehovah. The dedicated one must be a house-to-house witness as was Christ Jesus and the apostles to the extent of his ability, and must otherwise be a witness and announcer of the theocratic kingdom of righteousness.

Primeira página da tabela de 12 páginas elaborada pelo autor, acerca da atividade de testemunho de Jesus, dos apóstolos e de outros primitivos cristãos, conforme se encontra registrada nos quatro evangelhos e no livro de Atos dos Apóstolos:

<u>TEXT</u>	<u>WITNESSING ACTIVITY</u>	<u>LOCATION OR METHOD</u>
Matt 3:1-6	John's activity	In wilderness, 'people went to him. (MARK 1:4-6; LUKE 3:3-18, JEREMY 1:14-15)
4:17	Jesus commences	Unspecified (MARK 1:14, 15)
4:18-22	Calls first disciples	Alongside sea of Galilee (MARK 1:16-20)
2:23-25	Tour in Galilee	No method described; "great crowds followed him."
5:1-7:29	Sermon on mount	Talked to crowds on mountainside (LUKE 6:12-49)
8:1-4	To leper	Account says "crows followed him" and leprous man came to him (LUKE 5:12-16)
8:5-10	To army officer	Officer came to him, "those following him [Jesus]" also heard
* 8:14-17	Re curing	In Peter's house; "people brought him" those needing cure (MARK 1:29-34, LUKE 4:38-41)
8:18-22	To scribe	"crowd around him" Jesus ready to go on boat, scribe approaches him
8:28-34	Re demon-possessed men	Outside city, people turn out to meet Jesus (MARK 5:1-20, LUKE 8:16-39)
9:2-8	Re paralyzed man	Capernaum, people bring to him the paralyzed man (LUKE 5:17-26)
9:9	Calls Matthew	At Matthew's seat in tax office (MARK 2:13, LUKE 5:27-32)
* 9:10-13	Re tax-collectors and sinners	Reclining at table in [Matthew's] house, people came there (MARK 2:15-17)
9:14-17	Re fasting	John's disciples "came to him" (MARK 2:18, LUKE 5:33-35)
* 9:18-26	Ruler's ¹⁵ daughter and a sick woman	Ruler "approached," woman came up to him, he went into ruler's house (MARK 5:21-43, LUKE 8:40-56)
* 9:27-31	Two blind men	Followed him into the house [evidently house where Jesus stayed in Capernaum] (COMPARE MARK 2:1, 2)
* 9:32-34	Re dumb man	People brought man to him in same house
9:35-38	Tour	Synagogues; account speaks of crowds; methods otherwise not indicated (MARK 6:6, 12, 13)
* 10:1-42	Sends out twelve	No specific methods prescribed; gave instructions regarding caring for needs as to food, clothing money and lodging, showing how to find proper lodging from which to carry out activity; speaks of 'preaching from housetops' but evidently in figurative sense (MARK 3:13-15, 6:7-14, 30, LUKE 9:1-16, 10:1-12, 17, 21-24, 27, 28, 36, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100) (COMPARE LUKE 9:31-34, 10:5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100)

Ao Capítulo 8

Seção “Sob ‘a lei do Cristo’”, do “Prestai Atenção a Vós Mesmos e a Todo o Rebanho”, em inglês:

Unit 8 (b)

Under “the Law of the Christ” (Gal. 6:2)

Jehovah’s people today are not under the control of the body of law known as the Mosaic law of ancient Israel. (Col. 2:13, 14) Paul showed that since there has been a change in the priesthood from Aaron to that of Jesus Christ in the manner of Melchizedek, Christians are under a new legal arrangement of control. (Heb. 5:4-6; 7:12) Some rules of conduct found in the old law of Moses have been restated under the law of the Christ and are enforceable upon Christians. (Acts 15:19-21) Other rules of conduct from the law of Moses with their underlying principles, though not enforceable in the Christian congregation, are nevertheless useful to Christians as they walk in the way of holiness. (Jas. 2:8, 9) It is well for elders to consider some of these guidelines that are intended to protect the Christian congregation and keep it clean in Jehovah’s sight.—Eph. 5:25-27.

LAW OF THE CHRISTIAN CONGREGATION

Christians are not under the Mosaic law, but under “the law of the Christ.” (Gal. 6:2; 1 Cor. 9:21)

Consists of a body of rules for Christian conduct.
(Gal. 6:16)

O autor apresentou o trecho acima, que faz parte da versão de 1981. Esta versão não contém o mesmo texto da versão atual do KS (*Prestai Atenção a Vós Mesmos e a Todo o Rebanho*; livro usado exclusivamente pelos pastores das Testemunhas de Jeová e cuja leitura é proibida aos membros “comuns” das congregações). Reproduzimos abaixo o trecho correspondente em português do KS de 1991, revisado, que se encontra na seção 6(b). Note que, apesar de as expressões

“arranjo legal de controle” e “imposto aos cristãos” terem sido omitidas desta nova versão, ela ainda afirma que as Escrituras Cristãs “possuem uma abundância de *leis, mandamentos e decretos* que o cristão tem a *obrigação* de observar”. E manteve a idéia de que a lei do Cristo é “um conjunto de regras”. Observe os trechos sublinhados:

UNIDADE 6 (b)

Sob “a Lei do Cristo”

“A lei do Cristo” não é o conjunto de leis que compõem a Lei mosaica do antigo Israel. (Gál. 6:2; Col. 2:13, 14) Desde o Pentecostes de 33 EC, os cristãos estão “debaixo de lei para com Cristo”. Esta diretriz é chamada de “lei perfeita que pertence à liberdade”. — 1 Cor. 9:21; Tia. 1:25; *ad* pp. 993-4, *it* “Lei”.

Jesus não escreveu pessoalmente uma coleção de leis. Ademais, seus discípulos não assentaram leis na forma de um código para os cristãos, com seções e artigos. Entretanto, as Escrituras Gregas Cristãs possuem uma abundância de leis, mandamentos e decretos que o cristão tem a obrigação de observar.

Algumas regras de conduta na Lei de Moisés foram reafirmadas na lei do Cristo e continuam em vigor para os cristãos. (Atos 15:19-21) Outras regras de conduta da Lei de Moisés, com os seus princípios subjacentes, embora não vigorem na congregação cristã, são úteis aos cristãos ao passo que andam no caminho da santidade. — Tia. 2:8, 9.

Os anciãos devem sempre considerar seriamente as orientações que servem para proteger a congregação e mantê-la limpa diante de Jeová. Devem também tratar o rebanho de Deus com ternura. — Atos 20:28-30; Efé. 5:25-27.

Lei da Congregação Cristã

Os cristãos estão sob a lei do Cristo, não sob a Lei mosaica. (1 Cor. 9:21)

A lei do Cristo consiste no conjunto de regras referentes à conduta cristã. (Gál. 6:16)

O manual *Ajuda Para Responder Correspondência dos Escritórios de Filial* tem como objetivo orientar todas as Comissões de Filial da organização a lidar com problemas. Na realidade não se trata de simples ‘orientações’. Conforme o autor esclarece no capítulo, o conteúdo deste manual tem força de *lei*, já que se baseia em decisões do Corpo Governante da organização, as quais devem ser *necessariamente* acatadas pelos anciãos (pastores) das Testemunhas de Jeová ao lidarem com os casos (principalmente de natureza “judicativa”) que surgem o tempo todo nas congregações através do mundo.

Apresenta-se aqui o índice do manual original, cuja tradução aparece no capítulo:

INDEX

Abortion	78
Adoption	14
Adultery, Evidence	27, 28
Alcoholic Beverages	1
Alien	2, 3
Annulment	31, 32
Anthems	54, 55
Apostasy	4
Appeal Committee	64, 65
Baptism	5-8
" , Military Service	86a
" , Retarded Person	7
Bible Study, Disfellowshipped Person	22
Birth Control	52
Birthday	22, 23
Blood	9-11
Bloodguilt	12, 34
Bribes	13
Bride Price	32
Business Partnerships	34

Children 14
 " , Retarded 51
 " , Wrongdoing 50, 64
 Church, Buying or Selling Kingdom Hall 96
 " , Children 51
 " , Removing Name 5, 6
 Citizenship 89
 Clothing that Is Proper 15
 Committee, Need 61
 Common Law Marriage 16
 Conduct with Persons of Opposite Sex 17, 18
 Confession 62
 " , Adultery 25, 28
 " , From Elder 34
 Consensual "Marriage" 29
 Court 73

 Dating 32
 Death, Prolonging 79, 80
 Disassociation 19, 87, 88, 90
 Disfellowship 20-23
 " , Funeral 57
 " , Marriage to 6, 7
 " , Memorial 85
 " , Move into Home 74
 " , Refusing Meeting 62, 63
 Divorce 24-32
 " , Porneia 104
 " , Where Difficult 30
 Doctor, Blood 10, 11
 " , Locating 78

 Elders 33-35
 " , Formerly Disfellowshipped 64
 " , Wrongdoing 62
 Employment 36-48
 " , Alien 2
 " , Armed 47, 48
 " , Business Partnership 34
 " , Involving Blood 10
 " , Schoolteachers 99, 100
 " , Tobacco 109, 110
 Engagement 75
 Exemption, Military Service 87

 Family Affairs 49-52
 Fines 53
 " , Union 112
 Flag, Displaying 55
 Flag Salute and National or School Anthems 54, 55
 Forgiveness, of porneia 28
 Funeral 55-58
 " , Kingdom Hall 70
 " , War Veteran 55

 Gambling 59, 60
 Government Bonds 60a
 Government, Required Work 90
 Gun, Armed Employment 47, 48

 Handling Cases of Wrongdoing 61-65
 Head Covering 66
 Hermaphrodite 104
 Holidays, Unbelieving Mate 49, 50
 Honor to Government Officials 67
 Hospitals, Religious 46
 Hypnotism 78, 79

Illegal Activities 68
 Illegitimacy 52
 Impotence 31
 Imprisonment 69
 " , Elder 34
 " , Work 110
 Insanity 31

 Karate 102
 Kingdom Hall, Buying from Church 96
 " " , Children Attend 51
 " " , Disfellowshipped Person 22
 " " , Financing 71, 72
 " " , Selling to Church 96
 " " , Weddings 70

 Legal Matters 73
 Living Accommodations 74
 Loans 71, 72
 Loose Conduct 17, 18

 Marriage 75-77, 113, 114
 " , Alien 2, 3
 " , Annulment 31, 32
 " , Common Law 16
 " , Divorce, Interlocutory Decree 30
 " , to Disfellowshipped Person 6, 7
 " , Disfellowshipped Person 21
 " , Kingdom Hall 70
 " , to Unbeliever 35, 49, 50, 75, 76

 Medical Treatment 78-81
 Medicine, Illegal 79
 Meetings 82
 " , Disfellowshipped Person 22
 Membership in Various Organizations 83
 Memorial 84, 85
 Mentally Retarded 51
 " " , Baptism 7
 " " , Wrongdoing 63
 Military Service 86-88
 Ministerial Servant, Formerly Disfellowshipped 64
 Murder 68
 " , Bloodguilt 12
 Music, Anthems 54, 55

 Naturalization 89
 Neutral Committee 64, 65
 Neutrality 90, 91
 News Service 92
 Organ Transplants 81

 Pants, Women 15
 Parents, Care for 52
 Patriotism, Flag Salute and Anthems 54, 55
 Picketing 112
 Pioneer Qualifications 93
 Political Elections 94
Porneia 17, 18, 25, 103, 104
 " , Evidence 27, 28
 Prizes 60
 Psychiatry 80

 Rape 52
 Rebaptism 7
 " , Elders 34
 Recreation 95
 Registering to Vote 94
 Reinstatement 23
 " , Privileges 63, 64
 Religious Involvement 96, 97
 Restitution 23

Schools, Religious 45, 46
 " , Secular Education 98-100
 Segregation 101
 Self-Defense 102
 Separation, Christians 27
 Serums 9
 Sex Change 104, 105
 Sex Relations, Divorced Persons 30, 31
 Sexual Conduct 103-105
 Showers 114
 Spiritism 79, 106
 Statement Pledging Faithfulness 30, 31, 37, 76
 Sterilization 80, 81
 Suicide 57

 Taxes 107
 Theocratic School, Enrollment 82
 Tobacco 108-110
 Transplanting Organs 81
 Transsexual 104, 105
 Transvestism 105

 Uniform 69
 Union Membership and Activities 111, 112

 Venereal Disease 28
 Voting 94
 " , Unions 111

 Weddings 113, 114
 Widow, Pension 77

Trechos da carta original que a filial da Torre de Vigia na Colômbia enviou a Brooklyn:

6. According to Colombian law for non-profit corporations we are prohibited from making loans on which interest is charged. Doing so would classify us as a commercial firm and liable to pay corporate taxes at the rate for limited partnerships. At the moment we classify the income from Hall loan repayments, which includes interest, as donations for purposes of reporting to the government on our tax return. However, on the Society's books this income is classed as investment returns, #7A, and on the individual loan ledgers the payments on principal and interest are clearly identified. Could we have your comments on the moral aspects of this procedure?

7. We have work contracts with our missionaries and certify them as employees to the government Ministry that deals with foreigners. We must do this in order to get them into the country. However on our tax returns we show that we have no employees. This is to avoid paying employer contributions to social security, etc, and to avoid problems with intricate fringe benefits required by law. "Everybody does it," but how do we stand morally?

Ao Capítulo 13

Em seu ensino relativo a duas classes de cristãos, a Sociedade Torre de Vigia se apóia firmemente no relato de Revelação capítulo 7. Aplica a visão de João dos 144.000, “selados de toda tribo dos filhos de Israel”, à “classe ungida” ou “Israel espiritual”. Os versículos 9 a 17, que descrevem “uma grande multidão... de todas as nações e tribos e povos e línguas”, são aplicados a uma classe terrestre, constituída, na prática, de “gentios espirituais”. (Veja, por exemplo, *O Paraíso Restabelecido Para a Humanidade — Pela Teocracia!*, página 80, parágrafo 15.) É interessante comparar as coisas ditas sobre esta “grande multidão” com os textos bíblicos que a organização aplica explicitamente à “classe ungida” ou que claramente se relacionam a seres *celestiais*. Eis alguns exemplos:

Aplicados a uma “classe terrestre não-ungida”	Aplicados a uma “classe ungida” ou a personagens celestiais
Rev. 7:9: Depois destas coisas eu vi... uma grande multidão	Rev. 19:1: Depois destas coisas ouvi o que era como a voz alta duma grande multidão no céu
Rev. 7:9: de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas	Rev. 5:9: dentre toda tribo, e língua, e povo, e nação
Rev. 7:9: em pé diante do trono	Rev. 14:1, 3: cento e quarenta e quatro mil... cantando como que um novo cântico diante do trono. (Confira ainda Rev. 1:4, 2-6, 10; 7:11; 8:3)
Rev. 7:9: e diante do Cordeiro	Rev. 5:8: as quatro criaturas viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro
Rev. 7: 9: trajados de compridas vestes brancas	Rev. 6:11: a cada um deles foi dada uma comprida veste branca. (Confira ainda Rev. 3:4, 18; 4:4)
Rev. 7:10: gritavam com voz alta, dizendo: “Devemos a salvação ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro”	Rev. 19:1: duma grande multidão no céu... Disseram: “Louvai a Jah! A salvação, e a glória, e o poder pertencem ao nosso Deus”
Rev. 7:14: “Estes são os que saem da grande tribulação (grande	2 Tess. 1:4, 7: todas as vossas perseguições e tribulações que estais

perseguição, <i>BLH</i> ; grande provação, <i>NEB</i>)	suportando...a vós os que sofreis tribulação, alívio junto conosco, por ocasião da revelação do Senhor Jesus desde o céu (Confira ainda Rev. 2:9-11; 6:9-11; Mat:13:21; 24:9; João 16:33; Atos 14:22; 1 Tes.3:3, 4, 7)
Rev. 7:14: lavaram as suas vestes compridas e as embranqueceram no sangue do Cordeiro	Rev. 22:14: aqueles que lavam suas vestes... que obtenham entrada na cidade [a Nova Jerusalém] (Confira 1 Pe. 1:2, 18, 19; 1 Cor. 6:11)
Rev. 7:15: prestam-lhe serviço sagrado, dia e noite, no seu templo (grego, <i>naos</i>)	Rev. 11:1: mede o santuário do tem plo [grego, <i>naos</i>] de Deus... e os que nele adoram. (Confira Rev. 11:19; 14:15, 17; 15:5-8; 16:1, 7) A palavra grega <i>naos</i> é usada em cada um destes textos e refere-se claramente ao “santuário”, nunca a um “pátio dos Gentios” terrestre. A Sociedade Torre de Vigia admite que o santuário do templo retrata o reino celestial de Deus, e destina às “outras ovelhas um “pátio dos Gentios” terrestre. Note ainda que Revelação 11:2 diz sobre este pátio: “lança-o... fora.”
Rev. 7:15: estenderá sobre eles a sua tenda	2 Cor. 6:16: Deus disse: “Residirei entre eles” (Em Revelação 21:3 a nota de rodapé da <i>Tradução do Novo Mundo</i> mostra que “residir” significa “morar em tenda” com alguém. (Confira também João 14:23; 2 Coríntios 12:9)

Com respeito aos 144.000 deste capítulo de Revelação, o relato fala destes como “selados de toda tribo dos filhos de Israel”, 12.000 de cada uma das 12 tribos (versículos 4-8). As publicações da Torre de Vigia vêem os “filhos de Israel” não no sentido literal, mas *figurativo*, como parte de um Israel espiritual. Do mesmo modo, não vêem as 12 “tribos” como literais, mas como tribos *figurativas*. A pergunta é: Como pode a soma de todos estes elementos *figurativos* produzir um

total *literal*, a saber, 144.000 *literais*? O argumento da Sociedade Torre de Vigia é que já que a “grande multidão” é descrita como algo que “nenhum homem podia contar”, portanto, de número indefinido, os 144.000 têm então de ser um número definido e literal. Todavia, ao explicar o significado dos “vinte e quatro anciãos” mencionados em passagens relacionadas de Revelação, ela declara que este número de 24 não é literal, mas simbólico do número completo dos que reinam com Cristo nos céus. (Veja Revelação 4:4, 10; 5:8; 11:16; 19:4. Veja também *Revelação — Seu Grandioso Clímax Está Próximo!*, página 77.) Em Revelação há referências a 7 espíritos (1:4), 7 estrelas (1:16), 10 dias (2:10), 24 tronos, 24 anciãos e 7 lâmpadas (4:4, 5), 4 criaturas viventes (4:6, 7), 7 chifres e 7 olhos do Cordeiro (5:6), a quarta parte da terra (6:8), os 4 anjos e os 4 cantos da terra, (7:1), um terço das árvores, criaturas e águas, etc. (8:7-12), e muitos e muitos outros números utilizados, que são apresentados nas publicações da Torre de Vigia como não sendo literais, mas *figurativos*, simbólicos. Por que então não devem os 144.000 ser vistos na mesma luz?

Por estas razões, alguns entendem que os 144.000 são um número simbólico que representam um símbolo ideal, a soma completa de todos os que se tornam israelitas espirituais, não importa quantos venham a ser. A grande multidão poderia, neste caso, simplesmente representar os mesmos, mas vistos da perspectiva da realidade, o cumprimento do ideal simbólico representado pelos 144.000.

Nas páginas que seguem apresentam-se as fotocópias da capa e das páginas 23 a 27 do folheto *A Paz de Mil Anos Que Se Avizinha* (lançado nas Assembléias “Paz na Terra”, de 1969). Estas páginas contêm, na íntegra, a matéria apresentada no capítulo, acerca das previsões relacionadas com 1975. Juntamente com o livro *Vida Eterna — Na Liberdade dos Filhos de Deus*, este folheto gerou muita expectativa nas Testemunhas de Jeová que faziam parte da organização naquela época:



***A Paz de 1000 Anos
Que se Avizinha***

A PAZ DE MIL ANOS QUE SE AVIZINHA

23

o Todo-poderoso”, na situação mundial chamada de Har-Magedon ou Armagedom. (Rev. 16:14, 16) Esta guerra removerá todos os obstrutores humanos da paz.

Depois de se eliminarem assim todos os obstrutores humanos e demoníacos da paz mundial, virá a haver o reinado do Príncipe da Paz sobre toda a terra. O tempo fixado por Deus para isso se avizinha, e junto com ele a paz de mil anos. Mil anos são um milênio. Isto nos faz lembrar de algo que foi dito no já mencionado discurso de posse do presidente norte-americano, em 20 janeiro de 1969. Ele fez observações sobre a aproximação de coisas de interesse para os norte-americanos e para toda a cristandade. No oitavo parágrafo de seu discurso, o recém-empossado presidente disse: “Daqui a oito anos, a América celebrará seu 200.º aniversário como nação. E, durante a vida da maioria das pessoas agora vivas, a humanidade celebrará aquele grandioso ano novo que só ocorre uma vez em mil anos — o começo do terceiro milênio.” O presidente se referia a A. D. 2001.*

As próximas observações do presidente mostraram que esperava que a América existisse no primeiro ano daquele terceiro milênio. Mas, para os estudantes, tementes a Deus, da Bíblia Sagrada que contém tanto as antigas Escrituras Hebraicas como as Escrituras Gregas Cristãs, existe um milênio mais importante que exige atenção. Trata-se do sétimo milênio! Não, não se trata do sétimo milênio contado a partir de A. D. 1, ou 1 E. C., mas o sétimo milênio da existência do

* A cristandade mede o tempo pelo calendário do *Anno Domini*, a era do Ano do Senhor, que começou com o ano chamado A. D. 1, ou 1 E. C.

homem aqui na terra, o sétimo milênio contado a partir da criação do homem e da mulher perfeitos, por Deus, no jardim do Éden. Este costuma ser contado segundo a regra do calendário do *Anno Mundi* ou "Ano do Mundo", referindo-se neste caso ao mundo da humanidade.

Tem este fato alguma coisa que ver com a aproximação da paz de mil anos ou de um milênio? É bem evidente que sim! Segundo o calendário dos judeus ortodoxos, o nôvo presidente estadunidense proferiu seu discurso de posse no início do quinto mês lunar do ano 5729 A. M., data que se baseia só nas antigas Escrituras Hebraicas. Mas, segundo os cronologistas ou verificadores do tempo que tomam em consideração também as inspiradas Escrituras Gregas Cristãs, o calendário judaico está mais de duzentos anos atrasado no tempo. Em certas edições da Bíblia Sagrada, tanto católicas como protestantes, têm sido publicadas datas segundo a cronologia do famoso prelado anglicano, irlandês, o Arcebispo James Ussher (1581-1656 E. C.). A data de Ussher para a criação do homem é 4004 A. E. C. Segundo este cálculo, seis mil anos ou seis milênios da existência do homem terminariam no outono do vindouro ano de 1996 E. C., iniciando-se depois o sétimo milênio da existência do homem.

Mais recentemente, pesquisadores sérios da Bíblia Sagrada verificaram novamente a sua cronologia. Segundo os seus cálculos, os seis milênios da vida da

humanidade na terra terminariam nos meados de década de mil novecentos e setenta. Portanto, o sétimo milênio a partir da criação do homem por Jeová Deus começaria em menos de dez anos.*

À parte da mudança global, que as atuais condições do mundo indicam aproximar-se rapidamente, a chegada do sétimo milênio da existência do homem, na terra, sugere uma mudança agradável para a humanidade afligida pela guerra. Segundo os primeiros dois capítulos da Bíblia Sagrada, o homem e a mulher foram criados perto do fim do sexto dia criativo. Vivemos agora no sétimo dia criativo, e neste sétimo dia Jeová Deus tem repousado de sua criação terrena. Paralelo com este repouso de Deus no seu sétimo dia criativo, ele deu ao seu profeta Moisés os Dez Mandamentos, sendo que no quarto mandamento Deus ordenou que seu povo escolhido repousasse no sétimo dia da semana. (Êxo. 20:8-11) Este dia era por isso o sábado semanal, o dia em que cessava toda a labuta humana.

O Senhor Jesus Cristo, o prospectivo Príncipe da Paz, apontou para um Sábado maior. Apontando para este, ele disse em certo sábado semanal, quando foi criticado: "Senhor do sábado é o que é o Filho do homem." (Mat. 12:1-8) Referia-se ao seu reinado pacífico de mil anos. Jeová Deus mede os assuntos humanos

* Veja o livro *Ajuda Para se Entender a Bíblia*, ingl., p. 333 sob "Cronologia". Também o livro *Vida Eterna — na Liberdade dos Filhos de Deus*, páginas 26-35, sob o subtítulo "Terminam Seis Mil Anos de Existência Humana", publicado em 1966.

segundo uma regra de mil anos de duração. Inspirou o profeta Moisés a escrever, no Salmo 90:4: "Mil anos aos teus olhos são apenas como o ontem que passou." Inspirou também o apóstolo cristão Pedro a escrever: "Um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia." (2 Ped. 3:8, *Al*) Numa visão profética, o apóstolo João viu Satanás, o Diabo, e seus demônios amarrados e num abismo por mil anos, durante os quais Jesus Cristo reinava com os seus discípulos vitoriosos sobre toda a humanidade. (Rev. 5:9, 10; 20:1-7) Portanto, segundo o ponto de vista de Deus sobre o tempo, êsses mil anos de seu Filho Jesus Cristo corresponderiam a apenas "um dia".

A fim de que o Senhor Jesus Cristo seja 'Senhor até do sábado', seu reinado de mil anos terá de ser o sétimo de uma série de períodos de mil anos ou milênios. (Mat. 12:8, *Al*) Seria assim um reinado sabático. Desde cedo na existência da humanidade, Satanás, o Diabo, tem estado solto, fazendo a família humana labutar arduamente em escravidão e causando que a terra se enchesse de violência antes do dilúvio global dos dias de Noé, e fazendo que a mesma terra antiga se enchesse de violência ainda maior hoje em dia. Dentro em breve terminarão assim seis milênios de sua exploração iníqua da humanidade, como seus escravos, ainda durante o período de vida da geração que presenciou os eventos mundiais desde o fim dos Tempos dos Gentios, em 1914, e até agora, segundo as palavras

A PAZ DE MIL ANOS QUE SE AVIZINHA

27

proféticas de Jesus, em Mateus 24:34. Não seria, então, o término dos seis milênios da escravização laboriosa da humanidade, sob Satanás, o Diabo, o tempo apropriado para Jeová Deus introduzir um milênio sabático para tôdas as suas criaturas humanas? Deveras, seria! E seu Rei Jesus Cristo será o Senhor daquele sábado.

Nos tempos antigos, quando o povo escolhido de Deus estava sob os Dez Mandamentos dados por intermédio do seu profeta Moisés, o sábado semanal era um dia pacífico. Em concordância com a desistência do próprio Deus do trabalho terreno, no seu sétimo dia criativo, seu povo estava sob a ordem divina de desistir do trabalho árduo dos seis dias precedentes, o mesmo se aplicando aos seus animais domésticos. (Exo. 20:1-11) De maneira similar, o reinado sabático de Cristo, de mil anos, será um período pacífico para esta terra e seus habitantes. Será um tempo de repouso de tôda a guerra e violência dos seis milênios prévios. As espadas, simbólicas de guerra assassina, terão sido convertidas em rêlhas de arados e as lanças em podadeiras, para as vinhas. A vida não será monótona naquele sábado milenar pacífico. Não será um período de ociosidade. O Senhor do Sábado, Jesus Cristo, o Rei, não será ocioso, nem deixará seus súditos terrestres ficar ociosos.

Por que se deu que Jesus Cristo, quando na terra, como judeu, sob os Dez Mandamentos, fêz tantas de suas obras milagrosas no sábado semanal, curando os

Ao Capítulo 14

Esta é a carta escrita pelo professor George Howard, da Universidade da Geórgia a Rud Persson. Relaciona-se com a atribuição de data ao Papiro Chester Beatty No. 2 (P⁴⁶) e o efeito disto sobre a teoria do professor George Howard quanto ao surgimento do Tetragrama (IHVH) nas Escrituras Cristãs.

DEPARTMENT OF RELIGION

THE UNIVERSITY OF GEORGIA
ATHENS, GEORGIA 30602

PEABODY HALL
(404) 542-5356



July 8, 1988

Mr. Rud Persson
Karbing. 22
S-260 70 Ljungbyhed
Sweden

Dear Mr. Persson

Thank you for your letter of 29 June regarding the redating of P⁴⁶ to the latter part of the first century. If Kim's dating is correct it would show that in a Pauline MS of the first century the Tetragram was not used as I suggested. This weakens my theory, at least in regard to the Pauline letters. Whether or not first century manuscripts of the gospels and other writings would follow the pattern of P⁴⁶ would still be a matter of conjecture. We can only hope that first century MSS of these writings turn up as well. A close look at P⁷⁵ and P⁶⁶ shows that they are not far behind in date to P⁴⁶.

Sincerely,

George Howard
George Howard
Professor

GH/zpm

P.S. The Jehovah Witnesses have made too much out of my articles. I do not support their theories.

Tradução:

DEPARTAMENTO DE RELIGIÃO

UNIVERSIDADE DA GEÓRGIA PEABODY HALL

ATHENS, GEÓRGIA 30602 (404) 542-5356

8 de julho de 1988

Sr. Rud Persson
Karbing, 22
S-260 70 Ljungbyhed
Suécia
Prezado Sr. Persson

Obrigado por sua carta de 29 de junho com respeito à atribuição da data do p⁴⁶ à última parte do primeiro século. Se a data de Kim estiver correta, isto demonstraria que num MS Paulino do primeiro século o Tetragrama não foi usado conforme sugeri. Isto enfraquece minha teoria, pelo menos com respeito às cartas Paulinas. Quanto a se os manuscritos dos evangelhos do primeiro século e outros escritos seguiram ou não o padrão do P⁴⁶, seria ainda uma questão de conjectura. Só podemos esperar que os MSS do primeiro século destes escritos também venham à tona. Um exame detido no P⁷⁵ e no P⁶⁶ mostra que não ficam muito para trás em relação ao p⁴⁶.

Cordialmente,

George Howard

George
Howard
Professor
GH/zpm

P.S. As Testemunhas de Jeová interpretaram demais os meus artigos. Eu não apóio as teorias delas.

Ao Capítulo 18

No capítulo faz-se referência à grande ênfase que a organização Torre de Vigia dá à expansão e construção de propriedades materiais. Seguem alguns detalhes adicionais.

A Sociedade Torre de Vigia ergueu nos Estados Unidos um enorme complexo imobiliário. Na área de Brooklyn Heights, construíram vários edifícios residenciais de muitos andares, adquiriram adicionalmente a maioria dos principais hotéis da área (Hotel Towers, Hotel Arms Standish e Hotel Bossert), pagaram 6 milhões de dólares por um prédio chamado “Sliver” (“Fatia”, 29 pavimentos mas apenas cerca de 7 metros de largura), e prédios próprios para gráfica que cobrem mais de uma dúzia e meia de quadras inteiras da cidade. Num bairro próximo (Vinegar Hill) de Brooklyn, iniciaram a demolição para construir mais um edifício residencial de 30 andares. No interior do estado de Nova York, só no município de Ulster, eles possuem outros terrenos e propriedades avaliados em mais de 80 milhões de dólares (em 1991). Próximo à cidade de Patterson, Nova York, adquiriram aproximadamente 270 hectares (2,7 km²) de terreno onde construíram um complexo de milhões de dólares que inclui a Escola de Gileade da Torre de Vigia e também uma unidade hoteleira com 150 unidades (chamada Hospedaria de Patterson). Todas juntas, estas vastas instalações e as milhares de pessoas que nelas trabalham ou se alojam, só podem criar um forte impacto visual nas Testemunhas que as visitam. O complexo do templo em Jerusalém comparado com isso pareceria incrivelmente pequeno e seu custo insignificante. Embora não tão imensos, grandes propriedades e conjuntos de edifícios têm sido construídos em outros dos principais países do mundo.



Sede Mundial da Torre de Vigia

Brooklyn – Nova Iorque, EUA

ACIMA: Escritórios Executivos. ABAIXO: Edifícios da Gráfica





ACIMA: Fazenda da Torre de Vigia – Wallkill, Nova Iorque
ABAIXO: Centro Educacional da Torre de Vigia – Patterson, Nova Iorque



OUTRAS FOTOS DO CENTRO EDUCACIONAL DE PATTERSON:



Tom Cabeen, que por alguns anos supervisionou o serviço de impressão em Brooklyn, num certo momento calculou os custos da organização para imprimir as revistas *A Sentinela* e *Despertai!*, e chegou a um custo de entre três centavos e três centavos e meio de dólar por cópia. Quando ele deixou a sede mundial em 1980 e trabalhou na gerência de uma gráfica na Pensilvânia, pediu ali que estipulassem o preço que cobrariam para fazer a mesma impressão no mesmo volume. A empresa obviamente não tinha a vantagem dos trabalhadores voluntários. Seus empregados moravam em suas próprias casas e ganhavam salários normais. Todavia, o preço

estipulado pela empresa *foi quase idêntico ao custo da Sociedade*. E com essa quantia ela poderia não só pagar seus empregados, mas *também ter lucro!* Portanto, a vantagem da Torre de Vigia em ter trabalhadores voluntários é, do ponto de vista econômico, anulada. Esta ineficiência pode ser um subproduto da insistência da organização em seguir um modelo de funcionamento de comunidade fechada — com todo o serviço de moradia, alimentação, limpeza e manutenção envolvidos, e com a enorme quantidade de gente necessária para cuidar disto.

Neste capítulo apresentamos provas de como os anciãos eram selecionados nos tempos bíblicos. As Escrituras Cristãs falam também da seleção de outros com o termo *diakonos*, que significa simplesmente *servo*, *ajudante* ou *assistente*. (Veja, por exemplo, 1 Timóteo 3:3-12) O padrão considerado naquelas páginas com referência aos anciãos pode aplicar-se também aos que serviam como ajudantes na congregação cristã. Quando, após Pentecostes, surgiu o problema da distribuição de alimentos, os apóstolos viram a necessidade de que outras pessoas cuidassem desse assunto e convocaram *a comunidade cristã como um todo* para selecionar dentre eles mesmos sete homens de “boa reputação”, que manifestassem o Espírito de Deus e também sabedoria. (Atos 6:1-6) Os apóstolos disseram que os “designariam para esta incumbência”, ou, como rezam algumas traduções menos formais: “Passaremos a eles essa tarefa” (NVI), “entregaremos esse serviço a eles” (BLH). Foi o que fizeram, junto com orações e pondo as mãos sobre os homens escolhidos. Mais uma vez, temos aqui uma situação especial com a presença da autoridade apostólica, e parece não ser preciso compreender isto como a instituição de uma cerimônia padronizada e formal de ordenação, a ser seguida em todas as futuras designações de responsabilidades de ajudantes e assistentes. Paulo fala, em certo caso, de Estéfanos e sua família terem ‘*se dedicado ao serviço [diakonian] do povo de Deus*’, e aconselha outros a apreciar, reconhecer e pôr-se também a serviço dos que fazem isto. (1 Coríntios 16:15-18, BLH, ARA, BJ). A comunidade não os “ordenou”, mas é chamada a reconhecer o valor do serviço deles. É o *trabalho* de tais pessoas, e não um cargo, que requer o apreço, o respeito e a cooperação da comunidade. (Confira Romanos 16:1, 2.) E isto se aplica a todos que servem em qualquer capacidade. — Confira 1 Tessalonicenses 5:12, 13.

Encontrar um equilíbrio apropriado entre a liberdade e a responsabilidade é um problema que tem confrontado todo cristão sério. Para os que foram criados em um ambiente religioso altamente estruturado, equilibrar a lealdade a uma organização religiosa, à família e à consciência pessoal pode levantar questões difíceis. O relato em primeira mão de Raymond Franz sobre as questões com as quais ele se confrontou, constitui o tema de seu primeiro livro, *Crise de Consciência*.

Como Testemunha de Jeová de terceira geração, Franz serviu por mais de quarenta anos em todos os níveis da estrutura da organização. Ele passou nove desses anos como membro de seu conselho executivo central, o Corpo Governante. Sua experiência lhe dá uma perspectiva sem igual dos problemas que confrontam as Testemunhas de Jeová sinceras que possam questionar suas crenças religiosas ou a estrutura de sua organização. Provê também uma visão rara das palavras, ações e atitudes de um pequeno grupo de homens que atuam como administradores, legisladores e juízes para as Testemunhas de Jeová.

Em Busca da Liberdade Cristã, a seqüência de *Crise de Consciência*, provê um estudo ainda mais abrangente. Acerca desta obra, o professor Stephen Cox, da Universidade da Califórnia, escreve:

“Em Busca da Liberdade Cristã é um dos relatos mais completos e mais perceptivos que estão disponíveis sobre a vida de um grupo religioso moderno. Talvez nunca antes a relação entre a crença religiosa e a prática institucional tenha sido examinada tão de perto. O autor tem à disposição fontes de informação sem igual sobre a organização religiosa focada no estudo dele; tem também uma ampla compreensão dos problemas de fé e de liberdade que têm desafiado o cristianismo desde o seu princípio.

Em Busca da Liberdade Cristã é de importância sem igual como estudo do movimento da Torre de Vigia e como comentário acerca de sua condição atual, mas a relevância do livro não se limita a esse movimento. Ele é útil para se entender uma ampla variedade de forças psicológicas e sociais que moldam as interpretações da Bíblia e a vida religiosa das pessoas, com freqüência sem que elas se apercebam disso. Raymond Franz provê um estimulante esclarecimento sobre a questão da liberdade, conforme ela se manifesta na Bíblia, na história religiosa e nas decisões que homens e mulheres tomam atualmente.”

Embora as questões levantadas e as opções discutidas neste livro relacionem-se particularmente com a estrutura das Testemunhas de Jeová, elas não são muito diferentes das questões que outros cristãos enfrentaram e continuam a enfrentar quando procuram conciliar as considerações de consciência, lealdade, responsabilidade e liberdade. Esta obra moverá leitores – de qualquer religião – a considerar seriamente o quanto eles valorizam a liberdade cristã e a se questionarem quão genuína é a sua própria liberdade.